LIVRO 5 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

AS CHAMAS DO PARAÍSO

"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

intrínseca

SHOUT
SHARE
IT

Annotation

Depois de uma perigosa jornada ao Deserto Aiel, Rand se consagrou como Aquele Que Vem Com a Aurora, conforme profetizado por seu novo povo. Ter um exército de homens e mulheres extremamente hábeis na batalha deveria ser uma vantagem, mas, conforme se apega aos novos aliados, o Car'a'carn, chefe dos chefes, se sente cada vez mais vulnerável às tramas de seus inimigos.

Enquanto isso, Nynaeve e Elayne perdem aliadas importantes e ganham uma poderosa inimiga. Após a expulsão de Siuan Sanche da Torre Branca, as duas Aceitas devem tentar encontrar as poucas Aes Sedais que continuam fiéis à sua causa. Porém, Moghedien está à espreita, determinada a capturar Nynaeve em sua teia.

Em *As Chamas do Paraíso*, Jordan aprofunda ainda mais seu criativo universo. Antigas instituições caem por terra e novas alianças se formam, pois o Dragão provoca mudanças por onde passa. Heróis lendários se juntam à história no novo volume de *A Roda do Tempo*, uma das mais extraordinárias séries já escritas.

- Robert Jordan
  -
  - Prólogo
  - 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - Capítulo 12
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
  - 21

- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- Capítulo 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- Glossário

Robert Jordan
As Chamas do Paraíso

Para Harriet
A luz dos olhos dela é a minha Luz.

Com sua chegada, renascem os temidos fogos. As colinas ardem em chamas e a terra se reduz a cinzas. As investidas dos homens minguam, e as horas se tornam exíguas. Transpassa-se a muralha, e ergue-se o véu da divisão. Tempestades ressoam além do horizonte, e as chamas do paraíso purgam a terra. Não há salvação sem destruição, não há esperança deste lado da morte.

(fragmento de As Profecias do Dragão,

tradução atribuída a N'Delia Basolaine,

Criada-chefe e espadachim de Raidhen de Hoi Cuchone

aproximadamente 400 DR)

Prólogo

Caem as Primeiras Centelhas

Elaida do Avriny a'Roihan, sentada diante da enorme escrivaninha, passava os dedos, absorta, pela estola de sete cores sobre os ombros — a estola do Trono de Amyrlin. À primeira vista, muitos a considerariam bela, mas um olhar mais atento deixava claro que a expressão austera em seu rosto de idade indefinida, típico de uma Aes Sedai, não era passageira. Naquele dia, ainda havia algo mais, um traço de raiva em seus olhos escuros. Ninguém tinha percebido.

Ela mal dava ouvidos às mulheres sentadas nos bancos à sua frente, mulheres com vestidos de todos os tons, do branco ao vermelho mais escuro, de seda ou de lã, conforme ditasse o gosto de cada uma. Mesmo com a variedade, apenas uma não trajava o xale formal com a Chama Branca de Tar Valon bordada nas costas e a franja colorida que indicava a Ajah, como se aquela fosse uma reunião no Salão da Torre. Discutiam as notícias e os rumores sobre os acontecimentos do mundo e tentavam separar a realidade da ficção para decidir como a Torre deveria agir, mas raramente olhavam na direção da mulher atrás da escrivaninha, a quem tinham jurado obedecer. Elaida não conseguia se concentrar nelas. Aquelas mulheres não sabiam o que era realmente importante. Ou melhor, sabiam, mas tinham medo de tocar no assunto.

— Parece que tem alguma coisa acontecendo em Shienar — disse Danelle, uma mulher franzina que vivia perdida em devaneios, a única irmã Marrom presente. Também só havia uma irmã Verde e uma Amarela, e nenhuma das três Ajahs parecia contente com isso. Não havia Azuis. Os grandes olhos azuis de Danelle pareciam pensativos. Havia um leve borrão de tinta em sua bochecha, e o vestido cinza-escuro de lã estava amarrotado. — Há rumores de conflitos. Não com Trollocs e nem com os Aiel, embora os ataques em Passos de Niamh pareçam estar mais frequentes. Entre os próprios shienaranos. Algo incomum para as Terras da Fronteira. É raro eles lutarem entre si.

— Se o que eles querem é guerra civil, escolheram a hora certa — opinou Alviarin, com voz tranquila. Alta, esbelta e toda vestida de

seda branca, ela era a única sem xale. A estola de Curadora em seus ombros era da mesma cor, indicando que a mulher provinha da Ajah Branca, e não da Vermelha, antiga Ajah de Elaida, como ditava a tradição. As Brancas eram sempre frias. — Parece que os Trollocs sumiram. A Praga está tão calma que dois fazendeiros e uma noviça dariam conta de vigiá-la.

Os dedos ossudos de Teslyn folheavam um maço de papéis em seu colo, embora ela mal os olhasse. Era uma das quatro irmãs Vermelhas presentes — mais do que de qualquer outra Ajah —, e quase tão austera quanto Elaida, apesar de jamais ter sido considerada bela por ninguém.

— No caso, talvez essa calmaria seja mau sinal — opinou Teslyn com seu sotaque illianense carregado. — Recebi uma mensagem hoje de manhã informando que o exército do Marechal-General de Saldaea foi posto em marcha. Nem é para a Praga, no caso, mas na direção oposta. Sudeste. Ele nunca faria isso sem achar que a Praga está hibernando.

— Então a notícia sobre Mazrim Taim vazou. — Alviarin parecia estar discutindo o clima ou o preço dos tapetes, e não um desastre em potencial. Muito esforço fora feito para capturar Taim, e as Aes Sedai tentaram com o mesmo empenho ocultar as notícias de sua fuga. Não seria nada bom para a Torre se o mundo inteiro ficasse sabendo que elas não haviam conseguido manter um falso Dragão preso após sua captura. — E parece que alguém do reino; a Rainha Tenobia, Davram Bashere, ou ambos; crê que não se pode confiar na Torre para lidar com ele de novo.

À menção a Taim seguiu-se um silêncio sepulcral. O homem era capaz de canalizar e estava a caminho de Tar Valon para ser amansado e apartado de vez do Poder Único quando fora resgatado, mas não foi isso que calou aquelas bocas. No passado, a existência de homens capazes de canalizar fora o pior dos anátemas, e caçá-los era o principal objetivo das Vermelhas, que recebiam toda a ajuda possível das outras Ajahs. Naquele momento, porém, a maioria das mulheres em torno da escrivaninha se remexia, inquietas, evitando contato visual, já que falar de Taim trazia à tona outro assunto no qual não queriam tocar. Até Elaida sentiu o estômago se revirar.

Aparentemente, Alviarin não se sentia tão relutante em falar. O canto de sua boca se curvou em um rápido movimento que poderia ser tanto um sorriso quanto uma careta.

— Vou redobrar os esforços para recapturar Taim e sugiro que uma irmã seja enviada para servir como conselheira de Tenobia. Alguém acostumada a lidar com a teimosia das mulheres jovens.

As outras logo ajudaram a preencher o silêncio.

Joline ajeitou o xale de franja verde nos ombros magros e sorriu,

ainda que o gesto parecesse um tanto forçado.

— Sim, a Rainha precisa de uma Aes Sedai a seu lado. Alguém que consiga dar conta de Bashere. Ele exerce uma influência enorme sobre Tenobia. E precisa deslocar seu exército de volta para um local onde possa ser útil caso a Praga desperte. — A abertura em seu xale exibia um decote mais revelador do que o apropriado, e a seda verde clara era muito justa, bem colada ao corpo. Além disso, ela sorria demais para o gosto de Elaida, em especial para os homens. As Verdes eram sempre assim.

— A última coisa de que precisamos é outro exército em marcha — apressou-se a dizer Shemerin, a irmã Amarela. Ela era um pouco rechonchuda, e jamais havia conseguido dominar a placidez típica das Aes Sedai. Seus olhos sempre transmitiam certa ansiedade, ainda mais ultimamente.

— E temos que mandar alguém para Shienar — completou Javindhra, outra Vermelha. Apesar das maçãs do rosto robustas, a expressão na face angulosa era dura o bastante para martelar pregos, e a voz, áspera. — Não gosto desse tipo de problema nas Terras da Fronteira. A última coisa de que precisamos é que Shienar se enfraqueça a ponto de permitir a invasão de um exército Trolloc.

— Talvez — concordou Alviarin, pensativa. — Mas há agentes em Shienar. Vermelhas, certamente, mas talvez também de outras Ajahs. — As quatro irmãs Vermelhas assentiram, relutantes, mas ninguém as acompanhou. — Elas podem nos alertar caso esses pequenos conflitos se tornem mais preocupantes.

Não era segredo algum que todas as Ajahs, exceto a Branca, devotada à lógica e à filosofia como era, possuíam informantes espalhados em diferentes esferas por todas as nações, embora a rede da Amarela fosse considerada lastimável. Não havia nada sobre doenças ou Cura que elas pudessem aprender com quem não era capaz de canalizar. Algumas irmãs tinham informantes particulares, talvez mais secretos que os agentes oficiais das Ajahs. As Azuis detinham a maior rede, tanto oficial quanto pessoal.

— Quanto a Tenobia e Davram Bashere — continuou Alviarin —, estamos de acordo que alguma irmã deve tratar deles? — Ela quase não esperou que assentissem. — Ótimo. Assunto encerrado. Memara dará conta disso. Ela não vai aceitar disparates de Tenobia, nem vai deixá-la perceber que está sendo manipulada. Agora… alguém teve notícias de Arad Doman ou Tarabon? Se não agirmos logo, pode ser que Pedron Niall e os Mantos-brancos debandem de Bandar Eban para a Costa da Sombra. Sabe de algo, Evanellein?

Arad Doman e Tarabon tinham sido arrasadas por guerras civis e coisas piores. O caos era generalizado. Elaida ficou surpresa por o assunto ter surgido.

— Só boatos — respondeu a irmã Cinza. Seu vestido de seda, que combinava com a franja do xale, era muito requintado e tinha um decote profundo. Elaida achava que a mulher deveria ter sido Verde, já que se preocupava tanto com roupas e aparência. — Quase todos os habitantes daquelas pobres áreas viraram refugiados, incluindo os que poderiam mandar notícias. A Panarca Amathera parece ter desaparecido, e tudo indica que uma Aes Sedai estava envolvida…

Elaida agarrou a estola a força. Seu rosto nada demonstrava, mas os olhos ardiam feito fogo. O assunto do exército de Saldaea estava encerrado. Ao menos Memara era Vermelha, o que a surpreendera, mas ninguém tinha pedido sua opinião. Assunto encerrado. A possibilidade alarmante de que uma Aes Sedai estivesse envolvida no desaparecimento da Panarca — caso essa não fosse mais uma das milhares de histórias improváveis vindas da costa oeste — não era o bastante para desviar seu pensamento daquilo. Havia Aes Sedai espalhadas desde o Oceano de Aryth até a Espinha do Mundo, e das Azuis, pelo menos, podia-se esperar qualquer coisa. Menos de dois meses antes, todas aquelas mulheres se ajoelharam para jurar fidelidade a Elaida, que representava a Torre Branca, mas aquela decisão fora tomada sem que sequer lhe dirigissem um olhar.

Apesar de ficar em um dos níveis mais baixos da Torre Branca, o gabinete da Amyrlin era o coração do lugar — assim como a própria Torre, com sua cor de osso embranquecido, era o coração da grande cidade-ilha de Tar Valon, circundada pelo rio Erinin. E Tar Valon era, ou deveria ser, o coração do mundo. O aposento emanava o poder exercido pela longa linhagem de mulheres que o havia ocupado, com piso de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa, uma enorme lareira de mármore dourado de Kandori e paredes de uma madeira pálida, com listras exóticas, maravilhosamente entralhada há mais de mil anos com animais selvagens e pássaros desconhecidos. Pedras reluzentes como pérolas emolduravam as altas janelas em arco que davam para a varanda com vista para o jardim particular da Amyrlin. Era o único lugar onde essa pedra podia ser encontrada, resgatada de uma cidade sem nome que fora engolida pelo Mar das Tempestades durante a Ruptura do Mundo. Um aposento poderoso, reflexo de Amyrlins que, por quase três mil anos, tinham feito tronos se curvarem à sua vontade. E sequer fora consultada.

Desrespeitos desse tipo aconteciam com uma frequência grande demais. Pior ainda — e talvez o mais duro de engolir —, as mulheres usurpavam a autoridade de Elaida sem se dar conta. Todas sabiam como obtivera o direito de usar a estola, e sabiam que, sem o auxílio delas, a peça não estaria em seus ombros. A própria Elaida tinha plena consciência disso. No entanto, as mulheres tinham ido longe demais. Em pouco tempo, seria hora de tomar alguma providência. Mas ainda

não.

Elaida já dera ao gabinete o máximo possível de seu toque pessoal, acrescentando uma escrivaninha ornada com um entalhe de três anéis entrelaçados e uma cadeira robusta cujo espaldar alto era encrustado com a chama de Tar Valon em marfim. Sobre a escrivaninha, precisamente equidistantes uma da outra, encontravam-se três caixas de laca altarana, e uma delas continha as melhores peças de sua coleção de estatuetas. Um pedestal simples fora disposto diante de uma das paredes, sustentando um vaso branco cheio de rosas vermelhas que perfumavam o ambiente com uma fragrância doce. Não caíra sequer uma gota de chuva desde que ela fora empossada, mas sempre dava para arranjar belas flores por meio do Poder, e Elaida sempre gostara delas. Era bem fácil podá-las e treiná-las para produzir beleza.

Havia duas pinturas posicionadas de maneira que, sentada, bastava Elaida erguer a cabeça para vê-las. As demais mulheres evitavam encarar as obras. Entre todas as Aes Sedai presentes no gabinete, apenas Alviarin atrevera-se a dar uma olhadela.

— Alguma novidade sobre Elayne? — perguntou Andaya, hesitante. Magra feito um passarinho e de aparência tímida, apesar das feições de Aes Sedai, à primeira vista ninguém diria que a Cinza era uma boa mediadora, mas, na verdade, ela era uma das melhores. Seu sotaque ainda tinha resquícios tarabonianos. — Ou sobre Galad? Se descobrir que perdemos o enteado dela, a Rainha Morgase, ela talvez comece a fazer mais perguntas sobre o paradeiro da filha, sim? E se ela souber que perdemos a Filha-herdeira, Andor pode ficar tão fechada para nós quanto Amadícia.

Algumas mulheres balançaram a cabeça. Não havia novidades.

— Uma irmã Vermelha está a postos no Palácio Real. Como foi elevada há pouco tempo, consegue disfarçar que é Aes Sedai — disse Javindhra, querendo dizer que tal mulher ainda não incorporara a expressão de idade indefinida que se adquiria com o uso prolongado do Poder. Se alguém tentasse adivinhar a idade de qualquer irmã presente no gabinete, a margem de erro giraria em torno de vinte anos, e, em alguns casos, talvez se errasse por até duas vezes mais que isso. — Ela é bem-treinada, muito forte e boa observadora. Morgase está concentrada em levar adiante seu plano de tomar posse do trono de Cairhien.

Várias irmãs se agitaram nos assentos. Como se percebesse que tinha se aproximado demais de um terreno perigoso, Javindhra apressou-se em continuar.

— E parece que o novo amante dela, Lorde Gaebril, a mantém bastante ocupada. — Seus lábios finos se estreitaram ainda mais. — A Rainha está totalmente encantada pelo sujeito.

— Ele a mantém concentrada em Cairhien — afirmou Alviarin. — A situação por lá está quase tão ruim quanto em Tarabon e Arad Doman, com todas as Casas disputando o Trono do Sol e o povo passando fome. Morgase vai restabelecer a ordem, mas deve levar algum tempo para que assegure o trono. Até lá, sobrará pouca energia para ela se preocupar com outros assuntos, até mesmo com a Filha-herdeira. Incumbi uma escrivã de enviar cartas de vez em quando. A mulher imita bem a letra de Elayne. Morgase seguirá assim até termos certeza de que voltamos a controlá-la de maneira adequada.

— Pelo menos ainda temos o filho dela sob nosso controle. — Joline sorriu.

— No caso, é difícil mantermos controle sobre Gawyn — respondeu Teslyn, asperamente. — Ele e aquela Jovem Guarda andam brigando com os Mantos-brancos nos dois lados do rio. Ele, no caso, age tanto por vontade própria quanto por ordem nossa.

— Ele vai ficar sob controle — respondeu Alviarin.

Elaida começava a achar detestável aquela atitude sempre impassível.

— Falando em Mantos-brancos — intrometeu-se Danelle —, parece que Pedron Niall tem conduzido negociações secretas para tentar convencer Altara e Murandy a ceder terras para Illian e evitar que o Conselho dos Nove invada um deles ou até os dois.

Já em terreno seguro, as mulheres do outro lado da escrivaninha discutiam se as ações do Senhor Capitão Comandante aumentariam demais a influência dos Filhos da Luz. Talvez tais negociações devessem ser interrompidas, para que a Torre pudesse assumir as rédeas e substituí-lo.

Elaida apertou os lábios. Ao longo da história, a Torre muitas vezes fora obrigada a ser prudente — muitos a temiam, muitos desconfiavam dela —, mas nunca *temera* nada nem ninguém. Agora, a Torre temia.

A Amyrlin ergueu o olhar para as pinturas. Uma delas consistia em três painéis de madeira com ilustrações de Bonwhin, a última Vermelha a ser elevada ao Trono, mil anos antes, e razão pela qual nenhuma outra Vermelha usara a estola desde então. Até Elaida. Bonwhin, alta e orgulhosa, dando ordens às Aes Sedai sobre como manipular Artur Asa-de-gavião; Bonwhin, desafiadora, no topo das muralhas brancas de uma Tar Valon sob o ataque das forças de Asa-de-gavião; e Bonwhin de joelhos e submissa perante o Salão da Torre, enquanto retiravam a estola e o cajado por ter quase destruído a Torre.

Muitas se perguntavam por que Elaida retirara o tríptico do depósito onde estivera esquecido, coberto de poeira. Ainda que ninguém falasse abertamente, ela ouvia o burburinho. As irmãs não

compreendiam a necessidade de uma lembrança permanente do custo de um infortúnio.

A segunda pintura era mais atual, feita em tela de tecido; uma cópia do esboço de um artista de rua do oeste distante. Aquela obra causava ainda mais desconforto entre as Aes Sedai que pousavam os olhos nela. Dois homens lutavam em meio às nuvens, aparentemente no céu, usando relâmpagos como armas. Um deles tinha o rosto feito de chamas. O outro era alto, jovem e ruivo. Era aquele jovem que despertava medo e fazia até Elaida cerrar os dentes. Só não tinha certeza se era de raiva ou para evitar que eles batessem. Mas medo era algo que podia e devia ser controlado. Controle era tudo.

— Então é isso — disse Alviarin, começando a se levantar. As outras a imitaram, ajustando saias e xales enquanto se preparavam para sair. — Em três dias, espero que…

— Dei permissão para alguma de vocês sair, filhas? — Aquelas eram as primeiras palavras que Elaida dizia desde que pedira para as irmãs se sentarem. Surpresas, todas olharam para a Amyrlin. Surpresas! Algumas voltaram para os assentos, mas sem a menor pressa. E sem qualquer pedido de desculpas. Elaida deixara aquilo ir longe demais. — Já que estão de pé, continuarão assim até eu terminar. — As Aes Sedai que estavam voltando para os bancos ficaram confusas por um momento. Elaida continuou a falar enquanto, hesitantes, elas voltavam a se pôr de pé. — Não ouvi nenhuma menção à busca por aquela mulher e os acompanhantes dela.

Não era preciso citar o nome *daquela mulher*, a predecessora de Elaida. Todas sabiam a quem ela se referia, e a própria Elaida achava cada vez mais penoso até lembrar o nome da antiga Amyrlin. Todos os seus problemas atuais — todos! — podiam ser atribuídos àquela mulher.

— É complicado — opinou Alviarin, em tom neutro —, já que alimentamos os boatos de que ela foi executada. — A mulher tinha mesmo sangue-frio. Elaida encarou-a com firmeza até ela acrescentar um “Mãe” atrasado que também soou plácido, até casual.

A Amyrlin desviou o olhar para as demais e transformou a voz em aço.

— Joline, você está responsável por essa busca e pela investigação da fuga dela. Em ambos os casos, só ouço falar de dificuldades. Talvez uma penitência diária ajude você a aumentar a diligência, filha. Ponha no papel o que achar adequado e mande para mim. Caso eu não considere adequado, triplico o castigo.

O sorriso constante de Joline desapareceu, para satisfação de Elaida. Sob o olhar fixo da Amyrlin, ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Por fim, fez uma longa reverência.

— Como a senhora ordenar, Mãe. — As palavras saíram

entredentes, a docilidade soou forçada, mas bastava. Por enquanto.

— E o que me dizem de tentar recapturar as que escaparam? — Desta vez, seu tom de voz foi ainda mais firme.

O retorno das Aes Sedai que haviam fugido quando *aquela mulher* fora deposta significava a volta das Azuis à Torre. Elaida não sabia se poderia confiar em alguma Azul. Aliás, não sabia se um dia poderia confiar em qualquer uma das irmãs que, em vez de saudar sua subida ao Trono, um dia haviam debandado. Porém, a Torre precisava ficar completa outra vez.

Javindhra ficara incumbida da tarefa.

— De novo, temos dificuldades. — Suas feições permaneciam tão severas quanto antes, mas ela lambeu rapidamente os lábios diante da tempestade silenciosa que viu no rosto de Elaida. — Mãe.

Elaida balançou a cabeça.

— Não quero saber de dificuldades, filha. Amanhã, você me entregará uma lista de tudo o que já fez, incluindo todas as medidas tomadas para evitar que o mundo fique sabendo de qualquer desavença aqui na Torre. — Esse era um ponto crucial. Havia uma nova Amyrlin, mas o mundo deveria ter a imagem de uma Torre mais unida e forte do que nunca. — Caso não tenha tempo para a tarefa que lhe incumbi, talvez devesse abrir mão de sua condição de Votante em nome das Vermelhas. É algo que devo considerar.

— Não será necessário, Mãe — respondeu Javindhra, depressa, com expressão severa. — Amanhã a senhora vai receber o relatório que pediu. Estou certa de que muitas irmãs vão começar a voltar em breve.

Elaida não tinha tanta certeza, por mais que desejasse — *a Torre precisa ser forte. Precisa!* —, mas dera o recado. Todas as mulheres tinham expressões confusas, exceto por Alviarin. Se Elaida parecia pronta para punir uma irmã de sua própria antiga Ajah e ser ainda mais contundente com uma Verde que estivera ao seu lado desde o primeiro dia, talvez tivessem cometido um erro ao tratá-la como uma efígie cerimonial. Aquelas mulheres podiam até tê-la colocado no Trono, mas *ela* era a Amyrlin. Mais alguns exemplos nos dias seguintes deveriam pôr as coisas em ordem. Se fosse preciso, Elaida obrigaria todas as mulheres a pagar penitências até pedirem perdão.

— Há soldados tairenos e andorianos em Cairhien — continuou, ignorando os olhares fugidios. — Soldados tairenos enviados pelo homem que tomou a Pedra de Tear.

Shemerin apertou as mãos gorduchas, e Teslyn se encolheu. Só Alviarin permanecia impassível feito uma lagoa congelada. Elaida ergueu a mão e apontou para a pintura com os dois homens se enfrentando com relâmpagos.

— Olhem aquilo. Olhem! Ou deixarei todas vocês de quatro

esfregando o chão! Se não têm sangue-frio nem para olhar para uma pintura, que coragem terão para enfrentar o que ainda temos pela frente? Covardes não têm serventia para a Torre!

Elas ergueram o olhar lentamente, movendo os pés feito garotinhas nervosas, não como Aes Sedai. Apenas Alviarin encarava a pintura parecendo inabalada. Shemerin retorcia as mãos, e lágrimas brotavam em seus olhos. Algo teria que ser feito em relação a ela.

— Rand al'Thor. Um homem capaz de canalizar. — As palavras saíram como um chicote da boca de Elaida, fazendo até mesmo o estômago da própria Amyrlin se revirar até deixá-la com ânsia de vômito. De algum modo, manteve o rosto sereno e seguiu pressionando, despejando suas palavras como um estilingue lançando pedras. — Um homem fadado a enlouquecer e usar o Poder para causar terror, antes de morrer. Porém, mais que isso. Arad Doman, Tarabon e tudo o que existe entre as duas cidades estão se transformando em ruína e rebeliões por causa dele. Apesar de a guerra e a fome em Cairhien não poderem ser diretamente atribuídas a Rand al'Thor, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que ele precipita uma guerra ainda maior entre Tear e Andor, justamente quando o que a Torre precisa é de paz! Em Ghealdan, algum shienarano sem juízo prega a respeito dele para multidões grandes demais até para o exército de Alliandre conter. O maior perigo que a Torre já enfrentou, a maior ameaça que o mundo já conheceu, e vocês não conseguem nem falar deste homem? Não têm nem coragem de olhar para uma pintura dele?

O silêncio foi a única resposta. Todas, exceto Alviarin, pareciam ter engolido a própria língua. A maioria encarava o jovem na pintura como pássaros hipnotizados por uma serpente.

— Rand al'Thor. — O nome tinha gosto de fel nos lábios de Elaida.

Certa vez, a Amyrlin tivera aquele jovem, de aparência tão inocente, ao seu alcance, mas não percebera o que ele era. A predecessora dela tinha esse conhecimento, e só a Luz sabia desde quando, mas permitira que ele ficasse livre. *Aquela mulher* revelara muitas coisas a Elaida antes de escapar. Quando pressionada a falar, mencionara fatos em que Elaida não tinha como acreditar — se os Abandonados estivessem mesmo soltos, tudo poderia estar perdido —, mas, de algum modo, conseguira se recusar a responder certas perguntas e acabara escapando antes que pudesse ser interrogada novamente. *Aquela mulher* e Moiraine. *Aquela mulher* e a Azul sempre souberam de tudo. Elaida pretendia trazer as duas de volta à Torre. Elas teriam que revelar até a última letra do que sabiam. Implorariam pela morte de joelhos antes de a nova Amyrlin se dar por satisfeita.

Ela se obrigou a continuar falando, ainda que as palavras

murchassem em sua boca.

— Rand al'Thor é o Dragão Renascido, filhas. — Os joelhos de Shemerin fraquejaram, e a Amarela desabou no chão. Algumas das outras irmãs também pareciam ter perdido a força nas pernas. Os olhos de Elaida as açoitavam com desdém. — Não restam dúvidas. É dele que falam as Profecias. O Tenebroso está se libertando da prisão, a Última Batalha se aproxima, e o Dragão Renascido precisa estar lá para enfrentá-lo, ou o mundo será condenado a eras de fogo e à destruição enquanto a Roda do Tempo girar. E ele está à solta, filhas. Não sabemos por onde anda. Sabemos de dezenas de locais onde ele não está. O Dragão não está mais em Tear, mas também não está mais aqui na Torre devidamente protegido, como deveria. Ele provoca um redemoinho no mundo, e devemos pará-lo em nome de qualquer esperança de sobrevivermos a Tarmon Gai'don. Precisamos dele por perto para garantir que o Dragão lutará a Última Batalha. Ou alguma de vocês acredita que, para salvar o mundo, ele aceitará passivamente a morte profetizada? Estamos falando de um homem que já deve estar enlouquecendo! Precisamos dele sob controle!

— Mãe — começou Alviarin, com sua irritante indiferença, mas Elaida interrompeu-a com um olhar.

— Pôr nossas mãos em Rand al'Thor é muito mais importante do que as escaramuças em Shienar ou se a Praga está calma ou não, mais importante do que encontrar Elayne ou Galad, e mais importante até do que Mazrim Taim. Vocês vão encontrá-lo. *Ah, se vão*! Na próxima reunião, quero todas prontas para me dar detalhes do que fizeram para conseguirmos isso. Agora podem ir, filhas.

Após uma onda de reverências vacilantes e murmúrios ofegantes de "Como a senhora ordenar, Mãe", as irmãs saíram quase correndo, com Joline ajudando a cambaleante Shemerin a se levantar. A irmã Amarela daria um bom próximo exemplo, já que ainda seriam necessários alguns para garantir que nenhuma das mulheres titubeasse. Além disso, ela era fraca demais para fazer parte do conselho. De qualquer forma, o conselho não existiria por muito mais tempo. Elas apenas receberiam ordens de Elaida e correriam para obedecer.

Todas se foram, exceto Alviarin.

Por um longo momento após a porta ter se fechado atrás das demais Aes Sedai, as duas mulheres se encararam. Alviarin havia sido a primeira, a primeiríssima, a ouvir e concordar com as acusações contra a predecessora de Elaida. E a Branca sabia muito bem por que ela, e não alguma Vermelha, usava a estola de Curadora. A Ajah Vermelha fora unânime a favor da nova Amyrlin, mas a Branca, não, e, sem o apoio integral da Ajah de Alviarin, muitas outras também poderiam ter se oposto. Fosse esse o caso, Elaida estaria em uma cela,

não sentada no Trono de Amyrlin. Isso se os restos de sua cabeça não estivessem decorando uma estaca e servindo de refeição para os corvos. Alviarin não se intimidaria tão facilmente quanto as outras. Talvez nem houvesse como intimidá-la. Seu olhar inabalável transmitia uma sensação perturbadora de igual para igual.

Uma batida na porta quebrou o silêncio.

— Entre! — exclamou Elaida.

Uma das Aceitas, uma garota pálida e esguia, entrou no cômodo, hesitante. A jovem fez uma reverência tão exagerada que sua saia branca com sete faixas coloridas na bainha formou uma enorme circunferência no chão em torno dela. Pelos olhos azuis arregalados e a maneira como os mantinha voltados para baixo, captara o estado de espírito das mulheres que haviam saído. Se Aes Sedai tinham ido embora tremendo, uma Aceita corria grande perigo.

— M-Mãe, Mestre F-Fain está aqui. Ele disse que a s-senhora o receberia a-agora. — Ainda agachada, a garota tremia tanto que parecia a ponto de tombar de medo.

— Então mande o homem entrar, garota, em vez de deixá-lo esperando! — Elaida soava irritada, mas verdade era que teria arrancado o couro da Aceita caso a menina não tivesse deixado o homem lá fora. A raiva que sentia de Alviarin, e que não permitiria que a mulher pensasse que ela tinha receio de demonstrar, aflorou. — E se não conseguir aprender a falar de modo adequado, talvez as cozinhas lhe sejam mais propícias do que a antessala da Amyrlin. E então? Não vai fazer o que mandei? Mexa-se, garota! E vá dizer à Mestra das Noviças que você precisa ser treinada para obedecer prontamente!

A garota guinchou o que talvez fosse uma resposta apropriada e saiu em disparada.

Elaida se esforçou para manter a compostura. Não queria nem saber se Silviana, a nova Mestra das Noviças, daria uma surra na garota ou se resolveria a questão com uma reprimenda. A Amyrlin quase não lidava com noviças e Aceitas, a menos que alguma delas se intrometesse em seu caminho, e se importava muito pouco com elas. Era Alviarin quem queria humilhar e ver de joelhos a seus pés.

Mas primeiro, Fain. Elaida tamborilava o dedo nos lábios. O homenzinho magrelo e narigudo aparecera na Torre poucos dias antes, em trajes sujos e grandes demais, mas que outrora haviam sido refinados. Ora arrogante, ora servil, o homem requisitara uma audiência com a Amyrlin. Exceto pelos que serviam à Torre, os homens só apareciam ali sob coação ou em caso de grande necessidade, e nenhum pedia para falar com a Amyrlin. Era um tolo, ou talvez até um tanto estúpido. Fain afirmava ser de Lugard, em Murandy, mas falava com vários sotaques, por vezes mudando de um

para outro no meio de uma frase. Ainda assim, parecia que podia ser útil.

Alviarin ainda encarava Elaida com uma complacência gélida. Seu olhar revelava apenas uma pista das perguntas que devia querer fazer sobre Fain. O rosto da Amyrlin endureceu. Ela quase apelou para *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, para pôr aquela mulher em seu devido lugar. Mas o caminho não era esse. Alviarin poderia resistir, e lutar feito uma camponesa em um estábulo não era modo de uma Amyrlin afirmar sua autoridade. De qualquer maneira, Alviarin teria que aprender a se curvar a ela tanto quanto as outras. O primeiro passo seria deixá-la sem qualquer informação a respeito de Mestre Fain, fosse qual fosse seu nome verdadeiro.

Assim que adentrou o gabinete da Amyrlin, Padan Fain tratou de esquecer a jovem e inquieta Aceita. A garota era até atraente, e ele gostava das nervosinhas, mas havia assuntos mais importantes em que se concentrar naquele momento. Esfregando as mãos na roupa, Fain curvou a cabeça, humilde como convinha, mas a princípio as duas mulheres que o aguardavam nem pareceram notar sua presença, se encarando como estavam. Ele ficou parado, embora a tensão entre elas fosse quase palpável; achava que poderia quase tocá-la se estendesse a mão. A Torre Branca estava tomada pela tensão, com as Aes Sedai divididas. Melhor assim. Conforme a necessidade, tensões podiam ser manipuladas, e divisões, exploradas.

Fain se surpreendera ao encontrar Elaida no Trono de Amyrlin. No entanto, era melhor do que ele esperava. O homem ficara sabendo que Elaida, sob vários aspectos, não era tão dura quanto a mulher que usara a estola antes dela. Mais severa, sim, e mais cruel também, porém mais vulnerável. Provavelmente, ela seria mais difícil de dobrar, porém mais fácil de partir. Isso no caso de uma das opções ser necessária. Ainda assim, para ele, as Aes Sedai, e até as Amyrlin, eram todas iguais. Tolas. Tolas perigosas, verdade, mas, algumas vezes, úteis.

Quando as duas finalmente se deram conta da presença de Fain, a Amyrlin franziu a testa de leve por ter sido pega de surpresa, mas a Curadora das Crônicas se manteve impassível.

— Pode ir agora, filha — ordenou Elaida com firmeza, com uma pequena, mas clara ênfase no “agora”. Ah, sim… as tensões, as rachaduras no poder. Rachaduras onde sementes podiam ser plantadas. Fain se deu conta de que estava prestes a rir.

Alviarin hesitou antes de fazer a mais breve das reverências. Enquanto deixava o gabinete, seus olhos percorreram Fain de cima a baixo com uma expressão neutra, mas desconcertante. Ele se encolheu inconscientemente, curvando os ombros em um gesto de autoproteção;

seus lábios formaram em um leve rosnado para as costas estreitas da mulher. Às vezes, por um breve instante, Fain tinha a sensação de que Alviarin sabia demais sobre dele, mas não podia explicar por quê. A frieza no rosto e nos olhos da mulher não mudava nunca. Naquelas ocasiões, sentia o desejo de obrigá-los a mudar. Medo. Agonia. Súplica. Fain quase gargalhou só de pensar. Não fazia sentido, claro. Não havia como ela saber de nada. Com paciência, ele poderia se ver livre dela e de seus olhos imutáveis.

Considerando o tipo de coisa que a Torre guardava em seus cofres, valia a pena ter um pouco de paciência. Era lá que estava a Trombeta de Valere, a lendária peça construída para invocar os heróis mortos de seus túmulos na hora da Última Batalha. A maioria das Aes Sedai ignorava esse fato, mas Fain sabia farejar informações. A adaga estava lá. Sentia seu chamado até do lugar onde estava. Poderia até apontar a direção. A adaga pertencia a ele, fazia parte dele, e fora roubada e escondida ali por aquelas Aes Sedai. Recuperá-la recompensaria muitas perdas. O homem não sabia como, mas tinha certeza disso. Recompensaria a perda de Aridhol. Era perigoso demais retornar para lá, pois havia o risco de ficar preso de novo. Fain sentiu um arrepio. Tanto tempo preso. De novo, não.

Claro que ninguém mais chamava o lugar de Aridhol, e sim de Shadar Logoth. Onde a Sombra Espreita. Um nome apropriado. Tanta coisa mudara… Ele próprio, inclusive. Padan Fain. Mordeth. Ordeith. Por vezes, não tinha certeza de qual era seu nome de fato e de quem era de verdade. De uma coisa, estava certo: ele não era o que ninguém imaginava. Aqueles que acreditavam conhecê-lo estavam muito enganados. Agora estava mudado. Seu poder era único, estava além de qualquer outro. Um dia, todos se dariam conta disso.

De repente, com um sobressalto, Fain percebeu que a Amyrlin dissera alguma coisa e, vasculhando a mente, lembrou o que era.

— Sim, Mãe, o casaco fica muito bem em mim. — Passou a mão no veludo negro para mostrar como o apreciava. Como se vestimentas importassem. — É um casaco muito bom. Agradeço de coração, Mãe. — Fain estava preparado para mais tentativas da Amyrlin de deixá-lo à vontade, pronto para ajoelhar-se e beijar seu anel, mas, desta vez, ela foi direto ao ponto.

— Me fale mais a respeito do que sabe sobre Rand al'Thor, Mestre Fain.

Os olhos de Fain se voltaram para a pintura com os dois homens, e, enquanto a observava, suas costas se empertigaram. A imagem de al'Thor o afetou quase da mesma forma que o próprio homem o faria se estivesse em sua frente, fazendo suas veias se encherem de fúria e ódio. Por causa daquele jovem, Fain passara por dores inimagináveis, das quais sequer se permitia lembrar, e sofrera bem mais do que as

dores em si. Ele fora destruído e reconstruído por causa de al'Thor. Claro que essa reconstrução havia lhe dado os meios para se vingar, mas a questão não era exatamente essa. Perto do desejo de destruir al'Thor, qualquer coisa se tornava insignificante.

Quando se voltou novamente para a Amyrlin, Fain não percebeu que sua atitude estava tão imponente quanto a dela e que retribuía seu olhar de igual para igual.

— Rand al'Thor é astuto e dissimulado. Ele não se importa com nada ou ninguém, só com o próprio poder. — Aquela tola. — Ele é do tipo que nunca faz o que se espera dele. — Mas se ela pudesse pôr as mãos em al'Thor… — É difícil guiá-lo, muito difícil, mas acredito que seja possível. Primeiro, é preciso se aproximar de um dos poucos em quem ele confia. — Se a Amyrlin lhe entregasse al'Thor, talvez ele a deixasse viva no fim das contas, mesmo sendo Aes Sedai.

Esparramado em uma poltrona dourada, vestindo mangas curtas e de botas nos pés, com uma das pernas apoiada no braço estofado, Rahvin sorria enquanto a mulher de pé à frente da lareira repetia o que ele lhe dissera. Seus grandes olhos castanhos estavam ligeiramente distantes. Era jovem e bonita, mesmo usando as roupas de lã cinza sem graça que adotara como disfarce, mas seu interesse nela não era dessa natureza.

Nenhuma nesga de ar entrava pelas altas janelas do aposento. Enquanto a mulher falava, o suor escorria de seu rosto delicado, e gotículas brotavam na face estreita do outro homem presente. Ainda que trajasse um belo casaco de seda vermelha com bordados dourados, o sujeito se mantinha tão imóvel quanto um serviçal — o que ele era, de certo modo, ainda que por vontade própria, ao contrário dela. Mas claro que, naquele momento, estava cego e surdo.

Rahvin manejou com delicadeza os fluxos de Espírito que havia urdido em torno dos dois. Não havia motivo para causar danos a serviçais valiosos.

Ele próprio não suava, claro. Não permitia que o teimoso calor do verão o afetasse. Era um homem alto, grande, de pele escura e bonito, apesar dos cabelos brancos nas têmporas. Não tivera dificuldades em compelir aquela mulher.

Uma careta retorceu seu rosto. Tinha dificuldades com algumas pessoas. Uns poucos, muito poucos, tinham força de vontade o bastante para que suas mentes buscassem brechas pelas quais escapar, ainda que inconscientemente. Para seu azar, ele ainda precisava de uma pessoa que era desse tipo. Era possível manipulá-la, mas ela continuava tentando encontrar uma saída, mesmo sem saber que estava presa. Ela em breve não seria mais necessária, claro, e Rahvin teria que decidir se a mandaria embora ou se melhor seria livrar-se

dela de um jeito mais definitivo. As duas opções representavam perigo. Nada que pudesse ameaçá-lo, claro, mas ele era um homem cuidadoso e meticuloso. Se ignorados, pequenos perigos encontravam um jeito de crescer, e ele sempre escolhia os riscos com uma pitada de prudência. Matá-la ou mantê-la?

O cessar do discurso da mulher o fez abandonar seus devaneios.

— Quando sair daqui — disse a ela —, você não vai se lembrar de nada desta visita, apenas de ter feito sua habitual caminhada matinal. — Ela concordou, ávida por agradá-lo, e Rahvin afrouxou os fios de Espírito para que evaporassem da mente da mulher tão logo ela pusesse os pés na rua. O uso repetido da compulsão facilitava a obediência, mesmo quando não estava sendo usada. Porém, enquanto estivesse, sempre havia o perigo de ser detectada.

Feito isso, Rahvin também libertou a mente de Elegar. Lorde Elegar. Um nobre menor, mas fiel a seus juramentos. O sujeito lambeu nervosamente os lábios finos, olhou para a mulher com nervosismo e se ajoelhou prontamente diante de Rahvin. Os Amigos da Escuridão — que atualmente se chamavam Amigos das Trevas — tinham começado a perceber que precisariam se manter rigorosamente fiéis aos juramentos, agora que Rahvin e os demais tinham sido libertados.

— Leve-a até a rua pelos fundos — orientou Rahvin — e deixe-a lá. Ela não deve ser vista.

— Como desejar, Grande Mestre — respondeu Elegar, fazendo uma reverência ainda de joelhos. Ao se levantar, deixou a presença de Rahvin com uma mesura, puxando a mulher pelo braço. Ela o acompanhou docilmente, claro, com os olhos ainda perdidos. Elegar não perguntaria nada a ela. Era esperto o bastante para estar bem ciente de que havia coisas que não desejava descobrir.

— Um de seus belos brinquedinhos? — perguntou uma voz feminina atrás dele, enquanto a porta entalhada se fechava. — Agora é assim que você as veste?

Agarrando *saidin*, ele se preencheu do Poder, e mácula da metade masculina da Fonte Verdadeira foi barrada pela proteção de seus laços e juramentos, os elos com o que Rahvin julgava ser um poder maior que a Luz ou até o Criador.

No meio da câmara, um portal se projetava acima do carpete vermelho e dourado, uma abertura para algum outro lugar. Rahvin teve um vislumbre de uma câmara em que tapeçarias de seda branca cobriam as paredes, até ela se esvanecer, deixando apenas uma mulher de vestido branco e cinto de prata trançada. O suave formigamento na pele dele, como um leve arrepio, foi o único aviso de que a mulher canalizara. Alta e esguia, era tão bonita quanto ele, com olhos escuros que pareciam poços sem fundo, e um cabelo que caía sobre os ombros em perfeitas ondas negras, enfeitado com estrelas e luas crescentes

prateadas. A maioria dos homens ficaria com a boca seca de tanto desejo.

— O que você pretende aparecendo assim do nada, Lanfear? — perguntou Rahvin, áspero, sem largar o Poder. Em vez disso, preparou várias surpresinhas maldosas, caso precisasse delas. — Se quiser falar comigo, mande um emissário que eu decidirei quando, onde, e se irei.

Lanfear abriu seu sorriso doce e traiçoeiro.

— Você sempre foi um patife, Rahvin, mas nem sempre foi tolo. Aquela mulher é Aes Sedai. E se sentirem falta dela? Também vai enviar arautos para anunciar onde está?

— Canalizar? — caçoou ele. — Ela sequer é forte o bastante para andar por aí sozinha. Chamam essas crianças destreinadas de Aes Sedai quando metade do que sabem são truques de autodidatas e a outra metade não passa de meras superficialidades?

— Você continuaria sendo tão complacente se treze dessas crianças destreinadas formassem um círculo ao seu redor? — O escárnio frio na voz dela o apunhalou, mas Rahvin não deixou transparecer.

— Tomo minhas precauções, Lanfear. Ela não é uma de meus "belos brinquedinhos", como você colocou, e sim a espiã da Torre aqui. Só que agora relata exatamente o que eu quero, e fica ávida para fazê-lo. Os que servem aos Escolhidos na Torre me disseram exatamente onde encontrá-la. — Não tardaria a chegar o dia em que o mundo renunciaria ao nome "Abandonados" e se ajoelharia perante os Escolhidos. Isso fora prometido, muito tempo atrás. — Por que veio até aqui, Lanfear? Certamente não foi para ajudar mulheres indefesas.

Ela apenas deu de ombros.

— No que me cabe, você pode se divertir o quanto quiser com seus brinquedos. Quando o assunto é hospitalidade, Rahvin, você oferece muito pouco, então me perdoe, mas...

Um jarro de prata ergueu-se em uma mesinha ao lado da cama de Rahvin e se inclinou para servir um vinho escuro em um cálice com detalhes em ouro. Quando o jarro voltou à posição inicial, o cálice flutuou até a mão de Lanfear. Rahvin não sentiu nada além de um leve formigamento, claro, e não viu fluxos sendo urdidos. Ele nunca gostara daquilo. Que Lanfear também não fosse capaz de ver os fluxos que Rahvin urdia não chegava perto de restaurar o equilíbrio.

— Por quê? — perguntou ele mais uma vez.

Ela bebericou calmamente antes de responder.

— Como você evita o restante de nós, alguns Escolhidos virão até aqui. Só vim na frente para que você soubesse que não se trata de um ataque.

— Os outros? Vocês estão planejando alguma coisa? Que necessidade eu tenho de saber dos planos alheios? — De repente,

Rahvin deu uma gargalhada, profunda e grave. — Então não se trata de um ataque, certo? Vocês nunca foram mesmo de atacar abertamente, não é? Talvez não tanto quanto Moghedien, mas vocês sempre preferiram atacar pelos flancos ou pelas costas. Vou confiar em você desta vez, o suficiente para escutá-la, contanto que fique sob minha vigilância. — Qualquer um que confiasse em Lanfear longe dos olhos merecia a faca que provavelmente encontraria cravada nas costas. Não que ela fosse muito mais confiável sob vigilância, já que, na melhor das hipóteses, seu temperamento era inconstante. — Quem mais supostamente faz parte disso?

Desta vez, Rahvin teve um aviso mais claro — era obra de outro homem — quando outro portal se abriu, exibindo arcos de mármore que davam para amplas varandas de pedra, com gaivotas grasnando em um céu azul sem nuvens. Por fim, um homem surgiu e atravessou o portal, a passagem se fechando atrás dele.

Sólido e compacto, Sammael parecia maior do que de fato era. Seus passos eram rápidos e ágeis, e seus modos, abruptos. Com olhos azuis, cabelos dourados e uma bela barba em formato quadrado, sua aparência talvez estivesse acima da média, não fosse pela cicatriz oblíqua, como se um ferro em brasa tivesse sido arrastado por seu rosto, desde o cabelo até a mandíbula. Poderia tê-la removido assim que fora feita, muitos anos antes, mas preferira mantê-la.

Ligado a *saidin* tanto quanto Rahvin — àquela distância, Rahvin podia sentir de leve a ligação do outro —, Sammael o encarava com cautela.

— Estava esperando serviçais e dançarinas, Rahvin. Será que finalmente se cansou do seu esporte favorito, após todos estes anos?

Lanfear riu suavemente enquanto bebia o vinho.

— Alguém mencionou algum esporte?

Rahvin sequer percebera a abertura de um terceiro portal, exibindo um amplo salão cheio de piscinas e colunas caneladas, com acrobatas seminuas e criadas usando ainda menos pano. Estranhamente, um velhote magrelo de casaco amarrotado estava sentado parecendo desconsolado em meio aos artistas. Duas serviçais trajando peças tênues de quase roupa nenhuma, um homem musculoso carregando uma bandeja de ouro fundido, e uma moça bela e voluptuosa servindo vinho de uma botija de cristal em um cálice combinando sobre a bandeja seguiram a recém-chegada antes de a abertura desaparecer.

Na presença de qualquer outra, exceto Lanfear, Graendal seria vista como uma mulher estonteante, luxuriante e madura. Usava um vestido curto de seda verde. Um rubi do tamanho de um ovo de galinha aninhava-se entre os seios, e uma pequena coroa cravejada de mais rubis repousava sobre os longos cabelos dourados. Perto de

Lanfear, ela era apenas bonitinha e roliça. Se a comparação inevitável a incomodava, o sorriso divertido não dava sinais.

Braceletes de ouro chacoalharam quando ela acenou para trás com a mão cheia de anéis. A serviçal, com um sorriso bajulador igualzinho ao do colega, se apressou em pôr o cálice ao alcance de Graendal, que mal percebeu.

— Que tal? — começou, animada. — Praticamente metade dos Escolhidos restantes em um único lugar. E ninguém tentando matar ninguém. Quem poderia imaginar uma coisa dessas antes do retorno do Grande Senhor das Trevas? Ishamael até conseguiu nos manter longe do pescoço uns dos outros por algum tempo, mas isto…

— Você sempre fala assim tão abertamente na frente de seus serviçais? — perguntou Sammael com uma careta.

Graendal piscou e voltou o olhar para os dois, como se tivesse se esquecido deles.

— Eles não abrem a boca fora de hora. Os dois me idolatram. Não é? — Ambos se ajoelharam, demonstrando o amor intenso que sentiam por ela. E era verdadeiro. Eles de fato a amavam. Naquele momento. Um instante depois, Graendal franziu a testa de leve, e os serviçais ficaram paralisados, com as bocas abertas, como que interrompidos no meio de uma palavra. — Eles vão continuar aqui, mas não vão incomodar vocês, não é?

Rahvin balançou a cabeça e se perguntou quem eram aqueles dois, ou quem haviam sido. Beleza física não bastava para os serviçais de Graendal, que também precisavam ter poder ou prestígio: um antigo lorde como lacaio, uma lady para lhe dar banho. Era assim que ela gostava. Permitir-se certos luxos era uma coisa, mas Graendal era esbanjadora. A dupla até podia ter alguma utilidade, caso fosse manipulada de forma adequada, mas o nível de compulsão que Graendal utilizava certamente só os deixava aptos para pouco mais que mera decoração. Aquela mulher não tinha sofisticação.

— Eu deveria esperar por mais alguém, Lanfear? — grunhiu Rahvin. — Você convenceu Demandred a parar de pensar que é herdeiro do Grande Senhor?

— Duvido que a arrogância dele chegue a esse ponto — retrucou Lanfear, tranquila. — Demandred sabe aonde isso levou Ishamael. E essa é a questão levantada por Graendal. Éramos treze, imortais. Agora, quatro estão mortos e um nos traiu. Só nós quatro estamos reunidos aqui hoje, e já é o bastante.

— Tem certeza de que Asmodean mudou de lado? — questionou Sammael. Ele nunca teve coragem de tentar. Onde buscou forças para abraçar uma causa perdida?

Lanfear deu um breve sorriso, divertido.

— Ele teve a coragem de fazer uma emboscada que pensou que o

colocaria acima de nós. Mas, quando a escolha passou a ser a morte ou uma causa perdida, ele precisou de pouquíssima coragem para fazer sua opção.

— E de pouco tempo, aposto. — A cicatriz tornava o sorriso de Sammael ainda mais incisivo. — Se estava tão perto a ponto de saber tudo isso, por que não o matou? Você poderia ter acabado com a vida dele antes que Asmodean se desse conta de sua presença.

— Não sou tão rápida em matar quanto você. É um último recurso, sem volta, e quase sempre existem alternativas mais interessantes. Além disso, para explicar em termos que você entenda, eu não queria desencadear um ataque frontal contra forças superiores.

— Ele é mesmo forte assim? — perguntou Rahvin calmamente. — Esse tal Rand al'Thor, cara a cara, poderia ter derrotado você?

Não que ele ou mesmo Sammael não pudessem derrotá-la, se fosse o caso, ainda que Graendal provavelmente se unisse a Lanfear na hipótese de um dos dois tentarem. Naquele exato instante, inclusive, as duas mulheres deviam estar tomadas de Poder, prontas para atacar à mínima suspeita de um dos dois, ou de ambos. Mas aquele moleque fazendeiro? Um pastor destreinado! Destreinado, a menos que Asmodean estivesse cuidando disso.

— Ele é Lews Therin Telamon renascido — afirmou Lanfear, com a mesma calma —, e Lews Therin era tão forte quanto qualquer um de nós.

Sammael esfregou a cicatriz no rosto, distraidamente. Fora Lews Therin quem lhe impusera aquela marca. Acontecera havia mais de três mil anos, muito antes da Ruptura do Mundo e da prisão do Grande Senhor, antes de muita coisa, mas Sammael jamais se esquecera.

— Bem — Graendal assumiu a palavra —, será que finalmente chegamos à questão que viemos discutir?

Rahvin se sobressaltou, desgostoso. Os dois serviçais ainda estavam imóveis — ou melhor dizendo, de novo. Sammael resmungava com seus botões.

— Se Rand al'Thor é de fato Lews Therin Telamon renascido — continuou Graendal, sentando-se nas costas do serviçal, agora de quatro no chão —, estou surpresa por você ainda não ter tentado arrastá-lo para a cama, Lanfear. Ou será que não é tão fácil? Acho que me lembro de ver você comendo na mão de Lews Therin, e não o contrário. Ele abafava seus chiliques. Fazia você servir o vinho dele, coisas do tipo. — Graendal depositou o cálice na bandeja, agora carregada com rigidez pela mulher apoiada em um joelho. — Você era tão obcecada por aquele homem que era capaz de se estender aos pés dele, se Lews pedisse por um tapete.

Os olhos escuros de Lanfear brilharam por alguns instantes, até

ela recuperar o controle.

— Ele pode até ser Lews Therin renascido, mas não é Lews Therin.

— Como você sabe? — provocou Graendal com um sorriso, como se tudo não passasse de uma brincadeira. — Pode até ser, como muitos acreditam, que todos nasçam e renasçam conforme a Roda gira, mas, que eu saiba, nunca aconteceu algo do tipo. Um homem específico renascendo conforme reza uma profecia? Quem pode saber o que ele é?

Lanfear respondeu com um sorriso desdenhoso.

— Eu já o observei de perto. Ele não é nada mais do que aparenta: um pastor, e ainda bastante ingênuo. — Seu escárnio se transformou em seriedade. — Mas agora ele conta com Asmodean, ainda que seja um aliado fraco. E, mesmo antes de Asmodean, quatro Escolhidos morreram em confronto com ele.

— E daí se o pastorzinho matar os novilhos — opinou Sammael, irritadiço.

Ele urdiu fios de Ar para arrastar uma cadeira pelo carpete e se esparramou nela, as botas cruzadas na altura do tornozelo e um braço apoiado no espaldar baixo e entalhado. Quem acreditasse que estava relaxado seria um tolo. Sammael sempre gostara de ludibriar os inimigos, fazendo-os pensar que poderia ser apanhado de surpresa.

— Sobra mais para nós no Dia do Retorno. Ou você acha que ele poderia vencer Tarmon Gai'don, Lanfear? Mesmo que ele torne Asmodean mais forte, desta vez não terá os Cem Companheiros. Com ou sem Asmodean, o Grande Senhor fará a vida dele se apagar feito um sar-luz quebrado.

Lanfear lançou a ele um olhar carregado de desprezo.

— Quantos de nós ainda estarão vivos quando o Grande Senhor finalmente for libertado? Quatro já se foram. Será que você é o próximo na lista, Sammael? Talvez fosse até bom. Se o derrotasse, você finalmente poderia se livrar desta cicatriz. Mas não lembro… Quantas vezes você o enfrentou na Guerra do Poder? Venceu alguma? Não lembro mesmo. — Sem nenhuma pausa, Lanfear se voltou para Graendal. — Ou talvez seja você. Por algum motivo, ele reluta em machucar mulheres, mas acho que você não terá a escolha de Asmodean, já que não tem capacidade para ensinar a ele mais do que uma pedra ensinaria. A menos que ele decida mantê-la como animal de estimação. Seria uma grande mudança, não acha? Em vez de decidir qual de suas belezinhas lhe agrada mais, você poderia aprender a agradar.

O rosto de Graendal se contorceu, e Rahvin se preparou para se defender de qualquer investida que uma das duas pudesse fazer contra a outra, pronto para Viajar à menor ameaça de fogo devastador. Então

sentiu Sammael acumulando Poder, e sentiu algo de diferente — algo que Sammael chamaria de aproveitar uma vantagem tática —, por isso se curvou para agarrar o braço do homem. Sammael o afastou com raiva, mas o momento passara. As duas mulheres já olhavam para eles, e não uma para a outra. Nenhuma tinha como saber o que quase acontecera, mas estava claro que houvera alguma discordância entre Rahvin e Sammael, e a suspeita iluminou os olhos delas.

— Quero ouvir o que Lanfear tem a dizer. — Rahvin não olhava para Sammael, mas se dirigia a ele. — Deve ter mais aí do que uma tentativa tola de nos assustar.

Sammael balançou a cabeça no que poderia ter sido um gesto de concordância ou de irritação. Foi o suficiente.

— Ah, tem sim, mas um sustinho não faz mal a ninguém. — Os olhos escuros de Lanfear ainda demonstravam desconfiança, mas a voz estava mais límpida do que água parada. — Ishamael tentou controlá-lo e fracassou, tentou matá-lo, no fim, e fracassou. Mas ele tentou usar a intimidação e o medo, e Rand al'Thor é imune a intimidações.

— Ishamael era mais do que meio louco — resmungou Sammael — e menos do que meio humano.

— É isso que somos? — Graendal arqueou uma sobrancelha. — Simples humanos? Tenho certeza de que somos mais que isso. Humano é isto aqui. — Ela bateu com o dedo na bochecha da mulher ajoelhada ao seu lado. — Vão ter que criar uma nova palavra para nos descrever.

— O que quer que sejamos — interrompeu Lanfear —, podemos triunfar onde Ishamael fracassou. — Ela se inclinou ligeiramente para a frente, como se quisesse empurrar as palavras para os demais. Era raro Lanfear demonstrar tensão. Por que agora?

— Por que só nós quatro? — questionou Rahvin. Seu próximo "por que" teria que esperar.

— Para que mais? — retrucou Lanfear. — Se conseguirmos colocar o Dragão Renascido de joelhos perante o Grande Senhor no Dia do Retorno, por que dividir a honra e as recompensas além do necessário? Talvez ele até já esteja acostumado a… como foi que você disse, Sammael? Matar os novilhos.

Era o tipo de resposta que Rahvin compreendia. Não que confiasse nela, claro, ou em qualquer um dos demais, mas de ambição ele entendia. Os Escolhidos haviam tramado galgar posições entre si desde o dia em que Lews Therin os aprisionara ao selar a prisão do Grande Senhor, e haviam recomeçado assim que foram libertados. Rahvin só precisava ter certeza de que o plano de Lanfear não comprometia os dele.

— Prossiga — disse a ela.

— Primeiro, existe outra pessoa tentando controlá-lo. Talvez para

matar. Suspeito de Moghedien ou Demandred. Moghedien sempre tentou agir às escondidas, e Demandred sempre odiou Lews Therin. — Sammael sorriu, ou talvez tenha sido uma careta, mas seu ódio empalidecia diante do ódio de Demandred, ainda que fosse por uma causa maior.

— Como pode saber que não é um dos que estão aqui? — indagou Graendal, casualmente.

O sorriso de Lanfear expôs tantos dentes quanto o da outra mulher, e a mesma frieza.

— Porque vocês três preferem construir os próprios nichos e garantir seu poder, enquanto o resto vive se enfrentando. E por outros motivos. Eu disse que vigio Rand al'Thor de perto.

O que ela dissera sobre os três era verdade. O próprio Rahvin preferia a diplomacia e a manipulação ao conflito aberto, embora não se esquivasse da luta, caso fosse necessária. Sammael sempre escolhera exércitos e conquistas, e jamais chegaria perto de Lews Therin, mesmo renascido como um pastor, até ter certeza da vitória. Graendal também almejava conquistas, apesar de seus métodos não envolverem soldados. Como se preocupava demais com seus brinquedos, se movia devagar e com cautela. Agia abertamente, até porque os Escolhidos apreciavam isso, mas nunca dava um passo maior do que a perna.

— Vocês sabem que posso ficar de olho nele sem ser vista — continuou Lanfear —, mas os três precisam ficar longe, ou correm o risco de ser detectados. Precisamos atraí-lo de volta…

Graendal inclinou-se para a frente, interessada, e Sammael começou a balançar a cabeça em concordância à medida que Lanfear prosseguia. Rahvin escondeu sua opinião. Talvez o plano funcionasse. Se não… Se não, ele via várias maneiras de moldar os acontecimentos em seu proveito. Sim, aquilo poderia funcionar muito bem.

1

Avivando as centelhas

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que lhes deu origem retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande selva chamada de Floresta de Braem. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

Seco, ele soprava a sul e a oeste sob um sol de ouro fundido. Fazia longas semanas que a terra não via chuva, e o calor do fim do verão aumentava a cada dia. Folhas marrons precoces pontuavam algumas árvores, e pedras nuas assavam onde outrora pequenos riachos haviam corrido. Em um descampado de onde a grama sumira e apenas arbustos fracos e ressecados prendiam suas raízes ao solo, o vento começou a desenterrar pedras há muito escondidas. Estavam surradas e desgastadas, e nenhum olho humano as teria reconhecido como as ruínas de uma cidade lembrada em histórias, mas já esquecida fora delas.

Havia aldeias dispersas no caminho antes de o vento cruzar a fronteira de Andor, bem como campos onde fazendeiros aflitos enfrentavam penosamente os sulcos áridos. Fazia tempo que a floresta fora reduzida a matagais quando o vento varreu a poeira ao longo da única rua de uma aldeia chamada Fontes de Kore. Naquele verão, as nascentes começavam a minguar. Alguns cães estavam deitados, ofegantes, no calor, e dois garotos corriam sem camisa, golpeando uma bexiga empalhada com pedaços de pau, fazendo-a rolar pelo chão. Nada mais se movia, exceto o vento, a poeira e a placa que rangia acima da porta da estalagem de tijolos vermelhos e telhado de palha, como todas as outras construções ao longo da rua. Com seus dois andares, era a maior e mais alta estrutura de Fontes de Kore, uma cidadezinha ordeira e arrumada. Os cavalos encilhados amarrados à frente da estalagem mal abanavam as caudas. No entalhe da placa na

porta, lia-se “A Justiça da Boa Rainha”.

Piscando para afastar a poeira, Min mantinha o olho colado à fresta da grossa parede do celeiro. Só conseguia enxergar um dos ombros do guarda à porta, mas toda a sua atenção estava voltada para a estalagem mais adiante. Min gostaria que o nome do local não fosse tão ameaçadoramente adequado. O juiz da aldeia, o lorde local, parecia ter chegado algum tempo antes, mas ela não conseguira vê-lo. Com certeza ele agora estava ouvindo as acusações do fazendeiro; Admer Nen, assim como seus irmãos, primos e as esposas de todos eles, pareciam a favor do enforcamento imediato, até que um dos empregados do lorde aparecera. Min se perguntava qual seria a pena daquela vila para alguém que incendiara o celeiro de um homem, e com as vacas leiteiras dentro. Fora sem querer, claro, mas ela não acreditava que isso contaria muito, já que tudo começara com uma invasão.

Na confusão, Logain acabara escapando e abandonando-as — típico dele, que o queime! —, e ela não sabia se deveria ficar feliz com aquilo ou não. Ele derrubara Nen quando o grupo fora descoberto, pouco antes do amanhecer, fazendo a lamparina do homem voar pelos ares e cair no meio da palha. Se havia um culpado, era Logain. E às vezes ele tinha dificuldade em ficar de boca fechada. Talvez fosse mesmo melhor ele ter partido.

Girando para se recostar contra a parede, Min limpou o suor da testa, que logo tornou a ficar molhada. O interior do celeiro era sufocante, mas suas duas companheiras nem pareciam se dar conta disso. Siuan estava deitada de costas e usava um vestido de cavalgada de lã escura, parecido com o de Min. Tinha o olhar fixo no teto do celeiro e, com uma palhinha, cutucava o queixo despreocupadamente. Com a pele acobreada, tão alta quanto a maioria dos homens, a longilínea Leane estava sentada de pernas cruzadas enquanto trabalhava com agulha e linha em seu vestidinho bege. Após terem sido revistadas em busca de espadas, machados ou quaisquer objetos que as ajudassem a escapar, tiveram permissão para ficar com os alforjes.

— Qual é a pena por incendiar um celeiro em Andor? — perguntou Min.

— Se tivermos sorte — respondeu Siuan, sem se mexer —, ficaremos amarradas na praça da aldeia. Com menos sorte, seremos açoitadas.

— Pela Luz! — ofegou Min. — Como pode chamar isso de sorte?

Siuan rolou para ficar de lado e se apoiou no cotovelo. Era uma mulher forte e muito bonita que aparentava ser pouco mais velha que Min. No entanto, seus penetrantes olhos azuis tinham uma presença tão marcante que não combinavam com uma jovenzinha aguardando

julgamento em um celeiro. Às vezes, Siuan era tão descuidada com as palavras quanto Logain, ou pior.

— Depois que nos desamarrarem — disse ela com tom de quem não suporta asneiras e tolices —, o problema vai ter acabado, e estaremos livres. Vamos ter desperdiçado menos tempo do que com qualquer outra pena que me venha à cabeça. Consideravelmente menos, digamos, do que com um enforcamento, apesar de eu achar, pelo que conheço das leis de Andor, que não vai chegar a tanto.

Min soltou uma risada curta e ofegante. Era rir ou chorar.

— Tempo? Do jeito que a coisa vai, o que não nos falta é tempo. Eu poderia jurar que já passamos por todas as aldeias entre aqui e Tar Valon e não encontramos nada. Nem um sinal, nem um murmúrio. Acho que nem *existe* reunião alguma. Além disso, agora estamos a pé. Pelo que ouvi, Logain levou os cavalos. A pé e trancadas em um celeiro, esperando sabe a Luz o quê!

— Cuidado com esses nomes — sussurrou Siuan com firmeza, lançando um olhar contundente para a pesada porta com o guarda do outro lado. Dê muito com a língua nos dentes e pode acabar caindo em mais redes do que os peixes.

Min fez uma careta, em parte por já estar ficando cansada de Siuan e seus ditados tairenos de pescador, mas também porque a mulher tinha razão. Até aquele momento, tinham se mantido à frente de qualquer rumor estranho — "fatal" talvez fosse uma palavra mais apropriada —, mas algumas notícias percorriam grandes distâncias em um só dia. Siuan estava viajando como Mara; Leane, como Amaena; e Logain passara a se chamar Dalyn tão logo Siuan o convencera de que Guaire era um nome estúpido. Min ainda achava que ninguém reconheceria sua identidade, mas Siuan insistia em chamá-la de Serenla. Nem mesmo Logain sabia quais eram seus nomes verdadeiros.

O grande problema era que Siuan não desistiria. Semanas de fracasso retumbante, então aquilo. Mesmo assim, a simples menção de rumar para Tear, o que era uma ideia razoável, provocava uma tempestade que fazia até Logain se retrair. Quanto mais procuravam em vão o que Siuan buscava, mais temperamental a mulher se tornava. *Não que o gênio dela já não fosse difícil antes.* Min foi esperta o bastante para guardar o pensamento para si.

Leane finalmente terminou de trabalhar em seu vestido e o colocou no corpo, flexionando os braços para trás para dar conta de abotoá-lo. Min não entendia o motivo de tanto trabalho, até porque detestava qualquer ofício que envolvesse agulhas. O decote estava ligeiramente mais cavado, revelando um pouco mais de busto, e o vestido parecia mais justo nos seios e talvez em torno do quadril. Mas tanto trabalho para quê? Naquele celeiro infernal, ninguém a tiraria para dançar.

Revirando os alforjes de Min, Leane desenterrou a caixa de madeira com tintas, pós e outras quinquilharias que Laras a obrigara a levar, antes de partirem. A intenção de Min era jogar tudo fora, mas, por algum motivo, ainda não o fizera. Havia um espelhinho na parte interna da tampa da caixa, e Leane começou a se maquiar usando os pinceizinhos de pele de coelho. Ela nunca tinha demonstrado o menor interesse em qualquer daqueles objetos, mas parecia contrariada por só haver uma escova de madeira e um pequeno pente de marfim para os cabelos. Chegou ao ponto de resmungar por não ter como aquecer o ferro de cachear! Desde que haviam iniciado a busca de Siuan, seu cabelo escuro crescera, mas ainda estava bem acima dos ombros.

Após assistir àquilo por um tempo, Min perguntou:

— O que está aprontando, Le… Amaena? — Ela evitou olhar para Siuan. Min *conseguia* segurar a língua. Só estava confinada e sendo assada viva, isso sem falar na cereja do bolo: o julgamento. Enforcadas ou amarradas em praça pública. Que escolha! — Decidiu flertar com alguém?

Como Leane era toda trabalho e eficiência, a intenção era fazer uma piada, algo para deixar o clima mais leve, mas a mulher a surpreendeu.

— Isso — respondeu Leane, animada, arregalando os olhos para o espelho enquanto, com cuidado, fazia algo com os cílios. — E se eu flertar com o homem certo, talvez não precisemos nos preocupar com açoitamentos ou coisa do tipo. No mínimo, posso conseguir penas mais brandas para nós.

Com a mão a meio caminho de voltar a enxugar o rosto, Min se espantou — era como uma coruja anunciando sua intenção de virar beija-flor —, mas Siuan simplesmente se sentou para encarar Leane nos olhos.

— De onde saiu essa ideia?

Se Siuan lhe lançasse um olhar daqueles, Min suspeitava que confessaria coisas de que até já se esquecera. Quando Siuan enquadrava alguém daquela maneira, a pessoa se pegava fazendo reverências e correndo para obedecer sem nem se dar conta. Até com Logain, na maioria das vezes, era assim — exceto pela reverência.

Com calma, Leane passou um pincel ao longo das maçãs do rosto e examinou o resultado no espelhinho. Chegou a olhar para Siuan, mas, independentemente do que viu, respondeu no mesmo tom seco com que sempre falava:

— Minha mãe era mercadora, vendia principalmente madeira e peles. Uma vez, eu a vi confundir a cabeça de um lorde de Saldaea até ele consignar toda a sua extração anual de madeira por metade do preço que o homem queria, e duvido que tenha se dado conta do que tinha feito até já estar quase chegando em casa. Se é que se deu

conta… Depois, ainda enviou de presente um bracelete de pedra da lua. Nós, domanesas, não merecemos toda a reputação que temos, porque a maior parte foi invenção de gente pedante, teimosa e fofoqueira, mas merecemos parte dela. Claro que minha mãe e minhas tias ensinaram tudo isso para mim e para as minhas irmãs e primas.

Baixando o olhar para si mesma, Leane balançou a cabeça e voltou a dar seu sermão, após um suspiro:

— E, sinto dizer, eu já tinha essa altura toda aos quatorze anos. Era só joelhos e cotovelos, parecia um potro que cresceu rápido demais. Eu mal tinha aprendido a atravessar uma sala sem tropeçar, quando percebi que… — ela respirou fundo — percebi que a vida me levaria a caminhos diferentes dos de uma mercadora. Agora, até isso ficou para trás. Finalmente vou pôr em prática tudo o que aprendi há tantos anos. Dadas as circunstâncias, não consigo pensar em um momento ou local melhor.

Siuan examinou-a atentamente por mais algum tempo.

— O motivo não é esse. Não é só isso. Desembuche.

Arremessando a escovinha para dentro da caixa, Leane se enfureceu.

— Não é só isso? Eu não sei qual é o motivo. Só sei que preciso de algo em minha vida para substituir… o que eu perdi. Você mesma disse que essa é a única chance de sobreviver. Vingança, para mim, não basta. Sei que sua causa é necessária, talvez até correta, mas, que a Luz me salve, também não é suficiente. Não consigo me envolver tanto quanto você. Talvez eu tenha entrado nessa tarde demais. Vou continuar do seu lado, mas isso não me basta.

A raiva foi passando enquanto ela tampava e guardava os potes e frascos, ainda que usasse mais força nos gestos do que seria necessária. A mulher exalava um levíssimo aroma de rosas.

— Sei que flertar não é algo para preencher um vazio, mas é o suficiente para acabar com um momento de tédio. Ser quem eu nasci para ser talvez já baste. Não sei. Essa ideia não é nova. Sempre quis ser como minha mãe e minhas tias. Às vezes, mesmo depois de adulta, eu fantasiava com isso.

A expressão de Leane se tornou pensativa, e os últimos objetos foram para a caixa com mais delicadeza.

— Talvez eu sempre tenha tido a sensação de que estava fingindo ser alguém que não sou, criando uma máscara que acabou adquirindo personalidade própria. Havia trabalho sério a ser feito, mais sério que o de comerciante, e quando eu percebi que poderia ter seguido outro caminho, essa máscara já estava presa demais para ser retirada. Bem, agora isso já passou e a máscara *está* saindo. Cheguei até a pensar em tentar com Logain, na semana passada, só para praticar. Mas *estou* destreinada demais, e acho que ele é o tipo de homem que escuta mais

promessas do que foi sua intenção fazer, e que depois espera que elas sejam cumpridas. — Um sorrisinho brotou de repente em seus lábios. — Minha mãe sempre dizia que, se isso acontecesse, era um grave erro de cálculo, e que, se não houvesse saída, era preciso ou abandonar a dignidade e fugir, ou pagar o preço e aprender uma lição. — O sorriso ganhou ares de safadeza. — Minha tia Resara dizia que era melhor pagar o preço e aproveitar.

Min apenas balançava a cabeça. Era como se Leane tivesse se tornado outra mulher. Falando daquele jeito sobre…! Mesmo ouvindo, mal podia acreditar. Na verdade, Leane até parecia diferente. Mesmo após tanto trabalho com as escovas, Min não conseguia identificar no rosto dela o menor sinal de tintas ou pós, mas os lábios pareciam mais cheios, as maçãs do rosto, mais altas, e os olhos, maiores. Em qualquer situação, ela era uma mulher mais do que bonita. Naquele momento, no entanto, sua beleza havia quintuplicado.

Siuan, porém, ainda não tinha terminado.

— E se esse lorde do interior for como Logain? — conjecturou delicadamente. — O que você vai fazer?

Ainda ajoelhada, Leane retesou as costas e engoliu em seco antes de responder, a voz perfeitamente equilibrada:

— Dadas as opções, o que você faria?

Ninguém nem piscou, e o silêncio se estendeu.

Antes que Siuan pudesse responder — se é que ela pretendia dar uma resposta; Min teria adorado ouvir —, a corrente e o cadeado rangeram do outro lado da porta.

As outras mulheres se ergueram devagar enquanto pegavam os alforjes e se punham calmamente a postos, mas Min levantou-se de um salto, desejando estar de posse ao menos de uma adaga. *Que coisa boba para se desejar*, pensou. *Só me encrencaria ainda mais. Não sou a maldita heroína de uma história. Mesmo que eu saltasse sobre o guarda…*

A porta se abriu, e um homem trajando um justilho de couro por cima da camisa preencheu toda a passagem. Não era um sujeito que pudesse ser atacado por uma jovem, mesmo que armada com uma adaga. Talvez nem com um machado. Largo era a palavra certa para descrevê-lo. E maciço. Os poucos cabelos que ainda lhe restavam eram quase todos brancos, mas sua figura era firme como um toco de carvalho.

— Hora de prestarem contas ao lorde, garotas — anunciou ele com rudeza. — Vão vir andando ou vamos ter que arrastar vocês feito sacas de grãos? Vocês vão vir comigo de um jeito ou de outro, mas, com este calor, eu preferia não ter que carregar ninguém.

Dando uma espiadela por trás dele, Min viu outros dois homens aguardando, ambos grisalhos e, se não tão grandes, igualmente fortes.

— Vamos andando — respondeu Siuan, seca.

— Ótimo. Então venham. Me acompanhem. Lorde Gareth não vai gostar de ficar esperando.

Apesar da promessa de que iriam andando, cada um dos homens tomou uma das garotas pelo braço com firmeza, e todos começaram a percorrer a poeirenta rua de terra. A mão do homem quase careca circundou o braço de Min feito uma algema. *Forte demais para eu pensar em sair correndo*, concluiu ela com amargura. A garota até considerou chutá-lo na canela para ver se isso o fazia afrouxar o aperto, mas o homem parecia tão sólido que ela suspeitou que a ideia só lhe renderia um dedão machucado e ser arrastada pelo resto do caminho.

Leane aparentava estar perdida em pensamentos. A mulher fazia gestos incompletos com a mão livre enquanto movia os lábios em silêncio, como se estivesse repassando o que pretendia dizer, mas toda hora balançava a cabeça e reiniciava o processo. Siuan também estava introspectiva, mas tinha uma expressão preocupada bem nítida, mordendo o lábio. Ela *nunca* demonstrava tanta falta de tranquilidade. Em resumo, as duas não colaboravam em nada para a confiança de Min.

O salão com teto em madeira trançada d'A Justiça da Boa Rainha colaborava ainda menos. Com cabelos compridos e finos e um machucado amarelado em torno do olho inchado, Admer Nen estava de pé a um lado, acompanhado de meia dúzia de irmãos e primos igualmente corpulentos, além de suas esposas, todos vestidos com os melhores casacos ou aventais. Os fazendeiros encaravam as três prisioneiras com um misto de raiva e satisfação que revirou o estômago de Min. Talvez os olhares das esposas fossem ainda piores, de puro ódio. As demais paredes estavam tomadas por seis fileiras de aldeões, todos paramentados para o trabalho que haviam interrompido para estar ali. O ferreiro ainda trajava o avental de couro, e várias mulheres tinham as mangas puxadas e os braços polvilhados de farinha. O local fervilhava com os murmúrios coletivos, tanto dos mais velhos quanto das poucas crianças, e os olhos de todos estavam tão avidamente concentrados nas três mulheres quanto os olhos da família Nen. Min imaginou que aquela devia ser a maior agitação que Fontes de Kore já testemunhara. Ela já havia visto uma multidão com aquele estado de espírito: em uma execução.

As mesas tinham sido removidas, exceto por uma única, que fora colocada à frente da comprida lareira de tijolinhos. Um homem troncudo, de rosto franco e espessos cabelos grisalhos estava sentado diante dos presentes. Ele usava um casaco de seda verde-escuro elegante e repousava as mãos entrelaçadas à frente do corpo, sobre a mesa. Uma mulher esguia, que aparentava ter a mesma idade, estava de pé ao lado e trajava um bonito vestido de lã cinza bordado com

flores brancas em torno do pescoço. Era o lorde local, Min supunha, e sua esposa: a nobreza do interior, só um pouco mais bem informada sobre o mundo do que seus arrendatários e agricultores.

Os guardas posicionaram as três diante da mesa do lorde e se misturaram ao público. A mulher de cinza deu um passo à frente, cessando o burburinho.

— Que todos os aqui presentes acompanhem e ouçam bem — anunciou ela —, pois hoje a justiça será feita por Lorde Gareth Bryne. Prisioneiras, vocês foram convocadas para o julgamento de Lorde Bryne.

Então não se tratava da esposa do lorde, e sim de algum tipo de funcionária. Gareth Bryne? Até onde Min sabia, ele era Capitão-General da Guarda da Rainha, em Caemlyn. Isso se fosse o mesmo homem. Ela olhou para Siuan, mas a mulher tinha os olhos fixos nas tábuas do assoalho. Quem quer que fosse, Bryne aparentava estar cansado.

— Vocês são acusadas — prosseguiu a mulher de cinza — de invasão noturna, incêndio criminoso, destruição de uma construção e todo o seu conteúdo, matança de uma valiosa criação de gado, ataque à pessoa de Admer Nen e roubo de uma bolsa que, supostamente, continha ouro e prata. Sabe-se que o ataque e o roubo foram obra de seu acompanhante, que escapou, mas vocês três, aos olhos da lei, são igualmente imputáveis.

Quando a mulher fez uma pausa para que tudo aquilo fosse devidamente assimilado, Min trocou olhares pesarosos com Leane. Claro que Logain tinha que ter piorado a situação com aquele roubo. Àquela altura, já devia estar na metade do caminho para Murandy, se não mais longe.

Após alguns instantes, a mulher recomeçou:

— Seus acusadores estão aqui para confrontá-las. — Ela gesticulou para a família Nen. — Admer Nen, você dará seu testemunho.

Em um misto de prepotência e timidez, o homem corpulento foi calmamente até a frente, alisando o casaco sobre a barriga, onde os botões de madeira esticavam o tecido, e passando as mãos nos cabelos ralos que viviam caindo no rosto.

— Como eu disse, Lorde Gareth, foi assim…

O fazendeiro fez um relato bastante franco sobre como os descobrira no estábulo e ordenara sua saída, ainda que tenha dito que Logain era um pouco mais alto do que de fato era, e tenha transformado o único soco desferido em uma luta na qual o fazendeiro o encarara de igual para igual. A lamparina caíra, o feno fora pelos ares, e o restante da família saíra correndo de dentro de casa enquanto o dia ainda nascia. Os prisioneiros tinham sido capturados, e o

estábulo, destruído pelo fogo, e só então descobriu-se que a bolsa desaparecera da casa. Ele ignorou a parte da história em que um empregado de Lorde Bryne passou por lá no momento em que alguns integrantes da família traziam cordas e procuravam galhos de árvores.

Quando voltou a tocar no assunto da "luta", que, desta vez, parecia estar ganhando, Bryne o interrompeu:

— Já chega, Mestre Nen. Pode voltar para o seu lugar.

Em vez disso, uma das mulheres da família Nen, de rosto redondo e com idade para ser esposa de Admer, se juntou a ele. Um rosto redondo feito uma frigideira ou uma pedra de rio, mas que não tinha nada de delicado. E ruborizado por algo mais que raiva.

— Chicoteie bem essas adúlteras, ouviu, Lorde Gareth? Chicoteie bem e arraste todas elas daqui até Jornhill!

— Ninguém lhe passou a palavra, Maigan — advertiu a esguia mulher de cinza. — Isto é um julgamento, não uma reunião peticionária. Você e Admer, um passo atrás. Já. — Os dois obedeceram, Admer com um pouco mais de boa vontade que Maigan. A mulher de cinza virou-se para Min e suas companheiras. — Se desejarem dar seu testemunho em defesa ou mitigação, podem fazer isso agora. — Não havia compaixão nem sentimento algum em sua voz.

Min esperava que Siuan falasse — a antiga Amyrlin sempre assumia a liderança e tomava a palavra —, mas, desta vez, a mulher sequer se moveu ou ergueu os olhos. Foi Leane quem caminhou até a mesa com os olhos fixos no homem ali sentado.

Apesar de continuar absolutamente ereta, seu caminhar habitual — um trote gracioso, mas um trote — se tornara um deslizar, com apenas o vestígio de um balanço delicado. De alguma forma, os quadris e os seios saltaram mais aos olhos. Não que ela quisesse ostentá-los. Era o jeito como se movia que atraía a atenção.

— Milorde, somos três mulheres indefesas, refugiadas das tempestades que varrem o mundo. — O tom de voz habitualmente enérgico desaparecera, dando lugar a uma carícia suave e aveludada. Havia luz em seus olhos escuros, uma espécie de desafio ardente. — Perdidas e sem nenhum tostão, nos abrigamos no estábulo de Mestre Nen. Erramos, eu sei, mas estávamos com medo da noite. — Com um pequeno gesto, mãos parcialmente erguidas e pulsos voltados para Bryne, Leane, por um momento, aparentou estar absolutamente indefesa. Mas só por um momento. — O homem, Dalyn, era de fato um estranho para nós, alguém que nos ofereceu sua proteção. Nos dias de hoje, mulheres desacompanhadas precisam de um protetor, milorde, mas temo que nossa escolha tenha sido infeliz. — Ela arregalou os olhos e fez uma expressão de súplica que insinuava que talvez o lorde pudesse ser um protetor bem melhor. — Na verdade, foi

ele quem atacou Mestre Nen, milorde. Nós teríamos fugido ou trabalhado para compensar a noite de hospedagem. — Caminhando até a lateral da mesa, ela se ajoelhou graciosamente ao lado da cadeira de Bryne. Com delicadeza, Leane pousou os dedos de uma das mãos no punho do Lorde, olhando-o nos olhos. Sua voz tremia um pouco, mas seu sorriso tímido era o bastante para acelerar o coração de qualquer homem. Era… sugestivo. — Milorde, somos culpadas de um crime menor, e não do quanto estamos sendo acusadas. Sujeitamo-nos à sua misericórdia. Eu lhe imploro, milorde, que tenha piedade de nós e nos proteja.

Por um longo instante, Bryne devolveu o olhar. Em seguida, pigarreando grosseiramente, afastou a cadeira, levantou-se e caminhou até a outra ponta da mesa. Ouvia-se um burburinho entre os aldeões e fazendeiros, os homens limpando a garganta como o Lorde fizera e as mulheres resmungando palavras inaudíveis. Bryne parou em frente a Min:

— Qual é o seu nome, garota?

— Min, milorde. — Ao notar o grunhido abafado de Siuan, acrescentou: — Serenla Min. Mas todos me chamam de Serenla, milorde.

— Sua mãe deve ter tido uma premonição — murmurou ele, sorrindo. Bryne não fora o primeiro a reagir com simpatia ao nome dela. — Alguma afirmação a fazer, Serenla?

— Apenas que lamento muito, milorde. A culpa, de fato, não foi nossa. Dalyn é o culpado de tudo. Peço seu perdão, milorde.

Aquilo não parecia grande coisa em comparação às desculpas de Leane, até porque qualquer outra resposta seria insignificante perto da atuação dela, mas foi o melhor que Min pôde fazer. Sua boca estava tão seca quanto a rua lá fora. E se ele realmente decidisse enforcá-las?

Assentindo, Bryne foi até Siuan, que ainda estudava o piso. Segurando o queixo dela, ergueu seu rosto até os olhos se encontrarem com os dele.

— E qual é o seu nome, garota?

Balançando a cabeça, Siuan afastou o toque dele e deu um passo atrás.

— Mara, milorde — sussurrou. — Mara Tomanes.

Min deixou escapar um gemido baixo. Siuan estava claramente assustada, mas, ao mesmo tempo, encarava o homem de modo desafiador. Min achou que tinha grandes chances de ela pedir ao lorde para libertá-las imediatamente. Ele perguntou se ela queria fazer alguma declaração, e Siuan negou com outro sussurro vacilante, mas sempre encarando-o como se estivesse no comando. Ela podia estar controlando a língua, mas, decerto, não controlava os olhos.

Após um momento, Bryne se virou.

— Volte para seu lugar junto de suas amigas, garota — ordenou ele a Leane enquanto retornava à cadeira.

A antiga Curadora se juntou às outras duas com um olhar que não escondia a frustração, e com o que, vindo de qualquer outra, Min chamaria de um quê de petulância.

— Já tomei minha decisão — anunciou o Lorde para todos os presentes. — Os crimes são graves, e nada do que escutei altera os fatos. Se três homens invadem a casa de outro para roubar castiçais, e um deles ataca o proprietário, todos são igualmente culpados. Deve haver alguma indenização. Mestre Nen, custearei toda a reconstrução do estábulo e mais seis vacas leiteiras.

Os olhos do fazendeiro brilharam, e Bryne acrescentou:

— Caralin irá desembolsar o valor quando estiver satisfeita com os custos e preços. Soube que algumas de suas vacas estavam ficando sem leite.

A mulher esguia assentiu, satisfeita.

— Pela pancada na cabeça, concedo a você um marco de prata. Não reclame — advertiu com firmeza, quando Admer já se preparava para falar. — Maigan já lhe deu pancadas piores por exagerar na bebida. — As palavras foram recebidas com uma onda de gargalhadas. O olhar meio envergonhado de Nen não as refutava, e o modo silencioso como Maigan encarou o marido só fez confirmá-las. — Também irei restituir a quantia roubada assim que Caralin se der por satisfeita com o valor que a bolsa continha. — O fazendeiro e a esposa pareciam igualmente desgostosos, mas se contiveram. Estava bem claro que o Lorde já dera aos dois tudo o que daria. Min começou a ter esperanças.

Apoiando os cotovelos na mesa, Bryne voltou a atenção para ela e as outras duas. Suas palavras lentas deram um nó no estômago de Min.

— Vocês três vão trabalhar para mim e receberão os honorários normais das tarefas que desempenharem, até minhas despesas serem reembolsadas. Não pensem que estou sendo leniente. Se fizerem um juramento que me satisfaça, não precisarão ser vigiadas e trabalharão na minha propriedade. Se não, trabalharão no campo, onde ficarão o tempo inteiro sob o olhar atento de alguém. Os honorários no campo são menores, mas a decisão é de vocês.

Min vasculhou freneticamente a cabeça em busca do juramento mais fraco que pudesse satisfazê-lo. Não gostava de descumprir sua palavra em nenhuma circunstância, mas pretendia dar no pé assim que tivesse oportunidade e não queria ficar com a consciência muito pesada pela quebra de um juramento.

Leane também parecia estar procurando uma saída, mas Siuan mal hesitou antes de se ajoelhar e entrelaçar as mãos à altura do

coração. Os olhos dela pareciam fixos aos de Bryne, o ar desafiador em nada diminuído.

— Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, juro servi-lo no que me for exigido, pelo tempo que for, ou que a face do Criador se afaste de mim para sempre e as trevas consumam minha alma — pronunciou a mulher, em um sussurro ofegante, mas as palavras geraram um silêncio mórbido.

Não havia juramento mais profundo, exceto pelo proferido por uma mulher ao se tornar Aes Sedai, quando o Bastão dos Juramentos gravava nelas as palavras como se em sua própria carne.

Leane fitou Siuan e, logo depois, também se ajoelhou.

— Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento…

Min tentou desesperadamente encontrar uma alternativa. Proferir um juramento inferior ao das outras significaria, certamente, os campos e a vigilância permanente, mas aquelas palavras… Pelo que aprendera, quebrá-lo não seria muito diferente de cometer um assassinato — talvez fosse tão ruim quanto. A questão é que *não havia* saída: era o juramento ou sabe-se lá quantos anos de trabalho no campo o dia inteiro, provavelmente passando a noite trancada. Deixando-se cair ao lado das outras duas, Min balbuciou as palavras, remoendo-se por dentro. *Siuan, sua idiota! No que você foi me meter? Eu não posso ficar aqui! Preciso ir atrás de Rand! Ah, Luz, me ajude!*

— Bem — ofegou Bryne quando a última palavra foi dita —, eu não esperava tanto. Mas estou satisfeito. Caralin, leve Mestre Nen para algum outro aposento e descubra de quanto ele acredita que foram as perdas. E também dispense os demais, menos essas três. Tome as providências para o transporte delas até a propriedade. Dadas as circunstâncias, não creio que vamos precisar de guardas.

A mulher esguia lançou a ele um olhar cansado, mas logo ordenou a saída de todos. A multidão foi se acotovelando para sair. Admer Nen e seus parentes homens ficaram por perto, o rosto do fazendeiro especialmente tingido de avareza. As mulheres Nen tinham expressões quase tão gananciosas quanto a dos homens, mas ainda conseguiram reservar alguns olhares de condenação para Min e as outras, que permaneciam de joelhos enquanto o local se esvaziava. Min, pessoalmente, achava que suas pernas não dariam conta de sustentá-la, e as mesmas frases se repetiam incessantemente em seu pensamento: *Ah, Siuan, por quê? Eu* não posso *ficar aqui. Não posso!*

— Já tivemos alguns refugiados por aqui — comentou Bryne quando o último aldeão já havia saído. O homem reclinou-se na cadeira, estudando-as. — Mas nunca um trio tão incomum quanto vocês. Uma domanesa. Uma tairena? — Siuan assentiu brevemente. Ela e Leane se levantaram, a mulher esbelta e de pele acobreada

esfregando os joelhos com delicadeza, enquanto Siuan simplesmente se punha de pé. Min, com as pernas trêmulas, deu um jeito de se juntar às duas. — E você, Serenla… — Outra vez, o mais tímido dos sorrisos brotou quando ele pronunciou aquele nome. — A menos que eu esteja confundindo o sotaque, você é de algum lugar a oeste de Andor.

— Baerlon — murmurou ela, arrependendo-se tarde demais. Alguém podia saber que Min era de Baerlon.

— Nunca ouvi falar de refugiados do oeste — ponderou o homem em tom questionador. Como ela ficou calada, ele não a pressionou. — Depois que tiverem pagado a dívida, serão bem-vindas para permanecerem trabalhando para mim. A vida pode ser bem difícil para os que perderam seus lares, e até um catre de empregada é melhor do que dormir sob um arbusto qualquer.

— Obrigada, milorde — agradeceu Leane carinhosamente, fazendo uma reverência tão graciosa que, mesmo trajando o grosseiro vestido de cavalgada, parecia estar dançando. O agradecimento de Min foi mais duro, ela não confiava nos joelhos para fazer uma reverência. Já Siuan simplesmente se manteve de pé, encarando o homem sem dizer nada.

— Pena que o companheiro de vocês levou os cavalos. Quatro animais reduziriam bastante a dívida.

— Ele era um estranho, e um vagabundo — corrigiu Leane com uma voz apropriada para dizer coisas bem mais íntimas. — Eu, pelo menos, estou felicíssima por trocar a proteção dele pela sua, milorde.

Bryne encarou-a — com apreço, Min pensou —, mas tudo o que disse foi:

— Pelo menos vocês estarão seguras na propriedade, longe dos Nen.

Ninguém comentou a afirmação. Min supunha que esfregar o chão na propriedade de Bryne não seria muito diferente de esfregar o chão na fazenda dos Nen. *Como é que eu saio dessa? Como, Luz?*

O silêncio se prolongou, tirando apenas o tamborilar dos dedos de Bryne na mesa. Min poderia até pensar que ele não sabia mais o que dizer, mas tinha a impressão de que aquele homem jamais ficava desprevenido. Era mais provável que estivesse irritado com o fato de apenas Leane estar demonstrando gratidão. Imaginou que ele estivesse pensando que a sentença poderia ter sido bem pior. Talvez os olhares calorosos e o tom de voz carinhoso até tivessem funcionado, mas Min se viu desejando que a mulher tivesse se comportado como sempre. Ficar pendurada pelos pulsos na praça da aldeia seria melhor que aquilo.

Caralin finalmente retornou, resmungando para si mesma. Ao se reportar para Bryne, soou irritadiça.

— Levará dias até conseguirmos respostas convincentes daqueles Nen, Lorde Gareth. Se eu deixasse, Admer teria cinco estábulos novos e cinquenta vacas. Pelo menos acredito que realmente existia uma bolsa, mas quanto à quantia que havia dentro… — Ela balançou a cabeça e suspirou. — Bem, vou acabar descobrindo. Caso tenha acabado, Joni está pronto para levar as garotas à propriedade.

— Pode levá-las, Caralin — autorizou Bryne, levantando-se. — Assim que tiver enviado as três, me encontre na olaria. — Ele voltou a soar cansado. — Thad Haren diz que precisa de mais água para continuar fazendo tijolos, e só a Luz sabe onde vou arrumar. — O Lorde deixou o local como se já tivesse esquecido as três garotas que haviam acabado de jurar servi-lo.

Joni era o homem largo e meio careca que fora buscá-las no celeiro, e que, àquela altura, esperava por elas na porta da estalagem ao lado de uma carroça com rodas grandes, coberta por uma tela redonda e puxada por um cavalo marrom bem magro. Alguns aldeões tinham ficado por ali para acompanhar a partida das mulheres, mas a maior parte parecia ter voltado para as casas, fugindo do calor. Gareth Bryne já ia bem longe pela rua de terra.

— Joni levará vocês em segurança até a propriedade — informou Caralin. — Sigam as ordens, e não acharão a vida muito difícil. — Por um momento, Caralin encarou as três, seus olhos escuros quase tão penetrantes quanto os de Siuan. Então assentiu, como se estivesse satisfeita, e apressou-se atrás de Bryne.

Na parte de trás da carroça, Joni abriu as cortinas para as mulheres, mas as deixou subir sozinhas e tomar seus assentos nos bancos do veículo. Além da pesada cobertura, que retinha o calor, só havia um pouco de palha servindo de estofamento. O homem não disse uma só palavra. A carroça balançou enquanto ele tomava o assento do condutor, do lado de fora da cobertura. Min ouviu quando Joni estalou a língua para o cavalo, fazendo o veículo partir, as rodas rangendo levemente e dando solavancos em um ou outro buraco.

A fresta na cobertura era suficiente para Min espiar a aldeia ficando para trás e desaparecendo, substituída ora por longos matagais, ora por campos cercados. Sentia-se atordoada demais para falar. A grande causa de Siuan acabou se transformando em esfregar panelas e assoalhos. Min jamais deveria tê-la ajudado ou ficado ao lado dela. Na primeira oportunidade, deveria ter partido para Tear.

— Bem — disse Leane, de repente —, acabou não sendo tão ruim.

Seu tom de voz enérgico retornara, mas agora acompanhado de bochechas coradas de entusiasmo. Entusiasmo!

— Poderia ter sido melhor, mas a prática vai cuidar disso. — Seu riso abafado soou um tanto animado. — Eu nunca tinha me dado conta de como seria divertido. Quando senti o pulso dele acelerar… —

Por um instante, estendeu a mão como fizera ao tocar o punho de Bryne. — Acho que nunca me senti tão viva, tão desperta. Tia Resara dizia que a falcoaria com homens é mais divertida que com falcões, mas só entendi isso hoje.

Lutando para manter o equilíbrio no balançar da carroça, Min arregalou os olhos na direção dela.

— Você ficou doida? Quantos anos vamos perder com o juramento? Dois? Cinco? Suponho que tenha esperança de que Bryne vá passar esse tempo todo com você no colo, sendo mimada! Bem, tomara que ele deixe você cair no chão. E todo dia!

A expressão de espanto no rosto de Leane não melhorou em nada o humor de Min. Ela esperava que Min encarasse aquilo com a mesma calma? Mas não era de Leane que estava mesmo com raiva. Ela se virou para encarar Siuan.

— E você?! Quando decide se render, não se contém! Você se entrega feito uma ovelhinha no abatedouro. Por que escolheu justo *aquele* juramento? Por quê, pela Luz?

— Porque — respondeu Siuan — era o único que garantiria que ele não mandaria ninguém ficar nos vigiando dia e noite, dentro ou fora da propriedade. — Ela soou como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo, enquanto se esticava quase inteiramente nas tábuas ásperas da carroça. E Leane parecia concordar.

— Você pretende quebrá-lo? — questionou Min após alguns instantes. A pergunta saiu como um sussurro surpreso, mas, ainda assim, ela olhou com preocupação as cortinas de tela que as separavam de Joni. Min não achava que o condutor tivesse escutado.

— Pretendo fazer o necessário — respondeu Siuan com um misto de firmeza e delicadeza. — Em dois ou três dias, quando eu tiver certeza de que realmente não há ninguém nos vigiando, nós vamos embora. Receio que tenhamos que pegar cavalos, já que não temos mais os nossos. Bryne deve ter boas estrebarias. Vou acabar me arrependendo disso.

Leane continuava sentada feito uma gata com os bigodes sujos de leite. Devia ter percebido o plano desde o início. Por isso não hesitara na hora do juramento.

— Vai se arrepender de roubar cavalos? — perguntou Min, mantendo a voz baixa. — Vocês planejam quebrar um juramento que só um Amigo das Trevas quebraria, e vão se arrepender de roubar cavalos? Não consigo acreditar em vocês. Não *conheço* vocês.

— Você realmente pretende ficar aqui esfregando panelas? — perguntou Leane, falando tão baixo quanto as outras. — Com Rand à solta por aí com seu coração no bolso?

Min a encarou em silêncio. Gostaria que as duas jamais tivessem ficado sabendo que ela estava apaixonada por Rand al'Thor. Por vezes,

desejava que nem ela própria soubesse. Um homem que mal sabia da existência dela, e um homem como aquele. O que ele era já não parecia tão importante quanto o fato de que nunca prestara atenção em Min. Mas, na verdade, eram duas partes do mesmo problema. Queria afirmar que manteria o juramento e esqueceria Rand pelo tempo que fosse necessário para trabalhar e saldar sua dívida. No entanto, não conseguiu abrir a boca. *Que o queime! Se eu não tivesse conhecido Rand, não estaria nesta enrascada!*

Quando o silêncio entre elas havia se estendido demais para o gosto de Min, interrompido apenas pelo rangido ritmado das rodas e a delicada batida das patas do cavalo, Siuan falou:

— Pretendo cumprir o que prometi, mas só quando tiver terminado o que *preciso* fazer. Não jurei que o serviria imediatamente. Para ser bem justa, tive o cuidado de nem sugerir isso. Uma minúcia, eu reconheço, e algo de que Gareth Bryne não vai gostar, mas é verdade.

Impressionada, Min se curvou e se deixou sacudir pelo lento movimento da carroça.

— Vocês pretendem fugir e voltar alguns anos depois para se entregar a Bryne? Ele vai vender o couro das duas em um curtume. O *nosso* couro.

Ao dizer isso, ela se deu conta de que apoiara a solução de Siuan. Fugir, depois voltar e… *Não posso! Eu amo Rand. E ele nem notaria se Gareth Bryne me obrigasse a trabalhar em suas cozinhas pelo resto da vida!*

— Não é um homem que se deva contrariar, concordo — suspirou Siuan. — Eu já tinha me encontrado com ele antes. Fiquei aterrorizada pela ideia de ele reconhecer minha voz hoje. Rostos até mudam, mas vozes, não. — Siuan tocou o próprio rosto de maneira pensativa, como às vezes fazia, parecendo não se dar conta do gesto. — Rostos mudam… — murmurou. Então seu tom de voz ficou mais firme. — Já paguei preços altos por coisas que precisei fazer, e vou pagar mais este. Um dia. Entre se afogar e cavalgar um peixe-leão, melhor cavalgar e torcer para dar certo. Simples assim, Serenla.

— Trabalhar como serviçal está bem distante do futuro que eu escolheria — opinou Leane —, mas *vai ficar* para o futuro, e ninguém sabe o que pode acontecer até lá. Ainda me lembro muito bem de quando eu achava que nem teria futuro. — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios, seus olhos semicerrados, sonhadores, e sua voz se aveludou. — Além do quê, não acho que ele vá vender nosso couro. Me deem alguns anos de prática, depois alguns minutos com Lorde Gareth Bryne, e ele nos receberá de braços abertos e ainda vai nos alojar nos melhores quartos. Seremos embelezadas com sedas e teremos a carruagem dele à disposição para nos levar aonde

quisermos.

Min a deixou ficar envolta naquela fantasia. Por vezes, pensava que as outras duas viviam no mundo da lua. Outra questão lhe veio à mente. Era bobagem, mas estava começando a irritá-la.

— Ah, Mara, me diga uma coisa: notei que algumas pessoas sorriem quando você me chama pelo meu nome, Serenla. Bryne sorriu e disse algo sobre minha mãe ter tido uma premonição. Por quê?

— Na Língua Antiga — explicou Siuan —, seu nome significa "filha teimosa". E você realmente teve um rompante de teimosia quando nos conhecemos. Fiz bom uso do meu conhecimento ao escolher o nome. — Siuan tinha coragem de dizer aquilo? Siuan, a mulher mais teimosa do mundo?! O sorriso dela ia de orelha a orelha. — Claro que você parece estar melhorando. Na próxima aldeia, seu nome poderia ser Chalinda. Significa "garota doce". Ou talvez…

De repente, a carroça sacudiu mais forte e ganhou velocidade, como se o cavalo tivesse começado a galopar. Esbarrando uma na outra feito grãos em uma peneira, as três se encararam, surpresas. Então Siuan buscou apoio para se levantar e puxou a tela que as separava do condutor. Joni desaparecera. Lançando-se por cima do assento de madeira, a mulher assumiu as rédeas e deu um puxão, forçando o cavalo a parar. Min abriu a cortina traseira e olhou ao redor.

O trecho de estrada em que estavam cruzava um matagal, praticamente uma pequena floresta de carvalhos, olmos, pinheiros e folhas-de-couro. A poeira da súbita corrida da carroça ainda se assentava, parte dela sobre Joni, cujo corpo estava esparramado umas sessenta passadas atrás, ao lado da estrada de terra bem dura.

Instintivamente, Min saltou, saiu em disparada e se ajoelhou ao lado do corpulento condutor. O homem ainda respirava, mas os olhos estavam fechados e, na lateral da cabeça, havia um corte com bastante sangue em uma protuberância arroxeada.

Leane afastou Min e examinou a cabeça de Joni com dedos hábeis.

— Ele vai sobreviver — afirmou secamente. — Não parece ter nada quebrado, mas ele vai ter dores de cabeça por vários dias depois que acordar. — Sentada nos calcanhares, ela entrelaçou as mãos, e sua voz se entristeceu. — Seja como for, não há nada que eu possa fazer por ele. Que me queime, prometi a mim mesma que não lamentaria mais por isso.

— A questão… — Min engoliu em seco e recomeçou. — A questão é: colocamos o homem na carroça e o levamos à propriedade ou… fugimos?

Pela Luz, sou igualzinha a Siuan!

— Podemos levá-lo só até a próxima fazenda — sugeriu Leane.

Siuan foi até elas, puxando as rédeas como se temesse que o plácido animal pudesse mordê-la. Ao dar uma olhada para o homem no chão, franziu a testa.

— Ele jamais imaginou que cairia da carroça. Não estou vendo nenhuma pedra ou raiz que possa ter causado a queda. — Quando a mulher começou a examinar a vegetação do entorno, um homem montado em um imponente garanhão negro surgiu de trás das árvores conduzindo três éguas, uma delas desgrenhada e duas mãos menor que as outras duas.

Era um homem alto, trajando um manto de seda azul com uma espada na lateral, cabelos que ondulavam na altura dos ombros largos, e dono de uma beleza soturna, apesar da expressão endurecida, como se os infortúnios o tivessem marcado profundamente. E era o último homem que Min esperava ver.

— Isto é obra sua? — perguntou Siuan.

Parando o cavalo ao lado da carroça, Logain sorriu, embora não houvesse muito prazer no gesto.

— Estilingues são armas úteis, Mara. Vocês têm sorte de eu estar aqui. Pensei que só deixariam a aldeia daqui a algumas horas, e que sairiam andando com dificuldade. Parece que o lorde local foi indulgente. — De repente, seu rosto ficou ainda mais sombrio, e a voz, dura feito pedra. — Acharam que eu iria abandoná-las à própria sorte? Talvez devesse. Você me fez promessas, Mara. Quero a vingança que me prometeu. Acompanhei você nesta busca, mesmo sem saber seus motivos, por quase metade do caminho até o Mar das Tempestades. Não lhe fiz perguntas sobre como pretende me dar o que prometeu, mas agora vou ser mais direto: seu tempo está se esgotando. Termine logo sua busca e cumpra as promessas, ou vou abandoná-la para que se vire sozinha. Você vai perceber bem rápido que a maior parte das aldeias é bem pouco simpática a estranhos sem dinheiro. Três mulheres bonitas sozinhas? Isso aqui — Logain tocou a espada em sua cintura — as manteve vivas mais vezes do que imaginam. Encontre logo o que está procurando, Mara.

Ele não fora tão arrogante no começo daquela jornada. Naquela época, ficara humildemente agradecido pela ajuda *delas* — tão humilde quanto um homem como Logain podia ser, pelo menos. Parecia que o tempo e a falta de resultados haviam murchado sua gratidão.

Siuan não se curvou ao olhar dele.

— Espero encontrar logo — afirmou ela, convicta. — Mas, caso queira ir, deixe nossos cavalos e vá! Se não quer remar, abandone o barco e trate de ir nadando sozinho! Experimente ver até onde vai, movido apenas pela sua vingança.

As mãos grandes de Logain apertaram tanto as rédeas que Min

ouviu as articulações estalarem. Ele tremia, as emoções em xeque.

— Vou ficar um pouco mais, Mara — respondeu ele, por fim. — Só um pouquinho mais.

Por um instante, aos olhos de Min, uma auréola brilhou em torno da cabeça de Logain, uma coroa radiante azul e dourada. Siuan e Leane não viram nada, claro, embora soubessem da habilidade de Min. Às vezes, ela via coisas a respeito de algumas pessoas — visões, como chamava. Eram imagens ou auras. Em certas situações, Min entendia o que significavam: aquela mulher vai se casar, aquele homem vai morrer. Pequenas questões ou grandes eventos, felizes ou sombrios, sem quê nem por quê, sem quem nem quando nem onde. Aes Sedai e Guardiões sempre tinham auras, mas a maioria das pessoas, não. Ter aquelas visões nem sempre era agradável.

Min já vira a auréola de Logain e sabia o que significava: glórias futuras. Mas não fazia o menor sentido prever aquilo para ele, talvez ainda menos do que para qualquer homem. Seu cavalo, sua espada e seu manto tinham sido conseguidos em jogos de dados, embora Min não estivesse certa de que haviam sido completamente honestos. Fora as promessas de Siuan, ele não tinha mais nada, nenhuma outra perspectiva. E como Siuan poderia cumprir sua palavra? A simples menção do nome dele provavelmente resultaria em uma sentença de morte. Não fazia mesmo sentido.

O humor de Logain melhorou tão rápido quanto havia piorado. Puxando uma gorda bolsa de lã do cinto, chacoalhou-a na direção das mulheres.

— Consegui algumas moedas. Não vamos precisar dormir em outro estábulo por algum tempo.

— Ficamos sabendo — retrucou Siuan, seca. — Suponho que eu não deveria ter esperado nada melhor de você.

— Encare isso como uma contribuição para a sua busca. — Ela esticou a mão, mas Logain amarrou a bolsa de volta ao cinto com um sorriso ligeiramente zombeteiro. — Eu não gostaria de macular sua mão com moedas roubadas, Mara. Além disso, talvez seja uma maneira de garantir que *você* não vai partir e *me* largar aqui. — Siuan parecia capaz de partir um prego ao meio com os dentes, mas não falou nada. De pé nos estribos, Logain examinou a estrada na direção de Fontes de Kore. — Vejo um rebanho de ovelhas e dois garotos vindo em nossa direção. Hora de ir. Eles vão espalhar a notícia sobre o que aconteceu tão rápido quanto conseguirem correr. — Sentando-se de novo na sela, ele olhou para Joni, ainda deitado e inconsciente. — Os garotos vão providenciar socorro para este sujeito. Acho que não acertei forte o bastante para machucar gravemente.

Min balançou a cabeça. Aquele homem não parava de surpreendê-la. Ela jamais imaginaria que Logain dedicaria um segundo

sequer de atenção a um homem cuja cabeça ele acabara de quebrar.

Siuan e Leane não perderam tempo e se acomodaram nas selas de cepilho alto, Leane na égua cinzenta que chamava de Flor da Lua, e Siuan em Bela, a fêmea pequena e desgrenhada. Siuan, que de amazona não tinha nada, penou um pouco mais para ficar confortável e, após várias semanas de montaria, ainda tratava a mansa Bela como um temível animal de guerra. Por sua vez, Leane manejava Flor da Lua sem o menor esforço. Min sabia que estava em algum ponto intermediário, já que montara Rosa Selvagem, sua égua avermelhada, com graça consideravelmente maior que a de Siuan, porém menor que a de Leane.

— Acha que ele vai vir atrás da gente? — conjecturou Min enquanto o grupo começava a trotar rumo ao sul, afastando-se de Fontes de Kore. A pergunta fora dirigida a Siuan, mas foi Logain quem a respondeu.

— O Lorde? Duvido que considere vocês tão importantes assim. Ele pode mandar um emissário, claro, e certamente vai espalhar a descrição das três. Vamos cavalgar o máximo possível hoje e amanhã. — Parecia que Logain estava assumindo o comando.

— Não somos tão importantes assim — retrucou Siuan, balançando precariamente na sela. Ela podia até estar ressabiada com Bela, mas o olhar que dirigia às costas de Logain indicava que o desafio do homem à sua autoridade não duraria muito.

No que lhe cabia, Min torcia para que Bryne realmente não as considerasse importantes. O que era provável. Desde que jamais descobrisse seus nomes verdadeiros. Quando Logain acelerou o trote do garanhão, ela forçou Rosa Selvagem a acompanhar o ritmo e concentrou os pensamentos no que estava por vir, não no que ficara para trás.

Prendendo as luvas de couro no cinturão da espada, Gareth Bryne pegou o chapéu de veludo com aba dobrada que estava na escrivaninha. A peça era a última moda em Caemlyn. Caralin se certificara disso. Ele não ligava para moda, mas ela acreditava que Bryne deveria se vestir de acordo com sua posição, e o que a mulher separava para ele pela manhã eram sedas e veludos.

Conforme ajustava o chapéu de copa alta na cabeça, Bryne espiou seu reflexo sombreado em uma das janelas do gabinete. Fazia sentido que a peça fosse muito delicada e esvoaçante. Podia estreitar os olhos o quanto fosse, mas o chapéu e o casaco cinza, com bordados prateados nas mangas e na gola, não se pareciam nem um pouco com o elmo e a armadura com que estava acostumado. Aquilo era coisa do passado. Já isto… isto era algo para preencher as horas vagas. Apenas isso.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Lorde Gareth?

Da janela, o homem se virou para o local onde estava Caralin, ao lado da própria escrivaninha, no extremo oposto da dele e tomada pelos livros de registro da propriedade. Ela administrara o patrimônio durante todos os anos em que o lorde estivera ausente e, sem dúvida, ainda se saía melhor que ele na função.

— Se tivesse decidido que elas iriam trabalhar para Admer Nen, como manda a lei — continuou ela —, nada disso seria problema seu.

— Mas minha decisão foi outra — respondeu Bryne. — E faria o mesmo, se tivesse que julgá-las outra vez. Você sabe tão bem quanto eu que Nen e todos os homens daquela família tentariam acuar aquelas garotas dia e noite. Além disso, Maigan e as outras transformariam a vida das três no Poço da Perdição, isso se as garotas não caíssem acidentalmente em um poço e se afogassem.

— Nem Maigan recorreria a um poço — opinou Caralin secamente. — Não com o tempo do jeito que está. Mesmo assim, entendo seu ponto, Lorde Gareth. Mas elas já tiveram a maior parte de um dia e uma noite inteira para fugir em qualquer direção. Se espalhar notícias sobre a fuga, o senhor vai encontrar as três logo. Isso se puderem ser localizadas.

— Thad consegue rastreá-las. — Com seus mais de setenta anos, Thad ainda conseguia seguir a trilha do vento do dia anterior sobre pedras nuas, e à luz do luar. E andava felicíssimo de passar a olaria ao filho.

— Se o senhor diz, Lorde Gareth. — A relação entre Caralin e Thad não era boa. — Bem, quando o senhor as trouxer de volta, com certeza tenho uso para elas na casa.

Alguma coisa no tom dela, algo muito natural, despertou a atenção de Bryne. Um toque de satisfação. Praticamente desde o dia em que ele chegara em casa, Caralin trouxera para a propriedade uma sucessão de belas criadas e camponesas, todas bastante dispostas a ajudar o Lorde a se esquecer de seus infortúnios.

— As três quebraram um juramento, Caralin. Temo que, para elas, só restem os campos.

Um aperto leve e exasperado dos lábios da mulher confirmou as suspeitas de Bryne, mas Caralin manteve o tom de voz indiferente.

— As outras duas, talvez, Lorde Gareth, mas a graciosidade da garota domanesa seria um desperdício nos campos. Ela ficaria ótima servindo à mesa. É uma jovem incrivelmente bonita. Em todo caso, será como o senhor ordenar, claro.

Então era aquela a escolhida de Caralin. Uma jovem incrivelmente bonita, de fato. Porém, estranhamente diferente das demais domanesas que Bryne já conhecera. Um pouco hesitante aqui, apressada demais ali. Como se estivesse testando seus talentos pela

primeira vez. Isso era impossível, claro. As domanesas treinavam as filhas para fazer os homens comerem em suas mãos quase que desde o berço. Não que aquela garota não tivesse conseguido mexer com ele, admitia. Se Caralin a tivesse apresentado a ele misturada entre as camponesas… Incrivelmente bonita.

Sendo assim, por que não era o rosto dela que não parava de lhe vir à mente? Por que se via pensando em um par de olhos azuis? Ela o desafiara como se desejasse ter uma espada e, mesmo amedrontada, recusara-se a sucumbir ao medo. Mara Tomanes. O Lorde tivera certeza de que ela era do tipo que honraria a palavra, mesmo sem fazer juramentos.

— Vou trazê-la de volta — murmurou para si mesmo. — Vou descobrir por que ela quebrou o juramento.

— Como quiser, milorde — anuiu Caralin. — Pensei que ela daria uma boa camareira para o seu quarto. Sella está ficando um pouco velha para subir e descer as escadas para atendê-lo durante a noite.

Bryne piscou para ela. O quê? Ah, a garota domanesa. A tolice de Caralin o fez balançar a cabeça. Mas será que era menos tolo do que ela? Bryne era o lorde local e deveria permanecer ali para cuidar de seu povo. No entanto, Caralin fizera isso melhor do que ele durante todos os anos que passara fora. O Lorde entendia de campos, soldados e campanhas, e talvez soubesse um pouco sobre como se virar entre as intrigas da corte. A mulher estava certa. Ele deveria esquecer a espada e aquele chapéu idiota e deixar Caralin escrever as descrições das garotas e…

Em vez disso, Bryne disse:

— Tome cuidado com Admer Nen e sua família. Eles vão tentar enganar você o máximo que puderem.

— Como quiser, milorde. — As palavras dela foram impecavelmente respeitosas, mas o tom de voz dizia a ele para ir ensinar o avô a tosquiar ovelhas. Rindo sozinho, o homem saiu.

A sede da propriedade era pouco mais que uma casa de fazenda maior que o normal, com dois andares de tijolo e pedras sob um telhado de ardósia, e fora ampliada inúmeras vezes por várias gerações de Bryne. A Casa Bryne era proprietária daquelas terras — ou as terras eram donas dos Bryne — desde que Andor fora forjada a partir dos destroços do império de Artur Asa-de-gavião, mil anos antes. E, desde então, os Bryne haviam enviado seus filhos para lutar nas guerras andorianas. Ele não lutaria nenhuma outra guerra, mas era tarde demais para a Casa Bryne. Houvera guerras demais, batalhas demais, e ele era o último da linhagem. Nenhuma esposa, filho ou filha. A linhagem se encerrava nele. Tudo chegava ao fim; a Roda do Tempo girava.

No pátio pavimentado com pedras bem à frente da sede da

propriedade, vinte homens aguardavam ao lado de cavalos encilhados. Em sua maioria, homens mais grisalhos que Bryne, isso quando ainda tinham cabelos. Todos soldados experientes, antigos integrantes e líderes de esquadrões, além de porta-estandartes que haviam servido ao lado dele em um momento ou outro da carreira. Joni Shagrin, que fora Porta-Estandarte Sênior das Guardas, estava logo à frente com uma bandagem na cabeça, embora Bryne soubesse que as filhas dele haviam enviado os próprios filhos para substituí-lo com a intenção de mantê-lo em repouso. Joni era um dos poucos que tinha família, ali ou em qualquer outro local. A maioria escolhera vir e voltar a servir Gareth Bryne, em vez de gastar todo o dinheiro das pensões bebendo e contando histórias que só outro velho soldado gostaria de ouvir.

Todos carregavam espadas presas aos cinturões dos casacos, e alguns haviam se armado de compridas lanças com ponta de aço que, até aquela manhã, tinham passado muitos anos penduradas na parede. Todas as selas estavam equipadas com um cobertor enrolado, além de gordos alforjes, uma panela ou chaleira e bolsas cheias d'água. Parecia que o grupo estava partindo rumo a uma campanha, e não para uma viagem de uma semana em busca das três mulheres que haviam ateado fogo a um estábulo. Uma chance de reviver os velhos tempos, ou ao menos de fazer de conta.

Bryne se perguntou se era aquilo que o estava motivando. Ele certamente era velho demais para sair em cavalgada atrás dos lindos olhos de uma garota que tinha idade para ser sua filha. Talvez neta. *Não sou tão tolo assim*, disse a si mesmo, com firmeza. Caralin administraria melhor as coisas sem ele se intrometendo.

Um esguio baio castrado veio galopando em meio aos carvalhos que ladeavam o caminho para a estrada, e o cavaleiro que o conduzia saltou da sela antes de o animal parar totalmente. O homem se desequilibrou um pouco, mas ainda conseguiu pôr o punho sobre o coração, fazendo a devida saudação a Bryne. Barim Halle, que servira o Lorde anos antes como integrante sênior de esquadrão, era rijo e forte, e sua cabeça mais lembrava um ovo, com sobrancelhas brancas que pareciam querer compensar a ausência de cabelo.

— O senhor foi chamado a Caemlyn outra vez, meu Capitão-General? — perguntou ele, ofegante.

— Não — respondeu Bryne, exageradamente incisivo. — Onde você estava com a cabeça ao vir cavalgando até aqui como se tivesse toda a cavalaria cairhiena na cola? — Alguns dos outros cavalos estavam se agitando, contagiados pelo estado de espírito do castrado.

— Não ia cavalgar rápido assim, milorde, a não ser que nós estivéssemos perseguindo eles. — O sorriso de Barim desapareceu quando o homem viu que Bryne não estava achando graça. — Bem, Lorde Bryne, eu vi os cavalos e achei que… — Ele voltou a olhar para

Bryne e interrompeu o raciocínio. — Na verdade, bem, também escutei umas histórias… Fui até Nova Braem para ver minha irmã e ouvi cada coisa…

Nova Braem era mais velha que Andor — a "velha" Braem fora destruída nas Guerras dos Trollocs, mil anos antes de Artur Asa-de-gavião — e era um bom lugar para ouvir histórias. De tamanho mediano, era uma cidade de fronteira bem a leste das terras de Bryne, na estrada entre Caemlyn e Tar Valon. Mesmo com o comportamento atual de Morgase, os mercadores mantinham a estrada movimentada.

— Bem, então desembuche, homem. Se há notícias, quais são?

— Hum, estou tentando ver por onde começo, milorde. — Inconscientemente, Barim endireitou-se, como se fosse passar a ele um relatório. — O mais importante, acho, é que estão dizendo que Tear caiu. Os Aiel conquistaram a Pedra, e a Espada Que Não Pode Ser Tocada foi tocada, sim. Dizem que alguém empunhou a espada.

— Um Aiel a empunhou? — questionou Bryne, incrédulo.

Um Aiel preferiria morrer a tocar uma espada. Ele vira isso acontecer na Guerra dos Aiel. Apesar de dizerem que *Callandor* não era, de fato, uma espada. Fosse lá o que isso significasse.

— Não disseram, milorde. Escutei alguns nomes. Um tal de Ren alguma coisa. Mas falavam como se fosse verdade, não boato. Como se todo mundo soubesse.

Bryne franziu a testa. Caso fosse verdade, era um problema dos mais sérios. Se *Callandor* tivesse sido empunhada, então o Dragão havia Renascido. De acordo com as Profecias, aquilo indicava que a Última Batalha se aproximava, que o Tenebroso estava se libertando. O Dragão Renascido salvaria o mundo, afirmavam as Profecias. E o destruiria. Essa, por si só, era uma notícia capaz de fazer Halle sair galopando, se ele parasse para pensar a respeito.

Porém, o sujeito com cabeça de ovo ainda não terminara.

— As novas de Tar Valon são quase tão importantes, milorde. Dizem que o Trono de Amyrlin tem uma nova dona. É Elaida, milorde, a antiga conselheira da Rainha. — Halle apressou-se em seguir com o assunto. Morgase era um terreno proibido, e todos os homens ali sabiam disso, mesmo que Bryne nunca tivesse dito. — Dizem que a antiga Amyrlin, Siuan Sanche, foi estancada e executada. E Logain também morreu. Aquele Dragão falso que elas pegaram e amansaram no ano passado. Falaram como se fosse verdade, milorde. Tinha gente dizendo que estava em Tar Valon quando tudo aconteceu.

Logain não era muito importante, mesmo que tivesse desencadeado uma guerra em Ghealdan por afirmar que era o Dragão Renascido. Houvera vários falsos Dragões nos últimos anos. Ele, porém, era capaz de canalizar, isso era fato. Até as Aes Sedai o amansarem. Bom, ele não fora o primeiro homem a ser capturado e

amansado, apartado do Poder de modo a nunca mais conseguir canalizar. Diziam que homens assim não viviam muito tempo, fossem eles falsos Dragões ou meros pobres-coitados que caíram nas mãos da Ajah Vermelha. Dizia-se que eles perdiam toda vontade de viver.

Siuan Sanche, porém, era uma notícia e tanto. Bryne a conhecera cerca de três anos antes. Uma mulher que exigia obediência e não dava justificativas. Durona feito uma bota velha, dona de uma língua afiada como uma lima e o temperamento de um urso com dor de dente. Era de se esperar que ela dilacerasse qualquer pretendente oportunista, membro após membro, com as próprias mãos. Estancar uma mulher era a mesma coisa que amansar um homem, mas bem mais raro. Especialmente para uma ocupante do Trono de Amyrlin. Em três mil anos, pelo menos no que a Torre admitia, apenas duas das Amyrlin tinham padecido desse destino, embora fosse possível que as Aes Sedai tivessem escondido outras duas dezenas. A Torre era muito boa em esconder o que quisesse. No entanto, uma execução após um estancamento parecia desnecessária. Dizia-se que as mulheres não viviam mais depois de estancamentos do que os homens depois de amansamentos.

Tudo aquilo cheirava a confusão. Todos sabiam que a Torre possuía alianças secretas, conexões com tronos e lordes e damas poderosos. Com uma nova Amyrlin ascendida dessa maneira, decerto haveria quem tentasse testar se as Aes Sedai continuavam alertas. E, uma vez que esse sujeito de Tear subjugasse qualquer oponente — não que fosse haver muita oposição, caso ele tivesse mesmo conquistado a Pedra —, avançaria em direção a Illian ou Cairhien. A questão era: com que velocidade conseguiria avançar? Forças se uniriam contra ele, ou a favor? Ele devia ser o verdadeiro Dragão Renascido, mas as Casas se alinhariam dos dois lados, e o povo também. E se surgissem briguinhas porque a Torre…

— Velho tolo — murmurou o Lorde. Ao ver que Barim se assustou, explicou: — Não você. Outro velho tolo.

Nada daquilo ainda era da conta dele, exceto decidir, quando chegasse a hora, a que lado a Casa Bryne se aliaria. Não que alguém desse a mínima, a não ser para saber se o atacaria ou não. A Casa Bryne nunca fora grande ou poderosa.

— Então, milorde? — Barim deu uma olhada para os homens que aguardavam em seus cavalos. — Acha que pode precisar de mim, milorde?

Sem nem perguntar onde ou por quê. Ele não era o único que estava entediado com a vida no campo.

— Alcance nosso grupo quando terminar de organizar seu equipamento. A princípio, vamos seguir em direção ao sul pela Estrada dos Quatro Reis.

Barim o saudou e partiu, puxando o cavalo logo atrás.

Montando na sela, Bryne fez um gesto indicando que partissem, e os homens formaram colunas de duplas atrás dele à medida que começaram a percorrer o caminho ladeado por carvalhos. Ele queria respostas. E as teria, nem que precisasse pegar a tal Mara pela nuca e sacudi-la até conseguir.

A Grã-lady Alteima relaxou quando os portões do Palácio Real de Andor se abriam para a entrada de sua carruagem. Não tinha certeza de que isso aconteceria. Demorara bastante para conseguir que um bilhete fosse levado até lá, por certo, e mais ainda para receber uma resposta. Sua criada, uma garota magrela adquirida ali mesmo em Caemlyn, olhava tudo com atenção e, animada por estar entrando no palácio, só faltava pular no assento em frente.

Abrindo o leque de renda, Alteima tentou se refrescar. Faltava um bocado para o meio-dia, e o calor ainda pioraria bem mais. E pensar que ela sempre imaginara Andor como um lugar fresco. Às pressas, revisou uma última vez o que pretendia dizer. Era uma mulher bonita — e sabia exatamente quanto —, com grandes olhos castanhos que faziam alguns pensarem, de maneira equivocada, que era inocente, até inofensiva. Alteima tinha noção de que não era nada daquilo, mas lhe convinha bastante que os outros pensassem assim. Sobretudo ali, e naquele dia. Sua carruagem transportara quase todo o ouro que a lady conseguira pegar ao fugir de Tear. Se quisesse se restabelecer, precisaria de amigos poderosos, e não havia ninguém mais poderoso em Andor do que a mulher com quem viera se encontrar.

O veículo parou próximo a uma fonte em um pátio cercado de colunas, e um serviçal com uniforme vermelho e branco apressou-se para abrir a porta. Alteima mal olhou para o pátio ou para o homem que a atendeu. Seu pensamento estava todo na reunião de logo mais. Seus cabelos negros se derramavam até o meio das costas, brotando de uma touca adornada com pequenas pérolas, e mais pérolas se enfileiravam nas preguinhas do vestido de gola alta de seda verde-água. Certa vez, cinco anos antes, durante uma visita oficial, ela se encontrara rapidamente com Morgase. Era uma mulher que irradiava poder, tão reservada e majestosa quanto se esperaria de uma rainha, e seus modos andorianos eram perfeitos. O que significava que era bastante formal. Corriam boatos pela cidade de que tinha um amante, um homem aparentemente não muito admirado, e aquilo, claro, não pegava nada bem. Entretanto, pelo que Alteima lembrava, a formalidade do vestido — e a gola alta deveria agradar Morgase.

Tão logo as sandálias da lady tocaram com firmeza as pedras do pavimento, a criada, Kara, pulou para fora e começou a ajustar o caimento das pregas do vestido. Isso até Alteima fechar o leque e bater

com ele no punho da garota. Um pátio não era lugar para aquilo. Kara — que nome idiota — se encolheu e apertou o punho com uma expressão magoada e os olhos cheios de lágrimas.

Irritada, Alteima apertou os lábios. A garota mal sabia receber uma reprimenda leve. Estiveram se enganando: aquela jovem não daria conta, era nitidamente destreinada. Mas uma lady precisava de uma criada, especialmente se quisesse se diferenciar da massa de refugiados em Andor. Vira homens e mulheres trabalhando sob o sol e até pedindo esmolas nas ruas, todos trajando o que restara das vestimentas de nobres cairhienos. Alteima pensou reconhecer uma ou duas pessoas, e talvez devesse oferecer serviço a uma delas. Quem saberia mais sobre os deveres da criada de uma lady do que uma própria lady? Além do mais, se já tinham sido rebaixados a fazer trabalhos braçais, agarrariam a oportunidade com unhas e dentes. Poderia ser divertido ter uma antiga "amiga" como criada. Para aquela ocasião, no entanto, era tarde demais. E uma criada destreinada, uma garota local, demonstrava com muita clareza que Alteima estava no limite de seus recursos, a apenas um passo de se tornar, ela própria, uma mendiga.

Fez uma expressão que demonstrava gentileza e preocupação.

— Machuquei você, Kara? — perguntou com doçura. — Fique aqui na carruagem e cuide do seu braço. Tenho certeza de que alguém virá lhe trazer água fresca. — A insensata gratidão no rosto da garota era estarrecedora.

Os homens uniformizados, bem-treinados, ficaram parados olhando para o nada. Ainda assim, se Alteima sabia alguma coisa sobre serviçais, as fofocas sobre sua gentileza se espalhariam.

Um jovem alto surgiu diante dela, trajando o manto vermelho de gola branca e a armadura lustrosa da Guarda da Rainha. Ele se curvou, uma das mãos no punho da espada.

— Sou o Guarda-Tenente Tallanvor, Grã-lady. Se fizer a gentileza de me acompanhar, escoltarei a senhora até a Rainha Morgase. — O rapaz lhe ofereceu o braço, e ela aceitou, única atenção que rendeu a ele. Não tinha o menor interesse em soldados, a não ser que fossem generais e lordes.

Enquanto Tallanvor a guiava por amplos corredores repletos de homens e mulheres uniformizados andando para lá e para cá — todos tratando de não ficar em seu caminho, claro —, a lady examinou com discrição as belas tapeçarias nas parede, os baús e as cômodas de marfim incrustado, as bandejas e os vasos com acabamento em ouro e prata, além das delicadas porcelanas do Povo do Mar. O Palácio Real não exibia tanta riqueza quanto a Pedra de Tear, mas Andor ainda era uma terra rica, talvez até tão rica quanto Tear. Um lorde com mais idade cairia bem, maleável nas mãos de uma mulher ainda jovem, e já

um pouco fraco e vulnerável. E com vastas terras. Seria um bom começo, enquanto ela tratava de descobrir exatamente como funcionava o poder em Andor. Umas poucas palavras trocadas com Morgase alguns anos antes não serviriam muito como apresentação, mas Alteima possuía o que uma rainha poderosa sempre desejava e necessitava: informações.

Por fim, Tallanvor a conduziu a uma ampla sala de estar de teto alto pintado com pássaros e nuvens em um céu azul, onde cadeiras douradas ricamente entalhadas repousavam em frente a uma lareira de mármore branco polido. Alteima notou, com prazer, que o grande tapete vermelho e dourado era uma peça tairena. O rapaz apoiou-se em um joelho:

— Minha Rainha — disse ele, a voz subitamente áspera —, conforme suas ordens, apresento a Grã-lady Alteima, de Tear.

Morgase acenou para que o rapaz saísse.

— Você é bem-vinda aqui, Alteima. É bom vê-la novamente. Sente-se, e conversaremos.

Alteima fez uma reverência e murmurou agradecimentos antes de escolher uma cadeira. A inveja a consumia por dentro. Lembrava-se de Morgase como uma mulher bonita, mas a realidade daqueles cabelos dourados mostrou como sua memória era desbotada. Morgase era uma rosa completamente desabrochada, pronta para ofuscar qualquer outra flor. Alteima não culpava o jovem soldado por ter tropeçado ao sair. Estava contente por ele ter ido, assim não ficaria consciente do olhar do rapaz comparando-as.

Contudo, também havia diferenças. Grandes diferenças. Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-Trono da Casa Trakand, tão reservada, majestosa e formal, trajava um vestido de seda branca cintilante com um decote grande o bastante para chocar uma taberneira do Maule, e que era tão justo nos quadris e nas coxas que ficaria bem em uma taraboniana oferecida. Os boatos, claramente, eram verdade: Morgase tinha um amante. E, para ter se transformado tanto, também estava claro que *ela* queria agradar o tal Gaebril, e não o contrário. Morgase ainda emanava um poder e uma presença que preenchiam o ambiente, mas aquele vestido ofuscava as duas coisas.

Alteima ficou duplamente satisfeita por estar usando gola alta. Uma mulher tão profundamente dominada por um homem poderia ter um rompante de ciúme com a menor das provocações, ou até sem nenhuma. Se fosse apresentada a Gaebril, demonstraria o máximo de indiferença que a civilidade permitisse. Uma mera suspeita de *pensar* em roubar o amante de Morgase poderia lhe render o nó de uma forca, e não um marido rico já mal das pernas. Ela própria teria feito o mesmo.

Uma mulher de uniforme vermelho e branco trouxe vinho, um murandiano excelente, e o serviu em cálices de cristal entalhados com o Leão de Andor. Quando Morgase pegou um dos cálices, Alteima notou o anel, uma serpente de ouro engolindo a própria cauda. O anel da Grande Serpente era usado por algumas mulheres que haviam treinado na Torre Branca, como Morgase, mas que não haviam se tornado Aes Sedai, e também pelas próprias Aes Sedai. Era uma tradição milenar que as Rainhas de Andor fossem treinadas na Torre. Mas os rumores mais fortes falavam de um rompimento entre Morgase e Tar Valon, e o sentimento anti-Aes Sedai que se via nas ruas poderia ter sido abafado rapidamente caso Morgase assim quisesse. Por que ela ainda estava usando o anel? Até descobrir a resposta, Alteima mediria muito bem suas palavras.

A mulher de uniforme afastou-se para o canto da sala, longe demais para ouvir qualquer coisa, mas perto o bastante para perceber quando o vinho deveria ser servido outra vez.

Dando um gole, Morgase começou a conversa.

— Faz tempo desde que nos vimos. Seu marido está bem? Está em Caemlyn com você?

Alteima mudou de estratégia às pressas. Não imaginara que Morgase saberia que era casada, mas sempre tivera a capacidade de repensar rápido as coisas.

— Tedosian estava bem na última vez em que o vi. — Quisera a Luz que morresse logo. Até para que a vida dela continuasse. — Ele andava em dúvida quanto a servir esse Rand al'Thor, e é perigoso ficar em cima desse muro. Ora, lordes vêm sendo enforcados como se fossem criminosos comuns.

— Rand al'Thor — divagou Morgase, com a voz suave. — Eu o conheci, certa vez. Não parecia o tipo que se autoproclamaria o Dragão Renascido. Um jovem pastor assustado tentando não demonstrar medo. Embora, pensando bem, ele parecesse estar procurando… uma saída. — Os olhos azuis da Rainha se ensimesmaram. — Elaida me alertou sobre ele. — Ela pareceu dizer essas últimas palavras sem nem perceber.

— Então Elaida era sua conselheira? — perguntou Alteima, com cautela. Sabia que sim, o que tornava os boatos de um rompimento ainda mais difíceis de engolir. Precisava saber se era verdade. — Agora que ela é a Amyrlin, você a substituiu?

Os olhos de Morgase voltaram ao normal.

— Claro que não! — No instante seguinte, sua voz se suavizou novamente. — Minha filha, Elayne, está em treinamento na Torre. Ela já foi elevada a Aceita.

Alteima agitou o leque, torcendo para que o suor não brotasse em sua testa. Se Morgase não compreendia os próprios sentimentos com

relação à Torre, não havia nada seguro a dizer. Os planos de Alteima fraquejavam à beira de um precipício.

Foi quando Morgase resgatou não só os planos, mas a própria lady.

— Você disse que seu marido estava dividido quanto a Rand al'Thor. E você?

Alteima quase suspirou de alívio. Morgase podia até estar se comportando como uma camponesa deselegante no que se referia ao tal Gaebril, mas seu juízo permanecia intacto quando o assunto era poder e potenciais perigos ao seu reino.

— Claro que eu o observei de perto na Pedra. — Aquilo deveria plantar a semente, se é que ela precisava ser plantada. — O homem consegue canalizar, e um homem com essa capacidade sempre deve ser temido. Além disso, ele é o Dragão Renascido. Não há dúvida. A Pedra foi tomada e, na ocasião, *Callandor* estava nas mãos dele. As Profecias… Temo que deva deixar a decisão do que fazer quanto ao Dragão Renascido para aqueles que são mais sábios que eu. Só sei que estou com medo de permanecer em um local comandado por ele. Nem uma Grã-lady de Tear é capaz de rivalizar com a coragem da Rainha de Andor.

A mulher de cabelos dourados lhe devolveu um olhar que a deixou receosa de ter exagerado na bajulação. Algumas pessoas não gostavam de ser elogiadas de maneira muito escancarada. Morgase, no entanto, só fez se inclinar na cadeira e tomar um gole de vinho.

— Me fale mais sobre ele, sobre esse homem que, supostamente, vai nos salvar, mas também nos destruir durante o processo.

Sucesso. Ou, pelo menos, um princípio.

— Ele é um homem perigoso, e não só pelo que consegue fazer com o Poder. Um leão parece estar com preguiça, sonolento, até que ataca de repente, pura força e velocidade. Rand al'Thor aparenta ser inocente, não preguiçoso, e ingênuo, não sonolento, mas, quando ataca… Ele não tem o menor respeito por pessoas nem posições. Não exagerei quando disse que já enforcou lordes. É um semeador da anarquia. Em Tear, sob suas novas leis, até um Grão-lorde ou uma Grã-lady podem ser convocados perante um magistrado para receber multas ou, pior ainda, ser acusados pelos camponeses ou pescadores mais baixos. Ele…

Alteima se manteve absolutamente fiel ao que acreditava ser verdade. Quando necessário, era capaz de dizer verdades tão rápido quanto mentia. Morgase bebericava o vinho e escutava. A lady poderia ter pensado que ela estava apenas relaxando de modo indolente, mas os olhos da Rainha demonstravam que assimilava e guardava cada palavra.

— A senhora precisa entender — concluiu Alteima — que só falei

o básico. Rand al'Thor e o que ele tem feito em Tear são assunto para muitas horas.

— Você terá essas horas — afirmou Morgase, e Alteima sorriu internamente. Sucesso. — É verdade — continuou a Rainha — que ele trouxe Aiel consigo até a Pedra?

— Ah, sim. Grandes selvagens que passam metade do tempo com os rostos cobertos. Até as mulheres estão prontas para matar a qualquer momento. Eles os seguiam feito cães, aterrorizando a todos, e levaram da Pedra o que bem entenderam.

— Pensei que não passasse do mais absurdo dos boatos — refletiu Morgase. — Muitos rumores têm surgido neste último ano, mas faz duas décadas que eles não saem do Deserto, desde a Guerra dos Aiel. O mundo certamente não precisa desse Rand al'Thor trazendo os Aiel de volta. — O olhar da Rainha voltou a se aguçar. — Você disse "seguiam". Eles foram embora?

Alteima assentiu.

— Pouco antes de eu deixar Tear. E al'Thor foi com eles.

— Com eles! — exclamou Morgase. — Eu temia que ele já estivesse em Cairhien neste exato…

— Recebendo visita, Morgase? Eu deveria ter sido informado. Assim, poderia cumprimentá-la.

Um homem grande e alto adentrou a sala, seu manto vermelho com bordados em ouro cobrindo os ombros enormes e o peito avantajado. Alteima não precisou ver o olhar radiante no rosto de Morgase para saber que se tratava de Lorde Gaebril. A segurança com que o sujeito interrompera a Rainha já dizia tudo. Ele ergueu um dedo, e a serviçal fez uma reverência e se retirou rapidamente. O homem também não pedia permissão a Morgase para dispensar suas próprias serviçais. Era dono de uma beleza incrível, sombria, e rajadas de branco lhe cobriam as têmporas.

Fazendo uma expressão de descaso, Alteima providenciou um sorriso que não chegava a ser acolhedor, mais adequado a um tio idoso que não possuísse nem poder, nem riqueza, nem influência. Aquele homem podia até ser bem bonito, mas, mesmo que não pertencesse a Morgase, não era do tipo que ela tentaria manipular, a menos que por absoluta necessidade. A aura de poder em torno dele talvez fosse maior até que a da Rainha.

Gaebril se pôs ao lado de Morgase e, com toda a naturalidade, pousou a mão no ombro nu da mulher. A Rainha chegou muito perto de repousar a bochecha no dorso da mão dele, mas os olhos do homem estavam fixos em Alteima. A lady estava acostumada a ter homens encarando-a, mas aqueles olhos a deixavam nervosa. Eram penetrantes demais, viam coisas demais.

— Você vem de Tear? — O som profundo da voz do homem lhe

causou formigamentos por todo o corpo. A sensação em sua pele, e até nos ossos, era a de que havia sido mergulhada em água gelada, mas, estranhamente, sua ansiedade momentânea se derreteu.

Quem respondeu foi Morgase. Alteima parecia não conseguir encontrar a própria língua com aquele homem a encarando.

— Esta é a Grã-lady Alteima, Gaebril. Ela estava me contando sobre o Dragão Renascido. Alteima estava presente quando a Pedra de Tear foi tomada. Gaebril, realmente havia Aiel… — A pressão da mão dele interrompeu o raciocínio da Rainha. A irritação cintilou no rosto da mulher, mas logo foi substituída por um sorriso caloroso para o amante.

Os olhos de Gaebril, ainda em Alteima, voltaram a lhe provocar arrepios. Desta vez, ela arfou ruidosamente.

— Conversar tanto deve ter lhe fatigado, Morgase — comentou o recém-chegado, sem desviar o olhar. — Você anda muito ocupada. Vá para seu quarto e durma. Agora. Vou acordá-la quando você tiver descansado o bastante.

Morgase levantou-se na mesma hora, ainda sorrindo para Gaebril em devoção. Seus olhos pareciam levemente vidrados.

— É, estou cansada. Vou tirar um cochilo, Gaebril.

A Rainha deslizou para fora da sala, sem jamais dirigir o olhar a Alteima, cuja atenção estava toda em Gaebril. Seu coração batia mais rápido, a respiração acelerara. Aquele era, sem dúvida, o homem mais bonito que ela já tinha visto. O maior, mais forte, mais poderoso… Os superlativos lhe inundavam os pensamentos feito uma enchente.

A atenção que Gaebril prestou para a saída de Morgase foi menor que a de Alteima. Sentando-se na cadeira que a Rainha desocupara, ele se recostou com as botas à frente.

— Me diga por que veio a Caemlyn, Alteima. — Uma vez mais, um arrepio lhe percorreu o corpo. — Quero a verdade absoluta, mas seja breve. Depois você pode me dar mais detalhes, caso eu lhe peça.

Ela não hesitou.

— Tentei envenenar meu marido e tive que fugir antes que Tedosian e Estanda, aquela meretriz, pudessem me matar, ou pior. A intenção de Rand al'Thor era deixar eles fazerem isso, para servir de exemplo. — Contar aquilo a fez se encolher. Não por ser uma verdade que quisesse esconder, e sim porque Alteima percebeu que, mais que tudo no mundo, desejava agradá-lo, e temia que Gaebril pudesse mandá-la embora. E ele havia pedido a verdade. — Escolhi Caemlyn porque não suportaria Illian, e apesar de Andor estar pouco melhor, Cairhien está praticamente em ruínas. Em Caemlyn, posso encontrar um marido rico, ou que queira me proteger, caso haja necessidade, e use seu poder para…

Dando uma risada, Gaebril a interrompeu com um aceno.

— Uma gatinha perversa, embora bonita. Talvez bonita o suficiente para que eu fique com ela, mas com dentes e garras a postos. — De repente, seu rosto ficou mais resoluto. — Me conte o que sabe a respeito de Rand al'Thor, especialmente dos amigos dele, se é que existem, e também sobre os companheiros e aliados.

Ela contou tudo, falando até a boca e a garganta secarem e a voz começar a falhar e ficar rouca. Alteima só levava o cálice à boca quando Gaebril a mandava beber. Então, engolia o vinho e continuava a falar. Ela o agradaria. E mais do que Morgase poderia imaginar.

As criadas que trabalhavam nos aposentos de Morgase fizeram reverências apressadas, surpresas por vê-la ali no meio da manhã. Acenando para que saíssem do recinto, a Rainha deitou-se na cama, ainda de vestido. Por um tempo, ficou deitada observando os entalhes dourados nas colunas do dossel. Nada de Leões de Andor ali, e sim rosas. Era por conta da Coroa de Rosas de Andor, mas rosas de fato combinavam mais com ela do que leões.

Pare de ser teimosa, repreendeu-se a Rainha, depois se perguntou por quê. Dissera a Gaebril que estava cansada e… Ou ele dissera a ela? Impossível. Ela era a Rainha de Andor, e homem nenhum a mandava fazer o que fosse. *Gareth*. E por que pensara em Gareth Bryne? Ele certamente nunca a mandara fazer nada. O Capitão-General da Guarda da Rainha obedecia à Rainha, e não o contrário. Mas ele era teimoso, capaz de defender sua opinião até Morgase passar a concordar com ele. *Por que estou pensando nele? Gostaria que Gareth estivesse aqui*. Aquilo era ridículo. Morgase o dispensara porque ele se opusera a ela. Sobre qual assunto já não se lembrava bem, mas isso não era importante. Ele se opusera a ela. Morgase só conseguia se lembrar vagamente dos sentimentos que nutria por ele, como se Bryne tivesse partido há anos. Mas não fazia tanto tempo assim, certo? *Pare de ser teimosa!*

Os olhos da Rainha se fecharam, e ela imediatamente caiu no sono, um sono perturbado por sonhos agitados, em que fugia de algo que não conseguia ver.

2

Rhuidean

Do alto da cidade de Rhuidean, Rand al'Thor observava a paisagem através de uma enorme janela. Qualquer tela de vidro que um dia pudesse ter feito parte dela já não estava ali havia muito. As sombras lá embaixo curvavam-se para o leste em um ângulo agudo. Na sala atrás de Rand ouvia-se o som suave de uma harpa-barda. O suor evaporava de seu rosto quase tão rápido quanto brotava. O casaco de seda vermelha, úmido entre os ombros, pendia aberto em uma busca infrutífera por ar, e a camisa estava desamarrada até a metade do peito. A noite do Deserto Aiel trazia um frio congelante, mas, à luz do dia, nem as brisas eram frescas.

Com as mãos apoiadas acima da cabeça, no batente de pedra polida da janela, as mangas do casaco caídas revelavam a parte frontal da figura que circundava cada antebraço: uma criatura serpentiforme de crina dourada e olhos feito o sol, com escamas escarlates e douradas e cinco garras também douradas ponteando cada uma das patas. Eram parte da pele de Rand, não tatuagens, e brilhavam como metais preciosos e gemas lapidadas, parecendo quase vivas à luz do fim de tarde.

Para as pessoas daquele lado das montanhas conhecidas como Muralha do Dragão ou Espinha do Mundo, aquelas marcas o identificavam como Aquele Que Vem Com a Aurora. E tal qual as garças em suas mãos, as marcas também o identificavam para os povos além da Muralha do Dragão, de acordo com as Profecias, como o Dragão Renascido. Nos dois casos, profetizado para unir, salvar… e destruir.

Eram nomes que, se pudesse, Rand teria evitado, mas essa época já passara, se é que realmente existira, e ele já não pensava mais nisso. Ou, se pensava, em raras ocasiões, era com o arrependimento débil de um homem rememorando um sonho tolo de infância. Como se ainda não fosse jovem o bastante para se lembrar de cada minuto daquela época. Em vez disso, tentava pensar apenas no que tinha que fazer. O destino e o dever o mantinham no caminho como as rédeas de um cavaleiro, mas ele fora chamado várias vezes de teimoso. O fim da

estrada precisava ser alcançado. Porém, se isso pudesse ser feito de outra forma, talvez não precisasse ser o fim. Havia uma pequena chance. Nenhuma chance, era quase certo. As Profecias exigiam seu sangue.

Rhuidean se estendia abaixo dele, esturricada por um sol ainda impiedoso, mesmo enquanto descia para trás das montanhas escarpadas, lúgubres e quase sem sinais de vegetação. Aquela terra irregular e rachada, onde homens haviam matado ou morrido por poças d'água que podiam atravessar com um passo, era o último lugar do mundo em que se pensaria em encontrar uma grande cidade. Seus antiquíssimos construtores nunca concluíram o trabalho. Edifícios de altura inimaginável pontilhavam Rhuidean, palácios escalonados com laterais planas, às vezes com mais de oito ou até dez andares que terminavam sem telhado algum, apenas com a alvenaria irregular de outro andar parcialmente construído. As torres eram ainda mais altas, mas, na maior parte das vezes, terminavam em um recorte abrupto. Cerca de um quarto daquelas grandes estruturas, com suas enormes colunas e imensas janelas de vidro colorido, distribuíam-se feito cascalho ao longo de avenidas amplas com largas faixas de terra no centro — terra que nunca abrigara as árvores que ali se planejara plantar. As maravilhosas fontes permaneciam secas como estiveram ao longo de centenas e centenas de anos. Tanto trabalho inútil, os construtores por fim morrendo sem ver a obra acabada. Às vezes, porém, Rand pensava que talvez a cidade só houvesse começado a ser erigida para que um dia ele pudesse encontrá-la.

Muito pretensioso, pensou. *É preciso ter perdido ao menos metade do juízo para ser tão pretensioso*. Não pôde evitar uma risada seca. Houvera Aes Sedai entre os homens e mulheres que tinham ido até ali, tantos anos antes, e elas conheciam *O Ciclo Karaethon*, as Profecias do Dragão. Ou talvez tivessem escrito as Profecias. *Dez vezes muito pretensioso*.

Diretamente abaixo dele havia uma ampla esplanada parcialmente encoberta pelas sombras e tomada por uma profusão de cadeiras de cristal, estátuas, esquisitices e outras formas peculiares de metal, vidro ou pedra — objetos que ele não saberia nomear espalhados em um emaranhado de pilhas, como se uma tempestade os tivesse deixado daquela maneira. Até as sombras só eram frescas quando comparadas ao calor. Homens, que não eram Aiel, de roupas surradas suavam para carregar carroções com produtos escolhidos por uma mulher baixa e esbelta que trajava seda azul-turquesa e andava com as costas e retas, deslizando de um ponto a outro como se o calor não a afetasse tanto quanto aos demais. Mesmo assim, usava um pano branco úmido em torno das têmporas; apenas não *demonstrava* os efeitos do sol. Rand poderia apostar que ela nem transpirava.

O líder dos trabalhadores, um homem escuro e maciço chamado Hadnan Kadere, supostamente um mercador, vestia uma seda bege que, naquele dia, estava ensopada de suor. Esfregava o rosto com um grande lenço enquanto xingava os trabalhadores — guardas e condutores de seus carroções —, mas sempre saltava tão rápido quanto os outros para carregar qualquer objeto que a esguia mulher apontasse, grande ou pequeno. Aes Sedai não precisavam ser grandes para impor sua vontade, mas Rand acreditava que Moiraine se sairia igualmente bem mesmo que nunca tivesse passado nem perto da Torre Branca.

Dois dos homens tentavam mover o que parecia ser um batente de porta estranhamente retorcido, feito de pedra vermelha. Seus cantos não se encaixavam de forma perfeita, e era difícil focar o olhar mesmo nas partes retas. A peça estava na vertical e girava livremente, mas recusava-se a obedecer ao manejo dos trabalhadores, que queriam deitá-la. Então um dos homens escorregou e caiu, passando até a cintura pelo vão do batente. Rand ficou tenso. Por um momento, o sujeito não parecia existir da cintura para cima, as pernas em pânico chutando loucamente o ar. Até que Lan, um homem alto em roupas de tons desbotados de verde, caminhou rapidamente até o local e o puxou de volta pelo cinto. Lan era o Guardião de Moiraine, ligado a ela de uma forma que Rand não compreendia. Um homem forte que se movia feito um Aiel, como um lobo à caça. A espada na cintura não parecia parte dele, *era* parte. Lan largou o trabalhador no chão pavimentado de pedras e o deixou lá, sentado. As lamúrias apavoradas do sujeito flutuaram de maneira tênue até os ouvidos de Rand, enquanto o colega do homem dava impressão de estar prestes a sair correndo. Vários funcionários de Kadere que tinham estado perto o bastante para assistir a tudo olhavam uns para os outros e para as montanhas que circundavam a cidade, avaliando suas chances.

Moiraine surgiu tão depressa entre os trabalhadores que pareceu ter sido trazida pelo Poder, movendo-se suavemente de um homem a outro. Seus gestos eram tão óbvios que Rand quase podia escutar as instruções calmas e imperiosas que saíam de seus lábios, tão cheios de certeza de que seriam obedecidas que não lhes obedecer pareceria uma tolice. Ela não demorou a vencer a resistência do grupo, respondeu com firmeza às objeções, e mandou todos os homens voltarem ao trabalho. Pouco depois, a dupla responsável pelo batente já estava puxando-o e arrastando-o com o máximo de disposição, ainda que lançando olhares frequentes na direção de Moiraine sempre que pensavam que ela não estava prestando atenção. À sua maneira, a mulher era ainda mais dura que Lan.

Até onde Rand sabia, todos aqueles objetos lá embaixo eram *angreal*, *sa'angreal* ou *ter'angreal*, confeccionados antes da Ruptura do

Mundo para aumentar o Poder Único ou usá-lo de diversas maneiras. Todos feitos, certamente, com o Poder, decerto, embora nem as Aes Sedai soubessem mais como construí-los. Ele tinha mais do que suspeitas sobre a finalidade do batente retorcido — uma passagem para outro mundo —, mas não fazia ideia de para que seria o restante. Ninguém fazia. Era por isso que Moiraine trabalhava tanto: queria enviar o máximo possível de tudo aquilo para ser estudado na Torre. Talvez nem a Torre contivesse tantos objetos do Poder quanto havia naquela esplanada, ainda que, supostamente, abrigasse a maior coleção desses objetos em todo o mundo. E, mesmo assim, só se conhecia o uso de alguns deles.

O que estava nos carroções ou espalhado pelo calçamento não interessava a Rand, que já pegara tudo o que precisava de lá de baixo. De certa forma, pegara até mais do que queria.

No centro da esplanada, perto dos restos queimados de uma enorme árvore de trinta metros de altura, havia uma pequena floresta de altas colunas de vidro, cada uma praticamente da altura da árvore, e todas tão finas que se tinha a impressão de que a menor ventania faria as peças se espatifarem no chão. Mesmo tocadas por um pouco de sombra, as colunas absorviam e refratavam a luz do sol, cintilantes. Durante incontáveis anos, homens Aiel tinham entrado naquele local e saído dele marcados, tal como Rand, mas em apenas um braço, identificados como chefes de clãs. Ou saíam marcados, ou então não saíam. No processo para se tornarem Sábias, mulheres Aiel também tinham vindo à cidade. Ninguém mais, não que tivesse sobrevivido. *Um homem pode ir a Rhuidean uma vez; uma mulher, duas; mais que isso é a morte*. Era o que as Sábias haviam dito, e o que era verdade, até então. Àquela altura, qualquer um podia entrar em Rhuidean.

Centenas de Aiel andavam pelas ruas, e um número cada vez maior habitava as construções. A cada dia, mais trechos das faixas de terra das ruas ostentavam feijões, abóboras ou *zemai*, regados arduamente com potes de barro transportados do novo e imenso lago que ocupava a extremidade sul do vale, único corpo d'água em toda a região. Milhares tinham montado acampamento nas montanhas vizinhas ou mesmo em Chaendaer, para onde, anteriormente, só iam em alguma cerimônia para enviar a Rhuidean um homem ou uma mulher de cada vez.

Por onde passava, Rand trazia mudanças e destruição. Desta vez, tinha vãs esperanças de que as mudanças fossem para melhor. Podia ser que sim. A árvore queimada zombava dele. *Avendesora*, a lendária Árvore da Vida. As histórias nunca precisavam sua localização, e tinha sido uma surpresa encontrá-la ali. Moiraine dizia que ela ainda estava viva e que voltaria a florescer, mas, até aquele momento, Rand só vira cascas enegrecidas e galhos nus.

Com um suspiro, deu as costas para a janela e se voltou para um grande aposento. Embora não fosse o maior de Rhuidean, tinha janelas bem altas em ambos os lados, e o teto em domo apresentava um mosaico extravagante com animais e humanos alados. Mesmo com o clima seco, a maior parte da mobília deixada na cidade já apodrecera havia muito, e boa parte do pouco que ainda resistia estava infestada de insetos e vermes. No outro extremo do aposento, no entanto, havia uma cadeira de espaldar alto, maciça, de brilho praticamente intacto, mas que não combinava com a mesa, uma peça larga em cujas pernas e cantos via-se grossos entalhes de flores. Alguém encerara a madeira até fazê-la brilhar, apesar da idade. Os Aiel tinham encontrado aqueles móveis para Rand, embora não entendessem de marcenaria. Havia poucas árvores no Deserto capazes de fornecer a madeira reta e comprida necessária para aquela cadeira, e árvore nenhuma de lá teria dado conta da mesa.

Aquelas peças, pensava, eram toda sua mobília. Mas também havia um belo tapete de seda illianense, azul e dourado, saqueado em alguma batalha antiga, cobrindo o centro dos azulejos vermelho-escuros. Almofadas brilhosas de seda com borlas estavam espalhadas pelo chão. Em vez de cadeiras, eram nelas que os Aiel se sentavam, isso quando simplesmente não se acocoravam, tão confortáveis como se estivessem em uma poltrona.

Seis homens reclinavam-se sobre as almofadas no tapete. Seis chefes de clãs que haviam ido tão longe para seguir Rand. Aliás, seguir Aquele Que Vem Com a Aurora, mas nem sempre com entusiasmo. Rand achava que Rhuarc, um homem de olhos azuis, ombros largos e muitas mechas grisalhas no cabelo ruivo, podia ter alguma amizade por ele, mas os demais, não. Apenas seis dos doze clãs.

Ignorando a cadeira, Rand se sentou de pernas cruzadas à frente dos Aiel. Fora de Rhuidean, os únicos assentos no Deserto eram as cadeiras dos chefes, usadas apenas por eles, e em três únicas situações: ser aclamado chefe de um clã, aceitar com honra a rendição de um inimigo, ou fazer um julgamento. Ocupar a cadeira na presença daqueles homens sugeriria uma das três intenções.

Todos usavam o *cadin'sor*, casacos e calções em tons de marrom e cinza que se confundiam com o chão, além de botas macias amarradas até o joelho. Mesmo ali, reunidos com o homem que haviam proclamado como o *Car'a'carn*, o chefe dos chefes, cada um carregava na cintura uma lâmina robusta, e tinha sua *shoufa* marrom-acinzentada drapeada em torno do pescoço, feito uma echarpe. Se algum deles cobrisse o rosto com o véu negro que fazia parte da *shoufa*, estaria pronto para matar. Não se tratava de algo impossível. Aqueles homens haviam lutado entre si continuamente, em muitas batalhas e rixas entre clãs. Eles o observavam e aguardavam, mas um

Aiel à espera sempre parecia pronto para entrar em ação, súbita e violentamente.

Bael, o homem mais alto que Rand já tinha visto, e Jheran, esguio como uma lâmina e rápido como um chicote, estavam o mais distante possível um do outro sem que sentassem fora do tapete. Havia uma rixa de sangue entre os Goshien, de Bael, e os Shaarad, de Jheran, posta de lado pela presença d'Aquele Que Vem Com a Aurora, mas não esquecida para sempre. E talvez, apesar de tudo o que acontecera, a Paz de Rhuidean ainda valesse. Mesmo assim, o som tranquilo da harpa contrastava bastante com a intransigente recusa de Bael e Jheran de fazerem contato visual. Seis pares de olhos, azuis, verdes ou cinzentos, em rostos bronzeados pelo sol. Os Aiel eram capazes de fazer falcões parecerem mansos.

— O que preciso fazer para trazer os Reyn até mim? — questionou Rand. — Você tinha certeza de que eles viriam, Rhuarc.

O chefe dos Taardad olhou calmamente para ele; pelo tanto de emoção que demonstrava, seu rosto podia muito bem ter sido entalhado em pedra.

— Esperar. Apenas isso. Dhearic vai trazê-los em algum momento.

De cabelos brancos e sentado ao lado de Rhuarc, Han torceu os lábios como se estivesse prestes a cuspir. Seu rosto rígido exibia, como sempre, um olhar de amargura.

— Dhearic já viu homens e Donzelas demais ficarem dias e dias só sentados esperando, para depois largar as lanças. Largar!

— E fugir — completou Bael com voz baixa. — Eu mesmo já vi acontecer, entre os Goshien, até no meu próprio ramo. E você, Han, entre os Tomanelle. Todos vimos. Não acho que eles saibam para onde estão fugindo, só sabem do que fogem.

— Víboras covardes — grunhiu Jheran. Mechas grisalhas tingiam seus cabelos castanho-claros. Não havia jovens entre os chefes de clãs Aiel. — São umas cobras-fétidas, têm medo até das próprias sombras. — Um leve movimento dos olhos azuis em direção à extremidade oposta do tapete deixou claro que se tratava de uma descrição de todos os Goshien, e não só dos que haviam abandonado as lanças.

Bael ameaçou se levantar, seu rosto enrijecendo ainda mais, se é que isso era possível, mas o homem ao lado pousou a mão em seu braço, acalmando-o. Bruan, dos Nakai, tinha o tamanho e a força de dois ferreiros, mas era dono de uma placidez que parecia estranha para um Aiel.

— Todos já vimos homens e Donzelas fugirem. — Ele soava quase preguiçoso, assim como aparentavam seus olhos cinzentos, mas Rand sabia que não era bem isso. Até Rhuarc considerava Bruan um guerreiro mortífero e um estrategista esquivo. Por sorte, nem Rhuarc estava tão a favor de Rand quanto Bruan. Mas o homem viera para

estar ao lado d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Ele não conhecia Rand al'Thor. — Você também viu, Jheran. Sabe quanto foi difícil enfrentar o que eles estão enfrentando. Se não se pode chamar de covardes aqueles que morreram por não conseguirem aceitar a verdade, como se pode chamar de covardes os que fogem pelo mesmo motivo?

— Jamais deveriam ter descoberto — resmungou Han, amassando sua almofada azul com borlas vermelhas como se esganasse um inimigo. — Era uma informação só para quem conseguisse entrar em Rhuidean e sobreviver.

Han não falou diretamente para ninguém em particular, mas ficou claro que as palavras eram endereçadas aos ouvidos de Rand. Fora ele quem revelara a todos o que um homem só descobria em meio às colunas de vidro da esplanada. Revelara tanto que os chefes e as Sábias não conseguiam se esquivar quando alguém lhes perguntava sobre o restante. Àquela altura, se houvesse um único Aiel no Deserto que não soubesse a verdade, era porque passara o mês sem falar com ninguém.

Ao contrário da gloriosa herança guerreira em que a maioria das pessoas acreditava, o início dos Aiel fora como refugiados indefesos da Ruptura do Mundo. Na época, todos os que tinham conseguido sobreviver haviam sido refugiados, claro, mas os Aiel nunca se viram como indefesos. Pior que isso, haviam sido seguidores do Caminho da Folha, recusando-se a praticar a violência até para defender as próprias vidas. Na Língua Antiga, Aiel significava "dedicado", e a dedicação deles havia sido à paz. Os que naquele momento se intitulavam Aiel eram descendentes daqueles que haviam quebrado uma promessa de incontáveis gerações. Apenas um resquício daquela crença permanecia vivo: para um Aiel, era melhor morrer do que empunhar uma espada. Para eles, isso sempre fora uma questão de orgulho, de diferenciação daqueles que viviam fora do Deserto.

Rand já ouvira Aiel dizerem que, para terem ido parar no inóspito Deserto, haviam cometido algum pecado. Agora já sabiam qual era. Os homens e mulheres que haviam construído Rhuidean e que ali perderam a vida — os chamados Aiel Jenn, o Clã Que Não É, nas poucas ocasiões em que deles se falava — tinham sido os mesmos que se mantiveram fiéis às Aes Sedai na época anterior à Ruptura. Era difícil encarar o fato de que aquilo em que sempre se acreditara era uma mentira.

— Aquilo precisava ser dito — afirmou Rand. *Eles tinham o direito de saber. Ninguém deveria ser obrigado a viver uma mentira. A própria profecia deles dizia que eu os partiria. E eu não poderia ter feito de outra forma*. O passado era passado, e ponto final. Era com o futuro que deveria se preocupar. *Alguns destes homens não gostam de mim, e alguns me odeiam por eu não ter nascido entre eles, mas estão comigo. Preciso de*

todos. — E os Miagoma?

Erim, entre Rhuarc e Han, balançou a cabeça. Outrora de um ruivo brilhante, seus cabelos agora eram meio brancos, mas os olhos verdes tinham tanta força quanto os de qualquer homem mais jovem. As mãos grandes, largas, compridas e resistentes sinalizavam que os braços possuíam força igual.

— Timolan só permite que os próprios pés saibam em que direção vai saltar depois de já ter pulado.

— Quando Timolan tinha pouco tempo como chefe — começou Jheran —, tentou unir os clãs e fracassou. Não vai aceitar bem que alguém finalmente consiga fazer o que ele não conseguiu.

— Ele virá — opinou Rhuarc. — Timolan nunca acreditou que fosse Aquele Que Vem Com a Aurora. E Janwin vai trazer os Shiande. Mas eles vão esperar. Primeiro, precisam assentar as próprias ideias.

— Eles precisam assentar a ideia de que Aquele Que Vem Com a Aurora seja um aguacento — grunhiu Han. — Sem ofensas, *Car'a'carn*.

— Não havia subserviência em sua voz. Um chefe não era um rei, e um chefe dos chefes, também não. Na melhor das hipóteses, ele era o número um entre iguais.

— Acredito que os Daryne e os Codarra também acabarão vindo — disse Bruan, falando calmo, mas também rapidamente, para que o silêncio não se transformasse em um motivo para fazer as lanças dançarem. O número um entre iguais, na melhor das hipóteses. — Eles perderam mais homens para a Desolação do que qualquer outro clã.

— Era assim que eles tinham passado a chamar o longo período de desnorteio anterior a alguém tentar deixar de ser Aiel. — Por enquanto, a preocupação de Mandelain e Indirian é manter seus clãs unidos, e ambos vão querer ver com os próprios olhos os Dragões nos seus braços, mas acabarão vindo.

Aquilo deixava em aberto a discussão sobre apenas mais um clã, aquele que nenhum dos chefes queria mencionar.

— Alguma novidade sobre Couladin e os Shaido? — perguntou Rand.

A resposta foi o silêncio, quebrado apenas pelos sons suaves e serenos da harpa ao fundo, cada homem esperando que outro tomasse a palavra, todos chegando o mais perto possível que um Aiel poderia chegar de demonstrar desconforto. Jheran franziu o cenho, olhando para a unha do polegar, e Bruan brincou com uma das borlas prateadas da almofada verde. Até Rhuarc se limitou a observar o tapete.

Homens e mulheres com roupões brancos entraram graciosamente para servir vinho em cálices de prata dispostos ao lado de cada Aiel, além de trazer pequenas bandejas prateadas contendo azeitonas, uma raridade no Deserto, queijo branco de ovelha e castanhas pálidas e

enrugadas que os Aiel chamavam de *pecara*. Os rostos dentro de cada um dos discretos capuzes brancos exibiam olhos voltados para o chão e uma expressão nada familiar de docilidade.

Capturados em uma batalha ou um ataque, os *gai'shain* juravam servir com obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou cometer violência alguma, podendo ao fim do período retornar ao próprio clã e ramo como se nada tivesse acontecido. Era um estranho resquício do Caminho da Folha. *Ji'e'toh*, honra e obrigação, era o que se exigia, e quebrar o *ji'e'toh* era quase a pior coisa que um Aiel poderia fazer. Talvez *a pior*. Era possível que alguns daqueles homens e mulheres estivessem servindo o próprio chefe de clã, mas nenhum deles daria qualquer sinal disso, por mais sutil que fosse, nem mesmo se tratando de um filho ou uma filha, enquanto durasse o período como *gai'shain*.

Rand subitamente se deu conta de que aquele era o real motivo para a revelação que fizera ter sido um golpe tão duro para alguns Aiel. Para essas pessoas, devia parecer que seus ancestrais haviam feito o juramento *gai'shain* não só para si mesmos, como para todas as gerações subsequentes. E essas gerações — todas elas, até ali — tinham quebrado o *ji'e'toh* ao empunhar lanças. Será que os homens diante dele algum dia haviam se preocupado com coisas parecidas? O *ji'e'toh* era uma questão seríssima para os Aiel.

Calçados com sandálias macias, os *gai'shain* deixaram o cômodo praticamente sem fazer barulho. Nenhum dos chefes de clã tocou no vinho ou na comida.

— Existe alguma esperança de que Couladin venha se reunir comigo? — Rand sabia que não. Parara de enviar solicitações para uma reunião assim que descobrira que Couladin estava esfolando os mensageiros vivos. Mas era uma forma de incitar os demais a falar.

Han bufou.

— A única informação que tivemos dele é que quer esfolar *você* na próxima vez em que o vir. Parece alguém disposto a conversar?

— E eu conseguiria afastar os Shaido dele?

— Os Shaido seguem Couladin — respondeu Rhuarc. — Ele não é chefe de nada, mas eles acreditam que seja. — Couladin jamais entrara nas colunas de vidro. Talvez ainda acreditasse, como afirmara, que tudo o que Rand dissera era mentira. — Ele diz que é o *Car'a'carn*, e os Shaido também creem nisso. As Donzelas Shaido que vieram fizeram isso em nome da sociedade delas, e isso porque as *Far Dareis Mai* carregavam sua honra. Ninguém mais vai fazê-lo.

— Enviamos sentinelas para ficar de olho neles — contou Bruan —, e os Shaido os matam assim que têm chance. Couladin está incitando quase uma dezena de conflitos, mas, até agora, não dá sinais de que vai nos atacar aqui. Ouvi falar que ele afirma que nós

profanamos Rhuidean e que nos atacar aqui só aprofundaria a dessacralização.

Erim grunhiu e se agitou em sua almofada.

— O que ele sabe é que há lanças suficientes aqui para matar cada Shaido duas vezes, e com sobra. — O homem enfiou na boca um pedaço de queijo branco, ainda rosnando. — Os Shaido sempre foram covardes e ladrões.

— Uns cães sem honra — bradaram juntos Bael e Jheran, e depois se olharam como se um estivesse fazendo alguma piada do outro.

— Com ou sem honra — ponderou Bruan, muito calmo —, Couladin tem cada vez mais homens. — Tão calmo quanto seu tom de voz, o homem tomou um longo gole do cálice de vinho antes de prosseguir. — Todos vocês sabem do que estou falando. Alguns daqueles que fogem, depois de atingidos pela Desolação, não abandonam as lanças. Em vez disso, se juntam às suas sociedades entre os Shaido.

— Nenhum Tomanelle abandonou seu clã — ladrou Han.

Bruan olhou para o chefe Tomanelle, sentado depois de Rhuarc e Erim, e afirmou deliberadamente:

— Isso já aconteceu em todos os clãs. — Sem esperar que sua palavra fosse desafiada outra vez, voltou a aquietar-se na almofada. — Não podemos chamar de abandono de clã. Eles se juntam às sociedades deles. Assim como as Donzelas Shaido, que vieram encontrar seu Teto aqui.

Ouviram-se alguns resmungos, mas ninguém o confrontou desta vez. As regras que governavam as sociedades guerreiras dos Aiel eram complexas, e, de certa forma, seus membros se sentiam tão intimamente ligados a elas quanto aos clãs. Membros de uma mesma sociedade, por exemplo, não lutariam uns contra os outros nem se seus clãs tivessem uma rixa de sangue. Alguns homens não se casavam com uma mulher que fosse parente muito próxima de um membro da própria sociedade, como se isso desse à mulher uma espécie de laço de sangue com ele mesmo. Sobre os costumes das *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança, Rand não queria nem pensar.

— Preciso saber quais são as intenções de Couladin — disse ele aos demais. Couladin era um touro com uma abelha zunindo no ouvido. Era capaz de atacar em qualquer direção. Rand hesitou. — Violaríamos algum código de honra se enviássemos pessoas para se juntar às sociedades dos Shaido? — Ele não precisou descrever melhor o que tinha em mente. Todos se enrijeceram em suas posições, inclusive Rhuarc, com olhos frios o bastante para extinguir o calor do ambiente.

— Espionar desse jeito — Erim torceu os lábios ao dizer “espionar”, como se a palavra tivesse gosto ruim — seria como

espionar o próprio ramo. Uma pessoa honrada jamais faria algo desse tipo.

Rand preferiu não perguntar se eles poderiam encontrar alguém cuja honra fosse ligeiramente menos irascível. O senso de humor Aiel era estranho, normalmente cruel, mas alguns assuntos o tornavam inexistente.

Para mudar o rumo da conversa, Rand perguntou:

— Alguma novidade do outro lado da Muralha do Dragão? — Sabia a resposta. Aquele tipo de notícia se espalhava rápido mesmo entre uma multidão de Aiel, como havia em torno de Rhuidean.

— Nada que valha a pena mencionar — respondeu Rhuarc. — Com os problemas entre os Assassinos da Árvore, poucos mascates vêm à Terra da Trindade. — Era assim que os Aiel chamavam o Deserto: um castigo por seus pecados, uma provação para sua coragem, uma bigorna para moldá-los. "Assassinos da Árvore" era como chamavam os cairhienos. — O estandarte do Dragão ainda tremula sobre a Pedra de Tear. Os tairenos foram para o norte até Cairhien, como você ordenou, para distribuir comida entre os Assassinos da Árvore. E nada mais.

— Você deveria ter deixado os Assassinos da Árvore morrerem de fome — resmungou Bael, fazendo Jheran fechar a boca depressa. Rand suspeitou que o outro Aiel estivera a ponto de dizer o mesmo.

— Assassinos da Árvore não servem para nada além de serem mortos ou vendidos como animais em Shara — afirmou Erim.

Aquelas eram duas das coisas que os Aiel faziam aos que vinham ao Deserto sem ser convidados. Apenas menestréis, mascates e Latoeiros tinham passagem livre, embora os Aiel evitassem os Latoeiros como se eles transmitissem doenças. Shara era o nome das terras para além do Deserto, e nem os Aiel sabiam muito a respeito delas.

Com o canto do olho, Rand viu duas mulheres aguardando ansiosamente ao lado do alto batente arqueado da entrada. Alguém pendurara ali vários fios com contas coloridas, vermelhas e azuis, para substituir as portas que estavam faltando. Umas delas era Moiraine. Por um momento, Rand considerou deixá-las aguardando mais tempo. Moiraine tinha no rosto aquela expressão irritante de comando, claramente esperando que os homens interrompessem a reunião por sua causa. A questão era que, além de não haver mais nada para se discutir, Rand lia nos olhos dos outros homens que ninguém queria levar a conversa adiante. Não logo depois de falar sobre a Desolação e os Shaido.

Com um suspiro, ele se levantou, e todos os chefes de clãs fizeram o mesmo. À exceção de Han, todos eram tão ou mais altos que Rand. Onde ele crescera, Han teria sido considerado de altura mediana ou

um pouco maior que isso. Entre os Aiel, era visto como baixo.

— Vocês sabem o que precisa ser feito. Tragam o restante dos clãs e fiquem de olho nos Shaido. — Fez uma breve pausa e completou: — Tudo vai terminar bem. Tão bem para os Aiel quanto estiver ao meu alcance.

— A profecia dizia que você nos destruiria — lembrou Han com amargura —, e seu começo foi promissor. Mas ficaremos ao seu lado. Até a Sombra sumir — recitou —, até a água secar, saltando na Sombra com seus dentes à mostra, gritando em desafio até o último suspiro, para cuspir no olho do Cega-vista no Último Dia. — Cega-vista era um dos nomes Aiel para o Tenebroso.

Não restava nada a Rand, a não ser responder da maneira correta. Tempos atrás, ele não saberia como.

— Pela minha honra e pela Luz, minha vida será uma adaga para o coração do Cega-vista.

— Até o Último Dia — terminaram os Aiel —, até o próprio Shayol Ghul. — A harpa seguiu tocando o ritmo tranquilo.

Os chefes passaram pelas duas mulheres e encararam Moiraine de modo respeitoso. Não havia medo algum nos olhos deles. Rand gostaria de se sentir tão seguro assim. Moiraine tinha muitos planos para ele, uma infinidade de maneiras de puxar as cordas que Rand nem sabia que ela amarrara.

As duas mulheres se aproximaram assim que os chefes saíram, Moiraine calma e elegante como sempre. Pequena e bonita, com ou sem aquele rosto de Aes Sedai ao qual ele nunca conseguia estipular uma idade, ela abandonara o pano úmido que usara para refrescar as têmporas. Em seu lugar, uma pequena pedra azul encontrava-se suspensa em sua testa, presa a uma bela corrente de ouro em seus cabelos escuros. Não faria diferença se ela ainda estivesse com o pano. Nada podia diminuir sua aura majestosa. Era normal que Moiraine aparentasse ser um pouco mais alta do que de fato era, e seus olhos eram sempre imperiosos e confiantes.

A outra mulher era mais alta, embora não chegasse nos ombros de Rand, e era jovem, não de idade indefinida. Era Egwene, com quem Rand fora criado. Agora, exceto pelos grandes olhos escuros, quase teria passado por uma Aiel, e não apenas pelo rosto e pelas mãos bronzeados. Egwene trajava uma saia Aiel de lã marrom e uma blusa branca folgada feita com uma fibra vegetal chamada *algode*, mais macia até do que a melhor das lãs. Um tecido ótimo para o comércio, caso Rand um dia conseguisse convencer os Aiel disso. Um xale cinza envolvia seus ombros, e um cachecol da mesma cor formava uma faixa que prendia os cabelos escuros, que passavam do ombro. Ao contrário da maioria das Aiel, usava só um bracelete de marfim entalhado com um círculo de chamas, e um único colar de contas de ouro e marfim. E

apenas mais um acessório, na mão esquerda: um anel da Grande Serpente.

Egwene vinha estudando com algumas das Sábias Aiel. O quê, exatamente, Rand não sabia, embora mais do que suspeitasse de que se tratava de algo relacionado a sonhos. Egwene e as Aiel não eram de falar muito, mas a jovem também estudara na Torre Branca. Ela era uma das Aceitas, estava no caminho para se tornar Aes Sedai, mas fingia já ser uma Aes Sedai completa, pelo menos ali e em Tear. Rand às vezes a provocava com relação a isso, mas ela não encarava muito bem as piadinhas.

— Os carroções logo estarão prontos para partir para Tar Valon — anunciou Moiraine. Sua voz era musical, cristalina.

— Envie uma guarda forte — alertou Rand —, ou Kadere talvez não leve os objetos para onde você quer. — Ele voltou a se virar para a janela, querendo olhar lá para baixo e pensar a respeito de Kadere. — Antes, você não precisava que eu segurasse sua mão ou lhe desse permissões.

De repente, sentiu algo acertá-lo entre os ombros, tal qual uma espessa vara de nogueira. Apenas uma leve sensação de calafrio, improvável naquele calor, o avisou de que uma das mulheres havia canalizado.

Girando para ficar de frente para elas, Rand agarrou *saidin* e se encheu do Poder Único. O Poder era como a vida inflando dentro dele, como se estivesse dez ou até cem vezes mais vivo. A mácula do Tenebroso também o preencheu, morte e podridão como vermes rastejando em sua boca. Era uma torrente que ameaçava varrê-lo, uma inundação furiosa contra a qual precisava lutar a cada instante. Rand já estava quase acostumado àquilo, e, ao mesmo tempo, jamais se acostumaria. Queria se agarrar para sempre à doçura de *saidin*, e também queria vomitar. Enquanto isso, aquele dilúvio tentava arrancar a carne de seu corpo e transformar seus ossos em cinzas.

A mácula o enlouqueceria, se o Poder não o matasse primeiro. Os dois travavam uma corrida. Desde a Ruptura do Mundo, o destino de todos os homens capazes de canalizar havia sido a loucura. Desde aquele dia em que Lews Therin Telamon, o Dragão, e seus Cem Companheiros selaram a prisão do Tenebroso em Shayol Ghul. A última contraexplosão gerada pelo aprisionamento maculara a metade masculina da Fonte Verdadeira, e os homens capazes de canalizar — os homens capazes de canalizar que haviam enlouquecido — quase tinham destruído o mundo.

Rand se enchera do Poder… e não conseguia dizer qual das duas mulheres fizera o mesmo. Ambas olhavam para ele com cara de quem não tinha feito nada, uma sobrancelha arqueada de forma quase idêntica, com ar de curiosidade divertida. Qualquer uma das duas, ou

até ambas, poderia estar abraçando a metade feminina da Fonte naquele exato instante, e ele jamais saberia quem.

Claro que um golpe de vara entre os ombros não era o estilo de Moiraine, que sempre encontrava outros meios, mais sutis, de castigá-lo, e que normalmente acabavam sendo mais dolorosos. Porém, mesmo tendo certeza de que havia sido Egwene, Rand não fez nada. *Provas*. Seu pensamento viajou pelo limiar do Vazio. Ele flutuou junto, em um vácuo, o pensamento e as emoções, até mesmo a raiva, distantes. *Não vou fazer nada sem provas. Desta vez, não vou deixar que me provoquem*. Aquela não era a Egwene com quem ele crescera. Ela se tornara parte da Torre desde que Moiraine a enviara para lá. De novo Moiraine. Sempre Moiraine. Às vezes, ele desejava já ter se livrado dela. *Só às vezes?*

Rand se concentrou na mulher.

— O que quer de mim? — Sua voz soou fria e sem emoção até para os próprios ouvidos. Dentro dele, o Poder trovejava. Egwene contara que, para uma mulher, tocar *saidar*, a metade feminina da Fonte, era como se sentir abraçada. Para um homem, todas as vezes, era uma guerra impiedosa. — E nem venha falar de novo de carroções, irmãzinha. Costumo descobrir suas intenções bem depois de você já ter colocado tudo em prática.

Como era de se esperar, a Aes Sedai franziu o cenho. Ela decerto não estava habituada a que se dirigissem a ela daquela maneira, não por nenhum homem, nem mesmo o Dragão Renascido. Ele mesmo não fazia ideia de onde aquele "irmãzinha" saíra. Ultimamente, as palavras pareciam brotar em sua mente. Um quê de loucura, talvez. Certas noites, Rand ficava acordado até as primeiras horas do dia pensando sobre aquilo. Mas, dentro do Vazio, aquelas pareciam ser preocupações distantes.

— Precisamos conversar a sós. — Egwene lançou um olhar frio para o harpista.

Jasin Natael, como o sujeito se chamava ali, estava recostado nas almofadas posicionadas em uma das paredes sem janelas, onde tocava com tranquilidade a harpa aninhada entre os joelhos, cujo braço superior dourado fora entalhado no formato das criaturas dos antebraços de Rand. Dragões, segundo os Aiel. Rand tinha apenas suspeitas sobre onde Natael conseguira o instrumento. O músico era um homem de cabelos escuros e meia-idade que, em qualquer outro lugar que não o Deserto Aiel, seria considerado mais alto que a média. Seu casaco e suas calças eram de uma seda azul-escura apropriada para uma corte real, com bordados elaborados em fios de ouro na gola e nas mangas, tudo abotoado ou amarrado, apesar do calor. As belas vestimentas destoavam da capa de menestrel estendida logo ao lado. Era uma boa capa, mas toda coberta com centenas de remendos de

quase a mesma quantidade de cores, todos costurados de modo que esvoaçassem ao menor sinal de uma brisa. A capa o identificava como um artista dos campos, um malabarista e acrobata, um músico e contador de histórias que perambulava de aldeia em aldeia. Não era um homem para trajar seda, por certo, mas o músico era vaidoso e parecia completamente imerso na música.

— Você pode dizer o que quiser na frente de Natael — disse Rand. — Afinal, ele é o menestrel do Dragão Renascido.

Se realmente fosse importante tratar do assunto em segredo, Egwene faria pressão e ele pediria para Natael sair, embora não gostasse de perder o músico de vista.

Egwene fungou alto e arrumou o xale nos ombros.

— Sua cabeça está inchada feito um melão passando do ponto, Rand al'Thor — disse ela de modo impassível, como se fizesse uma constatação.

Fora do Vazio, a raiva fervilhava. Não pelo que ela dissera. Mesmo quando os dois ainda eram crianças, Egwene sempre tivera o hábito de implicar com ele, e normalmente nem considerava se Rand merecia ou não. Nos últimos tempos, porém, ele andava com a impressão de que ela passara a trabalhar com Moiraine, tentando desestabilizá-lo para que a Aes Sedai pudesse manipulá-lo como quisesse. Quando eram mais jovens, antes de descobrirem o que ele era, Rand e Egwene chegaram a pensar que, um dia, acabariam se casando. E agora ela estava do lado de Moiraine, contra ele.

Com a expressão rígida, Rand falou com mais rispidez do que pretendia.

— Me diga o que quer, Moiraine. Me diga aqui e agora, ou deixe a questão de lado até que eu tenha tempo para você. Ando muito ocupado.

Era uma mentira deslavada. Rand passava a maior parte do tempo treinando espadas com Lan, lanças com Rhuarc, ou aprendendo luta corporal com ambos. Mas se pudesse intimidá-la de qualquer maneira, naquele momento, faria isso. Natael podia ouvir tudo. Quase tudo. Desde que Rand soubesse o tempo todo onde ele estava.

Moiraine e Egwene franziram o rosto, mas pelo menos a verdadeira Aes Sedai pareceu perceber que, desta vez, ele não recuaria. Contraindo os lábios, ela olhou para Natael, que ainda parecia absorto em sua música, e tirou da bolsa um espesso embrulho de seda cinza.

Ao desdobrá-lo, Moiraine pôs o conteúdo na mesa: um disco do tamanho da mão de um homem, metade absolutamente negro, metade completamente branco, as duas cores se encontrando em uma linha sinuosa que delineava duas lágrimas amalgamadas. Aquele fora o símbolo das Aes Sedai antes da Ruptura, mas o disco era mais que

isso. Apenas sete deles haviam sido feitos, os selos da prisão do Tenebroso. Ou melhor, cada um era a âncora de um daqueles selos. A mulher sacou do cinturão sua faca, cujo cabo era envolto em fios de prata, e raspou com delicadeza a extremidade do disco, fazendo cair uma minúscula lasca negra.

Mesmo encerrado no Vazio, Rand ficou sem fôlego. O próprio vácuo estremeceu e, por um instante, o Poder ameaçou sobrepujá-lo.

— É uma cópia? Uma falsificação?

— Encontrei na esplanada lá embaixo — respondeu Moiraine. — Mas é verdadeiro. Igual ao que eu trouxe comigo de Tear. — Pelo tom de voz, ela poderia estar dizendo que queria almoçar sopa de ervilha. Egwene, por outro lado, apertou o xale em torno do corpo, como se sentisse frio.

Esvaindo-se pela superfície do Vazio, o próprio Rand sentia-se agitado pelo medo. Era difícil abrir mão de *saidin*, mas ele se obrigou a isso. Se perdesse a concentração, o Poder talvez o destruísse ali mesmo, e queria toda a atenção voltada para o assunto em questão. Ainda assim, mesmo com a mácula, era uma perda.

Aquela lasca repousando sobre a mesa era impossível. Todos os discos eram feitos de *cuendillar* ou pedra-do-coração, e nada feito de *cuendillar* podia ser quebrado, nem mesmo pelo Poder Único. Qualquer força usada contra aquele material só o tornava ainda mais resistente. A fabricação de pedra-do-coração se perdera na Ruptura do Mundo, mas os objetos feitos daquele material que foram construídos durante a Era das Lendas ainda existiam. Até o mais frágil dos vasos, mesmo que a Ruptura o tivesse afundado nas profundezas do oceano ou enterrado debaixo de uma montanha. Três dos sete discos já estavam quebrados, claro, mas fora preciso muito mais do que uma faca para tal.

Pensando bem, aliás, ele não sabia como aqueles três haviam se quebrado. Se nenhuma força além da do Criador podia quebrar a pedra-do-coração, então não deveria haver jeito.

— Como? — perguntou ele, surpreso por sua voz ainda estar tão firme quanto quando estava cercado pelo Vazio.

— Não sei — respondeu Moiraine, demonstrando a mesma calma. — Mas você percebe o problema? Este objeto poderia se quebrar caindo de cima da mesa. Se os outros, onde quer que estejam, se encontrarem no mesmo estado, quatro homens com martelos poderiam abrir a prisão do Tenebroso. Quem pode sequer garantir a eficiência dos selos, se estão nessas condições?

Rand percebia. *Ainda não estou pronto*. E não tinha certeza se algum dia estaria, mas com certeza ainda não estava. Egwene parecia encarar a própria cova.

Moiraine reembrulhou o disco e o recolocou na bolsa.

— Talvez eu pense em alguma possibilidade, antes de levar isto a Tar Valon. Se descobrirmos o porquê, talvez possamos tomar uma providência.

A imagem do Tenebroso escapando outra vez de Shayol Ghul, libertando-se completamente, não saía da cabeça de Rand. Em sua mente, o fogo e as trevas cobriam o mundo, chamas que consumiam e não provinham luz, e uma escuridão tão sólida quanto pedra comprimia o ar. Com tudo isso preenchendo os pensamentos, as palavras que Moiraine acabara de dizer levaram alguns instantes para serem absorvidas.

— Você pretende ir pessoalmente? — Rand imaginara que a intenção dela fosse grudar-se a ele feito o limo a uma rocha. *Não é isso o que você quer?*

— Em algum momento — respondeu a mulher, calma. — No fim das contas, terei que deixar você… em algum momento. O que tiver que ser, será.

Rand pensou vê-la tremer, mas foi tão rápido que podia ter sido coisa da sua imaginação. No instante seguinte, Moiraine voltou a ser pura compostura e autocontrole.

— Você precisa estar pronto. — Foi desagradável ouvir um lembrete sobre as próprias dúvidas. — Deveríamos discutir seus planos. Você não pode ficar aqui sentado por muito mais tempo. Mesmo que os Abandonados não estejam planejando vir atrás de você, estão por aí ampliando o poder que têm. Reunir os Aiel não vai servir de nada se acabar descobrindo que todas as terras além da Espinha do Mundo estão nas mãos dos inimigos.

Rindo, Rand recostou-se contra a mesa. Então, tudo aquilo não passava de mais um jogo. Se estivesse ansioso para vê-la partir, poderia ficar mais disposto a escutá-la, mais receptivo a ser guiado. Moiraine não podia mentir, não diretamente. Um dos famosos Três Juramentos dava conta disso: não pronunciar nenhuma palavra que não fosse verdadeira. Rand já aprendera que aquele juramento deixava uma enorme margem de manobra. A Azul o deixaria em algum momento. Depois que ele estivesse morto, sem dúvida.

— Você quer discutir meus planos? — perguntou, seco. Rand tirou do bolso do casaco um cachimbo curto e uma bolsa de couro com tabaco, apertou o fumo com o polegar e tocou *saidin* por um breve instante para canalizar uma chama. — Por quê? Os planos são meus. — Pitando vagarosamente, ele esperou, ignorando o olhar fixo de Egwene.

O rosto da Aes Sedai não se alterou, mas os grandes olhos escuros pareciam pegar fogo.

— O que você fez quando se recusou a ser guiado por mim? — A voz estava tão tranquila quanto a expressão, mas as palavras ainda

pareciam sair da boca feito o estalar de um chicote. — Por onde passou, você só deixou morte, destruição e guerras.

— Em Tear, não — retrucou Rand, rápido e na defensiva demais. Não podia permitir que Moiraine o desestabilizasse. Determinado, pitou o cachimbo calma e deliberadamente.

— Não — concordou ela. — Em Tear, não. Uma única vez, havia uma nação por trás de você, um povo, e o que você fez? Levar justiça a Tear foi digno de aplausos. Estabelecer a ordem em Cairhien, alimentar os famintos, tudo louvável. Em outras circunstâncias, eu o elogiaria. — Ela própria era cairhiena. — Mas nada disso o ajudará a encarar o dia em que Tarmon Gai'don chegar. — Uma mulher obstinada, indiferente a qualquer outra questão, até à própria terra natal. Mas ele não deveria ter a mesma obstinação?

— O que quer que eu faça? Cace os Abandonados um a um? — Uma vez mais, se obrigou a fumar o cachimbo devagar. Foi um esforço. — Você ao menos sabe onde eles estão? Ah, Sammael está em Illian, disso você sabe, mas e os outros? E se eu fosse atrás de Sammael, como você deseja, e encontrasse dois, três ou quatro deles por lá? Ou todos os nove?

— Você poderia enfrentar três ou quatro, talvez até os nove, e ainda sobreviveria — rebateu a mulher, gélida. — Bastava não ter deixado *Callandor* em Tear. A verdade é que você está fugindo. Não tem um plano de fato, não tem uma estratégia para se preparar para a Última Batalha. Você foge de um lugar a outro torcendo para que, de alguma forma, tudo termine da melhor maneira possível. Torcendo, porque não sabe o que mais pode fazer. Se aceitasse meus conselhos, ao menos… — Rand a interrompeu com um gesto abrupto do cachimbo, sem dar a mínima para os olhares que as duas mulheres lhe lançavam.

— Eu tenho um plano, sim. — Se elas queriam saber, que soubessem, e que a Luz o queimasse se mudasse uma palavra de sua estratégia. — Primeiro, pretendo pôr um fim nas guerras e na matança, não importa se elas começaram por minha causa ou não. Se homens precisarem matar, que matem Trollocs, não uns aos outros. Na Guerra dos Aiel, quatro clãs atravessaram a Muralha do Dragão e obtiveram êxito durante mais de dois anos. Eles pilharam e incendiaram Cairhien, derrotaram todos os exércitos que foram enviados para enfrentá-los. Poderiam ter conquistado Tar Valon, se quisessem. Por conta dos Três Juramentos de vocês, a Torre não teria como pará-los. — Não usar o Poder como arma, exceto contra Filhos das Sombras e Amigos das Trevas, ou para defender a própria vida, era mais um dos Juramentos, e os Aiel não haviam ameaçado a Torre propriamente dita. A raiva tomava conta dele. Fugindo e torcendo, é? — Quatro clãs fizeram isso. O que vai acontecer quando eu liderar

onze deles para além da Espinha do Mundo? — Teriam de ser onze. Havia poucas esperanças de contar com os Shaido. — Quando as nações começarem a pensar em se unir, já vai ser tarde demais. Eles vão aceitar minha paz, ou vou ser enterrado em Can Breat. — Um dedilhado dissonante emergiu da harpa, e Natael curvou-se sobre o instrumento, balançando a cabeça. Instantes depois, os sons suaves ressurgiram.

— Um melão teria que passar muito do ponto para se comparar à sua cabeça — resmungou Egwene, cruzando os braços. — E nem uma pedra conseguiria ser tão teimosa! Moiraine só está tentando ajudar. Por que não enxerga isso?

Embora não fosse necessário, a Aes Sedai ajeitou as saias de seda.

— Levar os Aiel para além da Muralha do Dragão talvez seja a pior coisa que você poderia fazer. — Havia um quê a mais na voz dela, raiva ou frustração. Pelo menos ele estava deixando bem claro que não era um fantoche. — A esta altura, o Trono de Amyrlin já está se aproximando dos governantes de cada nação que ainda tiver um para dar a eles todas as provas de que você é o Dragão Renascido. Eles conhecem as Profecias, sabem o que você nasceu para fazer. Assim que estiverem convencidos de quem você é e do que é capaz, vão aceitá-lo porque precisam aceitar. A Última Batalha se aproxima, e você é a única esperança deles, a única esperança da humanidade.

Rand soltou uma sonora mas amarga gargalhada. Enfiando o cachimbo entre os dentes, ergueu-se para sentar-se de pernas cruzadas em cima da mesa, olhando para as mulheres.

— Então você e Siuan Sanche ainda pensam que sabem de tudo. — Quisera a Luz, elas não estavam nem perto de saber tudo sobre ele, e nunca saberiam. — Vocês são duas tolas.

— Tenha mais respeito! — grunhiu Egwene, cujas palavras foram ignoradas por Rand.

— Os Grão-lordes tairenos também conhecem as Profecias e souberam quem eu era assim que viram a Espada Que Não Pode Ser Tocada bem firme em meu punho. Metade deles espera que eu lhes dê poder, glória ou ambos. A outra metade preferiria me cravar uma faca nas costas e tentar esquecer que o Dragão Renascido sequer esteve em Tear. A menos que eu os domine primeiro, como fiz com os tairenos. Sabem por que deixei *Callandor* em Tear? Para se lembrarem de mim. Todos os dias eles veem a espada lá, cravada no Coração da Pedra, e sabem que vou voltar para buscá-la. É isso que os prende a mim. — Aquele fora um dos motivos para Rand ter deixado para trás a Espada Que Não É Espada. Ele não gostava nem de pensar no outro.

— Tenha muito cuidado — alertou Moiraine, depois de alguns segundos. Apenas isso, e com uma voz de tranquilidade gélida. Rand interpretou aquelas palavras como um claro alerta. Ele uma vez a

ouvira dizer, praticamente no mesmo tom, que o veria morto antes de permitir que a Sombra o levasse. Uma mulher dura.

Moiraine o encarou por um longo tempo, seus olhos pareciam poças escuras ameaçando engoli-lo. Então fez uma reverência impecável.

— Com sua licença, lorde Dragão, vou cuidar para que Mestre Kadere saiba onde espero que ele trabalhe amanhã.

Ninguém seria capaz de ver nem ouvir o menor sinal de escárnio nas ações ou palavras dela, mas Rand conseguia sentir. Moiraine tentaria qualquer coisa que pudesse desequilibrá-lo, torná-lo mais subserviente em razão de culpa, vergonha, incerteza ou o que fosse. Ele a observou até que o tilintar das contas da porta a obscureceram.

— Não precisa fazer essa cara feia, Rand al'Thor. — A voz de Egwene estava baixa, e seus olhos, furiosos. Apertava o xale como se quisesse usá-lo para estrangular Rand. — Lorde Dragão! Seja o que for, não passa de um bobalhão rude e genioso. Merece coisa pior que isso. Ser civilizado não o mataria!

— Então foi *você*! — exclamou Rand. Porém, para a surpresa dele, ela balançou de leve a cabeça, antes de se interromper.

Havia sido Moiraine, afinal. Se a Aes Sedai estava demonstrando tanta irritação, devia estar terrivelmente incomodada com alguma coisa. Com ele, sem dúvida. Talvez Rand devesse pedir desculpas. *Suponho que ser civilizado não faria mesmo mal algum*. Embora Rand não visse por que deveria ser mais educado com a Aes Sedai enquanto ela tentava guiá-lo feito um cão encoleirado.

Porém, se ele estava pensando em tentar ser mais educado, Egwene não tinha o mesmo em mente. Se carvões em brasa fossem marrom-escuros, seriam exatamente como os olhos dela.

— Você é um tolo, um cabeça oca, Rand al'Thor, e eu jamais deveria ter dito a Elayne que você era bom para ela. Você não serve nem para uma doninha! Abaixe esse nariz. Ainda me lembro de lhe ver suando para se livrar das confusões em que Mat colocava vocês. Eu me lembro de Nynaeve lhe dando chibatadas até você uivar, e depois tinha que passar o resto do dia sentado em uma almofada. E não faz tanto tempo assim. Preciso dizer para Elayne esquecê-lo. Se ela soubesse de metade daquilo em que você se transformou…

Rand ficou boquiaberto enquanto Egwene seguia com o sermão, mais furiosa do que em qualquer outro momento desde que atravessara a cortina de contas. Então, entendeu. Foi por causa do leve menear de cabeça que ela dera sem querer, e que fizera Rand perceber que fora Moiraine a golpeá-lo com o Poder. Egwene se esforçava muito para ser boa no que fazia. Ao estudar com as Sábias, usava roupas Aiel. Talvez até estivesse tentando adotar costumes Aiel. Seria típico dela. E, o tempo todo, ela se empenhava para ser de fato uma

Aes Sedai, mesmo que na realidade fosse apenas uma das Aceitas. As Aes Sedai controlavam o temperamento e jamais revelavam qualquer coisa que quisessem esconder.

Ilyena nunca descontava em mim quando estava com raiva de si mesma. Quando me dava uma bronca, era porque… Por um instante, a mente de Rand congelou. Ele jamais conhecera uma mulher chamada Ilyena, mas conseguia até associar vagamente aquele nome a um rosto: bonito, a pele macia, os cabelos dourados no mesmo tom dos de Elayne. Aquilo só podia ser coisa da loucura. Lembrar-se de uma mulher imaginária. Um dia, talvez se pegasse tendo conversas com pessoas que nem estavam presentes.

O discurso de Egwene se encerrou com um olhar preocupado.

— Você está bem, Rand? — A raiva sumira da voz dela como se nunca tivesse existido. — Algo errado? Quer que eu chame Moiraine de volta para…

— Não! — respondeu ele, amenizando o próprio tom de voz com a mesma velocidade. — Ela não sabe Curar… — Nem as Aes Sedai sabiam Curar a loucura. Nenhuma delas era capaz de Curar nada do que o afligia. — Elayne está bem?

— Está, sim.

Apesar do que a jovem dissera, havia uma ponta de compaixão em sua voz. Aquilo era tudo que Rand esperava. Além do que soubera quando Elayne partira de Tear, o que ela estava fazendo era problema das Aes Sedai, não dele. Egwene dissera isso a ele mais de uma vez, e Moiraine corroborara. As três Sábias capazes de caminhar nos sonhos, com quem Egwene vinha estudando, haviam explicado ainda menos. As Sábias tinham as próprias razões para não estar contentes com Rand.

— Melhor eu ir também — concluiu Egwene, arrumando o xale sobre os braços. — Você está cansado. — Após franzir de leve a testa, fez mais uma pergunta. — Rand, o que significa ser enterrado em Can Breat?

Ele começou a se perguntar do que ela, pela Luz, estava falando. Então se lembrou de ter dito aquela frase.

— Foi só uma bobagem que ouvi outro dia — mentiu. Não fazia a menor ideia do que aquilo significava ou de onde tinha saído.

— Descanse, Rand — sugeriu Egwene, soando vinte anos mais velha, e não dois mais nova. — Prometa que vai descansar. Você precisa.

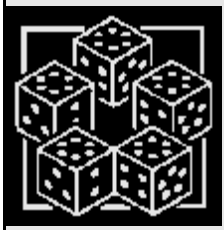
Rand assentiu. Ela analisou o rosto dele por um instante, como se buscasse a verdade, e caminhou em direção à porta.

O cálice prateado de vinho flutuou do tapete na direção de Rand, que se apressou a pegá-lo do ar um pouco antes de Egwene olhar por cima do ombro.

— Talvez eu não devesse lhe dizer isso. Elayne não me contou como uma mensagem para você, mas… ela disse que te ama. Talvez você já saiba, mas, se não for o caso, seria bom pensar nisso. — Então Egwene partiu, as contas tilintando atrás dela.

Saltando da mesa, Rand arremessou o cálice para longe, derramando vinho nos azulejos do piso, e partiu com toda a fúria para cima de Jasin Natael.

3



Sombras pálidas

Agarrando *saidin*, Rand canalizou e urdiu fluxos de Ar que arrastaram Natael das almofadas. A harpa dourada tombou nos azulejos vermelho-escuros enquanto o homem era preso contra a parede, imobilizado do pescoço aos tornozelos, e com os pés meia passada acima do chão.

— Eu já falei para você! *Nunca* canalize quando alguém estiver por perto. Nunca!

Natael inclinou a cabeça à sua maneira peculiar, como se tentasse olhar para Rand de soslaio ou vê-lo sem ser visto.

— Se ela tivesse percebido, teria pensado que foi você. — O tom de voz do músico não era nem de desculpas nem de medo, mas também não era desafiador. Ele parecia pensar que estava oferecendo uma explicação razoável. — Além disso, você parecia estar com sede. Um bardo da corte deve cuidar das necessidades de seu lorde. — Aquela era uma das pequenas presunções a que ele se permitia: se Rand era o Dragão Renascido, Natael deveria ser um bardo da corte, não um simples menestrel.

Tão desgostoso consigo mesmo quanto com raiva do músico, Rand desemaranhou o fio e o deixou cair. Brigar com aquele homem era como lutar contra um garotinho de dez anos. Rand não via o escudo que restringia o acesso do outro homem a *saidin* — era obra de uma mulher —, mas sabia que estava ali. Mover um cálice com o Poder era o máximo que Natael conseguia fazer, naqueles tempos. Por sorte, o escudo também ficava oculto de olhos femininos. Natael chamava aquele truque de “inversão”, mas não conseguia explicá-lo.

— E se ela tivesse visto meu rosto e suspeitasse de algo? Levei um susto, como se o cálice tivesse voado sozinho até mim! — Rand voltou a enfiar o cachimbo entre os dentes e despejou baforadas furiosas de fumaça.

— Ainda assim, ela não suspeitaria. — Depois de se ajeitar outra vez nas almofadas, o músico tornou a pegar a harpa e dedilhou uma melodia tortuosa. — Como alguém poderia suspeitar? Nem eu mesmo acredito totalmente nesta situação. — Se havia algum quê de

amargura na voz do bardo, Rand não percebeu.

Ele também não tinha certeza de que acreditava, ainda que tivesse se esforçado bastante para chegar àquele ponto. O homem diante dele, Jasin Natael, tinha outro nome: Asmodean.

Tocando preguiçosamente a harpa, Asmodean não aparentava ser um dos temíveis Abandonados. Era até um pouco bonito. Rand supunha que algumas mulheres o achassem atraente. Sempre estranhava que o mal não deixasse marcas externas. O homem era um dos Abandonados e, longe de tentar matá-lo, Rand escondia o que ele era, não apenas de Moiraine, mas de todos. Precisava de um professor.

Se o que as Aes Sedai diziam das mulheres chamadas de "bravias" também valesse para os homens, ele só tinha um quarto de chance de sobreviver às tentativas de aprender sozinho a usar o Poder. Isso sem falar na loucura. Seu professor tinha que ser homem. Moiraine e as outras haviam dito várias vezes que um pássaro não poderia ensinar um peixe a voar, assim como um peixe não ensinaria um pássaro a nadar. E o professor tinha que ser experiente, alguém que já soubesse tudo o que Rand precisava aprender. Com as Aes Sedai amansando homens capazes de canalizar assim que os descobriam, e com cada vez menos homens assim sendo descobertos ano a ano, as opções eram escassas. Um homem que tivesse acabado de descobrir que canalizava não saberia mais do que ele. Um Dragão falso capaz de canalizar, caso Rand conseguisse encontrar algum que já não tivesse sido capturado e amansado, provavelmente não abriria mão dos próprios sonhos de grandeza em nome de outro que afirmava ser o Dragão Renascido. O que sobrara, e o que Rand conseguira prender a si, fora um dos Abandonados.

Asmodean dedilhava acordes aleatórios quando Rand se sentou em uma almofada à frente dele. Era bom lembrar que o homem não mudara, ao menos por dentro, desde o dia em que confiara sua alma à Sombra, muitos anos atrás. O que ele fazia naquele momento, fazia sob coação. Não decidira voltar para a Luz.

— Você pensa em voltar atrás, Natael? — Rand sempre tomava muito cuidado com o nome. Com qualquer sinal de "Asmodean", Moiraine teria certeza de que ele se unira à Sombra. Moiraine e mais gente, talvez. Nem ele e nem Asmodean sobreviveriam a isso.

As mãos do homem pararam sobre as cordas, e sua expressão se tornou absolutamente vazia.

— Voltar atrás? Demandred, Rahvin ou qualquer outro me mataria na hora. Isso se eu tivesse sorte. Exceto Lanfear, talvez, e você um dia vai entender por que eu não quero colocá-la à prova. Semirhage faria um rochedo clamar por misericórdia e agradecê-la por matá-lo. E quanto ao Grande Senhor…

— O Tenebroso — corrigiu Rand de modo incisivo, mesmo com o

cachimbo na boca. Grande Senhor das Trevas era como os Amigos das Trevas chamavam o Tenebroso. Eles e os Abandonados.

Asmodean assentiu com um breve movimento de cabeça.

— Quando o Tenebroso se libertar… — Se antes seu rosto estivera inexpressivo, naquele momento parecia completamente sombrio. — Basta dizer que prefiro ir atrás de Semirhage e me entregar a ela do que… enfrentar o castigo do Tenebroso por traição.

— Ainda bem que você está aqui para me ensinar, então.

Uma música pesarosa, que expressava perdas e lágrimas, começou a fluir da harpa.

— É "A marcha da morte" — explicou Asmodean, nomeando a canção —, o último movimento do Ciclo das Grandes Paixões, composto uns trezentos anos antes da Guerra do Poder, por…

— Você não está sendo um bom professor — interrompeu Rand.

— O melhor que se poderia esperar, dadas as circunstâncias. Agora, você consegue agarrar *saidin* sempre que tenta, e distingue um fluxo do outro. Você sabe se proteger, e o Poder obedece aos seus comandos. — Ele parou de tocar e, sem olhar para Rand, franziu o cenho. — Acha que Lanfear realmente pretendia que eu lhe ensinasse tudo? Se ela quisesse isso, teria forjado um modo de ficar por perto, para poder nos unir. Ela quer você vivo, Lews Therin, mas, desta vez, pretende ser a mais forte.

— Não me chame assim! — disparou Rand, mas Asmodean nem pareceu escutar.

— Se isso tiver sido um plano de vocês dois, me prender assim… — Rand sentiu uma mudança em Asmodean, como se o Abandonado estivesse testando o escudo que Lanfear tecera ao redor dele. Mulheres capazes de canalizar viam um brilho em torno de outra mulher que tocava *saidar* e sentiam claramente que ela estava canalizando, mas Rand nunca enxergava nada ao redor de Asmodean, e sentia muito pouco. — Se tramaram isso juntos, então você permitiu que ela o passasse para trás em vários níveis. Já lhe disse que não sou um bom professor, menos ainda sem um vínculo. Vocês planejaram isso juntos, não foi? — O homem lançou um olhar de soslaio para Rand, mas ainda intenso. — O que você lembra? Sobre ser Lews Therin. Lanfear disse que você não se lembrava de nada, mas ela seria capaz de mentir para o próprio Gran… Tenebroso.

— Ela falou a verdade desta vez. — Sentado em uma das almofadas, Rand canalizou e trouxe para si um dos cálices de prata em que os chefes de clãs não tinham bebido. Mesmo um breve toque em *saidin* era um êxtase, e um castigo. Era difícil largar. Não queria falar sobre Lews Therin, estava cansado das pessoas pensando que ele *era* Lews Therin. O fornilho do cachimbo ficara bem quente após tantas baforadas, então Rand o segurou pela haste e gesticulou. — Se criar

esse vínculo vai ajudar você a me ensinar, por que não o criamos?

Asmodean o encarou como se Rand tivesse proposto que os dois comessem pedra, então balançou a cabeça.

— Eu vivo esquecendo o quanto você ainda não sabe. Não tem como. Não sem uma mulher se unindo a nós. Você poderia pedir a Moiraine, suponho, ou para a garota, Egwene. Uma delas talvez consiga compreender o método. Contanto que você não se importe de elas descobrirem quem eu sou.

— Não minta para mim, Natael — rosnou Rand. Bem antes de conhecer o sujeito, aprendera que a canalização de homens e mulheres era tão diferente quanto eram os próprios homens e mulheres, mas confiava pouco no que o músico lhe dizia. — Já ouvi Egwene e outras mulheres falando sobre Aes Sedai unindo seus poderes. Se elas conseguem, por que você e eu não conseguiríamos?

— Porque nós não podemos. — A voz de Asmodean se encheu de exasperação. — Se quiser saber por quê, pergunte a um filósofo. Por que os cães não voam? No grande esquema do Padrão, talvez seja um equilíbrio pelo fato de os homens serem mais fortes. Não podemos nos unir sem elas, mas elas conseguem se unir sem nós. Para nosso pequeno consolo, um máximo de treze mulheres podem se unir. Para mais que isso, elas precisam de homens para aumentar o círculo.

Ao ouvir aquilo, Rand teve certeza de que ele estava mentindo. Moiraine dissera que, na Era das Lendas, homens e mulheres usavam o Poder com a mesma força, e ela não podia mentir. Rand repetiu a informação e acrescentou:

— Os Cinco Poderes são iguais.

— Terra, Fogo, Ar, Água e Espírito — disse Natael, dedilhando uma corda para cada um. — Eles são iguais, de fato, assim como é verdade que tudo o que um homem pode fazer com eles, uma mulher também pode. Em tese, pelo menos. Mas isso não tem nada a ver com homens serem mais fortes. O que Moiraine acredita ser verdade, ela fala como verdade, e não importa se é ou não. Um dos milhares de pontos fracos daqueles Juramentos tolos. — Ele tocou uma musiquinha que reiterava a ideia de a conversa ser uma tolice. — Algumas mulheres têm braços mais fortes que alguns homens, mas, no geral, é o contrário. O mesmo vale para a força com o Poder, e mais ou menos na mesma proporção.

Rand assentiu devagar. Realmente fazia certo sentido. Elayne e Egwene eram consideradas duas das mulheres mais fortes a se educar na Torre em mil anos ou mais, mas ele se testara certa vez contra elas e, mais tarde, Elayne confessara que se sentira como um gatinho agarrado por um mastim.

Asmodean ainda não havia terminado.

— Se duas mulheres se unirem, não vão dobrar de força. Unir-se

não é simplesmente somar o poder de cada uma. Mas, se elas forem fortes o bastante, podem fazer frente a um homem. Quando aumentam o círculo para treze, é melhor ter cuidado. Treze mulheres que mal sabem canalizar poderiam sobrepujar a maioria dos homens, se estiverem unidas. As treze mulheres mais fracas da Torre poderiam derrotar você ou qualquer homem sem fazer muito esforço. Uma vez ouvi um ditado em Arad Doman: "Quanto mais mulheres, mais manso pisa o homem sábio." Não seria má ideia ter isso sempre em mente.

Rand sentiu um arrepio ao se recordar de uma época em que estivera entre bem mais do que treze Aes Sedai. Claro que a maior parte delas não sabia quem ele era. Se soubessem… *Se Moiraine e Egwene se unissem…* Rand não queria acreditar que Egwene fora tanto para o lado da Torre, deixando para trás a amizade entre eles. *O que quer que Egwene faça, faz de todo o coração, e ela está se tornando uma Aes Sedai. Assim como Elayne*.

Engolir metade do vinho não afastou de vez aquele pensamento.

— O que mais você pode me contar sobre os Abandonados? — Rand tinha certeza de que já fizera essa pergunta umas cem vezes, sempre na esperança de arrancar algo mais. Era melhor do que pensar em Moiraine e Egwene se unindo para…

— Já contei tudo o que sei. — Asmodean suspirou pesadamente. — Não éramos muito amigos. Acha que estou escondendo alguma coisa? Não sei onde os outros estão, se é isso o que quer saber. Exceto Sammael, e você sabia que ele tinha feito de Illian seu reino antes mesmo de eu contar. Graendal passou um tempo em Arad Doman, mas acho que já deve ter partido. Ela aprecia demais viver com conforto. Também suspeito que Moghedien está ou esteve em algum local do oeste, mas ninguém encontra a Aranha, a menos que ela queira ser encontrada. Rahvin agora tem uma rainha como animalzinho de estimação, mas, com relação a qual país a mulher governa para ele, sei tanto quanto você. No que pode ajudar a encontrá-los, isso é tudo o que sei.

Rand já ouvira tudo aquilo antes. Parecia que já escutara umas cinquenta vezes tudo o que Asmodean tinha para dizer sobre os Abandonados, e com uma frequência tão grande que, em alguns momentos, tinha a impressão de que sempre soubera o que o homem estava contando. Rand quase desejava nunca ter ouvido certas partes da história — como o que Semirhage achava divertido, por exemplo —, e outras não faziam sentido. Demandred fora para a Sombra porque invejava Lews Therin Telamon? Rand não conseguia se imaginar invejando tanto alguém a ponto de fazer qualquer coisa a respeito, e certamente não algo dessa magnitude. Asmodean afirmava que fora seduzido pelos pensamentos de imortalidade e de infinitas Eras de música. Dizia ter sido, no passado, um importante compositor.

Insensatez. Mesmo assim, naquele monte de informações de fazer gelar o sangue, poderia estar a chave para sobreviver a Tarmon Gai'don. Apesar do que dissera a Moiraine, Rand sabia que teria que enfrentar os Abandonados na Última Batalha, se não antes. Esvaziou o cálice e o pousou nos azulejos do chão. O vinho não inebriaria a verdade.

A cortina de contas tilintou, e Rand olhou por cima do ombro no instante em que *gai'shain* entravam em silêncio, trajando os robes brancos. Enquanto alguns começaram a recolher as comidas e bebidas que haviam sido servidas para ele e os chefes de clãs, um *gai'shain* do sexo masculino levou à mesa uma grande bandeja de prata. Nela, havia pratos cobertos, uma xícara de prata e dois grandes jarros de cerâmica com listras verdes. Um continha vinho, e o outro, água. Uma mulher *gai'shain* trouxe uma lamparina dourada, já acesa, e a posicionou bem ao lado da bandeja. Pelas janelas, via-se que o céu começava a se tingir do vermelho-amarelado do pôr do sol. No curto intervalo entre o assar e o congelar, o clima ficava bastante agradável.

Conforme os *gai'shain* foram saindo, Rand se levantou, mas não foi logo até a mesa.

— O que acha das minhas chances quando chegar o dia da Última Batalha, Natael?

Asmodean hesitou, puxando de trás das almofadas os cobertores de lã com listras vermelhas e azuis, e olhou para Rand de sua maneira peculiar, a cabeça inclinada para o lado.

— Você encontrou… uma coisa na esplanada… no dia em que nós nos conhecemos.

— Esqueça isso — advertiu Rand com rispidez. Haviam sido duas coisas, não uma. — Seja como for, eu já a destruí. — Rand achou que os ombros de Asmodean se encurvaram um pouco.

— Então o… Tenebroso… vai comer você vivo. Quanto a mim, pretendo rasgar as veias assim que souber que ele se libertou. Se eu tiver chance. Melhor uma morte rápida do que qualquer outra que eu possa encontrar por aí. — Ele jogou os cobertores de lado e encarou o nada melancólico. — Melhor do que enlouquecer, com certeza. Estou tão sujeito a isso quanto você, a partir de agora. Você quebrou os elos que me protegiam. — Não havia amargura em sua voz, apenas desesperança.

— E se houvesse outra maneira de se proteger da mácula? — conjecturou Rand. — E se, de alguma forma, ela pudesse ser removida? Você ainda se mataria?

A gargalhada sonora de Asmodean foi absolutamente ácida.

— Que a Sombra me consuma, mas você deve mesmo estar começando a achar que é o próprio Criador! Estamos mortos. Nós dois. Mortos! Está tão cego de orgulho que não consegue ver? Ou é só

mesmo estúpido, seu pastorzinho idiota?

Rand recusou-se a ceder.

— Então por que não acaba logo com isso? — perguntou entredentes. *Não fui cego o bastante para deixar de ver o que você e Lanfear estavam tramando. Não fui estúpido o bastante para não conseguir enganá-la e armar uma cilada para você.* — Se não existe esperança e não há chance alguma, nem a menor possível… então por que ainda está vivo?

Ainda sem encará-lo, Asmodean esfregou a lateral do nariz.

— Certa vez, vi um homem pendurado em um penhasco — começou, demorando-se nas palavras. — A borda da rocha estava ruindo sob seus dedos, e a única coisa que havia perto para ele se agarrar era um tufo de grama, umas poucas folhas compridas cujas raízes mal se prendiam ao chão. Era a única chance que ele tinha de escalar de volta. Então, ele o agarrou. — Seu riso súbito não exibia a menor alegria. — Precisava confirmar que o tufo se soltaria.

— Você o salvou? — questionou Rand, mas Asmodean não respondeu.

Quando Rand partiu em direção à porta, a melodia de "A Marcha da Morte" recomeçou atrás dele.

Os fios com contas chacoalharam às suas costas, e as cinco Donzelas que o aguardavam no amplo salão vazio se puseram de pé em um movimento fluido, tendo esperado por ele agachadas nos azulejos azul-claros. Exceto por uma, todas eram altas para os padrões femininos, mas não para mulheres Aiel. A líder, Adelin, precisaria ser pouco mais de uma mão mais alta para poder olhá-lo nos olhos. A única que destoava, uma ruiva ardente chamada Enaila, não era mais alta que Egwene, e se sentia extremamente incomodada por ser tão baixa. Tais como os chefes de clãs, os olhos das mulheres eram azuis, cinzentos ou verdes, e os cabelos castanho-claros, louros ou ruivos eram mantidos curtos, exceto por um rabo de cavalo que lhes cobria a nuca. Aljavas cheias contrabalançavam as facas de lâmina comprida em suas cinturas, e todas tinham às costas arcos de chifre devidamente cobertos. Cada mulher portava três ou quatro lanças curtas de ponta longa e um broquel redondo de couro de touro. Mulheres Aiel que não desejavam lares ou filhos tinham a própria sociedade guerreira, *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança.

Rand cumprimentou-as curvando-se de leve, o que as fez sorrir. Aquele não era um costume Aiel, pelo menos não da maneira como o haviam ensinado a fazer.

— Vejo você, Adelin — disse ele. — Onde está Joinde? Pensei que estivesse com você mais cedo. Ela adoeceu?

— Vejo você, Rand al'Thor — respondeu a mulher. Os cabelos loiros bem claros pareciam ainda mais pálidos ao emoldurar o rosto

bronzeado, que tinha uma grande cicatriz branca rasgando uma das bochechas. — De certa forma, adoeceu, sim. Ela passou o dia inteiro falando sozinha e, há menos de uma hora, foi depositar uma grinalda nupcial aos pés de Garan, dos Goshien Jhirad. — Algumas das outras mulheres balançaram a cabeça, já que casar significava abrir mão da lança. — Amanhã é o último dia dele como *gai'shain* dela. Joinde é uma Shaarad Pedra Negra — destacou Adelin. E aquilo era digno de destaque. Casamentos entre homens e mulheres que tinham servido como *gai'shain* eram frequentes, mas era muito raro que acontecessem entre clãs com rixas de sangue, mesmo que as rixas estivessem em trégua.

— É uma doença que está se espalhando — afirmou Enaila de modo acalorado. Sua voz costumava ser tão ardente quanto seus cabelos. — Desde que chegamos a Rhuidean, uma ou duas Donzelas por dia fazem pedidos de casamento.

Rand anuiu com um gesto que ele esperava ser recebido com simpatia pelas mulheres. A culpa era dele. Se contasse a elas, não sabia quantas ainda se arriscariam a ficar perto dele. Todas, provavelmente. A honra as manteria ali, e elas eram tão destemidas quanto os chefes de clã. Pelo menos eram só casamentos — até aquele instante. Mesmo as Donzelas achariam melhor se casar do que passar pelo que algumas passaram. Talvez ainda passassem.

— Fico pronto em um minuto — disse Rand.

— Vamos esperar com toda a paciência — respondeu Adelin, mas não pareciam muito pacientes. Ali, de pé, todas pareciam prestes a se mover.

Ele realmente só precisou de um instante para fazer o que queria, que era urdir fluxos de Espírito e Fogo em torno do aposento e amarrá-los, para que se mantivessem sozinhos. Qualquer pessoa poderia entrar ou sair, exceto um homem capaz de canalizar. Para ele, ou para Asmodean, cruzar aquela porta seria como atravessar uma parede maciça de chamas. Descobrira aquela urdidura — e o fato de que Asmodean, bloqueado, era fraco demais para canalizar sua passagem por ela — por acaso. Era improvável que alguém questionasse os atos de um menestrel, mas, se acontecesse, Jasin Natael optara simplesmente por dormir o mais longe possível de qualquer Aiel em Rhuidean. Aquela era uma escolha que, ao menos, era vista com compreensão pelos condutores e guardas de Hadnan Kadere. Além disso, desse jeito Rand sabia exatamente onde o homem estava durante a noite. As Donzelas não lhe fizeram perguntas.

Ele se virou. As Donzelas o acompanharam, rodeando-o, atentas, como se esperassem um ataque a qualquer momento. Asmodean ainda tocava na harpa suas lamentações.

De braços abertos, Mat Cauthon caminhava pela larga borda branca da fonte sem água enquanto cantava para os homens que o observavam no lusco-fusco.

— Vamos bebendo vinho até o copo secar,
e beijando as garotas para ninguém chorar,
e os dados lançando até irmos dançar
com Jak das Sombras.

O clima era fresco após o calor do dia, e Mat chegou a pensar em abotoar o belo casaco de seda verde com bordado dourado, mas a bebida que os Aiel chamavam de *oosquai* deixara sua cabeça zunindo feito moscas gigantes, e o pensamento se perdera. Em uma plataforma da fonte empoeirada havia imagens em pedra branca de três mulheres sem roupa, cada uma com vinte pés de altura. Todas haviam sido esculpidas com uma das mãos erguida e a outra segurando um imenso jarro de pedra nos ombros, de onde a água era derramada, mas uma das estátuas estava sem a cabeça e sem a mão erguida, e, em outra, o jarro não passava de ruínas.

— Dançando a noite inteira vendo a lua que vai,
embalando a moçoila que aos nossos pés cai,
e você vem comigo para juntos dançarmos
com Jak das Sombras.

— Uma bela canção para falar de morte — gritou um dos condutores dos carroções, com um pesado sotaque lugardiano. Os homens de Kadere estavam reunidos ao redor da fonte, longe dos Aiel. Todos eram durões, com fisionomia austera, mas tinham certeza absoluta de que bastava um olhar errado e qualquer Aiel lhes cortaria a garganta. Não estavam muito enganados. — Ouvi minha velha avó falar sobre Jak das Sombras — continuou o lugardiano orelhudo. — Não é bom não, cantar assim sobre a morte.

Meio confuso, Mat pensou sobre a música que estivera cantando e fez uma careta. Ninguém ouvia "Dançando com Jak das Sombras" desde a queda de Aldeshar. Em sua memória, Mat ainda escutava aquela canção desafiadora ecoando enquanto os Leões Dourados lançavam seu último e infrutífero ataque contra o exército de Artur Asa-de-gavião, que os cercava. Ao menos ele não estava balbuciando a letra na Língua Antiga. Mat não estava tão bêbado quanto aparentava, mas, de fato, havia secado demasiados copos de *oosquai*. A bebida tinha aspecto e gosto de água marrom, mas batia na cabeça feito coice de mula. *Se eu não tomar cuidado, Moiraine vai me despachar para a*

Torre. Pelo menos isso me tiraria do Deserto e me mandaria para longe de Rand. Se considerasse essa uma boa troca, talvez estivesse mais bêbado do que pensava. A canção agora era "Latoeiro na cozinha".

> — Latoeiro na cozinha, um trabalho a realizar.
> A patroa lá em cima, em um robe azul a rodar.
> Ela dança nas escadas, livremente a imaginar.
> Latoeiro, ó latoeiro, uma panela a consertar.

Alguns dos empregados de Kadere se juntaram à cantoria enquanto Mat voltava, dançando, ao ponto de onde começara. Os Aiel, não. Entre eles, tirando os cânticos de batalha ou as lamúrias pelos mortos, os homens não cantavam, assim como as Donzelas, que só cantavam entre si.

Dois Aiel estavam acocorados na borda da fonte sem exibir nenhum efeito do *oosquai* que haviam consumido, exceto pelos olhos levemente perdidos, talvez. Mat adoraria voltar para onde olhos de cores claras eram uma raridade. Durante a juventude, não vira ninguém, tirando Rand, com olhos que não fossem castanhos ou negros.

Alguns pedaços de madeira — braços e pernas de cadeiras carcomidos por vermes — estavam caídos nos grandes paralelepípedos da área deixada aberta pelos vigias. Um vaso de barro vermelho vazio estava ao lado da borda da fonte, assim como outro que ainda continha *oosquai*, além de um copo de prata. A brincadeira era tomar um gole e depois tentar lançar uma faca em um alvo atirado para o ar. Nenhum dos funcionários de Kadere e poucos Aiel jogavam dados contra Mat, não com ele ganhando tanto quanto ganhava, e ninguém ali jogava cartas. Supunha-se que com o lançamento de facas o resultado seria outro, especialmente depois de todo aquele *oosquai*. Mat não ganhara tanto naquele jogo quanto nos dados, mas meia dúzia de copos de ouro trabalhado e duas bandejas já estavam dentro da fonte, logo atrás dele, além de braceletes e colares de rubi, pedra-da-lua ou safira, e também um punhado de moedas. Seu chapéu e sua peculiar lança de cabo preto repousavam ao lado dos objetos que ganhara. Alguns até eram artesanatos Aiel. Eles eram mais afeitos a pagar pelas coisas com o produto de uma pilhagem do que com moedas.

Corman, um dos Aiel na borda da fonte, olhou para Mat assim que ele parou a cantoria. Uma cicatriz branca atravessava diagonalmente seu nariz.

— Sua habilidade com as facas é quase tão grande quanto com os dados, Matrim Cauthon. Que tal pararmos por aqui? A luz já está bem fraca.

— Ainda tem bastante luz. — Mat apertou os olhos em direção ao céu. Sombras empalidecidas cobriam todo o vale de Rhuidean, mas, pelo menos, o céu ainda estava suficientemente claro para ser visto. — Até minha avó conseguiria lançar com essa luz. E eu lançaria até vendado.

Jenric, o outro Aiel por ali, perscrutou quem os assistia.

— Alguma mulher por aqui? — Com a constituição física de um urso, ele se considerava sabido. — Um homem só fala assim quando há alguma mulher para impressionar. — As Donzelas que se espalhavam pelo público gargalharam tanto quanto os outros, talvez até mais.

— Acha que não consigo? — resmungou Mat, puxando o cachecol escuro que usava no pescoço para esconder a cicatriz no local em que certa vez fora enforcado. — Basta você gritar "já" assim que lançar, Corman.

Mat tratou de amarrar o cachecol em torno dos olhos e sacou da manga uma de suas facas. O que se ouvia de mais alto era a respiração dos espectadores. *Não estou bêbado? Eu bebi mais que um gambá*. De repente, porém, ele sentiu a sorte, o mesmo impulso que sentia quando sabia quais números iam sair antes de os dados pararem de rolar. Aquilo pareceu clarear um pouco sua mente. — Pode lançar — murmurou com calma.

— Já! — anunciou Corman, e o braço de Mat chicoteou para trás e depois para a frente.

Naquele silêncio, o som seco do aço penetrando na madeira foi tão alto quanto o barulho do alvo caindo no calçamento.

Ninguém disse uma só palavra enquanto ele puxava o cachecol de volta para o pescoço. Um pedaço de um braço de cadeira menor que a mão de Mat jazia no chão, com a lâmina firmemente cravada bem no meio. Parecia que Corman tentara aumentar ainda mais suas chances. Ele não havia mesmo especificado que alvo lançaria, afinal. Tendo um estalo, o homem se deu conta de que nem chegara a propor uma aposta.

Por fim, um dos funcionários de Kadere disse, quase gritando:

— Isso foi a sorte do próprio Tenebroso!

— A sorte é um cavalo para se cavalgar como qualquer outro — disse Mat para si mesmo. Pouco importava de onde ela vinha. E não que ele soubesse de onde. Mat só tentava encilhá-la da melhor forma possível.

Mesmo tento falado bem baixo, Jenric franziu o cenho para ele.

— O que foi que você disse, Matrim Cauthon?

Mat abriu a boca para repetir, mas voltou a fechá-la assim que as palavras se tornaram mais claras na mente. *Sene sovya caba'donde ain dovienya*. A Língua Antiga.

— Nada. Só estou falando sozinho. — Os espectadores estavam começando a ir embora. — Acho que a luz está mesmo ficando muito fraca para continuarmos.

Corman pisou no pedaço de madeira para arrancar a faca de Mat e a trouxe de volta para ele.

— Talvez alguma outra vez, Matrim Cauthon, algum outro dia. — Aquela era a forma como os Aiel diziam "nunca" quando não queriam dizer a palavra propriamente dita.

Mat assentiu enquanto deslizava a lâmina de volta para uma das bainhas internas da manga. Acontecera o mesmo quando lançara, vinte e três vezes seguidas, seis dados com o número seis. Não dava para culpá-los. Não era apenas sorte. Com uma pitada de inveja, notou que nenhum dos dois Aiel dava a menor pinta de cambalear enquanto se misturavam à multidão que partia.

Passou a mão pelo cabelo e se deixou cair sentado na borda da fonte. As memórias que um dia lhe atravancaram a cabeça feito uvas passas em um bolo agora se misturavam às suas próprias. Parte de sua mente sabia que nascera em Dois Rios, vinte anos antes, mas também se lembrava com clareza de ter liderado o ataque pelos flancos que derrotara os Trollocs em Maighande, de dançar na corte de Tarmandewin e de mais centenas ou milhares de situações. Batalhas, na maioria. Lembrava-se de ter morrido mais vezes do que queria pensar. Já não havia emendas entre cada uma dessas vidas. A menos que se concentrasse, Mat não conseguia diferenciar suas memórias das demais.

Pegou o chapéu atrás de si e o enfiou na cabeça, depois aninhou a estranha lança sobre os joelhos. Diferentemente de uma lança comum, aquela tinha o que aparentava ser uma lâmina de espada de dois pés entalhada com um par de corvos. Lan dissera que aquela lâmina fora feita com o Poder Único durante a Guerra da Sombra, a Guerra do Poder. Segundo o Guardião, ela nunca precisaria ser afiada e jamais se quebraria. Mat não colocaria isso à prova, a menos que fosse necessário. A arma poderia até ter aguentado três mil anos, mas ele confiava muito pouco no Poder. Havia letras cursivas ao longo do cabo negro, pontuadas em cada extremidade por outro corvo incrustado com algum metal ainda mais escuro que a madeira. Tudo na Língua Antiga, mas, àquela altura, claro que Mat conseguia ler.

> Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.
> O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.
> O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.

Descendo a ampla rua, a meia milha de distância, havia uma

praça que, na maioria das cidades, seria considerada grande. O dia já se encerrara para os comerciantes Aiel, mas os pavilhões ainda estavam de pé, construídos com a mesma lã marrom-acinzentada usada nas tendas. Centenas deles haviam vindo a Rhuidean de todos os rincões do Deserto para constituir a maior feira já vista pelos Aiel, e outros mais chegavam a cada dia. Os comerciantes haviam sido os primeiros a fixar residência naquela cidade.

Mat não fazia questão de olhar para o outro lado, em direção à grande esplanada. Conseguia divisar as silhuetas dos carroções de Kadere, que aguardavam mais carregamentos no dia seguinte. O que parecia ser um batente de porta retorcido de pedra vermelha fora erguido naquela tarde a um dos carroções. Moiraine garantira que o objeto fosse firmemente amarrado, do jeitinho que queria.

Mat não fazia ideia de quanto Moiraine sabia sobre aquele batente, e não pensava em perguntar. Era melhor ela esquecer que ele estava vivo, ainda que as chances disso fossem pequenas. Porém, o que quer que a mulher soubesse, Mat tinha certeza de que ele sabia mais. Passara por aquele portal, um tolo em busca de respostas. Em vez disso, o que conseguiu foi encher a cabeça com memórias de outros homens. Homens mortos. Mat apertou o cachecol em torno do pescoço. E duas outras coisas: um medalhão de prata com uma cabeça de raposa, que ele usava por baixo da camisa, e a arma atravessada sobre os joelhos. Recompensa pequena. Passou os dedos pelos escritos, devagar. *A memória nunca se esvai*. Aquelas pessoas do outro lado do portal tinham um senso de humor perfeito para os Aiel.

— Você sempre acerta?

Mat virou a cabeça para observar a Donzela que acabara de se sentar ao seu lado. Era alta até para os padrões Aiel, talvez mais alta que ele, os cabelos pareciam fios de ouro e os olhos tinham a cor de um céu matinal bem límpido. Talvez fosse mais velha que Mat uns dez anos, mas aquilo nunca o incomodara. Só que se tratava de uma *Far Dareis Mai*.

— Sou Melindhra, do ramo Jumai. Você sempre acerta?

Mat deu-se conta de que ela se referia ao lançamento da faca. A mulher lhe dissera seu ramo, mas não o clã. Os Aiel nunca faziam isso, a menos que… Ela devia ser uma das Donzelas Shaido que tinham vindo se juntar a Rand. Mat não entendia exatamente como as sociedades funcionavam, mas, com relação aos Shaido, lembrava-se muito bem de que haviam tentado enfiar lanças nele. Couladin não gostava de ninguém associado a Rand, e o que Couladin odiava, os Shaido também odiavam. Por outro lado, Melindhra viera a Rhuidean. Uma Donzela. Mas sorria para ele, e seu olhar trazia um brilho convidativo.

— Na maioria das vezes — respondeu Mat, com honestidade.

Mesmo quando não a sentia, sua sorte era boa. Se a sentisse, era perfeita. Melindhra deu uma risada, e seu sorriso se abriu como se pensasse que ele estava se gabando. As mulheres pareciam tirar suas conclusões sobre se alguém estava mentindo ou não sem nem analisar as evidências. Em contrapartida, se gostassem desse alguém, ou não davam a mínima para a mentira, ou decidiam que até a mais cabeluda delas era verdade.

As Donzelas podiam ser perigosas, independentemente do clã. Qualquer mulher podia, na verdade, e ele aprendera isso por si mesmo. No entanto, o olhar de Melindhra definitivamente não era neutro.

Mergulhando a mão em seus ganhos, Mat puxou um colar com espirais de ouro, cada uma centrada por uma safira azul-marinho, a maior delas do tamanho da articulação de seu polegar. Lembrava-se da época — era sua própria memória — em que a menor daquelas pedras o teria feito suar.

— Combina com seus olhos — disse ele, depositando o pesado cordão nas mãos dela.

Mat nunca vira uma Donzela usar badulaques de espécie alguma, mas sua experiência dizia que não havia mulher que não gostasse de joias. Estranhamente, elas gostavam de flores quase na mesma medida. Ele não compreendia, mas também precisava admitir que entendia menos de mulheres do que da própria sorte, ou do que acontecera no outro lado daquele batente retorcido.

— Um trabalho muito bonito — opinou Melindhra, erguendo a peça. — Aceito sua oferta. — O colar desapareceu na bolsa da mulher, que se inclinou para afastar o chapéu de Mat para trás. — Seus olhos são bonitos. Como olhos de gato, escuros e límpidos. — Ela girou o corpo para apoiar os pés na borda da fonte e abraçou os joelhos, analisando-o com interesse. — Minhas irmãs-de-lança me falaram de você.

Mat recolocou o chapéu no lugar e observou-a com cautela por baixo da aba. O que elas haviam dito? E por que “oferta”? Era só um colar. O ar convidativo sumira dos olhos de Melindhra. Ela parecia um felino observando um rato. Esse era o problema das Donzelas da Lança. Às vezes, era difícil dizer se queriam dançar, beijar ou matar.

A rua se esvaziava, as sombras escureciam, mas Mat reconheceu Rand esgueirando-se mais adiante, cachimbo enfiado entre os dentes. Era o único homem em Rhuidean que poderia ser visto andando acompanhado de um grupo de *Far Dareis Mai*. *Estão sempre ao redor dele*, pensou Mat. *Vigiam Rand feito lobas, ávidas para fazer o que ele disser*. Alguns homens talvez o invejassem por isso. Mat, não. Na maior parte do tempo, não. Mas, se fosse um bando de garotas como Isendre…

— Com licença um instante — disse ele a Melindhra, apressadamente.

Apoiando a lança de pé contra a borda da fonte, Mat saltou e correu. A cabeça ainda zunia, mas não tanto quanto antes, e ele não vacilou. Não tinha a menor preocupação com seus ganhos. Os Aiel tinham regras bem claras: pilhar durante um ataque era uma coisa, roubar, outra. Os funcionários de Kadere haviam aprendido a manter as mãos nos bolsos quando um deles foi pego roubando. Após um espancamento que deixara o homem com marcas do ombro ao tornozelo, ele fora mandado embora. Mesmo que o tivessem deixado com as roupas, a única bolsa de água que lhe permitiram levar não seria o bastante para que chegasse nem à Muralha do Dragão. Depois do fato, ninguém pegava nem uma moeda de cobre que encontrasse no chão da rua.

— Rand? — O outro homem avançava, cercado por sua escolta. — Rand? — Ele não estava nem a dez passadas de distância, mas continuou andando. Algumas das Donzelas olharam para trás, mas Rand não. Mat sentiu um frio súbito que nada tinha a ver com a noite que caía. Molhou os lábios e, sem gritar, chamou de novo: — Lews Therin. — Rand se virou. Mat quase desejou que não o tivesse feito.

Por um tempo, os dois apenas se encararam sob a luz do crepúsculo. Mat hesitou em se aproximar e tentou dizer a si mesmo que era por causa das Donzelas. Adelin fora uma das mulheres que lhe ensinara um jogo chamado O Beijo da Donzela, que ele dificilmente esqueceria ou voltaria a jogar, caso tivesse a opção. E sentia o olhar de Enaila feito uma broca perfurando seu crânio. Quem imaginaria que uma mulher fosse explodir como combustível no fogo só por alguém lhe dizer que ela era a florzinha mais linda que já se tinha visto?

Rand, então. Mat e ele haviam crescido juntos. Os dois e Perrin, o aprendiz de ferreiro lá de Campo de Emond, tinham caçado e pescado juntos, vagabundeado pelas Colinas de Areia até o limiar das Montanhas da Névoa, e acampado sob as estrelas. Rand era seu amigo. Agora, porém, era o tipo de amigo que poderia estraçalhar sua cabeça sem querer. Por causa de Rand, Perrin talvez estivesse morto.

Mat se obrigou a chegar mais perto. Rand era quase uma cabeça mais alto e, à luz do início da noite, parecia ainda maior. E mais frio.

— Estive pensando, Rand. — Mat desejou que sua voz não tivesse soado rouca. Torceu para que, desta vez, Rand respondesse ao próprio nome. — Faz tempo que estou longe de casa.

— Nós dois estamos — respondeu Rand com suavidade. — Muito tempo. — De repente, ele soltou uma gargalhada, não muito alta, mas quase como a do velho Rand. — Está começando a sentir saudade de ordenhar as vacas do seu pai?

Mat coçou a orelha e sorriu de leve.

— Não exatamente. — Se nunca mais visse o interior de um estábulo, não ficaria triste. — Mas estive pensando que, quando os carroções de Kadere partirem, talvez eu vá junto.

Rand fez silêncio. Quando voltou a falar, o breve lampejo de alegria tinha se extinguido.

— Vai viajar para Tar Valon?

Foi a vez de Mat hesitar. *Ele não me entregaria a Moiraine, entregaria?*

— Talvez — respondeu Mat, despreocupado. — Não sei. É lá que Moiraine vai me querer. Talvez surja uma oportunidade para eu voltar a Dois Rios. Quero ver se tudo está bem em casa. — *Ver se Perrin está vivo. Ver se minhas irmãs, a mãe e o pai estão vivos*.

— Todos nós temos que fazer o que é preciso, Mat. Quase nunca o que queremos, e sim o que é preciso.

Para Mat, aquilo soou como uma desculpa, como se Rand estivesse pedindo a compreensão dele. Mat, porém, já fizera algumas vezes o que era preciso. *Não posso culpá-lo por Perrin, não sozinho. Nenhum desgraçado me forçou a ir atrás de Rand feito um maldito cãozinho!* Mas aquilo também não era verdade. Ele fora forçado, só que não por Rand.

— Você não vai… me impedir de ir?

— Eu não tento lhe dizer para ir ou ficar, Mat — explicou Rand, soando cansado. — É a Roda que tece o Padrão, não eu, e a Roda tece conforme deseja. — Falando exatamente como uma maldita Aes Sedai! Já se virando para ir embora, Rand acrescentou: — Não confie em Kadere, Mat. De certo modo, ele é um dos homens mais perigosos que você já conheceu. Não confie nele nem um pouco, ou pode acabar com a garganta cortada, e você e eu seríamos os únicos a lamentar isso. — Então ele desceu a rua cada vez mais escura, as Donzelas o cercando feito lobos furtivos.

Mat o observou. Confiar no mercador? *Eu não confiaria em Kadere nem que ele estivesse amarrado a uma saca*. Então Rand não tecia o Padrão? Mas chegava perto! Muito antes de qualquer um deles tomar conhecimento de que as Profecias lhes diziam respeito, souberam que Rand era *ta'veren*, um dos raros indivíduos que, em vez de serem tecidos ao Padrão por bem ou por mal, forçavam o Padrão a se moldar em torno deles. Mat sabia o que era ser *ta'veren*. Ele mesmo era um, ainda que não tão forte quanto Rand. Às vezes, Rand era capaz de afetar a vida das pessoas e mudar seu curso só por estar na mesma cidade que elas. Perrin também era *ta'veren* — ou tinha sido. Moiraine achara significativo encontrar três jovens que haviam crescido na mesma aldeia, todos *ta'veren*. Pretendia encaixá-los em seus planos, quaisquer que fossem.

Aquilo deveria ser algo grandioso. Todos os *ta'veren* de que Mat

ouvira falar haviam sido homens como Artur Asa-de-gavião, ou mulheres como Mabriam en Shereed, quem as histórias diziam ter fundado, após a Ruptura, o Tratado das Dez Nações. Mas nenhuma das histórias contava o que acontecia quando um *ta'veren* ficava perto de outro tão forte quanto Rand. Era como ser uma folha no meio de um redemoinho.

Melindhra parou ao lado de Mat e lhe entregou sua lança e um pesado saco de tecido grosso, que tilintava.

— Coloquei seus ganhos aqui dentro. — Ela *era* mais alta que ele, e por umas duas polegadas. Melindhra olhou na direção de Rand. — Eu tinha ouvido falar que você e Rand al'Thor eram quase irmãos.

— Só uma maneira de dizer — retrucou Mat, seco.

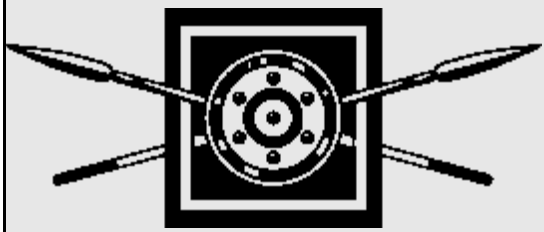
— Não importa — respondeu ela, desconsiderando a questão e, com as mãos no quadril, concentrou o olhar nele. — Você despertou meu interesse, Mat Cauthon, e antes de me dar o presente-cortês. Não que eu vá abrir mão da lança por sua causa, claro, mas estou de olho em você há alguns dias. Você sorri como um garotinho prestes a fazer uma traquinagem. Eu gosto disso. E estes olhos… — Na luz fraca, o sorriso de Melindhra era grande e lento. E acolhedor. — Eu gosto muito dos seus olhos.

Mat endireitou o chapéu, embora não estivesse torto. De predador a presa em um piscar de olhos. Com as Aiel, sempre podia acontecer. Ainda mais com as Donzelas.

— "Filha das Nove Luas" significa alguma coisa para você? — Era uma pergunta que às vezes fazia às mulheres. A resposta errada o faria partir de Rhuidean ainda naquela noite, mesmo que fosse preciso tentar atravessar o Deserto a pé.

— Nada — respondeu ela. — Mas tem coisas que eu gosto de fazer à luz da lua. — Melindhra passou o braço pelo ombro dele, tirou o chapéu e começou a sussurrar em seu ouvido. Logo o sorriso de Mat era ainda maior que o dela.

4



Crepúsculo

Ainda escoltado pelas *Far Dareis Mai*, Rand chegou ao Teto das Donzelas de Rhuidean. Escadarias brancas tão largas quanto o próprio edifício, cada degrau medindo uma passada de comprimento, elevavam-se até espessas colunas de vinte passadas de altura, aparentemente negras no crepúsculo, mas de um azul brilhante à luz do dia, todas com ranhuras espiraladas. O exterior da construção tinha um padrão de mosaicos de azulejos vitrificados em espirais de branco e azul que pareciam infinitas aos olhos, e uma imensa janela em vitral colorido diretamente acima das colunas mostrava uma mulher de cabelos negros de quinze pés de altura trajando uma elaborada túnica azul, a mão direita erguida, dando uma bênção ou um comando para parar. Seu rosto era, ao mesmo tempo, sereno e inflexível. Quem quer que tivesse sido, decerto não fora Aiel, não com aquela pele alva e aqueles olhos escuros. Uma Aes Sedai, talvez. Antes de começar a subir as escadas, Rand bateu o cachimbo no calcanhar da bota para esvaziá-lo e o guardou no bolso do casaco.

À exceção de *gai'shain*, homens não podiam ficar sob o Teto das Donzelas. Homem nenhum, de nenhum forte do Deserto. Até um chefe de clã ou um parente de sangue de uma Donzela morreria tentando, embora Aiel algum sequer considerasse a possibilidade. O mesmo valia para qualquer sociedade: apenas seus membros e *gai'shain* podiam entrar.

As duas Donzelas que montavam guarda nas altas portas de bronze gesticularam uma para a outra em um código próprio da sociedade, acompanhando Rand com os olhos à medida que ele cruzava as colunas, depois compartilharam um sorriso tímido. Rand desejou saber o que elas haviam dito. Mesmo em uma região seca como o Deserto, o bronze acabava adquirindo as manchas do tempo, mas os *gai'shain* haviam polido aquelas portas até que parecessem novas em folha. Estavam totalmente abertas, e a dupla de guardas não fez nenhum movimento para detê-lo quando Rand as cruzou com Adelin e as demais em seu encalço.

Os grandes aposentos e amplos corredores internos, revestidos de

azulejos brancos, estavam tomados de Donzelas sentadas em almofadas luzentes. Elas conversavam, cuidavam de armas, brincavam de cinco marias, de cama de gato, ou jogavam Mil Flores, jogo Aiel que consistia em organizar padrões de pedrinhas gravadas com uma centena de símbolos diferentes. Uma profusão de *gai'shain* se movimentava suavemente nas tarefas de limpar, servir, cerzir e cuidar das lamparinas a óleo, que variavam de simples cerâmicas vitrificadas e peças douradas pilhadas de algum lugar a altos abajures que haviam sido encontrados pela cidade. Na maioria dos aposentos, tapetes coloridos e tapeçarias reluzentes revestiam o piso e as paredes em quase tantas padronagens e estilos quanto a própria quantidade de tapetes e tapeçarias. As paredes e tetos eram mosaicos detalhados de florestas, rios e céus que nunca tinham sido vistos no Deserto.

Jovens ou idosas, as Donzelas sorriram ao vê-lo, algumas assentindo com familiaridade ou até lhe dando tapinhas no ombro. Outras chamavam-no, perguntavam como estava, se já comera ou se gostaria que os *gai'shain* lhe trouxessem vinho ou água. Rand respondia de maneira sucinta, mas sorria de volta. Estava bem, nem com fome nem com sede, e continuou andando sem desacelerar, mesmo enquanto falava. Se diminuísse o passo, inevitavelmente acabaria parando, e não estava disposto a isso, não naquela noite.

As *Far Dareis Mai* o tinham adotado, por assim dizer. Algumas o tratavam como filho, outras, como irmão. A idade não parecia influenciar no tratamento. Mulheres com mechas brancas no cabelo conversavam com ele como se tomassem chá com um irmão, enquanto Donzelas apenas um ano mais velhas que Rand tentavam se certificar de que ele usasse roupas apropriadas para o calor. Não tinha como evitar os cuidados maternais. Elas simplesmente agiam assim e, a menos que usasse o Poder contra toda a sociedade, não via jeito de fazê-las parar.

Rand pensara em tentar conseguir que outra sociedade lhe servisse de guarda, talvez os *Shae'en M'taal*, os Cães de Pedra, ou os *Aethan Dor*, os Escudos Vermelhos. Rhuarc fora um Escudo Vermelho antes de se tornar chefe, mas que justificativa poderia dar para a troca? Não seria possível dizer a verdade, certamente. Só de pensar em explicar aquilo a Rhuarc e aos demais já ficava constrangido. Do jeito que o humor Aiel era, até o velho e amargo Han era capaz de quebrar uma costela de tanto rir. Qualquer motivo que Rand desse provavelmente ofenderia a honra até da última das Donzelas. Pelo menos era raro que o mimassem fora do Teto, e ali não havia ninguém para ver, apenas Donzelas e *gai'shain*, que eram espertos demais para dar com a língua nos dentes sobre qualquer coisa. "As Donzelas", dissera ele, certa vez, "carregam minha honra". Todo mundo se lembrava daquilo, e as Donzelas sentiam tanto orgulho daquelas

palavras que era como se Rand tivesse elevado todas a tronos. No entanto, as mulheres carregavam a honra dele da maneira como queriam.

Adelin e as outras quatro deixaram Rand e se juntaram às amigas, mas ele não estava nem um pouco sozinho ao subir pelo edifício, percorrendo os lances em curva da larga escadaria branca. Praticamente a cada degrau, Rand precisava responder às mesmas perguntas. Não, não estava com fome. Sim, sabia que ainda não estava habituado ao calor. E não, não havia passado muito tempo no sol. Rand suportou todas as perguntas com paciência, mas decerto suspirou aliviado ao chegar ao segundo andar acima da imensa janela. Ali, não havia Donzelas ou *gai'shain* nos amplos corredores ou nas escadarias que conduziam ainda mais para cima. As paredes nuas e os quartos vazios acentuavam a ausência de pessoas, mas, depois de passar pelos andares inferiores, Rand considerou aquela solidão uma bênção.

Seu quarto era um aposento sem janelas perto do centro do edifício, um dos poucos que não era enorme, embora o teto ainda tivesse altura suficiente para fazer desta a sua maior dimensão. Para o que fora originalmente projetado, Rand não fazia ideia. Um mosaico de trepadeiras em torno da pequena lareira era sua única ornamentação. Ele poderia dizer que se tratava do quarto de um serviçal, mas quartos de serviçais não tinham aquela porta banhada em bronze, ainda que simples, que ele puxou até fechar quase completamente. *Gai'shain* haviam polido o metal até deixá-lo quase fosco. Havia algumas almofadas com borlas espalhadas pelos azulejos azuis do piso, para se sentar. E, para dormir, havia um espesso estrado encimado por tapetes brilhantes sobrepostos. Uma jarra azul esmaltada bem simples contendo água e uma caneca verde-escura repousavam no chão perto da "cama". Era tudo, além de duas luminárias de pé com três lamparinas cada, já acesas, e uma pilha de livros de uma passada de altura em um dos cantos. Com um suspiro cansado, Rand se deitou no estrado ainda de casaco e botas. Não importava a posição: dormir ali não era muito mais confortável do que no chão.

O frio da noite já invadia o quarto, mas Rand não se preocupou em acender o esterco de vaca na lareira. Preferia enfrentar o frio do que o fedor. Asmodean tentara lhe mostrar uma maneira simples de manter ambientes aquecidos. Simples, mas que o homem não tivera força suficiente para fazer. Na única vez em que tentara, Rand acordara ofegante, no meio da noite, enquanto as extremidades dos tapetes ardiam em chamas por conta do calor do chão. Não fizera mais nenhuma tentativa.

Rand escolhera aquele edifício como alojamento por estar inteiro

e por ficar perto da esplanada. Os tetos belos e altos permitiam um ar mais fresco até nas horas mais quentes do dia, e as paredes espessas isolavam o frio intenso da noite. Claro que não pretendera que o local abrigasse o Teto das Donzelas. Certa manhã, Rand simplesmente acordara e encantara Donzelas em cada aposento dos dois primeiros andares e suas guardas à porta. Levara um tempo para perceber que elas tinham a intenção de fazer do edifício o Teto da sociedade em Rhuidean, mas que esperavam que Rand permanecesse alojado ali. Na verdade, as Donzelas estavam prontas para deslocar o Teto para onde quer que Rand fosse. Por isso precisara se reunir com os chefes de clã em outro local. O máximo que conseguira negociar com as Donzelas fora fazê-las concordar em permanecer no andar inferior ao que ele dormia. Aquilo havia divertido demais todas elas. *Nem o* Car'a'carn *é rei*, lembrou, irônico. Já subira dois andares por conta do número cada vez maior de Donzelas. Pensou distraidamente em quantas mais ainda poderiam vir antes que passasse a dormir no telhado.

Era melhor pensar nisso do que se lembrar do modo como deixara Moiraine tirá-lo do sério. Não queria que a Aes Sedai descobrisse seus planos até que os Aiel estivessem em marcha. Moiraine sabia exatamente como manipular as emoções dele, como deixá-lo com tanta raiva que acabava dizendo mais do que gostaria. *Eu nunca fui de sentir muita raiva. Por que é tão difícil controlar meu temperamento?* Bem, não havia nada que a mulher pudesse fazer para pará-lo. Pelo menos ele achava que não. Precisava se lembrar de ser cuidadoso na presença dela. Com as habilidades aumentando, às vezes era relapso com Moiraine, e, embora Rand fosse bem mais forte, a mulher ainda sabia mais que ele, mesmo com os ensinamentos de Asmodean.

De certa forma, permitir que o Abandonado soubesse de seus planos era menos importante do que revelar suas intenções para a Aes Sedai. *Para Moiraine, ainda sou apenas um pastor que ela pode usar para os objetivos da Torre. No entanto, para Asmodean sou o único galho em que ele pode se segurar caso ocorra uma enchente*. Estranho pensar que talvez pudesse confiar mais em um dos Abandonados do que em Moiraine. Não que pudesse confiar muito em nenhum dos dois. Asmodean. Se os elos daquele homem com o Tenebroso o protegeram da mácula de *saidin*, tinha de haver outra maneira de fazer o mesmo. Ou de limpar a mácula.

O problema era que, antes de irem para o lado da Sombra, os Abandonados estavam entre os Aes Sedai mais poderosos da Era das Lendas, época em que coisas com que a Torre Branca jamais sonhara eram banais. Se Asmodean não conhecia um jeito, era porque provavelmente não existia. *Tem que existir. Tem que existir alguma coisa. Não vou ficar de braços cruzados enquanto enlouqueço e morro*.

Aquilo era uma absoluta tolice. A Profecia já preparara um

encontro para Rand em Shayol Ghul. Quando, ele não sabia. Mas, depois disso, já não precisaria se preocupar com estar enlouquecendo. Sentiu um calafrio e pensou em desdobrar os cobertores.

O som distante de pegadas suaves no corredor o fez levantar-se rapidamente. *Eu falei para elas! Se não puderem…!* A mulher que abriu a porta, carregando espessos cobertores de lã, era alguém que ele não esperava.

Aviendha parou logo na entrada do quarto para observá-lo com os frios olhos azul-esverdeados. Mais do que bonita e de idade próxima à de Rand, ela fora uma Donzela até abrir mão da lança para se tornar Sábia, não muito tempo antes. Seu cabelo escuro e avermelhado ainda estava bem acima dos ombros, e ela mal precisava da faixa marrom para impedi-lo de cair no rosto. Parecia um pouco desajeitada no xale marrom, além de um pouco impaciente com as saias cinza.

Rand sentiu uma ponta de ciúme por conta do colar de prata que Aviendha usava, um elaborado cordão com discos intricadamente trabalhados, um diferente do outro. *Quem lhe deu isto?* A jovem não teria escolhido a peça sozinha, não parecia gostar de joias. A única outra peça que usava era um bracelete largo de marfim com detalhados entalhes de rosas. Fora presente dele, que ainda não tinha certeza de ela já o ter perdoado por isso. Em todo caso, sentir ciúme era uma bobagem de sua parte.

— Faz dez dias que não nos vemos — comentou Rand. — Pensei que as Sábias fossem amarrar você ao meu braço assim que descobrissem que eu as bloqueei dos meus sonhos. — Asmodean havia se divertido com a primeira coisa que Rand quisera aprender, mas depois se frustrara com o tempo que ele levara para dominar a técnica.

— Tenho um treinamento a fazer, Rand al'Thor. — Ela seria uma das poucas Sábias capazes de canalizar. Aquilo fazia parte do que lhe estava sendo ensinado. — Não sou uma das suas aguacentas, que ficam à disposição para você poder olhar para elas quando tiver vontade. — Apesar de conhecer Egwene, e até Elayne, aliás, Aviendha tinha uma visão estranhamente deturpada das mulheres que chamava de aguacentas, e de todos os aguacentos, em geral. — Elas não estão nada contentes com o que você fez. — Referia-se a Amys, Bair e Melaine, as três Sábias Andarilhas dos Sonhos que a estavam treinando e que tentavam vigiá-lo. Aviendha balançou a cabeça de forma pesarosa. — Ficaram bem chateadas por eu ter deixado você descobrir que elas estavam caminhando nos seus sonhos.

Rand a encarou.

— Você contou a elas? Mas você nem chegou a me dizer nada. Eu descobri sozinho, e acabaria descobrindo mesmo que você não tivesse deixado escapar aquela dica. Aviendha, elas me *disseram* que

conseguiam falar com as pessoas em sonhos. Depois daí, foi só um passo.

— Você queria que eu me desonrasse ainda mais? — Sua voz soava tranquila, mas os olhos poderiam ter ateado fogo na lareira. — Não vou me desonrar por você e nem por homem nenhum! Eu lhe dei a dica e não vou negar minha vergonha. Devia ter deixado você congelar. — Aviendha arremessou os cobertores na cabeça dele.

Rand se livrou dos tecidos e os largou no estrado ao lado enquanto tentava pensar no que dizer. O *ji'e'toh* outra vez. Aviendha estava tão arredia quanto um espinheiro. Em tese, ela recebera a incumbência de ensiná-lo os costumes Aiel, mas Rand sabia que a verdadeira tarefa era espioná-lo para as Sábias. Qualquer desonra que a atividade de espionar carregasse entre os Aiel aparentemente não se estendia àquelas mulheres. Todas sabiam que ele sabia, mas, por algum motivo, isso não parecia preocupá-las. E se as Sábias estavam dispostas a manter a questão assim, por Rand, tudo bem. Para começar, Aviendha não era das melhores como espiã. Quase nunca tentava descobrir nada, e seu temperamento não permitia que causasse em Rand a raiva ou a culpa que Moiraine despertava. Além disso, quando se esquecia de deixar os espinhos à mostra, podia ser uma companhia agradável. Pelo menos Rand sabia quem era a pessoa que Amys e as outras haviam designado para vigiá-lo. Se não fosse ela, seria outra, e ele ficaria o tempo todo se perguntando quem. Fora isso, Aviendha não parecia ficar nervosa com a presença dele.

Mat, Egwene e até Moiraine às vezes olhavam para Rand e pareciam ver o Dragão Renascido, ou ao menos um homem perigoso, capaz de canalizar. Os chefes de clã e as Sábias viam nele Aquele Que Vem Com a Aurora, o homem que, segundo as Profecias, quebraria os Aiel como a um galho seco. Se não o temiam, às vezes o tratavam como uma víbora vermelha com quem tinham de conviver. O que quer que Aviendha enxergasse nele, nunca a impedia de ser mordaz quando quisesse, ou seja, na maior parte do tempo.

Um consolo um tanto esquisito, mas, se comparado a todo o resto, ainda era um consolo. Sentira falta dela. Chegara até a colher flores de alguma das plantas espinhentas em torno de Rhuidean — espetando os dedos até se dar conta de que podia usar o Poder — e as mandara para ela meia dúzia de vezes. Em vez de pedir para os *gai'shain*, as próprias Donzelas haviam levado os botões, mas Aviendha jamais agradecera, claro.

— Obrigado — disse ele, por fim, tocando os cobertores, que pareciam um assunto suficientemente seguro. — Suponho que nunca sejam demais para as noites daqui.

— Enaila me pediu para trazer quando soube que eu estava aqui para ver você. — Os lábios dela se contraíram em um meio sorriso

divertido. — Várias irmãs-de-lança estavam preocupadas por você não estar suficientemente agasalhado. Pediram para eu fazê-lo acender a lareira hoje. Ontem você não acendeu.

Rand sentiu as bochechas corarem. Ela sabia. *Bem, claro que ia ficar sabendo, não é? As malditas Donzelas podem até ter parado de contar tudo para ela, só que também não se dão ao trabalho de esconder nada*.

— Por que você queria me ver?

Para a surpresa dele, Aviendha cruzou os braços e andou de um lado para o outro do quarto duas vezes, antes de parar e encará-lo.

— Isto aqui não foi um presente-cortês — disse, em um tom acusador, sacudindo o bracelete na direção dele. — Você mesmo admitiu. — Era verdade, apesar de Rand ter pensado que ela cravaria uma faca em suas costelas caso não admitisse. — Foi só um presente bobo de um homem que não sabia ou não se importava com o que minhas… com o que as irmãs-de-lança poderiam pensar. Bem, isto aqui também não significa nada. — A mulher puxou algo de dentro da bolsa e jogou no estrado ao lado de Rand. — Não existe mais dívida entre nós.

Rand apanhou o objeto que a mulher arremessara e o examinou. Era uma fivela de cinto em forma de dragão, feita de aço bom e belamente incrustada de ouro.

— Obrigado. É bonita. Não havia dívida alguma, Aviendha.

— Se não vai considerar como pagamento da minha dívida — respondeu a jovem com firmeza —, então jogue fora. Vou encontrar outra coisa que o compense. Isto é só uma bugiganga.

— Não é uma bugiganga. Você inclusive deve ter mandado fazer.

— Não pense que isso significa alguma coisa, Rand al'Thor. Quando eu… abri mão da lança, minhas lanças e minha faca… — Inconscientemente, a mão de Aviendha percorreu o cinto, onde a faca de lâmina comprida costumava ficar. — Até as pontas das flechas foram tiradas de mim e entregues a um ferreiro, que fez delas objetos simples para serem distribuídos. A maior parte eu dei para amigos, mas as Sábias me pediram para listar os três homens e as três mulheres que eu mais odeio, e me disseram para dar a cada um deles um presente feito das minhas armas e com minhas próprias mãos. Bair disse que isso nos ensina a ser humildes. — Completamente ereta, com olhar hostil e calculando cada palavra, sua aparência e seu tom de voz sugeriam tudo, menos humildade. — Então não vá pensar que isto signifique alguma coisa.

— Não significa nada — consentiu ele, assentindo com tristeza. Não que quisesse que aquilo significasse alguma coisa, mas teria sido bom pensar que ela estivesse começando a vê-lo como amigo. Era uma tremenda bobagem sentir ciúme da mulher. *Quem pode ter dado aquilo*

para ela? — Aviendha? Eu era um dos que você mais odeia?

— Era, Rand al'Thor. — De repente, a voz dela ficou rouca. Por um momento, tremendo e de olhos fechados, Aviendha virou o rosto. — Odeio você com todas as forças. Odeio. E sempre vou odiar.

Rand não se deu ao trabalho de perguntar por quê. Certa vez, perguntara a Aviendha por que ela desgostava tanto dele, e a mulher quase lhe arrancara o nariz, mas não respondera. Aquilo, porém, era mais do que uma antipatia da qual às vezes ela parecia se esquecer.

— Se você realmente me odeia — conjecturou, relutante —, vou pedir às Sábias para mandarem outra pessoa para me ensinar.

— Não!

— Mas se você…

— Não! — Se fosse possível, a negativa foi ainda mais enfática desta vez. Aviendha plantou as mãos na cintura e lhe deu um sermão como se quisesse que cada palavra o atingisse bem no coração. — Mesmo que as Sábias me permitissem parar, eu tenho *toh*, obrigação e dever, para com minha quase-irmã Elayne, de ficar de olho em você. Você pertence a ela, Rand al'Thor. A ela e a nenhuma outra. Lembre-se disso.

Rand quis se render. Pelo menos dessa vez a mulher não estava lhe descrevendo como era Elayne sem roupa. Alguns costumes Aiel levavam mais tempo do que outros para deixar de causar estranheza. Rand às vezes se perguntava se Aviendha e Elayne haviam "feito um acordo" entre si quanto àquela vigilância. Era difícil de acreditar, mas mesmo as mulheres que não eram Aiel tinham certa propensão a esquisitices. Mais que isso, ele se perguntava de quem Aviendha supostamente estaria protegendo-o. Exceto pelas Donzelas e as Sábias, as mulheres Aiel pareciam vê-lo metade como uma profecia encarnada, não muito de carne e osso, e metade como uma serpente sanguinária à solta entre crianças. Quando o assunto era tentar obrigá-lo a fazer o que queriam, as Sábias eram quase tão severas quanto Moiraine, e ele nem queria pensar no que as Donzelas seriam capazes. Tudo aquilo o enfurecia.

— Agora me escute. Beijei Elayne algumas vezes e acho que ela gostou tanto quanto eu, mas não estou prometido a ninguém. Nem tenho certeza se ela ainda quer isso de mim. — No intervalo de poucas horas, a Filha-herdeira lhe escrevera duas cartas; uma dizendo que Rand era a luz mais preciosa de seu coração, entre outras coisas que deixaram-no ruborizado, e outra que o chamava de miserável insensível e dizia que ela nunca mais queria vê-lo na vida, além de esculhambá-lo de cima a baixo, pior do que Aviendha jamais fizera. Mulheres eram definitivamente estranhas. — Seja como for, não tenho tempo para pensar em mulheres. A única coisa em que tenho pensado é em unir os Aiel, incluindo os Shaido, se possível. Eu… — Rand

parou de falar com um gemido assim que viu a mulher mais improvável entrar rebolando no quarto, tilintando as joias e carregando uma bandeja de prata com um garrafão de vidro com vinho e duas canecas de prata.

A echarpe diáfana de seda vermelha enrolada em torno da cabeça de Isendre não parecia ter a função de esconder seu rosto pálido e belo, em formato de coração. Aiel algum jamais teria aqueles longos cabelos escuros e olhos negros. Os lábios carnudos estavam curvados de um jeito sedutor, até que a mulher viu Aviendha. Então o sorriso desapareceu. Além da echarpe, usava uma dúzia ou mais de colares de ouro e marfim, alguns ostentando pérolas ou requintadas pedras preciosas. Uma quantidade igual de braceletes pesava em seus punhos, e os tornozelos estavam ainda mais atulhados. Apenas isso. Não usava mais nada. Rand se esforçou para manter os olhos estritamente no rosto da mulher, mas, ainda assim, sentiu as bochechas arderem.

Aviendha parecia uma nuvem carregada prestes a cuspir relâmpagos, enquanto Isendre parecia uma mulher que acabara de ficar sabendo que seria assada viva. Rand preferiria estar no Poço da Perdição ou em qualquer outro lugar, menos ali. Mesmo assim, acabou se levantando. Sua autoridade seria maior se olhasse para elas de cima, e não o contrário.

— Aviendha — começou. A jovem, porém, o ignorou.

— Alguém mandou você trazer isso? — perguntou Aviendha com frieza.

Isendre abriu a boca, a intenção de mentir estampada no rosto, depois engoliu em seco e sussurrou:

— Não.

— Você foi alertada sobre isso, *sorda*. — *Sorda* era uma espécie de rato particularmente furtivo, segundo os Aiel, e que não servia para absolutamente nada. A carne do bicho era tão asquerosa que nem os gatos comiam os que matavam. — Adelin achava que aquela última vez tinha servido de lição.

Isendre se encolheu e cambaleou, como se estivesse a ponto de desmaiar. Rand se recompôs.

— Aviendha, se alguém a mandou vir aqui ou não, pouco importa. Estou com sede, e se ela teve a bondade de me trazer vinho, devo agradecê-la por isso. — Aviendha olhou friamente para as duas canecas e arqueou as sobrancelhas. Rand respirou fundo. — Ela não deveria ser punida só por ter me trazido algo para beber. — Tomou o cuidado de não olhar para a bandeja. — Metade das Donzelas sob o Teto deve ter se perguntado se eu…

— Ela foi pega por roubar das Donzelas, Rand al'Thor. — A voz de Aviendha estava ainda mais gélida do que ao falar com a outra mulher. — Você já se intrometeu demais nos assuntos das *Far Dareis*

Mai, mais do que lhe deveriam permitir. Nem mesmo o *Car'a'carn* pode se opor à justiça. Nada disso é da sua conta.

Rand fez uma careta… e deixou passar. O que quer que as Donzelas tivessem feito com ela, Isendre com certeza merecera. Só que não por aquilo. Ela entrara no Deserto com Hadnan Kadere, mas o homem não se preocupara em defendê-la quando as Donzelas a flagraram roubando as joias que, agora, eram tudo o que a deixavam usar. Foi a única coisa que Rand pôde fazer para evitar que Isendre fosse mandada para Shara toda amarrada, feito uma cabra, ou despachada sem roupa rumo à Muralha do Dragão com apenas um cantil. Ao vê-la clamar por misericórdia ao se dar conta do que as Donzelas pretendiam fazer, Rand não conseguira ficar de fora da questão. Certa vez, matara uma mulher. Uma mulher que queria matá-lo, mas a lembrança ainda o atormentava. Achava que não seria capaz de repetir o feito, mesmo sob risco de morte. Uma bobagem, já que as Abandonadas deveriam estar salivando por seu sangue ou coisa pior, mas era como se sentia. E se não conseguia matar, como poderia ficar indiferente e deixar uma mulher morrer, mesmo que ela merecesse?

O problema era esse. Em qualquer região a oeste da Muralha do Dragão, Isendre encararia o cadafalso ou o machado do carrasco por conta do que Rand sabia sobre ela. Sobre ela, sobre Kadere e, provavelmente, sobre a maior parte dos ajudantes do mercador, se não todos. Eram Amigos das Trevas, e Rand não podia expô-los. Nem eles tinham conhecimento de que Rand sabia.

Se algum deles fosse desmascarado como Amigo das Trevas… Isendre resistia o melhor que podia, já que até trabalhar como serviçal e passar o tempo inteiro nua era melhor do que acabar amarrada pelas mãos e pelos pés e ser deixada ao sol. Mas ninguém manteria a boca fechada quando Moiraine pusesse as mãos neles. Aes Sedai não tinham piedade de Amigos das Trevas. Em pouco tempo, a mulher acabaria fazendo todos falarem. E Asmodean também entrara no Deserto nos carroções do mercador. Até onde Kadere e seus homens sabiam, ele era apenas mais um Amigo das Trevas, embora tivesse certa autoridade. Com certeza todos pensavam que ele fora trabalhar para o Dragão Renascido a mando de alguma instância ainda mais poderosa. Para manter o professor e evitar que Moiraine muito provavelmente tentasse matar os dois, Rand precisava guardar aquele segredo.

Por sorte, ninguém questionava por que os Aiel vigiavam o mercador e seus ajudantes tão de perto. Moiraine achava que aquilo se devia à habitual suspeita Aiel de todos os forasteiros que vinham ao Deserto, piorada pelo fato de estarem em Rhuidean. A mulher tivera de lançar mão de todo o seu poder de persuasão para que os Aiel permitissem que Kadere e seus carroções entrassem na cidade. E a suspeita existia. Era provável que Rhuarc e os demais chefes tivessem

colocado guardas para vigiar os mercadores, mesmo que Rand não tivesse pedido. E Kadere apenas parecia feliz por não ter uma lança atravessada nas costelas.

Rand não fazia ideia de como resolveria a situação. Ou se conseguiria. Uma bela confusão. Nas histórias dos menestréis, só os vilões se viam metidos em enrascadas como aquela.

Assim que teve certeza de que Rand não tentaria se intrometer ainda mais, Aviendha voltou a atenção à outra mulher.

— Pode deixar o vinho.

Com uma expressão esquisita, Isendre apoiou graciosamente um dos joelhos no chão para depositar a bandeja ao lado do estrado. Rand precisou de alguns momentos para entender que a mulher estava tentando sorrir para ele sem que a Aiel percebesse.

— Agora vá até a primeira Donzela que encontrar e conte para ela o que você fez — continuou Aviendha. — Corra, *sorda*!

Lamuriando-se e retorcendo as mãos, Isendre desatou a correr em meio à barulheira do chacoalhar das joias. Assim que a mulher saiu do quarto, Aviendha voltou-se contra Rand.

— Você pertence a Elayne! Não tem o direito de tentar seduzir mulher nenhuma, muito menos essa!

— Ela? — Rand perdeu o fôlego. — Você acha que eu…? Acredite em mim, Aviendha. Mesmo que ela fosse a última mulher no planeta, eu ainda fugiria dela o máximo que pudesse.

— É o que você diz. — A jovem bufou. — Essa mulher já apanhou com vara sete vezes por tentar se esgueirar até o seu quarto. Sete! Não insistiria tanto se não estivesse sendo encorajada. Ela está enfrentando a justiça das *Far Dareis Mai*, que não é da conta nem mesmo do *Car'a'carn*. Encare isso como a lição de hoje sobre os nossos costumes. E lembre que você pertence à minha quase-irmã! — Sem deixá-lo dizer uma só palavra, Aviendha saiu, com um olhar que fez Rand se perguntar se Isendre sobreviveria caso a Aiel fosse acertar as contas com ela.

Ele deixou escapar um longo suspiro e colocou a bandeja com vinho em um canto do quarto. Não estava disposto a beber nada que Isendre lhe trouxesse.

Tentou vir aqui sete vezes? Isendre devia ter ficado sabendo que ele intercedera por ela. Com certeza pensava que se ele tinha feito aquilo em troca de um sorriso e um olhar ousado, o que faria por mais? A ideia gerou o mesmo calafrio que o frio da noite lhe provocava. Preferiria dividir a cama com um escorpião. Se as Donzelas não conseguissem convencê-la, ele talvez contasse a ela o que sabia a seu respeito. Isso deveria pôr um fim em quaisquer maquinações.

Rand apagou as lamparinas, subiu no estrado no escuro, ainda de botas e totalmente vestido, e apalpou a cama até colocar todos os

cobertores sobre si. Com a lareira apagada, suspeitou que, até o amanhecer, ficaria muito agradecido a Aviendha. Erguer as barreiras de Espírito que protegiam seus sonhos de intrusos já era quase automático, mas, enquanto o fazia, se pegou rindo sozinho. Podia ter se deitado primeiro e usado o Poder para apagar as lamparinas. Eram para essas coisas simples que Rand nunca se lembrava de usar o Poder.

Durante algum tempo, ficou esperando que o calor de seu corpo aquecesse o interior dos cobertores. Não conseguia entender como um lugar podia ser tão quente de dia e tão frio à noite. Enfiando uma das mãos por baixo do casaco, tateou a cicatriz quase curada na lateral do corpo. Aquela ferida, que Moiraine jamais poderia Curar por completo, era o que acabaria matando-o. Tinha certeza. Seu sangue nas rochas de Shayol Ghul. Era o que diziam as Profecias.

Hoje não. Não vou pensar nisso hoje à noite. Ainda tenho algum tempo. Mas se os selos podem ser raspados com uma faca, será que ainda prendem com tanta força…? Não. Hoje não.

O interior dos cobertores estava ficando um pouco mais quente, e Rand se revirou, tentando e falhando em encontrar uma forma confortável de dormir. *Eu deveria ter me lavado*, pensou, sonolento. Naquele exato instante, Egwene devia estar em uma tenda de vapor bem quentinha. Em metade das vezes que Rand fizera uso de uma, algumas Donzelas tinham tentado entrar com ele e quase rolaram de rir quando Rand insistira para que elas ficassem do lado de fora. Ter de se despir e se vestir no meio do vapor já era suficientemente problemático.

O sono por fim chegou e, com ele, sonhos devidamente protegidos de Sábias ou de quem quer que fosse, embora desprotegidos de seus próprios pensamentos. Três mulheres os invadiam o tempo todo. Nenhuma era Isendre, exceto em um breve pesadelo que quase o acordou. Seus sonhos se alternavam entre Elayne, Min e Aviendha, às vezes todas juntas. Apenas Elayne o via como homem, mas as três o enxergavam por *quem* era, e não *o quê*. Tirando o pesadelo, todos foram sonhos agradáveis.

5

Entre as Sábias

De pé, o mais perto possível da pequena fogueira no meio da tenda, Egwene ainda tremia ao derramar a água da generosa chaleira em uma grande bacia com listras azuis. Baixara as laterais da tenda, mas o frio penetrava pelos tapetes coloridos sobrepostos que cobriam o chão, e todo o calor do fogo parecia sair depressa pelo buraco bem no meio do teto, deixando apenas o odor do esterco em brasa. Estava prestes a bater os dentes.

Com o vapor da água começando a se esvanecer, agarrou *saidar* por um momento e canalizou Fogo para aquecer ainda mais o líquido. Amys ou Bair provavelmente teriam se banhado com aquela água fria, embora na verdade sempre se lavassem em banhos de vapor. *Não sou tão durona quanto elas. Não cresci no Deserto. Não preciso morrer congelada e me lavar com água fria, se não quiser.* Egwene ainda se sentia culpada ao passar um pano pelo sabão com aroma de lavanda comprado de Hadnan Kadere. As Sábias nunca tinham lhe pedido para agir de outra forma, mas a sensação ainda era de estar trapaceando.

Largar a Fonte Verdadeira a fez suspirar de remorso. Mesmo tremendo de frio, riu baixinho da própria tolice. A delícia de estar preenchida pelo Poder e a maravilhosa descarga de vida e consciência eram o perigo em si. Quanto mais a pessoa recorria a *saidar*, mais vontade tinha de recorrer, e, sem autocontrole, uma hora iria mais fundo do que se podia aguentar, o que levaria à morte ou ao estancamento. E nada disso tinha graça.

Esse é um dos seus maiores defeitos, repreendeu-se com veemência. *Você sempre quer fazer mais do que precisa. Deveria se lavar com a água fria. Isso lhe ensinaria a ter disciplina*. O problema era que havia muito o que aprender, e às vezes parecia que o tempo de uma vida seria muito pouco para isso. As professoras de Egwene eram sempre muito cautelosas, fossem as Sábias ou as Aes Sedai na Torre. Era difícil se controlar quando sabia que, de várias maneiras, já as havia superado. *Posso fazer mais do que elas imaginam*.

Uma lufada de ar congelante a atingiu, fazendo rodopiar a fumaça do fogo por toda a tenda, quando uma voz feminina disse:

— Se lhe aprouver…

Egwene deu um pulo e soltou um gritinho de susto antes de conseguir falar.

— Feche isto! — Egwene se abraçou para se impedir de tremer. — Entre ou saia, mas feche isto! — Tanto esforço para se aquecer, e agora sentia arrepios gélidos da cabeça aos pés!

A mulher de roupas brancas arrastou-se de joelhos para dentro e deixou a aba da tenda cair. Manteve os olhos baixos e as mãos delicadamente entrelaçadas. Provavelmente agiria da mesma maneira caso Egwene, em vez de apenas gritar, tivesse batido nela.

— Se lhe aprouver — repetiu, com voz mansa —, a Sábia Amys me mandou até aqui para lhe levar à tenda de vapor.

Desejando poder ficar de pé em cima do fogo, Egwene apenas gemeu. *Que a Luz queime Bair e sua teimosia!* Se não fosse pela velha Sábia de cabelos brancos, elas estariam em quartos na cidade, não em tendas nos arredores. *Eu poderia estar num quarto com uma lareira decente. E uma porta*. Ela podia apostar que Rand não precisava lidar com pessoas invadindo seus aposentos quando quisessem. *Basta aquele Dragão desgraçado do Rand al'Thor estalar os dedos para as Donzelas pularem para servi-lo. Aposto que elas arrumaram uma cama de verdade para ele, e não um estrado no chão*. Egwene tinha certeza de que Rand tomava um banho quente todas as noites. *As Donzelas devem levar baldes com água quente até o quarto dele. Aposto que encontraram até uma banheira de cobre decente*.

Amys, e até mesmo Melaine, haviam sido receptivas à sugestão de Egwene, mas Bair cortara a conversa e as duas consentiram feito *gai'shain*. Egwene supôs que, com Rand trazendo tantas mudanças, Bair queria conservar o máximo possível dos antigos costumes, mas preferia que a mulher tivesse reservado a intransigência para outra coisa.

Negar-se não lhe passava pela cabeça. Prometera às Sábias que esqueceria que era uma Aes Sedai — a parte fácil, já que ela não era — e que faria exatamente como lhe fosse mandado. Essa era a parte difícil. Egwene estivera longe da Torre por tempo suficiente para voltar a ser dona do próprio nariz. Amys, porém, lhe dissera sem rodeios que caminhar em sonhos era perigoso mesmo depois que se aprendia a controlar a situação, e muito mais perigoso antes de isso acontecer. Se Egwene não fosse obediente no mundo desperto, elas não poderiam confiar que fosse obedecer nos sonhos, e então não assumiriam a responsabilidade de ensiná-la. Assim, ela cumpria tarefas junto com Aviendha, aceitava punições com toda a graça que conseguia reunir e pulava sempre que Amys, Melaine ou Bair diziam "sapo". Só um modo de falar, já que nenhuma delas jamais havia visto um sapo. *Não que alguma delas vá querer de mim algo além de servir o*

chá. Não, naquela noite seria a vez de Aviendha fazer isso.

Por um momento, Egwene considerou vestir meias-calças, mas por fim acabou apenas se curvando para calçar os sapatos. Eram calçados robustos, apropriados para o Deserto. Sentia falta dos chinelos de seda que usara em Tear.

— Qual é o seu nome? — perguntou, tentando ser simpática.

— Cowinde — respondeu a mulher com docilidade.

Egwene suspirou. Tentara fazer amizade com *gai'shain*, mas eles nunca correspondiam. Serviçais eram algo com que ela não tivera a chance de se acostumar, embora *gai'shain* não fossem exatamente serviçais, claro.

— Você era uma Donzela?

Um lampejo rápido e impetuoso nos profundos olhos azuis da mulher mostraram a Egwene que seu palpite estava correto. Porém, com a mesma velocidade, o olhar tornou a ser submisso.

— Sou *gai'shain*. O antes e o depois não são o agora, e só o agora existe.

— Qual é o seu ramo e o seu clã? — Em geral, nem era preciso perguntar, mesmo para os *gai'shain*.

— Eu sirvo à Sábia Melaine do ramo Jhirad dos Aiel Goshien.

Tentando escolher entre dois mantos, um bem resistente de lã marrom e outro de seda azul acolchoada que comprara de Kadere — o mercador vendera a ótimos preços todo o conteúdo de seus carroções para abrir espaço para o carregamento de Moiraine —, Egwene fez uma pausa e franziu a testa em direção à mulher. Aquela não era uma boa resposta. Ouvira dizer que uma forma de Desolação acometera alguns *gai'shain*. Quando seu ano e um dia se cumpria, eles simplesmente se recusavam a tirar os roupões.

— Seu período acaba quando? — perguntou Egwene.

Cowinde agachou-se ainda mais, quase encolhendo-se sobre os joelhos.

— Sou uma *gai'shain*.

— Mas quando vai poder voltar ao seu ramo, ao seu forte?

— Sou uma *gai'shain* — repetiu a mulher, bem baixinho, olhando para os tapetes. — Se minha resposta lhe desagrada, me puna, mas é a única que posso dar.

— Não seja tola — retrucou Egwene, incisiva. — E endireite-se. Você não é um sapo.

A mulher de roupão branco obedeceu imediatamente, sentando-se nos calcanhares e, submissa, esperando outro comando. Aquela breve centelha de impetuosidade parecia nunca ter existido.

Egwene respirou fundo. A mulher encontrara sua maneira de lidar com a Desolação. Uma bobagem, mas nada que dissesse mudaria a situação. De qualquer maneira, já devia estar a caminho da tenda de

vapor, e não envolvida em uma conversa com Cowinde.

Ao se lembrar da lufada fria, hesitou. O vento gélido fizera duas grandes flores brancas que repousavam em uma vasilha rasa se curvarem e se fecharem parcialmente. Eram de uma planta chamada *segade*, um vegetal coriáceo robusto, sem folhas e repleto de espinhos. Flagrara Aviendha segurando e encarando as flores naquela manhã. Ao vê-la, a Aiel se assustara e empurrara as flores para as mãos de Egwene, dizendo que as colhera para ela. Egwene supôs que Aviendha ainda guardasse características de uma Donzela da Lança demais para admitir que gostava de flores. Porém, parando para pensar, já vira a outrora Donzela adornando o cabelo ou o casaco com uma.

Você só está tentando adiar as coisas, Egwene al'Vere. Pare de se comportar com uma cabeça de lã! Você está sendo tão tola quanto Cowinde.

— Pode ir na frente — disse Egwene, que mal teve tempo de jogar o manto de lã sobre o corpo nu antes que a mulher abrisse a aba da tenda para ela e para aquela noite de gelar os ossos.

Lá no alto, as estrelas eram pontinhos bem nítidos na escuridão, e a lua minguante brilhava. O acampamento das Sábias era um aglomerado de duas dezenas de montículos a menos de cem passadas de onde uma das ruas pavimentadas de Rhuidean terminava em pedras e barro duro e rachado. As sombras do luar transformavam a cidade em estranhos picos e penhascos. Todas as tendas tinham as abas fechadas, e os cheiros de fogueira e comida se misturavam para preencher o ar.

As outras Sábias se reuniam ali quase diariamente, mas passavam as noites entre os próprios ramos. Várias até dormiam em Rhuidean. Mas Bair, não. Aquilo era o mais perto da cidade que ela estava disposta a chegar. Se Rand não estivesse lá, não havia a menor dúvida de que teria insistido para que o acampamento fosse nas montanhas.

Egwene apertou o manto ao redor do corpo e andou o mais rápido que podia. Pequeníssimos filetes de gelo se agarravam à barra do tecido e, a cada passo, roçavam suas pernas nuas. Para se manter à frente, Cowinde precisou puxar os roupões brancos até a altura dos joelhos. Egwene não precisava que a *gai'shain* lhe mostrasse o caminho, mas, como a mulher fora enviada para levá-la até lá, ficaria envergonhada e talvez ofendida caso Egwene não lhe permitisse fazê-lo. Apertando os dentes para que não batessem, desejou que a mulher corresse.

A não ser pela abertura para a saída da fumaça, que fora coberta, a tenda de vapor era igual a qualquer outra: baixa, larga e com todas as abas fechadas. Ali perto, uma fogueira queimara até só restarem algumas brasas que ainda luziam espalhadas sobre umas poucas pedras do tamanho da cabeça de um homem. Não havia luz suficiente

para discernir o que era o montículo bem menor, encoberto pela sombra, que jazia ao lado da entrada da tenda, mas Egwene sabia que se tratava de roupas femininas dobradas minuciosamente.

Inspirando o ar congelante, tirou os sapatos com pressa, deixou o manto cair e entrou na tenda o mais rápido que pôde. Após um instante de frio intenso, antes que a aba se fechasse atrás dela, o calor vaporoso a envolveu, fazendo brotar gotas de suor que a cobriram com um brilho instantâneo enquanto Egwene ainda arfava e tremia.

As três Sábias que vinham ensinando-a a caminhar nos sonhos estavam sentadas despreocupadamente, banhadas de suor, os cabelos até a cintura já úmidos. Bair conversava com Melaine, cujos belos olhos verdes e cabelos acobreados faziam intenso contraste com o rosto curtido e as longas mechas brancas da Sábia mais velha. Amys também tinha cabelos brancos, ou talvez fossem fios louros tão pálidos que pareciam brancos, mas não aparentava ser idosa. Tanto ela quanto Melaine eram capazes de canalizar — muitas Sábias não eram —, e Amys tinha um quê da aparência de idade indefinida típica das Aes Sedai. Moiraine, que parecia pequena e franzina ao lado das demais, também se mostrava imperturbável. Embora o suor escorresse pelo pálido corpo nu e fizesse os cabelos escuros grudarem-se à cabeça, ela parecia se recusar majestosamente a reconhecer que estava sem roupa. As Sábias manejavam finas peças de bronze curvadas chamadas *staera*, usadas para raspar o suor e a poeira do dia.

Bem no meio da tenda, Aviendha suava agachada ao lado de uma grande chaleira preta com pedras fuliginosas quentes e, com cuidado, utilizava um par de pinças para mover uma última pedra de uma chaleira menor para a maior. Assim que o fez, borrifou água nas pedras usando uma cuia, aumentando o vapor. Se deixasse o vapor diminuir muito, receberia no mínimo uma advertência severa. Na próxima reunião das Sábias na tenda de vapor, seria a vez de Egwene cuidar das pedras.

Com cautela, Egwene sentou-se ao lado de Bair, com as pernas cruzadas — em vez dos tapetes sobrepostos, só havia o chão rochoso, desconfortavelmente quente, rugoso e úmido —, e percebeu, chocada, que Aviendha apanhara com vara, e recentemente. Quando a Aiel, com todo o cuidado, tomou seu lugar ao lado de Egwene, o fez com o rosto tão duro quanto o chão, mas com uma expressão que não conseguia esconder o desconforto.

Era algo que Egwene não esperava. As Sábias exigiam rígida disciplina — maior até que a da Torre, o que não era nada fácil —, mas Aviendha trabalhava com absoluta determinação para aprender a canalizar. Não era capaz de caminhar nos sonhos, mas se esforçava para absorver cada arte das Sábias com o mesmo afinco com que se dedicara a aprender os atributos de uma Donzela. Claro que, após

confessar que deixara Rand descobrir que as Sábias vigiavam seus sonhos, as mulheres a obrigaram a passar três dias cavando e depois tampando buracos da altura dos ombros, mas aquela fora uma das poucas vezes em que Aviendha parecera ter metido os pés pelas mãos. Amys e as outras duas sempre falavam tanto da jovem como modelo de subserviência delicada e força de vontade apropriada, que Egwene, mesmo sendo amiga de Aviendha, às vezes sentia vontade de gritar.

— Você demorou bastante — comentou Bair, mal-humorada, enquanto Egwene, calma, ainda procurava uma posição confortável. A voz da mulher era fina e esganiçada, mas soava como ferro. Ela continuou a raspar os braços com uma *staera*.

— Me desculpe. — Pronto, aquela docilidade já deveria bastar.

Bair bufou.

— Você só é Aes Sedai além da Muralha do Dragão. Aqui, é aprendiz, e uma aprendiz não se demora. Quando mando chamar Aviendha ou ordeno que faça alguma coisa, ela vem correndo, mesmo que eu só queira um alfinete. Você faria bem em seguir o exemplo.

Ruborizando, Egwene tentou soar humilde.

— Vou tentar, Bair.

Aquela fora a primeira vez que uma Sábia fizera tal comparação na frente das demais. Egwene olhou de relance para Aviendha e ficou surpresa ao vê-la imersa em pensamentos. Às vezes, desejava que sua "quase-irmã" nem sempre fosse um exemplo tão bom.

— A garota vai aprender, Bair, ou não vai — ponderou Melaine, irritada. — Dê instruções sobre a presteza dela mais tarde, caso ainda seja necessário. — Não mais do que dez ou doze anos mais velha que Aviendha, a mulher parecia sempre irritada. Talvez estivesse sentada sobre alguma pedra pontuda. Se fosse o caso, ela não se moveria: esperaria que a pedra cedesse o lugar. — Vou tornar a dizer, Moiraine Sedai, que os Aiel seguem Aquele Que Vem Com a Aurora, e não a Torre Branca.

Ficou óbvio que Egwene deveria entender do que se tratava a conversa conforme as mulheres continuassem falando.

— Pode ser — complementou Amys com voz equilibrada — que os Aiel voltem a servir as Aes Sedai, mas ainda não chegou a hora, Moiraine Sedai. — Ela mal fez uma pausa no ato de se raspar enquanto encarava calmamente a Aes Sedai.

Mas essa hora chegaria, Egwene sabia, agora que Moiraine estava ciente de que algumas das Sábias eram capazes de canalizar. As Aes Sedai fariam incursões no Deserto para encontrar garotas que pudessem ser educadas, e provavelmente também tentariam levar para a Torre qualquer Sábia que tivesse essa capacidade. Egwene já se preocupara com as Sábias poderem ser intimidadas e dominadas, tiradas do caminho sempre que necessário. Aes Sedai nunca permitiam

que mulheres capazes de canalizar ficassem muito tempo longe da Torre. Agora não se preocupava mais, ainda que as próprias Sábias parecessem inquietas. Em se tratando de força de vontade, Amys e Melaine podiam fazer frente a qualquer Aes Sedai, como demonstravam todos os dias com Moiraine. Era bem provável que Bair botasse até Siuan Sanche no chinelo, e ela nem era capaz de canalizar.

Aliás, Bair nem era a Sábia com maior força de vontade. Essa honra cabia a uma mulher ainda mais velha, Sorilea, do ramo Jarra dos Aiel Chareen. A Sábia do Forte Shende não podia canalizar mais que uma noviça, mas dava tarefas a outras Sábias com a mesma facilidade com que aos *gai'shain*. E elas atendiam. Não, não havia razão para Egwene se angustiar com a possibilidade de as Sábias serem intimidadas.

— É compreensível que você deseje poupar sua terra — afirmou Bair —, mas é óbvio que Rand al'Thor não pretende nos liderar para causar sofrimento. Ninguém que se render a Aquele Que Vem Com a Aurora, e aos Aiel, será ferido. — Então era isso. Claro.

— O que me preocupa não é apenas poupar vidas e terras. — Moiraine passou o dedo por uma sobrancelha escorrendo suor, transformando o gesto em algo majestoso, mas sua voz estava quase tão tensa quanto a de Melaine. — Se permitirem isso, vai ser um desastre. Vários anos de planejamento estão começando a se concretizar, e ele pretende arruinar tudo.

— Planos da Torre Branca — corrigiu Amys com tamanha suavidade que poderia até estar concordando. — Esses planos não têm nada a ver conosco. Nós, assim como as outras Sábias, temos que considerar o que é bom para os Aiel. Vamos garantir que os Aiel façam o que é melhor para os Aiel.

Egwene se perguntou o que os chefes de clã diriam sobre aquilo. Os homens reclamavam com frequência que as Sábias se intrometiam em assuntos que não lhes diziam respeito, então talvez nem ficassem surpresos. Todos os chefes pareciam obstinados e inteligentes, mas Egwene acreditava que tinham tantas chances contra todas aquelas Sábias juntas quanto o Conselho de sua aldeia teria contra o Círculo das Mulheres.

Desta vez, no entanto, Moiraine estava certa.

— Se Rand… — começou ela, no que Bair a interrompeu com firmeza.

— Mais tarde ouviremos o que você tem a dizer, garota. Seu conhecimento sobre Rand al'Thor é valioso, mas você vai ter que se calar e ouvir até que lhe peçam para falar. E pare de ficar emburrada, ou vou lhe dar uma dose de chá de espigão-azul.

Egwene fez uma careta. O respeito que elas tinham pelas Aes Sedai, embora fosse um respeito de igual para igual, não se estendia a

aprendizes, mesmo uma que elas acreditassem ser Aes Sedai. De qualquer forma, Egwene segurou a língua. Bair era capaz de mandá-la ir buscar a bolsa de ervas e preparar pessoalmente o tal chá, incrivelmente amargo. A bebida não servia para muita coisa além de curar gente amuada, emburrada ou qualquer outra coisa que desagradasse as Sábias, o que fazia apenas com seu sabor. Aviendha lhe deu um tapinha reconfortante no braço.

— Vocês não acham que também vai ser catastrófico para os Aiel? — Devia ser difícil expressar tanta frieza quanto o vento invernal enquanto o corpo brilhava da cabeça aos pés por conta do vapor condensado e da própria transpiração, mas Moiraine não parecia ter problemas. — Vai ser outra Guerra dos Aiel. Vocês vão matar, incendiar e saquear cidades como fizeram antes, até fazer todos os homens e mulheres se voltarem contra vocês.

— O quinto é nosso por direito, Aes Sedai — retrucou Melaine, jogando os longos cabelos para trás para que pudesse manejar uma *staera* em seu ombro macio. Mesmo pesado e úmido por conta do vapor, seu cabelo reluzia feito seda. — Não pegamos mais que isso nem dos Assassinos da Árvore. — O olhar que lançou a Moiraine era ameno demais para não ter um significado implícito. Aquelas mulheres sabiam que ela era cairhiena. — Seus reis e rainhas pegam quantias iguais com os impostos.

— E quando as nações se voltarem contra vocês? — insistiu Moiraine. — Na Guerra dos Aiel, as nações se uniram e os obrigaram a recuar. Isso pode e vai acontecer de novo, e com enormes baixas dos dois lados.

— Nenhum de nós teme a morte, Aes Sedai — afirmou Amys, com um sorriso gentil, como se explicasse algo para uma criança. — A vida é um sonho do qual todos temos que despertar antes que possamos sonhar outra vez. Além do mais, apenas quatro clãs cruzaram a Muralha do Dragão sob a liderança de Janduin. Agora, seis já estão aqui, e você mesma afirma que Rand al'Thor pretende liderar todos.

— A Profecia de Rhuidean diz que ele vai nos destruir. — O fogo nos olhos verdes de Melaine podia ser direcionado a Moiraine ou podia se dever ao fato de ela não estar tão resignada quanto soava. — O que importa se vai ser aqui ou além da Muralha do Dragão?

— Vocês vão fazer com que ele perca o apoio de todas as nações a oeste da Muralha — alertou Moiraine. Parecia tão calma quanto sempre, mas sua voz tinha uma dureza capaz de quebrar pedras. — Rand precisa desse apoio!

— Ele tem o apoio da nação Aiel — informou Bair, com aquela voz frágil e inflexível. A mulher enfatizava as palavras ao gesticular com a fina lâmina de metal. — Os clãs nunca formaram uma nação,

mas agora é isso que ele nos torna.

— Não vamos ajudar você a fazê-lo recuar, Moiraine Sedai — completou Amys, com a mesma firmeza.

— Pode ir agora, Aes Sedai, se lhe aprouver — disse Bair. — Por hoje, já discutimos o suficiente sobre o que você queria discutir. — Suas palavras foram educadas, mas encerravam a questão.

— Vou deixá-las — respondeu Moiraine, outra vez serena, soando como se aquilo tivesse sido sugerido e decidido por ela. Àquela altura, estava acostumada às Sábias deixarem claro que não estavam sob a autoridade da Torre. — Tenho outras questões para tratar.

Essa parte devia ser verdade, claro. Muito provavelmente, era algo relacionado a Rand. Egwene sabia que era melhor não perguntar. Se Moiraine quisesse que ela soubesse, diria, e, se não… Se não, Egwene receberia as palavras evasivas de uma Aes Sedai evitando mentir, ou ouviria, sem rodeios, que aquilo não era de sua conta. Moiraine sabia que a "Egwene Sedai da Ajah Verde" era uma fraude. Em público, tolerava aquela mentira, mas, a sós, colocava Egwene em seu devido lugar sempre que achava necessário.

Logo que a Azul saiu, em meio a uma lufada de vento frio, Amys ordenou:

— Aviendha, sirva o chá.

Após um pulo de surpresa, a jovem Aiel abriu duas vezes a boca antes de se pronunciar.

— Ainda tenho que preparar — disse ela, a voz fraca. Então tratou de engatinhar para fora da tenda. A segunda lufada de vento exterior enfraqueceu o vapor.

As Sábias trocaram olhares quase tão surpresos quanto o de Aviendha. E o de Egwene. Aviendha sempre desempenhava com eficiência até as tarefas mais penosas, e com a maior disposição. Algo a devia estar atormentando demais para fazê-la se esquecer de uma tarefa como o preparo do chá. As Sábias sempre queriam chá.

— Mais vapor, garota — solicitou Melaine.

Com Aviendha longe, Egwene se deu conta de que o pedido havia sido para ela. Apressando-se para derramar água nas pedras, canalizou para aquecê-las ainda mais — e à chaleira também —, até ouvir as pedras crepitando e a própria chaleira irradiando calor feito uma fornalha. Os Aiel podiam estar acostumados com a alternância entre ser assados vivos e depois quase congelar, mas ela, não. Nuvens quentes e espessas elevaram-se para preencher a tenda. Amys assentiu em aprovação. Ela e Melaine conseguiam ver o brilho de *saidar* circundando-a, claro, mas a própria Egwene não via. Melaine apenas continuou a se raspar com a *staera*.

Egwene largou a Fonte Verdadeira, sentou-se e se inclinou na direção de Bair para sussurrar:

— Aviendha fez alguma coisa errada? — Ela não fazia ideia de como Aviendha se sentiria, mas não via motivos para constrangê-la, mesmo pelas costas.

Bair não teve tantos pudores.

— Você está se referindo às marcas no corpo dela? — perguntou, com voz neutra. — Ela me procurou e contou que havia mentido duas vezes hoje, mas não disse para quem ou sobre o quê. O problema era dela, claro, desde que não tivesse mentido para uma Sábia, mas ela afirmou que sua honra exigia que um *toh* fosse cumprido.

— Ela *pediu* a você para… — Egwene se engasgou e não conseguiu concluir.

Bair assentiu como se nada daquilo fosse muito fora do comum.

— Dei uns golpes a mais por ela ter vindo me importunar com isso. Se houvesse *ji* envolvido, a obrigação dela não seria para comigo. É bem provável que as tais mentiras fossem algo com que só uma *Far Dareis Mai* se preocuparia. Donzelas, e até antigas Donzelas, às vezes são tão nervosinhas quanto os homens.

Amys lançou à mulher um olhar que, até naquele vapor espesso, foi bem claro. Assim como Aviendha, Amys tinha sido *Far Dareis Mai* antes de se tornar Sábia.

À sua maneira de ver, Egwene nunca conhecera um Aiel que não fosse nervosinho quanto ao *ji'e'toh*. Mas aquilo! Todos os Aiel eram bem malucos.

Aparentemente, Bair já se esquecera do assunto.

— Não me lembro de já ter visto tantos Perdidos na Terra da Trindade quanto agora — comentou para todas na tenda. Aquela era a maneira como os Aiel se referiam aos Latoeiros, os Tuatha'an.

— Eles estão fugindo dos problemas do outro lado da Muralha do Dragão. — O escárnio na voz de Melaine era claro.

— Ouvi falar — começou Amys, hesitante — que alguns dos que fugiram depois da Desolação procuraram os Perdidos e pediram para se juntar a eles.

Seguiu-se um longo silêncio. Àquela altura, as Sábias já estavam cientes de que vinham todos da mesma linhagem, e que haviam se dispersado antes de os Aiel cruzarem a Espinha do Mundo em direção ao Deserto, mas aquela informação só fizera aprofundar a aversão que sentiam.

— Ele traz a mudança — sussurrou Melaine, severa, fitando o vapor.

— Achei que vocês já tivessem em paz com as mudanças que ele traz — disse Egwene, a compaixão brotando em sua voz.

Devia ser difícil ter a vida inteira revirada. Quase esperava que lhe dissessem para voltar a calar a boca, mas ninguém o fez.

— Em paz — murmurou Bair, como se testasse o sabor das

palavras. — Melhor dizer que aguentamos da melhor forma possível.

— Ele transforma tudo. — Amys soou preocupada. — Rhuidean. Os Perdidos. A Desolação, e revelações que não deveriam ter sido feitas.

As Sábias, e todos os Aiel, aliás, ainda tinham dificuldade em tocar naquele assunto.

— As Donzelas o rodeiam como se devessem mais a ele do que aos próprios clãs — acrescentou Bair. — Pela primeira vez, um homem foi admitido sob um Teto das Donzelas.

Por um momento, Amys pareceu a ponto de dizer alguma coisa, mas quaisquer informações que tivesse a respeito do funcionamento interno da *Far Dareis Mai* só eram compartilhadas com quem era ou havia sido uma Donzela da Lança.

— Os chefes já não nos ouvem como antes — resmungou Melaine. — Ah, eles continuam pedindo conselhos, até porque não são completos idiotas, mas Bael não me conta mais o que disse para Rand al'Thor ou o que Rand al'Thor disse a ele. Fala que é para eu perguntar Àquele que Vem Com a Aurora, que me diz para perguntar a Bael. Com o *Car'a'carn*, não posso fazer nada, mas com Bael… Ele sempre foi um homem teimoso e irritante, mas agora está passando dos limites. Às vezes sinto vontade de dar com um pedaço de pau na cabeça dele. — Amys e Bair riram como se tivessem ouvido uma piada maravilhosa. Ou talvez só quisessem rir para deixar as mudanças de lado, por um momento.

— Só existem três atitudes a se tomar com um homem como ele. — Bair gargalhou. — Manter distância, matá-lo ou pedi-lo em casamento.

Melaine enrijeceu, a face bronzeada ruborizando. Por um instante, Egwene pensou que a Sábia de cabelos dourados estava prestes a cuspir palavras mais esquentadinhas que o próprio rosto. Então uma lufada cortante anunciou o retorno de Aviendha, que trazia uma bandeja de prata trabalhada contendo um bule amarelo esmaltado, delicadas xícaras de porcelana dourada do Povo do Mar e um jarro de pedra cheia de mel.

A jovem tremia ao servir a bebida — com certeza não se preocupara em se proteger do frio lá fora —, e distribuiu apressadamente as xícaras e o mel. Mas não encheu nenhuma xícara para si mesma ou Egwene até Amys permitir que ela o fizesse, claro.

— Mais vapor — solicitou Melaine.

O ar gelado parecia ter esfriado sua cabeça. Aviendha pousou a xícara intocada e se apressou para apanhar a cuia, em uma clara tentativa de compensar o esquecimento do chá.

— Egwene — chamou Amys, bebericando da xícara —, como Rand reagiria se Aviendha pedisse para dormir no quarto dele? —

Aviendha, ainda segurando a cuia, ficou imóvel.

— No quar…? — Egwene perdeu o fôlego. — Você não pode pedir a ela para fazer isso! Não pode!

— Sua tola — resmungou Bair. — Não vamos pedir a ela para compartilhar a cama dele. Mas será que ele pensaria ser essa a proposta? Será que deixaria? Homens são criaturas estranhas, na melhor das hipóteses, e, como ele não foi criado entre nós, é mais estranho ainda.

— Ele com certeza não pensaria nesse tipo de coisa — balbuciou Egwene, então acrescentou, hesitante: — Eu acho que não. Mas isso não é correto. Não mesmo!

— Peço que não exijam isso de mim — interveio Aviendha, soando mais humilde do que Egwene imaginava possível. Com movimentos nervosos, ela borrifava água e gerava nuvens de vapor cada vez maiores. — Tenho aprendido bastante nos últimos dias sem precisar passar tempo com ele. Desde que permitiram que Egwene e Moiraine Sedai me ajudassem a canalizar, tenho aprendido ainda mais rápido. Não que elas ensinem melhor que vocês, claro — apressou-se a acrescentar —, mas tenho muita vontade de aprender.

— Você ainda vai aprender — informou Melaine. — Não será preciso passar todas as horas com ele. Desde que se empenhe, suas aulas não vão ser muito prejudicadas. Você não estuda dormindo.

— Não posso — resmungou Aviendha com a cabeça voltada para a cuia com água. Falando mais alto e sendo mais enfática, acrescentou: — E não vou. — Ela ergueu a cabeça, os olhos brilhando com fogo azul-esverdeado. — Não ficarei lá para ficar olhando-o dividir os cobertores com aquela oferecida da Isendre!

Egwene ficou de queixo caído.

— Isendre! — Já tinha visto, e reprovava com veemência, a maneira escandalosa como as Donzelas mantinham a mulher nua, mas aquilo! — Você não pode me dizer que ele…

— Silêncio! — exclamou Bair, feito um chicote. A expressão de seus olhos azuis poderia ter arrancado lascas de uma pedra. — As duas! Vocês são jovens, mas até Donzelas deveriam saber que homens podem agir feito tolos, sobretudo quando não estão ligados a uma mulher capaz de guiá-los.

— Fico contente — disse Amys, seca — de ver que você não contém mais suas emoções de forma tão rígida, Aviendha. Nessa questão, Donzelas são tão tolas quanto homens. Lembro que eu fazia o mesmo, e isso ainda me envergonha. Pôr as emoções para fora compromete o juízo momentaneamente, mas contê-las tem esse efeito o tempo inteiro. Só tome o cuidado de não colocar tudo para fora com muita frequência, ou quando o melhor a fazer for se manter sob controle.

Melaine se apoiou nas mãos e se inclinou para a frente até parecer que o suor que pingava de seu rosto fosse cair na chaleira quente.

— Você conhece seu destino, Aviendha. Será uma Sábia de grande força e autoridade, e muito mais. Já possui uma força inata. Usou-a em seu primeiro teste, e vai usar neste.

— Minha honra — respondeu Aviendha, rouca, e engoliu em seco, incapaz de continuar. Ficou ali agachada, encolhida sobre a cuia como se o objeto contivesse a honra que queria proteger.

— O Padrão não enxerga o *ji'e'toh* — retrucou Bair, com apenas uma pitada de compaixão, se tanto. — Só o que deve ser e será. Homens e Donzelas entram em conflito com o destino mesmo quando está claro que o Padrão segue tecendo seus fios apesar disso, mas você não é mais *Far Dareis Mai*. Tem que aprender a aceitar seu destino. Só se rendendo ao Padrão é que vai poder ter algum controle sobre o curso de sua vida. Se lutar, o Padrão continuará a se impor, e você só encontrará infelicidade onde poderia ter satisfação.

Para Egwene, aquelas palavras soavam bastante como o que haviam lhe ensinado a respeito do Poder Único. Para controlar *saidar*, primeiro era preciso se render. Se lutasse contra, o Poder surgiria de modo selvagem ou acabaria lhe sobrepujando. Ao se render e conduzi-lo com gentileza, ele agiria de acordo com sua vontade. Mas aquilo não explicava por que as Sábias queriam que Aviendha aceitasse a proposta. Perguntou o motivo, e então voltou a acrescentar:

— Não é adequado.

Em vez de responder, Amys fez uma pergunta.

— Rand al'Thor vai recusar? Não podemos obrigá-lo. — Bair e Melaine encaravam Egwene tão intensamente quanto Amys.

Elas não iriam explicar por quê. Era mais fácil fazer uma pedra falar do que tirar algo de uma Sábia contra sua vontade. Amuada e resignada, Aviendha encarava os dedos do pé. Sabia que as Sábias, de uma maneira ou de outra, conseguiriam o que queriam.

— Não sei — respondeu Egwene, devagar. — Já não conheço Rand tão bem quanto antes.

Isso era uma pena, mas tanta coisa acontecera — e para além do fato de Egwene ter percebido que não o amava mais do que como a um irmão. Seu treinamento, não só na Torre, como ali, ajudara a mudar a situação tanto quanto o fato de Rand ter se tornado quem era.

— Se vocês lhe derem um bom motivo, talvez. Acho que ele gosta de Aviendha. — Sem erguer os olhos, a jovem Aiel deu um longo suspiro.

— Um bom motivo. — Bair bufou. — Quando eu era jovem, qualquer homem ficava nas nuvens ao ver uma garota demonstrando tanto interesse por ele. O próprio sujeito ia colher as flores para a

grinalda nupcial dela. — Aviendha se sobressaltou e olhou para as Sábias com um pouco de seu antigo espírito. — Bem, vamos encontrar um motivo que até alguém criado nas terras aguacentas possa aceitar.

— Faltam muitas noites para seu encontro em *Tel'aran'rhiod* — lembrou Amys. — Com Nynaeve, desta vez.

— Aquela lá seria capaz de aprender muito — ponderou Bair —, se não fosse tão teimosa.

— Suas noites estão livres até lá — avisou Melaine. — Isso caso você não esteja entrando em *Tel'aran'rhiod* sem nós.

Egwene suspeitou o que estava por vir.

— Claro que não — respondeu para as demais. Entrara só um pouco. Mais do que aquele pouco, e elas certamente descobririam.

— Encontrou os sonhos de Nynaeve ou Elayne? — perguntou Amys, em tom natural, como se aquilo não fosse nada.

— Não, Amys.

Encontrar os sonhos de alguém era bem mais difícil do que entrar em *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, ainda mais quando havia distância física entre as pessoas. Estar o mais perto possível e conhecer bem o outro tornava tudo mais fácil. As Sábias ainda exigiam que ela não entrasse em *Tel'aran'rhiod* sem a companhia de ao menos uma delas, mas o sonho de outra pessoa talvez fosse, à sua maneira, tão perigoso quanto. Em *Tel'aran'rhiod*, Egwene detinha amplo controle sobre si mesma e sobre o que houvesse ao redor, a menos que uma das Sábias decidisse assumir o comando. Seu domínio sobre *Tel'aran'rhiod* estava aumentando, mas ainda não fazia frente a nenhuma daquelas mulheres, com sua vasta experiência. No sonho de alguém, porém, quem entrava passava a fazer parte do contexto. Era necessário todo o esforço do mundo para não agir conforme a vontade de quem estava sonhando ou conforme o sonho demandasse. E, ainda assim, às vezes isso não bastava. Ao observar os sonhos de Rand, as Sábias haviam sido muito cuidadosas para não mergulhar totalmente. De qualquer maneira, insistiam para que Egwene aprendesse. Se iam ensiná-la a ser Andarilha dos Sonhos, pretendiam mostrar tudo o que sabiam sobre o assunto.

Egwene não estava exatamente relutante, mas, nas poucas vezes em que a haviam deixado praticar entre elas mesmas e uma única vez com Rhuarc, as experiências foram penosas. As Sábias possuíam um domínio considerável sobre os próprios sonhos, de forma que o que acontecera neles — para alertar Egwene sobre os perigos, segundo as mulheres — fora tudo obra delas. Porém, saber que Rhuarc a via como pouco mais do que uma criança, tal qual suas filhas caçulas, havia sido um choque. Depois disso, seu controle fraquejara por um instante fatal. Então ela *passou a ser* pouco mais que uma criança. Ainda mal conseguia olhar para o homem sem se lembrar de ter recebido uma

boneca como prêmio por estudar com afinco, e ficado tão contente com o presente quanto com a aprovação de Rhuarc. Amys precisara resgatá-la da alegre brincadeira com a boneca. Que Amys soubesse daquilo já era ruim o bastante, mas Egwene suspeitava que Rhuarc também se lembrava de algumas partes do sonho.

— Você precisa continuar tentando — orientou Amys. — Tem a força necessária para alcançá-las, mesmo de tão longe. E não vai lhe fazer mal algum saber o que pensam a seu respeito.

Egwene já não tinha tanta certeza daquilo. Elayne era sua amiga, mas Nynaeve fora a Sabedoria de Campo de Emond durante a maior parte de sua juventude. Suspeitava de que os sonhos de Nynaeve seriam piores que os de Rhuarc.

— Hoje à noite, não vou dormir nas tendas — prosseguiu Amys. — Não estarei longe. Você não terá problemas em me encontrar, se tentar. Se eu não sonhar com você, conversaremos sobre isso pela manhã.

Egwene suprimiu um gemido. Amys a guiara até os sonhos de Rhuarc — e só permanecera lá por um instante, mal dando tempo de revelar que o homem ainda a via como a jovem com quem se casara, inalterada —, e as Sábias tinham estado todas na mesma tenda nas outras vezes em que ela tentara.

— Bem — disse Bair, esfregando as mãos —, já ouvimos tudo o que precisava ser ouvido. O restante de vocês pode ficar, se assim desejar, mas já me sinto limpa o bastante para me enrolar nos cobertores. Não sou tão jovem quanto vocês. — Jovem ou não, Bair provavelmente seria capaz de derrubar qualquer uma das demais, e depois ainda arrastá-las pelo que restasse do caminho.

Enquanto a mulher se levantava, Melaine falou. E soou hesitante, o que era estranho, partindo dela.

— Eu tenho que… Eu preciso da sua ajuda, Bair. Da sua também, Amys. — A mais velha voltou a se acomodar, e tanto ela quanto Amys encararam Melaine com expectativa. — Eu… queria pedir a vocês que falassem com Dorindha para mim. — As últimas palavras saíram de forma apressada. Amys abriu um largo sorriso, e Bair gargalhou. Aviendha também pareceu entender e ficar surpresa, mas Egwene estava perdida.

Então Bair sorriu.

— Você sempre disse que não precisava de um marido e nem queria um. Eu já enterrei três, e não me importaria em ter outro. Eles são muito úteis em noites frias.

— Uma mulher pode mudar de opinião. — A voz de Melaine soou firme, mas as bochechas coradíssimas a contradiziam. — Não consigo ficar longe de Bael, e não posso matá-lo. Se Dorindha me aceitar como sua esposa-irmã, farei minha grinalda nupcial para colocar aos pés de

Bael.

— E se, em vez de aceitar, ele preferir pisar nela? — questionou Bair.

Amys jogou a cabeça para trás, gargalhando e dando tapas nas coxas.

Egwene achava que não havia muito risco de aquilo acontecer, não do modo como funcionavam os costumes Aiel. Se Dorindha decidisse que queria ter Melaine como esposa-irmã, Bael não teria muito o que opinar sobre o assunto. Já não era um choque para ela que um homem pudesse ter duas esposas. Não totalmente. *Terras diferentes, costumes diferentes*, repetia com firmeza para si mesma. Nunca tinha se obrigado a perguntar, mas, até onde sabia, era possível que uma mulher Aiel tivesse dois maridos. Eram uma gente muito estranha.

— Peço que vocês sejam minhas irmãs-primeiras neste assunto. Acho que Dorindha gosta de mim o suficiente.

Assim que Melaine acabou de falar, a diversão das outras mulheres se transformou em outra coisa. Elas ainda riam, mas a abraçavam e lhe diziam o quanto estavam felizes por Melaine e como ela se daria bem com Bael. Amys e Bair, pelo menos, davam como certo que Dorindha a aceitaria. As três saíram quase que de braços dados, ainda sorrindo e dando risadinhas feito garotas, mas não sem antes mandar Egwene e Aviendha arrumarem a tenda.

— Egwene, uma mulher da sua terra poderia aceitar uma esposa-irmã? — indagou Aviendha, usando uma vara para destampar o buraco por onde saía a fumaça.

Egwene gostaria de ter deixado aquela tarefa por último, já que o calor começou a se dissipar imediatamente.

— Não sei — respondeu, recolhendo bem rápido as xícaras e o jarro de mel. As *staera* também foram para a bandeja. — Acho que não. Talvez se fosse uma amiga muito próxima… — acrescentou, mais do que depressa. Não havia por que dar a impressão de estar criticando os hábitos Aiel.

Aviendha respondeu com um grunhido e abriu a tenda.

Com os dentes batendo tão alto quanto o barulho das xícaras de chá e das lâminas de bronze chacoalhando na bandeja, Egwene escapou para fora. As Sábias se vestiam sem pressa, como se o clima da noite fosse ameno e elas estivessem nos dormitórios de algum forte. Uma figura de roupão branco, bem pálida à luz da lua, apanhou a bandeja das mãos de Egwene, que logo começou a procurar seu manto e os sapatos. Os objetos não se encontravam entre as vestimentas que ainda restavam pelo chão.

— Mandei levar suas coisas para sua tenda — informou Bair, amarrando o laço da blusa. — Você não vai precisar delas ainda.

O estômago de Egwene foi parar nos pés. Dando pulinhos sem sair do lugar, mexeu os braços em uma tentativa inútil de se aquecer. Pelo menos ninguém lhe pediu para parar. De repente, percebeu que a figura com roupão cor de neve que segurava a bandeja era alta demais até para uma Aiel. Trincando os dentes, olhou para as Sábias, que pareciam não dar a mínima se ela fosse congelar até a morte enquanto pulava. Para uma Aiel, talvez não importasse nada que um homem as tivesse visto nuas, ao menos se esse homem fosse um *gai'shain*, mas para ela, sim!

Aviendha se juntou ao grupo logo depois, e, ao ver Egwene dando pulinhos, ficou parada sem fazer o menor esforço para encontrar suas roupas. Não demonstrava sentir mais frio do que as Sábias.

— Bem — disse Bair, ajustando o xale nos ombros. — Você, Aviendha, não só é tão teimosa quanto um homem, como não consegue se lembrar de uma tarefa simples que já realizou inúmeras vezes. Você, Egwene, é tão teimosa quanto, e ainda acha que, quando é chamada, pode se demorar em sua tenda. Vamos torcer para que cinquenta voltas correndo em torno do acampamento deem um jeito nessa teimosia, clareiem suas ideias e façam vocês se lembrarem de como se responde a um chamado e como se realiza uma tarefa. Podem ir.

Sem dar um pio, Aviendha começou a trotar em direção à extremidade do acampamento, desviando-se sem dificuldade das cordas das tendas, envoltas pela escuridão. Egwene hesitou por apenas um instante antes de acompanhá-la. A Aiel mantinha um ritmo lento, o que lhe permitiu alcançá-la. O ar da noite era congelante, e o barro pedregoso e rachado sob seus pés estava igualmente frio e ainda tentava prender seus dedos. Aviendha corria com incrível facilidade.

Quando chegaram à última tenda e se viraram na direção sul, sua amiga perguntou:

— Sabe por que me dedico tanto aos estudos? — Nem o frio nem a corrida alteraram sua voz.

Egwene tremia tanto que mal conseguia falar.

— Não. Por quê?

— Porque Bair e as outras sempre citam você e me contam como aprende rápido, como ninguém precisa lhe explicar nada duas vezes. Dizem que eu preciso seguir seu exemplo. — Aviendha lançou um olhar de soslaio na direção de Egwene, que se viu compartilhando risadinhas enquanto as duas corriam. — Essa é uma parte do porquê. As coisas que estou aprendendo a fazer… — Ela balançou a cabeça, sua expressão maravilhada bem nítida, mesmo à luz do luar. — E o próprio Poder. Eu nunca tinha me sentido assim. Tão viva. Sinto até o aroma mais tênue e a perturbação mais sutil no ar.

— É bastante perigoso usar o Poder em excesso ou por muito

tempo — alertou Egwene. A corrida pareceu aquecê-la um pouco, embora, de vez em quando, um calafrio percorresse seu corpo. — Eu já lhe disse isso, e sei que as Sábias também.

Aviendha bufou.

— Você acha que eu enfiaria uma lança no meu próprio pé?

Por um tempo, correram em silêncio.

— Rand realmente…? — perguntou Egwene, por fim. O frio não tinha nada a ver com sua dificuldade de colocar as palavras para fora. Na verdade, estava começando a suar de novo. — É que… Isendre? — Egwene não conseguiria ser mais clara do que aquilo.

Depois de uns instantes, Aviendha respondeu, hesitante.

— Não acho que ele tenha feito isso. — A jovem soava irritada. — Mas por que ela ignoraria o risco de apanhar com vara se ele não tivesse demonstrado interesse? Isendre é uma aguacenta de coração mole que espera os homens a cortejarem. Eu percebi como Rand olhou para ela, embora ele tenha tentado esconder. Ele gostou do que viu.

Egwene se perguntou se a amiga pensava nela como uma aguacenta de coração mole. Provavelmente não, ou não seriam amigas. Mas Aviendha nunca aprendera a se preocupar se o que dizia poderia magoar alguém, e provavelmente se surpreenderia se soubesse que Egwene sequer pensara em ficar magoada.

— Do jeito que as Donzelas fazem Isendre se vestir — admitiu Egwene com relutância —, qualquer homem olharia.

Lembrando-se de que ela própria estava sem roupa alguma em público, Egwene tropeçou e quase caiu, olhando nervosamente para os lados. Até onde enxergava, a noite estava vazia. Mesmo as Sábias já haviam se recolhido em suas tendas. Quentinhas debaixo dos cobertores. Egwene estava suando, mas as gotículas pareciam querer congelar assim que brotavam.

— Ele pertence a Elayne — afirmou Aviendha categoricamente.

— Admito não conhecer a fundo os costumes de vocês, mas os nossos não são iguais aos daqui. — *Por que estou defendendo Rand? Ele é que deveria apanhar com vara!* Mas a honestidade a fez prosseguir. — Até os homens Aiel têm o direito de dizer não, quando as mulheres fazem a proposta.

— Você e ela são quase-irmãs, assim como eu e você — protestou Aviendha, diminuindo o passo antes de voltar a apertar o ritmo. — Você não me pediu para cuidar dele para Elayne? Não quer que Rand seja dela?

— Claro que quero. Se ele a quiser.

Aquilo não era bem verdade. Egwene desejava que Elayne tivesse toda felicidade possível, apaixonada como estava pelo Dragão Renascido, e faria de tudo, exceto amarrar Rand pelos pés e pelas mãos, para vê-la conseguir o que queria. Talvez até pensasse em

amarrá-lo, se fosse mesmo necessário. Admitir isso, porém, era outra coisa. As Aiel eram bem mais diretas do que ela se permitia ser.

— Caso contrário, não seria certo.

— Ele pertence a ela — afirmou Aviendha, determinada.

Egwene suspirou. Aviendha simplesmente não se esforçava para entender nenhum costume que não os dela. A Aiel ainda estava chocada por Elayne não ter pedido Rand em casamento e por um homem poder fazer o pedido.

— Tenho certeza de que amanhã as Sábias vão ouvir a voz da razão. Elas não podem obrigar você a dormir no quarto de um homem.

Claramente surpresa, Aviendha a encarou. Por um momento, sua elegância a abandonou, e ela deu uma topada com o dedão no chão irregular. O infortúnio gerou alguns xingamentos que teriam feito até os condutores dos carroções de Kadere prestarem atenção e forçado Bair a apelar para o espigão-azul, mas não a impediu de continuar correndo.

— Não entendo por que isso lhe incomoda tanto — disse ela após o último palavrão. — Já dormi ao lado de homens muitas vezes durante ataques, chegando até a compartilhar cobertores caso a noite estivesse muito fria, mas você se incomoda por eu dormir a dez pés dele. Isso faz parte dos seus costumes? Notei que você não se banha na companhia de homens na tenda de vapor. Não confia em Rand al'Thor? Ou é em mim que você não confia? — Ao final, sua voz se reduzira a um sussurro preocupado.

— Claro que eu confio em você — protestou Egwene de maneira acalorada. — E nele. Mas é que… — Ela foi baixando a voz, sem saber como continuar. As noções que os Aiel tinham de comportamento apropriado às vezes eram mais rígidas do que as que Egwene aprendera na infância, mas, em outras ocasiões, eles faziam coisas que deixariam o Círculo das Mulheres de sua aldeia divido entre desmaiar ou fazer uso de uma vara bem robusta. — Aviendha, se sua honra estiver envolvida de alguma forma… — O assunto era delicado. — Se você explicar para as Sábias, tenho certeza de que elas não vão lhe obrigar a agir em detrimento da sua honra.

— Não há o que explicar — afirmou a outra mulher, sem rodeios.

— Sei que não compreendo o *ji'e'toh*… — começou Egwene, fazendo Aviendha rir.

— Você diz não compreender, Aes Sedai, mas demonstra viver sob ele.

Egwene lamentava sustentar aquela mentira para Aviendha. Tinha dado muito trabalho fazer a amiga chamá-la apenas de Egwene, e às vezes ela ainda escorregava, mas precisava mentir para todos, se queria garantir que as pessoas acreditariam.

— Você é Aes Sedai e é forte o bastante com o Poder para derrotar Amys e Melaine juntas — continuou Aviendha —, mas disse que obedeceria, então esfrega panelas quando elas lhe mandam esfregar panelas e corre quando elas lhe dizem para correr. Você pode até não conhecer o *ji'e'toh*, mas o segue.

Claro que não era a mesma coisa. Egwene trincava os dentes e fazia o que lhe mandavam porque aquela era a única maneira que tinha de aprender a caminhar nos sonhos, e queria aprender — aprender tudo — mais do que qualquer outra coisa que pudesse imaginar. Sequer cogitar viver sob aquela bobagem de *ji'e'toh* era uma idiotice. Fazia o que tinha de fazer, e só quando e porque precisava.

As duas estavam chegando ao local de onde haviam partido.

— Uma volta — declarou Egwene, quando seu pé atingiu o ponto exato.

Então continuou a correr em meio à escuridão, longe dos olhos de todos, exceto dos de Aviendha. Sem ninguém para verificar caso ela voltasse para a tenda naquele mesmo instante. Aviendha não a deduraria, mas em momento algum passou pela cabeça de Egwene parar de correr antes da quinquagésima volta.

6

Portões

Rand acordou na mais completa escuridão e permaneceu deitado sob os cobertores, tentando descobrir o que o despertara. Fora alguma coisa. Não o sonho, onde ensinava Aviendha a nadar em um lago da Floresta das Águas, em sua terra natal, Dois Rios. Outra coisa. Então aconteceu de novo: um sopro fraco de cheiro pútrido entrando por debaixo da porta. Na verdade, não se tratava de um cheiro, e sim um senso de alteridade, mas a sensação era essa. Rançoso, como um cadáver de uma semana em água parada. E voltou a desaparecer, mas, desta vez, não totalmente.

Jogando os cobertores para o lado, Rand se levantou já se envolvendo em *saidin*. Dentro do Vazio, preenchido pelo Poder, sentia o corpo tremer, mas o frio parecia distante, não nele. Com todo o cuidado, abriu a porta e saiu do quarto. Janelas em arco nas duas extremidades do corredor deixavam entrar a luz do luar. Depois do breu total de dentro do quarto, era quase como a luz do dia. Nada se movia, mas Rand sentiu… algo… se aproximando. Algo mau. Parecido com a mácula que rugia dentro dele, no Poder.

Uma das mãos foi para o bolso do casaco, em busca da pequena imagem cinzelada de um homenzinho redondo segurando uma espada atravessada nos joelhos. Um *angreal*. Com ela, Rand conseguiria canalizar com segurança mais Poder do que em geral poderia dar conta. Quem quer que tivesse enviado o ataque contra ele, não sabia com quem estava lidando. Nunca deveriam ter permitido que despertasse.

Por um momento, Rand hesitou. Poderia lutar contra o que quer que tivessem lhe enviado, mas achava que o inimigo ainda estava lá embaixo. Lá embaixo, onde, pelo silêncio, as Donzelas continuavam dormindo. Com sorte, não seriam importunadas, a menos que Rand corresse para lá e começasse uma luta no meio delas. Isso certamente as acordaria, e nenhuma das mulheres ficaria apenas assistindo. Lan dizia que, se possível, era melhor escolher o território e fazer o inimigo vir procurá-lo.

Rand sorriu, e foi correndo com as botas pesadas até a escadaria

mais próxima, subindo até atingir o andar mais alto. O nível mais elevado do edifício era uma ampla câmara de teto levemente curvo e finas colunas com ranhuras espiraladas espalhadas pelo ambiente. Janelas em arco, sem vidro, circundavam o local e inundavam todos os cantos de luar. A poeira, o cascalho e a areia pelo chão ainda exibiam marcas fracas de suas próprias pegadas, deixadas na única vez em que subira até ali, e mais nada. Era perfeito.

Foi até o centro do aposento com passos largos e plantou-se sobre o mosaico de dez pés de largura com o antigo símbolo das Aes Sedai. Um local propício. "Ele conquistará sob este símbolo." Era o que dizia a Profecia de Rhuidean. Rand se posicionou com uma perna de cada lado da sinuosa linha divisória, uma bota na lágrima preta que agora chamavam de Presa do Dragão, que representava o mal, e a outra na branca, conhecida como Chama de Tar Valon. Alguns diziam que representava a Luz. Um local apropriado para encarar aquele ataque: entre a Luz e a escuridão.

A sensação fétida ficou ainda mais forte, e um cheiro de enxofre queimado tomou o ar. De repente, esgueirando-se das escadas feito sombras do luar, coisas se moveram pelas extremidades da câmara. Lentamente, o movimento tomou a forma de três cachorros negros do tamanho de pôneis e mais escuros que a noite. Com olhos prateados brilhantes, as bestas o circularam com cautela. Tomado pelo Poder, Rand conseguia ouvir o coração das criaturas batendo feito um martelar surdo de tambores. No entanto, não era possível ouvir sua respiração. Talvez não respirassem.

Rand canalizou, e uma espada surgiu em suas mãos: a lâmina ligeiramente curva parecia ter sido forjada a fogo, e havia uma garça entalhada. Esperara por um Myrddraal ou algo ainda pior que os Sem-olhos, mas, para cães, ainda que fossem Crias da Sombra, a espada bastaria. Quem quer que os tivesse mandado, não o conhecia. Lan dissera que Rand já estava bem perto de atingir o nível de um mestre espadachim, e o Guardião era suficientemente econômico com os elogios para fazê-lo pensar que talvez já tivesse até superado esse nível.

Com rosnados que pareciam ossos sendo triturados, os cachorros, mais rápidos que cavalos a galope, se lançaram contra ele em três frentes.

Rand não se moveu até as criaturas estarem bem próximas, e então, se transformando em um com a espada, fluiu de movimento em movimento, como se dançasse. Em um piscar de olhos, Redemoinho na Montanha se tornou O Vento Sopra Sobre a Muralha, que se tornou Abrindo o Leque. Grandes cabeças pretas saíram voando dos corpos negros, os dentes gotejantes, tais como aço polido, ainda à mostra enquanto quicavam pelo chão. Já estava saindo do mosaico enquanto

os vultos escuros ainda desabavam em um amontoado de sangue e espasmos.

Rindo sozinho, Rand se desfez da espada, embora tenha se mantido agarrado a *saidin*, ao Poder enfurecido, à doçura e à mácula. O desdém deslizava pela parte externa do Vazio. Cães. Crias da Sombra, sim, mas, ainda assim, apenas… As risadas cessaram.

Os cães mortos e suas cabeças derretiam devagar, transformando-se em poças de sombra líquida que tremiam de leve, como se estivessem vivas. O sangue, espalhado por todo o chão, estremecia. De repente, as poças menores escorreram em filetes viscosos por todo o piso e se uniram à maior, que deslizava do mosaico e crescia cada vez mais, até três enormes cachorros negros voltarem a surgir, babando e rosnando enquanto pernas imensas ganhavam forma sob os corpos.

Rand não sabia por que se sentia levemente surpreso no exterior do vazio. Cães, sim, mas Crias da Sombra. Quem quer que os tivesse mandado, não fora tão descuidado quanto imaginara. Mas ainda não o conheciam.

Em vez de buscar a espada de novo, Rand canalizou da maneira como se lembrava de ter feito certa vez, muito tempo atrás. Uivando, os enormes cachorros saltaram, e um facho espesso de luz branca disparou de suas mãos feito aço derretido, feito fogo líquido. Com ele, Rand varreu as criaturas, que por um instante se tornaram estranhas sombras de si mesmas, com todas as cores invertidas, mas logo se transformando em pequenas partículas reluzentes que foram se fragmentando em partes cada vez menores, até não restar mais nada.

Com um sorriso sinistro, Rand soltou o facho de luz que havia criado. Uma barra de luz roxa ainda parecia lhe transpor a visão, como uma imagem residual.

No outro lado da grande câmara, um pedaço de uma das colunas se estatelou nos azulejos do piso. Nos locais que a barra de luz atingira — ou o que quer que fosse, já que não era exatamente luz —, faixas perfeitas haviam sumido das colunas. Um enorme corte se estendia por metade da largura da parede logo atrás.

— Algum deles mordeu ou sangrou em você?

Rand se virou ao ouvir a voz de Moiraine. Absorto pelo que acabara de fazer, não ouvira seus passos subindo a escada. A mulher segurava as saias com as duas mãos, perscrutando-o, o rosto obscurecido sob o luar. Ela, assim como ele, devia ter sentido a presença daquelas coisas, mas, para estar ali em tão pouco tempo, devia ter corrido.

— As Donzelas deixaram você passar? Se tornou uma *Far Dareis Mai*, Moiraine?

— Elas me garantem alguns privilégios de uma Sábia — respondeu a mulher, mais que depressa, a impaciência bem crua em

sua voz costumeiramente melodiosa. — Disse para as guardas que precisava falar com você urgentemente. Agora me responda! Os Cães das Trevas o morderam ou espirraram sangue em você? A saliva deles encostou na sua pele?

— Não — respondeu Rand, hesitante. Cães das Trevas. O pouco que ouvira falar deles viera de histórias antigas, do tipo contado para aterrorizar crianças nas terras do sul. Alguns marmanjos também acreditavam nelas. — Por que está tão preocupada com uma mordida? Você poderia Curá-la. Isso significa que o Tenebroso está livre? — Preso ao Vazio como estava, até o medo era algo distante.

As histórias que Rand ouvira diziam que os Cães das Trevas passavam as noites na Caçada Selvagem, em que o próprio Tenebroso era o caçador. Eles não deixavam rastros nem na terra mais macia, só nas pedras, e não paravam até serem defrontados e derrotados, ou até estarem diante de água corrente. Segundo contavam, as encruzilhadas eram lugares particularmente perigosos para encontrá-los, em especial logo depois do pôr do sol ou momentos antes do amanhecer. Àquela altura, Rand já vira muitas dessas histórias antigas se materializarem, e acreditava que qualquer uma poderia ser verdadeira.

— Não, não é isso, Rand. — Moiraine parecia estar recuperando o autocontrole. A voz voltara a soar como sinos de prata, calma e fria. — Eles são apenas outro tipo de Crias da Sombra, algo que nunca deveria ter sido criado. Mas a mordida deles significa uma morte tão certa quanto uma adaga no coração, e eu não acho que seria capaz de Curar uma ferida assim antes que ela matasse você. O sangue e até a saliva dessas criaturas são venenosos. Um pingo na pele pode matar lentamente, e com muita dor nos instantes finais. Você teve sorte de serem só três. Ou matou mais alguns antes de eu chegar? As matilhas costumam ser maiores, com dez ou doze cachorros, pelo que dizem os registros que sobraram da Guerra da Sombra.

Matilhas maiores. Ele não era o único alvo em Rhuidean para algum dos Abandonados…

— Precisamos conversar sobre o que você usou para matá-los — começou Moiraine, mas Rand já estava correndo o mais rápido que podia, ignorando os apelos da mulher para saber aonde ele estava indo e por quê.

Desceu os lances de escada e atravessou corredores escuros onde Donzelas sonolentas, despertadas pelo som de suas botas, o observavam consternadas dos quartos iluminados pelo luar. Rand atravessou as portas da frente, onde Lan aguardava, inquieto, na companhia das duas mulheres que montavam guarda, levando nos ombros o manto furta-cor de Guardião que o fazia se confundir com a noite.

— Onde está Moiraine? — gritou o homem, assim que ele passou

correndo. Rand, porém, saltava dois enormes degraus de uma só vez e não deu respostas.

Quando chegou ao edifício que procurava, a ferida lateral semicicatrizada contraía feito um punho, provocando uma dor de que ele mal se dava conta de sentir, dentro do Vazio. O prédio ficava na extremidade de Rhuidean, afastado da esplanada e tão longe do acampamento que Moiraine compartilhava com as Sábias quanto possível sem que se saísse da cidade. Os andares superiores haviam desabado, formando uma montanha de escombros que se espalhava até a terra rachada além do pavimento. Apenas os dois andares inferiores permaneciam intactos. Rejeitando os apelos do próprio corpo para fazê-lo se curvar à dor, Rand entrou no local, ainda em disparada.

No passado, a grande antecâmara, circundada por uma varanda de pedra, havia sido alta. Agora era ainda mais, aberta para o céu noturno, o piso de pedras pálidas coberto pelos escombros do desabamento. Na varanda, sob a sombra da lua, três Cães das Trevas erguidos nas patas traseiras arranhavam e mordiam uma porta revestida de bronze que tremia com o ataque das criaturas. O cheiro de enxofre queimado empesteava o ar.

Rand se lembrou do que acontecera antes e se desviou para o lado enquanto canalizava, o facho de fogo líquido branco rasgando o ar em direção à porta e destruindo as Crias da Sombra. Desta vez, tentara fazer menos estragos, concentrando a destruição nos Cães das Trevas, mas a grossa parede na extremidade oposta da câmara apresentava um rombo encoberto pela escuridão. Achou que não chegara a atravessar a parede — sob o luar, era difícil afirmar —, mas teria de refinar seu controle sobre aquela arma.

O revestimento de bronze da porta continha rasgos e arranhões, como se os dentes e as unhas dos Cães das Trevas fossem mesmo de aço, e a luz de lamparinas reluzia através de vários pequenos orifícios. Havia marcas de pegadas no chão de pedra, mas, para sua surpresa, eram poucas. Rand largou *saidin*, encontrou um ponto da porta em que não cortaria toda a mão e bateu. De repente, a dor na lateral do corpo se tornou muito real e presente. Respirou fundo e tentou afastá-la.

— Mat? Sou eu, Rand! Abra, Mat!

Momentos depois, a porta se abriu um pouco, deixando escapar um jorro de luz de lamparinas. Desconfiado, o rapaz espiou pela fresta e só então a abriu mais, apoiando-se na porta como se tivesse corrido dez milhas carregando uma saca cheia de pedras. Exceto pelo medalhão com uma cabeça de raposa pendurado no pescoço — os olhos do animal com a forma e as cores do antigo símbolo das Aes Sedai —, Mat estava nu. Considerando o que ele achava das Aes Sedai,

Rand ficou surpreso por Mat ainda não ter vendido aquele objeto. Mais ao fundo do aposento, uma mulher alta de cabelos dourados enrolava calmamente um cobertor em torno do corpo. Pelas lanças e pelo escudo a seus pés, era uma Donzela.

Rand se apressou em desviar o olhar e limpou a garganta.

— Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

— Estamos bem. — Nervoso, Mat olhou ao redor da antecâmara. — Agora estamos. Você matou ou o quê? Não quero saber o que era, contanto que tenha morrido. Às vezes, é bem difícil ser seu amigo.

Não apenas um amigo. Outro *ta'veren*, e talvez uma das chaves para a vitória em Tarmon Gai'don. Qualquer pessoa que quisesse atacar Rand também tinha motivos para atacar Mat. Mas o rapaz sempre tentava negar as duas coisas.

— Já foram, Mat. Eram Cães das Trevas. Três deles.

— Eu disse que não queria saber — reclamou o amigo. — Agora foram Cães das Trevas. Não posso negar que estar perto de você sempre traz alguma novidade. Não tem como ficar entediado, não até o dia em que morrer. Se eu não tivesse me levantado para pegar um pouco de vinho quando a porta começou a se abrir… — Ele se interrompeu, tremendo, e coçou uma vermelhidão no braço direito enquanto analisava os danos no revestimento de metal. — Sabe, é engraçado como a mente prega peças na gente. Quando estava empilhando tudo o que tinha aqui para manter a porta fechada, poderia jurar que um deles abriu um buraco nela. Eu vi a cabeça do desgraçado. E os dentes. A lança de Melindhra não chegou nem a incomodá-lo.

Daquela vez, a chegada de Moiraine foi mais espetacular: correndo e segurando as barras das saias, ofegante e irritada. Lan lhe acompanhava de perto, a espada na mão e uma expressão impassível no rosto pétreo. Logo atrás, uma multidão de *Far Dareis Mai* se espalhava pela rua. Algumas das Donzelas trajavam não mais do que roupas íntimas, mas todas empunhavam as lanças de modo alerta e tinham a *shoufa* enrolada na cabeça, o véu negro deixando apenas os olhos descobertos, todas prontas para matar. Moiraine e Lan, pelo menos, pareciam aliviados por vê-lo conversando com calma com Mat, embora a Aes Sedai também parecesse ter a intenção de ter uma conversa séria com ele. Com os véus, era impossível dizer o que as Aiel estavam pensando.

Com uma exclamação aguda, Mat voltou correndo para dentro do quarto, onde se apressou em vestir um par de calças, os movimentos comprometidos pelo modo como tentava enfiar a roupa e coçar o braço ao mesmo tempo. A Donzela de cabelos dourados acompanhava tudo com um sorriso largo que ameaçava se transformar em gargalhadas.

— Qual é o problema com o seu braço? — quis saber Rand.

— Eu disse que a mente prega peças na gente — respondeu Mat, ainda tentando se coçar e se vestir ao mesmo tempo. — Quando pensei que aquela coisa tinha dado uma dentada na porta, também fiquei com a sensação de que babou todo o meu braço, e agora o maldito está ardendo feito fogo. Até aparenta estar queimado bem aqui.

Rand abriu a boca, mas Moiraine já o estava empurrando para fora do caminho. Ao olhar para a mulher, Mat tentou terminar de se vestir freneticamente, puxando as calças para cima, e acabou caindo no chão. Moiraine, no entanto, se ajoelhou ao lado dele, ignorando os protestos, e segurou a cabeça de Mat com as duas mãos. Rand já fora Curado antes e já vira a Cura ser aplicada em outros, mas, ao contrário do que esperava, Mat apenas estremeceu e levantou o medalhão pela tira de couro de forma a deixá-lo pendurado na mão.

— Ficou mais frio que gelo, do nada — resmungou o rapaz. — O que está fazendo, Moiraine? Se quer fazer alguma coisa, Cure essa coceira. Agora o braço inteiro está coçando. — O braço direito de Mat estava vermelho desde o punho até o ombro, e começara a parecer inchado.

Moiraine olhou para ele com a expressão mais surpresa que Rand já vira em seu rosto. Talvez a única.

— Vou Curar — afirmou, hesitante. — Se o medalhão está frio, tire.

Mat franziu o cenho, então finalmente o tirou e o colocou ao lado. Moiraine voltou a segurar sua cabeça, e ele gritou como se tivesse sido mergulhado em gelo. As pernas enrijeceram, e as costas arquearam. Os olhos de Mat encaravam o nada, tão arregalados quanto era possível. Quando Moiraine afastou as mãos, ele desabou, ofegante. A vermelhidão e o inchaço haviam sumido. Mat precisou de três tentativas para conseguir falar.

— Sangue e cinzas! Precisa ser assim sempre? Maldição! Era só uma droga de uma coceirinha!

— Segure essa boca suja quando falar comigo — advertiu Moiraine, enquanto se levantava —, ou vou tratar de encontrar Nynaeve e deixar você sob responsabilidade dela. — Mas não havia emoção em sua voz. Poderia até estar falando dormindo. Moiraine tentou não olhar para a cabeça de raposa quando Mat tornou a pendurá-la no pescoço. — Você vai precisar de repouso — avisou, distraída. — Passe o dia de cama amanhã, se achar necessário.

A Donzela enrolada no cobertor — Melindhra? — ajoelhou-se atrás de Mat e pousou as mãos em seus ombros, olhando para Moiraine por cima da cabeça do rapaz.

— Vou cuidar para que ele faça o que você diz, Aes Sedai. — Com

um sorriso súbito, bagunçou os cabelos de Mat. — Agora ele é meu companheiro de travessuras. — Pela expressão horrorizada, Mat devia estar juntando forças para sair correndo.

Rand se deu conta das risadinhas descontraídas atrás de si. As Donzelas, *shoufas* e véus já enrolados nos ombros, haviam se amontoado para bisbilhotar dentro do quarto.

— Ensine o rapaz a cantar, irmã-de-lança — sugeriu Adelin, fazendo as demais Donzelas gargalharem.

Rand se voltou para elas com firmeza.

— Deixem este homem descansar. Vocês não têm que ir se vestir, não? — Relutantes, mas ainda tentando xeretar o aposento, as mulheres recuaram, até que Moiraine apareceu.

— Poderiam ir embora, por favor? — pediu a Aes Sedai, enquanto a porta destroçada batia logo atrás dela. Moiraine deu uma olhada para trás, contraindo os lábios de maneira irritada. — Preciso falar a sós com Rand al'Thor.

Assentindo, as Aiel tomaram o rumo da porta, algumas ainda se divertindo com a ideia de Melindhra, uma Shaido, ao que parecia — Rand se perguntou se seu amigo sabia disso —, ensinar Mat a cantar, o que quer que aquilo pudesse significar.

Rand interrompeu Adelin, segurando um de seus braços nus. As outras Donzelas que perceberam o gesto também pararam, de forma que ele falou para todas.

— Se vocês não vão quando eu peço para irem, o que vão fazer se eu precisar usá-las em uma batalha? — Rand não pretendia fazer isso, se pudesse evitar. Sabia que elas eram guerreiras ferozes, mas fora criado para acreditar que os homens deviam morrer, se necessário, antes que as mulheres precisassem lutar. Podia até ser uma tolice, se parasse para pensar, ainda mais em se tratando de mulheres como aquelas, mas era como se sentia. Porém, sabia que era melhor não dizer isso às Donzelas. — Vão achar que é brincadeira ou só vão decidir ir quando bem entenderem?

As mulheres o encararam, parecendo consternadas por ouvir alguém revelar quanto era ignorante.

— Na dança das lanças — respondeu Adelin —, agiremos ao seu comando, mas isto aqui não é a dança. Além do mais, você não nos pediu para ir.

— Nem mesmo o *Car'a'carn* é rei, aguacento — completou uma Donzela de cabelos grisalhos. Musculosa e rija, apesar da idade, usava apenas um vestidinho curto e a *shoufa*. Rand estava cansado daquela frase.

As Donzelas seguiram fazendo piadinhas enquanto o deixavam sozinho com Moiraine e Lan. O Guardião finalmente deixara a espada de lado e parecia tão relaxado quanto podia; o rosto sério e duro ao

luar, aparentando tão pronto para atacar que fazia as Aiel parecerem plácidas, se comparadas a ele. Um fio de couro trançado prendia os cabelos de Lan, já grisalhos nas têmporas, impedindo que caíssem no rosto. Seu olhar era o mesmo que se via em um falcão de olhos azuis.

— Preciso falar com você sobre… — começou Moiraine.

— Podemos conversar amanhã — disse Rand, interrompendo-a.

O rosto de Lan endureceu ainda mais, se possível. O instinto de proteção dos Guardiões era muito maior com relação às suas Aes Sedai — tanto da posição quanto da pessoa em si — do que a eles mesmos. Rand o ignorou. A lateral do corpo ainda insistia em querer curvá-lo, mas conseguiu se manter ereto. Não tinha a menor intenção de demonstrar qualquer fraqueza a Moiraine.

— Se pensa que vou ajudá-la a tirar aquela cabeça de raposa de Mat, melhor esquecer. — De alguma forma, o medalhão a impedira de canalizar. Ou pelo menos fizera com que não surtisse efeito em Mat. — Ele pagou um preço alto pela peça, Moiraine, e o medalhão é dele. — Rand se lembrou de como ela o golpeara nas costas com o Poder e, de forma seca, acrescentou: — Talvez eu peça emprestado.

Ele deu as costas para a mulher. Ainda havia alguém que Rand precisava checar, mesmo que, de uma maneira ou de outra, já não houvesse mais urgência: àquela altura, os Cães das Trevas já teriam feito o que bem entendessem.

— Por favor, Rand — pediu Moiraine, com um tom explícito de súplica que o deixou paralisado. Nunca ouvira dela nada parecido com aquilo.

Aquele tom de voz pareceu ofender Lan.

— Pensei que você tivesse virado homem — afirmou o Guardião, com severidade. — É assim que um homem se comporta? Você age como um garoto arrogante.

Lan praticava a espada com Rand e gostava dele, Rand achava, mas, se Moiraine dissesse a palavra certa, o Guardião faria o que pudesse para matá-lo.

— Não estarei ao seu lado para sempre — alertou Moiraine, em um tom nervoso. Suas mãos apertavam as saias com tanta força que chegavam a tremer. — Talvez eu morra no próximo ataque. Posso cair do cavalo e quebrar o pescoço, ou ter o coração atravessado pela flecha de um Amigo das Trevas. A morte não pode ser Curada. Dediquei a vida inteira a procurá-lo, encontrá-lo e ajudá-lo. Você ainda não conhece sua própria força, Rand. Ainda não tem como saber de metade do que é capaz. Eu… humildemente… peço desculpas por qualquer ofensa que tenha cometido contra você. — Aquelas palavras, palavras que ele nunca imaginara ouvir daquela Aes Sedai, saíram como se estivessem sendo arrastadas, mas saíram. E ela não podia mentir. — Deixe-me ajudar o quanto eu puder, enquanto puder. Por

favor.

— É difícil confiar em você, Moiraine. — Ele não dava a mínima para Lan, inquieto sob o luar. Sua atenção estava toda nela. — Você me manipulou feito um fantoche e me fez dançar como bem quis desde o dia em que nos conhecemos. As únicas vezes em que estive livre foram quando estava longe ou quando a ignorei. E até isso você torna difícil.

Moiraine soltou uma risada tão límpida quanto a lua no céu, mas tingida de amargura.

— Tem sido mais como lutar contra um urso do que puxar os fios de um fantoche. Quer que eu faça um juramento de que não vou tentar manipular você? Posso fazer. — A voz de Moiraine ficou dura feito um cristal. — Posso até jurar obedecer-lhe feito uma das Donzelas, ou uma *gai'shain*, se exigir, mas você precisa… — Ela respirou fundo e recomeçou, com mais suavidade. — Eu *peço* a você, humildemente, que me deixe ajudá-lo.

Lan a encarava fixamente, e Rand achou que os próprios olhos deviam estar saltando da cabeça.

— Vou aceitar sua ajuda — respondeu, hesitante. — E também peço desculpas. Por todas as vezes em que fui rude.

Rand tinha a sensação de ainda estar sendo manipulado — nas vezes em que fora rude, sempre tivera bons motivos —, mas a mulher não podia mentir.

A tensão de Moiraine se esvaneceu visivelmente. Ela se aproximou e olhou para Rand.

— O que você usou para matar os Cães das Trevas se chama fogo devastador. Ainda sinto os resíduos dele por aqui. — Rand também sentia, como o cheiro remanescente de uma torta que fora retirada do ambiente, ou a memória de algo que acabara de sair do campo de visão. — Desde antes da Ruptura do Mundo, é proibido fazer uso do fogo devastador. A Torre Branca nos proíbe inclusive de aprendê-lo. Na Guerra do Poder, até os Abandonados e os Devotos da Sombra relutavam em usá-lo.

— Proibido? — questionou Rand, franzindo o cenho. — Vi você usar uma vez.

Sob a luz pálida da lua, ele não conseguiu ter certeza, mas teve a impressão de que as bochechas de Moiraine ficaram coradas. Talvez *tivesse conseguido* mexer com ela, para variar.

— Às vezes é necessário fazer algo proibido. — Se ela estava constrangida, a voz não acusava. — Quando algo é destruído pelo fogo devastador, deixa de existir *antes* do momento de sua destruição, como um fio que se queima para além de onde a chama o tocou. Quanto maior o poder do fogo devastador, mais para trás no tempo o objeto em questão deixa de existir. O fogo mais forte que eu consigo

criar só remove alguns segundos do Padrão. Você é muito mais forte. Muitíssimo mais forte.

— Mas se o alvo não existe *antes* de você destruí-lo… — Confuso, Rand passou os dedos pelo cabelo.

— Está começando a entender os problemas, os perigos? Mat se recorda de ter visto um dos Cães das Trevas abocanhando a porta, mas agora já não existe marca alguma. Se a criatura tivesse babado nele da maneira como lembra, Mat teria morrido antes que eu pudesse socorrê-lo. Em todo o tempo passado que você destruiu a criatura, tudo o que ela fez naquele período *deixou de ter acontecido*. Só permanecem as memórias daqueles que viram ou participaram do ocorrido. Agora, só é real o que aconteceu antes disso: alguns dentes na porta e uma gota de saliva no braço de Mat.

— Por mim, tudo bem — respondeu o ruivo. — Mat está vivo por causa do fogo.

— É terrível, Rand. — Um quê de urgência tomou a voz de Moiraine. Por que você acha que até os Abandonados tinham receio de utilizá-lo? Pense no efeito no Padrão de um único fio, um único homem removido por horas, ou dias, e que já tenha sido tecido, como um fio parcialmente solto de um pedaço de pano. Fragmentos de manuscritos que restaram da Guerra do Poder dizem que cidades inteiras foram destruídas pelo fogo devastador antes de os dois lados se darem conta dos perigos. Centenas de milhares de fios removidos do Padrão, desaparecidos de dias que já faziam parte do passado. Fosse lá o que aquelas pessoas tivessem feito, já não havia mais acontecido, nem o que outros fizeram por conta dessas ações. As memórias permaneceram, mas não os atos. O efeito cascata foi incalculável. O próprio Padrão quase foi desemaranhado. Poderia ter sido a destruição de tudo. Do mundo, do tempo e da própria Criação.

Rand estremeceu, mas não pelo frio que atravessava o casaco.

— Não posso prometer que não vou voltar a fazer uso dele, Moiraine. Você mesma afirmou que há situações em que é necessário fazer o que é proibido.

— Não pensei mesmo que fosse — disse ela com tranquilidade. A agitação estava desaparecendo, o equilíbrio se restaurando. — Mas você precisa tomar cuidado. — Moiraine já estava de volta ao "você precisa". — Com um *sa'angreal* como *Callandor*, você poderia aniquilar uma cidade inteira com o fogo devastador. O Padrão talvez ficasse comprometido por anos. Quem poderia garantir que a tessitura permaneceria centralizada em você, *ta'veren* que é, até voltar a se restabelecer? Ser um *ta'veren*, e um tão forte, pode ser a margem de vitória de que você precisa até mesmo na Última Batalha.

— Talvez seja — respondeu Rand, com frieza. Em muitas narrativas heroicas, o protagonista proclamava que venceria ou

morreria. Parecia que o melhor que Rand podia desejar era a vitória *e* a morte. — Preciso ir me encontrar com uma pessoa. Vejo você pela manhã.

Reunindo o Poder dentro de si, a vida e a morte em camadas ondulantes, criou no ar um buraco bem alto, abrindo-se para uma escuridão que fazia o luar parecer luz do dia. Um portão, como Asmodean chamava.

— O que é isto? — Moiraine ofegou.

— Quando faço alguma coisa, aprendo. Na maioria das vezes. — Aquilo não respondia nada, mas era hora de testar os votos de Moiraine. Ela não podia mentir, mas Aes Sedai eram capazes de encontrar brechas até em uma pedra. — Deixe Mat em paz hoje à noite. E nada de tentar tirar aquele medalhão dele.

— Pertence à Torre para estudo, Rand. Deve se tratar de um *ter'angreal*, mas nunca encontraram um que…

— Seja lá o que for — disse ele com firmeza —, é de Mat. E você vai deixar com ele.

Por um momento, Moiraine pareceu travar uma luta interna, empertigando as costas e erguendo a cabeça para encará-lo. Certamente não estava acostumada a receber ordens de ninguém, exceto de Siuan Sanche, e Rand poderia apostar que ela nunca obedecera sem contestar. Por fim, a mulher anuiu e chegou até a fazer menção de uma reverência.

— Como quiser, Rand. É dele. Por favor, tenha cuidado. Aprender algo como o fogo devastador por conta própria pode ser um suicídio, e a morte não pode ser Curada. — Não houve escárnio desta vez. — Até de manhã.

Lan seguiu Moiraine quando ela se afastou, lançando a Rand uma expressão indecifrável. O Guardião não deveria estar contente com o desenrolar dos fatos.

Rand atravessou o portão, que desapareceu.

Estava de pé em um disco, uma réplica do antigo símbolo das Aes Sedai, com seis pés de diâmetro. Até a metade escura do objeto parecia mais clara, se comparada à escuridão infinita que o cercava, acima e abaixo. Rand tinha certeza de que, se caísse, cairia para sempre. Asmodean dizia que havia um método mais rápido — chamado Viagem — para se usar um portão, mas não conseguira ensiná-lo, em parte por não ter força suficiente para criar um desses portões enquanto estava impedido pelo escudo de Lanfear. Em todo caso, uma Viagem exigia excelente conhecimento do ponto de partida. Para Rand, parecia mais lógico que fosse necessário conhecer muito bem o local aonde se estava indo, mas Asmodean parecia pensar que aquilo era como perguntar por que o ar não era água. O Abandonado dava muitas coisas como certas. De qualquer forma, Deslizar era

suficientemente rápido.

No momento em que Rand cravou as botas no disco, o objeto disparou por uma distância que pareceu muito curta e parou assim que outro portão surgiu, logo à frente. Suficientemente rápido, em especial para aquela distância curta. Rand saiu do lado de fora do quarto onde Asmodean se encontrava.

O luar que atravessava as janelas em cada extremidade do corredor fornecia a única luz do local. A lamparina estava apagada. Os fluxos que Rand urdira em torno do quarto continuavam firmemente amarrados. Nada se movia, mas ainda era possível sentir um leve odor de enxofre queimado.

Rand se aproximou da cortina de contas e espiou através da porta. As sombras do luar preenchiam o quarto, mas uma delas era Asmodean, enrolado nos cobertores. Envolvido pelo Vazio, Rand ouvia as batidas do coração do homem e sentia o cheiro de suor de seus sonhos atribulados. Curvou-se para examinar os azulejos azul-claros do chão e as marcas neles.

Ainda garoto, aprendera a seguir rastros, e ler aquelas marcas não foi difícil. Três ou quatro Cães das Trevas haviam passado por ali. As criaturas tinham se aproximado da porta uma a uma, ao que parecia, praticamente pisando nas pegadas da outra. Fora a rede tecida em torno do quarto que as impedira? Ou elas só teriam sido enviadas até ali para observar e reportar o que vissem? Era perturbador pensar que até os cães Crias da Sombra tinham toda aquela inteligência. Por outro lado, os Myrddraal usavam corvos e ratos como espiões, além de outros animais intimamente ligados à morte. Os Aiel os chamavam de Olhos da Sombra.

Canalizando delicados fluxos de Terra, Rand aplainou os azulejos do piso, sumindo com as marcas que iam até a rua vazia, envolta pela noite, a cem passadas do edifício alto. Pela manhã, todos veriam o rastro terminando ali, mas ninguém suspeitaria de que os Cães das Trevas tivessem chegado perto de Asmodean. Cães das Trevas não podiam estar interessados em Jasin Natael, o menestrel.

Todas as Donzelas da cidade já deviam estar acordadas, àquela altura. Sob o Teto das Donzelas, era certo que nenhuma ainda estaria dormindo. Criando outro portão ali mesmo, na rua, uma escuridão mais profunda que a da própria noite, Rand deixou o disco transportá-lo de volta a seu quarto. Ficou se perguntando por que escolhera o antigo símbolo. Mesmo que inconsciente, fora escolha dele. Em outras ocasiões, havia sido um degrau de escada ou um pedaço do piso. Os Cães das Trevas haviam escorrido para longe daquele símbolo antes de se regenerarem. *Ele conquistará sob este símbolo.*

De pé no breu do quarto, Rand canalizou para acender as lamparinas, mas não soltou *saidin*. Em vez disso, voltou a canalizar,

tomando o cuidado de não disparar nenhuma das próprias armadilhas, e um pedaço da parede desapareceu, revelando um espaço oco que ele mesmo escavara.

Na pequena alcova havia duas estatuetas de um pé de altura, um homem e uma mulher, ambos com rostos serenos, trajando roupões esvoaçantes e segurando um globo de cristal em uma das mãos. Rand mentira para Asmodean sobre elas.

Havia os *angreal*, como o homenzinho redondo no bolso de seu casaco e os *sa'angreal*, como *Callandor*, que aumentavam a quantidade do Poder que podia ser canalizado com ajuda dos *angreal* da mesma maneira que os *angreal* aumentavam a quantidade de Poder da canalização sem aparatos. Ambos eram muito raros e valorizados pelas Aes Sedai, embora elas só pudessem reconhecer os que estivessem em consonância com as mulheres e *saidar*. Aquelas duas estatuetas eram outra coisa, não tão raras, mas tão valorizadas quanto. Os *ter'angreal* não haviam sido feitos para aumentar o Poder, mas para usá-lo de maneiras bem específicas. As Aes Sedai não conheciam o propósito original da maior parte dos *ter'angreal* que possuíam na Torre. Utilizavam alguns, mas sem saber se o uso que faziam deles tinha algo a ver com o propósito para o qual os objetos haviam sido criados. Rand sabia para que serviam aqueles dois.

A estatueta masculina podia ligá-lo a uma enorme réplica dela mesma, o *sa'angreal* masculino mais poderoso já criado, mesmo que ele estivesse do outro lado do Oceano de Aryth. A peça fora finalizada logo após a prisão do Tenebroso ser novamente selada — *Como* é que eu sei *disso?* — e escondida antes que qualquer um dos Aes Sedai homens, já enlouquecendo, pudesse encontrá-lo. A estatueta feminina fazia o mesmo com uma mulher, podendo uni-la à equivalente da grande estátua que Rand esperava que ainda estivesse quase totalmente enterrada em Cairhien. Com todo aquele poder… Moiraine dissera que a morte não podia ser Curada.

Espontâneas, indesejadas, as lembranças da penúltima vez em que ousara empunhar *Callandor* retornaram, as imagens flutuando além do Vazio.

> O corpo da menina de cabelos escuros, pouco mais que uma criança, estava esparramado, os olhos arregalados encarando o teto, sangue escuro no decote do vestido, onde um Trolloc cravara a espada.
>
> O Poder estava dentro dele. *Callandor* cintilava, e ele era o Poder. Canalizou, direcionando fluxos para o corpo da criança, buscando, tentando, revirando. A menina deu uma guinada e se levantou, os braços e pernas estranhamente rígidos e desconjuntados.

"Rand, você não pode fazer isso!", gritou Moiraine. "Não isso!"

Respirar. Ela precisa respirar. O peito da garota subia e descia. Coração. Tem que bater. O sangue, já grosso e escuro, jorrou da ferida no peito. *Viva. Viva, que se queime!* Sua mente uivava. *Eu não queria que fosse tarde demais*. Os olhos dela o encararam, embotados. Sem vida. Lágrimas desciam pelo rosto de Rand.

Ele fez o que pôde para afastar as memórias. Mesmo envolto no Vazio, elas eram dolorosas. Com todo aquele Poder… Com todo aquele Poder, ele não podia confiar que faria o certo. "Você não é o Criador," lhe dissera Moiraine, ao lado daquela criança. Mas com aquela estatueta masculina, com apenas metade de seu poder, Rand certa vez fizera as montanhas se moverem. Com muito menos, com apenas *Callandor*, tivera certeza de que podia retroceder a Roda, fazer uma criança morta reviver. Não era apenas o Poder Único que o seduzia; mas também sua força. Rand deveria destruir as duas peças. Em vez disso, voltou a tecer os fluxos, reajustou as armadilhas.

— O que está fazendo? — perguntou uma voz feminina, no momento em que a parede voltou a parecer inteira.

Amarrando os fluxos depressa — além do nó, com suas próprias surpresas letais —, Rand recolheu o Poder em si e se virou.

Perto de Lanfear, vestida de branco e prata, Elayne, Min ou Aviendha pareceriam quase comuns. Apenas seus olhos escuros já eram suficientes para fazer um homem entregar a própria alma. Com a mera visão daquela mulher, o estômago de Rand se contraiu até deixá-lo com vontade de vomitar.

— O que você quer? — questionou.

Certa vez, bloqueara tanto Egwene quanto Elayne da Fonte Verdadeira, mas não conseguia lembrar como. E, se Lanfear pudesse tocar a Fonte, Rand teria mais chances de agarrar o vento com as mãos do que de mantê-la prisioneira. *Um facho do fogo devastador e…* Não conseguiria. Ela era um dos Abandonados, mas a lembrança da cabeça de uma mulher rolando pelo chão o deixava paralisado.

— Você tem dois deles — disse ela, enfim. — Pensei ter visto uma… Um é uma mulher, não é? — O sorriso de Lanfear poderia parar o coração de um homem e deixá-lo grato por isso. — Está começando a considerar meu plano, não está? Com estes dois objetos, e juntos, os outros Escolhidos vão se ajoelhar a nossos pés. Podemos suplantar até o Grande Senhor, desafiar o Criador. Nós…

— Você sempre foi ambiciosa, Mierin. — A voz de Rand soou rouca aos próprios ouvidos. — Por que acha que me afastei de você? Não foi por Ilyena, não importa o que prefira pensar. Meu coração já

não era seu muito antes de eu conhecê-la. Você é pura ambição. Só queria saber de poder. Você me enoja!

A mulher o encarou, as mãos apertando a barriga com força, os olhos escuros maiores que o normal.

— Graendal disse… — começou ela, a voz fraca. Engolindo em seco, tentou de novo. — Lews Therin? Eu te amo, Lews Therin. Sempre amei e sempre vou amar. Você sabe disso. Tem que saber!

O rosto de Rand estava rígido como uma rocha; torceu para que isso camuflasse o choque. Não sabia de onde as próprias palavras tinham vindo, mas, ao que parecia, se recordava de Lanfear. Uma lembrança turva, do passado. *Eu não sou Lews Therin Telamon!*

— Sou Rand al'Thor! — retrucou com severidade.

— Claro que é. — Analisando-o, a mulher assentiu, hesitante. A postura tranquila retornou. — Claro. Asmodean tem lhe contado coisas sobre a Guerra do Poder e sobre mim. É mentira. Você me amava. Até que Ilyena, aquela vagabunda de cabelos amarelos, roubou você. — Por alguns instantes, a raiva transformou o rosto da mulher em uma máscara retorcida. Rand não achou que ela tivesse se dado conta disso. — Você sabia que Asmodean apartou a própria mãe? É o que hoje chamam de estancar. Ele a apartou, e deixou que um Myrddraal a levasse embora aos gritos. Confia em um homem desses?

Rand gargalhou.

— Depois que capturei Asmodean, você me ajudou a prendê-lo para que fosse obrigado a me ensinar. E agora vem dizer que não posso confiar nele?

— Para ensinar. — A mulher bufou com desdém. — Ele vai fazer isso porque sabe que está preso a você. Mesmo que conseguisse convencer os outros de que tem sido mantido prisioneiro, eles ainda acabariam com Asmodean, e ele sabe disso. O cão mais fraco da matilha geralmente sofre esse destino. Além disso, de vez em quando acompanho os sonhos dele. Asmodean sonha com você triunfando contra o Grande Senhor e ele ficando no topo, a seu lado. Às vezes, sonha comigo. — O sorriso da mulher insinuava que aqueles sonhos eram prazerosos para ela, mas nem tanto para Asmodean. — Mas ele vai tentar fazer você se voltar contra mim.

— Por que veio até aqui? — indagou Rand. Voltar-se contra ela? Lanfear com certeza estava tomada pelo Poder naquele exato momento, pronta para blindá-lo à menor suspeita de que ele pudesse tentar qualquer coisa. Ela já fizera isso antes, e com uma facilidade humilhante.

— Gosto de ver você assim. Arrogante e orgulhoso, cheio da própria força.

Certa vez, ela dissera que gostava de vê-lo inseguro, que Lews Therin fora arrogante demais.

— Por que veio até aqui?

— Foi Rahvin quem mandou os Cães das Trevas atrás de você hoje à noite — informou ela tranquilamente, apoiando as mãos na cintura. — Eu teria vindo mais cedo para ajudar, mas ainda não posso deixar os outros saberem que estou do seu lado.

Do lado dele. Uma das Abandonadas o amava, ou ao menos amava o homem que ele fora três mil anos antes, e só desejava que ele entregasse a alma para a Sombra e governasse o mundo ao lado dela. Ou um degrau abaixo dela, pelo menos. Isso, e tentar tomar o lugar tanto do Tenebroso quanto do Criador. Será que Lanfear era completamente louca? Ou será que o poder daqueles dois imensos *sa'angreal* poderia realmente ser tão grande quanto ela afirmava? Aquele era um rumo que Rand preferia que seus pensamentos não tomassem.

— Por que Rahvin me atacaria agora? Asmodean diz que ele só pensa nos próprios interesses, que preferiria ficar de lado até mesmo na Última Batalha, se pudesse, e esperar que o Tenebroso me destrua. Por que não Sammael ou Demandred? Asmodean diz que eles me odeiam. — *Não a mim. Odeiam Lews Therin.* Para os Abandonados, porém, era a mesma coisa. *Por favor, Luz, eu sou Rand al'Thor*. Tratou de afastar uma súbita lembrança daquela mulher em seus braços, ambos jovens e ainda descobrindo as coisas que eram capazes de fazer com o Poder. *Eu sou Rand al'Thor!* — Por que não Semirhage, ou Moghedien, ou Graen…?

— Mas agora você *está* prejudicando os interesses dele. — A mulher gargalhou. — Não sabe onde ele está? Em Andor, justamente em Caemlyn. Quem manda lá agora é ele, só não oficialmente. Morgase sorri e dança para Rahvin, assim como mais meia dúzia de outras mulheres. — Os lábios de Lanfear se curvaram de desgosto. — Ele tem homens vasculhando as cidades e o campo para encontrar novas belezinhas para sua coleção.

Por um momento, Rand ficou paralisado de choque. A mãe de Elayne nas mãos de um dos Abandonados. Ainda assim, não ousou demonstrar a preocupação. Lanfear já revelara seus ciúmes mais de uma vez. Era capaz de caçar e matar Elayne se sequer desconfiasse de que Rand nutria sentimentos por ela. *E o que* exatamente *sinto por ela?* Afora isso, uma dura ideia flutuava além do Vazio, fria e cruel em sua veracidade. Rand não correria para atacar Rahvin, mesmo que Lanfear estivesse dizendo a verdade. *Perdoe-me, Elayne, mas não posso*. A Abandonada podia muito bem estar mentindo — e não derramaria nenhuma lágrima caso ele matasse algum outro Abandonado, já que todos atrapalhavam os planos dela —, mas, em todo caso, já estava cansado de reagir às ações alheias. Se fizesse isso, poderiam pressupor seus planos. Era melhor que reagissem a ele, e que ficassem tão

surpresos quanto Lanfear e Asmodean haviam ficado.

— Rahvin acha que vou correr para salvar Morgase? Só a vi uma vez na vida. Dois Rios faz parte de Andor no mapa, mas nunca vi nenhum homem da Guarda da Rainha por lá. Há várias gerações que ninguém vê. Diga a um homem de Dois Rios que Morgase é sua rainha, e ele provavelmente vai achar que você é louca.

— Duvido que Rahvin espere que você corra para defender sua terra natal — opinou Lanfear, irônica. — Mas deve esperar que você defenda suas ambições. A intenção dele é colocar Morgase no Trono do Sol também, para usá-la como fantoche até que possa se revelar. Mais soldados andorianos chegam a Cairhien todos os dias. E você enviou tropas tairenas para o norte, para assegurar seu domínio da região. Não surpreende ele ter atacado você assim que o encontrou.

Rand balançou a cabeça. Não havia sido exatamente aquele o motivo do envio dos tairenos, mas não esperava que a mulher entendesse. Ou que acreditasse, caso lhe contasse a verdadeira razão.

— Agradeço pelo aviso.

Ser educado com uma Abandonada! Claro que só podia torcer para que alguma coisa do que ela lhe contara fosse verdade. *Um bom motivo para não matá-la. Ela vai lhe revelar mais do que imagina, se você ouvir com atenção.* Rand esperava que aquele pensamento fosse de fato seu, frio e cínico daquele jeito.

— Você protege os seus sonhos de mim.

— Protejo de todos. — Era verdade, embora, na lista de Rand, Lanfear ocupasse uma posição tão proeminente quanto a das Sábias.

— Os sonhos são meus. Você e seus sonhos são especialmente meus. — O rosto de Lanfear permanecia suave, mas a voz endureceu. — Posso quebrar suas barreiras. Você não iria gostar.

Para demonstrar seu pouco caso, Rand se sentou na beirada do estrado, as pernas cruzadas e as mãos nos joelhos. Pensava que seu rosto estava tão calmo quanto o dela. Por dentro, o Poder se avolumava. Tinha fluxos de Ar prontos para amarrá-la, além de fluxos de Espírito. Eram esses que blindavam as pessoas da Fonte Verdadeira. Quebrara a cabeça para entender como aquilo funcionava, e agora já nem se lembrava mais. Sem aqueles fluxos, os outros seriam inúteis. Lanfear poderia despedaçar ou abrir caminho por qualquer coisa que ele tecesse, mesmo que não conseguisse enxergar o que era. Asmodean vinha tentando ensinar esse truque a Rand, mas a missão era complicada sem a tessitura de uma mulher com a qual praticar.

Lanfear o encarou de um jeito desconcertado, um leve franzir de cenho maculando sua beleza.

— Já analisei os sonhos das Aiel. Dessas que chamam de Sábias. Elas não sabem se proteger muito bem. Eu poderia apavorá-las até elas nunca mais sonharem e, certamente, nunca mais sequer pensarem em

invadir seus sonhos.

— Pensei que você não fosse me ajudar tão abertamente. — Não ousou dizer a ela para deixar as Sábias em paz. Lanfear poderia muito bem fazer algo para irritá-lo, e demonstrara desde o início, até falara, que pretendia ter a palavra final. — Não haveria o risco de outro Abandonado descobrir? Você não é a única que sabe entrar nos sonhos das pessoas.

— Os Escolhidos — corrigiu ela, distraidamente. Por um momento, apenas mordiscou o lábio. — Também já acompanhei os sonhos da garota. Egwene. Até pensei que você nutrisse sentimentos por ela. Sabe com quem ela sonha? Com o filho e o enteado de Morgase. Mais frequentemente com o filho, Gawyn. — Sorrindo, sua voz adquiriu um tom de surpresa fingida. — Você não acreditaria que uma garotinha do campo teria sonhos como aqueles.

Rand percebeu que Lanfear estava tentando testar seus ciúmes. Ela achava mesmo que ele protegia os sonhos para esconder que pensava em outra mulher!

— As Donzelas me vigiam de perto — retrucou, seco. — Se quiser saber quão de perto, dê uma olhada nos sonhos de Isendre.

As bochechas da mulher ficaram vermelhas. Claro. Não era para Rand perceber o que ela estava fazendo. Confusão flutuou fora do Vazio. Ou ela pensava que…? Isendre? Lanfear sabia que ela era um dos Amigos das Trevas. Em primeiro lugar, fora Lanfear quem trouxera Kadere e a mulher para o Deserto. E que plantara a maior parte das joias que Isendre fora acusada de roubar. As maldades de Lanfear eram cruéis mesmo quando frívolas. Ainda assim, se pensava que Rand podia amá-la, não devia considerar um obstáculo o fato de Isendre ser Amiga das Trevas.

— Eu devia ter deixado que mandassem aquela mulher para a Muralha do Dragão — prosseguiu ele, com toda a naturalidade. — Mas eu não tinha como saber o que ela diria para tentar se salvar. Preciso proteger Isendre e Kadere em alguma medida, para proteger Asmodean.

O rubor sumiu, mas, quando Lanfear abriu a boca de novo, alguém bateu à porta. Rand se pôs de pé mais do que depressa. Mesmo que ninguém fosse reconhecer Lanfear, se vissem uma mulher no quarto dele, uma mulher que nenhuma das Donzelas lá embaixo vira entrar, perguntas seriam feitas, e ele não teria como respondê-las.

Lanfear, porém, já abrira um portão para algum lugar cheio de pratarias e tapeçarias de seda branca.

— Lembre-se de que sou sua única esperança de sobrevivência, meu amor. — Era uma voz bem fria para chamar alguém de “meu amor”. — Ao meu lado, você não precisa ter medo de nada. Ao meu lado, poderá governar… tudo o que existe ou existirá. — Lanfear

ergueu as saias cor de neve e atravessou o portão, que se fechou em um piscar de olhos.

O som da batida na porta ecoou novamente antes que Rand pudesse largar *saidin* e abri-la.

Enaila bisbilhotou, desconfiada, atrás dele.

— Achei que Isendre talvez… — Ela lançou um olhar acusador na direção de Rand. — As irmãs-de-lança estão procurando você por toda parte. Ninguém o viu retornar. — Ela se empertigou, balançando a cabeça. Sempre tentava ficar o mais alta possível. — Os chefes vieram falar com o *Car'a'carn* — anunciou, com formalidade. — Estão esperando lá embaixo.

Na verdade, eles estavam aguardando em um pórtico, já que eram homens. O céu ainda estava escuro, mas os primeiros raios da alvorada delineavam as montanhas a leste. Se estavam impacientes por causa das duas Donzelas plantadas entre eles e a porta, seus rostos sombreados não demonstravam.

— Os Shaido estão em marcha — grunhiu Han, assim que Rand surgiu. — E os Reyn, os Miagoma, os Shiande… Todos os clãs!

— Para se juntar a Couladin ou a mim? — indagou Rand.

— Os Shaido estão a caminho de Passo de Jangai — informou Rhuarc. — Quanto aos outros, ainda é cedo demais para dizer. Mas estão em marcha com todas as lanças que não são necessárias para defender os fortes, rebanhos e manadas.

Rand apenas assentiu. Tanta determinação em não deixar ninguém mais ditar o que ele faria, e agora aquilo. Independentemente do que os outros clãs pretendessem, Couladin estava planejando uma travessia até Cairhien. Se os Shaido arrasassem Cairhien enquanto ele estava sentado em Rhuidean esperando pelos outros clãs, podia se despedir dos planos ambiciosos de impor a paz.

— Então também vamos para o Passo — anunciou, por fim.

— Caso ele pretenda atravessar, não temos como alcançá-lo — avisou Erim.

— Se qualquer um dos outros clãs se juntar a ele, ficaremos encurralados como vermes ao sol — acrescentou Han, amargamente.

— Não vou ficar aqui sentado esperando para descobrir — decidiu Rand. — Se eu não puder alcançar Couladin, pretendo chegar a Cairhien logo depois dele. Ergam as lanças. Partiremos logo que amanhecer, o mais rápido possível.

Fazendo aquela estranha reverência Aiel usada apenas nas ocasiões mais formais, com um pé à frente e uma mão estendida, os chefes partiram. Apenas Han se pronunciou.

— Rumo à própria Shayol Ghul.

7

Uma partida

Bocejando em meio ao início cinzento da manhã, Egwene montou a égua cor de neblina e teve que guiar as rédeas com habilidade enquanto Bruma investigava os arredores. Fazia semanas que ninguém montava o animal. Os Aiel não só preferiam as próprias pernas, como evitavam montarias quase que completamente, embora usassem cavalos e mulas de carga. Mesmo que houvesse madeira suficiente para a construção de carroções, o terreno do Deserto não era amigável com as rodas, conforme mais de um mascate aprendera, para o próprio azar.

Ela não estava ansiosa pela longa jornada rumo ao oeste. Àquela hora, as montanhas escondiam o sol, mas o calor só aumentaria depois que ele se erguesse totalmente, e não haveria nenhuma tenda conveniente na qual mergulhar quando a noite caísse. Egwene também não estava certa de que a indumentária Aiel fosse apropriada para cavalgar. O xale, usado na cabeça, sempre funcionava surpreendentemente bem na proteção contra o sol, mas aquelas saias volumosas acabariam expondo suas pernas até a altura das coxas, caso não prestasse atenção. Isso era preocupante tanto pelas bolhas quanto pelo recato. *O sol* é um dos problemas *e*… Um mês longe das selas não deviam tê-la amaciado tanto assim. Esperava que não, ou aquela seria uma jornada *muito* longa.

Assim que acalmou Bruma, Egwene percebeu que Amys a encarava e trocou um sorriso com a Sábia. Toda aquela correria da noite anterior não era o motivo para estar sonolenta. Na verdade, o exercício a ajudara a dormir mais profundamente. Ela *conseguira* encontrar os sonhos de Amys na noite anterior, e, para celebrar, as duas haviam bebido chá no próprio sonho, no Forte das Pedras Frias, ao anoitecer, com crianças brincando nos pátios entre plantações e uma agradável brisa soprando pelo vale enquanto o sol se punha.

Claro que aquilo não teria sido o bastante para lhe deixar cansada, mas Egwene ficara tão exultante que, ao sair dos sonhos de Amys, não parara. Não podia, não naquele momento, independentemente do que a sábia tivesse dito. Havia sonhos por toda

parte, embora, na maioria dos casos, ela não tivesse ideia de quem os estava sonhando. Na maioria, mas não em todos. Melaine andara sonhando que amamentava um bebê, e Bair sonhara com um de seus falecidos maridos, os dois ainda jovens e louros. Egwene tomara o cuidado especial de não entrar nesses. As Sábias teriam notado a intrusão imediatamente, e a garota sentiu um arrepio ao imaginar o que teriam feito antes de deixá-la sair.

Os sonhos de Rand eram um desafio, claro. Um desafio que ela não podia deixar de encarar. Agora que era capaz de borboletear de sonho em sonho, como poderia não fazer uma tentativa onde as Sábias haviam falhado? Contudo, as tentativas de penetrar os sonhos dele pareciam uma corrida desabalada em direção a uma parede de pedra invisível. Sabia que os sonhos de Rand estavam do outro lado e tinha certeza de que podia encontrar um jeito de atravessar, mas não tinha nada com o que trabalhar, nada para dar uma bisbilhotada. Uma parede feita de nada. Era um problema sobre o qual pretendia se debruçar até encontrar uma solução. Quando metia algo na cabeça, Egwene podia ser tão persistente quanto um texugo.

À volta, *gai'shain* apressavam-se para desfazer o acampamento das Sábias e carregar as mulas. Em pouco tempo, apenas um Aiel ou alguém com capacidade similar de ler rastros seria capaz de dizer que um dia houvera tendas naquele pedaço de terra batida. A mesma atividade cobria as encostas das montanhas do entorno, e o burburinho também se estendia até a cidade. Nem todos partiriam, mas milhares se poriam em marcha. Aiel se aglomeravam nas ruas, e o comboio de carroções de Mestre Kadere se estendia ao redor da grande esplanada, lotados pelos objetos escolhidos por Moiraine. Os três carroções brancos de água, no final do comboio, pareciam enormes barris sobre rodas, puxados por parelhas de vinte mulas. O carroção do próprio Kadere, à frente da formação, era uma casinha branca sobre rodas, com degraus na parte traseira e uma chaminé metálica emergindo do telhado plano. O mercador corpulento de nariz aquilino, naquele dia todo vestido de seda cor de marfim, tirou da cabeça um destoante chapéu surrado quando ela passou por ele, os olhos escuros e enviesados sem um traço do largo sorriso que o homem lhe exibiu.

Ela o ignorou com frieza. Decididamente, os sonhos daquele homem vinham se mostrando sombrios e desagradáveis, isso quando também não eram obscenos. *Alguém deveria enfiar a cabeça dele em um barril de chá de espigão-azul*, pensou, emburrada.

Ao se aproximar do Teto das Donzelas, abriu caminho por *gai'shain* apressados e mulas que esperavam pacientemente. Para a surpresa de Egwene, uma das pessoas que carregava os pertences das Donzelas usava uma túnica preta, e não branca. Uma mulher, pelo

tamanho, cambaleava sob o peso da trouxa amarrada com cordas que trazia nas costas. Ao conduzir Bruma na direção dela, Egwene curvou-se para espiar dentro do capuz e reconheceu o rosto cansado de Isendre, o suor já escorrendo pelas bochechas. Ficou contente pelas Donzelas terem parado de deixar — ou mandar — a mulher pôr os pés na rua praticamente nua, mas trajá-la de preto parecia uma crueldade desnecessária. Se àquela altura a mulher já estava suando em bicas, chegaria à beira da morte quando o calor do dia realmente estivesse a toda.

Ainda assim, assuntos das *Far Dareis Mai* não eram de sua conta. Aviendha lhe dissera isso gentilmente, mas com firmeza. Adelin e Enaila haviam sido quase rudes quanto à questão, e uma rija Donzela de cabelos brancos chamada Sulin chegara a ameaçar levá-la de volta às Sábias puxando-a pela orelha. Apesar de seus esforços para persuadir Aviendha a parar de chamá-la de "Aes Sedai", Egwene se irritara ao descobrir que, após uma dúvida tênue em relação a ela, o restante das Donzelas acabara decidindo que não passava de mais uma pupila das Sábias. Agora não a deixavam nem passar da porta do Teto, a menos que afirmasse estar cumprindo alguma ordem.

A rapidez com que conduziu Bruma para atravessar a multidão não significava que aceitara a justiça das *Far Dareis Mai*, e também não foi pela consciência incômoda de que algumas das Donzelas a observavam, certamente prontas para lhe dar uma bronca caso achassem que pretendia interferir. Também tinha pouco a ver com sua antipatia por Isendre. Egwene não queria nem pensar nos vislumbres que tivera dos sonhos da mulher, pouco antes de Cowinde acordá-la. Haviam sido pesadelos de tortura, sofrimentos por que a mulher passava que fizeram Egwene fugir horrorizada, com algo mau e sombrio dando gargalhadas enquanto via a garota partir em disparada. Não surpreendia que Isendre parecesse exausta. Egwene despertara tão rápido que Cowinde saltara para trás logo após ter pousado a mão em seu ombro.

Rand estava na rua, em frente ao Teto das Donzelas, usando uma *shoufa* para se proteger do sol, além de um manto de seda azul com tantos bordados de ouro que parecia mais apropriado para um palácio, embora estivesse aberto até a altura do peito. Seu cinto tinha uma nova fivela, uma peça entalhada em formato de Dragão. Rand de fato estava começando a se achar muito importante, isso era claro. De pé ao lado de Jeade'en, seu garanhão malhado, ele conversava com os chefes de clã e com alguns comerciantes Aiel que ficariam em Rhuidean.

Jasin Natael estava praticamente nos calcanhares de Rand, com a harpa às costas segurando as rédeas de uma mula encilhada comprada de Mestre Kadere. Vestia-se de maneira ainda mais elaborada, com um

bordado prateado cobrindo quase completamente o manto negro e babados de renda branca no pescoço e nos punhos. Até as botas eram trabalhadas em prata no local onde se dobravam, na altura dos joelhos. A capa do menestrel estragava a produção com seus remendos, mas menestréis eram uma gente estranha.

Os comerciantes usavam o *cadin'sor*, e, apesar de suas adagas serem menores que as de guerreiros, Egwene sabia que todos dariam conta de manejar uma lança, caso fosse necessário. Tinham uma parte, se não toda, da graciosidade mortal dos irmãos que empunhavam lanças. As comerciantes, em blusas de *algode* brancas e folgadas, e saias de lã, com xales e echarpes, eram mais fáceis de distinguir. Exceto pelas Donzelas e pelas *gai'shain* — e Aviendha —, as Aiel sempre usavam diversos braceletes e colares de ouro e marfim, prata e pedras preciosas, algumas peças feitas pelos próprios Aiel, algumas comercializadas, outras pilhadas. As comerciantes, no entanto, se enfeitavam com o dobro disso, se não mais.

Egwene ouviu parte do que Rand estava dizendo aos comerciantes.

— … deixem os pedreiros Ogier livres para criar, durante a reconstrução. O máximo que conseguirem. Não faz sentido tentar apenas reconstruir o passado.

Então ele estava mandando aqueles homens ao *pouso* para pedir que os Ogier reconstruíssem Rhuidean. Aquilo era bom. Muito de Tar Valon tinha sido obra dos Ogier. E tudo que eles haviam construído segundo as próprias vontades tinha uma beleza de tirar o fôlego.

Mat já estava montado em seu cavalo, Pips, com o chapéu de aba larga puxado para baixo e o cabo daquela lança esquisita repousando no estribo. Como de costume, o manto verde de gola alta estava todo amarrotado. Egwene evitara os sonhos dele. Uma das Donzelas, uma mulher muito alta de cabelos dourados, abriu um sorriso maroto que pareceu deixar Mat constrangido. E deveria mesmo. Era velha demais para ele. Egwene bufou. *Sei bem com o que ele estava sonhando, muito obrigada!* Só parou a égua ao lado dele para procurar Aviendha.

— Rand disse a ela para ficar quieta, e ela ficou — comentou Mat, assim que Egwene parou Bruma.

O Rapaz indicou Moiraine e Lan com a cabeça, ela trajando seda azul-clara e agarrada às rédeas da égua branca, ele com a capa de Guardião, segurando o grande cavalo de batalha negro. Lan observava Moiraine com atenção, a expressão neutra como sempre, enquanto a mulher, fitando Rand, parecia prestes a explodir de impaciência.

— Ela começou a dizer que ele não deveria fazer isso, e me pareceu que estava falando aquilo pela centésima vez, então Rand disse "Já decidi, Moiraine. Vá ali para o lado e fique quieta até eu ter tempo para você". Ele parecia esperar que Moiraine obedecesse. E

Moiraine obedeceu. Aquilo ali saindo da orelha dela é fumaça?

A gargalhada de Mat foi tão prazerosa, tão satisfeita com a própria sagacidade, que Egwene quase agarrou *saidar* e deu uma lição nele ali mesmo, na frente de todo mundo. Em vez disso, bufou outra vez, alto o bastante para que Mat percebesse que fora para ele, para seu bom humor e para sua gargalhada. O rapaz lhe lançou um olhar sarcástico de soslaio e voltou a rir, o que não melhorou em nada o humor dela.

Por um momento, Egwene encarou Moiraine, perplexa. A Aes Sedai fizera o que Rand mandara? Sem reclamar? Aquilo era como ver uma das Sábias obedecendo ordens, ou o sol nascendo à meia-noite. Ouvira falar sobre o ataque, claro. Boatos a respeito de cães gigantes que haviam deixado pegadas em pedra circulavam por toda parte naquela manhã. Não entendia o que uma coisa poderia ter a ver com a outra, mas, afora a notícia sobre os Shaido, aquela era a única novidade que escutara, e não era o bastante para causar aquele tipo de reação. *Nada* em que pensasse era o bastante. Moiraine com certeza lhe diria que aquilo não era de sua conta, mas, de uma maneira ou de outra, Egwene acabaria descobrindo. Não gostava de não compreender as coisas.

Ao divisar Aviendha de pé no último degrau do Teto, Egwene conduziu Bruma até o outro lado da multidão que cercava Rand. A Aiel o encarava tão firmemente quanto a Aes Sedai, mas sem demonstrar qualquer emoção. Girava o bracelete de marfim no punho sem parar, parecendo não se dar conta do gesto. Por algum motivo, aquele bracelete era parte de seus problemas com Rand. Egwene não compreendia. Aviendha se recusava a falar sobre o assunto, e não havia outra pessoa a quem perguntar, não quando a questão poderia deixar a amiga constrangida. O bracelete de marfim da própria Egwene, com as chamas entalhadas, fora um presente de Aviendha para sacramentá-las como quase-irmãs. Em retribuição, Egwene dera o colar de prata que Aviendha usava, e que Mestre Kadere afirmara se tratar de uma forma Kandori chamada flocos de neve. Tivera de pedir ajuda a Moiraine para conseguir comprá-lo, mas a peça lhe parecera apropriada para uma mulher que jamais veria neve. Ou que jamais teria visto, se não estivesse para sair do Deserto. As chances de que voltasse antes do inverno eram pequenas. O que quer que aquele bracelete significasse, Egwene sabia que acabaria decifrando a charada.

— Você está bem? — perguntou. Ao se inclinar para saltar da sela de cepilho alto, as saias se levantaram até deixar as pernas à mostra, mas a preocupação com a amiga era tamanha que ela mal percebeu.

Egwene precisou repetir a pergunta antes de Aviendha se sobressaltar e olhar para ela.

— Se estou bem? Claro que sim.

— Me deixe falar com as Sábias, Aviendha. Tenho certeza de que consigo convencer todas elas de que não podem simplesmente obrigar você a… — Não teve coragem de terminar a frase, não ali, onde qualquer pessoa em meio à multidão poderia ouvi-la.

— Ainda está preocupada com *isso*? — Aviendha mexeu no xale cinza e balançou a cabeça de leve. — Seus costumes são muito estranhos para mim. — O olhar da garota foi arrastado de volta para Rand feito limalhas de ferro atraídas por uma magnetita.

— Você não precisa ter medo dele.

— Não tenho medo de homem nenhum — retrucou a outra, os olhos cintilando um fogo azul-esverdeado. — Não quero que haja problemas entre nós, Egwene, mas você não deveria dizer essas coisas.

Egwene suspirou. Amiga ou não, Aviendha era bem capaz de tentar lhe dar umas bofetadas caso se sentisse ofendida. Em todo caso, ela também não tinha certeza de que a amiga admitiria. O sonho de Aviendha fora doloroso demais para ser acompanhado por muito tempo. Completamente nua, exceto por aquele bracelete de marfim que parecia pesar cem libras, Aviendha corria o mais rápido possível por um terreno plano de barro rachado. Atrás dela vinha Rand, um gigante com o dobro do tamanho de um Ogier, montado em um imenso Jeade'en e alcançando-a lenta, mas inexoravelmente.

No entanto, não podia dizer na cara de uma amiga que ela estava mentindo. O rosto de Egwene enrubesceu um pouco. Especialmente quando, para fazer isso, precisaria admitir o quanto sabia. *Aí sim ela me daria uma bofetada. Não vou fazer de novo. Nada de ficar inspecionando os sonhos alheios. Bom, não os sonhos de Aviendha.* Não era certo espionar sonhos de amigos. Não que aquilo fosse exatamente espionar, mas, ainda assim…

A multidão em torno de Rand começou a se dispersar. Ele montou em sua sela com facilidade, no que foi imediatamente imitado por Natael. Entretanto, uma das comerciantes, uma mulher de rosto largo e cabelos cor de fogo que usava uma pequena fortuna em ouro trabalhado, gemas lapidadas e marfim entalhado, continuou por perto.

— *Car'a'carn*, sua intenção é partir para sempre da Terra da Trindade? Você falou como alguém que não vai voltar nunca mais.

Todos os demais pararam e se viraram para eles. O silêncio se propagou com uma crescente onda de murmúrios que relatavam o que havia sido perguntado.

Por um momento, Rand também ficou em silêncio, examinando os rostos que o encaravam, até finalmente se pronunciar.

— Espero retornar, mas quem pode afirmar o que vai acontecer? Há de ser como a Roda tecer. — Com todos os olhos cravados nele, Rand hesitou. — Mas vou lhes deixar algo para que se lembrem de

mim — completou, enfiando a mão no bolso do manto.

Abruptamente, uma fonte ganhou vida perto do Teto, a água jorrando da boca de golfinhos destoantes apoiados nas caudas. Adiante, a estátua de um jovem com uma trombeta erguida para o céu de repente passou a esguichar água, e depois, mais à frente, duas mulheres de pedra borrifaram água pelas mãos. Estupefatos e imóveis, os Aiel apenas assistiam enquanto todas as fontes de Rhuidean voltavam a fluir.

— Eu já deveria ter feito isso há muito tempo. — Rand murmurara para si mesmo, mas, naquela quietude, Egwene o escutou com absoluta clareza. O respingar de centenas de fontes era o único outro barulho que se ouvia. Natael deu de ombros, como se não esperasse menos.

Era para Rand que Egwene olhava, não para as fontes. Um homem capaz de canalizar. *Rand. Ele ainda é Rand, apesar de tudo.* Porém, a cada vez que o via canalizar era como se descobrisse de novo que ele tinha aquela capacidade. Durante a juventude, aprendera que apenas o Tenebroso devia ser mais temido do que um homem capaz de canalizar. *Talvez Aviendha esteja certa em ter medo dele.*

Quando olhou para a amiga, no entanto, viu que uma fascinação absoluta brilhava em seu rosto. Toda aquela água deliciava a Aiel tanto quanto o mais belo vestido de seda ou um jardim repleto de flores teria impressionado Egwene.

— Hora de marchar — anunciou Rand, guiando o animal malhado rumo ao oeste. — Quem não estiver pronto vai ter que nos alcançar.

Montado na mula, Natael o acompanhou de perto. Por que Rand permitia que um puxa-saco como aquele ficasse colado nele?

Os chefes de clã começaram a dar ordens prontamente, e o burburinho ficou dez vezes mais intenso. Donzelas e Buscadores das Águas saíram em disparada, e mais *Far Dareis Mai* cercaram Rand feito uma guarda de honra, acabando por cercar Natael também. Colada ao estribo de Rand, Aviendha caminhava ao lado de Jeade'en e acompanhava o garanhão com facilidade, galope a galope, mesmo nas saias volumosas.

Posicionando-se ao lado de Mat, atrás de Rand e sua escolta, Egwene franziu o rosto. A amiga voltara a exibir aquele olhar de determinação implacável, como se tivesse de enfiar o braço na toca de uma víbora. *Preciso fazer algo para ajudá-la.* Quando Egwene decidia dar conta de um problema, não desistia.

Moiraine se acomodou na sela e, com a mão enluvada, deu tapinhas no pescoço arqueado de Aldieb, mas preferiu não seguir Rand de imediato. Hadnan Kadere trazia os carroções pela rua, ele

próprio conduzindo o da frente. Ela devia ter feito o homem desmontar aquele carroção para que pudesse carregá-lo de objetos, tal qual fizera com os demais. Kadere tinha tanto medo dela e de qualquer Aes Sedai que teria obedecido. O batente de porta *ter'angreal* estava muito bem preso no carroção logo atrás de Kadere, com telas amarradas por cima para que ninguém voltasse a atravessá-lo acidentalmente. Uma longa fileira de Aiel — os *Seia Doon*, os Olhos Negros — acompanhava o comboio pelos dois lados.

Kadere lhe fez uma reverência, do assento de condutor, mas o olhar de Moiraine percorreu toda a fileira de carroções até a grande praça que circundava a floresta de finas colunas de vidro, já brilhando à luz do sol. Se pudesse, levaria tudo que havia na esplanada, em vez da pequena fração que coubera nos carroções. Alguns objetos eram grandes demais. Como os três arcos de metal cinza sem brilho, de pé e unidos no meio, cada um medindo mais de duas passadas de largura. Uma corda de couro trançado fora amarrada em torno da peça, alertando a todos para que não entrassem nela sem a permissão das Sábias. Não que fosse provável que alguém o fizesse, claro. Só os chefes de clãs e as Sábias entravam naquela praça e se mantinham tranquilas. E apenas as Sábias tocavam no que quer que fosse, e o faziam de forma bastante reticente.

Por incontáveis anos, o segundo teste enfrentado por uma Aiel que desejasse se tornar Sábia era entrar no conjunto de colunas cintilantes de vidro, vendo exatamente o que os homens viam. Mais mulheres sobreviviam àquilo do que homens — Bair dizia que era porque as mulheres eram mais fortes, e Amys afirmava que era porque as fracas demais para sobreviver eram eliminadas antes de atingir aquele ponto, mas não havia certeza de nada. As mulheres que sobreviviam não eram marcadas. Segundo as Sábias, só os homens necessitavam de marcas visíveis. Para as mulheres, sobreviver já bastava.

O primeiro teste, o primeiro crivo antes mesmo de qualquer treinamento, era passar por um daqueles três arcos. Qual deles não importava, ou talvez a escolha fosse uma questão de destino. Ao que parecia, aquele passo levava a mulher a viver e reviver sua vida incontáveis vezes, o futuro escancarado à frente, todos os futuros possíveis, com base em cada decisão que ela pudesse vir a tomar até o fim da vida. A morte também era uma das possibilidades. Algumas mulheres não conseguiam se defrontar com o futuro, assim como outras não davam conta do passado. Claro que todas as possibilidades de futuro eram opções demais para que a mente as retivesse. Em sua maioria, elas se misturavam e esvaneciam, mas a mulher adquiria um senso do que aconteceria em sua vida, do que deveria e do que poderia acontecer. Em geral, isso permanecia oculto até a pessoa se

ver diante do momento em questão. Nem sempre, porém. Moiraine atravessara aqueles arcos.

Uma colher de esperança e uma xícara de desespero, pensou.

— Não gosto de ver você assim — comentou Lan.

No dorso de Mandarb e alto como era, ele a encarava de cima, a inquietação lhe fazendo estreitar o canto dos olhos. Em Lan, aquilo significava tanto quanto lágrimas de frustração em qualquer outro homem.

Aiel passavam pelos dois lados dos cavalos de Moiraine e Lan, além de *gai'shain* com animais de carga. Moiraine se surpreendeu ao notar que os carroções de água de Kadere já haviam lhe ultrapassado. Não percebera que passara tanto tempo olhando para a esplanada.

— Assim como? — indagou, virando a égua na direção da multidão. Rand e sua escolta já tinham deixado a cidade.

— Preocupada — respondeu Lan, sem rodeios, o rosto pétreo já completamente neutro. — Com medo. Nunca vi você com medo, nem quando estávamos cercados de Trollocs e Myrddraal, nem mesmo quando soube que os Abandonados estavam soltos e que Sammael estava bem perto de nós. O fim está próximo?

Moiraine pulou de susto e se arrependeu na hora. Lan estava olhando para a frente, por cima das orelhas do garanhão, mas nunca perdia nenhum detalhe. Ela às vezes pensava que aquele homem podia ver até uma folha caindo atrás de si.

— Está falando de Tarmon Gai'don? Um passarinho em Seleisin sabe tanto quanto eu. Queira a Luz, não enquanto algum dos selos continuar intacto.

Os dois que encontrara também estavam em um dos carroções de Kadere, embalados individualmente em uma caixa cheia de lã. Moiraine se assegurara de que ficassem em um carroção diferente do que continha o batente de porta de pedra vermelha.

— De que mais eu estaria falando? — perguntou o Guardião, hesitante, ainda sem olhá-la, fazendo Moiraine desejar que tivesse mordido a língua. — Você se tornou… impaciente. Ainda lembro de quando esperava semanas para ouvir uma informaçãozinha que fosse, uma só palavra, sem sentir qualquer comichão, mas agora… — Lan enfim a encarou, um olhar azul que teria intimidado a maior parte das mulheres. E dos homens. — E quanto àquele juramento que você fez ao rapaz, Moiraine. O que, sob a Luz, a possuiu?

— Rand tem se afastado cada vez mais de mim, Lan, e preciso ficar por perto. Ele precisa de toda a orientação que eu puder dar, e, tirando compartilhar sua cama, farei de tudo para que receba essa orientação.

Os arcos haviam revelado que dormir com o rapaz seria um desastre. Não que ela sequer tivesse considerado a possibilidade —

ficava chocada só de pensar! —, mas, nos arcos, era algo que iria ou poderia considerar no futuro. Tinha certeza de que a ideia era uma medida de seu crescente desespero, e vira nos arcos que fazê-lo arruinaria absolutamente tudo. Queria poder se lembrar de como — havia chaves para compreender Rand al'Thor em tudo o que pudesse aprender sobre ele —, mas apenas a ideia de calamidade permanecera em sua mente.

— Talvez você se torne mais humilde se Rand lhe mandar buscar os chinelos e acender o cachimbo dele.

Moiraine o encarou. Seria uma piada? Se sim, não tinha a menor graça. Nunca vira utilidade alguma em ser humilde. Siuan afirmava que ter sido criada no Palácio do Sol, em Cairhien, tornara Moiraine arrogante até o último fio de cabelo, em níveis tão profundos que a mulher sequer percebia — o que Moiraine negava com veemência. Mas, mesmo sendo filha de um pescador taireno, Siuan conseguia encarar qualquer rainha olho no olho, e, para ela, a arrogância de Moiraine era um obstáculo aos próprios planos.

Se Lan tentava fazer piadinhas, mesmo que ruins ou equivocadas, estava mudando. Já fazia quase vinte anos que o homem a acompanhava, e ele salvara sua vida mais vezes do que Moiraine se dera o trabalho de contar — em muitas delas colocando-se em grande risco. Ele sempre considerara a própria vida algo sem importância, cujo valor residia apenas no uso que Moiraine pudesse fazer dela. Alguns diziam que Lan cortejava a morte como um noivo corteja sua amada. A Aes Sedai nunca tivera o coração dele nas mãos e jamais sentira ciúmes das mulheres que pareciam se atirar aos pés de seu Guardião. O próprio Lan já afirmara sequer ter coração. Mas descobrira a existência do próprio coração ao longo do ano que se passara, e encontrara-o justamente quando uma mulher o amarrara em um barbante para usá-lo pendurado no pescoço.

Claro que ele a recusara. Não negava seu amor por Nynaeve al'Meara, outrora Sabedoria de Dois Rios, atual Aceita da Torre Branca, mas negava que pudesse tê-la. Lan dizia que só possuía duas coisas: uma espada inquebrável e uma guerra infinita. Nunca presentearia uma noiva com nenhuma das duas coisas. Daquilo, pelo menos, Moiraine cuidara, embora ele não fosse saber como até que já estivesse feito. Do contrário, Lan muito provavelmente tentaria mudar as coisas, teimoso como podia ser.

— Esta terra árida parece ter murchado sua própria humildade, al'Lan Mandragoran. Melhor eu encontrar um pouco de água para fazê-la voltar a crescer.

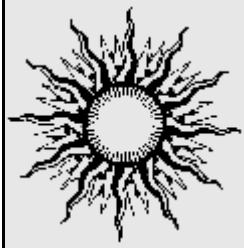
— Minha humildade é afiada feito uma lâmina — retrucou o homem, seco. — Você nunca deixa que fique muito cega.

Lan ensopou um cachecol branco com a água do cantil de couro e

entregou o pano encharcado a ela. Moiraine o amarrou em volta das têmporas sem fazer comentários. O sol começava a se erguer acima das montanhas atrás deles, uma bola ardente de ouro derretido.

A multidão serpenteava pelo lado estéril de Chaendaer, o fim da cauda ainda em Rhuidean enquanto a cabeça já encimava a encosta e descia até planícies acidentadas, cravejadas de formações rochosas e platôs, alguns listrados de vermelho e ocre em meio aos marrons e cinzas. O céu estava tão claro que Moiraine enxergava a milhas de distância, mesmo quando a comitiva já estava descendo de Chaendaer. Grandes arcos naturais erguiam-se ao longo da paisagem, e, em todas as direções, montanhas recortadas arranhavam o céu. Vales e barrancos secos dividiam uma terra esparsamente pontilhada por arbustos baixos e vegetais sem folhas, ambos cheios de espinhos. As raras árvores, retorcidas e esmirradas, também eram espinhosas. O sol transformava o local em um forno. Uma terra dura que moldara um povo duro. Mas Lan não era o único que estava mudando, ou sendo mudado. Moiraine queria saber o que Rand faria dos Aiel, no fim das contas. Havia uma longa jornada à frente para todos.

8



Além da fronteira

Segurando-se em seu canto, na parte traseira do carroção que não parava de sacudir, Nynaeve mantinha o equilíbrio com uma das mãos, e com a outra segurava o chapéu de palha, enquanto espiava a furiosa tempestade de areia se assentar aos poucos atrás deles, à distância. No calor da manhã, a aba larga sombreava seu rosto, mas a brisa gerada pela velocidade cambaleante do carroção era suficiente para fazer o chapéu sair voando de sua cabeça, apesar do cachecol vermelho-escuro amarrado sob o queixo. Colinas gramadas e matagais esparsos ficavam para trás, a grama seca e frágil devido ao calor de fim de verão. A poeira levantada pelas rodas do carroção lhe obscurecia um pouco a visão, além de fazê-la tossir. As nuvens brancas no céu mentiam. Não caíra uma gota de chuva desde antes de partirem de Tanchico, semanas atrás, e fazia tempo que aquela estrada, antigamente de tráfego pesado, recebia um carroção.

Ninguém surgiu cavalgando em meio ao que parecia uma sólida parede marrom, o que era ótimo. Já não sentia raiva dos salteadores que haviam tentado pará-los quando estavam perto de escapar da loucura de Tarabon. E, a menos que estivesse zangada, Nynaeve não conseguia sentir a Fonte Verdadeira, muito menos canalizar. Mesmo com raiva, ficara surpresa de ter criado tamanha tempestade. Uma vez despertada, sua fúria passava a ter vida própria. Elayne também se surpreendera com o tamanho, embora, por sorte, não tivesse demonstrado isso para Thom ou Juilin. Porém, mesmo que sua força estivesse aumentando — as professoras na Torre tinham dito que aumentaria, e certamente nenhuma delas era forte o bastante para sobrepujar um dos Abandonados, como Nynaeve fizera —, ainda tinha aquela limitação. Caso um dos bandidos aparecesse, Elayne teria de dar conta deles sozinha, o que Nynaeve não queria que acontecesse. Sua raiva anterior sumira, mas sentia bons sinais de que logo haveria uma nova safra.

Escalando um pouco sem jeito a tela que prendia o carregamento de barris, Nynaeve alcançou um dos de água, amarrados às laterais do

carroção, junto aos baús com todos os pertences e suprimentos. Imediatamente, seu chapéu foi parar na nuca, preso apenas pelo cachecol. A menos que soltasse a corda que segurava com a outra mão, os dedos só alcançavam a tampa do barril, e, do jeito que o veículo balançava, provavelmente cairia de cara no chão se soltasse.

Juilin Sandar guiava o esbelto castrado marrom que ia cavalgando bem perto do carroção — batizara o animal com o improvável nome de Sorrateiro —, e se esticou para entregar a ela um dos cantis de couro pendurados na sela. Nynaeve bebeu com gratidão, mas sem graciosidade. Segurando-se como podia, feito um cacho de uvas em um vinhedo assolado pelo vento, derramou quase tanta água no vestido cinza quanto fez descer pela garganta.

Era um vestido adequado para uma mercadora: de gola alta, bem-tecido e bem-cortado, mas, ainda assim, simples. O broche no peito, um pequeno círculo com granadas douradas, talvez fosse um pouco demais para uma simples mercadora, mas fora presente da Panarca de Tarabon, junto com outras joias bem mais valiosas, todas escondidas em um compartimento debaixo do assento do condutor. Nynaeve usava o broche para se lembrar de que até mulheres que se sentavam em tronos às vezes precisavam ser pegas pelo colarinho e sacudidas. Agora que lidara com Amathera, nutria um pouco mais de simpatia pelas manipulações de reis e rainhas que a Torre protagonizava.

Suspeitava que a Panarca lhe dera presentes como suborno para fazê-los deixar Tanchico. A mulher estivera disposta a comprar até um navio para que eles não ficassem nenhuma hora a mais do que o necessário, mas ninguém se dispusera a vender um. As poucas embarcações restantes no Porto de Tanchico apropriadas a navegar para além do litoral tinham sido abarrotadas de refugiados. Além disso, um navio era a maneira óbvia, a mais rápida, de partir, e depois do ocorrido a Ajah Negra poderia estar de olho nela e em Elayne. As duas haviam sido enviadas para caçar Aes Sedai da Ajah Negra, não para ser emboscadas por elas. Por isso o carroção e a longa viagem por uma terra destroçada pela guerra civil e pela anarquia. Nynaeve estava começando a desejar não ter insistido em evitar os navios. Não que algum dia fosse admitir isso para os outros.

Quando tentou devolver o cantil a Juilin, o homem não o aceitou. Forte, parecendo ter sido entalhado em alguma madeira escura, Juilin não ficava muito confortável no dorso de um cavalo. A Nynaeve, o sujeito parecia ridículo. Não por conta do óbvio desconforto à sela, mas pelo bobo chapéu vermelho taraboniano que passara a usar no cabelo escuro e liso — uma peça cônica, sem aba, alta e com o topo achatado. Não combinava em nada com o casaco taireno escuro e acinturado, que se alargava na parte inferior. Nynaeve achava que aquele chapéu não combinaria com nada. Em sua opinião, Juilin

parecia estar usando um bolo na cabeça.

O restante do caminho foi uma luta desajeitada, com o cantil de couro em uma das mãos e o chapéu drapejando, e Nynaeve passou o tempo todo resmungando xingamentos para o caçador de ladrões taireno — *Nunca apanhador de ladrões, isso não!* —, para Thom Merrilin — *Menestrel metido!* — e para Elayne da Casa Trakand, Filha-herdeira de Andor, que bem mereceria ser sacudida pelo colarinho!

Tivera a intenção de deslizar para o assento de madeira do condutor e ficar entre Thom e Elayne, mas a garota de cabelos dourados estava bem colada ao homem, o próprio chapéu de palha pendurado às costas. Ela agarrava o braço do velho tonto de bigode branco como se tivesse medo de cair. Apertando os lábios, Nynaeve teve que se contentar com o outro lado de Elayne. Estava contente de ter voltado a prender o cabelo em uma trança da grossura de um punho que descia até a cintura — podia puxá-la, em vez de dar um peteleco na orelha de Elayne. A garota sempre fora relativamente sensata, mas algo em Tanchico parecia ter atordoado seu juízo.

— Não estão mais nos seguindo — anunciou Nynaeve, recolocando o chapéu na cabeça. — Agora já dá para desacelerar este troço, Thom.

Poderia ter gritado aquilo lá de trás, sem ter precisado escalar os barris, mas imaginar-se pulando para lá e para cá e pedindo aos dois que fossem mais devagar a impedira. Nynaeve não gostava de fazer papel de boba, e gostava ainda menos que os outros a vissem como tal.

— Coloque o chapéu — disse a Elayne. — Sua pele clara não vai gostar de ficar muito tempo neste sol.

Como já esperava, a garota ignorou o conselho amigável.

— Você dirige maravilhosamente bem — elogiou Elayne, enquanto Thom puxava as rédeas, forçando os quatro cavalos a um passo mais lento. — Manteve o controle o tempo todo.

O homem alto e rijo baixou os olhos na direção dela, as grossas sobrancelhas brancas se contraindo, mas disse apenas:

— Temos mais companhia pela frente, criança.

Bem, talvez ele não fosse *tão* tonto.

Nynaeve olhou e viu a coluna de cavaleiros de mantos cor de neve que se aproximava, logo acima da colina seguinte. Eram talvez meia centena de homens em armaduras escovadas e elmos cônicos reluzentes, escoltando o mesmo número de carroções cheios de carga. Filhos da Luz. De repente, Nynaeve ficou bem consciente da tira de couro presa ao pescoço, sob o vestido, e dos dois anéis balançando entre os seios. O pesado anel de Lan, feito de ouro, e com símbolo dos Reis da terra perdida de Malkier, não significaria nada para os Mantos-brancos, mas se vissem o anel da Grande Serpente…

Sua tola! É pouco provável que vejam, a menos que você decida tirar a roupa!

Nynaeve deu uma olhada rápida em seus acompanhantes. Elayne não conseguia deixar de ser linda, e, depois que deixara Thom de lado e reatava o cachecol verde que prendia o chapéu, seus modos pareciam mais adequados a uma sala do trono do que a um carroção de mercador, mas o vestido, afora ser azul, não era diferente do de Nynaeve. A jovem não usava joias. Chamara os presentes de Amathera de "cafonas". Passaria despercebida, como nas cinquenta vezes desde Tanchico. Por pouco. Só que aquele seria o primeiro encontro com Mantos-brancos. Thom, com vestes de lã marrom grossa, poderia ser qualquer um dos milhares de homens enrugados e de cabelos brancos que conduziam carroções. E Juilin era Juilin. Sabia se comportar, embora parecesse preferir estar com os pés firmemente plantados no chão, carregando o bastão ou com a quebra-espada que usava no cinto devidamente encaixada, e não em cima de um cavalo.

Thom guiou a carroça para um dos lados da estrada e parou quando vários Mantos-brancos se separaram da frente da coluna. Nynaeve abriu um sorriso simpático. Torcia para que eles não decidissem que precisavam de mais um carroção.

— Que a Luz o ilumine, Capitão — disse ela ao homem de rosto estreito que era claramente o líder, o único que não portava uma lança com ponta de aço.

Não tinha ideia da patente indicada pelos dois nós dourados no peito do casaco, logo abaixo dos raios de sol flamejantes que todos possuíam, mas, por experiência própria, sabia que homens aceitavam qualquer tipo de bajulação.

— Estamos muito felizes em ver vocês. Bandidos tentaram nos roubar algumas milhas atrás, mas uma tempestade de poeira apareceu milagrosamente. Escapamos por po…

— Você é mercadora? Quase não têm vindo mercadores a Tarabon. — A voz do homem era tão áspera quanto o rosto, dando a impressão de que toda e qualquer alegria tinha se evaporado antes mesmo que ele deixasse o berço. Seus olhos escuros e profundos pareciam desconfiados. Nynaeve não teve dúvidas de que aquilo também era um traço permanente. — Indo para onde e levando o quê?

— Estou levando tinturas, Capitão.

Ela se esforçou para sustentar o sorriso sob aquele olhar fixo, que sequer piscava. Foi um alívio quando o homem se dirigiu brevemente aos demais. Thom desempenhava um bom papel ao demonstrar seu tédio, um mero condutor de carroções que seria pago tanto parado quanto em movimento. E Juilin, se não tirara aquele chapéu ridículo, como outrora teria feito, pelo menos parecia bem pouco interessado:

um homem contratado que não tinha nada a esconder. Quando o olhar do Manto-branco pousou em Elayne, Nynaeve sentiu a amiga se enrijecer e se apressou a continuar:

— Tinturas tarabonianas. As melhores do mundo. Posso vendê-las por um bom preço em Andor.

Após um sinal do capitão, ou o que quer que ele fosse, um dos outros Mantos-brancos conduziu o cavalo até a traseira do carroção. Cortando uma das cordas com a adaga, afrouxou um pedaço da tela, o bastante para expor três ou quatro barris.

— Eles estão marcados como "Tanchico", Tenente. Este aqui diz "carmesim". Quer que eu abra alguns?

Nynaeve torceu para o que o oficial Manto-branco não interpretasse erroneamente a ansiedade em seu rosto. Mesmo sem olhar para a garota, podia quase sentir o desejo de Elayne de dar um pito no soldado por conta de seus modos. Mas qualquer mercador de verdade ficaria preocupado com suas tinturas sendo expostas aos elementos.

— Se o senhor me mostrar os barris que quer olhar, Capitão, ficarei mais do que contente de abri-los eu mesma. — O homem não demonstrava nenhum tipo de reação a bajulações ou ofertas de cooperação. — Os barris foram vedados para proteger o material contra a poeira e a água, sabe? Se a tampa de um deles for quebrada, não vou ter como reencaixá-la com cera aqui onde estamos.

O restante da coluna os alcançou e começou a ultrapassá-los, deixando uma nuvem de poeira. Os condutores dos carroções eram homens desinteressantes, vestidos de modo simples, mas os soldados cavalgavam absolutamente eretos, todas as longas lanças de ponta de aço inclinadas exatamente no mesmo ângulo. Mesmo com rostos suados e cobertos de poeira, pareciam homens fortes. Só os condutores olharam para Nynaeve e os demais.

O Tenente Manto-branco abanou a poeira do rosto com uma das mãos enluvadas, depois acenou para que o outro se afastasse do carroção. Seus olhos não desgrudaram de Nynaeve.

— Estão vindo de Tanchico?

Nynaeve assentiu, parecendo a cooperação e honestidade em pessoa.

— Sim, Capitão. De Tanchico.

— E o que me diz sobre a cidade? Tenho ouvido muitos boatos.

— Boatos, Capitão? Quando partimos, restava pouquíssima ordem. A cidade estava repleta de refugiados, o campo tomado de rebeldes e bandidos. Quase não há comércio. — Tudo aquilo era a verdade pura e simples. — Por isso é que estas tinturas vão sair por um ótimo preço. Acho que não vai mais ter tinturas tarabonianas disponíveis por um bom tempo.

— Refugiados, tinturas ou comércio não me importam, mercadora — respondeu o oficial, em um tom indiferente. — Andric ainda estava no trono?

— Sim, Capitão.

Obviamente, os boatos diziam que alguém tomara Tanchico e depusera o Rei, e talvez fosse o caso. Mas quem? Um dos lordes rebeldes que lutavam tanto entre si quanto contra Andric, ou os Declarados do Dragão, que haviam se comprometido com o Dragão Renascido mesmo sem jamais tê-lo visto?

— Quando saímos, Andric ainda era o Rei, e Amathera, a Panarca.

Os olhos do homem diziam que ele achava que ela poderia estar mentindo.

— Há quem diga que as bruxas de Tar Valon estavam envolvidas. Vocês viram alguma Aes Sedai ou ouviram falar delas?

— Não, Capitão — respondeu, mais do que depressa.

O anel da Grande Serpente parecia quente em sua pele. Cinquenta Mantos-brancos ao alcance das mãos. Uma tempestade de poeira não ajudaria nada desta vez, e, de qualquer forma, embora tentasse negar, Nynaeve estava mais com medo do que com raiva.

— Reles mercadores não se misturam a essa gente — explicou. O homem assentiu, e ela se arriscou a fazer uma pergunta. Qualquer coisa que mudasse o assunto. — Se me permite, Capitão, já entramos em Amadícia?

— A fronteira fica cinco milhas a leste — informou ele. — Por enquanto. A primeira aldeia que vão encontrar é Mardecin. Obedeçam a lei, e ficarão bem. Há uma guarnição dos Filhos lá. — O homem soava como se a guarnição fosse dedicar todo o seu tempo para garantir que eles obedeceriam a lei.

— Vocês vieram até aqui para ajustar a fronteira? — perguntou Elayne de repente, fria. Nynaeve poderia tê-la estrangulado.

Aquele profundo olhar de suspeita se voltou para Elayne, e Nynaeve apressou-se a dizer:

— Perdoe a garota, Senhor Capitão. É filha da minha irmã mais velha. Pensa que deveria ter nascido lady e, além disso, não consegue ficar longe dos rapazes. Foi por isso que a mãe dela a mandou para ficar comigo. — O arquejo indignado de Elayne foi perfeito. Provavelmente foi real. Nynaeve supôs que não precisava ter acrescentado a questão com os rapazes, mas pareceu cair bem.

O Manto-branco encarou-as por mais um momento, depois se pronunciou.

— O Senhor Capitão Comandante envia comida para Tarabon. Do contrário, teríamos parasitas tarabonianos cruzando a fronteira e roubando tudo o que pudessem mastigar. Vão com a Luz —

acrescentou, antes de girar o cavalo e fazê-lo galopar de volta para a frente da coluna. Não era nem uma sugestão nem uma bênção.

Thom tocou o carroção em frente assim que o oficial partiu, mas todos ficaram sentados em silêncio, exceto quando tossiam, até estarem bem longe do último soldado e fora da poeira dos outros carroções.

Engolindo um pouco de água para molhar a garganta, Nynaeve empurrou o cantil na direção de Elayne.

— O que você queria com aquela pergunta? Nós não estamos na sala do trono da sua mãe e, em todo caso, a Rainha não aceitaria aquele comportamento!

Elayne esvaziou o cantil antes de se dignar a responder.

— Você estava rastejando, Nynaeve. — Ela fez uma voz em falsete, imitando um tom submisso. — Eu sou muito boa e obediente, Capitão. Posso lamber suas botas, Capitão?

— Estamos nos passando por mercadoras, não rainhas disfarçadas!

— Mercadoras não precisam ser puxa-sacos! Agindo de modo tão servil, você tem sorte de ele não ter pensado que estávamos tentando esconder alguma coisa!

— Também não ficam de nariz empinado para Mantos-brancos com cinquenta lanças! Ou você acha que poderíamos derrotar todos eles usando o Poder, caso fosse preciso?

— Por que você disse que eu não conseguia ficar longe dos rapazes? Não havia necessidade daquilo, Nynaeve!

— Eu diria qualquer coisa que fizesse o homem ir embora e nos deixar em paz! E você…!

— Calem-se as duas — rosnou Thom, de repente —, antes que eles voltem para ver qual de vocês está tentando matar a outra!

Nynaeve chegou a se virar no assento de madeira para olhar para trás, antes de se dar conta de que os Mantos-brancos estavam longe demais para terem ouvido, mesmo se as duas estivessem gritando. Bem, talvez estivessem. Não ajudou em nada o fato de Elayne ter feito o mesmo.

Nynaeve agarrou a trança com firmeza e olhou feio para Thom, mas Elayne se aconchegou ao braço do homem e praticamente arrulhou:

— Você tem razão, Thom. Me desculpe por ter levantado a voz.

Juilin assistia a tudo de soslaio, fingindo não ver, mas foi esperto o bastante para não trazer o cavalo para perto e acabar se tornando parte daquilo.

Antes que arrancasse os cabelos pela raiz, Nynaeve soltou a trança, arrumou o chapéu e se sentou olhando para a frente, por sobre os cavalos. Qualquer que fosse a questão com Elayne, já passava da

hora de resolver.

Apenas um pilar alto de pedra em cada lado da estrada marcava a fronteira entre Tarabon e Amadícia. Afora o grupo, não havia qualquer tráfego na estrada. As colinas ficaram gradativamente mais altas, mas, exceto por isso, o terreno permaneceu mais ou menos o mesmo: grama marrom e matagais com poucas folhas verdes, a não ser em pinheiros, folhas-de-couro ou outras árvores perenes. Plantações com cercas de pedra e casas de fazenda com telhados de palha pontilhavam as encostas e os vales, mas tinham um aspecto abandonado. Nada de fumaça subindo pelas chaminés, nada de homens trabalhando na colheita, nada de ovelhas ou gado. Às vezes viam umas poucas galinhas ciscando no pátio de alguma fazenda à beira da estrada, mas elas corriam, assustadas, com a aproximação do carroção. Com ou sem guarnições de Mantos-brancos, parecia que ninguém estava disposto a correr o risco de encarar salteadores tarabonianos, assim tão perto da fronteira.

Quando Mardecin surgiu, do topo de uma elevação, o sol ainda tinha um longo caminho a percorrer até atingir o auge. Com quase uma milha de extensão, a cidade à frente parecia grande demais para ser chamada de aldeia, estendendo-se entre duas colinas ligadas por um pequeno regato atravessado por uma ponte. Tinha tantos telhados de ardósia quanto de palha, e um burburinho considerável percorria as ruas largas.

— Precisamos comprar mantimentos — avisou Nynaeve —, mas é melhor fazermos isso rápido. Ainda podemos percorrer uma boa distância antes do cair da noite.

— Estamos ficando esgotados, Nynaeve — respondeu Thom. — Do primeiro ao último raio de luz, todos os dias há quase um mês. Um dia de descanso não vai fazer tanta diferença para chegarmos a Tar Valon. — Ele não soava cansado. Era mais provável que estivesse ansioso para tocar a harpa ou a flauta em uma das tavernas e fazer os homens lhe pagarem vinho.

Juilin finalmente cavalgara para perto do carroção, e acrescentou:

— Estou louco para passar um dia a pé. Não sei o que é pior, esta sela ou o assento do carroção.

— Acho que deveríamos encontrar uma estalagem — opinou Elayne, olhando para Thom. — Já dormi noites demais debaixo deste carroção e gostaria de ouvir você contar histórias em algum salão.

— Mercadores com um único carroção são pouco mais que mascates — retrucou Nynaeve, com firmeza. — Não têm como bancar as estalagens de uma cidade como esta.

Não sabia se aquilo era verdade ou não, mas, apesar do próprio desejo por um banho e lençóis limpos, Nynaeve não iria deixar barato que Elayne tivesse se dirigido a Thom para dar sugestões sobre a

viagem. Foi só quando as palavras já tinham saído de sua boca que percebeu que havia se rendido a Thom e Juilin. *Um dia não vai ser problema. Ainda falta muito até Tar Valon*.

Desejou que tivesse insistido em um navio. Com uma embarcação rápida, como um forcador do Povo do Mar, teriam chegado a Tear em um terço do tempo que levaram para atravessar Tarabon, desde que contassem com bons ventos. E, com uma boa Chamadora de Ventos dos Atha'an Miere, isso não teria sido problema. Ela ou Elayne poderiam ter dado conta do serviço, aliás. Os tairenos sabiam que as duas eram amigas de Rand, e Nynaeve imaginava que ainda suassem em bicas com medo de ofender o Dragão Renascido. Teriam fornecido carruagens e escolta para a jornada até Tar Valon.

— Encontrem um lugar para acamparmos — disse ela com relutância. Deveria ter insistido em um navio. Àquela altura, provavelmente já estariam de volta à Torre.

9

Um sinal

Nynaeve teve que admitir que Thom e Juilin haviam escolhido um bom local para o acampamento: um matagal esparso que crescia em uma encosta a leste, coberta de folhas secas, a apenas uma milha de Mardecin. Tupelos e uma espécie de salgueiro pequeno com galhos retorcidos escondiam o carroção da estrada e da cidade, e um riacho de dois pés de largura brotava de algumas pedras no topo da colina e corria até um leito de lama seca duas vezes mais largo. Água suficiente para seus propósitos. Era até um pouco mais fresco debaixo das árvores, onde batia uma brisa suave e agradável.

Depois que os homens deram água e amarraram os cavalos dos carroções em um local onde os animais pudessem se alimentar da grama esparsa, jogaram uma moeda para decidir quem cavalgaria o castrado até Mardecin para comprar o necessário. Jogar a moeda virara um ritual dos dois. Thom, cujos dedos ligeiros estavam habituados a realizar truques de mágica, nunca perdia quando jogava a moeda, de forma que agora apenas Juilin o fazia.

Thom ganhou mesmo assim, e, enquanto tirava a sela de Sorrateiro, Nynaeve enfiou a cabeça sob o assento do carroção e levantou uma das tábuas do piso com a faca do cinto. Além de dois pequenos cofres dourados contendo as joias dadas de presente por Amathera, várias bolsas de couro cheias de moedas repousavam na reentrância. A Panarca fora mais do que generosa em seu desejo de vê-los pelas costas. Em comparação, os outros objetos pareciam até insignificantes: uma caixinha escura de madeira polida, simples e sem entalhes, e uma bolsa de camurça que parecia conter um disco. A caixa armazenava os dois *ter'angreal* que haviam recuperado da Ajah Negra, ambos relacionados a sonhos, e a bolsa… Aquela era a recompensa de Tanchico. Um dos selos da prisão do Tenebroso.

Por mais que Nynaeve quisesse descobrir aonde mais Siuan Sanche as mandaria caçar a Ajah Negra, o selo era o verdadeiro motivo de sua pressa de chegar a Tar Valon. Retirando moedas de uma das bolsas gorduchas, evitou tocar a que continha o disco.

Quanto mais tempo passava em posse daquilo, maior era sua vontade de entregar o objeto à Amyrlin e se ver livre dele. Às vezes, quando estava próxima ao disco, Nynaeve pensava sentir o Tenebroso tentando se libertar.

Deixou Thom partir com um punhado de prata e uma advertência veemente para procurar frutas e verduras. Se não desse instruções, era capaz de o homem só comprar carne e feijão. O andar manco de Thom ao guiar o cavalo para a estrada a fez franzir o cenho. Uma lesão antiga, e para a qual não havia nada mais a fazer, dissera Moiraine. Aquilo a irritava tanto quanto o mancar em si. Nada a fazer.

Nynaeve partira de Dois Rios para proteger os jovens de sua aldeia, raptados durante a noite por uma Aes Sedai. Fora para a Torre na esperança de que pudesse cuidar deles, ainda querendo derrubar Moiraine pelo que ela fizera. O mundo mudara desde então. Ou talvez apenas sua visão de mundo tivesse mudado. *Não, não fui eu que mudei. Ainda sou a mesma, todo o resto é que está diferente.*

Agora tudo o que podia fazer era proteger a si mesma. Rand era o que era, e não haveria volta. Egwene seguia avidamente o próprio caminho, sem deixar que nada ou ninguém a impedisse, mesmo que tal caminho a levasse a um precipício. Mat aprendera a só pensar em mulheres, farras e apostas. Nynaeve, para seu desgosto, às vezes se pegava simpatizando com Moiraine. Ao menos Perrin tinha voltado para casa, segundo Egwene, que ouvira isso de Rand. Talvez o aprendiz de ferreiro estivesse em segurança.

Caçar a Ajah Negra era bom, correto e recompensador — e também aterrorizante, embora ela tentasse encobrir essa parte; era uma mulher feita, não uma garotinha que se escondia debaixo do avental da mãe. Mesmo assim, aquela não era a principal razão para estar disposta a continuar batendo a cabeça na parede, tentando aprender a usar o Poder, quando, na maior parte do tempo, não conseguia canalizar mais do que Thom. A razão era o Talento chamado Cura. Como Sabedoria de Campo de Emond, fora gratificante convencer o Círculo das Mulheres de seu ponto de vista — em especial porque a maioria delas tinha idade para ser sua mãe, e porque, sendo pouco mais velha que Elayne, Nynaeve havia sido a Sabedoria mais jovem de Dois Rios —, e fora ainda mais gratificante ver que o Conselho da Aldeia obedecia, homens teimosos como eram. A maior satisfação, entretanto, sempre viera de descobrir a combinação certa de ervas para Curar uma enfermidade. Curar com o Poder Único… Já fizera isso uma vez, toda atrapalhada, Curando o que suas outras habilidades jamais poderiam dar conta. A alegria sentida fora tamanha que a fizera chorar. Um dia, pretendia Curar Thom e vê-lo dançar. Um dia, Curaria até aquela ferida na lateral do corpo de Rand. Certamente não havia nada que não pudesse ser Curado, não se a mulher

manejando o Poder fosse suficientemente determinada.

Quando se virou, depois de observar Thom partir, Nynaeve viu que Elayne enchera o balde que ficava pendurado debaixo do carroção e estava se ajoelhando para lavar as mãos e o rosto, uma toalha em volta do pescoço para manter o vestido seco. Era algo que também desejava muito fazer. Naquele calor, era agradável se lavar de vez em quando com a água fresquinha de um riacho. Diversas vezes, não houvera outra água que não a dos barris amarrados ao carroção, e aquela era mais necessária para beber e cozinhar do que para se lavar.

Juilin estava sentado com as costas apoiadas em uma das rodas do carroção, o bastão de madeira clara e sulcada, da grossura de um polegar, descansando ao lado. Estava de cabeça baixa, aquele chapéu bobo caído de forma precária sobre os olhos, mas Nynaeve não estava disposta a confiar nem em um homem adormecido àquela hora da manhã. Havia coisas que ele e Thom não sabiam, coisas que era melhor que não soubessem.

O espesso tapete de folhas de tupelo estalou quando ela se sentou perto de Elayne.

— Você acha que Tanchico foi mesmo tomada? — Esfregando lentamente um pano ensaboado pelo rosto, a outra mulher não respondeu. Nynaeve tentou de novo. — Acho que as "Aes Sedai" que aquele Manto-branco mencionou éramos nós.

— Pode ser. — A voz de Elayne estava calma, com um tom de realeza. Seus olhos eram de um azul gélido. Não encarou Nynaeve. — E pode ser que relatos do que fizemos tenham se misturado com outros boatos. É bem possível que Tarabon já tenha um novo rei e uma nova Panarca.

Nynaeve manteve o temperamento sob controle e as mãos bem longe da trança. Em vez disso, apertou os joelhos. *Você está tentando fazer as pazes. Cuidado com o que diz.*

— Amathera foi difícil, mas não desejo nada de ruim a ela. Você deseja?

— Uma mulher bonita — disse Juilin —, especialmente em um daqueles vestidos de serviçais tarabonianas, e com um belo sorriso. Achei que ela… — O homem viu que Elayne e Nynaeve o encaravam e, mais que depressa, puxou o chapéu de volta para baixo, fingindo dormir de novo. As duas se olharam, e Nynaeve sabia que ela e Elayne pensavam o mesmo. *Homens*.

— O que quer que tenha acontecido com Amathera, Nynaeve, ela agora é passado. — Elayne soou mais normal. Seu pano molhado desacelerou. — Desejo o bem dela, mas, principalmente, espero que a Ajah Negra não esteja atrás de nós. Que não esteja nos seguindo, quero dizer.

Juilin se inquietou, sem levantar a cabeça. Ainda estava nervoso

com a informação de que as Aes Sedai da Ajah Negra existiam, e não eram um simples boato.

Ele devia estar feliz por não saber o que sabemos. Nynaeve admitia que o pensamento não era muito lógico, mas, se o homem soubesse que os Abandonados estavam à solta, até a instrução tola de Rand para que ele *cuidasse* dela e de Elayne não evitaria que Juilin fugisse. Ainda assim, o sujeito às vezes era útil. Tanto ele quanto Thom. Fora Moiraine quem lhes apresentara Thom, e, para um simples menestrel, o homem sabia um bocado sobre o mundo.

— Se estivessem seguindo, já teriam nos alcançado. — Aquilo com certeza era verdade, considerando a habitual lerdeza do carroção. — Com alguma sorte, ainda não sabem quem somos.

Elayne assentiu, emburrada, mas voltando a agir normalmente, e começou a enxugar o rosto. Ela podia ser quase tão teimosa quanto uma mulher de Dois Rios.

— Liandrin e a maioria dos comparsas dela com certeza escaparam de Tanchico. Talvez todos. E nós ainda não sabemos quem está dando ordens para a Ajah Negra na Torre. Como diria Rand, ainda temos isso para fazer, Nynaeve.

Nynaeve hesitou, a contragosto. Era verdade que tinham uma lista com onze nomes, mas, uma vez que estivessem de volta à Torre, praticamente todas as Aes Sedai com quem conversassem poderiam ser da Ajah Negra. Ou qualquer mulher que encontrassem na estrada. Aliás, qualquer *pessoa* que encontrassem podia ser um Amigo das Trevas, mas isso não era a mesma coisa, nem de longe.

— Mais do que com a Ajah Negra — continuou Elayne —, eu me preocupo com M… — Nynaeve tocou rapidamente o braço dela e meneou de leve a cabeça na direção de Juilin. Elayne tossiu e continuou, como se o engasgo a tivesse interrompido. — Com mamãe. Ela não tem motivos para gostar de você, Nynaeve. Pelo contrário.

— Ela está bem longe daqui.

Nynaeve ficou contente por soar firme. Não estavam falando sobre a mãe de Elayne, e sim sobre a Abandonada que ela havia derrotado. Parte de Nynaeve torcia com todo o fervor para que Moghedien estivesse longe. Muito longe.

— Mas e se não estiver?

— Está — afirmou, incisiva, mas encolheu os ombros, desconfortável.

Lembrava-se das humilhações sofridas nas mãos de Moghedien e tudo que queria era voltar a enfrentá-la e derrotá-la, desta vez em definitivo. Mas e se Moghedien a surpreendesse, atacando-a quando ela não estivesse com raiva suficiente para canalizar? O mesmo valia para qualquer um dos Abandonados, claro, ou qualquer irmã da Ajah Negra, mas, após a derrota em Tanchico, Moghedien tinha motivos

para odiá-la particularmente. Não era nem um pouco agradável pensar que um dos Abandonados sabia seu nome e, provavelmente, queria a sua cabeça. *Isso não passa de absoluta covardia*, disse a si mesma, com firmeza. *Você não é covarde, e não vai passar a ser!* Isso não fez sumir o calafrio que sentia toda vez que pensava em Moghedien, como se a mulher a observasse pelas costas.

— Acho que ficar alerta a bandidos o tempo todo me deixou mais apreensiva — disse Elayne, em tom casual, passando a toalha pelo rosto. — Por que, ultimamente, quando sonho, tenho a sensação de que alguém está me vigiando?

Nynaeve se agitou ao ouvir o que parecia um eco dos próprios pensamentos, mas então se deu conta de que houvera uma leve ênfase na palavra "sonhos". Não sonhos comuns, mas *Tel'aran'rhiod*. Outra questão sobre a qual os homens não sabiam. Andava tendo a mesma sensação, mas, pensando bem, aquilo era bem comum no Mundo dos Sonhos. Podia ser desconfortável, mas elas já haviam discutido o assunto.

Manteve um tom despreocupado.

— Bem, sua mãe não está em nossos sonhos, Elayne, ou provavelmente já teria puxado nossas orelhas.

Moghedien provavelmente as torturaria até que implorassem pela morte. Ou formaria um círculo com treze irmãs Negras e treze Myrddraal. Dessa forma, podiam fazer qualquer pessoa se voltar para a Sombra, mesmo contra a vontade, e amarrá-la ao Tenebroso. Talvez Moghedien até conseguisse fazer isso sozinha… *Não seja ridícula, mulher! Se pudesse mesmo, ela teria feito. Você a derrotou, lembra?*

— Eu realmente espero que não — respondeu Elayne, tensa.

— Pretende me dar uma oportunidade de eu me lavar? — perguntou Nynaeve, irritada.

Tudo bem que queria fazer as pazes, mas podiam fazer isso sem falar tanto de Moghedien. A Abandonada devia estar bem distante. Não teria permitido que o grupo avançasse tanto, se soubesse onde estavam. *Que a Luz permita que isso seja verdade!*

Elayne se prontificou a esvaziar e tornar a encher o balde. Normalmente, quando se lembrava de que não estava no Palácio Real em Caemlyn, era uma boa garota. E quando não estava se fazendo de boba. Disso, Nynaeve cuidaria quando Thom retornasse.

Depois de lavar o rosto e as mãos de modo lento e refrescante, Nynaeve começou a preparar o acampamento e colocou Juilin para quebrar galhos secos das árvores para fazer uma fogueira. Quando Thom voltou com dois cestos de vime pendurados no dorso do cavalo, os cobertores dela e de Elayne já estavam arrumados sob o carroção e os dos homens repousavam sob os galhos retorcidos de um dos salgueiros de vinte pés. Um bom estoque de madeira havia sido

empilhado. A chaleira estava esfriando ao lado das cinzas de uma fogueira instalada em um espaço agora limpo de folhas. E os copos de cerâmica espessa tinham sido lavados. Juilin resmungava sozinho enquanto apanhava água no regato para reabastecer os barris. Pelo pouco que entendeu, Nynaeve ficou contente de que o restante das reclamações fosse inaudível. De seu lugar em um dos cantos do carroção, Elayne nem disfarçava o interesse em escutar o que Juilin dizia. Tanto ela quanto Nynaeve haviam trocado de roupa, do outro lado do carroção, invertendo, por sinal, as cores dos vestidos anteriores.

Após prender as peias entre as patas dianteiras do castrado, Thom ergueu com facilidade os pesados cestos e começou a descarregá-los.

— Mardecin não é tão próspera quanto parece a distância. — Ele colocou no chão um saco com pequenas maçãs e outro com uma verdura cheia de folhas verde-escuras. — Sem o comércio com Tarabon, a cidade está definhando.

O restante parecia ser apenas sacos com nabos e feijões, além de carne curada na pimenta e presuntos curados no sal. E uma garrafa selada de cerâmica cinza que Nynaeve tinha certeza de conter conhaque. Os dois homens haviam reclamado de não ter alguma bebida para acompanhar os cachimbos, à noite.

— Mal se dá cinco passos sem ver um ou dois Mantos-brancos. A guarnição tem cerca de cinquenta homens, com barracas no outro lado da ponte, na colina acima da cidade. Já foi consideravelmente maior, mas parece que Pedron Niall está levando Mantos-brancos de toda parte para Amador. — Alisando o longo bigode, Thom pareceu pensativo por um momento. — Não entendo qual é o plano dele.

Thom não gostava nada disso. Normalmente, algumas horas em um local eram suficientes para ele começar a se enfronhar nas questões entre Casas de nobres e mercadores, nas alianças, nos esquemas e nas conspirações características do chamado Jogo das Casas.

— Todos os boatos falam que Niall está tentando impedir uma guerra entre Illian e Altara, ou talvez Illian e Murandy. Isso não é motivo para reunir soldados. Mas vou lhes dizer uma coisa: não importa o que aquele tenente disse, é um Imposto do Rei que vem financiando a comida enviada para Tarabon, e as pessoas não estão nada felizes com isso. Não querem alimentar tarabonianos.

— O Rei Ailron e o Senhor Capitão Comandante não são da nossa conta — afirmou Nynaeve, analisando o que o homem trouxera. *Três* presuntos salgados! — Vamos atravessar Amadícia o mais rápido e discretamente possível. Talvez Elayne e eu tenhamos mais sorte em encontrar verduras. Quer dar uma volta, Elayne?

A garota se levantou imediatamente, alisando as saias cinzentas e

pegando o chapéu no carroção.

— Isso seria ótimo, depois do assento do carroção. Podia ser diferente, se Thom e Juilin me deixassem montar Sorrateiro mais vezes. — Dessa vez ela não lançou um olhar de flerte na direção do velho menestrel, o que já era alguma coisa.

Thom e Juilin se entreolharam, e o caçador de ladrões taireno puxou uma moeda do bolso do casaco, mas Nynaeve não lhe deu a chance de lançá-la.

— Vamos ficar bem sozinhas. Não vai haver problemas, com tantos Mantos-brancos para manter a ordem. — Ela enfiou o chapéu na cabeça, amarrou o cachecol sob o queixo e olhou com firmeza para os dois. — Além do mais, tudo isso que Thom comprou precisa ser guardado. — Os homens assentiram. Devagar e com relutância, mas assentiram. Às vezes, os dois levavam a sério demais o papel de supostos protetores.

Ela e Elayne já haviam alcançado a estrada deserta e caminhavam pela grama fina do acostamento, para não levantar poeira, quando Nynaeve pensou em um jeito de puxar o assunto sobre o qual queria conversar. Porém, antes que pudesse falar, Elayne se adiantou.

— Está bem óbvio que você quer falar comigo a sós, Nynaeve. É sobre Moghedien?

Nynaeve piscou, surpresa, e olhou de soslaio para a outra. Era bom se lembrar de que Elayne não tinha nada de boba. Só agia como tal. Resolveu que seguraria firme as rédeas de seu temperamento. Já seria uma conversa difícil, e pioraria se virasse uma discussão acalorada.

— Não é sobre isso, Elayne. — A garota achava que deveriam adicionar Moghedien à caçada. Não via a diferença entre um dos Abandonados e, por exemplo, Liandrin ou Chesmal. — Pensei que deveríamos discutir a maneira como você tem se comportado com relação a Thom.

— Não sei do que está falando — disse Elayne, o olhar fixo à frente, na direção da cidade, mas suas bochechas subitamente coradas denunciaram a mentira.

— Ele não só tem idade para ser seu pai duas vezes seguidas, como…

— Ele *não é* meu pai! — disparou Elayne. — Meu pai era Taringail Damodred, um Príncipe de Cairhien e Primeiro Príncipe Espachim de Andor! — Endireitando o chapéu sem necessidade, ela prosseguiu em um tom mais ameno, mas não muito: — Me desculpe, Nynaeve. Eu não pretendia gritar.

Controle-se, Nynaeve disse a si mesma.

— Pensei que estivesse apaixonada por Rand — disse, deixando a voz mais gentil. Não foi fácil. — As mensagens para Rand que você me

pediu para entregar a Egwene certamente dão a entender isso. Imagino que você mesma tenha passado a ela mensagens parecidas.

O rosto de Elayne ficou ainda mais corado.

— Eu realmente o amo, mas… Ele está muito longe, Nynaeve. No Deserto, cercado por milhares de Donzelas da Lança que fazem todas as suas vontades. Não posso vê-lo, falar com ele, tocá-lo. — Ao final, a garota já estava sussurrando.

— Não acredito que você acha que ele vai recorrer a uma Donzela — disse Nynaeve, incrédula. — Ele é homem, mas não é tão volúvel assim. Além disso, qualquer Donzela espetaria uma lança nele se recebesse um olhar estranho, mesmo que Rand seja sei lá o quê da Aurora. De qualquer forma, Egwene garante que Aviendha está de olho nele para você.

— Eu sei, mas… Eu devia ter *garantido* que ele soubesse que eu o amo. — A voz de Elayne soava determinada. E preocupada. — Eu devia ter dito isso a ele.

Antes de Lan, Nynaeve mal olhara para qualquer homem, pelo menos não de forma séria, mas vira e aprendera muito como Sabedoria. Pelo que tinha observado, não havia jeito mais rápido de fazer um homem sair correndo, a menos que ele se declarasse primeiro.

— Acho que Min teve uma visão — prosseguiu Elayne. — Sobre mim, e sobre Rand. Ela sempre brincava sobre ter que dividi-lo, mas acho que não era brincadeira e que ela não tinha coragem de dizer o que de fato era.

— Isso é ridículo. — E era mesmo. Apesar de que, em Tear, Aviendha lhe contara sobre um terrível costume Aiel. …*Você divide Lan com Moiraine*, uma vozinha sussurrou em sua cabeça. *Mas não é a mesma coisa!*, retrucou Nynaeve. — Tem certeza de que Min teve uma visão?

— Tenho. No início eu não acreditava, mas, quanto mais penso no assunto, maior a certeza. Ela brincava demais com isso para que significasse outra coisa.

Bem, independentemente do que Min tivesse visto, Rand não era Aiel. Ah, o sangue dele até podia ser, como afirmavam as Sábias, mas ele crescera em Dois Rios, e ela não permitiria que o rapaz assimilasse os maus hábitos dos Aiel. Também duvidava muito que Elayne permitisse.

— É por isso que você tem… — Não queria dizer “se oferecido”. — Provocado Thom?

Elayne lhe lançou um olhar enviesado, as bochechas voltando a ficar rubras.

— Mil léguas nos separam, Nynaeve. Você acha que Rand está evitando olhar para outras mulheres? “Homem é homem, em um

trono ou em um chiqueiro". — A garota tinha um estoque de ditados simples que aprendera com a babá, uma mulher sensata chamada Lini, que Nynaeve desejava um dia conhecer.

— Bem, não entendo por que você tem que flertar só por achar que Rand faz isso. — Evitou voltar a mencionar a idade de Thom. *Lan tem idade suficiente para ser* seu *pai*, murmurou aquela vozinha. *Eu* amo *Lan. Se pudesse descobrir uma maneira de libertá-lo de Moiraine… O problema agora não é esse!* — Thom é um homem com segredos, Elayne. Lembre-se de que foi Moiraine quem o enviou para ficar conosco. O que quer que ele seja, não é um simples menestrel do interior.

— Ele foi um grande homem — disse Elayne suavemente. — Poderia ter sido mais ainda, não fosse o amor.

A paciência de Nynaeve se esgotou. Ela se virou para Elayne e a agarrou pelos ombros.

— O homem não sabe se lhe dá umas palmadas no traseiro ou se… ou se… se esconde em cima de uma árvore!

— Eu sei. — Elayne deu um suspiro frustrado. — Mas o que mais posso fazer?

Nynaeve rangeu os dentes no esforço para não sacudir a garota até fazer seu crânio chacoalhar.

— Se sua mãe ouvisse falar disso, mandaria Lini arrastar você de volta para o berçário!

— Não sou mais criança, Nynaeve. — A voz de Elayne estava tensa, e a cor em suas bochechas já não era mais de vergonha. — Sou tão mulher quanto minha mãe.

Nynaeve apertou o passo em direção a Mardecin, agarrando a trança com tanta força que as articulações doíam.

Apertando o passo, Elayne a alcançou.

— Vamos mesmo comprar verduras? — Seu rosto estava sereno, o tom de voz, leve.

— Você viu o que Thom trouxe? — perguntou Nynaeve, entredentes.

Elayne estremeceu.

— Três presuntos. E aquela carne apimentada horrível! Se alguém não colocar um prato feito na frente deles, será que homens comem alguma coisa que não seja carne?

A irritação de Nynaeve sumiu à medida que continuaram andando e conversando sobre as falhas do sexo frágil — os homens, óbvio — e outros assuntos tão corriqueiros quanto. Não sumiu completamente, claro. Gostava de Elayne e de sua companhia. Às vezes a garota parecia mesmo ser irmã de Egwene, como as duas às vezes se chamavam. Quando Elayne não estava bancando a fogosa. Thom poderia pôr um fim naquilo, com certeza, mas o velhote tonto

mimava Elayne feito um pai com a filha favorita, mesmo quando não sabia se ficava calado ou desmaiava. De um jeito ou de outro, queria resolver a situação. Não por Rand, mas porque aquele não era o jeito de Elayne. Ela mais parecia ter sido acometida por uma febre estranha. Nynaeve pretendia curá-la.

Placas de granito pavimentavam as ruas de Mardecin, desgastadas por várias gerações de pés e rodas de carroção, e os prédios eram todos de tijolo ou de pedra. Muitos, porém, estavam vazios, tanto lojas quanto casas, às vezes com a porta da frente aberta, deixando que Nynaeve visse o interior deserto. Ela divisou três ferrarias, duas abandonadas, e, na terceira, o ferreiro lubrificava preguiçosamente as ferramentas, e as forjas estavam frias. Uma estalagem com telhado de ardósia e bancos na frente, onde alguns homens com ar melancólico estavam sentados, apresentava várias janelas quebradas, e, em outra, o estábulo adjacente tinha as portas parcialmente fora das dobradiças e uma carruagem empoeirada repousava no pátio, com uma galinha infeliz fazendo ninho no assento do condutor. Nesta, alguém tocava uma viola. Parecia ser "Garça ao Vento", mas a canção soava desalentada. A porta de uma terceira estalagem estava barrada por duas tábuas lascadas pregadas horizontalmente.

Pessoas aglomeravam-se nas ruas, mas se moviam com letargia, cansadas pelo calor. Os rostos entediados indicavam que, além da força do hábito, elas não tinham nenhuma razão para se mexer. Muitas mulheres, com grandes boinas que quase lhes escondiam a face, usavam vestidos com barras desgastadas, e mais de um homem tinha a gola ou as mangas dos longos casacos puídas.

Realmente havia Mantos-brancos espalhados pelas ruas. Se não tantos quanto Thom dissera, ainda assim muitos. Nynaeve prendia a respiração toda vez que via um homem de manto imaculado e armadura reluzente a encarando. Sabia que não havia usado o Poder por tempo suficiente para adquirir a expressão de idade indefinida de uma Aes Sedai, nem de longe, mas aqueles homens poderiam muito bem tentar matá-la — uma bruxa de Tar Valon, além de proscrita em Amadícia — caso suspeitassem minimamente de uma conexão sua com a Torre Branca. Os Mantos-brancos avançavam a passos largos em meio à multidão, aparentando indiferença para com a pobreza evidente que os circundava. Os cidadãos se afastavam daqueles homens de maneira respeitosa recebendo em resposta no máximo um meneio, quando muito, e, com frequência, um inflexivelmente piedoso "Caminhe pela Luz".

Nynaeve ignorou os Filhos da Luz o melhor que pôde e se pôs a procurar verduras frescas, mas, quando o sol atingiu o ápice — uma bola de ouro flamejante ardendo por trás das nuvens finas —, ela e Elayne já tinham vagado pelos dois lados da ponte e, juntas, haviam

conseguido apenas um pequeno punhado de ervilhas, alguns rabanetes minúsculos, umas poucas peras duras e um cesto para carregar tudo. Talvez Thom tivesse mesmo procurado. Naquela época do ano, as carroças e as bancas deveriam estar cheios dos produtos de verão, mas a maior parte do que encontraram foi amontoados de nabos e batatas que já tinham visto dias melhores. Pensando em todas as fazendas vazias na entrada da cidade, Nynaeve se perguntou como aquela gente aguentaria o inverno. Seguiu caminhando.

Pendurado de cabeça para baixo ao lado da porta de uma loja de costura com telhado de palha, havia um cacho do que parecia uma espécie de vassourinha com minúsculas flores amarelas, os talos completamente envolvidos por uma fita branca e amarrados por uma fita amarela solta. Podia até ser uma débil tentativa de decoração, naqueles tempos difíceis. Mas ela tinha certeza de que não era.

Parou ao lado de uma loja abandonada com uma faca de trinchar entalhada na placa que ainda pendia sobre a porta e fingiu procurar uma pedra no sapato enquanto estudava furtivamente a loja da costureira. A porta estava aberta, e rolos coloridos de tecido repousavam nas janelinhas envidraçadas, mas ninguém entrava ou saía.

— Não consegue encontrar, Nynaeve? Tire o sapato.

Ela virou a cabeça por reflexo. Quase se esquecera de que Elayne estava ali. Ninguém mais prestava atenção às duas, nem parecia perto o bastante para entreouvi-las. Ainda assim, Nynaeve sussurrou.

— O cacho de vassourinhas na porta daquela loja. É um sinal da Ajah Amarela, um aviso de emergência de uma das espiãs.

Não precisou dizer para Elayne não encarar o local. Os olhos da garota mal se moveram em direção à loja.

— Tem certeza? — perguntou a Filha-herdeira, baixinho. — E como é que você sabe?

— Claro que eu tenho certeza. Está perfeito. O pedacinho de fita amarela pendente está até dividido em três. — Nynaeve fez uma pausa para respirar fundo. A menos que estivesse completamente enganada, aquele punhado de ervas significava calamidade. Se *estivesse* equivocada, faria papel de idiota, o que detestava que acontecesse. — Passei bastante tempo na Torre conversando com as Amarelas. — O principal objetivo das Amarelas era Curar. Não se interessavam muito pelas ervas de Nynaeve, mas ninguém precisava de ervas quando se era capaz de Curar com o Poder. — Uma delas me falou. Não achou que fosse uma transgressão muito séria, já que tinha certeza de que eu escolheria a Amarela. Além disso, faz quase trezentos anos que o sinal não é usado. Elayne, só umas poucas mulheres de cada Ajah sabem quem são suas espiãs, mas um monte de flores amarelas amarradas e penduradas daquele jeito sinaliza para qualquer irmã Amarela que há

uma delas aqui, e com uma mensagem suficientemente urgente para que corra o risco de ser descoberta.

— Como vamos descobrir a mensagem?

Nynaeve gostou da pergunta. Não foi "O que devemos fazer?". A garota era determinada.

— Venha comigo — disse ela, agarrando o cesto com mais força e se empertigando. Esperava se recordar de tudo que Shemerin lhe dissera. Torcia para que Shemerin tivesse lhe contado tudo. A Amarela roliça era bem agitada, para uma Aes Sedai.

O interior da loja não era grande, e cada pedacinho de parede estava coberto de prateleiras que armazenavam rolos de seda ou de lã ricamente tecida, carretéis para acabamentos ou debrum e fitas e rendas de todos os tamanhos e descrições. Manequins pontuavam o ambiente com vestimentas que iam das parcialmente completas até as finalizadas, de algo apropriado para a dança, como uma de lã verde bordada, até um vestido de seda cinza-perolado que cairia muito bem em uma corte. À primeira vista, a loja tinha um aspecto próspero e ativo, mas os olhos aguçados de Nynaeve detectaram traços de poeira em uma peça de gola alta feita com uma renda frugal de Solinde e em um grande laço de veludo negro na cintura de outro vestido.

Havia duas mulheres de cabelos escuros na loja. Uma, jovem e magra, esfregava o nariz furtivamente com o dorso da mão, segurando um rolo de seda vermelho-claro junto aos seios. Seu cabelo era uma massa de cachos caindo até os ombros, à moda de Amadícia, mas parecia um ninho emaranhado em comparação ao penteado bem-arrumado da outra mulher. Bonita e de meia-idade, com certeza era a costureira, como denunciava a grande alfineteira eriçada, presa à sua cintura. Trajava um vestido de uma boa lã verde, bem-cortado e confeccionado para demonstrar suas habilidades, mas trabalhado de forma discreta, com flores brancas ao redor da gola alta, como se não quisesse chamar demasiada atenção das clientes.

Quando Nynaeve e Elayne entraram, as duas mulheres ficaram embasbacadas, como se ninguém fosse até lá havia um ano. A costureira se recompôs primeiro, olhando com dignidade cautelosa para as duas enquanto fazia um cumprimento discreto.

— Em que posso servi-las? Sou Ronde Macura. Minha loja está ao seu dispor. — Quero um vestido com flores amarelas bordadas no corpete — informou Nynaeve. — Mas sem espinhos, por favor? — completou, rindo. — Não me curo muito rápido.

O que dizia não importava, desde que incluísse as palavras "amarela" e "cura". Só faltava aquele monte de flores não passar de coincidência. Se fosse o caso, teria de encontrar algum motivo para não comprar o tal vestido com flores. E uma maneira de evitar que Elayne contasse toda aquela miserável experiência para Thom e Juilin.

Por um momento, a Senhora Macura encarou-a com os olhos escuros, então voltou-se para a garota magra, empurrando-a para os fundos da loja.

— Vá até a cozinha, Luci, e prepare um bule de chá para estas boas damas. O da vasilha azul. A água já está quente, graças à Luz. Vá logo, garota. Largue isto e feche essa boca. Rápido, rápido. Vasilha azul, não se esqueça. Meu melhor chá — disse ela, voltando-se para Nynaeve tão logo a garota desapareceu por uma porta nos fundos. — Eu moro aqui mesmo na loja, sabe, e minha cozinha é ali atrás. — A mulher alisava as saias de modo nervoso, o polegar e o indicador da mão direita formando um círculo. O anel da Grande Serpente. Ao que parecia, não seria necessário inventar uma desculpa para o vestido.

Nynaeve repetiu o sinal e, após um instante, Elayne também o fez.

— Sou Nynaeve, e esta é Elayne. Vimos seu sinal.

A mulher se agitou como se fosse sair voando.

— O sinal? Ah, sim. Claro.

— Então? — indagou Nynaeve. — Qual é a mensagem urgente?

— Não deveríamos falar sobre isso aqui… hã… Senhora Nynaeve. Alguém pode entrar. — Nynaeve duvidava muito. — Conto tudo enquanto tomamos uma bela xícara de chá. Eu já disse que é o melhor que tenho?

Nynaeve e Elayne se entreolharam. Se a Senhora Macura estava tão relutante em dar a notícia, era porque deveria ser algo realmente estarrecedor.

— Se formos lá para trás — sugeriu Elayne —, ninguém vai conseguir nos ouvir.

Seu tom de voz majestoso fez a costureira encará-la. Por um momento, Nynaeve pensou que aquilo sobrepujaria o nervosismo da mulher, mas, no instante seguinte, a tola costureira já voltara a gaguejar.

— O chá vai ficar pronto em um minuto. A água já está quente. Costumávamos receber chá taraboniano aqui na cidade. Por isso é que estou aqui, suponho. Não pelo chá, claro. Por todo o comércio que havia, e por todas as notícias que iam e vinham com os carroções. Elas… vocês são mais interessadas em epidemias de doenças ou em um novo tipo de enfermidade, mas eu mesma acho isso interessante. Eu me interesso um pouco… — Ela tossiu e se apressou a continuar. Se alisasse o vestido com mais força, abriria um buraco na roupa. — Me interesso um pouco pelos Filhos, claro, mas elas… vocês… não estão muito interessadas neles, para falar a verdade.

— Para a cozinha, Senhora Macura — instruiu Nynaeve, com firmeza, assim que a mulher parou para respirar. Se a notícia deixava a costureira tão apavorada, não queria protelar nem mais um minuto

para ouvi-la.

A porta nos fundos se abriu o suficiente para que se entrevisse o rosto ansioso de Luci.

— Está pronto, senhora — anunciou a mulher, ofegante.

— Por aqui, Senhora Nynaeve — indicou a costureira, ainda esfregando a frente do vestido. — Senhora Elayne.

Um pequeno corredor passava por uma escada estreita e levava a uma minúscula cozinha de teto com vigas trançadas, onde uma chaleira fervendo repousava na lareira e havia estantes altas por toda parte. Panelas de cobre estavam penduradas entre a porta dos fundos e uma janela que dava para um quintal com cerca alta de madeira. A mesinha no meio do cômodo continha um bule amarelo brilhante, um jarro verde de mel, três xícaras de cores diferentes, que não combinavam, e uma vasilha de cerâmica azul com a tampa ao lado. A Senhora Macura pegou a vasilha, tampou-a e apressou-se a colocá-la em uma estante onde havia outras duas dúzias de vasilhas de todas as cores e tons.

— Sentem-se, por favor — convidou ela, enchendo as xícaras. — Por favor.

Nynaeve sentou-se ao lado de Elayne, e a costureira dispôs o chá diante delas e girou para pegar colherinhas de estanho em uma das estantes.

— E a mensagem? — indagou Nynaeve, assim que a mulher ocupou a cadeira diante delas.

Como a Senhora Macura estava nervosa demais para tocar na própria xícara, Nynaeve pôs um pouco de mel na dela e tomou um gole. A bebida estava quente, mas deixava na boca um gostinho de frescor mentolado. O chá quente talvez acalmasse os nervos da mulher, isso se alguém conseguisse fazê-la beber.

— Tem um gosto bom — murmurou Elayne, por cima da borda da xícara. — Que chá é este?

Boa menina, pensou Nynaeve.

No entanto, as mãos da costureira só faziam tremer ao lado da xícara.

— Um chá taraboniano. De perto de Costa Sombria.

Com um suspiro, Nynaeve deu mais um gole para acalmar o próprio estômago.

— A mensagem — insistiu. — Você não pendurou aquele sinal para nos convidar para um chá. Qual é a notícia urgente?

— Ah, sim. — A Senhora Macura passou a língua nos lábios, encarou as duas, e falou bem devagar. — Chegou aos meus ouvidos há cerca de um mês, e com a ordem de que qualquer irmã que passasse por aqui a ouvisse a qualquer custo. — Ela lambeu os lábios de novo. — Todas as irmãs são bem-vindas de volta à Torre Branca. A Torre

precisa estar unida e forte.

Nynaeve esperou pelo restante, mas a mulher se calou. *Aquela* era a mensagem urgente? Olhou para Elayne, que parecia afetada pelo calor. Caída na cadeira, encarava as próprias mãos sobre a mesa.

— Isso é tudo? — questionou Nynaeve, surpresa por se pegar bocejando. O calor também devia estar lhe afetando.

A costureira apenas a encarava atentamente.

— Eu perguntei… — começou Nynaeve, mas, de repente, sua cabeça ficou pesada demais para o pescoço. Elayne desmoronara na mesa, percebeu ela, os olhos fechados e os braços inertes. Nynaeve encarou horrorizada a xícara em suas mãos. — O que você deu para nós? — indagou, a fala enrolada. Aquele gosto mentolado permanecia em sua boca, mas a língua parecia inchada. — Diga! — Deixando a xícara cair, se levantou apoiando-se na mesa, os joelhos cambaleando. — Que a Luz a queime, o que era?

A Senhora Macura arrastou a cadeira para trás, saindo do alcance de Nynaeve, mas o nervosismo anterior deu lugar a um olhar calmo e satisfeito.

A escuridão tomou conta de Nynaeve. A última coisa que ouviu foi a voz da costureira:

— Segure ela, Luci!

10

Figos e ratos

Elayne percebeu que estava sendo carregada para o andar de cima pelos ombros e tornozelos. Os olhos se abriram, conseguia enxergar, mas controlava tão pouco o restante do corpo que ele parecia pertencer a outra pessoa. Até piscar era um gesto lento. A sensação era de que seu cérebro estava entupido de plumas.

— Ela está acordada, senhora! — esganiçou-se Luci, quase largando os pés de Elayne. — Está olhando para mim!

— Eu disse para você não se preocupar. — A voz da Senhora Macura veio de cima da cabeça da Filha-herdeira. — Ela não vai conseguir canalizar nem contrair um músculo, não com o chá de raiz-dupla no corpo. Descobri por acaso, mas com certeza veio a calhar.

Era verdade. O corpo de Elayne pesava feito uma boneca sem metade do estofamento, o traseiro batendo a cada degrau, e era tão capaz de canalizar quanto de fugir correndo. Sentia a Fonte Verdadeira, mas tentar agarrá-la era como tentar pegar uma agulha de cima de um espelho, e com os dedos dormentes. O pânico brotou, e uma lágrima escorreu por sua bochecha.

Talvez aquelas mulheres pretendessem entregá-la aos Mantos-brancos para execução, mas não acreditava que os Filhos da Luz tivessem preparado armadilhas na esperança de que uma Aes Sedai passasse por ali. Então sobravam os Amigos das Trevas, e quase com certeza servindo à Ajah Negra paralelamente à Amarela. Era certo que Elayne seria entregue à Ajah Negra, a menos que Nynaeve tivesse escapado. Mas, se quisesse fugir, não podia contar com mais ninguém. E não podia se mexer, nem canalizar. De súbito, percebeu que estava tentando gritar, mas produzindo apenas um choramingo fraco e gorgolejante. Interrompê-lo consumiu toda a força que ainda tinha.

Nynaeve sabia tudo sobre ervas, ou era o que afirmava. Por que não reconhecera aquele chá? *Pare de se lamentar!* A vozinha firme no fundo da mente soou parecidíssima com a de Lini. *Um leitãozinho guinchando debaixo da cerca só atrai a raposa, quando deveria estar tentando fugir*. Desesperada, ela se concentrou na simples tarefa de

abraçar *saidar*. Aquela *já fora* uma tarefa simples, mas, naquele momento, bem poderia estar tentando agarrar *saidin*. Mesmo assim, continuou tentando. Era só o que podia fazer.

A Senhora Macura, pelo menos, não parecia preocupada. Assim que largaram Elayne em uma cama estreita de um quartinho próximo, com apenas uma janela, a mulher ordenou que Luci saísse de novo, sem sequer olhar para trás. A cabeça da Filha-herdeira caíra de tal forma que conseguia ver outra cama estreita e uma cômoda alta com puxadores de latão manchado nas gavetas. Movia os olhos, mas mexer a cabeça estava além de seu alcance.

Poucos minutos depois, as duas voltaram, ofegantes, carregando Nynaeve, e a arremessaram na outra cama. Seu rosto estava frouxo e reluzia de lágrimas, mas os olhos escuros… Estavam tomados de fúria — e também de medo, mas Elayne torceu para que a raiva fosse maior. Quando *conseguia* canalizar, Nynaeve era mais forte que ela, e talvez tivesse êxito em fazer o que ela fracassava repetidamente e de forma retumbante. Aquelas lágrimas só podiam ser de raiva.

A Senhora Macura ordenou que a garota magra não saísse dali e deixou o quanto outra vez, apressada, retornando com uma bandeja que depositou no alto da cômoda. Nela estavam o bule amarelo, uma xícara, um funil e uma grande ampulheta.

— Agora, Luci, lembre-se de dar cerca de duas onças para cada uma assim que a ampulheta esvaziar. Na mesma hora, não se esqueça!

— Por que não damos logo agora, Senhora? — gemeu a garota, torcendo as mãos. — Quero que elas voltem a dormir. Não gosto que fiquem me olhando.

— Elas apagariam como se estivessem mortas, garota, e desse jeito podemos despertá-las o suficiente para fazê-las andar, caso necessário. Vou dar uma dosagem mais adequada quando chegar a hora de enviá-las. Elas vão ter dores de cabeça e cólicas, mas suponho que não seja mais do que merecem.

— Mas e se elas *conseguirem* canalizar, Senhora? E então? Elas estão olhando para mim.

— Pare de falar besteira, garota — ordenou a mais velha, rudemente. — Se pudessem, você não acha que elas já teriam canalizado? As duas estão indefesas feito gatinhos em um saco. E vão continuar assim, desde que você mantenha belas doses do chá dentro delas. Então trate de fazer como eu mandei, ouviu? Preciso ir dizer para o velho Avi enviar um dos pombos dele e providenciar outras coisas, mas volto assim que puder. Melhor preparar mais um bule de raiz-dupla, só para prevenir. Vou sair pelos fundos. Feche a loja. Alguém pode entrar, e isso não seria nada bom.

Depois que a Senhora Macura deixou o cômodo, Luci ficou encarando as duas por um tempo, ainda torcendo as mãos, até

finalmente sair apressada. Os fungados da garota soaram mais distantes a cada degrau.

Elayne via as gotículas de suor se formando na testa de Nynaeve, e torcia para que fossem pelo esforço, não pelo calor. *Tente, Nynaeve*. Ela mesma tentou alcançar a Fonte Verdadeira, mas se atrapalhou em meio aos chumaços de lã que pareciam encher sua cabeça. Fracassou, tentou de novo e voltou a fracassar, tentou de novo… *Ai, Luz, tente, Nynaeve! Tente!*

Seus olhos estavam fixos na ampulheta. Não conseguia enxergar mais nada. A areia caindo, cada grão marcando outra tentativa fracassada. O último grão caiu. E Luci não voltou.

Elayne se esforçou ainda mais para alcançar a Fonte, para se mover. Após alguns instantes, os dedos da mão esquerda se contraíram. *Isso!* Mais alguns minutos, e conseguiu erguer a mão. Apenas uma débil polegada, antes que tornasse a cair, mas conseguira. Com dificuldade, virou a cabeça.

— Lute — murmurou Nynaeve, a voz enrolada, quase ininteligível. As mãos apertavam com força o lençol sob o corpo. Parecia estar tentando se sentar. Não tinha nem erguido a cabeça, mas estava tentando.

— Lutando… — Elayne tentou dizer, mas soou mais como um grunhido.

Lentamente, conseguiu erguer a mão até ser capaz de vê-la, e a manteve ali. Uma fagulha de triunfo percorreu seu corpo. *Continue com medo da gente, Luci. Fique aí embaixo na cozinha um pouco mais, e…*

A porta se escancarou, e soluços frustrados a fizeram estremecer assim que Luci entrou à toda. Estava tão perto. A garota olhou para as duas e, com um uivo de puro terror, lançou-se em direção à cômoda.

Elayne tentou impedi-la, mas, mesmo magra como era, Luci afastou suas mãos trêmulas sem dificuldade e forçou o funil entre seus dentes. Elayne arquejava como se estivesse correndo. O chá frio e amargo encheu sua boca. Ela encarou Luci com um pânico que o rosto dela refletia, mas Luci manteve a boca de Elayne fechada e lhe esfregou a garganta com uma determinação tensa e assustada, até que engolisse. Enquanto era inundada pela escuridão, ouviu o gorgolejar dos parcos protestos de Nynaeve.

Quando seus olhos voltaram a se abrir, Luci já se retirara, e a areia tornara a escorrer na ampulheta. Os olhos escuros de Nynaeve estavam arregalados, mas Elayne não sabia dizer se de medo ou de raiva. Não, sua amiga não desistiria. Era uma das facetas que admirava naquela mulher. A cabeça de Nynaeve podia estar até no cepo que, ainda assim, ela não desistiria. *Nossa cabeça está no cepo!*

Ficou constrangida de ser mais fraca que Nynaeve. Um dia seria

Rainha de Andor, e, naquele instante, queria gritar de medo. Não gritou, nem em pensamento — obstinada, voltou a tentar forçar os membros a se mexerem, a tentar tocar *saidar* —, mas bem que queria. Como poderia vir a ser rainha se era assim tão fraca? Uma vez mais, buscou a Fonte Verdadeira. E de novo. E de novo. Correndo contra os grãos de areia. Outra tentativa.

Mais uma vez, a ampulheta se esvaziou sem que Luci visse. Ainda mais lentamente, Elayne alcançou o ponto em que conseguia levantar a mão. E depois a cabeça! Mesmo que tenha pendido para trás de novo imediatamente. Conseguia ouvir Nynaeve murmurando sozinha, e desta vez entendeu a maior parte das palavras.

A porta voltou a se escancarar. Desesperada, Elayne levantou a cabeça para ver… e ficou boquiaberta. Thom Merrilin estava ali, como um herói das histórias que contava, uma das mãos agarrando com firmeza o pescoço de uma Luci quase desmaiada, a outra empunhando uma faca pronta para ser lançada. Elayne gargalhou, embora tenha soado mais como um sapo coaxando.

Grosseiramente, o homem empurrou Luci para um canto.

— Você fique aí, ou eu enfio essa lâmina no seu couro! — Thom alcançou Elayne com dois passos e alisou os cabelos da garota, a preocupação tingindo seu rosto enrugado. — O que você deu a elas, garota? Me fale, ou…!

— Não foi ela — resmungou Nynaeve. — A outra. Foi embora. Me ajude a levantar. Precisamos ir.

Elayne achou que Thom relutou em se afastar dela. O homem apontou a faca para Luci outra vez em tom de ameaça — a garota se encolheu como se nunca mais pretendesse se mexer —, e fez a arma sumir sob a manga em um piscar de olhos. Puxou Nynaeve para que ficasse de pé e a fez andar de um lado para outro nas poucas passadas que o quarto permitia. A mulher o usava de apoio, trôpega e sem qualquer firmeza.

— Estou contente por saber que não foi este carneirinho assustado que aprisionou vocês — disse ele. — Se tivesse sido ela…

Thom balançou a cabeça. Com certeza o homem as julgaria igualmente fracas caso Nynaeve lhe contasse a verdade. Elayne, certamente, não pretendia contar.

— Dei de cara com ela subindo a escada correndo, tão assustada que nem me ouviu chegar por trás. Só não fico feliz que a outra tenha fugido sem Juilin ver. Vocês acham provável que ela volte com mais gente?

Elayne rolou e mudou de posição.

— Acho que não, Thom. Ela não pode deixar… que muita gente… saiba quem ela é.

Mais um minuto, e talvez conseguisse se sentar. Elayne olhou

diretamente para Luci, que se encolheu e tentou se fundir à parede.

— Os Mantos-brancos… a prenderiam… tão rápido quanto prenderiam a gente.

— Juilin? — indagou Nynaeve. Sua cabeça cambaleou quando ela ergueu os olhos para o menestrel. No entanto, não tinha dificuldades para falar. — Falei para vocês ficarem no carroção.

Irritado, Thom soprou o bigode.

— Você falou para a gente guardar os mantimentos, o que não exigia dois homens. Juilin seguiu vocês e, quando nenhum dos três voltou, fui procurar por ele. — Thom tornou a bufar. — Até onde ele sabia, bem podia ter uma dúzia de homens aqui dentro, mas estava prestes a vir sozinho atrás de vocês. Está amarrando Sorrateiro lá atrás. Que bom que eu decidi vir a cavalo. Acho que vamos precisar do animal para tirar vocês duas daqui.

Elayne descobriu que conseguia se sentar, içando-se para cima ao puxar os lençóis, mas uma tentativa de se pôr de pé quase fez com que voltasse a cair deitada na cama. *Saidar* continuava tão inatingível quanto antes, e sua cabeça ainda parecia feita de pena de ganso. Nynaeve estava um pouco mais ereta e voltara a tentar mover os pés, porém ainda se apoiando em Thom.

Minutos depois, Juilin chegou, empurrando a Senhora Macura à frente com a faca do cinto.

— Ela entrou por um portão na cerca dos fundos. Achou que eu fosse um ladrão. Achei melhor trazer a mulher aqui para dentro.

O rosto da costureira empalideceu de tal forma ao vê-los que seus olhos pareceram até mais escuros, e prestes a saltar da cabeça. A mulher não parava de passar a língua nos lábios e alisar a saia, nervosa olhando de relance para a faca de Juilin, como se ponderasse se não seria melhor tentar fugir de qualquer jeito. Na maior parte do tempo, contudo, encarava Elayne e Nynaeve. Elayne achou que as chances de a costureira se debulhar em lágrimas ou desfalecer eram as mesmas.

— Coloque essa mulher ali — apontou Nynaeve, indicando com a cabeça o canto do quarto onde Luci ainda tremia, abraçando os joelhos. — E ajudem Elayne. Nunca ouvi falar nessa raiz-dupla, mas caminhar parece que ajuda a diminuir os efeitos. Caminhar ajuda a resolver a maioria dos problemas.

Juilin apontou para o canto com a faca, e a Senhora Macura se apressou em obedecê-lo, sentando-se ao lado de Luci, ainda passando a língua nos lábios sem parar, apavorada.

— Eu… não teria feito… o que fiz… só que recebi ordens. Vocês precisam entender. Eu só estava cumprindo ordens.

Com gentileza, Juilin auxiliou Elayne a ficar de pé e lhe deu apoio para que a garota caminhasse no pouco espaço disponível,

ziguezagueando com o outro par. Ela gostaria que fosse Thom. O braço de Juilin em sua cintura era familiar demais.

— Ordens de quem? — grunhiu Nynaeve. — A quem você se reporta, na Torre?

A costureira parecia enjoada, mas se manteve determinada, de boca fechada.

— Se você não falar — ameaçou Nynaeve, franzindo a testa —, vou deixar Juilin tomar conta de você. Ele é um caçador de ladrões taireno e sabe arrancar uma confissão tão rápido quanto qualquer Questionador dos Mantos-brancos. Não é, Juilin?

— Só preciso de uma corda para amarrá-la — disse ele, abrindo um sorriso tão malvado que Elayne quase tentou se afastar —, uns trapos para amordaçá-la até ela resolver falar, um pouco de óleo de cozinha e sal… — Sua risada fez o sangue de Elayne coalhar. — Ela vai falar.

A Senhora Macura se manteve rígida contra a parede, encarando-o com olhos tão esbugalhados quanto possível. Luci olhava para Juilin como se o homem tivesse acabado de se transformar em um Trolloc de oito pés de altura, com direito a chifres e tudo.

— Muito bem — exclamou Nynaeve, depois de um instante. — Na cozinha deve ter tudo o que você precisa, Juilin.

O olhar assustado de Elayne saltou da amiga para o caçador de ladrões, e voltou para sua amiga. Claro que ninguém estava mesmo pretendendo…? Não Nynaeve!

— Narenwin Barda — desembuchou de repente a costureira. As palavras se atropelavam à medida que a mulher as cuspia. — Eu mando as informações para Narenwin Barda, em uma estalagem de Tar Valon chamada A Correnteza. Avi Shendar mantém pombos à minha disposição na saída da cidade. Ele não sabe para quem envio as mensagens e nem de quem recebo, e não se importa. A esposa dele era epilética, e… — Ela se interrompeu, tremendo e olhando para Juilin.

Elayne conhecia Narenwin, ou pelo menos já a vira na Torre. Uma mulherzinha magra e tão quieta que dava até para esquecer sua presença. E gentil, também. Uma vez por semana, deixava as crianças levarem seus animais de estimação para o terreno da Torre para que ela os Curasse. Dificilmente o tipo de mulher que faria parte da Ajah Negra. Por outro lado, um dos nomes da Ajah Negra do qual tinham conhecimento era o de Marillin Gemalphin, que gostava de gatos e fazia de tudo para cuidar de bichanos de rua.

— Narenwin Barda — repetiu Nynaeve, irritada. — Quero mais nomes, dentro ou fora da Torre.

— Eu… não sei mais nenhum — informou a Senhora Macura, com a voz fraca.

— Isso nós vamos ver. Há quanto tempo você é uma Amiga das

Trevas? Há quanto tempo serve à Ajah Negra?

Uma rajada de indignação brotou de Luci.

— Nós não somos Amigas das Trevas! — Ela olhou para a Senhora Macura e se afastou um pouco. — Eu não sou, pelo menos! Eu caminho na Luz! De verdade!

A reação da outra mulher não foi menos enfática. Se antes seus olhos haviam se esbugalhado, agora saltavam.

— A Negra…! Está dizendo que ela realmente existe? Mas a Torre sempre negou… Perguntei a Narenwin o motivo, quando ela me escolheu para ser espiã das Amarelas, e só fui conseguir parar de chorar e me arrastar para fora da cama na manhã seguinte. Eu não sou… não sou!… Amiga das Trevas! *Nunca!* Sirvo à Ajah Amarela! À *Amarela*!

Ainda segurando o braço de Juilin, Elayne trocou olhares intrigados com Nynaeve. Qualquer Amigo das Trevas negaria, claro, mas parecia haver um quê de verdade na voz daquelas mulheres. O rompante das duas após a acusação fora quase que suficiente para sobrepujar o medo. Pela forma como hesitou, Nynaeve ficara com a mesma impressão.

— Se você serve à Amarela — começou, hesitante —, por que nos drogou?

— Por causa dela — retrucou a costureira, apontando a cabeça na direção de Elayne. — Recebi uma descrição dela há um mês. Tinha até o modo como ela empina o queixo e olha as pessoas de cima, às vezes. Narenwin disse que a mulher em questão poderia usar o nome Elayne e até afirmar que pertencia a uma Casa nobre. — A cada palavra, a raiva da mulher por ter sido considerada uma Amiga das Trevas parecia borbulhar mais. — Talvez você seja uma irmã Amarela, mas ela não é Aes Sedai, não passa de uma Aceita fugida. Narenwin falou que eu devia informar sobre a presença dela e de qualquer pessoa que a acompanhasse. E falou para atrasá-la, se possível. Ou até capturá-la. Ela e quem estivesse junto. Como as irmãs esperavam que eu capturasse uma Aceita, já não sei… Acho que nem Narenwin sabe a respeito do meu chá de raiz-dupla! Mas era isso que diziam as ordens que recebi! Disseram que eu deveria até correr o risco de me revelar, se preciso! Justo aqui, onde isso representaria a minha morte! Espere até a Amyrlin colocar as mãos em você, garota! Em todos vocês!

— A Amyrlin! — exclamou Elayne. — O que ela tem a ver com isso?

— Foi ordem dela. Uma ordem do Trono de Amyrlin, dizia a mensagem. Falava que a própria Amyrlin permitia que eu usasse qualquer método, desde que não matasse você. Quando a Amyrlin puser as mãos em você, você vai *preferir* que tivesse morrido! — Seu meneio de cabeça cortante foi cheio de satisfação e fúria.

— Lembre-se de que ainda não estamos nas mãos de ninguém — respondeu Nynaeve, seca. — Você é que está na nossa. — Mas seus olhos pareciam tão chocados quanto Elayne se sentia. — Deram algum motivo?

O lembrete de que a cativa era ela solapou o breve arroubo de raiva da mulher. Apática, ela se inclinou contra Luci, uma evitando que a outra desabasse.

— Não. Às vezes Narenwin informa o motivo, mas não desta vez.

— Você pretendia nos manter aqui, drogadas, até que alguém viesse nos buscar?

— Eu ia mandar vocês para lá de carroça, vestidas com algum trapo velho. — Não restava mais nenhuma nesga de resistência na voz da costureira. — Enviei um pombo para contar a Narenwin que estavam aqui e para informar o que eu estava fazendo. Therin Lugay me deve um grande favor e, se Narenwin não mandasse rápido irmãs para encontrar vocês, eu pretendia dar a ele raiz-dupla suficiente para toda a viagem até Tar Valon. Ele acha que estão doentes e que o chá é a única forma de manter as duas vivas até que uma Aes Sedai possa Curá-las. Uma mulher precisa ter cuidado para lidar com remédios, aqui em Amadícia. Cure demais, ou bem demais, e alguém sussurra "Aes Sedai". Então a próxima coisa que você vai ver é sua casa pegando fogo. Ou pior. Therin sabe ficar de bico calado sobre o que…

Nynaeve fez com que Thom a ajudasse a se aproximar, até que pudesse encurralar a costureira.

— E a mensagem? A verdadeira mensagem? Você não colocou aquele sinal lá fora na esperança de nos atrair para a loja.

— Eu já disse qual era a verdadeira mensagem — informou a mulher, parecendo cansada. — Não achei que fosse causar problema algum. Não entendo o recado, e eu… por favor… — De repente, ela começou a soluçar, agarrando-se tão forte a Luci quanto a mulher mais jovem se agarrava a ela, ambas se lamuriando e gaguejando. — Por favor, não deixe este homem usar o sal em mim! Por favor! O sal, não! Ai, por favor!

— Amarre as duas — ordenou Nynaeve, irritada, após alguns instantes —, e vamos lá para baixo, onde podemos conversar.

Thom a ajudou a se sentar na beirada da cama mais próxima, então cortou rapidamente algumas tiras do outro lençol.

Pouco tempo depois, as duas estavam amarradas, de costas uma para a outra, as mãos de uma presas aos pés da outra, com chumaços do lençol servindo como mordaça. Ambas ainda choravam quando Thom ajudou Nynaeve a sair do quarto.

Elayne queria conseguir andar tão bem quanto Nynaeve, mas ainda precisava do apoio de Juilin para não rolar escada abaixo. Sentiu uma pequena pontada de ciúme ao ver Thom com o braço em

torno de Nynaeve. *Você é uma garotinha tola*, disse a voz de Lini, com nitidez. *Já sou mulher feita*, retrucou, com uma firmeza que nunca teria ousado usar com a velha babá, mesmo no tempo atual. *Eu amo* mesmo *Rand, mas ele está longe, e Thom é sofisticado, inteligente e…* Aquilo soava demais como desculpas, até mesmo para ela. Lini teria bufado daquele jeito que significava que não ia mais aturar tolices.

— Juilin — chamou Elayne, hesitante —, o que você ia fazer com o sal e o óleo de cozinha? Não precisa ser específico… — acrescentou, mais do que depressa. — Só quero uma ideia geral.

O homem a encarou por alguns instantes.

— Não sei. Mas elas também não sabiam. O truque é esse. A mente delas imaginou coisas piores do que eu seria capaz de pensar. Já vi um homem forte se render quando mandei buscar um cesto de figos e alguns ratos. Só que é preciso ter cuidado. Alguns confessam qualquer coisa, verdadeira ou falsa, só para escapar do que imaginaram. Mas acho que não foi o caso destas duas.

Elayne também achava que não. Mesmo assim, não conteve um arrepio. *O que alguém faria com figos e ratos?* Torceu para esquecer aquilo antes que a ideia pudesse lhe causar pesadelos.

Quando chegaram à cozinha, Nynaeve já cambaleava sem ajuda enquanto bisbilhotava a estante cheia de vasilhas coloridas. Elayne precisou se sentar. A vasilha azul repousava na mesa, além de um bule verde cheio, mas tentou não olhar para nenhum dos dois objetos. Ainda não conseguia canalizar. Podia agarrar *saidar*, mas a Fonte logo lhe escapava. Ao menos já estava confiante de que o Poder voltaria. A outra alternativa era horrível demais para ser contemplada, e não se permitira aquilo até então.

— Thom — disse Nynaeve, levantando a tampa de vários recipientes e xeretando. — Juilin. — Ela pausou, respirou fundo e, ainda sem olhar para os dois, continuou: — Obrigada. Estou começando a entender por que as Aes Sedai têm Guardiões. Muito obrigada.

Nem todas as Aes Sedai. As Vermelhas consideravam todos os homens maculados por conta dos atos daqueles que conseguiam canalizar, e algumas não se davam esse trabalho porque não saíam da Torre, enquanto outras simplesmente não substituíam um Guardião que morrera. A Verde era a única Ajah que permitia elos com mais de um Guardião. Elayne queria ser uma Verde. Não por esse motivo, claro, mas porque as Verdes se autodenominavam a Ajah da Batalha. Enquanto as Marrons procuravam conhecimentos perdidos e as Azuis se envolviam em causas, as Verdes tratavam de se preparar para a Última Batalha, quando tomariam a frente, como tinham feito nas Guerras dos Trollocs, para enfrentar os novos Senhores do Medo.

Os homens se entreolharam em total incredulidade. Decerto

haviam se preparado para a habitual língua afiada de Nynaeve. Elayne estava quase tão chocada quanto eles. A mulher gostava de receber ajuda tanto quanto gostava de estar errada. As duas coisas a deixavam espinhosa feito uma roseira, embora, claro, ela sempre afirmasse ser a imagem do bom senso e da razoabilidade.

— Uma Sabedoria. — Nynaeve pegou uma pitada de pó de uma das vasilhas, cheirou e provou com a ponta da língua. — Ou seja lá como chamam aqui.

— Eles não têm um nome para isso aqui — informou Thom. — Não são muitas as mulheres em Amadícia que praticam seu velho ofício. É perigoso demais. Para a maior parte delas, trata-se apenas de uma atividade paralela.

Nynaeve pegou uma bolsinha de couro na parte de baixo da estante e começou a fazer trouxinhas de alguns recipientes.

— E quem eles procuram quando estão doentes? Um herborista?

— Isso — afirmou Elayne. Sempre ficava contente de mostrar a Thom que também conhecia o mundo. — Em Amadícia, são os homens que estudam as ervas.

Nynaeve franziu a testa com desdém.

— O que um homem pode saber sobre Curar alguma coisa? Seria o mesmo que pedir a um ferrador para fazer um vestido.

De repente, Elayne percebeu que estivera pensando em tudo, menos no que a Senhora Macura dissera. *Não pensar em um espinho não vai fazer com que ele machuque menos o seu pé.* Um dos ditados favoritos de Lini.

— Nynaeve, o que você acha que aquela mensagem significa? "Todas as irmãs são bem-vindas de volta à Torre Branca"? Não faz sentido. — Não era sobre isso que queria falar, mas pelo menos estava chegando perto do assunto.

— A Torre tem as próprias regras — disse Thom. — As Aes Sedai agem segundo as próprias razões, que em geral não são as que dão. Isso quando dão alguma razão.

Claro que ele e Juilin sabiam que elas eram apenas Aceitas. Isso era ao menos parte do motivo de nenhum dos dois obedecê-las tão prontamente quanto poderiam.

O desgosto no rosto de Nynaeve era nítido. Ela detestava ser interrompida ou que qualquer pessoa se manifestasse em seu lugar. A lista de coisas que a incomodavam era bem grande. Mas fazia poucos instantes que agradecera a Thom. Não podia dar bronca em um homem que acabara de salvá-la de ser carregada feito um repolho.

— Na maior parte do tempo, muito pouca coisa na Torre faz sentido — opinou, com amargura. Elayne suspeitou que o tom fosse tanto por causa de Thom quanto por causa da Torre.

— Você acredita no que ela disse? — Elayne respirou fundo. —

Sobre a Amyrlin dizer que eu deveria ser levada de volta a qualquer custo?

O breve olhar que Nynaeve lhe lançou tinha um toque de simpatia.

— Não sei, Elayne.

— Ela estava falando a verdade. — Juilin girou uma das cadeiras ao contrário e se sentou de pernas abertas, o bastão apoiado no encosto. — Já interroguei bandidos e assassinos suficientes para saber quando estou ouvindo a verdade. Parte do tempo, ela estava apavorada demais para mentir, e, no restante, com raiva demais.

— Vocês dois… — Nynaeve respirou fundo, jogou a bolsinha na mesa e cruzou os braços como se quisesse prender as mãos bem longe da trança. — Receio que Juilin esteja certo, Elayne.

— Mas a Amyrlin sabe o que estamos fazendo. Para começo de conversa, foi ela quem nos mandou deixar a Torre.

Nynaeve bufou audivelmente.

— Acredito em qualquer coisa vinda de Siuan Sanche. Queria passar uma hora com ela em um lugar onde não desse para canalizar. Aí veríamos se ela é mesmo durona.

Elayne não achava que aquilo fosse fazer diferença. Recordando-se daqueles imponentes olhos azuis, suspeitou que Nynaeve acabaria ganhando uma bela cota de machucados, na hipótese remota de que seu desejo fosse atendido.

— E o que vamos fazer a respeito? As Ajahs têm espiãs por toda parte, ao que parece. Até a própria Amyrlin. Poderíamos nos deparar com mulheres tentando enfiar coisas na nossa comida por todo o caminho até Tar Valon.

— Não se nosso visual não for o que elas esperam. — Nynaeve tirou um jarro amarelo da prateleira e o colocou na mesa ao lado do bule de chá. — Isto aqui é pimenta-de-galinha branca. Serve para aliviar dor de dente, mas também para deixar o cabelo negro feito a noite.

Elayne tocou seus fios dourado-avermelhados. O cabelo *dela*, não o de Nynaeve, podia apostar! Mas, por mais que odiasse a ideia, admitia que era boa.

— Um toque de agulha e linha na parte da frente de alguns destes vestidos e já não somos mais mercadoras, e sim duas damas viajando com seus serviçais.

— Viajando em um carroção carregado de tinturas? — indagou Juilin.

O olhar entediado de Nynaeve indicou que a gratidão por ter sido salva já estava esgotada.

— Tem uma carruagem no pátio de um estábulo, no outro lado da ponte. Acho que o proprietário aceitaria vender. Voltem para o

carroção antes que alguém o roube. Não sei o que vocês têm na cabeça para deixar tudo à mercê de quem estiver passando! Se as coisas ainda estiverem no lugar, vocês podem pegar uma das bolsas…

Algumas pessoas olharam com espanto quando a carruagem de Noy Torvald, puxada por quatro animais, estacionou na frente da loja de Ronde Macura, com baús amarrados ao teto e um cavalo encilhado preso à parte traseira. Noy perdera tudo o que tinha quando o comércio com Tarabon entrou em colapso. Passara a se virar fazendo bicos estranhos para a viúva Teran. Ninguém na cidade jamais vira aquele cocheiro antes, um camarada alto e enrugado, com um bigode comprido e olhos frios e imperiosos, nem o lacaio negro e sério que trajava um chapéu taraboniano e que saltou com agilidade do veículo para abrir a porta. Os olhares de espanto se transformaram em murmúrios quando duas mulheres saíram da loja com pacotes nos braços. Uma delas usava um vestido de seda verde, e a outra, um de lã azul, mas ambas tinham um cachecol enrolado na cabeça, de forma a revelar não mais que um pouquinho dos cabelos. As duas praticamente saltaram para dentro da carruagem.

Dois dos Filhos da Luz começaram a se aproximar de forma despretensiosa para descobrir quem eram aqueles estranhos, mas, enquanto o lacaio ainda fazia a escalada até o assento do condutor, o cocheiro estalou o longo chicote e gritou para que abrissem caminho para alguma lady cujo nome se perdeu quando os próprios Filhos se lançaram para fora do caminho, tropeçando na rua poeirenta, e a carruagem galopou em direção à Estrada Amador.

Os curiosos se dispersaram, fofocando entre si. Uma lady misteriosa, obviamente, acompanhada de sua criada, fazendo compras com Ronde Macura e partindo a toda, deixando os Filhos para trás. Pouca coisa acontecia em Mardecin naqueles tempos, e aquilo seria pauta para dias e dias de conversas. Os Filhos da Luz espanaram a poeira com raiva, mas por fim decidiram que reportar o incidente os faria passar por tolos. Além disso, o Capitão não gostava de nobres e provavelmente os mandaria ir atrás da carruagem, uma longa cavalgada no calor por conta de uma jovem arrogante de uma Casa qualquer. Se nenhuma acusação pudesse ser feita, algo sempre complicado em se tratando da nobreza, não seria o Capitão quem levaria a culpa. Na esperança de que as notícias sobre aquela humilhação não se espalhassem, os homens certamente jamais consideraram a possibilidade de interrogar Ronde Macura.

Pouco tempo depois, Therin Lugay conduziu sua carroça até o quintal atrás da loja, as provisões para a longa jornada à frente já embaladas sob a cobertura arredondada de tela. Era verdade que Ronde Macura o Curara de uma febre que matara vinte e três pessoas

no inverno anterior, mas eram sua esposa chata e a sogra megera que o deixavam contente pela longa jornada até onde viviam as bruxas. Ronde dissera que alguém deveria ir encontrá-lo, só não dissera quem, mas ele esperava ir até Tar Valon.

Bateu seis vezes à porta da cozinha antes de entrar, mas foi só quando subiu a escada que encontrou alguém. No quarto dos fundos, Ronde e Luci estavam estiradas nas camas, completamente vestidas, mas com roupas amarrotadas, dormindo um sono profundo enquanto o sol ainda estava no céu. Nenhuma das duas despertou quando Therin as sacudiu. Ele não compreendeu a situação, nem por que um dos lençóis estava largado no chão, todo cortado em tiras, ou por que havia dois bules de chá vazios no quarto, mas apenas uma xícara, ou por que um funil repousava no travesseiro de Ronde. Mas o homem sempre soubera que o mundo era repleto de coisas que não compreendia. No caminho de volta para a carroça, pensou nas provisões que o dinheiro de Ronde comprara, pensou em sua mulher e na mãe dela, e, quando partiu com os cavalos, sua intenção era ir conhecer Altara, ou talvez Murandy.

Bastante tempo se passou até que uma Ronde Macura desgrenhada conseguisse cambalear até a casa de Avi Shendar para enviar um pombo com um fino tubinho amarrado à pata. O pássaro se lançou rumo ao nordeste, reto feito uma flecha, em direção a Tar Valon. Após refletir por um momento, Ronde preparou outra cópia em outro pedaço do fino pergaminho e amarrou-a a uma ave de outra gaiola. Esta partiu para o oeste, já que havia prometido enviar segundas vias de todas as mensagens. Naqueles tempos difíceis, uma mulher tinha que se virar da melhor forma possível, e não havia nenhum mal naquilo, não no tipo de relato que fazia para Narenwin. Ainda se perguntando se algum dia conseguiria tirar o gosto de raiz-dupla da boca, refletiu que não se importaria caso a mensagem causasse algum prejuízo àquela tal de Nynaeve.

Capinando seu jardim como habitualmente fazia, Avi não prestou atenção nos atos de Ronde. E, como sempre, lavou as mãos e entrou assim que a mulher partiu. Ela colocara um maço de folhas sob o pergaminho para amortecer a ponta da caneta. Ao erguê-lo contra a luz vespertina, ele conseguiu decifrar o que a mulher escrevera. Logo um terceiro pombo batia as asas, partindo em uma terceira direção.

11

O engate de nove cavalos

Um largo chapéu de palha protegia o rosto de Siuan do sol de fim de tarde enquanto ela permitia que Logain abrisse caminho pelo Portão Shilene de Lugard. As muralhas externas da cidade, altas e cinzentas, estavam precisando de reparos. Em dois pontos que conseguia divisar, desabamentos haviam reduzido a muralha a não mais que uma cerca alta. Min e Leane cavalgavam logo atrás, ambas cansadas do ritmo que o homem havia imposto nas últimas semanas, desde Fontes de Kore. Ele queria estar no comando, e não fora preciso muito para convencê-lo de que estava. Se Logain dizia a hora em que partiriam pela manhã, quando e onde parariam à noite, se guardava o dinheiro, e até se esperava que as mulheres não só servissem suas refeições, como as preparassem, para ela pouco importava. Na verdade, sentia pena do homem. Logain não tinha ideia do que Siuan planejava para ele. *Um peixe grande no anzol para pegar um maior ainda*, pensava ela, sombriamente.

No papel, Lugard era a capital de Murandy, o trono do Rei Roedran, mas os lordes murandianos juravam lealdade e depois se recusavam a pagar os impostos ou a fazer qualquer outra coisa que Roedran quisesse, e o povo agia da mesma forma. Murandy era uma nação só no papel, um povo que se mantinha unido por pouco: por uma suposta fidelidade ao rei ou à rainha — o trono mudava de mãos com bastante regularidade — e pelo medo de que Andor ou Illian pudessem reclamá-los, caso não mantivessem algum tipo de laço.

Muralhas de pedra entrecortavam a cidade, a maior parte em estado pior do que os bastiões exteriores, uma vez que Lugard crescera de modo desordenado ao longo dos séculos e fora dividida mais de uma vez entre nobres em conflito. Era uma cidade suja, com muitas das ruas largas sem pavimento e todas com bastante poeira. Homens de chapéus de copa alta e mulheres com aventais e saias que revelavam o tornozelo esquivavam-se entre os pesados comboios dos mercadores, enquanto crianças brincavam nos sulcos abertos pelos carroções. Era o comércio que mantinha Lugard viva: o povo fazia negócios com Illian e Ebou Dar, e o comércio se estendia de Ghealdan,

a oeste, até Andor, ao norte. Grandes terrenos vazios ao longo da cidade abrigavam carroções estacionados lado a lado, muitos bastante carregados e protegidos por telas, outros vazios, aguardando fretes. Nas ruas principais havia estalagens a se perder de vista, assim como estábulos e áreas para cavalos, que, somados, superavam o número de lojas e casas de pedra cinzas, todas cobertas com telhas azuis, vermelhas, púrpuras ou verdes. A poeira e o barulho tomavam conta do ar, com o tinido dos ferreiros, o ruído dos carroções e os impropérios de seus condutores, as gargalhadas escandalosas que saíam das estalagens. O sol assava Lugard à medida que deslizava para o horizonte, e o ar despertava uma sensação de que talvez nunca mais fosse voltar a chover.

Quando Logain finalmente entrou em um estábulo e apeou atrás de uma estalagem de telhado verde chamada O Engate de Nove Cavalos, Siuan desceu de Bela e deu um tapinha hesitante no focinho da égua desgrenhada, com medo dos dentes. Em sua opinião, sentar no dorso de um animal não era forma de se viajar. Embarcações seguiam conforme o manejo do leme, mas um cavalo poderia decidir agir por conta própria. E barcos nunca mordiam. Bela ainda não tinha feito isso, mas poderia. Ao menos aqueles terríveis primeiros dias de rigidez já haviam passado, quando teve certeza de que Leane e Min estavam rindo pelas suas costas enquanto ela mancava pelo acampamento, à noite. Após um dia inteiro na sela, Siuan ainda sentia como se tivesse sido espancada violentamente, mas conseguia disfarçar.

Assim que Logain começou a barganhar com o dono do estábulo, um velhote magrelo e sardento trajando um colete de couro, mas sem camisa, Siuan se aproximou de Leane.

— Se quer praticar seus truques — disse ela calmamente —, pratique com Dalyn nesta próxima hora.

Leane lhe lançou um olhar dúbio — ensaiara sorrisos e olhadelas em algumas das aldeias desde Fontes de Kore, mas Logain não recebera mais que olhares entediados —, depois suspirou e assentiu. Respirando fundo, a mulher avançou daquele incrível jeito sinuoso, já sorrindo para Logain enquanto conduzia sua égua cinza de pescoço arqueado. Siuan não entendia como Leane fazia aquilo. Era como se alguns dos ossos dela deixassem de ser rígidos.

Movendo-se na direção de Min, Siuan falou com a mesma calma:

— Assim que Dalyn tiver terminado com o dono do estábulo, diga a ele que você vai me encontrar lá dentro. Então vá rápido na frente e fique longe dele e de Amaena até eu voltar. — Pelo barulho que ecoava da estalagem, a multidão lá dentro era grande o bastante para esconder um exército. Com certeza era grande o bastante para disfarçar a ausência de uma mulher. Min tinha aquela expressão de

mula empacada nos olhos e abriu a boca, sem dúvida para perguntar por quê. Siuan se antecipou.

— Obedeça, Serenla. Ou vai passar a limpar as botas dele, além de entregar o prato de comida. — O olhar teimoso permaneceu, mas Min, emburrada, anuiu.

Siuan passou as rédeas de Bela para a mão da outra mulher, saiu correndo do estábulo e começou a descer a rua no que esperava que fosse a direção certa. Não queria ter de procurar na cidade inteira, não naquele calor e naquela poeira.

Pesados carroções puxados por parelhas com seis, oito ou até dez animais preenchiam as ruas, os condutores estalando longos chicotes e xingando tanto os cavalos quanto os transeuntes que zanzavam em meio aos vagões. Homens em trajes grosseiros e casacos de condutores de carroção se misturavam à multidão, por vezes lançando convites engraçadinhos para as mulheres por quem passavam. As mulheres, usando aventais coloridos, alguns listrados, e com a cabeça enrolada em lenços claros, caminhavam com os olhos fixos à frente, como se nada escutassem. As sem avental, com os cabelos soltos na altura dos ombros e saias que terminavam a um pé ou mais do chão, com frequência gritavam respostas ainda mais grosseiras.

Siuan levou um susto ao perceber que alguns dos homens estavam fazendo propostas a ela. Isso não a deixou com raiva — era difícil pensar que realmente fosse o alvo daquelas palavras —, apenas surpresa. Ainda não estava acostumada às transformações por que passara. Aqueles homens podiam achá-la atraente… Seu reflexo na janela imunda da loja de um alfaiate chamou sua atenção. Não era muito mais do que a imagem turva de uma garota de pele clara usando chapéu de palha. Ela era jovem. Não só *parecia* jovem, pelo que podia notar, mas realmente *era*. Pouco mais velha que Min. Do ponto de vista dos anos que de fato tinha vivido, considerava ter a aparência de uma garota.

Uma vantagem de ter sido estancada, disse para si mesma. Conhecera mulheres que pagariam qualquer quantia para rejuvenecer quinze ou vinte anos. Algumas talvez considerassem o preço que Siuan pagara uma barganha justa. Não era raro que se pegasse listando essas vantagens, talvez tentando se convencer de que existiam. Libertada dos Três Juramentos, ao menos podia mentir quanto fosse preciso. E nem o próprio pai a teria reconhecido. Ela não tinha a mesma aparência de quando era jovem. As mudanças que a maturidade promovera ainda estavam lá, mas suavizadas em forma de juventude. Sendo friamente objetiva, Siuan achava que estava mais bonita agora do que quando garota. E “bonita” era o melhor elogio que já recebera. O mais habitual fora “simpática”. Não conseguia pensar naquele rosto como seu, como Siuan Sanche. Só era a mesma por dentro. A mente

ainda guardava todo o seu conhecimento. Ali, no pensamento, ainda era a mesma pessoa.

Algumas das estalagens e tavernas de Lugard tinham nomes como O Martelo do Ferrador, ou O Urso Dançante, ou O Porco Prateado, geralmente combinando com espalhafatosas placas pintadas. Outras ostentavam nomes que não deveriam ser permitidos, o mais comportado deles sendo O Beijo da Domanesa, com a pintura de uma mulher de pele cor de cobre — nua até a cintura! — fazendo beicinho. Siuan se perguntou o que Leane acharia daquilo, mas, do jeito que a antiga Curadora vinha se comportando, talvez servisse apenas para lhe dar certas ideias.

Por fim, em uma rua transversal tão larga quanto a principal, pouco além de uma abertura sem portão em uma das muralhas internas que estava prestes a desabar, ela encontrou a estalagem que procurava, uma casa de três andares de pedra cinza rugosa encimados por telhas roxas. A placa acima da porta exibia uma mulher exageradamente voluptuosa coberta o mínimo possível pelos próprios cabelos, montando um cavalo em pelo. O nome, Siuan fez questão de esquecer assim que leu.

Dentro, o salão estava azulado de tanta fumaça de cachimbo, repleto de homens barulhentos que bebiam e gargalhavam enquanto tentavam beliscar as atendentes que os serviam e que, com sorrisos pacientes, se esquivavam como podiam. Quase imperceptíveis em meio ao burburinho, uma cítara e uma flauta acompanhavam uma jovem que cantava e dançava em cima de uma mesa, na extremidade do cômodo comprido. De vez em quando, a cantora rodopiava as saias tão alto que revelava quase completamente as pernas. O que Siuan entendeu da canção lhe deu vontade de lavar a boca da garota. Por que uma mulher sairia por aí sem roupa? Por que uma mulher cantaria a respeito daquilo para um bando de brutamontes bêbados? Era o tipo de lugar que nunca frequentara. Sua intenção era que a visita fosse o mais breve possível.

Não havia como se enganar quanto à dona da estalagem, uma mulher alta e corpulenta usando um vestido de seda vermelha que praticamente reluzia. Elaborados cachos tingidos — a natureza nunca produzira aquele tom de ruivo, certamente não combinado com olhos tão escuros — emolduravam um queixo protuberante e uma boca carrancuda. Entre uma e outra ordem berrada para as atendentes, ela parava nesta ou naquela mesa para trocar algumas palavras, dar um tapinha nas costas de alguém ou se divertir com seus clientes.

Siuan se manteve inflexível e tentou ignorar os olhares de interesse que os homens lhe lançavam à medida que se aproximava da mulher de cabelos carmesim.

— Senhora Tharne? — Precisou chamar três vezes, cada vez mais

alto, antes que a dona da estalagem lhe devolvesse o olhar. — Senhora Tharne, quero trabalhar como cantora. Eu sei cantar…

— Será que sabe mesmo? — A mulher grandalhona riu. — Bom, eu já tenho uma cantora, mas posso ter outra para descansar a primeira. Me deixe dar uma olhada nas suas pernas.

— Eu sei cantar "A Canção dos Três Peixes" — disse Siuan, erguendo a voz. Tinha de ser aquela mulher. Não era possível que duas mulheres na mesma cidade tivessem aquele cabelo, e muito menos o mesmo nome, na mesma estalagem.

A Senhora Tharne gargalhou ainda mais e bateu no ombro de um dos homens à mesa mais próxima, quase derrubando-o do banco.

— Pouca gente pede essa por aqui, não é, Pel? — O sujeito dentuço, com seu chicote de condutor de carroção jogado sobre o ombro, gargalhou junto com a mulher.

— Também sei cantar "O Raiar do Céu Azul".

A mulher balançou a cabeça e esfregou os olhos como se tivesse rido até chorar.

— Sabe, é? Ah, tenho certeza de que os rapazes vão adorar essa. Agora me mostre suas pernas. As pernas, garota, ou vá embora daqui!

Siuan hesitou, mas a Senhora Tharne só fez encará-la. E um número cada vez maior de homens também estava olhando. Aquela *só podia* ser a mulher certa. Devagar, Siuan puxou a saia até a altura do joelho. A dona da estalagem gesticulou com impaciência. Fechando os olhos, Siuan acumulou nas mãos cada vez mais pano das saias. Sentiu que o rosto não parava de enrubescer.

— Uma recatada — gargalhou a Senhora Tharne. — Bem, se essas canções são tudo o que você sabe, é melhor ter pernas que façam um homem cair de cara no chão. Não dá para saber até a gente fazer a moça tirar todas estas meias de lã, não é, Pel? Bem, venha comigo. Talvez você até tenha uma boa voz, mas não vou conseguir ouvir aqui. Vamos, garota! Mexa esse traseiro!

Siuan abriu os olhos em fogo, mas a grandalhona já caminhava a passos largos em direção aos fundos do salão. Rígida feito um vergalhão, Siuan deixou as saias caírem e a acompanhou, tentando ignorar as risadas e propostas indecentes. Seu rosto estava duro feito pedra, mas, por dentro, preocupação e raiva travavam uma guerra.

Antes de ser elevada ao Trono de Amyrlin, administrara a rede de espiões da Ajah Azul. Alguns também haviam sido seus aliados particulares, tanto naquela época quanto depois. Podia até não ser mais a Amyrlin, ou mesmo uma Aes Sedai, mas ainda conhecia todos aqueles agentes. Duranda Tharne já servia à Azul quando Siuan assumira a rede, uma mulher cujas informações eram sempre oportunas. Não se encontrava espiões em qualquer lugar, e sua confiabilidade variava — entre Tar Valon e aquele local, só havia uma

espiã em quem Siuan confiava o bastante para procurar. A mulher ficava em Quatro Reis, em Andor, mas havia desaparecido. No entanto, uma vasta quantidade de notícias e boatos passavam por Lugard através dos comboios de carroções dos mercadores. Talvez houvesse espiões de outras Ajahs ali. Era bom ter isso em mente. *A cautela conduz o barco de volta para casa*, lembrou a si mesma.

Aquela mulher se encaixava perfeitamente na descrição de Duranda Tharne, e era certo que nenhuma outra estalagem poderia ter um nome tão vil, mas por que ela respondera daquele jeito quando Siuan se identificou como agente das Azuis? Tinha de arriscar. Min e Leane, à maneira delas, estavam ficando tão impacientes quanto Logain. A cautela conduzia o barco de volta para casa, mas às vezes a ousadia trazia de volta a frota inteira. Na pior das hipóteses, podia acertar a cabeça da mulher com alguma coisa e fugir pelos fundos. Analisando a largura e a altura da Senhora Tharne, além da força de seus braços robustos, só podia torcer para que desse certo.

Uma porta discreta no corredor que levava às cozinhas se abria para uma sala com mobília esparsa, com uma escrivaninha e uma cadeira em uma tira de carpete azul, um grande espelho na parede e, surpreendentemente, uma estante baixa com alguns livros. Assim que a porta se fechou atrás delas, diminuindo, se não cessando por completo o barulho do salão, a grandalhona se voltou para Siuan com os punhos plantados nos quadris largos.

— E então. O que você quer comigo? Nem se preocupe em me dizer um nome. Eu não quero saber, pouco me importa se o nome é real ou não.

Um pouco da tensão de Siuan se dissipou. Mas não a raiva.

— Você não tinha o direito de me tratar daquele jeito lá fora! Qual era sua intenção ao me obrigar a…?

— Eu tinha todo o direito — irrompeu a Senhora Tharne — e toda a necessidade. Se você tivesse vindo no começo ou no fim do expediente, como deveria, eu poderia ter colocado você para dentro de uma vez. Não acha que alguns daqueles homens estranhariam se eu trouxesse você para cá feito uma amiga que eu não via há muito tempo? Não posso me dar ao luxo de ter gente imaginando coisas a meu respeito. Sorte sua eu não ter obrigado você a tomar o lugar de Susu na mesa para cantar uma ou duas músicas. E veja lá como fala comigo. — Ela levantou a mão larga e pesada de forma ameaçadora. — Já casei filhas mais velhas que você e, quando vou visitá-las, elas se comportam direitinho e falam como devem. Se tentar dar uma de espertinha para cima de mim, vai entender por quê. Não vão nem ouvir você uivar e, mesmo que ouvissem, não iam se intrometer. — Com um meneio cortante de cabeça, como se tivesse esclarecido bem as coisas, ela voltou a plantar os punhos nos quadris. — Então, o que

você quer?

Siuan tentara falar várias vezes durante o rompante, mas a mulher passara por cima dela feito um maremoto. Não estava acostumada com aquilo. Quando a Senhora Tharne terminou, a antiga Azul estava tremendo de raiva, as mãos segurando as saias com os nós dos dedos já brancos de tanto apertar, em busca de algum autocontrole. Fez o mesmo esforço para conter seu temperamento. *Meu papel é ser apenas outra agente*, lembrou-se com firmeza. *Não sou mais a Amyrlin, apenas outra agente*. Além disso, suspeitou que a mulher pudesse levar a ameaça a cabo. Isso também ainda era novidade para ela, ter de se preocupar com alguém só por esse alguém ser maior e mais forte.

— Recebi a missão de entregar uma mensagem a um grupo daquelas a quem servimos. — Esperava que a Senhora Tharne interpretasse a tensão em sua voz como temor. A mulher poderia ser mais útil se achasse que ela estava devidamente intimidada. — Elas não estavam onde me disseram que eu as encontraria. Só me resta torcer para que você saiba algo que possa me ajudar a encontrá-las.

Cruzando os braços sob o enorme busto, a Senhora Tharne a examinou.

— Você sabe controlar o gênio quando lhe convém, hein? Bom. O que aconteceu na Torre? E não tente negar que você veio de lá, minha boa e arrogante mocinha. Sua mensagem tem todo o jeito da corte, e não foi em uma aldeia que você aprendeu a ser tão orgulhosa.

Siuan respirou bem fundo antes de responder.

— Siuan Sanche foi estancada. — Sua voz não tremeu, o que a deixou orgulhosa. — Elaida a'Roihan é a nova Amyrlin. — Não conseguiu esconder uma ponta de incômodo nessa parte.

O rosto da Senhora Tharne não exibiu reação alguma.

— Bem, isso explica algumas das ordens que recebi. Algumas, talvez. Estancaram Siuan, foi? Eu pensava que ela fosse ser a Amyrlin para sempre. Eu a vi uma vez, alguns anos atrás, em Caemlyn. De longe. Parecia capaz de mascar couro no café da manhã. — Os cachos escarlates impossíveis balançaram quando ela sacudiu a cabeça. — Bem, o que está feito, está feito. As Ajahs se dividiram, não foi? É a única possibilidade. As minhas ordens, e a velha abutre estancada. A Torre está dividida, e as Azuis estão fugindo.

Siuan rangeu os dentes. Tentou convencer a si mesma de que a mulher era leal à Ajah Azul, e a ela, pessoalmente, mas isso não ajudou. *Velha abutre? Ela é que tem idade suficiente para ser minha mãe. E, se fosse, eu me mataria afogada.* Ela se esforçou para suavizar a voz.

— Minha mensagem é importante. Preciso seguir caminho o mais rápido possível. Você pode me ajudar?

— Importante, é? Olha, eu duvido. O problema é que eu posso

dizer uma coisa, mas cabe a você decifrar. Quer? — A mulher se recusava a facilitar as coisas.

— Quero, por favor.

— Sallie Daera. Não sei quem ela é ou era, mas me disseram para dar o nome dela a qualquer Azul que chegasse aqui parecendo perdida, digamos assim. Talvez você não seja uma das irmãs, mas anda com o nariz suficientemente empinado para ser uma delas, então aí está: Sallie Daera. Faça o que quiser com essa informação.

Siuan suprimiu um arroubo de felicidade e fez uma expressão propositalmente desanimada.

— Também nunca ouvi falar dela. Vou ter que continuar procurando.

— Se encontrar, diga a Aeldene Sedai que ainda sou leal, seja lá o que tiver acontecido. Já trabalho para as Azuis há tanto tempo que nem saberia o que fazer, se parasse.

— Vou dizer — afirmou Siuan. Não sabia que Aeldene a substituíra no controle dos espiões das Azuis. A Amyrlin, qualquer que fosse sua Ajah de origem, era de todas e não fazia parte de nenhuma. — Suponho que você precise de algum motivo para não me contratar. Eu não canto nada. Isso deve bastar.

— Como se isso importasse para aquele pessoal lá fora. — A grandalhona arqueou as sobrancelhas e sorriu de um jeito que Siuan não gostou. — Vou pensar em algo, mocinha. E vou lhe dar um pequeno conselho: se não descer um ou dois degraus, algumas Aes Sedai a farão rolar escada abaixo. Estou surpresa por ainda não terem feito isso. Agora vá. Saia daqui.

Mulher detestável, grunhiu Siuan, em pensamento. *Se pudesse, eu a colocaria para pagar penitências até os olhos saltarem do rosto.* A mulher ainda achava que merecia mais respeito?

— Obrigada pela ajuda — agradeceu friamente, fazendo uma reverência boa o bastante para qualquer corte. — Você foi muito amável.

Siuan já avançara três passos no salão quando a Senhora Tharne apareceu atrás, subindo o tom de voz em um grito risonho que irrompeu em meio ao barulho.

— Moça tímida! Pernas brancas e magras o bastante para deixar todos vocês babando, e reclamou feito um bebê quando eu disse que teria que mostrar as coxas! Sentou no chão e começou a chorar! Quadris roliços o bastante para qualquer gosto, e ela…!

Siuan tropeçou quando a onda de gargalhadas subiu, sem jamais abafar o discurso da mulher. Conseguiu dar mais três passos, o rosto vermelho feito uma beterraba, então saiu correndo.

Na rua, fez uma pausa para recuperar o fôlego e deixar que o coração parasse de martelar. *Aquela bruxa velha horrorosa! Eu*

deveria…! O que deveria ter feito não importava. Aquela mulher nojenta dissera o que ela precisava saber. Não era Sallie Daera, uma mulher. Só uma Azul saberia, ou mesmo suspeitaria. Salidar. Terra natal de Deane Aryman, a irmã Azul que se tornara Amyrlin depois de Bonwhin e que resgatara a Torre da ruína para a qual Bonwhin a conduzira. Salidar. Um dos últimos lugares onde alguém procuraria uma Aes Sedai, tirando Amadícia.

Dois homens com mantos cor de neve e armaduras brilhantes desciam a rua na direção de Siuan, movendo os cavalos com relutância para a passagem dos carroções. Filhos da Luz. Ultimamente, podiam ser encontrados por toda parte. Baixando a cabeça e observando com cuidado os Mantos-brancos por sob a aba do chapéu, Siuan se aproximou da entrada azul e verde da estalagem. Ao passar por ela, os dois lhe lançaram um olhar, rostos duros sob reluzentes elmos cônicos, e seguiram em frente.

Siuan mordeu o lábio, irritada. Era provável que tivesse atraído a atenção dos homens ao se encolher. E se eles tivessem visto seu rosto…? Nada aconteceria, claro. Os Mantos-brancos talvez tentassem matar uma Aes Sedai, se a encontrassem sozinha, mas Siuan já não tinha o rosto característico. O problema foi terem visto que tentara se esconder. Se Duranda Tharne não a tivesse deixado tão irritada, não teria cometido um erro tão tolo. Ainda se lembrava do tempo em que bobagens como os comentários da Senhora Tharne não a teriam abalado nem um pouco, em que aquela mocreia de cabelo tingido não teria ousado lhe dizer nada daquilo. *Se aquela megera não gosta do meu jeito, vou…* O que ia era continuar a tratar do assunto de que já vinha tratando, antes que a Senhora Tharne lhe desse uma surra que tornasse impossível sentar em uma sela. Às vezes, era difícil lembrar que o tempo quando reis e rainhas respondiam à sua convocação era coisa do passado.

Caminhando a passos largos pela rua, Siuan encarava as pessoas com tanta dureza que alguns dos condutores de carroções engoliram os comentários que estavam prestes a fazer para uma bela jovem desacompanhada. Apenas alguns.

Min se sentou em um banco encostado na parede do salão lotado da estalagem O Engate de Nove Cavalos e ficou observando uma mesa rodeada por homens, alguns com chicotes de condutor enrolados, outros portando espadas que os identificavam como guardas de mercadores. Outros seis homens estavam sentados lado a lado em torno da mesa. Só conseguia identificar Logain e Leane, sentados no extremo oposto. Ele tinha a testa franzida, contrariado. Os outros homens prestavam atenção em cada palavra que saía dos lábios sorridentes de Leane.

O ar estava tomado pela fumaça de cachimbos e por um burburinho que quase abafava a música da flauta e do tambor e a cantoria de uma garota que dançava em uma mesa entre as lareiras de pedra. A canção falava de uma mulher convencendo seis homens de que cada um deles era o único em sua vida. Min estava achando interessante, até a música passar a fazê-la enrubescer. De vez em quando, a cantora disparava olhares enciumados para a mesa lotada. Ou melhor, para Leane.

A domanesa alta entrara na estalagem com Logain já na coleira, e tal como o mel atrai as moscas, atraíra ainda mais homens com aquele andar rebolado e o brilho sugestivo dos olhos. Quase saíra briga, Logain e os guardas dos mercadores com as mãos nas espadas, facas sendo desembainhadas, o proprietário corpulento e dois camaradas musculosos se aproximando com porretes. E Leane extinguira as chamas quase como as inflamara, um sorriso aqui, algumas palavras ali, e um toque na bochecha. Até o taverneiro se demorara ali por perto, sorrindo feito bobo, até que os chamados da clientela o obrigaram a se afastar. E Leane achando que precisava treinar. Não parecia justo.

Se eu conseguisse fazer isso com um homem em particular, ficaria mais do que satisfeita. Talvez ela pudesse me ensinar… Luz, no que estou pensando? Min sempre fora ela mesma, e os outros podiam aceitá-la como era ou não. Mas estava pensando em mudar por causa de um homem. Já era suficientemente ruim ter de se esconder em um vestido, em vez do manto e das calças de sempre. *Ele olharia para você em um vestido decotado. Você tem mais para mostrar do que Leane, e ela… Pare com isso!*

— Precisamos ir para o sul — anunciou Siuan, perto de seu ombro dando-lhe um susto. Não a vira entrar. — Agora.

Pelo brilho em seus olhos azuis, estava claro que Siuan descobrira alguma coisa. Se ia compartilhar a informação era outra questão. Na maior parte do tempo, a mulher parecia pensar que ainda era a Amyrlin.

— Não temos como chegar em nenhum lugar com estalagens antes de a noite cair — avisou Min. — Podíamos pegar uns quartos e passar a noite aqui.

Era tentadora a ideia de voltar a dormir em uma cama, em vez de debaixo de cercas-vivas e em montes de feno, mesmo que fosse precisar dividir o colchão com Leane e Siuan. Logain queria alugar quartos para todos, mas a antiga Amyrlin controlava o dinheiro, mesmo quando era Logain que o distribuía.

Siuan olhou ao redor, mas todos no salão que não encaravam Leane estavam escutando a cantora.

— Não é possível. Eu… Eu acho que alguns Mantos-brancos

devem estar fazendo perguntas sobre mim.

— Dalyn não vai gostar disso — sussurrou Min, com toda a calma.

— Então não fale para ele. — Siuan balançou a cabeça para o grupo em torno de Leane. — Apenas diga a Amaena que precisamos ir. Ele vai nos seguir. Só vamos torcer para que os demais também não sigam.

Min sorriu com ironia. Siuan podia até dizer que não ligava para o fato de Logain — Dalyn — ter assumido o comando, basicamente ignorando-a sempre que ela tentava obrigá-lo a alguma coisa, mas ainda estava determinada a fazer o homem voltar a obedecê-la.

— O que é um Engate de Nove Cavalos, aliás? — perguntou ela enquanto se levantava. Havia ido até a entrada em busca de alguma pista, mas a placa acima da porta continha apenas o nome. — Já vi de oito, de dez, mas nunca de nove.

— Nesta cidade — respondeu Siuan, empertigada —, é melhor não perguntar. — Um rubor súbito a fez achar que a mulher sabia muito bem do que se tratava. — Vá buscá-los. Temos um longo caminho pela frente, e nenhum tempo a perder. E não deixe ninguém ouvir.

Min bufou baixinho. Com o sorrisinho no rosto de Leane, nenhum daqueles homens sequer a enxergaria. Queria saber como Siuan atraíra a atenção dos Mantos-brancos. Era a última coisa de que precisavam, e a antiga Amyrlin não costumava cometer deslizes. Também queria saber como fazer Rand olhar para ela da forma que aqueles homens olhavam para Leane. Se passariam a noite inteira cavalgando, e ela suspeitava que sim, talvez Leane *pudesse* lhe dar algumas dicas.

Capítulo 12

Um Velho Cachimbo

Uma lufada de vento levantando poeira em uma rua de Lugard bateu no chapéu de veludo de Gareth Bryne, varrendo-o da cabeça direto para baixo de um dos carregadíssimos carroções. Uma roda com aro de ferro prensou o chapéu contra o barro duro da rua, deixando para trás apenas um destroço achatado. Ele encarou o objeto por um momento, depois seguiu em frente. *Já estava mesmo ficando puído da viagem,* disse a si mesmo. O casaco de seda também já estava empoeirado antes mesmo de chegar a Murandy. Escová-lo já não adiantava grande coisa, isso quando o homem se dava ao trabalho de fazê-lo. Àquela altura, parecia mais marrom do que cinza. Era melhor encontrar algo mais simples. Não estava a caminho de um baile.

Desviando-se dos carroções que ribombavam nos sulcos rua abaixo, ele ignorou os xingamentos que os condutores lhe dirigiam — qualquer integrante decente de esquadrão faria melhor até dormindo — e entrou em uma estalagem de telhado vermelho chamada O Banco do Carroção. A pintura na placa dava ao nome uma interpretação explícita.

O salão era igual a todos os salões que já vira em Lugard: condutores de carroções e guardas de mercadores espremidos junto a funcionários de estábulos, ferradores, trabalhadores, todo tipo de homem, todos falando ou gargalhando o mais alto que podiam enquanto bebiam o máximo que aguentavam, uma das mãos na caneca e a outra acariciando as atendentes. Neste ponto, não era muito diferente de salões e tavernas de várias outras cidades, embora a maioria delas fosse consideravelmente mais tranquila. Uma jovem curvilínea trajando uma blusa que parecia prestes a cair saltava e cantava em cima de uma mesa em uma das laterais do salão, supostamente acompanhando a música de duas flautas e uma sabiola de doze cordas.

Bryne não tinha um bom ouvido para música, mas fez uma breve pausa para apreciar a canção da moça. Ela teria recebido elogios em qualquer campo de soldados onde ele já estivera. Mas, na verdade,

seria igualmente popular mesmo que não cantasse uma nota sequer. Usando aquela blusa, teria arrumado um marido em pouquíssimo tempo.

Joni e Barim já estavam no local, o porte físico de Joni sendo suficiente para lhes garantir uma mesa, apesar do cabelo já ralo e da bandagem que ainda usava em torno das têmporas. Estavam ouvindo a garota cantar. Ou ao menos olhando para ela. Bryne tocou o ombro de cada um e meneou a cabeça na direção da porta lateral que conduzia ao pátio do estábulo, onde um rabugento cavalariço vesgo lhes entregou os cavalos por três moedas de prata. Cerca de um ano antes, Bryne poderia ter comprado um cavalo decente por não muito mais. Os problemas a oeste e em Cairhien estavam gerando um caos no comércio e nos preços.

Ninguém falou até terem passado pelos portões da cidade e já estarem em uma estrada pouco usada, rumo ao norte. Era pouco mais que uma trilha larga e poeirenta cujas curvas levavam ao rio Storn. Foi só então que Barim se pronunciou.

— Passaram aqui ontem mesmo, milorde.

Bryne também ficara sabendo. Três belas jovens viajando juntas, claramente forasteiras, não tinham como passar por uma cidade como Lugard sem serem notadas. Pelos homens, pelo menos.

— Elas e um camarada de ombros largos — continuou Barim. — Parece que pode ser aquele Dalyn, o sujeito que tava com elas quando puseram fogo no estábulo do Nen. Em todo caso, seja lá quem for, ficaram um pouco na O Engate de Nove Cavalos, mas só pra beber um tantinho e ir embora. A domanesa que os rapazes tavam me falando quase criou confusão só por ficar sorrindo e se encostando aqui e ali, mas ela mesma tratou de acalmar tudo com o mesmo sorriso. Que me queime, mas eu gostaria de conhecer uma domanesa.

— Você descobriu em que direção eles seguiram, Barim? — perguntou Bryne, paciente. Não conseguira saber essa parte.

— Ah, não, milorde. Mas ouvi que uma porção de Mantos-brancos tem passado por aqui, todos indo para o oeste. O senhor acha que o velho Pedron Niall pode estar planejando alguma coisa? Talvez em Altara?

— Isso não é mais da nossa conta, Barim. — Bryne sabia que sua paciência falhara um pouco desta vez, mas Barim já era um companheiro de longa data e não se doeria muito com o rompante.

— Eu sei para onde eles foram, milorde — afirmou Joni. — Para o oeste, pela Estrada de Jehannah. E foram correndo, pelo que escutei. — O homem soava confuso. — Milorde, encontrei dois guardas de mercadores, uns rapazes que trabalhavam nas Guardas, e tomei uns copos com eles. O que aconteceu foi que eles estavam em um pardieiro chamado A Viagem de Boa Noite, quando aquela Mara veio

e pediu trabalho como cantora. Ela não conseguiu, não queria mostrar as pernas do jeito que as cantoras da maioria desses lugares fazem, e quem é que pode condenar a mulher? Aí ela foi embora. Pelo que Barim me contou, foi logo depois disso que todos eles partiram para o oeste. Eu não gosto disso, milorde. Ela não é o tipo de garota que procuraria trabalho em um lugar como aquele. Acho que ela está tentando se ver livre daquele camarada, o Dalyn.

Estranhamente, apesar do galo na cabeça, Joni não tinha qualquer animosidade com relação às três jovens. Desde que haviam partido da propriedade, ele opinava com frequência que as garotas estavam passando por algum tipo de apuro e precisavam ser resgatadas. Bryne suspeitava que, se conseguisse alcançar as jovens e levá-las de volta para suas terras, Joni lhe pediria que deixasse suas filhas ficarem responsáveis por cuidar das meninas.

Barim não tinha tais sentimentos.

— Ghealdan. — Ele franziu a testa. — Ou talvez Altara, ou Amadícia. Trazer essas garotas de volta vai custar um beijo no Tenebroso. Não parece que vale a pena essa chateação por causa de um estábulo e algumas vacas.

Bryne não respondeu. Os homens haviam seguido as garotas até ali, e Murandy não era um bom lugar para andorianos, depois de tantos anos com tantos problemas nas fronteiras. Só um tolo iria a Murandy caçando alguém que quebrara um juramento. Quão mais tolo teria de ser para continuar a perseguir a pessoa por meio mundo?

— Os rapazes com quem eu falei, milorde… — disse Joni, com timidez. — Parece que muitos dos velhos camaradas que… que serviram ao senhor estão sendo despachados. — Encorajado pelo silêncio de Bryne, ele prosseguiu. — Muitos camaradas novos chegando. Muitos. Aqueles rapazes falaram que pelo menos quatro ou cinco para cada um mandado embora. Gente que prefere criar do que evitar problemas. As pessoas já estão chamando esses de Leões Brancos, que só respondem a um tal de Gaebril. — Joni cuspiu para demonstrar o que achava daquilo. — E mais tantos outros que nunca fizeram parte das Guardas. Nem recrutas de Casa alguma. Até onde eles sabiam, esse Gaebril tem dez vezes mais homens de prontidão do que a quantidade de Guardas, e todos juraram fidelidade ao trono de Andor, mas não à Rainha.

— Isso também não é mais da nossa conta — replicou Bryne, curto e grosso.

Barim estava forçando a bochecha com a língua, como sempre fazia quando sabia de algo que não queria dizer ou que não tinha certeza se era importante.

— O que foi, Barim? Desembuche, homem.

O homem de rosto coriáceo o encarou, pasmo. Barim nunca

descobrira como Bryne sabia quando ele estava escondendo algo.

— Bem, milorde, algumas pessoas com quem eu falei disseram que, ontem, uns Mantos-brancos tavam fazendo umas perguntas. Sobre uma garota que parece ser aquela Mara. Queriam saber quem ela era, para onde ela foi. Essas coisas. Ouvi dizer que se interessaram de verdade quando descobriram que ela tinha ido embora. Se estão atrás dela, ela pode ser enforcada antes que a gente consiga encontrar. Se estão tendo esse trabalho de perseguir a moça, pode ser que não façam tantas perguntas para confirmar se ela é mesmo Amiga das Trevas. Ou seja lá por que estão atrás dela.

Bryne franziu o cenho. Mantos-brancos? O que os Filhos da Luz poderiam querer com Mara? Ele jamais acreditaria que ela era Amiga das Trevas. No entanto, vira um jovem com cara de bebê ser enforcado em Caemlyn, um Amigo das Trevas que vinha ensinando as crianças nas ruas sobre as glórias do Tenebroso, o Grande Senhor das Trevas, como ele o chamava. O rapaz matara nove delas em três anos, até onde foi possível descobrir, quando as crianças pareciam prestes a denunciá-lo. *Não. Aquela garota não é Amiga das Trevas, e nisso eu aposto a minha vida.* Os Mantos-brancos suspeitavam de todo mundo. E se metessem na cabeça que ela fugira de Lugard para evitá-los…

Acelerou Andarilho para um meio galope. O garanhão castanho de focinho comprido não era vistoso, mas nem por isso deixava de ser resistente e corajoso. Os outros dois o alcançaram pouco depois e, percebendo como estava o humor de Bryne, ficaram de boca fechada.

A mais ou menos duas milhas de Lugard, desviou na direção de um matagal com carvalhos e folhas-de-couro. O restante de seus homens havia montado um acampamento temporário no local, em uma clareira debaixo de espessos galhos de carvalho. Várias fogueirinhas estavam acesas, mas sem fazer fumaça. Os homens aproveitavam qualquer chance que tivessem para preparar um pouco de chá. Alguns cochilavam. Dormir era outra coisa que um soldado velho jamais perdia a oportunidade de fazer.

Os que estavam acordados despertaram aos chutes os que tiravam sua soneca, e todos olharam para Bryne. Por um momento, ele permaneceu na sela, apenas observando-os. Cabelos grisalhos, cabeças carecas e rostos marcados pela idade. Ainda duros e em forma, mas, ainda assim… Fora um tolo por ter se arriscado a trazê-los a Murandy só porque precisava saber por que uma mulher quebrara um juramento. E talvez com Mantos-brancos no encalço. Não dava para dizer a que distância ou a quanto tempo de casa estariam antes de concluírem o objetivo. Se voltasse naquele momento, passariam mais de um mês viajando antes de voltarem a ver Fontes de Kore. Se continuasse, não havia garantia de que a perseguição acabaria antes do Oceano de Aryth. Deveria conduzir aqueles homens, e a si próprio,

para casa. Deveria. Não seria razoável pedir que tentassem tirar aquelas garotas das mãos dos Mantos-brancos. Podia deixar Mara para a justiça dos Filhos da Luz.

— Vamos seguir rumo ao oeste — anunciou ele. Imediatamente, fogueiras foram apagadas com chá e panelas amarradas às selas. — Vamos precisar manter um bom ritmo. Pretendo alcançar as garotas em Altara, se possível, mas, se não der, não há como dizer para onde elas vão nos levar. Vocês talvez vejam Jehannah, Amador ou Ebou Dar antes do fim da viagem. — Ele forçou uma gargalhada. — Vão descobrir se são fortes mesmo, se chegarmos a Ebou Dar. Lá tem tavernas em que as atendentes descascam illianenses para o jantar e cospem em Mantos-brancos só por diversão.

Todos gargalharam mais do que a piada tinha graça.

— Na sua companhia, não temos com que nos preocupar, milorde. — Thad riu, enfiando a caneca de latão nos alforjes. Seu rosto era enrugado feito couro amassado. — Ora, fiquei sabendo que uma vez o senhor bateu de frente com a própria Amyrlin, e que…

Jar Silvin lhe deu um chute no tornozelo, e o homem se voltou contra o mais jovem — já tinha cabelos grisalhos, mas ainda assim era mais jovem — com o punho cerrado.

— Por que fez isso, Silvin? Quer que eu quebre a sua cabeça, seu… O que foi? — O olhar carregado que Silvin e alguns dos demais lhe estavam lançando foi finalmente compreendido. — Ah… Ah, sim. — O homem se virou para checar as tiras da cinta em sua sela, mas ninguém mais ria.

Bryne se esforçou para relaxar a expressão pétrea. Era hora de deixar o passado no passado. Não precisavam parar de tocar no nome de uma mulher só porque ele compartilhara a cama com ela — entre outras coisas, pensara —, e depois essa mulher olhara para ele como se nunca o tivesse visto. Só porque ela o exilara de Caemlyn, sob ameaça de morte, por ele ter lhe aconselhado, como jurara fazer… Se ela quebrasse a cara com aquele Lorde Gaebril que aparecera de uma hora para outra em Caemlyn, não seria mais da conta dele. A mulher lhe dissera, com uma voz tão neutra e fria quanto gelo liso, que seu nome nunca mais voltaria a ser dito no palácio, que apenas seus longos anos de serviço impediam que ela o enviasse para o carrasco por traição. Traição! Bryne precisava se manter animado, especialmente se aquela busca acabasse por se mostrar bem longa.

Passando o joelho ao redor do cepilho alto da sela, Bryne pegou o cachimbo e a bolsa e encheu o objeto de tabaco. O fornilho exibia o entalhe de um touro selvagem em cujo cabresto via-se a Coroa de Rosas de Andor. Durante mil anos, aquele fora o símbolo da Casa Bryne, força e coragem a serviço da rainha. Precisava de um cachimbo novo. Este já estava velho.

— Eu não saí dessa tão bem quanto você possa ter ouvido falar. — Bryne se abaixou na direção de um dos homens, que lhe entregou um galho ainda aceso de uma das fogueiras extintas, e depois tornou a ficar ereto para pitar o cachimbo aceso. — Foi há cerca de três anos. A Amyrlin estava visitando diversas terras. Cairhien, Tear, Illian, e terminando em Caemlyn, antes de retornar a Tar Valon. Naquela época, estávamos tendo problemas com os lordes murandianos na fronteira, como de costume. — Ouviu-se uma onda de gargalhadas. Todos ali haviam servido, em um ou outro momento, na fronteira murandiana. — Eu tinha enviado alguns guardas para lá para deixar bem claro para os murandianos quem era o dono das ovelhas e do gado no nosso lado da fronteira. Nunca esperei que a Amyrlin fosse se interessar. — Bryne tinha atraído a atenção dos homens. Os preparativos para a partida ainda seguiam em curso, mas em um ritmo mais lento.

— Siuan Sanche e Elaida se trancaram com Morgase… — Pronto, voltara a mencionar o nome dela, e nem se dera conta. — E, quando saíram, Morgase era metade trovoada, com relâmpagos escapando pelos olhos, e metade uma garotinha de dez anos que tinha levado uma surra da mãe por ter roubado alguns bolinhos. Ela é uma mulher durona, mas presa entre Elaida e o Trono de Amyrlin… — Bryne balançou a cabeça, e os homens riram. Ter a atenção das Aes Sedai era algo que nenhum deles invejava em lordes e governantes. — Ela ordenou que eu retirasse imediatamente todas as tropas da fronteira com Murandy. Pedi para que discutíssemos a questão em particular, mas Siuan Sanche partiu para cima de mim. Diante de metade da corte, me deu um pito de cabo a rabo, como se eu não passasse de um recruta bronco. Disse que, se eu não fizesse o que me mandavam fazer, ela me usaria como isca para peixes.

Bryne implorara pelo perdão dela, antes que a mulher terminasse — na frente de todo mundo, e só por ter feito o que jurara fazer —, mas não havia necessidade de mencionar essa parte. Mesmo ao final, não tivera certeza de que Siuan não faria Morgase lhe cortar a cabeça, ou de que ela mesma não o faria.

— Para ela, deve ter sido como fisgar um peixe enorme. — Alguém gargalhou, e todos os demais acompanharam.

— O resultado — prosseguiu Bryne — foi que meu couro acabou chamuscado, e os guardas se afastaram da fronteira. Então, se estão esperando que eu proteja vocês em Ebou Dar, basta se lembrarem de que, na minha opinião, aquelas atendentes pendurariam até a Amyrlin para secar ao lado do resto de nós.

Os homens urraram de tanto gargalhar.

— O senhor chegou a descobrir do que se tratava, milorde? — quis saber Joni.

Bryne balançou a cabeça.

— Algum assunto das Aes Sedai, imagino. Para tipos como eu e você, elas não contam o que estão planejando. — Aquelas palavras renderam mais algumas risadas.

Os homens montaram com um vigor que desmentia suas idades. *Alguns deles não têm mais idade que eu*, pensou Bryne, secamente. Velho demais para sair perseguindo um belo par de olhos, jovens o bastante para ser de uma filha, se não de uma neta. *Eu só quero saber por que ela quebrou o juramento,* afirmou com firmeza para si mesmo. *Só isso.*

Erguendo a mão, fez um sinal para seguirem, e o grupo avançou para o oeste, deixando um rastro de poeira. Seria preciso cavalgar intensamente para alcançar as garotas. E era o que pretendia fazer. Em Ebou Dar ou no Poço da Perdição, ele as encontraria.

13

Um quartinho em Sienda

Elayne se segurava nas dobradiças de couro da carruagem enquanto o veículo seguia saculejando, e tentava ignorar a expressão amarga de Nynaeve, à sua frente. As cortinas estavam abertas, apesar da poeira que às vezes as açoitavam pela janela. A brisa afastava um pouco do calor do fim de tarde. Sucessivas colinas com florestas estendiam-se na paisagem, a mata interrompida vez ou outra por pequenos trechos de plantações. A propriedade de um lorde, construída à moda de Amadícia, encimava uma das colinas a algumas milhas da estrada, um enorme edifício de pedra de cinquenta metros de altura com uma elaborada estrutura de madeira no topo, com varandas ornamentadas e telhado vermelho. No passado, a construção seria inteiramente de pedra, mas muitos anos haviam se passado desde que um lorde necessitara de uma fortaleza em Amadícia, e a atual lei do rei exigia a utilização de madeira. Nenhum lorde rebelde tinha a capacidade de resistir por muito tempo ao rei. Os Filhos da Luz, obviamente, estavam isentos dessa lei; eles estavam acima de várias das leis amadicianas. Quando criança, Elayne tivera de aprender algumas coisas sobre as leis e os costumes de outros países.

Descampados também pontilhavam as colinas ao longe, feito retalhos marrons em um tecido majoritariamente verde, os homens que neles trabalhavam parecendo formigas. Tudo aparentava secura. Um único relâmpago desencadearia um incêndio que poderia arder por léguas. Mas relâmpagos eram sinal de chuva, e as poucas nuvens no céu estavam demasiado altas e finas para isso. Distraída, Elayne se perguntou se conseguiria fazer chover. Já aprendera a ter um controle considerável sobre o clima. Ainda assim, era muito difícil ter que começar do nada.

— Milady está entediada? — perguntou Nynaeve, ácida. — Pela maneira como milady está olhando para o campo, com ar de desaprovação, acho que milady deve estar querendo viajar mais rápido. — Virando a cabeça para trás sobre o ombro, ela empurrou uma pequena aba e gritou: — Mais rápido, Thom. Não discuta

comigo! Você também, Juilin Caçador de Ladrões, cuidado com o que fala! Eu disse mais rápido!

A aba de madeira bateu, mas Elayne ainda ouviu Thom resmungando alto. Xingando, muito provavelmente. Nynaeve passara o dia todo gritando com os homens. Instantes depois, o chicote estalou e a carruagem zarpou adiante ainda mais rápido, balançando tão forte que as duas mulheres não paravam quietas nos assentos de seda dourada. O tecido havia sido cuidadosamente limpo quando Thom comprara o veículo, mas o estofamento já estava bem duro. Mesmo pulando para lá e para cá, o queixo travado de Nynaeve sugeria que ela não pediria para Thom desacelerar logo depois de tê-lo mandado ir mais depressa.

— Por favor, Nynaeve — pediu Elayne. — Eu…

A outra mulher a interrompeu.

— Milady está desconfortável? Sei que as ladies estão habituadas ao conforto, com o tipo de coisa que uma pobre criada sequer sabe que existe, mas tenho certeza de que milady quer chegar à próxima cidade antes do anoitecer, não quer? Para que a criada de milady possa servir o jantar de milady e preparar a cama de milady? — Os dentes de Nynaeve se cerraram em um clique quando o assento, subindo, se chocou contra o corpo dela, descendo. A mulher olhou com raiva para Elayne, como se tivesse sido culpa dela.

Elayne soltou um longo suspiro. Nynaeve entendera a questão, lá em Mardecin. Uma lady nunca viajava sem uma criada, e duas ladies provavelmente teriam duas criadas. A menos que colocassem vestidos em Thom e Juilin, aquilo significava que uma delas teria de fazer esse papel. Nynaeve *tinha* entendido que Elayne sabia mais sobre como ladies se comportavam. Ela explicara de modo bem gentil, e Nynaeve normalmente conseguia entender os apelos do bom senso. Normalmente. Mas tudo se passara ainda na loja da Senhora Macura, depois de terem enchido as duas mulheres com sua própria bebida horrorosa.

Saindo de Mardecin, viajaram depressa até a meia-noite, chegando a uma pequena aldeia com uma estalagem, onde tiraram o dono da cama para alugar dois quartos apertados com colchões estreitos. Despertaram antes da primeira luz do dia seguinte para seguir em frente, circundando Amador a algumas milhas de distância. Ninguém pensaria que eram mais do que afirmavam ser, mas nenhum deles se sentia confortável com a ideia de passar por uma cidade grande cheia de Mantos-brancos. A Fortaleza da Luz ficava em Amador. Elayne ouvira falar que quem reinava em Amador era o rei, mas quem mandava era Pedron Niall.

O problema começara na noite anterior, em um lugar chamado Bellon, em um riacho lamacento que tinha o grandioso nome de Rio

Gaean, mais ou menos vinte milhas depois da capital. A estalagem Vau de Bellon era maior que a primeira, e a Senhora Alfara, dona do lugar, oferecera à Lady Morelin uma sala de jantar privada, o que Elayne não podia recusar. A Senhora Alfara pensara que apenas a criada de Lady Morelin, Nana, saberia como servi-la adequadamente. As ladies exigiam que tudo fosse de certa maneira, dizia a mulher, e tinham mesmo de exigir, mas as garotas do local simplesmente não estavam acostumadas com ladies. Nana saberia a maneira exata como Lady Morelin desejava que sua cama fosse preparada, e providenciaria para ela um belo banho após um calorento dia de viagem. A lista de providências que Nana tomaria de forma perfeita para a sua senhora era infinita.

Elayne não tinha certeza se aquilo era comum para a nobreza amadiciana ou se a Senhora Alfara só estava se aproveitando de uma serviçal forasteira. A garota tentara poupar Nynaeve, mas a mulher estivera tão afeita a "como a senhora quiser" e "milady é muito especial" quanto a dona da estalagem. Teria soado tola, ou pelo menos esquisita, se insistisse. Estavam tentando não atrair atenção indevida.

Durante todo o tempo que estiveram em Bellon, Nynaeve agira em público como uma criada perfeita. Em particular, era diferente. Elayne só queria que Nynaeve voltasse a ser ela mesma, em vez de perturbá-la agindo como uma criada vinda diretamente da Praga. Pedidos de desculpas vinham sendo correspondidos com "milady é muito gentil", ou apenas ignorados. *Não vou me desculpar de novo*, pensou, pela quinquagésima vez. *Não por algo que não foi minha culpa*.

— Andei pensando, Nynaeve. — Segurando-se firmemente a uma alça, ela se sentia como a bola de uma brincadeira infantil chamada Quique de Andor, que consistia em tentar manter uma bola de madeira colorida quicando para cima e para baixo com uma raquete. No entanto, não ia pedir para que desacelerassem a carruagem. Conseguia suportar, contanto que Nynaeve também suportasse. A mulher era tão teimosa! — Quero chegar a Tar Valon e descobrir o que está acontecendo, mas…

— Milady andou pensando? Milady deve estar com dor de cabeça depois de todo esse esforço. Vou preparar um bom chá de raiz de língua-de-ovelha e margarida vermelha assim que…

— Fique quieta, Nana — disse Elayne, calma, mas firme. Havia sido sua melhor imitação da mãe. Nynaeve ficou de queixo caído. — Se você puxar essa sua trança para mim, vai viajar lá no teto, junto com a bagagem. — Nynaeve emitiu um som abafado, esforçando-se tanto para falar que nada saía. Bem satisfatório. — Às vezes você parece pensar que eu ainda sou criança, mas é você quem está se comportando como uma. Eu não pedi para você lavar minhas costas, mas precisaria ter lutado para fazer você parar. Até me ofereci para

esfregar as suas costas também, lembre-se disso. E me ofereci para dormir na cama de baixo. Mas você se deitou e não quis mais sair. Pare de birra. Se quiser, posso ser a criada na próxima estalagem. — Provavelmente seria um desastre. Nynaeve gritaria com Thom em público, ou daria uma bofetada na orelha de alguém. Mas qualquer coisa por um pouco de paz. — Podemos parar aqui mesmo e trocar de roupa nas árvores.

— Escolhemos os vestidos que ficam bons em você — resmungou a outra após um momento. Voltando a abrir a aba, gritou. — Mais devagar! Estão querendo nos matar? Seus tolos!

Fez-se um silêncio mortal do lado de fora, conforme a velocidade da carruagem diminuía para algo bem mais razoável, mas Elayne poderia apostar que os dois homens estavam conversando. Arrumou o cabelo da melhor maneira que pôde sem espelho. Quando pousava os olhos em um, ainda se espantava de ver aquelas mechas negras. Até o vestido de seda verde precisaria de uma boa escovada.

— Em que você estava pensando, Elayne? — indagou Nynaeve. Suas bochechas ficaram vermelhas. Ao menos sabia que Elayne tinha razão, mas recuar era, muito provavelmente, o pedido máximo de desculpas que faria.

— Estamos voltando às pressas para Tar Valon, mas temos de fato alguma ideia do que nos espera na Torre? Se a Amyrlin realmente deu aquelas ordens… Não acredito que tenha sido o caso, e nem entendo, mas não pretendo entrar na Torre até entender. “Só um tolo enfia a mão no oco de uma árvore sem primeiro ver o que tem dentro.”

— Uma sábia, essa Lini — disse Nynaeve. — Talvez a gente descubra mais se eu encontrar outro monte de flores amarelas penduradas de cabeça para baixo, mas, até lá, acho que temos que nos comportar como se a própria Ajah Negra estivesse no controle da Torre.

— A esta altura, a Senhora Macura já deve ter enviado outro pombo para Narenwin. Com descrições desta carruagem, dos vestidos que pegamos e, muito possivelmente, de Thom e Juilin também.

— Não podemos fazer nada. Nada disso teria acontecido se não tivéssemos enrolado tanto em Tarabon. Devíamos ter pegado um navio. — Elayne ficou embasbacada com aquele tom acusatório, e Nynaeve teve a graciosidade de voltar a enrubescer. — Bem, o que está feito, está feito. Moiraine conhece Siuan Sanche. Talvez Egwene possa perguntar a ela se…

A carruagem se sacudiu e parou de repente, arremessando Elayne para cima de Nynaeve. A garota escutou o relincho desesperado dos cavalos enquanto tentava se erguer freneticamente, Nynaeve também a empurrando.

Agarrando *saidar*, pôs a cabeça para fora da janela, e, aliviada,

tornou a largar a Fonte Verdadeira. O que havia ali era algo que já vira passar por Caemlyn mais de uma vez. Um conjunto itinerante de animais estava acampado em meio às sombras da tarde em uma grande clareira ao lado da estrada. Um imenso leão de juba escura estava deitado, sonolento, em uma jaula que ocupava toda a parte traseira de um carroção, enquanto suas duas consortes caminhavam confinadas em outra. Uma terceira jaula estava aberta. À frente dela, uma mulher fazia dois ursos negros de cara branca se equilibrarem em grandes bolas vermelhas. Outra jaula mantinha cativo o que parecia ser um enorme e peludo javali, exceto pelo focinho, excessivamente pontiagudo, e pelas garras em cada dedo. O animal era originário do Deserto Aiel, Elayne sabia, e seu nome era *capar*. As demais jaulas abrigavam outros animais, além de pássaros de coloração brilhante, mas, diferentemente de qualquer conjunto de animais itinerante que Elayne já vira, aquele viajava com artistas humanos: dois homens faziam malabarismo, jogando argolas enroladas com fitas um para o outro, quatro acrobatas se equilibravam um no ombro do outro, formando uma coluna altíssima, e uma mulher alimentava uma dúzia de cães que caminhavam apoiados só nas patas traseiras e, ao seu comando, davam cambalhotas para trás. Ao fundo, alguns homens instalavam dois postes altos. A garota não tinha ideia de para quê.

Porém, nada daquilo era o que tinha feito os cavalos se empinarem nos arreios e revirarem os olhos, apesar de toda a habilidade de Thom com as rédeas. Até Elayne sentia o cheiro dos leões, mas era para três imensos animais cinzentos e enrugados que os cavalos lançavam seu olhar aterrorizado. Dois deles eram da altura da carruagem, com enormes orelhas e grandes presas curvadas que ladeavam um nariz comprido que balançava até o chão. O terceiro, mais baixo que os cavalos, mas provavelmente com o mesmo peso, não tinha presas. Um bebê, supôs. Uma mulher de cabelos louros bem claros usava um pesado aguilhão curvo para esfregar atrás da orelha do menorzinho. Elayne também já vira criaturas como aquela. E nunca esperara voltar a ver.

Um homem alto de cabelos escuros saiu a passos largos do acampamento, trajando, apesar do calor, um manto de seda vermelha que ele balançou ao se curvar com elegância. Tinha boa aparência, pernas bem-torneadas, e sabia muito bem disso.

— Perdoe-me, milady, se os cavalos-javali gigantes assustaram seus animais. — Ao se endireitar, ele acenou para que dois de seus homens ajudassem a acalmar os cavalos, e então fez uma pausa, encarando-a, e murmurou: — Calma, coração. — Foi alto o bastante para que Elayne tivesse certeza de que ele queria que ela escutasse. — Sou Valan Luca, milady, produtor de espetáculos. Sua presença me extasia. — O homem fez outra reverência, ainda mais elaborada que a

primeira.

Elayne e Nynaeve se entreolharam, e a Filha-herdeira viu o mesmo sorriso divertido que sabia que ela própria estampava. Um homem bem cheio de si, aquele Valan Luca. Seus homens pareciam muito bons em aquietar os cavalos, que ainda bufavam e batiam as patas, mas cujos olhos já não estavam tão assustados quanto antes. Thom e Juilin encaravam os animais estranhos com olhares tão fixos quanto os dos cavalos.

— Cavalos-javali, Mestre Luca? — indagou Elayne. — De onde são?

— Cavalos-javali *gigantes*, milady — retrucou o sujeito prontamente —, da lendária Shara, onde eu mesmo liderei uma expedição a um mundo selvagem cheio de civilizações estranhas e paisagens mais estranhas ainda só para capturá-los. Eu ficaria fascinado em lhe contar a respeito. Povos gigantes, duas vezes maiores que um Ogier. — O homem ilustrava a conversa com gestos grandiosos. — Criaturas sem cabeça. Aves grandes o bastante para carregar um touro adulto. Cobras capazes de engolir um homem. Cidades feitas de ouro maciço. Desça, milady, e me permita lhe contar o que vi.

Elayne não tinha dúvidas de que Luca ficaria fascinado com as próprias histórias, mas certamente duvidava de que aqueles animais viessem de Shara. Para começo de conversa, nem o Povo do Mar via mais de Shara do que os portos amuralhados aos quais ficavam confinados. Qualquer um que cruzasse as muralhas jamais voltava a ser visto. Os próprios Aiel pouco sabiam. Além disso, tanto ela quanto Nynaeve já tinham visto criaturas como aquelas em Falme, durante a invasão Seanchan. Os Seanchan os usavam como animais para o trabalho e para a guerra.

— Acho que não, Mestre Luca.

— Então permita que nos apresentemos para você — respondeu o homem, mais do que depressa. — Como pode ver, este não é um conjunto comum de animais itinerantes, e sim algo totalmente novo. Um espetáculo particular. Acrobatas, malabaristas, animais treinados, o homem mais forte do mundo. Até fogos de artifício. Temos nosso próprio Iluminador. Estamos a caminho de Ghealdan, e amanhã o vento já terá nos levado. Mas, por uma ninharia…

— Minha senhora disse que acha que não — intrometeu-se Nynaeve. — Ela tem coisas melhores com que gastar seu dinheiro do que assistir a animais. — Na verdade, era a própria Nynaeve quem controlava todo o dinheiro com mãos de ferro, gastando com relutância apenas o necessário. Ela parecia pensar que tudo deveria custar o que custava em Dois Rios.

— Por que deseja ir a Ghealdan, Mestre Luca? — questionou

Elayne. A outra mulher fez cara feia e deixou que a própria Elayne resolvesse o assunto. — Soube que há muitos problemas por lá. Ouvi falar que o exército não conseguiu deter esse homem que chamam de Profeta, com suas pregações sobre o Dragão Renascido. Com certeza você não quer viajar para onde só há tumulto.

— Muitíssimo exagero, milady. Muitíssimo exagero. Onde há multidões, há pessoas querendo se divertir. E onde há pessoas querendo se divertir, meu espetáculo sempre é bem-vindo. — Luca hesitou, depois se aproximou da carruagem. Uma expressão encabulada perpassou seu rosto quando ele ergueu os olhos para os de Elayne. — Milady, a verdade dos fatos é que me faria um enorme favor se permitisse que eu me apresentasse. Na realidade, um dos cavalos-javali causou um pequeno problema na próxima cidade por onde vão passar. Foi um acidente — acrescentou ele, depressa —, posso lhe garantir. São criaturas gentis. Nem um pouco perigosas. Mas o povo de Sienda não só não está querendo que eu monte o espetáculo, como não quer nem que eu vá até lá… Bem, gastei todas as minhas moedas para pagar os prejuízos e as multas. — Ele fez uma careta. — Especialmente as multas. Se me deixasse lhe divertir, e realmente por uma mixaria, eu a nomearia patrona do meu espetáculo em todos os lugares do mundo aonde formos, espalhando a fama de sua generosidade, milady…?

— Morelin — respondeu Elayne. — Lady Morelin da Casa Samared. — Com seu novo cabelo, passaria por cairhiena. Não tinha tempo para assistir ao espetáculo, ainda que teria adorado fazê-lo em outra ocasião, e informou isso ao homem, acrescentando: — Mas vou lhe dar uma pequena ajuda, se não tem mesmo nenhum dinheiro. Dê algo a ele, Nana, para ajudá-lo a chegar a Ghealdan. — A última coisa que ela queria era que ele "espalhasse a fama" dela, mas ajudar os pobres e necessitados era um dever do qual não fugiria sempre que tivesse os meios para tal, mesmo em terras estrangeiras.

Resmungando, Nynaeve desenterrou uma bolsinha da cintura e enfiou a mão nela. Inclinou-se para fora da carruagem o suficiente para pressionar a mão de Luca em torno do que entregou ao homem. Ele pareceu se assustar quando ela disse:

— Se você arrumasse um trabalho decente, não precisaria ficar mendigando. Pode ir, Thom!

O chicote de Thom estalou, e Elayne foi lançada de volta ao assento.

— Não precisava ter sido rude. Nem tão abrupta. O que você deu para ele?

— Uma moeda de prata — retrucou Nynaeve com calma, recolocando a bolsa no lugar. — Mais do que ele merecia.

— Nynaeve — gemeu Elayne —, o homem deve estar pensando

que estávamos nos divertindo às custas dele.

Nynaeve fungou.

— Com aqueles ombros, um bom dia de trabalho não iria matá-lo.

Elayne ficou em silêncio, embora não concordasse. Não completamente. Trabalhar certamente não faria mal ao homem, mas ela achava que não havia muitas opções disponíveis. *Não que eu ache que Mestre Luca aceitaria um trabalho que não lhe permitisse usar aquela capa*. Se tocasse no assunto, porém, Nynaeve provavelmente discutiria. Quando Elayne explicava gentilmente qualquer coisa que Nynaeve desconhecia, a mulher a acusava de ter uma postura arrogante ou de querer fazer discursos, e Valan Luca não era nada que justificasse outra briga tão pouco tempo depois de a última ter sido relevada.

As sombras já se estendiam quando o grupo chegou a Sienda, uma aldeia de bom tamanho com construções de pedra e palha, além de duas estalagens. A primeira, O Lanceiro do Rei, exibia um enorme buraco no lugar onde um dia estivera a porta da frente, e uma multidão assistia aos operários que a consertavam. Talvez o "cavalo-javali" de Mestre Luca não tivesse gostado da placa, agora escorada ao lado do buraco, onde um soldado em posição de ataque segurava uma lança abaixada. Ela parecia ter sido derrubada.

Surpreendentemente, havia ainda mais Mantos-brancos nas ruas de terra abarrotadas do que em Mardecin, bem mais, além de outros soldados, homens em armaduras e chapéus cônicos de aço cujos mantos azuis exibiam a Estrela e o Cardo de Amadícia. Devia haver guarnições por perto. Os homens do Rei e os Mantos-brancos pareciam não se gostar nem um pouco. Ou se cruzavam agindo como se os homens trajando a cor errada nem existissem, ou trocavam olhares desafiadores, à beira de desembainhar as espadas. Alguns dos homens de mantos brancos exibiam cajados vermelhos de pastor por trás dos raios de sol de seus mantos. A Mão da Luz, como eles próprios se denominavam, a Mão que buscava a verdade, mas todos os demais os chamavam de Questionadores. Mesmo os outros Mantos-brancos se mantinham longe deles.

Em suma, era o bastante para fazer o estômago de Elayne se revirar. Mas restava apenas uma hora de luz do sol, se tanto, e isso levando em consideração os dias longos do fim do verão. Mesmo que seguissem viagem outra vez por mais metade da noite, não havia garantia de que surgiria outra estalagem à frente, e viajar tão tarde poderia chamar atenção. Além do mais, tinham motivo para parar cedo naquele dia.

A garota lançou um olhar significativo para Nynaeve, que, após um momento, assentiu e disse:

— Precisamos parar.

Quando a carruagem se aproximou da frente d'A Luz da Verdade,

Juilin saltou para abrir a porta, enquanto Nynaeve, com um olhar de deferência no rosto, aguardava que ele oferecesse a mão para Elayne descer. Mas lançou um sorriso a Elayne: não voltaria a fazer birra. A bolsa de couro que a mulher carregava nos ombros parecia um pouco incompatível, mas Elayne esperava que não fosse muito. Agora que Nynaeve readquirira um estoque de ervas e unguentos, não pretendia tirar o olho dele.

Desde que vira a placa da estalagem, com um reluzente sol dourado como o que os Filhos usavam em seus mantos, preferira que o "cavalo-javali" tivesse desgostado daquele lugar, e não da outra estalagem. Pelo menos não havia nenhum cajado de pastor por trás. Metade dos homens que enchiam o salão usava mantos brancos como a neve, seus elmos repousando na mesa à frente deles. A garota respirou fundo e precisou se conter para não dar meia-volta e ir embora.

Afora os soldados, era uma estalagem agradável, com bonitas vigas sustentando o teto alto e paredes escuras polidas. Galhos verdes decoravam a parede de duas grandes lareiras apagadas, e das cozinhas vinha o cheiro apetitoso de comida. Todas as atendentes, com seus aventais brancos, pareciam alegres ao passar apressadas em meio às mesas com as bandejas de vinho, cerveja e comida.

A chegada de uma lady gerou pouco burburinho em uma aldeia tão perto da capital. Ou talvez fosse pela postura *daquela* lady. Alguns poucos homens olharam para ela. A maior parte encarou com mais interesse a "criada", apesar de a expressão dura de Nynaeve ao perceber os olhares fazê-los voltar a atenção depressa ao vinho. Nynaeve parecia pensar que um homem olhá-la era um crime, mesmo que ele não dissesse nada e não agisse de modo lascivo. Entretanto, Elayne às vezes se perguntava por que ela insistia em usar roupas que caíam tão bem. Elayne tivera que trabalhar duro até que aquele vestido cinza comum caísse perfeitamente em Nynaeve. Em se tratando de trabalhos mais finos, a mulher era uma negação com a agulha.

A dona da pousada, a Senhora Jharen, era uma mulher rechonchuda com longos cachos grisalhos, um sorriso acolhedor e olhos escuros curiosos. Elayne suspeitou que ela fosse capaz de identificar uma bainha puída ou uma bolsa vazia a dez passadas. Elas obviamente passaram pelo crivo da taverneira, pois a mulher fez uma elaborando reverência, as saias cinza se espalhando ao seu redor, e lhes deu efusivas boas-vindas, perguntando se a lady estava indo ou vindo de Amador.

— Vindo — retrucou Elayne, com lânguida presunção. — Os bailes da cidade foram extremamente agradáveis, e o Rei Ailron é mesmo bonito como dizem, o que nem sempre é o caso com os reis,

mas eu preciso voltar para minha terra. Quero um quarto para mim e para Nana, e algo para meu lacaio e meu condutor. — Lembrando-se de Nynaeve na cama de baixo, acrescentou: — Quero duas camas separadas. Preciso de Nana por perto, mas, se ela ficar na cama de baixo, não vai me deixar dormir de tanto roncar. — A expressão respeitosa de Nynaeve vacilou, ainda bem que apenas por um momento, mas era mesmo verdade. Ela roncava muito alto.

— Claro, milady — concordou a proprietária. — Tenho exatamente o que você precisa. Mas seus homens terão que dormir lá no estábulo, no depósito de feno. Estamos bem lotados, como pode ver. Uma trupe de vagabundos trouxe alguns animais imensos e horrorosos aqui para a aldeia ontem, e um deles praticamente destruiu O Lanceiro do Rei. O pobre do Sinn perdeu metade ou até mais da clientela, e todos vieram para cá. — O sorriso da Senhora Jahren era mais de satisfação do que de pena. — Mas tenho um quarto sobrando, sim.

— Tenho certeza de que vai servir muito bem. Se puder mandar uma refeição leve e um pouco de água para eu me lavar, acho que vou me recolher cedo. — Ainda se via a luz do sol pelas janelas, mas Elayne cobriu a boca com delicadeza, como se reprimisse um bocejo.

— Claro, milady. Como quiser. Por aqui.

A Senhora Jharen parecia achar que precisava manter Elayne entretida enquanto mostrava às duas o segundo andar. Seguiu falando sobre a estalagem lotada e o milagre que era ainda ter um quarto vago, sobre o grupo de viajantes com seus animais, o modo como haviam sido expulsos da cidade e como aquela escória já ia tarde, sobre todos os nobres que já haviam se hospedado em seu estabelecimento ao longo dos anos, o que incluíra, certa vez, até mesmo o Senhor Capitão Comandante dos Filhos. Aliás, um Caçador da Trombeta aparecera ali no dia anterior, a caminho de Tear, onde se dizia que a Pedra de Tear caíra nas mãos de algum falso Dragão — e não era uma perversidade horrorosa que os homens fossem capazes de tais atos?

— Espero que nunca encontrem. — Os cachos grisalhos da dona da estalagem balançaram quando ela sacudiu a cabeça.

— A Trombeta de Valere? — indagou Elayne. — Por que não?

— Ora, milady, porque se encontrarem, significa que a Última Batalha está próxima. O Tenebroso está se libertando. — A Senhora Jharen estremeceu. — Que a Luz permita que a Trombeta nunca seja encontrada. Dessa forma, a Última Batalha não tem como acontecer, não é? — Não parecia haver muitas respostas para uma lógica tão curiosa.

O quarto era bem pequeno, embora *não exatamente* um cubículo. Duas camas estreitas com lençóis listrados repousavam de cada lado

de uma janela que dava para a rua, e o espaço entre elas e as paredes com reboco branco era o suficiente apenas para se passar. Entre as camas, uma mesinha com uma lamparina e uma caixa de madeira, um pequeno tapete florido e um lavatório com um espelhinho logo acima completavam a mobília. Ao menos tudo estava limpo e bem polido.

A proprietária afofou os travesseiros, alisou os lençóis e disse que os colchões eram da melhor pena de ganso, que os homens da lady trariam os baús para cima pela escada dos fundos, que tudo ficaria muito aconchegante, e que à noite havia uma brisa gostosa, caso a lady abrisse a janela e não fechasse a porta. Como se ela fosse dormir deixando aberta uma porta que dava para um corredor público. Antes que Elayne conseguisse fazer com que a Senhora Jharen saísse, duas garotas de avental chegaram com uma grande jarra azul com água quente e uma enorme bandeja laqueada coberta com um pano branco. O formato de um cântaro de vinho e duas canecas se desenhava em um dos lados, sob o pano.

— Acho que ela pensou que podíamos ir para O Lanceiro do Rei mesmo com um buraco na entrada — disse Elayne assim que a porta foi bem fechada. Examinando o quarto, ela fez uma careta. Mal haveria lugar para as duas e os baús. — Talvez devêssemos ir…

— Eu não ronco — afirmou Nynaeve, tensa.

— Claro que não. Mas eu precisava dizer alguma coisa.

Nynaeve pigarreou alto, porém, tudo o que disse foi:

— Ainda bem que estou suficientemente cansada para ir para a cama. Tirando a raiz-dupla, não identifiquei nada para ajudar a dormir no que aquela tal de Macura tinha.

Thom e Juilin precisaram de três viagens para trazer para cima os baús de madeira com borda de ferro, resmungando o tempo todo, como sempre faziam os homens, por ter que carregá-los até o segundo andar usando os degraus apertados dos fundos da estalagem. Também estavam reclamando de serem obrigados a dormir nos estábulos quando trouxeram o primeiro dos baús, que tinha dobradiças em forma de folha. A maior parte do dinheiro e dos objetos de valor que possuíam estava na base daquele baú, incluindo os *ter'angreal* recuperados, mas bastou eles darem uma olhada no quarto e depois entre si para calá-los. Sobre aquele assunto, ao menos.

— Vamos ver o que conseguimos descobrir no salão — informou Thom assim que o último baú foi empurrado para dentro. Quase não restava espaço para se chegar ao lavatório.

— E quem sabe dar uma volta pela aldeia — completou Juilin. — Quando há tanto desgosto quanto o que vi na rua, os homens costumam falar.

— Isso vai ser ótimo — opinou Elayne. Os dois queriam muito pensar que tinham mais utilidade do que só arrastar e carregar coisas.

Havia sido assim em Tanchico e em Mardecin, claro, e talvez fosse ser o caso outras vezes, mas não ali. — Só tenham o cuidado de não se meter em confusão com os Mantos-brancos, ouviram? — Os dois trocaram olhares resignados, como se ela já não tivesse visto ambos com os rostos machucados e ensanguentados após darem voltinhas em busca de informação, mas Elayne os perdoou e sorriu para Thom. — Não vejo a hora de ouvir o que vocês descobrirem.

— De manhã — disse Nynaeve com firmeza. Ela estava evitando tanto olhar para Elayne que daria no mesmo se estivesse lhe lançando olhares furiosos. — Se vocês nos incomodarem antes disso por qualquer coisa menos importante que Trollocs, vão ver o que é bom.

O olhar que os homens trocaram foi muito revelador, fazendo Nynaeve arquear as sobrancelhas, mas tão logo ela lhes entregou algumas moedas, relutante, os dois foram embora concordando em deixar as duas dormirem sem serem importunadas.

— Se eu não puder nem falar com Thom… — começou Elayne, assim que os homens se foram, no que Nynaeve a cortou.

— Não quero que eles entrem aqui e me vejam dormindo de camisola. — Ela estava desabotoando a parte de trás do vestido, desajeitada. Elayne foi ajudá-la, mas Nynaeve a impediu. — Eu dou conta. Pegue o anel para mim.

Bufando, Elayne ergueu a saia para alcançar o bolsinho que costurara na parte interna da roupa. Se Nynaeve queria ser rabugenta, que fosse. Não responderia, mesmo que ela voltasse a ficar resmungando. Havia dois anéis no bolso. Deixou ali o da Grande Serpente, dourado, que recebera ao ser elevada a Aceita e retirou o anel de pedra.

Listrado e manchado de tons de vermelho, azul e marrom, era grande demais para ser usado em qualquer dedo, além de ser achatado e retorcido. Estranho como era, o anel só tinha uma aresta. Um dedo que percorresse essa aresta circularia a parte interna e externa antes de voltar para onde começara. Era um *ter'angreal* que dava acesso a *Tel'aran'rhiod*, inclusive para alguém que não tivesse o Talento que Egwene e as Andarilhas dos Sonhos Aiel compartilhavam. Bastava dormir com ele em contato com a pele. Diferentemente dos dois *ter'angreal* que haviam recuperado da Ajah Negra, este não exigia canalização. Pelo que Elayne sabia, até um homem talvez conseguisse usá-lo.

Vestindo apenas a camisola de linho, Nynaeve enredou o anel na tira de couro que já carregava o anel de sinete de Lan e seu próprio anel da Grande Serpente, depois reatou e voltou a pendurá-la em torno do pescoço antes de se deitar em uma das camas. Posicionando os anéis cuidadosamente bem perto da pele, aquietou a cabeça nos travesseiros.

— Ainda falta muito para Egwene e as Sábias chegarem lá? — perguntou Elayne. — Eu nunca consigo saber que horas são no Deserto.

— Falta, a menos que ela chegue cedo, o que não vai fazer. As Sábias a controlam muito de perto. Vai fazer bem para ela, a longo prazo. Sempre foi cabeça-dura.

Nynaeve abriu os olhos e lhe lançou um olhar significativo — para ela! —, como se aquilo também se aplicasse a Elayne.

— Lembre-se de falar para Egwene dizer a Rand que estou pensando nele. — *Não* deixaria a outra iniciar uma discussão. — Diga a ela para… dizer a ele que eu o amo, e só ele. — Pronto. Tinha posto para fora.

Nynaeve revirou os olhos de modo bastante ofensivo.

— Se é o que você quer — disse ela, seca, aconchegando-se nos travesseiros.

Conforme a respiração da outra mulher começou a desacelerar, Elayne empurrou um dos baús contra a porta e se sentou nele para esperar. Sempre odiara esperar. Seria bem feito para Nynaeve se Elayne descesse até o salão. Thom provavelmente ainda estaria lá, e… E nada. A função dele era ser seu cocheiro. Ficou se perguntando se Nynaeve pensara naquilo antes de concordar em ser a criada. Elayne suspirou e se recostou na porta. *Realmente* detestava esperar.

14

Encontros

Os efeitos do anel *ter'angreal* já não assustavam Nynaeve. Ela estava no lugar no qual estivera pensando no momento em que o sono chegou, a grande câmara de Tear chamada de Coração da Pedra, dentro da gigantesca fortaleza conhecida como Pedra de Tear. As luminárias douradas estavam apagadas, mas uma luz fraca parecia vir de todos os lugares e de lugar nenhum para simplesmente estar em torno dela, esvanecendo-se à distância em sombras fracas. Pelo menos não fazia calor. Nunca parecia quente ou frio em *Tel'aran'rhiod*.

Imensas colunas de pedra vermelha espalhavam-se em todas as direções, o domo abobadado lá no alto perdido em sombras turvas com mais lâmpadas douradas que pendiam de correntes de ouro. As pedras pálidas do piso sob os seus pés estavam desgastadas. Os Grão-senhores de Tear só iam àquela câmara — no mundo desperto, claro — quando sua lei e seus costumes exigiam, mas faziam isso desde a Ruptura do Mundo. Centralizada abaixo do domo estava *Callandor*, aparentemente uma espada cintilante feita de cristal, enfiada na pedra até metade. Do mesmo jeito que Rand a deixara.

Não se aproximou de *Callandor*. Rand afirmava ter urdido armadilhas em torno dela usando *saidin*, armadilhas que nenhuma mulher conseguia ver. Nynaeve imaginava que fossem terríveis — mesmo os melhores homens podiam ser cruéis quando queriam —, terríveis e feitas para capturar tanto as mulheres quanto os homens que tentassem usar aquele *sa'angreal*. Ele pretendera proteger a espada tanto da Torre quanto dos Abandonados. Afora o próprio Rand, aquele que tocasse *Callandor* poderia morrer ou ter um destino ainda pior.

Esse era um fato de *Tel'aran'rhiod*. O que existia no mundo desperto também existia ali, embora o contrário nem sempre fosse verdade. O Mundo dos Sonhos, o Mundo Invisível, refletia o mundo desperto, ainda que às vezes de modo incomum, e talvez outros mundos também. Verin Sedai dissera a Egwene que havia um padrão urdido de mundos, desta e de outras realidades, assim como a urdidura das vidas das pessoas formava o Padrão das Eras. *Tel'aran'rhiod* perpassava todos eles, e mesmo assim poucos

conseguiam penetrá-lo, a menos que acidentalmente, enquanto dormiam, durante sonhos mundanos. Eram momentos perigosos para esses sonhadores, ainda que eles jamais se dessem conta disso, a não ser que tivessem muito azar. Outro fato de *Tel'aran'rhiod* era que o que acontecia com o sonhador ali também acontecia no mundo desperto. Morrer no Mundo dos Sonhos era morrer de verdade.

Nynaeve teve a sensação de estar sendo observada das sombras entre as colunas, mas aquilo não a incomodou. *Não* era Moghedien. É só imaginação. *Não tem ninguém me observando. Eu falei para Elayne ignorá-los, e aqui estou…* Moghedien certamente faria bem mais do que olhar. Ainda assim, desejou estar com raiva suficiente para canalizar. Não que estivesse com medo, claro. Só não estava com raiva. E com nem um pouco de medo.

O anel de pedra retorcido parecia leve, como se estivesse tentando flutuar para fora da camisola, lembrando Nynaeve de que aquela era a única peça de roupa que trajava. Foi só pensar em se vestir que já estava usando um vestido. Era um truque de *Tel'aran'rhiod* do qual Nynaeve gostava. De certa forma, não era necessário canalizar, já que ali era possível fazer certas coisas que ela duvidava que qualquer Aes Sedai já tivesse feito por meio do Poder. Porém, não foi o vestido que a mulher esperava, de lã grossa e barata de Dois Rios. A gola alta enfeitada com renda Jaerecruz vinha quase até o queixo, mas uma pálida seda amarela lhe cobria em camadas com caimento justo e revelador. Quantas vezes já chamara vestidos tarabonianos como aquele de indecentes quando os usara para se misturar em Tanchico? Parecia que tinha se acostumado a eles mais do que imaginara.

Puxando forte a trança, irritada por conta dos próprios desvios de pensamento, deixou o vestido como estava. O traje talvez não fosse o que desejava, mas ela não era volúvel, do tipo que bateria o pé ou ficaria reclamando por causa disso. *Um vestido é um vestido*. Ela o usaria quando Egwene chegasse, com qualquer uma das Sábias que a acompanhasse desta vez, e se alguma delas dissesse uma palavra… *Eu não cheguei cedo para ficar tagarelando sozinha sobre vestidos!*

— Birgitte? — Quem lhe respondeu foi o silêncio, e Nynaeve chamou um pouco mais alto, embora isso não devesse ser necessário. Naquele lugar, aquela mulher era capaz de escutar o próprio nome mesmo que ele fosse pronunciado do outro lado do mundo. — Birgitte?

Uma mulher surgiu em meio às colunas, os olhos azuis calmos e cheios de confiança orgulhosa, os cabelos dourados presos em uma longa trança ainda mais intrincada que a de Nynaeve. O casaco branco curto e as volumosas calças de seda amarela, dobradas na altura do tornozelo sobre botas de cano curto com salto plataforma, eram uma

indumentária de mais de dois mil anos atrás pela qual a mulher tomara gosto. As flechas em sua aljava pareciam de prata, assim como o arco que carregava.

— Gaidal está por perto? — indagou Nynaeve.

Ele costumava estar próximo de Birgitte e deixava Nynaeve nervosa, sempre ignorando sua presença e fazendo cara feia quando a mulher falava com ela. De início, havia sido um pouco chocante encontrar Gaidal Cain e Birgitte — heróis mortos há muito tempo e personagens de tantas histórias e lendas — em *Tel'aran'rhiod*. Porém, como a própria Birgitte dissera, que lugar poderia ser melhor que um sonho para heróis ligados à Roda do Tempo aguardarem seu renascimento? Um sonho que existia havia tanto tempo quanto a Roda. Eram eles, Birgitte, Gaidal Cain, Rogosh Olho-de-águia, Artur Asa-de-gavião e todos os demais, que a Trombeta de Valere voltaria a convocar para lutar em Tarmon Gai'don.

A trança de Birgitte balançou quando ela sacudiu a cabeça.

— Faz algum tempo que não o vejo. Acho que a Roda o girou para fora outra vez. Sempre acontece. — Sua voz tinha um quê de expectativa e preocupação.

Se ela estivesse certa, em algum lugar do mundo, um garotinho havia nascido: um bebê chorão que desconhecia quem era, mesmo que já estivesse predestinado a aventuras que criariam novas lendas. A Roda tecia os heróis no Padrão conforme eles eram necessários para dar forma ao próprio Padrão, e, quando morriam, todos voltavam até ali para aguardar de novo. Era isso que significava estar ligado à Roda do Tempo. Novos heróis também podiam ser ligados, homens e mulheres cuja bravura e feitos os elevavam a um patamar superior ao comum, mas, uma vez ligados, era para sempre.

— Quanto tempo você ainda tem? — perguntou Nynaeve. — Anos ainda, com certeza. — Birgitte sempre estivera ligada a Gaidal, amarrada a ele história após história, Era após Era, em aventuras e em um romance que nem mesmo a Roda do Tempo rompeu. Ela sempre renascia depois dele. Um ano, ou cinco, ou dez, mas depois.

— Não sei, Nynaeve. O tempo aqui não é como o tempo do mundo desperto. Eu encontrei você aqui dez dias atrás, ao que me parece, e encontrei Elayne há apenas um. Para vocês, foi há quanto tempo?

— Quatro dias e três dias — murmurou Nynaeve.

Ela e Elayne iam conversar com Birgitte sempre que possível, ainda que, com muita frequência, não pudessem aparecer por conta de Thom e Juilin estarem compartilhando o mesmo acampamento e montando guarda durante a noite. Birgitte se lembrava da Guerra do Poder, pelo menos de ter vivido uma de suas vidas nessa época, e dos Abandonados. Suas vidas passadas eram como livros que traziam boas

lembranças de muito tempo atrás, as mais distantes sempre mais vagas que as mais próximas, mas os Abandonados se sobressaíam. Sobretudo Moghedien.

— Vê, Nynaeve? O fluxo do tempo aqui também pode mudar de maneiras mais significativas. Podem se passar meses até eu nascer de novo, ou dias. Aqui, para mim. No mundo desperto, ainda podem se passar anos até meu nascimento.

Com algum esforço, Nynaeve suprimiu seu desgosto.

— Então não devemos desperdiçar o tempo que tivermos. Você viu algum deles desde a última vez em que nos encontramos? — Não havia necessidade de dizer quem.

— Muitos. Lanfear, claro, vem com frequência a *Tel'aran'rhiod*, mas também vi Rahvin, Sammael e Graendal. Demandred. E Semirhage. — A voz de Birgitte ficou tensa ao citar o último nome. Nem Moghedien, que a odiava, a deixava tão visivelmente apavorada, mas Semirhage era outra conversa.

Nynaeve também estremeceu — a mulher de cabelos dourados contara muito sobre aquela Abandonada — e notou que estava trajando um espesso manto de lã com um capuz puxado de forma a esconder o rosto. Ruborizando, ela o fez desaparecer.

— Nenhum deles viu você? — perguntou, ansiosa.

Birgitte era mais vulnerável que ela de muitas maneiras, apesar de seu conhecimento sobre *Tel'aran'rhiod*. A mulher nunca fora capaz de canalizar. Qualquer um dos Abandonados poderia destruí-la como se esmagasse uma formiga, e sem nem diminuir o passo. E, caso ela fosse destruída ali, nunca mais renasceria.

— Não sou tão destreinada, ou tão tola, para permitir isso. — Birgitte se apoiou no arco de prata. Segundo a lenda, a mulher jamais errava o alvo com aquele arco e suas flechas prateadas. — Eles estão preocupados uns com os outros, e com mais ninguém. Já vi Rahvin e Sammael, Graendal e Lanfear, uns espionando os outros sem serem vistos. E Demandred e Semirhage, cada qual também se escondendo. Não os via tanto por aqui desde que foram libertados.

— Estão tramando alguma coisa. — Nynaeve mordeu o lábio inferior, frustrada e nervosa. — Mas o quê?

— Ainda não sei, Nynaeve. Na Guerra da Sombra, eles sempre estavam tramando algo, e com muita frequência uns contra os outros, mas nunca fizeram nada de bom para o mundo, o desperto ou o dos sonhos.

— Tente descobrir, Birgitte. Quanto e como puder, sem correr riscos. Não se arrisque.

O rosto da outra não se alterou, mas Nynaeve achou que ela estava se divertindo. Aquela tola fazia tão pouco caso do perigo quanto Lan. Nynaeve desejava poder perguntar sobre a Torre Branca,

sobre o que Siuan estaria planejando, mas Birgitte não podia ver nem tocar o mundo desperto, a menos que fosse convocada a ele pela Trombeta. *Você só está tentando evitar o que realmente quer perguntar!*

— Tem visto Moghedien?

— Não. — Birgitte suspirou. — E tenho tentado. Em geral, consigo encontrar qualquer pessoa que saiba que está no Mundo dos Sonhos. Há uma sensação, como se elas estivessem espalhando ondas pelo ar. Ou talvez seja a consciência delas. Eu realmente não sei. Sou soldado, não uma estudiosa. Ou ela não esteve em *Tel'aran'rhiod* desde que você a derrotou, ou… — A mulher hesitou, e Nynaeve quis impedi-la de dizer o que sabia que viria a seguir, mas Birgitte era decidida demais para se esquivar de possibilidades ruins. — Ou então sabe que tenho procurado por ela. Sabe se esconder, aquela mulher. Não é à toa que a chamam de Aranha. — Na Era das Lendas, "moghedien" fora exatamente isso: uma aranha minúscula que tecia suas teias em lugares secretos, sua mordida venenosa o bastante para matar em um piscar de olhos.

Com uma súbita e intensa sensação de estar sendo observada, Nynaeve foi tomada por um calafrio. Não chegou a tremer. Apenas um calafrio, não um tremor. Mesmo assim, manteve o pensamento firme no vestido taraboniano macio a fim de que não se visse abruptamente usando uma armadura. Já era embaraçoso demais quando coisas daquele tipo aconteciam quando estava sozinha, e mais ainda sob os tranquilos olhos azuis de uma mulher que tinha valentia suficiente para fazer frente a Gaidal Cain.

— Você consegue encontrá-la até quando ela quer ficar escondida, Birgitte?

Aquilo era pedir demais, caso Moghedien soubesse que estava sendo caçada. Era como procurar um leão no mato alto, armado apenas com um graveto.

A outra mulher não hesitou.

— Talvez. Vou tentar. — Levantando o arco, acrescentou: — Agora preciso ir. Não quero correr o risco de ser vista pelas outras quando elas chegarem.

Nynaeve tocou o braço dela para impedi-la.

— Ajudaria muito se me deixasse contar a elas. Assim, eu poderia compartilhar com Egwene e as Sábias o que você me contou sobre os Abandonados, e elas poderiam contar para Rand. Birgitte, ele precisa saber…

— Você prometeu, Nynaeve. — Os reluzentes olhos azuis estavam tão inflexíveis quanto gelo. — As regras pré-estabelecidas dizem que não devemos permitir que ninguém saiba o que habita *Tel'aran'rhiod*. Quebrei muitas delas só por falar com você, muitas outras por lhe ajudar, porque não consigo ficar parada vendo sua batalha contra a

Sombra. Já travei essa batalha em muito mais vidas do que consigo me recordar, mas *vou* respeitar o máximo de regras que puder. Você precisa manter sua promessa.

— Claro que vou manter — respondeu a antiga Sabedoria, indignada —, a menos que você me libere dela. E eu *realmente* peço que…

— Não.

E Birgitte se foi. Em um momento, a mão de Nynaeve estava pousada em uma manga branca de casaco, e, no instante seguinte, no ar. Alguns dos xingamentos que entreouvira de Thom e Juilin percorreram sua mente, do tipo que a faria brigar com Elayne caso a garota os tivesse decorado, e mais ainda se os usasse. Não havia razão para chamar por Birgitte outra vez. Ela provavelmente não viria. Só restava a Nynaeve torcer para que a mulher respondesse na próxima vez em que ela ou Elayne a chamassem.

— Birgitte! Eu vou manter a minha promessa, Birgitte!

Ela ouviria. Na próxima vez que se encontrassem, talvez a mulher soubesse de algo sobre as atividades de Moghedien. Nynaeve quase torcia para que não fosse o caso. Se fosse, no entanto, significaria que Moghedien realmente estava espionando *Tel'aran'rhiod*.

Sua tola! "Se não vigiar as cobras, não poderá reclamar quando uma picar você." Nynaeve realmente queria um dia conhecer Lini, a antiga babá de Elayne.

O vazio da vasta câmara a oprimia, todas aquelas grandes colunas polidas e aquela sensação de estar sendo observada das sombras entre elas. *Se realmente houvesse alguém lá, Birgitte teria notado*.

Nynaeve percebeu que analisava o vestido de seda na altura dos quadris e, para tirar o pensamento de olhos inexistentes, se concentrou na peça de roupa. Quando Lan a vira pela primeira vez, ela estava vestindo boas peças de lã de Dois Rios, e, quando ele professara seu amor, um vestido bordado simples, mas Nynaeve queria que Lan a visse em vestidos como aquele. Não seria indecente, se fosse ele a observá-la.

Um espelho comprido apareceu, refletindo sua imagem enquanto ela se virava para um lado e para outro, até mesmo espiando por cima do ombro. O tecido amarelo era bem justo, de certa forma revelando tudo o que cobria. O Círculo das Mulheres de Campo de Emond a teria chamado de lado para uma boa conversa a sós, sendo ela a Sabedoria ou não. Porém, o vestido era muito bonito. Ali, sozinha, podia admitir que se acostumara mais do que um pouco a usar algo daquele tipo em público. *Você gostou*, brigou consigo mesma. *Você é assanhada do mesmo jeitinho que Elayne parece estar ficando!* Mas era bonito. E talvez não tão obsceno quanto sempre dissera. O decote não se abria até a altura dos joelhos, como o da Primeira de Mayene, por exemplo. Bom,

talvez os vestidos de Berelain não fossem tão decotados assim, mas ainda eram bem mais cavados do que exigia a respeitabilidade.

Já ouvira falar sobre o que as domanesas costumavam usar. Até as tarabonianas chamavam aquilo de indecente. Bastou pensar a respeito para a seda amarela se refazer em caimentos ondulados, com um cinto estreito de ouro trançado. E o tecido ficou transparente. Seu rosto enrubesceu. Muito transparente. Na verdade, quase sem nenhuma opacidade. O vestido fazia mais do que sugerir. Se Lan a visse usando aquilo, não ficaria tagarelando que seu amor por ela não tinha esperança e que não lhe daria trajes de luto como presente de casamento. Bastaria uma olhadinha para o sangue dele pegar fogo. Ele iria…

— O que, sob a Luz, é isso que você está vestindo, Nynaeve? — perguntou Egwene, escandalizada.

Nynaeve deu um salto, girando, e quando voltou a tocar o solo encarando Egwene e Melaine — *claro* que tinha que ser Melaine, embora nenhuma das Sábias fosse uma opção melhor —, o espelho sumira e ela estava usando um vestido escuro de lã de Dois Rios, grosso o bastante para os dias mais frios do inverno. Tão mortificada por ter levado um susto quanto pelo resto — *principalmente* por ter levado um susto —, trocou de vestido imediatamente, sem pensar, voltando ao delicado domanês, e passando depressa ao amarelo taraboniano.

O rosto de Nynaeve se inflamou. As duas provavelmente a achavam uma completa idiota. E na frente de Melaine, ainda por cima. A Sábia era bonita, com longos cabelos acobreados e olhos verdes límpidos. Não que Nynaeve desse a mínima para a aparência da mulher. Mas Melaine também estivera ali em seu último encontro com Egwene, e a provocara com relação a Lan. Nynaeve perdera a paciência com aquilo. Egwene afirmara que não se tratava de provocações, não entre as Aiel, mas Melaine tecera elogios aos ombros, às mãos e aos olhos de Lan. Que direito aquela raposa de olhos verdes tinha de ficar olhando para os ombros de Lan? Não que Nynaeve duvidasse da fidelidade dele. Mas Lan era homem, e estava longe dela, e Melaine estava lá perto, e… Com firmeza, ela pôs um ponto final naquela linha de raciocínio.

— Lan está…? — Parecia que seu rosto pegaria fogo. *Você não consegue controlar a língua, mulher?* Mas não iria e nem poderia recuar, não na presença de Melaine. O sorriso confuso de Egwene já era ruim o bastante, mas Melaine ousou exibir um olhar de compreensão. — Ele está bem? — Tentou manter uma atitude tranquila, mas acabou soando forçada.

— Ele está bem — respondeu Egwene. — Preocupado com a sua segurança.

Nynaeve deixou escapar o ar que nem percebera que estava segurando. O Deserto era um lugar perigoso, mesmo sem tipos como Couladin e os Shaido, e o homem não sabia o que significava ter cautela. E ele era que estava preocupado com a segurança dela? Será que aquele tolo achava que ela não era capaz de tomar conta de si mesma?

— Finalmente chegamos a Amadícia — contou, apressada, querendo disfarçar. *A língua solta, e depois ainda suspira! Aquele homem roubou o meu bom senso!* Olhando para o rosto das outras duas, não havia como dizer se conseguira. — Uma aldeia chamada Sienda, a leste de Amador. Mantos-brancos por toda parte, mas não nos olham com suspeita. É com outras pessoas que temos que nos preocupar.

Na presença de Melaine, Nynaeve tinha de ser cuidadosa, talvez até distorcer um pouco a verdade aqui e ali, mas contara para as duas sobre Ronde Macura e sua estranha mensagem, e sobre a mulher ter tentado drogá-las. Tentado, porque não conseguira admitir na frente de Melaine que a costureira havia conseguido. *O que estou fazendo, Luz? Eu nunca menti para Egwene em toda a minha vida!*

O suposto motivo — o retorno de uma Aceita que fugiu — certamente não podia ser mencionado, não diante de uma das Sábias. Elas achavam que Nynaeve e Elayne eram Aes Sedai completas. Mas precisava fazer com que Egwene, de alguma forma, soubesse a verdade.

— Deve ser por causa de algum plano qualquer relacionado a Andor, mas Elayne, você e eu temos questões em comum, Egwene, e acho que deveríamos ter tanto cuidado quanto Elayne. — A garota assentiu devagar. Sua expressão era de estupor, como não poderia deixar de ser, mas ela pareceu entender. — Ainda bem que o sabor daquele chá me deixou desconfiada. Imagine tentar dar raiz-dupla para alguém que conhece ervas tão bem quanto eu.

— Tramas dentro de tramas — murmurou Melaine. — Penso que a Grande Serpente seja um bom símbolo para vocês Aes Sedai. Algum dia, talvez vocês se engulam por acaso.

— Também temos novidades — informou Egwene.

Nynaeve não via motivos para a pressa da garota em falar. *Eu com certeza não vou deixar esta mulher me fazer morder a isca e perder a cabeça. E certamente não ficaria com raiva por ela insultar a Torre.* Soltou a mão da trança. O que Egwene tinha a dizer fez com que pusesse seu humor de lado.

Couladin cruzando a Espinha do Mundo com certeza era grave, e Rand o seguindo era só um pouco menos. Estavam indo a toda rumo a Passo de Jangai, marchando desde a primeira luz até depois do crepúsculo, e Melaine afirmou que logo a alcançariam. As condições em Cairhien já eram suficientemente severas sem abrigar a guerra

entre os Aiel. E uma nova Guerra dos Aiel decerto aconteceria se ele tentasse pôr em prática seu plano maluco. Maluco. Ainda não, com certeza. Rand precisava, de alguma forma, se agarrar à sanidade.

Faz quanto tempo desde que eu vivia preocupada sobre como iria protegê-lo?, pensou com amargura. *E agora eu só quero que ele fique são para lutar a Última Batalha.* Não era só por isso, mas era por isso também. Rand era o que era. *Que a Luz me queime, eu sou tão má quanto Siuan Sanche ou qualquer uma delas!*

Mas foi o que Egwene tinha a dizer sobre Moiraine que a deixou chocada.

— Ela o *obedece*? — perguntou, incrédula.

Egwene assentiu vigorosamente, usando aquele ridículo cachecol Aiel.

— Ontem à noite eles tiveram uma discussão, já que ela ainda está tentando convencê-lo a não cruzar a Muralha do Dragão. Até que Rand disse para ela ficar do lado de fora até se acalmar. Moiraine parecia que ia engolir a própria língua, mas acabou saindo. Ficou do lado de fora, à noite, por uma hora.

— Isso não está certo — opinou Melaine, arrumando o xale com firmeza. — Os homens não têm nada que ficar dando ordens para Aes Sedai e nem para Sábias. Nem mesmo o *Car'a'carn*.

— Com certeza não — concordou Nynaeve, depois precisou manter a boca bem fechada para evitar que ficar de queixo caído consigo mesma. *O que me importa se Rand a fizer dançar conforme a música dele? Ela já fez todas nós dançarmos várias vezes conforme a música dela.* Mas não era certo. *Eu* não quero *ser Aes Sedai, só quero aprender mais sobre a Cura. Quero continuar a ser quem eu sou. Deixem que ele fique mandando nela!* Continuava não sendo certo.

— Pelo menos ele agora fala com ela — ponderou Egwene. — Antes, Rand ficava completamente ácido se ela parasse a dez pés dele. Nynaeve, ele está com o ego mais inflado a cada dia.

— Na época em que eu achava que você se tornaria Sabedoria depois de mim — disse Nynaeve, com ironia —, eu lhe ensinei a desinflar egos. Vai ser bom para Rand se você fizer isso, mesmo que ele tenha se transformado no maior touro do pasto. Principalmente porque ele é mesmo o maior. Me parece que reis e rainhas podem agir como tolos quando se esquecem *o que* são, sendo apenas *quem* são, mas são ainda pior quando só se lembram *do que* são, se esquecendo de *quem* são. A maioria deles precisava de alguém cuja única função fosse lembrá-los de que eles comem, suam e choram igualzinho a qualquer fazendeiro.

Melaine enrolou o xale em torno de si, parecendo não ter certeza se concordava ou não, mas Egwene disse:

— Eu tento, mas às vezes ele nem parece ser o mesmo, e, até

quando parece, sua arrogância é uma bolha resistente demais para ser estourada.

— Faça o melhor que puder. Ajudar Rand a permanecer ele mesmo talvez seja a melhor coisa que alguém poderia fazer. Por ele e pelo resto do mundo.

As palavras causaram silêncio. Ela e Egwene certamente não gostavam de falar sobre a possibilidade de Rand enlouquecer, e Melaine não tinha como pensar diferente.

— Tenho outra coisa importante para lhe contar — continuou Nynaeve, após alguns instantes. — Acho que os Abandonados estão tramando algo.

Não era a mesma coisa que contar sobre Birgitte. Nynaeve fez parecer que ela mesma havia visto Lanfear e os demais. Na verdade, Moghedien era a única que seria capaz de reconhecer ao vivo, e talvez Asmodean, embora só o tivesse visto uma vez, e à distância. Esperava que nenhuma das duas pensasse em perguntar como ela sabia quem era quem, ou por que pensava que Moghedien pudesse estar se esgueirando. No fim das contas, o problema não surgiu de nada disso.

— Você tem andado pelo Mundo dos Sonhos? — Os olhos verdes de Melaine estavam gélidos.

Nynaeve a encarou com o mesmíssimo olhar, apesar do balançar de cabeça pesaroso de Egwene.

— Eu não tinha como ver Rahvin e os outros sem fazer isso, tinha?

— Você sabe pouco e tenta demais, Aes Sedai. Não deveriam ter lhe ensinado nem o pouco que você sabe. Falando por mim, às vezes me arrependo até de termos concordado com estes encontros. Mulheres sem treinamento não deveriam ter permissão de entrar em *Tel'aran'rhiod*.

— Eu já aprendi sozinha muito mais coisas do que você me ensinou. — Nynaeve se esforçou para manter a voz tranquila. — Aprendi sozinha a canalizar e não vejo por que *Tel'aran'rhiod* deva ser diferente.

Foi apenas uma raiva teimosa que a fez dizer aquilo. Aprendera sozinha a canalizar, verdade, mas não muito bem e sem saber o que estava fazendo. Antes da Torre Branca, havia Curado algumas vezes, mas sem consciência disso, até Moiraine lhe provar. Suas professoras na Torre tinham dito que era por isso que ela precisava estar com raiva para conseguir canalizar. Assustada, escondera de si mesma sua habilidade, e apenas a fúria era capaz de sobrepujar aquele medo enterrado por tanto tempo.

— Então você é uma daquelas que as Aes Sedai chamam de bravias. — Houve certa inflexão na última palavra, mas, fosse desdém ou pena, Nynaeve não gostou. Na Torre, o termo raramente era

elogioso. Claro que não havia bravias entre os Aiel. As Sábias que eram capazes de canalizar encontravam todas as garotas que nasciam com a centelha, aquelas que mais cedo ou mais tarde desenvolveriam a capacidade de canalizar, mesmo que nem tentassem aprender. Também afirmavam encontrar toda e qualquer garota sem a centelha que, se instruída, pudesse aprender. Nenhuma Aiel morrera tentando aprender sozinha. — Você conhece os perigos de aprender o Poder sem orientação, Aes Sedai. Não pense que os perigos do sonho são menores. São tão grandes quanto, e talvez ainda maiores para quem se aventura sem ter conhecimento.

— Eu sou cuidadosa — afirmou Nynaeve com voz firme. Não tinha ido até ali para ser repreendida por aquela Aiel megera de cabelo ensolarado. — Sei o que estou fazendo, Melaine.

— Não sabe nada. Você é tão cabeça-dura quanto esta outra aqui era quando veio até nós. — A Sábia lançou a Egwene um sorriso que realmente pareceu afetuoso. — Nós domamos o excesso de exuberância dela, e agora Egwene aprende tudo rápido. Embora ainda cometa muitas falhas. — O sorriso satisfeito de Egwene desapareceu. Nynaeve suspeitou que fora aquele sorriso que fizera Melaine acrescentar a última frase. — Se você deseja caminhar nos sonhos — prosseguiu a Aiel —, venha até nós. Nós também iremos domar seu entusiasmo e lhe ensinar.

— Eu não preciso ser domada, muito obrigada — retrucou Nynaeve com um sorriso educado.

— *Aan'allein* vai morrer no dia em que souber que você está morta.

Gelo perfurou o coração de Nynaeve. *Aan'allein* era como os Aiel chamavam Lan. Na Língua Antiga, significava Homem Único, ou Homem Sozinho, ou Homem Que É Um Povo Inteiro. Traduções exatas da Língua Antiga costumavam ser difíceis. Os Aiel tinham um enorme respeito por Lan, o homem que jamais desistiria de sua guerra contra a Sombra, o inimigo que destruíra sua nação.

— Você usa truques sujos na guerra — resmungou.

Melaine arqueou uma das sobrancelhas.

— Estamos em guerra? Se estivermos, então fique sabendo que, na batalha, só existe ganhar ou perder. Regras que proíbem machucar o outro são para jogos. Quero que você prometa que não vai fazer nada em um sonho sem primeiro consultar uma de nós. Sei que Aes Sedai não podem mentir, então quero ouvi-la prometer.

Nynaeve rangeu os dentes. As palavras seriam fáceis de falar. Não ficaria presa a elas, não estava unida aos Três Juramentos. Mas seria uma admissão de que Melaine estava certa. Ela não acreditava naquilo e não diria coisa alguma.

— Ela não vai prometer, Melaine — afirmou Egwene, por fim. —

Quando fica com esse olhar de mula, é porque não sairia de casa nem que você mostrasse o telhado pegando fogo.

Nynaeve reservou uma ponta daquele olhar a Egwene. Mula, então! Quando tudo o que fez foi se recusar a ser jogada para lá e para cá feito uma boneca de pano.

Após um longo momento, Melaine suspirou.

— Muito bem. Mas seria bom lembrar, Aes Sedai, que você não passa de uma criança em *Tel'aran'rhiod*. Vamos, Egwene. Temos que ir. — Um sorrisinho surgiu no rosto de Egwene enquanto as duas desapareciam.

De repente, Nynaeve se deu conta de que suas roupas haviam mudado. Haviam sido mudadas. As Sábias conheciam *Tel'aran'rhiod* o suficiente para alterar coisas nos outros tanto quanto nelas próprias. Nynaeve agora trajava uma blusa branca e uma saia escura, mas, ao contrário das saias das mulheres que tinham acabado de ir embora, a dela terminava bem acima do joelho. Os sapatos e as meias haviam sumido, e seu cabelo estava repartido em duas tranças, uma acima de cada orelha, amarradas com fitas amarelas. Uma boneca de pano com o rosto entalhado e pintado estava sentada ao lado de seus pés descalços. Nynaeve escutou os próprios dentes rangendo. Aquilo já acontecera uma vez antes, e ela conseguira arrancar de Egwene que aquela era a maneira como os Aiel vestiam as garotinhas.

Em um rompante de fúria, voltou a trajar a seda taraboniana amarela, desta vez ainda mais colada ao corpo, e deu um chute na boneca, que saiu voando, desaparecendo ainda no ar. Aquela tal de Melaine provavelmente estava de olho em Lan. Todos os Aiel pareciam pensar que ele era uma espécie de herói. A gola alta se transformou em um colarinho de renda, e o decote estreito e cavado deixava parte dos seios à mostra. Se aquela mulher sequer sorrisse para ele…! Se ele…! De repente, se deu conta de que o decote se aprofundava e se alargava rapidamente e apressou-se em ajustá-lo; não todo, mas o suficiente para não constrangê-la. O vestido tinha ficado tão apertado que mal conseguia se mexer. Também deu um jeito nisso.

Então ela precisava *pedir permissão*? Implorar para as Sábias antes de fazer qualquer coisa? Não fora ela quem derrotara Moghedien? Na ocasião, todas haviam ficado justificadamente impressionadas, mas pareciam ter esquecido.

Se não podia usar Birgitte para descobrir o que estava havendo na Torre, talvez houvesse um jeito de fazer isso sozinha.

15

O que se pode aprender nos sonhos

Cuidadosamente, Nynaeve formou em sua mente uma imagem do gabinete da Amyrlin, da mesma forma como visualizara o Coração da Pedra ao ir dormir. Nada aconteceu, e ela franziu a testa. Deveria ter sido levada à Torre Branca, ao aposento que havia visualizado. Tentou de novo, imaginando outro aposento do local, mas um que visitara com muito mais frequência, ainda que em momentos menos alegres.

O Coração da Pedra se transformou no gabinete da Mestra das Noviças, um aposento compacto, com painéis escuros e mobília simples e robusta que tinha sido usada por várias gerações de mulheres que se apropriaram daquele escritório. Quando as transgressões de uma noviça eram tamanhas que algumas horas a mais esfregando o chão ou capinando trilhas não eram suficientes, era para lá que a mandavam. Para que uma Aceita recebesse um chamado do tipo, era necessária uma transgressão ainda maior, mas ainda assim ela ia, arrastando os pés e sabendo que a consequência seria tão dolorosa quanto, talvez ainda pior.

Nynaeve não queria nem olhar para o aposento — em suas numerosas visitas, Sheriam a chamara de "intencionalmente teimosa" —, mas se pegou encarando o espelho na parede, no qual noviças e Aceitas tinham que ficar olhando os próprios rostos chorosos enquanto ouviam o sermão de Sheriam sobre obedecer regras, mostrar o devido respeito ou o que fosse. Obedecer às regras dos outros e mostrar o respeito exigido sempre havia sido um estorvo para Nynaeve. Os débeis vestígios dourados na moldura entalhada indicavam que o objeto estivera ali desde a Guerra dos Cem Anos, se não desde a Ruptura.

O vestido taraboniano era bonito, mas qualquer pessoa que a visse naqueles trajes ficaria desconfiada. Até as domanesas se vestiam de modo circunspecto quando visitavam a Torre, e Nynaeve não conseguia imaginar que alguém pudesse sonhar em estar ali sem se comportar da melhor forma possível. Não que fosse provável que encontrasse alguém, exceto, talvez, uma pessoa que adentrasse *Tel'aran'rhiod* por alguns momentos durante um sonho. Antes de

Egwene, não houvera nenhuma mulher na Torre capaz de entrar no Mundo dos Sonhos sem ajuda desde Corianin Nedeal, mais de quatrocentos anos antes. Por outro lado, entre os *ter'angreal* roubados da Torre que ainda estavam nas mãos de Liandrin e seus confederados, onze tinham sido estudados pela última vez pela própria Corianin. Os outros dois que a mulher estudara, os dois que Nynaeve e Elayne tinham em mãos, davam acesso a *Tel'aran'rhiod*. Era melhor presumir que os demais também davam. Havia pouca chance de que Liandrin ou qualquer uma das outras fossem sonhar que estavam de volta à Torre da qual tinham fugido, mas mesmo essa pequena chance era um risco grande demais, já que podia significar ser apanhada em uma cilada. Na verdade, Nynaeve não tinha como ter certeza de que os únicos *ter'angreal* roubados eram aqueles que Corianin estudara. Os registros sobre *ter'angreal* que ninguém compreendia costumavam ser obscuros, e outros poderiam muito bem estar nas mãos de irmãs Negras que ainda estavam na Torre.

O vestido mudou por completo, virou uma lã branca e macia, mas não de qualidade particularmente alta, com uma faixa de sete listras coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Se visse alguém que não desaparecesse após alguns instantes, Nynaeve se transportaria de volta para Sienda, e a pessoa pensaria que ela era apenas uma das Aceitas tocando *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos. Não. Não voltaria para a estalagem, e sim para o gabinete de Sheriam. Afinal de contas, qualquer pessoa assim teria de ser da Ajah Negra, e Nynaeve teria que caçá-la.

Para completar o disfarce, segurou a trança, subitamente loura-avermelhada, e fez uma careta para o rosto de Melaine no espelho. Aquela, sim, era uma mulher que ela gostaria de entregar para Sheriam.

O gabinete da Mestra das Noviças ficava perto dos alojamentos das noviças, e os largos corredores ladrilhados tremeluziam com movimentos ocasionais, para além das lamparinas apagadas e das tapeçarias de parede. Eram relances de garotas apavoradas, todas trajando o branco das noviças. Grande parte dos pesadelos daquelas garotas era com Sheriam. Nynaeve as ignorou enquanto passava apressadamente. Elas não estavam presentes o suficiente no Mundo dos Sonhos para vê-la, ou, se a vissem, pensariam apenas que ela fazia parte do sonho.

O gabinete da Amyrlin ficava a apenas uma rápida subida por uma larga escadaria. Ao se aproximar, Elaida surgiu de repente à sua frente, de rosto suado e usando um vestido vermelho-sangue, a estola do Trono de Amyrlin em torno dos ombros. Ou quase a estola da Amyrlin, já que não tinha a listra azul.

Aqueles olhos escuros inflexíveis se concentraram em Nynaeve.

— Eu sou o Trono de Amyrlin, garota! Você não sabe demonstrar respeito? Vou fazer vo… — No meio da palavra, ela desapareceu.

Nynaeve soltou o ar, abalada. Elaida, Amyrlin. Aquilo com certeza era um pesadelo. *Provavelmente o maior sonho dela*, pensou, sarcástica. *Mais fácil nevar em Tear do que* ela *chegar tão alto.*

A antessala era bem parecida com o que se lembrava, com uma mesa ampla e uma cadeira para a Curadora das Crônicas logo atrás. Algumas cadeiras estavam dispostas ao longo da parede para as Aes Sedai que aguardavam para falar com a Amyrlin. Noviças e Aceitas ficavam de pé. Porém, o conjunto de papéis arrumado sobre a mesa, rolos amarrados, grandes pergaminhos com selos e cartas, não tinha o jeito de Leane. Não que ela fosse desorganizada, muito pelo contrário, mas Nynaeve sempre imaginara que, de noite, ela mantivesse tudo guardado.

Abriu a porta para a sala interna, mas diminuiu o passo conforme foi entrando. Não era surpresa que não tivesse conseguido sonhar que estava ali. O local não era nem um pouco parecido com o que se lembrava. A mesa ricamente entalhada e a cadeira alta feito um trono. Os bancos com entalhes de vinhas dispostos em uma curva perfeita à frente da mesa, nenhum deles uma mísera polegada fora do lugar. Siuan Sanche apreciava mobílias simples, como se fingisse que ainda era apenas a filha de um pescador, e mantinha apenas uma única cadeira sobressalente, que nem sempre permitia que os visitantes utilizassem. E aquele vaso branco cheio de rosas vermelhas, arrumado rigorosamente em um pedestal, como se fosse um monumento. Siuan gostava de flores, mas preferia buquês coloridos, como um campo de flores silvestres em miniatura. Pendurado acima da lareira houvera um desenho bem simples de barcos de pesca em meio a juncos altos. Agora eram duas pinturas, uma das quais Nynaeve reconheceu. Rand, lutando contra o Abandonado que se autodenominava Ba'alzamon nas nuvens acima de Falme. A outra, em três painéis de madeira, retratava cenas para as quais sua memória não encontrava referência.

A porta se abriu, e o coração de Nynaeve foi parar na garganta. Uma Aceita de cabelos ruivos que ela nunca vira antes entrou no aposento e a encarou. A menina não desapareceu imediatamente. No momento em que Nynaeve se preparava para saltar de volta ao gabinete de Sheriam, a ruiva disse:

— Nynaeve, se Melaine soubesse que você estava usando o rosto dela, faria bem mais do que colocar você em um vestidinho de criança. — E, tão de repente quanto aparecera, a menina se transformou em Egwene, em seu traje Aiel.

— Você quase me matou de susto — resmungou Nynaeve. — Então as Sábias finalmente decidiram deixar você ir e vir como bem entender? Ou Melaine está por trás…

— Acho bom você ter levado um susto — irrompeu Egwene, as bochechas ficando mais coradas. — Você é uma tola, Nynaeve. Uma criança brincando em um estábulo com uma vela.

Nynaeve ficou boquiaberta. *Egwene* repreendendo-a *?*

— Escute aqui, Egwene al'Vere. Eu não aceito broncas de Melaine, e muito menos…

— É melhor aceitar a bronca de alguém, antes que acabe morta.

— Eu…

— Preciso tirar este anel de pedra de você. Deveria ter dado ele para Elayne e dito a ela para não deixar você usar de jeito nenhum.

— Dito a ela para não…!

— Você acha que Melaine estava exagerando? — perguntou Egwene, inflexível, balançando o dedo quase que exatamente como a Sábia de cabelos loiros. — Não estava, Nynaeve. As Sábias disseram a verdade nua e crua sobre *Tel'aran'rhiod* diversas vezes, mas você parece pensar que elas não passam de idiotas falando com o vento. Você deveria ser uma mulher adulta, não uma criancinha idiota. Eu juro, qualquer bom senso que um dia você teve na cabeça parece ter desaparecido feito um sopro de fumaça. Bem, trate de encontrá-lo, Nynaeve! — Ela bufou bem alto, reposicionando o xale nos ombros. — Neste momento, você está tentando brincar com as lindas chamas da lareira, mas é tola demais para perceber que pode cair lá dentro.

Nynaeve encarou-a com espanto. Elas discutiam com alguma frequência, mas Egwene nunca havia lhe tratado como uma garotinha pega com o dedo no pote de mel. Nunca! O vestido. Era o vestido de Aceita que ela estava usando, além do rosto de outra pessoa. Voltou a se transformar em quem era, trajando uma boa lã azul que usara bastante em reuniões do Círculo e quando queria guiar o Conselho. Sentiu-se revestida de toda sua antiga autoridade de Sabedoria.

— Eu estou bem ciente do quanto desconheço — retrucou, com a voz calma —, mas aquelas Aiel…

— Você percebe que pode sonhar com algo de que não consiga escapar? Os sonhos aqui são reais. Se você se deixar levar por um sonho gostoso, ele pode lhe prender. Você prenderia a si mesma. Até morrer.

— Você vai…?

— Há pesadelos caminhando em *Tel'aran'rhiod*, Nynaeve.

— Você vai me deixar falar? — rosnou ela. Ou melhor, tentou rosnar. Havia súplicas frustradas demais no tom, para o seu gosto. Qualquer quantidade teria sido demais.

— Não, não vou — retrucou Egwene com firmeza. — Não até que você queira dizer algo que valha a pena ouvir. Eu disse pesadelos, e me refiro mesmo a pesadelos, Nynaeve. Quando alguém tem um pesadelo estando em *Tel'aran'rhiod*, ele também é real. E às vezes ele

sobrevive mesmo depois de o sonhador já ter ido embora. Você simplesmente não entende isso, não é?

De repente, mãos ásperas envolveram os braços de Nynaeve. Sua cabeça foi sacudida para um lado e para outro, os olhos quase saltando das órbitas. Dois homens enormes e maltrapilhos ergueram-na no ar, seus rostos eram ruínas meio derretidas de carne embrutecida, as bocas babando, repletas de dentes amarelados e afiados. Nynaeve tentou fazê-los desaparecer — se uma Sábia Andarilha dos Sonhos conseguia, ela também era capaz —, e um dos homens rasgou a frente de seu vestido, abrindo-o feito um pergaminho. O outro a segurou pelo queixo com a mão desejosa, cheia de calos, e girou o rosto dela em sua direção. A cabeça dele se curvou até ela, a boca se abrindo. Se a intenção era beijar ou morder, Nynaeve não sabia, mas preferia morrer a permitir qualquer das opções. Tentou alcançar *saidar* e não encontrou nada. Estava com medo, não com raiva. Unhas espessas se afundaram em suas bochechas e seguraram sua cabeça com firmeza. Egwene, de alguma forma, fizera aquilo. Egwene.

— Por favor, Egwene! — Saiu apenas um grunhido, mas ela estava aterrorizada demais para se importar. — Por favor!

Os homens — criaturas — desapareceram, e os pés de Nynaeve bateram no chão. Por um momento, ela só conseguiu tremer e chorar. Consertou depressa os danos ao vestido, mas ainda dava para sentir os arranhões daquelas unhas compridas em seu pescoço e peito. Era bem fácil recuperar roupas em *Tel'aran'rhiod*, mas o que quer que acontecesse a um humano… Seus joelhos tremiam tanto que o máximo que conseguia era se manter de pé.

Ela meio que esperava que Egwene a confortasse, e, desta vez, teria aceitado com gosto, mas a outra mulher apenas disse:

— Há coisas piores aqui, mas os pesadelos são suficientemente ruins. Eu criei estes homens e os desfiz, mas até eu tenho problemas com aqueles que acabo encontrando. E não tentei segurá-los, Nynaeve. Se você soubesse desfazê-los, poderia ter desfeito.

Nynaeve sacudiu a cabeça com raiva, recusando-se a limpar as lágrimas das bochechas.

— Eu poderia ter me retirado do sonho. Para o gabinete de Sheriam, ou até de volta para a minha cama. — Ela não soou mal-humorada. Claro que não.

— Isso se você não estivesse tão apavorada que nem conseguiu pensar a respeito — afirmou Egwene de maneira ácida. — Ah, e pare de fazer cara feia. Faz você parecer idiota.

Nynaeve encarou a mais nova, mas não obteve o resultado de sempre. Em vez de explodir em uma discussão, Egwene simplesmente arqueou uma das sobrancelhas.

— Nada disso parece coisa de Siuan Sanche — disse Nynaeve, mudando de assunto. O que dera na garota?

— Não mesmo — concordou Egwene, examinando o local. — Agora entendi por que tive que vir primeiro para o meu antigo quarto no alojamento das noviças. Mas de vez em quando as pessoas decidem renovar as cores.

— Foi o que eu quis dizer — disse Nynaeve pacientemente. Não tinha soado irritada e nem aparentava mau humor. Era ridículo. — A mulher que mobiliou este aposento não enxerga o mundo da mesma maneira que a mulher que escolheu o que costumava haver aqui. Olhe para estas pinturas. Não sei o que é aquela peça tripla, mas você é capaz de reconhecer a outra tão bem quanto eu. — Ambas haviam visto aquilo acontecer.

— Eu imagino que seja Bonwhin — falou Egwene, prestativa. — Você nunca prestou atenção às palestras como deveria. Isto é um tríptico.

— Seja o que for, a outra é que é importante. — Ouvira muito bem as Amarelas. As demais, na maioria das vezes, falavam um monte de bobagens inúteis. — Me parece que a mulher que a pendurou quer ser lembrada de como Rand é perigoso. Se Siuan Sanche, por algum motivo, tiver se voltado contra ele… Egwene, isso poderia ser bem pior do que ela só querer Elayne de volta na Torre.

— Talvez — ponderou Egwene. — Pode ser que os papéis revelem algo. Procure aqui. Quando eu terminar na escrivaninha de Leane, ajudo você.

Indignada, Nynaeve ficou olhando para as costas de Egwene enquanto a mulher saía. *Procure você aqui, ora!* Egwene não tinha o direito de lhe dar ordens. Deveria ir imediatamente atrás dela para deixar isso bem claro. *Então por que você está aqui parada feito uma pateta?*, questionou-se, com raiva. Examinar os papéis era uma boa ideia, e ela poderia fazer isso tanto ali dentro quanto lá fora. Na verdade, era mais provável que houvesse algo importante na escrivaninha da Amyrlin. Resmungando sozinha a respeito do que faria para enquadrar Egwene, caminhou até a mesa ricamente entalhada, chutando as saias a cada passo.

Não havia nada na mesa além de três caixas laqueadas com adornos, arrumadas com dolorosa precisão. Tendo em mente as armadilhas que podiam ser armadas por alguém que quisesse garantir a própria privacidade, ela conjurou uma vara comprida para empurrar e abrir as dobradiças da tampa da primeira, um objeto dourado e verde decorado com garças. Era um estojo com material para escrever, cheio de canetas, tinta e areia. A caixa maior, com rosas vermelhas se enroscando em rolos dourados, abrigava vinte ou mais delicados entalhes de marfim e turquesa, animais e pessoas, todos dispostos em

veludo cinza-claro.

Quando abriu a tampa da terceira caixa — falcões dourados lutando em meio a nuvens brancas em um céu azul —, percebeu que as duas primeiras tinham se fechado novamente. Esse tipo de coisa acontecia ali. Tudo parecia querer permanecer como era no mundo desperto, e, para completar, se desviasse os olhos de alguma coisa, por um momento que fosse, poderia ver detalhes diferentes quando tornasse a olhar.

A terceira caixa continha documentos. A vara desapareceu, e ela levantou com cautela a folha de pergaminho que estava por cima. Formalmente assinada "Joline Aes Sedai", tratava-se de uma humilde solicitação para que se cumprisse uma série de penitências que fizeram Nynaeve se retrair só de passar os olhos por elas. Não havia nada ali que importasse, a não ser para Joline. Um rabisco com letras angulosas na parte inferior dizia "aprovado". Quando a garota se esticou para recolocar o pergaminho no lugar, ele desapareceu. A caixa também se fechou.

Com um suspiro, tornou a abri-la. Os papéis lá dentro pareciam diferentes. Segurando a tampa, ela os ergueu um a um, lendo tudo rapidamente. Ou tentando ler. Às vezes, as letras e relatos desapareciam enquanto ainda os erguia diante dos olhos. Outras, quando a leitura ainda não havia passado de meia página. Se traziam alguma saudação, era simplesmente "Mãe, com respeito". Uns eram assinados por Aes Sedai, outros por mulheres com outros títulos, nobres ou não. Nenhum deles parecia tratar do assunto em questão. O Marechal-General de Saldaea e seu exército não foram encontrados, e a Rainha Tenobia estava se recusando a cooperar. Ela até conseguiu concluir esse relatório em especial, mas o documento presumia que o leitor soubesse por que o homem não estava em Saldaea e com o quê a rainha deveria estar cooperando. Não havia chegado qualquer relato de nenhum dos espiões das Ajahs em Tanchico havia três semanas, mas ela não conseguiu ir além dessa descoberta. Alguns problemas vinham se abatendo entre Illian, de um lado, e Murandy, do outro, e Pedron Niall estava assumindo o crédito. Mesmo nas poucas linhas que tinha em mãos, Nynaeve era capaz de sentir o ranger de dentes do autor. As cartas eram, sem dúvida, muito importantes, tanto as que conseguira ler apressadamente quanto as que sumiram sob seus olhos, mas sem qualquer serventia para ela. Havia começado a examinar o que parecia um relatório sobre uma reunião suspeita — a palavra usada era esta — de irmãs Azuis, quando um grito sofrido de "Ai, Luz, não!" veio do outro aposento.

Correndo em direção à porta, Nynaeve fez aparecer em suas mãos um pesado porrete de madeira, a cabeça encrespada de espinhos. Porém, quando entrou apressada, esperando encontrar Egwene no

meio de uma batalha, viu apenas a mulher por trás da mesa da Curadora, encarando o nada. Com uma expressão de horror no rosto, certamente, mas ainda sem nenhum perigo ou ameaça que Nynaeve conseguisse divisar.

Egwene se assustou ao vê-la, então se recompôs visivelmente.

— Nynaeve, Elaida é o Trono de Amyrlin.

— Não seja idiota — debochou a mais velha. No entanto, a outra sala estava tão diferente de Siuan Sanche… — Você está imaginando coisas. Só pode ser.

— Eu estava com um pergaminho nas mãos, Nynaeve, assinado "Elaida do Avriny a'Roihan, Vigia dos Selos, Chama de Tar Valon, O Trono de Amyrlin" e selado com o selo da Amyrlin.

O estômago de Nynaeve se revirou até subir ao peito.

— Mas como? O que aconteceu com Siuan? Egwene, a Torre não depõe uma Amyrlin, exceto por algo bem sério. Foram só duas em quase três mil anos.

— Talvez Rand fosse um motivo sério o bastante. — A voz de Egwene permanecia inabalável, embora os olhos ainda estivessem bastante arregalados. — Talvez ela tenha adoecido de algo que as Amarelas não conseguiram Curar, ou caiu das escadas e quebrou o pescoço. O que importa é que Elaida é a Amyrlin. Acho que ela não vai apoiar Rand como Siuan apoiava.

— Moiraine — murmurou Nynaeve. — Ela estava tão certa de que Siuan conduziria a Torre a segui-lo. — Não conseguia imaginar que Siuan Sanche estivesse morta. Odiara a mulher muitas vezes, sentira algum medo dela de vez em quando, e podia admitir isso àquela altura, ao menos para si mesma, mas também a respeitara. Pensara que Siuan duraria para sempre. — Elaida. Luz! Ela é má feito uma cobra e cruel feito um gato. Não há como prever o que ela é capaz de fazer.

— Temo que eu tenha uma pista. — Egwene pressionou as mãos contra a barriga, como se acalmasse o próprio estômago revolto. — Era um documento bem curto. Consegui ler tudo. "Exige-se que todas as irmãs leais reportem a presença da mulher Moiraine Damodred. Ela deve ser detida, se possível, por quaisquer meios necessários, e trazida de volta à Torre para ser julgada pela acusação de traição". O mesmo tipo de linguagem que parece ter sido usada a respeito de Elayne.

— Se Elaida quer Moiraine presa, deve significar que ela sabe que Moiraine tem ajudado Rand, e não gosta nem um pouco disso. — Falar era bom. Falar evitava que vomitasse. Traição. Mulheres eram espancadas por conta daquilo. Elaida quisera derrubar Moiraine. Agora, era Elaida quem faria isso por ela. — Elaida com certeza não vai apoiar Rand.

— Exatamente.

— Irmãs leais. Egwene, isso se encaixa na mensagem daquela mulher que Macura mencionou. O que quer que tenha acontecido com Siuan, as Ajahs estão divididas quanto a Elaida ser a Amyrlin. Deve ser isso.

— Claro que sim. Muito bom, Nynaeve. Eu ainda não tinha pensado por esse lado.

A mulher sorria com tanta satisfação que Nynaeve lhe retribuiu o sorriso.

— Há um relatório na escrivaninha de Siu… da Amyrlin, sobre uma reunião das Azuis. Eu estava lendo exatamente essa parte quando você gritou. Sou capaz de apostar que as Azuis não apoiaram Elaida. — Nas melhores épocas, as Ajahs Azul e Vermelha tinham uma espécie de trégua armada, mas, nas piores, chegavam perto de pular no pescoço uma da outra.

Porém, quando as duas voltaram para a sala interior, não conseguiram encontrar o relatório. Havia vários documentos — a carta de Joline reaparecera, e uma breve leitura dela fez as sobrancelhas de Egwene se erguerem quase até o cabelo —, mas não o que elas queriam.

— Você consegue se lembrar do que dizia? — indagou Egwene.

— Eu só tinha lido algumas linhas quando você gritou e… Não consigo lembrar.

— Tente, Nynaeve. Tente com todo o afinco.

— Estou tentando, Egwene, mas não vai ter jeito. Eu *estou* tentando.

Nynaeve se deu conta do que estava fazendo de forma súbita, feito uma martelada no meio da testa. Desculpando-se. E para Egwene, uma garota em cujo traseiro tinha dado umas palmadas por teimosia não havia nem dois anos. E, momentos antes, estivera orgulhosa feito uma galinha com um ovo novo só por Egwene ter ficado contente com ela. Lembrava-se com total clareza do dia em que o equilíbrio entre elas mudara, quando haviam deixado de ser a Sabedoria e a garota que obedecia a qualquer de suas ordens e passado a ser apenas duas mulheres que estavam longe de casa. Parecia que esse equilíbrio havia mudado ainda mais, e Nynaeve não gostava disso. Teria que tomar alguma providência para fazê-lo voltar ao que era.

A mentira. Mentira de propósito para Egwene pela primeira vez naquele dia. Por isso sua autoridade moral desaparecera, por isso estava chafurdando na lama, incapaz de se impor de maneira adequada.

— Eu tomei o chá, Egwene. — Forçou cada palavra a sair. Precisou forçá-las. — O chá de raiz-dupla daquela mulher, Macura. Ela e Luci nos arrastaram para o andar de cima que nem sacas cheias de

penas. Era mais ou menos essa a força que nós duas tínhamos. Se Thom e Juilin não tivessem aparecido para nos salvar, é provável que ainda estivéssemos lá. Ou a caminho da Torre, tão entupidas de raiz-dupla que só acordaríamos quando chegássemos. — Respirando fundo, tentou um tom de voz honrado e firme, o que era difícil depois de acabar de confessar ter sido uma completa idiota. O que acabou por dizer soou muito mais titubeante do que gostaria. — Se você contar isso para as Sábias, especialmente para aquela Melaine, vou lhe dar uma bofetada na orelha.

Algo naquelas palavras deveria ter inflamado a ira de Egwene. Parecia estranho querer começar uma discussão — em geral, as brigas entre as duas giravam em torno de Egwene se recusando a entender as coisas, e era raro elas acabarem bem, já que a garota criara o hábito de continuar a se recusar —, mas certamente seria melhor que aquilo. Egwene, no entanto, só fez sorrir para ela. Um sorriso divertido. Um sorriso divertido e *condescendente*.

— Eu mais do que suspeitava disso, Nynaeve. Você costumava ficar tagarelando sobre ervas dia e noite, mas nunca mencionou nenhuma planta chamada raiz-dupla. Eu tive certeza de que você nunca tinha ouvido falar nela até aquela mulher citá-la. Você sempre tentou maquiar as coisas. Se caísse de cara em um chiqueiro, tentaria convencer a todos de que foi de propósito. Agora, o que temos que decidir é…

— Eu não faço essas coisas — balbuciou Nynaeve.

— Claro que faz. Fatos são fatos. Você bem que podia parar de ficar choramingando por causa disso e me ajudar a decidir…

Choramingando! Aquilo não estava se desenrolando nem um pouco ao seu gosto.

— Não é nada disso. Me refiro aos fatos. Nunca fiz isso que você falou.

Por um momento, Egwene a encarou em silêncio.

— Você não vai esquecer esse assunto, não é? Muito bem. Você mentiu para mim…

— Não foi uma mentira — resmungou ela. — Não exatamente.

A outra mulher ignorou a interrupção.

— … e mente para si mesma. Você se lembra do que me obrigou a beber na última vez em que menti para você? — Uma xícara apareceu de repente em sua mão, cheia de um líquido verde viscoso medonho. Parecia que havia sido retirado de um lago espumoso e estagnado. — A única vez em que eu menti para você. A lembrança daquele gosto foi um desencorajamento bem eficaz. Se você não é capaz de dizer a verdade nem para si mesma…

Nynaeve deu um passo atrás antes de conseguir se refrear. Samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó. Sua língua se retorceu

só de pensar.

— Eu não *cheguei* a mentir, na realidade. — Por que estava dando desculpas? — Só não contei toda a verdade. — *Eu sou a Sabedoria! Eu* era *a Sabedoria. Isso ainda deve valer de alguma coisa*. — Você não pode estar pensando… — *Conte logo para ela. Não é você a criança aqui, e com certeza não vai tomar nada.* — Egwene, eu… — Egwene empurrou a xícara até quase debaixo do nariz dela. Nynaeve sentiu o cheiro acre. — Tudo bem — disse, mais que depressa. *Isso não pode estar acontecendo!* Mas não conseguia tirar os olhos daquela xícara transbordando, nem impedir as palavras de irem saindo atropeladas. — Às vezes eu tento fazer com que as coisas pareçam melhores para mim do que de fato elas foram. Às vezes. Mas nunca com nada importante. Eu nunca… menti… sobre nada importante. Nunca, eu juro. Só coisas pequenas. — A xícara desapareceu, e Nynaeve deu um pesado suspiro de alívio. *Tola, sua tola! Ela não tinha como ter obrigado você a tomar! O que há com você?*

— O que nós temos que decidir — disse Egwene, como se nada tivesse acontecido — é para quem vamos contar. Moiraine certamente precisa saber, Rand também, mas se todo mundo ouvir falar nessa história… Os Aiel são um pouco estranhos, mesmo com relação às Aes Sedai. Apesar de tudo, acho que vão seguir Rand como Aquele Que Vem Com a Aurora, mas, assim que descobrirem que a Torre Branca está contra ele, talvez não o sigam com tanta empolgação.

— Mais cedo ou mais tarde eles vão descobrir — resmungou Nynaeve. *Ela não tinha como ter me obrigado a tomar!*

— Quanto mais tarde, melhor, Nynaeve. Então trate de controlar esse seu gênio e não saia falando sobre isso com as Sábias em nosso próximo encontro. Na verdade, seria melhor se você nem mencionasse esta visita à Torre. Assim, talvez consiga manter o segredo.

— Eu não sou idiota — retrucou Nynaeve, ríspida, irritando-se quando Egwene voltou a erguer a sobrancelha. Não queria falar sobre a visita com as Sábias. Não por ser mais fácil desafiá-las pelas costas. Nada disso. E *não* estava tentando maquiar nada. Não era justo que Egwene pudesse perambular por *Tel'aran'rhiod* como bem entendesse, enquanto Nynaeve tinha de aguentar sermões e provocações.

— Sei que não — afirmou Egwene. — A não ser quando perde a cabeça. Você precisa controlar seu gênio e ficar de cabeça fria, caso esteja certa a respeito dos Abandonados, especialmente Moghedien. — Nynaeve olhou feio para ela, abrindo a boca para dizer que conseguia, sim, controlar o temperamento, e que lhe daria uma bofetada na orelha caso ela pensasse diferente, mas a jovem não lhe deu a chance. — Precisamos encontrar a tal reunião das irmãs Azuis, Nynaeve. Se elas estão contra Elaida, talvez, e apenas talvez, apoiem Rand como Siuan apoiava. Mencionaram alguma cidade ou aldeia? Ou mesmo um

país?

— Acho que… Não consigo lembrar. — Ela se esforçou para retirar o tom defensivo da própria voz. *Luz, eu confessei tudo, me fiz de idiota, e só piorei as coisas!* — Vou continuar tentando.

— Ótimo. Precisamos encontrá-las. — Por um momento, Egwene a analisou, enquanto ela se recusava a se repetir. — Nynaeve, tome cuidado com Moghedien. Não se apresse feito um urso na primavera só porque ela escapou de você em Tanchico.

— Eu não sou idiota, Egwene — respondeu Nynaeve com cautela. Era frustrante precisar controlar o temperamento, mas se Egwene ia só ficar ignorando-a ou lhe dando broncas, não havia vantagem nenhuma em se exaltar, além de que pareceria uma boboca ainda maior do que já parecia.

— Eu sei. Você já disse. Só não se esqueça disso. Tenha cuidado. — Egwene não foi sumindo desta vez. Apenas desapareceu, tão de repente quanto Birgitte.

Nynaeve encarou o local onde ela estivera, repassando na mente todas as coisas que deveria ter dito. Por fim, percebeu que poderia passar a noite toda ali. Estava se repetindo, e o momento para dizer tudo aquilo já havia passado. Resmungando baixo, saiu de *Tel'aran'rhiod* e voltou para sua cama em Sienda.

Os olhos de Egwene se abriram na escuridão quase total, quebrada apenas pelo parco luar que entrava pelo buraco de saída da fumaça. Ficou feliz por estar debaixo de uma pilha de cobertores. O fogo tinha se extinguido, e um frio congelante tomava conta da tenda. Sua respiração orvalhava bem diante do rosto. Sem levantar a cabeça, observou os arredores. Nenhuma Sábia. Ainda estava sozinha.

Aquele era seu maior medo nas incursões solitárias por *Tel'aran'rhiod*: retornar e encontrar Amys ou uma das outras esperando por ela. Bem, talvez não fosse o maior medo, já que os perigos do Mundo dos Sonhos eram tão grandes quanto descrevera para Nynaeve, mas, ainda assim, era um medo enorme. Não eram as punições que a amedrontavam, não do tipo que Bair impunha. Caso tivesse acordado e dado de cara com uma Sábia, teria aceitado sua pena com prazer, mas Amys dissera a Egwene, logo no início, que se ela entrasse em *Tel'aran'rhiod* sem a companhia de uma das Sábias elas a mandariam embora, recusando-se a continuar a ensiná-la. Aquilo a amedrontava bem mais do que qualquer outra coisa que as mulheres pudessem fazer. Porém, ainda assim, precisava seguir em frente. Mesmo sendo rápidas para ensinar, as Sábias não eram rápidas o bastante. Egwene queria aprender logo, e queria aprender tudo.

Canalizando, acendeu sua lamparina e pôs fogo na fogueira. Não havia mais nada ali para queimar, mas manteve o fluxo atado. Ficou

deitada observando sua respiração enevoar bem à frente da boca e esperou que estivesse suficientemente quente para que pudesse se vestir. Estava tarde, mas Moiraine talvez ainda estivesse acordada.

O que acontecera com Nynaeve ainda a surpreendia. *Acho que ela até teria tomado o chá, se eu tivesse pressionado.* Tivera tanto medo de que Nynaeve descobrisse que ela não tinha a permissão das Sábias para perambular sozinha pelo Mundo dos Sonhos, estivera tão certa de que o rubor de embaraço a denunciara, que tudo em que conseguia pensar era em impedir que Nynaeve abrisse a boca, evitando que lhe arrancasse a verdade. E tivera certeza de que Nynaeve acabaria descobrindo de qualquer jeito — a mulher era bem capaz de denunciá-la e ainda dizer que era para seu próprio bem — que tudo o que pôde fazer foi tagarelar e tentar manter o foco no que quer que Nynaeve estivesse fazendo de errado. Não importava o quanto Nynaeve a irritasse, ela não podia começar uma discussão. E, mesmo com tudo isso, Egwene, de alguma forma, conseguira ficar por cima.

Pensando a respeito, Moiraine raramente levantava a voz e, quando o fazia, tinha menos sucesso em conseguir o que queria. Fora assim mesmo antes de ela começar a se comportar de forma tão estranha com relação a Rand. As Sábias também nunca gritavam com ninguém — exceto, às vezes, umas com as outras — e, mesmo resmungando tanto a respeito de os chefes não lhes darem mais ouvidos, elas ainda pareciam conseguir o que queriam com muita frequência. Havia um velho ditado que a garota nunca tinha entendido: "Empenha-se para ouvir um sussurro quem se recusa a ouvir um grito." Não voltaria a gritar com Rand. Uma voz calma, firme, de mulher adulta era o que faria diferença. Aliás, também não deveria mais gritar com Nynaeve. Egwene *era* uma mulher adulta, não uma garota dando chiliques.

Pegou-se rindo. Não deveria mais levantar a voz para Nynaeve, especialmente ao ver que falar com calma produzia tais resultados.

Por fim, a tenda pareceu quente o bastante, e ela se moveu com pressa, vestindo-se rápido. Ainda precisou quebrar o gelo do jarro de água antes de poder tirar o gosto de sono da boca. Lançando o manto de lã escura por cima dos ombros, desatou os fios de Fogo — era perigoso deixar Fogo atado sem supervisão — e, à medida que as chamas se esvaneciam, curvou-se e saiu da tenda. O frio a envolveu feito um torno gelado enquanto atravessava o acampamento a passos rápidos.

Só conseguia enxergar as tendas mais próximas, contornos baixos e sombreados que bem podiam fazer parte do próprio relevo acidentado, exceto pelo fato de o acampamento se estender por muitas milhas para os dois lados do terreno montanhoso. Aqueles altos picos recortados não eram a Espinha do Mundo, bem mais alta, e ainda a

dias de distância para o oeste.

Egwene aproximou-se da tenda de Rand com hesitação. Uma nesga de luz era visível ao longo da aba de entrada. Conforme chegou mais perto, uma Donzela pareceu se erguer do solo, um arco de chifre às costas, a aljava na cintura, e lanças e um broquel na mão. Egwene não enxergava mais ninguém naquela escuridão, mas sabia que elas estavam ao redor, mesmo ali, cercadas pelos seis clãs que haviam jurado lealdade ao *Car'a'carn*. Os Miagoma estavam em algum ponto ao norte, marchando em paralelo. Timolan não revelava quais eram suas intenções. Rand não parecia se importar com a localização dos demais clãs. Sua atenção estava toda na corrida até Passo de Jangai.

— Ele está acordado, Enaila? — perguntou.

As sombras do luar se moveram pelo rosto da Donzela quando ela assentiu.

— Ele não dorme tanto quanto deveria. Os homens não conseguem passar sem descanso. — Soava tal e qual uma mãe preocupada com um filho.

Uma sombra ao lado da tenda se mexeu, revelando Aviendha com o xale enrolado ao corpo. Não parecia perturbada pelo frio, só pelo horário.

— Se eu achasse que funcionaria, até cantaria uma canção de ninar para ele. Já ouvi falar de mulheres que passaram a noite acordadas por causa de uma criança, mas um homem adulto deveria saber que as outras pessoas gostariam de estar entre os cobertores. — Ela e Enaila compartilharam um risinho abafado.

Egwene balançou a cabeça para a estranheza dos Aiel e se curvou para bisbilhotar pela fresta. Várias lamparinas iluminavam o interior. Ele não estava sozinho. Os olhos escuros de Natael pareciam cansados, e o homem conteve um bocejo. Ele, pelo menos, queria dormir. Rand estava esparramado por perto, ao lado de uma das douradas lamparinas a óleo, lendo um surrado livro com encadernação de couro. Uma ou outra tradução das Profecias do Dragão, pelo que conhecia de Rand.

De repente, ele voltou algumas páginas do livro, leu e gargalhou. Egwene tentou dizer a si mesma que não havia nenhum quê de loucura naquela gargalhada, só amargura.

— Uma boa piada — disse ele para Natael, fechando o livro e jogando-o para o bardo. — Leia a página duzentos e oitenta e sete e a página quatrocentos e me diga se não concorda.

Egwene se empertigou, lábios apertados. Ele deveria ter mais cuidado com os livros. Não podia falar com Rand, não na presença do menestrel. Era uma pena ele ter de contar com um homem que mal conhecia para lhe fazer companhia. Não. Ele tinha Aviendha e os chefes sempre por perto, além de Lan, todos os dias, e Mat, às vezes.

— Por que não se junta a eles, Aviendha? Se você estivesse lá, talvez ele quisesse conversar sobre alguma coisa que não aquele livro.

— Rand queria conversar com o menestrel, Egwene, e raramente faz isso na minha frente ou na de qualquer pessoa. Se eu não tivesse saído, ele e Natael sairiam.

— As crianças são uma preocupação enorme, ouvi dizer — gargalhou Enaila. — E filhos ainda mais. Agora que você abriu mão da lança, talvez possa me contar se isso é verdade.

Aviendha franziu o cenho iluminado pelo luar e caminhou de volta para seu lugar, junto à lateral da tenda feito uma gata ofendida. Enaila também pareceu achar aquilo engraçado e, gargalhando, pôs as mãos na cintura.

Resmungando sozinha a respeito do humor Aiel, que ela quase nunca entendia, Egwene seguiu na direção da tenda de Moiraine, não muito longe da de Rand. Como ali também se via uma nesga de luz, soube que a Aes Sedai estava acordada. Moiraine estava canalizando. Só algumas pequenas quantidades do Poder, mas ainda o bastante para Egwene senti-lo. Lan estava dormindo ali perto, enrolado em seu manto de Guardião. Tirando a cabeça e as botas, o restante do corpo parecia fazer parte da noite. Segurando o manto, Egwene ergueu as saias e entrou na ponta dos pés para evitar acordá-lo.

A respiração do homem não mudou, mas algo a fez olhar novamente para Lan. A luz da lua cintilou nos olhos dele, abertos e encarando Egwene. Ela ainda estava girando a cabeça quando eles voltaram a se fechar. Nenhum outro músculo se mexeu. Talvez ele nem tivesse chegado a acordar. Às vezes, aquele homem a enervava. O que quer que Nynaeve visse nele, Egwene não conseguia enxergar.

Ajoelhando-se ao lado da aba da tenda, ela espiou o interior. Moiraine estava sentada, cercada por um brilho de *saidar*, a pedrinha azul que costumava ficar dependurada em sua testa balançando entre os dedos à frente do rosto. Ela brilhava, acrescentando um pouco de luminosidade à luz de uma única lamparina. A fogueira só continha cinzas. Até o cheiro já se dissipara.

— Posso entrar?

Precisou repetir a pergunta antes que Moiraine respondesse.

— Claro. — A luz de *saidar* se esvaneceu, e a Aes Sedai começou a prender a bela corrente dourada de volta no cabelo.

— Você estava espiando Rand? — Egwene se acomodou ao lado da mulher. O interior da tenda estava tão frio quanto lá fora. Canalizou chamas sobre as cinzas na fogueira e amarrou o fluxo. — Você disse que não ia mais fazer isso.

— Eu disse que, já que as Sábias podiam ver os sonhos dele, nós deveríamos garantir a Rand alguma privacidade. Elas não me pediram para espiá-lo de novo desde que Rand as bloqueou, e eu não ofereci.

Lembre-se de que elas têm os próprios objetivos, que podem não ser os mesmos que os da Torre.

Rápido assim, já haviam chegado ao ponto. Egwene ainda não estava certa de como dizer o que sabia sem trair a si mesma perante as Sábias, mas o único método talvez fosse simplesmente começar e depois ir tateando o caminho.

— Elaida agora é a Amyrlin, Moiraine. Eu não sei o que aconteceu com Siuan.

— Como você sabe? — perguntou Moiraine, tranquilamente. — Descobriu alguma coisa caminhando em sonhos? Ou foi seu Talento de Sonhadora que finalmente se manifestou?

Aquela era a sua saída. Na Torre, algumas das Aes Sedai achavam que ela poderia ser uma Sonhadora, uma mulher cujos sonhos previam o futuro. Ela de fato já tivera sonhos que soubera ser significativos, mas aprender a interpretá-los era outra questão. As Sábias diziam que esse conhecimento precisava vir de dentro, e nenhuma das Aes Sedai tinha sido de maior utilidade. Rand sentado em uma cadeira, e de alguma forma ela sabia que a dona da cadeira sentiria uma raiva assassina por vê-la ocupada. Que a dona era uma mulher era o máximo que conseguira compreender daquilo, e mais nada. Algumas vezes, os sonhos eram complexos. Perrin relaxando com Faile no colo, beijando-a enquanto ela brincava com a barba que ele deixara crescer no sonho. Por trás deles, dois estandartes tremulando, uma cabeça de lobo vermelha e uma águia carmesim. Um homem com um reluzente casaco amarelo estava de pé junto ao ombro de Perrin, uma espada presa às costas. Por alguma razão, ela sabia que se tratava de um Latoeiro, embora nenhum Latoeiro tocasse em espadas. E cada detalhe de tudo, exceto a barba, parecia importante. Os estandartes, Faile beijando Perrin, e até o Latoeiro. Cada vez que ele se aproximava de Perrin, era como se o frio da destruição perpassasse tudo. Mais um sonho. Mat jogando dados com sangue escorrendo pelo rosto, a aba larga do chapéu tão puxada para baixo que ela não conseguia ver a ferida, enquanto Thom Merrilin colocava a mão em uma fogueira para retirar a pedrinha azul que agora balançava na testa de Moiraine. Ou um sonho de uma tempestade, grandes nuvens escuras revolvendo sem nenhum vento ou chuva enquanto relâmpagos impressionantes, todos idênticos, rasgavam a terra. Ela até conseguia ter os tais sonhos, mas, como Sonhadora, até então era um fracasso.

— Eu vi um mandado de prisão para você, Moiraine, assinado por Elaida como Amyrlin. E não foi um sonho comum. — Tudo verdade. Só não toda a verdade. De repente, ficou contente por Nynaeve não estar ali. *Se estivesse, eu é que estaria olhando para uma xícara.*

— Há de ser o que a Roda tecer. Talvez não importe tanto caso Rand leve os Aiel além da Muralha do Dragão. Duvido que Elaida

tenha continuado a se aproximar de governantes, ainda que soubesse que era o que Siuan vinha fazendo.

— Isso é tudo? Pensei que Siuan tivesse sido sua amiga um dia, Moiraine. Você é incapaz de derramar uma lágrima por ela?

A Aes Sedai a encarou, e aquele olhar tranquilo e sereno disse à garota quanto ainda faltava para que Egwene pudesse se referir a ela daquela maneira. Sentada, Egwene era quase uma cabeça mais alta, e, além disso, era mais forte com o Poder, mas ser uma Aes Sedai envolvia mais do que força.

— Não tenho tempo para lágrimas, Egwene. A Muralha do Dragão está a poucos dias de distância, e o Alguenya… Siuan e eu já fomos amigas. Daqui a alguns meses, vai completar vinte e um anos que iniciamos nossa busca pelo Dragão Renascido. Só nós duas, recém-elevadas a Aes Sedai. Sierin Vayu foi elevada a Amyrlin pouco depois, uma Cinza com mais do que um quê de Vermelha. Se ela tivesse descoberto nossas intenções, teríamos passado o resto da vida cumprindo penitência, e com irmãs Vermelhas nos vigiando até enquanto dormíamos. Há um ditado em Cairhien, apesar de eu já tê-lo escutado em lugares tão distantes quanto Tarabon e Saldaea: "Pegue o que quiser e pague por isso." Siuan e eu seguimos pelo caminho que escolhemos, e nós sabíamos que, algum dia, teríamos que pagar por isso.

— Não entendo como você consegue ficar tão calma. Siuan pode estar morta, ou até ter sido estancada. Ou Elaida vai se opor totalmente a Rand ou vai tentar prendê-lo em algum lugar até Tarmon Gai'don. Você sabe que ela nunca deixaria um homem capaz de canalizar à solta. Pelo menos nem todas estão apoiando Elaida. Uma parte da Ajah Azul está reunida em algum lugar, mas ainda não sei onde, e acho que outras mais também deixaram a Torre. Nynaeve disse que recebeu uma mensagem de um dos espiões das Amarelas sobre todas as irmãs serem bem-vindas para retornar à Torre. Se tanto as Azuis quanto as Amarelas se foram, outras devem ter seguido. E se elas se opuserem a Elaida, pode ser que apoiem Rand.

Moiraine suspirou, um som suave.

— Você espera que eu esteja feliz pela Torre Branca ter se dividido? Eu sou uma Aes Sedai, Egwene. Dei minha vida à Torre muito antes de chegar a suspeitar que o Dragão iria renascer durante meu tempo. Faz três mil anos que a Torre tem sido um bastião contra a Sombra. Ela tem orientado governantes a tomar decisões sábias, evitou guerras antes que elas estourassem e interrompeu outras que já haviam começado. É graças à Torre que a humanidade sequer se lembra de que o Tenebroso aguarda para fugir e que a Última Batalha é um futuro certo. À Torre, inteira e unida. Quase desejo que todas as irmãs tivessem jurado fidelidade a Elaida, não importa o que tenha

acontecido com Siuan.

— E Rand? — Egwene manteve a voz igualmente inabalável, igualmente suave. As chamas estavam começando a dar ao ar um pouco de calor, mas Moiraine acabara de acrescentar sua própria frieza. — O Dragão Renascido. Você mesma disse que ele não pode se preparar para Tarmon Gai'don a menos que lhe seja garantida a liberdade, tanto para aprender quanto para afetar o mundo. A Torre unida poderia fazê-lo prisioneiro, mesmo apesar de todos os Aiel do Deserto.

Moiraine abriu um sorrisinho.

— Aprenda: um juízo frio é sempre melhor do que palavras esquentadas. Mas você se esquece de que apenas treze irmãs unidas são capazes de blindar qualquer homem de *saidin*, e mesmo que não conheçam o truque de amarrar fluxos, precisa de menos ainda para manter essa blindagem.

— Eu sei que você não vai desistir, Moiraine. O que pretende fazer?

— Pretendo lidar com as coisas conforme acontecerem, enquanto eu puder. Ao menos Rand vai ser… mais fácil de conviver… agora que não preciso tentar afastá-lo do que ele quer. Suponho que eu deveria estar feliz por ele não me obrigar a servir seu vinho. Na maioria das vezes, Rand me ouve, mesmo que raramente dê alguma pista de sua opinião sobre o que eu falo.

— Vou deixar que você conte a ele sobre Siuan e a Torre. — Isso evitaria perguntas esquisitas. Com Rand agindo de forma tão prepotente, talvez quisesse saber mais sobre o Talento dela de Sonhar do que Egwene seria capaz de inventar. — E tem mais. Nynaeve viu Abandonados em *Tel'aran'rhiod*. Ela mencionou todos os que ainda estão vivos, exceto Asmodean e Moghedien, inclusive Lanfear. Acha que eles estão tramando alguma coisa, possivelmente juntos.

— Lanfear — disse Moiraine após alguns instantes.

As duas sabiam que Lanfear havia visitado Rand em Tear, e talvez em outras ocasiões que ele não mencionara. Ninguém além dos próprios Abandonados tinha muito conhecimento sobre eles — apenas fragmentos de fragmentos permaneciam na Torre —, mas sabia-se que Lanfear amara Lews Therin Telamon. Elas duas, e Rand, sabiam que ainda amava.

— Com sorte — prosseguiu a Aes Sedai —, não teremos que nos preocupar com Lanfear. Os outros que Nynaeve viu são outra questão. Você e eu devemos vigiar o mais atentamente que pudermos. Eu gostaria que mais Sábias fossem capazes de canalizar. — Ela deu uma risadinha. — Mas, se for para ficar desejando, poderia incluir que todas fossem treinadas pela Torre, ou que eu pudesse viver para sempre. Elas podem ser fortes em alguns aspectos, mas infelizmente

carecem de muita coisa em outros.

— Ficar de olho é bom, mas o que mais? Se seis Abandonados investirem juntos contra ele, Rand vai precisar de toda e qualquer ajuda que pudermos dar.

Moiraine se inclinou para tocar seu braço, uma expressão afetuosa no rosto.

— Não podemos segurar a mão dele para sempre, Egwene. Ele já aprendeu a andar. Está aprendendo a correr. Só nos resta torcer para que aprenda antes de seus inimigos o pegarem. E, claro, continuar a aconselhá-lo. Orientá-lo sempre que pudermos. — Endireitando-se, Moiraine se alongou e conteve um pequeno bocejo com a mão. — Está tarde, Egwene. E acho que Rand vai pedir para levantarmos acampamento daqui a bem poucas horas, mesmo que ele não consiga dormir nada. Eu, no entanto, gostaria de descansar o máximo possível antes de encarar a sela.

Egwene se preparou para ir embora, mas, antes, tinha uma pergunta:

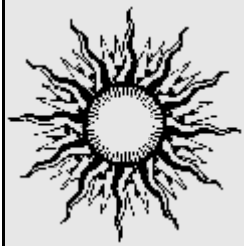
— Moiraine, por que você começou a fazer tudo o que Rand lhe diz? Nem Nynaeve acha isso certo.

— Não acha, é? — murmurou Moiraine. — Ela ainda vai ser uma Aes Sedai, querendo ou não. Por quê? Porque me lembrei de como se controla *saidar*.

Após um momento, Egwene assentiu. Para controlar *saidar*, primeiro era preciso se render a ele.

Foi só quando já estava tremendo no caminho de volta para a própria tenda que Egwene se deu conta de que Moiraine conversara com ela o tempo inteiro como uma igual. Talvez estivesse mais perto do que pensava de estar pronta para escolher sua Ajah.

16



Uma proposta inesperada

Nynaeve foi despertada pela luz do sol entrando sorrateiramente pela janela. Por um momento, permaneceu esparramada sobre o lençol listrado. Elayne dormia na outra cama. O início da manhã já estava quente, e a noite não havia sido muito melhor, mas não era por isso que sua camisola estava amarrotada e suada. Seus sonhos, após contar a Elayne o que vira, não haviam sido bons. Na maioria deles, estava de volta na Torre, sendo levada à força até a presença da Amyrlin, que ora era Elaida, ora Moghedien. Em alguns, Rand aparecia deitado ao lado da escrivaninha da Amyrlin feito um cão, encoleirado, preso e com uma focinheira. E os sonhos com Egwene haviam sido tão ruins quanto, à sua própria maneira. Samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó tinham um gosto tão ruim em sonhos quanto no mundo desperto.

Indo até o lavatório, limpou o rosto e esfregou os dentes com sal e bicarbonato. A água não estava quente, mas também não podia ser considerada fria. Despiu a camisola empapada e desencavou uma limpa de um dos baús, junto com uma escova de cabelo e um espelho. Espiando a própria imagem, Nynaeve se arrependeu de ter desfeito a trança só por conforto. Não ajudara nada, e agora seu cabelo era um emaranhado que pendia até a cintura. Sentando-se no baú, dedicou-se laboriosamente a desfazer os nós e depois começou a dar uma centena de escovadas nos fios.

Três arranhões percorriam seu pescoço e desapareciam sob a camisola. Já não estavam tão vermelhos, graças a um unguento de cura-tudo obtido com Macura. Dissera a Elayne que haviam sido causados por arbustos espinhentos. Bobagem — ela suspeitava que Elayne soubesse que era mentira, apesar de ter contado uma história sobre espreitar pelo terreno da Torre depois que Egwene partiu —, mas andara transtornada demais para pensar com clareza. Explodira várias vezes com Elayne, por nenhum motivo além de estar pensando no tratamento injusto que recebera de Melaine e Egwene. *Não que não seja bom lembrá-la de que aqui ela não é a Filha-herdeira.* Ainda assim,

nada daquilo era culpa da garota. Teria que compensá-la.

Pelo espelho, viu Elayne se levantar e começar a se lavar.

— Ainda acho que meu plano é melhor — disse a garota, esfregando o rosto. Seus cabelos tingidos na cor de um corvo não pareciam nada emaranhados, apesar dos cachos. — Poderíamos chegar a Tear muito mais rápido do meu jeito.

O plano de Elayne era abandonar a carruagem assim que chegassem ao rio Eldar, em alguma pequena aldeia onde fosse improvável que aparecessem muitos Mantos-brancos e, claro, onde não tivesse nem sinal de espiões da Torre. De lá, viajariam de barco até Ebou Dar, onde poderiam encontrar um navio para Tear. Já não havia dúvida de que precisavam ir para Tear. Tar Valon seria evitada a todo custo.

— Quanto tempo vai levar até um barco parar aqui onde estamos? — perguntou Nynaeve pacientemente. Pensara que isso tivesse sido decidido antes de irem dormir. Pelo que se lembrava, *tinha* sido. — Você mesma disse que pode ser que nenhum barco pare. E quanto tempo esperaremos em Ebou Dar até encontrarmos um navio para Tear? — Largando a escova, começou a refazer a trança.

— Os aldeões penduram uma bandeira quando querem que um barco pare, e a maioria para. E sempre há navios indo para toda parte em uma cidade portuária do tamanho de Ebou Dar.

Como se ela já tivesse estado em uma cidade portuária de qualquer tamanho antes de ir embora da Torre com Nynaeve. Elayne sempre pensava que tudo o que não aprendera sobre o mundo como Filha-herdeira de Andor, aprendera na Torre, mesmo depois de inúmeras provas do contrário. E como ainda ousava se dirigir a ela naquele tom de voz superior!

— É pouco provável que a gente encontre alguma reunião de Azuis em um navio, Elayne.

O plano de Nynaeve era insistir na carruagem, atravessar o que faltava de Amadícia, depois Altara e Murandy, entrar em Far Madding, atravessando as Colinas de Kintara e seguir pela Planície de Maredo até Tear. Com certeza levaria mais tempo, mas, além da chance de descobrir a tal reunião de alguma forma, era muito raro que carruagens afundassem. Sabia nadar, mas não ficava confortável quando não havia nenhuma terra à vista.

Elayne secou o rosto com suavidade, trocou a camisola e veio ajudar na feitura da trança. Nynaeve não se deixou enganar: ainda ouviria falar em barcos. Seu estômago não gostava de navegar. Não que aquilo tivesse influenciado sua decisão, claro. Se conseguisse trazer as Aes Sedai para o lado de Rand, a rota mais curta valeria muito a pena.

— Você se lembrou do nome? — indagou Elayne, entrelaçando as

mechas.

— Lembrei ao menos que *havia* um nome. Luz, me dê um tempo. — Tinha certeza de que houvera um nome. Uma vila, teria de ser, ou uma cidade. Não tinha como ter visto e se esquecido do nome de um país. Respirando bem fundo, controlou um pouco o gênio e prosseguiu em um tom mais brando. — Eu vou me lembrar, Elayne. Só me dê um tempo.

Elayne emitiu um som evasivo e continuou a trançar.

— Será que foi mesmo inteligente pedir que Birgitte procurasse Moghedien? — perguntou ela, instantes depois.

Nynaeve franziu a testa para a jovem, mas o olhar de soslaio deslizou por Elayne feito água em seda lubrificada. Se queria mudar de assunto, aquele não havia sido uma boa escolha.

— Melhor nós a encontrarmos do que ela nos encontrar.

— Suponho que sim. Mas o que vamos fazer quando isso acontecer?

Nynaeve não tinha resposta para aquela pergunta. Mas era melhor caçar do que ser caçada, mesmo que a caça fosse aos trancos e barrancos. A Ajah Negra ensinara isso a ela.

O salão não estava cheio quando desceram, ainda que, mesmo tão cedo, já houvesse mantos brancos salpicados entre os clientes, a maioria homens mais velhos, todos com patentes oficiais. Sem dúvida eles preferiam comer o que se preparava nas cozinhas da estalagem do que o que os cozinheiros Mantos-brancos serviam nas guarnições. Nynaeve quase preferia comer de novo em uma bandeja, mas aquele quartinho parecia mais um caixote. Todos aqueles homens estavam concentrados na comida, os Mantos-brancos não menos que os outros. Certamente era um local seguro. O cheiro de comida tomava conta do ar. Ao que parecia, aqueles homens queriam carne de vaca ou de carneiro até na primeira refeição do dia.

O pé de Elayne mal havia deixado o último degrau quando a Senhora Jharen surgiu para oferecer a elas, ou à Lady Morelin, melhor dizendo, uma sala de jantar privativa. Nynaeve nem sequer olhou para Elayne, mas a ouviu responder:

— Acho que vamos comer aqui. Quase nunca tenho a oportunidade de comer em um salão comum, e até gosto, na verdade. Peça para uma de suas garotas trazer algo refrescante para nós. Se o dia já começou assim, meu medo é sufocar antes de chegarmos à próxima parada.

Nynaeve sempre se surpreendia com o fato de aquele comportamento arrogante nunca ter feito com que elas fossem jogadas na rua. Àquela altura, já conhecera lordes e ladies suficientes para saber que quase todos se comportavam daquela forma, mas, mesmo assim… Nynaeve não aguentaria aquilo nem um minuto. A dona da

estalagem, no entanto, meneou a cabeça em reverência, sorrindo e esfregando as mãos, depois conduziu as duas a uma mesa próxima de uma janela que dava para a rua e saiu apressada para providenciar tudo o que Elayne pedira. Talvez aquele fosse o jeito dela de dar o troco na garota. As duas foram deixadas sozinhas, bem longe dos homens que já estavam nas outras mesas, mas qualquer pessoa que passasse do lado de fora poderia vê-las ali dentro, e se lhes fossem servidos algum prato quente, o que esperava que não fosse o caso, Elayne e Nynaeve estavam tão distantes das cozinhas quanto possível.

Quando a comida chegou, o café da manhã consistia em bolinhos doces temperados que vieram ainda mornos, enrolados em um pano branco, mas mesmo assim saborosos, peras amarelas, uvas roxas que pareciam um tanto enrugadas, e uma espécie de coisinhas vermelhas que a atendente disse se chamarem morangos, ainda que não se parecessem com nenhum fruto que Nynaeve já tivesse visto. O gosto também era bem peculiar, em especial com uma colher de creme coalhado por cima. Elayne afirmou já ter ouvido falar do fruto, o que era de se esperar. Com um vinho levemente condimentado supostamente refrigerado em uma adega — e um gole bastou para ela concluir que a adega não era das mais frias, se é que existia — a refeição matinal acabou se mostrando revigorante.

O homem mais próximo estava a três mesas de distância e usava um casaco de lã azul-marinho. Talvez fosse um comerciante próspero, mas não conversaram entre si. Haveria muito tempo para isso quando estivessem de volta na estrada, onde não haveria riscos de serem entreouvidas. Nynaeve terminou de comer bem antes de Elayne. Pelo modo como a garota não tinha a menor pressa para cortar uma pera, poderia se pensar que tinham o dia todo para ficar ali sentadas.

De repente, os olhos de Elayne se arregalaram em choque, e a faquinha retiniu na mesa. Nynaeve moveu a cabeça depressa e deu de cara com um homem tomando o assento no outro lado da mesa.

— Achei que fosse você, Elayne, mas o cabelo a princípio me deixou em dúvida.

Nynaeve encarou Galad, o meio-irmão de Elayne. A palavra, claro, era encarar. Alto e esbelto feito aço, com olhos e cabelos escuros, era o homem mais bonito que ela já tinha visto. Bonito não chegava a descrevê-lo. Era deslumbrante. Nynaeve já vira mulheres o rodearem na Torre, Aes Sedai inclusive, todas sorrindo feito tontas. Tratou de tirar o sorriso do rosto, mas não podia fazer nada com seu coração acelerado nem se obrigar a respirar no ritmo adequado. Não sentia nada pelo homem. A única questão era ele ser lindo. *Controle-se, mulher!*

— O que está fazendo aqui? — Nynaeve ficou contente por sua voz não ter soado abafada. Não era justo que um homem fosse bonito

daquele jeito.

— E por que está usando *isto*? — Elayne falou baixo, mas sua voz ainda tinha um tom raivoso.

Nynaeve então percebeu que ele usava a parte de cima de uma armadura reluzente e um manto branco com dois nós dourados de graduação logo abaixo de um sol flamejante. Sentiu que suas bochechas enrubesciam. Ficara tão ocupada encarando o rosto do rapaz que sequer percebera o que ele estava usando! Sua vontade era esconder o próprio rosto daquela humilhação.

Ele sorriu, e Nynaeve precisou respirar fundo.

— Estou aqui porque fui um dos Filhos convocados do norte. E eu sou um Filho da Luz porque me pareceu a coisa certa a se fazer. Elayne, quando vocês duas e Egwene sumiram, não levou muito tempo para Gawyn e eu descobrirmos que não estavam cumprindo um castigo em uma fazenda, ou o que quer que nos tenham dito. Elas não tinham o direito de envolver você nas tramas delas, Elayne. Nenhuma de vocês.

— Parece que você subiu de patente bem rápido — observou Nynaeve. Aquele tolo não percebia que falar sobre os planos das Aes Sedai era uma bela maneira de causar a morte das duas?

— Eamon Valda pareceu pensar que minha experiência me garantia isso, não importa onde foi obtida.

Ele deu de ombros, fazendo pouco caso da graduação. Não se tratava exatamente de modéstia, mas também não era pretensão. Melhor espadachim entre os que tinham ido estudar com os Guardiões na Torre, ele também se destacara nas aulas de tática e estratégia, mas Nynaeve não conseguia se lembrar de vê-lo se vangloriando de suas proezas, nem mesmo em brincadeira. Feitos assim não significavam nada para ele, talvez porque fossem conquistados com muita facilidade.

— Mamãe sabe disso? — questionou Elayne, ainda com a voz calma. Sua cara feia, entretanto, teria assustado um javali.

Desconfortável, Galad só fez mexer um fio de cabelo.

— Não tive oportunidade de escrever para ela. Mas não tenha tanta certeza de que ela vai reprovar, Elayne. Ela não anda tão amigável com o norte quanto antes. Ouvi dizer que uma proibição pode virar lei.

— Escrevi a ela uma carta explicando. — O olhar de Elayne se transformara em atordoamento. — Ela precisa entender. Ela também estudou na Torre.

— Não levante a voz — retrucou ele, em tom firme e baixo. — Lembre-se de onde você está. — Elayne ficou bastante vermelha, mas Nynaeve não soube dizer se de raiva ou de vergonha.

De repente, percebeu que ele vinha falando em um tom tão calmo

quanto as duas, e com o mesmo cuidado. Galad não mencionara a Torre nenhuma vez, nem as Aes Sedai.

— Egwene está com você? — prosseguiu o homem.

— Não — retrucou ela, fazendo-o suspirar profundamente.

— Eu tinha esperança de… Gawyn quase enlouqueceu de preocupação quando ela desapareceu. Ele também se importa com ela. Vão me dizer onde ela está?

Nynaeve percebeu aquele "também". O homem se tornara um Manto-branco, mas "se importava" com uma mulher que queria ser Aes Sedai. Os homens eram tão estranhos que às vezes quase não pareciam humanos.

— Não — respondeu Elayne com firmeza, o rubor nas bochechas diminuindo. — Gawyn também está aqui? Não posso acreditar que ele se tornou um… — Ela teve a sagacidade de baixar ainda mais a voz, mas mesmo assim completou a frase: — Um Manto-branco!

— Ele continua no norte, Elayne.

Nynaeve supôs que ele se referisse a Tar Valon, mas Gawyn decerto já tinha ido embora de lá. Ele não apoiaria Elaida, com certeza.

— Você não faz ideia do que aconteceu por lá, Elayne — continuou Galad. — Toda a corrupção e a vilania daquele lugar chegaram ao nível máximo, como não podia deixar ser. A mulher que mandou você embora foi deposta. — Galad olhou ao redor e baixou o tom de voz a um sussurro, apesar de não haver ninguém suficientemente perto para escutar. — Estancada e executada. — Respirando fundo, ele emitiu um som enojado. — Aquilo nunca foi lugar para você. Ou para Egwene. Não faz muito tempo que entrei para os Filhos, mas tenho certeza de que meu capitão vai permitir que eu viaje para escoltar minha irmã de volta para casa. É onde você deveria estar, com Mamãe. Me diga onde está Egwene e eu dou um jeito de garantir que ela também seja levada para Caemlyn. Vocês vão ficar seguras lá.

O rosto de Nynaeve ficou dormente. Estancada. E executada. Não fora uma morte acidental, ou uma doença. Que tivesse considerado essa possibilidade não tornava a situação menos chocante. O motivo só podia ser Rand. Se algum dia existira qualquer nesga de esperança de que a Torre pudesse não se opor a ele, já não existia mais. Elayne não demonstrava nada, os olhos fixos ao longe.

— Vejo que minha novidade a deixou chocada — comentou ele em voz baixa. — Não sei a profundidade com que aquela mulher lhe envolveu em seus planos, mas você agora está livre. Me deixe levá-la em segurança até Caemlyn. Ninguém precisa saber que você teve mais contato com ela do que as outras garotas que foram até lá para aprender. Vocês duas.

Nynaeve mostrou os dentes para o homem, no que esperava que parecesse um sorriso. Foi bom ser finalmente incluída. Poderia ter dado um tapa nele. Quem dera não fosse tão bonito.

— Vou pensar a respeito — afirmou Elayne, hesitante. — O que você diz faz sentido, mas preciso de tempo para pensar. Eu preciso pensar.

Nynaeve a encarou. Fazia sentido? A garota estava falando bobagem.

— Posso lhe dar um tempinho — respondeu o rapaz —, mas não muito, se for pedir permissão para partir. Podemos receber ordens para…

De repente um Manto-branco de rosto quadrado e cabelo escuro surgiu à mesa, dando tapinhas no ombro de Galad e abrindo um largo sorriso. Mais velho, tinha em seu manto os mesmos dois nós de graduação.

— Ora, jovem Galad, você não pode ficar com todas as mulheres bonitas só para você. Todas as garotas da cidade suspiram quando você passa, e a maioria das mães também. Me apresente.

Galad arrastou o banco para trás para se levantar.

— Eu… achei que conhecia as duas quando elas desceram, Trom. Mas seja lá qual for o charme que você acha que eu tenho, ele não funciona com esta senhorita. Ela não gosta de mim, e acho que não vai gostar de nenhum dos meus amigos. Se você treinar a espada comigo hoje à tarde, talvez consiga atrair uma ou duas.

— Isso nunca vai acontecer com você por perto — reclamou Trom, bem-humorado. — E é mais fácil eu deixar o ferrador bater na minha cabeça com o martelo do que treinar contra você.

Porém, o homem acabou permitindo que Galad o conduzisse até a porta, disparando apenas um olhar pesaroso para as duas mulheres. Ao saírem, Galad olhou para a mesa, frustrado e indeciso.

Tão logo os dois saíram de vista, Elayne se levantou.

— Nana, preciso que você suba comigo. — A Senhora Jharen se materializou ao lado dela, perguntando se a lady apreciara a refeição, no que Elayne disse: — Chame meu condutor e meu lacaio imediatamente. Nana vai acertar a conta. — Estava a caminho da escada antes mesmo de terminar de falar.

Nynaeve a acompanhou com os olhos e enfiou a mão na bolsa para pagar a mulher, dando garantias de que tudo estivera do agrado de sua patroa e tentando não reclamar do preço. Assim que se livrou da dona da estalagem, correu para o andar de cima. Elayne estava amontoando os pertences das duas nos baús de qualquer jeito, inclusive as camisolas suadas que haviam deixado penduradas nos suportes das camas para secar.

— Qual é o problema, Elayne?

— Precisamos ir embora imediatamente, Nynaeve. De uma vez. — Ela nem ergueu o rosto até o último objeto ter sido entulhado. — Neste exato instante, onde quer que esteja, Galad deve estar quebrando a cabeça com algo que nunca encarou antes. Duas coisas certas, mas opostas. Na cabeça dele, é correto me amarrar a um cavalo de carga, caso necessário, e me levar na marra até Mamãe, aliviando as preocupações dela e *me salvando* de me tornar uma Aes Sedai, independentemente do que eu queira. E também é correto nos entregar para os Mantos-brancos, para o exército, ou para os dois. Essa é a lei de Amadícia, e também a lei dos Mantos-brancos. Aes Sedai são foras da lei aqui, assim como qualquer mulher que já tenha sido treinada na Torre. Mamãe se encontrou uma vez com Ailron para assinar um acordo comercial e eles tiveram que fazer isso em Altara, já que, legalmente, Mamãe não podia entrar em Amadícia. Agarrei *saidar* assim que o vi, e não vou soltar até que já estejamos bem longe.

— Tenho certeza de que você está exagerando, Elayne. Ele é seu irmão.

— Ele *não é* meu irmão! — Elayne puxou fundo o ar e expirou devagar. — Tínhamos o mesmo pai — disse ela com voz mais calma —, mas ele não é meu irmão. Não vou aceitá-lo. Nynaeve, eu já lhe falei várias vezes, mas você não aprende. Galad faz o que é certo. Sempre. Ele nunca mente. Você ouviu o que ele disse para aquele tal de Trom? Ele não disse que não nos conhecia. Todas as palavras que usou eram verdadeiras. Ele faz o que é *certo*, e pouco importa quem vai se machucar com isso, incluindo ele próprio. Ou eu. Ele costumava dedurar Gawyn e eu por qualquer coisa, e até se dedurava também. Se ele escolher a opção errada, teremos Mantos-brancos nos emboscando antes de chegarmos nos limites da aldeia.

Um tapinha soou na porta, e a respiração de Nynaeve ficou presa na garganta. Claro que Galad não iria de fato… O rosto de Elayne estava preparado, pronto para lutar.

Hesitante, Nynaeve abriu a porta. Eram Thom e Juilin, que estava com aquele chapéu idiota na mão.

— Milady nos chamou? — perguntou Thom, com um toque de servilismo endereçado a qualquer pessoa que pudesse estar escutando.

Conseguindo respirar de novo e sem se importar com quem estaria escutando, Nynaeve abriu o restante da porta.

— Entrem logo, vocês dois! — Já estava ficando cansada de vê-los se entreolhando a cada vez que ela falava.

Antes de Nynaeve voltar a fechar a porta, Elayne anunciou:

— Thom, precisamos ir embora imediatamente. — O olhar determinado sumira de seu rosto e a ansiedade tomava conta de sua voz. — Galad está aqui. Você deve se lembrar do monstro que ele era quando criança. Bem, não melhorou nada agora que cresceu, e, além

de tudo, ele é um Manto-branco. Ele seria capaz de… — As palavras pareceram ficar presas na garganta. Ela encarou Thom, a boca se movendo em silêncio, mas com os olhos menos arregalados que os dele, que a fitavam.

O homem se sentou pesadamente sobre um dos baús, mas não tirou os olhos dos de Elayne.

— Eu… — Pigarreando de modo grosseiro, Thom prosseguiu: — Achei que tinha visto o sujeito vigiando a estalagem. Um Manto-branco. Mas ele parecia apenas a versão adulta daquele garoto. Suponho que não deveríamos ficar surpresos por ele ter virado um Manto-branco.

Nynaeve foi até a janela. Elayne e Thom mal pareceram notar quando ela passou entre os dois. O tráfego na rua estava começando a se intensificar, fazendeiros, carroças e aldeões se misturando a Mantos-brancos e soldados. No outro lado da rua, um Manto-branco estava sentado em um barril virado, aquele rosto perfeito inconfundível.

— E ele… — Elayne engoliu em seco. — Ele reconheceu você?

— Não. Quinze anos mudam mais um homem do que um garoto. Eu achei que você não se lembraria, Elayne.

— Lembrei em Tanchico, Thom.

Com um sorriso vacilante, Elayne se esticou e deu um puxão em um dos lados do comprido bigode do homem. Thom retribuiu o sorriso de um jeito igualmente hesitante, como se considerasse a hipótese de saltar pela janela.

Juilin coçou a cabeça, e Nynaeve também desejou ter alguma ideia a respeito do que eles estavam falando, mas havia questões mais importantes para resolver.

— Ainda precisamos ir embora, antes que ele bote a guarnição inteira atrás da gente. Com ele vigiando, não vai ser fácil. Não vi nenhum outro cliente que pareça ter uma carruagem.

— A nossa é a única no pátio do estábulo — informou Juilin. Thom e Elayne ainda estavam se entreolhando, claramente sem ouvir uma palavra.

Sair com as cortinas abaixadas não seria proteção alguma, então. Nynaeve até apostaria que Galad já descobrira exatamente como eles haviam chegado a Sienda.

— Há algum jeito de sairmos do pátio por trás?

— Um portão com largura suficiente para passarmos um de cada vez — respondeu Juilin, seco. — E, seja como for, o que tem do outro lado não passa de uma viela. Não há mais do que duas ou três ruas nesta aldeia que sejam largas o bastante para a carruagem. — Ele estudou aquele chapéu cilíndrico, virando-o nas mãos. — Posso me esgueirar para perto até conseguir dar uma pancada na cabeça dele. Se

estiverem prontos, vocês poderiam partir na carruagem durante a confusão. Eu alcançaria vocês já na estrada.

Nynaeve bufou.

— Como? Galopando atrás da gente no Sorrateiro? Mesmo que não caísse da sela na primeira milha, você acha que conseguiria sequer chegar a um cavalo se atacasse um Manto-branco na rua? — Galad ainda estava parado do outro lado da calçada, e Trom se juntara a ele, os dois aparentemente envolvidos em uma conversa preguiçosa. Nynaeve se inclinou e deu um puxão no bigode de Thom. — Você tem algo a acrescentar? Algum plano brilhante? Toda a atenção que prestou nas fofocas rendeu alguma coisa que possa ajudar?

O homem levou a mão ao rosto e lançou um olhar ofendido na direção dela.

— Não, a menos que você ache que Ailron estar reivindicando algumas aldeias de fronteira, em Altara, nos ajude em alguma coisa. Uma faixa que ocupa toda a extensão da fronteira, de Salidar até So Eban e até Mosra. Isso ajuda em alguma coisa, Nynaeve? Ajuda? Tente arrancar fora o bigode de um homem. Alguém vai acabar lhe dando uma bofetada no pé do ouvido.

— O que Ailron poderia querer com uma faixa ao longo da fronteira, Thom? — indagou Elayne.

Talvez estivesse interessada, já que parecia se interessar por qualquer mudança de panorama na política e na diplomacia, ou talvez só estivesse tentando interromper uma discussão. Antes de se envolver nos flertes com Thom, ela estava sempre tentando aliviar a situação.

— Não é o Rei, criança. — A voz dele se suavizou para falar com Elayne. — É Pedron Niall. Ailron costuma fazer o que lhe mandam, embora ele e Niall finjam que não é bem assim. A maioria daquelas aldeias está abandonada desde a Guerra dos Mantos-Brancos, e os Filhos se referem a elas como Confusões. Niall era o general em campo naquela ocasião, e duvido que um dia tenha desistido de querer Altara. Se controlar as duas margens do Eldar, ele pode minguar o comércio fluvial para Ebou Dar, e, se conseguir quebrar Ebou Dar, o resto de Altara vai pingar aos poucos nas mãos dele feito os grãos que caem de um furo em uma saca.

— Muito obrigada pela informação — cortou Nynaeve com firmeza, antes que ele ou a garota pudessem voltar a falar. Algo no que o homem dissera soou familiar, mas Nynaeve não sabia dizer o quê ou por quê. De qualquer forma, ninguém ali tinha tempo para aulas sobre as relações entre Amadícia e Altara, não com Galad e Trom vigiando a frente da estalagem. Ela disse exatamente isso, depois acrescentou: — E você, Juilin? Sempre conhece uns tipos mais baixos.

— O caçador de ladrões sempre procurava os ladrões, arrombadores e salteadores de uma cidade. Afirmava que eles sabiam mais sobre o que

realmente estava acontecendo do que qualquer oficial. — Existem contrabandistas que podemos subornar para nos tirar daqui na surdina ou… ou… Você sabe o tipo de coisa de que precisamos, homem.

— Ouvi falar muito pouco. Os bandidos ficam quietos em Amadícia, Nynaeve. Para o primeiro delito, ferro quente; para o segundo, amputação da mão boa; e para o terceiro, forca, seja por roubar a coroa do Rei ou um pedaço de pão. Não há muitos ladrões em um vilarejo deste tamanho, não dos que vivem disso. — Ele desdenhava dos ladrões amadores. — E, na maior parte do tempo, eles só queriam falar sobre dois assuntos: se o Profeta realmente está vindo para Amadícia, conforme dizem os boatos, e se os administradores daqui vão ceder e deixar o conjunto de animais itinerante fazer uma apresentação. Sienda é muito longe da fronteira para que contrabandistas…

Nynaeve o interrompeu com uma satisfação determinada.

— É isso! O conjunto itinerante. — Todos olharam para ela como se a garota tivesse enlouquecido.

— Claro — disse Thom, com exagerada tranquilidade. — Podemos pedir para Luca trazer os cavalos-javali de volta e aí escapamos enquanto eles destroem um pouco mais o vilarejo. Não sei o que você deu a ele, Nynaeve, mas o homem jogou uma pedra na gente quando estávamos indo embora.

Dessa vez Nynaeve perdoou o sarcasmo, leve como foi. Assim como a falta de inteligência dele para compreender o que ela tinha em mente.

— Pode até ser, Thom Merrilin, mas Mestre Luca quer um patrono, e Elayne e eu seremos exatamente isso. Ainda temos que abandonar a carruagem e os animais… — Essa parte doía. Ela poderia ter construído uma casa bem cômoda em Dois Rios pelo que tudo aquilo havia custado. — E sair pelos fundos.

Abrindo o baú com as dobradiças em forma de folha, ela escarafunchou entre roupas, lençóis, potes e tudo o que não quisera deixar para trás no carroção com as tinturas — ela se assegurara de que os homens tinham empacotado tudo, menos os arreios —, até encontrar as bolsas e as caixinhas douradas.

— Thom, você e Juilin vão sair por aquele portão dos fundos e vão encontrar algum tipo de carroção e de animais. Comprem alguns mantimentos e encontrem a gente na estrada que leva de volta ao acampamento de Luca. — A contragosto, ela encheu a mão de Thom de ouro, sem nem se dar ao trabalho de contar. Não havia como saber quanto cada item custaria, e não queria que ele perdesse tempo pechinchando.

— Que ideia maravilhosa — disse Elayne, sorrindo. — Galad vai estar de olho em duas mulheres, não em uma trupe de animais e

malabaristas. E ele nunca vai pensar que iríamos para Ghealdan.

Nynaeve não havia pensado naquilo. A intenção dela era fazer Luca partir direto para Tear. Um conjunto como o que o homem conseguira reunir, com acrobatas e malabaristas complementando os animais, poderia fazer sucesso em praticamente qualquer lugar, e disso ela tinha certeza. Mas se Galad de fato fosse atrás delas, ou enviasse alguém, seria para o leste. E talvez ele fosse esperto o bastante para desconfiar até de um conjunto itinerante. Os homens às vezes usavam o cérebro, normalmente quando menos se esperava.

— Essa foi a primeira coisa em que pensei, Elayne. — Nynaeve ignorou o gosto fraco na boca, a lembrança acre da samambaia-felina fervida e da folha-sábia em pó.

Claro que Thom e Juilin protestaram. Não tanto contra a ideia, mas pareciam pensar que, se um dos dois ficasse ali, poderia proteger as duas de Galad e de qualquer número de Mantos-brancos. Pareciam não perceber que, caso algo assim acontecesse, canalizar daria mais resultados do que eles dois somados e mais outros dez. Os homens ainda pareciam incomodados, mas ela conseguiu empurrar os dois para fora com a inflexibilidade da frase:

— E não ousem voltar aqui. Encontramos vocês na estrada.

— Se precisarmos canalizar — sussurrou Elayne assim que a porta se fechou —, vamos nos ver rapidamente tendo que enfrentar toda a guarnição dos Mantos-brancos, e, bem provável, toda a guarnição do exército. O Poder não nos torna invencíveis. Bastam duas flechadas.

— Quando chegar a hora, nos preocuparemos com isso — respondeu Nynaeve.

Esperava que os homens não tivessem pensado naquilo. Se tivessem, era provável que um deles ficasse espionando, o que, caso não fosse feito com cautela, possivelmente inflamaria ainda mais as suspeitas de Galad. Nynaeve estava pronta para aceitar a ajuda deles sempre que necessário, Ronde Macura a fizera aprender essa lição, embora o fato de precisar ter sido resgatada feito um gatinho que caiu no poço ainda a irritasse. Mas era ela quem definia quando a ajuda era necessária, e não eles.

Uma rápida descida ao andar inferior a levou a encontrar a Senhora Jharen. Sua lady mudara de ideia. Achava que não conseguiria voltar a enfrentar tão rápido o calor e a poeira da viagem. Pretendia tirar um cochilo e não queria ser perturbada até a hora do jantar, quando a mandaria ao andar de baixo buscar a refeição. E ali estavam as moedas por mais uma noite de alojamento. A dona da estalagem foi bastante compreensiva com a fragilidade de uma lady nobre e da inconstância de suas vontades. Nynaeve achava que a Senhora Jharen seria compreensiva com qualquer coisa que não fosse um assassinato, desde que a conta fosse paga.

Afastando-se da mulher rechonchuda, Nynaeve encurralou uma das atendentes. Umas poucas moedas de prata trocaram de mãos e a garota de avental saiu em disparada para ir procurar dois daqueles gorros profundos que Nynaeve afirmara parecerem muito sombreados e frescos. Não eram o tipo de coisa que sua lady usaria, claro, mas serviriam muito bem para ela.

Quando voltou ao quarto, Elayne havia colocado as caixinhas douradas em um lençol, junto com a caixa escura e polida que abrigava os *ter'angreal* recuperados e a bolsa de camurça que guardava o selo. As gordas bolsas contendo as moedas repousavam na outra cama, ao lado da sacola de viagem de Nynaeve. Dobrando o lençol, Elayne amarrou a trouxa com um cordão resistente retirado de um dos baús. Nynaeve guardara *tudo* naqueles baús.

Não queria abandonar tudo aquilo. Não só pelos gastos. Não só. Nunca se sabia quando algum daqueles objetos viria a calhar. Era o caso dos dois vestidos de lã que Elayne estendera na cama. Não eram finos o bastante para uma lady e eram bons demais para uma criada, mas, se os tivessem deixado em Mardecin, como Elayne quisera, àquela altura estariam em maus lençóis com relação ao guarda-roupa.

De joelhos, Nynaeve vasculhou outro baú. Algumas camisolas, mais dois vestidos de lã para se trocarem. As duas frigideiras de ferro fundido em uma sacola de tela estavam em ótimo estado, mas eram pesadas demais, e era certo que os homens não se esqueceriam de providenciar substitutas. O equipamento de costura, na bela caixa entalhada. Thom e Juilin jamais pensariam em comprar nem mesmo um alfinete. No entanto, apenas parte de sua mente estava focada naquelas escolhas.

— Você já conhecia Thom? — perguntou, em uma voz que esperava ter sido casual. Observou Elayne com o canto do olho enquanto fingia se concentrar em enrolar as meias.

A garota tinha começado a separar as próprias roupas, suspirando para cada uma das sedas antes de colocá-las de lado. Com as mãos enterradas em um dos baús, ela paralisou e nem olhou para Nynaeve.

— Ele era bardo da Corte em Caemlyn quando eu era pequena — respondeu, muito calma.

— Entendi. — Não, ela não entendera nada. Como um homem passava de bardo da Corte, alguém que entretinha a realeza, quase um nobre, para um menestrel a perambular de aldeia em aldeia?

— Ele foi amante de Mamãe depois que Papai morreu. — Elayne voltara a escolher peças de roupa, e falou isso de forma tão casual que Nynaeve ficou embasbacada.

— Amante da sua…!

Mas Elayne ainda não a encarava.

— Só fui me lembrar dele em Tanchico. Eu era muito pequena.

Foi por causa do bigode, e de ficar perto o bastante para olhar no rosto dele, e por tê-lo ouvido recitar um trecho d' *A Grande Caçada à Trombeta*. Ele achou que eu tinha me esquecido de novo. — O rosto da garota enrubesceu de leve. — Eu… bebi muito vinho, e no dia seguinte fingi que não me lembrava.

Nynaeve só conseguiu balançar a cabeça. Recordava-se da noite em que a tola garota se enchera de vinho. Pelo menos nunca mais repetira o feito. A dor de cabeça na manhã seguinte fora uma Cura efetiva. Foi só então que Nynaeve entendeu por que Elayne se comportava daquela maneira com Thom. Havia visto a mesma cena algumas vezes em Dois Rios. Uma garota que mal tinha idade para de fato se enxergar como mulher. Com quem mais ela competiria, se não com a própria mãe? E, por vezes, não havia ninguém melhor contra quem competir para provar que já se era uma mulher. Em geral, aquilo não levava a nada além de tentativas de ser melhor em tudo, de cozinhar a costurar, ou talvez a alguns flertes inofensivos com o pai. Mas, no caso de certa viúva, Nynaeve já vira uma filha que era quase mulher-feita se transformar em uma tola absoluta, tentando capturar o coração do homem com quem a mãe pretendia se casar. O problema era que Nynaeve não tinha a menor ideia do que fazer com tal tolice de Elayne. Apesar de diversos sermões e muitas broncas da parte de Nynaeve e do Círculo das Mulheres, Sari Ayellin não sossegara até sua mãe ter voltado a se casar e ela mesma também ter encontrado um marido.

— Suponho que ele deve ter sido como um segundo pai para você — especulou Nynaeve, com cautela. Fingiu se concentrar na bagagem. Thom certamente vinha olhando para a garota daquela maneira. Isso explicava muita coisa.

— Não penso nele desse jeito. — Elayne parecia determinada a decidir quantas camisolas de seda levaria, mas seus olhos se entristeceram. — Quase não me lembro de nada do meu pai. Eu era um bebê quando ele morreu. Gawyn diz que ele passava todo o tempo com Galad. Lini tentou minimizar isso da melhor forma possível, mas sei que ele nunca foi visitar Gawyn e eu no berçário. Eu sei que ele teria visitado assim que tivéssemos idade para aprender coisas, como era o caso de Galad. Mas ele morreu.

Nynaeve tentou de novo.

— Pelo menos Thom está bem, para um homem da idade dele. Estaríamos em maus lençóis se ele sofresse de problemas nas juntas. Homens mais velhos costumam sofrer.

— Se não mancasse, ele seria capaz de dar cambalhotas para trás. E eu não me importo que ele manque. Ele é inteligente e sabe muito sobre o mundo. É gentil, e me sinto muito segura ao lado dele. Acho melhor não dizer isso a ele. Do jeito que está, ele já tenta me proteger

o suficiente.

Nynaeve suspirou e desistiu. Ao menos pelo momento. Thom talvez visse Elayne como uma filha, mas se a garota continuasse com aquilo, podia ser que o homem se lembrasse de que ela não era, e então Elayne se veria em uma enrascada.

— Thom gosta muito de você, Elayne. — Hora de mudar para algum outro assunto. — Você tem certeza quanto a Galad? Elayne? Tem certeza de que Galad poderia nos denunciar?

A mais jovem se sobressaltou, apagando os vestígios de seu cenho franzido.

— O quê? Galad? Tenho *certeza*, Nynaeve. E se nos recusarmos a deixar que ele nos leve até Caemlyn, estaremos apenas tomando a decisão por ele.

Resmungando sozinha, Nynaeve tirou do baú um vestido de cavalgada feito de seda. Às vezes, pensava que o Criador só tinha feito os homens para criar problemas para as mulheres.

17

Para o Oeste

Quando a atendente subiu com os gorros, Elayne estava esparramada em uma das camas trajando uma camisola branca de seda, um pano úmido lhe cobrindo os olhos, e Nynaeve fingia remendar a bainha do vestido verde-claro que ela estivera usando. Com muita frequência, acabava espetando o dedo. Jamais teria admitido a alguém, mas não era muito boa com a agulha. Trajava seu vestido, claro — criadas não se refestelavam à toa, feito ladies —, mas tinha os cabelos soltos. Estava claro que não tinha intenção de sair do quarto tão cedo. Agradeceu a garota com um sussurro, como se não quisesse acordar sua lady, e lhe entregou outra moeda de prata, repetindo a ordem de que a lady não deveria ser incomodada em hipótese alguma.

Assim que a porta se fechou, Elayne se pôs de pé e começou a puxar as trouxas das duas de debaixo das camas. Nynaeve largou o vestido de seda e levou os braços às costas para se desabotoar. Logo as duas estavam prontas, Nynaeve vestindo lã verde, Elayne de azul, ambas com as trouxas nos ombros. Nynaeve carregava a bolsinha com suas ervas e o dinheiro, Elayne, as caixas enroladas nos lençóis. As profundas abas curvadas dos gorros escondiam tão bem seus rostos que Nynaeve achou que as duas poderiam passar por Galad sem que o homem as reconhecesse, ainda mais com ela estando de cabelo solto. Da trança ele se lembraria. A Senhora Jharen, entretanto, poderia parar duas estranhas descendo do andar de cima com pesadas trouxas.

A escada dos fundos ficava do lado de fora da estalagem, estreitos degraus de pedra junto à parede. Nynaeve sentiu um quê de pena de Thom e Juilin, que haviam subido por ali com os baús pesados, mas sua atenção estava no pátio e no estábulo com telhado de ardósia. Um cão amarelo estava deitado na sombra debaixo da carruagem, abrigando-se do calor que já aumentava, mas todos os empregados estavam lá dentro. De vez em quando, percebia algum movimento para além das portas do estábulo, que estavam abertas, mas ninguém saía. Lá dentro também era mais fresco.

As duas cruzaram rapidamente o pátio do estábulo até a viela entre o prédio e um alto muro de pedra. Uma carroça cheia de esterco, rodeada por moscas e pouco mais estreita que a viela, estava passando por ali. Nynaeve suspeitava de que Elayne estivesse envolta no brilho de *saidar*, embora não pudesse vê-lo. Ela própria estava torcendo para que o cão não decidisse latir e para que ninguém saísse das cozinhas ou do estábulo. Usar o Poder não era uma boa maneira de se esgueirar furtivamente, e ter de persuadir quem quer que fosse deixaria um rastro que Galad poderia seguir.

O rústico portão de madeira ao fim da viela tinha apenas um trinco sem fechadura, e a estreita rua de trás — onde se enfileiravam casas simples de pedra, a maioria com telhados de palha — estava vazia, exceto por um pequeno grupo de garotos parecendo brincar de acertar um ao outro com um pequeno saco de estopa recheado de grãos. O único adulto à vista era um homem alimentando pombos em um telhado do outro lado da rua, cabeça e ombros enfiados para dentro da gaiola. Nem ele nem os garotos fizeram mais do que olhar de relance para as duas quando elas fecharam o portão e saíram caminhando pela via tortuosa como se tivessem todo o direito de estar ali.

Já haviam caminhado umas boas cinco milhas para o oeste de Sienda ao longo da estrada poeirenta quando Thom e Juilin as alcançarem. Thom conduzia o que parecia ser um carroção de Latoeiro, tirando o fato de o veículo estar pintado com uma cor só: verde-oliva, e com a tinta já descamada em grandes áreas. Nynaeve ficou grata de enfiar suas trouxas debaixo do assento do condutor e subir, instalando-se ao lado dele, mas não ficou tão contente ao ver Juilin montando Sorrateiro.

— Falei para você não voltar para a estalagem — reclamou ela, jurando acertá-lo com alguma coisa caso ele e Thom se entreolhassem.

— Eu não voltei — retrucou o homem, sem saber que acabara de poupar a si mesmo uma lesão na cabeça. — Disse para o chefe do estábulo que milady desejava frutos frescos, e que Thom e eu tínhamos que ir apanhá-los. É o tipo de bobagem que alguns nob… — Ele se interrompeu, pigarreando, quando Elayne, sentada do outro lado de Thom, lhe lançou um olhar frio e indiferente. Às vezes ele se esquecia de que ela, de fato, vinha da realeza.

— Precisávamos de algum motivo para deixar a estalagem e as estrebarias — justificou Thom, chicoteando os cavalos. — Vocês devem ter dito que iam voltar para o quarto para não desfalecerem de calor, ou para Lady Morelin não desmaiar, mas os empregados do estábulo ficariam se perguntando por que iríamos querer perambular no calor em vez de ficar em um bom e tranquilo depósito de feno sem nada para fazer, e quem sabe com uma jarra de cerveja. Desse modo

não despertaremos comentários.

Elayne lançou a ele um olhar inexpressivo — sem dúvida por conta do possível "desmaio" de Lady Morelin — que o homem fingiu não ver. Ou talvez não tenha visto. Homens podiam ser cegos quando convinha. Nynaeve bufou. Isso ele não teve como não perceber. E com certeza estalou o chicote de modo agressivo logo depois. Tudo não passava de uma desculpa para que pudessem se alternar na montaria. Era outra coisa que os homens faziam: inventar desculpas para agir exatamente como queriam. Ao menos Elayne estava franzindo a testa de leve para ele, em vez de abrir sorrisos insinuantes.

— Tem outra coisa que eu descobri ontem à noite — prosseguiu Thom, após algum tempo. — Pedron Niall está tentando unir as nações contra Rand.

— Não que eu não acredite, Thom — respondeu Nynaeve —, mas como foi que você descobriu isso? Não posso imaginar que algum Manto-branco simplesmente tenha lhe contado.

— Muita gente estava dizendo a mesma coisa, Nynaeve. Há um falso Dragão em Tear. Um falso Dragão, não importam as profecias sobre a queda da Pedra ou sobre *Callandor*. Esse camarada é perigoso, e as nações devem se unir como fizeram na Guerra dos Aiel. E quem melhor do que Pedron Niall para liderá-las contra esse falso Dragão? Quando tantas línguas assim dizem a mesma coisa, é porque o pensamento existe em escalões mais altos, e, em Amadícia, nem Ailron expressa qualquer pensamento sem falar primeiro com Niall.

Era bastante frequente que o velho menestrel parecesse juntar as pontas dos boatos e sussurros e chegasse às respostas certas. Não, nada de menestrel. Ela precisava se lembrar disso. Independentemente do que afirmasse, Thom havia sido um bardo da Corte, e era provável que já tivesse visto pessoalmente muitas intrigas como as das histórias que contava. Talvez até tivesse se envolvido em algumas, caso de fato tivesse sido amante de Morgase. Olhou de soslaio para aquele rosto coriáceo com espessas sobrancelhas brancas e um bigode comprido tão branco quanto o cabelo. Não havia como explicar o gosto de certas mulheres.

— Algo desse tipo não é tão inesperado. — Nynaeve jamais esperara por aquilo. Mas deveria ter.

— Mamãe vai apoiar Rand — afirmou Elayne. — Eu sei que vai. Ela conhece as Profecias. E tem tanta influência quanto Pedron Niall.

O leve balançar de cabeça de Thom negava pelo menos a última afirmação. Morgase governava uma nação rica, mas havia Mantos-brancos por toda parte e de toda parte. Nynaeve se deu conta de que teria que começar a prestar mais atenção em Thom. Talvez o homem realmente soubesse tanto quanto fingia saber.

— Então agora você acha que deveríamos ter deixado Galad nos

escoltar até Caemlyn?

Elayne inclinou-se para a frente para encará-la com firmeza por sobre o corpo de Thom.

— Com certeza não. Para começar, não há como garantir que a decisão dele seria essa. E, além disso… — Ela se endireitou, se escondendo por trás do homem. Parecia estar falando sozinha, lembrando a si mesma. — Além disso, se Mamãe realmente se voltou contra a Torre, quero tratar de todos os meus assuntos com ela por carta, ao menos por enquanto. É bem capaz que ela nos mantenha presas no palácio para o nosso próprio bem. Ela pode até não conseguir canalizar, mas não estou disposta a enfrentá-la até me tornar uma Aes Sedai completa. E olhe lá.

— Uma mulher forte — afirmou Thom, com gosto. — Morgase lhe ensinaria a ter modos rapidinho, Nynaeve. — Ela bufou outra vez para ele, frustrada por não estar usando uma trança para puxar, mas o velhote tonto só fez sorrir.

O sol estava alto quando alcançaram o conjunto itinerante, ainda acampado no exato local onde o haviam deixado, na clareira ao lado da estrada. Naquele calor parado, até os carvalhos pareciam definhar um pouco. Tirando os cavalos e os grandes cavalos-javali cinzentos, todos os animais estavam enjaulados, e os humanos também não estavam à vista, sem dúvida dentro dos carroções, não muito diferentes do que eles próprios ocupavam. Nynaeve e os demais já haviam descido do veículo quando Valan Luca apareceu, ainda trajando aquela ridícula capa de seda vermelha.

Desta vez, não houve discursos melífluos, nada de reverências com floreios de capa. Os olhos do homem se arregalaram quando reconheceram Thom e Juilin, e se apertaram ao ver o carroção em forma de caixa atrás deles. Ele se curvou para bisbilhotar dentro dos enormes gorros, e seu sorriso não foi de contentamento.

— Ah, então caímos um pouco na vida, hein, milady Morelin? Ou talvez nunca nem tenha estado lá em cima. Roubou uma carruagem e algumas roupas, não foi? Bem, eu detestaria ver uma testa tão linda ser marcada com ferro quente. É o que eles fazem por aqui, caso não saibam, e isso quando não fazem pior. Então, como parece que vocês foram descobertos, senão não haveria outro motivo para estarem fugindo, eu sugeriria que viajassem o mais rápido possível. Se quiserem sua maldita moedinha de volta, ela está em algum local aí na estrada. Eu a joguei de volta para vocês, e, no que depender de mim, vai ficar aí até Tarmon Gai'don.

— Você queria um patrono — retrucou Nynaeve, no momento em que ele lhes deu as costas. — Podemos ser seus patronos.

— Vocês? — Luca sorriu com desdém. Mas parou. — Ainda que algumas moedas roubadas da bolsa de algum lorde fossem ajudar, eu

não posso aceitar moedas rou…

— Vamos pagar suas despesas, Mestre Luca — interrompeu Elayne com aquele tom de voz friamente arrogante que ela tinha —, e ainda lhe daremos mais cem marcos de ouro caso possamos viajar com você até Ghealdan, e caso aceite não parar até chegar na fronteira.

Encarando-a, Luca passou a língua pelos dentes.

Nynaeve soltou um grunhido. Cem marcos, e de ouro! Cem de prata cobririam facilmente todas as despesas dele até Ghealdan ou mais longe, não importava o que aqueles tais cavalos-javali comessem.

— Roubaram tanto assim? — questionou Luca, hesitante. — Quem está atrás de vocês? Eu não me arriscaria contra Mantos-brancos ou o exército. Eles jogariam todos nós na prisão e provavelmente matariam os animais.

— Meu irmão — respondeu Elayne, antes que Nynaeve pudesse negar raivosamente que tivessem roubado alguma coisa. — Parece que um casamento foi arranjado enquanto estive fora, e meu irmão foi enviado até aqui para me encontrar. Não tenho nenhuma intenção de voltar a Cairhien para me casar com um homem uma cabeça mais baixo que eu, três vezes mais pesado e com o triplo da minha idade. — As bochechas da garota ficaram coradas em uma fraca simulação de raiva. O jeito como pigarreou foi mais convincente. — Meu pai sonha em tomar posse do Trono do Sol, caso consiga angariar apoio suficiente. Meus sonhos consistem em um andoriano ruivo com quem *vou* me casar, não importa o que meu pai diga. E isso, Mestre Luca, é até mais do que você precisa saber a meu respeito.

— Talvez você seja quem diz ser — ponderou Luca com calma —, mas talvez não seja. Me mostre um pouco desse dinheiro que você afirma que vai me dar. Promessas só compram alguns copinhos de vinho.

Com raiva, Nynaeve revirou sua sacola de viagem em busca da bolsa mais gorducha e a sacudiu para o homem, enfiando-a de volta no local assim que ele se esticou para pegá-la.

— Você terá o que precisa conforme a necessidade aparecer. E os cem marcos depois que chegarmos a Ghealdan. — Cem marcos de ouro! Se Elayne continuasse assim, teriam que encontrar um banqueiro e usar aquelas cartas-de-direitos.

Luca emitiu um grunhido amargo.

— Tendo roubado isso de alguém ou não, ainda assim estão fugindo. Não vou arriscar meu espetáculo por vocês, seja por conta do exército ou de um lorde cairhieno qualquer que possa vir procurá-los. O lorde pode ser ainda pior, caso pense que roubei a irmã dele. Vocês vão ter que se misturar a nós. — Aquele sorriso desagradável ressurgiu no rosto do homem. Ele jamais se esqueceria daquela moedinha de prata. — Todo mundo que viaja comigo trabalha em alguma coisa, e,

caso não queiram chamar atenção, devem fazer o mesmo. Se os outros souberem que estão pagando pela companhia, vão começar a falar, e não é isso que vocês querem. Limpar as jaulas já basta. Os tratadores dos cavalos vivem reclamando de ter que limpá-las. Vou até encontrar aquela moedinha e devolvê-la para vocês como pagamento. Nunca permitam que se diga por aí que Valan Luca não é generoso.

Nynaeve estava prestes a dizer, e bem objetivamente, que eles não iriam pagar pela viagem a Ghealdan e ainda trabalhar quando Thom pousou a mão em seu braço. Sem uma palavra, ele se curvou para recolher seixos do chão e começou a fazer malabarismo com as pedras, seis em um mesmo círculo.

— Eu tenho malabaristas — informou Luca. As seis viraram oito, depois dez, e uma dúzia. — Você não é ruim. — O círculo virou dois, entrelaçando-se. Luca esfregou o queixo. — Talvez eu consiga encontrar um lugar para você no espetáculo.

— Também sei comer fogo — disse Thom, deixando as pedras caírem —, faço um número com facas — ele abanou as mãos vazias e pareceu tirar um seixo da orelha de Luca — e outras coisinhas mais.

Luca conteve um sorriso.

— Isso basta para você, mas e quanto aos demais? — O homem parecia estar com raiva de si mesmo por ter demonstrado qualquer sinal de entusiasmo ou aprovação.

— O que é aquilo? — perguntou Elayne, apontando.

Os dois postes altos que Nynaeve havia visto serem erguidos agora tinham cordas para lhes dar suporte e uma plataforma plana no topo, uma outra corda esticada e tensionada ao longo das trinta passadas entre os dois. Uma escada de corda se dependurava de cada plataforma.

— Isto é o equipamento de Sedrin — respondeu Luca, e então sacudiu a cabeça. — Sedrin, o andarilho dos céus, deslumbrante em seus feitos a dez passadas de altura em uma cordinha estreita. O tolo.

— Eu consigo andar nela — afirmou Elayne.

Thom a segurou pelo braço quando ela tirou o gorro e avançou para o poste, mas se acalmou após um rápido balançar de cabeça e um sorriso da garota.

Luca, no entanto, barrou a iniciativa.

— Ouça, Morelin, ou seja lá qual for seu nome, sua testa pode até ser linda demais para o ferro quente, mas seu pescoço é ainda mais lindo para acabar quebrado. Sedrin sabia o que estava fazendo, e terminamos de enterrá-lo há não mais que uma hora. Por isso é que todos estão em seus vagões. Claro que ele bebeu muito ontem à noite, após termos sido obrigados a deixar Sienda, mas eu já tinha visto o homem andar ali em cima com a barriga cheia de conhaque. Sabe do que mais? Você não precisa limpar jaula nenhuma. Venha para o meu

carroção e iremos dizer para todos que você é minha amada. Só de faz-de-conta, claro. — Seu sorriso astuto indicava que ele esperava mais que um faz-de-conta.

O sorriso que Elayne devolveu ao homem deveria tê-lo congelado.

— Agradeço muito a oferta, Mestre Luca, mas se, por gentileza, você puder me dar passagem… — Ele teve que dar, ou a jovem o teria atropelado.

Juilin amassou o chapéu cilíndrico nas mãos e depois voltou a enfiá-lo na cabeça quando Elayne começou a subir por uma das escadas de corda, tendo um pouco de dificuldade com as saias. Nynaeve sabia o que a garota estava fazendo. Os homens também deveriam saber, e talvez pelo menos Thom soubesse, mas ainda parecia pronto para sair correndo e segurá-la, caso ela caísse. Luca se aproximou, como se o mesmo pensamento lhe passasse pela cabeça.

Por um momento, Elayne ficou de pé na plataforma, alisando o vestido. O local parecia bem menor e mais alto de lá de cima. Então, erguendo delicadamente as saias, como se não quisesse que encostassem na lama, pisou na corda estreita. Parecia tão fácil quanto atravessar a rua. De certa forma, Nynaeve sabia que era mesmo. Não conseguia ver o brilho de *saidar*, mas sabia que Elayne tecera entre as duas plataformas largos fluxos de Ar criando um caminho rígido feito pedra.

De repente, Elayne pôs as mãos para baixo e deu duas estrelas, os cabelos negros feito um corvo agitando-se, e as pernas nas meias de seda revelando-se ao sol. Durante o brevíssimo instante em que a garota se endireitou, as saias pareceram roçar uma superfície plana, antes de Elayne tornar a erguê-las. Mais dois passos a levaram à plataforma oposta.

— Mestre Sedrin fazia isso, Mestre Luca?

— Dava saltos mortais — gritou de volta o homem. Murmurando, acrescentou: — Mas ele não tinha estas pernas. Uma lady! Rá!

— Não sou só eu que sei fazer isso — informou Elayne. — Juilin e… — Nynaeve balançou a cabeça com firmeza. Com ou sem canalizar, seu estômago apreciaria aquela corda lá nas alturas tanto quanto uma tempestade em alto mar. — …e eu já fizemos isso muitas vezes. Vamos lá, Juilin. Mostre a ele.

O caçador de ladrões parecia preferir limpar as jaulas com as próprias mãos. As jaulas dos leões, e com os leões dentro. Ele fechou os olhos, a boca se movendo em uma oração silenciosa, e subiu a escada de corda como um homem subiria a um cadafalso. Do topo, correu os olhos de Elayne até a corda, concentrada e apavorada. De repente, deu um passo para fora da plataforma e andou a passos largos, os braços esticados, os olhos fixos em Elayne e a boca ainda se mexendo em uma prece. A garota desceu parcialmente a escada para

abrir lugar para ele na plataforma, depois precisou ajudá-lo a encontrar os degraus com os pés e guiá-lo até embaixo.

Thom sorriu para Elayne, cheio de orgulho, quando ela desceu e apanhou seu capuz das mãos de Nynaeve. Juilin parecia ter sido colocado de molho na água quente e depois torcido.

— Foi bom — disse Luca, esfregando o queixo, ponderando. — Não tão bom quanto Sedrin, vejam bem, mas bom. Aprecio especialmente o modo como você faz parecer tão fácil, enquanto… Juilin?… Enquanto Juilin finge estar completamente apavorado. Vai funcionar muito bem. — A resposta de Juilin para o homem foi um sorriso frio com um leve ar ameaçador. Luca se virou para Nynaeve, voltando até a girar a capa vermelha. O homem de fato parecia muito satisfeito. — E você, minha cara Nana? Que talento surpreendente você possui? Acrobacias, quem sabe? Ou engole espadas?

— Eu distribuo o dinheiro — respondeu ela, dando tapinhas na bolsa. — A menos que você queira *me* oferecer seu carroção. — Ela abriu um sorriso que deu um jeito naquela pose dele, além de fazê-lo recuar dois passos.

O falatório despertara as pessoas nos carroções, e todos se reuniram em torno do grupo enquanto Luca apresentava os novos artistas da trupe. O homem foi bem vago com relação a Nynaeve, dizendo simplesmente que o que ela fez foi surpreendente. Precisaria ter uma conversinha com o sujeito.

Os tratadores dos cavalos, como Luca se referia aos homens que não tinham talento performático, eram uma turma imunda e grosseira, talvez por receberem um pagamento mais baixo. Não havia muitos, em comparação com o número de carroções. Na verdade, acabava que todos ajudavam com o trabalho, incluindo a condução dos carroções. O dinheiro não era tão farto em um conjunto de animais itinerante, mesmo para uma trupe como aquela. Os demais formavam um grupo bem variado.

Petra, o fisiculturista, era o maior homem que Nynaeve já vira. Não em altura, mas em largura. Seu colete de couro expunha braços do tamanho de troncos de árvore. Ele era casado com Clarine, a mulher roliça de bochechas marrons que treinava os cães. Clarine parecia uma miniatura perto dele. Latelle, que se apresentava com os ursos, era uma mulher de rosto inflexível, olhos escuros, cabelos negros curtos e com um sorriso permanente de desdém. Aludra, a mulher esbelta cuja suposta função era ser uma Iluminadora, podia até já ter sido uma. Não usava os cabelos escuros trançados no estilo taraboniano, o que nem era surpreendente, dados os ânimos em Amadícia, mas ainda tinha o sotaque carregado, e quem poderia dizer o que havia acontecido com a Guilda dos Iluminadores? Sua casa do capítulo em Tanchico decerto fechara as portas. Os acrobatas, por

outro lado, diziam ser os irmãos Chavana, mas, embora fossem todos homens baixos e atarracados, tinham um espectro de cores que variava dos olhos verdes de Taeric, com maçãs do rosto altas e nariz aquilino que denunciavam o sangue de Saldaea, até Barit, que era mais escuro que Juilin e tinha tatuagens do Povo do Mar nas mãos, embora não usasse brincos no nariz ou nas orelhas.

Todos, exceto Latelle, cumprimentaram os novatos calorosamente. Mais artistas significava mais gente atraída para o espetáculo, portanto mais dinheiro. Os dois malabaristas, Bari e Kin — que de fato pareciam irmãos —, engataram uma boa conversa com Thom sobre o ofício comum assim que descobriram que o homem não atuava da mesma forma que eles. Atrair mais pessoas era uma coisa, competir era outra. Porém, foi a mulher de cabelos pálidos que tratava dos cavalos-javali quem atraiu o interesse de Nynaeve. Cerandin permaneceu rígida, distante e mal disse uma palavra — Luca afirmou que ela viera de Shara com os animais —, mas seu modo de falar suave e gaguejado chamou a atenção de Nynaeve.

Levou um pouco de tempo para posicionar o carroção deles. Thom e Juilin pareciam mais do que satisfeitos pelos tratadores de cavalos ajudarem com os animais, mesmo que de má vontade, e alguns convites foram feitos a Nynaeve e Elayne. Petra e Clarine perguntaram se elas não queriam tomar um chá assim que tivessem se acomodado. Os Chavanas desejavam que as duas jantassem com eles, assim como Bari e Kin, o que acabou transformando em cara feia o sorriso desdenhoso de Latelle. Todos os convites foram declinados com elegância, Elayne sendo talvez um pouco mais delicada do que Nynaeve. A lembrança de ficar encarando Galad feito uma garota com olhos de sapo estava fresca demais em sua memória para que ela fosse mais do que minimamente educada com qualquer homem. Luca fez o próprio convite, exclusivo para Elayne, longe dos ouvidos de Nynaeve, e o que recebeu foi uma bofetada no rosto, além de Thom ter lhe exibido ostensivamente as facas, que pareceram rolar para um lado e para o outro em suas mãos até o homem ir embora resmungando sozinho e esfregando a bochecha.

Nynaeve deixou Elayne colocando as coisas no carroção — jogando-as, na verdade, e resmungando furiosamente consigo mesma — e foi em direção ao local onde os cavalos-javali estavam amarrados. Os imensos animais cinzentos pareciam bastante plácidos, mas, lembrando-se daquele buraco na parede de pedra d'O Lanceiro do Rei, não sentiu muita segurança nos cordames de couro que uniam suas enormes pernas dianteiras. Cerandin coçava o grande macho com seu aguilhão com gancho de bronze.

— Qual é o nome verdadeiro deles? — Hesitante, Nynaeve deu um tapinha no longo nariz, ou focinho, ou seja lá o que fosse, do

macho. As presas tinham a grossura de suas pernas e umas boas três passadas de extensão, só um pouco maiores que as da fêmea. O focinho tentou farejar sua saia, e ela deu um passo apressado para trás.

— *S'redit* — respondeu a mulher de cabelo pálido. — Eles são *s'redit*, mas Mestre Luca achou que um nome mais fácil de pronunciar seria melhor. — Aquele sotaque arrastado era inconfundível.

— Há muitos *s'redit* em Seanchan?

O aguilhão ficou imóvel por alguns instantes, então ela continuou a coçar.

— Seanchan? Onde é isso? Os *s'redit* são de Shara, assim como eu. Nunca ouvi falar de…

— Talvez você tenha ido a Shara, Cerandin, mas duvido muito. Você é Seanchan. A menos que eu esteja enganada, você fez parte da invasão à Ponta de Toman e foi deixada para trás depois de Falme.

— Não tenho a menor dúvida — afirmou Elayne, postando-se ao lado dela. — Ouvimos sotaques Seanchan em Falme, Cerandin. Não vamos lhe fazer mal.

Aquilo era mais do que Nynaeve estava disposta a prometer. As lembranças que tinha dos Seanchan não eram das melhores. E mesmo assim… *Uma Seanchan lhe ajudou quando você precisou. Nem todos são maus. Só a maioria.*

Cerandin deixou escapar um longo suspiro e seus ombros caíram. Foi como se uma tensão tão antiga, da qual ela já nem se dava mais conta, tivesse ido embora.

— Pouquíssimas pessoas que conheci sabem qualquer coisa que se aproxime da verdade sobre o Retorno, ou Falme. Já ouvi uma centena de histórias, cada uma mais extravagante que a outra, mas nunca a verdade. O mesmo vale sobre mim. Eu *fui* deixada para trás, assim como muitos dos *s'redit*. Estes três foram os únicos que consegui reunir. Não sei o que aconteceu com o restante. O macho é o Mer, a fêmea, Sanit, e a novinha é a Nerin. Ela não é de Sanit.

— Era isso que você fazia? — indagou Elayne. — Treinava os *s'redit*?

— Ou você era *sul'dam*? — acrescentou Nynaeve, antes que a mulher pudesse responder.

Cerandin balançou a cabeça.

— Fui testada, como todas as garotas são, mas não consegui usar o *a'dam*. Fiquei contente por ter sido escolhida para trabalhar com os *s'redit*. São animais magníficos. Vocês devem conhecer bastante coisa para saberem sobre *sul'dam* e *damane*. Nunca tinha encontrado ninguém que soubesse a respeito. — Ela não demonstrava medo algum. Ou talvez já tivesse gastado todo o seu temor desde que fora abandonada em uma terra estranha. Mas também podia estar

mentindo.

Os Seanchan eram tão maus quanto os amadicianos no que se referia às mulheres capazes de canalizar, talvez piores. Não exilavam ou matavam: escravizavam. Por meio de um dispositivo chamado *a'dam* — Nynaeve tinha certeza de que se tratava de um *ter'angreal* — uma mulher que tivesse a habilidade de manejar o Poder Único podia ser controlada por outra mulher, uma *sul'dam*, que obrigava a *damane* a usar seus talentos para o que quer que a Seanchan desejasse, até como arma. Uma *damane* não era mais que um animal, mesmo que fosse um animal estimado. E transformavam em *damane* toda e qualquer mulher que encontrassem com a capacidade de canalizar ou que tivesse nascido com a centelha. Os Seanchan haviam esquadrinhado Ponta de Toman mais minuciosamente do que a Torre jamais sonhara em fazer. O simples fato de pensar em *a'dam*, *sul'dam* e *damane* fez seu estômago se agitar.

— Sabemos um pouco — disse Nynaeve a Cerandin —, mas queremos saber mais.

Os Seanchan haviam ido embora, afugentados por Rand, mas isso não significava que não retornariam algum dia. Era um perigo distante, comparado a tudo mais que tinham que enfrentar, mas ter um espinho cravado no pé não queria dizer que um arranhão no braço não poderia infeccionar.

— Seria bom para você se respondesse nossas perguntas com sinceridade. — Haveria tempo para isso durante a jornada para o norte.

— Prometo que não vai acontecer nada com você — afirmou Elayne. — Eu vou protegê-la, caso seja necessário.

A mulher loura olhou de uma para a outra e, de repente, para a surpresa de Nynaeve, se prostrou no chão diante de Elayne.

— É mesmo uma Grã-lady desta terra, conforme disse Luca. Eu não percebi. Me perdoe, Grã-lady. Eu me rendo. — E beijou o chão à frente dos pés de Elayne, enquanto os olhos da garota pareciam prontos para saltar do rosto.

Nynaeve tinha certeza de que os seus não estavam muito diferentes.

— Levante-se — sibilou, olhando freneticamente para os lados para ver se alguém estava observando aquilo. Luca estava, maldito fosse! E Latelle também, ainda de cara feia, mas não havia nada a se fazer. — Levante-se! — A mulher nem se mexeu.

— Fique de pé, Cerandin — ordenou Elayne. — Ninguém exige que as pessoas se comportem assim nesta terra. Nem mesmo um governante. — Enquanto Cerandin se atrapalhava para ficar ereta, a garota acrescentou: — Eu vou lhe ensinar a maneira adequada de se comportar em troca de suas respostas para as nossas perguntas.

A mulher se curvou, as mãos nos joelhos e a cabeça baixa.

— Sim, Grã-lady. Como desejar. Eu sou sua.

Nynaeve suspirou pesadamente. Seria uma viagem e tanto até Ghealdan.

18

Um Cão de Caça das Sombras

Liandrin guiou seu cavalo pelas ruas apinhadas de Amador, o sorriso de desdém nos lábios rosados escondido por um grande gorro. Detestava ter tido que abrir mão de suas várias tranças, e odiava mais ainda as modas ridículas daquela terra ridícula. Até gostava do amarelo-avermelhado do chapéu e do vestido de cavalgada, mas não dos grandes laços de veludo em ambos. Ainda assim, o gorro escondia seus olhos — combinados com os cabelos cor de mel, seus olhos castanhos a denunciariam imediatamente como taraboniana, algo nada bom em Amadícia, naqueles tempos —, além do que seria ainda pior de se exibir ali: um rosto de Aes Sedai. Escondida com segurança, podia sorrir com afetação para os Mantos-brancos, que pareciam ser um a cada cinco homens nas ruas. Não que os soldados, que compunham outro quinto da população masculina, fossem melhores. Claro que nenhum deles sequer pensou em espiar seu rosto sob o gorro. Aes Sedai eram foras da lei ali, e isso significava que não havia nenhuma delas por perto.

Mesmo assim, sentiu-se um pouco melhor quando parou à frente dos elaborados portões de ferro da casa de Jorin Arene. Mais uma viagem infrutífera em busca de alguma mensagem da Torre Branca. Não houvera nada desde que ficara sabendo que Elaida pensava estar no controle da Torre e de que a tal Sanche fora deposta. Siuan escapara, verdade, mas, àquela altura, não passava de um trapo inútil.

Os jardins por detrás do muro cinzento estavam cheios de plantas já secando pela falta de chuva, mas podadas em cubos e bolas, embora uma tivesse a forma de um cavalo saltando. Só uma, claro. Mercadores como Arene imitavam seus superiores, mas não ousavam ir muito longe para que ninguém os visse como excessivamente convencidos. Sacadas elaboradas decoravam a grande casa de madeira com telhado vermelho, que tinha até colunas entalhadas formando uma colunata. Mas, ao contrário da residência de lordes que pretendia copiar, essa colunata ficava sobre uma fundação de pedra de não mais que dez pés de altura. Uma pretensão infantil de agir como um nobre.

O homem grisalho e cerimonioso que se adiantou apressada e

com deferência para segurar os estribos para que Liandrin descesse e depois pegou as rédeas estava todo vestido de preto. Quaisquer cores que um mercador escolhesse como uniforme decerto seriam as cores de algum lorde de verdade, e até um lorde menor poderia causar problemas para o mais rico comerciante. O povo nas ruas se referia ao preto como "uniforme de mercador" e prendia o riso quando tocava no assunto. Liandrin menosprezava o casaco preto do cavalariço tanto quanto a casa e o próprio Arene. Um dia teria propriedades de verdade. Palácios. Aquilo lhe havia sido prometido, bem como o poder que viria junto.

Tirando as luvas de cavalgada, seguiu pela rampa ridícula que levava até as portas da frente, entalhadas com vinhas. As propriedades fortificadas dos lordes possuíam rampas, então era óbvio que um mercador que se considerasse importante não poderia ter degraus. Uma jovem serviçal vestida de preto apanhou as luvas e o chapéu no hall de entrada redondo, repleto de portas e reluzentes colunas pintadas e entalhadas, além de uma sacada que o circundava. O teto era laqueado com a imitação de um mosaico, estrelas dentro de estrelas, pretas e douradas.

— Dentro de uma hora quero tomar meu banho — disse à mulher. — A temperatura estará adequada desta vez, não? — A criada ficou pálida ao fazer sua reverência, gaguejando em concordância antes de se retirar às pressas.

Amellia Arene, mulher de Jorin, surgiu por umas das portas, absorta em uma conversa com um gorducho quase careca trajando um avental branco impecável. Liandrin suspirou com desdém. A mulher era pretensiosa, mas não apenas conversava pessoalmente com o cozinheiro como o tirava da cozinha para discutir as refeições. Tratava o empregado como… como um amigo!

O gorducho Evon a avistou primeiro e engoliu em seco, seus olhos de leitãozinho se desviando imediatamente. Liandrin não gostava de nenhum homem olhando para ela, e, em seu primeiro dia ali, falara com rispidez com o cozinheiro a respeito de como os olhares dele às vezes se estendiam demais. O gorducho tentara negar, mas ela conhecia os hábitos vis dos homens. Sem esperar para ser dispensado pela patroa, Evon voltou quase correndo por onde viera.

A esposa do mercador, que já estava ficando grisalha, era uma mulher inflexível quando Liandrin e as demais chegaram. Agora ficava lambendo os lábios e alisando sem necessidade o vestido de seda verde com laço drapeado.

— Há uma pessoa lá em cima com as outras, milady — disse ela, de modo hesitante. Naquele primeiro dia, pensara que podia se referir a Liandrin pelo nome. — Na sala de estar da frente. Vem de Tar Valon, acredito.

Imaginando quem poderia ser, Liandrin partiu em direção à escadaria mais próxima. Conhecia poucas outras integrantes da Ajah Negra, claro, por motivos de segurança. O que outras pessoas não soubessem, não poderiam trair. Na Torre, só conhecera uma das doze que a acompanharam quando ela partiu. Duas das doze estavam mortas, e ela sabia de quem era a culpa. Egwene al'Vere, Nynaeve al'Meara e Elayne Trakand. Tudo dera tão errado em Tanchico que ela poderia até pensar que aquelas três Aceitas presunçosas tinham estado por lá, exceto pelo fato de elas serem umas tolas que já haviam caído direitinho, e por duas vezes, nas armadilhas que ela própria havia preparado. Que tivessem escapado em ambas as ocasiões não vinha ao caso. Se tivessem estado em Tanchico, teriam caído nas mãos dela, o que quer que Jeaine afirmasse ter visto. Na próxima vez que as encontrasse, elas não escapariam de novo. Liandrin se livraria delas, a despeito de quaisquer ordens.

— Milady — balbuciou Amellia. — Meu marido, milady. Jorin. Por favor, alguma de vocês vai ajudá-lo? Não era a intenção dele, milady. Ele aprendeu a lição.

Liandrin fez uma pausa, apoiando a mão no corrimão entalhado e olhando por cima do ombro.

— Ele não deveria ter achado que seus juramentos para o Grande Senhor poderiam ser convenientemente esquecidos, não é?

— Jorin *já* aprendeu, milady. Por favor. Ele passa o dia inteiro deitado debaixo dos cobertores, tremendo, e neste calor. Chora sempre que alguém encosta nele ou se fala mais alto que um sussurro.

Liandrin fez uma pausa, como se considerasse as palavras, e então assentiu delicadamente.

— Vou pedir a Chesmal para ver o que pode fazer. Mas entenda que não estou fazendo nenhuma promessa.

Os agradecimentos trêmulos da mulher acompanham-na escada acima, mas Liandrin não prestou atenção. Temaile se deixara levar. Tinha sido da Ajah Cinza antes de se tornar Negra, e, sempre que fazia papel de mediadora, cuidava para dividir sofrimentos igualmente. E obtivera bastante sucesso como mediadora, já que gostava de disseminar a dor. Chesmal disse que o homem talvez fosse capaz de realizar pequenas tarefas dentro de poucos meses, contanto que não fossem pesadas demais e que ninguém levantasse a voz para ele. A mulher tinha sido uma das melhores Curandeiras das Amarelas em gerações, então devia mesmo saber.

Ficou surpresa ao entrar na sala de estar da frente. Nove das dez irmãs Negras que tinham vindo com ela estavam de pé junto aos painéis entalhados e pintados que recobriam o aposento, embora houvesse várias cadeiras com estofamento de seda sobre o carpete com borda dourada. A décima, Temaile Kinderode, estendia uma

delicada xícara de porcelana para uma mulher de cabelos escuros, bonita e robusta, que trajava um vestido cor de bronze de corte estranho. A mulher, que estava sentada, parecia vagamente familiar, apesar de não ser Aes Sedai. Aproximava-se claramente da meia-idade e, apesar das bochechas macias, não havia nela aquela expressão de idade indefinida.

Todavia, aquele clima encheu Liandrin de cautela. Temaile tinha uma aparência enganosamente frágil, com olhos azuis grandes e infantis que faziam as pessoas confiarem nela. Naquele momento, aqueles olhos demonstravam preocupação ou desconforto, e a xícara de chá tremeu no pires antes de a mulher apanhá-la. Todos os rostos demonstravam incômodo, exceto o daquela mulher estranhamente familiar. Jeaine Caide, de pele acobreada, vestindo uma das detestáveis indumentárias tarabonianas que costumava usar dentro da casa, ainda tinha lágrimas cintilando nas bochechas. Ela fora uma Verde, e gostava de se exibir para os homens até mais do que a maioria das Verdes. Rianna Andomeran, que fora Branca e continuava sendo uma assassina friamente arrogante, mexia, nervosa, na mecha branca de seu cabelo escuro acima da orelha esquerda. A arrogância da mulher havia sido solapada.

— O que aconteceu aqui? — Quis saber Liandrin. — Quem é você, e o que…? — De repente, a lembrança se acendeu em sua mente. Uma das Amigas das Trevas, uma serviçal em Tanchico que frequentemente se colocava acima de sua posição. — Gyldin!

Aquela serviçal as seguira, de alguma forma, e obviamente estava tentando se passar por uma mensageira Negra com alguma notícia terrível.

— Desta vez você deu um passo bem maior que as pernas. — Buscou *saidar*, mas, enquanto ainda o fazia, o brilho cercou a visitante, e uma espessa parede invisível bloqueou o acesso de Liandrin à Fonte. Ficou ali, feito um sol, tentadoramente fora de alcance.

— Não fique boquiaberta, Liandrin — anunciou a mulher, com um tom tranquilo. — Você está parecendo um peixe. Não sou Gyldin, sou Moghedien. Este chá precisa de mais mel, Temaile. — A Cinza esguia, com cara de raposa, foi correndo apanhar a xícara, respirando de forma ofegante.

Só podia ser. Quem mais poderia ter intimidado tanto todas as outras? Liandrin olhou para as mulheres de pé ao longo das paredes. Eldrith Jhondar, com seu rosto redondo, pela primeira vez não parecia nem um pouco alheia, apesar de ter uma mancha de tinta no nariz, e balançou a cabeça vigorosamente. As demais pareciam com medo até de se contrair. Liandrin não entendia por que um dos Abandonados — não deviam usar aquele nome, mas usavam entre si —, e justamente

Moghedien, teria se disfarçado de serviçal. Aquela mulher tinha ou poderia ter tudo o que bem entendesse. Não apenas um conhecimento do Poder Único maior do que Liandrin sonhava, mas poder em si. Poder sobre os outros, poder sobre o mundo. E imortalidade. Poder e uma vida que não acabaria nunca. Ela e suas irmãs tinham especulado a respeito de discórdias entre os Abandonados. Houvera ordens conflitantes entre eles, e ordens dadas a outros Amigos das Trevas que se opunham às ordens dadas a elas. Talvez Moghedien estivesse se escondendo dos outros doze.

Em uma longa reverência, Liandrin abriu as saias de cavalgada da melhor forma que pôde.

— Nós lhe damos as boas-vindas, Grande Senhora. Com os Escolhidos para nos liderar, com certeza triunfaremos antes do Dia do Retorno do Grande Senhor.

— Muito bem dito — respondeu Moghedien, seca, tomando a xícara novamente das mãos de Temaile. — Isso. Assim está bem melhor. — Temaile parecia absurdamente agradecida e aliviada. O que Moghedien fizera?

De repente, um pensamento ocorreu a Liandrin, e um pensamento indesejado: tratara uma das Escolhidas como uma serviçal.

— Grande Senhora, em Tanchico, eu não sabia que…

— Claro que não sabia — retrucou Moghedien, irritada. — Do que adiantaria eu esperar pacientemente nas sombras se você e estas outras me reconhecessem? — De repente, um sorrisinho brotou em seus lábios, mas não foi refletido no restante do rosto. — Está preocupada com as vezes em que mandou Gyldin ao cozinheiro para ser espancada? — Gotículas de suor brotaram de repente no rosto de Liandrin. — Você acredita mesmo que eu permitiria algo do tipo? Claro que o homem se reportou a você, mas só se lembrava do que eu queria que ele se lembrasse. Na verdade, ele estava com pena de Gyldin, tratada de forma tão cruel por sua senhora. — Moghedien parecia se divertir muito com aquilo. — Ele me deu algumas das sobremesas que preparava para você. Eu não ficaria chateada de saber que ainda está vivo.

Liandrin respirou aliviada. Não iria morrer.

— Grande Senhora, não há razão para me blindar. Também sirvo ao Grande Senhor. Fiz meus juramentos dos Amigos das Trevas antes mesmo de ir à Torre Branca. Busquei a Ajah Negra desde o dia em que soube que era capaz de canalizar.

— Então você é a única deste bando de desorientadas que não precisa aprender quem é sua senhora? — Moghedien arqueou uma sobrancelha. — Eu não teria adivinhado. — O brilho em torno dela desapareceu. — Tenho tarefas para você. Para todas vocês. O que quer que tenham andado fazendo, esqueçam. Vocês são um grupo

atrapalhado, como provaram em Tanchico. Com a minha mão segurando o chicote, talvez cacem com mais sucesso.

— Aguardamos ordens da Torre, Grande Senhora — afirmou Liandrin. Atrapalhadas! Tinham quase encontrado o que foram caçar em Tanchico quando a cidade explodira em tumultos. Escaparam por pouco das Aes Sedai que haviam de algum jeito se intrometido em seus planos. Caso Moghedien tivesse se revelado, ou ao menos tomado parte em seu favor, teriam triunfado. Se o fracasso delas era culpa de alguém, era da própria Moghedien. Liandrin tentou alcançar a Fonte Verdadeira, não para abraçá-la, mas para se certificar de que a barreira não tinha sido vedada. Já desaparecera. — Atribuíram a nós grandes responsabilidades, a execução de grandes trabalhos, e certamente receberemos ordens para continuar…

Moghedien interrompeu-a com rispidez.

— Vocês servem a qualquer um dos Escolhidos que decida usá-las. Quem quer que lhes mande ordens, de dentro da Torre Branca, agora recebe as próprias ordens de um de nós, e é bem provável que rasteje por elas. Vocês vão me servir, Liandrin. Esteja certa disso.

Moghedien não sabia quem estava no comando da Ajah Negra. Aquilo foi uma revelação. Moghedien não sabia de tudo. Liandrin sempre imaginara os Abandonados como algo próximo da onipotência, muito além dos mortais comuns. Talvez a mulher realmente estivesse fugindo dos outros Abandonados. Delatá-la certamente lhe garantiria uma posição de destaque. Poderia até se tornar um deles. Havia um truque que aprendera na infância. E era capaz de tocar a Fonte.

— Grande Senhora, nós também servimos ao Grande Senhor. Também recebemos a promessa de vida eterna e poder assim que o Grande Senhor ret…

— Você acha que é igual a mim, irmãzinha? — Desgostosa, Moghedien fez uma careta. — Você esteve no Poço da Perdição para dedicar sua alma ao Grande Senhor? Sentiu o doce sabor da vitória em Paaran Disen, ou as cinzas amargas no Asar Don? Você não passa de uma cadelinha amestrada, não é nem a líder do bando, e vai seguir na direção que eu apontar até que eu ache justo lhe oferecer um lugar melhor. Estas outras também pensaram que eram mais do que são. Quer testar sua força contra mim?

— Claro que não, Grande Senhora. — Não com Moghedien avisada de antemão e pronta. — Eu…

— Mais cedo ou mais tarde vai acabar querendo, e prefiro tirar isso do caminho logo agora, no começo. Por que acha que suas companheiras parecem tão animadas? Ensinei a mesma lição a cada uma delas, hoje. Não vou ficar me perguntando em que momento também devo ensinar a você. Quero resolver isso logo. Experimente.

Lambendo os lábios, cheia de medo, Liandrin correu o olhar pelas

mulheres rígidas junto às paredes. Só Asne Zeramene conseguia piscar. Ela mexeu a cabeça de modo discretíssimo. Os olhos oblíquos, as maçãs do rosto altas e o nariz acentuado denunciavam sua origem de Saldaea, e a mulher tinha toda a famigerada ousadia do lugar. Se ela era contra, se seus olhos escuros acusavam uma ponta de medo, então com certeza era melhor se humilhar quanto fosse necessário para fazer Moghedien ceder. Porém, havia aquele truque…

Liandrin ficou de joelhos, com a cabeça baixa, e ergueu os olhos para a Abandonada com um medo que só em parte era fingimento. Moghedien estava relaxada na cadeira, bebericando o chá.

— Grande Senhora, imploro que me perdoe caso eu tenha me excedido. Sei que não passo de um verme sob seus pés. Eu imploro, como alguém que aceitaria ser seu fiel cão de caça, por sua misericórdia desta cadela infeliz.

Os olhos de Moghedien baixaram até a xícara e, em um piscar de olhos, enquanto as palavras ainda saíam aos tropeços de sua boca, Liandrin abraçou a Fonte e canalizou, procurando a brecha que deveria existir na confiança da Abandonada, a brecha que havia na fachada de força de qualquer pessoa.

Mesmo enquanto atacava, a luz de *saidar* envolveu a outra mulher e a dor tomou conta de Liandrin. Ela se contorceu no carpete e tentou ganir, mas uma agonia maior que tudo o que já sentira silenciou sua boca embasbacada. Os olhos pareciam querer pular da cabeça, a pele, se descascar em tiras. Debateu-se durante uma eternidade e, quando a dor sumiu, tão de repente quanto surgira, a única reação possível foi ficar ali deitada, tremendo e chorando, de boca aberta.

— Está começando a entender? — perguntou Moghedien, tranquila, entregando a xícara vazia para Temaile, instruindo: — Estava muito bom, mas da próxima vez faça um pouco mais forte. — Temaile parecia prestes a desmaiar. — Você não é rápida o bastante, Liandrin, não é forte o bastante, e não sabe o bastante. Aquela coisinha patética que você tentou contra mim. Quer ver como é de verdade? — Moghedien canalizou.

Liandrin a encarou com adoração. Arrastou-se pelo chão e deixou escapar algumas palavras entre os soluços que ainda não conseguia refrear.

— Me perdoe, Grande Senhora. — Que mulher magnífica, como uma estrela nos céus, um cometa, mais maravilhosa que todos os reis e rainhas. — Perdoe, por favor — implorou, beijando a bainha da saia de Moghedien enquanto gorgolejava. — Perdão. Eu sou uma cadela, um verme. — Envergonhava-a profundamente não ter sido sincera ao dizer aquilo antes. Era verdade. Perante aquela mulher, tudo era verdade. — Permita que eu a sirva, Grande Senhora. Permita-me servi-la. Por favor. Por favor.

— Não sou Graendal — respondeu Moghedien, empurrando-a rudemente com o pé calçado em um chinelo de veludo.

De repente, a sensação de veneração desapareceu. Deitada ali, largada, chorando, Liandrin ainda conseguia se lembrar de tudo perfeitamente. Encarou a Abandonada com uma expressão de horror.

— Já está convencida, Liandrin?

— Sim, Grande Senhora — conseguiu responder. Estava. Convencida de que nem ousaria voltar a pensar em uma nova tentativa até estar certa de que teria sucesso. Seu truque era apenas a sombra mais pálida do que Moghedien fizera. Mas se pudesse aprender…

— Vamos ver. Acho que você pode ser daquele tipo que precisa de uma segunda lição. Reze para que não seja assim, Liandrin. Minhas segundas lições são bastante duras. Agora vá para o seu lugar junto às outras. Vai perceber que eu peguei alguns dos objetos de Poder que vocês tinham aqui na sala, mas que deixei vocês ficarem com os badulaques que restaram. Não sou gentil?

— A Grande Senhora é gentil — concordou Liandrin, entre soluços ocasionais que não conseguia sufocar.

Claudicante, cambaleou até ficar de pé e foi para o lado de Asne. Encostar na parede ajudou-a a se manter ereta. Viu fluxos de Ar sendo urdidos. Só de Ar, mas, mesmo assim, quando eles vedaram sua boca e impediram o som de penetrar seus ouvidos, Liandrin se encolheu. Decerto não tentou resistir. Nem se permitiu pensar em *saidar*. Quem poderia dizer do que uma Abandonada era capaz? Talvez até de ler seus pensamentos. Aquilo quase a fez sair correndo. Não. Se Moghedien soubesse o que estava pensando, Liandrin àquela altura já teria sido morta. Ou ainda estaria no chão, gritando. Ou beijando os pés da Abandonada e implorando para servi-la. Tremia incontrolavelmente. Se aquele fluxo não lhe tivesse coberto os lábios, estaria batendo os dentes.

Moghedien urdiu os mesmos fluxos em torno de todas elas, exceto de Rianna, a quem a Abandonada chamou, com um dedo imperioso, para se ajoelhar diante dela. Então Rianna se retirou, e Marillin Gemalphin foi desamarrada e convocada.

De onde estava, Liandrin conseguia ver o rosto de todas, mesmo que não conseguisse ouvir o som que saía de suas bocas em movimento. Claramente, cada mulher estava recebendo ordens sobre as quais as demais nada sabiam. Os rostos, porém, lhe diziam pouco. Rianna mal escutou, um quê de alívio nos olhos, então curvou a cabeça em consentimento e saiu. Marillin pareceu surpresa e, em seguida, ansiosa, mas havia sido uma Marrom, e as Marrons eram capazes de demonstrar entusiasmo com qualquer coisa que lhes desse uma oportunidade de desencavar algum pedaço bolorento de

conhecimento perdido. Jeaine Caide foi exibindo, pouco a pouco, uma máscara de terror, primeiro balançando a cabeça e depois tentando cobrir a si mesma e àquele vestido desagradavelmente transparente, mas o rosto de Moghedien se endureceu, e Jeaine anuiu às pressas e partiu, se não com o mesmo ímpeto de Marillin, ao menos tão rápido quanto. Berylla Naron, magra em um nível quase esquelético e das melhores manipuladoras e conspiradoras que existia, e Falion Bhoda, frígida e de rosto comprido, apesar do medo latente, demonstraram tão pouco quanto Rianna. Ispan Shefar, taraboniana como Liandrin, embora de cabelos escuros, chegou a beijar a bainha de Moghedien antes de se levantar.

Só então os fluxos em torno de Liandrin foram desfeitos. Pensou que fosse sua vez de receber só a Sombra sabia qual incumbência, até que viu os fluxos serem dissipados também em torno das mulheres que ainda restavam. O dedo de Moghedien a convocou peremptoriamente, e Liandrin se ajoelhou entre Asne e Chesmal Emry, uma mulher alta e bonita, de cabelos e olhos escuros. Chesmal, que fora Amarela, era capaz de Curar e matar com a mesma facilidade, mas a intensidade com que olhava para Moghedien e a maneira como suas mãos tremiam agarradas às saias indicavam que sua intenção era apenas obedecer.

Liandrin notou que precisaria se guiar por sinais como aquele. Falar a uma das outras sobre sua crença nas vantagens de delatar Moghedien para os demais Abandonados também poderia ser um desastre, caso a mulher em quem confiasse já tivesse decidido que se tornar uma cadelinha daquela Abandonada atendia melhor a seus interesses. Liandrin quase gemeu só de pensar em uma "segunda lição".

— Vocês, vou manter aqui comigo — anunciou a Abandonada — para a tarefa mais importante. O que as outras fizerem pode render frutos saborosos, mas, para mim, a colheita de vocês será a mais importante. Uma colheita pessoal. Existe uma mulher chamada Nynaeve al'Meara. — Liandrin ergueu a cabeça, e os olhos escuros de Moghedien se estreitaram. — Você sabe de algo a respeito dela?

— Eu a desprezo — respondeu Liandrin, com sinceridade. — É uma bravia imunda que jamais deveria ter sido aceita na Torre.

Tinha aversão a todas as bravias. Sonhando fazer parte da Ajah Negra, ela própria começara a aprender a canalizar um ano antes de entrar na Torre, mas de forma alguma era uma bravia.

— Muito bom. Vocês cinco vão encontrá-la para mim. Eu a quero viva. Ah, sim, viva mesmo. — O sorriso de Moghedien fez Liandrin estremecer. Entregar Nynaeve e as outras duas para ela poderia ser muito conveniente. — Anteontem ela estava em uma aldeia chamada Sienda, talvez sessenta milhas a leste daqui, acompanhada de outra

jovem em quem posso estar interessada, mas ambas sumiram. Vocês vão…

Liandrin escutou tudo ansiosamente. Para aquilo, poderia ser um fiel cão de caça. Para o resto, esperaria com paciência.

19

Lembranças

— Minha Rainha?

Morgase ergueu os olhos do livro em seu colo. A luz do sol entrava pela janela da sala de estar adjacente ao quarto. O dia já estava quente, sem nenhuma brisa, e o suor umedecia seu rosto. Não faltava muito para meio-dia, e ela ainda não saíra dali. Aquilo não era comum, ela não conseguia lembrar por que decidira passar uma manhã preguiçosa na companhia de um livro. Ultimamente, parecia incapaz de se concentrar em leituras. De acordo com o relógio dourado na cornija acima da lareira de mármore, uma hora se passara desde que virara a página pela última vez, e não se lembrava das palavras que lera. Devia ser o calor.

O jovem oficial da Guarda de casaco vermelho, ajoelhado e com um dos punhos apoiado no carpete dourado e vermelho, parecia vagamente familiar. No passado, soubera o nome de cada um dos Guardas designados para o Palácio. Talvez fosse o excesso de caras novas.

— Tallanvor — disse ela, para a própria surpresa. Era um jovem alto e forte, mas Morgase não sabia dizer por que se lembrava dele em particular. Será que a sugestão já conduzira alguma visita a ela? Muito tempo atrás? — Tenente da Guarda Martyn Tallanvor.

O homem a encarou, os olhos sérios a um nível alarmante, antes de voltar-se para o carpete.

— Perdoe-me, minha Rainha, mas estou surpreso de a senhora continuar aqui, dadas as notícias que chegaram esta manhã.

— Que notícias?

Seria bom ficar sabendo de mais coisas além das fofocas de Alteima sobre a corte tairena. Às vezes, Morgase tinha a impressão de que havia outra coisa para perguntar à mulher, mas tudo o que sempre faziam era fofocar, o que não lhe parecia muito de seu feitio. Gaebril parecia gostar de escutá-las enquanto ficava sentado naquela cadeira alta diante da lareira, de pernas cruzadas, sorrindo satisfeito. Alteima passara a usar vestidos bastante ousados, e Morgase teria de se pronunciar a respeito. Pareceu se recordar vagamente de já ter

pensado naquilo. *Bobagem. Se eu tivesse pensado, já teria falado com ela.* Balançou a cabeça e percebeu que abstraíra completamente a presença do jovem oficial, que começara a falar, mas parara ao se dar conta de que ela não estava prestando atenção.

— Fale de novo. Eu me distraí. E levante-se.

O homem se levantou, irritado, lançando-lhe um olhar raivoso antes de voltar a fitar o chão. Ela observou o ponto que ele ficara encarando e ruborizou: o decote de seu vestido era extremamente revelador. Mas Gaebril gostava que ela usasse roupas assim. Com esse pensamento, parou de se preocupar com o fato de estar quase nua diante de um de seus oficiais.

— Seja breve — mandou, curta e grossa. *Como ele ousa olhar para mim desta maneira? Eu deveria mandá-lo para o açoite.* — Que notícias podem ser tão importantes para você pensar que pode invadir minha sala de estar como se fosse uma taverna?

O homem enrubesceu, mas ela não soube se foi de vergonha ou por ele ter ficado com ainda mais raiva. *Como ousa estar com raiva de sua rainha? Será que este homem acha que escutá-lo é a única coisa que tenho a fazer?*

— Uma rebelião, minha Rainha — alertou o sujeito, em um tom de voz neutro, fazendo desaparecer os pensamentos sobre seus olhares ou sua raiva.

— Onde?

— Dois Rios, minha Rainha. Alguém ergueu o antigo brasão de Manetheren, a Águia Vermelha. Chegou um mensageiro de Ponte Branca hoje de manhã.

Morgase tamborilou os dedos no livro, pensando com mais clareza do que parecia fazer há muito tempo. Algo a respeito de Dois Rios a incomodava, alguma centelha que ela não conseguia reavivar. A região quase não fazia parte de Andor, e era assim há gerações. Ela e as últimas três rainhas anteriores haviam sofrido muita pressão para manter um controle módico sobre os mineiros e fundidores das Montanhas da Névoa, e mesmo esse controle simbólico teria se perdido caso houvesse um jeito de escoar os metais sem atravessar Andor. Escolher entre manter o ouro, o ferro e os outros metais das minas ou a lã e o tabaco de Dois Rios não tinha sido difícil. Mas uma rebelião não contida, mesmo em uma parte do reino que ela só governava no papel, poderia se espalhar feito um incêndio e atingir lugares que, de fato, lhe pertenciam. E Manetheren, a cidade das lendas e histórias destruída nas Guerras dos Trollocs, ainda sobrevivia na mente de alguns homens. Além disso, Dois Rios *era* dela. Ainda que o local tivesse sido relegado à própria sorte por muito tempo, ainda fazia parte de seu reino.

— Lorde Gaebril já foi informado? — Com certeza não. Ele

mesmo teria trazido a notícia a ela, além de sugestões de como lidar com o problema. As sugestões dele eram sempre certeiras. *Sugestões?* Pensou se lembrar de Gaebril lhe dizendo o que fazer. Claro que aquilo era impossível.

— Já foi, minha Rainha. — A voz de Tallanvor continuou suave, ao contrário do rosto, onde a raiva contida ainda era latente. — Ele gargalhou. Disse que Dois Rios parecia sinônimo de problema e que algum dia teria que tomar uma providência a respeito. Disse que essa perturbação menor teria que esperar devido a questões mais importantes.

O livro caiu quando Morgase se ergueu de repente, e ela pensou ver Tallanvor sorrindo com amarga satisfação ao passar rápido por ele. Uma serviçal a informou onde Gaebril poderia ser encontrado, e a rainha marchou direto para o pátio colunado com a fonte de mármore e o dique repleto de peixes e vitórias-régias. Ali estava um pouco mais fresco e sombreado.

Gaebril estava sentado na larga mureta branca da fonte com lordes e ladies reunidos ao seu redor. Morgase reconheceu menos da metade. O rosto escuro e quadrado de Jarid, da Casa Sarand, e sua esposa rabugenta de cabelos cor de mel, Elenia. Arymilla, da Casa Marne, com seu sorriso insinuante e os olhos castanhos arregalados de tanto fingir interesse. O esquelético Nasin, da Casa Caeren, que agarrava qualquer mulher que conseguisse encurralar, apesar dos ralos cabelos brancos. Naean, da Casa Arawn, com o habitual sorriso de desdém estragando sua beleza pálida, Lir, da Casa Baryn, um homem teso como um chicote, mas que carregava uma espada; e Karind, da Casa Anshar, com o mesmo olhar indiferente que, segundo alguns, usara para enterrar três maridos. Sobre os demais, nada sabia a respeito, o que era bastante estranho. Mas jamais permitira a entrada de nenhum dos conhecidos no Palácio, salvo em ocasiões oficiais. Todos tinham feito oposição a ela durante a Sucessão. Elenia e Naean haviam cobiçado o Trono do Leão para si. O que Gaebril estava pensando, trazendo toda aquela gente até ali?

— … o tamanho de nossas propriedades em Cairhien, milorde — dizia Arymilla, inclinando-se para Gaebril enquanto Morgase se aproximava. Ninguém fez mais do que lhe dar uma olhadela. Como se ela fosse uma serviçal com o vinho!

— Quero falar com você a respeito de Dois Rios, Gaebril. Em particular.

— Esse assunto já foi resolvido, minha querida — respondeu ele casualmente, mergulhando os dedos na água. — O que me preocupa agora são outras questões. Achei que você fosse ficar lendo durante essas horas mais quentes do dia. Você deveria voltar para o quarto até de noite, quando é mais fresco.

Minha querida. Ele a chamara de “minha querida” na frente daqueles intrometidos! Ainda que Morgase ficasse arrepiada ao ouvir aquilo dos lábios dele quando estavam só os dois… Elenia cobria a boca.

— Acho que não, Lorde Gaebril — afirmou Morgase com frieza. — Você vai vir comigo imediatamente. E estes outros já estarão fora do Palácio antes de eu retornar, ou vou expulsar todos de Caemlyn.

Gaebril se pôs de pé de repente, um homem grande assomando sobre ela. Morgase parecia incapaz de olhar para outra coisa que não seus olhos escuros. Sua pele se arrepiou como se um vento gelado estivesse soprando pelo pátio.

— Você vai entrar e esperar por mim, Morgase. — A voz dele era um urro distante preenchendo seus ouvidos. — Já resolvi tudo o que precisava ser resolvido. Serei seu hoje à noite. Agora você vai entrar. Entre.

Ela já estava erguendo a mão para abrir a porta da sala de estar quando se deu conta de onde se encontrava. E do que tinha acontecido. Gaebril dissera para ela entrar, e ela entrara. Encarando horrorizada a porta, pensou nos sorrisos afetados no rosto dos homens e nas sonoras gargalhadas de algumas mulheres. *O que aconteceu comigo? Como fiquei tão enfeitiçada por um homem?* Ainda sentia o ímpeto de entrar e esperar por ele.

Confusa, obrigou-se a dar meia-volta e sair dali. Foi um esforço. Por dentro, hesitava só de pensar na decepção de Gaebril ao não encontrá-la onde esperava, e se contraiu mais ainda ao notar aquela hesitação.

A princípio, não sabia para onde estava indo ou por quê, só que não ficaria esperando de forma obediente nem por Gaebril e nem por qualquer homem ou mulher no mundo. A cena na fonte não parava de se repetir em sua mente: ele mandando-a entrar, e todos aqueles rostos detestáveis olhando-a, divertidos. Seus pensamentos ainda pareciam embaralhados. Não entendia como ou por que deixara aquilo acontecer. Precisava pensar em algo que conseguisse compreender, qualquer outra coisa com que pudesse lidar. Jarid Sarand e os outros.

Ao assumir o trono, Morgase os perdoara por tudo o que haviam feito durante a Sucessão, assim como perdoara a todos os que se opuseram a ela. Parecera melhor enterrar todas as animosidades antes que elas apodrecessem e se transformassem no tipo de conspiração e intriga que infectava muitas terras. O Jogo das Casas, era como o chamavam — *Daes Dae’mar* —, ou o Grande Jogo, que causava desde brigas complexas e intermináveis entre Casas até a derrubada de governantes. O Jogo estava no cerne da guerra civil em Cairhien, e não havia dúvida de que influenciara o tumulto que tomava conta de Arad Doman e Tarabon. Tivera que perdoar a todos para impedir que

o *Daes Dae'mar* nascesse em Andor, mas, se pudesse ter deixado alguns documentos de perdão sem assinatura, teriam sido os pergaminhos contendo os nomes daqueles sete.

Gaebril sabia disso. Publicamente, Morgase não demonstrara desfavor, mas, no âmbito privado, sempre falava de sua desconfiança. Eles haviam sido forçados a jurar lealdade, e ela identificara a mentira em suas línguas. Qualquer um ali aproveitaria a chance de derrubá-la, e todos os sete juntos…

Morgase só conseguia chegar a uma conclusão: Gaebril estava tramando contra ela. Mas não devia ter intenção de colocar Elenia ou Naean no trono. *Não quando já me tem agindo feito a cadelinha dele*, pensou, com amargura. A intenção de Gaebril devia ser suplantá-la pessoalmente. Para se tornar o primeiro rei da história de Andor. E ela ainda sentia o desejo de voltar para a sua leitura e esperar por ele. Ainda ansiava pelo toque daquele homem.

Foi só quando viu os rostos envelhecidos ao redor, as bochechas enrugadas e as costas curvadas, que Morgase percebeu onde estava. O Alojamento dos Pensionistas. Alguns serviçais retornavam para suas famílias quando a idade avançava, mas outros haviam passado tanto tempo no Palácio que já não conseguiam mais pensar em uma vida diferente. Ali, cada um tinha o próprio apartamentinho, o próprio jardim sombreado e um pátio espaçoso. Assim como todas as rainhas que a antecederam, Morgase incrementava as pensões ao permitir que eles comprassem comida abaixo do custo das cozinhas do Palácio, e a enfermaria tratava quaisquer doenças. Mesuras enferrujadas e reverências capengas a acompanharam, bem como murmúrios de "Que a Luz brilhe sobre a senhora, minha Rainha", "Que a Luz a abençoe, minha Rainha" e "Que a Luz a proteja, minha Rainha". Ela agradecia a todos de modo um tanto distraído. Àquela altura, já sabia para onde estava indo.

A porta de Lini era como todas as outras ao longo do corredor de ladrilhos verdes e sem adornos, exceto por um entalhe com o Leão de Andor empinando. Morgase nem pensou em bater antes de entrar. Era a Rainha, e aquele era seu Palácio. Sua antiga babá não estava lá, embora uma chaleira fervendo sobre uma pequena chama na lareira de tijolos indicasse que não demoraria muito.

Os dois pequenos cômodos tinham mobília apresentável, a cama feita à perfeição e duas cadeiras precisamente alinhadas com a mesa, onde um vaso azul bem no centro abrigava um pequeno leque de hortaliças. Lini sempre fora muito organizada. Morgase apostaria que, dentro do guarda-roupa, cada vestido estava pendurado equidistante dos demais, e o mesmo valia para os potes no armário ao lado da lareira.

Seis miniaturas de marfim estavam enfileiradas na cornija da

lareira em pequenas prateleiras de madeira. Como Lini conseguira comprá-las com o ordenado de uma babá, Morgase jamais soubera. E claro que não podia perguntar. Em pares, elas ilustravam três jovens mulheres e as mesmas três como bebês. Elayne era uma delas, além da própria Morgase. Tomando nas mãos um retrato seu aos catorze anos, ainda uma garota esbelta, não acreditou que um dia parecera inocente. Usara aquele vestido de seda cor de marfim no dia em que fora à Torre Branca, na época nem sonhando que seria Rainha, nutrindo apenas a vã esperança de que pudesse se tornar uma Aes Sedai.

Distraidamente, tocou o anel da Grande Serpente na mão esquerda. Não o merecera de verdade. Mulheres que não eram capazes de canalizar não ganhavam o anel. Porém, pouco antes de seu décimo-sexto aniversário, retornara para disputar a Coroa de Rosas em nome da Casa Trakand, e, ao subir ao trono, quase dois anos depois, recebera o anel de presente. Por tradição, a Filha-herdeira de Andor sempre era treinada na Torre, e como reconhecimento do longo apoio recebido pela nação, a Torre oferecia o anel à Rainha mesmo que ela não fosse capaz de canalizar. Na Torre, ela fora apenas a herdeira da Casa Trakand, mas ganhara o anel assim que teve a Coroa de Rosas na cabeça.

Em seguida, Morgase pegou o retrato de sua mãe, feito quando a mulher devia ter dezesseis anos. Lini fora a babá de três gerações de mulheres Trakand. Maighdin Trakand era linda. Morgase se lembrava daquele sorriso, de sua versão luminosa e maternal. Era Maighdin quem devia ter ocupado o Trono do Leão. Mas uma febre a levara, e uma jovem garota se vira sentada no Grão-trono da Casa Trakand, no meio de uma disputa que, no início, só tinha o apoio dos empregados e do bardo da Casa. *Eu conquistei o Trono do Leão. Não abrirei mão dele e não verei um homem ocupá-lo. Andor foi governada por uma rainha por mil anos, e não vou deixar que isso acabe agora!*

— Mexendo nas minhas coisas de novo, é, garota?

Aquela voz ativou reflexos esquecidos havia muito. Morgase escondeu a miniatura às costas antes até de se dar conta do que fizera. Com um balançar de cabeça arrependido, colocou o retrato de volta na prateleira.

— Não sou mais uma garotinha no berçário, Lini. É bom se lembrar disso, ou algum dia vai acabar dizendo algo que me obrigue a tomar providências.

— Meu pescoço já está magro e velho — retrucou a ex-babá, depositando na mesa um saco de rede com cenouras e nabos. Ela parecia frágil em seu asseado vestido cinza, os cabelos brancos presos em um coque e o rosto estreito com a pele fina como pergaminho, mas mantinha as costas eretas, a voz soava clara e firme, e os olhos escuros

permaneciam tão penetrantes quanto sempre foram. — Pouco me importava se quiser entregá-lo a um algoz ou a um carrasco, já estou mesmo quase no fim. “Um galho velho cega a lâmina que decepa a muda.”

Morgase suspirou. Lini não mudaria nunca. Não lhe faria reverências nem se a corte inteira estivesse presente.

— Você fica mais durona conforme envelhece. Não sei se o carrasco conseguiria encontrar um machado suficientemente afiado para o seu pescoço.

— Faz algum tempo que você não vem me ver, então suponho que esteja precisando entender algo que está se passando em sua mente. Quando você era criança, e depois também, sempre me procurava quando não conseguia entender certas questões. Melhor eu preparar um bule de chá?

— Algum tempo, Lini? Visito você toda semana, e é incrível eu fazer isso, dada a forma como você fala comigo. Eu mandaria até a maior Grã-lady de Andor para o exílio, caso ela falasse metade das coisas que você diz.

Lini a encarou com um olhar tranquilo.

— Sua sombra não aparece na minha porta desde a primavera. E estou falando como sempre falei. Já estou velha demais para mudar. Quer chá?

— Não. — Confusa, Morgase pôs a mão na cabeça. Ela de fato visitava Lini toda semana. Lembrava… Não, não lembrava. Gaebril preenchera suas horas tão completamente que às vezes era difícil se lembrar de qualquer coisa que não fosse ele. — Não, eu não quero chá. Nem sei por que vim até aqui. Você não pode me ajudar com meu problema.

A antiga babá bufou, embora, de alguma forma, tenha soado delicada.

— Seu problema é com Gaebril, não é? Só que agora está com vergonha de me dizer. Eu troquei suas fraldas, garota, cuidei de você quando ficou doente e só faltou vomitar o estômago, e lhe disse tudo o que você precisava saber sobre os homens. Você nunca sentiu toda essa vergonha de discutir o que fosse comigo, e agora não é um bom momento para começar a sentir.

— Gaebril? — Os olhos de Morgase se arregalaram. — Você sabe? Mas como?

— Ora, garota — respondeu Lini com tristeza —, todo mundo sabe, apesar de ninguém ter tido coragem de lhe falar. Eu teria, caso você não tivesse se afastado tanto, mas está longe de ser um assunto fácil de discutir com você, não é? É o tipo de coisa em que uma mulher não acredita até descobrir por conta própria.

— Do que você está falando? — questionou Morgase. — Caso

você soubesse de algo, era sua obrigação vir até mim, Lini. Era obrigação de qualquer um! Luz, eu sou a última a saber, e agora pode ser tarde demais para pôr um fim nisso.

— Tarde demais? — indagou Lini, incrédula. — E por que seria tarde demais? É só botar Gaebril para fora do Palácio, até de Andor. E mande Alteima e as outras junto com ele. Pronto: acabou o problema. Só é tarde demais na sua cabeça.

Por um momento, Morgase não conseguiu falar.

— Alteima — disse, por fim — e… as outras?

Lini a encarou e então, desgostosa, balançou a cabeça.

— Sou uma velha tonta. Minha sagacidade já não é tão afiada. Bem, agora você sabe. "Quando o mel sai do favo, não dá para pôr de volta." — Sua voz ficou mais gentil e, ao mesmo tempo, vigorosa. A mesma voz que ela usara para contar a Morgase que seu pônei havia quebrado uma perna e teria de ser sacrificado. — Gaebril passa a maior parte das noites com você, mas Alteima desfruta de praticamente o mesmo tempo. Entre as outras seis ele se divide bem pouco. Cinco têm quartos no Palácio. Quando visita uma delas, uma novinha de olhos esbugalhados, ele entra e sai do quarto todo enrolado em um manto, mesmo neste calor. Talvez ela seja casada. Me desculpe, garota, mas a verdade é a verdade. "Melhor enfrentar do que fugir do urso."

Os joelhos de Morgase cederam, e se Lini não tivesse puxado rapidamente uma das cadeiras da mesa para apará-la, a rainha teria caído sentada no chão. Alteima. O fato de ele observar enquanto as duas fofocavam ganhou novos contornos. Um homem apreciando a brincadeira de duas de suas gatinhas de estimação. E outras *seis*! A raiva borbulhou em Morgase, uma raiva que não surgira quando ela pensara que ele estava interessado no trono. Considerara aquela hipótese com a mente fria e limpa. Tanto quanto conseguia considerar qualquer coisa, nos últimos tempos. Tratava-se de uma ameaça que precisava ser analisada com racionalidade. Mas aquilo! O homem abrigara as amantes dentro de *seu* Palácio. Fizera de Morgase só mais uma de suas prostitutas. Queria a cabeça de Gaebril. Queria vê-lo esfolado vivo. Que a Luz a socorresse, queria o toque dele. *Eu devo estar enlouquecendo!*

— Isso vai ser resolvido junto com todo o resto — afirmou, friamente. Muito dependeria de quem estava em Caemlyn e quem estava em suas propriedades no interior. — Onde está Lorde Pelivar? Lorde Abelle? Lady Arathelle? — Nomes que lideravam de Casas fortes e possuíam muitos empregados.

— Exilados — respondeu Lini devagar, lançando-lhe um olhar estranho. — Você os exilou da cidade na primavera passada.

Morgase a encarou de volta. Não se lembrava de nada daquilo.

Mas então se recordou, a memória turva e distante.

— Lady Ellorien? — perguntou, receosa. — Lady Aemlyn e Lorde Luan? — Outras Casas fortes. Outras Casas que lhe deram apoio antes de conquistar o trono.

— Exilados — retrucou Lini, ainda com hesitação na voz. — Você mandou açoitarem Ellorien por ela ter exigido saber por quê.

Lini se curvou para escovar o cabelo de Morgase para trás, os dedos curvos se demorando nas bochechas da rainha como faziam quando a babá checava se ela estava com febre.

— Você está bem, garota?

Morgase assentiu vagamente, porque as lembranças estavam voltando ainda de maneira nebulosa. Ellorien, gritando ultrajada enquanto seu vestido era rasgado às costas. A Casa Traemane fora a primeiríssima a trazer seu apoio à Trakand, comandada por uma mulher bonita e roliça poucos anos mais velha que Morgase. Ellorien, uma de suas amigas mais próximas. Havia sido, pelo menos. O nome de Elayne fora inspirado na avó de Ellorien. Lembrava-se vagamente das outras pessoas deixando a cidade. Distanciando-se dela, o que àquela altura parecia óbvio. E os que permaneceram? Casas fracas demais para ter qualquer serventia, ou meros bajuladores. Morgase pensou se recordar de ter assinado uma porção de documentos que Gaebril colocara diante dela e que criavam novos títulos. Bajuladores de Gaebril e inimigos dela. Eram os únicos que podia distinguir como pessoas influentes em Caemlyn.

— Pouco me importa o que você diz — afirmou Lini com firmeza. — Não está com febre, mas tem alguma coisa errada. Você está precisando é de uma Curadora Aes Sedai, isso sim.

— Nada de Aes Sedai.

A voz de Morgase ficou ainda mais dura. Tornou a tocar brevemente o anel. Sabia que sua animosidade perante a Torre aumentara nos últimos tempos para além do que alguns considerariam razoável, mas não conseguia mais se ver confiando em uma Torre Branca que parecia estar tentando impedi-la de ver a própria filha. A carta que escrevera para a nova Amyrlin exigindo o retorno de Elayne — ninguém *exigia* nada do Trono de Amyrlin, mas ela exigira — ainda não havia sido respondida. Mal dera tempo de chegar a Tar Valon. De qualquer forma, tinha certeza absoluta de que não queria uma Aes Sedai por perto. E ainda assim, ao mesmo tempo, não deixava de se orgulhar ao pensar em Elayne. Elevada a Aceita depois de tão pouco tempo. Elayne poderia até se tornar a primeira mulher a sentar no trono de Andor sendo de fato uma Aes Sedai, em vez de apenas ter sido treinada na Torre. Não fazia sentido que Morgase nutrisse os dois sentimentos ao mesmo tempo, mas pouquíssimas coisas faziam qualquer sentido, àquela altura. E sua filha jamais ocuparia o Trono

do Leão caso Morgase não o assegurasse para ela.

— Eu disse nada de Aes Sedai, Lini, então pode parar de me olhar com essa cara. Desta vez você não vai me obrigar a tomar o remédio de gosto ruim. Além do quê, duvido que encontraríamos Aes Sedai de qualquer cor em Caemlyn. — Seus antigos aliados não estavam mais ali, exilados por sua própria determinação, e talvez inimigos eternos por conta do que fizera com Ellorien. Novos lordes e ladies ocupavam seus lugares no Palácio. Caras novas nos Guardas. Que lealdade ainda existia naquele local? — Você seria capaz de reconhecer um Tenente da Guarda chamado Tallanvor, Lini? — Com a rápida anuência da outra mulher, Morgase prosseguiu. — Encontre-o para mim e traga-o até aqui. Mas não deixe ele saber que está vindo me encontrar. Na verdade, diga a todos do Alojamento dos Pensionistas que, caso perguntem, é para falarem que eu não estou aqui.

— Esse assunto vai além de Gaebril e suas amantes, não é?

— Apenas vá, Lini. E depressa. Não resta muito tempo. — Pelas sombras que via pela janela no jardim repleto de árvores, o sol já começara a baixar. A noite não demoraria a cair. A noite, quando Gaebril procuraria por ela.

Após Lini sair, Morgase permaneceu na cadeira, sentada rigidamente. Não ousava se levantar. Os joelhos já estavam mais fortes, mas temia que, se começasse a se mover, não pararia até estar de volta em sua sala de estar, esperando por Gaebril. O ímpeto era muito forte, principalmente agora que estava sozinha. E assim que aquele homem olhasse para ela, assim que a tocasse, Morgase não tinha dúvidas de que o perdoaria por tudo. Talvez até se esquecesse de tudo, dada a maneira como suas lembranças estavam confusas e incompletas. Poderia até pensar que Gaebril usara o Poder Único nela, de algum jeito, mas sabia que nenhum homem capaz de canalizar sobrevivia até a idade dele.

Lini lhe dissera várias vezes que sempre havia um homem no mundo pelo qual uma mulher se veria agindo feito uma tonta desmiolada, mas ela nunca acreditara que pudesse sucumbir a isso. Por outro lado, suas escolhas nunca tinham sido boas, não importava quão certas parecessem ser à época.

Casara-se com Taringail Damodred por motivos políticos. O homem já havia sido casado com Tigraine, a Filha-herdeira cujo desaparecimento desencadeara a Sucessão após a morte de Mordrellen. O casamento com ele criara uma ponte com a antiga rainha, atenuando as dúvidas da maioria de seus opositores, e, mais importante, mantivera a aliança que pusera um fim nas sucessivas guerras com Cairhien. Era assim que rainhas escolhiam seus maridos. Taringail tinha sido um homem frio e distante, e nunca existira amor entre eles, apesar dos dois filhos maravilhosos. Fora quase um alívio

quando ele morreu em um acidente em uma caçada.

Thomdril Merrilin, bardo da Casa e depois da Corte, de início fora uma alegria, inteligente e sagaz, um homem risonho que usara os truques do Jogo das Casas para auxiliá-la a ascender ao trono e que a ajudara a fortalecer Andor quando ela foi coroada. À época, tinha o dobro da idade dela, e, ainda assim, Morgase poderia ter se casado com ele — casamentos com plebeus não eram novidade em Andor —, mas o homem desaparecera sem dar uma palavra, e o gênio de Morgase levou a melhor. Nunca descobrira por que ele fora embora, mas isso não importava. Quando o bardo finalmente retornou, ela considerou rescindir a ordem de prisão. Porém, daquela vez, em vez de apaziguar a raiva da rainha, ele respondera cada palavra ríspida dela com outra igualmente grosseira, dizendo coisas que Morgase nunca perdoaria. Seus ouvidos ainda ardiam quando se lembrava de ter sido chamada de criança mimada e fantoche de Tar Valon. Ele chegara a sacudi-la, sua própria rainha!

Em seguida, veio Gareth Bryne, forte e habilidoso, tão duro quanto seu rosto dava a entender e tão teimoso quanto ela própria. Acabara se mostrando um tolo traidor. Já estava bem longe de sua vida. Parecia que havia se passado anos desde que o vira pela última vez, e não pouco mais de seis meses.

E finalmente Gaebril, coroando sua lista de más escolhas. Ao menos os anteriores não haviam tentado suplantá-la.

Não haviam sido tantos homens para a vida de uma mulher, mas, por outro lado, foram homens demais. Outro alerta que Lini às vezes fazia era de que os homens só serviam para três coisas, embora fossem muito bons nessas três. Morgase estivera no trono desde antes de Lini pensar que ela tinha idade suficiente para saber que coisas eram essas. *Talvez se eu os usasse só para dançar*, pensou Morgase, com sarcasmo, *eles não me dessem tantos problemas*.

As sombras no jardim, fora da janela, se moveram o equivalente a uma hora antes de Lini retornar com o jovem Tallanvor, que se ajoelhou enquanto a babá ainda fechava a porta.

— De início, ele não queria vir comigo — disse Lini. — Cinquenta anos atrás, suponho que eu poderia ter mostrado o que você está exibindo ao mundo, e ele teria vindo bem rápido, mas agora preciso usar a doçura do bom senso.

Tallanvor virou a cabeça para olhar com amargura na direção da mulher.

— Você ameaçou me bater com uma vara se eu não viesse. Sorte sua eu ter me perguntado o que poderia ser tão importante, em vez de mandar alguém arrastá-la até a enfermaria. — O fungar inflexível de Lini não perturbou o guarda, cujo olhar acre se tornou raivoso ao passar para Morgase. — Soube que sua reunião com Gaebril não foi

muito boa, minha Rainha. Minha esperança era de que fosse… melhor.

O homem a fitava diretamente nos olhos, mas o comentário de Lini a fizera ficar novamente consciente do vestido. Sentia como se flechas reluzentes apontassem para seu busto exposto. Foi com muito esforço que manteve as mãos calmamente repousadas no colo.

— Você é um rapaz esperto, Tallanvor. E leal, acredito, ou não teria vindo até mim com a notícia sobre Dois Rios.

— Não sou um garotinho — reclamou ele, se empertigando, ainda de joelhos. — Sou um homem que jurou a vida a serviço da Rainha.

Ela rebateu o mau humor dele de igual para igual.

— Se é um homem, comporte-se como tal. Fique de pé e responda as perguntas de sua rainha com sinceridade. E lembre-se de eu *sou* sua rainha, *jovem* Tallanvor. Seja lá o que você pense que possa ter acontecido, *eu* sou a Rainha de Andor.

— Me perdoe, minha Rainha. Eu a escuto e obedeço. — As palavras foram pronunciadas de maneira adequada, embora não muito arrependidas, mas ele se pôs de pé de cabeça erguida e a encarou de modo mais desafiador do que nunca. Luz, o homem era mais teimoso do que Gareth Bryne.

— Quantos homens leais ainda restam entre os Guardas no Palácio? Quantos vão obedecer seus juramentos e me seguir?

— Eu vou — respondeu ele, em voz baixa, a raiva desaparecendo de repente, embora ele ainda a encarasse sem desviar os olhos de seu rosto. — Quanto aos outros… se deseja encontrar homens leais, deve procurar nas guarnições mais distantes, talvez até Ponte Branca. Alguns dos que estavam em Caemlyn foram mandados para Cairhien junto com os coletores, mas os que ficaram na cidade estão todos com Gaebril. O novo… O novo juramento é ao trono e à lei, não à Rainha.

Era pior do que ela gostaria, mas não mais do que esperara, na verdade. O que quer que fosse, Gaebril não era idiota.

— Então preciso ir para algum lugar, começar a restabelecer meu reinado. — Seria difícil mobilizar as Casas após os exílios, após Ellorien, mas precisava fazê-lo. — Gaebril pode tentar me impedir de deixar o Palácio. — Lembrou-se vagamente de tentar ir embora duas vezes e ser barrada por Gaebril. — Então você vai providenciar dois cavalos e me esperar na rua de trás dos estábulos, ao sul. Encontrarei você lá já vestida para a cavalgada.

— Exposto demais — opinou Tallarvor. — E perto demais. Os homens de Gaebril podem reconhecê-la, não importa quão bom seja seu disfarce. Eu conheço um homem… Será que conseguiria encontrar uma estalagem chamada A Bênção da Rainha, na parte ocidental da Cidade Nova? — A Cidade Nova só era nova em comparação à Cidade Interna, que a circundava.

— Consigo. — Não gostava de ser contrariada, mesmo quando fazia sentido. Bryne também fazia isso. Seria um prazer mostrar àquele jovem quão bem ela era capaz de se disfarçar. Tinha o hábito de fazer isso uma vez ao ano, embora percebesse que ainda não o fizera naquele ano; não se vestira como uma plebeia e caminhara pelas ruas para sentir a pulsação do povo. Ninguém jamais a reconhecera. — Mas podemos confiar nesse homem, Tallanvor?

— Basel Gill é tão leal à senhora quanto eu. — Ele hesitou, o rosto ficando angustiado antes de voltar à raiva. — Por que a senhora esperou tanto tempo? Sua Majestade deve ter ouvido falar, deve ter visto, e ainda assim ficou esperando enquanto Gaebril apertava as mãos em torno do pescoço de Andor. Por que toda essa espera?

Certo. A raiva daquele homem era justificada, merecia uma resposta honesta. Mas Morgase não tinha essa resposta, certamente não uma que pudesse dar.

— Não é seu papel questionar a Rainha, jovem — respondeu, com uma firmeza gentil. — Um homem leal, como sei que você é, serve sem questionar.

Ele deixou escapar um longo suspiro.

— Estarei esperando no estábulo d'A Bênção da Rainha, minha Rainha. — E, com uma reverência adequada para uma audiência oficial, retirou-se.

— Por que você continua chamando-o de jovem? — questionou Lini, assim que a porta se fechou. — Isso o deixa com raiva. "Só um tolo coloca um carrapicho debaixo da sela antes de cavalgar."

— Ele é jovem, Lini. Tem idade para ser meu filho.

Lini bufou, e desta vez sem nenhuma delicadeza.

— Ele é alguns anos mais velho que Galad, e Galad é velho demais para ser seu filho. Você estava brincando de boneca quando Tallanvor nasceu, e ainda achava que os bebês vinham do mesmo lugar que elas.

Com um suspiro, Morgase se perguntou se a mulher tratara sua mãe daquela maneira. Era provável. E caso Lini vivesse o bastante para ver Elayne no trono — do que, de certa forma, ela não duvidava, já que Lini duraria para sempre —, provavelmente trataria a garota do mesmo jeito. Isso presumindo que ainda haveria um trono para Elayne herdar.

— A questão é: ele é mesmo leal como parece, Lini? Um único Guarda fiel, quando todos os outros homens leais no Palácio foram mandados embora. De repente, me parece bom demais para ser verdade.

— Ele fez o novo juramento. — Morgase abriu a boca, mas Lini se antecipou. — Eu vi o rapaz depois disso, sozinho atrás dos estábulos. Por isso que sabia de quem você estava falando. Acabei descobrindo o

nome. Ele não me viu. Estava de joelhos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ficava pedindo desculpas a você e repetindo o velho juramento. Não apenas à "Rainha de Andor", mas à "Rainha Morgase de Andor". Ele fez o antigo juramento com a própria espada, cortando o braço para mostrar que preferiria derramar sua última gota de sangue do que quebrá-lo. Conheço uma ou duas coisinhas sobre os homens, garota. Aquele ali vai ficar ao seu lado contra um exército inteiro, mesmo que conte apenas com as próprias mãos.

Foi bom ouvir aquilo. Se não pudesse confiar em Tallanvor, a próxima pessoa de quem duvidaria seria Lini. Não, de Lini nunca. Ele jurara do jeito antigo? Àquela altura, aquilo só servia para as histórias. E já estava se perdendo em pensamentos de novo. Com certeza o jeito como Gaebril confundia sua mente não funcionaria mais, com tudo que sabia. Então por que uma parte sua ainda queria voltar para a sala de estar e esperar? Precisava se concentrar.

— Vou precisar de um vestido simples, Lini. Um que não vista tão bem. Um pouco de fuligem da lareira e…

Lini insistiu em ir junto. Morgase teria que amarrá-la a uma cadeira para conseguir deixá-la para trás, e não tinha certeza de que aquela velha podia ser amarrada. Sempre parecera frágil e sempre fora bem mais forte do que aparentava.

Quando saíram por um pequeno portão lateral, Morgase não parecia muito consigo mesma. Um pouco de fuligem escurecera seu cabelo louro-acobreado, roubando o brilho e deixando-o escorrido. O suor pingando pelo rosto também ajudava. Ninguém acreditava que rainhas transpiravam. Um vestido largo de lã cinza áspera — muito áspera — e com saias divididas completava o disfarce. Até as anáguas e as meias eram daquela lã áspera. Parecia uma fazendeira que levara a carroça ao mercado e depois decidira ver um pouco da cidade. Lini estava como sempre, pragmática e de costas eretas, trajando um vestido de cavalgada de lã verde, bem-cortado, mas dez anos fora de moda.

Desejando poder se coçar, Morgase também quis que a outra mulher não a tivesse levado tão a sério quanto ao vestido não cair muito bem. Enquanto enfiava seu vestido decotado sob a cama, a velha babá resmungara algum ditado sobre exibir utensílios que não se estaria disposto a vender, e quando Morgase afirmara que ela tinha acabado de inventá-lo, a resposta de Lini fora "Na minha idade, mesmo que eu invente vai se tratar de um velho ditado". Morgase suspeitava bastante de que aquele vestido com drapeados horrorosos e que ainda por cima pinicava era um castigo pela roupa anterior.

A Cidade Interna fora erigida sobre colinas, com ruas que acompanhavam a curvatura natural da terra, planejadas para proporcionar vistas repentinas de parques cheios de árvores e

monumentos ou torres cobertas de azulejos que, ao sol, reluziam em centenas de cores. De algumas elevações era possível ver toda Caemlyn, até as extensas planícies e florestas além da cidade. Morgase não prestou atenção em nada daquilo enquanto abria caminho apressada em meio à multidão que apinhava as ruas. Em outros tempos, teria tentado escutar as pessoas e avaliar os ânimos. Desta vez, só ouvia o zum-zum-zum e o burburinho de uma grande cidade. Nem pensava em tentar incitá-las. Milhares de homens armados basicamente com pedras e fúria poderiam sobrepujar os Guardas no Palácio Real, mas, caso ela já não soubesse, os tumultos na primavera que haviam chamado sua atenção para Gaebril, além das quase revoltas do ano anterior, teriam lhe ensinado do que aglomerações eram capazes. Sua intenção era voltar a reinar Caemlyn, não vê-la em chamas.

Além das muralhas brancas da Cidade Interna, a Cidade Nova tinha suas próprias belezas. Torres altas e esguias, cúpulas reluzindo brancas e douradas, grandes telhados vermelhos e a enorme muralha externa com suas torres, toda de um cinza pálido rajado de branco e prateado. Amplos bulevares separados por árvores e gramados estavam atulhados de gente, carruagens e carroções. Exceto por reparar que a grama estava morrendo por falta de chuva, Morgase se concentrou em seu objetivo.

Baseada em suas incursões anuais, escolheu cuidadosamente as pessoas para as quais fazia perguntas. Homens, em sua maioria. Sabia a aparência que tinha, mesmo com fuligem no cabelo, e algumas mulheres lhe dariam direções erradas só por inveja. Os homens, por outro lado, quebravam a cabeça para acertar, só para impressioná-la. Mas não os que pareciam muito presunçosos, ou muito grosseirões. Os presunçosos costumavam se ofender por serem abordados, como se também não estivessem a pé, e os grosseirões pareciam pensar que uma mulher pedindo informação na verdade queria outra coisa.

Um sujeito com o queixo grande demais para o rosto, vendendo agulhas e alfinetes em uma bandeja, sorriu para ela.

— Alguém já disse que você parece a Rainha? É uma rainha bem bonita, não importa o que fez a gente passar.

Morgase respondeu ao homem com uma gargalhada estrondosa que lhe valeu um olhar duro por parte de Lini.

— Guarde seus galanteios para a sua esposa. Na segunda curva à esquerda, você diz? Eu lhe agradeço. E obrigada pelo elogio.

Conforme abria caminho pela multidão, sua expressão ficou séria. Já ouvira aquilo demais. Não que se parecia com a Rainha, mas que havia metido os pés pelas mãos. Gaebril aumentara bastante os impostos para, ao que parecia, bancar seus recrutas, mas era ela quem levava a culpa — e corretamente. A responsabilidade era da Rainha.

Outras leis também haviam saído do Palácio, leis que faziam pouco sentido, mas que de fato tornaram mais difícil a vida das pessoas. Escutava sussurros a seu respeito, conjecturas de que talvez Andor tivesse sido governada por rainhas por tempo demais. Murmúrios apenas, mas o que um homem ousava dizer baixinho, outros dez pensavam. Incitar multidões contra Gaebril talvez não fosse tão fácil quanto ela pensara.

No fim das contas, encontrou seu objetivo: uma ampla estalagem de pedra, a placa sobre a porta contendo a imagem de um homem ajoelhado diante de uma mulher de cabelos dourados usando a Coroa de Rosas, com uma das mãos na cabeça dele. A Bênção da Rainha. Se aquilo era para ser ela, a semelhança não era das maiores. As bochechas eram gordas demais.

Foi só quando parou à frente da estalagem que Morgase se deu conta de que Lini estava arfando. Estabelecera um ritmo acelerado, e a antiga babá estava longe de ser jovem.

— Me desculpe, Lini. Eu não deveria ter andado tão…

— Se eu não conseguir aguentar seu ritmo, garota, como vou dar conta de cuidar dos bebês de Elayne? Vai ficar aqui parada? "Pés que se arrastam nunca terminam jornadas." Ele disse que estaria no estábulo.

A mulher de cabelos brancos avançou, resmungando sozinha, e Morgase a seguiu, contornando a estalagem. Antes de pôr os pés no estábulo de pedra, protegeu os olhos para espiar o sol. Não mais do que duas horas para o crepúsculo. Quando Gaebril procuraria por ela, se é que já não estava à procura.

Tallanvor não estava sozinho no estábulo de baias enfileiradas. Quando ele apoiou um dos joelhos no chão coberto de palha, trajando um casaco de lã verde com a espada presa por cima, dois homens e uma mulher também se ajoelharam, ainda que meio hesitantes, inseguros por vê-la naquele estado. O homem robusto de rosto rosado e cabelo já rareando devia ser Basel Gill, o estalajadeiro. Uma velha jaqueta de couro, bem justa e pontilhada de discos de aço, apertava sua cintura, e ele também carregava uma espada.

— Minha Rainha — disse Gill —, faz anos que não carrego uma espada, desde a Guerra dos Aiel, mas seria uma honra se a senhora me permitisse acompanhá-la. — O homem deveria ter parecido ridículo, mas não pareceu.

Morgase examinou os outros dois. Um sujeito grandalhão com um casaco cinza grosseiro, olhos com cílios pesados e nariz quebrado, além de cicatrizes no rosto. E uma mulher bonita e baixa, perto da meia-idade. Ela aparentava estar com o valentão, mas seu vestido de lã azul com gola alta parecia sofisticado demais para que um homem como ele o tivesse comprado.

Mesmo com o olhar preguiçoso, o sujeito sentiu as dúvidas da rainha.

— Sou Lamgwin, minha Rainha, e um bom homem leal. Não é certo o que fizeram, e é preciso consertar as coisas. Também quero acompanhar a senhora. Eu e Breane.

— Levantem-se — ordenou Morgase. — Talvez seja preciso esperarmos alguns dias se passarem antes que seja seguro vocês me tratarem como sua rainha. Ficarei contente com sua companhia, Mestre Gill. E com a sua, Mestre Lamgwin, mas sua esposa ficará mais segura em Caemlyn. Teremos dias difíceis pela frente.

Retirando palha das saias, Breane lhe lançou um olhar incisivo — e Lini, um mais incisivo ainda.

— Já vivi dias difíceis — afirmou a mulher, com sotaque cairhieno. Nascida na nobreza, a menos que Morgase estivesse enganada. Uma refugiada. — E nunca tinha conhecido um homem bom até encontrar Lamgwin. Ou até ele me encontrar. A lealdade e o amor que ele nutre por sua rainha, eu nutro por ele dez vezes mais. Ele acompanha a senhora, mas eu o acompanho. Não vou ficar para trás.

Morgase respirou fundo e, em seguida, assentiu. De qualquer forma, a mulher parecia irredutível. Um belo começo de exército para retomar o trono: um jovem soldado que vivia fazendo cara feia para ela, um estalajadeiro quase careca que aparentava estar há mais de vinte anos sem montar em um cavalo, um valentão das ruas que parecia meio dormindo, e uma refugiada da nobreza cairhiena que deixara claro que sua lealdade se restringia unicamente ao valentão. E Lini, claro. Lini, que a tratava como se ela ainda fosse criança. Ah, sim, um ótimo começo.

— Para onde vamos, minha Rainha? — indagou Gill, começando a guiar cavalos já encilhados para fora das baias. Lamgwin se moveu com velocidade surpreendente para lançar outra sela de cepilho alto em um cavalo, para Lini.

Morgase se deu conta de que não pensara naquilo. *Luz, não é possível que Gaebril ainda esteja embaralhando minhas ideias.* Porém, ainda sentia aquele ímpeto de voltar para a sala. Não era ele. Tivera que se concentrar para sair do Palácio e chegar até ali. Em outros tempos, teria procurado primeiro Ellorien, mas Pelivar ou Arathelle serviriam. Assim que descobrisse uma maneira de explicar seus exílios.

Antes que pudesse abrir a boca, Tallanvor respondeu:

— Devemos ir até Gareth Bryne. Há forte rejeição à senhora nas grandes Casas, minha Rainha, mas, com Bryne ao seu lado, todos voltarão a jurar fidelidade, nem que seja porque sabem que ele vai vencer todas as batalhas.

Morgase travou os dentes para frear qualquer recusa imediata.

Bryne era um traidor. Mas também era um dos melhores generais vivos. Sua presença seria um argumento convincente quando Morgase tivesse que fazer Pelivar e os demais se esquecerem de que ela os exilara. Muito bem. Não havia a menor dúvida de que ele agarraria a oportunidade de voltar a ser Capitão-General dos Guardas da Rainha. E, se não, conseguiria se virar suficientemente bem sem ele.

Quando o sol tocou o horizonte, já estavam a cinco milhas de Caemlyn e seguiam à toda para Fontes de Kore.

À noite era quando Padan Fain se sentia mais confortável. Conforme avançava devagar pelos corredores adornados por tapeçarias da Torre Branca, a escuridão lá fora parecia criar um manto para escondê-lo dos inimigos, apesar das lamparinas douradas e reluzentes que queimavam ao longo do trajeto. Uma sensação falsa, sabia. Seus inimigos eram muitos e estavam por toda parte. Naquele exato momento, assim como em todas as horas do dia, podia sentir Rand al'Thor. Não onde ele estava, mas que ainda estava vivo, em algum lugar. Ainda vivo. Aquela capacidade de sentir al'Thor fora um presente recebido em Shayol Ghul, no Poço da Perdição.

Sua mente vagou para longe das lembranças do que havia sido feito com ele no Poço. Lá, fora desfeito e refeito. Mas depois, em Aridhol, renascera. Renascera para destruir inimigos antigos e novos.

Sentia algo mais em sua caminhada noturna pelos saguões vazios da Torre: algo que lhe pertencia, que havia sido roubado. Naquele momento, desejou aquilo mais até do que desejava a morte de al'Thor, a destruição da Torre, ou mesmo a vingança contra seu antigo inimigo. Uma fome por ser inteiro.

A pesada porta tinha dobradiças resistentes e alças de ferro, além de um cadeado negro do tamanho de sua cabeça. Poucas portas eram trancadas — quem ousaria roubar em meio às Aes Sedai? —, mas algumas coisas a Torre considerava perigosas demais para deixar acessíveis. A mais perigosas de todas era mantida por detrás daquela porta, guardada por um cadeado robusto.

Rindo baixinho, tirou do bolso duas hastes curvas de metal e inseriu-as na fechadura, experimentando, pressionando e torcendo. Com um estalo vagaroso, o trinco recuou. Por um momento, ficou apoiado contra a porta, gargalhando com voz rouca. Guardada por um cadeado robusto. Cercada pela força das Aes Sedai e guardada por simples metal. Àquela hora, até as serviçais e noviças já deviam ter concluído suas tarefas, mas alguém ainda poderia estar de pé e talvez passasse por ali. Ainda tendo pequenos acessos de riso, guardou as hastes de metal no bolso, de onde pegou uma vela de cera, acendendo o pavio em uma das lamparinas próximas.

Segurou a vela bem alto ao fechar a porta atrás de si e observou o

ambiente. Prateleiras forravam as paredes, cheias de caixas simples até baús incrustados de vários tamanhos e formas, pequenas estátuas feitas de osso, marfim ou algum material mais escuro, além de objetos de metal, vidro e cristal que brilhavam à luz da vela. Nada que parecesse perigoso. Tudo estava coberto de poeira. Era raro até as Aes Sedai entrarem ali, e não permitiam acesso a ninguém mais. O objeto que estava procurando o atraiu.

Em uma prateleira à altura da cintura havia uma caixa escura de metal. Ele a abriu, revelando paredes de chumbo de duas polegadas de espessura, com espaço interno suficiente para uma adaga curva em uma bainha dourada, com um rubi bem grande incrustado no cabo. Nem o ouro nem o rubi, de um brilho escuro feito sangue, o interessavam. Apressado, derramou um pouco de cera para prender a vela ao lado da caixa e retirou a adaga.

Suspirou assim que a tocou, espreguiçando-se languidamente. Estava inteiro de novo, formando um único ser junto àquilo com que se unira tanto tempo atrás. Era uma coisa só, unido àquilo que efetivamente lhe dera vida.

Dobradiças de ferro rangeram baixinho, e ele correu para a porta com a lâmina curva nas mãos. A jovem pálida que abriu a passagem só teve tempo de ficar boquiaberta e tentar pular para trás antes que ele lhe cortasse a bochecha. No mesmo movimento, Fain deixou cair a bainha e agarrou a garota pelo braço, puxando-a para dentro do cômodo. Colocando a cabeça para fora, examinou o corredor de ponta a ponta. Continuava deserto.

Não teve pressa de recolher a cabeça e tornar a fechar a porta. Sabia o que iria encontrar.

A jovem estava caída no chão de pedra, tentando gritar, mas sem sucesso. As mãos se agarravam a um rosto já negro e empolado para além do reconhecível, o inchaço escuro descendo até os ombros feito um óleo espesso. As saias cor de neve, com faixas coloridas na barra, agitavam-se enquanto os pés se debatiam inutilmente. Fain lambeu o sangue que espirrara na mão e deu uma risada ao recolher a bainha.

— Você é um tolo.

Deu meia volta, adaga em punho, mas o ar em seu entorno pareceu se solidificar, encapsulando-o do pescoço ao solado das botas. Ficou ali parado, na ponta dos pés, a adaga estendida em posição de ataque, encarando Alviarin, que fechava a porta atrás de si e se apoiava nela para analisá-lo. Não houvera rangido. O suave raspar dos chinelos da garota agonizante no piso de pedra não teria conseguido mascarar qualquer ruído. Fain teve que piscar para afastar o suor, que de repente notou que caía em seus olhos.

— Você realmente pensou — prosseguiu a Aes Sedai — que não haveria vigilância neste aposento, ninguém montando guarda?

Colocamos um alarme neste cadeado. Esta noite, a função daquela jovem tola era monitorá-lo. Se ela tivesse feito o que deveria, você encontraria uma dezena de Guardiões e a mesma quantidade de Aes Sedai no lado de fora desta porta agora. Ela está pagando o preço da própria estupidez.

Os sons de agonia atrás dele cessaram, e Fain estreitou os olhos. Alviarin não era da Ajah Amarela, mas, ainda assim, poderia ter tentado Curar a jovem. E também não soara o alarme que a Aceita deveria ter soado, ou não estaria ali sozinha.

— Você é da Ajah Negra — sussurrou ele.

— É uma acusação perigosa — retrucou ela com tranquilidade. Não estava claro para qual dos dois aquilo era perigoso. — Siuan Sanche tentou afirmar que a Ajah Negra existia, quando estava sendo questionada. Ela implorou para nos falar sobre o assunto. Elaida não quis ouvir, e nem vai querer. As histórias a respeito da Ajah Negra são uma difamação vil contra a Torre.

— Você é da Ajah Negra — disse ele, mais alto.

— Você quer roubar isso? — Alviarin soou como se o homem nem tivesse falado. — O rubi não vale a pena, Fain. Ou seja lá qual for o seu nome. A lâmina é maculada, de forma que apenas um tolo tocaria nela sem uma pinça ou ficaria por perto um segundo a mais que o necessário. Dá para ver o que ela fez com Verine. Então por que você veio aqui e foi direto atrás de algo que nem deveria saber onde estava? Você não pode ter tido tempo de fazer uma busca.

— Eu poderia eliminar Elaida para você. Basta um toque nisto aqui, e nem a Cura vai salvá-la. — Ele tentou gesticular com a adaga, mas não conseguiu movê-la nem um fio de cabelo. Se pudesse se mexer, Alviarin, àquela altura, já estaria morta. — Você poderia ser a número um da Torre, não a dois.

A mulher gargalhou, um som frio e desdenhoso.

— Você acha que eu não seria a número um, se quisesse? Ser a dois está bom para mim. Deixe Elaida assumir o crédito pelo que ela chama de sucessos e que também transpire pelos erros. Sei onde reside o poder. Agora responda as minhas perguntas, ou encontrarão dois cadáveres aqui, amanhã de manhã, em vez de um.

Haveria dois de qualquer maneira, desse ele respostas adequadas ou não, já que ela não pretendia deixá-lo vivo.

— Eu vi Thakan'dar. — Dizer aquilo doeu. As lembranças eram de agonia. Recusou-se a chorar, pôs as palavras para fora à força. — O grande mar de neblina se revolvendo e se chocando em silêncio contra os penhascos negros, as chamas das forjas reluzindo abaixo em vermelho, os relâmpagos feito punhais em um céu propício para levar homens à loucura. — Não queria continuar, mas obrigou-se. — Já percorri o caminho até as entranhas de Shayol Ghul, descendo o longo

percurso com pedras feito presas raspando minha cabeça, até as margens de um lago de fogo e rochas derretidas… — *Não, de novo não!* — Naquelas profundezas intermináveis, fica aprisionado o Grande Senhor das Trevas. Só por conta da respiração dele, os céus acima de Shayol Ghul são negros ao meio-dia.

Àquela altura, Alviarin estava totalmente ereta, os olhos arregalados. Não com medo, mas impressionada.

— Já ouvi falar de… — começou, calma, estremecendo em seguida e encarando-o de modo penetrante. — Quem é você? Por que está aqui? Algum dos Aban… dos Escolhidos o mandou? Por que não fui informada?

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— As tarefas dadas a tipos como eu devem ser informadas a tipos como você? — O sotaque nativo de Lugard voltara a ficar forte. De certa forma, Lugard era sua cidade natal. — Então os Escolhidos confiam tudo a você? — Algo dentro dele parecia gritar que aquela não era a maneira correta de agir, mas odiava Aes Sedai, e esse algo dentro dele também odiava. — Tenha cuidado, Aes Sedai lindinha, ou vão entregar você para um Myrddraal se divertir.

O olhar da mulher eram adagas de gelo encarando-o.

— Veremos, Mestre Fain. Vou dar um jeito nesta bagunça que você fez e depois vamos ver qual de nós dois está em mais alta conta com os Escolhidos. — Com os olhos fixos na adaga, ela saiu do aposento. O ar em torno dele só cedeu um minuto inteiro depois.

Fain resmungou consigo mesmo. Tolo. Jogando o jogo das Aes Sedai, rebaixando-se a elas, e bastara um momento de fúria para arruinar tudo. Embainhando a adaga, fez um corte na própria pele e lambeu a ferida antes de enfiar a arma dentro do casaco. Ele não era nada do que aquela mulher pensava. Já fora um Amigo das Trevas, mas agora estava além disso. Além e acima. Algo diferente. Algo mais. Se a mulher conseguisse se comunicar com um dos Abandonados antes que pudesse se livrar dela… Melhor não tentar. Não havia como encontrar a Trombeta de Valere naquele momento. Havia seguidores esperando por ele fora da cidade. Ainda deveriam estar esperando. Ele os amedrontara. Tinha esperança de que alguns dos humanos ainda estivessem vivos.

Antes do nascer do sol, Fain já havia saído da Torre e da ilha de Tar Valon. Al'Thor estava em algum lugar lá fora. E ele estava inteiro novamente.

20

Passo de Jangai

Sob a iminente Espinha do Mundo, Rand guiava Jeade'en na subida pedregosa do sopé de Passo de Jangai. A Muralha do Dragão parecia tocar o céu, fazendo todas as outras montanhas parecerem pequenas, seus picos cobertos de neve desafiando o escaldante sol da tarde. O mais alto deles se lançava bem acima das nuvens que zombavam do Deserto com promessas de chuvas que nunca caíam. Rand não imaginava por que alguém iria querer escalar uma montanha, mas dizia-se que os homens que haviam tentado voltaram atrás, tomados pelo medo e impossibilitados de respirar. De fato, acreditava que um homem pudesse perder o fôlego de medo ao tentar subir tão alto.

— … porém, embora os cairhienos estejam ocupados com o Jogo das Casas — dizia Moiraine, ao seu lado —, vão segui-lo, desde que saibam que você é forte. Seja firme com eles, mas eu pediria que também fosse justo. Um governante que concede a justiça verdadeira…

Ele tentava ignorá-la, assim como fazia com os demais cavaleiros e com os rangidos e barulhos dos carroções de Kadere, viajando pesadamente mais para trás. Os barrancos e desfiladeiros acidentados do Deserto já tinham sido ultrapassados, mas aquelas elevações irregulares, quase tão estéreis quanto a paisagem anterior, eram só um pouco melhores para os carroções. Fazia mais de vinte anos que ninguém viajava por aquele caminho.

Sempre que Rand permitia, Moiraine falava daquele jeito desde o nascer até o pôr do sol. Seus sermões podiam ser sobre questões pequenas — detalhes sobre o comportamento de cortes, digamos, em Cairhien, Saldaea ou em qualquer outro local — ou grandes: a influência política dos Mantos-brancos ou talvez a influência do comércio nas decisões dos governantes de ir à guerra. Era como se ela quisesse vê-lo educado, como um nobre seria, ou deveria ter sido, antes que Rand chegasse ao outro lado da montanha. Era surpreendente a frequência com que as coisas que ela dizia refletiam o que qualquer pessoa em Campo de Emond teria chamado

simplesmente de senso comum. E também a frequência com que não refletiam.

De vez em quando ela dizia algo espantoso. Por exemplo, que ele não deveria confiar em nenhuma mulher da Torre exceto nela, em Egwene, Elayne e Nynaeve. Ou a notícia de que Elaida passara a ser o Trono de Amyrlin. Com ou sem juramento de obediência, Moiraine se recusou a revelar como ficara sabendo daquilo. Disse que não era um segredo dela para contar. Ele suspeitava das Sábias Andarilhas dos Sonhos, embora elas o tivessem encarado nos olhos e se recusado a responder que sim ou que não. Gostaria de poder obrigá-las a fazer o juramento de Moiraine. Elas não paravam de se meter entre ele e os chefes, como se quisessem que Rand passasse primeiro por elas.

Naquele exato momento, não queria pensar a respeito de Elaida ou das Sábias, nem dar ouvidos a Moiraine. Só queria estudar a passagem à frente, uma fenda profunda nas montanhas, retorcida como se um machado cego tivesse tentado abrir caminho sem sucesso. Mais alguns minutos de cavalgada forte e chegaria lá.

Em um dos lados da entrada da passagem, um pico escarpado havia sido aplanado e esculpido ao longo de cem passadas, uma serpente desgastada pelo vento entrelaçada a um cajado, com umas boas trezentas braças de altura. Monumento, marco ou símbolo de um governante, decerto datava de alguma nação perdida antes de Artur Asa-de-gavião, talvez até de antes das Guerras dos Trollocs. Rand já tinha visto vestígios de nações desaparecidas havia muito tempo. Era comum que nem Moiraine conhecesse suas origens.

No outro lado, lá no alto, tão alto que ele não tinha certeza de que estava mesmo vendo o que pensava, logo abaixo de onde começava a neve, havia algo ainda mais estranho. Algo que fazia do primeiro monumento de milhares de anos de idade uma coisa banal. Rand poderia ter jurado que eram os vestígios de construções destruídas reluzindo em cinza contra a montanha escura, e, ainda mais estranho, o que parecia ser um tipo de doca do mesmo material, como que para navios, inclinando-se precariamente montanha abaixo. Se não fosse fruto de sua imaginação, aquilo teria que datar de bem antes da Ruptura. A face do mundo havia sido completamente transformada naqueles anos. No passado, tudo aquilo podia muito bem ter sido o leito de um oceano. Rand teria que perguntar a Asmodean. Mesmo que tivesse tempo, não achava que ia querer tentar alcançar tamanha altitude para descobrir por conta própria.

Aos pés da imensa serpente ficava Taien, uma cidade com muralhas altas e de tamanho moderado, também reminiscente da época em que Cairhien ainda tinha permissão para enviar caravanas além da Terra da Trindade, quando a riqueza fluía de Shara ao longo do Caminho da Seda. Parecia haver pássaros sobrevoando a cidade,

além de manchas escuras em intervalos regulares por toda a muralha de pedra cinza. Mat estava de pé nos estribos de Pips, de cenho franzido, protegendo os olhos com aquele chapéu de aba larga para espiar a passagem. O rosto rígido de Lan estava neutro, mas o homem parecia igualmente atento. Uma lufada de vento, um pouco mais frio naquele local, açoitou sua capa furta-cor e, por um momento, ele todo, dos ombros às botas, pareceu se misturar às colinas rochosas e aos esparsos arbustos espinhentos.

— Você está me ouvindo? — perguntou Moiraine de repente, aproximando-se dele com a égua branca. — Você precisa…! — Ela respirou fundo. — Por favor, Rand. Tem muitas coisas que eu preciso lhe contar, muita coisa que você precisa saber.

O quê de súplica em seu tom o fez olhar para ela. Rand se lembrava de quando se sentia intimidado pela presença dela. Agora, Moiraine parecia bem pequena, mesmo com todo o comportamento majestoso. Era uma bobagem que sentisse o instinto de protegê-la.

— Ainda temos muito tempo pela frente, Moiraine — respondeu ele gentilmente. — Eu não finjo pensar que sei tanto do mundo quanto você. De agora em diante, pretendo mantê-la por perto. — Ele mal percebeu a grande mudança desde a época em que *ela* era quem o mantinha por perto. — Mas, no momento, tenho outro assunto na cabeça.

— Claro. — A mulher suspirou. — Como quiser. Ainda temos bastante tempo.

Rand esporou o garanhão e o fez trotar, seguido pelos demais. Os carroções também aceleraram, embora não conseguissem manter o ritmo na subida. A capa de menestrel cheia de retalhos de Asmodean — Jasin Natael — se agitava atrás dele feito o estandarte que carregava preso ao estribo, um vermelho brilhante com o antigo símbolo Aes Sedai branco e preto ao centro. Seu rosto expressava uma raiva taciturna. Não ficara muito contente de ser o porta-estandarte. Sob aquele símbolo ele conquistaria, dizia a Profecia de Rhuidean, e talvez não assustasse tanto o mundo quanto o Estandarte do Dragão, o estandarte de Lews Therin, que deixara tremulando sobre a Pedra de Tear. Poucos saberiam que símbolo era aquele.

As manchas nas muralhas de Taien eram corpos, contorcidos em sua agonia final, deixados para inchar ao sol, pendurados pelo pescoço em uma fileira que parecia circundar a cidade. Os pássaros eram lustrosos corvos negros e abutres com a cabeça e o pescoço encardidos. Alguns corvos se empoleiravam nos corpos, empanturrando-se sem se preocupar com os novos visitantes. O fedor nauseantemente doce da podridão pairava no ar seco, assim como o cheiro acre de queimado. Portões com barras de ferro estavam escancarados em uma grande área com ruínas, casas de pedra tomadas

pela fuligem e telhados desabados. Nada se movia, exceto os pássaros.

Como Mar Ruois. Tentou afastar o pensamento, mas, em sua cabeça, via a grande cidade após sua reconquista, imensas torres enegrecidas e prestes a desabar, os restos de enormes fogueiras em cada cruzamento, onde os que haviam se recusado a fazer o juramento à Sombra tinham sido amarrados e arremessados vivos nas chamas. Sabia de quem aquela lembrança tinha que ser, embora não tivesse discutido o assunto com Moiraine. *Eu sou Rand al'Thor. Lews Therin Telamon está morto há três mil anos. Eu sou eu mesmo!* Aquela era uma batalha que pretendia vencer. Se realmente precisasse morrer em Shayol Ghul, morreria como ele próprio. Obrigou-se a pensar em outra coisa.

Fazia meio mês desde que deixara Rhuidean. Meio mês, apesar de os Aiel terem estabelecido um ritmo do amanhecer ao anoitecer que desgastava os cavalos. Mas Couladin já estava em movimento havia uma semana quando Rand ficara sabendo. Se não tivessem conseguido diminuir a distância, o homem teria todo aquele tempo para arrasar Cairhien antes que Rand pudesse alcançá-lo. E mais tempo ainda até que conseguisse conter os Shaido. Não foi uma boa mudança de pensamento.

— Tem alguém nos vigiando daquelas rochas à esquerda — afirmou Lan, calmo. Parecia completamente absorto em observar as ruínas de Taien. — Não é um Aiel, ou duvido que eu tivesse visto alguma coisa.

Rand ficou contente por ter feito com que Egwene e Aviendha permanecessem com as Sábias. A cidade lhe dava um motivo a mais, mas o observador se encaixava no plano original, quando tivera esperança de que Taien tivesse escapado. Egwene ainda usava as mesmas roupas que Aviendha, no estilo Aiel, e Aiel não teriam sido muito bem-vindos em Taien. Era menos provável ainda que fossem bem recebidas pelos sobreviventes.

Olhou para trás, para os carroções que vinham freando a uma curta distância, mais abaixo. Os murmúrios dos condutores vinham subindo a encosta, já que, dali, todos viam a cidade com clareza, bem como a decoração das muralhas. Kadere, robusto, mais uma vez todo de branco, enxugou o rosto de nariz aquilino com um lenço grande. Não parecia perturbado, apenas pensativo, os lábios franzidos.

Rand achava que Moiraine precisaria encontrar novos condutores assim que o grupo atravessasse a passagem. Kadere e sua equipe provavelmente fugiriam tão logo surgisse uma oportunidade. E Rand teria que deixá-los partir. Não era certo — não era justo —, mas era necessário para proteger Asmodean. Quanto tempo fazia que Rand estava fazendo o que era necessário, em vez de o que era certo? Em um mundo justo, ambos seriam a mesma coisa. Aquilo o fez rir, um

arquejo rouco. Estava longe de ser o camponês que fora um dia, mas às vezes aquele garoto ressurgia nele sorrateiramente. Os outros o encararam, e Rand lutou contra o ímpeto de dizer a todos que ainda não havia enlouquecido.

Longos minutos se passaram até dois homens e uma mulher emergirem das rochas, os três sem casaco, maltrapilhos, sujos e descalços. Aproximaram-se com hesitação, as cabeças inclinadas de modo apreensivo, os olhos fitando cavaleiro por cavaleiro até os carroções, como se pudessem sair correndo a qualquer grito. Bochechas macilentas e passos vacilantes sugeriam fome.

— Graças à Luz — exclamou finalmente um dos homens. Nenhum dos três era jovem, e este tinha o cabelo grisalho e o rosto profundamente enrugado. Seus olhos se detiveram em Asmodean por um momento, com seus babados em renda na gola e nas mangas, mas o líder daquela comitiva não estaria montado em uma mula e carregando um estandarte. Foi no estribo de Rand que ele se fixou, cheio de ansiedade. — Que a Luz seja louvada pelo senhor ter saído vivo daquelas terras terríveis, milorde. — Podia ser por conta do manto azul de seda que Rand usava, bordado em ouro nos ombros, ou do estandarte, ou mera bajulação. O homem não tinha motivos para pensar que eles fossem outra coisa que não mercadores, mesmo que bem-vestidos. — Aqueles assassinos selvagens despertaram de novo. Mais uma Guerra dos Aiel. Cruzaram a muralha à noite sem que ninguém percebesse e mataram qualquer um levantasse a mão, além de roubarem tudo que não estivesse preso ao lugar.

— À noite? — questionou Mat, sem rodeios. Com o chapéu puxado para baixo, ainda estava examinando a cidade arruinada. — Seus sentinelas estavam dormindo? Estando tão perto de seus inimigos, vocês tinham sentinelas, não? Até os Aiel teriam dificuldades de atacar vocês, caso houvesse boa vigilância. — Lan lhe lançou um olhar de aprovação.

— Não, milorde. — O homem grisalho piscou para Mat e, a seguir, deu sua resposta a Rand. O casaco verde de Mat era suficientemente adequado a um lorde, mas estava desabotoado e parecia amarrotado. — Nós… Nós só tínhamos um vigia em cada portão. Fazia muito tempo que nenhum deles botava os olhos em um dos selvagens. Mas, desta vez… O que eles não conseguiram roubar, incendiaram, e nos fizeram passar fome. Animais imundos! Graças à Luz vocês vieram nos salvar, milorde, ou todos nós teríamos morrido aqui. Sou Tal Nethin. Eu sou… eu era… fabricante de selas. Dos bons, milorde. Esta é minha irmã Aril, e aquele é o marido dela, Ander Corl. Ele faz belas botas.

— Eles também roubaram pessoas, milorde — completou a mulher, com a voz áspera. Um pouco mais jovem que o irmão, podia

ter sido bonita em outros tempos, mas o desgaste das preocupações desenhara linhas em seu rosto que Rand suspeitava que jamais fossem se apagar por completo. Seu marido tinha um olhar perdido, como se não tivesse certeza de onde estava. — Minha filha, milorde, e meu filho. Levaram todos os jovens, todos com mais de dezesseis anos, e alguns com o dobro disso ou até mais. Disseram que eles eram gai- alguma coisa e tiraram as roupas deles ali mesmo, na rua, e depois os levaram embora. Milorde, o senhor consegue…? — Sua voz foi minguando, e os olhos se fechando conforme a impossibilidade a assolava. As chances de que um dia voltasse a ver os filhos eram pequenas.

Moiraine saltou da sela no mesmo instante e se pôs ao lado de Aril. Abatida, a mulher arfou quando as mãos da Aes Sedai lhe tocaram, tremendo da cabeça aos pés. Ela olhou para Moiraine perplexa, mas a Aes Sedai apenas a segurou, como se lhe desse apoio.

De repente, Ander ficou de queixo caído ao pousar os olhos na fivela dourada do cinto de Rand, o presente de Aviendha.

— Os braços dele tinham esta marca. Exatamente assim. Toda entrelaçada, feito a serpente do penhasco.

Hesitante, Tal ergueu os olhos para Rand.

— O líder dos selvagens, milorde. Ele… tinha marcas iguais a esta nos braços. E usava aquelas roupas estranhas que todos eles usam, mas tinha as mangas do casaco cortadas e fazia questão de que todos vissem.

— Foi um presente que ganhei no Deserto — afirmou Rand. Teve o cuidado de manter as mãos no cepilho. As mangas do casaco escondiam seus próprios Dragões, exceto as cabeças, que estariam visíveis no dorso das mãos para qualquer um que olhasse de perto. Aril já perdera a curiosidade sobre o que Moiraine fizera ao tocá-la, e todos os três pareciam prestes a sair correndo. — Faz quanto tempo que foram embora?

— Seis dias, milorde — respondeu Tal, desconfortável. — Fizeram tudo em uma noite e um dia e, na manhã seguinte, partiram. Também teríamos ido embora, mas e se os encontrássemos voltando? Eles com certeza foram obrigados a recuar em Selean, não? — Tratava-se da cidade no outro lado da passagem. Rand duvidava que Selean, àquela altura, estivesse em condições melhores que Taien.

— Quantos outros sobreviveram além de vocês três?

— Talvez uns cem, milorde. Talvez mais. Ninguém contou.

A raiva explodiu abruptamente dentro de Rand, embora ele tenha tentado contê-la.

— Cem sobreviventes? — Sua voz era como ferro gelado. — E faz seis dias? Então por que seus mortos estão à mercê dos corvos? Por que cadáveres ainda decoram as muralhas da cidade? Aquela é a sua

gente empesteando o ar! — Os três se encolheram, recuando para longe do cavalo de Rand.

— Estávamos com medo, milorde — respondeu Tal com voz rouca. — Eles foram embora, mas poderiam voltar. E ele nos disse… O homem com as marcas nos braços disse para não tocarmos em nada.

— Uma mensagem — afirmou Ander com um tom de voz indiferente. — Ele foi escolhendo quem enforcaria, simplesmente apontando até ter o suficiente para encher a muralha. Homens, mulheres, não fazia diferença. — Seus olhos estavam fixos na fivela de Rand. — Avisou que os corpos eram uma mensagem para um homem que viria atrás dele. Disse que queria que esse sujeito soubesse… soubesse o que eles vão fazer no outro lado da Espinha. Ele falou… Falou que faria coisas piores com esse homem.

Os olhos de Aril de repente se arregalaram, e os três, boquiabertos, olharam para trás de Rand por alguns momentos. Em seguida, aos gritos, deram as costas e saíram correndo. Aiel com véus negros surgiram em meio às rochas de onde Rand e seu grupo haviam vindo, e os três sobreviventes saíram em disparada na outra direção. Aiel com véus também apareceram ali, e os três desabaram no chão, soluçando e se agarrando uns aos outros conforme eram cercados. O rosto de Moiraine estava tranquilo e calmo, mas seus olhos não tinham nada de serenos.

Rand se virou na sela. Rhuarc e Dhearic desciam a encosta, revelando-se e desenrolando a *shoufa*. Dhearic era mais robusto que Rhuarc, com um nariz proeminente e mechas mais claras em meio ao cabelo dourado. Trouxera os Aiel Reyn, conforme Rhuarc dissera que faria.

Timolan e seus Miagoma seguiam por um caminho paralelo ao deles, pelo norte, havia três dias, trocando mensageiros de vez em quando, mas sem dar nenhuma pista sobre suas intenções. Os Codarra, os Shiande e os Daryne ainda estavam em algum ponto ao leste. Seguindo-o, de acordo com as informações que Amys e as demais conseguiam através de conversas em sonhos com as Sábias deles, mas vinham devagar. Aquelas Sábias tinham menos ideia dos objetivos de seus chefes de clã do que Rand tinha dos objetivos de Timolan.

— Isso era mesmo necessário? — perguntou ele quando os dois chefes se aproximaram. Ele também amedrontara aquelas pessoas, mas justificadamente, e não os fizera pensar que morreriam.

Rhuarc apenas deu de ombros, e Dhearic disse:

— Espalhamos lanças em torno de todo este forte sem sermos vistos, como você queria, e não parecia haver motivo para esperar, já que ninguém tinha ficado aqui para dançar as lanças. Além do mais, são apenas assassinos da árvore.

Rand respirou fundo. Já se dera conta de que, à sua maneira,

aquele poderia ser um problema tão sério quanto Couladin. Quase quinhentos anos antes, os Aiel presentearam Cairhien com uma muda, uma poda de *Avendesora*, e, com ela, o direito que nenhuma outra nação tinha: atravessar a Terra da Trindade para fazer comércio com Shara. Não contaram o motivo — eles nunca haviam gostado muito dos aguacentos —, mas, para os Aiel, aquele acordo era uma exigência do *ji'e'toh*. Durante os longos anos da jornada que os levara ao Deserto, apenas um povo não os atacara, apenas um lhes permitira acesso a água quando o mundo ficava cada vez mais sedento. E, por fim, eles haviam encontrado os descendentes daquele povo: os cairhienos.

Ao longo de quinhentos anos, riqueza fluiu por Cairhien junto com a seda e o marfim. Quinhentos anos, e a muda de *Avendoraldera* cresceu. E então o Rei Laman ordenou que a árvore fosse cortada para fazer um trono. As nações sabem por que os Aiel cruzaram a Espinha do Mundo, vinte anos antes — chamavam o episódio de "o Pecado de Laman", ou "o Orgulho de Laman" —, mas poucos sabiam que, para os Aiel, aquilo não fora uma guerra. Quatro clãs tinham ido atrás do homem que quebrara o juramento e, quando o mataram, retornaram à Terra da Trindade. Porém, seu desprezo pelos assassinos da árvore, aqueles que quebraram os juramentos, nunca morrera. Moiraine ser uma Aes Sedai anulava o fato de ser cairhiena, mas Rand não tinha certeza de quanto.

— Esta gente não quebrou nenhum juramento — informou aos demais. — Encontrem os outros. O fabricante de selas diz que há cerca de cem. E sejam gentis com eles. Se algum estivesse vendo, a esta altura já devem estar fugindo para as montanhas. — Os dois Aiel começaram a dar meia-volta, e Rand acrescentou: — Vocês ouviram o que eles contaram? O que acham do que Couladin fez aqui?

— Eles mataram mais do que o necessário — disse Dhearic, balançando a cabeça desgostosamente. — Como furões atacando ninhos de galinhas carijó.

Matar era tão fácil quanto morrer, diziam os Aiel. Qualquer tolo era capaz de ambos.

— E a outra questão? Levar prisioneiros. *Gai'shain*.

Rhuarc e Dhearic se entreolharam, e Dhearic comprimiu os lábios. Estava claro que ambos tinham ouvido, e aquilo os deixava desconfortáveis. Não era nada fácil deixar um Aiel desconfortável.

— Não pode ser — opinou Rhuarc, por fim. — Se for… Ser *gai'shain* é relacionado ao *ji'e'toh*. Ninguém que não siga o *ji'e'toh* pode ser transformado em *gai'shain*, ou não passam de animais humanos, como os que os sharanieses mantêm.

— Couladin abandonou o *ji'e'toh*. — Dhearic soou como se estivesse dizendo que pedras tinham ganhado asas.

Mat apertou os joelhos nos flancos de Pips e o conduziu para mais perto. Ele era um cavaleiro mediano, mas, às vezes, quando estava distraído, cavalgava como se tivesse nascido no lombo de um cavalo.

— Isso o surpreende? — perguntou Mat. — Depois de tudo que ele já fez? Couladin trapacearia nos dados até contra a própria mãe.

Os homens o encararam com expressões neutras, olhos feito pedras azuis. De muitas maneiras, os Aiel *eram* o *ji'e'toh*. E o que quer que Couladin fosse, aos olhos daqueles homens, ainda era Aiel. Ramos acima de clãs, clãs acima de forasteiros, Aiel acima de aguacentos.

Algumas das Donzelas se juntaram a eles: Enaila, Jolien, Adelin e a rija Sulin, com seus cabelos brancos, senhora do teto das Donzelas em Rhuidean. Ela dissera às Donzelas que ficaram que escolhessem uma substituta, e agora liderava as Donzelas que ali estavam. Todas sentiram o clima tenso e não disseram nada, as pontas das lanças pacientemente apoiadas no chão. Um Aiel calmo fazia até uma pedra parecer agitada.

Lan quebrou o silêncio.

— Se Couladin espera que você o siga, deve ter deixado uma surpresa em algum ponto da passagem. Cem homens dariam conta de proteger algumas daquelas passagens apertadas contra um exército inteiro. Imagine mil…

— Então vamos acampar aqui — anunciou Rand. — Enviaremos patrulheiros na frente, para garantir que o caminho esteja livre. *Duadhe Mahdi'in*?

— Buscadores das Águas — concordou Dhearic, soando contente. Aquela fora a sua sociedade, antes de ele se tornar chefe de clã.

Sulin e as outras Donzelas encararam Rand, impassíveis, enquanto o chefe dos Reyn descia a encosta. Ele escolhera patrulheiros de outras sociedades nos últimos três dias, quando começara a temer pelo que poderia encontrar à frente, e tinha a sensação de que as Donzelas sabiam que não era só uma questão de dar vez aos outros. Tentou ignorar os olhares. O de Sulin era especialmente difícil de evitar — a mulher poderia enfiar um prego na parede com aqueles olhos azul-claros.

— Rhuarc, assim que os sobreviventes forem encontrados, alimente-os. E garanta que sejam bem-tratados. Nós os levaremos conosco. — O olhar de Rand foi atraído pela muralha da cidade. Alguns Aiel já estavam usando seus arcos curvos para matar os corvos. Às vezes, Criaturas da Sombra utilizavam corvos e outros animais que se alimentavam da morte como espiões. Os Aiel os chamavam de Olhos da Sombra. Os bichos mal interrompiam seu banquete frenético até serem atravessados por uma flecha, mas um homem sábio não se arriscava com corvos ou ratos. — E cuide para que os mortos sejam enterrados. — Ao menos naquele assunto, o certo e o necessário eram

iguais.

21

Uma lâmina de presente

O acampamento começou a ser montado às pressas na entrada do Passo de Jangai, afastado de Taien, estendendo-se pelas colinas ao redor, entre os esparsos arbustos espinhentos, chegando a subir as encostas das montanhas. Não que desse para enxergar muita coisa além do que havia dentro da passagem. As tendas Aiel se misturavam tão bem com o solo pedregoso que era possível não vê-las mesmo que se soubesse onde estavam e o que procurar. Nas colinas, os Aiel acampavam por clãs, mas ali na passagem se agruparam por sociedade. A maioria era de Donzelas, mas as sociedades masculinas também tinham enviado representantes, uns cinquenta de cada, que espalhavam suas tendas bem acima das ruínas de Taien, em acampamentos ligeiramente separados. Todos entendiam, ou achavam que entendiam, o fato de as Donzelas carregarem a honra de Rand, mas todas as sociedades desejavam proteger o *Car'a'carn*.

Moiraine — acompanhada por Lan, claro — desceu para supervisionar a acomodação dos carroções de Kadere, logo abaixo da cidade. A Aes Sedai se preocupava com o que havia naqueles carroções quase tanto quanto com Rand. Os condutores resmungavam impropérios a respeito do cheiro da cidade e evitavam olhar enquanto os Aiel arrancavam os corpos da muralha. Mas, após aqueles meses no Deserto, pareciam apreciar a proximidade até mesmo dos restos de algo que enxergavam como civilização.

Gai'shain montava as tendas das Sábias — as de Amys, Bair e Melaine — abaixo da cidade, nos dois lados da trilha desbotada que descia das colinas. Rand tinha certeza de que elas diriam que haviam escolhido o local para ficarem ao alcance dele e das incontáveis dezenas de Sábias mais embaixo, mas não achava que fosse coincidência que qualquer pessoa subindo as colinas para ir falar com ele teria que passar por dentro ou ao lado do acampamento delas para poder alcançá-lo. Ficou um pouco surpreso ao ver Melaine orientando as figuras nos roupões brancos. Apenas três noites antes, ela se casara com Bael, em uma cerimônia que a tornara esposa dele e irmã-primeira da outra esposa do homem, Dorindha. Aparentemente, essa

parte fora tão importante quanto o próprio casamento. Aviendha ficara chocada — ou talvez irritada — com a surpresa de Rand.

Quando Egwene chegou montada na égua cinzenta, com Aviendha na garupa, as saias compridas puxadas até acima dos joelhos, as duas pareciam um par, apesar da cor de pele diferente e de Aviendha ser alta o bastante para olhar por cima do ombro de Egwene sem esticar o pescoço, cada uma usando apenas um bracelete de marfim e um colar. O trabalho de remover os corpos enforcados mal havia começado. A maior parte dos corvos já estava morta no chão, montes de penas negras se espalhando por todo lado, e o restante do bando tinha voado, mas abutres empanturrados demais para alçar voo ainda bamboleavam em meio às cinzas dentro das muralhas da cidade.

Rand queria poder evitar que as duas mulheres vissem a cena, mas, para sua surpresa, nenhuma delas saiu correndo para esvaziar o estômago. Bem, ele de fato não esperara algo do tipo por parte de Aviendha, que já vira e lidara com a morte com alguma frequência, e cujo rosto se manteve neutro. Mas não esperara a compaixão pura nos olhos de Egwene enquanto observava os cadáveres inchados sendo trazidos para baixo.

A garota guiou Bruma para junto de Jeade'en e se inclinou para tocar o braço de Rand.

— Eu sinto muito, Rand. Não tinha como você ter evitado isso.

— Eu sei — respondeu ele.

Rand nem *sabia* que existia uma cidade ali até Rhuarc mencioná-la por acaso, cinco dias antes — todas as reuniões com os chefes só tratavam da possibilidade de conseguirem cobrir mais distância por dia e do que Couladin faria quando atravessasse Passo de Jangai — e, àquela altura, os Shaido já haviam terminado o trabalho ali e ido embora. Rand já estava cansado de se xingar de idiota.

— Bem, é só para você se lembrar. A culpa não foi sua. — Egwene cutucou Bruma com os calcanhares e começou a falar com Aviendha antes de estar longe demais para ser ouvida. — Estou contente por Rand estar encarando tudo isso tão bem. Ele tem o hábito de se sentir culpado por coisas que não tem como controlar.

— Os homens sempre acreditam que têm o controle de tudo que está ao redor deles — retrucou Aviendha. — Quando se dão conta de que não é bem assim, acham que falharam, em vez de aprender uma verdade bem simples que as mulheres já conhecem.

Egwene deu risada.

— *Esta* é a verdade pura e simples. Assim que vi aquela pobre gente, achei que fôssemos encontrá-lo vomitando em algum canto.

— O estômago dele é tão sensível assim? Eu…

As vozes das duas foram sumindo à medida que a égua se afastava a passos lentos. Rand se endireitou na sela, ruborizando. Estava se

comportando feito um idiota, tentando escutar a conversa delas. Mas isso não o impediu de franzir o cenho na direção das costas de ambas. Só assumia responsabilidade pelo que lhe cabia, mesmo que só em sua opinião. Só pelas coisas pelas quais podia fazer algo a respeito. Não gostava que elas estivessem falando sobre ele, fosse pelas costas ou bem debaixo do nariz. Só a Luz sabia o que estariam dizendo.

Rand desceu do cavalo e conduziu Jeade'en em busca de Asmodean, que parecia ter ido dar uma volta. Depois de tantos dias na sela, era bom caminhar. Vários agrupamentos de tendas iam brotando ao longo da passagem. Os penhascos e as encostas das montanhas criavam barreiras formidáveis, mas os Aiel ainda se organizavam como se esperassem um ataque dali. Rand tentara caminhar com os Aiel, mas bastara metade de um dia para decidir voltar ao cavalo. Já era suficientemente difícil acompanhar o ritmo deles cavalgando. Os Aiel eram capazes de esgotar os animais quando forçavam o ritmo.

Mat também desmontara e estava agachado com as rédeas em uma das mãos e a lança de punho negro por cima dos joelhos, espiando os portões escancarados, examinando a cidade e murmurando consigo mesmo enquanto Pips tentava mordiscar um arbusto espinhento. Mat estava examinando, não apenas olhando. De onde viera aquela observação sobre os sentinelas? Ele passara a dizer coisas estranhas de vez em quando, desde que visitaram Rhuidean pela primeira vez. Rand queria que Mat aceitasse falar sobre o que acontecera, mas o rapaz ainda negava que qualquer coisa tivesse ocorrido, apesar do medalhão com cabeça de raposa, da lança e da cicatriz em torno do pescoço. Melindhra, a Donzela Shaido com quem Mat se envolvera, o observava a distância — até Sulin aparecer e ocupá-la com alguma tarefa. Rand se perguntou se Mat sabia que as Donzelas estavam apostando se Melindhra abriria mão da lança por ele. E também se ela o ensinaria a cantar, embora só tenham dado gargalhadas quando Rand perguntou o que aquilo significava.

O som da música o guiou até Asmodean, sentado sozinho em uma pedra protuberante com a harpa apoiada no joelho. O mastro do estandarte carmesim fora fincado no solo rochoso, e a mula fora amarrada a ela.

— Viu só, milorde Dragão — começou o Abandonando, com alegria —, seu porta-estandarte cumpre as obrigações com lealdade. — Então a voz e a expressão do homem mudaram. — Se você precisa mesmo deste troço, por que não deixar Mat ou Lan carregá-lo? Ou Moiraine? Aquela mulher ficaria feliz de carregar seu estandarte e limpar suas botas. Cuidado com ela. É ardilosa. Quando uma mulher diz que vai obedecê-lo, e por vontade própria, é hora de dormir com um olho aberto e vigiar a retaguarda.

— Você carrega o estandarte porque foi escolhido, Mestre Jasin

Natael. — Asmodean se sobressaltou e olhou em volta, embora todos os demais estivessem bem longe e ocupados demais para estarem escutando. De qualquer forma, ninguém além deles dois teria entendido. — O que sabe sobre aquelas ruínas lá em cima, perto da linha da neve? Devem ser da Era das Lendas.

Asmodean sequer olhou para o topo da montanha.

— Este mundo está muito mudado em relação ao mundo de quando eu… fui dormir. — Ele soava cansado e tremia um pouco. — Tudo o que eu sei sobre onde fica cada coisa, aprendi a partir do momento em que acordei. — Os acordes tristonhos de "A Marcha da Morte" emergiram da harpa. — Até onde eu sei, aquilo pode ser o que restou da cidade onde nasci. Shorelle era um porto.

Talvez ainda restasse uma hora de sol antes que a Espinha do Mundo o escondesse. Perto assim de montanhas altas, a noite chegava cedo.

— Hoje estou cansado demais para uma de nossas discussões. — Era assim que eles se referiam em público às aulas de Asmodean, mesmo quando não havia ninguém por perto. Somadas às sessões de treino com Lan ou Rhuarc, aquelas aulas deixavam pouco tempo para dormir desde que partiram de Rhuidean. — Vá para a sua tenda quando estiver pronto, nos vemos de manhã. Com o estandarte. — Não *havia* outra pessoa para carregar aquela coisa maldita. Talvez encontrasse alguém em Cairhien.

Quando Rand se virou, Asmodean tocou um acorde dissonante e disse:

— Nada de urdir fluxos de Fogo em torno da minha tenda hoje à noite? Será que finalmente está começando a confiar em mim?

Rand olhou por cima dos ombros.

— Confio em você como em um irmão. Até o dia em que me trair. Conseguiu liberdade condicional pelo que tem feito, como retribuição pelos ensinamentos. É mais do que você merece, mas, no dia em que se voltar contra mim, a barganha acaba e eu a enterro com você. — Asmodean abriu a boca, mas Rand o interrompeu. — Quem está falando sou eu, Natael. Rand al'Thor. O povo de Dois Rios não gosta de quem tenta apunhalá-los pelas costas.

Irritado, puxou as rédeas do animal sarapintado e se afastou antes que o outro homem pudesse dizer qualquer coisa. Não tinha certeza se Asmodean desconfiava de que um homem morto estava tentando dominá-lo, mas não deveria se permitir dar a ele nenhuma pista. Asmodean já estava bastante certo de que sua causa era perdida. Se começasse a pensar que Rand não controlava por completo a própria mente, que talvez estivesse enlouquecendo, o Abandonado iria embora em um piscar de olhos, e ainda havia coisas demais para Rand aprender.

Sob o comando de Aviendha, *gai'shain* com roupões brancos estavam montando a tenda de Rand bem depois da entrada da passagem, com aquela enorme serpente entalhada erguendo-se ameaçadora lá em cima. Os *gai'shain* tinham as próprias tendas, mas obviamente seriam as últimas a ser montadas. Adelin e uma dúzia de Donzelas estavam agachadas ali perto, só olhando, esperando para montar guarda enquanto ele dormia. Mesmo com mais de mil Donzelas acampadas ao redor de Rand toda noite, elas ainda colocavam guardas em sua tenda.

Antes de se aproximar, tocou o *angreal* no bolso do casaco para agarrar *saidin*. Claro que não havia necessidade de tocar a estátua do homenzinho gordo com uma espada. Um misto de imundície e doçura tomaram conta dele, aquele rio de fogo furioso, aquela devastadora avalanche de gelo. Canalizando como fizera toda noite desde que deixaram Rhuidean, Rand montou proteções em torno do acampamento inteiro — não apenas nas tendas que estavam na passagem, mas também em todas que foram montadas nas colinas logo abaixo e nas encostas das montanhas. Precisava do *angreal* para montar proteções tão grandes, mas por pouco. Pensara que fosse forte antes, mas os ensinamentos de Asmodean estavam lhe deixando ainda mais poderoso. Nenhum humano ou animal que cruzasse os limites daquela proteção perceberia qualquer coisa, mas Crias da Sombra que a tocassem fariam soar um alarme que seria ouvido por todo o acampamento. Se tivesse feito isso em Rhuidean, os Cães das Trevas jamais teriam entrado na cidade sem que ele soubesse.

Os próprios Aiel teriam de ficar de olho em inimigos humanos. Proteções eram urdiduras complexas, ainda que tênues, e tentar fazer com que cumprissem mais de um papel talvez acabasse por torná-las inúteis na prática. Rand poderia ter tecido aquela proteção para matar as Crias da Sombra, em vez de simplesmente fazer soar um alerta, mas teria parecido um farol para qualquer Abandonado homem que pudesse estar procurando por ele, e também para os Myrddraal. Não havia necessidade de atrair os inimigos para si quando eles talvez nem soubessem onde Rand estava. Daquele jeito, mesmo um dos Abandonados não perceberia nada até que estivesse bem perto, e um Myrddraal, só quando já fosse tarde demais.

Largar *saidin* era um exercício de autocontrole, apesar da sordidez da mácula e da maneira como o Poder tentava erodi-lo feito areia no leito de um rio, queimá-lo, obliterá-lo. Ele flutuou no vasto vácuo do Vazio, mas podia sentir o ar agitando cada fio de cabelo em sua cabeça, ver o trançado dos roupões dos *gai'shain*, sentir o cheiro morno de Aviendha. Queria mais. Mas também sentia o cheiro das cinzas de Taien e dos mortos que haviam sido queimados, da podridão dos que ainda não haviam sido, e até dos que já estavam enterrados,

misturados com o solo seco de suas tumbas. Isso ajudou. Por um tempo, depois de largar *saidin*, tudo o que fez foi respirar fundo o ar quente e árido. Comparado com antes, o sopro da morte parecia ausente, e o próprio ar, puro e maravilhoso.

— Olha o que estava aqui antes da gente — disse Aviendha, enquanto Rand entregava as rédeas de Jeade'en a uma *gai'shain* de rosto tranquilo.

Aviendha tinha nas mãos uma cobra marrom já morta, da grossura do antebraço dele e com mais de três passadas de comprimento. A cobra-sangue era chamada assim por conta do efeito de sua picada, que transformava o sangue em geleia em minutos. A menos que ele estivesse enganado, o corte certeiro em cima da cabeça do bicho fora feito pela adaga de Aviendha. Adelin e as outras Donzelas olhavam com aprovação.

— Você parou para pensar que poderia ter sido picada? — perguntou ele. — Chegou a pensar em usar o Poder, em vez de uma maldita adaga? Por que não deu um beijo nela primeiro? Com certeza chegou perto o bastante para isso.

Ela se empertigou, os grandes olhos verdes quase fazendo o frio da noite chegar mais cedo.

— As Sábias dizem que não é bom usar o Poder com muita frequência. — As palavras contidas foram tão frias quanto seus olhos. — Elas dizem que é possível segurar Poder demais e se machucar. — Com um leve franzir de cenho, ela acrescentou, mais para si mesma do que para ele: — Apesar de eu ainda nem ter chegado perto do meu limite. Tenho certeza.

Balançando a cabeça, ele se abaixou e entrou na tenda. A mulher não lhe daria ouvidos.

Mal tinha se acomodado em uma almofada de seda próxima da fogueira ainda apagada quando ela entrou. Sem a cobra-sangue, ainda bem, mas carregando cautelosamente um objeto longo enrolado em grossas camadas de um cobertor com listras cinzas.

— Você estava preocupado comigo — afirmou ela, com voz neutra. Não havia expressão alguma em seu rosto.

— Claro que não — mentiu ele. *Tola. Ainda vai acabar morrendo por não ter o senso de ser cuidadosa quando necessário.* — Me preocuparia do mesmo jeito com qualquer pessoa. Não quero ver ninguém picado por uma cobra-sangue.

Por um momento, ela o encarou com desconfiança, depois assentiu rapidamente.

— Bom. Contanto que você não suponha nada a meu respeito. — Colocando o cobertor enrolado aos pés de Rand, ela se pôs de cócoras no outro lado da fogueira, na frente dele. — Você não aceitou a fivela como cancelamento da dívida entre nós…

— Não existe dívida, Aviendha. — Rand pensou que ela tinha se esquecido daquilo. Ela continuou falando como se ele nem tivesse aberto a boca.

— …mas talvez isto a cancele.

Rand suspirou e pegou o cobertor listrado — mas com cautela, já que ela o segurara com muito mais desconforto do que o fizera com a maldita cobra, que manuseara como se fosse um pedaço de pano —, desenrolou-o e ficou de queixo caído. O que havia dentro era uma espada, a bainha tão incrustada de rubis e pedras-da-lua que era difícil enxergar o ouro, exceto pelo ponto entalhado com um sol nascente e seus raios. O punho de marfim, longo o bastante para duas mãos, tinha outro sol nascente incrustado em ouro. Com rubis e pedras-da-lua, o pomo era maciço, e mais pedras criavam uma massa sólida ao longo do guarda-mão. Não fora feita para uso, apenas para ser vista. Para ser contemplada.

— Isto deve ter custado… Aviendha, como você conseguiu comprar isso aqui?

— Custou pouco — respondeu ela, tão na defensiva que a mentira ficou óbvia.

— Uma espada. Como você arrumou uma espada? Como qualquer Aiel arrumou uma espada? Não me diga que Kadere tinha escondido *isto* nos carroções dele.

— Eu a trouxe em um cobertor. — Ela soou mais nervosa do que quando falara sobre o preço. — Até Bair falou que não teria problema, desde que eu não chegasse a encostar nela. — Aviendha deu de ombros, desconfortável, mexendo e remexendo no xale. — Era a espada do assassino da árvore. De Laman. Foi tirada do corpo dele como prova de que estava morto, já que a cabeça não poderia ser trazida tão longe. Desde então, passou de mão em mão, para rapazes ou Donzelas tolas que queriam possuir a prova da morte dele. Só que todos logo começavam a pensar no que tinha nas mãos e a vendiam para outro tolo. O preço diminuiu bastante desde que foi vendida pela primeira vez. Nenhum Aiel colocaria as mãos nela, nem mesmo para remover as pedras.

— Bom, é muito bonita — disse ele, tão diplomaticamente quanto possível. Só um bufão carregaria algo tão chamativo. E aquele punho de marfim perderia a firmeza em uma mão escorregadia de suor ou sangue. — Mas não posso aceitar…

Ele se interrompeu ao desnudar umas poucas polegadas da lâmina, por força do hábito, para examinar o fio. Gravada no aço brilhante havia uma garça, símbolo de um mestre espadachim. Ele já tivera nas mãos uma espada com aquela marca. Teve um estalo, e poderia apostar que aquela lâmina era igual àquela outra espada, igual à lâmina com a marca do corvo na lança de Mat — um metal

forjado com o Poder e que nunca se quebraria ou precisaria ser afiado. A maior parte das espadas dos mestres espadachins não passava de cópias daquelas. Lan poderia confirmar, mas Rand já tinha certeza.

Retirando a bainha, ele se inclinou para pousá-la à frente da mulher.

— Vou aceitar a lâmina como cancelamento da dívida, Aviendha. — Era comprida e levemente curvada, com fio único. — Só a lâmina. Você também pode levar o punho de volta. — Rand poderia mandar fazer um punho e uma bainha nova em Cairhien. Talvez um dos sobreviventes de Taien fosse um cuteleiro decente.

Com olhos arregalados, Aviendha alternou o olhar entre a bainha e Rand, boquiaberta, pela primeira vez mostrando espanto diante dele.

— Mas estas gemas valem muito, muito mais do que eu… Está tentando me deixar novamente em dívida com você, Rand al'Thor.

— Nada disso. — Se aquela lâmina permanecera intocada e imaculada dentro da bainha por mais de vinte anos, tinha que ser o que ele pensava que fosse. — Eu não aceitei a bainha, então ela foi sua o tempo todo. — Lançando para o ar uma das almofadas de seda, Rand executou a versão sentada da forma chamada Vento Fraco Aumentando. Choveram penas quando a lâmina a fatiou com perfeição. — E também não aceito o punho, então ele também é seu. Se teve algum lucro, o mérito é seu.

Em vez de parecer feliz com boa sorte — ele suspeitava que ela tivesse dado tudo o que tinha pela espada, e provavelmente recuperado cem vezes o valor ou até mais só com a bainha —, em vez de aparentar satisfeita, ou de agradecê-lo, Aviendha fitou as penas com um olhar tão indignado quanto qualquer dona de casa de Dois Rios faria ao ver seu chão todo sujo. Inflexível, ela bateu palma, e uma das *gai'shain* apareceu, ajoelhando-se imediatamente para limpar a bagunça.

— A tenda é minha — declarou Rand, enfático. Aviendha bufou para ele, imitando Egwene à perfeição. Aquelas duas, definitivamente, estavam passando tempo demais juntas.

Quando o jantar foi servido, já estava totalmente escuro. Comeram fatias de pão claro e um ensopado picante, com feijões, pimentões secos e pedaços de uma carne quase branca. Rand apenas sorriu para ela ao saber que se tratava da cobra-sangue. Já comera cobra e coisas piores desde que fora para o Deserto. *Gara*, o lagarto venenoso, era o pior de todos, na opinião dele. Não pelo gosto, que era bem parecido com frango, mas porque era um lagarto. Às vezes achava que devia ter mais seres venenosos — serpentes, lagartos, aranhas, plantas — no Deserto do que em todo o resto do mundo.

Aviendha pareceu decepcionada por ele não ter cuspido o ensopado com uma careta de nojo, embora às vezes fosse difícil dizer

o que ela estava sentindo. Em certas ocasiões, a mulher parecia se divertir muito em deixá-lo desconcertado. Se Rand estivesse tentando fingir que era um Aiel, teria pensado que ela estava tentando provar que ele não era.

Cansado e querendo ir dormir, ele apenas tirou o casaco e as botas antes de rastejar para debaixo dos cobertores e virar as costas para Aviendha. Os homens e as mulheres Aiel podiam tomar banhos de vapor juntos, mas uma curta estada em Shienar, onde se fazia algo muito parecido, convencera-o de que não tinha nascido para aquele tipo de coisa. Não sem ficar com o rosto tão vermelho que poderia morrer. Tentou não prestar atenção no farfalhar de Aviendha se despindo debaixo dos próprios cobertores. Ao menos ela tinha certo pudor, mas, mesmo assim, por via das dúvidas, ele se manteve de costas.

Aviendha afirmava que deveria dormir na tenda com ele para dar continuidade às aulas sobre os modos e costumes Aiel, já que Rand passava um bocado dos dias na companhia dos chefes. Ambos sabiam que era mentira, embora ele não imaginasse o que as Sábias pensavam que a mulher descobriria daquela maneira. De vez em quando, ela soltava pequenos grunhidos ao puxar alguma peça de roupa e resmungava sozinha.

Para abafar os ruídos e fazê-lo parar de pensar no que eles significavam, Rand disse:

— Fiquei impressionado com o casamento de Melaine. Bael realmente não sabia de nada até ela e Dorindha falarem com ele?

— Claro que não — respondeu Aviendha, com desdém, fazendo uma pausa para o que Rand achou que fosse uma meia sendo tirada. — Por que ele deveria saber antes que Melaine depositasse a grinalda nupcial aos seus pés e o pedisse em casamento? — Ela gargalhou abruptamente. — Melaine quase enlouqueceu Dorindha procurando flores de *segade* para a grinalda. São incomuns aqui, tão perto da Muralha do Dragão.

— Isso tem algum significado especial? As flores de *segade*? — Tinham sido as flores que ele havia mandado para Aviendha, flores pelas quais ela nunca agradecera.

— Que ela tem personalidade forte e pretende continuar assim. — Mais uma pausa, quebrada por resmungos. — Se ela tivesse usado folhas ou flores de raiz-doce, significaria uma personalidade doce. Gota-da-manhã significaria que ela é submissa, e… São flores demais para listar. Eu levaria dias para ensinar todas as combinações, e você não precisa saber. Sua esposa não será uma Aiel. Você pertence a Elayne.

Rand quase olhou para Aviendha quando ela disse “submissa”. Não conseguia conceber uma palavra menos provável para descrever

qualquer mulher Aiel. *Provavelmente significa que ela avisaria antes de apunhalar.*

A voz dela soara mais do que um pouco abafada ao fim da frase. Aviendha estava puxando a blusa pela cabeça, percebeu. Rand desejou que as lamparinas estivessem apagadas. Não, isso teria piorado as coisas. Em todo caso, passara por isso todas as noites desde Rhuidean, e a cada noite ficava pior. Precisava acabar com aquilo. Dali em diante, a mulher iria dormir com as Sábias, onde era o lugar dela. Aprenderia o que pudesse com Aviendha, mas só quando pudesse. Já fazia quinze noites que pensava exatamente a mesma coisa.

Tentou afastar as imagens da cabeça.

— Aquela parte do fim. Depois que os juramentos foram feitos. — Logo depois que meia dúzia de Sábias deram suas bênçãos, cem parentes de sangue de Melaine correram para cercá-la, todos carregando lanças. Uma centena de parentes de sangue de Bael havia se juntado a ele, que precisara abrir caminho para alcançá-la. Claro que ninguém velara o rosto e tudo fazia parte dos costumes, mas ainda assim, nos dois lados, sangue havia sido derramado. — Alguns minutos antes, Melaine estava fazendo juras de amor, mas, quando ele se aproximou, ela lutou feito um gato-selvagem encurralado. — Se Dorindha não tivesse socado a mulher nas costelas, Rand achava que Bael jamais teria conseguido jogá-la no ombro e levá-la embora. — Ele ainda manca e está com o olho roxo.

— E ela deveria ter se comportado feito uma fracote? — perguntou Aviendha, sonolenta. — Ele precisava saber o valor dela. Melaine não era só um enfeite para ele colocar na bolsa. — Ela bocejou, e Rand a ouviu se aconchegar melhor nos lençóis.

— O que significa "ensinar um homem a cantar"? — Os Aiel não cantavam, não depois de terem idade suficiente para pegar em uma lança, a não ser por cantos de guerra e lamúrias para os mortos.

— Está pensando em Mat Cauthon? — Ela riu. — Às vezes, um homem abre mão da lança por uma Donzela.

— Você está inventando. Nunca ouvi falar disso.

— Bem, não é exatamente abrir mão da lança. — A voz dela sugeria que já estava quase adormecendo. — Às vezes, um homem deseja uma Donzela que não vai abrir mão da lança por ele, aí dá um jeito de virar seu *gai'shain*. Um tolo, é claro. Donzela nenhuma olharia para um *gai'shain* como o homem esperaria. Ele tem que trabalhar muito e ficar quieto no lugar dele, e a primeira providência que tomam é fazê-lo aprender a cantar para distrair as irmãs-de-lança enquanto elas comem. "Ela vai ensiná-lo a cantar." É isso que as Donzelas dizem quando um homem se faz de bobo com uma das irmãs-de-lança.

Os Aiel eram um povo muito peculiar.

— Aviendha? — Ele tinha dito que não voltaria a lhe perguntar aquilo. Lan dissera que era uma peça Kandori, uma padronagem chamada de flocos de neve. Provavelmente saqueada durante algum ataque no norte. — Quem lhe deu esse colar?

— Ganhei de uma pessoa próxima, Rand al'Thor. Viajamos muito hoje, e você vai nos fazer começar cedo amanhã. Durma bem e acorde amanhã, Rand al'Thor. — Só um Aiel desejaria boa-noite esperando que a pessoa não morresse durante o sono.

Montando uma proteção bem menor, mas muito mais intricada, em seus sonhos Rand canalizou para apagar as luzes e tentou dormir. Uma pessoa próxima. Os Reyn tinham vindo do norte. Mas ela já estava com o colar em Rhuidean. Por que ele se importava? A respiração lenta de Aviendha soava alta no ouvido de Rand, até que ele dormiu e teve um sonho confuso em que Min e Elayne o ajudavam a jogar Aviendha — que usava apenas aquele colar — em seu ombro, enquanto ela batia na cabeça dele com uma grinalda de flores de *segade*.

22

Pássaros na noite

Deitado de bruços em meio aos cobertores, de olhos fechados, Mat se deleitava com os polegares de Melindhra descendo por suas costas. Não havia nada tão bom quanto uma massagem após um longo dia de montaria. Bem, até havia, mas, naquele momento, ele se daria por satisfeito com os polegares dela.

— Você é bem musculoso para um homem tão baixo, Matrim Cauthon.

Ele abriu um dos olhos e a encarou; ela estava montada em sua cintura. Melindhra deixara o fogo duas vezes mais forte que o necessário, e suor lhe escorria pelo corpo. O cabelo liso e bem curto, exceto por aquele rabo de cavalo Aiel à nuca, estava grudado à cabeça.

— Se me acha baixo demais, sempre pode ir atrás de outra pessoa.

— Você não é baixo demais para o meu gosto. — Ela gargalhou, bagunçando seu cabelo. Era mais comprido que o dela. — E é bonitinho. Relaxe. Nada disto vai adiantar se você ficar tenso.

Mat grunhiu e tornou a fechar os olhos. Bonitinho? *Luz!* E baixo. Só uma Aiel poderia chamá-lo de baixo. Em todas as outras terras onde já tinha estado, era mais alto que a maioria dos homens, ainda que nem sempre por muito. Lembrava-se de ser alto, mais alto que Rand, quando cavalgara contra Artur Asa-de-gavião. E, ao lutar ao lado de Maecine contra os Aelgari, era um palmo mais baixo do que agora. Havia conversado com Lan, dizendo que ouvira uns nomes por alto. O Guardião lhe contara que Maecine fora rei de Eharon, uma das Dez Nações — essa parte Mat já sabia —, uns quatrocentos ou quinhentos anos antes das Guerras dos Trollocs. Lan duvidava que até a Ajah Marrom soubesse mais que aquilo. Muito se perdera nas Guerras dos Trollocs, e mais ainda na Guerra dos Cem Anos. Aquelas eram as lembranças mais antiga e mais recente que haviam sido plantadas em sua cabeça. Nada depois de Artur Paendrag Tanreall, e nada antes de Maecine de Eharon.

— Está com frio? — indagou Melindhra, incrédula. — Você

tremeu. — Ela saiu de cima dele, e Mat escutou quando a mulher colocou mais lenha no fogo. Havia bastante madeira ali para ser queimada. A Aiel lhe deu um forte tapa no traseiro quando voltou a subir e murmurou: — Bela musculatura.

— Se continuar com isso — resmungou ele —, vou achar que você quer me enfiar em um espeto para o jantar, feito um Trolloc. — Não que não gostasse de Melindhra, ainda mais quando ela não ficava dizendo que era mais alta, mas a situação o deixava desconfortável.

— Nada de espetos em você, Matrim Cauthon. — Os polegares da mulher se enterraram profundamente no ombro dele. — É só isso. Relaxe.

Mat supunha que algum dia se casaria, sossegaria. Era o que se costumava fazer. Uma mulher, uma casa, uma família. Acorrentado a um único lugar para o resto da vida. *Nunca ouvi falar de uma mulher que gostasse que o marido bebesse ou apostasse*. E ainda havia o que aquele pessoal do outro lado do *ter'angreal* em formato de batente de porta tinha dito. Que ele estava destinado "a se casar com a Filha das Nove Luas". *Mais cedo ou mais tarde, suponho que um homem precise se casar.* Mas, com certeza, não pretendia esposar uma Aiel. Queria dançar com o máximo de mulheres que pudesse, enquanto pudesse.

— Acho que você não foi feito para espetos, e sim para grandes honras — afirmou Melindhra suavemente.

— Por mim, tudo bem.

Só que, agora, não conseguia mais fazer qualquer outra mulher olhar para ele, nem Donzelas nem nenhuma outra. Era como se Melindhra tivesse pendurado nele uma placa dizendo "propriedade de Melindhra, dos Shaido Jumai". Bem, ela não teria escrito essa última parte, não ali. Mas, pensando bem, quem sabia o que uma Aiel faria, ainda mais uma Donzela da Lança? As mulheres não pensavam igual aos homens, e uma Aiel pensava diferente de qualquer outra pessoa no mundo.

— É estranho você se anular assim.

— Me anular? — murmurou ele. As mãos dela de fato causavam uma sensação boa. Desatando nós que ele nem sabia que existiam. — Como assim?

Imaginou se tinha algo a ver com aquele colar. Melindhra parecia dar grande importância a ele, ou ao fato de tê-lo ganhado, talvez. Nunca usara a peça, claro. Donzelas não usavam joias. Mas carregava-o na bolsa e mostrava para todas as mulheres que pediam para ver. Parecia que eram muitas.

— Você se coloca à sombra de Rand al'Thor.

— Não estou à sombra de ninguém — respondeu ele, distraído. Não tinha como ser o colar. Já dera joias para outras mulheres, Donzelas e algumas mais. Gostava de presentear mulheres bonitas,

mesmo que tudo que recebesse em troca fosse um sorriso. Nunca esperava mais. Se a mulher não fosse aproveitar os beijos e abraços tanto quanto ele, de que adiantaria?

— Claro que há algum tipo de honra em estar à sombra do *Car'a'carn*. Para estar perto dos poderosos, é preciso se manter à sombra deles.

— Sombra — concordou Mat, sem realmente escutar. Às vezes as mulheres aceitavam as joias, às vezes não, mas nenhuma decidira que era dona dele. Era isso que o incomodava, na verdade. Não estava disposto a ser propriedade de mulher nenhuma, não importava quão linda fosse. Nem quão boas fossem suas mãos em relaxar músculos tensos.

— Suas cicatrizes deveriam ser cicatrizes de honra, adquiridas em seu próprio nome, como um chefe, não isso. — Com um dedo, ela percorreu a cicatriz de enforcamento no pescoço de Mat. — Você ganhou esta servindo ao *Car'a'carn*?

Mat afastou a mão dela, apoiou-se no cotovelo para se levantar e se virou para encará-la.

— Tem certeza de que "Filha das Nove Luas" não significa nada para você?

— Eu já disse que não. Deite-se.

— Se estiver mentindo para mim, juro que açoito seu traseiro.

Com as mãos na cintura, ela baixou o olhar e o encarou ameaçadoramente.

— Você acha que é capaz… de açoitar meu traseiro, Mat Cauthon?

— Vou tentar ao máximo. — Ela provavelmente lhe atravessaria as costelas com uma lança. — Jura que nunca ouviu falar na Filha das Nove Luas?

— Nunca — respondeu ela, hesitante. — Quem é ela? Ou o quê? Deite-se e me deixe…

Um melro piou, aparentemente em todos os lugares da tenda, assim como do lado de fora, e, logo depois, um tordo. Dois bons pássaros de Dois Rios. Rand escolhera seus alarmes dentre sons familiares, de pássaros que não se via no Deserto.

Melindhra saiu de cima dele imediatamente e enrolou a *shoufa* em torno da cabeça, cobrindo-se com o véu enquanto apanhava lanças e broqueis. Saiu correndo da tenda daquele jeito mesmo.

— Sangue e malditas cinzas! — resmungou Mat, enquanto se atrapalhava com as próprias calças. O som de tordo significava ataque ao sul. Melindhra e ele haviam montado a tenda ao sul, com os Chareen, o mais longe de Rand que podiam ficar sem sair do acampamento. Mas ele não se enfiaria naqueles arbustos espinhentos nu, como Melindhra saíra. O melro contava um ataque ao norte, onde

os Shaarad estavam acampados. Dois flancos ao mesmo tempo.

Enfiando os pés nas botas da melhor maneira que podia na tenda baixa, olhou para a cabeça prateada de raposa repousando ao lado dos cobertores. Lá fora, os gritos e o clangor de metal contra metal aumentavam. Mat enfim se dera conta de que o medalhão, de algum modo, evitara que Moiraine o Curasse na primeira tentativa. Enquanto Mat o tocava, não fora afetado pela canalização da mulher. Nunca ouvira falar de Crias da Sombra capazes de canalizar, mas sempre havia a Ajah Negra — ouvira aquilo de Rand, e acreditava — e também a chance de que um dos Abandonados finalmente tivesse vindo atrás de Rand. Passando a tira de couro pela cabeça para que o medalhão ficasse pendurado no peito, pegou a lança entalhada com o corvo e se abaixou para sair em direção à luz fria do luar.

Mat não teve tempo de sentir frio. Antes mesmo de sair totalmente da tenda, quase foi decapitado pela espada de um Trolloc, curvada como uma foice. A lâmina roçou seu cabelo quando ele se atirou em um mergulho rasante, rolou e se ergueu com a lança em punho.

No escuro, a princípio o Trolloc podia até parecer um homem corpulento, embora bem mais alto que qualquer Aiel, coberto com uma armadura cheia de espinhos nos cotovelos e ombros e usando um elmo ornamentado com chifres de bode. Mas os chifres saíam de uma cabeça que parecia humana, e debaixo dos olhos se projetava um focinho de bode.

Rosnando, o Trolloc investiu contra ele e ganiu em um idioma grosseiro que não fora feito para a língua humana. Mat girou a lança feito um bastão, derrubando aquela pesada espada curva e enfiando a longa ponta da lança na barriga da criatura, aquele aço forjado com o Poder cortando a armadura tão fácil quanto a carne logo abaixo. Soltando um grito áspero, o Trolloc com focinho de bode se curvou, e Mat recuou para liberar sua arma, esquivando-se conforme a criatura caía.

Em torno dele, os Aiel, alguns sem roupa, outros seminus, mas todos de véus negros, lutavam contra Trollocs com fuças de javali, focinhos de lobo ou bicos de águia, alguns com chifres ou cristas, brandindo aquelas espadas estranhamente curvas, machados com pregos, lanças e tridentes com ganchos. Aqui e ali, um deles utilizava um imenso arco para atirar flechas farpadas do tamanho de lanças pequenas. Homens com casacos rústicos e espadas também lutavam ao lado dos Trollocs, gritando desesperadamente à medida que morriam junto aos arbustos espinhentos.

— Sammael!

— Sammael e as Abelhas Douradas!

Os Amigos das Trevas *estavam* morrendo, a maioria assim que

enfrentava um Aiel, mas os Trollocs eram mais difíceis de matar.

— Não sou um maldito herói! — gritou Mat, para ninguém em particular, enquanto enfrentava o terceiro Trolloc, este com focinho de urso e orelhas peludas. A criatura empunhava um machado de cabo comprido com meia dúzia de pregos afiados e uma lâmina brilhante grande o bastante para cortar uma árvore ao meio, balançando-o de um lado para outro feito um brinquedo naquelas enormes mãos peludas. Era a proximidade de Rand que colocava Mat naquele tipo de situação. Tudo que ele queria da vida era um bom vinho, um jogo de dados e uma bela garota, ou três. — Não quero me meter nisto! — Principalmente se Sammael estivesse por perto. — Estão me ouvindo?

O Trolloc caiu com a garganta retalhada, e ele se viu encarando um Myrddraal que tinha acabado de matar dois Aiel que o atacaram ao mesmo tempo. O Meio-homem parecia um humano de pele branca como leite azedo usando uma armadura com escamas negras, feito uma cobra. E também se movia feito uma serpente, rápido e fluido, a capa negra como a noite permanecendo imóvel, não importava como ele se mexesse. E não tinha olhos. Onde seus olhos deveriam estar, havia apenas uma camada de pele tão branca quanto a de um cadáver.

Aquele olhar sem olhos se virou para Mat, que estremeceu, o medo penetrando seus ossos. “O olhar do Sem-olhos é o próprio medo”, diziam nas Terras da Fronteira, onde tinham experiência nisso, e até os Aiel admitiam que a encarada de um Myrddraal disparava arrepios pela espinha. Essa era a primeira arma da criatura. O Meio-homem avançou para ele em uma corrida fluida.

Com um urro, Mat correu para enfrentá-lo, a lança girando feito um bastão, investindo, sempre em movimento. A criatura manejava uma lâmina tão escura quanto a própria capa, uma espada talhada nas forjas de Thakan’dar, e, se aquilo o cortasse, Mat estaria praticamente morto — a não ser que Moiraine aparecesse rápido para Curá-lo. Mas só havia um modo infalível de derrotar um Desvanecido: um ataque brutal. Era preciso destruí-lo antes que ele o destruísse, e parar para pensar em se defender era uma boa forma de morrer. Mat não podia nem pensar na batalha enfurecida que o cercava.

A lâmina do Myrddraal cintilava feito a língua de uma serpente e movia-se feito um relâmpago, mas para contra-atacar as investidas de Mat. Quando o aço com a marca do corvo, forjado com o Poder, encontrava o metal oriundo de Thakan’dar, uma luz azul brilhava em torno deles e ouvia-se um crepitar como o de raios no céu.

De repente, o ataque cortante de Mat atingiu a carne. A espada negra e a mão pálida voaram para longe, e, na volta, o golpe rasgou a garganta do Myrddraal, mas Mat não parou. Uma investida no coração, um corte em um dos tendões atrás do joelho, depois no outro, tudo em rápida sucessão. Só então se afastou da coisa ainda se

debatendo no chão, agitando-se com a única mão que restava e o toco de braço cortado, as feridas esguichando sangue negro. Meios-homens levavam um bom tempo para aceitar que estavam mortos. E não morriam completamente, a não ser com o sol se pondo.

Examinando o entorno, Mat percebeu que o ataque havia acabado. Quaisquer Amigos das Trevas ou Trollocs que não estivessem mortos haviam fugido. Ao menos ele não via ninguém de pé, exceto os Aiel. Alguns também tinham sucumbido. Mat arrancou um lenço do pescoço do cadáver de um Amigo das Trevas para limpar o sangue negro do Myrddraal da ponta de sua lança. Se demorasse a fazer isso, o sangue iria corroer o metal.

Aquele ataque noturno não fazia sentido. Pelos corpos que via ao luar, Trollocs e humanos, nenhum passara muito da primeira fileira de tendas. E sem números muito maiores, os inimigos não poderiam esperar fazer melhor que isso.

— O que foi aquilo que você gritou? *Carai* alguma coisa. Língua Antiga?

Mat se virou para olhar Melindhra. Ela baixara o véu, mas ainda não trajava um fiapo a mais do que a *shoufa*. Havia outras Donzelas por ali, homens também, usando tão pouco quanto e demonstrando o mesmo descaso, embora a maioria parecesse estar voltando para as tendas sem se demorar. Eles não tinham muito pudor, era isso. Nenhum pudor. Melindhra nem parecia sentir frio, apesar de a respiração soltar vapor. Mat estava tão suado quanto ela e, agora que não estava mais preocupado em lutar pela própria vida, se sentia congelando.

— Foi uma coisa que eu ouvi, certa vez — respondeu. — E gostei de como soa.

Carai an Caldazar! Pela honra da Águia Vermelha. O cântico de guerra de Manetheren. A maioria de suas lembranças eram de Manetheren. Algumas ele ganhara antes do batente retorcido. Moiraine dissera que era o Sangue Antigo surgindo. Contanto que não surgisse esguichando de suas veias, tudo bem.

Melindhra passou o braço em torno dos ombros de Mat enquanto ele rumava de volta para a tenda do casal.

— Vi você com o Mensageiro da Noite, Mat Cauthon. — Era um dos termos dos Aiel para os Myrddraal. — Você tem a altura que um homem precisa ter.

Sorrindo, ele envolveu a cintura dela, mas não conseguia tirar o ataque da cabeça. Queria — os pensamentos eram muito confusos em suas lembranças emprestadas —, mas não conseguia. Por que alguém deflagrara um ataque tão sem perspectivas? Só um tolo atacaria sem motivo uma força tão superior. Era esse pensamento que ele não conseguia afastar. Ninguém atacava sem motivo.

O piar dos pássaros fez Rand despertar imediatamente. Agarrando *saidin*, jogou os cobertores para o lado e saiu correndo sem nem vestir o casaco ou calçar as botas. A noite estava fria e iluminada pelo luar, sons distantes de batalha flutuavam das colinas abaixo da passagem. Em volta, Aiel se agitavam feito formigas apressadas, disparando pela noite até os pontos que poderiam ser atacados, ali na passagem. As proteções permaneceriam — Crias da Sombra na passagem dispariam o piar de um tentilhão — até que ele as desfizesse, de manhã, mas não havia razão para correr riscos tolos.

A passagem logo voltou a ficar tranquila, os *gai'shain* em suas tendas, proibidos de tocar em armas mesmo naquela situação, os outros Aiel a postos nos locais que talvez precisassem de defesa. Até Adelin e as outras Donzelas tinham partido, como se soubessem que Rand as deteria, caso esperassem. Ele ouvia alguns murmúrios vindos dos vagões perto das muralhas da cidade, mas nem os condutores nem Kadere deram as caras. Rand não esperava que dessem. Os sons distantes de batalha — homens berrando, gritando, morrendo — vinham de duas direções. Ambas abaixo, bem longe dele. Também havia pessoas do lado de fora das tendas das Sábias. Pareciam olhar na direção do confronto.

Um ataque lá embaixo não fazia sentido. Não eram os Miagoma, a menos que Timolan tivesse aceitado Crias da Sombra em seu clã, o que era tão provável quanto Mantos-brancos recrutando Trollocs. Rand se virou para a tenda e, mesmo envolto pelo Vazio, levou um susto.

Aviendha saíra para a luz do luar, um cobertor enrolado no corpo. Logo atrás dela havia um homem alto com um manto escuro. As sombras do luar perpassaram um rosto macilento, pálido demais, com olhos grandes demais. Um canto baixo se fez ouvir, e o manto se abriu — Rand percebeu que na verdade eram compridas asas coriáceas, como as de um morcego. Movendo-se como se hipnotizada, Aviendha caminhou para os braços da criatura.

Rand canalizou, e um fio de fogo devastador passou flamejando por ela, uma flecha de luz sólida que atingiu o Draghkar na cabeça. O efeito daquela corrente mais fina foi mais lento, mas não menos certeiro do que contra os Cães das Trevas. As cores da criatura se inverteram, o preto virando branco e o branco virando preto, até que ela se transformou em partículas brilhantes que se derreteram no ar.

Aviendha estremeceu quando o canto cessou, encarando as últimas partículas que desapareciam, e se virou para Rand, apertando o cobertor contra o corpo. Ela ergueu a mão, e um raio de fogo com a espessura da cabeça de Rand rugiu na direção dele.

Assustado mesmo dentro do Vazio, sem nem pensar em usar o

Poder, ele se atirou no chão para fugir das chamas ondulantes. Elas feneceram logo depois.

— O que você está fazendo? — berrou Rand, tão furioso e chocado que o Vazio se rompeu e *saidin* sumiu de dentro dele. Esforçou-se para ficar de pé e caminhou com firmeza na direção dela. — Isto supera qualquer ingratidão de que eu já tenha ouvido falar! — Ia sacudi-la até fazer os dentes da mulher rangerem. — Acabei de salvar sua vida, caso não tenha percebido, e se ofendi algum maldito costume Aiel, não estou nem…!

— Da próxima vez — retrucou ela —, vou deixar o grande *Car'a'carn* resolver seus problemas sozinho! — Apertando o cobertor contra o corpo, irritada, ela se abaixou, tensa, para entrar na tenda.

Rand olhou para trás pela primeira vez: havia outro Draghkar, encrespado em chamas no chão. Tinha ficado tão furioso que não escutara o crepitar e os estalos da criatura queimando e não sentira o odor de gordura tostada. Não chegara nem a sentir o mal. Um Draghkar matava primeiro sugando a alma, depois a vida. Precisava ser de perto, por meio do toque, mas aquele estava estirado a não mais que duas passadas de onde Rand estivera. Ele não tinha certeza de quão eficaz o abraço melodioso de um Draghkar seria contra alguém preenchido por *saidin*, mas estava contente por não ter descoberto.

Respirou fundo e se ajoelhou ao lado da aba da tenda.

— Aviendha? — Não podia entrar. Uma lamparina estava acesa lá dentro, e, até onde ele sabia, ela poderia estar sentada nua, xingando-o de alto a baixo em pensamento, do jeito que Rand merecia. — Aviendha, me desculpe. Peço perdão. Fui tolo por falar daquele jeito sem perguntar o motivo. Eu deveria saber que você não me machucaria, e eu… eu… eu sou um idiota — concluiu, sem saber mais o que dizer.

— Você sabe muita coisa mesmo, Rand al'Thor. — A resposta soou abafada. — Você é um idiota!

Como os Aiel se desculpavam? Nunca perguntara aquilo para ela. Pensando no *ji'e'toh*, nos costumes matrimoniais e em ensinar os homens a cantar, ele não achava que perguntaria.

— É, eu sou. E peço desculpas. — Não houve resposta desta vez. — Você está debaixo dos cobertores? — Silêncio.

Resmungando sozinho, Rand se ergueu, mexendo os dedos cobertos apenas pela meia no chão gelado. Teria de permanecer ali fora até ter certeza de que ela estava decentemente coberta. Sem botas ou casaco. Tratou de agarrar *saidin*, com mácula e tudo, só para, dentro do Vazio, se afastar daquele frio de gelar os ossos.

As três Sábias Andarilhas dos Sonhos vieram correndo, claro, e também Egwene, todas fitando os restos fumegantes do Draghkar ao

passarem ao lado da criatura, ajustando os xales quase no mesmo movimento.

— Só um — observou Amys. — Agradeço à Luz, mas estou surpresa.

— Eram dois — contou Rand. — Eu… destruí o outro. — Por que estava hesitante? Só porque Moiraine o alertara a respeito do fogo devastador? Era uma arma como qualquer outra. — Se Aviendha não tivesse matado este aí, ele poderia ter me alcançado.

— A canalização dela nos atraiu — explicou Egwene, olhando Rand de cima a baixo. De início, Rand achou que ela estivesse procurando ferimentos, mas a mulher prestou especial atenção a seus pés só de meia e depois olhou para a tenda, onde uma fresta na aba revelava a luz da lamparina. — Você irritou Aviendha de novo, não foi? Ela salvou sua vida, e você… Homens! — Com um meneio desgostoso de cabeça, Egwene passou por ele e entrou na tenda. Rand ouviu vozes distantes, mas não entendeu o que estava sendo dito.

Melaine apertou o xale.

— Se não está precisando de nós, temos que ir ver o que está acontecendo lá embaixo. — Ela se apressou para ir embora e não esperou as outras.

Bair gargalhava enquanto ela e Amys a seguiam.

— Vamos apostar em quem ela vai dar uma olhada primeiro? Meu colar de ametista que você tanto gosta contra aquele seu bracelete de safira?

— Combinado. Eu escolho Dorindha.

A Sábia mais velha tornou a gargalhar.

— Ela ainda só tem olhos para Bael. Uma irmã-primeira é uma irmã-primeira, mas um marido novo…

As duas saíram do alcance do ouvido, e Rand se inclinou na direção da aba da tenda. Ainda não dava para escutar o que as mulheres estavam dizendo, a não ser que enfiasse a orelha na fresta, o que estava prestes a fazer. Claro que, com Egwene lá, Aviendha se cobrira. Por outro lado, pela forma como Egwene assimilara os modos Aiel, havia a chance de que, em vez disso, ela é que tivesse tirado as roupas.

O som suave de chinelos anunciou a chegada de Moiraine e Lan, e Rand se endireitou. Embora ouvisse a respiração de ambos, os passos do Guardião quase não faziam ruído. O cabelo de Moiraine caía no rosto, e ela trajava um roupão escuro, a seda brilhando ao luar. Lan estava totalmente vestido, botas e armas, enrolado naquela capa que o tornava parte da noite. Claro. O clamor do combate já estava morrendo nas colinas lá embaixo.

— Estou surpreso por você não ter vindo antes, Moiraine. — Sua voz soou fria, mas antes a voz do que ele. Rand manteve-se agarrado a

saidin, lutando com o Poder, e o frio gelado da noite permaneceu distante. Ele estava ciente da temperatura, ciente de cada pelo arrepiado sob as mangas da camisa, mas o clima não o atingia. — Você costuma vir me procurar assim que sente o perigo.

— Eu nunca dei satisfação de tudo o que faço ou deixo de fazer. — A voz dela soou tão friamente misteriosa quanto sempre, ainda que, mesmo sob o luar, Rand tivesse certeza de que ela estava enrubescendo. Lan parecia incomodado, embora, no caso dele, fosse difícil dizer. — Não posso segurar sua mão para sempre. Em algum momento você tem que caminhar sozinho.

— Eu fiz isso hoje, não fiz? — A vergonha deslizou pelo Vazio. A frase soou como se ele tivesse dado conta de tudo sozinho. Então acrescentou: — Aviendha praticamente tirou aquele ali das minhas costas. — As chamas no Draghkar já estavam baixas.

— Então que bom que ela estava aqui — disse Moiraine calmamente. — Você não precisava de mim.

A mulher não ficara com medo, disso ele tinha certeza. Rand já vira Moiraine investir contra Criaturas da Sombra, manejando o Poder com tanta habilidade quanto a de Lan com a espada; vira isso em ocasiões demais para crer que ela sentia medo. Então por que não viera ao sentir os Draghkar? Podia ter ido, e Lan também. Aquele era um dos dons que um Guardião recebia pelo laço com uma Aes Sedai. Rand podia fazê-la falar, encurralá-la entre o juramento que fizera a ele e a incapacidade de mentir. Não, não podia. Ou não queria. Não faria aquilo com alguém que estava tentando ajudá-lo.

— Pelo menos agora sabemos do que se tratava aquele ataque lá embaixo — ponderou Rand. — Queriam me fazer pensar que algo importante estava acontecendo por lá enquanto o Draghkar se esgueirava até mim. Tentaram isso no Forte das Pedras Frias, e também não funcionou. — Só que, desta vez, quase funcionara. Caso essa *tivesse* sido a intenção. — Seria de se pensar que eles tentariam algo diferente. — Couladin à frente dele e os Abandonados por toda parte, ao que parecia. Por que não podia enfrentar um inimigo de cada vez?

— Não cometa o erro de pensar que os Abandonados são burros — alertou Moiraine. — Isso poderia muito bem ser fatal. — Ela mexia no roupão como se quisesse que ele fosse mais espesso. — Já está tarde. Se não precisa mais de mim…

Os Aiel começavam a voltar quando ela e o Guardião foram embora. Alguns exclamaram coisas sobre o Draghkar e acordaram *gai'shain* para arrastá-lo para longe, mas a maior parte apenas olhou para a criatura antes de entrar nas tendas. Pareciam já esperar aquele tipo de coisa de Rand.

Quando Adelin e as Donzelas surgiram, estavam arrastando os pés

calçados em botas leves. Elas observaram o Draghkar sendo arrastado por homens de roupão branco e trocaram longos olhares antes de se aproximarem de Rand.

— Não aconteceu nada aqui — afirmou Adelin, devagar. — O ataque foi todo lá embaixo, Amigos das Trevas e Trollocs.

— Berrando "Sammael e as Abelhas Douradas", eu ouvi — completou outra Donzela, com a cabeça enrolada em uma *shoufa*. Rand não reconheceu quem era. Soou jovem. Algumas das Donzelas não tinham mais que dezesseis anos.

Respirando fundo, Adelin estendeu uma de suas lanças, firme como uma rocha, à frente dele. As demais fizeram o mesmo, uma lança cada.

— Nós… Eu… falhei — disse Adelin. — Deveríamos ter estado aqui quando o Draghkar apareceu. Em vez disso, saímos correndo feito crianças para dançar as lanças.

— E o que eu devo fazer com estas lanças? — perguntou Rand.

— O que quiser, *Car'a'carn*. Estamos prontas e não iremos resistir — respondeu Adelin, sem hesitar.

Rand balançou a cabeça. *Malditos Aiel com seu maldito* ji'e'toh.

— Fiquem com elas e voltem a proteger minha tenda. Está bem? Vão. — As mulheres se entreolharam antes de começarem a obedecer, mas de modo tão relutante quanto haviam se aproximado dele de início. — E uma de vocês trate de dizer a Aviendha que vou entrar assim que voltar — completou ele. Não iria passar a noite inteira do lado de fora se perguntando se era seguro ou não voltar para a tenda. Saiu a passos firmes, o chão pedregoso bem duro sob os pés.

A tenda de Asmodean não ficava muito longe da dele. Não se ouvira um som sequer vindo dela. Rand tratou de abrir a aba e se abaixou para entrar. Asmodean estava sentado no escuro, mordendo o lábio. O homem se encolheu quando Rand surgiu, e não lhe deu chance para falar.

— Você não esperava que eu participasse da luta, esperava? Eu senti os Draghkar, mas você podia dar conta deles, e deu. Eu nunca gostei de Draghkar. Nunca deveríamos ter feito esses bichos. Têm menos cérebro que um Trolloc. Dê uma ordem e, ainda assim, eles às vezes matam o que estiver mais perto. Se eu tivesse saído, se tivesse feito alguma coisa… E se alguém percebesse? E se eles se dessem conta de que não tinha como ser você canalizando? Eu…

— Bom para você que não tenha saído — interrompeu Rand, sentando-se de pernas cruzadas no escuro. — Se eu tivesse sentido você canalizando lá fora hoje à noite, poderia tê-lo matado.

A gargalhada do outro homem foi vacilante.

— Também pensei nisso.

— Foi Sammael quem enviou o ataque de hoje. Os Trollocs e os

Amigos das Trevas, pelo menos.

— Não é do feitio de Sammael desperdiçar homens — disse Asmodean lentamente. — Mas ele veria dez mil mortos, ou dez vezes mais que isso, se achasse que o preço vale a pena. Talvez um dos outros queira que você pense que foi ele. Mesmo que os Aiel tivessem feito prisioneiros… Trollocs não pensam em muita coisa além de matar, e Amigos das Trevas acreditam no que lhes dizem.

— Foi ele. Uma vez, Sammael usou o mesmo método para tentar me fazer atacá-lo, em Serendahar. — *Ah, Luz!* O pensamento flutuou pela superfície do Vazio. *Eu disse* "me". Rand nem sabia onde ficara Serendahar, ou de nada do que acabara de dizer. As palavras haviam simplesmente saído.

— Eu nunca soube disso — disse Asmodean, hesitante, após um longo silêncio.

— O que eu quero saber é: por quê?

Rand escolheu as palavras com cuidado, torcendo para que todas fossem suas. Ele se recordava do rosto de Sammael, um homem… *Não é minha. Essa lembrança* não é *minha…* um homem compacto com uma barba loura cerrada. Asmodean descrevera todos os Abandonados, mas Rand sabia que aquela imagem não era fruto da descrição. Sammael sempre quisera ser mais alto, e se ressentia de que o Poder não fosse capaz de mudar sua altura. Asmodean nunca lhe dissera isso.

— Pelo que você me contou, ele não ia querer me enfrentar, a menos que tivesse certeza da vitória, e talvez nem assim. Você disse que era provável que ele me deixasse para o Tenebroso, se possível. Então por que agora Sammael tem certeza de que vai vencer, caso eu decida ir atrás dele?

Discutiram a questão no escuro por horas, sem chegar a nenhuma conclusão. Asmodean pensava que havia sido um dos outros, esperando jogar Rand contra Sammael e se livrar de um deles ou de ambos. Ao menos foi o que Asmodean disse que achava. Rand sentia os olhos escuros do homem em si, ponderando. Aquele lapso fora grande demais para ser consertado.

Quando finalmente retornou para a própria tenda, Adelin e as doze Donzelas ficaram de pé de um pulo, todas dizendo juntas que Egwene tinha ido embora e que Aviendha dormira havia muito, que estava com raiva dele, que ambas estavam. As mulheres deram tantos conselhos diferentes sobre como lidar com a raiva das garotas, todos ao mesmo tempo, que Rand não entendeu nenhum. Por fim, ficaram em silêncio, entreolhando-se, até Adelin se pronunciar.

— Precisamos conversar sobre hoje à noite. Sobre o que fizemos e o que deixamos de fazer. Nós…

— Não foi nada — disse ele —, e, se tivesse sido, estaria perdoado e esquecido. Agora eu gostaria de ter algumas horas de sono. Se

quiserem discutir isso, vão falar com Amys ou Bair. Tenho certeza de que elas vão entender melhor do que eu o que vocês esperam. — Surpreendentemente, aquilo as fez se calar e permitiu que ele entrasse.

Aviendha estava enrolada nos lençóis, com uma das pernas, magra e despida, para fora. Rand tentou não olhar. A garota deixara uma lamparina acesa. Agradecido, ele entrou debaixo dos próprios cobertores e canalizou para apagar a luz antes de soltar *saidin*. Desta vez, sonhou com Aviendha lançando fogo, só que ela não o lançava em um Draghkar, e Sammael estava sentado ao lado dela, gargalhando.

23

“Eu lhes concedo o quinto”

Conduzindo Bruma pelo topo gramado de uma colina, Egwene observava a massa de Aiel descendo de Passo de Jangai. A sela havia tornado a puxar suas saias acima do joelho, mas agora ela já quase não percebia. Não tinha como ficar se preocupando com aquilo a cada minuto. E estava de meias. Não era como se estivesse com as pernas à mostra.

Os Aiel afluíam abaixo dela, trotando em colunas, organizados por clã, ramo e sociedade. Milhares e milhares, com seus cavalos e mulas de carga e os *gai’shain*, que cuidavam dos acampamentos enquanto o restante lutava; a multidão estendia-se por uma milha, sem contar os outros na passagem ou já à frente, fora de vista. Mesmo sem famílias, parecia uma nação em marcha. O Caminho da Seda fora uma estrada naquele ponto, com boas cinquenta passadas de largura e pavimentada com grandes pedras brancas, atravessando colinas para se manter plana. Só era possível ter vislumbres da estrada em meio à massa de Aiel, embora eles parecessem preferir andar na grama, mas muitas das pedras do pavimento tinham se erguido em uma das pontas ou afundado em outra. Fazia mais de vinte anos que apenas as carroças dos fazendeiros locais e um punhado de carroções trafegava por ali.

Era surpreendente voltar a ver árvores — árvores de verdade, imensos carvalhos e folhas-de-couro em meio a verdadeiros matagais, em vez de uma ou outra forma atrofiada e retorcida pelo vento. Além disso, uma grama alta se balançava ao vento ao longo das colinas. Havia uma floresta de verdade ao norte, e nuvens no céu, tênues e altas, mas nuvens. O ar parecia abençoadamente fresco depois do Deserto, e úmido, apesar das folhas marrons e das grandes trilhas também marrons em meio aos gramados indicarem que, na realidade, talvez estivesse mais quente e seco do que o normal para aquela época do ano. Ainda assim, a área rural de Cairhien era um paraíso exuberante se comparada com o outro lado da Muralha do Dragão.

Um pequeno regato serpenteava rumo ao norte sob uma ponte quase plana, cercado pelo barro seco de um leito mais largo. O rio

Gaelin ficava a poucas milhas de distância naquela direção. Egwene se perguntou o que os Aiel pensariam daquele rio. Já vira Aiel perto de um rio. A diminuta faixa d'água marcava uma pausa no constante fluxo de pessoas, já que homens e Donzelas paravam para observá-la, maravilhados, antes de fazer a travessia.

Os carroções de Kadere ribombavam pela estrada, as longas parelhas de mulas trabalhando duro, mas ainda assim sendo ultrapassados pelos Aiel. Haviam levado quatro dias para atravessar as curvas e voltas de Passo de Jangai, e Rand pretendia avançar o máximo possível em Cairhien nas poucas horas de luz que ainda restavam. Moiraine e Lan viajavam com os carroções. Não à frente do grupo, nem mesmo na casinha branca sobre rodas que era o vagão de Kadere, mas ao lado do segundo carroção, onde o *ter'angreal* em forma de batente de porta, coberto por uma tela, criava uma corcova acima do restante da carga. Parte dos objetos estava cuidadosamente embalada ou acondicionada em caixas ou barris que Kadere levara para o Deserto repletos de seus produtos, e o resto estava simplesmente enfiado em qualquer lugar que coubesse, formas incomuns de metal e vidro, uma cadeira vermelha de cristal, duas estátuas de um homem e uma mulher nus, do tamanho de crianças, hastes de osso e marfim e estranhos materiais negros em vários comprimentos e espessuras. Toda a sorte de objetos, incluindo alguns que Egwene mal era capaz de começar a descrever. Moiraine fizera uso de cada polegada disponível em todos os carroções.

Egwene gostaria de saber por que a Aes Sedai estava tão preocupada com aquele carroção em particular. Talvez ninguém mais tivesse percebido que Moiraine prestava mais atenção a ele do que a todos os outros somados, mas Egwene percebera. Provavelmente não saberia o motivo tão cedo. Apesar de Moiraine ter passado a tratá-la de igual para igual, a novidade ainda era uma mudança pouco garantida, conforme Egwene percebera ao fazer a pergunta, no coração da passagem, e ouvir como resposta que sua imaginação era vívida demais e que, se ela tinha tempo de espionar a Aes Sedai, talvez Moiraine devesse falar com as Sábias sobre intensificar seu treinamento. Egwene se desculpara profusamente, claro, e sua polidez pareceu funcionar. Amys e as demais não estavam ocupando suas noites mais do que antes.

Cerca de uma centena de *Far Dareis Mai* das Taardad viajavam ao lado dela na estrada, movendo-se com tranquilidade, os véus pendurados, mas prontos para serem usados, as aljavas cheias na cintura. Algumas carregavam os arcos curvados, as flechas encaixadas, enquanto outras os mantinham presos às costas, lanças e broquéis balançando de modo ritmado conforme corriam. Atrás delas, uma dúzia de *gai'shain* em seus roupões brancos conduziam mulas de carga

e se esforçavam para acompanhar o ritmo. Um deles usava preto, não branco. De todos, Isendre era a que trabalhava mais pesado. Egwene reconheceu Adelin e outras duas ou três que haviam montado guarda na tenda de Rand na noite do ataque. Além das armas, cada uma segurava uma boneca, uma boneca feita de modo grosseiro vestindo saia e blusa brancas. O rosto das Donzelas parecia ainda mais pétreo que o habitual, tentando fingir que não estavam carregando aquilo.

Egwene não sabia qual era o motivo das bonecas. Aquelas Donzelas tinham ido ver Bair e Amys assim que o turno de guarda na tenda de Rand havia acabado e passaram um bom tempo na companhia das Sábias. Na manhã seguinte, enquanto o acampamento ainda estava despertando em meio ao cinza que precedia a alvorada, elas começaram a confeccionar aquelas bonecas. Egwene não pudera perguntar, claro, mas comentara o assunto com uma delas, uma Tomanelle ruiva do ramo Serai chamada Maira, e a mulher dissera que a finalidade era lembrá-la de que não era mais criança. Seu tom de voz deixara claro que ela não queria conversar. Uma das Donzelas carregando a boneca não tinha mais que dezesseis anos, mas Maira tinha pelo menos a mesma idade que Adelin. Não fazia muito sentido, e isso era frustrante. Toda vez que Egwene pensava entender os costumes Aiel, algo lhe provava o contrário.

A contragosto, os olhos de Egwene foram novamente atraídos para a entrada da passagem. As fileiras de estacas ainda estavam lá, quase invisíveis, estendendo-se ao longo das encostas íngremes das montanhas, exceto onde os Aiel haviam chutado e derrubado algumas delas. Couladin deixara mais uma mensagem: homens e mulheres empalados ao longo do caminho, deixados mortos ali por sete dias. As altas muralhas cinzentas de Selean estavam cravadas nas montanhas à direita da passagem, e nada era visível acima delas. Moiraine afirmara que o local era apenas uma sombra de sua antiga glória, ainda que fosse uma cidade de tamanho considerável, bem maior que Taien. No entanto, nada restara — e nenhum sobrevivente, exceto pelos que os Shaido levaram, embora alguns habitantes da cidade provavelmente tivessem fugido para outro lugar que considerassem seguro. Havia fazendas naquelas colinas. A maior parte do leste de Cairhien fora abandonada depois da Guerra dos Aiel, mas uma cidade precisava de fazendas para prover comida. Chaminés com listras de fuligem despontavam de paredes enegrecidas de casas de fazenda feitas de pedra. Aqui e ali, algumas vigas queimadas permaneciam de pé sobre um estábulo tombado, um estábulo e uma casa da fazenda haviam desabado por conta do calor. A colina por onde guiava Bruma fora uma pastagem para ovelhas. Perto da cerca, ao pé da colina, moscas ainda zumbiam sobre os refugos de um açougue. Não restava um só animal nas pastagens, nenhuma galinha ciscando no quintal do

estábulo. As plantações pareciam palha queimada.

Couladin e os Shaido eram Aiel. Mas Aviendha, Bair, Amys, Melaine e Rhuarc, que dissera que Egwene lembrava uma de suas filhas, também. Todos ficaram indignados com os empalamentos, mas ainda pareciam pensar que aquilo era só um pouco pior do que o que os Assassinos da Árvore mereciam. A única forma de realmente entender os Aiel talvez fosse nascer Aiel.

Egwene lançou um último olhar para a cidade destruída, então desceu cavalgando devagar até a rústica cerca de pedra e saiu pelo portão, inclinando-se, por força do hábito, para reapertar a tira de couro cru. Segundo Moiraine, a grande ironia era que o povo de Selean poderia muito bem ter apoiado Couladin. Nas instáveis correntes do *Daes Dae'mar*, quando comparassem um invasor Aiel com o homem que enviara os tairenos a Cairhien, não importando o motivo, era difícil prever qual teria sido a decisão, caso Couladin lhes tivesse dado oportunidade de escolha.

Ela cavalgou ao longo da larga estrada até alcançar Rand, naquele dia trajando seu casaco vermelho, e se juntou a Aviendha, Amys e trinta ou mais Sábias que mal conhecia, tirando as outras duas Andarilhas dos Sonhos, todas seguindo a curta distância. Mat, com seu chapéu e sua lança de cabo negro, e Jasin Natael, com a harpa no estojo de couro pendurada às costas e o estandarte carmesim tremulando com a brisa, também cavalgavam, mas Aiel apressados ultrapassavam o grupo pelos dois lados, já que Rand ia à frente com seu garanhão malhado enquanto conversava com os chefes de clã. Com ou sem saias, as Sábias teriam dado conta de acompanhar o ritmo das colunas que os ultrapassavam, caso não estivessem grudadas em Rand feito seiva de pinheiro. Elas mal olharam para Egwene, olhos e ouvidos concentrados no *Car'a'carn* e nos sete chefes.

— … e quem quer que nos siga depois de Timolan — ia dizendo Rand, em um tom de voz firme — precisa receber a mesma mensagem. — Cães de Pedra deixados de vigia em Taien haviam retornado para relatar que os Miagoma entraram na passagem um dia depois. — Vim para impedir que Couladin despoje esta terra, não para saqueá-la.

— Uma mensagem difícil — afirmou Bael —, e para nós também, caso esteja dizendo que não podemos pegar o quinto.

Han e os demais, inclusive Rhuarc, assentiram.

— Eu lhes concedo o quinto. — Rand não aumentou o tom de voz, mas, subitamente, suas palavras eram pregos bem cravados. — Mas alimentos não serão levados como parte do quinto. Vamos viver do que conseguirmos encontrar na natureza, caçarmos ou comprarmos, caso alguém esteja vendendo comida, até eu ter como fazer os tairenos incrementarem o que estão trazendo de Tear. Se

algum homem pegar uma moeda a mais que o quinto ou um pedaço de pão sem pagar, caso incendeie até mesmo uma cabana só por ela pertencer a um dos Assassinos da Árvore, ou mate alguém que não está tentando matá-lo, vou mandar enforcar, seja quem for.

— É complicado dizer isso aos clãs — afirmou Dhearic, quase tão pétreo quanto Rand. — Vim para seguir Aquele Que Vem Com a Aurora, não para dar colo a quebradores de juramentos. — Bael e Jheran abriram a boca como se fossem concordar, mas um notou a reação do outro e ambos tornaram a cerrar os dentes.

— Guarde minhas palavras, Dhearic — reforçou Rand. — Eu vim para salvar esta terra, não para arruiná-la ainda mais. O que eu digo vale para todos os clãs, incluindo os Miagoma e qualquer outro que nos siga. Todos os clãs. Lembrem-se bem disso. — Desta vez ninguém falou, e ele montou de novo na sela de Jeade'en, permitindo ao garanhão caminhar entre os chefes. Aqueles rostos Aiel não demonstravam nenhuma expressão.

Egwene respirou fundo. Todos aqueles homens tinham idade suficiente para ser pai dele e até mais, certamente tão líderes de seus povos quanto reis, mesmo que negassem isso, líderes endurecidos em batalhas. Parecia que fazia pouquíssimo tempo desde que Rand fora um garoto, e não apenas na idade — um jovem que pedia e torcia, em vez de dar ordens esperando obediência. Estava mudando mais rápido do que Egwene conseguia acompanhar. Um bom sinal, caso evitasse que aqueles homens fizessem em outras cidades o que Couladin fizera em Taien e Selean. Foi o que disse a si mesma. Só queria que Rand fizesse isso sem se mostrar a cada dia mais arrogante. Quanto tempo até que ele esperasse que ela o obedecesse da mesma forma que Moiraine? Ou todas as Aes Sedai? Egwene torcia para que fosse apenas arrogância.

Querendo conversar, soltou um dos pés do estribo e estendeu a mão para baixo, na direção de Aviendha, mas a Aiel negou com a cabeça. Ela realmente não gostava de cavalgar. E podia ser que todas aquelas Sábias viajando a pé em grupo também a deixassem relutante. Algumas delas não andariam a cavalo nem com as duas pernas quebradas. Com um suspiro, Egwene desceu, conduzindo Bruma pelas rédeas e arrumando as saias, um pouco mal-humorada. As leves botas Aiel que estava usando, na altura dos joelhos, pareciam e eram confortáveis, mas não para andar grandes distâncias naquele piso pavimentado duro e irregular.

— Ele está mesmo no comando — comentou Egwene.

Aviendha mal tirou os olhos das costas de Rand.

— Eu não o conheço. Não é possível. Olhe só o que ele está carregando.

Ela se referia à espada, claro. Rand não a carregava, exatamente.

A arma estava pendurada no cepilho da sela, em uma bainha simples de couro de javali, o punho comprido coberto pelo mesmo material, erguendo-se até a altura de sua cintura. Ele conseguira que o punho e a bainha fossem confeccionados por um homem de Taien durante a jornada de travessia da passagem. Egwene se perguntou por quê, já que ele podia canalizar uma espada de fogo e realizar outras coisas que fariam espadas parecer brinquedos.

— Você que deu a espada a ele, Aviendha.

A amiga fez cara feia.

— Ele quer fazer com que eu também aceite o punho. Ele a usou. É dele. Usou na minha frente, como se quisesse zombar de mim com uma espada nas mãos.

— Você não está com raiva por causa da espada. — Pelo menos Egwene achava que não. Aviendha não dissera uma única palavra sobre o assunto na tenda de Rand, naquela noite. — Você ainda está chateada pela forma como ele falou com você, e eu entendo. Sei que ele se arrependeu. Às vezes Rand fala sem pensar, mas se você ao menos o deixasse se desculpar…

— Eu não quero as desculpas dele — resmungou Aviendha. — Não quero… Não consigo mais suportar isso. Não posso mais dormir na tenda dele. — De repente, ela segurou o braço de Egwene, que poderia ter pensado que ela estava prestes a chorar, se não a conhecesse melhor. — Você precisa falar com elas por mim. Com Amys, Bair e Melaine. Elas dão ouvidos a você. Você é Aes Sedai. Elas precisam me deixar voltar para as tendas das Sábias. Precisam!

— Quem precisa fazer o quê? — perguntou Sorilea, atrasando o passo só para poder andar ao lado das duas. A Sábia da Fortaleza Shende tinha cabelos brancos finos e um rosto coriáceo que ressaltava os ossos da face. Além de olhos verde-claros capazes de derrubar um cavalo a dez passadas. Aquela era a maneira normal como ela olhava para quem quer que fosse. Quando Sorilea estava irritada, outras Sábias ficavam quietas e chefes de clã davam desculpas para sair de perto.

Melaine e outra Sábia, uma Nakai Água Negra que já estava ficando grisalha, também se juntaram a elas, até Sorilea lançar um olhar na direção das duas.

— Se você não estivesse tão ocupada pensando naquele marido novo, Melaine, saberia que Amys quer falar com você. E com você também, Aeron. — Melaine enrubesceu e voltou *correndo* para junto das outras, mas a mais velha chegou primeiro. Sorilea observou as duas partirem e depois dedicou toda a sua atenção a Aviendha. — Agora podemos conversar com calma. Então, há algo que você não quer fazer. Algo que lhe mandaram fazer, claro. E você acha que esta garotinha Aes Sedai pode livrá-la disso.

— Sorilea, eu… — Aviendha não passou disso.

— No meu tempo, as garotas pulavam quando uma Sábia dizia para pular, e continuavam pulando até que as mandassem parar. Como eu ainda estou viva, este ainda é o meu tempo. Preciso ser mais clara?

Aviendha respirou fundo.

— Não, Sorilea — respondeu ela de forma submissa.

Os olhos da idosa pousaram em Egwene.

— E você? Acha que vai conseguir livrá-la disso?

— Não, Sorilea. — Egwene sentiu como se devesse fazer uma reverência.

— Bom — concluiu Sorilea sem soar satisfeita, como se aquilo fosse apenas o que ela havia esperado. Era quase certo que sim. — Agora eu posso falar com você sobre o que realmente quero saber. Ouvi dizer que o *Car'a'carn* lhe deu um presente-cortês diferente de tudo que já se viu, com rubis e pedras-da-lua.

Aviendha deu um salto, como se um rato lhe tivesse subido pela perna. Bem, ela provavelmente não pularia por causa do rato, mas era como Egwene teria saltado, naquela circunstância. A Aiel murmurou explicações tão apressadas sobre a espada de Laman e a bainha que suas palavras foram se atropelando.

Sorilea mexeu no xale e resmungou algo sobre garotas tocando em espadas, mesmo enroladas em cobertores, e sobre ter uma conversa séria com "a jovem Bair".

— Então ele não despertou seu interesse. Uma pena. Isso o uniria a nós. No momento, ele vê gente demais como sendo dele. — Por um momento, ela examinou Aviendha da cabeça aos pés. — Vou pedir a Feran para dar uma olhada em você. O bisavô dele é meu filho-por-irmã. Você tem outras obrigações para com seu povo, além de aprender a ser uma Sábia. Esses quadris foram feitos para ter filhos.

Aviendha tropeçou em uma das pedras erguidas da pavimentação e por pouco não caiu.

— Eu… Eu vou pensar nele, quando tiver tempo — disse ela, esbaforida. — Ainda tenho muito a aprender sobre ser uma Sábia. E Feran é *Seia Doon*, e os Olhos Negros juraram não dormir sob tetos ou tendas enquanto Couladin estiver vivo. — Couladin era *Seia Doon*.

A Sábia de rosto coriáceo assentiu como se tudo tivesse sido resolvido.

— Você, jovem Aes Sedai. Dizem que conhece bem o *Car'a'carn*. Ele vai mesmo agir conforme ameaçou? Enforcaria até um chefe de clã?

— Eu acho… que talvez… ele vai, sim. — Falando mais rápido, Egwene acrescentou: — Mas tenho certeza de que é possível convencê-lo a fazer a coisa certa. — Ela não tinha certeza de nada daquilo, nem

mesmo de que havia uma coisa certa a ser feita. O que Rand dissera parecera apenas correto, mas fazer justiça não traria vantagem nenhuma a Rand caso todos os outros se voltassem contra ele, assim como os Shaido.

Sorilea a encarou, surpresa, e então lançou um olhar para os chefes em torno do cavalo de Rand que deveria ter feito todos eles caírem duros.

— Vocês estão me entendendo mal. Ele precisa mostrar para aquele bando de lobos sarnentos que o lobo-chefe é ele. Um chefe precisa ser mais duro que os outros homens, jovem Aes Sedai, e o *Car'a'carn*, mais duro que os outros chefes. A cada dia, mais homens, e até Donzelas, são acometidos pela Desolação, mas essas pessoas são apenas a frágil camada externa do pau-ferro. O que resta é a camada interna dura, e, para liderá-los, ele precisa ser duro. — Egwene percebeu que ela não incluiu nem a si mesma e nem as Sábias entre os que seriam liderados. Resmungando sozinha a respeito dos "lobos sarnentos", Sorilea se afastou a passos largos e, em pouco tempo, tinha todas as Sábias a ouvindo enquanto caminhavam. O que quer que estivesse dizendo, Egwene não conseguia escutar.

— Quem é esse Feran? — indagou Egwene. — Nunca ouvi você falar dele. Como ele é?

Franzindo o cenho às costas de Sorilea, mais do que parcialmente encoberta pelas Sábias agrupadas ao seu redor, Aviendha respondeu de modo vago.

— Ele é bem parecido com Rhuarc, só que mais jovem, mais alto e mais bonito, com o cabelo bem mais ruivo. Faz mais de um ano que vem tentando atrair o interesse de Enaila, mas acho mais fácil ela ensiná-lo a cantar do que abrir mão da lança.

— Não entendo. Você pretende dividi-lo com Enaila? — Ainda era estranho falar sobre aquilo de forma tão casual.

Aviendha tornou a tropeçar e a encarou.

— Dividir? Eu não quero nada com ele. É até bonito, mas ri feito uma mula zurrando e cutuca o ouvido.

— Mas, pelo modo como você falou com Sorilea, eu achei que… você gostava dele. Por que não disse a ela o que acabou de me dizer?

A risada contida da outra mulher soou amargurada.

— Egwene, se ela achasse que eu estava tentando recusar, ela própria iria confeccionar minha grinalda nupcial e arrastaria Feran e eu pelo pescoço para nos casarmos. Você já ouviu alguém dizer não para Sorilea? Você conseguiria?

Egwene abriu a boca para afirmar que, obviamente, conseguiria, mas voltou a fechá-la de imediato. Fazer Nynaeve recuar era uma coisa; tentar o mesmo com Sorilea era outra. Seria como se colocar no caminho de um deslizamento de terra e dizer a ele para parar.

Para mudar de assunto, ela disse:

— Vou falar com Amys e as outras para você. — Não que realmente achasse que, àquela altura, isso fosse dar algum resultado. A hora certa fora antes de aquilo tudo começar. Pelo menos Aviendha finalmente enxergava a impropriedade da situação. Talvez… — Se formos juntas falar com elas, tenho certeza de que vão ouvir.

— Não, Egwene. Eu tenho que obedecer às Sábias. O *ji'e'toh* exige isso. — Como se ela não estivesse pedindo a intercessão da amiga momentos antes. Como se não tivesse praticamente implorado para as Sábias não a obrigarem a dormir na tenda de Rand. — Mas por que a minha obrigação com as pessoas nunca é a que eu gostaria? Por que ela precisa ser algo que eu preferiria morrer a ter que fazer?

— Aviendha, ninguém vai obrigá-la a se casar ou a ter filhos. Nem Sorilea. — Egwene esperava que tivesse soado um pouco menos hesitante naquelas últimas palavras.

— Você não entende — respondeu a outra mulher, suavemente —, e eu não tenho como explicar.

Aviendha envolveu o corpo com o xale e não quis mais falar no assunto. Preferia conversar sobre as aulas, sobre se Couladin daria meia-volta e iniciaria um confronto, sobre como o casamento afetara Melaine, que parecia ter que se esforçar para ficar séria, ou sobre qualquer outra coisa, exceto sobre o que não podia ou não queria explicar.

24

Mensagem enviada

A terra mudou quando o sol começou a baixar. As colinas eram menores, os matagais, maiores. Era comum que cercas de pedra tombadas envolvendo o que um dia haviam sido plantações tivessem se tornado montes dos quais desabrochavam sebes selvagens, ou que agora contornassem longas sequências de carvalhos, folhas-de-couro e nogueiras, pinheiros e cajeputes, além de outras árvores que Egwene não conhecia. As poucas casas de fazenda estavam destelhadas, e árvores de dez ou quinze passadas de altura cresciam dentro delas, pequenas matas encapsuladas em muros de pedra, completas com pássaros gorjeando e esquilos de cauda preta. O riacho que às vezes surgia gerava tanta conversa entre os Aiel quanto as minúsculas florestas e a grama. Eles já haviam ouvido histórias das terras aguacentas, lido sobre elas em livros comprados de mercadores e mascates como Hadnan Kadere, mas poucos de fato os tinham visto desde a caçada a Laman. No entanto, os Aiel se adaptavam depressa. O marrom-acinzentado das tendas se misturava bem com as folhas mortas debaixo das árvores e com as ervas daninhas e a grama que estava morrendo. O acampamento se espalhava ao longo de milhas, marcado por milhares de pequenas fogueiras no anoitecer dourado.

Egwene ficou mais do que feliz por engatinhar para dentro de sua tenda tão logo os *gai'shain* terminaram de montá-la. No interior, as lamparinas estavam acesas, e um fogo diminuto ardia na fogueira. Ela desamarrou as botas macias e tirou-as junto com as meias de lã, esparramando-se nos brilhantes tapetes sobrepostos e movimentando os dedos dos pés. Gostaria de ter uma bacia d'água para colocá-los de molho. Não fingia ter tanta resistência quanto os Aiel, mas, se algumas horinhas de caminhada faziam seus pés parecerem ter o dobro do tamanho, era porque estava ficando cada vez mais mole. Claro, água não seria um problema, ali. Ou não deveria ser. Lembrou-se daquele regato meio seco — poderia tomar um banho decente de novo.

Cowinde, tímida e silenciosa em seus trajes brancos, lhe trouxe o jantar, um pouco daquele pão bem claro e achatado feito de farinha de *zemai* e, em uma tigela com listras vermelhas, um ensopado grosso

que Egwene comeu mecanicamente, embora se sentisse mais cansada do que faminta. Reconheceu os feijões e os pimentões desidratados, mas não perguntou do que era aquela carne escura. *Coelho*, disse a si mesma com firmeza, e torceu para que fosse. Os Aiel comiam coisas que fariam seu cabelo encaracolar mais que o de Elayne. Podia apostar que Rand não conseguia nem olhar para o que vinham servindo. Homens sempre eram chatos para comer.

Assim que terminou o ensopado, esticou-se perto de uma lamparina de prata entalhada com um disco de prata polido que refletia e aumentava a luz. Sentira-se um pouco culpada ao ser dar conta de que a maioria dos Aiel não dispunha de nenhuma luz à noite que não fosse a de suas fogueiras. Tirando as Sábias e os chefes de clãs e ramos, poucos haviam trazido lamparinas ou óleo. Mas não fazia sentido ficar sentada na tênue luminosidade da fogueira quando podia ter luz adequada. Aquilo foi um lembrete: as noites ali não seriam muito diferentes dos dias no Deserto. A tenda já estava começando a ficar desconfortavelmente quente.

Egwene canalizou fluxos de Ar para abafar o fogo e enfiou as mãos nos alforjes em busca do desgastado livro com encadernação de couro que pegara emprestado de Aviendha. Tratava-se de um volume pequeno e grosso com linhas que se amontoavam em letrinhas difíceis de ler, exceto com boa luminosidade, mas de fácil portabilidade. Era intitulado *A Chama, a Lâmina e o Coração*, uma coleção de histórias sobre Birgitte e Gaidal Cain, Anselan e Barashelle, Rogosh Olho-de-águia e Dunsinin, e mais uma porção de casais. Aviendha afirmava gostar do livro por conta das aventuras e batalhas, e talvez fosse o caso, mas absolutamente todas as histórias também falavam do amor entre um homem e uma mulher. Egwene estava disposta a admitir que era daquilo que gostava, das tramas às vezes turbulentas e às vezes afetuosas de um amor eterno. Estava disposta a admitir para si mesma, pelo menos. Não era bem o tipo de diversão que uma mulher com qualquer juízo poderia confessar publicamente.

Na verdade, estava com menos vontade de ler do que estivera de comer — tudo o que realmente queria era tomar banho e dormir, e talvez aceitasse pular o banho —, mas, naquela noite, ela e Amys se encontrariam com Nynaeve em *Tel'aran'rhiod*. Onde quer que Nynaeve estivesse no caminho para Ghealdan, ainda não seria noite, e aquilo significava ter de continuar acordada.

Elayne fizera sua nova trupe parecer bastante empolgante, na última vez que se encontraram, embora Egwene não achasse que Galad fosse motivo suficiente para sair correndo daquele jeito. Em sua opinião, o gosto de Nynaeve e Elayne por aventuras simplesmente aumentara. Era uma pena a notícia sobre Siuan. Elas precisavam de uma mão firme para aquietá-las. Era estranho Egwene pensar isso a

respeito de Nynaeve, a quem sempre vira como dona da mão firme. Mas, desde aquele episódio na Torre em *Tel'aran'rhiod*, precisara enfrentar Nynaeve cada vez menos.

Cheia de culpa, Egwene percebeu, ao virar a página, que estava ansiosa para o encontro daquela noite. Não por Nynaeve ser uma amiga, mas porque queria ver se os efeitos tinham durado. Se Nynaeve puxasse a trança, Egwene arquearia uma sobrancelha para ela e… *Luz, espero que não tenha durado. Se ela deixar algo escapulir sobre aquele passeio, Amys, Bair e Melaine vão se revezar me esfolando viva, isso se simplesmente não me mandarem embora*.

Seus olhos continuavam tentando se fechar enquanto ela lia, sonhando vagamente com as histórias do livro. Egwene poderia ser tão forte quanto qualquer uma daquelas mulheres, tão forte e valente quanto Dunsinin ou Nerein ou Melisinde ou até mesmo Birgitte, tão forte quanto Aviendha. *Será* que Nynaeve teria juízo suficiente para controlar a língua diante de Amys, naquela noite? Pensou distraidamente em pegar Nynaeve pela nuca e sacudi-la. Bobagem. A mulher era alguns anos mais velha. Arquear uma sobrancelha para ela. Dunsinin. Birgitte. Tão resistente e forte quanto uma Donzela da Lança.

A cabeça de Egwene escorregou para as páginas, e ela tentou aninhar o livrinho debaixo do rosto conforme sua respiração ia desacelerando e ficando mais profunda.

Teve um sobressalto ao se ver em meio às grandes colunas de pedra vermelha do Coração da Pedra, na estranha luz de *Tel'aran'rhiod*, e levou outro susto ao notar que usava o *cadin'sor*. Amys não ficaria contente ao vê-la daquele jeito. Não acharia nada engraçado. Egwene se trocou depressa e ficou surpresa quando as roupas se alternaram entre uma blusa de *algode* e uma pesada saia de lã, e um belo vestido de seda azul bordada, antes de finalmente se decidir pela vestimenta Aiel, completa com seu bracelete de marfim entalhado com chamas e o colar de ouro e marfim. Fazia algum tempo que não ficava indecisa assim.

Por um momento, Egwene pensou em sair do Mundo dos Sonhos, mas suspeitou que estivesse dormindo profundamente em sua tenda. Era muito provável que só adentrasse os próprios sonhos, e não era sempre que tinha consciência neles. Sem consciência, não poderia retornar a *Tel'aran'rhiod*. E não estava disposta a deixar Amys e Nynaeve a sós juntas. Quem poderia saber o que Nynaeve diria, caso Amys a irritasse? Quando a Sábia chegasse, Egwene diria simplesmente que também tinha acabado de chegar. As Sábias sempre apareciam um pouco antes dela, ou ao mesmo tempo, mas claro que, se Amys acreditasse que Egwene tivesse chegado lá apenas um

segundo antes, não haveria problema.

A garota já estava quase que acostumada a sentir olhos invisíveis naquela vasta câmara. São só as colunas, as sombras e todo *este espaço vazio*. Ainda assim, torceu para que nem Amys nem Nynaeve demorassem muito. Mas demorariam. O tempo podia ser tão estranho em *Tel'aran'rhiod* quanto em qualquer sonho, mas com certeza ainda faltava uma longa hora para o encontro marcado. Talvez Egwene tivesse tempo para…

De repente, percebeu que estava ouvindo vozes — como sussurros distantes em meio às colunas. Agarrando *saidar*, moveu-se cautelosamente em direção ao som, para o local onde Rand deixara *Callandor* sob o grande domo. As Sábias afirmavam que, ali, ter controle sobre *Tel'aran'rhiod* conferia tanto poder quanto canalizar *saidar*, mas Egwene conhecia bem melhor suas habilidades com o Poder, e confiava mais nelas. Ainda escondida atrás de grossas colunas de pedra vermelha, ela parou e observou.

Não era uma dupla de irmãs Negras, como temera, e também não era Nynaeve. Em vez disso, ali estava Elayne, perto do cabo brilhante de *Callandor*, que se erguia das pedras do piso, absorta em uma conversa tranquila com uma mulher vestida da maneira mais estranha que Egwene já tinha visto. Usava um casaco branco curto de corte peculiar e calças amarelas com dobras na altura do tornozelo, logo acima de botas de cano curto com saltos altos. Uma intrincada trança de cabelos dourados caía pelas costas, e a mulher tinha nas mãos um arco que reluzia feito prata polida. As flechas na aljava também brilhavam.

Egwene fechou os olhos. Primeiro, as dificuldades com o vestido, depois aquilo. Ler a respeito de Birgitte — o arco de prata certamente a identificara — não era razão para imaginar vê-la. Birgitte esperava, em algum lugar, que a Trombeta de Valere convocasse não só ela, mas a todos os outros heróis para a Última Batalha. Mas, quando Egwene voltou a abrir os olhos, Elayne e aquela mulher de roupa estranha ainda estavam lá. Não entendia o que as duas estavam dizendo, mas desta vez acreditou no que viu. Estava a ponto de dar as caras e anunciar sua presença quando, atrás dela, ouviu-se uma voz.

— Decidiu vir mais cedo? E sozinha?

Egwene girou e ficou diante de Amys, seu rosto bronzeado jovem demais para os cabelos brancos, bem como de Bair e suas bochechas coriáceas. Ambas estavam de pé com os braços cruzados no peito. Até a maneira como os xales estavam apertados contra o corpo sinalizava desprazer.

— Peguei no sono — respondeu Egwene.

Estava adiantada demais para que sua mentira funcionasse. Mesmo enquanto explicava depressa o fato de ter cochilado e o porquê

de não ter retornado, tirando a parte sobre não querer que Nynaeve e Amys conversassem sozinhas, a garota ficou surpresa em sentir um quê de vergonha por ter pensado em mentir, e alívio por não tê-lo feito. Não que a verdade fosse necessariamente salvá-la. Amys não era tão rígida quanto Bair — por pouco —, mas era bem capaz de mandá-la ficar empilhando rochas até o fim da noite. Muitas Sábias usavam trabalho inútil como forma de punição. Não havia como se enganar dizendo que se tratava de algo diferente do cumprimento de um castigo quando se estava enterrando cinzas com uma colher. Isso se elas simplesmente não se recusassem a ensiná-la mais nada, claro.

Egwene não conseguiu conter um suspiro de alívio quando Amys assentiu e disse:

— Acontece. Mas, na próxima vez, volte e sonhe seus sonhos. Eu poderia ter ouvido o que Nynaeve tem a dizer e contado a ela o que sabemos. Se Melaine não estivesse com Bael e Dorindha hoje à noite, também estaria aqui. Você assustou Bair. Ela está orgulhosa do seu progresso, e, se algo acontecesse com você…

Bair não parecia orgulhosa. Ao contrário, franziu ainda mais o cenho quando Amys fez uma pausa.

— Você tem sorte de Cowinde ter voltado para recolher seu jantar e ficado preocupada de você não acordar para ir para a cama. Se eu achasse que você passou mais do que alguns poucos minutos aqui sozinha… — Por um momento, seu olhar se aguçou, prometendo algo terrível, e depois a voz ficou mal-humorada. — Agora suponho que tenhamos que esperar Nynaeve chegar, só para evitar ouvir você implorando, se a mandarmos embora. Se temos que esperar, está bem, mas vamos usar o tempo em nosso benefício. Concentre sua mente em…

— Não é Nynaeve — disse Egwene, às pressas. Não queria saber como seria uma aula com Bair naquele estado de espírito. — É Elayne, e… — Sua voz foi falhando enquanto ela se virava. Elayne, trajando uma elegante seda verde apropriada para um baile, caminhava de um lado para outro, não muito longe de *Callandor*. Não se via Birgitte em lugar nenhum. *Eu não estava imaginando coisas.*

— Ela já está aqui? — questionou Amys, movendo-se para um local de onde também conseguiria enxergar.

— Outra jovem tola — resmungou Bair. — As garotas de hoje em dia têm menos cérebro e disciplina do que cabras. — Ela saiu andando à frente de Egwene e Amys e se plantou diante de Elayne, do outro lado do cabo reluzente de *Callandor*, as mãos na cintura. — Você não é minha pupila, Elayne de Andor, embora já tenha extraído de nós o suficiente para evitar que morra aqui, caso tenha cuidado, mas, se fosse eu, a açoitaria da cabeça aos pés e a mandaria de volta para a sua mãe até você estar crescida o bastante para poder ficar longe dos

olhos dela. E acho que isso poderia levar tantos anos quanto os que você já viveu. Sei que tem vindo sozinha ao Mundo dos Sonhos, você e Nynaeve. São duas tolas.

Elayne levou um susto quando as mulheres apareceram, mas, conforme a bronca de Bair se desenrolava, ela se empertigou, o queixo erguido daquele jeito gélido. O vestido da garota se tornou vermelho e adquiriu um brilho ainda mais bonito, além de ganhar um bordado nas mangas e em torno do corpete alto, incluindo leões brancos empinando sobre duas patas e lírios dourados, sua própria insígnia. Uma fina tiara dourada repousava em seus cachos louro-avermelhados, um único leão empinando confeccionado com pedras-da-lua acima das sobrancelhas. Elayne ainda não controlava aquilo muito bem. Por outro lado, talvez estivesse usando exatamente o que pretendia, daquela vez.

— Agradeço sinceramente sua preocupação — disse ela de forma majestosa. — Porém, é verdade que não sou sua pupila, Bair dos Shaarad Haido. Sou grata pela orientação, mas preciso trilhar meu próprio caminho nas tarefas que me foram incumbidas pelo Trono de Amyrlin.

— Uma morta — retrucou Bair friamente. — Você reafirma sua obediência a uma mulher morta.

Egwene quase sentia os pelos de Bair eriçados de raiva. Se não fizesse algo, a mulher poderia decidir ensinar a Elayne uma lição dolorosa. A última coisa de que precisavam era daquele tipo de confusão.

— O que… Por que você está aqui, em vez de Nynaeve? — Ia perguntar o que Elayne estava fazendo ali, mas aquilo teria dado uma abertura a Bair, e talvez soasse como se ela estivesse do lado da Sábia. O que *queria* perguntar era o que Elayne estivera fazendo ao conversar com Birgitte. *Eu não estava imaginando coisas.* Talvez fosse alguém sonhando que era Birgitte. Mas só quem entrava propositalmente em *Tel'aran'rhiod* permanecia ali por mais que alguns minutos, e Elayne decerto não teria ficado falando com nenhuma dessas pessoas. E *onde* Birgitte e os outros heróis ficavam esperando?

— Nynaeve está tratando de uma dor de cabeça. — A tiara sumiu, e o vestido de Elayne se tornou mais simples, com apenas alguns arabescos dourados em torno do corpete.

— Ela está doente? — indagou Egwene, preocupada.

— Só umas dores de cabeça e um ou dois machucados. — Elayne deu risada e fez careta ao mesmo tempo. — Ah, Egwene, você não ia acreditar. Os quatro Chavanas tinham ido jantar conosco. Para flertar com Nynaeve, na verdade. Tentaram flertar comigo nos primeiros dias, mas Thom teve uma conversinha com eles, e eles pararam. Thom não tinha o direito de fazer isso. Não que eu *quisesse* que flertassem

comigo, entende. De qualquer forma, eles estavam lá, flertando com Nynaeve, ou tentando, já que ela prestava tanta atenção neles quanto em moscas zumbindo, quando Latelle chegou e começou a bater em Nynaeve com um pedaço de pau, xingando-a de todos os nomes.

— Ela se machucou? — Egwene não tinha certeza sobre de qual das duas estava falando. Se o gênio de Nynaeve fosse atiçado…

— Ela, não. Os Chavanas tentaram tirar Nynaeve de cima de Latelle, e é provável que Tearic manque por alguns dias, sem falar no lábio inchado de Brugh. Petra precisou carregar Latelle até o carroção, e duvido que ela ponha o nariz para fora durante algum tempo. — Elayne balançou a cabeça. — Luca não sabia a quem culpar. Com um dos acrobatas capenga e a treinadora de ursos chorando na cama, ele acabou culpando todo mundo, e achei que Nynaeve também fosse dar uns tapas nele. Pelo menos ela não canalizou. Uma ou duas vezes eu achei que fosse, até ela conseguir derrubar Latelle.

Amys e Bair trocaram olhares indecifráveis. Aquela certamente não era a maneira como esperavam que Aes Sedai se comportassem.

Egwene também ficou um pouco confusa, principalmente de tentar acompanhar todos aqueles nomes que só ouvira de passagem. Pessoas estranhas viajando com leões, cães e ursos. E uma Iluminadora. Não acreditava que o tal de Petra fosse mesmo tão forte quanto Elayne dizia. Mas, em todo caso, Thom estava comendo fogo e fazendo malabarismo, e o que Elayne e Juilin faziam soava tão estranho quanto, mesmo que ela usasse o Poder.

Se Nynaeve tivesse ficado com raiva a ponto de canalizar… Elayne deveria ter visto o brilho dela agarrando *saidar*. Com ou sem um motivo real para se esconder, as duas não permaneceriam ocultas por muito tempo, caso alguma delas canalizasse de modo que as pessoas percebessem. Os espiões da Torre certamente ficariam sabendo. Aquele tipo de notícia viajava rápido, ainda mais se estivessem em Amadícia.

— Então avise a Nynaeve que é melhor ela controlar o gênio, ou vai ganhar um sermão que não vai gostar de ouvir. — Elayne pareceu surpresa, já que Nynaeve certamente não lhe contara o que se passara entre as duas, e Egwene acrescentou: — Se ela canalizar, você pode ter certeza de que Elaida vai ficar sabendo tão rápido quanto um pombo conseguir voar até Tar Valon.

Não podia dizer mais nada. Aquilo já causou outra troca de olhares entre Amys e Bair. O que elas pensavam sobre a Torre estar dividida e sobre uma Amirlyn que, até onde se sabia, dera ordens para que uma Aes Sedai fosse drogada, nenhuma das duas jamais revelara. Quando queriam, as Sábias podiam fazer Moiraine parecer a fofoqueira da aldeia.

— Na verdade, queria estar sozinha com vocês duas. Se

estivéssemos na Torre, nos nossos antigos quartos, eu diria umas palavrinhas para vocês.

Elayne se enrijeceu de modo tão régio e sereno quanto havia feito com Bair.

— Você pode falar comigo sempre que desejar.

Será que Elayne entendera? Sozinha: longe das Sábias. Na Torre. Egwene só podia torcer. Era melhor mudar de assunto e esperar que as Sábias não analisassem suas palavras com tanto cuidado quanto queria que Elayne fizesse.

— Essa briga com Latelle vai causar problemas? — No que Nynaeve estava pensando? Em casa, ela teria feito qualquer mulher de sua idade que agisse daquele jeito ser levada tão rápido ao Círculo das Mulheres que os olhos saltariam do rosto. — A esta altura, vocês já devem estar quase em Ghealdan.

— Mais três dias, segundo Luca, se tivermos sorte. O conjunto não viaja tão rápido.

— Talvez já seja hora de abandoná-lo.

— Talvez — respondeu Elayne, hesitante. — Eu realmente gostaria de andar nos ares na frente de… — Balançando a cabeça, ela olhou para *Callandor*. A gola do vestido baixou subitamente e logo tornou a subir. — Não sei, Egwene. Não conseguiríamos viajar muito mais rápido sozinhos, e ainda não sabemos exatamente para onde ir. — Aquilo indicava que Nynaeve não se lembrara de onde as Azuis estavam reunidas. Caso o relatório para Elaida estivesse correto. — Sem falar que Nynaeve talvez surte se tivermos que abandonar o carroção para comprar cavalos encilhados ou mais uma carruagem. Além do mais, estamos aprendendo um bocado sobre os Seanchan. Cerandin serviu como tratadora de *s'redit* na Corte das Nove Luas, sede do trono da Imperatriz Seanchan. Ontem ela nos mostrou coisas que pegou quando fugiu de Falme. Egwene, ela tinha um *a'dam*.

Egwene deu um passo à frente, as saias roçando *Callandor*. As armadilhas de Rand não eram físicas, independentemente do que Nynaeve pensasse.

— Vocês têm certeza de que ela não era *sul'dam*? — Sua voz tremia de raiva.

— Tenho certeza — respondeu Elayne, tranquilizadora. — Eu mesma pus o *a'dam* nela, e não teve nenhum efeito.

Aquele era um segredinho do qual nem mesmo os Seanchan sabiam, ou, se sabiam, escondiam muito bem. Suas *damane* eram mulheres nascidas com a centelha, mulheres que acabariam canalizando, mesmo que não fossem treinadas. Mas as *sul'dam*, que controlavam as *damane*, eram as mulheres que não conseguiriam um domínio profundo do Poder sem treinamento. Os Seanchan pensavam que mulheres capazes de canalizar eram animais perigosos que

precisavam ser controlados, e mesmo assim, sem perceber, davam a elas uma posição de honra.

— Eu não entendo esse interesse pelos Seanchan. — Amys pronunciou o nome de modo estranho. Nunca ouvira falar naquilo até Elayne tocar no assunto, no último encontro. — O que fazem é terrível, mas eles se foram. Rand al'Thor os derrotou, e eles fugiram.

Egwene virou as costas e encarou as imensas colunas polidas que se estendiam até as sombras.

— "Se foram" não significa dizer que não voltarão mais. — Não queria que ninguém visse seu rosto, nem mesmo Elayne. — Temos que aprender tudo o que pudermos, caso um dia eles voltem.

Os Seanchan haviam colocado um *a'dam* nela, em Falme. Pretendiam enviá-la ao outro lado do Oceano de Aryth, até Seanchan, para que passasse o resto da vida feito um cão em uma coleira. Sentia uma fúria brotar dentro de si toda vez que pensava neles. E um medo também. Medo de que, se eles de fato retornassem, acabassem conseguindo capturá-la e mantê-la cativa. Era isso que não podia deixar que as mulheres percebessem: o completo terror que sabia que transparecia em seus olhos.

Elayne tocou o braço dela.

— Se eles realmente voltarem, estaremos prontas — disse, com a voz gentil. — Eles não nos pegarão desprevenidas e ignorantes de novo. — Egwene lhe deu um tapinha na mão, embora quisesse mesmo apertá-la. Elayne compreendia mais do que Egwene desejava, mas, ao mesmo tempo, isso era reconfortante.

— Vamos terminar o que nos trouxe até aqui — ordenou Bair, enérgica. — Você precisa dormir de verdade, Egwene.

— Mandamos *gai'shain* tirarem sua roupa e colocarem você debaixo dos cobertores. — Surpreendentemente, Amys soou tão gentil quanto Elayne. — Quando retornar ao seu corpo, vai poder dormir até de manhã.

As bochechas de Egwene enrubesceram. Pelos modos Aiel, alguns daqueles *gai'shain* podiam muito bem ser homens. Teria que falar com as Sábias sobre o assunto — com delicadeza, claro. As mulheres não entenderiam, e não se tratava de algo que ela ficaria à vontade em explicar.

O medo tinha desaparecido, percebeu. *Parece que tenho mais medo de passar vergonha do que dos Seanchan.* Não era verdade, mas se agarrou àquele pensamento.

De fato, havia muito pouco para contar a Elayne: finalmente estavam em Cairhien, Couladin devastara Selean e arrasara as terras vizinhas, e os Shaido ainda estavam dias à frente e se deslocando para oeste. As Sábias tinham mais informações que ela, já que não haviam ido imediatamente para suas tendas, ao fim do dia. Houvera alguns

conflitos à noite, pequenos e com poucos participantes, uns homens montados que fugiram rápido. E outros homens a cavalo tinham sido avistados, mas foram embora sem lutar. Não houvera captura de prisioneiros. Moiraine e Lan pareciam pensar que os cavaleiros podiam ser bandidos ou partidários de uma ou outra Casa que estava tentando tomar o Trono do Sol. Todos igualmente maltrapilhos. Quem quer que fossem, a notícia de que havia mais Aiel em Cairhien logo se espalharia.

— Eles acabariam sabendo mais cedo ou mais tarde. — Foi o único comentário de Elayne.

Egwene ficou observando enquanto Elayne e as Sábias desapareciam — parecia que a garota e o Coração da Pedra estavam se desvanecendo. Sua amiga de cabelos dourados não deu nenhum sinal de que entendera a mensagem.

25

Sonhos com Galad

Em vez de retornar ao próprio corpo, Egwene flutuou na escuridão. Ela mesma parecia fazer parte da escuridão. Se seu corpo estava acima, abaixo ou ao lado, Egwene não sabia — não havia orientação ali —, mas sabia que estava perto e que poderia retornar com facilidade. No breu, libélulas pareciam cintilar, uma enorme horda desaparecendo a uma distância inimaginável. Aquilo tudo eram sonhos, sonhos dos Aiel no acampamento, sonhos de homens e mulheres por toda Cairhien, por todo o mundo — todos ali, reluzindo.

Agora já conseguia reconhecer alguns entre os mais próximos e até identificar o sonhador. De certa forma, aquelas faíscas eram tão parecidas quanto libélulas — e foi isso que lhe rendeu tantos problemas no começo —, mas, por outro lado, de algum modo, elas agora aparentavam ser tão únicas quanto rostos. Os sonhos de Rand e os de Moiraine pareciam desbotados, ofuscados pelas proteções que ambos haviam tecido. Os de Amys e Bair eram brilhantes e regulares em sua pulsação. Parecia que as duas haviam seguido o próprio conselho. Se não os tivesse avistado, Egwene teria voltado de imediato para o próprio corpo. As duas eram capazes de perambular por aquela escuridão com muito mais desenvoltura que ela, que não saberia da presença de nenhuma delas até que a atacassem. Se Egwene um dia aprendesse a reconhecer Elayne e Nynaeve da mesma maneira, poderia sempre encontrá-las naquela grande constelação, independentemente do lugar do mundo em que estivessem. Naquela noite, porém, não tinha a intenção de observar o sonho de ninguém.

Com cuidado, formou uma imagem bem nítida em sua mente, e no segundo seguinte estava de volta a *Tel'aran'rhiod*, no quartinho sem janelas, na Torre, onde morara quando noviça. Havia uma cama estreita embutida em uma das paredes pintadas de branco. Uma pia e um banquinho de três pernas repousavam de frente para a porta, e os vestidos e anáguas de lã branca de quem agora ocupava o cômodo estavam pendurados com pregadores junto a um manto branco. Não teria sido estranho encontrar o quarto desocupado. Fazia muitos anos que a Torre não conseguia preencher os aposentos das noviças. O chão

era quase tão claro quanto as paredes e as roupas. Todos os dias, as noviças que ali moravam esfregavam aquele piso de joelhos. Egwene fizera aquilo, assim como Elayne, no quarto ao lado. Se uma rainha fosse treinar na Torre, começaria em um quarto como aquele, esfregando o chão.

As vestimentas estavam arrumadas de um jeito diferente quando ela tornou a olhar, mas Egwene ignorou. Pronta para agarrar *saidar* em um piscar de olhos, abriu a porta apenas o suficiente para colocar a cabeça para fora. E respirou aliviada ao ver a cabeça de Elayne fazendo o mesmo movimento na porta ao lado, tão lentamente quanto ela. Egwene torceu para não estar com a mesma expressão hesitante e olhos arregalados. Acenou depressa, e Elayne se adiantou, trajando o branco das noviças que se transformou em um vestido de cavalgada de seda cinza-claro assim que ela zarpou para dentro. Egwene odiava vestidos cinzas. Era o traje das *damane*.

Permaneceu ali por mais alguns instantes, examinando os corredores dos aposentos das noviças. Ocupavam vários outros andares, acima e abaixo, até o Pátio das Noviças, no térreo. Não que Egwene de fato esperasse que Liandrin ou alguém pior estivesse ali, mas era sempre bom ter cuidado.

— Achei que era isso que você queria dizer — falou Elayne, quando Egwene fechou a porta. — Faz ideia de quanto é difícil lembrar o que eu posso ou não posso falar na frente de quem? Às vezes queria que a gente pudesse contar tudo logo para as Sábias. Deixar que saibam que somos apenas Aceitas e acabar com esse assunto.

— Eu é que ia acabar com você — retrucou Egwene, com firmeza. — Por acaso, estou dormindo a menos de vinte passadas delas.

Elayne estremeceu.

— Aquela Bair… Ela me lembra Lini quando eu quebrava algo em que não deveria nem encostar.

— Espere até conhecer Sorilea.

Elayne lhe lançou um olhar de dúvida, mas, por outro lado, Egwene não tinha certeza de que ela própria teria acreditado em Sorilea até conhecê-la. Não havia como fazer aquilo de um jeito fácil. Ela mexeu no xale.

— Me conte sobre o encontro com Birgitte. Era Birgitte, não era?

Elayne cambaleou como se tivesse sido atingida no estômago. Seus olhos azuis se fecharam por um momento, e ela respirou tão fundo que poderia ter se enchido de ar até a ponta dos pés.

— Não posso falar com você sobre isso.

— Como assim não pode falar? Você tem língua. Era Birgitte?

— Eu *não posso*, Egwene. Você precisa acreditar em mim. Se pudesse, eu contaria, mas não posso. Talvez… eu possa perguntar… —

Se Elayne fosse o tipo de mulher que torcia as mãos, estaria fazendo isso. Sua boca se abriu e se fechou sem emitir nenhuma palavra, os olhos percorreram todo o quarto como se buscassem inspiração ou auxílio. Ela respirou fundo e fitou Egwene com um olhar azul urgente. — Qualquer coisa que eu diga viola segredos que jurei guardar. Inclusive isso. Por favor, Egwene. Você precisa confiar em mim. E não pode dizer a *ninguém* o que… acha que viu.

Egwene se forçou a tirar do rosto a expressão severa.

— Vou confiar em você. — Pelo menos já não tinha a menor dúvida de que não estivera vendo coisas. *Birgitte? Luz!* — Espero que um dia confie em mim o suficiente para me contar.

— Eu *confio* em você, mas… — Balançando a cabeça, Elayne se sentou na beira da cama muito bem-arrumada. — Guardamos segredos com frequência exagerada, Egwene, mas às vezes há um motivo.

Um momento depois, Egwene assentiu e se sentou ao lado dela.

— Quando você puder. — Foi tudo o que disse, mas a amiga lhe deu um abraço aliviado.

— Eu disse a mim mesma que não perguntaria isto, Egwene. Que ao menos uma vez não ficaria só pensando nele. — O vestido de cavalgada cinza se transformou em um cintilante vestido verde. Era impossível que Elayne soubesse quão profundo era o decote. — Mas… Rand está bem?

— Está são e salvo, se é isso que você quer saber. Achei que ele foi duro em Tear, mas hoje eu o ouvi ameaçar enforcar os homens que não obedecerem a seus comandos. Não que sejam ordens ruins. Ele não vai deixar ninguém levar comida sem pagar ou assassinar pessoas, mas mesmo assim. Eles foram os primeiros a aclamá-lo como Aquele Que Vem Com a Aurora e o seguiram para fora do Deserto sem hesitação. E Rand os ameaçou, duro como aço.

— Não é uma ameaça, Egwene. Ele é um rei, seja lá o que você ou ele ou sei lá quem diga, e um rei ou uma rainha devem conferir justiça sem temer os inimigos ou favorecer os amigos. Qualquer um que faça isso precisa ser duro. Mamãe às vezes faz as muralhas da cidade parecerem macias.

— Mas ele não precisa ser tão arrogante — opinou Egwene, calma. — Eu deveria lembrá-lo de que ele é apenas um homem, como Nynaeve me pediu, mas ainda não descobri como fazer isso.

— Ele *precisa* se lembrar de que é apenas um homem. Mas tem o direito de esperar que o obedeçam. — Havia um toque de orgulho no tom de Elayne, até que a garota baixou o olhar para si mesma. Então seu rosto enrubesceu e o vestido verde de repente estampava uma gola rendada até abaixo do queixo. — Tem certeza de que não está confundindo isso com arrogância? — concluiu, com voz abafada.

— Ele está tão presunçoso quanto um porco em uma plantação de grãos. — Egwene se remexeu na cama. Lembrava-se de ser dura, mas o colchão fino parecia mais macio do que onde dormia na tenda. Não queria falar sobre Rand. — Acha mesmo que essa briga não vai criar mais problemas? — Uma rixa com a tal de Latelle não facilitaria em nada a viagem deles.

— Acho que não. O problema de Latelle com Nynaeve era não ter mais todos os homens descompromissados à disposição para ela escolher. Algumas mulheres pensam assim, suponho. Aludra é reservada, Cerandin não assustaria nem um ganso até eu começar a ensiná-la a se defender, e Clarine é casada com Petra. Mas Nynaeve já deixou claro que vai dar um tapa no pé do ouvido de qualquer homem que sequer *pense* que pode flertar com ela, e já se desculpou com Latelle, então espero que isso resolva a questão.

— Ela *se desculpou*?

Elayne assentiu, com uma expressão tão pasma quanto Egwene sabia estar fazendo.

— Eu achei que Nynaeve ia bater em Luca quando ele disse que ela tinha que pedir desculpas… E ele parece pensar que a regra dela não se aplica a ele, aliás. Mas, bom, ela se desculpou, depois de reclamar por mais ou menos uma hora. Resmungando sobre você, na verdade. — Elayne hesitou e lançou um olhar de soslaio na direção de Egwene. — Você falou alguma coisa no último encontro? Nynaeve tem se comportado… diferente… desde então, e às vezes fica falando sozinha. Discutindo, na verdade. Sobre você, pelo pouco que escutei.

— Eu não disse nada que não deveria ter dito. — Então seu efeito sobre Nynaeve se mantinha, fosse qual fosse o motivo. Ou isso, ou Nynaeve estava acumulando raiva para a próxima vez que se encontrassem. Egwene não pretendia mais aturar o gênio da mulher, não agora que sabia que não precisava. — Fale que eu mandei dizer que ela já é velha demais para ficar rolando no chão em uma briga. Se ela se meter em outra dessas, vai ouvir coisas piores. Fale exatamente assim. Que vai ser pior.

Que Nynaeve ficasse com isso em mente até a próxima vez. Ou ela estaria mansa como uma ovelha… ou Egwene teria que cumprir a ameaça que fizera. Nynaeve podia até ser mais forte com o Poder quando era capaz de canalizar, mas, ali, a mais forte era Egwene. De um jeito ou de outro, pusera um fim nas birras de Nynaeve.

— Eu vou falar para ela — afirmou Elayne. — Você também está diferente. Parece haver algo da atitude de Rand em você.

Egwene precisou de um momento para perceber o que a garota quis dizer; aquele sorrisinho divertido ajudou.

— Não fale besteira.

Elayne gargalhou e lhe deu outro abraço.

— Ah, Egwene, um dia você vai ser o Trono de Amyrlin, quando eu for a Rainha de Andor.

— Se a Torre ainda existir até lá — retrucou Egwene em um tom sóbrio, fazendo a gargalhada de Elayne desaparecer.

— Elaida não tem como destruir a Torre Branca, Egwene. O que quer que ela faça, a Torre vai permanecer. Talvez ela não dure como Amyrlin. Assim que Nynaeve se lembrar do nome daquela cidadezinha, aposto que vamos encontrar uma Torre no exílio. E com todas as Ajahs, exceto a Vermelha.

— Espero que sim. — Egwene sabia que soava triste. Queria que as Aes Sedai apoiassem Rand e se opusessem a Elaida, mas isso significaria uma Torre Branca rompida, e que talvez nunca mais voltasse a ser inteira.

— Preciso voltar — avisou Elayne. — Nynaeve insiste que quem não entra em *Tel'aran'rhiod* tem que ficar acordada, e ela está com dor de cabeça.Tem mais é que tomar um de seus chás de ervas e dormir. Não sei por que ela é tão insistente. Quem fica assistindo não pode fazer nada para ajudar, e nós já sabemos o bastante para ficarmos seguras aqui. — Seu vestido verde piscou e, por um instante, se transformou no casaco branco e nas volumosas calças amarelas de Birgitte e logo voltou a ser o que era. — Ela disse que não era para eu lhe falar isso, mas acha que Moghedien está tentando nos encontrar. Nynaeve e eu.

Egwene não fez a pergunta óbvia. Estava claro que se tratava de algo que Birgitte lhes contara. Por que Elayne queria tentar manter aquilo em segredo? *Porque ela prometeu. Elayne nunca quebrou uma promessa em toda a vida.*

— Diga a ela para ter cuidado. — Se achasse que um dos Abandonados estava atrás dela, a chance de Nynaeve ficar sentada esperando era pequena. Ela se lembraria de que derrotara a mulher uma vez, e sempre tivera mais coragem do que bom senso. — Não podemos subestimar os Abandonados. Nem os Seanchan, mesmo que, supostamente, não passem de tratadores de animais. Diga isso a ela.

— Acho que você não me daria ouvidos se eu lhe dissesse para tomar cuidado também.

Ela lançou um olhar surpreso para Elayne.

— Eu sempre tomo cuidado. Você sabe disso.

— Claro. — A última coisa que Egwene viu enquanto a outra mulher ia desaparecendo foi um sorriso divertido.

Egwene não foi embora. Se Nynaeve não se lembrava de onde era aquela reunião das Azuis, talvez ali ela pudesse descobrir. Estava longe de ser uma ideia nova: aquela não era sua primeira visita à Torre desde o último encontro com Nynaeve. Mudou seu rosto para o de Enaila, os cabelos cor de fogo caindo até os ombros, e um vestido

de Aceita com faixas coloridas na bainha, então formou a imagem do gabinete da Amyrlin, com sua mobília ornamentada.

O cômodo estava como sempre, embora, a cada visita, menos bancos entalhados com vinhas permanecessem no arco em frente à ampla escrivaninha. Os quadros ainda estavam pendurados acima da lareira. Egwene caminhou rápido até a escrivaninha, empurrando de lado aquela cadeira que parecia um trono, com a Chama de Tar Valon incrustada em marfim, para poder alcançar a caixa de correspondências laqueada. Ao levantar a tampa, toda entalhada com falcões e nuvens, começou a vasculhar os pergaminhos o mais rápido que podia. Ainda assim, alguns sumiram sem serem lidos por completo, ou se modificaram. Não havia como dizer de antemão o que era importante e o que era inútil.

A maior parte parecia ser relatórios de fracassos. Ainda não havia pistas sobre o local para onde o Senhor de Bashere levara seu exército, e uma nota de frustração e preocupação ecoava nas palavras. Aquele nome pareceu levemente familiar a Egwene, mas, sem tempo a perder, ela largou o relatório e tratou de apanhar outro. Nenhuma informação também sobre o paradeiro de Rand, dizia um relato bajulador com um tom de quase pânico. Era bom saber daquilo, o que já fazia a ida até lá ter valido a pena. Mais de um mês havia se passado desde que os espiões das Ajahs em Tanchico tinham dado notícia, e outros em Tarabon também estavam em silêncio. O autor da carta punha a culpa na anarquia do lugar. Os boatos de que alguém tomara Tanchico não puderam ser confirmados, mas o autor sugeria que o próprio Rand estava envolvido. Melhor ainda, caso Elaida estivesse procurando no lugar errado, a mil léguas de distância. Um confuso relatório dizia que uma irmã Vermelha em Caemlyn afirmara ter visto Morgase em uma audiência pública, mas vários agentes das Ajahs na cidade disseram que a Rainha não aparecia há dias. Confrontos nas Terras da Fronteira, possíveis rebeliões menores em Shienar e Arafel. O pergaminho sumiu antes que ela chegasse ao motivo. Pedron Niall convocando os Mantos-brancos para Amadícia, provavelmente para ir contra Altara. Que bom que Elayne e Nynaeve só passariam mais três dias ali.

O pergaminho seguinte era sobre Elayne e Nynaeve. Primeiro, a autora se mostrava contrária a punir a agente que permitira que as duas escapassem — Elaida havia riscado aquelas palavras com rabiscos fortes e escrito “Fazer dela um exemplo!” na margem —, e a seguir, quando a mulher começava a detalhar a busca pela dupla em Amadícia, a folha única se tornou um punhado, um maço do que pareciam ser as estimativas de construtores e pedreiros para a construção de uma residência privada para o Trono de Amyrlin na área da Torre. Mais para um palácio, pelo número de páginas.

Egwene deixou as páginas caírem, e elas desapareceram antes de se espalharem pelo tampo da escrivaninha. A caixa laqueada estava fechada outra vez. Egwene sabia que poderia passar o resto da vida ali. Sempre haveria mais documentos na caixa, e eles sempre estariam mudando. Quanto mais efêmero era algo no mundo desperto — uma carta, uma peça de roupa, uma tigela que podia ser mudada de lugar com frequência —, menos firme era seu reflexo em *Tel'aran'rhiod*. Não podia ficar ali por muito tempo. Dormir enquanto estava no Mundo dos Sonhos não era tão repousante quanto um sono sem perturbações.

Saindo apressada da antecâmara, Egwene estava prestes a alcançar as pilhas organizadas de rolos e pergaminhos, alguns lacrados, na escrivaninha da Curadora, quando o aposento pareceu piscar. Antes que ela tivesse tempo de sequer considerar o que aquilo significava, a porta se abriu e Galad entrou, sorrindo, o casaco azul bordado ajustado com perfeição aos ombros, as calças justas delineando o formato das panturrilhas.

Egwene respirou fundo, o estômago palpitando. Simplesmente não era justo que um homem tivesse um rosto tão bonito.

Ele se aproximou, os olhos escuros cintilando, e roçou a bochecha dela com os dedos.

— Quer dar uma volta comigo no Jardim das Águas? — perguntou, com delicadeza.

— Se vocês dois querem trocar carícias — disse uma voz feminina, com rispidez —, não é aqui que vão fazer isso.

Egwene girou, e seus olhos arregalados fitaram Leane sentada atrás da escrivaninha com a estola de Curadora nos ombros e um sorriso afetuoso no rosto acobreado. A porta para o gabinete da Amyrlin estava aberta e, lá dentro, Siuan estava de pé ao lado de sua escrivaninha simples e polida, onde lia um longo pergaminho, a estola de trabalho listrada em seus ombros. Aquilo era loucura.

Egwene fugiu sem pensar na imagem que estava formando, e se pegou tentando recuperar o fôlego em meio à vegetação de Campo de Emond, as casas com telhado de palha ao redor, e o rio Fonte de Vinho jorrando da pedra para a vasta extensão de grama. Perto da fonte de águas límpidas repousava a pequena estalagem de seu pai, o andar inferior de pedra, o superior, de paredes caiadas. "O único telhado do tipo em Dois Rios", como Bran al'Vere sempre dizia a respeito de suas telhas vermelhas. A grande fundação de pedra perto da Estalagem Fonte de Vinho, com um imenso carvalho se erguendo no centro, era bem mais antiga que a própria estalagem, mas alguns diziam que algum tipo de estalagem existira ali, ao lado do rio Fonte de Vinho, há mais de dois mil anos.

Idiota. Depois de ter alertado Nynaeve com tanta firmeza a respeito dos sonhos em *Tel'aran'rhiod*, Egwene quase se permitira ser

apanhada em um dos seus. Embora fosse estranho Galad aparecer. Às vezes, de fato, sonhava com ele. Seu rosto esquentou. Certamente não o amava, ou sequer gostava tanto assim dele, mas Galad era bonito, e, naqueles sonhos, era bem mais do que ela poderia desejar. Era com Gawyn, o irmão dele, que Egwene sonhava com mais frequência, mas aquilo era igualmente tolo. O que quer que Elayne tivesse dito, o homem nunca manifestara nenhum sentimento por ela.

Fora aquele livro bobo, com todas aquelas histórias de amantes. Assim que acordasse, de manhã, iria devolver aquele troço para Aviendha. E diria a ela que não acreditava nem um pouco que ela o lia por causa das aventuras.

Estava relutante em ir embora, no entanto. Casa. Campo de Emond. O último lugar onde realmente se sentira segura. Mais de um ano e meio havia se passado desde a última vez que vira o local, mas tudo parecia estar conforme lembrava. Nem tudo. No Campo, havia dois postes altos com grandes estandartes: uma águia vermelha e uma cabeça de lobo, também vermelha.

Será que Perrin tinha alguma coisa a ver com aquilo? Ela não conseguia imaginar como. Mas ele tinha ido para casa, foi o que disse Rand, e ela sonhara com ele e com lobos mais de uma vez.

Não podia mais ficar ali parada. Era hora de…

Pisca.

A mãe saiu da estalagem, a trança quase grisalha caída em um dos ombros. Marin al'Vere era uma mulher esbelta, ainda bonita, e a melhor cozinheira de Dois Rios. Egwene escutou o pai gargalhando no salão, onde estava reunido com o restante do Conselho da Aldeia.

— Ainda está aí fora, garota? — perguntou a mãe, bem-humorada, em uma repreensão gentil. — Você com certeza já está casada há tempo suficiente para saber que não deveria demonstrar para o seu marido que fica se lamuriando enquanto espera por ele. — Com um balançar de cabeça, ela gargalhou. — Tarde demais. Aí vem ele.

Egwene se virou, ansiosa, os olhos indo além das crianças que brincavam no Campo. As toras da Ponte das Carroças tamborilaram quando Gawyn as atravessou galopando e desceu da sela bem em frente a ela. Alto e ereto em seu casaco vermelho com bordados de ouro, o homem tinha os mesmos cachos acobreados da irmã, além de olhos maravilhosos de um azul profundo. Não era tão bonito quanto seu meio-irmão, claro, mas o coração dela batia mais forte por ele do que batera por Galad — *Por Galad? O quê?* —, e Egwene precisou apertar o estômago em uma vã tentativa de atenuar o friozinho que ele lhe causava.

— Sentiu minha falta? — perguntou Gawyn, sorrindo.

— Um pouco. — *Por que pensei em Galad? Como se eu tivesse*

acabado de vê-lo há poucos instantes. — Uma vez ou outra, quando não havia nada de interessante para ocupar meu tempo. Você sentiu a minha falta?

A resposta dele foi erguê-la do chão e lhe dar um beijo. Egwene não prestou atenção em muito mais do que isso até ele a colocar de volta no chão, as pernas bambas. Os estandartes haviam desaparecido. *Que estandartes?*

— Aqui está ele — anunciou a mãe, aproximando-se com um bebê enrolado em um cobertor. — Aqui está seu filho. É um belo menino. Nunca chora.

Gawyn soltou uma gargalhada ao tomar a criança nos braços e erguê-la bem alto.

— Ele tem os seus olhos, Egwene. Vai fazer sucesso com as meninas, algum dia.

Sacudindo a cabeça, Egwene se afastou dos dois. *Houvera* estandartes, uma águia e uma cabeça de lobo vermelhas. Ela *tinha* visto Galad. Na Torre.

— Nããããooooo!

Ela fugiu, saltando de *Tel'aran'rhiod* direto para o próprio corpo. Ficou consciente apenas o bastante para se perguntar como pôde ser tola a ponto de permitir que as próprias fantasias quase a aprisionassem, e em seguida já estava profundamente imersa e segura no próprio sonho. Gawyn atravessava a Ponte das Carroças galopando e descia…

Surgindo de trás de uma casa com telhado de palha, Moghedien se perguntou distraidamente onde ficaria aquele vilarejo. Não era o tipo de lugar onde esperaria encontrar estandartes ao vento. A garota era mais forte do que pensara, para conseguir escapar de sua tessitura em *Tel'aran'rhiod*. Nem Lanfear conseguia aperfeiçoar suas habilidades ali, independentemente do que afirmasse. A garota só era de seu interesse porque estivera conversando com Elayne Trakand, que poderia levá-la a Nynaeve al'Meara. O único motivo para prendê-la era livrar *Tel'aran'rhiod* de alguém capaz de andar livremente por lá. Já era ruim o bastante precisar dividir o Mundo dos Sonhos com Lanfear.

Mas havia Nynaeve al'Meara. Aquela mulher, Moghedien pretendia ver implorando para servi-la. Ela a capturaria pessoalmente, e talvez pedisse ao Grande Senhor para conceder imortalidade à garota, para que aquela Nynaeve tivesse toda a eternidade para se arrepender de ter se oposto a Moghedien. Ela e Elayne estavam planejando algo com Birgitte, não era? Outra que ela tinha motivos para punir. Birgitte nem soubera quem era Moghedien, muito tempo atrás, na Era das Lendas, quando frustrara seu plano, urdido com tanto

esmero, para sobrepujar Lews Therin. Mas Moghedien sabia quem ela era. Só que Birgitte — Teadra, como então se chamara — havia morrido antes que a Abandonada pudesse dar conta dela. A morte não era uma punição, não era um fim, não quando significava viver ali.

Nynaeve al'Meara, Elayne Trakand e Birgitte. Aquelas três ela encontraria, e daria um jeito em todas elas. Vindo pelas sombras, para que não percebessem nada até que fosse tarde demais. Todas as três, sem exceção.

Ela desapareceu, e os estandartes continuaram tremulando ao sabor da brisa de *Tel'aran'rhiod*.

26

Sallie Daera

O halo de grandeza, azul e dourado, bruxuleava intermitentemente em torno da cabeça de Logain, embora ele cavalgasse encurvado na sela. Min não entendia por que o halo vinha aparecendo com mais frequência nos últimos dias. O homem já nem se dava ao trabalho de erguer os olhos das ervas daninhas à frente do garanhão negro para as pequenas colinas arborizadas a volta deles.

As outras duas mulheres cavalgavam juntas um pouco adiante, Siuan tão desajeitada em Bela quanto sempre, Leane conduzindo habilmente sua égua cinzenta, mais com os joelhos do que com as rédeas. Apenas a fileira tão reta que não podia ser natural de samambaias perpassando as folhas que cobriam o solo da floresta davam pista de que, um dia, houvera uma estrada ali. As samambaias estavam murchando, e o tapete de folhas secas farfalhava e crepitava sob as patas dos cavalos. Galhos que se entrelaçavam em aglomerados densos proporcionavam um pequeno abrigo para o sol do meio-dia, mas o clima não tinha nada de fresco. O suor escorria pelo rosto de Min, apesar de uma brisa ocasional que soprava por trás deles.

Já fazia quinze dias que cavalgavam para o oeste e o sul vindos de Lugard, guiados apenas pela insistência de Siuan de que sabia exatamente para onde estavam indo. Não que ela revelasse o destino, claro. Siuan e Leane mantinham a boca tão fechada quanto armadilhas para ursos. Min não tinha certeza nem se Leane sabia. Quinze dias, e cidadezinhas e aldeias foram ficando cada vez mais raras e distantes uma da outra, até que, finalmente, já não havia nenhuma. Dia após dia, os ombros de Logain haviam se curvado ainda mais, e, dia após dia, o halo aparecia com mais frequência. De início, o homem só passara a resmungar que estavam caçando Jak das Névoas, mas Siuan reconquistara sua liderança sem oposição à medida que Logain foi se ensimesmando cada vez mais. Durante os últimos seis dias, ele parecera não ter nem a energia necessária para se importar com o lugar para onde estavam indo ou se conseguiriam chegar lá.

Mais à frente, Siuan e Leane conversavam tranquilamente. Tudo o

que Min ouvia era um murmúrio quase inaudível que também poderia ser o som do vento nas folhas. E, caso tentasse cavalgar mais perto, as duas lhe diriam para ficar de olho em Logain, ou simplesmente a encarariam até que só uma idiota completa fosse manter o nariz enfiado onde não fora chamada. Já haviam agido das duas maneiras com demasiada frequência. De tempos em tempos, no entanto, Leane se virava na sela para dar uma olhada em Logain.

Por fim, Leane deixou Flor da Lua diminuir o passo para andar ao lado do garanhão negro dele. O calor não parecia incomodá-la. Não mais que um brilho de suor maculava seu rosto acobreado. Min usou as rédeas para guiar Rosa Selvagem para o lado e abrir espaço.

— Agora falta pouco — disse Leane para ele, com voz abafada. Logain não tirou o olhar das ervas daninhas à frente do cavalo. Ela se inclinou mais para perto e segurou no braço dele para se equilibrar. Apertou-o, na verdade. — Só mais um pouco, Dalyn. Você vai ter sua vingança. — Os olhos dele continuaram monotonamente fixos na estrada.

— Um morto prestaria mais atenção — opinou Min, com sinceridade.

Vinha anotando mentalmente tudo o que Leane fazia, e conversava com ela a respeito, de noite, embora tentasse não revelar seus motivos. Jamais seria capaz de se comportar como Leane. *Só se estivesse tão cheia de vinho que já não conseguisse nem pensar.* Porém, algumas pistas poderiam vir a calhar.

— Se você o beijasse, quem sabe?

Leane lhe disparou um olhar que poderia ter congelado a água corrente de um riacho, mas Min mal olhou de volta. Nunca tivera com Leane os mesmos problemas que tinha com Siuan — bem, não tantos, pelo menos — e os poucos conflitos haviam diminuído desde que a mulher deixara a Torre. E diminuído ainda mais quando começaram a conversar sobre homens. Como se sentir intimidada por uma mulher que lhe dissera, na mais absoluta seriedade, que havia cento e sete tipos diferentes de beijos e noventa e três maneiras de tocar o rosto de um homem com as mãos? Leane realmente parecia acreditar naquilo tudo.

Min não pretendera que a sugestão do beijo soasse como piada. Leane andara arrastando asa para Logan, dando sorrisinhos que deveriam fazê-lo soltar fumaça pelas orelhas, desde o dia em que o homem fora arrastado dos cobertores, em vez de acordar primeiro para apressar o resto do grupo. Min não sabia se a antiga Curadora sentia mesmo algo por ele, embora achasse difícil sequer considerar a possibilidade, ou se só estava tentando evitar que ele desistisse e morresse, mantendo-o vivo para o que quer que Siuan tivesse planejado.

Leane certamente não abrira mão de flertar com outros homens. Ela e Siuan pareciam ter combinado que Siuan lidaria com as mulheres, Leane, com os homens, e assim tinha sido desde Lugard. Seus sorrisos e olhares já lhes tinham valido quartos em dois locais onde os estalajadeiros disseram que não havia nenhum, diminuído a conta nestes e em outros três, e, em duas oportunidades, garantira noites de sono em celeiros, em vez de arbustos. Também tinham feito com que os quatro acabassem perseguidos pela esposa de um fazendeiro com um forcado na mão. E mingau frio do café da manhã fora *arremessado* neles por outra. Mas Leane achara os dois incidentes engraçados, ainda que ninguém mais concordasse. Nos últimos dias, no entanto, Logain parara de reagir como todos os outros homens que passavam mais de dois minutos olhando para ela. Parara de reagir a ela e a qualquer outra coisa.

Siuan freou Bela, sem jeito, os cotovelos abertos, parecendo prestes a cair a qualquer momento. O calor também não a afetava.

— Já faz a leitura dele hoje? — Ela mal olhou para Logain.

— Ainda é a mesma — respondeu Min, pacientemente.

Siuan se recusava a entender ou a acreditar, não importava quantas vezes Min lhe dissesse, assim como Leane. Não teria feito diferença se ela não tivesse visto a aura desde aquela primeira vez, em Tar Valon. Mesmo que Logain estivesse caído na estrada, às portas da morte, ela teria apostado tudo o que tinha e o que não tinha em algum tipo de recuperação milagrosa. A aparição de uma Aes Sedai para Curá-lo. Qualquer coisa. O que ela via era sempre verdade. Sempre acontecia. Ela sabia, da mesma maneira que soubera, na primeira vez em que vira Rand al'Thor, que iria se apaixonar perdida e desesperadamente por ele, como soubera que teria que dividi-lo com duas outras mulheres. Logain estava destinado a uma glória com a qual poucos homens haviam sonhado.

— Não fale assim comigo — repreendeu-a Siuan, os olhos azuis se tornando mais penetrantes. — Já é ruim o bastante ter que dar comida na boca desta carpa peluda para fazê-la se alimentar. Não preciso também de você rabugenta feito um martim-pescador no inverno. Posso até ser obrigada a aturá-lo, garota, mas se você também começar a me criar problemas, vai se arrepender rapidinho. Fui clara?

— Sim, Mara. — *Você ao menos podia ter dito isso com uma pitadinha de sarcasmo*, pensou, irritada. *Não precisa ser dócil feito um ganso. Você já respondeu Leane.* Na última aldeia, a domanesa sugerira que ela praticasse com um ferrador o que vinham conversando. Um homem alto e bonito, com mãos de aparência fortes e um sorriso tranquilo, mas, ainda assim… — Vou tentar ser menos rabugenta.

A pior parte foi perceber que tentara soar sincera. Siuan tinha esse efeito. Min não conseguia nem começar a imaginar aquela mulher

discutindo maneiras de sorrir para um homem. Siuan encararia o sujeito, diria o que fazer e esperaria ser prontamente obedecida. Assim como fazia com todo mundo. Se fosse diferente, como com Logain, seria apenas porque o assunto não era suficientemente importante para que ela pressionasse.

— Não falta muito, não é? — indagou Leane, de repente. Ela guardava o outro tom de voz para os homens. — Não estou gostando da aparência dele, e se precisarmos parar mais uma noite… Bem, se ele cooperar menos do que cooperou hoje de manhã, não sei se vamos ser capazes de colocá-lo de novo na sela.

— Não muito, se aquelas últimas orientações que eu peguei estiverem certas.

Siuan parecia irritada. Havia feito perguntas na última aldeia, dois dias antes — sem deixar que Min ouvisse, claro, e Logain nem demonstrara interesse —, e não gostava que a lembrassem disso. Min não entendia o motivo. Não havia como Siuan esperar que Elaida estivesse atrás delas.

Ela mesma torcia para que não faltasse muito. Era difícil saber com certeza quanto para o sul já tinham viajado desde que saíram da estrada para Jehannah. A maioria dos aldeões só tinha uma vaga ideia da localização de suas aldeias com relação a qualquer outra coisa que não fosse as cidadezinhas mais próximas. Mas, quando o grupo cruzara o Manetherendrelle e entrara em Altara, um pouco antes de Siuan tirá-los da estrada movimentada, o velho balseiro grisalho, por algum motivo, revelara possuir um mapa esfarrapado que ilustrava até as Montanhas da Névoa. A menos que suas estimativas estivessem equivocadas, faltavam poucas milhas para que alcançassem outro rio bem largo. Ou era o Boern, o que significaria que já estavam em Ghealdan, onde o Profeta e seus seguidores estavam, ou o Eldar, com Amadícia e os Mantos-brancos do outro lado.

A aposta de Min era Ghealdan, com ou sem Profeta, e até isso seria uma surpresa, caso realmente estivessem perto. Só um tolo pensaria em encontrar uma reunião de Aes Sedai mais perto de Amadícia do que o estritamente necessário, e Siuan era tudo, menos tola. Estivessem eles em Ghealdan ou Altara, Amadícia não podia estar a muitas milhas de distância.

— Uma hora o amansamento ia afetá-lo — resmungou Siuan. — Tomara que consiga aguentar mais alguns dias… — Min manteve a boca fechada. Se a mulher não lhe daria ouvidos, não fazia sentido falar.

Siuan balançou a cabeça e esporeou Bela de volta para a frente, agarrando-se às rédeas como se esperasse que a robusta égua disparasse, e Leane retomou a voz aveludada e os mimos a Logain. Talvez ela realmente nutrisse sentimentos por ele. Não seria uma

preferência mais estranha que a de Min.

Passavam por colinas arborizadas sem o menor sinal de mudança, uma profusão de árvores e emaranhados de ervas daninhas e silveiras. As samambaias que demarcavam a antiga estrada continuavam lá, retas como uma flecha. Leane dissera que o solo era diferente onde estivera a estrada, como se Min devesse conseguir reparar naquilo. Esquilos e suas orelhas felpudas volta e meia tagarelavam com eles de algum galho, e pássaros piavam vez ou outra. Quais pássaros, Min não chegava nem perto de adivinhar. Quando comparada a Caemlyn, Illian ou Tear, Baerlon nem podia ser considerada uma cidade, mas ela se via como uma mulher urbana. Um pássaro era um pássaro. E não se preocupava em saber em que tipo de solo uma samambaia florescia.

Suas dúvidas voltaram a emergir. Tinham dado as caras mais de uma vez desde Fontes de Kore, mas fora mais fácil reprimir suas questões, à época. De Lugard em diante, vinham à tona com mais frequência, e Min se viu pensando a respeito de Siuan de maneiras que, no passado, jamais teria ousado pensar. Não que tivesse coragem de confrontar a mulher com qualquer de suas ponderações, claro. Admitir aquilo, até para si mesma, a deixava irritada. Mas talvez Siuan *não* soubesse para onde estava indo. Ela podia mentir, já que o estancamento a livrara dos Três Juramentos. Talvez ainda estivesse apenas torcendo para que, ao continuar procurando, descobrisse algum rastro do que precisava desesperadamente encontrar. De maneira peculiar, decerto, e ainda aos poucos, Leane começara a construir uma vida longe de preocupações com poder, o Poder e Rand. Não que tivesse abandonado isso tudo de vez, mas Min achava que, para Siuan, *não havia* mais nada. A Torre Branca e o Dragão Renascido eram toda a vida dela, e a mulher se agarraria aos dois mesmo que precisasse mentir para si mesma.

As florestas deram lugar a uma grande aldeia, tão subitamente que deixou Min atordoada. Liquidâmbares, carvalhos e pinheiros retorcidos — essas árvores ela reconheceu — contornavam umas cinquenta passadas de casas com telhado de palha, feitas de seixos do rio, equilibrando-se nas pequenas elevações. Min poderia apostar que até pouco tempo as árvores ocupavam bem mais espaço. Uma boa quantidade de troncos se erguia em moitinhas estreitas em meio a algumas das casas, inclinados contra as paredes, e, aqui e ali, havia cepos murchos perto da entrada das moradias. As ruas ainda tinham um aspecto de terra revolvida, não eram uma superfície endurecida e compacta, fruto de gerações e gerações de pés. Homens em camisas de manga curta estavam colocando palha nova em cima de três grandes cubos de pedra que só podiam ter sido estalagens — uma delas ainda apresentava os vestígios de uma placa desgastada e já apagada balançando acima da porta —, ainda que não houvesse nenhuma

palha velha onde pudesse ver. Havia bem mais mulheres perambulando do que homens, e muito poucas crianças brincando, em comparação com o número de mulheres. O cheiro de almoço no ar era a única característica normal do lugar.

Se o primeiro vislumbre surpreendeu Min, ela quase caiu do cavalo ao ver o que tinha diante de si. As mulheres mais jovens, sacudindo lençóis nas janelas ou realizando apressadamente diversas tarefas, trajavam vestidos simples de lã, mas nenhuma aldeia de nenhum tamanho abrigara tantas mulheres em vestidos de cavalgada de seda ou de ótima lã, em todas as cores e cortes. Em torno delas, e também da maior parte dos homens, auras e imagens flutuavam diante dos olhos de Min, piscando e se transformando. Era raro que as pessoas tivessem algo a ser lido, mas Aes Sedai e Guardiões dificilmente ficavam sem aura por períodos de mais de uma hora. As crianças deviam ter pertencido a serviçais da Torre. As Aes Sedai que se casavam eram raras e pouquíssimas, mas sabia que elas teriam feito todo o possível para levar os serviçais, com suas famílias, para longe de qualquer lugar do qual achassem que deveriam fugir. Siuan encontrara a reunião que procurava.

Houve uma estranha calmaria quando adentraram a aldeia, em seus cavalos. Ninguém falou. Aes Sedai os observavam, imóveis, bem como garotas e mulheres mais jovens, que deviam ser Aceitas ou até noviças. Homens que momentos antes se moviam com a graça de um lobo estavam paralisados, uma das mãos enfiada na palha ou esticada para uma porta, onde, sem dúvida, havia armas escondidas. As crianças tinham sumido, levadas às pressas por adultos que só podiam ser serviçais. Sob todos aqueles olhares petrificados, o pelo na nuca de Min se arrepiou.

Leane parecia nervosa e lançava olhares de soslaio para as pessoas pelas quais passavam, mas Siuan manteve o rosto sereno e calmo conforme liderava os demais em direção à maior das estalagens, a da placa ilegível, desmontando desajeitada para amarrar Bela ao anel de ferro de uma das colunas de pedra que pareciam ter sido erguidas há pouco tempo. Ajudando Leane a ajudar Logain a desmontar — Siuan nunca se oferecia para colocá-lo ou tirá-lo da sela —, Min se pegou espiando os arredores. Todos observando, ninguém se movendo.

— Eu não esperava ser recebida como uma filha retornando para casa — murmurou para Leane —, mas por que ninguém dá nem um oi?

Antes que Leane pudesse responder, caso pretendesse fazê-lo, Siuan se antecipou.

— Bem, não parem de remar só porque a margem já está perto. Tragam o homem para cá. — E sumiu lá dentro enquanto Min e Leane

ainda conduziam Logain até a porta. Ele foi sem resistência, mas, quando as duas deixaram de guiá-lo, o homem só deu mais um passo antes de parar.

O salão era diferente de todos os que Min já tinha visto. As amplas lareiras estavam apagadas, claro, e havia rachaduras em pontos de onde as pedras tinham desmoronado. O teto de gesso parecia podre, com buracos tão grandes quanto a cabeça dela e que deixavam as ripas à mostra. Mesas descombinadas, de todos os tamanhos e formas, repousavam sobre um piso que o tempo tornara áspero e que várias garotas estavam varrendo. Mulheres com rostos de idade indefinida estavam sentadas, examinando pergaminhos e dando ordens para Guardiões, uns poucos trajando o manto furta-cor, ou para outras mulheres, algumas das quais só podiam ser Aceitas ou noviças. Outras eram velhas demais para isso, cerca de metade já grisalha e acusando claramente a idade, e também havia homens que não eram Guardiões, a maioria correndo, como se estivessem levando mensagens, ou indo buscar pergaminhos e taças de vinho para as Aes Sedai. O alvoroço criava um clima agradável de eficiência. Auras e imagens dançavam e envolviam cabeças por todo o ambiente, e eram tantas que Min teve que tentar ignorá-las antes que a engolfassem. Não era fácil, mas fora um truque que tivera de aprender ao ficar em torno de mais do que um punhado de Aes Sedai de uma vez.

Quatro delas vieram devagar até a frente para cumprimentar os recém-chegados, graciosas e serenas em suas saias divididas. Para Min, ver seus traços familiares foi como chegar em casa depois de ter se perdido.

Os olhos verdes de Sheriam se fixaram imediatamente no rosto de Min. Raios prateados e azuis cintilavam em torno de seu cabelo carmesim, além de uma suave luz dourada. Min não sabia dizer o que aquilo significava. Levemente robusta em seu vestido de seda azul-escuro, ela parecia inflexível.

— Eu ficaria mais feliz de ver você, garota, se soubesse como descobriu nossa presença aqui e tivesse alguma noção de por que teve a ideia sem pé nem cabeça de trazê-lo para cá. — Meia-dúzia de Guardiões se aproximaram, mãos repousadas nas espadas e olhos fixos em Logain. Ele nem parecia percebê-los.

Min ficou boquiaberta. Por que estavam perguntando para *ela*?

— Ideia sem pé nem…? — Não teve a chance de dizer mais nada.

— Seria bem melhor — interrompeu Carlinya, friamente, as bochechas pálidas — se ele tivesse morrido, como dizem os boatos.

A frieza não era raiva, mas uma lógica puramente racional. Ela era da Ajah Branca. Seu vestido cor de marfim parecia já bastante usado. Por um instante, Min viu a imagem de um corvo flutuando ao lado do cabelo escuro da mulher. Pareceu mais o desenho de um corvo

do que o pássaro em si. Pensou que fosse uma tatuagem, mas não sabia o que significava. Ela se concentrou nos rostos e tentou não prestar atenção em mais nada.

— De qualquer forma, ele parece quase morto — continuou Carlinya, quase sem pausa. — Qualquer que seja sua ideia, seu esforço foi em vão. Mas eu também gostaria de saber como chegaram a Salidar.

Siuan e Leane ficaram paradas se entreolhando de modo presunçosamente divertido enquanto o massacre continuava. Ninguém nem *olhava* para elas.

Myrelle, linda em um vestido de seda verde com bordados dourados no corpete, o rosto de um oval perfeito, costumava exibir um sorriso sagaz que, às vezes, podia rivalizar com os novos truques de Leane. Naquele momento, quando apareceu por trás da irmã Branca, ela não estava sorrindo.

— Fale logo, Min. Nada de ficar aí boquiaberta feito uma boba. — A mulher era conhecida por seu temperamento impetuoso, mesmo entre as Verdes.

— Você precisa nos contar — acrescentou Anaiya, com uma voz mais gentil. No entanto, havia uma nota de exasperação nas palavras. Era uma mulher de aspecto comum e maternal, apesar da suavidade de Aes Sedai em seu rosto, e alisava as saias cinza-claro, parecendo uma mãe se contendo para não ir buscar uma vara. — Nós vamos achar um lugar para você e para estas duas outras garotas, mas precisa nos dizer como chegaram até aqui.

Min estremeceu e fechou a boca. Claro. Aquelas duas outras garotas. Já se acostumara tanto a ver as duas daquele jeito que nem pensava mais em quanto elas haviam mudado. Min duvidava que alguma daquelas mulheres tivesse visto Leane ou Siuan desde que elas foram levadas para as masmorras no subsolo da Torre Branca. Leane parecia prestes a cair na gargalhada, e Siuan balançou a cabeça de desgosto pelas Aes Sedai.

— Não é comigo que vocês querem falar — disse Min a Sheriam. *Deixem "estas duas garotas" enfrentarem estes olhares, para variar.* — Perguntem a Siuan, ou a Leane. — As mulheres olharam para Min como se ela fosse louca, até a garota indicar as duas acompanhantes com a cabeça.

Quatro pares de olhos de Aes Sedai saltaram para as outras duas, mas não houve reconhecimento imediato. Elas analisaram, franziram a testa e se entreolharam. Nenhum dos Guardiões tirou os olhos de Logain nem as mãos das espadas.

— O estancamento pode produzir este efeito — murmurou Myrelle, por fim. — Já li relatos que sugerem isso.

— Os rostos estão um tanto parecidos — opinou Sheriam,

hesitante. — Alguém poderia ter encontrado mulheres bem parecidas com elas, mas por quê?

Siuan e Leane não pareciam mais presunçosas.

— Nós somos quem somos — afirmou Leane, seca. — Perguntem alguma coisa. Nenhuma impostora poderia saber o que sabemos.

Siuan não esperou as perguntas.

— Meu rosto pode ter mudado, mas pelo menos eu sei o que estou fazendo e por quê. Aposto que isso é mais do que posso dizer de vocês.

Min lamentou aquele tom de voz duro, mas Myrelle assentiu.

— É a voz de Siuan Sanche. É ela.

— É possível treinar vozes — ponderou Carlinya, ainda fria e calma.

— Mas até que ponto é possível ensinar memórias? — Anaiya franziu o cenho inflexível. — Siuan, se é que você é Siuan mesmo, nós tivemos uma discussão no seu vigésimo-segundo aniversário, você e eu. Onde ela aconteceu e como terminou?

Siuan sorriu confiante para a mulher de aspecto maternal.

— Durante sua aula para as Aceitas sobre o porquê de tantas nações criadas a partir do império de Artur Asa-de-gavião não terem conseguido sobreviver após a morte dele. Falando nisso, eu ainda discordo em algumas questões. O resultado foi eu ter passado dois meses trabalhando três horas por dia nas cozinhas. “Espero que o calor abafe e diminua o seu ardor”, acho que foi o que você disse.

Se ela tinha pensado que uma resposta seria suficiente, estava enganada. Anaiya tinha mais perguntas para as duas mulheres, assim como Carlinya e Sheriam, que, aparentemente, haviam sido noviças e Aceitas junto com a dupla. Eram todas o tipo de coisa que nenhuma impostora teria como saber, de enrascadas em que se meteram, brincadeiras bem ou malsucedidas, e opiniões gerais a respeito de várias professoras Aes Sedai. Min não acreditou que as mulheres que vieram a se tornar o Trono de Amyrlin e a Curadora das Crônicas se metiam em confusão com tanta frequência, mas ficou com a impressão de que aquilo tudo era apenas a ponta do iceberg, e parecia que a própria Sheriam talvez não estivesse muito atrás. Myrelle, a mais jovem por muitos anos, se limitava a comentários divertidos, até Siuan falar sobre uma truta colocada na banheira de Saroyia Sedai e sobre uma noviça que passou um semestre inteiro sendo ensinada a melhorar o comportamento. Não que Siuan tivesse muita condição de falar sobre alguém tendo que melhorar o comportamento. Ter de lavar com heléboro-branco as camisolas de uma Aceita de quem ela não gostava, quando ainda era noviça? Sair escondida da Torre para ir pescar? Até as Aceitas precisavam de permissão para deixar a área da Torre, exceto durante horários específicos. Juntas, Siuan e Leane

haviam inclusive resfriado um balde de água até quase congelá-lo, então o posicionaram de modo a ensopar uma Aes Sedai que batera nelas com uma vara, segundo as duas, injustamente. Pelo brilho nos olhos de Anaiya, foi bom para elas não terem sido descobertas naquela ocasião. Pelo que Min sabia do treinamento das noviças — e do das Aceitas, aliás —, aquelas mulheres tiveram sorte de terem permanecido por tempo suficiente para que se tornassem Aes Sedai, isso para não falar de ainda estarem com o couro intacto.

— Estou satisfeita — disse, por fim, a mulher de aspecto maternal, olhando para as demais.

Myrelle aquiesceu logo depois de Sheriam, mas Carlinya disse:

— Ainda há a questão do que fazer com ela. — A mulher encarou Siuan, sem nem piscar, e as outras de repente pareceram desconfortáveis. Myrelle contraiu os lábios, e Anaiya examinou o chão. Alisando o vestido, Sheriam pareceu evitar até olhar para os recém-chegados.

— Ainda sabemos de tudo o que sabíamos antes — disse Leane, a testa franzida de preocupação, pelo menos em parte. — Podemos ter serventia.

O rosto de Siuan estava sombrio — Leane parecera se divertir contando as travessuras e os castigos dos tempos de garota, mas Siuan não gostara nem um pouco de fazer as revelações —, mas, em comparação com o olhar quase raivoso, a voz estava apenas levemente tensa.

— Vocês queriam saber como chegamos até aqui. Eu fiz contato com uma das minhas agentes que também trabalha para as Azuis e ela me contou sobre Sallie Daera.

Min não entendeu nada sobre a tal Sallie Daera — quem era essa mulher? —, mas Sheriam e as demais assentiram. Min se deu conta de que Siuan fizera algo além de contar a elas como haviam chegado ali. Ela revelara que ainda tinha acesso aos espiões que lhe serviram nos tempos de Amyrlin.

— Sente-se ali, Min — orientou Sheriam, apontando para a única mesa que não estava sendo usada, a um canto. — Ou você ainda é Elmindreda? E leve Logain com você. — Ela e as outras três tomaram Siuan e Leane pelos braços e as conduziram aos fundos do salão. Duas outras mulheres com vestidos de cavalgada se juntaram a elas, antes que todas desaparecessem por uma porta recém-confeccionada com tábuas rústicas.

Min suspirou, pegou Logain pelo braço e o levou até a mesa, onde o sentou em um banco áspero, e tomou para si uma cadeira instável com espaldar alto. Dois Guardiões se posicionaram bem perto, reclinados contra a parede. Não pareciam de olho em Logain, mas Min conhecia os Gaidin. Eles viam tudo e, mesmo dormindo, eram capazes

de sacar as espadas mais rápido que um piscar de olhos.

Então não seriam recebidas de braços abertos, mesmo com Siuan e Leane sendo reconhecidas. Ora, o que esperava? Siuan e Leane haviam sido as duas mulheres mais poderosas da Torre Branca. Agora, não eram nem Aes Sedai. Era bem provável que as demais não soubessem como se comportar com relação a elas. E ainda apareceram com um falso Dragão amansado. Era melhor que Siuan não estivesse mentindo ou apenas desejando ter um plano para ele. Min não achava que Sheriam e as outras seriam tão pacientes quanto Logain fora.

E Sheriam, ao menos, a reconhecera. Min voltou a ficar de pé por tempo suficiente para espiar a rua por uma janela com o vidro rachado. Os cavalos ainda estavam nos varões, mas um dos Guardiões que não estava de vigia a alcançaria antes que desamarrasse as rédeas de Rosa Selvagem. Naquela última ocasião, na Torre, Siuan fizera um esforço enorme para disfarçá-la. Para nada, ao que parecia. Porém, Min achava que nenhuma das Aes Sedai sabia de suas visões. Siuan e Leane mantiveram esse segredo. Min ficaria feliz se continuasse assim. Se aquelas Aes Sedai ficassem sabendo, a envolveriam em suas tramas como Siuan fizera, e ela nunca chegaria até Rand. Não seria capaz de pôr em prática o que aprendera com Leane, caso a mantivessem presa ali.

Ajudar Siuan a encontrar aquela reunião e a trazer as Aes Sedai para o lado de Rand havia sido ótimo e importante, mas ela ainda tinha um objetivo pessoal: fazer um homem que nunca olhara para ela duas vezes se apaixonar antes de enlouquecer. Talvez ela própria fosse tão louca quanto ele estava fadado a ficar.

— Aí nós vamos formar um casal que combina — murmurou para si mesma.

Uma garota sardenta de olhos verdes que só podia ser uma noviça parou à mesa dela.

— Gostariam de algo para comer ou beber? Tem ensopado de carne de veado e peras selvagens. Também deve ter um pouco de queijo. — Ela fazia tanto esforço para não olhar para Logain que daria no mesmo encará-lo de olhos arregalados.

— Peras e queijo seria ótimo — respondeu Min. Os últimos dois dias tinham sido de fome. Siuan conseguira fisgar alguns peixes em um ribeirão, mas era Logain quem caçava quando não comiam em uma estalagem ou em alguma fazenda. Feijões secos não contavam como refeição, na opinião de Min. — E um pouco de vinho, se tiver. Mas, primeiro, eu queria uma informação. Onde estamos? Caso isso também não seja segredo. O nome desta aldeia é Salidar?

— Em Altara. O Eldar fica a cerca de uma milha a oeste. Do outro lado já é Amadícia. — A garota fez uma imitação fraca do jeito misterioso das Aes Sedai. — Onde seria melhor para Aes Sedai se

esconderem do que no lugar onde jamais seriam procuradas?

— Não deveríamos ter que nos esconder — intrometeu-se uma jovem de pele escura e cabelos encaracolados, parando ao lado da noviça. Min a reconheceu: uma Aceita chamada Faolain. Imaginara que ela ainda estivesse na Torre. Até onde sabia, Faolain nunca gostara de nada nem ninguém, e costumava falar que escolheria a Ajah Vermelha quando fosse elevada. Seria uma seguidora perfeita de Elaida. — Por que vocês vieram para cá? E com *ele*! Por que *ela* veio? — Min não teve dúvidas sobre de quem ela estava falando. — Precisamos nos esconder por culpa dela. Não acreditei que ela tinha ajudado Mazrim Taim a escapar, mas, se ela apareceu aqui com *ele*, talvez tenha mesmo.

— Já chega, Faolain — disse uma mulher esbelta, os cabelos negros caindo até a cintura, dirigindo-se à Aceita de rosto redondo. Min pensou reconhecer a mulher naquele vestido de cavalgada dourado escuro: Edesina. Uma Amarela, acreditava. — Vá cuidar de suas obrigações. E se pretende trazer comida, Tabiya, traga. — Edesina não viu a reverência carrancuda de Faolain. A noviça fez uma melhor e saiu apressada. A Aes Sedai, por sua vez, pôs a mão na cabeça de Logain. Encarando a mesa, ele nem pareceu notar.

De repente, os olhos de Min perceberam uma coleira prateada em torno do pescoço da mulher, e, tão de repente quanto, a peça pareceu se estilhaçar. Min estremeceu. Não gostava de visões ligadas aos Seanchan. Pelo menos Edesina, de alguma forma, escaparia. Mesmo que Min estivesse disposta a se expor, não fazia sentido alertar a mulher. Não mudaria nada.

— É o amansamento — afirmou a Aes Sedai, após alguns momentos. — Ele desistiu de viver, suponho. Não há nada que eu possa fazer por ele. Não que eu esteja certa de que deveria ajudar, se pudesse. — O olhar que lançou a Min antes de se afastar estava longe de ser amigável.

Uma mulher elegante, parecendo uma estátua envolta em seda castanho-avermelhada, parou a alguns pés de distância e ficou examinando Min e Logain calmamente, os olhos neutros. Kiruna era uma Verde de modos majestosos. Min ouvira dizer que ela era uma das irmãs do Rei de Arafel, mas, na Torre, a mulher fora amigável com ela. Min sorriu, mas aqueles olhos escuros varreram-na sem reconhecê-la, e Kiruna saiu da estalagem a passos suaves sendo subitamente seguida por quatro Guardiões bem diferentes, mas que se moviam com o mesmo andar de aspecto letal.

Aguardando a comida, Min torceu para que Siuan e Leane estivessem tendo uma recepção mais calorosa.

27

A prática da modéstia

— Vocês estão completamente perdidas — disse Siuan para as seis mulheres à sua frente, sentadas em seis cadeiras de estilos diferentes.

O próprio aposento estava uma bagunça. Sobre duas grandes mesas de cozinha junto às paredes havia canetas, frascos de tinta e garrafas com areia muito bem-arrumadas. Lamparinas que não combinavam, algumas de cerâmica esmaltada e outras douradas, além de velas de todas as espessuras e comprimentos, estavam prontas para fornecer luz ao cair da noite. Um farrapo de tapete de seda illianense, rico em tons de azul, vermelho e dourado, repousava em um piso de tábuas ásperas e desgastadas. Ela e Leane estavam sentadas em uma ponta do tapete, de frente para as mulheres, do outro lado, de maneira a serem o foco de todos os olhares. Janelas com vidros quebrados ou substituídos por seda impermeável permitiam que uma brisa entrasse, mas não era o bastante para afastar o calor. Siuan disse a si mesma que não invejava aquelas mulheres por sua capacidade de canalizar, já havia superado a questão, mas as invejava pelo modo como nenhuma delas transpirava. Seu rosto estava bastante úmido.

— Todo esse movimento aí fora é só jogo de cena. Vocês podem estar enganando umas às outras, e talvez até os Gaidin, embora, se eu fosse vocês, não fosse contar com isso, mas não *me* enganam.

Ela gostaria que Morvrin e Beonin não tivessem se juntado ao grupo. Morvrin duvidava de tudo, apesar do aspecto plácido e, por vezes, vagamente ausente; era uma Marrom robusta com mechas grisalhas que exigia seis provas distintas antes de acreditar que peixes tinham escamas. E Beonin, uma bonita Cinza com cabelos escuros cor de mel e grandes olhos azul-acinzentados que a faziam parecer sempre meio assustada, fazia Morvrin parecer fácil de enganar.

— Elaida tem a Torre nas mãos, e vocês sabem que ela vai lidar mal com Rand al'Thor — afirmou Siuan com desdém. — Vai ser pura sorte ela não entrar em pânico e mandar amansá-lo antes de Tarmon Gai'don. Vocês sabem que não importa como se sintam sobre homens canalizando, as Vermelhas se sentem dez vezes pior. A Torre Branca está mais fraca quando deveria estar mais forte. Nas mãos de uma

tola, quando precisa de uma líder competente. — Ela franziu o nariz e fitou-as uma a uma, olhos nos olhos. — E vocês aqui, sentadas, navegando com as velas abaixadas. Ou vão conseguir me convencer de que estão fazendo mais do que brincar com os dedos e estourar bolhas?

— Concorda com Siuan, Leane? — indagou Anaiya com um tom de voz ameno.

Siuan nunca entendera por que Moiraine gostava daquela mulher. Tentar convencê-la a fazer qualquer coisa que não quisesse era como bater em um saco cheio de penas. Ela não confrontava nem discutia com ninguém, simplesmente se recusava silenciosamente. Até o modo como se sentava, com as mãos entrelaçadas, parecia mais com o de uma mulher esperando para amassar o pão do que com uma Aes Sedai.

— Concordo em parte — respondeu Leane. Siuan lhe lançou um olhar incisivo, que ela ignorou. — Sobre Elaida, com certeza. Ela vai fazer mau uso de Rand al'Thor, e isso é tão certo quanto o mau uso que vem fazendo da Torre. Quanto ao resto, sei que vocês se esforçaram muito para reunir o máximo de irmãs que conseguiram, e imagino que estejam trabalhando com o mesmo afinco para tomar alguma providência com relação a Elaida.

Siuan bufou. Ao atravessar o salão, vira relances de alguns daqueles pergaminhos que estavam sendo examinados assiduamente: listas de provisões, lotes de madeira para reconstruções e designações para cortar lenha, consertar casas e limpar poços. Nada mais. Nada que se parecesse nem de longe com um relatório das atividades de Elaida. O plano daquelas mulheres era passar o inverno ali. Bastava que uma das Azuis fosse capturada depois de ficar sabendo de Salidar, uma única mulher levada a interrogatório — ela não guardaria o segredo por muito tempo, caso Alviarin fosse a responsável por interrogar — e Elaida saberia exatamente onde apanhá-las. Enquanto elas se preocupavam em plantar hortas e cortar madeira suficiente antes da primeira nevasca.

— Então esse assunto está encerrado — afirmou Carlinya com frieza. — Vocês parecem não entender que não são mais a Amyrlin e a Curadora. Não são mais nem Aes Sedai. — Algumas tiveram o cuidado de parecer constrangidas. Não Morvrin e Beonin, mas as outras. Nenhuma Aes Sedai gostava de falar sobre estancamento, ou de se lembrar disso. Achariam especialmente ruim fazer isso diante delas duas. — Não digo isso para ser cruel. Não acreditamos nas acusações contra vocês, apesar do acompanhante de viagem, ou não estaríamos aqui, mas vocês não podem assumir suas antigas posições entre nós, e isso é um fato.

Siuan se lembrava bem de Carlinya como noviça e Aceita. Uma

vez por mês, ela cometia algum leve deslize, uma coisinha pequena que lhe valia uma ou duas horas extras de tarefas. Exatamente uma vez por mês. Não queria que as demais a vissem como arrogante. Aqueles tinham sido os únicos deslizes dela — nunca quebrara outra regra ou dera um passo errado; isso não seria lógico — e, mesmo assim, nunca havia entendido por que as outras garotas a consideravam um bichinho de estimação das Aes Sedai. Um bocado de lógica e não muito bom senso: esta era Carlinya.

— Ainda que a punição de vocês tenha seguido estritamente o que diz a lei — disse Sheriam gentilmente —, concordamos que foi de uma injustiça maldosa, uma distorção extrema do espírito da lei. — O encosto da cadeira atrás de seus cabelos vermelhos era estranhamente entalhado com o que parecia um monte de serpentes brigando. — Não importa o que dizem os boatos, a maioria das acusações feitas contra vocês era tão frágil que deveria ter sido motivo de riso.

— Não a acusação de que ela sabia sobre Rand al'Thor e que conspirou para escondê-lo da Torre — interrompeu Carlinya bruscamente.

Sheriam aquiesceu.

— Mas, ainda que seja verdade, mesmo isso não era suficiente para a punição que foi dada. E vocês não deveriam ter sido julgadas em sigilo, sem sequer terem a chance de se defender. Jamais temam que viremos as costas para vocês. Vamos cuidar para que as duas sejam bem tratadas.

— Eu agradeço — respondeu Leane, a voz suave e quase trêmula.

Siuan fez uma careta.

— Vocês ainda nem me perguntaram sobre os espiões que posso usar. — Ela gostava de Sheriam na época em que estudavam juntas, embora os anos e as posições tivessem feito as duas se afastarem. "Bem tratadas", pois sim! — Aeldene está por aqui? — Anaiya começou a balançar a cabeça antes de ficar imóvel. — Suspeito que não, ou vocês saberiam mais sobre o que está acontecendo. Vocês deixaram que continuassem enviando relatórios para a Torre. — Uma lenta compreensão despontou nos rostos de cada uma. Não tinham conhecimento do cargo de Aeldene. — Eu chefiei a rede de espiões da Ajah Azul antes de ser elevada a Amyrlin. — Mais uma surpresa. — Com um pequeno esforço, cada um dos agentes das Azuis, e também aqueles que me serviram na época de Amyrlin, podem passar a enviar os relatórios para vocês por meio de rotas que não revelem o destino final dos documentos. — Seria necessário bem mais do que um pequeno esforço, mas Siuan já rascunhara a maior parte do plano na cabeça, e não era preciso dizer mais que isso naquele momento. — E eles podem continuar a enviar relatórios para a Torre, relatórios contendo o que… vocês quiserem que Elaida saiba. — Quase dissera

“nós”. Precisava tomar cuidado com as palavras.

Claro que elas não gostaram daquilo. As mulheres que cuidavam das redes talvez só fossem conhecidas de algumas delas, mas todas eram Aes Sedai. Sempre haviam sido. Mas aquele era o único pé-de-cabra de que dispunha para abrir caminho para o círculo que tomava as decisões. Caso contrário, elas provavelmente enfiariam Siuan e Leane em uma casa de campo com uma serviçal para cuidar delas, e as duas talvez recebessem uma rara visita de uma Aes Sedai que quisesse examinar mulheres que haviam sido estancadas, até o dia em que morressem. Em tais circunstâncias, morreriam logo.

Luz, talvez elas até nos arrumem casamentos! Havia quem pensasse que um marido e filhos eram capazes de ocupar o suficiente a vida de uma mulher para substituir o Poder Único. Mais de uma mulher, exaurida por canalizar acima de suas capacidades, ou por testar um *ter’angreal* de função desconhecida, se vira sendo apresentada a potenciais maridos. Como aquelas que de fato se casavam sempre mantinham o máximo possível de distância entre si mesmas e a Torre e suas lembranças, a teoria permanecia sem comprovação.

— Não deve ser difícil — afirmou Leane, timidamente — entrar em contato com as pessoas que foram meus espiões antes de eu virar Curadora. Ainda mais importante, como Curadora das Crônicas, eu tinha agentes inclusive em Tar Valon. — Alguns olhos se arregalaram, embora os de Carlinya tenham se estreitado. Leane piscou, se mexeu desconfortavelmente e abriu um sorriso tímido. — Sempre achei uma tolice prestarmos mais atenção aos ânimos de Ebou Dar ou Bandar Eban do que ao humor da nossa própria cidade. — As mulheres deviam entender a importância de ter espiões em Tar Valon.

— Siuan. — Inclinando-se para a frente em sua cadeira de braços robustos, Morvrin pronunciou o nome com firmeza, como se quisesse enfatizar que não dissera “Mãe”. Agora seu rosto redondo parecia mais teimoso do que plácido, sua robustez, uma massa ameaçadora. Quando Siuan era noviça, Morvrin raramente notava o mau comportamento das garotas ao seu redor, mas, quando notava, ela mesma cuidava da questão de um modo que fazia com que todas se sentassem bem eretas e pisassem com cuidado por vários dias. — Por que deveríamos permitir que você faça o que quer? Você foi estancada, mulher. O que quer que tenha sido, você não é mais uma Aes Sedai. Se quisermos os nomes desses agentes, vocês duas nos darão essas informações. — As últimas palavras traziam uma certeza absoluta. Elas dariam os nomes, de um jeito ou de outro. Se aquelas mulheres quisessem, elas dariam.

Leane tremeu visivelmente, mas a cadeira de Siuan rangeu quando ela enrijeceu as costas.

— Sei que não sou mais a Amyrlin. Acham que eu não sei que fui

estancada? Meu rosto mudou, mas meu interior não. Todo o meu conhecimento ainda está na minha cabeça. Usem! Pelo amor da Luz, me usem!

Siuan respirou fundo para se acalmar. *Que me queime se eu permitir que elas me deixem de lado até apodrecer!* Quando ela fez uma pausa, Myrelle tomou a palavra.

— O temperamento de uma jovem para combinar com o rosto de uma jovem. — Ela sorriu, sentada na beira de uma poltrona de encosto duro que poderia estar diante da lareira de uma fazenda, caso o fazendeiro não se importasse com o verniz descamando. O sorriso, porém, não era o habitual, ao mesmo tempo lânguido e sagaz, e os olhos escuros, quase tão grandes quanto os de Beonin, estavam cheios de pena. — Tenho certeza de que ninguém quer que você se sinta inútil, Siuan. E tenho certeza de que todas nós desejamos fazer pleno uso do seu conhecimento. O que você sabe vai ser de grande serventia para nós.

Siuan não queria a pena dela.

— Vocês parecem ter se esquecido de Logain e de por que eu o arrastei de Tar Valon até aqui. — Ela não pretendera tocar no assunto por conta própria, mas se elas não iam mencionar… — Minha ideia "sem pé nem cabeça"?

— Muito bem, Siuan — cedeu Sheriam. — Por quê?

— Porque o primeiro passo para derrubar Elaida é fazer Logain revelar para a Torre, ou para o mundo inteiro, se for preciso, que a Ajah Vermelha armou para ele se tornar um falso Dragão e depois poder derrubá-lo. — Agora, sim, tinha a atenção de todas. — Ele foi encontrado pelas Vermelhas em Ghealdan pelo menos um ano antes de se proclamar, mas, em vez de levá-lo a Tar Valon para ser amansado, elas plantaram na cabeça dele a ideia de afirmar que era o Dragão Renascido.

— Você tem certeza disso? — perguntou Beonin, baixinho, com um pesado sotaque taraboniano. Estava sentada bem quieta na cadeira alta de assento trançado, observando com atenção.

— Ele não sabe quem Leane e eu somos. Conversou conosco algumas vezes durante a jornada até aqui, tarde da noite, quando Min estava dormindo e ele não conseguia descansar. Não disse nada antes porque acha que a Torre inteira estava por trás, mas sabe que foram as irmãs Vermelhas que o protegeram e falaram para ele sobre o Dragão Renascido.

— Por quê? — questionou Morvrin, e Sheriam assentiu.

— É, por quê? Qualquer uma de nós faria todo o possível para ver um homem como ele amansado, mas a Ajah Vermelha vive só para isso. Por que elas inventariam um falso Dragão? — perguntou Sheriam.

— Logain não sabe — respondeu Siuan. — Talvez achem que ganham mais capturando um falso Dragão do que amansando um pobre idiota que talvez aterrorizasse uma aldeia. Talvez elas tenham algum motivo para querer criar mais tumulto.

— Não estamos sugerindo que elas tenham tido alguma coisa a ver com Mazrim Taim ou qualquer um dos outros — acrescentou Leane, mais do que depressa. — Elaida com certeza poderá lhes dizer o que vocês querem saber.

Siuan observou-as ponderar o assunto em silêncio. Nem consideraram a possibilidade de que ela estivesse mentindo. *Uma vantagem de ter sido estancada.* Pareceu não ocorrer a elas que ter sido estancada podia ter quebrado todos os laços com os Três Juramentos. Algumas Aes Sedai estudavam mulheres estancadas, verdade, mas superficialmente e com relutância. Nenhuma delas queria ser lembrada do que poderia acontecer consigo mesma.

Quanto a Logain, Siuan não tinha preocupações. Não, desde que Min continuasse a ver o que andara vendo. Ele viveria o suficiente para revelar o que Siuan queria, assim que conversasse com o homem. Não ousara arriscar que Logain decidisse seguir o próprio caminho, o que ele poderia muito bem ter feito, caso ela tivesse lhe contado o plano antes. Mas aquela era a única chance que ele tinha de se vingar das que o amansaram, agora que estava cercado por Aes Sedai. Vingança apenas da Ajah Vermelha, verdade, mas ele teria que se contentar com aquilo. Mais valia um peixe no barco que um cardume na água.

Ela olhou de relance para Leane, que abriu o sorriso mais discreto possível. Isso era bom. Leane não havia gostado de ser mantida no escuro sobre os planos dela para o homem até aquela manhã, mas Siuan vivera tempo demais envolta em segredos para que fosse fácil revelar mais do que o necessário, até mesmo para uma amiga. Achou que a ideia do envolvimento da Ajah Vermelha com os outros falsos Dragões fora muito bem plantada. As Vermelhas haviam liderado sua deposição do Trono. Quando aquilo tudo terminasse, talvez a Ajah Vermelha não existisse mais.

— Isto muda bastante as coisas — afirmou Sheriam, depois de algum tempo. — Não podemos seguir uma Amyrlin capaz de fazer esse tipo de coisa.

— Segui-la?! — exclamou Siuan, pela primeira vez realmente perplexa. — Vocês realmente estavam considerando voltar lá para beijar o anel de Elaida? Sabendo o que ela fez e o que vai fazer? — Leane se agitou no assento, como se ela própria quisesse proferir alguns insultos, mas as duas haviam concordado que seria Siuan a perder a cabeça.

Sheriam parecia um pouco envergonhada, e as bochechas

morenas de Myrelle estavam um pouco vermelhas, mas as outras receberam as palavras tão placidamente como se estivessem tomando um banho de sol.

— A Torre precisa ser forte — afirmou Carlinya, com a voz tão dura quanto uma pedra congelada. — O Dragão já Renasceu, a Última Batalha se aproxima, e a Torre precisa estar unida.

Anaiya assentiu.

— Nós compreendemos seus motivos para não gostar de Elaida, até para odiá-la. Nós realmente entendemos, mas precisamos pensar na Torre e no mundo. Confesso que eu mesma não gosto de Elaida. Mas, por outro lado, também nunca gostei de Siuan. Não é necessário *gostar* do Trono de Amyrlin. Não precisa olhar assim, Siuan. Sua língua é afiada desde os tempos de noviça, e isso só piorou com o passar dos anos. E, como Amyrlin, você mandava irmãs para onde bem entendia e poucas vezes explicava o porquê. Essas duas coisas não são uma combinação agradável.

— Eu vou tentar… segurar a língua — disse Siuan, seca. Aquela mulher esperava que o Trono de Amyrlin tratasse todas as irmãs como amigas de infância? — Mas torço para que o que contei a vocês mude seu desejo de se ajoelhar aos pés de Elaida.

— Se essa é você segurando a língua — ponderou Myrelle indolente —, talvez eu mesma tenha que dobrá-la, caso deixemos que você administre os espiões para nós.

— Claro que não podemos voltar para a Torre agora — opinou Sheriam. — Não depois de saber disso. Não até estarmos em uma posição para depor Elaida.

— O que quer que ela tenha feito, as Vermelhas vão continuar a apoiá-la — afirmou Beonin, como um fato, não uma objeção. Não era segredo que as Vermelhas se ressentiam do fato de que não houvera uma Amyrlin de sua Ajah desde Bonwhin.

Morvrin anuiu vigorosamente.

— Outras também irão. Todas as que apoiaram Elaida por tempo demais para acreditar que agora têm outra opção. Todas as que apoiam autoridades, mesmo que sejam vis. E algumas que vão crer que estamos dividindo a Torre quando ela deveria estar unida a qualquer custo.

— Tirando as irmãs Vermelhas, todas podem ser abordadas — ponderou Beonin, com sensatez —, podem estar abertas a negociação. — Mediar e negociar era o que sua Ajah fazia.

— Parece que vamos fazer uso dos seus agentes, Siuan. — Sheriam correu o olhar pelas demais. — A menos que alguém aqui ainda ache que deveríamos tomá-los dela. — Morvrin foi a última a balançar a cabeça, mas finalmente o fez, após um olhar demorado que fez Siuan se sentir nua.

Ela não conseguiu conter um suspiro de alívio. Nada de uma vida curta murchando em uma casa de campo, mas sim uma vida com um propósito. Talvez ainda fosse uma vida curta — ninguém sabia quanto tempo uma estancada poderia viver tendo algo para substituir o Poder Único em sua vida —, mas, com um propósito, seria suficientemente longa. Quer dizer que Myrelle ia dobrar sua língua por ela, hein? *Eu vou mostrar para aquela Verde de olhos de raposa… Eu vou é controlar a minha língua e me dar por satisfeita por ela não estar fazendo nada além de olhar para mim, isso sim. Eu sabia que isso ia acontecer. Que me queime, mas eu sabia.*

— Obrigada, Aes Sedai — disse, com o tom de voz mais humilde que conseguiu. Chamá-las daquilo lhe doía. Era mais uma mudança, mais um lembrete do que já não era. — Vou tentar fazer um bom trabalho. — Myrelle não precisava ter assentido com tanta satisfação. Siuan ignorou uma vozinha interna dizendo que ela teria feito o mesmo ou até mais em seu lugar.

— Se me permitem uma sugestão — disse Leane —, não basta esperar até vocês terem apoio suficiente no Salão da Torre para depor Elaida. — Siuan exibiu um olhar interessado, como se ouvisse aquilo pela primeira vez na vida. — Elaida está em Tar Valon, na Torre Branca, e, para o mundo, é a Amyrlin. No momento, vocês são apenas um bando de dissidentes. Ela pode dizer que vocês são rebeldes e conspiradoras, e, vindo do Trono de Amyrlin, o mundo vai acreditar.

— Não temos como impedi-la de ser a Amyrlin antes de depô-la — disse Carlinya, mudando de posição na cadeira com um desdém gélido. Se estivesse com o xale de franjas brancas, teria se enrolado nele.

— Vocês podem dar ao mundo uma verdadeira Amyrlin — Leane não se dirigiu à irmã Branca, mas a todas elas, encarando uma por uma, falando com confiança, mas, ao mesmo tempo, parecendo apenas fazer uma sugestão que torcia para que acatassem. Fora Siuan quem apontara que as técnicas que ela usava com os homens podiam ser adaptadas para as mulheres. — Vi Aes Sedai de todas as Ajahs, menos da Vermelha, no salão e nas ruas. Façam com que elejam um Salão da Torre aqui, e deixem o Salão escolher uma nova Amyrlin. Aí vocês podem se apresentar ao mundo como a verdadeira Torre Branca, apenas exilada, e Elaida como uma usurpadora. Com mais as revelações de Logain, têm dúvida de quem as nações vão aceitar como o verdadeiro Trono de Amyrlin?

A ideia foi ouvida com interesse. Siuan viu que elas estavam considerando a sugestão. O que quer que as demais tenham pensado, Sheriam foi a única a se pronunciar contrariamente:

— Vai significar que a Torre está de fato dividida — concluiu a mulher de olhos verdes, com tristeza.

— Ela já está dividida — retrucou Siuan, amargamente, desejando não ter dito nada quando todas as mulheres olharam para ela.

Aquela ideia era para vir toda de Leane. Siuan tinha a reputação de ser uma manipuladora hábil, e era bem possível que elas suspeitassem de qualquer sugestão sua. Por isso começara fulminando-as. Ninguém teria acreditado se ela começasse com palavras amenas. Siuan falaria com elas como se ainda pensasse ser a Amyrlin, e deixaria que as mulheres a colocassem em seu devido lugar. Leane, por outro lado, pareceria mais cooperativa, oferecendo apenas o pouco que podia, e seria mais provável que as Aes Sedai lhe escutassem. Cumprir a parte que lhe cabia não tinha sido difícil — até chegar a hora de suplicar. Então desejara pendurar todas elas para secar ao sol. Sentada ali sem fazer nada!

Você não precisava se preocupar com elas suspeitarem de algo. Para elas, você é um junco quebrado. Se tudo saísse como devia, elas não mudariam de opinião. Um junco útil, mas fraco, sobre o qual não se deveria pensar duas vezes. Fora um ajuste doloroso de se fazer, mas Duranda Tharne lhe mostrara, em Lugard, a necessidade disso. Aquelas mulheres só a aceitariam nos próprios termos, e Siuan teria de utilizar isso da melhor forma possível.

— Eu gostaria de ter pensado nisso — continuou ela. — Ouvindo agora, a ideia de Leane dá a vocês uma maneira de reconstruir a Torre sem precisar primeiro destruí-la por completo.

— Ainda não consigo concordar. — A voz de Sheriam endureceu. — Mas o que tiver que ser, será. Há de ser o que a Roda tecer, e, se a Luz quiser, ela vai tecer Elaida para longe da estola.

— Vamos precisar negociar com as irmãs que continuam na Torre — divagou Beonin, quase consigo mesma. — A Amyrlin que escolhermos precisa ser uma negociadora habilidosa, não?

— É necessário alguém que pense com cuidado — ponderou Carlinya. — A nova Amyrlin precisa ser uma mulher de lógica e juízo sereno.

O bufar de Morvrin foi alto o bastante para fazer todas saltarem em suas cadeiras.

— Sheriam é a mais elevada entre nós, e nos manteve unidas quando já estaríamos correndo em dez direções diferentes.

Sheriam balançou a cabeça vigorosamente, mas Myrelle não lhe deu chance de falar.

— Sheriam é uma escolha excelente. Posso garantir que todas as irmãs Verdes aqui a apoiariam, sei disso. — Anaiya abriu a boca, a concordância estampada em seu rosto.

Era hora de pôr um fim naquilo, antes que a situação saísse do controle.

— Me permitem uma sugestão?

Siuan achou que simulou a modéstia bem melhor do que administrara a docilidade. Foi preciso esforço, mas era melhor aprender a mantê-la. *Myrelle não é a única que vai tentar me enfiar no fundo de um porão se acharem que eu passei dos limites. Sejam eles quais forem.* Só que elas não *tentariam*, elas *fariam*. As Aes Sedai esperavam, ou melhor, exigiam respeito de quem não era uma igual.

— Me parece que qualquer que seja a escolhida de vocês, deve ser alguém que não estava na Torre quando eu… fui deposta. Não seria melhor que a mulher que vai voltar a unir a Torre fosse alguém que não se pudesse acusar de ter escolhido um lado naquele dia? — Se precisasse continuar com aquilo, sua cabeça acabaria explodindo.

— Alguém muito forte com o Poder — acrescentou Leane. — Quanto mais forte for, mais vai poder defender tudo o que a Torre representa. Ou voltará a representar, assim que Elaida cair.

Siuan poderia ter dado um chute nela. Aquela ideia deveria aguardar um dia inteiro para ser jogada no ar quando elas já tivessem começado de fato a considerar nomes. Ela e Leane sabiam o suficiente a respeito de cada irmã para apontar alguma fraqueza, alguma dúvida para ser plantada sutilmente sobre sua aptidão para a estola e o cajado. Siuan preferiria nadar nua no meio de um cardume de lúcios do que imaginar aquelas mulheres percebendo que ela estava tentando manipulá-las.

— Uma irmã que não estava na Torre — refletiu Sheriam, assentindo. — Faz bastante sentido, Siuan. Muito bom. — Como era fácil conseguir tapinhas nas costas!

Morvrin contraiu os lábios.

— Não vai ser fácil encontrar essa escolhida.

— A força limita as possibilidades. — Anaiya olhou em volta para as demais. — Não só fará dela um símbolo melhor, pelo menos para as outras irmãs, como a força com o Poder costuma vir acompanhada de força de vontade, e a escolhida certamente vai precisar disso.

Carlinya e Beonin foram as últimas a concordar.

Siuan manteve o rosto calmo, sorrindo só por dentro. A ruptura da Torre mudara muitas coisas, muitas maneiras de pensar, além da dela própria. Aquelas mulheres tinham guiado as irmãs reunidas ali, e agora estavam discutindo quem deveria ser apresentada ao novo Salão da Torre como se isso não devesse ser uma escolha do próprio Salão. Não seria difícil convencê-las, bem discretamente, de que a nova Amyrlin deveria ser alguém que elas pudessem manejar. E, sem saber, as mulheres e a Amyrlin que Siuan escolhera para substituí-la seriam guiadas por ela própria. Ela e Moiraine tinham trabalhado tempo demais para encontrar Rand al'Thor e prepará-lo, haviam dado muito de suas vidas para que arriscasse que o tempo que ainda lhe restava fosse estragado por outra pessoa.

— Me permitem outra sugestão? — A modéstia simplesmente não fazia parte de sua natureza. Ela teria que encontrar outra coisa. Tentando não ranger os dentes, esperou Sheriam assentir antes de prosseguir: — Elaida vai tentar descobrir onde Rand al'Thor está. Quanto mais para o sul eu vim, mais boatos escutei de que ele já saiu de Tear. Acho mesmo que sim, e acho que concluí para onde ele foi.

Siuan não precisava dizer que elas tinham que encontrá-lo antes de Tar Valon. Todas compreendiam isso. Não só Elaida certamente lidaria mal com Rand, como, caso pusesse as mãos nele e o tivesse blindado e sob seu controle, qualquer esperança de derrubá-la cairia por terra. Os governantes conheciam as Profecias, ainda que seus povos não conhecessem. Eles perdoariam uma dúzia de falsos Dragões, por pura necessidade.

— Para onde? — rosnou Morvrin, um instante antes de Sheriam, Anaiya e Myrelle também perguntarem em uníssono.

— Para o Deserto Aiel.

Houve um momento de silêncio, até que Carlinya disse:

— Isso é ridículo.

Siuan conteve uma resposta raivosa e sorriu de um jeito que esperava ser apologético.

— Talvez, mas eu li um pouco sobre os Aiel quando me tornei uma Aceita. Gitara Moroso achava que algumas das Sábias Aiel pudessem canalizar. — Gitara era a Curadora, naquela época. — Um dos livros que ela me deu para ler, um volume velho que ficava no canto mais poeirento da biblioteca, afirmava que os Aiel se autointitulavam o Povo do Dragão. Eu não me lembrei disso até tentar decifrar para onde Rand poderia ter ido. As Profecias dizem que "a Pedra de Tear não cairá até que o Povo do Dragão venha", e havia Aiel na conquista da Pedra. Sobre isso, todos os boatos e histórias estão de acordo.

De repente, os olhos de Morvrin pareceram se desviar para outro lugar.

— Lembro de especulações sobre as Sábias, na época em que fui elevada ao xale. Seria fascinante, caso fosse verdade, mas os Aiel recebem Aes Sedai apenas um pouco melhor do que recebem qualquer outra pessoa que entre no Deserto, e parece que as Sábias têm alguma lei ou costume que as proíbe, pelo que eu entendi, de falar com estranhos, o que torna extremamente difícil se aproximar o suficiente de uma delas para sentir se… — Ela estremeceu de repente e encarou Siuan e Leane como se suas divagações tivessem sido culpa delas. — Algo que você se lembra de ter lido em um livro que provavelmente foi escrito por alguém que nunca viu um Aiel é um fio muito frágil para se tecer um cesto.

— Um fio muitíssimo frágil — reforçou Carlinya.

— Mas que faça valer a pena mandar alguém para o Deserto? — Foi preciso se esforçar para fazer daquilo uma pergunta, em vez de uma ordem. Siuan achava que ia derreter em suor, caso não encontrasse outra maneira. Ainda tinha controle suficiente sobre si mesma para ignorar o calor, geralmente, mas não enquanto tentava arrastar aquelas mulheres consigo sem que elas percebessem seu punho no cabelo delas. — Não creio que os Aiel tentariam machucar uma Aes Sedai. — Não se a mulher fosse rápida em mostrar que era uma Aes Sedai. Siuan realmente achava que não. Precisavam arriscar. — E, caso ele esteja no Deserto, os Aiel vão saber. Lembrem-se daqueles Aiel na Pedra.

— Talvez — ponderou Beonin, hesitante. — O Deserto é grande. Quantas pessoas precisaríamos mandar?

— Se o Dragão Renascido estiver no Deserto — disse Anaiya —, o primeiro Aiel que for encontrado vai saber disso. Rand al'Thor está no centro de todos os acontecimentos. Ele não conseguiria escorregar e cair no oceano sem fazer um barulho que seria ouvido em todos os cantos do mundo.

Myrelle sorriu.

— Tem que ser uma Verde. Ninguém do restante de vocês cria elos com mais de um Guardião, e dois ou três Gaidin podem ser muito úteis no Deserto até os Aiel perceberem que se trata de uma Aes Sedai. Eu sempre quis ver um Aiel. — Ela havia sido noviça durante a Guerra dos Aiel, e não tivera permissão para sair da Torre. Não que qualquer Aes Sedai tenha tomado parte na guerra, além de Curar, claro. Os Três Juramentos as impediam, a menos que Tar Valon, ou talvez até a própria Torre, fosse atacada. E aquela guerra não chegara a cruzar os rios.

— Nem você — avisou Sheriam — nem qualquer outra integrante deste Conselho. Quando concordou em se juntar a nós, Myrelle, concordou em ir até o fim, o que não inclui perambular por aí só porque está entediada. Receio que vá haver mais situações emocionantes do que qualquer uma de nós gostaria, até isso tudo terminar. — Em outras circunstâncias, ela teria sido uma excelente Amyrlin. Naquela, era simplesmente forte e segura demais de si. — Mas Verde… É, acho que sim. Duas? — Seus olhos verdes passearam por todas as demais. — Para garantir?

— Kiruna Nachiman? — sugeriu Anaiya.

— Bera Harkin? — acrescentou Beonin.

As outras assentiram, exceto Myrelle, que se remexia, irritada. Aes Sedai não faziam bico, mas ela chegou perto.

Siuan respirou aliviada pela segunda vez. Tinha certeza de que seu raciocínio estava correto. Ele fora para algum lugar e, se estivesse em qualquer ponto entre a Espinha do Mundo e o Oceano de Aryth, os

boatos estariam correndo de vento em popa. E, onde quer que ele estivesse, Moiraine estaria lá, segurando-o pelo colarinho. Kiruna e Bera com certeza estariam dispostas a levar uma carta para Moiraine, e haveria sete Guardiões com elas para evitar que os Aiel as matassem.

— Não queremos cansar você e Leane — prosseguiu Sheriam. — Vou pedir para uma das irmãs Amarelas dar uma olhada em vocês. Talvez ela possa fazer algo para ajudar, aliviá-las de alguma forma. Vou mandar arrumarem quartos onde possam descansar.

— Se você vai ser nossa chefe dos espiões — completou Myrelle, solícita —, deve se manter forte.

— Não sou tão frágil quanto vocês parecem pensar — protestou Siuan. — Se fosse, teria conseguido vir atrás de vocês por quase duas mil milhas? Qualquer fraqueza que eu tenha tido, depois de ser estancada, já ficou no passado, acreditem. — A verdade era que tinha reencontrado um centro de poder e não queria abandoná-lo, mas não podia dizer isso. Todos aqueles olhos preocupados fixos nela e em Leane. Bem, não o de Carlinya, particularmente, mas os demais. *Luz! Vão mandar uma noviça nos enfiar na cama para tirarmos uma soneca!*

Uma batida na porta foi imediatamente sucedida por Arinvar, Guardião de Sheriam. Cairhieno, ele não era alto nem esbelto, mas, apesar das têmporas grisalhas, tinha o rosto severo e se movia como um leopardo à espreita.

— Há uns vinte e poucos cavaleiros a leste — anunciou, sem cerimônia.

— Não são Mantos-brancos — afirmou Carlinya —, ou imagino que vocês teriam nos informado.

Sheriam a encarou. Muitas irmãs ficavam irritadiças quando outra se colocava entre ela e seus Gaidin.

— Não podemos permitir que fujam, talvez para espalhar informação de que estamos aqui. Eles podem ser capturados, Arinvar? Eu preferia isso a matá-los.

— As duas opções podem ser bem difíceis — respondeu ele. — Machan afirma que estão armados e aparentam ser veteranos. Valem dez vezes mais do que a mesma quantidade de jovens.

Morvrin soltou um muxoxo contrariado.

— Temos que conseguir uma coisa ou outra. Me perdoe, Sheriam. Arinvar, os Gaidin conseguiriam levar sorrateiramente algumas das irmãs mais ágeis até bem perto desses homens para tecer Ar em torno deles?

Ele balançou minimamente a cabeça.

— Machan diz que eles podem ter visto alguns Guardiões vigiando. Com certeza perceberiam se tentássemos levar mais de uma ou duas de vocês até lá perto. Mas ainda estão se aproximando.

Siuan e Leane não foram as únicas a trocar olhares surpresos.

Poucos homens viam um Guardião que não quisesse ser visto, mesmo sem o manto dos Gaidin.

— Então vocês devem fazer como acharem melhor — disse Sheriam. — Capturem esses homens, se possível. Mas nenhum pode escapar para nos denunciar.

Antes que Arinvar pudesse concluir a reverência, a mão no punho da espada, outro homem apareceu ao lado dele, escuro, alto e largo feito um urso, com cabelos até os ombros e uma barba cerrada que deixava o lábio superior aparente. Os movimentos fluidos de um Guardião pareciam estranhos nele. O homem piscou para Myrelle, sua Aes Sedai, enquanto falava com forte sotaque illianense:

— A maioria deles, no caso, resolveu ficar onde estava, mas um parece estar vindo sozinho. Mesmo que minha velha mãe discordasse, eu ainda diria que é Gareth Bryne, pelo que consegui ver.

Siuan o encarou, as mãos e os pés subitamente frios. Havia muitos rumores de que Myrelle havia se casado com este Nuhel e com os outros dois Guardiões, o que desafiava as convenções e leis de todas as terras de que Siuan já tinha ouvido falar. Era o tipo de pensamento incongruente que flutuava por uma mente em choque, e naquele momento ela se sentia como se um mastro tivesse desabado em sua cabeça. Bryne, ali? *Impossível! É loucura!* Claro que o homem não poderia tê-las seguido todo esse tempo para… *Ah, sim, poderia e seguiria. Aquele ali seguiria.* Enquanto viajavam, ela dissera a si mesma que se tratava apenas de cautela e sensatez não deixar rastros, que Elaida sabia que as duas não estavam mortas, independentemente dos boatos, e que não pararia de caçá-las até que fossem encontradas ou que ela fosse derrubada. Siuan ficara irritada de ter precisado pedir informações, ao fim, mas o pensamento que a devorara feito um tubarão não tinha sido o de que Elaida, de alguma forma, pudesse encontrar um ferreiro de uma pequena aldeia em Altara, mas sim de que tal ferreiro fosse como uma placa pintada para Bryne. *Eu falei para você que era uma tolice, não falei? E agora aqui está ele.*

Siuan se lembrava muito bem do confronto quando precisara dobrá-lo na questão envolvendo Murandy. Fora como dobrar uma barra espessa de ferro, ou alguma mola imensa que saltaria de volta se ela a soltasse por um instante. Precisara fazer uso de toda a sua força, tivera de humilhá-lo publicamente, para garantir que Bryne permanecesse curvado pelo tempo que fosse necessário. Ele não podia ir contra o que havia concordado em fazer de joelhos, suplicando o perdão dela, com cinquenta nobres assistindo a tudo. A própria Morgase já havia sido bem difícil, e Siuan não estivera disposta a arriscar que Bryne desse à rainha uma desculpa para desobedecer suas instruções. Estranho pensar que ela e Elaida haviam trabalhado juntas naquela ocasião, quando obrigaram Morgase a obedecê-las.

Precisava manter a compostura. Estava atordoada, pensando em tudo, menos no que tinha de pensar. *Concentre-se. Não é hora de entrar em pânico.*

— Vocês precisam expulsá-lo daqui. Ou matá-lo.

Soube que fora um erro enquanto as palavras ainda estavam saindo da boca, todas exalando urgência. Até os Guardiões olharam para ela, assim como as Aes Sedai… Nunca antes soubera qual era a sensação, para alguém desprovida do Poder, de ter aqueles olhos em si com força total. Sentiu-se nua, com a própria mente despida. Mesmo sabendo que Aes Sedai não eram capazes de ler pensamentos, ainda teve vontade de se confessar antes que aquelas mulheres listassem suas mentiras e crimes. Siuan torceu para que seu rosto não estivesse como o de Leane, com as bochechas vermelhas e os olhos arregalados.

— Você sabe por que ele está aqui. — A voz de Sheriam tinha uma certeza tranquila. — Vocês duas sabem. E não querem confrontá-lo. A ponto de nos pedir para matá-lo para vocês.

— São poucos os grandes capitães ainda vivos. — Nuhel listou-os nos dedos enluvados: — Agelmar Jagad e Davram Bashere nunca vão sair da Praga, eu acho, e Pedron Niall, no caso, seria inútil para vocês. Se Rodel Ituralde estiver vivo, vai estar atolado no que resta de Arad Doman. — O homem ergueu o dedo grosso. — E então só resta Gareth Bryne.

— Então você acha que vamos precisar de um grande capitão? — indagou Sheriam, em voz baixa.

Nuhel e Arinvar não olharam um para o outro, mas, ainda assim, Siuan teve a sensação de que os dois haviam se entreolhado.

— A decisão é sua, Sheriam — respondeu Arinvar, no mesmo tom. — Sua e das outras irmãs, mas, se sua intenção é voltar para a Torre, Bryne poderia ser útil. Se pretendem permanecer aqui até Elaida vir atrás de vocês, então, não. — Myrelle fitou Nuhel com um olhar questionador, e o homem assentiu.

— Parece que você estava certa, Siuan — disse Anaiya com ironia. — Não enganamos os Gaidin.

— A questão é saber se ele vai aceitar nos servir — afirmou Carlinya.

Morvrin anuiu e acrescentou:

— Temos que fazer Bryne enxergar nossa causa de modo que ele queira servir. Não vai nos ajudar em nada todos ficarem sabendo que nós matamos ou aprisionamos um homem tão notável antes mesmo de começarmos.

— Sim — concordou Beonin —, e precisamos oferecer recompensas que o prendam firmemente a nós.

Sheriam desviou o olhar para os dois homens.

— Quando Lorde Bryne chegar à aldeia, não digam nada a ele,

mas tragam-no até nós. — Tão logo a porta se fechou atrás dos Guardiões, o olhar da mulher se firmou. Siuan o reconheceu, os mesmos olhos verdes que faziam os joelhos das noviças tremerem antes que qualquer palavra fosse pronunciada. — Agora vocês vão nos dizer exatamente por que Bryne está aqui.

Não havia escolha. Se a apanhassem mesmo na menor das mentiras, passariam a questionar tudo. Siuan respirou fundo.

— Resolvemos nos abrigar para passar a noite em um estábulo perto de Fontes de Kore, em Andor. Bryne é o lorde de lá, e…

28

Em uma armadilha

Um Guardião de casaco verde-acinzentado se aproximou de Bryne assim que o viu conduzir Andarilho pelas primeiras casas de pedra da aldeia. Bastaram dois passos para o lorde reconhecê-lo como um Guardião, mesmo que todos aqueles rostos de Aes Sedai na rua não estivessem encarando-o. O que, em nome da Luz, tantas Aes Sedai estavam fazendo tão perto de Amadícia? Os boatos nas aldeias anteriores diziam que Ailron planejava conquistar aquela margem do Rio Eldar; o que significava que esse era o plano dos Mantos-brancos. As Aes Sedai podiam se defender bem, mas se Niall enviasse uma legião para cruzar o Eldar, boa parte daquelas mulheres morreria. A menos que ele tivesse desaprendido a perceber há quanto tempo um cepo fora cortado, aquele lugar não passava de floresta, dois meses antes. Em quê Mara havia se metido? Bryne tinha certeza de que a encontraria ali. Os aldeões se lembravam de três belas jovens viajando juntas, em especial pelo fato de uma delas ter perguntado onde ficava uma cidadezinha que estava abandonada desde a Guerra dos Mantos-brancos.

O Guardião, um homem grande, de rosto largo e, pela barba, illianense, se plantou na rua diante do capão castanho de focinho comprido de Bryne e fez uma reverência.

— Lorde Bryne? Sou Nuhel Dromand. Há algumas pessoas que querem falar com o senhor. Pode me acompanhar?

Bryne desmontou devagar, retirou as luvas e as enfiou atrás da espada no cinturão conforme examinava o lugar. O casaco simples de camurça que ele usava era bem melhor para uma jornada daquele tipo do que a seda cinza com a qual a iniciara, e da qual já havia se desfeito. Aes Sedai, Guardiões e outros o encaravam em silêncio, mas até aqueles que só podiam ser serviçais não pareciam surpresos. E Dromand sabia o nome dele. O rosto de Bryne não era desconhecido, mas ele suspeitava que não fosse só isso. Se Mara fosse… se *as três* fossem agentes das Aes Sedai, aquilo não alterava o juramento que haviam feito.

— É claro, Gaidin Nuhel. — Se Nuhel ficou surpreso com o nome usado, não demonstrou.

A estalagem para a qual Dromand o levou — ou o que fora um dia uma estalagem — tinha o aspecto de uma sede de campanha, tomada por alvoroço e agitação. Isso se as Aes Sedai já tivessem comandado alguma campanha. Bryne identificou Serenla antes que ela o visse, sentada a um canto junto com um homem grande, que provavelmente era Dalyn. Quando a mulher o viu, o queixo quase bateu na mesa — então ela estreitou os olhos para ele, como se não acreditasse no que estava vendo. Dalyn parecia estar dormindo de olhos abertos, fitando o nada. Nenhuma das Aes Sedai ou dos Guardiões pareceu notá-lo conforme Dromand o conduzia pelo local, mas Bryne seria capaz de apostar sua casa e suas terras que qualquer um deles observara dez vezes mais do que todos os serviçais que o encaravam somados. Deveria ter dado meia-volta e ido embora assim que percebeu quem estava naquela aldeia.

Bryne tomou cuidado especial ao fazer reverências enquanto o Guardião o apresentava a seis Aes Sedai sentadas — só um tolo não tomaria cuidado perto de Aes Sedai —, mas sua atenção estava nas duas jovens de pé contra a parede, ao lado da lareira recém-varrida, parecendo terem sido repreendidas. A domanesa esbelta e atrevida lhe ofereceu um sorriso mais trêmulo que sedutor, para variar. Mara também estava assustada — absolutamente apavorada, diria —, mas aqueles olhos azuis ainda estavam cheio de rebeldia ao encontrar os dele. A garota tinha a coragem digna de um leão.

— Estamos felizes em recebê-lo, Lorde Bryne — disse a Aes Sedai de cabelos cor de fogo. Apenas levemente roliça e com olhos oblíquos, tinha beleza suficiente para fazer qualquer homem olhá-la com atenção, apesar do anel da Grande Serpente no dedo. — Vai nos contar o motivo de sua vinda até aqui?

— Claro, Sheriam Sedai.

Nuhel estava ao lado dele, mas Bryne não conseguia imaginar uma mulher que precisasse menos da guarda de um velho soldado. Tinha certeza de que elas já sabiam o porquê, e observar os rostos daquelas mulheres enquanto contava a história confirmou isso. As Aes Sedai não deixavam transparecer nada que não quisessem, mas, se não soubessem de antemão, pelo menos uma delas teria piscado quando ele falou sobre o juramento.

— Seu relato é uma história terrível, Lorde Bryne — falou a mulher chamada Anaiya. Rosto de idade indefinida ou não, ela parecia mais com uma próspera e feliz esposa de fazendeiro do que com uma Aes Sedai. — Mesmo assim, estou surpresa por você ter vindo até tão longe, ainda que atrás de mulheres que quebraram um juramento. — As bochechas pálidas de Mara reluziram um vermelho furioso. — Um

juramento sério, porém, e que não deveria ter sido quebrado.

— Infelizmente — ponderou Sheriam —, ainda não podemos permitir que você as leve.

Então elas eram agentes das Aes Sedai.

— Um juramento sério que não deveria ter sido quebrado, e mesmo assim vocês pretendem poupá-las de honrá-lo?

— Elas vão honrá-lo — afirmou Myrelle, lançando um olhar para a dupla junto à lareira que fez ambas ficarem mais eretas —, e pode ter certeza de que elas já estão arrependidas de ter fugido depois de terem jurado. — Desta vez, foi Amaena quem enrubesceu. Mara parecia pronta para mastigar pedras. — Mas ainda não temos como permitir isso. — Nenhuma Ajah fora mencionada, mas Bryne achou que a bela mulher de pele escura fosse Verde, e que a robusta de rosto redondo chamada Morvrin fosse Marrom. Talvez tenha sido pelo sorriso que Myrelle abriu para Dromand quando o homem o trouxe e pelo ar distraído de Morvrin. — Na verdade, elas não afirmaram quando o serviriam, e, neste momento, são úteis para nós.

Aquilo era uma tolice. Bryne deveria se desculpar pela chateação e ir embora. E até isso seria uma tolice. Antes de Dromand abordá-lo na rua, ele já sabia que seria improvável sair vivo de Salidar. Devia haver cinquenta Guardiões na floresta em torno de onde deixara seus homens, se não cem. Joni e os demais resistiriam bem, mas Bryne não os trouxera até ali para morrer. Porém, se fora tolo a ponto de permitir que um par de olhos o atraísse para aquela armadilha, era justo que fosse até o fim.

— Incêndio, roubo e atentado, Aes Sedai. Foram esses os crimes. Elas foram julgadas, sentenciadas e fizeram o juramento. Mas não faço objeção a permanecer aqui até que vocês as liberem. Mara pode ser minha ajudante pessoal quando não precisarem dela. Vou marcar as horas que ela trabalha para mim e descontá-las do seu tempo de pena.

Mara abriu a boca, irritada, mas, como se as mulheres praticamente soubessem que ela ia tentar argumentar, seis pares de olhos Aes Sedai se viraram na direção dela ao mesmo tempo. A mulher empertigou os ombros, fechou a boca e o encarou, as mãos rígidas na cintura. Bryne ficou contente por ela não ter uma faca na mão.

Myrelle parecia a ponto de gargalhar.

— Melhor escolher a outra, Lorde Bryne. Pela maneira como essa aí está olhando, você acharia a outra garota bem mais… simpática.

O homem esperou que Amaena ruborizasse, mas não foi o caso. Ela o olhava… de um jeito avaliador. A mulher até trocou um sorriso com Myrelle. Bem, ela era domanesa, afinal de contas, e parecia bem mais domanesa do que na última vez em que a vira.

Carlinya, fria o bastante para fazer as demais parecerem

calorosas, inclinou-se para a frente. Bryne estava atento a ela, e também à dos olhos grandes, Beonin. Não tinha certeza do porquê. Só que, se aquele fosse um Jogo das Casas, diria que as duas mulheres exalavam ambição. Talvez fosse mesmo um jogo.

— É melhor você estar ciente — disse Carlinya com tranquilidade — de que a mulher que você conhece como Mara é, na verdade, Siuan Sanche, antigo Trono de Amyrlin, e que Amaena é Leane Sharif, que era a Curadora das Crônicas.

Tudo que Bryne conseguiu fazer foi não ficar embasbacado feito um caipira. Agora que sabia a verdade, reconhecia no rosto de Mara — de Siuan —, o rosto que o subjugara, abrandado pela juventude.

— Como? — Foi tudo o que disse. Não conseguiria dizer muito mais.

— Existem certas coisas que é melhor os homens não ficarem sabendo — retrucou Sheriam, com frieza —, assim como a maioria das mulheres.

Mara — não, era melhor pensar nela pelo nome correto —, Siuan havia sido estancada. Bryne sabia disso. Devia ter algo a ver com o estancamento. Se aquela domanesa com pescoço de cisne fora a Curadora, ele podia apostar que também havia sido estancada. No entanto, falar sobre estancamento perto de Aes Sedai era uma boa maneira de provocá-las. Além do mais, quando Aes Sedai começavam a agir de modo misterioso, era certo que não dariam uma resposta direta nem se a pergunta fosse se o céu era azul.

Eram muito boas, aquelas Aes Sedai. Haviam tranquilizado Bryne e depois o golpeado com força quando baixara a guarda. Estava com uma sensação desconfortável de que sabia o motivo para terem-no acalmado. Seria interessante descobrir se tinha razão.

— Isso não muda o juramento que fizeram. Se elas ainda fossem a Amyrlin e a Curadora, estariam presas àquele juramento sob qualquer lei, incluindo a de Tar Valon.

— Já que você não faz objeção a permanecer aqui — informou Sheriam —, pode ficar com Siuan como sua criada particular sempre que não precisarmos dela. Se quiser, pode ficar com todas as três, incluindo Min, que você pareceu conhecer como Serenla. — Por algum motivo, aquilo irritou Siuan tanto quanto o que havia sido dito a seu respeito. A mulher resmungou sozinha, mas não alto o bastante para ser ouvida. — E já que não há objeções de sua parte, Lorde Bryne, enquanto permanecer aqui conosco, há um serviço que pode nos prestar.

— A gratidão das Aes Sedai não é de se desconsiderar — afirmou Morvrin.

— Ao nos servir, estará servindo à Luz e à justiça — acrescentou Carlinya.

Beonin aquiesceu e falou com tom de voz sério:

— Você serviu fielmente a Morgase e a Andor. Sirva-nos também, e não encontrará exílio quando tudo acabar. Nada do que lhe pedirmos atentará contra a sua honra. Nada do que pedirmos prejudicará Andor.

Bryne fez uma careta. Ele estava mesmo no Jogo. Às vezes, pensava que as Aes Sedai deviam ter inventado o *Daes Dae'mar*. Pareciam jogá-lo até dormindo. Guerras eram mais sangrentas, mas também mais honestas. Se a intenção daquelas mulheres era fazer dele um fantoche, então um fantoche ele seria — elas acabariam conseguindo, de uma maneira ou de outra —, mas estava na hora de mostrar que não era um marionete burro.

— A Torre Branca está dividida — disse ele, objetivamente. Os olhos das Aes Sedai se arregalaram, mas Bryne não lhes deu chance de falar. — As Ajahs estão rompidas. Essa é a única razão para todas vocês estarem aqui. Com certeza não precisam de mais uma ou duas espadas — o homem encarou Dromand e recebeu um meneio como resposta —, então, o único serviço que podem querer de mim é que eu lidere um exército. Primeiro, formar um, a menos que tenham outros acampamentos com muito mais homens do que eu vi aqui. E isso significa que pretendem se opor a Elaida. — Sheriam parecia irritada, Anaiya, preocupada, e Carlinya, prestes a falar, mas Bryne prosseguiu. Que ouvissem. Ele imaginava que fosse passar muito tempo ouvindo-as nos meses que se seguiriam. — Muito bem. Nunca gostei de Elaida e não acredito que ela possa ser uma boa Amyrlin. Mais importante, posso formar um exército para tomar Tar Valon. Desde que saibam que essa empreitada será longa e sangrenta. Mas estas são as minhas condições…

Todas se enrijeceram ao ouvir aquilo, inclusive Siuan e Leane. Homens não impunham condições às Aes Sedai.

— Primeiro, o comando é meu. Vocês me dizem o que fazer, mas eu decido como. Vocês dão comandos a mim, e eu os repasso aos meus soldados, não vocês. Não a menos que eu tenha concordado com o contrário. — Várias bocas se abriram, primeiro as de Carlinya e Beonin, mas o homem prosseguiu: — Eu nomeio, promovo e disciplino os homens. Não vocês. Em segundo lugar, se eu disser que algo não pode ser feito, vocês vão me ouvir. Não estou pedindo para usurpar sua autoridade — a chance de que elas permitissem isso era pequena —, mas não quero perder homens porque vocês não entendem de guerra. — Acabaria acontecendo, mas não mais que uma vez, e se ele tivesse sorte. — Terceiro, se derem início ao plano, terão que mantê-lo em curso. Estarei colocando meu pescoço na forca, assim como o de todos os homens que vierem comigo, e, caso vocês decidam daqui a seis meses que é preferível ter Elaida como Amyrlin do que uma

guerra, estarão apertando o laço da forca de cada um de nós que puder ser caçado. As nações devem ficar de fora de uma guerra civil na Torre, mas não nos deixarão vivos caso vocês nos abandonem. Elaida garantirá que não. Se não estiverem de acordo, então não sei se posso servi-las. Se me amarrarem com o Poder para que Dromand me rasgue a garganta ou se eu acabar degradado e enforcado, meu fim continuará sendo a morte.

As Aes Sedai não falaram nada. Por um longo momento, ficaram apenas encarando-o, até os arrepios na nuca de Bryne fazerem com que se perguntasse se Nuhel estaria pronto para lhe cravar uma adaga nas costas. Então Sheriam se ergueu, e as outras a acompanharam até as janelas. Ele via os lábios das mulheres se movendo, mas não ouvia nada. Se elas queriam esconder suas deliberações por trás do Poder Único, que fosse. Bryne não tinha certeza de quanto conseguiria delas, de tudo o que desejava. Se elas fossem sensatas, ele conseguiria tudo, mas Aes Sedai às vezes decidiam que as coisas mais estranhas faziam sentido. O que quer que resolvessem, ele teria de consentir com o máximo de graça possível. Era uma armadilha perfeita que ele havia preparado para si mesmo.

Leane lhe lançou um olhar e um sorriso que diziam tão claramente quanto palavras teriam dito que ele nunca saberia o que havia perdido. Bryne pensou que teria sido uma boa caçada, com ele sendo conduzido pelo nariz. Domanesas nunca prometiam metade do que se achava que elas haviam prometido, e só cumpriam o que escolhiam cumprir, mudando de ideia em um piscar de olhos.

A isca de sua própria armadilha o encarou diretamente, atravessou o cômodo até parar tão perto dele que precisava levantar o pescoço para encará-lo, e falou com uma voz baixa e furiosa:

— Por que você fez isso? Por que nos seguiu? Por um estábulo?

— Por um juramento. — Por um par de olhos azuis. Siuan Sanche não podia ter mais que dez anos a menos que ele, mas era difícil se lembrar de que ela era Siuan Sanche ao olhar para um rosto quase trinta anos mais jovem. Os olhos eram os mesmos, no entanto, fortes e de um azul profundo. — Um juramento que você me fez, e que quebrou. Eu deveria dobrar sua pena por causa disso.

Ela baixou o olhar, cruzou os braços, e rosnou:

— Já tomaram essa providência.

— Está me dizendo que elas puniram você por quebrar o juramento? Se açoitaram seu traseiro, não conta a menos que seja feito por mim.

O risinho de Dromand soou mais do que um pouco chocado. O homem ainda devia estar remoendo quem Siuan havia sido. Bryne talvez também estivesse, e o rosto da mulher escureceu até ele achar que ela podia estar tendo um derrame.

— Minha pena já foi dobrada, se não mais que isso, seu monte de tripas de peixe rançoso! Você e seu controle de horas! Hora nenhuma vai valer até você ter nós três de volta na sua propriedade, nem se eu tiver que ser sua… sua… *ajudante pessoal*, ou seja lá o que for isso… durante vinte anos!

Então Sheriam e as demais também haviam planejado aquilo. Bryne observou as mulheres reunidas junto das janelas. Pareciam ter se dividido em dois grupos contrários: Sheriam, Anaiya e Myrelle de um lado, Morvrin e Carlinya do outro, com Beonin no meio. Elas estavam dispostas a entregar Siuan e Leane — e Min? — como suborno ou paliativo antes mesmo de ele ter entrado. Estavam desesperadas, o que significava que ele estava do lado mais fraco, mas talvez seu desespero fosse suficiente para que lhe dessem o que Bryne precisava para ter alguma chance de vitória.

— Está se divertindo com tudo isso, não está? — indagou Siuan impetuosa, assim que os olhos do homem se moveram. — Seu urubu! Que se queime por ser esse idiota com cérebro de carpa. Agora que sabe quem eu sou, está contente por eu ter que me curvar e fazer reverências para você. — Ela ainda não parecia estar fazendo nada daquilo. — Por quê? É por eu ter feito você recuar com relação a Murandy? Você é mesquinho a esse ponto, Gareth Bryne?

Siuan estava tentando deixá-lo com raiva. Percebeu que havia falado demais e não queria dar a ele tempo de pensar a respeito. Talvez não fosse mais Aes Sedai, mas manipular estava em seu sangue.

— Você era o Trono de Amyrlin — respondeu ele calmo —, e até um rei beija o anel da Amyrlin. Não posso dizer que gostei da maneira como você agiu, e talvez uma hora a gente converse sobre se era necessário ter feito o que fez com metade da corte assistindo, mas lembre-se de que eu segui Mara Tomanes até aqui, e que foi Mara Tomanes que eu pedi. Não Siuan Sanche. Como você vive perguntando por quê, também quero saber: por que era tão importante que eu deixasse os murandianos atacarem o outro lado da fronteira?

— Porque sua interferência poderia ter arruinado planos importantes — disse ela, cada palavra soando firme —, assim como essa sua interferência comigo agora também pode. A Torre tinha identificado um jovem lorde na fronteira, chamado Dulain, como o homem que poderia um dia unificar Murandy de verdade, com a nossa ajuda. Eu não podia dar a chance de seus soldados o matarem. Tenho um trabalho a fazer aqui, *Lorde* Bryne. Me deixe fazê-lo, e talvez você alcance a vitória. Intrometa-se por puro rancor, e vai estragar tudo.

— Seja qual for seu trabalho, tenho certeza de que Sheriam e as outras vão garantir que você o faça. Dulain? Nunca ouvi falar. Ele não deve ter sido muito bem-sucedido. — Bryne acreditava que Murandy

permaneceria uma colcha de retalhos de lordes e ladies independentes, até que a Roda girasse e uma nova Era chegasse. Os murandianos se autointitulavam lugardianos, mindeanos ou sabe-se lá o quê antes de se entenderem como parte de uma nação. Isso quando se chamavam de alguma coisa. Um lorde com a capacidade de uni-los, e que tinha a coleira de Siuan na garganta, poderia angariar um número considerável de homens.

— Ele… morreu. — Suas bochechas ficaram vermelhas, e Siuan pareceu ter sentimentos conflitantes. — Um mês depois que fui embora de Caemlyn, um fazendeiro andoriano matou-o com uma flecha durante uma incursão para roubar ovelhas.

Bryne não conseguiu conter a gargalhada.

— Eram os fazendeiros que você deveria ter obrigado a se ajoelhar, não eu. Bem, não precisa mais se preocupar com essas coisas. — Isso, com certeza, era verdade. Quaisquer funções que as Aes Sedai tivessem para ela, jamais envolveria poder ou tomada de decisões. Ele ficou com pena. Não conseguia imaginar aquela mulher desistindo e morrendo, mas ela perdera quase tudo que era possível perder, exceto a vida. Por outro lado, Bryne não gostara de ser chamado de urubu ou de um monte de tripas de peixe rançoso. Qual tinha sido a outra ofensa? Idiota com cérebro de carpa. — De agora em diante, você pode se preocupar só com a limpeza das minhas botas e a arrumação da minha cama.

Os olhos dela se estreitaram até não passarem de fendas.

— Se é o que deseja, *Lorde* Gareth Bryne, deveria ter escolhido Leane. Pode ser que *ela* seja tola o bastante.

Bryne por pouco não conseguiu evitar que seus olhos se arregalassem. O modo como as mentes femininas funcionavam o deixava impressionado.

— Você jurou me servir como eu escolhesse. — Ele deu uma risadinha. Por que estava fazendo aquilo? Sabia quem e o que ela era. Mas aqueles olhos ainda o perturbavam, fulminando-o desafiadoramente mesmo quando já não havia escapatória, como naquele momento. — Vai descobrir o tipo de homem que eu sou, Siuan. — Disse isso com intenção de acalmá-la depois da gozação, mas, pela forma como os ombros da mulher se enrijeceram, ela pareceu entender como uma ameaça.

De repente, Bryne notou que escutava as Aes Sedai, um murmúrio suave de vozes que se silenciaram de imediato. Elas o encaravam com expressões indecifráveis. Não, encaravam Siuan. Os olhos das mulheres seguiram-na quando ela começou a voltar para onde Leane ainda estava. Como se sentisse a pressão delas, cada passo era um pouco mais rápido que o anterior. Quando voltou a se virar, ao lado da lareira, seu rosto não expressava mais que os delas. Uma mulher

notável. Ele não tinha certeza se, no lugar dela, teria se saído tão bem.

As Aes Sedai estavam esperando que ele se aproximasse. Quando Bryne o fez, Sheriam disse:

— Aceitamos as suas condições sem reservas, Lorde Bryne, e nos comprometemos a mantê-las. São muitíssimo razoáveis.

Carlinya, pelo menos, não parecia pensar que as condições fossem minimamente razoáveis, mas ele não se importou. Havia se preparado para abrir mão de todas, se preciso, exceto da última: que elas mantivessem o plano em curso.

Ele se ajoelhou, o punho direito pressionando o farrapo de tapete, e elas o circundaram, todas repousando uma das mãos em sua cabeça inclinada. Bryne não se importava se elas usassem o Poder para amarrá-lo ao juramento ou para buscar a verdade — não tinha certeza se elas eram capazes de nenhum dos dois, mas quem de fato sabia do que as Aes Sedai eram capazes? — e, se a intenção delas fosse qualquer outra, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Aprisionado por um par de olhos, feito um caipira ingênuo e tolo. Ele *tinha mesmo* cérebro de carpa.

— Eu me comprometo e juro servi-las fielmente até a Torre Branca lhes pertencer…

Bryne já traçava planos. Thad e talvez um ou dois Guardiões cruzando o rio para ver o que os Mantos-brancos estavam tramando. Joni, Barim e alguns outros para Ebou Dar. Isso evitaria que Joni engolisse a língua toda vez que pousasse os olhos em “Mara” e “Amaena”, e cada um dos que enviasse teria de saber recrutar.

— … formando e liderando seu exército fazendo máximo uso das minhas habilidades…

Quando o discreto zum-zum-zum das conversas no salão se dissipou, Min ergueu os olhos dos desenhos distraídos que fazia na mesa, mergulhando o dedo no vinho. Incrivelmente, Logain também se agitou, mas só para olhar as pessoas que estavam no cômodo, ou talvez para olhar através delas. Difícil dizer.

Gareth Bryne e aquele enorme Guardião illianense foram os primeiros a vir dos fundos. Naquele silêncio atento, ela escutou Bryne dizer:

— Diga a eles que uma taverneira de Ebou Dar enviou você, ou vão enfiar sua cabeça em uma estaca.

O illianense gargalhou bem alto.

— Cidade perigosa, essa Ebou Dar. — Tirando as luvas de couro de trás do cinturão da espada, ele partiu em direção à rua, ainda calçando-as.

A conversa começou a esquentar de novo quando Siuan apareceu. Min não escutou o que Bryne disse a ela, mas a mulher saiu atrás do

Guardião, resmungando consigo mesma. Min tinha a sensação desconfortável de que as Aes Sedai haviam decidido que iriam honrar aquele juramento tolo do qual Siuan tanto se orgulhara, e imediatamente. Se conseguisse se convencer de que os dois Guardiões recostados na parede não perceberiam, já estaria porta afora — e na sela de Rosa Selvagem — em um instante.

Sheriam e as outras Aes Sedai saíram por último, com Leane. Myrelle sentou-a em uma das mesas e começou a discutir algo, enquanto as demais circulavam pelo cômodo e paravam para falar umas com as outras. O que quer que dissessem produzia reações desde absoluto choque a risos de contentamento, apesar da famosa serenidade das Aes Sedai.

— Fique aqui — ordenou Min a Logain, arrastando para trás a cadeira bamba. Esperava que ele não fosse começar a criar problemas. Logain olhava para os rostos das Aes Sedai, uma a uma, aparentando estar mais atento do que estivera há dias. — Trate apenas de ficar nesta mesa até eu voltar, Dalyn. — Ela tinha perdido o hábito de estar perto de pessoas que sabiam o verdadeiro nome dele. — Por favor.

— Ela me vendeu para as Aes Sedai. — Foi um choque ouvi-lo falar depois de tanto tempo em silêncio. Ele estremeceu e, a seguir, anuiu. — Vou esperar.

Min hesitou, mas, se dois Guardiões não pudessem impedi-lo de cometer alguma estupidez, um salão repleto de Aes Sedai certamente poderia. Quando alcançou a porta, um capão castanho atarracado estava sendo conduzido por um homem com aspecto de cavalariço. O cavalo de Bryne, supôs. As montarias delas não estavam à vista. Qualquer tentativa de liberdade estava fora de cogitação. *Eu vou honrar aquela desgraça! Vou, sim! Mas elas não podem me afastar de Rand agora. Já fiz o que Siuan queria. Elas têm que me deixar ir atrás dele.* O único problema era que as Aes Sedai decidiam sozinhas o que tinham de fazer e, normalmente, decidiam também o que as outras pessoas tinham de fazer.

Siuan quase a derrubou, voltando apressada com uma expressão irritadiça, um lençol enrolado debaixo do braço e alforjes nos ombros.

— Fique de olho em Logain — sussurrou ela, sem diminuir o passo. — Não deixe ninguém falar com ele. — Ela marchou até o pé da escada, onde uma serviçal de cabelos grisalhos começava a guiar Bryne para o andar de cima, e seguiu atrás deles. Pelo olhar que Siuan fixou nas costas do homem, ele deveria rezar para que ela não resolvesse puxar uma faca.

Min sorriu para o Guardião alto e esbelto que acompanhara sua ida até a porta. Ele ficara a dez pés de distância, quase sem olhar para ela, mas Min não se deixava iludir.

— Agora somos hóspedes. Amigos. — O homem não devolveu o

sorriso. *Malditos homens com aquela cara de pedra!* Por que não podiam dar ao menos uma dica do que estavam pensando?

Logain ainda estava examinando as Aes Sedai quando ela voltou para a mesa. Bela hora para Siuan querer mantê-lo em silêncio, justo quando o homem começava a demonstrar vida novamente. Ela precisava conversar com Siuan.

— Logain — disse Min gentilmente, esperando que nenhum dos Guardiões recostados na parede conseguisse ouvir. Eles mal pareciam respirar desde que tinham tomado suas posições, exceto quando um deles a seguira. — Acho que você não deve falar nada até Mara lhe dizer o que planejou. Não fale com ninguém.

— Mara? — Ele abriu um sorriso sombrio de desdém. — Siuan Sanche, você quer dizer? — Então ele se lembrava do que tinha escutado em sua letargia. — Alguém aqui está com cara de que quer falar comigo? — Ele voltou a observar os arredores com o rosto franzido.

Realmente ninguém parecia querer falar com um falso Dragão amansado. Tirando os dois Guardiões, ninguém parecia dar a mínima para eles. Se não soubesse das coisas, Min teria jurado que as Aes Sedai ali presentes estavam animadas. Não que antes elas estivessem apáticas, mas agora com certeza pareciam mais enérgicas, conversando em pequenos grupos e dando ordens rápidas para os Guardiões. Os papéis aos quais haviam dedicado tanta atenção agora estavam abandonados. Sheriam e todas as outras que conversaram com Siuan já haviam retornado para a sala dos fundos, mas Leane tinha duas mulheres em sua mesa, as duas escrevendo o mais rápido que podiam. E um fluxo constante de Aes Sedai adentrava a estalagem, desaparecendo por aquela porta rústica e não saindo mais. O que quer que tivesse acontecido lá dentro, Siuan decerto as agitara.

Min desejou que Siuan estivesse ali na mesa, ou, ainda melhor, que tivesse cinco minutos sozinha com ela em algum lugar. Sem dúvida, naquele momento estava golpeando Bryne com os alforjes. Não, Siuan não chegaria a tanto, apesar de todos aqueles olhares ameaçadores. Bryne não era como Logain, com aquela aura de grandeza em todas as dimensões e emoções. Logain conseguira sobrepujar Siuan por um tempo à base de sua pura enormidade. Bryne era quieto, reservado — não um homem pequeno, decerto, mas longe de ser dominante. Min não gostaria de ter como inimigo o homem de quem se lembrava, de Fontes de Kore, mas não achava que ele fosse resistir a Siuan por muito tempo. Talvez pensasse que fosse agir docilmente enquanto cumpria sua pena como serviçal, mas Min não tinha dúvidas de quem acabaria fazendo o que o outro queria. Só precisava conversar com a mulher a respeito dele.

Como se pensar nela a convocasse, Siuan veio descendo

ruidosamente os degraus, um embrulho branco debaixo do braço. O mais certo seria dizer que ela correu escada abaixo. Se tivesse uma cauda, estaria estalando tal qual um chicote. A antiga Amyrlin fez uma breve pausa, encarando Min e Logain, e marchou em direção à porta que levava às cozinhas.

— Fique aqui — advertiu Min ao homem. — E, por favor, não diga nada até… que Siuan possa falar com você. — Teria de se acostumar a voltar a se referir às pessoas pelos nomes verdadeiros. Logain nem olhou para ela.

Min alcançou Siuan em um corredor pouco antes da cozinha. Os ruídos e respingos do esfregar de panelas e da lavagem de pratos podiam ser ouvidos pelas frestas das tábuas murchas na porta da cozinha.

Os olhos de Siuan se arregalaram, alarmados.

— Por que você saiu de perto dele? Ele ainda está vivo?

— De acordo com as minhas visões, não vai morrer tão cedo. Siuan, ninguém *quer* falar com ele. Mas eu preciso falar com você. — Siuan enfiou o embrulho branco nos braços dela. Camisas. — O que é isso?

— A maldita roupa suja do maldito Gareth Bryne — rosnou a outra mulher. — Como você também é uma das *serviçais* dele, pode lavá-las. Antes de qualquer coisa, eu preciso falar com Logain.

Min agarrou o braço dela quando Siuan tentou passar.

— Você pode gastar um minuto para me ouvir. Quando Bryne entrou, eu tive uma visão. Uma aura, e um touro arrancando rosas de em torno do próprio pescoço, e… Nada disso importa, só a aura. Não cheguei nem a entender isso completamente, mas entendi mais do que ao resto.

— O que você entendeu?

— Se quiser continuar viva, é melhor não sair de perto dele. — Apesar do calor, Min estremeceu. Só tivera uma única outra visão que apresentava um "se", e ambas haviam sido potencialmente letais. Já era ruim o bastante às vezes saber o que *ia* acontecer. Se começasse a saber o que *podia*… — Isso é tudo que eu sei. Se ele ficar por perto, você vai sobreviver. Se ele se afastar demais, por muito tempo, você vai morrer. Vocês dois. Não sei por que vi algo a seu respeito na aura dele, mas você me pareceu parte dela.

O sorriso de Siuan teria conseguido descascar uma pera.

— Eu preferiria navegar em um navio de casco podre cheio de enguias pescadas um mês antes.

— Nunca pensei que ele fosse nos seguir. Elas vão mesmo nos obrigar a ir com ele?

— Ah, não, Min. Ele vai conduzir os nossos exércitos à vitória. E fazer da minha vida o Poço da Perdição! Então ele vai salvar a minha

vida, é? Não sei se vale a pena. — Siuan respirou fundo e alisou as saias. — Quando você tiver lavado e passado o ferro nisso tudo, traga para mim. Eu levo lá para cima para ele. Pode limpar as botas dele antes de ir dormir, hoje à noite. Tem um quarto para nós, um cubículo, ao lado do dele, então vamos estar por perto caso Bryne queira alguém para afofar seus malditos travesseiros! — Antes que Min pudesse reclamar, Siuan já havia saído.

Ao baixar o olhar para as camisas amassadas, Min teve certeza de que sabia quem ficaria responsável por toda a roupa suja de Bryne, e não seria Siuan Sanche. *Maldito Rand al'Thor.* Apaixonar-se por um homem acabava obrigando as mulheres a cuidar de roupa suja, ainda que fossem de outro homem. Ao marchar até a cozinha para pedir água quente e um balde de lavar roupa, Min resmungava tanto quanto Siuan.

29

Lembranças de Saldaea

Estirado na cama, no escuro, só de camisa, Kadere brincava preguiçosamente com um lenço entre as mãos. As janelas abertas do carroção deixavam entrar o luar, mas não muito vento. Ao menos Cairhien era mais fresca que o Deserto. Algum dia, esperava voltar a Saldaea para caminhar no jardim onde sua irmã Teodora lhe ensinara as primeiras letras e números. Sentia tanta falta dela quanto de Saldaea, dos invernos rigorosos em que as árvores estouravam por causa da seiva congelada e a única maneira de viajar era com sapatos de neve ou esquis. Naquelas terras do sul, a primavera parecia o verão, e o verão parecia o Poço da Perdição. Ele estava empapado de suor.

Com um suspiro profundo, enfiou os dedos em uma fresta da cama embutida no carroção. O fragmento de pergaminho dobrado crepitou. Ele o deixou lá. Sabia a mensagem de cor:

> Você não está sozinho entre estranhos. Um caminho já foi escolhido.

Só isso, e sem assinatura, claro. Encontrara o pergaminho enfiado por debaixo da porta ao se recolher, à noite. Havia uma cidadezinha a menos de um quarto de milha adiante, Eianrod, mas, mesmo que ainda houvesse uma cama macia vazia por lá, duvidava que os Aiel permitissem que ele passasse uma única noite longe dos carroções. Ou que a Aes Sedai permitisse. Naquele momento, seus planos se encaixavam bem com os de Moiraine. Talvez conseguisse voltar a ver Tar Valon. Um lugar perigoso para homens como ele, mas o trabalho lá sempre era importante — e revigorante.

Kadere tornou a se concentrar no bilhete, embora desejasse ser capaz de ignorá-lo. A palavra “escolhido” o fez ter certeza de que viera de outro Amigo das Trevas. A primeira surpresa fora recebê-lo àquela altura, após cruzar a maior parte de Cairhien. Cerca de dois meses antes, logo após Jasin Natael grudar em Rand al’Thor — por razões que o homem jamais se dignara a explicar — e sua nova

parceira, Keille Shaogi, desaparecer — suspeitava que ela tivesse sido enterrada no Deserto com uma faca de Natael cravada no peito, e já ia tarde —, Kadere recebera a visita de um dos Escolhidos. Da própria Lanfear. Ela lhe dera instruções.

Levou a mão ao peito, em um gesto mecânico, e sentiu as cicatrizes através da camisa. Enxugou o rosto com o lenço. Parte de sua mente pensou com frieza, como fazia ao menos uma vez por dia desde então, que elas eram uma lembrança, uma prova concreta de que não havia sido um sonho comum. Um pesadelo comum. Outra parte quase balbuciava de alívio por Lanfear não ter retornado.

A segunda surpresa do bilhete fora a caligrafia. Uma caligrafia feminina, a menos que seu palpite estivesse muitíssimo errado, e algumas das letras escritas de um jeito que ele agora reconhecia como típico dos Aiel. Natael lhe dissera que devia haver Amigos das Trevas entre os Aiel — havia Amigos das Trevas em todas as terras, em meio a todos os povos —, mas ele nunca quisera encontrar irmãos no Deserto. Os Aiel podiam matar à primeira vista e se ofendiam com uma mera respiração.

Em linhas gerais, o bilhete prenunciava desastre. Possivelmente, Natael contara quem ele era para algum Aiel Amigo das Trevas. Rodopiando o lenço com raiva até transformá-lo em uma corda fina e comprida, Kadere o apertou com força entre as mãos. Se o menestrel e Keille não tivessem dado provas de que eram benquistos entre os Amigos das Trevas, ele teria matado os dois antes de chegar perto do Deserto. A única outra possibilidade fez seu estômago pesar. “Um caminho já foi escolhido.” Talvez aquilo só servisse para usar a palavra “escolhido”, e talvez a intenção tivesse sido informá-lo de que um dos Escolhidos decidira utilizá-lo. O bilhete não viera de Lanfear. Ela teria simplesmente conversado de novo com ele em seus sonhos.

Kadere tremeu, apesar do calor que o fizera tornar a enxugar o rosto. Tinha a sensação de que servir a Lanfear era ter uma senhora ciumenta, mas, caso algum outro dos Escolhidos o quisesse, não teria escolha. Apesar de todas as promessas recebidas quando ele fizera os juramentos, ainda garoto, Kadere era um homem de poucas ilusões. Apanhado entre dois Escolhidos, poderia ser esmagado feito um gatinho sob as rodas de um carroção, e causando tão pouca comoção quanto. Gostaria de estar em casa, em Saldaea. Gostaria tanto de ver Teodora de novo.

Um arranhão na porta fez Kadere se levantar. Apesar de todo o seu tamanho, era mais ágil do que permitia que os outros percebessem. Enxugou o rosto e o pescoço e passou pelo fogão de pedra — que, ali, não tinha nenhuma serventia — e pelos armários com portas verticais ornamentadas com entalhes e pinturas. Quando abriu a porta, uma figura esbelta enrolada em vestes negras entrou

apressada. Kadere espiou rapidamente a escuridão iluminada pela lua para se certificar de que ninguém estava olhando — os condutores estavam roncando debaixo dos outros carroções, e os guardas Aiel nunca ficavam por perto — e fechou a porta depressa.

— Você deve estar com calor, Isendre. — Ele deu um risinho. — Tire o roupão e fique confortável.

— Não, obrigada — retrucou ela com amargura, a voz ecoando das profundezas sombreadas do capuz. Manteve-se de pé, bem ereta, mas, de vez em quando, estremecia. A lã devia estar pinicando mais que o normal, naquela noite.

Kadere tornou a rir.

— Como preferir.

Por baixo daquela roupa, suspeitava, as Donzelas da Lança ainda só permitiam que ela usasse as joias roubadas, se tanto. Isendre se tornara bastante recatada desde que as Donzelas a apanharam. Por que ela fora estúpida o suficiente para roubar, ele não entendia. Certamente não fizera nenhuma objeção quando as Donzelas a arrastaram do carroção pelo cabelo, aos gritos. Apenas ficou feliz por não terem pensado que ele estava envolvido. A ganância de Isendre decerto tornara a tarefa dele mais difícil.

— Tem algo para me contar sobre al'Thor ou Natael?

Boa parte das orientações de Lanfear havia sido para que ele ficasse atento àqueles dois, e Kadere sabia que não havia jeito melhor de vigiar um homem de perto do que pôr uma mulher em sua cama. Qualquer homem contava para a parceira coisas que jurara manter em segredo, vangloriava-se de seus planos e revelava suas fraquezas, mesmo que esse homem fosse o Dragão Renascido ou o tal da Aurora, como os Aiel chamavam.

Isendre estremeceu visivelmente.

— Pelo menos posso chegar perto de Natael. — Chegar perto? Uma vez que as Donzelas apanharam-na entrando furtivamente na tenda do homem, tinham passado a quase enfiá-la lá todas as noites. As histórias de Isendre eram sempre exageradas a seu favor. — Não que ele me diga algo. Espere. Tenha paciência. Continue em silêncio. Adapte-se ao destino, o que quer que isso signifique. Ele diz isso toda vez que tento fazer uma pergunta. Na maior parte do tempo, só quer tocar umas músicas que eu nunca ouvi na vida e fazer amor. — Ela nunca tinha outra coisa a dizer a respeito do menestrel. Pela centésima vez, Kadere se perguntou por que Lanfear queria que Natael fosse vigiado. Supostamente, o homem tinha o nível mais alto que um Amigo das Trevas podia alcançar, apenas um degrau abaixo dos próprios Escolhidos.

— Entendo que isso quer dizer que você ainda não conseguiu se esgueirar para a cama de al'Thor, não é? — perguntou, passando por

ela para se sentar na cama.

— Não. — A mulher se contraiu, desconfortável.

— Então você precisa se esforçar mais, não acha? Estou ficando cansado desses fracassos, Isendre, e nossos mestres não são tão pacientes quanto eu. Não importam os títulos dele, al'Thor continua sendo apenas um homem. — Ela costumava se gabar para Kadere que conseguia conquistar qualquer homem que quisesse e obrigá-lo a fazer suas vontades. E demonstrara que se gabava com razão. Não precisara roubar joias. Ele teria comprado para Isendre qualquer coisa que ela quisesse. E já *havia* lhe dado mais do que podia pagar. — As malditas Donzelas não têm como vigiá-lo o tempo todo, e, quando você estiver em sua cama, ele não vai permitir que elas machuquem você. — Uma provinha dela seria suficiente para isso. — Tenho plena fé e confiança nas suas habilidades.

— Não. — A resposta pareceu mais curta desta vez.

Irritado, Kadere enrolou e desenrolou o lenço.

— "Não" é uma palavra que nossos mestres não gostam muito de ouvir, Isendre. — Estava falando dos lordes entre os Amigos das Trevas, e não eram todos lordes e ladies de verdade, de maneira nenhuma. Um cavalariço poderia dar ordens a uma lady, e um mendigo, a um magistrado. Mas os comandos entre os Amigos das Trevas eram impostos, no mínimo, tão estritamente quanto os de qualquer hierarquia, talvez até mais. — É uma palavra que nossa mestra não gostaria de ouvir.

Isendre estremeceu. Não acreditara no que Kadere lhe contou até ele lhe mostrar as queimaduras no peito, mas, desde então, uma única menção a Lanfear havia sido o bastante para reprimir qualquer rebelião da parte dela. Desta vez, ela começou a chorar.

— Eu não posso, Hadnan. Quando paramos hoje à noite, achei que fosse ter uma chance, já que estamos em uma cidade, e não em tendas, mas elas me pegaram antes que eu chegasse a dez passadas dele. — Isendre tirou o capuz, e Kadere ficou boquiaberto quando o luar iluminou o escalpo nu de Isendre. Até as sobrancelhas haviam sido raspadas. — Elas me rasparam, Hadnan. Adelin, Enaila e Jolien me seguraram e rasparam todos os pelos do meu corpo. Me bateram com urtigas, Hadnan. — A mulher tremia feito uma muda de árvore ao vento forte, soluçando com a boca entreaberta e balbuciando as palavras. — Estou com coceira dos ombros aos joelhos, mas ardida demais para me coçar. Elas disseram que me fariam *vestir* urtigas na próxima vez que eu sequer olhasse na direção dele. Estavam falando sério, Hadnan. De verdade! Disseram que me entregariam a Aviendha e me contaram o que ela faria. Eu não posso, Hadnan. De novo, não. Eu não posso.

Chocado, Kadere ficou encarando a mulher. Isendre tinha um

cabelo escuro tão lindo. Ainda assim, sua beleza era tamanha que estar careca feito um ovo só fazia com que parecesse exótica. As lágrimas e o rosto cabisbaixo só atenuavam um pouco seu charme. Se conseguisse chegar à cama de al'Thor por uma única noite… Não iria acontecer. Ela estava derrotada, graças às Donzelas. O próprio Kadere já tinha feito o mesmo com algumas pessoas, conhecia bem os sinais. A ânsia para evitar mais castigos se transformava em ânsia por obedecer. A mente nunca queria admitir que estava fugindo de algo, então ela logo se convenceria de que realmente desejava obedecer, de que de fato não queria nada além de satisfazer as Donzelas.

— O que Aviendha tem a ver com isso? — resmungou ele. Quanto tempo faltava para que Isendre também sentisse a necessidade de confessar seus pecados?

— Al'Thor tem dormido com ela desde Rhuidean, seu tolo! Aquela Aiel passa todas as noites com ele. As Donzelas acham que os dois vão se casar. — Mesmo entre soluços, Kadere identificou a fúria ressentida. Não gostava que outra tivesse sucesso onde ela falhara. Com certeza era por isso que ainda não tinha contado nada a ele.

Apesar do olhar feroz, Aviendha era uma mulher bonita e de seios fartos, se comparada com a maioria das Donzelas, mas achava que Isendre era páreo para ela caso… Isendre desabou ao luar que entrava pelas janelas, tremendo da cabeça aos pés, soluçando de boca aberta, com lágrimas que ela nem se dava ao trabalho de enxugar escorrendo pelas bochechas. Ela rastejaria se Aviendha franzisse a testa em sua direção.

— Muito bem — disse ele gentilmente. — Se você não pode, então não pode. Ainda dá para arrancar alguma coisa de Natael. Sei que você é capaz. — Ele se levantou e segurou Isendre pelos ombros para levá-la até a porta.

Ela se esquivou do toque de Kadere, mas se virou.

— Natael vai passar vários dias sem querer olhar para mim — afirmou, petulante, entre soluços e fungadas. O choro ameaçava irromper novamente a qualquer momento, mas o tom de voz dele pareceu tê-la acalmado. — Estou toda vermelha, Hadnan. Vermelha como se tivesse passado um dia inteiro deitada ao sol. E meu cabelo vai levar uma vida para voltar a cres…

Quando ela se aproximou da porta, os olhos já voltados para a maçaneta, Kadere enrolou o lenço até fazer dele uma corda e, em um instante, começou a apertar o pescoço de Isendre. Tentou ignorar os gorgolejos estridentes e o raspar frenético dos pés dela no chão. A mulher cravou as unhas nas mãos dele, mas o olhar de Kadere estava fixo à frente. Mesmo mantendo os olhos abertos, viu Teodora. Sempre via, quando matava uma mulher. Amara a irmã, mas ela descobrira o que ele era e não teria ficado em silêncio. Os calcanhares de Isendre

chutavam violentamente, mas, depois do que pareceu uma eternidade, ficaram lentos, depois imóveis, e ela se tornou um peso morto em suas mãos. Kadere segurou a corda bem apertado e contou até sessenta antes de afrouxar e deixar a mulher cair. Ela logo estaria confessando. Confessando que fazia parte dos Amigos das Trevas. E apontando o dedo para ele.

Tateou os armários e apanhou uma faca de açougueiro. Livrar-se de um cadáver inteiro seria difícil, mas, por sorte, os mortos não sangravam tanto. O roupão iria absorver o pouco que sangrasse. Talvez encontrasse a mulher que deixara o bilhete sob a porta. Se não fosse bonita o bastante, devia ter companheiras que também fossem Amigos das Trevas. Natael não se importaria se fosse uma Aiel a visitá-lo — Kadere teria preferido dormir com uma víbora; os Aiel eram perigosos. E talvez uma Aiel tivesse melhor chance do que Isendre contra Aviendha. Trabalhando de joelhos, ele cantarolou uma canção de ninar que Teodora lhe ensinara.

Capítulo 30

Uma aposta

Uma suave brisa noturna varreu a cidadezinha de Eianrod, então se dissipou. Sentado na balaustrada de pedra da ponte larga e plana no coração da cidade, Rand imaginou que a brisa estivesse quente, ainda que, depois do Deserto, não lhe parecesse. Morna para a noite, talvez, mas não o suficiente para fazê-lo desabotoar o casaco vermelho. O rio abaixo nunca fora dos maiores e estava com metade da largura habitual, mas Rand ainda apreciava observar a água fluir para o norte, com as sombras das nuvens passageiras naquela noite enluarada brincando pela superfície de brilho escuro. Na realidade, era por isso que estava ali fora à noite: para passar um tempo olhando a água corrente. Suas proteções estavam armadas, circundando o acampamento Aiel, que, por sua vez, circundava a cidade. Os próprios Aiel mantinham uma vigilância que não deixaria nem um pardal passar despercebido. Rand podia gastar uma hora se tranquilizando com o correr de um rio.

Certamente era melhor do que mais uma noite mandando Moiraine embora para que pudesse estudar com Asmodean. A mulher tinha até passado a lhe trazer as refeições e ficava falando enquanto ele comia, como se quisesse comprimir tudo o que sabia na cabeça de Rand antes que chegassem à cidade de Cairhien. Ele não conseguiria assisti-la implorando para ficar mais tempo — implorando de verdade! —, como fizera na noite anterior. Para uma mulher como Moiraine, aquele comportamento era tão pouco natural que Rand se sentira impelido a concordar simplesmente para acabar com aquilo. O que provavelmente fora a intenção. Era bem melhor passar uma hora ouvindo o tranquilo ondular líquido do rio. Com sorte, Moiraine já teria desistido, naquela noite.

As oito ou dez passadas de barro entre a água e as ervas daninhas nas duas margens abaixo estavam secas e rachadas. Rand espiou as nuvens acima, que passavam pela lua. Poderia tentar fazer com que chovesse. As duas fontes da cidade estavam secas, e havia poeira em um terço dos poços que não se encontravam irreversivelmente danificados. Porém, a palavra era tentar. Fizera chover certa vez,

quando se lembrara do truque. Se conseguisse, desta vez poderia tentar não transformar a chuva em um verdadeiro dilúvio, com tempestades de vento que arrancassem árvores.

Asmodean não seria útil. Não entendia muito de condições climáticas, ao que parecia. Para cada coisa que o homem lhe ensinava, havia duas que ele não sabia ou que lhe mostrava sem muito esmero. No passado, Rand achara que os Abandonados sabiam de tudo, que eram praticamente onipotentes. Mas, se os demais fossem como Asmodean, também tinham suas ignorâncias e fraquezas. Podia até ser que Rand já soubesse mais do que eles sobre alguns assuntos. Do que alguns deles, pelo menos. O problema seria descobrir quem. Semirhage era quase tão ruim quanto Asmodean na manipulação de condições climáticas.

Rand estremeceu como se aquela fosse uma noite na Terra da Trindade. Asmodean jamais lhe dissera aquilo. Se pretendia dormir, era melhor escutar a água e não pensar em nada.

Sulin se aproximou, a *shoufa* em torno dos ombros de modo a revelar o cabelo branco curto, e se inclinou na balaustrada. A rija Donzela estava armada para a batalha, arco e flechas, lanças, faca e broquel. Assumira o comando da guarda de Rand naquela noite. A dez passadas de distância, mais duas dúzias de *Far Dareis Mai* estavam agachadas tranquilamente na ponte.

— Noite estranha — disse ela. — Estávamos jogando, mas de repente todo mundo começou a tirar só seis nos dados.

— Me desculpe — respondeu ele sem pensar, fazendo Sulin encará-lo de modo esquisito. Ela não sabia, claro. Rand não revelara nada a respeito. As ondulações que ele produzia como *ta'veren* se espalhavam de maneira estranha e aleatória. Nem os Aiel iriam querer estar a menos de dez milhas dele, se soubessem.

Naquele dia, o solo cedera sob três Cães de Pedra, fazendo-os cair em um poço de víboras, mas nenhuma das dúzias de mordidas encontrara mais que pano. Rand sabia que havia sido ele, manipulando a sorte. Tal Nethin, o fabricante de selas, sobrevivera a Taien apenas para tropeçar em uma pedra, no meio daquele dia, e quebrar o pescoço ao cair em um gramado plano. Rand também temia que tivesse sido ele. Por outro lado, Bael e Jheran haviam feito uma trégua na rixa de sangue entre os Shaarad e os Goshien, na presença de Rand, durante um almoço de carne seca em plena viagem. Eles ainda não se gostavam, e não pareciam entender o que haviam feito, mas *fizeram*, assumindo compromissos e fazendo juramentos de água, cada um segurando o copo para o outro beber. Para os Aiel, juramentos de água eram mais fortes que qualquer outro. Várias gerações poderiam se passar antes que os Shaarad e os Goshien voltassem a sequer roubar ovelhas, cabras ou gado um do outro.

Rand se perguntara se, algum dia, aqueles efeitos aleatórios funcionariam a seu favor. Talvez aquilo fosse o mais perto que conseguiria chegar. O que mais acontecera naquele dia que poderia ser atribuído a ele, Rand não sabia. Nunca perguntava e também não queria ouvir. Os Baels e Jherans só compensavam em parte os Tal Nethins.

— Faz dias que não vejo Enaila ou Adelin — disse ele. Era uma mudança de assunto tão boa quanto qualquer outra. Aquelas duas, em particular, pareciam possessivas sobre suas posições na guarda dele. — Elas estão doentes?

O olhar que Sulin lhe lançou foi ainda mais esquisito, se possível.

— Elas vão voltar quando pararem de brincar de boneca, Rand al'Thor.

Ele abriu a boca e tornou a fechá-la. Os Aiel eram estranhos — as lições de Aviendha costumavam fazê-los parecerem ainda mais estranhos, não menos —, mas aquilo era ridículo.

— Bem, diga às duas que elas já são mulheres feitas e que precisam agir como tal.

Mesmo à luz da lua, ele viu que o sorriso dela era de contentamento.

— Será como o *Car'a'carn* deseja. — O que aquilo significava? Ela o encarou por um momento, os lábios apertados em uma expressão pensativa. — Você ainda não comeu esta noite. Tem comida suficiente para todo mundo, e você não vai encher nenhuma outra barriga ficando com fome. Se não comer, as pessoas vão ficar preocupadas com a *sua* saúde. Vai acabar adoecendo.

Ele gargalhou suavemente, um chiado rouco. O *Car'a'carn* em um minuto, e no outro… Se não fosse buscar algo para comer, Sulin provavelmente faria isso para ele. E, além do mais, tentaria lhe dar na boca.

— Eu vou comer. Moiraine já deve estar debaixo dos cobertores a uma hora dessas. — Desta vez, a estranheza no olhar dela foi gratificante. Para variar, *ele* dissera algo que *ela* não entendeu.

Ao esticar os pés para descer, Rand escutou o ressoar de patas de cavalo vindo pela rua de pedra em direção à ponte. Todas as Donzelas se puseram imediatamente de pé, os rostos cobertos pelos véus. Metade delas posicionou flechas nos arcos. Rand levou a mão instintivamente à cintura, mas a espada não estava lá. Os Aiel já achavam suficientemente estranho vê-lo cavalgar e carregar o troço na sela, e Rand não vira nenhuma necessidade de ofender ainda mais os costumes deles ao usá-la. Além do mais, não havia muitos cavalos, e eles se aproximavam caminhando.

Quando os cavaleiros apareceram, cercados por uma escolta de cinquenta Aiel, viu que eram menos de vinte, os ombros curvados nas

selas. A maioria usava elmos com aro e casacos tairenos de mangas listradas sob a armadura peitoral. Os dois que vinham à frente tinham couraças douradas enfeitadas e grandes plumas brancas presas à parte frontal dos elmos, e as listras de suas mangas cintilavam feito cetim sob o luar. No entanto, meia dúzia de homens mais atrás, mais baixos e fracos que os tairenos, dois deles com pequenos estandartes chamados *con* presos em mastros curtos atrelados às costas, usavam casacos escuros e elmos com formato de sino cortados para expor seus rostos. Os cairhienos usavam os estandartes para diferenciar os oficiais em batalha e também para identificar a guarda pessoal de um lorde.

Os tairenos emplumados o encararam, trocando olhares assustados, e desceram de modo desajeitado para se ajoelhar diante dele, os elmos debaixo do braço. Eram jovens, um pouco mais velhos que Rand, ambos com barbas escuras aparadas para formar uma ponta, à moda da nobreza tairena. As armaduras peitorais estavam amassadas, e havia lascas na camada dourada. Tinham cruzado espadas em algum lugar. Nenhum dos dois chegou a dar mais que uma olhadela para os Aiel que os cercavam, como se, caso ignorados, aqueles estrangeiros fossem desaparecer. As Donzelas tiraram os véus, embora não parecessem menos prontas para atravessar uma lança ou uma flecha pelo corpo de um dos homens ajoelhados.

Rhuarc seguia os tairenos acompanhado de um Aiel mais jovem, de olhos cinzentos e um pouco mais alto que ele, e parou logo atrás. Mangin era dos Taardad Jindo, e um dos que havia ido à Pedra de Tear. Os Jindo haviam trazido os cavaleiros.

— Milorde Dragão — disse o fidalgote rechonchudo de bochechas rosadas —, que minha alma queime, mas eles fizeram *o senhor* de prisioneiro? — O acompanhante, com orelhas de abano e nariz de batata que o faziam parecer com fazendeiro, apesar da barba, não parava de tirar nervosamente finos fios de cabelo do rosto. — Eles disseram que estavam nos trazendo para algum sujeito da Aurora. O *Car'a'carn*. Se me lembro do que meu tutor me ensinou, significa alguma coisa relacionada a chefes. Me perdoe, milorde Dragão. Sou Edorion, da Casa Selorna, e este é Estean, da Casa Andiama.

— Eu sou Aquele Que Vem Com a Aurora — respondeu Rand, calmo. — E o *Car'a'carn*.

Já os identificara: jovens lordes que haviam passado o tempo todo bebendo, jogando e abordando mulheres quando ele estava na Pedra. Os olhos de Estean quase saltaram do rosto. Edorion, por um momento, pareceu igualmente surpreso, depois assentiu devagar, como se, de repente, tivesse entendido tudo.

— Levantem-se. Quem são seus acompanhantes cairhienos? — Seria interessante conhecer cairhienos que não estivessem fugindo dos Shaido ou de qualquer outro Aiel. Na verdade, se eles estavam com

Edorion e Estean, talvez fossem os primeiros partidários que Rand encontrava naquelas terras. Caso os dois pais daqueles tairenos tivessem obedecido suas ordens. — Traga-os à frente.

Estean piscou, surpreso, ao se levantar, mas Edorion mal hesitou antes de se virar para gritar:

— Meresin! Daricain! Venham cá! — Foi como se chamasse cachorros. Os estandartes cairhienos ondularam quando os dois desceram lentamente dos cavalos.

— Milorde Dragão — cumprimentou Estean, lambendo os lábios como se estivesse com sede. — O senhor… O senhor enviou os Aiel para atacar Cairhien?

— Então eles atacaram a cidade?

Rhuarc aquiesceu, e Mangin respondeu:

— Se for possível acreditar nestes dois, Cairhien ainda resiste. Ou resistia, três dias atrás. — Não havia dúvida de que ele achava que Cairhien já caíra, e menos ainda de que não ligava para uma cidade de Assassinos da Árvore.

— Eu não os enviei, Estean — afirmou Rand, quando os dois cairhienos se juntaram à dupla, ajoelhando-se e retirando os elmos para revelar homens da mesma faixa etária de Edorion e Estean, os cabelos raspados na linha das orelhas e olhos escuros cheios de cautela. — Os que atacam a cidade são meus inimigos, os Shaido. Minha intenção é salvar Cairhien, caso ela ainda possa ser salva.

Rand precisou cumprir o protocolo de mandar os cairhienos ficarem de pé. Sua estada com os Aiel quase que o fizera se esquecer dos hábitos deste lado da Espinha do Mundo, de se curvar e se ajoelhar para lá e para cá. Também precisou pedir para que as pessoas fossem apresentadas, e os próprios cairhienos o fizeram. Lorde Tenente Meresin, da Casa Daganred, cujo *con* era uma sucessão de linhas verticais onduladas, vermelhas e brancas, e Lorde Tenente Daricain, da Casa Annallin, seu *con* coberto de quadradinhos vermelhos e pretos. Era uma surpresa ambos serem lordes. Embora comandassem e liderassem soldados em Cairhien, lordes não raspavam as cabeças e se tornavam soldados. Não era o costume, mas, ao que parecia, muita coisa havia mudado.

— Milorde Dragão. — Meresin gaguejou um pouco ao pronunciar as palavras. Tanto ele quanto Daricain eram homens esguios e de pele clara, com rostos afilados e nariz comprido, mas ele era um pouco mais robusto. Nenhum parecia ter comido muito, ultimamente. Meresin se apressou, como se temesse ser interrompido: — Milorde Dragão, Cairhien é capaz de resistir. Por mais alguns dias, talvez não mais que dez ou doze, mas o senhor precisa ir rápido, se pretende salvá-la.

— Foi por isso que viemos — alertou Estean, lançando um olhar

sombrio na direção de Meresin. Os dois cairhienos devolveram o olhar, mas o ar de desafio era tingido por resignação. Estean tirou o cabelo grudado na testa. — Para buscar ajuda. Destacamentos foram enviados em todas as direções, milorde Dragão. — Apesar do suor no rosto, ele estremeceu, e sua voz ficou distante e vazia. — Havia mais homens quando começamos. Vi Baran morrer gritando com uma lança atravessada nas tripas. Ele nunca mais vai cortar um baralho. Eu aceitaria uma caneca de algum conhaque forte.

Edorion virou o elmo nas mãos enluvadas e franziu o rosto.

— Milorde Dragão, a cidade consegue resistir um pouco mais, mas mesmo que estes Aiel lutem contra eles, a pergunta é: o senhor é capaz de levá-los até lá a tempo? Eu acho que dez ou doze dias são uma estimativa mais do que generosa da minha parte. Na verdade, só vim até aqui porque achei que morrer atravessado por uma lança seria melhor do que ser levado vivo quando eles cruzassem as muralhas. A cidade está atulhada de refugiados que fugiram dos Aiel. Não sobrou nenhum cão ou pombo por lá, e duvido que em breve ainda haja ratos. A única coisa boa é que ninguém parece muito preocupado com quem vai tomar o Trono do Sol, não com esse tal de Couladin à espreita.

— No segundo dia, ele ordenou que nos rendêssemos Àquele Que Vem Com a Aurora — disse Daricain, recebendo um olhar feio de Edorion por tê-lo interrompido.

— Couladin faz algum tipo de jogo com os prisioneiros — acrescentou Estean. — Bem de longe, mas de um ponto das muralhas que qualquer um podia ver. Também dá para ouvir os gritos deles. Que a Luz queime minha alma, mas não sei se ele está tentando nos subjugar ou se simplesmente gosta de fazer aquilo. Às vezes eles deixam camponeses correrem em direção à cidade só para atirar um monte de flechas neles quando já estão quase em segurança. Se é que Cairhien é segura. São só camponeses, mas… — Ele se interrompeu e engoliu em seco, como se tivesse acabado de se lembrar da opinião de Rand sobre os "só camponeses". Rand apenas o encarou, mas o homem pareceu encolher e ficou murmurando a respeito do conhaque.

Edorion aproveitou o silêncio momentâneo.

— Milorde Dragão, o ponto é que a cidade pode resistir até sua chegada, caso o senhor vá rápido. Só resistimos ao primeiro ataque porque o Portão Frontal pegou fogo…

— A chamas quase tomaram a cidade — intrometeu-se Estean. O Portão Frontal, que quase delimitava outra cidade, fora das muralhas de Cairhien, era feito principalmente de madeira, pelo que Rand lembrava. — Teria sido um desastre se o rio não estivesse logo ali.

O outro taireno continuou em seguida.

— … mas Lorde Leilan tem a defesa bem planejada, e os cairhienos parecem continuar fortes, até o momento. — Aquilo rendeu

a Edorion uma careta de Meresin e Daricain que ele ou não viu ou fingiu não ver. — Sete dias, com sorte, talvez oito, no máximo. Caso o senhor consiga… — Um suspiro profundo pareceu murchar subitamente o aspecto rechonchudo de Edorion. — Não vi nenhum cavalo — disse ele, como que para si mesmo. — Os Aiel não cavalgam. O senhor nunca vai conseguir levar os homens tão longe a pé a tempo.

— Quanto tempo? — Rand perguntou a Rhuarc.

— Sete dias — respondeu ele. Mangin assentiu, e Estean gargalhou.

— Que minha alma queime, mas levamos esse tempo para chegar aqui a cavalo. Se vocês se acham capazes de fazer a viagem de volta a pé no mesmo tempo, devem estar… — Percebendo os olhos dos Aiel em si, Estean tirou o cabelo do rosto. — Tem algum conhaque nesta cidade?

— Não se trata de quão rápido nós conseguimos ir — retrucou Rand, calmo —, e sim de quão rápido vocês conseguem, caso desmontem alguns de seus homens e usem os cavalos deles de reserva. Quero que Meilan e Cairhien sejam avisados de que a ajuda está a caminho. Mas quem quer que vá precisa garantir que será capaz de ficar de boca fechada, caso seja apanhado pelos Shaido. Não quero que Couladin saiba de nada além do que puder descobrir por conta própria. — O rosto de Estean ficou mais branco que o dos cairhienos.

Meresin e Daricain se ajoelharam ao mesmo tempo, cada um tomando uma das mãos de Rand para beijá-la. Ele deixou, com tanta paciência quanto foi capaz de reunir. Um dos conselhos de Moiraine que parecera sensato fora não ofender os costumes dos povos, independentemente de quão estranhos ou repulsivos fossem, a menos que absolutamente necessário, e, ainda assim, pensando duas vezes.

— Nós vamos, milorde Dragão — afirmou Meresin, esbaforido. — Obrigado, milorde Dragão. Obrigado. Sob a Luz, juro que prefiro morrer a revelar uma só palavra para qualquer pessoa, exceto meu pai ou o Grão-lorde Meilan.

— Que a sorte esteja convosco, milorde Dragão — completou o outro. — Que a sorte esteja convosco e que a Luz o ilumine para sempre. Estou com o senhor até a morte. — Rand permitiu que Meresin também afirmasse que estava com ele antes de recolher as mãos com firmeza e ordenar que os dois se levantassem. Não gostava do modo como ambos lhe encaravam. Edorion os chamara feito cães, mas homens não deveriam olhar para ninguém como cães diante de um mestre.

Edorion respirou fundo, inchando as bochechas rosadas, e expirou devagar.

— Suponho que, se consegui sair de lá inteiro, sou capaz de voltar. Milorde Dragão, perdoe-me se o ofendo, mas o senhor se

importaria em apostar, digamos, mil coroas de ouro, que realmente consegue chegar lá em sete dias?

Rand o encarou. O homem parecia Mat.

— Não tenho nem cem coroas de prata, muito menos mil de…

Sulin interrompeu:

— Ele tem, taireno — afirmou com propriedade. — Ele cobre a sua aposta, caso aceite dez mil em peso.

Edorion gargalhou.

— Combinado, Aiel. E cada cobre terá valido a pena caso eu perca. Pensando bem, não vou viver para coletar o prêmio, caso eu ganhe. Venham, Meresin e Daricain. — Ele soou como se estivesse mandando cães se sentarem. — Hora de cavalgar.

Rand esperou até que os três tivessem feito as reverências e estivessem na metade do caminho até os cavalos antes de se aproximar da Donzela de cabelo branco.

— O que vocês querem dizer com eu ter mil coroas de ouro? Nunca nem *vi* mil coroas de ouro, menos ainda dez mil.

As Donzelas trocaram olhares como se ele fosse demente. Rhuarc e Mangin fizeram o mesmo.

— Um quinto do tesouro que estava na Pedra de Tear pertence àqueles que tomaram a Pedra e será recolhido quando eles tiverem como levá-lo — explicou Sulin, como se falasse com uma criança sobre fatos simples da vida cotidiana. — Como chefe e líder da batalha, um décimo desse quinto é seu. Tear se rendeu a você como chefe de direito pelo triunfo, então um décimo de Tear também é seu. E você disse que podemos pegar o quinto destas terras. Um… imposto, foi como você chamou. — Ela tropeçou na palavra. Os Aiel não cobravam impostos. — A décima parte disso também é sua, como *Car'a'carn*.

Rand balançou a cabeça. Em todas as conversas com Aviendha, nunca pensara em perguntar se o quinto se aplicava a ele. Não era um Aiel, *Car'a'carn* ou não, e aquilo não parecia envolvê-lo. Bem, talvez não fosse um imposto, mas Rand poderia usá-lo como os reis usavam seus impostos. Infelizmente, só tinha uma vaga ideia de como seria aquilo. Teria de perguntar a Moiraine. Ela não abordara o tópico em suas aulas. Talvez a mulher achasse que era tão óbvio que ele já deveria saber.

Elayne saberia para que finalidade os impostos deveriam ser utilizados. Certamente fora mais divertido ser aconselhado por ela do que por Moiraine. Desejou saber onde ela estava. Ainda em Tanchico, provavelmente. Egwene só lhe repassava uma sequência de cumprimentos. Rand queria poder se sentar com Elayne e fazê-la explicar aquelas duas cartas. Donzela da Lança ou Filha-herdeira de Andor, as mulheres eram estranhas. Exceto Min, talvez. Ela gargalhara

dele, mas nunca parecera estar falando em alguma outra língua. Agora ela não gargalharia. Se Rand algum dia voltasse a vê-la, Min correria cem milhas para ficar longe do Dragão Renascido.

Edorion desmontou todos os seus homens, pegando um dos cavalos e amarrando os demais pelas rédeas, junto com o de Estean. Não havia dúvida de que estava guardando o próprio animal para a arrancada final por entre os Shaido. Meresin e Daricain fizeram o mesmo com seus homens. Embora aquilo significasse que os cairhienos só teriam duas montarias reservas para cada um, ninguém pareceu pensar que eles deveriam pegar algum dos cavalos tairenos. Partiram juntos trotando para o oeste, acompanhados de uma escolta Jindo.

Estean tomou o cuidado de não olhar para ninguém ao se aproximar dos soldados aos pés da ponte, nervosos por se verem cercados pelos Aiel. Mangin agarrou sua manga com listras vermelhas.

— Você vai poder nos contar sobre a situação dentro de Cairhien, aguacento. — O jovem de nariz de batata parecia a ponto de desmaiar.

— Tenho certeza de que ele vai responder a todas as perguntas que vocês fizerem — disse Rand com rispidez, enfatizando a palavra "perguntas".

— Serão apenas perguntas — afirmou Rhuarc, tomando o outro braço do taireno. Ele e Mangin pareciam apertando e erguendo o homem, bem mais baixo. — Alertar os defensores da cidade é bom e providencial, Rand al'Thor — prosseguiu Rhuarc —, mas temos que enviar patrulheiros. Correndo, eles podem chegar a Cairhien tão rápido quanto homens a cavalo e voltar para nos encontrar com a informação sobre como Couladin dispôs os Shaido.

Rand sentia os olhos das Donzelas nele, mas manteve o olhar firme em Rhuarc.

— Andarilhos do Trovão? — sugeriu.

— *Sha'mad Conde* — concordou Rhuarc. Ele e Mangin viraram Estean, a quem estavam *mesmo* segurando, e partiram em direção aos outros soldados.

— Só perguntas! — gritou Rand para as costas deles. — Ele é seu aliado e meu vassalo.

Não fazia ideia se Estean era seu vassalo ou não — era mais uma pergunta para fazer a Moiraine —, e muito menos quanto o homem era realmente seu aliado — o pai dele, Grão-lorde Torean, tramara muitos planos contra Rand —, mas não permitiria nada parecido com os métodos de Couladin.

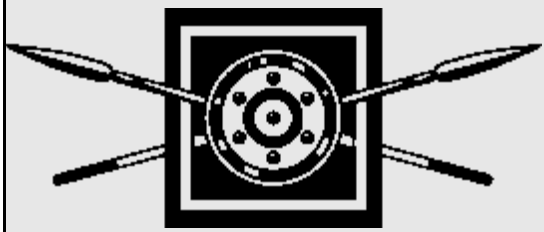
Rhuarc virou a cabeça e assentiu.

— Você cuida bem da sua gente, Rand al'Thor. — A voz de Sulin saiu monótona feito uma tábua aplainada.

— Eu tento — retrucou ele. Não estava disposto a morder a isca. Dentre os que fossem patrulhar os Shaido, alguns não retornariam, era um fato. — Agora acho que vou comer alguma coisa. E dormir um pouco.

Não devia faltar muito mais que duas horas para a meia-noite, e o sol ainda se erguia cedo naquela época do ano. As Donzelas o seguiram, observando cautelosamente as sombras, como se esperassem um ataque, gesticulando uma para a outra. Mas, para dizer a verdade, os Aiel pareciam estar sempre à espera de ataques.

31



As neves distantes

As ruas de Eianrod eram perfeitamente paralelas, sem curvas, e se cruzavam em ângulos retos. Onde era necessário, atravessavam colinas que, na maioria dos casos, eram aterradas com pedras. As construções de pedra e telhado de ardósia tinham um aspecto angular, como se todas as linhas fossem verticais. Eianrod não caíra nas mãos de Couladin. Não havia ninguém quando os Shaido passaram por lá. Contudo, boa parte das casas não passava de vigas queimadas e cascas ocas em ruínas, incluindo a maioria das largas edificações de mármore com três andares e varandas, que Moiraine afirmara pertencer a mercadores. Móveis quebrados e roupas estavam espalhados pelas ruas, além de pratos estilhaçados, cacos de vidro das janelas, botas, ferramentas e brinquedos.

Os incêndios haviam ocorrido em épocas diferentes — Rand chegara sozinho a essa conclusão, analisando o desgaste das madeiras enegrecidas e o cheiro de queimado que ainda se sentia em determinados locais —, mas Lan delineara o fluxo das batalhas que conquistaram e reconquistaram a cidade. Os conquistadores eram as diferentes Casas disputando o Trono do Sol, embora provavelmente, pelo aspecto das ruas, os últimos a dominar Eianrod tivessem sido bandidos. Boa parte dos bandos que vagavam por Cairhien não se mantinha leal a nada e a ninguém, exceto ao ouro.

Foi a uma das casas dos mercadores que Rand se dirigiu, na maior das duas praças da cidade. Eram três andares quadrados de mármore cinza, com varandas pesadas e degraus largos ladeados por espessos corrimãos de pedra que davam para uma fonte silenciosa, com a bacia redonda empoeirada. A oportunidade de voltar a dormir em uma cama tinha sido boa demais para deixar passar, e ele tivera esperanças de que Aviendha decidisse permanecer em uma tenda. Se na dele ou na das Sábias, não se importava, contanto que não precisasse tentar dormir ouvindo a respiração dela a poucas passadas de distância. Ultimamente, começara a imaginar que escutava o coração dela batendo mesmo quando não estava agarrando *saidin*. Mas, caso ela não ficasse longe, havia tomado algumas precauções.

As Donzelas pararam junto aos degraus, espalhando-se pelo prédio para guardá-lo de todas as direções. Rand temera que elas fossem tentar declarar aquele local como Teto das Donzelas, ainda que só por uma noite, então, assim que escolheu a casa, uma das poucas na cidade com o telhado inteiro e a maioria das janelas intacta, dissera a Sulin que estava declarando-a o Teto dos Irmãos do Fonte de Vinho. Só podia entrar ali quem já tivesse bebido do riacho Fonte de Vinho, em Campo de Emond. Pelo olhar que lançou a ele, Sulin sabia muito bem quais eram suas intenções, mas ninguém o acompanhou além das portas largas que mais pareciam estreitos painéis verticais.

Dentro, os amplos aposentos estavam vazios, apesar de alguns *gai'shain* de roupões brancos terem espalhado cobertores para si mesmos no espaçoso hall de entrada, cujo teto alto de gesso exibia um padrão de quadrados rigorosos. Manter os *gai'shain* lá fora estava além de sua capacidade, mesmo que Rand quisesse, assim como manter Moiraine, a não ser quando ela estava dormindo em outro local. Não importava a ordem que Rand desse quanto a não ser perturbado, ela sempre encontrava um jeito de fazer as Donzelas a deixarem entrar, e ele sempre tinha que mandá-la embora com todas as letras para que a mulher partisse.

Os *gai'shain* se levantaram suavemente, homens e mulheres, antes que Rand fechasse a porta. Não dormiriam até que ele dormisse, e alguns se revezariam acordados para o caso de ele querer algo no meio da noite. Tentara ordenar que não fizessem isso, mas dizer um *gai'shain* para não servir de acordo com os costumes era como chutar um fardo de lã: qualquer impacto causado desapareceria assim que o pé desencostasse. Rand os dispensou com um aceno e subiu os degraus de mármore. Alguns dos *gai'shain* haviam recuperado alguns móveis, incluindo uma cama e dois colchões de penas, e ele não via a hora de se lavar e…

Rand ficou paralisado assim que abriu a porta do quarto. Aviendha optara por não permanecer nas tendas. Ela estava de pé junto ao lavatório com uma pia quebrada e um cântaro que não combinavam, um pedaço de pano em uma das mãos e uma barra de sabão amarelo na outra. Estava sem roupa. Parecia tão estarrecida e incapaz de se mover quanto ele.

— Eu… — Ela parou para engolir, os grandes olhos verdes fixos no rosto dele. — Não consegui armar uma tenda de vapor aqui nesta… cidade, então pensei em tentar o seu jeito de… — Ela tinha músculos definidos e curvas suaves, e a umidade a fazia brilhar da cabeça aos pés. Rand jamais imaginara que suas pernas fossem tão compridas. — Achei que você ia ficar mais tempo na ponte. Eu… — Seu tom de voz ficou agudo, os olhos se arregalaram em pânico. — Eu não armei para você me ver assim! Preciso ficar longe de você! O mais

longe que puder! Eu preciso!

De repente, uma linha vertical tremeluzente apareceu no ar perto dela. A linha se alargou, como se estivesse em rotação, e formou um portal. Um vento gelado soprou de lá e percorreu o quarto, trazendo espessas cortinas de neve.

— Preciso sair daqui! — gritou ela, saindo em disparada em direção à nevasca.

Imediatamente, o portão voltou a se estreitar, girando, mas, sem nem pensar, Rand canalizou e o bloqueou na metade da largura anterior. Não sabia o que havia feito, nem como, mas tinha certeza de que aquele era um portão para Viajar, tal como Asmodean lhe contara e fora incapaz de ensinar. Não havia tempo para pensar. Para onde quer que Aviendha tivesse ido, adentrara nua no coração de uma nevasca. Rand desamarrou os fluxos que tecera, já puxando todos os cobertores da cama para jogá-los por cima das roupas e do catre da garota. Pegou os lençóis, as roupas e os tapetes, tudo junto, e se lançou portão adentro poucos instantes depois de Aviendha.

O vento gelado uivava pelo ar noturno tomado por espirais brancas. Mesmo enrolado no Vazio, ele sentia o corpo tremendo. Conseguia identificar vagamente alguns vultos dispersos na escuridão. Árvores, pensou. Não sentia cheiro de nada, só o frio. À frente, uma forma se moveu, obscurecida pela escuridão e pela tempestade de neve. Não fosse a nitidez de sua visão no Vazio, talvez não a enxergasse. Aviendha estava correndo o máximo que podia. Ele se arrastou atrás dela, a neve batendo nos joelhos, segurando o embrulho compacto bem firme contra o peito.

— Aviendha! Pare! — Temeu que o vento uivante abafasse seu grito, mas ela o ouviu. O que apenas a fez correr mais ainda. Rand se forçou a acelerar, vacilando e tropeçando à medida que a neve cada vez mais profunda lhe pesava nas botas. As pegadas deixadas pelos pés descalços dela se preenchiam rapidamente. Se ele a perdesse de vista ali… — Pare, sua tola! Está tentando se matar? — O som de sua voz parecia impeli-la a correr mais rápido.

Sem arrefecer, Rand seguiu em frente, quase caindo e se esforçando para tornar a ficar de pé, empurrado tanto pelo vento que o açulava quanto pelos tropeços na neve e colisões com as árvores. Não podia tirar os olhos dela. Ficou agradecido por aquela floresta, ou o que quer que fosse aquilo, ter árvores tão espaçadas.

No Vazio, as ideias se sucediam rapidamente e logo eram descartadas. Poderia tentar domar a tempestade, e talvez, como resultado, o ar virasse gelo. Um abrigo de Ar para se proteger da neve que caía não ajudaria em nada contra a neve já sob seus pés. Com Fogo, poderia derreter um caminho para si mesmo e, em troca, tropeçar em meio à lama. A menos que…

Ele canalizou, e a neve logo adiante derreteu em uma faixa de uma braça de largura, uma faixa que ia correndo à frente conforme ele corria. O vapor subiu, e a neve que caía desaparecia a um pé do solo arenoso. Rand sentia o calor atravessando as botas. Afundado quase na altura dos tornozelos, seu corpo tremia com o frio de gelar os ossos. Os pés suavam e se contraíam no solo aquecido. Mas ele já a estava alcançando. Mais cinco minutos e…

De repente, a imagem vaga que ele vinha seguindo desapareceu, como se Aviendha tivesse caído em um buraco.

Mantendo os olhos fixos no ponto em que a vira pela última vez, Rand correu o mais rápido que pôde. Subitamente, havia água gelada correndo por seus tornozelos, quase no meio das panturrilhas. À frente, a neve derretia, revelando cada vez mais, e o gelo voltava se refazendo, devagar. Nenhum vapor subia da água negra. Regato ou rio, era grande demais para que sua capacidade de canalizar aquecesse minimamente a corrente que fluía com velocidade. Ela devia ter corrido até o gelo e caído, mas Rand não a salvaria tentando entrar naquela água. Preenchido por *saidin*, mal se dava conta do frio, mas os dentes batiam sem controle.

Recuou até a margem, mantendo os olhos fixos no local onde achava que Aviendha caíra, e canalizou fluxos de Fogo no solo ainda descoberto, bem afastado do córrego, até a areia derreter, se fundir e ganhar um brilho branco. Mesmo naquela tempestade, aquilo ficaria quente por algum tempo. Colocando o embrulho ao lado — a vida dela dependeria de reencontrarem os cobertores e tapetes —, ele avançou pela branquidão da neve, perto da areia derretida, e se estirou. Lentamente, Rand rastejou até o gelo coberto de neve.

O vento passava assobiando. Era como se seu casaco nem existisse. As mãos, àquela altura, estavam dormentes, os pés, quase isso. Parara de tremer, exceto por um calafrio ocasional. Calmo e sereno dentro do Vazio, ele sabia o que estava acontecendo. Havia nevascas em Dois Rios, talvez tão intensas quanto aquela. Seu corpo estava se esgotando. Se não encontrasse logo alguma fonte de calor, seria capaz de assistir calmamente à própria morte de dentro do Vazio. Mas, caso morresse, Aviendha também morreria. Isso se já não estivesse morta.

Ele mais sentiu do que ouviu o gelo rachando com seu peso. As mãos tateantes caíram na água. O local era aquele, mas, com a neve rodopiando pelo ar, ele mal conseguia ver. Debateu-se, procurando, as mãos dormentes espirrando água. Uma delas bateu em alguma coisa na borda do gelo, e Rand comandou que seus dedos se fechassem, sentindo os cabelos congelados.

Tenho que tirá-la daqui. Ele rastejou para trás, arrastando-a. Aviendha era um peso morto deslizando devagar para fora d'água.

Dane-se se o gelo arranhá-la. Melhor do que congelar ou se afogar. Para trás. *Continue se mexendo. Se você desistir, ela morre. Continue se mexendo, e que se queime!* Rastejando. Puxava com as pernas, com uma das mãos. A outra estava presa ao cabelo de Aviendha. Não havia tempo para tentar segurar melhor. Fosse como fosse, ela não sentiria nada. *Faz muito tempo que você só tem tido facilidades. Lordes se ajoelhando,* gai'shain *correndo para buscar seu vinho, Moiraine fazendo o que você manda.* Para trás. *Hora de fazer alguma coisa você mesmo, se é que ainda consegue. Mexa-se, seu bastardo chamejante nascido de uma cabra decrépita! E continue se mexendo!*

De repente, seus pés começaram a doer e a dor foi subindo pelas pernas. Ele precisou de um momento para olhar para trás, e então rolou para fora do caminho fumegante de areia derretida. Fios de fumaça, no ponto em que suas calças haviam começado a pegar fogo, eram levados embora pelo vento.

Manuseando desajeitadamente o embrulho que havia deixado ali, ele enrolou Aviendha da cabeça aos pés em tudo o que encontrou: os cobertores, os tapetes do catre, as roupas dela. Cada pedacinho de proteção era vital. Os olhos estavam fechados, e ela não se mexia. Rand abriu os cobertores o suficiente para colocar o ouvido no peito dela. O coração batia tão devagar que ele não tinha certeza se realmente estava escutando. Nem quatro lençóis e meia dúzia de tapetes bastavam, e ele não tinha como canalizar calor nela, como fizera com o solo. Mesmo que afilasse o fluxo o máximo possível, era mais provável que a matasse do que a aquecesse. Rand sentia a tessitura que usara para manter o portão dela aberto, mesmo a uma ou talvez duas milhas de distância tempestade adentro. Se tentasse carregá-la até tão longe, nenhum dos dois sobreviveria. Ambos precisavam de abrigo, e teria de ser um local próximo.

Canalizou fluxos de Ar, e a neve começou a se mover pelo chão em sentido contrário ao do vento, formando espessas paredes quadradas de todos os lados, com três passadas de comprimento, e uma abertura funcionando como porta, erguendo-se cada vez mais, compactando a neve até fazê-la brilhar feito gelo e criando um telhado alto o bastante para se sustentar. Aconchegando Aviendha nos braços, ele adentrou o interior escuro aos tropeções, tecendo e amarrando chamas que dançavam nos cantos para dar luz e canalizando para despejar mais neve até fechar a porta.

Bastou o vento ficar de fora para a sensação de calor aumentar, mas aquilo não seria suficiente. Usando o truque que Asmodean lhe mostrara, Rand teceu Ar e Fogo, e o ar em torno deles se aqueceu. Nem ousava atar aquela tessitura. Se pegasse no sono, ela poderia crescer e derreter a cabana. Na verdade, as chamas eram quase tão perigosas de se amarrar, mas ele estava extenuado e com frio demais

para manter mais de uma tessitura.

O chão da parte interna fora desobstruído conforme Rand construíra o abrigo, um solo arenoso só com algumas folhas marrons que ele não reconhecia e ervas daninhas baixas, mortas e imundas que lhe eram igualmente estranhas. Largando a tessitura que aquecia o ar, esquentou o chão o suficiente para deixá-lo menos gélido, depois voltou à outra tessitura. O máximo que conseguiu foi deitar Aviendha gentilmente, em vez de largá-la.

Enfiou a mão dentro dos cobertores para sentir a bochecha e o ombro dela. Gotas d'água percorriam o rosto dela à medida que o cabelo de Aviendha derretia. Rand estava com frio, mas ela estava um gelo, precisava de cada fiapo de calor que ele pudesse proporcionar, e Rand não ousava aquecer mais o ar. As paredes internas já brilhavam com uma discreta camada derretida. Por mais congelado que se sentisse, ele tinha muito mais calor no corpo do que Aviendha.

Rand tirou as roupas e se enfiou ao lado dela debaixo de todos os tecidos, as próprias vestes úmidas virando outra camada, já que podiam ajudar a manter o calor dos corpos. Com o tato acentuado pelo Vazio e por *saidin*, foi maravilhoso senti-la. Sua pele fazia seda parecer áspera. Comparado à pele dela, cetim era… *Não pense.* Tirou fios de cabelo úmidos do rosto de Aviendha. Deveria tê-los secado, mas a água já não parecia tão fria e, de qualquer forma, não havia nada além dos cobertores e das roupas para usar. Os olhos dela estavam fechados, o peito se mexendo lentamente contra o dele. A cabeça repousava no braço de Rand, aninhada em seu peito. Se não parecesse gelada como o inverno, poderia estar apenas dormindo. Tão em paz, sem raiva nenhuma. Tão linda. *Pare de pensar.* Foi um comando ríspido nas bordas do Vazio. *Fale.*

Rand tentou falar a primeira coisa que lhe veio à mente, sobre Elayne e a confusão que suas duas cartas haviam criado, mas aquilo logo fez pensamentos sobre Elayne e seus cabelos dourados flutuarem pelo Vazio, dos beijos trocados em lugares isolados da Pedra. *Não pense em beijos, seu idiota!* Passou a Min. Nunca pensara nela daquela maneira. Bem, uns poucos sonhos não contavam. Min teria lhe dado um tapa na cara se Rand algum dia tentasse beijá-la, ou gargalhado e o chamado de cabeça oca. O problema era que pensar em qualquer mulher fazia com que se lembrasse de que estava abraçado a uma completamente nua. Preenchido com o Poder, sentia o cheiro e cada polegada da pele dela com tanta clareza quanto se estivesse correndo as mãos por seu cor… O Vazio estremeceu. *Luz, você só está tentando aquecê-la! Mantenha a mente longe da pocilga, homem!*

Para tentar afastar os pensamentos, falou de suas esperanças quanto a Cairhien, de trazer a paz e um fim para a fome e de conseguir o apoio das nações sem mais derramamentos de sangue.

Mas aquilo também tinha vida própria, o caminho inevitável a Shayol Ghul, onde teria que enfrentar o Tenebroso e morrer, caso as Profecias estivessem corretas. Parecia covardia dizer que, de alguma maneira, esperava sobreviver a tudo aquilo. Os Aiel não eram covardes. Mesmo o pior deles era bravo feito um leão. "A Ruptura do Mundo matou os fracos", ouvira Bael dizer, "e a Terra da Trindade matou os covardes."

Começou a falar sobre que lugar era aquele onde estavam, para onde Aviendha os arrastara em sua fuga desenfreada e sem sentido. Algum lugar distante e estranho, para haver neve nesta época do ano. Fora mais que uma fuga sem sentido. Loucura. Ainda assim, sabia que ela fugira dele. *Fugira* dele. Devia mesmo odiá-lo para ter que fugir para o mais longe possível, em vez de apenas dizer para ele deixá-la tomar banho com privacidade.

— Eu devia ter batido na porta. — De seu próprio quarto? — Sei que você não quer ficar perto de mim. E não precisa. Não importa o que as Sábias queiram, o que digam, você vai voltar para as tendas delas. Não vai ter mais que ficar do meu lado. Na verdade, se você chegar perto, eu… eu vou mandar você embora. — Por que estava hesitando? Ela o tratava com raiva, frieza e amargura quando estava acordada. E dormindo… — Isso foi loucura. Você podia ter morrido. — Rand alisava o cabelo dela de novo. Parecia não conseguir parar. — Se aprontar metade disso outra vez, quebro seu pescoço. Faz ideia de quanto vou sentir falta de ouvir sua respiração à noite? — Falta? Ela era enlouquecedora! Rand já estava maluco. Precisava parar com aquilo. — Você vai embora e ponto final, mesmo que eu tenha que mandá-la de volta para Rhuidean. Se for uma ordem do *Car'a'carn*, as Sábias não podem impedir. Você não vai precisar fugir de mim outra vez.

A mão que ele não conseguia fazer com que parasse de alisar o cabelo de Aviendha ficou paralisada quando ela se mexeu. Ela estava quente, Rand percebeu. Muito quente. Devia enrolar um cobertor ao redor de si mesmo e se afastar. Ela abriu os olhos, claros e profundos, verdes, encarando-o com seriedade a menos de um pé de distância. Não parecia surpresa por vê-lo, e não se afastou.

Rand desentrelaçou os braços do corpo dela, começando a recuar, e Aviendha agarrou um punhado de seu cabelo em um aperto doloroso. Se ele se movesse, ficaria um pouco careca. Ela não lhe deu chance de explicar nada.

— Prometi para minha quase-irmã que vigiaria você. — Com voz baixa e neutra, parecia estar falando mais para si mesma do que para Rand. — Fugi de você o máximo que pude para proteger minha honra. E, mesmo aqui, você me seguiu. Os anéis não mentem, e eu não posso mais fugir. — Seu tom de voz se firmou de modo decisivo. — Não vou mais fugir.

Rand tentou perguntar o que aquilo significava enquanto se esforçava para soltar os dedos de Aviendha de seu cabelo, mas ela o agarrou de novo e puxou a boca de Rand para si. Foi o fim de seus pensamentos racionais. O Vazio se estilhaçou, e *saidin* escapou. Não achou que conseguiria interromper o beijo, mesmo que quisesse. E nem podia pensar em querer aquilo. Aviendha com certeza também não parecia desejar que ele quisesse. Na verdade, seu último pensamento coerente por um longo tempo foi que não haveria como fazer *Aviendha* parar.

Após um tempo considerável — duas horas, talvez três, Rand não tinha como ter certeza —, ele se pegou deitado nos tapetes com cobertores sobre o corpo, as mãos atrás da cabeça, observando Aviendha examinar as paredes brancas escorregadias. Os dois haviam retido uma quantidade surpreendente de calor, e não era mais necessário agarrar *saidin* nem para isolar o frio nem para tentar aquecer o ar. Aviendha não fizera mais do que pentear o cabelo com os dedos ao se levantar, e se movia sem a menor vergonha da nudez. Claro que já era um pouco tarde para sentir vergonha de algo tão pequeno quanto estar sem roupa. Rand se preocupara em não machucá-la ao arrastar Aviendha para fora da água, mas ela exibia menos arranhões que ele e, de algum modo, nenhum maculava minimamente sua beleza.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Neve.

Ele explicou o que era neve da melhor maneira possível, mas ela apenas balançou a cabeça, meio admirada, meio descrente. Para alguém que crescera no Deserto, água congelada caindo do céu devia parecer tão impossível quanto voar. De acordo com os registros, a única vez que sequer chovera no Deserto tinha sido quando Rand gerara a chuva.

Ele não conteve um suspiro de pesar quando ela começou a passar a camisola pela cabeça.

— As Sábias podem nos casar assim que voltarmos. — Ele ainda sentia sua tessitura mantendo o portão de Aviendha aberto.

A cabeça vermelho-escura da mulher passou pela gola da camisola, e ela o encarou sem expressão. Não de modo hostil, mas também nada amigável. Determinada, no entanto.

— O que faz você pensar que um homem tem o direito de me pedir isso? Além do mais, você pertence a Elayne.

Ele só conseguiu fechar a boca após alguns instantes.

— Aviendha, nós acabamos de… Nós dois… Luz, nós *temos* que nos casar. Não que eu esteja fazendo isso por obrigação — acrescentou, mais do que depressa. — Eu quero. — Não tinha muita certeza disso, na verdade. Talvez amasse Aviendha, mas talvez

também amasse Elayne. E, por algum motivo, Min continuava a perturbá-lo. *Você é tão libertino quanto Mat.* Mas, desta vez, podia fazer o que era certo só porque era certo.

Aviendha bufou para ele, examinou as meias só para se certificar de que estavam secas e se sentou para calçá-las.

— Egwene conversou comigo sobre os costumes de casamento de vocês, de Dois Rios.

— Você quer esperar um ano? — indagou ele, incrédulo.

— Um ano. Sim, era disso que eu estava falando. — Ele nunca reparara quanto uma mulher exibia da perna ao calçar meias. Estranho que aquilo pudesse parecer tão excitante depois de tê-la visto nua, suada e… Rand se concentrou em ouvi-la. — Egwene disse que pensou em pedir permissão à mãe dela para se casar com você, mas, antes que ela sequer mencionasse, a mãe disse que ela precisava esperar mais um ano, mesmo depois que já tivesse tranças no cabelo. — Aviendha franziu o rosto, um dos joelhos quase tocando o queixo. — Isso está certo? Ela disse que uma garota só pode fazer tranças no cabelo quando já tem idade para casar. Está me entendendo? Você parece aquele… peixe… que Moiraine pegou no rio. — Não havia peixes no Deserto. Os Aiel só os conheciam dos livros.

— Claro que estou — respondeu Rand. Entendera tanto quanto se fosse cego e surdo. Remexendo-se sob os cobertores, tentou parecer o mais confiante possível. — Pelo menos… Bem, costumes são complicados, e eu não tenho certeza de que parte você está falando.

Por um momento, Aviendha o encarou, desconfiada, mas os costumes Aiel eram tão intricados que ela acabou acreditando. Em Dois Rios, namorava-se por um ano, e, caso desse certo, vinha o noivado e, por fim, o casamento. Os costumes terminavam aí. Enquanto se vestia, ela continuou:

— Eu estou falando de a garota pedir permissão à mãe durante o ano, e para a Sabedoria também. Não posso dizer que entendo. — A blusa branca passando pela cabeça abafou momentaneamente suas palavras. — Se a mulher quer o homem e já tem idade para casar, por que deveria pedir permissão? Mas viu só? Pelos meus costumes — seu tom de voz sugeria que eram esses que importavam —, cabe a mim escolher se lhe peço ou não em casamento, e eu não vou fazer isso. Pelos seus costumes — apertando o cinto, ela balançou a cabeça com desdém —, eu não tinha a permissão da minha mãe. E você precisaria da permissão do seu pai, suponho. Ou do irmão do seu pai, já que seu pai está morto. Não temos nenhuma das duas coisas, então não podemos nos casar. — Aviendha começou a dobrar o cachecol para enrolá-lo em torno da testa.

— Entendi — respondeu ele, com voz fraca.

Qualquer garoto de Dois Rios que pedisse ao pai aquele tipo de

permissão levaria uma sonora bofetada na orelha. Quando pensava nos rapazes que haviam suado e se preocupado que alguém, *qualquer pessoa*, descobrisse o que faziam com a garota com quem pretendiam se casar… Lembrava-se de quando Nynaeve flagrara Kimry Lewin e Bar Dowtry no depósito de feno do pai de Bar. Kimry usava trança havia cinco anos, mas quando Nynaeve terminou o sermão, a Senhora Lewin assumiu o comando. O Círculo das Mulheres quase arrancara o couro do pobre Bar, e aquilo não foi nada em comparação com o que fizeram com Kimry durante o mês que levou até que o casamento fosse organizado, tempo que elas pensaram ser a mínima espera decente a se fazer. A piada sussurrada, para que não chegasse ao Círculo das Mulheres, era de que nem Bar nem Kimry tiveram condições de se sentar durante toda a primeira semana depois do casamento. Rand supôs que Kimry não havia pedido permissão.

— Mas acho que Egwene não sabe de todos os costumes masculinos, afinal de contas — continuou ele. — As mulheres não sabem tudo. Olha, já que fui eu que comecei, temos que nos casar. Essas permissões não importam nada.

— *Você* começou? — Aviendha bufou de um jeito bem significativo. Aiel, andorianas ou o que fossem, as mulheres usavam aqueles sons como varas para cutucar ou bater. — Seja como for, não importa, já que vamos seguir os costumes Aiel. Isso não vai se repetir, Rand al'Thor. — Ele ficou surpreso e contente pelo tom de pesar na voz dela. — Você pertence à quase-irmã da minha quase-irmã. Tenho *toh* com Elayne agora, mas isso não é da sua conta. Vai ficar deitado aí para sempre? Já ouvi dizer que os homens ficam preguiçosos depois dessas coisas, mas logo os clãs vão começar a marcha da manhã. Você precisa estar lá. — De repente, um olhar triste perpassou o rosto de Aviendha, e ela caiu de joelhos. — Isso se tivermos como voltar. Não sei se lembro o que fiz para abrir o buraco, Rand al'Thor. Você precisa encontrar o caminho de volta.

Rand contou que havia bloqueado o portal e que ainda o sentia aberto. Aviendha pareceu aliviada e até abriu um sorriso. Mas ficou cada vez mais claro, quando ela se sentou e arrumou as saias, que não pretendia virar de costas enquanto ele se vestia.

— O que é justo é justo — resmungou Rand, após um longo instante, saindo desajeitado de debaixo dos cobertores.

Tentou parecer tão indiferente quanto ela, mas não foi fácil. Sentia os olhos de Aviendha feito um toque, mesmo quando estava de costas. Ela não tinha o direito de falar que Rand tinha um traseiro bonito. Ele não dissera nada sobre quão lindo era o dela. Aviendha só fez isso para vê-lo enrubescer. Mulheres não olhavam para homens daquele jeito. *E elas não pedem permissão para as mães para…?* Rand concluiu que a vida com Aviendha não se tornara nem minimamente

mais fácil.

32

Uma lança curta

Houve pouca discussão. Mesmo com a nevasca ainda feroz do lado de fora, dava para voltar ao portão usando os cobertores e tapetes como mantos. Aviendha começou a dividi-los enquanto Rand agarrava *saidin*, preenchendo-se com a vida e a morte, o fogo derretido e o gelo líquido.

— Divida por igual — instruiu ele. Rand sabia que sua voz soara fria e sem emoção. Asmodean dissera que isso não precisava acontecer, mas, até então, não fizera progresso.

Ela lhe lançou um olhar surpreso, mas tudo o que disse foi:

— Você tem mais para cobrir que eu. — E continuou o que estava fazendo.

Não adiantaria discutir. Por experiência própria, tanto de Campo de Emond quanto com as Donzelas, Rand sabia que, quando uma mulher queria fazer algo por alguém, a única maneira de impedi-la era amarrá-la, ainda mais quando a situação envolvia algum sacrifício por parte dela. A surpresa foi Aviendha não ter respondido de modo ácido, nem ter dito nada sobre ele ser um aguacento molenga. Talvez algo além de uma lembrança boa resultasse de tudo aquilo. *Não é possível que ela* realmente *tenha querido dizer que nunca vai acontecer de novo.* Mas suspeitava que fosse exatamente o que Aviendha quisera dizer.

Rand teceu um fluxo de Fogo fino como um dedo e fatiou o gelo para delinear uma porta em uma das paredes, alargando o espaço na parte superior. Espantosamente, luz do dia brilhou através da abertura. Ele largou *saidin* e trocou olhares surpresos com Aviendha. Sabia que havia perdido a noção de tempo — *você perdeu até a noção dos anos* —, mas não podiam ter se demorando tanto assim ali. Onde quer que estivessem, a distância até Cairhien era enorme.

Forçou o bloco de gelo, que só se moveu quando Rand apoiou as costas contra a superfície, firmou os pés e empurrou com toda a sua força. Quando pensou que provavelmente seria mais fácil fazer aquilo com o Poder, o bloco enfim tombou para fora, revelando a fria e pálida luz gélida do dia. Mas não tombou por completo: parou

inclinado, escorado contra a neve que se acumulara em torno da cabana. Caído de costas, com apenas parte da cabeça para fora, Rand divisou outras elevações, alguns montículos lisos cercando esparsas árvores atrofiadas que não reconhecia, outros talvez encobrindo arbustos ou pedregulhos.

Abriu a boca, mas se esqueceu do que ia dizer assim que *algo* varreu o ar a não mais que cinquenta pés acima dele; um vulto coriáceo e cinzento, muito maior que um cavalo, as asas estendidas batendo devagar, uma tromba protuberante à frente, pés em forma de garras e uma cauda fina de lagarto serpenteando atrás do corpo. A cabeça de Rand girou involuntariamente para acompanhar o voo daquela coisa por sobre as árvores. Havia duas pessoas montadas às suas costas. Apesar de usarem o que pareciam mantos com capuz, era óbvio que estavam rastreando o terreno abaixo. Se mais do que sua cabeça estivesse à mostra, e se não estivesse diretamente abaixo da criatura, com certeza teria sido visto.

— Deixe os cobertores aí — disse ele ao mergulhar de volta para dentro. Contou a Aviendha o que vira. — Talvez eles sejam amigáveis, talvez não, mas eu prefiro não descobrir. — De qualquer maneira, não tinha certeza de que queria conhecer pessoas que andavam naquele tipo de criatura. Se é que eram pessoas. — Vamos voltar *discretamente* ao portão. O mais rápido que pudermos, mas escondidos.

Incrivelmente, Aviendha não discutiu. Quando expressou sua surpresa, enquanto a ajudava a escalar o bloco de gelo — o que também era incrível, já que ela aceitou sua mão sem hesitar —, Aviendha disse:

— Eu não discuto quando o que você diz faz sentido, Rand al'Thor.

Não era bem assim, na opinião dele.

O terreno ao redor era plano, coberto de neve, mas, a oeste, erguiam-se pontudas montanhas de cume branco, os picos envoltos por nuvens. Foi fácil perceber que ficavam a oeste, porque o sol estava nascendo. Menos da metade de aro dourado se erguia do oceano. Ele observou. A terra era inclinada o suficiente para que visse ondas estourando violentamente em um litoral rochoso e polvilhado de pedras a talvez uma milha. Um oceano a leste, estendendo-se sem fim até o horizonte e o sol. Se a neve já não bastasse, aquilo também indicava que estavam em terras desconhecidas.

Aviendha admirou, maravilhada, os vagalhões que rolavam e as ondas que arrebentavam e franziu o rosto para ele quando a água atingiu a costa. Talvez nunca tivesse visto um oceano, mas já vira mapas.

Por estar de saia, Aviendha se atrapalhava com a neve ainda mais do que Rand, e ele próprio já estava chafurdando, abrindo caminho

tanto escavando quanto andando, às vezes afundado até a cintura. Ela arquejou quando ele a tomou nos braços e a carregou, os olhos verdes fuzilando-o.

— Precisamos ir mais rápido do que você consegue andar, com estas saias arrastando — explicou ele.

O olhar dela se atenuou, mas Aviendha não abraçou seu pescoço, como Rand meio que esperara. Em vez disso, cruzou os braços e fez uma expressão resignada. E um pouco teimosa. Ela não havia mudado tanto assim, não importavam os efeitos daquela noite. Rand não entendeu por que isso o deixava aliviado.

Ele podia derreter um caminho na neve, como fizera durante a tempestade, mas, se outra criatura como aquela aparecesse, o caminho aberto levaria diretamente a eles. Uma raposa passou trotando pela neve bem à direita, a pelagem branca imaculada, exceto por uma ponta preta na cauda espessa, lançando olhares cautelosos ocasionais para ele e Aviendha. Rastros de coelhos marcavam a neve aqui e ali, borrados nos pontos em que os animais tinham saltado, e Rand chegou até a ver pegadas de um felino que deveria ser do tamanho de um leopardo. Talvez houvessem animais ainda maiores, talvez algum parente sem asas daquela criatura coriácea. Não era algo que ele gostaria de encontrar, mas sempre havia a chance de que os… *seres voadores*… entendessem os sulcos arados que ele estava deixando como o rastro de algum animal.

Rand ainda seguia de árvore em árvore, desejando que houvesse mais delas e que estivessem mais próximas. Claro que, se fosse assim, talvez não tivesse encontrado Aviendha na tempestade — ela grunhiu, franzindo o rosto para ele, e Rand afrouxou o aperto —, mas, naquela situação, certamente teria ajudado. Embora fosse justamente por estar se esgueirando que conseguiu avistar os outros primeiro.

A menos de cinquenta passadas, entre ele e o portão — colados ao portão, pelo que sentia de sua tessitura resistindo —, havia quatro pessoas a cavalo e mais de vinte a pé. As pessoas montadas eram mulheres envoltas em longos e espessos mantos revestidos de pele. Duas delas usavam um bracelete prateado no punho esquerdo, conectado por uma longa corrente feita do mesmo material cintilante a uma coleira reluzente em torno do pescoço de uma mulher vestida de cinza, sem manto, que estava de pé na neve. Os demais, todos a pé, eram homens trajando couro escuro, uma armadura pintada de dourado e verde e chapas sobrepostas descendo pelo peitoral, pelas laterais dos braços e pela parte frontal das coxas. As lanças exibiam borlas verdes e douradas, os longos escudos pintados das mesmas cores, e os elmos pareciam cabeças de imensos insetos, os rostos dos homens espiando através das mandíbulas. Um deles era claramente oficial, sem a lança ou o escudo, mas com uma espada curva de duas

mãos às costas. Os contornos das chapas da armadura laqueada eram de prata, e finas plumas verdes incrementavam o elmo pintado, feito antenas. Agora Rand sabia onde ele e Aviendha estavam. Já tinha visto uma armadura como aquela. E mulheres com aquelas coleiras.

Escondendo-se atrás do que parecia um pinheiro retorcido pelo vento, exceto pelo tronco ser liso e cinza com listras pretas, Rand apontou, e Aviendha aquiesceu em silêncio.

— As duas mulheres encolaradas são capazes de canalizar — sussurrou Rand. — Você consegue blindá-las? — E acrescentou, depressa: — Não abrace a Fonte ainda. Elas são prisioneiras, mas podem alertar as demais e, mesmo que não alertem, as mulheres com os braceletes talvez consigam perceber que elas sentiram você.

Aviendha o encarou com curiosidade, mas não perdeu tempo com perguntas tolas, do tipo "como você sabe?". Rand sabia que ela o questionaria depois.

— As mulheres com os braceletes também são capazes de canalizar — respondeu ela, também sussurrando. — Mas a sensação é bem estranha. Fraca. Como se elas nunca tivessem praticado. Não entendo como isso é possível.

Rand entendia. Eram as *damane* que deviam ser capazes de canalizar. Se duas mulheres, de alguma forma, tivessem escapado da peneira Seanchan e se tornado *sul'dam* — e, pelo pouco que sabia sobre aquele povo, isso não seria fácil, já que os Seanchan testavam todas as mulheres na idade em que começavam a apresentar sinais da canalização —, certamente jamais ousariam trair a si mesmas.

— Você consegue blindar as quatro?

Ela lhe lançou um olhar presunçoso.

— É claro. Egwene me ensinou a manejar vários fluxos ao mesmo tempo. Consigo blindá-las, amarrar esses fluxos e prendê-las com fluxos de Ar antes que elas se deem conta do que está acontecendo. — O sorrisinho confiante desapareceu. — Sou rápida o bastante para dar conta delas e dos cavalos, mas isso deixa todo o resto para você até eu conseguir trazer ajuda. Se algum deles escapar… Eles com certeza conseguem arremessar aquelas lanças até aqui, e se uma delas prender você… — Ela resmungou baixinho, como se estivesse com raiva de não conseguir completar a frase. Por fim, o encarou com um olhar de fúria que Rand jamais vira nela. — Egwene me falou sobre a Cura, mas ela sabe pouco, e eu, menos ainda.

Do que ela poderia estar com raiva? *Mais fácil tentar entender o sol do que uma mulher*, pensou, sarcasticamente. Thom Merrilin lhe dissera aquilo, e era uma verdade absoluta.

— Cuide daquelas mulheres. Eu cuido do resto. Mas só quando eu tocar seu braço.

Rand percebeu que Aviendha achava que ele estava sendo

presunçoso, mas não precisaria dividir fluxos, só tecer um intrincado fluxo de Ar para prender os braços e as pernas dos homens, bem como as patas dos cavalos. Respirou fundo, agarrou *saidin*, tocou o braço dela e canalizou.

Gritos assustados irromperam entre os Seanchan. Rand também deveria ter pensado em amordaçá-los, mas cruzariam o portão antes que atraíssem outras pessoas. Agarrando-se à Fonte, segurou o braço de Aviendha e praticamente arrastou-a pela neve, ignorando enquanto ela resmungava que sabia andar. Pelo menos daquele jeito ele abria uma trilha para ela, e precisavam se apressar.

Os Seanchan se aquietaram e ficaram observando enquanto ele e Aviendha surgiam diante deles. As duas mulheres que não eram *sul'dam* haviam tirado o capuz e lutavam contra a tessitura. Em vez de amarrar o fluxo, ele ficou segurando. De qualquer forma, precisaria soltá-lo quando fosse embora, porque não deixaria nem mesmo os Seanchan amarrados na neve. Se não morressem congelados, havia o grande felino cujas pegadas avistara. Onde havia um, devia haver mais.

O portão estava lá, mas, em vez de dar para o quarto dele em Eianrod, dava para um vazio cinza. Também parecia mais estreito do que ele se recordava. Pior, Rand enxergava a tessitura daquele cinza. Fora tecida com *saidin*. Um pensamento furioso deslizou pelo Vazio. Não sabia qual era a finalidade daquilo, mas podia muito bem ser uma armadilha para qualquer pessoa que atravessasse, urdida por um dos Abandonados. O mais provável era que tivesse sido Asmodean. Entregando-o aos outros Abandonados, o homem talvez pudesse recuperar seu lugar entre eles. Ainda assim, ficar ali estava fora de questão. Se Aviendha ao menos se lembrasse de como havia urdido o portão, poderia abrir outro, mas agora teriam de usar aquele mesmo, armadilha ou não.

Uma das mulheres a cavalo, com a frente do manto exibindo um corvo negro diante de uma torre simples, tinha um rosto severo e olhos escuros que pareciam querer perfurar o crânio de Rand. A outra, mais jovem, mais pálida e mais baixa, ainda que mais majestosa, trajava um manto verde ostentando a cabeça de um veado prateado. Os dedos mínimos das luvas de cavalgada eram compridos demais. Por causa das laterais raspadas da cabeça da mulher, Rand sabia que aqueles longos dedos encobriam unhas compridas e pintadas, sinais de nobreza Seanchan. Os soldados tinham rostos sérios e costas eretas, mas os olhos azuis do oficial cintilavam por detrás da mandíbula do elmo com aparência de inseto, e os dedos enluvados se retorciam enquanto ele se esforçava, em vão, para alcançar a espada.

Rand não se importava muito com eles, mas não queria deixar as *damane* para trás. Podia ao menos lhes dar uma chance de fugir.

Mesmo que as mulheres o encarassem como encarariam um animal selvagem com os caninos à mostra, elas não haviam escolhido ser prisioneiras, tratadas apenas um pouco melhor do que animais domésticos. Tocou a coleira da que estava mais próxima e sentiu um choque que quase entorpeceu seu braço. Por um instante, o Vazio se modificou e *saidin* lhe atravessou violentamente o corpo, mil vezes mais forte que a tempestade de neve. O cabelo loiro curto da *damane* se agitou quando a mulher tremeu e gritou ao toque dele, e a *sul'dam* conectada a ela arquejou, o rosto empalidecendo. Se não estivessem presas a fluxos de Ar, ambas teriam caído.

— Tente você — disse ele para Aviendha, esfregando as mãos. — Uma mulher deve conseguir tocar nisso com segurança. Não sei como abrir. — Parecia uma peça única, fechada de algum modo, tal como o bracelete e a coleira. — Mas se foi colocado, deve ter como tirar. — Alguns minutos a mais não fariam diferença com o que quer que tivesse acontecido com o portão. Teria sido Asmodean?

Aviendha balançou a cabeça, mas começou a manusear desajeitadamente a coleira da outra mulher.

— Aguente firme! — rosnou enquanto a *damane*, uma garota de uns dezesseis ou dezessete anos, tentava recuar. Se as mulheres encolaradas encaravam Rand como se fosse uma fera selvagem, encaravam Aviendha como um pesadelo em carne e osso.

— Ela é *marath'damane* — soluçou a garota pálida. — Salve Seri, senhora! Por favor, senhora! Salve Seri! — A outra *damane*, mais velha, quase maternal, começou a chorar incontrolavelmente. Por algum motivo, Aviendha lançou a Rand um olhar tão duro quanto o que deu à garota, resmungando sozinha e furiosa enquanto trabalhava na coleira.

— É ele, Lady Morsa — disse a *sul'dam* da outra *damane* de repente, com um sussurro que Rand mal escutou. — Já uso o bracelete faz tempo e saberia dizer se a *marath'damane* tivesse feito mais do que bloquear Jini.

Morsa não aparentou surpresa. Quando olhou para Rand, na verdade, seus olhos azuis pareceram emitir um brilho de reconhecimento aterrorizado. Só havia uma explicação para aquilo.

— Você estava em Falme — concluiu ele. Se Rand atravessasse o portão primeiro, deixaria Aviendha para trás, ainda que apenas por um instante.

— Estava. — A nobre parecia atordoada, mas sua voz lenta e vacilante era friamente imperiosa. — Eu vi você, e vi o que você fez.

— Então cuide para eu não fazer o mesmo aqui. Não crie problemas para mim, e eu a deixo em paz. — Não podia mandar Aviendha primeiro para só a Luz sabia onde. Se suas emoções não estivessem tão distantes, Rand teria aberto uma carranca como a que

Aviendha estava fazendo para a coleira. Teriam que passar juntos, e estar prontos para encarar qualquer coisa.

— Há muitos segredos sobre o que aconteceu nas terras do grande Asa-de-gavião, Lady Morsa — disse a mulher de rosto severo. Seus olhos escuros estavam tão firmes em Morsa quanto haviam estado nele. — Há muitos boatos de que o Exército que Sempre Vence sentiu o sabor da derrota.

— Você agora quer encontrar verdade em boatos, Jalindin? — indagou Morsa, com um tom de voz cortante. — Inquiridores, mais que todos, deveriam saber quando ficar em silêncio. A própria Imperatriz proibiu que se fale do *Corenne* até que ela o mencione. Se você ou eu dissermos apenas o nome da cidade onde aquela expedição aportou, nossas línguas serão cortadas. Será que gostaria de ficar sem língua na Torre dos Corvos? Nem os Ouvidores escutariam seus gritos de misericórdia ou lhe dariam atenção.

Rand não entendeu mais do que duas de cada três palavras, e não foi por conta dos sotaques estranhos. Queria ter tempo para escutar. *Corenne*. O Retorno. Era assim que os Seanchan de Falme haviam chamado a tentativa de conquistar as terras além do Oceano de Aryth — as terras onde ele morava —, que consideravam seu patrimônio. O resto — Inquiridores, Ouvidores, a Torre dos Corvos — era um mistério. Mas, aparentemente, o Retorno fora cancelado, ao menos por enquanto. Foi bom saber disso.

O portão *estava* mais estreito. Talvez um dedo mais estreito do que momentos antes. Apenas seu bloqueio o mantinha aberto. O portão tentara se fechar assim que Aviendha soltara a tessitura, e continuava tentando.

— Rápido — disse ele para Aviendha, que lhe lançou um olhar tão paciente quanto uma pedra atirada em sua testa.

— Estou tentando, Rand al'Thor — respondeu ela, ainda trabalhando na coleira. Lágrimas escorriam pelas bochechas de Seri, e um gemido lento e contínuo saía da sua garganta, como se a Aiel pretendesse cortá-la. — Você quase matou as outras duas, e talvez quase tenha *se* matado. Eu senti o Poder atravessando as duas com força quando você tocou a outra coleira. Então deixe que eu cuido disso e, se eu puder soltar, vou soltar. — Aviendha resmungou um xingamento e tateou pela lateral da coleira.

Rand pensou em obrigar as *sul'dam* a remover as coleiras — se alguém sabia como tirar aqueles troços, eram elas —, mas, pelas expressões duras em seus rostos, sabia que precisaria forçá-las. Se não conseguia matar uma mulher, também não conseguiria torturar.

Suspirando, voltou a olhar o vazio cinzento que preenchia o portão. Os fluxos pareciam tecidos no fluxo de Rand. Não tinha como cortar um sem o outro. Atravessar poderia ativar a armadilha, mas

cortar o cinza, mesmo que não ativasse, permitiria que o portão se fechasse antes que eles tivessem como saltar para dentro. Teria de ser um mergulho às cegas em só a Luz sabia o quê.

Morsa prestara atenção a cada palavra que ele e Aviendha trocaram, e agora olhava pensativa para as duas *sul'dam*, mas Jalindin não tirara os olhos do rosto da nobre.

— Foram mantidos muitos segredos que os Inquiridores deveriam saber, Lady Morsa — afirmou a mulher de rosto sério. — Inquiridores precisam saber de tudo.

— Você está esquecendo seu lugar, Jalindin — explodiu Morsa, balançando as mãos enluvadas. Se seus braços não estivessem presos às laterais do corpo, teria apertado as rédeas. Amarrada, apenas baixou a cabeça para observar atentamente a outra mulher. — Você foi enviada a mim porque Sarek é ambicioso e tem planos para Serengada Dai e Tuel, e não para fazer perguntas a respeito do que a Imperatriz…

Jalindin interrompeu com rispidez.

— Quem esquece seu lugar é a senhora, Lady Morsa, se pensa que é páreo para os Inquiridores da Verdade. Eu mesma já questionei tanto uma filha quanto um filho da Imperatriz, que a Luz a abençoe, e, como gratidão pelas confissões que arranquei, ela permitiu que eu a contemplasse. Por acaso a senhora pensa que sua humilde Casa está acima dos próprios filhos da Imperatriz?

Morsa se manteve ereta, não que tivesse muita opção, mas seu rosto empalideceu, e ela umedeceu os lábios.

— A Imperatriz, que a Luz a ilumine para sempre, já sabe muito mais do que eu sou capaz de lhe contar. Eu não quis insinuar que…

A Inquiridora voltou a interrompê-la, girando a cabeça para falar com os soldados, como se Morsa nem existisse:

— Esta mulher, Morsa, está sob a custódia dos Inquiridores da Verdade. Ela será interrogada assim que retornarmos a Merinloe. As *sul'dam* e as *damane* também. Parece que elas também andaram escondendo o que não deviam.

As mulheres citadas fizeram expressões de terror, mas Morsa teve a pior reação. Com os olhos arregalados e subitamente exaustos, ela se curvou o máximo que os fluxos invisíveis permitiam, sem soltar uma única palavra de protesto. Parecia querer gritar, mas apenas se resignou. O olhar de Jalindin se voltou para Rand.

— Ela o chamou de Rand al'Thor. Você será bem tratado, caso se renda a mim, Rand al'Thor. Como quer que tenha chegado até aqui, não pense que é possível escapar, mesmo que nos mate. Estão procurando pela *marath'damane* que canalizou esta noite. — Seus olhos saltaram para Aviendha. — Vão encontrar você também, e podem acabar matando-o sem querer. Há insubordinação neste

distrito. Não sei como homens como você são tratados nas suas terras, mas, em Seanchan, seus sofrimentos podem ser atenuados. Aqui, você pode desfrutar de imensa honra pelo uso de seu Poder.

Rand gargalhou, e Jalindin pareceu ofendida.

— Não posso matar você, mas juro que pelo menos lhe darei uma surra por conta disso. — Em terras Seanchan, ele decerto não precisaria se preocupar em ser amansado. Ali, os homens capazes de canalizar eram mortos. Não executados. Caçados e prontamente assassinados.

O portão tomado de cinza ficou outro dedo mais estreito, e mal tinha largura suficiente para que os dois passassem juntos.

— Deixe para lá, Aviendha. Temos que ir.

Ela largou a coleira de Seri e lançou um olhar exasperado na direção de Rand, mas seus olhos seguiram além dele até o portão, e Aviendha ergueu as saias para abrir caminho pela neve até lá, resmungando sozinha por conta da água congelada.

— Esteja pronta para qualquer coisa — avisou ele, passando um braço por seus ombros. Rand disse a si mesmo que eles precisavam ficar bem próximos para caberem na passagem. Não era porque gostava de senti-la perto. — Não sei o que vai ser, mas esteja pronta. — Ela assentiu, e ele disse: — Pule!

Os dois saltaram juntos para dentro do cinza, Rand soltando a tessitura que prendera os Seanchan para poder se preencher de *saidin* até quase explodir…

… e os dois aterrissaram aos tropeções no quarto dele em Eianrod, as lamparinas acesas e a escuridão do lado de fora das janelas.

Asmodean estava sentado junto à parede ao lado da porta, de pernas cruzadas. Não estava abraçando a Fonte, mas Rand o impediu de alcançar *saidin* de qualquer jeito. Girando, com os braços ainda em torno de Aviendha, percebeu que o portão havia sumido. Não, sumido, não — ainda via a própria tessitura, e o que sabia que devia ser a de Asmodean —, mas não parecia haver mais nada ali. Sem fazer nenhuma pausa, cortou sua tessitura e, de repente, o portão apareceu, uma vista de Seanchan que se estreitava rapidamente, Lady Morsa caída na sela e Jalindin bradando ordens. Uma lança com borlas verdes e brancas atravessou a abertura pouco antes que ela se fechasse. Por instinto, Rand canalizou Ar para apanhar a lança de dois pés de comprimento que começara a balançar. Seu cabo terminava de modo mais liso do que qualquer artesão poderia ter confeccionado. Tremendo, Rand ficou contente por não ter tentado remover a barreira cinza — o que quer que ela fosse — *antes* de saltar portão adentro.

— Que bom que nenhuma das *sul'dam* se recuperou a tempo — disse, segurando a lança partida —, ou teríamos coisa pior que isto

vindo em nossa direção. — Observou Asmodean com o canto do olho, mas o homem, parecendo um pouco doente, permaneceu sentado onde estava. Não tinha como saber se Rand pretendia lhe enfiar aquela lança pela garganta.

Aviendha bufou com mais irritação do que demonstrara até então.

— Você acha que eu as soltei? — indagou, de modo acalorado. Ela afastou o braço dele com firmeza, mas Rand não achou que aquela irritação era com ele. Nem com seu braço, aliás. — Amarrei o fluxo que blindava as mulheres o mais apertado que pude. Elas são suas inimigas, Rand al'Thor. Até as que você chamou de *damane* são cães fiéis que prefeririam matar você do que se libertarem. Você precisa ser duro com seus inimigos, não fraco.

Ela tem razão, pensou Rand, erguendo a lança. Deixara para trás inimigos que poderia muito bem ter de enfrentar algum dia. Precisava ser mais duro, ou acabaria virando farinha antes de chegar a Shayol Ghul.

De repente, Aviendha começou a alisar as saias, e sua voz ficou quase informal:

— Reparei que você não livrou aquela Morsa com cara de leite azedo do destino dela. Pelo modo como olhou para ela, pensei que aqueles olhos grandes e os seios redondos tinham chamado sua atenção.

Rand encarou-a com um espanto que ecoou pelo Vazio que o envolvia feito um xarope. Ela poderia muito bem estar dizendo que a sopa estava pronta. Perguntou-se como poderia ter notado os seios de Morsa, escondidos por um manto revestido de pele.

— Eu devia ter trazido a mulher — respondeu ele. — Para interrogá-la a respeito dos Seanchan. Acho que eles vão voltar a criar problemas.

O brilho que surgira nos olhos de Aviendha desapareceu. Ela abriu a boca, mas logo fechou, olhando para Asmodean quando Rand ergueu a mão. Quase enxergava as perguntas sobre os Seanchan nos olhos dela. Se conhecia Aviendha, assim que começasse, ela não pararia de escavar até desenterrar restos de informação que Asmodean nem se lembrava de ter. O que talvez não fosse ruim. Em outro momento. Depois que ele mesmo tivesse arrancado algumas respostas de Asmodean. Ela tinha razão. Ele precisava ser duro.

— Você foi esperto ao fazer aquilo — comentou Aviendha —, esconder o buraco que eu criei. Se um *gai'shain* tivesse entrado aqui, umas mil irmãs-de-lança poderiam ter marchado até lá para procurar você.

Asmodean pigarreou.

— Um dos *gai'shain* chegou a entrar. Uma pessoa chamada Sulin tinha dito que precisava se certificar de que você comesse, milorde

Dragão, e para impedi-la de entrar com a bandeja e ver que você não estava, tomei a liberdade de dizer que você e a jovem não queriam ser perturbados. — Um leve estreitar dos olhos do homem chamou a atenção de Rand.

— O quê?

— Só que ela reagiu de maneira estranha. Gargalhou bem alto e saiu correndo. Alguns minutos depois, devia haver vinte *Far Dareis Mai* debaixo da janela, berrando e batendo as lanças nos broqueis por uma hora ou até mais. Devo admitir, milorde Dragão, que algumas das sugestões que elas fizeram surpreenderam até a mim.

Rand sentiu as bochechas queimarem — tudo acontecera do outro lado do maldito mundo, e mesmo assim as Donzelas ficaram sabendo! —, mas Aviendha apenas estreitou os olhos.

— Ela tinha o cabelo e os olhos parecidos com os meus? — A garota não esperou que Asmodean assentisse. — Deve ter sido minha irmã-primeira Niella. — Percebendo a curiosidade no rosto de Rand, ela respondeu antes que ele pudesse perguntar. — Niella é tecelã, não Donzela, e foi pega meio ano atrás por Donzelas Chareen durante um ataque ao Forte Sulara. Ela tentou me convencer a não empunhar a lança e sempre quis que eu me casasse. Vou mandá-la de volta para os Chareen com uma chicotada no traseiro para cada pessoa a quem ela contou!

Rand segurou o braço de Aviendha quando a mulher começou a sair do quarto.

— Quero falar com Natael. Suponho que não falte muito tempo para amanhecer…

— Duas horas, talvez — sugeriu Asmodean.

— … então já não vai dar para dormir muito. Se você quiser tentar descansar, se importaria de fazer sua cama em outro lugar pelo que ainda resta da noite? De qualquer jeito, você precisa de novos cobertores.

Ela assentiu brevemente antes de se soltar e bater a porta atrás de si. Não podia estar com raiva de ter sido posta para fora do quarto de Rand — como poderia, depois de dizer que não aconteceria mais nada entre os dois? —, mas ele estava contente por não ser Niella.

Sacudindo a lança cortada, Rand se virou para Asmodean.

— Um cetro estranho, milorde Dragão.

— Vai servir. — Para lembrá-lo de que os Seanchan ainda estavam à solta. Desta vez, desejou que a voz estivesse ainda mais fria do que o Vazio e *saidin* a tornavam. Precisava ser duro. — Antes que eu decida se vou usá-lo para lhe espetar feito um carneiro, por que nunca mencionou esse truque de tornar algo invisível? Se eu não tivesse conseguido ver os fluxos, nunca teria percebido que o portão ainda estava lá.

Asmodean engoliu em seco, se remexendo como se não soubesse se Rand levaria a ameaça adiante. O próprio Rand não tinha certeza.

— Milorde Dragão, você nunca me perguntou. É uma questão de dobrar a luz. Você sempre tem tantas perguntas que é difícil encontrar um momento para falar de qualquer outra coisa. A esta altura, já deve ter notado que eu estou completamente do seu lado. — Umedecendo os lábios, ele se ergueu até ficar de joelhos. E começou a gaguejar: — Eu senti sua tessitura… Qualquer pessoa a uma milha de distância poderia ter sentido… Nunca vi nada parecido… Eu não sabia de ninguém que fosse capaz de bloquear um portão se fechando, a não ser Demandred, e talvez Semirhage… E Lews Therin… Eu senti, e vim, e tive trabalho para conseguir passar por aquelas Donzelas… Usei o mesmo truque… Precisa saber que agora sou seu. Milorde Dragão, eu sou seu.

Rand prestou mais atenção ao fato de que ele repetiu as palavras dos Cairhienos do que em qualquer outra coisa. Gesticulando com a meia-lança, disse secamente:

— Levante-se. Você não é um cão. — Porém, enquanto Asmodean se erguia devagar, encostou a comprida ponta da lança na garganta do homem. Precisava ser duro. — De agora em diante, toda vez que conversarmos, você vai me dizer duas coisas que eu *não* perguntei. Toda vez, lembre-se. Se eu desconfiar de que você está tentando esconder qualquer coisa de mim, vai desejar cair nas mãos de Semirhage.

— Como quiser, milorde Dragão — gaguejou Asmodean. Parecia pronto para se curvar e beijar sua mão.

Para não lhe dar chance, Rand foi até a cama sem cobertas e se sentou no lençol de linho, os colchões de pena cedendo debaixo dele enquanto examinava a lança. Era uma boa ideia usá-la como lembrete, se não como cetro. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, era melhor não esquecer os Seanchan. Aquelas *damane*. Se Aviendha não estivesse lá para impedi-las de canalizar…

— Você já tentou me mostrar como bloquear uma mulher e fracassou. Tente me mostrar como evitar fluxos que não consigo ver, e como contra-atacá-los. — Certa vez, Lanfear cortara as tessituras de Rand como se usasse uma faca.

— Não é fácil, milorde Dragão, sem uma mulher contra quem praticar.

— Temos duas horas — retrucou Rand com frieza, permitindo que a blindagem do homem se desemaranhasse. — Tente. Tente ao máximo.

33

Uma questão de vermelho

A faca roçou o cabelo de Nynaeve e se cravou na tábua na qual ela estava encostada, fazendo-a se encolher por trás da venda. Queria estar com uma trança decente, em vez das mechas soltas caindo pelos ombros. Se aquela lâmina tivesse cortado um único fio… *Sua tola,* pensou, amargurada. *Você é muito, muito tola.* Com a venda cobrindo os olhos, Nynaeve só enxergava uma linha de luz bem fina na parte inferior. Parecia brilhante no escuro sob o pano. Ainda devia haver luz suficiente, mesmo que a tarde já estivesse acabando. Claro que o homem não atiraria facas se não desse para enxergar direito. A lâmina seguinte se cravou do outro lado de sua cabeça. Nynaeve sentiu a vibração. Achou que estava rente à sua orelha. Queria matar Thom Merrilin e Valan Luca. E talvez, por puro princípio, qualquer outro homem no qual conseguisse pôr as mãos.

— As peras — gritou Luca, como se não estivesse a apenas trinta passadas dela. Ele devia pensar que a venda também a deixava surda, não apenas cega.

Nynaeve manuseou desajeitadamente a bolsa na cintura, apanhou uma pera e equilibrou-a cuidadosamente na cabeça. Ela *estava* cega. Tola e absolutamente cega! Mais duas peras, e a garota abriu os braços com cautela em meio às facas que a circundavam, segurando, pelo talo, um fruto em cada mão. Fez-se uma pausa. Ela abriu a boca para dizer a Thom Merrilin que, se ele sequer a arranhasse, iria…

Tchunk, tchunk, tchunk! As lâminas voaram tão rápido que, se sua garganta não estivesse contraída feito um punho, Nynaeve teria deixado escapar um gritinho. Na mão esquerda, só restava o talo; na direita, a pera tremia ligeiramente, com a faca atravessada. Do fruto na cabeça escorria suco em seu cabelo.

Retirando o tecido dos olhos, foi até Thom e Luca, ambos com enormes sorrisos. Antes que pudesse falar qualquer uma das palavras que fervilhavam em sua mente, Luca disse, admirado:

— Você é magnífica, Nana. Sua bravura é magnífica, mas você é mais ainda. — Ele rodopiou aquela ridícula capa de seda vermelha ao

se curvar, uma das mãos na altura do coração. — Devo chamar este número de "Uma Rosa Entre Espinhos". Apesar de, sinceramente, você ser mais bonita do que uma simples rosa.

— Não é preciso ter muita coragem para ficar parada feito uma árvore. — Ela era uma rosa? Então mostraria os espinhos para ele. Mostraria para os dois. — Escute aqui, Valan Luca…

— Quanta coragem. Você nunca vacila. Vou lhe dizer: eu não teria estômago para fazer o que você está fazendo.

Aquela era a pura verdade, Nynaeve afirmou para si mesma.

— Não tenho mais coragem que o necessário — disse, em um tom mais ameno. Era difícil gritar com um homem que insistia em dizer o quanto ela era valente. Com certeza era melhor do que escutar toda aquela baboseira sobre rosas. Thom tocou o longo bigode branco como se estivesse diante de algo engraçado.

— O vestido — disse Luca, com um sorriso que exibia todos os dentes. — Você vai ficar maravilhosa com…

— Não! — explodiu ela. Ele perdeu toda a simpatia que conquistara com os elogios ao puxar de novo aquele assunto. Clarine confeccionara o vestido que Luca queria que ela usasse, de uma seda mais rubra do que a capa dele. Nynaeve achava que a cor era para esconder o sangue, caso Thom errasse a mão.

— Mas, Nana, uma beldade em perigo é um *grande* atrativo. — A voz de Luca era suave, como se ele estivesse sussurrando palavras doces em seu ouvido. — Todos os olhos estarão em você, todos os corações batendo por sua beleza e coragem.

— Se você gosta tanto — retrucou ela, com firmeza —, use você.

Além da cor, Nynaeve não estava disposta a mostrar tanto busto em público, e pouco importava se Clarine achava adequado ou não. Ela já tinha visto o vestido com que Latelle se apresentava, cheio de lantejoulas pretas e com gola alta, até o queixo. Poderia usar algo do tipo… Onde estava com a cabeça? Nynaeve não tinha a menor intenção de seguir com aquilo. Só concordara em praticar o número para que Luca parasse de arranhar a porta de seu carroção toda noite, tentando convencê-la.

Mas o homem era hábil em perceber quando mudar de assunto.

— O que aconteceu aqui? — perguntou, parecendo subitamente um pouco preocupado.

Nynaeve se encolheu quando ele tocou seu olho inchado. Azar o dele ter optado por pular para aquele assunto. Teria sido melhor continuar tentando enfiá-la no vestido vermelho.

— Eu não gostei do olhar que vi no espelho esta manhã, então acabei com ele.

O tom inflexível e a expressão feroz fizeram Luca recolher a mão. Pelo brilho ressabiado em seus olhos escuros, parecia suspeitar de que

ela pudesse acabar com ele também. Thom esfregava o bigode furiosamente, o rosto vermelho do esforço para não rir. Sabia o que havia acontecido, claro. Sempre sabia. E, assim que ela saísse, sem dúvida entreteria Luca com sua versão do ocorrido. Os homens não conseguiam ficar sem fofocar. Já nasciam assim, e nada que as mulheres fizessem dava jeito neles.

A luz do dia estava mais fraca do que ela pensara. O sol descia vermelho em meio às copas das árvores a oeste.

— Se fizer isso de novo sem uma luz melhor… — rosnou Nynaeve, mostrando o punho para Thom. — Já está quase de noite!

— Imagino — respondeu o homem, erguendo a espessa sobrancelha — que isso significa que você não quer praticar a parte em que *eu* é que fico vendado? — Ele estava brincando, claro. Só podia estar brincando. — Como quiser, Nana. De agora em diante, só com a melhor luz possível.

Foi só quando se afastou, alisando as saias furiosamente, que Nynaeve se deu conta de que concordara em participar daquela tolice. Dera a entender, pelo menos. Tão certo quanto o pôr do sol, eles tentariam fazê-la cumprir a palavra. *Sua tola, tola,* tola *!*

A clareira onde eles — ou Thom, ao menos, e que ele e Luca se queimassem! — tinham andado praticando não ficava longe do acampamento montado ao lado da estrada para o norte. Estava claro que Luca não queria perturbar os animais, caso Thom atravessasse o coração dela com alguma de suas facas. Era provável que o homem usasse o cadáver de Nynaeve para alimentar os leões. A única razão para ele querer que ela trajasse aquele vestido era poder cobiçar o que ela não tinha a intenção de mostrar a ninguém, exceto Lan, e que este também queimasse por ser tão tolo e teimoso. Queria que Lan estivesse ali para que pudesse dizer isso na cara dele. Queria que Lan estivesse ali para ter certeza de que ele estava em segurança. Nynaeve arrancou uma macela morta e usou o talo marrom e macio como um chicote para decepar as pontas das ervas daninhas que surgiam entre as folhas caídas no chão.

Na noite anterior, segundo Elayne, Egwene relatara conflitos em Cairhien, escaramuças com bandidos, com cairhienos que viam qualquer Aiel como inimigo, e com soldados andorianos que tentavam tomar o Trono do Sol para Morgase. Lan estivera envolvido. Sempre que Moiraine o deixava ficar longe de seus olhos, o homem parecia dar um jeito de participar de conflitos, como se fosse capaz de pressentir onde eles irromperiam. Nynaeve nunca pensara que fosse desejar que aquela Aes Sedai mantivesse Lan em rédea curta ao lado dela.

Naquela manhã, Elayne ainda estava incomodada com o fato de os soldados da mãe estarem em Cairhien lutando contra os Aiel de

Rand, mas o que preocupava Nynaeve eram os bandidos. De acordo com Egwene, se alguém identificasse bens roubados na posse de um bandido ou se jurasse tê-lo visto matar uma pessoa ou incendiar sequer um celeiro, Rand o mandava para a forca. Ele não pendurava a corda, mas dava no mesmo, e Egwene tinha dito que ele assistia a cada execução com o rosto tão frio e duro quanto as montanhas. Aquilo não era do feitio dele. Rand fora um garoto gentil. Qualquer mudança sofrida no Deserto havia sido para bem pior.

Mas Rand estava muito longe, e os problemas dela — dela e de Elayne — não estavam nem perto de serem resolvidos. O rio Eldar ficava a menos de uma milha ao norte, atravessado por uma única ponte de pedra alta, erigida entre compridos pilares de metal que cintilavam sem o menor sinal de ferrugem. Remanescentes de tempos antigos, decerto, talvez até de outra Era. Ela subira na ponte no meio do dia, assim que eles chegaram, mas não havia nenhum barco no rio que merecesse a denominação. Barcos a remo, pequenas embarcações pesqueiras trabalhando ao longo das margens com suas fileiras de juncos, algumas coisinhas estreitas e estranhas que zanzavam pela água, propulsionadas por homens ajoelhados que usavam remos, e até uma barcaça atarracada que parecia presa à lama — parecia haver muita lama nas duas margens, uma parte já dura, seca e rachada, ainda que isso não fosse surpresa, por conta do calor que teimava em se manter, mesmo tão fora de época —, mas nada que pudesse transportá-los depressa rio abaixo, como Nynaeve desejava. Não que ela soubesse para onde a embarcação deveria levá-los.

Mesmo forçando o cérebro ao máximo, não se lembrava do nome da cidadezinha onde as irmãs Azuis supostamente estavam. Golpeou com violência um dente-de-leão, que se desfez em pluminhas brancas que flutuaram até o solo. Provavelmente não estariam mais lá, de qualquer modo, se é que chegaram a estar. Mas era a única pista que tinham de um lugar seguro, além de Tear. Se ao menos conseguisse lembrar…

A única parte boa de toda a jornada para o norte foi que Elayne parara de flertar com Thom. Não acontecera mais desde que se juntaram à trupe. Mas teria sido bom se Elayne não tivesse decidido fingir que nada acontecera. No dia anterior, Nynaeve parabenizara a garota por ter recuperado o juízo, no que Elayne retrucara, muito calma: *Está tentando descobrir se eu vou me meter entre você e Thom, Nynaeve? Ele é bem velho para você, e eu achei que já estivesse interessada em outro, mas você já tem idade suficiente para tomar as próprias decisões. Eu gosto de Thom, e acho que ele gosta de mim. Eu o vejo como um segundo pai. Se quiser flertar com ele, tem minha permissão. Mas realmente pensei que você fosse menos volúvel.*

Luca pretendia cruzar o rio pela manhã, e Samara, a cidadezinha

na margem oposta, em Ghealdan, não era um bom lugar para ficar. Ele passara a maior parte do dia por lá, desde que haviam chegado, assegurando um local para montar o espetáculo. Sua única preocupação era que várias outras trupes haviam chegado ali primeiro, e a dele não era a única que tinha mais do que animais. Por isso estava tão insistente a respeito do "número" de Thom e Nynaeve com as facas. Teve sorte de Luca não querer que aquilo fosse feito lá nas alturas, junto com Elayne. O homem parecia achar que a coisa mais importante do mundo era que seu espetáculo fosse maior e melhor que qualquer outro. Para ela, a questão preocupante era que o Profeta estava em Samara, seus seguidores atulhando a cidade e se esparramando em tendas, cabanas e choupanas por todo o entorno, formando outra cidade que sobrepujava o tamanho nada desprezível da própria Samara — a cidade possuía uma muralha alta de pedra, e a maioria das edificações também era de seixos, muitas com três andares, e havia mais telhados de ardósia e telha do que de palha.

Aquela margem do Eldar não era melhor. Durante a viagem, tinham passado por três acampamentos de Mantos-brancos, centenas de tendas brancas em fileiras organizadas, e devia haver muitas mais que não avistaram. Mantos-brancos naquela margem do rio, o Profeta e talvez algum tumulto esperando para irromper na outra, e ela não fazia ideia de para onde ir e nem de como chegar lá, a não ser em um pesado carroção que se movia mais devagar do que ela caminhava. Nynaeve queria nunca ter deixado Elayne convencê-la a abandonar a carruagem. Sem enxergar nenhuma outra erva para ser arrancada ao alcance, partiu a macela ao meio, então de novo, até os pedaços ficarem menores que sua mão, e os jogou no chão. Desejou poder fazer o mesmo com Luca. E com Galad Damodred, por obriga-los a fugir. E com al'Lan Mandragoran, por não estar ali. Não que *precisasse* dele, claro. Mas sua presença teria sido… reconfortante.

O acampamento estava calmo, as refeições noturnas sendo preparadas em pequenas fogueiras ao lado dos carroções. Petra alimentava o leão de juba negra, jogando enormes pedaços de carne com uma vara por entre as barras. As leoas já estavam aninhadas amigavelmente umas às outras, deixando escapar um rosnado ocasional caso alguém se aproximasse demais da jaula. Nynaeve parou perto do carroção de Aludra. A Iluminadora estava trabalhando com um pilão e um almofariz de madeira em uma mesa que saía da lateral de seu carroção, resmungando sozinha acerca de qualquer que fosse a mistura que estivesse fazendo. Três dos Chavanas lançaram sorrisos sedutores para Nynaeve, convidando-a para se juntar a eles. Não Brugh, que ainda parecia irritado com o lábio, apesar de ela ter lhe dado um unguento para diminuir o inchaço. Se batesse com a mesma força nos outros irmãos, talvez eles dessem ouvidos a Luca — e, mais

importante, a ela! — e percebessem que Nynaeve não queria seus sorrisos. Que pena que Mestre Valan Luca não obedecia às próprias instruções. Latelle se virou da jaula do urso e sorriu timidamente para ela. Foi mais um sorrisinho afetado, na verdade. Mas Nynaeve observava principalmente Cerandin, serrando as grosseiras unhas da pata de um dos imensos *s'redit* cinzas utilizando o que parecia ser uma ferramenta mais apropriada para metais.

— Aquela ali — disse Aludra — usa as mãos e os pés com uma habilidade notável, não? Não me olhe assim, Nana — acrescentou, esfregando as mãos. — Não sou sua inimiga. Tome. Você tem que experimentar estes novos malabares de fogo.

Nynaeve apanhou cautelosamente a caixa de madeira da mulher de cabelos escuros. Era um cubo que ela poderia ter manuseado facilmente só com uma das mãos, mas usou as duas.

— Pensei que você os chamasse de bastões.

— Talvez sim, talvez não. Malabares de fogo explica bem melhor o que eles fazem do que bastões, não? Eu dei uma polida nos buraquinhos que prendem os malabares, para que não peguem fogo em contato com a madeira. Boa ideia, não? Elas são uma ideia nova, essas pontas. Você vai experimentar e me dizer o que acha?

— Vou, claro. Obrigada.

Nynaeve se afastou antes que a mulher pudesse lhe empurrar outra caixa. Segurava o objeto como se fosse explodir, o que não tinha certeza de que não aconteceria. Aludra queria que todo mundo experimentasse seus bastões, ou malabares de fogo, ou qualquer que fosse o próximo nome escolhido. Com certeza acenderiam uma fogueira ou uma lamparina. Também podiam pegar fogo se as pontas azul-acinzentadas roçassem uma na outra ou em qualquer material áspero. Para ela, era melhor continuar com pedra e aço, ou com carvão devidamente acondicionado em uma caixa de areia. Bem mais seguro.

Juilin a alcançou antes que pusesse os pés nos degraus do carroção que dividia com Elayne, seu olhar indo diretamente para o olho inchado de Nynaeve. Ela o encarou com tanta firmeza que o homem deu um passo para trás e tirou da cabeça aquele chapéu ridículo em forma de cone.

— Eu fui até o outro lado do rio — relatou ele. — Tem mais ou menos cem Mantos-brancos em Samara. Só observando e sendo observados com o mesmo ímpeto por soldados de Ghealdan. Mas eu reconheci um deles. Aquele jovem que estava sentado do outro lado d'A Luz da Verdade, em Sienda.

Ela sorriu para ele, que deu outro passo ligeiro para trás, encarando-a com cautela. Galad em Samara. Era só o que faltava.

— Você sempre traz notícias maravilhosas, Juilin. Deveríamos ter

deixado você em Tanchico, ou melhor, na doca de Tear. — Aquilo não era justo. Era melhor ele ter lhe contado a respeito de Galad do que ela dar de cara com o rapaz ao virar uma esquina. — Obrigada, Juilin. Pelo menos agora sabemos que é melhor ficar de olho. — O meneio do homem não fez jus aos agradecimentos tão graciosos, e ele se apressou para ir embora, enfiando o chapéu na cabeça como se esperasse que ela lhe batesse. Homens não tinham modos mesmo.

O interior do carroção estava em melhores condições do que quando Thom e Juilin o compraram. A tinta descascando fora toda retirada — os homens resmungaram por ter de fazer aquilo — e os armários e a minúscula mesinha presa ao piso, lustrados até ficarem brilhando. O pequeno fogão de tijolinhos com a chaminé de metal nunca fora usado — as noites eram sempre quentes e, se começassem a cozinhar enquanto estivessem ali, Thom e Juilin nunca voltariam a assumir a função —, mas era um bom lugar para guardar objetos de valor, bolsas e caixas de joias. A bolsinha de camurça abrigava o selo — que ela enfiara o mais fundo que podia e no qual não encostara desde então.

Sentada em uma das camas estreitas, Elayne enfiava alguma coisa debaixo dos lençóis quando Nynaeve entrou, mas, antes que pudesse perguntar do que se tratava, a jovem exclamou:

— Seu olho! O que aconteceu? — Precisavam tingir o cabelo dela com pimenta-de-galinha outra vez. Tímidos vestígios dourados surgiam na raiz dos fios pretos. Passavam-se alguns poucos dias e já era preciso pintar as mechas de novo.

— Cerandin me acertou quando eu não estava olhando — resmungou Nynaeve.

Ainda sentia o gosto de samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó. Aquele também *não* foi o motivo para ela ter deixado Elayne ir ao último encontro em *Tel'aran'rhiod*. Nynaeve *não* estava evitando Egwene. Era só que ela fazia a maior parte das excursões até o Mundo dos Sonhos, entre um encontro e outro, e era justo dar a Elayne oportunidades de ir também. Só isso.

Com cuidado, guardou a caixa com malabares de fogo em um dos armários, junto de outras duas. A única que realmente pegara fogo já fora descartada há muito tempo.

Não sabia por que estava escondendo a verdade. Era óbvio que Elayne não saíra do carroção, ou já saberia. Ela e Juilin deviam ser as únicas pessoas em todo o acampamento que não sabiam, agora que Thom com certeza já contara todos os detalhes asquerosos para Luca.

Nynaeve respirou fundo, sentou-se na outra cama e se forçou a encarar Elayne. Algo no silêncio da amiga indicava que ela sabia que mais coisa estava a caminho.

— Eu… perguntei a Cerandin sobre as *damane* e as *sul'dam*. Tenho

certeza de que ela sabe mais do que demonstra. — Fez uma pausa para que Elayne questionasse se ela tinha perguntado ou exigido saber e para dizer que a Seanchan já contara a elas tudo o que sabia, e que Cerandin não tivera muito contato com as *damane* ou as *sul'dam*. Mas Elayne continuou em silêncio, e Nynaeve percebeu que só estava tentando adiar a situação com uma briga. — Ela ficou bem nervosa, dizendo que não sabe de mais nada, então eu a sacudi. Você foi mesmo longe demais com ela. Cerandin sacudiu o dedo debaixo do meu nariz! — Elayne apenas a observava, os olhos azuis calmos, quase sem piscar. Nynaeve se esforçou para não desviar o olhar, quando prosseguiu. — Ela… me jogou, de alguma forma, por cima do ombro. Eu levantei e dei um tapa nela, mas ela me derrubou com um soco. Por isso fiquei com olho inchado. — Era melhor também contar o resto. Elayne logo ficaria sabendo. Melhor que fosse por ela mesma. Mas preferia ter arrancado a língua. — Eu não estava disposta a deixar por aquilo mesmo, com certeza. Nós brigamos um pouco mais.

Da parte dela, não foi bem uma briga, a não ser por ter se recusado a desistir. A verdade cruel era que Cerandin só tinha parado de jogá-la de um lado para outro e de derrubá-la com rasteiras porque era como bater em uma criança. Nynaeve tivera tanta chance quanto uma criança. Desejara que pelo menos não houvesse ninguém presente, assim ela teria canalizado. Certamente estava com raiva suficiente. Desejava que pelo menos não houvesse ninguém presente, e ponto final. Nynaeve preferia que Cerandin a tivesse socado até sangrar.

— Aí Latelle deu uma vara para ela. Você sabe que aquela mulher quer se vingar de mim. — Não havia necessidade de contar que Cerandin estava segurando sua cabeça sob o engate de um carroção. Não levava uma surra dessas desde que tinha jogado um jarro d'água em Neysa Ayellin, quando tinha dezesseis anos. — De qualquer jeito, Petra apartou a briga. — E bem na hora, também. O imenso homem pegara as duas pela nuca como se fossem gatinhas. — Cerandin pediu desculpas, e acabou assim.

Petra obrigara a Seanchan a pedir perdão, verdade, mas também exigira o mesmo de Nynaeve, recusando-se a afrouxar o aperto gentil, mas duro feito aço, em torno de seu pescoço até que se desculpasse. Ela batera nele o mais forte que pôde, na boca do estômago, e o homem nem piscara. A mão de Nynaeve também parecia prestes a inchar.

— Não foi nada sério, na verdade. Suponho que Latelle vai tentar espalhar uma história fantasiosa. Quem eu preciso sacudir é ela. Não bati nela nem com metade da força que deveria.

Nynaeve se sentiu melhor ao contar a verdade, mas as dúvidas estampadas no rosto de Elayne fizeram-na querer mudar de assunto.

— O que é isto que você está escondendo? — Esticou-se e puxou o lençol para trás, revelando a extensão prateada do *a'dam* que haviam conseguido com Cerandin. — Por que, sob a Luz, você quer olhar para isto? E se quer mesmo, por que esconder? É um objeto repugnante, e eu não entendo como você consegue tocar nele, mas, se é o que deseja, a decisão é toda sua.

— Não seja tão chata — rebateu Elayne. Um sorriso lento se abriu em seu rosto, demonstrando animação. — Acho que posso fazer um.

— Fazer um! — Nynaeve baixou a voz, torcendo para que ninguém entrasse correndo para ver quem estava matando quem, mas não a suavizou nem um pouco. — Luz, por quê? Fazer até uma fossa sem tampa seria melhor. Uma pilha de estrume. Ao menos teriam alguma utilidade.

— Eu não pretendo fazer um *a'dam*. — Elayne se manteve ereta, o queixo inclinado daquele jeito altivo. Soava ofendida e friamente calma. — Mas é um *ter'angreal*, e já decifrei como ele funciona. Vi que você assistiu a pelo menos uma aula sobre como se unir. O *a'dam* une duas mulheres. Por isso é que a *sul'dam* também precisa ser capaz de canalizar. — Ela franziu o cenho de leve. — Mas é um vínculo estranho. Diferente. Em vez de duas ou mais compartilhando o Poder, com uma como guia, nesse caso só uma assume todo o controle. Acho que é por isso que uma *damane* não pode fazer nada que a *sul'dam* não queira que ela faça. Não acredito nem um pouco que haja necessidade da corrente. A coleira e o bracelete funcionariam tão bem quanto sem ela, e da mesmíssima forma.

— Tão bem quanto — repetiu Nynaeve, seca. — Você estudou bastante o assunto, para alguém que não pretende reproduzir esse objeto. — Elayne não teve nem a delicadeza de enrubescer. — Você o usaria para quê? Não posso dizer que acharia ruim colocar um em torno do pescoço de Elaida, mas isso não torna a coisa menos repugn…

— Você não entende? — interrompeu Elayne, a arrogância totalmente transformada em empolgação. Quando se inclinou para tocar o joelho de Nynaeve, seus olhos brilhavam, e ela estava felicíssima consigo mesma. — É um *ter'angreal*, Nynaeve. E eu acho que consigo fazer um igual. — Elayne pronunciou cada palavra pausadamente, então gargalhou, antes de prosseguir, apressada: — Se eu conseguir fazer este, posso fazer outros. Talvez consiga fazer até *angreal* e *sa'angreal*. Ninguém na Torre foi capaz de fazer isso nos últimos mil anos! — Ela ficou ereta, estremeceu e cobriu a boca. — Eu nunca tinha pensado de verdade em *fazer* alguma coisa eu mesma. Não algo que fosse útil. Lembro de certa vez ficar observando um artesão, um homem que tinha feito algumas cadeiras para o palácio. Não eram douradas nem tinham entalhes elaborados, eram apenas

para o salão dos servos, mas vi o orgulho nos olhos dele. Orgulho do que tinha feito, um móvel de qualidade. Acho que eu adoraria sentir isso. Ah, se a gente soubesse ao menos uma fração do que os Abandonados sabem! Todo o conhecimento da Era das Lendas na cabeça, e eles o utilizam para servir à Sombra. Pense no que poderíamos fazer com aquilo. Pense no que poderíamos *construir*. — Ela respirou fundo e pousou as mãos no colo, o entusiasmo ainda todo lá. — Bem, seja como for, aposto que também consigo decifrar como Ponte Branca foi construída. Edifícios que parecem feitos de vidro, só que mais resistentes que aço. E *cuendillar*, e…

— Devagar aí — advertiu Nynaeve. — Ponte Branca fica a pelo menos quinhentas ou seiscentas milhas daqui, e se você acha que vai canalizar no selo, melhor pensar duas vezes. Quem sabe o que poderia acontecer? Ele vai continuar na bolsa, dentro do fogão, até encontrarmos um lugar mais seguro.

O entusiasmo de Elayne era muito estranho. Nynaeve também não se importaria em ter um pouco do conhecimento dos Abandonados — longe disso —, mas, se quisesse uma cadeira, contrataria um carpinteiro. Nunca sentira vontade de produzir nada, a não ser emplastros e unguentos. Quando tinha doze anos, sua mãe desistira de ensiná-la a costurar, depois que ficou evidente que Nynaeve não dava a mínima se conseguia ou não fazer uma costura em linha reta, e não havia como obrigá-la a se importar. Quanto a cozinhar… Ela até pensava ser boa cozinheira, mas a questão era que sabia suas prioridades. Curar era importante. Qualquer homem poderia construir uma ponte, e, em sua opinião, era melhor deixar isso a cargo deles.

— Com essa sua história de *a'dam* — continuou Nynaeve —, eu quase me esqueci de contar: Juilin viu Galad no outro lado do rio.

— Sangue e malditas cinzas — resmungou Elayne, e, quando Nynaeve arqueou as sobrancelhas, a garota prosseguiu com bastante firmeza: — Não venha me dar sermões pelo "meu linguajar", Nynaeve. O que vamos fazer?

— Temos algumas opções: podemos ficar neste lado do rio e ter os Mantos-brancos de olho em nós, se perguntando por que abandonamos a trupe; podemos atravessar a ponte e torcer para que o Profeta não comece um tumulto e Galad não nos denuncie; ou podemos tentar comprar um barco a remo e fugir rio abaixo. Não são opções muito boas. E Luca vai querer os cem marcos dele. De ouro. — Ela tentou evitar uma careta, mas aquilo ainda a irritava. — Você prometeu, e suponho que não seria honesto fugir na calada da noite sem pagar. — Teria feito aquilo sem pestanejar, caso houvesse algum lugar para ir.

— Com certeza não seria — concordou Elayne, parecendo

chocada. — Mas não temos que nos preocupar com Galad, pelo menos não enquanto estivermos com este grupo. Galad não vai se aproximar, ele acha que prender animais em jaulas é uma crueldade. Não vê nada de errado em caçar nem em comer animais, veja bem, só em enjaular.

Nynaeve balançou a cabeça. O fato era que Elayne encontraria alguma maneira de adiar a partida, nem que fosse por um dia, mesmo que tivessem como ir embora. Ela queria mesmo era andar nas alturas diante de uma plateia que não fossem os outros artistas. E Nynaeve provavelmente teria que repetir o número das facas com Thom. *Mas eu* não *vou usar aquele maldito vestido!*

— Vamos contratar o primeiro barco que aparecer com tamanho suficiente para transportar quatro pessoas — decidiu ela. — Não é possível que todo o comércio no rio tenha acabado.

— Ajudaria se soubéssemos para onde ir. — O tom de voz de Elayne soou delicado demais. — Poderíamos seguir para Tear, sabe? Não precisamos ficar nessa situação só porque você… — Sua voz foi sumindo, mas Nynaeve sabia o que Elayne queria dizer. Só porque *ela* era teimosa. Só porque estava tão furiosa por não se lembrar de um simples nome que pretendia se recordar e partir para lá nem que fosse a última coisa que fizesse. Bem, aquilo não era verdade. Nynaeve pretendia encontrar as Aes Sedai que pudessem apoiar Rand e levá-las até ele, não rastejar até Tear feito uma refugiada patética buscando um lugar seguro.

— Eu vou lembrar — afirmou ela, a voz neutra. *Terminava com "bar". Ou era "dar"? "Lar"?* — Antes de você cansar de se exibir no espetáculo, vou me lembrar. — *Eu* me recuso *a usar aquele vestido!*

34

Uma Flecha de Prata

Foi Elayne quem cozinhou naquela noite, o que significava que nada na comida era simples, apesar de estarem comendo em banquinhos em torno de uma fogueira, com grilos cricrilando na mata ao redor e, aqui e ali, um canto fraco e triste de algum pássaro noturno ecoando na escuridão cada vez mais profunda. A sopa foi servida fria e gelatinosa, com ferris verdes picadas e salpicadas por cima. Só a Luz sabia onde ela tinha encontrado as ferris, ou as minúsculas cebolas que misturara com as ervilhas. A carne fora cortada tão fina que estava quase transparente, então enrolada em uma trouxinha de cenoura, vagem, cebolinha e queijo de cabra. E havia até um pequeno bolo de mel para a sobremesa.

Tudo estava gostoso, embora Elayne não parasse de repetir que nada saíra como deveria, como se pensasse que dava para reproduzir ali o trabalho dos cozinheiros do Palácio Real de Caemlyn. Nynaeve tinha quase certeza de que a garota não estava apenas em busca de elogios. Elayne sempre fazia pouco caso de elogios, explicando exatamente o que fizera de errado. Thom e Juilin reclamaram por haver tão pouca carne, mas Nynaeve notou que ambos não só comeram cada pedacinho, como pareceram desapontados quando a última ervilha desapareceu do prato. Quando era ela que cozinhava, os dois, por algum motivo, sempre iam jantar em um dos outros carroções. Quando era um dos homens a preparar o jantar, era sempre ensopado ou uma carne com feijões tão cheia de pimenta que sua língua parecia pegar fogo.

Eles não comeram a sós, claro. Luca tratou disso ao trazer o próprio banquinho e posicioná-lo bem ao lado do de Nynaeve, a capa vermelha esparramada para causar o melhor efeito possível, e as pernas compridas esticadas para que as panturrilhas ficassem à mostra, logo acima das botas. O homem aparecia quase toda noite. Estranhamente, só não ia quando Nynaeve cozinhava.

Era até interessante atrair os olhos dele quando havia uma mulher tão bonita quanto Elayne por perto, mas Luca tinha lá seus motivos. Ele se sentava grudado nela — naquela noite, Nynaeve afastou o

próprio banco três vezes, mas ele a acompanhou prontamente, como se nem percebesse — e se alternava entre compará-la a várias flores, que sempre saíam perdendo, ignorando o olho roxo que só um cego não veria, e divagar a respeito de como Nynaeve ficaria bonita naquele vestido vermelho, com elogios à sua coragem como adendo. Por duas vezes, deixou escapar sugestões de que fossem caminhar ao luar, convites tão velados que ela não tinha certeza do que eram, até parar para pensar.

— Aquele vestido vai ser a moldura perfeita para a sua coragem — murmurou ele no ouvido dela —, ainda que você a exiba com quatro vezes mais beleza, já que até os lírios-dara chorariam de inveja ao vê-la caminhar às margens da água iluminada pelo luar, assim como eu choraria e me tornaria um bardo, só para lhe cantar elogios sob esta mesmíssima lua.

Ela apenas piscou, tentando assimilar aquilo tudo. Luca pareceu considerar que fosse um flerte. Nynaeve acotovelou sem querer suas costelas antes que ele conseguisse lhe mordiscar a orelha. Ao menos pareceu ser essa a intenção, ainda que ele tenha começado a tossir logo depois, afirmando que se engasgara com farelo de bolo. O homem com certeza era bonito — *Pare com isso!* — e de fato possuía panturrilhas bem torneadas — *O que você está fazendo, olhando para as pernas dele?* —, mas deveria achar que ela era uma desmiolada. Tudo para ajudar a melhorar seu maldito espetáculo.

Nynaeve tornou a afastar o banco enquanto ele tentava recuperar o fôlego. Não podia se afastar muito sem deixar claro que estava fugindo, embora estivesse com o garfo a postos para o caso de Luca voltar a segui-la. Thom examinou o prato como se ainda restasse mais do que apenas molho na louça branca. Juilin assobiava desafinado, bem baixinho, espiando com falso interesse o fogo que se apagava. Elayne olhou para ela e balançou a cabeça.

— Foi muito simpático da sua parte ter se juntado a nós — disse Nynaeve, levantando-se. Luca se levantou com ela, os olhos cheios de esperança brilhando à luz do fogo. Ela pôs seu prato em cima do que estava na mão dele. — Thom e Juilin vão ficar agradecidos por sua ajuda com os pratos, tenho certeza. — Antes que a boca do homem terminasse de se abrir, Nynaeve se virou para Elayne. — Já está tarde, e imagino que vamos cruzar o rio bem cedo.

— Claro — murmurou Elayne, com a sombra de um sorriso. A garota também deixou o prato com Luca antes de acompanhá-la para dentro do carroção. Nynaeve quis abraçá-la. Até que a garota disse: — Você não deveria dar corda para ele. — Lamparinas presas em suportes de parede se acenderam.

Nynaeve plantou as mãos na cintura.

— *Dar corda*?! O único jeito de dar *menos* corda seria enfiando

uma faca naquele homem! — Ela bufou para enfatizar e olhou feio para as lamparinas. — Na próxima vez, use um dos malabares de fogo de Aludra. Os bastões. Algum dia você vai acabar se esquecendo e canalizando onde não deveria, e aí o que vamos fazer? Fugir da morte com cem Mantos-brancos atrás de nós.

Teimosa como era, Elayne não aceitou a mudança de assunto.

— Posso ser mais nova, mas, às vezes, acho que entendo mais de homens do que você jamais vai entender. Para alguém como Valan Luca, esse seu jeito de sair correndo, hoje à noite, foi como um pedido para ele continuar a perseguição. Se você quebrasse o nariz dele, como fez no primeiro dia, talvez Luca desistisse. Você não o manda parar, nem pede! Fica sorrindo para ele, Nynaeve. Quer que o homem pense o quê? Fazia dias que você não sorria para *ninguém*!

— Estou tentando controlar meu temperamento — resmungou Nynaeve. Todos reclamavam do gênio dela, e agora que estava tentando controlá-lo, Elayne achava ruim! Não era tola a ponto de se deixar levar pelos elogios de Luca. Claro que não era tão idiota. Elayne gargalhou, e Nynaeve franziu o cenho.

— Ah, Nynaeve, "não se pode impedir o sol de nascer". É o que Lini diria.

Nynaeve se esforçou para abrandar a expressão. Também controlou seu gênio. *Não acabei de provar isso lá fora?* Ela estendeu a mão.

— Me dê o anel. Ele *vai* querer cruzar o rio amanhã cedo, e quero pelo menos dormir de verdade depois que eu terminar.

— Pensei que eu iria hoje à noite. — Havia preocupação na voz de Elayne. — Nynaeve, você tem ido a *Tel'aran'rhiod* praticamente todas as noites, exceto nos encontros com Egwene. Aquela Bair tem uma questão para discutir com você, aliás. Precisei contar a elas por que você não foi, da outra vez, e ela afirma que você não deveria estar precisando de descanso, não importa o quanto visite o Mundo dos Sonhos, a menos que esteja fazendo algo errado. — A preocupação se transformou em firmeza, e foi a vez dela de plantar as mãos na cintura. — Tive que ouvir uma reprimenda que era para você, e não foi nada agradável, com Egwene lá parada concordando com cada palavra. Então, eu realmente acho que hoje à noite eu deveria…

— Por favor, Elayne. — Nynaeve não recolheu a mão. — Tenho perguntas para Birgitte, e as respostas podem me fazer ter mais perguntas. — Era verdade, em parte. Ela sempre tinha perguntas para Birgitte. Não tinha nada a ver com evitar Egwene ou as Sábias. Se visitava *Tel'aran'rhiod* com tanta frequência que Elayne sempre acabava indo para os encontros com Egwene, era simplesmente porque calhava de ser assim.

Elayne suspirou, mas pescou o anel de pedra retorcida de dentro

da gola do vestido.

— Peça a ela de novo, Nynaeve. É muito difícil encarar Egwene com esse segredo. Ela *viu* Birgitte. Não diz nada, mas fica me olhando. Quando nos encontramos de novo, depois de as Sábias irem embora, é ainda pior. Ela *pode* perguntar, nessas ocasiões, mas não pergunta, o que piora tudo. — Ela franziu a testa enquanto Nynaeve transferia o pequeno *ter'angreal* para o cordão de couro em torno do próprio pescoço, junto com o pesado anel de Lan e o da Grande Serpente. — Por que você acha que nenhuma das Sábias volta com ela? Não descobrimos muita coisa no gabinete de Elaida, mas é de se imaginar que as Sábias fossem ao menos querer v*er* a Torre. Egwene não quer nem tocar no assunto na presença delas. Se eu chego perto desse tema, ela me olha de um jeito que parece que quer me bater.

— Acho que elas querem evitar a Torre o máximo possível. — E elas eram mesmo sábias em fazer isso. Se não fosse pela Cura, ela mesma evitaria a Torre, e até as Aes Sedai. *Não* estava treinando para ser uma Aes Sedai. Só esperava aprender mais sobre a Cura. E ajudar Rand, claro. — Elas são mulheres livres, Elayne. Mesmo que a Torre não estivesse a confusão que está, não iam querer Aes Sedai passeando pelo Deserto, recolhendo garotas para levar a Tar Valon.

— Suponho que seja isso. — O tom de voz de Elayne, no entanto, indicava que não entendia. *Ela* achava a Torre incrível e não via por que alguma mulher iria querer fugir das Aes Sedai. Presa para sempre à Torre Branca, diziam elas, ao colocar aquele anel no dedo de alguém. E falavam sério. Ainda assim, aquela tola não via o ônus disso.

Elayne a ajudou a se despir, e Nynaeve se deitou na cama estreita só de camisola, já bocejando. O dia fora longo, e era surpreendente como podia ser cansativo ficar parada com alguém que não enxergava arremessando facas nela. Fechou os olhos, pensamentos soltos passeando por sua mente. Elayne afirmara que estava só praticando quando bancara a boba com Thom. Não que "o pai afetuoso e a filhinha favorita" que bancavam agora fosse algo menos bobo. Talvez ela também pudesse praticar só um pouquinho com Valan. Ora, *isso* sim era uma tolice. Os olhos dos homens podiam até passear — *melhor* que os de Lan não o fizessem! —, mas ela sabia ser fiel. Não usaria aquele vestido. O decote era grande demais.

— Lembre-se de pedir a ela de novo. — Escutou Elayne dizer, ao longe.

O sono a envolveu.

Nynaeve estava no lado de fora do carroção, à noite. A lua estava alta, e nuvens lançavam sombras sobre o acampamento. Grilos cricrilavam, e pássaros noturnos cantavam. Os olhos dos leões

brilhavam ao encará-la de dentro das jaulas. Os ursos de cara branca eram montanhas escuras dormindo por trás de barras de ferro. A corda para amarrar os cavalos estava vazia, os cães de Clarine não estavam nas correias ao lado do carroção que dividia com Petra, e a área onde os *s'redit* ficavam, no mundo desperto, estava vazia. Ela chegara à conclusão de que apenas animais selvagens tinham reflexos ali, mas, independentemente do que a Seanchan afirmasse, era difícil acreditar que aqueles imensos animais cinzentos haviam sido tão domesticados que já não eram mais selvagens.

De repente, Nynaeve percebeu que estava usando o vestido. De um vermelho abrasador, justo demais nos quadris para ser chamado de decente e com um decote quadrado tão acentuado que seu busto parecia prestes a escapar. Não imaginava mulher alguma usando-o, exceto Berelain. Para Lan, talvez ela usasse. Se estivessem sozinhos. Estivera pensando em Lan ao adormecer. *Estava, não estava?*

De qualquer modo, não ia deixar Birgitte vê-la com aquele troço. A mulher dizia ser um soldado, e, quanto mais tempo Nynaeve passava com ela, mais percebia que algumas de suas atitudes — e comentários — eram tão ruins quanto as de qualquer homem. Piores. Uma mistura de Berelain com um brigão de taverna. Os comentários não eram frequentes, mas sempre surgiam quando Nynaeve permitia que pensamentos aleatórios criassem qualquer coisa como aquele vestido. Ela o trocou por uma boa e espessa lã escura de Dois Rios, com um xale simples que nem era necessário, o cabelo de novo em uma trança decente, e abriu a boca para chamar Birgitte.

— Por que você se trocou? — perguntou a mulher, saindo das sombras e apoiando-se no arco de prata. A intricada trança dourada pendia sobre o ombro, e o luar reluzia em seu arco e suas flechas. — Lembro de ter usado um vestido muito parecido com esse, certa vez. Foi só para chamar atenção para que Gaidal pudesse passar despercebido, mas os olhos dos guardas se esbugalharam feito olhos de sapos, e foi divertido. Principalmente quando eu usei para dançar com Gaidal, depois. Ele *sempre* odeia dançar, mas estava tão decidido a não deixar que nenhum outro homem se aproximasse que dançou comigo todas as músicas. — Birgitte soltou uma gargalhada gostosa. — Ganhei cinquenta moedas de ouro dele naquela noite, porque ele me olhava tanto que nem prestava atenção nas cartas. Os homens são estranhos. Não era como se ele nunca tivesse me visto…

— Já entendi — cortou Nynaeve, incomodada, enrolando o xale com firmeza em torno dos ombros.

Antes que pudesse acrescentar uma pergunta, Birgitte disse:

— Eu a encontrei. — E toda a ideia de fazer a pergunta se dissipou.

— Onde? Ela viu você? Pode me levar até ela? Sem ela ver? —

Seu estômago se contraía de medo, e Valan Luca diria um bocado sobre sua coragem, se pudesse vê-la naquele momento, mas ela tinha certeza de que o medo viraria raiva assim que visse Moghedien. — Se puder me levar mais… — Sua voz morreu assim que Birgitte levantou a mão.

— Não acho que ela tenha me visto, ou duvido que eu estaria aqui agora. — Ela soou muito séria. Nynaeve achava mais fácil conviver com essa faceta da personalidade de soldado. — Posso levá-la até lá por um momento, caso você queira ir, mas ela não está sozinha. Ao menos… Você vai ver. Precisa ficar em silêncio e não deve fazer nada contra Moghedien. Há outros Abandonados. Pode até ser que você consiga destruí-la, mas conseguiria derrotar cinco de uma vez?

As palpitações no estômago de Nynaeve se espalharam para o peito. E para os joelhos. Cinco. Ela deveria só perguntar o que Birgitte vira ou escutara e deixar por isso mesmo. Então poderia voltar para a cama e… Mas Birgitte a estava encarando. Não estava questionando sua coragem, apenas observava. Pronta para ir em frente, caso ela pedisse.

— Vou ficar calada. E nem vou pensar em canalizar. — Não com cinco Abandonados juntos. Não que ela fosse capaz de canalizar sequer uma centelha naquele momento. Enrijeceu os joelhos para evitar que batessem um no outro. — Ao seu sinal.

Birgitte ergueu o arco e pôs a mão em seu braço…

… e Nynaeve perdeu o fôlego. Estavam no meio do nada, uma escuridão infinita envolvendo-as. Não havia cima ou baixo, seria uma queda infinita em qualquer direção. Tonta, ela se obrigou a olhar para onde Birgitte apontava.

Abaixo delas, Moghedien também estava na escuridão, trajando algo tão negro quanto tudo ao redor, curvada, ouvindo com atenção. Mais abaixo, à mesma distância, quatro enormes cadeiras com encostos altos, todas diferentes, repousavam em um piso de ladrilhos brancos e cintilantes que flutuava na escuridão. Estranhamente, Nynaeve conseguia escutar o que as pessoas nas cadeiras diziam, como se estivesse em meio a elas.

— … nunca foi covarde — afirmava uma mulher bela e robusta, de cabelos loiros —, então por que começar agora? — Vestida com o que parecia ser uma bruma cinza-prateada e pedras preciosas, estava refestelada em uma cadeira de marfim entalhada no formato de acrobatas nus. Quatro homens esculpidos seguravam o assento, e os braços dela descansavam sobre as costas de mulheres ajoelhadas. Dois homens e duas mulheres apoiavam uma almofada de seda branca atrás de sua cabeça enquanto, acima, outros mais se contorciam em formas que Nynaeve não acreditava que o corpo humano pudesse assumir. Ela

ruborizou ao perceber que alguns estavam protagonizando mais do que meros números de acrobacia.

Um homem atarracado, de altura mediana, com uma cicatriz cortando o rosto e uma barba dourada e quadrada, se inclinou para a frente, parecendo furioso. Sua cadeira de madeira pesada era entalhada com fileiras de homens em armaduras e cavalos, além de um punho calçado com luva de aço segurando um raio, no topo do encosto. O casaco vermelho compensava a simplicidade da cadeira, pois fios de outro derramavam-se pelos ombros e braços.

— Ninguém me chama de covarde — advertiu ele, com severidade. — Mas, se continuarmos como estamos, ele virá direto no meu pescoço.

— O plano foi esse desde o início — respondeu uma melodiosa voz feminina. Nynaeve não via de quem era, com a dona escondida por trás do imenso encosto de uma cadeira que parecia ser toda de prata e de uma pedra branca como a neve.

O segundo homem era grande, de uma beleza sombria, com mechas brancas nas têmporas. Brincava com um ornamentado cálice dourado e estava reclinado em um trono. Era a única descrição possível para aquele assento incrustado de pedras preciosas. Discretos vestígios dourados apareciam aqui e ali, mas Nynaeve não duvidava de que houvesse ouro maciço por baixo de todo aquele cintilar de rubis, esmeraldas e pedras-da-lua. Era de tamanho monumental e parecia pesado.

— Ele vai se concentrar em você — afirmou o homenzarrão, com uma voz profunda. — Se for necessário, mataremos alguém próximo a ele, deixando claro que o ataque veio de você. E ele vai atrás de você. E, enquanto estiver concentrado nessa perseguição, nós três vamos nos unir para pegá-lo. Aconteceu alguma coisa para mudar o plano?

— Não mudou nada — grunhiu o homem com a cicatriz. — Principalmente, não mudou minha confiança em vocês. Eu *vou* fazer parte da união, ou o plano acaba aqui.

A mulher de cabelos dourados jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Pobre homem — zombou ela, balançando a mão cheia de anéis. — Você acha que ele não *perceberia* que você está unido? Ele tem um professor, lembre-se. Ruim, mas não um completo idiota. Daqui a pouco você vai pedir para incluirmos um bocado daquelas crianças da Ajah Negra para fazer o círculo passar de treze pessoas, de modo que você ou Rahvin tenham o controle.

— Se Rahvin confia o bastante na gente para se unir permitindo que uma de nós duas esteja no controle — ponderou a voz melodiosa —, você pode demonstrar a mesma confiança.

O homenzarrão encarava o cálice, e a mulher envolta em brumas

abriu um ligeiro sorriso.

— Se não confia que não vamos atacá-lo — prosseguiu a mulher fora de vista —, então confie no fato de que estaremos nos vigiando de perto demais para atacar. Você *concordou* com tudo isso, Sammael. Por que está começando a criar caso?

Nynaeve se sobressaltou quando Birgitte tocou seu braço…

… e as duas estavam de volta em meio aos carroções, com a lua brilhando por entre as nuvens. Parecia quase normal, em comparação com onde haviam estado.

— Por quê…? — começou Nynaeve, e engoliu em seco. — Por que você nos trouxe de volta? — Seu coração pulou para a garganta. — Moghedien nos viu?

Ficara tão atenta aos outros Abandonados, em quanto eram peculiares e comuns ao mesmo tempo, que se esquecera de ficar de olho em Moghedien. Soltou um suspiro aliviado quando Birgitte balançou a cabeça.

— Não tirei os olhos dela em momento algum, e ela não moveu nem um músculo. Mas não gosto de ficar tão exposta. Se ela ou qualquer um dos outros *tivesse* olhado para cima…

Nynaeve enrolou o xale bem apertado em torno dos ombros, mas ainda assim estremeceu.

— Rahvin e Sammael. — Queria que sua voz não estivesse tão rouca. — Você reconheceu os outros? — Claro que Birgitte reconhecera. Era estranho dizer, mas ela parecia abalada.

— A que estava encoberta pela cadeira era Lanfear. A outra era Graendal. Não pense que ela é uma tola só porque estava sentada em uma cadeira que faria uma arrumadeira Senje enrubescer. Ela é dissimulada e usa seus *bichinhos* em ritos que fariam até o soldado mais rude que já conheci jurar celibato.

— Graendal é dissimulada — ecoou a voz de Moghedien —, mas não o bastante.

Birgitte girou, o arco de prata se erguendo e uma flecha prateada quase sendo atirada — então, abruptamente, foi lançada a trinta passadas de distância em meio ao luar, chocando-se com tanta força contra o carroção de Nynaeve que ricocheteou de volta cinco passadas e ficou caída, inerte.

Desesperada, Nynaeve tentou agarrar *saidar*. O medo perpassava sua raiva, mas havia raiva suficiente. Então colidiu com uma parede invisível entre ela e o brilho quente da Fonte Verdadeira. Quase uivou. Alguma coisa agarrou seus pés, arrastando-os para trás e para cima, tirando-os do chão. As mãos voaram para o alto e para trás até os pulsos encontrarem os tornozelos, acima da cabeça. As roupas se transformaram em um pó que deslizou por sua pele, e a trança puxou sua cabeça para trás até os cabelos baterem nas nádegas. Nynaeve

tentou freneticamente sair do sonho. Nada aconteceu. Permaneceu pendurada no ar, contorcida feito um animal em uma teia, cada músculo tensionado até o limite. Tremores lhe atravessavam o corpo. Os dedos se contraíam debilmente, roçando seus pés. Pensou que, se tentasse mover qualquer outra parte do corpo, sua coluna quebraria.

Estranhamente, seu medo sumiu, agora que era tarde demais. Tinha certeza de que poderia ter sido rápida o bastante, não fosse o terror que a paralisara quando precisou agir. Tudo o que Nynaeve queria era uma chance de pôr as mãos no pescoço de Moghedien. *Grande vantagem isso me dá agora!* Cada respiração era fruto de um arfar tenso.

Moghedien se moveu para um ponto onde Nynaeve conseguia vê-la, entre o triângulo trêmulo formado por seus braços. O brilho de *saidar* circundava a mulher zombeteiramente.

— Um detalhe da cadeira de Graendal — disse a Abandonada. Seu vestido era feito de bruma, como o de Graendal, passando da neblina escura para algo quase transparente, depois voltando a brilhar como prata. O tecido mudava praticamente o tempo todo. Nynaeve já a vira usando-o antes, em Tanchico. — Não é algo em que eu teria pensado sozinha, mas Graendal pode ter… boas ideias. — Nynaeve a fuzilou com os olhos, mas Moghedien pareceu não perceber. — Não acredito que *você* realmente veio *me* caçar. Pensou mesmo que, por ter tido a sorte de me pegar desprevenida uma vez, é páreo para mim? — A risada da mulher foi cortante. — Se soubesse o trabalho que tive tentando encontrá-la… E aí você veio até mim. — Ela olhou para os carroções, examinando os leões e ursos por um instante, até voltar a encarar Nynaeve. — Um conjunto itinerante? Ficaria bem fácil encontrar você. Se eu ainda precisasse, não é?

— Faça o pior que puder, que a Luz a queime! — rosnou Nynaeve, da melhor forma que pôde.

Curvada como estava, precisava forçar as palavras uma a uma. Não ousava olhar diretamente para Birgitte — não que fosse conseguir virar a cabeça o bastante para isso —, mas revirando os olhos como estava, oscilando entre a fúria e o medo, teve um vislumbre. Seu estômago ficou oco, mesmo esticado feito pele de ovelha secando. Birgitte estava caída no chão, as flechas de prata se derramando da aljava à cintura, o arco a uma braça da mão inerte.

— Você acha que eu venci da outra vez por sorte? Se não tivesse me pegado de surpresa, eu teria lhe dado uma surra até ver você gemendo. Teria torcido o seu pescoço como se fosse uma galinha. — Se Birgitte estivesse morta, ela só tinha uma chance, e sombria: deixar Moghedien com tanta raiva que, em um rompante, a mulher a matasse rápido. Se ao menos houvesse algum jeito de alertar Elayne… Sua morte teria de ser o bastante. — Lembra que você disse que me usaria

como banquinho de montaria? E depois, quando eu disse que faria o mesmo com você? Isso foi quando eu já tinha vencido. Quando você estava choramingando e suplicando pela sua vida. Me oferecendo qualquer coisa. Você é uma covarde! Um excremento de bacurau! Seu monte de…! — Alguma coisa espessa rastejou até a boca de Nynaeve, achatando sua língua e forçando suas mandíbulas.

— Você é tão simplória — murmurou Moghedien. — Acredite, eu já estou com raiva suficiente de você. Não acho que eu *vá* usá-la como banquinho de montaria. — O sorriso da Abandonada fez a pele de Nynaeve se arrepiar. — Acho que vou transformar você em um cavalo. Aqui, isso é bem possível. Um cavalo, um rato, um sapo… — Ela fez uma pausa, escutando. — … um grilo. E, toda vez que você vier a *Tel'aran'rhiod*, vai ser um cavalo, até que eu decida mudar. Ou alguma outra pessoa que saiba como fazer isso. — Ela fez outra pausa, parecendo quase complacente. — Não, não quero lhe dar falsas esperanças. Restam apenas nove pessoas capazes de fazer essa tessitura, e você não vai querer estar na mão de qualquer um dos outros. Você vai ser um cavalo toda vez que eu a trouxer aqui. Vai ter a própria sela e a própria rédea. Vou até fazer uma trança na sua crina. — Nynaeve sentiu um puxão na trança que quase a escalpelou. — Claro que, mesmo assim, você ainda vai se lembrar de quem é. Acho que vou gostar da montaria, embora você talvez não goste. — Moghedien respirou fundo, e seu vestido escureceu até parecer reluzir naquela luz tênue. Nynaeve não tinha certeza, mas achava que talvez fosse da cor de sangue vivo. — Você me deixa igual a Semirhage. Vai ser bom me livrar de você para que eu possa concentrar toda a minha atenção em questões relevantes. A sirigaitazinha de cabelo amarelo está com você nesse conjunto?

A sensação espessa sumiu da boca de Nynaeve.

— Eu estou sozinha, sua estúpida… — Dor. Como se tivesse levado uma surra do tornozelo ao ombro, todos os golpes ao mesmo tempo. Soltou um berro agudo. De novo. Tentou cerrar os dentes, mas o próprio grito interminável lhe preencheu os ouvidos. As lágrimas escorriam miseravelmente pelas bochechas enquanto soluçava e, impotente, esperava a próxima investida.

— Ela está com você? — indagou Moghedien, pacientemente. — Não perca tempo tentando me fazer matá-la. Eu não vou. Você vai passar muitos anos me servindo. Suas habilidades patéticas podem ter alguma serventia, depois que eu terminar seu treinamento. Quando eu decidir treiná-la. Mas posso fazer você achar que o que acabou de sentir foi o carinho de um amante. Agora responda minha pergunta.

Nynaeve conseguiu recuperar o fôlego.

— Não — soluçou. — Ela fugiu com um homem assim que saímos de Tanchico. Um homem com idade suficiente para ser avô dela, mas

com dinheiro. Ficamos sabendo do que aconteceu na Torre… — Nynaeve tinha certeza de que Moghedien sabia. — E ela ficou com medo de voltar para lá.

A mulher gargalhou.

— Que historinha deliciosa. Agora quase entendo por que Semirhage adora arrasar a personalidade das pessoas. Ah, você vai me proporcionar grandes momentos de diversão, Nynaeve al'Meara. Mas, primeiro, vai me trazer aquela garota, a Elayne. Você vai blindá-la, amarrá-la e deixá-la aos meus pés. E sabe por quê? Porque algumas coisas são mesmo mais fortes em *Tel'aran'rhiod* do que no mundo desperto. Por isso é que você vai ser uma égua branca lustrosa sempre que eu a trouxer para cá. E não são só as dores impingidas aqui que duram no mundo desperto. A Compulsão também. Quero que pense nisso por um ou dois segundinhos, antes que comece a acreditar que foi ideia sua. Suspeito que a garota seja sua amiga. Mas você vai trazê-la até mim feito um bichinho de estimação… — Moghedien gritou quando a ponta de uma flecha de prata surgiu de repente abaixo de seu seio direito.

Nynaeve caiu no chão feito uma saca largada. A queda expulsou cada nesga de ar de seus pulmões tão eficientemente quanto um golpe de martelo na barriga. Esforçando-se para respirar, fez força para fazer músculos combalidos se moverem, e para, em meio à dor, agarrar *saidar*.

Ainda cambaleante, Birgitte tateou em busca de outra flecha da aljava.

— Vá, Nynaeve! — O grito saiu trêmulo. — Saia daqui! — A cabeça de Birgitte vacilou, e o arco de prata bamboleou quando ela o ergueu.

O brilho em torno de Moghedien se intensificou até parecer que ela estava envolta por um sol ofuscante.

A noite engolfou Birgitte feito uma onda, cobrindo-a de escuridão. Quando passou, o arco caiu sobre roupas vazias que desabavam no chão. As vestimentas desvaneceram como névoa que se esvai, e apenas o arco e as flechas permaneceram, brilhando ao luar.

Moghedien caiu de joelhos, ofegando, agarrando a haste saliente da flecha com as duas mãos à medida que o brilho ao seu redor se dissipava e morria. Então ela desapareceu, e o arco de prata caiu no ponto em que a mulher estivera, manchado de sangue escuro.

Depois do que pareceu uma eternidade, Nynaeve conseguiu se apoiar nas mãos e nos joelhos. Chorando, rastejou até o arco de Birgitte. Desta vez, não era dor que fazia as lágrimas brotarem. De joelhos, nua e sem ligar para mais nada, abraçou o arco.

— Me desculpe — soluçou. — Ah, Birgitte, me perdoe. Birgitte!

Não houve resposta, exceto o canto fúnebre de um pássaro

noturno.

Liandrin se levantou de um salto quando a porta do quarto de Moghedien se escancarou e a Escolhida entrou na saleta cambaleante, o sangue ensopando a camisola de seda. Chesmal e Temaile correram para segurá-la pelos braços e mantê-la de pé, mas Liandrin permaneceu junto à cadeira. As demais haviam saído. Talvez até de Amador, pelo que Liandrin sabia. Moghedien só dizia o que queria que seus interlocutores soubessem e punia qualquer pergunta que não quisesse ouvir.

— O que aconteceu? — indagou Temaile, surpresa.

O breve olhar que Moghedien lhe lançou deveria tê-la fritado imediatamente.

— Você possui certa habilidade de Cura — grunhiu a Abandonada para Chesmal. O sangue lhe manchava os lábios e escorria pelo canto da boca em um fluxo cada vez maior. — Use-a. Agora, sua tola!

A ghealdaniana de cabelos escuros não hesitou em colocar as mãos na cabeça de Moghedien. Quando o brilho de *saidar* envolveu Chesmal, Liandrin riu desdenhosamente consigo mesma. O rosto de Chesmal, de uma beleza masculina, estava tomado de preocupação, e os delicados traços de raposa da face de Temaile transformaram-se em uma careta de puro medo e nervosismo. Tão fiéis… Duas cadelinhas obedientes. Moghedien ficou na ponta dos pés, a cabeça jogada para trás. Ela estremeceu, os olhos arregalados, a boca escancarada ofegante, como se tivesse sido imersa em gelo.

Tudo acabou em poucos momentos. O brilho em torno de Chesmal desapareceu, e os calcanhares de Moghedien voltaram a tocar o carpete com estampas em azul e verde. Sem o apoio de Temaile, ela talvez tivesse caído. Apenas parte da força necessária para Curar advinha do Poder. O resto vinha da pessoa que estava sendo Curada. Qualquer ferida que tivesse causado todo aquele sangramento sumira, mas Moghedien decerto estava tão fraca quanto se houvesse passado várias semanas acamada feito uma inválida. Ela puxou a bela echarpe de seda dourada e marfim da cintura de Temaile para limpar a boca enquanto a mulher a ajudava a se virar em direção à porta do quarto. Estava fraca, e de costas.

Liandrin investiu com toda a força, com tudo o que decifrara sobre o que a Abandonada fizera com ela.

No mesmo segundo, *saidar* pareceu preencher Moghedien como uma inundação. A tentativa de Liandrin feneceu quando a Fonte lhe foi bloqueada. Fluxos de Ar a tiraram do chão e a arremessaram com tanta força contra a parede que seus dentes rangeram. Ela ficou ali pendurada, com os braços e pernas abertos, impotente.

Chesmal e Temaile se entreolharam, confusas, como se não

tivessem entendido o que ocorrera. Continuaram a segurar Moghedien quando, ainda limpando calmamente a boca com a echarpe de Temaile, a mulher veio se pôr diante de Liandrin. Moghedien canalizou, e o sangue em sua camisola ficou negro e caiu em flocos no carpete.

— N-Não é nada disso, Grande S-senhora — gaguejou Liandrin freneticamente. — Eu só queria ajudá-la a dormir bem. — Pela primeira vez na vida, não se preocupou de recair em seu sotaque de camponesa. — Eu só… — Sua frase foi interrompida com um arquejo esganado quando um fluxo de Ar lhe tomou a língua, esticando-a entre os dentes. Seus olhos castanhos se arregalaram. Um filete a mais de pressão e…

— Arranco? — Moghedien examinava o rosto da mulher, mas parecia falar sozinha. — Acho que não. É uma pena para você que aquela al'Meara me faça pensar como Semirhage. Do contrário, talvez eu simplesmente a matasse.

De repente, a Abandonada começou a amarrar a blindagem, o nó se tornando cada vez mais intricado, até que Liandrin se perdeu completamente em seus giros e voltas. E o processo se estendeu.

— Pronto — disse Moghedien, por fim, soando satisfeita. — Você vai passar muito tempo procurando até encontrar alguém que consiga desatar isso. Só que não vai ter chance de procurar.

Liandrin observou os rostos de Chesmal e Temaile em busca de algum sinal de compaixão, pena, qualquer coisa. Os olhos de Chesmal estavam frios e inflexíveis. Os de Temaile brilhavam, e ela encostou a ponta da língua nos lábios e sorriu. Um sorriso nada amigável.

— Você achou que tinha aprendido algo sobre a Compulsão — prosseguiu Moghedien. — Eu vou lhe ensinar um pouco mais.

Por um instante, Liandrin estremeceu, os olhos de Moghedien preenchendo sua visão assim como a voz da mulher preenchia seus ouvidos e toda sua cabeça.

— Viver. — O instante passou, e o suor escorria do rosto de Liandrin enquanto a Escolhida sorria para ela. — A Compulsão tem muitos limites, mas comandar que alguém faça o que quer fazer, em seu âmago mais profundo, é algo que dura por toda uma vida. Você vai viver, por mais que pense desejar tirar a própria vida. E você vai pensar nisso. Vai passar muitas noites chorando, desejando a própria morte.

O fluxo que prendia a língua de Liandrin desapareceu, e ela mal fez uma pausa para engolir.

— Por favor, Grande Senhora, eu juro que não queria… — Sua cabeça zuniu, e pontos negros e prateados dançaram diante de seus olhos com o tapa desferido por Moghedien.

— Existem… atrativos… em fazer as coisas fisicamente —

sussurrou a mulher. — Quer implorar mais?

— Por favor, Grande Senhora… — O segundo tapa fez seu cabelo balançar.

— Mais?

— Por favor… — Um terceiro tapa quase lhe desarticulou a mandíbula. A bochecha ardia.

— Se não consegue ser mais inventiva que isso, não vou nem dar ouvidos. É você quem vai me ouvir. Acho que meus planos para você deliciariam até a própria Semirhage. — O sorriso de Moghedien foi quase tão sombrio quanto o de Temaile. — Você vai viver, não estancada, mas sabendo que poderia voltar a canalizar, se encontrasse alguém para retirar a blindagem. Mas isso é só o começo. Evon ficará contente com uma nova serviçal, e tenho certeza de que aquela Arene vai querer ter longas conversas com você sobre o marido. Ora, eles vão desfrutar tanto da sua companhia que eu duvido que você chegue a sair desta casa durante os próximos anos. Longos anos para você ficar desejando que tivesse me servido fielmente.

Liandrin balançou a cabeça, articulando "não" e "por favor" com os lábios. Estava chorando demais para obrigar as palavras a saírem.

Moghedien se virou para Temaile.

— Prepare-a para eles. E diga que não é para a matarem ou mutilarem. Quero que ela sempre acredite que *talvez* consiga fugir. Qualquer esperança fútil a manterá viva para sofrer. — Ela se soltou do braço de Chesmal, e os fluxos que prendiam Liandrin à parede sumiram.

Suas pernas cederam feito palha, fazendo-a se contorcer no carpete. Só a blindagem permanecia. Liandrin investia contra ela, em vão, enquanto rastejava atrás de Moghedien, tentando agarrar a barra da camisola da mulher e soluçando:

— Por favor, Grande Senhora.

— Elas estão acompanhando um conjunto itinerante — informou Moghedien a Chesmal. — Você procurou tanto, e eu é que tive que encontrá-las. Um conjunto itinerante não deve ser muito difícil de localizar.

— Vou servir fielmente — choramingou Liandrin. O medo transformava seus membros em água. Não conseguia rastejar rápido o bastante para alcançá-la. As mulheres nem se viravam para olhá-la, arrastando-se pelo carpete logo atrás. — Me amarre, Grande Senhora. Qualquer coisa. Eu serei seu cão fiel!

— Há muitos conjuntos itinerantes viajando para o norte — comentou Chesmal, a voz cheia de ansiedade em negar sua falha. — Para Ghealdan, Grande Senhora.

— Então preciso ir a Ghealdan — respondeu Moghedien. — Você vai conseguir cavalos rápidos e seguir… — A porta do quarto se

fechou, interrompendo suas palavras.

— Serei um cão fiel — soluçou Liandrin, encolhida no carpete. Ergueu a cabeça, piscou para que as lágrimas caíssem e viu Temaile encarando-a, esfregando os braços e sorrindo. — Poderíamos dominá-la, Temaile. Nós três juntas poderíamos…

— Nós *três*? — gargalhou Temaile. — Você não dominaria nem a gorda da Evon. — Seus olhos se estreitaram enquanto ela examinava a blindagem amarrada a Liandrin. — Daria no mesmo se você tivesse sido estancada.

— Escute. Por favor. — Liandrin engoliu em seco e tentou firmar a voz, mas ainda soou rouca, como se ardesse de urgência, tagarelando em uma velocidade frenética: — Já conversamos sobre as divergências que devem existir entre os Escolhidos. Se Moghedien se esconde assim, deve ser dos outros Escolhidos. Se a pegarmos e entregarmos a eles, pense nas posições que poderíamos conseguir. Poderíamos ser exaltadas acima de reis e rainhas. Poderíamos nos tornar Escolhidas!

Por um momento — um momento maravilhoso e abençoado —, a mulher de rosto infantil hesitou. Então, balançou a cabeça.

— Você sempre foi ambiciosa demais. “Quem tenta alcançar o Sol acaba queimado”. Não, acho que não vou tentar chegar tão alto para me queimar. Acho que vou fazer conforme me mandaram, e amaciar você para Evon. — Então ela sorriu, exibindo dentes que acentuavam seus traços de raposa. — Ele vai ficar tão surpreso quando você rastejar para beijar seus pés…

Antes mesmo de Temaile começar, Liandrin já estava gritando.

35

Arrancada

Aos bocejos, Elayne observava Nynaeve de sua cama, a cabeça apoiada no cotovelo, os cabelos negros caídos sobre o braço. Era mesmo ridícula aquela insistência de que a pessoa fora de *Tel'aran'rhiod* tivesse que permanecer acordada. Não sabia quanto tempo Nynaeve vivenciara no Mundo dos Sonhos, mas Elayne estava deitada ali havia umas duas longas horas, sem nenhum livro para ler, nenhuma costura para fazer, nem nada para ocupá-la a não ser olhar para a outra mulher esparramada na própria cama estreita. Não adiantava examinar o *a'dam*. Achava que já descobrira tudo o que podia dele. Tentara até um pouco de Cura na mulher adormecida, talvez toda a Cura que sabia. Nynaeve jamais consentiria, se estivesse acordada — não confiava muito nas habilidades de Elayne para aquilo —, ou talvez consentisse, naquele caso, mas de qualquer jeito o olho roxo sumira. Na verdade, aquela foi a Cura mais complicada que Elayne já fizera, e o processo esgotou suas habilidades. Nada para fazer. Se tivesse um pouco de prata, talvez tentasse fazer um *a'dam*. A prata não era o único metal, mas precisaria derreter moedas para ter o suficiente. Nynaeve ficaria menos contente com essa ideia do que com encontrar um segundo *a'dam*. Se ela estivesse disposta a contar para Thom e Juilin sobre as viagens ao Mundo dos Sonhos, pelo menos Elayne poderia ter convidado Thom para entrar e conversar.

Os dois de fato tinham conversas muito agradáveis. Como um pai passando os conhecimentos para a filha. Elayne nunca se dera conta de que o Jogo das Casas era tão profundamente enraizado em Andor, ainda que, por sorte, não tanto quanto em outras terras. De acordo com Thom, só as Terras da Fronteira ficavam realmente de fora. Com a Praga logo ao norte e as investidas cotidianas de Trollocs, ninguém ali tinha tempo para tramas e conchavos. Ela e Thom tinham conversas maravilhosas, agora que o menestrel sabia que ela não tentaria se aconchegar em seu colo. O rosto de Elayne corou com a lembrança. Realmente pensara naquilo uma ou duas vezes e, ainda bem, não chegara a pôr a ideia em prática.

— “Até rainhas dão topadas, mas uma sábia presta atenção ao caminho” — recitou baixinho.

Lini era sábia. Elayne não achava que voltaria a cometer aquele erro. Sabia que cometia muitos, mas dificilmente o mesmo erro duas vezes. Um dia, talvez, errasse suficientemente pouco para ser merecedora de suceder a mãe no trono.

Ela se sentou de repente. Lágrimas brotavam dos olhos fechados de Nynaeve, escorrendo pelas laterais do rosto. O que Elayne pensara ser um ronco discreto — e a mulher roncava mesmo, apesar de não admitir — era um soluço baixo e lamurioso vindo do fundo da garganta. Não podia ser. Se ela tivesse se machucado, a ferida teria aparecido, embora Nynaeve só fosse senti-la ao acordar.

Talvez seja melhor acordá-la. Mas Elayne hesitou, a mão já estendida. Despertar alguém de *Tel’aran’rhiod* não era fácil — sacudir e até jogar água gelada no rosto nem sempre bastava —, e Nynaeve não gostaria de ser acordada aos murros depois da surra de Cerandin. *Eu me pergunto o que de fato aconteceu. Vou ter que perguntar a Cerandin.* Independentemente do que estivesse acontecendo, Nynaeve deveria conseguir sair do sonho quando quisesse. A não ser que… Egwene dissera que as Sábias eram capazes de prender pessoas em *Tel’aran’rhiod* contra a vontade, embora não tivesse passado o truque adiante, caso tivesse aprendido. Se alguém estivesse prendendo Nynaeve lá, naquele momento, machucando-a, não podia ser Birgitte ou as Sábias. Bem, até podiam ser as Sábias, caso tivessem surpreendido Nynaeve perambulando por onde achassem que não deveria. Mas, se não fossem as Sábias, só sobrava…

Elayne segurou Nynaeve pelos ombros para sacudi-la — se aquilo não funcionasse, gelaria o jarro d’água na mesa ou bateria no rosto dela até cansar —, mas então os olhos de Nynaeve se arregalaram.

A mulher imediatamente começou a chorar alto, o som mais desesperador que Elayne já ouvira.

— Ela morreu! Ai, Elayne. Ela morreu por culpa minha, por causa do meu orgulho bobo, pensando que eu poderia… — As palavras foram sumindo em meio aos soluços.

— Quem morreu? — Não podia ser Moghedien. A morte da Abandonada certamente não causaria todo aquele pesar. Elayne estava a ponto de abraçar Nynaeve para consolá-la quando ouviu uma batida na porta.

— Mande embora — resmungou Nynaeve, encolhendo-se até se transformar em uma bola trêmula no meio da cama.

Suspirando, Elayne foi até a porta e a abriu, mas, antes que pudesse dizer qualquer palavra, Thom passou por ela, a camisa escapando das calças, carregando um corpo envolto no próprio manto de condutor. A única coisa à mostra era um pé feminino descalço.

— Ela simplesmente apareceu — explicou Juilin, logo atrás dele, como se não acreditasse nas palavras que saíam da própria boca. Os dois estavam descalços, e Juilin, seminu, tinha o peito musculoso à mostra. — Acordei um instante e, de repente, ela estava lá de pé, nua como veio ao mundo, desabando feito uma rede cortada.

— Ela está viva — avisou Thom enquanto deitava a figura envolta no manto na cama de Elayne —, mas por um fio. Mal consegui ouvir o coração.

Elayne franziu o cenho, puxou o capuz do manto… e se viu encarando o rosto de Birgitte, pálido e desfalecido.

Nynaeve cambaleou da outra cama para se ajoelhar ao lado da mulher inconsciente. O rosto ainda estava molhado de lágrimas, mas o choro cessara.

— Ela está viva — murmurou, ofegante. — Ela está viva. — De repente, pareceu perceber que estava só de camisola diante dos homens, mas mal olhou para eles ao dizer : — Tire-os daqui, Elayne. Não posso fazer nada com eles assim, pasmos feito duas ovelhas.

Thom e Juilin reviraram os olhos um para o outro quando Elayne fez um gesto para que saíssem, e balançaram levemente a cabeça, mas recuaram até a porta sem reclamar.

— Ela é… uma amiga — explicou Elayne. Parecia em um sonho, flutuando, sem sentir nada. Como podia ser? — Vamos cuidar dela. — Como aquilo poderia ter acontecido? — Mas não digam nenhuma palavra a ninguém.

Os olhares que os dois lhe lançaram enquanto fechava a porta quase a fizeram enrubescer. Claro que eles sabiam que era melhor não falar nada. Mas homens às vezes precisavam ser lembrados até das coisas mais simples, Thom inclusive.

— Nynaeve, como, sob a Luz…? — começou, virando-se, e se interrompeu quando o brilho de *saidar* circundou a mulher ajoelhada.

— Que a queime! — rosnou Nynaeve, canalizando ferozmente. — Que a queime para sempre por ter feito isso!

Elayne reconheceu os fluxos sendo urdidos para Curar, mas reconhecer foi o máximo que conseguiu.

— Eu vou encontrá-la, Birgitte — murmurou Nynaeve.

Os fluxos de Espírito predominavam, mas havia Água, Ar e até Terra e Fogo. Parecia tão complicado quanto bordar um vestido com cada mão e outros dois com os pés. Vendada.

— Vou fazê-la pagar por isso. — O brilho reluzindo em torno de Nynaeve só fazia crescer, até sobrepujar as lamparinas, até que doesse encará-la sem estreitar os olhos. — Eu juro! Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, eu juro! — A raiva em sua voz mudou, tornando-se ainda mais profunda. — Não está funcionando. Não há nada de errado nela que possa ser Curado.

Birgitte está em perfeito estado. Mas está morrendo. Ah, Luz, eu sinto ela indo embora. Que a Luz a queime, Moghedien! E me queime junto!

Nynaeve, no entanto, não desistiu. A urdidura continuava, fluxos complexos tecendo-se ao redor de Birgitte. E a mulher ali, a trança dourada pendendo da lateral da cama, o subir e descer do peito diminuindo.

— Posso fazer algo que talvez ajude — sugeriu Elayne, hesitante.

Supostamente era preciso ter permissão, mas nem sempre fora assim. No passado, fazia-se quase tanto sem quanto com permissão. Não havia motivos para que não funcionasse em uma mulher. Só que ela nunca tinha ouvido falar de aquilo ser feito em ninguém que não fosse homem.

— Unir? — Nynaeve não tirou os olhos da mulher deitada na cama, nem interrompeu seus esforços com o Poder. — Sim. Você vai ter que fazer, porque eu não sei como, mas me deixe guiar. Não sei nem metade do que estou fazendo neste minuto, mas sei que *consigo*. Você não conseguiria Curar nem um machucado.

Elayne comprimiu os lábios, mas deixou o comentário para lá.

— Unir, não.

A quantidade de *saidar* que Nynaeve agarrara era incrível. Se não podia Curar Birgitte com aquilo, qualquer colaboração de Elayne não faria a menor diferença. Juntas, seriam mais fortes do que cada uma por si, mas não tão fortes quanto se suas forças fossem simplesmente somadas. Além disso, Elayne não tinha certeza de que conseguiria se unir a alguém. Só estivera unida uma vez, e uma Aes Sedai fizera a união, mais para mostrar *o que* era do que *como* fazer.

— Pare, Nynaeve. Você mesma disse que não está funcionando. Pare e me deixe tentar. Se não der certo, você pode… — Poderia o quê? Se Curar funcionasse, já teria funcionado. Se não… Não havia motivo para tentar de novo.

— Tentar o quê? — explodiu Nynaeve, mas se afastou meio sem jeito, permitindo que Elayne se aproximasse. A urdidura da Cura sumiu, mas o halo reluzente, não.

Em vez de responder, Elayne pousou uma das mãos na testa de Birgitte. O contato físico era tão necessário para aquilo quanto para Curar. Nas duas vezes em que tinha visto o procedimento ser feito na Torre, a Aes Sedai havia tocado a testa do homem. Os fluxos de Espírito que urdiu foram complexos, talvez tão intricados quanto os que Nynaeve urdira, momentos antes. Elayne mal compreendia o que estava fazendo, e tinha partes do processo das quais não entendia nada, mas prestara muita atenção à forma que o fluxo adquiria, quando observara escondida. Prestara muita atenção porque tinha criado muitas histórias na cabeça, inventado romances tolos onde raramente havia qualquer romance. Após um momento, sentou-se na

outra cama e deixou *saidar* se esvair.

Nynaeve franziu o cenho e se curvou para examinar Birgitte. A palidez da mulher desmaiada talvez tivesse se amenizado, a respiração talvez estivesse um tanto mais forte.

— O que você fez, Elayne? — Nynaeve não tirou os olhos de Birgitte, mas o brilho que a envolvia foi sumindo devagar. — Não foi uma Cura. Acho que eu também conseguiria fazer, agora que vi, mas não foi uma Cura.

— Ela vai sobreviver? — perguntou Elayne, com a voz fraca.

Não se via nenhum elo entre ela e Birgitte, nenhum fluxo, mas a garota sentia a fraqueza da mulher. Uma fraqueza terrível. Saberia na hora se Birgitte morresse, mesmo que estivesse dormindo ou a centenas de milhas de distância.

— Eu não sei. Ela não está mais definhando, mas eu não sei. — A fadiga amoleceu a voz de Nynaeve, e seu tom era sofrido, como se ela compartilhasse a lesão de Birgitte. Tensa, ela se levantou e desdobrou um lençol com listras vermelhas para estendê-lo sobre a mulher deitada. — O que você fez?

Elayne ficou em silêncio por tempo suficiente para que Nynaeve se juntasse a ela, sentando-se cambaleante na cama.

— Um elo — respondeu Elayne, por fim. — Eu… criei um elo com ela. Como uma Guardiã. — O olhar incrédulo no rosto de Nynaeve a fez acrescentar depressa: — Curar não estava adiantando. Eu precisava fazer alguma coisa. Você sabe os dons que um Guardião adquire por fazer um elo. Um é a força, a energia. Ele é capaz de seguir em frente quando outros homens desabariam e morreriam, sobrevive a feridas que matariam qualquer outro. Foi a única coisa em que eu consegui pensar.

Nynaeve respirou fundo.

— Bem, pelo menos está funcionando melhor do que o que eu fiz. Uma Guardiã. Imagino o que Lan vai pensar disso. Não vejo motivo para ela não ser uma. Se existe mulher capaz, é ela. — Nynaeve se remexeu e encolheu as pernas por baixo do corpo, o olhar sempre voltado para Birgitte. — Você vai ter que manter isso em segredo. Se alguém descobrir que uma Aceita criou um elo com uma Guardiã, sob quaisquer circunstâncias…

Elayne estremeceu.

— Eu sei — disse ela, simples e energicamente. Não era exatamente uma ofensa digna de estancamento, mas era provável que qualquer Aes Sedai a fizesse desejar ter sido estancada. — Nynaeve, o que aconteceu?

Por um longo momento, pensou que a outra mulher fosse começar a chorar outra vez, o queixo e os lábios tremendo. Quando ela começou a falar, sua voz era férrea, o rosto, uma mistura de fúria e

lágrimas demais para serem derramadas. Ela contou a história de maneira resumida, quase indiferente, até chegar à aparição de Moghedien entre os carroções. Esse trecho, Nynaeve relatou em dolorosos detalhes.

— Eu deveria estar marcada do pescoço para baixo — concluiu ela com amargura, tocando o braço liso e sem marcas. De qualquer jeito, ela estremeceu ao toque. — Não entendo por que não estou. Eu lamento, mas mereço as açoitadas por conta do meu orgulho estúpido e tolo. Por ter medo demais de fazer o que deveria. Eu merecia ser pendurada feito um presunto em um defumadouro. Se houvesse alguma justiça, eu ainda estaria lá pendurada, e Birgitte não estaria deitada nessa cama com nós duas aqui nos perguntando se ela vai sobreviver ou não. Se ao menos eu soubesse mais coisas… Se ao menos tivesse o conhecimento de Moghedien por cinco minutos, eu *poderia* Curá-la. Tenho certeza.

— Se você ainda estivesse pendurada — retrucou Elayne, prática —, em muito pouco tempo estaria acordando e me blindando. Não duvido nada que Moghedien fosse cuidar para que você estivesse com raiva suficiente para canalizar, já que ela nos conhece muito bem, e duvido muito que eu fosse suspeitar de alguma coisa até você já ter feito. Não gosto da ideia de ser entregue a Moghedien, e não posso crer que você goste. — A amiga não a encarou. — Deve ter sido uma ligação, Nynaeve, como um *a'dam*. Foi assim que ela fez você sentir dor sem machucá-la. — Nynaeve permaneceu quieta, em um luto óbvio. — Nynaeve, Birgitte está viva. Você fez tudo o que podia por ela e, se a Luz quiser, ela vai sobreviver. Foi Moghedien que fez isso, não você. Um soldado que assume a culpa por companheiros que padecem nas batalhas é um tolo. Você e eu somos soldados em batalha, mas você não é uma tola, então pare de agir como se fosse.

Nynaeve fez uma cara feia que durou apenas poucos segundos, antes de virar o rosto completamente.

— Você não entende. — Sua voz baixou quase para um sussurro. — Ela… *era*… uma das heroínas ligadas à Roda do Tempo, destinada a renascer e tornar a renascer para criar lendas. Ela não nasceu dessa vez, Elayne. Ela foi arrancada de *Tel'aran'rhiod* do jeito que estava. Será que ainda está ligada à Roda? Ou foi arrancada de lá também? Arrancada do que conseguiu com a própria coragem, só por eu ter sido orgulhosa, burra e teimosa feito um homem por fazê-la caçar Moghedien.

Elayne torcera para que aquelas perguntas ainda não tivessem ocorrido a Nynaeve, e que não ocorressem até ela ter tido um pouco de tempo para se recuperar.

— Você sabe se Moghedien foi muito ferida? Talvez ela tenha morrido.

— Espero que não — rosnou Nynaeve. — Quero fazer com que ela pague… — Ela respirou fundo, mas, em vez de revigorada, pareceu se encurvar. — Eu não contaria com a morte dela. A flechada de Birgitte não a atingiu no coração. Incrível ela sequer ter conseguido atingir a mulher, vacilante como estava. Eu não teria me levantado, se tivesse sido arremessada para tão longe e com força suficiente para ainda ricochetear daquele jeito. Não consegui me levantar nem depois do que Moghedien me fez. Não, ela está viva, e é melhor supormos que ela pode estar Curada e no nosso encalço pela manhã.

— Ela ainda precisaria de tempo para descansar, Nynaeve. Você sabe disso. Ela tem ao menos como saber onde estamos? Pelo que você falou, Moghedien não teve tempo de fazer mais nada além de ver que isto aqui é um conjunto itinerante.

— E se ela *tiver* visto mais? — Nynaeve esfregou as têmporas como se fosse difícil pensar. — E se ela souber *exatamente* onde estamos? Poderia mandar Amigos das Trevas atrás de nós. Ou informar aos Amigos das Trevas em Samara.

— Luca está zangado porque onze conjuntos itinerantes já estão nos arredores da cidade, e outros três estão aguardando para cruzar a ponte. Nynaeve, ela vai precisar de dias para recobrar as forças, depois de uma ferida como aquela, mesmo que realmente encontre alguma irmã Negra para Curá-la, ou um dos Abandonados. E mais dias para procurar em quinze conjuntos. Isso se não houver outros atrás de nós na estrada, ou vindo de Altara. Se ela vier mesmo atrás de nós ou enviar Amigos das Trevas, qualquer das opções, já estamos alertas e temos vários dias para encontrar um barco que possa nos levar rio abaixo. — Elayne fez uma rápida pausa para pensar. — Tem alguma coisa nessa sua sacola de ervas que possa tingir seu cabelo? Aposto que você estava de trança em *Tel'aran'rhiod*. Lá, o meu sempre fica com a cor verdadeira. Se o seu estiver solto, como está agora, e com outra cor, vai ser bem mais difícil nos acharem.

— Há Mantos-brancos por toda parte — suspirou Nynaeve. — Galad. O Profeta. Nenhum barco. É como se tudo estivesse conspirando para nos prender aqui para Moghedien. Estou tão cansada, Elayne. Cansada de ter medo de quem possa estar na outra esquina. Cansada de ter medo de Moghedien. Não consigo pensar no que fazer. Meu cabelo? Não tenho nada para tingi-lo de cor nenhuma.

— Você precisa dormir — disse Elayne, firme. — Sem o anel. Me dê. — Nynaeve hesitou, mas ela ficou esperando com a mão estendida até a amiga pescar o anel de pedra do cordão em torno do pescoço. Enfiando-o na algibeira, Elayne prosseguiu: — Agora deite-se aí, e eu vou ficar de olho em Birgitte.

Nynaeve encarou a mulher estirada na outra cama por um instante, então balançou a cabeça.

— Eu não posso dormir. Preciso… ficar só. Preciso caminhar. — Com os músculos tão tensos quanto se tivesse apanhado, ela se ergueu e pegou o manto escuro do cabide, vestindo-o por cima da camisola. À porta, fez uma pausa. — Se ela quiser me matar — ponderou, apática —, não acho que tentaria impedir. — Então saiu pela noite com os pés descalços e o rosto tristonho.

Elayne hesitou, incerta quanto a qual das duas mulheres precisava mais dela, antes de se ajeitar onde estava sentada. Nada que dissesse poderia melhorar as coisas para Nynaeve, mas tinha fé na resiliência da amiga. Com um tempo sozinha para reorganizar as ideias, Nynaeve veria que a culpa era de Moghedien, não dela. Tinha que ver.

36

Um novo nome

Elayne ficou sentada por um longo tempo, observando Birgitte dormir. Ela parecia mesmo estar dormindo. Em dado momento, a mulher se remexeu e, com uma voz desesperada, murmurou: “Me espere, Gaidal. Espere. Estou indo, Gaidal. Me esp…”. As palavras foram sumindo, voltando a ser só uma respiração lenta. Será que ela estava respirando melhor? A mulher ainda parecia mortalmente doente. Melhor do que estava, mas pálida e abatida.

Depois de mais ou menos uma hora, Nynaeve retornou, os pés sujos. Lágrimas recentes brilhavam em suas bochechas.

— Não consegui ficar longe — disse, tornando a pendurar o manto no cabide. — Durma você. Eu vou ficar cuidando dela. Preciso fazer isso.

Elayne se levantou devagar, alisando as saias. Podia ser que passar um tempo vigiando Birgitte ajudasse Nynaeve a pôr os pensamentos em ordem.

— Também não quero dormir ainda. — Estava exausta, mas não sentia mais sono. — Acho que eu é que vou dar uma caminhada.

Nynaeve apenas assentiu ao tomar o lugar de Elayne na cama, os pés poeirentos balançando na lateral, os olhos fixos em Birgitte.

Para a surpresa de Elayne, Thom e Juilin também estavam acordados. Os dois haviam feito uma fogueirinha perto do carroção e estavam sentados um de cada lado dela, as pernas cruzadas no chão, fumando os cachimbos de piteira longa. Thom enfiara a camisa para dentro da calça, e Juilin, apesar de continuar sem camisa, vestira o casaco e dobrara as mangas. A garota olhou ao redor antes de se juntar aos dois. Ninguém se mexia no acampamento todo escuro, exceto pela luz da pequena fogueira e pelo brilho das lamparinas nas janelas do carroção.

Nenhum dos homens disse uma só palavra enquanto Elayne ajeitava as saias. Então, Juilin olhou para Thom, que anuiu, e o caçador de ladrões apanhou algo do chão e entregou a ela.

— Encontrei no lugar onde ela estava deitada — disse ele. —

Como se tivesse caído da mão dela.

Elayne apanhou devagar a flecha prateada. Até as penas que a emplumavam pareciam de prata.

— Peculiar — opinou Thom, em tom casual, o cachimbo na boca. — E, somada à trança… Por algum motivo, todas as histórias fazem menção à trança. Apesar de eu já ter ouvido algumas que talvez sejam sobre ela, mas usando outros nomes, em que a trança não aparece. E outras com nomes diferentes, mas que mencionam a trança.

— Eu não ligo para histórias — afirmou Juilin. Não parecia mais nervoso que Thom. Mas, em todo caso, era preciso muita coisa para perturbá-los. — É ela? Já é ruim o bastante se não for, uma mulher aparecer assim nua do nada, mas… No que vocês nos meteram, você e N… Nana? — Ele *estava* nervoso. Juilin não errava, e sua língua *nunca* cometia deslizes. Thom apenas tragou o cachimbo enquanto esperava a resposta.

Elayne virou a flecha nas mãos, fingindo examiná-la.

— Ela é uma amiga — disse, por fim. Até que Birgitte a liberasse, apenas *se* a liberasse, a promessa se mantinha. — Ela não é uma Aes Sedai, mas está nos ajudando. — Os dois a encararam, esperando mais informações. — Por que não deram isto aqui a Nynaeve?

Os dois trocaram um daqueles olhares — homens pareciam ter conversas inteiras só com olhares, ao menos perto de mulheres — que dizia, com tanta clareza quanto se tivessem usado palavras, o que pensavam de Elayne manter segredos. Principalmente quando eles tinham quase certeza da resposta. Mas ela dera sua palavra.

— Ela parecia abalada — explicou Juilin, pitando o cachimbo, ponderando. Thom tirou o seu de entre os dentes e soprou o bigode branco.

— Abalada? A mulher saiu só de camisola, parecendo perdida, e, quando eu perguntei se podia ajudá-la, não arrancou minha cabeça. Ela chorou no meu ombro! — Thom tocou a camisa de linho e resmungou algo sobre estar úmida. — Elayne, ela *pediu desculpas* por cada palavra atravessada que já me disse, o que significa quase todas as palavras que saem daquela boca. Disse que deveria ser chicoteada, ou que talvez já tivesse sido. Metade do que ela disse não fez sentido. Disse que era uma covarde, uma tola teimosa. Não sei qual é o problema, mas ela não está nem um pouco bem.

— Conheci uma mulher que se comportava assim, certa vez — recordou-se Juilin, olhando para o fogo. — Ela acordou, encontrou um ladrão no quarto e enfiou uma faca no coração dele. Só que, quando acendeu a lamparina, era o marido dela. O barco do homem tinha voltado mais cedo para as docas. Ela ficou andando que nem Nynaeve durante quinze dias. — Ele apertou os lábios. — Aí se enforcou.

— Detesto lhe impor este fardo, menina — acrescentou Thom

com gentileza —, mas, se alguém pode ajudá-la, você é a única de nós. Eu sei como se faz para tirar um homem do sofrimento. Basta lhe dar um chute ou deixá-lo bêbado e arrumar uma pr… — Ele pigarreou alto, tentando fazer soar como uma tosse, e alisou o bigode. O único aspecto negativo do homem vê-la como uma filha era que às vezes parecia pensar que ela tinha doze anos. — De qualquer modo, a questão é que eu não sei o que fazer com esta mulher. E, mesmo que Juilin queira niná-la no colo, eu duvido que ela gostaria da ideia.

— Eu preferiria ninar um peixe-papão — resmungou o caçador de ladrões, mas não com tanta aspereza quanto o teria feito um dia antes. Estava tão preocupado quanto Thom, embora menos disposto a admitir.

— Vou fazer o que puder — garantiu Elayne, voltando a girar a flecha.

Eles eram bons homens, e ela não gostava de mentir ou de esconder qualquer coisa. A não ser que fosse absolutamente necessário, pelo menos. Nynaeve afirmava que era preciso manipular os homens para o próprio bem deles, mas não dava para ir longe demais. Não era certo levar um homem a enfrentar perigos dos quais ele não sabia nada a respeito.

Portanto, contou a eles. Sobre *Tel'aran'rhiod* e os Abandonados estarem à solta, sobre Moghedien. Não exatamente tudo, claro. Alguns acontecimentos em Tanchico tinham sido vergonhosos demais para que ela quisesse pensar a respeito. Manteve o segredo a respeito da identidade de Birgitte, e certamente não havia necessidade de entrar em detalhes sobre o que Moghedien fizera com Nynaeve. Explicar os eventos daquela noite acabou se tornando um pouco difícil, mas ela conseguiu. Contou-lhes tudo o que achava que deviam saber, o suficiente para deixá-los a par do que realmente tinham diante de si, pela primeira vez. Não só a Ajah Negra — e eles já tinham parecido confusos ao ouvir falar dela —, mas também os Abandonados, e com um deles provavelmente à caça dela e de Nynaeve. E deixou bem claro que elas duas também estariam caçando Moghedien, e que qualquer pessoa por perto corria perigo de ser pego entre predador e presa.

— Agora que estão sabendo, podem escolher entre ficar aqui ou ir embora — concluiu Elayne, e tomou o cuidado de não olhar para Thom. Torcia quase desesperadamente para que o homem ficasse, mas não o deixaria pensar que ela estava pedindo, nem por um olhar.

— Ainda não lhe ensinei metade do que você precisa saber, caso queira ser uma rainha tão boa quanto sua mãe — disse o menestrel, tentando soar autoritário, mas estragando tudo ao afastar uma mecha de cabelo tingido de preto de sua bochecha. — Você não vai se livrar de mim assim tão fácil, menina. Pretendo fazer de você uma mestra no *Daes Dae'mar*, nem que eu tenha que ficar de lengalenga no seu ouvido

até você ficar surda. Eu ainda nem lhe ensinei a manejar uma faca. Tentei ensinar para a sua mãe, mas ela sempre disse que podia mandar um homem usar a faca, caso necessário. Um jeito tolo de encarar a questão.

Elayne se inclinou e beijou a bochecha áspera do homem. Thom piscou, erguendo as sobrancelhas espessas, então sorriu e voltou a enfiar o cachimbo na boca.

— Você também pode me dar um beijo — disse Juilin secamente. — Rand al'Thor vai usar minhas tripas como isca para peixes caso eu não devolva você para ele no mesmo estado em que ele a viu pela última vez.

Elayne ergueu o queixo.

— Não vou obrigá-lo a ficar por causa de Rand al'Thor, Juilin. — Devolvê-la? Oras! — Você só fica se quiser. E eu não libero você, e nem você, Thom, da promessa que fizeram de agir conforme mandarmos. — Thom, que rira do comentário do caçador de ladrões, exibiu um olhar surpreso que foi bem recompensador. A garota voltou a encarar Juilin. — Você vai acompanhar a mim, e a Nynaeve, claro, sabendo perfeitamente bem quem são os inimigos que estamos enfrentando, ou pode empacotar suas coisas e ir embora com Sorrateiro para onde bem entender. Eu lhe dou o cavalo.

Juilin se sentou ereto feito um poste, o rosto negro ficando ainda mais escuro.

— Nunca abandonei uma mulher em perigo em toda a minha vida. — Ele apontou a piteira para ela como se fosse uma arma. — Se você me mandar embora, vou ficar nos seus calcanhares.

Não era exatamente o que ela queria, mas serviria.

— Muito bem, então. — Elayne se levantou, empertigada, a flecha de prata ao lado, e manteve a atitude um tanto fria. Achava que eles tinham finalmente percebido quem estava no comando. — A manhã já vem chegando. — Será que Rand tivera mesmo a audácia de dizer a Juilin para "devolvê-la"? Thom teria que sofrer junto com o outro homem por um tempo, o que era bem justo, depois daquele sorrisinho. — Tratem de apagar este fogo e ir dormir. Agora. Sem desculpas, Thom. Você vai estar imprestável amanhã, se não dormir.

Obedientes, os dois começaram a arrastar poeira para cima do fogo com as botas, mas, quando Elayne alcançou os simples degraus de madeira do carroção, ouviu Thom dizer:

— Às vezes ela fala igual à mãe.

— Então fico feliz de nunca ter conhecido a mulher — resmungou Juilin. — Cara ou Coroa para decidir a primeira guarda? — Thom murmurou em concordância.

Ela quase voltou lá, mas, em vez disso, se viu sorrindo da situação. *Homens!* Foi um pensamento carinhoso. Seu bom humor só

durou até entrar.

Nynaeve estava sentada bem na beira da cama, se apoiando com as duas mãos, os olhos quase se fechando enquanto vigiavam Birgitte. Os pés ainda estavam sujos.

Elayne pôs a flecha de Birgitte em um dos armários, por trás de alguns sacos ásperos de ervilhas desidratadas. Por sorte, a amiga sequer chegou a olhar para ela. Elayne achava que a visão da flecha de prata não era o que Nynaeve precisava naquele exato momento. Mas *do que* ela precisava?

— Nynaeve, já passou da hora de você ir lavar os pés e dormir.

A mulher se inclinou na direção dela e piscou pesadamente.

— Pés? O quê? Eu tenho que vigiá-la.

Teria de ser um passo de cada vez.

— Os seus pés, Nynaeve. Estão sujos. Vá se lavar.

Com o cenho franzido, Nynaeve baixou o olhar para os pés empoeirados, então anuiu. Ela espirrou água ao virar o grande jarro branco sobre o lavatório, e ainda mais até terminar de se lavar e se enxugar com a toalha, mas então tornou a se sentar.

— Eu preciso vigiar. Caso… Caso… Ela gritou uma vez. Por Gaidal.

Elayne a empurrou, tentando fazê-la se deitar na cama.

— Você precisa dormir, Nynaeve. Não consegue nem manter os olhos abertos.

— Consigo — murmurou a outra mulher, tristonha, tentando se sentar, mesmo com a pressão de Elayne em seus ombros. — Eu preciso vigiá-la, Elayne. Preciso.

Nynaeve fazia os dois homens do lado de fora parecerem sensatos e obedientes. E, mesmo que Elayne quisesse, não havia como embebedá-la e encontrar um… um belo jovem para ela, que era o que a garota supunha que teria de ser. Com isso, só restava o chute. Compaixão e bom senso certamente não surtiram efeito.

— Já estou farta dessas lamúrias e desse seu chororô, Nynaeve — declarou, com firmeza. — Você vai dormir *agora*, e de manhã não vai dizer nenhuma palavra sobre como você é uma desgraçada infeliz. Se não consegue se comportar como a mulher lúcida que é, vou pedir para Cerandin lhe deixar com dois olhos roxos para compensar o hematoma que eu Curei. Você nem agradeceu por isso. Agora vá dormir!

Os olhos de Nynaeve se esbugalharam de um jeito indignado — ao menos ela não parecia a ponto de chorar —, mas Elayne os fechou com os dedos. As pálpebras se cerraram com facilidade e, apesar de alguns protestos murmurados, a respiração lenta e profunda do sono chegou depressa.

Elayne deu um tapinha no ombro de Nynaeve, antes de se

empertigar. Torcia para que fosse um sono tranquilo e com sonhos sobre Lan, mas qualquer tipo de sono era melhor para ela, naquele momento, do que não dormir nada. Lutando contra um bocejo, curvou-se para checar Birgitte. Não sabia se a cor ou a respiração da mulher apresentavam alguma melhora. Não havia nada a fazer além de esperar e torcer.

As lamparinas não pareciam estar incomodando nenhuma das outras duas, então Elayne as deixou acesas e se sentou no chão entre as duas camas. As luzes deviam ajudar a mantê-la acordada. Não que soubesse realmente por que deveria ficar acordada. Fizera todo o possível, assim como Nynaeve. Involuntariamente, inclinou-se contra a parede da frente, e seu queixo foi afundando devagar no peito.

O sonho que teve foi agradável, ainda que estranho. Rand se ajoelhava diante dela, e Elayne tocava sua cabeça e criava um elo com o homem, tornando-o seu Guardião. Um de seus Guardiões. Agora, com Birgitte, *teria* que optar pela Verde. Havia outras mulheres presentes, os rostos mudando a cada vez que ela olhava. Nynaeve, Min, Moiraine, Aviendha, Berelain, Amathera, Liandrin e outras que ela não conhecia. Quem quer que fossem, Elayne sabia que teria que dividir Rand com elas, porque, no sonho, tinha certeza de que aquilo era o que Min previra. Não sabia bem como se sentia a respeito — alguns daqueles rostos ela desejava retalhar à unha —, mas, se era assim que o Padrão determinava, assim teria que ser. Porém, teria uma coisa dele que nenhuma das outras jamais poderia ter: o elo entre Guardião e Aes Sedai.

— Que lugar é este? — indagou Berelain, com cabelos cor de corvo e tão bela que Elayne queria rosnar para ela. A mulher trajava o vestido vermelho e decotado que Luca queria que Nynaeve usasse. Ela sempre se vestia com roupas provocantes. — Acorde. Aqui não é *Tel'aran'rhiod*.

Elayne acordou em um susto e encontrou Birgitte virada para ela, apertando seu braço sem muita força. Seu rosto estava muito pálido e úmido de suor, como se ela estivesse com febre, mas os olhos azuis penetrantes estavam fixos no rosto de Elayne.

— Aqui não é *Tel'aran'rhiod*. — Não era uma pergunta, mas Elayne assentiu, e Birgitte relaxou com um longo suspiro. — Eu me lembro de tudo — sussurrou. — Estou aqui do jeito que estou, e me lembro. Está tudo diferente. Gaidal está aí fora em algum lugar, criancinha, ou até mesmo um jovem garoto. Mas, mesmo que eu o encontre, o que ele vai pensar de uma mulher com idade mais do que suficiente para ser mãe dele? — Ela esfregou os olhos com raiva, resmungando: — Eu não choro. Nunca choro. Eu me lembro disso, que a Luz me ajude. Eu nunca choro.

Elayne ficou de joelhos ao lado da cama da mulher.

— Você vai encontrá-lo, Birgitte. — Manteve a voz baixa. Nynaeve ainda parecia dormir profundamente, um ronco tímido e áspero ecoando com regularidade. E ela precisava dormir, não voltar a enfrentar aquilo tudo. — De algum jeito, você vai. E ele vai amar você. Eu sei que vai.

— Você acha que é isso que importa? Eu aguentaria não ter o amor dele. — Seus olhos reluzentes denunciaram a mentira. — Ele vai precisar de mim, Elayne, e eu não vou estar lá. Ele sempre tem mais coragem que o recomendável. Eu sempre preciso passar alguma cautela para ele. Pior, ele vai ficar perambulando, me procurando, mas sem saber o que procura, sem saber por que se sente incompleto. Nós sempre estamos juntos, Elayne. Duas metades do mesmo todo. — As lágrimas se derramaram e escorreram por seu rosto. — Moghedien disse que me faria chorar para sempre, e ela… — De repente, suas feições se contorceram, e soluços baixos e irregulares emergiram como se tivessem sido arrancados da garganta.

Elayne tomou a mulher mais alta nos braços e murmurou palavras reconfortantes que sabia serem inúteis. Como se sentiria se lhe tirassem Rand? Pensar naquilo quase bastou para fazê-la baixar a cabeça sobre a de Birgitte e chorar junto.

A garota não soube dizer quanto tempo levou para que Birgitte parasse de chorar, mas ela acabou afastando Elayne, se recompôs e limpou as bochechas.

— Nunca chorei assim, a não ser quando era uma criança. Nunca. — Ela virou o pescoço e franziu o rosto para Nynaeve, que ainda dormia na outra cama. — Moghedien a machucou muito? Eu não via ninguém retorcida daquele jeito desde que Tourag conquistou Mareesh. — Elayne deve ter parecido confusa, porque a mulher acrescentou: — Em outra Era. Ela está ferida?

— Não muito. De espírito, principalmente. O que você fez permitiu que ela escapasse, mas só depois que… — Elayne não conseguiu dizer. Muitas feridas, muito recentes. — Ela se culpa. Acha que… tudo… é culpa dela, por ter pedido sua ajuda.

— Se não tivesse pedido, Moghedien agora estaria ensinando Nynaeve a implorar. Ela é tão inconsequente quanto Gaidal. — O tom de voz seco de Birgitte contrastava com as bochechas molhadas. — Nynaeve não me arrastou para esta situação pelo cabelo. Se ela se diz responsável pelas consequências, então está assumindo a responsabilidade por atos meus. — Ela soou irritada. — Sou uma mulher livre e fiz minhas próprias escolhas. Ela não decidiu por mim.

— Devo admitir que você está encarando isso tudo melhor do que… eu encararia. — Elayne não conseguiu dizer “melhor do que Nynaeve”. Era verdade, mas o que disse também era.

— Eu sempre digo que, se for preciso subir no cadafalso, faça um

gracejo para o público, dê uma moeda para o carrasco e caia com um sorriso nos lábios. — Birgitte abriu um sorriso sombrio. — Moghedien acionou a armadilha, mas meu pescoço ainda não quebrou. Talvez eu ainda a pegue de surpresa, antes de quebrar. — O sorriso desapareceu e foi se transformando em uma expressão tensa enquanto a mulher examinava Elayne. — Eu consigo… sentir você. Acho que seria capaz de fechar os olhos e ainda dizer onde você está, mesmo a uma milha de distância.

Elayne respirou bem fundo.

— Criei um elo para você ser minha Guardiã — contou, depressa. — Você estava morrendo, e a Cura não adiantou, e… — A mulher a encarava. Não parecia mais tensa, mas o olhar era desconcertantemente penetrante. — Não havia outra opção, Birgitte. De outra forma, você teria morrido.

— Guardiã — repetiu Birgitte devagar. — Acho que me lembro de ter ouvido uma história sobre uma Guardiã mulher, mas foi em uma vida tanto tempo atrás que não me recordo de mais que isso.

Elayne respirou fundo de novo e, desta vez, teve que se obrigar a falar.

— Tem uma coisa que você precisa saber. Mais cedo ou mais tarde, vai descobrir, e eu decidi não esconder nada das pessoas que têm direito de saber, a menos que seja absolutamente necessário. — Inspirou uma terceira vez. — Eu não sou Aes Sedai. Sou apenas uma Aceita.

Por um longo momento, a mulher de trança dourada encarou-a, depois balançou lentamente a cabeça.

— Uma Aceita. Nas Guerras dos Trollocs, conheci uma Aceita que criou um elo com um sujeito. Barashelle ia ser testada no dia seguinte para ser elevada a Aes Sedai, e era certo que receberia o xale, mas ela estava com medo de que uma mulher que faria o teste naquele mesmo dia tomasse o homem. Nas Guerras dos Trollocs, a Torre tentava elevar mulheres o mais rápido possível, por necessidade.

— O que aconteceu? — Elayne não conseguiu evitar a pergunta. Barashelle? Aquele nome soou familiar.

Entrelaçando os dedos sobre o lençol que lhe cobria o busto, Birgitte mexeu a cabeça no travesseiro e fez uma expressão complacente.

— Desnecessário dizer que, assim que descobriram, não permitiram que ela fizesse os testes. A necessidade não pesou mais que tamanha ofensa. Fizeram a mulher passar o elo com o pobre coitado para outra, e, para ensiná-la a ter paciência, puseram-na nas cozinhas junto com as serviçais e as moças dos espetos. Ouvi falar que ela passou três anos lá e, quando por fim recebeu o xale, o próprio Trono de Amyrlin escolheu o Guardião dela, um homem de rosto seco e

teimoso feito uma pedra chamado Anselan. Vi os dois alguns anos depois e não soube dizer qual deles dava as ordens. Acho que Barashelle também não tinha certeza.

— Nada bom — murmurou Elayne. Três anos nas… Espere aí. Barashelle e *Anselan*? Não podia ser a mesma dupla. Aquela história não dizia nada sobre Barashelle ser Aes Sedai. Mas ela já lera duas versões e ouvira Thom contar mais uma, e todas falavam de Barashelle trabalhando longa e arduamente para conquistar o amor de Anselan. Dois mil anos podiam mudar bastante uma história.

— Nada bom — concordou Birgitte, cujos olhos, subitamente, ficaram bem maiores e mais inocentes no rosto pálido. — Como você quer que eu mantenha o seu segredo terrível, suponho que não vá me perturbar tanto quanto algumas Aes Sedai perturbam seus Guardiões. Não seria bom me forçar a contar só para escapar de você.

O queixo de Elayne se ergueu instintivamente.

— Isso me soa muito como uma ameaça. Não encaro bem nenhum tipo de ameaça, suas ou de quem for. Se acha que…

A mulher deitada segurou seu braço e a interrompeu, arrependida. O aperto estava nitidamente mais forte.

— Por favor. Minha intenção não foi essa. Gaidal diz que meu senso de humor é como uma pedra lançada em um círculo *shoja*. — Uma nuvem perpassou seu rosto, ao mencionar Gaidal, então sumiu. — Você salvou a minha vida, Elayne. Vou manter seu segredo e lhe servir como Guardiã. E serei sua amiga, caso me aceite.

— Será um orgulho ter você como amiga. — Círculo *shoja*? Perguntaria o que era em outro momento. Birgitte podia estar mais forte, mas precisava de descanso, não de perguntas. — E como Guardiã.

Pelo visto, ia mesmo escolher a Ajah Verde. Além de tudo, era a única maneira de poder também criar um elo com Rand. O sonho ainda estava claro em sua mente, e ela pretendia convencê-lo a aceitar, de um jeito ou de outro.

— Talvez você pudesse tentar… moderar… seu senso de humor?

— Vou tentar. — Birgitte soou como se estivesse dizendo que tentaria erguer uma montanha. — Mas, se serei sua Guardiã, mesmo em segredo, serei sua Guardiã de verdade. Você mal consegue manter seus olhos abertos. É hora de dormir. — As sobrancelhas e o queixo de Elayne se ergueram ao mesmo tempo, mas a mulher não lhe deu chance de falar. — Entre muitas outras coisas, é função de um Guardião informar à Aes Sedai dele, ou dela, quando ela passa da conta. E também oferecer uma dose de cautela quando ela achar que é capaz de encarar o Poço da Perdição. E mantê-la viva para que possa cumprir seu dever. Vou fazer tudo isso por você. Você sempre estará protegida quando eu estiver por perto, Elayne.

Elayne supunha que realmente precisasse dormir, mas Birgitte precisava mais. Diminuiu as luzes e fez a mulher se aquietar e adormecer, mas não antes de Birgitte vê-la pôr um travesseiro e lençóis no chão, entre as camas, para si. Houve uma pequena discussão sobre quem dormiria no chão, mas Birgitte estava tão fraca que Elayne não teve problemas para convencê-la a ficar na cama. Bem, não muito problema, pelo menos. Ainda bem que o ronco suave de Nynaeve não se interrompeu.

Elayne não se ajeitou para dormir de imediato, apesar do que disse a Birgitte. A mulher não poderia colocar o nariz para fora do carroção até ter algo para vestir, e ela era mais alta do que Elayne ou Nynaeve. Sentada entre as camas, começou a alongar a barra de seu vestido de montaria de seda cinza-escura. Pela manhã, mal haveria tempo para mais do que um ajuste rápido e alguns pontos na bainha nova. O sono se apossou dela ainda na metade da costura.

Sonhou de novo com criar um elo com Rand, e mais de uma vez. Às vezes, ele se ajoelhava por vontade própria, às vezes ela tinha de fazer o que fizera com Birgitte, chegando ao ponto de se esgueirar até o quarto dele enquanto Rand dormia. Birgitte agora era uma das outras mulheres. Elayne não se importou *muito* com aquilo. Não com ela, nem com Min, nem com Egwene, nem com Aviendha, nem com Nynaeve, embora não imaginasse o que Lan diria dessa última. As demais, no entanto… Acabara de ordenar que Birgitte, trajando um manto furta-cor de Guardião, arrastasse Berelain e Elaida até as cozinhas por três anos, quando, de repente, as duas começaram a espancá-la. Foi quando Elayne despertou e encontrou Nynaeve pisoteando-a para alcançar Birgitte e checar como a mulher estava. Pelas janelinhas, já se via a luz cinza da quase alvorada.

Birgitte acordou afirmando estar mais forte do que nunca e, além disso, faminta. Elayne não tinha certeza se Nynaeve já parara de se sentir culpada. Ela não ficou esfregando as mãos nem tocou no assunto, mas, enquanto Elayne lavava o rosto e explicava a respeito do conjunto itinerante e de por que tiveram de permanecer com ele um pouco mais, Nynaeve se apressou em descascar e descaroçar peras vermelhas e maçãs amarelas, fatiar queijo e entregar tudo para Birgitte em um prato com um copo de vinho diluído com mel e especiarias. Teria dado comida na boca de sua Guardiã, se a mulher deixasse.

Nynaeve lavou o cabelo de Birgitte com pimenta-de-galinha branca até que ele estivesse tão negro quanto o de Elayne — que, claro, cuidava do próprio cabelo —, deu a ela sua melhor meia e sua melhor camisola, e pareceu desapontada quando um par de sandálias de Elayne coube melhor nos pés da Guardiã. Ela insistiu em ajudar Birgitte com o vestido de seda cinza assim que seu cabelo fora

enxugado com a toalha e trançado de novo — o quadril e o busto também precisavam ser afrouxados, mas aquilo ficaria para outra hora —, e quis até costurar a barra, até que o olhar incrédulo de Elayne a fez recuar, resmungando, enquanto esfregava o rosto, que era capaz de costurar tão bem quanto qualquer uma. Quando queria.

Quando as três finalmente saíram, o sol já despontava acima das árvores, a leste. Durante aquele breve período, o dia pareceu enganosamente confortável. Não havia uma nuvem sequer no céu, e ao meio-dia o ar estaria quente e abafado.

Thom e Juilin estavam amarrando a parelha ao carroção, e o acampamento inteiro se agitava com os preparativos para a partida. Sorrateiro já estava encilhado, e Elayne fez uma nota mental de falar que ela mesma cavalgaria naquele dia, antes que um dos homens se apossasse da sela. Porém, mesmo que Thom ou Juilin chegassem primeiro, não ficaria muito desapontada. Naquela tarde, andaria nas alturas pela primeira vez diante de uma plateia. O figurino que Luca lhe mostrara deixara Elayne um pouco nervosa, mas ao menos não estava se lamuriando sobre o vestido, como Nynaeve fazia.

O próprio Luca surgiu caminhando apressado pelo acampamento, a capa vermelha esvoaçando logo atrás, repetindo instruções desnecessárias aos berros.

— Latelle, acorde aqueles malditos ursos! Quero todos de pé, rosnando, quando passarmos por Samara. Clarine, preste atenção nos cães, desta vez. Se um deles sair correndo de novo atrás de um gato… Brugh, você e seus irmãos vão fazer as acrobacias logo à frente do meu carroção, lembre. *Colados ao carroção*. A ideia é que isto aqui seja uma procissão grandiosa, não uma corrida para ver qual de vocês consegue dar cambalhotas mais rápido! Cerandin, mantenha os cavalos-javali sob controle. Quero que as pessoas percam o fôlego de deslumbramento, não que saiam correndo, aterrorizadas!

Ele parou no carroção delas, encarando Nynaeve e Elayne com um olhar igualmente furioso, sobrando um pouco para Birgitte.

— Gentileza da parte de vocês terem decidido vir com o restante de nós, Senhora Nana, *Milady* Morelin. Achei que pretendessem dormir até o meio-dia. — Luca meneou a cabeça para Birgitte. — Estão tendo uma conversinha com alguém do outro lado do rio, então? Bem, não temos tempo para visitantes. Quero o espetáculo montado e em exibição ao meio-dia.

Nynaeve pareceu aturdida com aquela enxurrada, mas, ao final da segunda frase do homem, já o encarava de igual para igual. Qualquer esquisitice com relação a Birgitte aparentemente não detinha seu gênio quanto a outras pessoas.

— Estaremos prontas junto com todos os demais, e você sabe disso, Valan Luca. Em todo caso, uma ou duas horas não vão fazer a

menor diferença. Tem tanta gente reunida do outro lado do rio que, se um em cada cem venha ver seu espetáculo, vai ser mais do que você jamais sonhou. Caso a gente decida tomar um café da manhã demorado, você pode esperar pacientemente. Se nos deixar para trás, não vai ter o que quer.

Aquele foi o lembrete mais direto que ela já fizera sobre os prometidos cem marcos de ouro, mas, desta vez, isso não o conteve.

— Tanta gente? Tanta gente! As pessoas precisam ser atraídas, mulher. Chin Akima já está lá há três dias, e ele tem um camarada que faz malabarismo com espadas e machados. E nove acrobatas. Nove! Uma mulher de quem nunca ouvi falar tem duas acrobatas que fazem coisas em uma corda bamba que fariam os olhos dos Chavanas saltarem. Vocês não acreditariam nos públicos. Sillia Cerano tem uns homens que pintam a cara feito bobos da corte, espirrando água e atirando bexigas um no outro, e as pessoas estão pagando uma moeda a mais só para vê-los! — De repente, os olhos dele se estreitaram e se concentraram em Birgitte. — Você estaria disposta a pintar a cara? Sillia não tem nenhuma mulher entre os bobos dela. Alguns dos tratadores de cavalo topariam. Não machuca nada ser golpeado com uma bexiga inflada, e eu lhe pago… — Ele se interrompeu, refletindo. Era tão pão-duro quanto Nynaeve, e Birgitte tomou a palavra em seu silêncio momentâneo.

— Não sou bobo da corte, nem serei. Sou uma arqueira.

— Arqueira — murmurou ele, observando a intricada e lustrosa trança negra que caía pelo ombro esquerdo dela. — E suponho que se chame Birgitte. Você é o quê? Um desses idiotas à caça da Trombeta de Valere? Mesmo que esse treco exista, que vantagem vocês têm uns sobre os outros para encontrá-la? Eu estava em Illian quando os juramentos de Caçador foram feitos, e havia milhares na Grande Praça de Tammaz. Mas, mesmo com toda a glória que vocês *podem* alcançar, nada sobrepuja o aplauso do…

— Eu sou arqueira, moço bonito — interrompeu Birgitte com firmeza. — Me arrume um arco, e vou disparar melhor que você ou qualquer um que escolha, cem coroas de ouro minhas contra uma sua.

Elayne esperou que Nynaeve ofegasse, já que eram elas que teriam de cobrir a aposta, caso Birgitte perdesse. E, independentemente do que a mulher dissesse, Elayne não achava que ela já estivesse totalmente recuperada. Mas a única reação de Nynaeve foi um breve fechar de olhos e um longo e profundo suspiro.

— Mulheres! — grunhiu Luca. Thom e Juilin pareceram concordar. — Você tem tudo a ver com *Lady* Morelin e Nana, ou sejam lá quais forem seus nomes. — Em um gesto extravagante, ele girou a capa de seda na direção do alvoroço de homens e cavalos que os cercava. — Pode ter escapado de seus olhos atentos, *Birgitte*, mas eu

tenho um espetáculo para montar, e meus concorrentes, larápios como são, já estão sugando as moedas de Samara.

Birgitte sorriu, os lábios discretamente curvados.

— Está com medo, moço bonito? Podemos mudar sua aposta para uma moeda de prata.

Pela cor que brotou em seu rosto, Elayne achou que Luca poderia estar apoplético. O pescoço do homem, de repente, parecia não caber na gola.

— Eu vou buscar meu arco — sibilou ele. — Você pode conseguir os cem marcos com o rosto pintado ou limpando jaulas, e eu não estou nem aí!

— Tem certeza de que você está bem o bastante? — perguntou Elayne, quando o homem se afastou, resmungando sozinho. A única palavra que compreendeu foi uma repetição de "Mulheres!". Nynaeve observava Birgitte como se quisesse que o chão se abrisse e a engolisse. Engolisse ela mesma, não Birgitte. Por algum motivo, vários tratadores de cavalos haviam se amontoado em torno de Thom e Juilin.

— Ele tem belas pernas — opinou Birgitte —, mas eu nunca gostei de homens altos. Some-se a isso um rosto bonito, e eles são sempre insuportáveis.

Petra, duas vezes mais largo que qualquer outro, se juntara ao grupo de homens. Ele fez algum comentário, então apertou a mão de Thom. Os Chavanas também estavam por lá. E Latelle, envolvida em uma conversa séria com Thom enquanto lançava olhares contrariados para Nynaeve e as outras duas mulheres a seu lado. Quando Luca retornou com um arco sem corda e uma aljava com flechas, ninguém mais cuidava dos preparativos. Os carroções, cavalos e jaulas — e até os cavalos-javali acorrentados — estavam abandonados, toda a gente reunida em torno de Thom e do caçador de ladrões. Todos seguiram Luca até uma curta distância do acampamento.

— Sou um homem de disputas justas — disse ele entalhando uma cruz branca na altura do próprio peito no tronco de um enorme carvalho. Havia recuperado um pouco do charme, e andou gingando ao recuar cinquenta passadas. — Vou fazer o primeiro disparo, para que você veja o que vai encarar.

Birgitte tomou o arco da mão do homem e se afastou mais cinquenta passadas, enquanto Luca a seguida com os olhos. A mulher balançou a cabeça ao examinar o arco, mas apoiou-o no pé calçado e o encordoou com um único movimento fluido antes que Luca se juntasse a ela, a Nynaeve e a Elayne. Birgitte tirou uma flecha da aljava que ele tinha nas mãos, examinou-a por um momento e jogou-a para o lado como se fosse lixo. Luca franziu a testa e abriu a boca, mas ela já estava descartando uma segunda haste. As três seguintes também

foram para o chão coberto de folhas, antes que ela cravasse uma no solo ao seu lado. Das vinte e uma, Birgitte só ficou com quatro.

— Ela consegue — sussurrou Elayne, tentando soar segura.

Nynaeve aquiesceu, lúgubre. Se precisassem pagar cem coroas de ouro, logo teriam que vender as joias que Amathera lhes dera. As cartas-de-direitos eram praticamente inúteis, como explicara a Nynaeve. Se a usassem, seria como apontar sua localização a Elaida em um mapa. *Se eu tivesse me manifestado a tempo, poderia ter evitado isso. Como minha Guardiã, ela tem que me obedecer. Não tem?* Pelas evidências até ali, a obediência não fazia parte do elo. Será que as Aes Sedai que espiara também tinham obrigado os homens a fazer juramentos? Parando para pensar, achava que uma delas tinha.

Birgitte encaixou uma flecha, levantou o arco e disparou aparentemente sem nem parar para mirar. Elayne se retraiu, mas a ponta de aço terminou cravada bem no meio da cruz branca entalhada. Antes mesmo que parasse de tremer, a segunda se fixou ao lado. Então Birgitte esperou um momento, mas só até as duas flechas ficarem imóveis. Os espectadores arquejaram quando a terceira haste *dividiu* a primeira ao meio, o que nem se comparou ao silêncio absoluto de quando a última flecha rachou a outra com a mesma precisão. Uma vez, poderia ter sido sorte. Duas…

Os olhos de Luca pareciam querer saltar da cabeça. Com a boca escancarada, ele fitou a árvore, depois Birgitte, a árvore, e então Birgitte. A Guardiã ofereceu o arco, e ele balançou timidamente a cabeça.

De repente, Luca arremessou a aljava para longe e abriu bem os braços com um grito de contentamento.

— Facas, não! Flechas! De cem passadas de distância!

Nynaeve se curvou na direção de Elayne enquanto o homem explicava sua ideia, mas não deu um pio em protesto. Thom e Juilin estavam coletando dinheiro. A maioria das pessoas estendia moedas com um suspiro ou uma gargalhada, mas Juilin precisou segurar Latelle quando ela tentou sair de fininho e dizer algumas palavras irritadas antes de ela desenterrar moedas da bolsa. Então era aquilo que eles estavam tramando. Teria que dar um sermão neles. Mas depois.

— Nana, você não precisa levar isso adiante. — A mulher apenas encarou Birgitte, os olhos abatidos.

— E a nossa aposta? — questionou Birgitte, quando Luca se acalmou. Ele sorriu, então pescou uma moeda do bolso e jogou-a para ela. Elayne vislumbrou o lampejo dourado sob o sol quando Birgitte examinou a moeda, jogando-a de volta logo depois. — A aposta era você pagar uma moeda de prata.

Os olhos de Luca se arregalaram, surpresos, mas, no momento

seguinte o homem já estava gargalhando e empurrando a moeda de ouro para a mão dela.

— Você vale cada cobre que vale esta moeda. O que me diz? Ora, talvez até a Rainha de Ghealdan venha ver uma apresentação como a sua. Birgitte e suas flechas. Vamos pintá-las de prata, o arco também!

Elayne queria desesperadamente que Birgitte olhasse para ela. Fazer o que o homem sugeria seria o mesmo que acender um farol para Moghedien.

Mas Birgitte só sacudiu a moeda na mão, sorrindo.

— A tinta vai estragar de vez este arco já surrado — ponderou por fim. — E me chame de Maerion. Já tive esse nome uma vez. — Apoiando-se no arco, ela abriu mais o sorriso. — Conseguem um vestido vermelho para mim também?

Elayne deixou escapar um suspiro de imenso alívio. Nynaeve parecia querer vomitar.

37

Apresentações em Samara

Pelo que parecia ser a centésima vez, Nynaeve ergueu uma mecha do cabelo para examiná-la, então suspirou. Murmúrios abafados e risadas de centenas, senão milhares de pessoas, e uma música distante quase inaudível penetravam as paredes do carroção. Não se incomodara em passar todo o desfile pelas ruas de Samara dentro do carroção com Elayne — olhadelas ocasionais pelas janelas haviam-na convencido de que não preferiria estar em meio à multidão, berrando e tentando abrir caminho para os carroções —, mas, a cada vez que olhava para o cabelo recém-pintado de vermelho, desejava estar dando cambalhotas com os Chavanas, em vez de tingindo os fios.

Tomando o cuidado de não olhar para si mesma, Nynaeve se enrolou por inteiro no xale simples cinza-escuro, virou se, e tomou um susto ao dar de cara com Birgitte à porta. A mulher passara o desfile no carroção de Clarine e Petra, com Clarine ajustando um vestido vermelho sobressalente que Luca mandara fazer para Nynaeve. O homem dera a ordem antes mesmo que Nynaeve concordasse em usar o traje. Birgitte usava o vestido, a trança tingida de preto caindo pelo ombro de modo a se aninhar entre os seios, totalmente indiferente ao ousado decote quadrado. Só de olhar para a mulher, Nynaeve apertou ainda mais o xale. Birgitte não poderia exibir uma nesga a mais do busto pálido, se quisesse manter qualquer nível de decência. Do jeito que estava, o nível já era baixo, bastante escandaloso até. Olhar para a mulher fez o estômago de Nynaeve se embrulhar, mas não por causa da roupa ou da pele exposta.

— Se vai usar o vestido, por que se cobrir? — Birgitte entrou e fechou a porta atrás de si. — Você é mulher. Por que não se orgulhar disso?

— Se você acha que eu não deveria… — respondeu Nynaeve de modo hesitante, deixando o xale deslizar bem devagar até os ombros e revelando o irmão gêmeo do vestido de Birgitte. Sentia-se praticamente nua. — Eu só pensei… Eu pensei… — Segurando com força a saia de seda para manter as mãos nas laterais do corpo,

sustentou o olhar da outra mulher. Mesmo sabendo que estava usando a mesma roupa, era mais fácil não olhar.

Birgitte sorriu.

— E se eu quisesse que você baixasse a gola mais uma polegada?

Nynaeve abriu a boca, o rosto ficando tão rubro quanto o vestido, mas, por um momento, não emitiu nenhum som. Quando alguma coisa saiu, ela soou como se estivesse sendo estrangulada.

— Não existe essa polegada para baixar. Olhe para o seu. Não existe nem um *fio de cabelo*!

Birgitte deu três passos rápidos, a testa franzida, e se curvou levemente para ficar com o rosto colado ao de Nynaeve.

— E se eu dissesse que quero que você baixe essa polegada? — rosnou ela, mostrando os dentes. — E se eu quisesse pintar seu rosto, para que Luca pudesse ter o bobo dele? E se eu arrancasse as suas roupas e lhe pintasse da cabeça aos pés? Que belo alvo você se tornaria. Todos os homens a menos de cinquenta milhas daqui viriam assistir.

Nynaeve moveu os lábios, mas, desta vez, nenhum som emergiu. Ela queria muito fechar os olhos. Talvez, quando os abrisse, nada daquilo estivesse acontecendo.

Com um meneio desgostoso de cabeça, Birgitte se sentou em uma das camas, cotovelo no joelho, e os olhos azuis penetrantes.

— Isso precisa parar. Quando eu olho na sua direção, você se encolhe. Fica me paparicando o tempo todo. Se olho de relance para um banquinho, você vai buscar um. Se passo a língua nos lábios, você põe um copo de vinho na minha mão antes que eu me dê conta de que estou com sede. Você lavaria as minhas costas e colocaria chinelos nos meus pés, se eu deixasse. Não sou nem um monstro, nem uma inválida, e nem uma criança, Nynaeve.

— Só estou tentando compensar o… — começou ela timidamente, dando um pulo quando a outra rugiu.

— Compensar? Você está tentando me diminuir!

— Não. Não é nada disso, de verdade. A culpa é minha por…

— Você se responsabiliza pelos meus atos — interrompeu Birgitte, com ferocidade. — *Eu* decidi falar com vocês em *Tel'aran'rhiod*. *Eu* decidi ajudar. *Eu* decidi rastrear Moghedien. E *eu* decidi levar você para falar com ela. *Eu!* Não foi você, Nynaeve, fui eu! Em nenhum momento fui sua marionete, seu cãozinho de caça, e não é agora que vou ser.

Nynaeve engoliu em seco e agarrou as saias com ainda mais força. Não tinha o direito de ficar com raiva daquela mulher. Nenhum direito. Mas Birgitte, sim.

— Você fez o que eu pedi. A culpa é minha por… por você estar aqui. A culpa é toda minha!

— E eu falei em culpa? Não vejo culpa nenhuma. Só homens e garotas idiotas assumem culpa onde ela não existe, e você não é nenhuma das duas coisas.

— Foi meu orgulho bobo que me fez pensar que eu poderia derrotar Moghedien de novo, e foi a minha covardia que fez com que ela… com que ela… Se eu não tivesse ficado com tanto medo que não conseguia nem cuspir, talvez pudesse ter feito algo a tempo.

— Covarde? — Os olhos de Birgitte se arregalaram, claramente incrédulos, e sua voz ganhou um quê de desdém. — Você? Achei que tivesse bom senso suficiente para não confundir medo com covardia. Você poderia ter fugido de *Tel'aran'rhiod* quando Moghedien a soltou, mas ficou lá para lutar. Não é responsabilidade ou culpa sua não ter conseguido. — Birgitte respirou fundo, esfregou a testa por um momento e voltou a se inclinar para a frente, séria. — Escute bem o que vou dizer, Nynaeve. Eu não me sinto culpada pelo que fizeram com você. Eu vi, mas não podia me mexer. Se Moghedien tivesse lhe amarrado feito um nó ou lhe descaroçado feito uma maçã, eu ainda não me responsabilizaria. Fiz o que pude, quando pude. E você fez o mesmo.

— Não foi igual. — Nynaeve tentou diminuir o fervor na voz. — A culpa de você *estar lá* foi minha. A culpa de você estar aqui é minha. Se você… — Ela tornou a parar para engolir. — Se você… errar… quando atirar em mim hoje, quero que saiba que eu vou entender.

— Eu não erro a mira — respondeu Birgitte, seca —, e não é em você que eu vou mirar.

Ela começou a retirar objetos de um dos armários e a colocá-los na mesinha. Flechas semiacabadas, hastes raspadas, pontas de aço para flechas, um pote de cola de sapateiro, fios bem finos e penas de ganso para a plumagem. Ela dissera que também faria o próprio arco, assim que possível. Chamara o arco de Luca de "galho torto arrancado de uma árvore morta por um idiota cego, e no meio da noite".

— Eu gostava de você, Nynaeve — comentou enquanto depositava os objetos. — Com todos os defeitos e imperfeições. Mas, desse jeito de agora, já não gosto mais…

— Você não tem motivos para gostar de mim agora — respondeu Nynaeve, infeliz, mas Birgitte emendou, sem nem levantar a cabeça:

— … e não vou permitir que você me diminua, que diminua as minhas decisões, ao assumir responsabilidade por elas. Tive poucas amigas, mas a maioria era geniosa feito espectros de neve.

— Eu queria que você pudesse voltar a ser minha amiga. — O que, sob a Luz, era um espectro de neve? Alguma coisa de outra Era, sem dúvida. — Eu jamais tentaria diminuir você, Birgitte. Eu só…

Birgitte ignorou-a, mas levantou a voz. Toda a atenção da mulher parecia estar nas hastes das flechas.

— Eu queria voltar a gostar de você, sendo isso recíproco ou não, mas só vou conseguir se você voltar a ser quem era. Eu conseguiria aturá-la mesmo que você fosse uma bebê chorona irritante, se fosse mesmo o seu jeito. Aceito as pessoas como elas são, não como eu gostaria que fossem, ou então deixo para lá. Mas você não é assim, e eu não vou aceitar seus motivos para agir desse jeito. Enfim. Clarine me contou sobre sua briga com Cerandin. Agora já sei o que fazer na próxima vez em que você se apropriar das minhas decisões. — Ela fez o pedaço de um galho de freixo zunir vigorosamente. — Tenho certeza de que Latelle vai ficar feliz de providenciar a vara.

Nynaeve se forçou a relaxar a mandíbula e a suavizar o tom de voz o máximo possível.

— Você tem todo o direito de fazer o que bem entender comigo. — Junto às saias, seus punhos tremiam mais que a voz.

— Estou vendo um pouquinho do seu temperamento? Só a pontinha? — Birgitte sorriu para ela, bem-humorada e surpreendentemente ferina. — Quanto tempo até explodir? Estou disposta a gastar a quantidade de varas que for necessária. — O sorriso se dissipou, e ela ficou séria. — Ou consigo fazer você enxergar direito a situação, ou a quero longe de mim. Não tem outra saída. Eu não posso e não vou me afastar de Elayne. Esse elo me honra, e vou honrá-lo, e a ela. E não vou deixar você pensar que toma decisões por mim, ou que tomou. Eu sou eu mesma, não um apêndice seu. Agora vá embora. Preciso terminar estas flechas, caso queira ter algumas hastes que voem direito. Não pretendo matar você, e não vou deixar que aconteça por acidente. — Ela desarrolhou o pote de cola e se curvou sobre a mesa. — Quando for sair, não se esqueça de agir como uma boa garota e fazer uma reverência.

Nynaeve só conseguiu chegar aos degraus antes de bater o punho na coxa, furiosa. Como ela ousava? Será que pensava que podia simplesmente…? Achava que Nynaeve ia aturar…? *Pensei que ela pudesse fazer o que quisesse com você,* uma vozinha sussurrou em sua mente. *Eu disse que ela podia me matar,* rosnou de volta, *não me humilhar!* Dali a bem pouco tempo, *todo mundo* a estaria ameaçando com aquela maldita Seanchan!

Os carroções estavam abandonados, exceto por alguns tratadores de cavalos usando casacos grosseiros que montavam guarda perto da alta cerca de tela que fora erguida para abrigar o espetáculo de Luca. Daquele grande prado de grama marrom, a meia milha de Samara, as muralhas de pedra cinza da cidade eram claramente visíveis, com as torres atarracadas nos portões e alguns dos edifícios mais altos despontando os telhados de palha ou de telha. Fora das muralhas, aldeias de choupanas toscas e cabanas brotavam feito cogumelos em todas as direções, repletas dos seguidores do Profeta, que tinham

arrancado todas as árvores que existiam por milhas e milhas para fazer construções ou ter lenha para fogueiras.

Os clientes entravam no espetáculo pelo outro lado, mas dois dos tratadores de cavalos, munidos de porretes robustos, ficavam por ali para desencorajar qualquer pessoa que não quisesse pagar e resolvesse usar a entrada dos artistas. Nynaeve estava se aproximando, andando rápido e resmungando sozinha, furiosa, quando os sorrisos idiotas dos dois homens fizeram com que ela se desse conta de que o xale ainda estava enrolado nos ombros. O olhar que ela lhes lançou fez desaparecer os risinhos bestas. Foi só então que, bem devagar, Nynaeve se cobriu de maneira adequada. Não queria que aqueles dois estúpidos pensassem que podiam fazê-la ofegar e pular. O magrelo, dono de um nariz que ocupava metade do rosto, segurou a aba da tela para o lado, e ela se agachou e adentrou o pandemônio.

Havia gente aglomerada por toda parte, em amontoados barulhentos de homens, mulheres e crianças, em torrentes que tagarelavam enquanto fluíam de uma atração à outra. Tirando os *s'redit*, todos se apresentavam em palcos de madeira que Luca mandara construir. Os cavalos-javali de Cerandin atraíam o maior público; os imensos animais cinzentos, incluindo o bebê, se equilibravam nas patas dianteiras, as trombas compridas curvadas sinuosamente para cima. Já os cães de Clarine, mesmo dando cambalhotas para trás e saltando por cima uns dos outros, atraíam o menor. Uma boa quantidade de pessoas parava para encarar os leões e os peludos *capars*, que pareciam javalis; o veado de chifres estranhos de Arafel, Saldaea e Arad Doman; e os reluzentes pássaros de só a Luz sabia onde, além de algumas criaturas de pelagem marrom e cheias de ginga, com olhos grandes e orelhas redondas, que ficavam sentadas placidamente comendo folhas dos galhos que apanhavam com as patas da frente. A história que Luca contava sobre o local de onde aqueles animais vinham variava — Nynaeve supunha que ele não sabia —, e ainda não encontrara um nome que o satisfizesse. Uma enorme serpente dos pântanos de Illian, quatro vezes maior que um homem, arrancava tantos arquejos quanto os *s'redit*, embora só ficasse ali parada, aparentemente dormindo. Mas Nynaeve ficou contente ao ver que os ursos de Latelle, naquele momento de pé, rolando em cima de imensas bolas vermelhas de madeira, atraíam pouco mais público que os cães. Aquela gente podia avistar ursos nas próprias florestas, ainda que os da comitiva tivessem a cara branca.

Com suas lantejoulas pretas, Latelle cintilava sob o sol vespertino. De azul, Cerandin brilhava quase o mesmo tanto, assim como Clarine, de verde, embora nenhuma das duas usasse tantos paetês quanto Latelle. E todos os vestidos tinham a gola bem alta, sob o queixo. Claro que Petra e os Chavanas se apresentavam usando apenas

reluzentes calças azuis, mas era apenas para exibir os músculos. Bem compreensível. Os acrobatas estavam um sobre os ombros do outro, em colunas de quatro. Não muito longe, o culturista erguia uma barra comprida com uma grande bola de ferro em cada ponta — foram necessários dois homens para entregar aquele troço para ele — e, de imediato, começou a girá-la nas mãos maciças, chegando até a rodopiar a barra em volta do pescoço e das costas.

Thom fazia malabares com fogo, que também engolia. Oito bastões em chamas formavam um círculo perfeito. Então, de repente, ele tinha quatro em cada mão, um dos objetos despontando de cada aglomerado. Enfiando na boca com destreza cada uma das extremidades em chamas, o homem parecia engolir, depois as tirava da boca já apagadas, dando a impressão de ter acabado de comer algo saboroso. Nynaeve não entendia como ele não esturricava o bigode, muito menos como não queimava a garganta. Bastava ele girar os pulsos para os bastões apagados se dobrarem sobre os acesos feito ventarolas. No momento seguinte, já estavam formando dois círculos interligados acima da cabeça dele. Thom usava o mesmo casaco marrom de sempre, embora Luca tivesse dado um vermelho com paetês providenciado. Pelo modo como as sobrancelhas espessas dele se ergueram quando ela passou, Thom não entendeu por que Nynaeve o fuzilou com os olhos. Usando o próprio casaco!

Ela seguiu às pressas em direção à multidão apertada, alvoroçada e impaciente que cercava os dois altos postes com uma corda firmemente estendida entre eles. Nynaeve teve de usar os cotovelos para chegar à fileira da frente, apesar de duas mulheres a terem encarado e arrancado os maridos de seu caminho quando o xale escorregou. Se não estivesse tão ocupada enrubescendo e se cobrindo, teria devolvido o olhar. Luca estava lá, parecendo ansioso como um marido do lado de fora do quarto de parto, junto de um sujeito robusto com a cabeça toda raspada, exceto por um coque grisalho. Nynaeve se esgueirou para o outro lado de Luca. O homem da cabeça raspada tinha uma aparência perversa. Uma longa cicatriz cortava a bochecha esquerda, e usava um tapa-olho naquele mesmo lado com um olho ameaçador pintado em vermelho. Poucos homens que vira ali estavam armados com mais do que uma adaga, mas aquele usava uma espada presa às costas, o punho comprido se erguendo acima do ombro direito. Por algum motivo, parecia vagamente familiar, mas o pensamento de Nynaeve estava todo voltado para a corda bamba. Luca franziu o cenho ao ver o xale, sorriu para ela e tentou passar o braço em torno de sua cintura.

Enquanto ele ainda tentava recuperar o fôlego por conta da cotovelada desferida por Nynaeve, e ela ainda reposicionava o xale em um lugar decente, Juilin surgiu vacilante em meio à multidão do lado

oposto, o chapéu cônico vermelho inclinado de um jeito malandro, o sobretudo caindo de um dos ombros, e uma caneca de madeira transbordando na mão. Com passos excessivamente cautelosos de um homem cuja cabeça contém mais vinho que miolos, ele se aproximou da escada de corda que levava até o topo de uma das altas plataformas e olhou para cima.

— Suba! — gritou alguém. — Quebre esse pescoço tolo!

— Espere, amigo — clamou Luca, avançando com sorrisos e floreios da capa. — Aqui não é lugar para um homem com a barriga cheia de…

Juilin pousou a caneca no chão e disparou escada acima, chegando cambaleante na plataforma. Nynaeve prendeu a respiração. O homem era bom com lugares altos, o que não era de se estranhar, após uma vida inteira perseguindo ladrões nos telhados de Tear, mas, ainda assim…

Juilin se virou como se estivesse perdido. Parecia bêbado demais para ver ou se lembrar da escada. Os olhos se fixaram na corda. Hesitante, ele pôs um dos pés na corda estreita, então o recolheu. Empurrando o chapéu para trás para coçar a cabeça, examinou a corda retesada e, de repente, ficou visivelmente animado. Abaixou-se devagar até se apoiar nas mãos e nos joelhos e engatinhou, oscilante, até a corda. Luca gritou para que ele descesse, e a multidão gargalhou.

Na metade da travessia, Juilin parou, balançando desajeitadamente, e deu uma espiada para trás, os olhos se fixando na caneca que deixara no chão. Estava claramente conjecturando como voltar para apanhá-la. Devagar, com muito cuidado, o homem se levantou na direção do caminho que já percorrera, vacilando para um lado e para o outro. Um arquejo irrompeu da multidão quando seu pé escorregou e ele caiu, conseguindo se agarrar de algum modo com uma mão e um joelho enganchados na corda. Luca apanhou o chapéu taraboniano quando ele pousou no chão e gritou para todos que aquele homem era maluco e que não era responsável pelo que acontecesse. Nynaeve apertou o estômago com força. Imaginava-se lá em cima, e só isso era o bastante para deixá-la enjoada. O homem era um idiota. O mais perfeito e completo idiota!

Demonstrando dificuldade, Juilin deu um jeito de agarrar a corda com a outra mão e foi se movendo ao longo de sua extensão. Até a plataforma mais distante. Cambaleante, ele limpou o sobretudo, tentou puxar para endireitá-lo, conseguindo apenas mudar o ombro em que a roupa estava caída, e identificou a caneca no chão, junto ao outro poste. Apontando para ela de um jeito animado, tornou a pisar na corda.

Desta vez, pelo menos metade dos espectadores gritou para que o homem voltasse, que havia uma escada atrás dele. Os demais só

fizeram soltar gargalhadas rotundas, sem dúvida torcendo para que quebrasse o pescoço. O homem atravessou a corda bamba tranquilamente, deslizou pela escada com as mãos e os pés nas laterais e apanhou a caneca de madeira para dar uma enorme golada. Foi só quando Luca estalou o chapéu vermelho na cabeça de Juilin e ambos se curvaram — Luca fazendo floreios com a capa que metade das vezes cobriam Juilin —, que os espectadores perceberam que tudo havia sido parte da apresentação. Houve um momento de silêncio, então todos explodiram em aplausos, vivas e gargalhadas. Chegara a passar pela cabeça de Nynaeve que as coisas fossem ficar feias depois de a plateia ter sido ludibriada. O sujeito de coque tinha um ar vil mesmo quando ria.

Luca deixou Juilin perto da escada e voltou para se colocar entre Nynaeve e o homem de coque.

— Achei que fosse dar certo. — Ele parecia incrivelmente satisfeito consigo mesmo, e fazia pequenas reverências para o público, como se tivesse sido ele na corda lá no alto.

Nynaeve o olhou com irritação, mas não teve tempo de fazer o comentário ácido que tinha na ponta da língua, já que Elayne veio saltando em meio à multidão e se pôs ao lado de Juilin, os braços erguidos e um dos joelhos dobrados.

Nynaeve apertou os lábios e mexeu no xale de um jeito irritado. Apesar do que achava do vestido vermelho que nem sabia como acabara usando, não tinha certeza se o figurino de Elayne não era ainda pior. A Filha-herdeira de Andor usava uma roupa branca como a neve, paetês brilhando aqui e ali no casaco curto e nas calças justas. Nynaeve duvidara de que Elayne realmente apareceria em público com aquelas roupas, mas estivera preocupada demais com a própria indumentária para dar sua opinião. O casaco e as calças fizeram-na pensar em Min. Nunca aprovara o fato de Min usar roupas de menino, mas a cor e as lantejoulas tornavam aquelas vestimentas ainda mais… descaradas.

Juilin segurou a escada de corda para Elayne subir, embora não houvesse necessidade. A garota subiu até o topo com tanta habilidade quanto ele. Juilin sumiu na multidão assim que ela chegou lá em cima, onde voltou a fazer poses, sorrindo radiante para os estrondosos aplausos como se estivesse sendo adulada por seus súditos. Quando a jovem pisou na corda — que, de alguma maneira, parecia ainda mais estreita do que quando Juilin estivera nela —, Nynaeve praticamente parou de respirar e não pensou mais nada sobre as roupas de Elayne ou as próprias.

Elayne deixou a plataforma para pisar na corda, os braços abertos, e sem canalizar um caminho de Ar. Devagar, foi caminhando pela corda, pé ante pé, sem jamais vacilar. Canalizar seria perigoso

demais, caso Moghedien tivesse qualquer pista de onde elas estavam. A Abandonada ou as irmãs Negras poderiam estar em Samara, e sentiriam a urdidura. E, se não estivessem na cidade naquele momento, logo poderiam estar. Na plataforma oposta, Elayne parou para receber bem mais aplausos do que Juilin — Nynaeve não entendeu por quê — e começou a voltar. Quase no fim, girou suavemente, retornou à metade do caminho, tornou a girar. Então bambeou, recuperando-se por pouco. Nynaeve sentiu como se a mão de alguém estivesse apertando sua garganta. Com passadas lentas e ritmadas, a garota caminhou pela corda bamba e alcançou a plataforma, posando mais uma vez para gritos e aplausos ensurdecedores.

Nynaeve engoliu o coração e voltou a respirar, ofegante, mas sabia que ainda não havia acabado.

Elayne ergueu os braços e, de repente, fez uma estrela ao longo da corda, as mechas negras esvoaçando, as pernas cobertas de branco lampejando ao sol. Nynaeve gemeu e agarrou o braço de Luca quando a garota chegou à plataforma oposta, tropeçou na aterrissagem e freou quando já estava prestes a cair.

— Qual é o problema? — murmurou ele sob os arquejos que emergiam da multidão. — Você tem visto ela fazer isso toda noite desde Sienda. E em muitos outros lugares também, eu presumiria.

— Claro — respondeu Nynaeve, baixinho.

Com os olhos fixos em Elayne, mal se deu conta do braço que Luca passara em torno de seus ombros, pelo menos não o bastante para que tomasse qualquer providência. Nynaeve tentara convencer a garota a fingir um mau jeito no tornozelo, mas Elayne insistira que, depois de todos aqueles treinos usando o Poder, não precisava mais da ajuda. Talvez Juilin não precisasse — e aparentemente não mesmo —, mas Elayne nunca percorrera telhados à noite.

As estrelas do caminho de volta foram perfeitas, assim como a aterrissagem, mas Nynaeve não desviou o olhar nem afrouxou o aperto na manga de Luca. Após o que então pareceu uma inevitável pausa para os aplausos, Elayne retornou à corda para mais giros, uma das pernas subindo e descendo tão rápido que parecia permanecer esticada o tempo inteiro. Ela também se colocou lentamente de ponta-cabeça, em uma pose que a deixava ereta feito uma adaga, os dedos do pé, na sapatilha branca, apontados para o céu. E deu uma cambalhota para trás que fez o público perder o fôlego e a deixou balançando, recuperando o equilíbrio por um fio. Fora Thom Merrilin quem lhe ensinara aquilo, assim como a posição de ponta-cabeça.

Pelo canto do olho, Nynaeve avistou Thom um pouco atrás dela, os olhos cravados em Elayne e equilibrado na ponta dos pés. Parecia orgulhoso feito um pavão. Dava a impressão de estar pronto para

correr à frente e apanhá-la, caso ela caísse. Se isso de fato acontecesse, Thom seria ao menos parcialmente culpado. Jamais deveria ter ensinado aquelas coisas para ela!

Uma última travessia fazendo estrelas, as pernas de branco aparecendo e sumindo, reluzindo ao sol, mais rápido que antes. Nynaeve não sabia daquela parte! Teria eviscerado Luca com a língua caso ele não tivesse resmungado cheio de raiva que Elayne ter acrescentado aquilo ao número só para ganhar mais aplausos era uma boa maneira de quebrar o pescoço. Uma pausa final para posar para mais aplausos, e Elayne, por fim, desceu.

Aos berros, o público correu na direção dela. Luca e quatro tratadores de cavalos com porretes cercaram a garota como se tivessem surgido por intermédio do Poder, mas mesmo assim, manco e tudo, Thom chegou primeiro.

Nynaeve pulou o mais alto que pôde, mal identificando Elayne ao olhar por cima de um bom número de cabeças. A garota não parecia assustada, nem mesmo desnorteada, com todas aquelas mãos acenando e tentando tocá-la, estendidas em meio aos seguranças que a cercavam. Com a cabeça erguida e o rosto ruborizado por todo o esforço, ainda mantinha uma graciosidade tranquila e majestosa ao ser escoltada para fora. Como era capaz de fazer aquilo, vestida como estava, Nynaeve simplesmente não conseguia imaginar.

— Tem o rosto igual ao de uma maldita rainha — resmungou sozinho o homem caolho. Ele não saíra correndo como os outros, apenas deixara a multidão passar. Vestido de modo grosseiro, com um casaco simples de lã cinza-escura, com certeza parecia forte o bastante para não ter medo algum de ser derrubado e pisoteado. Parecia bem inclinado a sacar aquela espada. — Que me queime por ser um fazendeiro tripa mole, mas ela tem coragem o bastante para ser uma maldita rainha.

Nynaeve ficou boquiaberta enquanto o homem se afastava a passos largos pelo meio do público, e não por causa do linguajar. Ou melhor, em parte por isso. Tinha se lembrado de onde o vira antes, um homem caolho, de coque, que não conseguia dizer duas frases sem proferir os xingamentos mais repugnantes.

Esquecendo-se de Elayne, que com certeza estava suficientemente segura, Nynaeve começou a abrir caminho na multidão para ir atrás do homem.

38

Um velho conhecido

Por conta da multidão, Nynaeve demorou um pouco para alcançá-lo, resmungando a cada vez que era empurrada por algum homem boquiaberto com o show ao redor ou alguma mulher arrastando uma criança em cada mão — crianças que geralmente estavam tentando arrastar *a mãe* para atrações diferentes ao mesmo tempo. O caolho mal parou para olhar qualquer coisa, exceto pela grande serpente e os leões, até alcançar os cavalos-javali. Com certeza já os vira antes, posicionados como estavam perto da entrada do público. Toda vez que os *s'redit* se apoiavam só nas patas traseiras, como naquele momento, as enormes cabeças dos adultos podiam ser vistas até por quem estava do lado de fora, intensificando um pouco a pressão para entrar.

Sob uma larga placa vermelha com "Valan Luca" escrito com letras douradas de ambos os lados, uma dupla de tratadores de cavalos coletava os ingressos das pessoas que se afunilavam entre duas grossas cordas, depositando o dinheiro em cântaros transparentes de vidro grosso com rachaduras — Luca nunca gastava dinheiro comprando algo melhor —, de modo que podiam ver se o pagamento estava correto sem precisar pegar no dinheiro. Os tratadores depositavam as moedas direto dos cântaros no buraco de uma caixa amarrada com correntes de ferro tão pesadas que Petra precisara carregá-la até o lugar certo antes que sequer houvesse qualquer prata ali dentro. Uma segunda dupla de tratadores — homens de ombros largos e nariz quebrado, com as juntas grossas como as de lutadores — ficava ali perto com porretes, garantindo que o público se mantivesse em ordem. E para ficar de olho nos homens arrecadando o dinheiro, Nynaeve suspeitava. Luca não confiava em ninguém, ainda mais quando o assunto era dinheiro. Na verdade, sua mão era tão fechada ao redor de moedas quanto a casca ao redor de uma maçã. Nynaeve nunca conhecera alguém tão sovina.

Devagar e às cotoveladas, ela se aproximou do homem com o coque de mechas grisalhas. Claro que *ele* não tivera problema para alcançar a primeira fileira diante dos *s'redit*. A cicatriz e o tapa-olho

pintado teriam lhe garantido espaço, mesmo sem a espada às costas. O homem observava os imensos animais cinzentos com um sorriso, e o que Nynaeve supôs ser uma expressão maravilhada no rosto pétreo.

— Uno? — Ela achava que o nome era aquele.

O homem se virou para encará-la. Quando ela pôs o xale de volta no lugar, ele ergueu o olhar para seu rosto, mas nenhum sinal de reconhecimento cintilou em seu olho escuro. O outro olho zangado, pintado de vermelho, deixou Nynaeve um pouco enjoada.

Cerandin acenou com o aguilhão, gritando algo arrastado demais para ser inteligível, e os *s'redit* se viraram. Sanit, a fêmea, apoiando a pata no dorso largo e redondo de Mer, se virou para trás enquanto o macho permanecia ereto. Nerin, a filhote, apoiou as patas na parte de baixo do dorso de Sanit.

— Eu vi você em Fal Dara — explicou Nynaeve. — E de novo, bem rápido, em Ponta de Toman. Depois em Falme. Você estava com… — Rodeada por tanta gente, Nynaeve não sabia o quanto podia falar. Boatos sobre o Dragão Renascido haviam circulado por toda Amadícia, e alguns até acertavam o nome dele. — Com Rand.

O olho verdadeiro de Uno se estreitou — Nynaeve tentava não olhar para o outro — e, após um momento, o homem assentiu.

— Eu me lembro do seu rosto. Nunca me esqueço de um maldito rosto bonito. Mas seu cabelo estava bem diferente. Nyna?

— Nynaeve — corrigiu ela, seca.

Olhando-a de alto a baixo, ele balançou a cabeça e, antes que Nynaeve pudesse falar qualquer coisa, segurou-a pelo braço e praticamente a arrastou pela porta de entrada.

Os tratadores dos cavalos a reconheceram, claro, e os sujeitos de nariz quebrado deram um passo à frente e levantaram os porretes. Nynaeve acenou furiosamente para que se afastassem, mesmo enquanto ainda libertava o braço. Precisou de três tentativas, e só conseguiu se desvencilhar porque Uno deixou. O aperto do homem parecia de ferro. Os tratadores com porretes hesitaram, então voltaram para seus lugares assim que viram Uno soltar a mulher. Pareciam saber que Valan Luca preferiria que eles protegessem a entrada.

— O que você pensa que está fazendo? — questionou Nynaeve, mas Uno apenas gesticulou para que ela o seguisse e não parou para ver se seria obedecido, apenas diminuiu um pouco o passo em meio à multidão que esperava para entrar. As pernas do homem eram levemente arqueadas, e ele se movia como alguém que estava mais acostumado com o lombo de um cavalo do que com os próprios pés. Rosnando sozinha, ela segurou as saias e foi atrás dele em direção à cidade.

Dois outros conjuntos itinerantes estavam montados atrás de

cercas de tela marrom não muito longe dali, e outros mais se espalhavam pelos vilarejos entupidos formados por barracos. Não havia nenhum muito perto das muralhas da cidade. Aparentemente, a governadora, que era como eles chamavam a mulher que Nynaeve teria chamado de prefeita — embora nunca tivesse ouvido falar em uma mulher prefeita —, decretara uma distância mínima de meia milha, com o intuito de proteger a cidade caso algum dos animais fugisse.

A placa acima da entrada do espetáculo mais próximo dizia "Mairin Gome" em letras verdes e douradas cheias de floreios. Acima da placa, dava para ver duas mulheres penduradas em uma corda que saía de uma estrutura alta que não estava ali quando as cercas de Luca foram erguidas. Parecia que o fato de os cavalos-javali se empinarem alto o bastante para serem vistos estava surtindo efeito. As mulheres se contorciam em posições que trouxeram a lembrança desconfortável do que Moghedien fizera com ela, e, de alguma forma, ainda conseguiam se segurar em pinos horizontais de ambos os lados da corda. A multidão que esperava impaciente à frente da placa da Senhora Gome era quase tão numerosa quanto a que estava junto da placa de Luca. Nenhum dos outros espetáculos tinha algo à mostra que ela pudesse ver, e seus públicos eram bem menores.

Uno se recusou a responder perguntas, a dizer uma só palavra e a fazer mais do que caras feias até que estivessem distantes do empurra-empurra da multidão, andando por um caminho de terra batida próprio para carroças.

— O que estou tentando fazer, desgraça — rosnou ele, então —, é levar você para algum lugar onde possamos ter uma maldita conversa sem que você seja feita em pedacinhos, que a Luz os queime, por esse bando de chamejados que vai tentar beijar a barra do seu vestido quando descobrir que você conhece o Lorde Dragão. — Não havia ninguém a trinta passadas dos dois, mas, mesmo assim, ele ainda estava atento a qualquer um que pudesse estar escutando. — Sangue e malditas cinzas, mulher! Você não sabe como esses chamejados desses cabeças de cabra são? Metade acha que o Criador conversa com o Dragão todos os dias na hora do jantar, e a outra metade acha que ele *é* o maldito Criador!

— Eu agradeço se puder moderar o linguajar, Mestre Uno. E também vou agradecer se andar mais devagar. Não estamos disputando uma corrida. Para onde está indo, e por que eu deveria dar mais um passo ao seu lado?

Com um riso irônico, ele virou o olho na direção dela.

— Ah, eu me lembro mesmo de você. A que tinha uma boca ins… grande. Ragan achava que você era capaz de abater e esfolar um cha… um touro a dez passadas, só com a língua. Chaena e Nangu, a

cinquenta. — Pelo menos ele realmente diminuiu o passo.

Nynaeve empacou.

— Para onde e por quê?

— Para a cidade. — Ele não parou. Seguiu andando firme, acenando para que ela o seguisse. — Não sei que cac… o que você está fazendo aqui, mas lembro que estava metida com aquela mulher *Azul*.

Nynaeve resmungou baixo, recolheu as saias e voltou a andar apressada atrás dele. Era a única maneira de ouvi-lo. O homem prosseguiu como se ela estivesse ao lado dele o tempo inteiro.

— Aqui não é lugar para você. Posso arranjar dinheiro suficiente para uma mald… aarh!… dinheiro suficiente para mandar você de volta para Tear, eu acho. Dizem os boatos que é lá que o Lorde Dragão está. — Ele voltou a olhar ao redor com cautela. — A menos que, em vez disso, você queira ir para a ilha. — Aquilo deveria significar Tar Valon. — Tem uns boatos estranhos circulando sobre isso também. Paz, e como tem! — O homem vinha de uma região que não sabia o que era paz havia mais de três mil anos. Os shienaranos empregavam a palavra tanto como uma prece quanto como um xingamento. — Dizem que a antiga Amyrlin foi deposta. Talvez executada. Há quem diga que elas lutaram e incendiaram toda a… — Ele fez uma pausa, respirou fundo e fez uma careta horrível. — … toda a cidade.

Caminhando junto do homem, Nynaeve o observava, admirada. Vira Uno pela última vez havia quase um ano, nunca falara mais de duas palavras com o sujeito, e ainda assim ele… Por que os homens sempre achavam que uma mulher precisava da ajuda deles? Eles não sabiam nem dar o laço nas próprias camisas sem ajuda de uma!

— Nós estamos muito bem, obrigada. A menos que você conheça algum comerciante com um barco que esteja para descer o rio.

— Nós? A mulher Azul está com você? Ou a Marrom? — Ele só podia estar falando de Moiraine e Verin. Estava sendo cauteloso, com certeza.

— Não. Você se lembra de Elayne? — Ele fez um meneio brusco, e Nynaeve resolveu provocá-lo. Nada parecia perturbar o homem, e era óbvio que ele pretendia assumir a responsabilidade pelo bem-estar dela. — Você acabou de vê-la. Disse que ela tinha… — Nynaeve fez uma voz mal-humorada para imitar a dele — … o rosto igual ao de uma maldita rainha.

Ficou satisfeita de ver o homem tropeçar e olhar ao redor com tanto ímpeto que até mesmo dois Mantos-brancos que passavam por ali decidiram contorná-lo, embora tenham tentado fingir que Uno não tinha nada a ver com aquilo, claro.

— Ela? — rosnou ele, incrédulo. — Mas o maldito cabelo estava negro feito um corvo… — O homem observou o cabelo de Nynaeve e,

no instante seguinte, já estava andando novamente, resmungando meio que consigo mesmo. — Ela é filha de uma rainha, que a Luz me queime. De uma maldita rainha! Mostrando as pernas daquele jeito. — Nynaeve concordou. Até que ele prosseguiu: — Esses sulistas chamejados são um bando de esquisitos! Vocês não têm um pingo de decência! — Como se ele tivesse moral para falar! Os shienaranos podiam até se vestir de forma adequada, mas ela ainda ruborizava ao lembrar que, em Shienar, homens e mulheres tomavam banho juntos, e achavam isso tão normal quanto comer à mesma mesa.

— Sua mãe nunca lhe ensinou a falar com decência, homem?

O olho verdadeiro de Uno a encarou de modo quase tão sombrio quanto o pintado, e ele deu de ombros. Em Fal Dara, Uno e todos os demais haviam-na tratado como se fosse da nobreza, ou algo do tipo. Claro, era muito difícil se passar por uma lady naquele vestido, e com o cabelo em um tom que a natureza jamais criara. Nynaeve apertou mais o xale em torno do corpo e cruzou os braços para mantê-lo no lugar. A lã cinza era terrivelmente desconfortável naquele calor seco, e ela mesma estava escorrendo. Nunca ouvira falar de ninguém que tivesse morrido de tanto suar, mas pensou que poderia muito bem ser a primeira.

— O que está fazendo aqui, Uno?

O homem olhou em volta antes de responder. Não que tivesse necessidade. Havia pouco tráfego no caminho — uma carroça ou outra puxada por bois, algumas pessoas com roupas de camponeses ou ainda mais simples e, aqui e ali, um homem a cavalo — e ninguém parecia disposto a chegar mais perto dele do que precisava. Uno parecia capaz de cortar a garganta de alguém por puro capricho.

— A mulher Azul nos deu um nome em Jehannah e disse que deveríamos esperar lá até que ela mandasse instruções, mas a mulher em Jehannah estava morta e enterrada quando chegamos. Uma velha. Morreu dormindo, e nenhum dos parentes dela já tinha ouvido falar no nome da mulher Azul. Aí Masema começou a falar com as pessoas e… Bem, não havia razão para ficar lá esperando ordens que nunca ouviríamos, mesmo que viessem. Ficamos por perto de Masema porque ele nos repassa o suficiente para vivermos, embora ninguém, tirando Bartu e Nengar, dê ouvidos às baboseiras dele. — O coque grisalho sacudiu quando ele balançou a cabeça, irritado.

De repente, Nynaeve se deu conta de que não houvera nenhum xingamento naquelas frases. Ele parecia prestes a engolir a língua.

— Talvez você possa falar alguns palavrões. — Ela suspirou. — Que tal uma frase sim, outra não? — O homem sorriu para ela com tanta gratidão que a deixou exasperada. — Como é que pode Masema ter dinheiro e o restante de vocês não ter nenhum? — Ela se lembrava de Masema: um homem desagradável que não gostava de nada nem

ninguém.

— Ora, ele é o maldito Profeta que todos vieram ouvir. Quer conhecê-lo? — Ele parecia estar contando as frases. Nynaeve respirou fundo. O homem levaria ao pé da letra o que quer que ela dissesse. — Ele poderia encontrar um maldito barco para você, caso você queira um. Em Ghealdan, o que o Profeta quer, o Profeta costuma conseguir. Não, ele sempre acaba conseguindo de um jeito ou de outro, aquele chamejado. O homem foi um bom soldado, mas quem poderia imaginar que se transformaria nisso? — O olhar de Uno percorreu os barracos toscos e o povo da cidade, incluindo os espetáculos e a cidade à frente.

Nynaeve hesitou. O temido Profeta, que incitava multidões e revoltas, era Masema? Mas ele *realmente* pregava a vinda do Dragão Renascido. Estavam agora quase no portão da cidade, e ainda tinha algum tempo antes que precisasse deixar Birgitte lhe atirar flechas. Luca ficara mais do que desapontado por a mulher ter insistido em ser chamada de Maerion. Se Masema *conseguisse* encontrar um barco que fosse descer o rio… Naquele mesmo dia, talvez. Por outro lado, *havia* as revoltas. Se os boatos tivessem aumentado tudo dez vezes, então apenas algumas centenas haviam morrido nas cidades e vilarejos mais ao norte. Apenas algumas centenas.

— Só não vá lembrá-lo de que você tem alguma coisa a ver com aquela maldita ilha — prosseguiu Uno, encarando-a com cautela. Então Nynaeve se deu conta de que era ele provavelmente não sabia qual era a verdadeira ligação dela com Tar Valon. Se tornar Aes Sedai não era o único motivo para uma Mulher ir até lá, afinal de contas, também podiam estar buscando ajuda ou respostas. Uno sabia que ela tinha algum tipo de envolvimento, mas não mais que isso. — Ele gosta tanto das mulheres de lá quanto os Mantos-brancos. Se você mantiver a boca bem caladinha sobre esse maldito assunto, é provável que ele ignore. Para alguém que é do mesmo vilarejo que o Lorde Dragão, Masema pode mandar até *construírem* um barco.

Havia mais gente junto aos portões da cidade, flanqueados por atarracadas torres cinzas, com homens e mulheres entrando e saindo, a pé e em montarias, trajando todo tipo de vestimenta, desde farrapos até vestidos e casacos de seda bordados. Os próprios portões, espessos e revestidos de ferro, estavam abertos sob a guarda de uma dúzia de lanceiros em túnicas escamadas e elmos redondos de ferro com abas achatadas. Na realidade, os guardas prestavam mais atenção na meia dúzia de Mantos-brancos ali perto do que em qualquer outra coisa. Eram os homens em mantos cor de neve e armaduras brilhosas que observavam o ir e vir das pessoas.

— Os Mantos-brancos criam muitos problemas? — indagou ela, calma.

Uno moveu a boca como se fosse cuspir, olhou para ela, e não cuspiu.

— E onde é que esses chamejados não criam? Tinha uma mulher em um desses espetáculos itinerantes que fazia truques de mágica. Quatro dias atrás, uns cabeças de ovelha destruíram todo o espetáculo. — Valan Luca com certeza nunca mencionara aquilo! — Paz! O que eles queriam era a mulher. Diziam que ela era… — ele olhou fixamente para o povo que passava apressado e baixou a voz — … Aes Sedai. E Amiga das Trevas. Quebraram o maldito pescoço dela só para colocá-lo na corda, ouvi dizer, mas enforcaram o cadáver da mulher mesmo assim. Masema mandou decapitar os chefes da quadrilha, mas foram os Mantos-brancos que incitaram a gentalha. — A careta do homem combinou com o olho vermelho pintado no tapa-olho. — Tem havido muitos desses enforcamentos e decapitações, se você quer saber o que este infeliz aqui pensa. O desgraçado do Masema é tão cruel quanto os malditos Mantos-brancos quando o assunto é encontrar um Amigo das Trevas debaixo de cada maldita pedra.

— Uma frase sim, outra não — murmurou Nynaeve, e o homem chegou até a ruborizar.

— Não sei onde eu estou com a cabeça — resmungou, parando de andar. — Não posso levar você até lá. É metade festival, metade confusão, com um ladrão a cada três passos, e mulher nenhuma fica em segurança depois que escurece. — Ele soou mais escandalizado com a última informação do que com o resto. Em Shienar, as mulheres estavam sempre seguras em qualquer lugar, exceto de Trollocs e de Myrddraal, claro, e qualquer homem faria de tudo para garantir isso. — Não é seguro. Vou levar você de volta. Quando eu descobrir uma solução, venho te buscar.

Aquilo encerrou a questão para ela. Desvencilhando o braço antes que ele pudesse segurá-lo, ela apertou o passo em direção aos portões.

— Venha comigo, Uno, e não enrole. Se enrolar, vai ficar para trás.

O homem a alcançou, resmungando a respeito da teimosia das mulheres. Assim que compreendeu que ele estava falando sozinho e que, aparentemente, sua reclamação sobre os palavrões não valia para essas situações, Nynaeve parou de escutar.

39

Encontros em Samara

Os Mantos-brancos nos portões deram a Uno e Nynaeve a mesma importância que davam a qualquer outra pessoa naquele fluxo ininterrupto, o que significava um olhar frio, desconfiado e inquisitivo, ainda que rápido. O excesso de gente impossibilitava qualquer outra coisa mais demorada, e talvez os guardas com aquelas armaduras escamadas também ajudassem. Não que houvesse motivo para mais, a não ser na cabeça dela. Tanto o anel da Grande Serpente quanto o pesado anel de ouro de Lan estavam aninhados em sua bolsinha — por conta da gola baixa do vestido, não pôde usá-los no cordão —, mas ainda assim parte dela esperava que os Filhos da Luz identificassem instintivamente uma mulher treinada na Torre. Sentiu um alívio palpável quando aqueles olhos gelados e insensíveis se desviaram dela.

Os soldados também prestaram pouca atenção aos dois — assim que ela tornou a rearrumar o xale. A cara feia de Uno podia até ter ajudado a mandar os olhos dos homens de volta para os Mantos-brancos, mas o shienarano não tinha o direito de fazer cara feia, para começo de conversa. Aquilo ficava a cargo dela.

Nynaeve tornou a enrolar a lã cinza e amarrou as extremidades ao redor da cintura. O xale era mais justo no busto do que gostaria, e ainda expunha um pouco do decote, mas ainda era uma melhora considerável em comparação ao vestido. Pelo menos não teria que se preocupar com o xale escorregando. Só queria que aquele troço não fosse tão quente. O clima não deveria mesmo demorar a virar. Não estavam *tão* ao sul de Dois Rios.

Desta vez, Uno esperou pacientemente por Nynaeve. Ela não soube dizer se foi por mera gentileza — seu rosto marcado pela cicatriz parecia um tanto paciente *demais* —, mas os dois, por fim, chegaram juntos em Samara. E, juntos, adentraram o caos.

Era um grande burburinho, sem nenhum som particularmente discernível. As pessoas lotavam as rústicas ruas de pedra, das tavernas com telhado de ardósia aos estábulos com tetos de palha, das estalagens com placas simples onde se lia “O Touro Azul” ou “O Ganso

Dançarino", todas lotadas, às lojas com placas desenhadas, não escritas, com uma faca e uma tesoura aqui, uma peça de tecido ali, a balança de um ourives ou a lâmina de um barbeiro, um pote, uma lamparina ou uma bota. Nynaeve via rostos pálidos como os dos andorianos e escuros como os do Povo do Mar, alguns limpos, outros sujos, com casacos de golas altas, baixas, sem gola nenhuma, com cores opacas e brilhantes, comuns e bordados, surrados e novinhos em folha, de estilos estranhos e familiares em igual quantidade. Um sujeito com uma barba escura bifurcada usava correntes de prata atravessadas no peitoral do casaco azul, e dois outros, com tranças no cabelo — *homens* com tranças pretas até o ombro e cobrindo as orelhas! — tinham minúsculos sinos de latão costurados às mangas do casaco vermelho e nos canos das botas que subiam até a coxa. Qualquer que fosse a terra de onde vinham, aqueles dois não tinham nada de tolos. Seus olhos escuros eram penetrantes e inquisitivos como os de Uno, e ambos carregavam espadas curvas às costas. Um homem de peito nu trajando uma cinta amarela brilhante, a pele de um marrom mais escuro que madeira envelhecida e mãos com intricadas tatuagens, só podia ser do Povo do Mar, embora não usasse nem brincos nem anéis no nariz.

Também havia mulheres de todos os tipos, cabelos que iam do preto de um corvo ao loiro quase branco, trançados, presos ou soltos, bem curtos, na altura dos ombros, na cintura, com vestidos de lã surrada, de puro linho ou de sedas reluzentes, com golas rendadas ou bordadas até o queixo, e decotes tão profundos quanto o que ela escondia. Nynaeve chegou até a avistar uma domanesa de pele acobreada trajando um vestido vermelho quase transparente que a cobria até o pescoço, mas que não escondia praticamente nada! Ficou se perguntando se a mulher estaria em segurança quando escurecesse. Ou até mesmo em plena luz do dia.

Os Mantos-brancos e soldados que surgiam ocasionalmente em meio àquela massa de gente pareciam sufocados, penando tanto quanto os demais para se locomover. Carroças de boi ou carroções puxados por cavalos se emparelhavam ao longo das ruas que se entrecortavam de modo aleatório. Carregadores transportavam liteiras pelo meio da confusão, e, de vez em quando, uma carruagem laqueada com parelhas de quatro ou cinco animais emplumados seguia seu penoso caminho, lacaios fardados e guardas com elmos de aço tentando, em vão, abrir passagem. Músicos com flautas, cítaras ou sabiolas tocavam em todas as esquinas onde não havia um malabarista ou um acrobata — nada que fosse deixar Thom ou os Chavanas preocupados —, sempre com um outro homem ou mulher segurando um chapéu para coletar moedas. Mendigos maltrapilhos ziguezagueavam pela multidão, puxando mangas e estendendo mãos

encardidas, e mascates andavam apressados com bandejas que continham de tudo, de alfinetes a fitas e peras, seus gritos se perdendo naquela balbúrdia.

Nynaeve já estava tonta quando Uno a puxou para uma rua mais estreita na qual a multidão parecia menor, em comparação. Antes de segui-lo, ela parou para endireitar as roupas, que haviam se desarrumado na confusão. Ali também estava ligeiramente mais tranquilo. Nada de artistas de rua e bem menos mascates e mendigos. Estes se mantinham longe de Uno, mesmo depois de o homem ter jogado algumas moedas de cobre para um ressabiado grupo de moleques, pelo que Nynaeve não os censurava. Uno simplesmente não parecia… caridoso.

Apesar de terem apenas dois ou três andares, as edificações da cidade se avultavam sobre aquelas vias estreitas, sombreando-as. Mas o céu estava claro, faltavam algumas horas até o crepúsculo. Tempo de sobra para voltar para o espetáculo. Se tivesse de voltar. Com sorte, ao pôr do sol, todos poderiam estar tomando seus lugares em uma embarcação.

Nynaeve levou um susto quando outro shienarano se juntou a eles de repente, espada às costas e cabeça toda raspada, a não ser pelo coque. Era um homem de cabelo escuro só um pouco mais velho que ela. Sem diminuir o passo, Uno fez apresentações e explicações breves.

— Que a paz a favoreça, Nynaeve — cumprimentou Ragan, a pele escura da bochecha fazendo uma covinha em torno de uma cicatriz triangular branca. Mesmo sorrindo, ele tinha o rosto duro. Nynaeve nunca conhecera um shienarano delicado. Homens delicados não sobreviviam na Praga. Tampouco mulheres delicadas. — Eu me lembro de você. Seu cabelo era diferente, não era? Não importa. Não tema. Nós vamos levá-la em segurança até Masema e onde quer que vá depois. Só tenha o cuidado de não mencionar Tar Valon a ele. — Ninguém olhava para o trio duas vezes, mas, mesmo assim, o homem baixou a voz: — Masema acha que a Torre vai tentar controlar o Lorde Dragão.

Nynaeve balançou a cabeça. Mais um tolo para tomar conta dela. Pelo menos ele não tentou ficar puxando conversa. Com o humor que estava, Nynaeve teria rosnado mesmo para um mero comentário sobre o calor. Sentia o rosto úmido, o que não era surpresa, dado o xale que precisava usar mesmo naquele clima. De repente, lembrou-se do que o caolho dissera a respeito da opinião de Ragan sobre sua língua. Nynaeve não fez mais que olhar de soslaio para ele, mas o shienarano passou para o outro lado de Uno, como se quisesse se proteger, e encarou-a com cautela. Homens!

As ruas ficaram ainda mais estreitas, e, apesar de os prédios de pedra alinhados por ali não terem ficado menores, ela notou que

aquelas ruelas davam para os fundos dos edifícios, para muros cinzentos que escondiam pequenos jardins. Os três finalmente chegaram a uma viela cuja largura mal permitia que caminhassem lado a lado. No extremo oposto, uma carruagem laqueada e dourada estava cercada por homens de armaduras escamadas. Um pouco mais perto, a meio caminho entre Nynaeve e o veículo, alguns sujeitos rondavam os dois lados da viela. Em uma miscelânea de casacos, a maior parte deles segurava clavas, lanças ou espadas tão variadas quanto as vestimentas. Podiam ser uma gangue, mas, como nenhum dos shienaranos diminuiu o passo, ela também não se deteve.

— A rua ali da frente vai estar cheia de tolos malditos torcendo para conseguir ver Masema em uma maldita janela — murmurou Uno, apenas para o ouvido de Nynaeve. — O único jeito de entrar é por trás. — Ele ficou em silêncio quando os três se aproximaram o suficiente para que os homens que aguardavam conseguissem escutar.

Dois desses homens eram soldados com elmos de aço com abas e túnicas escamadas, espadas na cintura e lanças na mão, mas foram os outros que examinaram os três recém-chegados e tocaram as armas. Tinham olhos perturbadores, excessivamente determinados, quase febris. Pela primeira vez, ela teria ficado feliz de receber um bom olhar lascivo. Aqueles homens não davam a mínima se ela era uma mulher ou um cavalo.

Sem dizer uma palavra, Uno e Ragan desafivelaram as espadas embainhadas das costas e as entregaram, junto com as adagas, para um homem de rosto rechonchudo que, pelo aspecto das calças e do casaco de lã azul que usava, devia ter sido comerciante. Aquelas roupas já haviam sido boas. Estavam limpas, mas bastante usadas, além de amarrotadas, como se tivesse dormido com elas por um mês. Ele claramente reconheceu os shienaranos, e, embora tenha franzido o rosto para ela por um momento, em especial para a faca que trazia na cintura, assentiu em silêncio para um estreito portão de madeira na parede de pedra. Aquele talvez tenha sido o fato mais perturbador de todos: nenhum deles emitiu um som sequer.

Do outro lado da parede havia um pequeno pátio onde ervas daninhas brotavam entre os paralelepípedos. A alta casa de pedra — três amplos andares cinza-claros, com janelas largas e calhas e cumeeiras ornamentadas, além do teto de telhas vermelho-escuras — devia ter sido uma das melhores de Samara. Assim que o portão se fechou atrás deles, Ragan sussurrou:

— Houve tentativas de assassinar o Profeta.

Nynaeve levou um momento para se dar conta de que ele estava explicando por que as armas haviam sido entregues.

— Mas vocês são amigos dele — protestou ela. — Todos vocês seguiram Rand até Falme juntos. — Não ia começar a chamá-lo de

Lorde Dragão.

— É por isso que a gente ainda pode entrar — retrucou Uno, seco. — Eu falei que nós não vemos as coisas como… o Profeta vê. — A hesitação e a olhadela rápida para o portão logo atrás, para ver se alguém estava ouvindo, foram extremamente reveladoras. Antes, ele o chamara de Masema. E estava claro que Uno era um homem cujo linguajar não era amenizado com facilidade.

— Preste atenção no que diz ao menos uma vez — aconselhou Ragan —, e é provável que receba a ajuda que deseja.

Nynaeve assentiu da maneira mais agradável que qualquer pessoa poderia esperar — reconhecia bom senso sempre que o escutava, ainda que o homem não tivesse o direito de oferecê-lo —, e Ragan e Uno trocaram olhares cheios de suspeitas. Nynaeve ia enfiar aqueles dois em uma saca junto com Thom e Juilin e bater neles com a primeira coisa que visse.

A casa era bonita, mas a cozinha estava empoeirada e vazia, exceto por uma mulher magrela e grisalha com um vestido cinza sem graça e um avental branco que eram os únicos itens limpos à vista, quando os três cruzaram o local. Chupando os dentes, a velha mal tirou os olhos da chaleirinha de sopa que vinha mexendo sobre uma minúscula chama em uma das lareiras de pedra. Duas panelas bem surradas estavam penduradas em ganchos que podiam abrigar vinte delas, e uma tigela de cerâmica rachada em uma bandeja de laca azul repousava na mesa ampla.

Passando a cozinha, tapeçarias de qualidade razoável decoravam as paredes. Nynaeve desenvolvera certo conhecimento no ano anterior, e aquelas cenas de banquetes e caçadas de veados, ursos e javalis eram só boas, não excelentes. Cadeiras, mesas e baús se enfileiravam nos corredores, artigos de laca escura com camadas de vermelho e madrepérolas incrustadas. As tapeçarias e a mobília também estavam empoeiradas, e o piso com ladrilhos vermelhos e brancos só vira uma passada indiferente de vassoura. Teias de aranha ornavam os cantos e cornijas do teto alto de gesso.

Não encontraram outros serviçais — ou mais ninguém — até alcançarem um sujeito magricela sentado no chão ao lado de uma porta aberta, o casaco vermelho de seda encardido grande demais para ele, além de destoar da camisa imunda e da calça de lã surrada. Uma das botas rachadas tinha um buraco bem grande na sola, e um dedo surgia através de outro buraco na outra bota. O homem levantou a mão e sussurrou:

— Que a Luz brilhe sobre vocês, e que louve o nome do Lorde Dragão? — Ele fez soar como uma pergunta, o rosto estreito e tão sujo quanto a camisa contorcido em uma careta irritada, mas então deu o mesmo tom para todo o resto: — O Profeta não pode ser perturbado

agora? Está ocupado? Vocês vão ter que esperar um pouco? — Uno aquiesceu, pacientemente, e Ragan se inclinou contra a parede. Já haviam passado por aquilo antes.

Nynaeve não sabia o que esperara do Profeta, nem agora que já estava ciente de quem ele era, mas com certeza não fora sujeira. Aquela sopa tinha cheiro de repolho e batatas, bem longe do cardápio adequado para um homem que tinha uma cidade inteira a seus pés. E só dois serviçais, ambos podendo muito bem ter vindo das cabanas mais rústicas da parte externa da cidade.

O guarda esquelético, se é que era mesmo um guarda — não tinha arma, e talvez também não fosse de confiança —, não fez objeção quando Nynaeve foi até um ponto de onde conseguia enxergar porta adentro. O homem e a mulher no cômodo não podiam ser mais diferentes. Masema raspara até o coque, e seu casaco era de lã marrom bem simples, bastante amarrotado, mas limpo, ainda que as botas até os joelhos estivessem gastas. Olhos fundos transformavam sua expressão dura em uma carranca constante, e uma cicatriz formava um pálido triângulo em sua bochecha escura, quase igual à cicatriz de Ragan, apenas mais tênue por conta da idade e um fiapo mais próxima do olho. A mulher, vestida de modo elegante com seda azul bordada em ouro, estava chegando na meia-idade e era bem bonita, apesar do nariz comprido demais. Uma touca simples de redinha azul prendia o cabelo escuro que ia até a cintura, mas ela usava um enorme colar de ouro e gotas de fogo com um bracelete combinando, e anéis com gemas decoravam quase todos os dedos. Enquanto Masema parecia pronto para entrar em ação, os dentes à mostra, ela demonstrava enfado com graciosidade e discrição majestosas.

— … tantos o seguem aonde quer que você vá — ela estava dizendo —, que qualquer sinal de ordem sai voando pelos ares quando você chega. As pessoas não estão seguras sozinhas ou em suas propriedades…

— O Lorde Dragão quebrou todos os elos da lei, todos os elos feitos por homens e mulheres mortais. — A voz de Masema era acalorada, mas de intensidade, não de raiva. — As Profecias dizem que o Lorde Dragão quebrará todas as correntes que prendem, e assim é. O brilho do Lorde Dragão nos protegerá contra a Sombra.

— Não é a Sombra a ameaça aqui, e sim ladrões, oportunistas e esmagadores de cabeças. Alguns dos que seguem você, muitos deles acham que podem pegar o que bem entenderem de quem quer que seja sem pagar ou pedir licença.

— Há justiça na eternidade, quando voltarmos a nascer. Preocupar-se com as coisas deste mundo é inútil. Mas, muito bem, se você deseja a justiça precoce — os lábios dele se curvaram de maneira

desdenhosa —, então que seja a seguinte: de agora em diante, qualquer homem que roubar terá a mão direita amputada; o homem que assediar uma mulher, insultar sua honra ou cometer um assassinato será enforcado; e uma mulher que roubar ou cometer um assassinato será açoitada. Se alguém fizer uma acusação e encontrar doze pessoas que a confirmem, será feito. Que assim seja.

— Como você disser, claro — murmurou a mulher. Manteve uma expressão altiva e elegante, mas soou abalada. Nynaeve não sabia como a lei de Ghealdan funcionava, mas achava que não era tão casual assim. A mulher respirou fundo. — Ainda há o problema da comida. Está ficando difícil alimentar tanta gente.

— Todos os homens, mulheres e crianças que vieram até o Lorde Dragão precisam ter a barriga cheia. É preciso que seja assim! Onde é possível encontrar ouro também é possível encontrar comida, e há ouro demais no mundo. Muita preocupação com o ouro. — Masema balançou a cabeça furiosamente. Não com raiva dela, mas de tudo. Parecia estar à procura daqueles que se preocupavam com riquezas para poder despejar a fúria em suas cabeças. — O Lorde Dragão renasceu. A Sombra paira sobre o mundo, e só o Lorde Dragão pode nos salvar. Só a crença no Lorde Dragão, a submissão e a obediência às palavras do Lorde Dragão. Todo o resto não serve para nada, mesmo onde não há blasfêmia.

— Abençoado na Luz seja o nome do Lorde Dragão. — A frase soou como uma resposta rotineira. — Não se trata mais de uma simples questão a respeito de ouro, Milorde Profeta. Encontrar e transportar comida suficiente…

— Eu não sou lorde — interrompeu ele outra vez, agora com raiva. Inclinou-se na direção da mulher, os lábios molhados de cuspe, e, embora o rosto dela não tenha se alterado, as mãos se contraíram como se quisessem apertar o vestido. — Não existe outro lorde além do Lorde Dragão, em quem a Luz habita, e eu não passo de uma humilde voz do Lorde Dragão. Não se esqueça disso! Altos ou baixos, blasfemadores só recebem flagelos!

— Perdoe-me — murmurou a mulher repleta de joias, espalhando as saias em uma reverência própria para a corte de uma rainha. — É como você diz, claro. Não há lorde além do Lorde Dragão, e eu não passo de uma humilde seguidora do Lorde Dragão, abençoado seja seu nome, que vem para ouvir a sabedoria e a orientação do Profeta.

Masema limpou a boca com o dorso da mão, ficando frio de repente.

— Você usa ouro demais. Não permita que posses mundanas lhe seduzam. O ouro é um entulho. O Lorde Dragão é tudo.

Imediatamente, ela começou a retirar os anéis dos dedos, e, antes que o segundo deles estivesse fora, o sujeito magricela apressou-se

para perto dela, puxou uma bolsinha do casaco e segurou-a para que a mulher depositasse as joias lá dentro. O bracelete e o colar também foram.

Nynaeve olhou para Uno e ergueu uma sobrancelha.

— Todas as moedas vão para os pobres — disse ele em um tom de voz baixo que mal chegou aos ouvidos dela —, ou para alguém que precisa. Se uma mercadora qualquer não tivesse dado a ele a maldita casa, ele estaria em um maldito estábulo ou em uma daquelas cabanas fora da cidade.

— Até a comida dele é dada — completou Ragan, com a mesma tranquilidade. — Costumavam trazer pratos adequados para um rei, até descobrirem que ele distribuía tudo e só ficava com um pãozinho, uma sopa ou um ensopado. Ele mal bebe vinho, ultimamente.

Nynaeve balançou a cabeça. Era uma forma de conseguir dinheiro para os pobres… Roubar alguém que *não* fosse pobre. Claro que, no fim das contas, aquilo faria com que todos fossem pobres, mas talvez desse certo por um tempo. Ela se perguntou se Uno e Ragan sabiam mesmo o que aconteceria com as joias. Pessoas que afirmavam estar coletando dinheiro para ajudar os outros costumavam ter um jeito de deixar boa parte nos próprios bolsos, ou então apreciavam o poder que distribuí-lo por aí lhes conferia, e apreciavam em excesso. Nynaeve via com melhores olhos um homem que dava espontaneamente uma moeda do próprio bolso do que o sujeito que arrancava uma coroa de ouro do bolso de outra pessoa. E gostava menos ainda de tolos que abandonavam suas fazendas e lojas para seguir este… este *Profeta*, e sem ter nenhuma ideia de onde viria a próxima refeição.

Dentro do aposento, a mulher dirigiu a Masema uma reverência ainda mais respeitosa que a anterior, espalhando as saias e curvando a cabeça.

— Até que eu tenha a honra de ouvir de novo as palavras e o aconselhamento do Profeta. Que o nome do Lorde Dragão seja abençoado na Luz.

Masema acenou para ela de modo ausente, já distraído. Havia visto os três no corredor e estava olhando para eles com o máximo de prazer que seu rosto austero permitia. Não era grande coisa. A mulher foi embora sem parecer notar Nynaeve ou os dois homens. Nynaeve fungou quando o sujeito magricela de casaco vermelho acenou ansiosamente para que eles entrassem. Para alguém que acabara de ser obrigada a abrir mão de suas joias, a mulher conseguia exibir um belo ar majestoso.

O homem magrelo voltou à toda para seu lugar junto da porta enquanto os outros três homens apertavam as mãos à moda das Terras da Fronteira, segurando os antebraços.

— Que a paz favoreça a sua espada — saudou Uno, seguido por Ragan.

— Que a paz favoreça o Lorde Dragão — respondeu o homem —, e que a Luz dele nos ilumine a todos. — Nynaeve arquejou. Não havia dúvida do significado daquilo: o *Lorde Dragão* era a fonte da Luz. E ele tinha coragem de falar da blasfêmia dos outros! — Decidiram finalmente vir à Luz?

— Nós andamos na Luz — retrucou Ragan, cauteloso. — Como sempre. — Uno se manteve calado, o rosto inexpressivo.

Um ar de paciência desgastada dava um aspecto estranho às feições amargas de Masema.

— Não há outro caminho para a Luz que não através do Lorde Dragão. No fim, vocês vão ver o caminho e a verdade, pois já viram o Lorde Dragão, e só aqueles cujas almas estão engolidas pela Sombra é que podem ver e não acreditar. Vocês não são desse tipo. Vão acreditar.

Apesar do calor e do xale de lã, os braços de Nynaeve ficaram arrepiados. O homem falava com plena convicção, e, assim de perto, ela enxergava naqueles olhos negros um lampejo que beirava a loucura. Ele a varreu com os olhos, e seus joelhos se enrijeceram. O homem fazia o Manto-branco mais raivoso que já vira parecer meigo. Aqueles sujeitos na viela não passavam de uma débil imitação do mestre.

— Você, mulher. Está pronta para vir para a Luz do Lorde Dragão e abandonar o pecado e a carne?

— Eu caminho na Luz o melhor que posso. — Nynaeve se irritou ao se ver falando com tanta cautela quanto Ragan. Pecado? Quem ele pensava que era?

— Você está preocupada demais com a carne. — O olhar de Masema era fulminante ao percorrer o vestido vermelho e o xale enrolado bem apertado em torno do corpo.

— E o que você quer dizer com isso? — Os olhos de Uno se arregalaram de surpresa, e Ragan gesticulou discretamente para ela se calar, mas a chance de Nynaeve parar era a mesma de sair voando. — Acha que tem direito de dizer como eu devo me vestir? — Antes que se desse conta do que estava fazendo, já havia desamarrado o xale e o enrolado nos cotovelos. Estava calor demais, de qualquer jeito. — Homem *nenhum* tem esse direito, nem sobre mim e nem sobre qualquer outra mulher! Se eu decidisse sair *nua*, isso não seria da sua conta!

Masema contemplou o busto de Nynaeve por um momento — nenhum quê de admiração se acendeu em seus olhos profundos, apenas um desdém ácido —, e então levantou o olhar para o rosto. O olho verdadeiro e o olho pintado de Uno estavam combinando à

perfeição, uma careta reprovadora, e Ragan se encolheu, por certo resmungando sozinho em seus pensamentos.

Nynaeve engoliu em seco. Não prestou muita atenção no que disse, afinal. Talvez, pela primeira vez na vida, estava realmente arrependida por ter falado sem pensar. Se aquele homem era capaz de ordenar que mãos fossem amputadas e pessoas, enforcadas, e só com um julgamento superficial, o que mais não faria? Ela achava que estava com raiva suficiente para canalizar.

Mas, se canalizasse… Se Moghedien ou qualquer uma das irmãs Negras *estivesse* em Samara… *Mas se eu não canalizar…!* Queria muito tornar a enrolar o xale em volta do corpo, até o queixo. Mas não com ele encarando-a. Alguma coisa no fundo da mente lhe gritava que não agisse como uma completa cabeça oca — só os homens deixavam o orgulho se sobrepor ao bom senso —, mas Nynaeve devolveu o olhar de Masema, mesmo que tenha tido que ficar atenta para não voltar a engolir em seco.

Ele franziu os lábios.

— Estas roupas só são usadas para incitar os homens, e por nenhum outro motivo. — Ela não entendia como a voz dele podia ser tão fervorosa e tão gélida ao mesmo tempo. — Pensar na carne distrai a mente do Lorde Dragão e da Luz. Já considerei banir vestidos que distraiam os olhos e a mente dos homens. Mas deixe que essas mulheres que perdem tempo atraindo homens e os homens que perseguem mulheres sejam flagelados até se darem conta de que é só na perfeita contemplação do Lorde Dragão e da Luz que a alegria pode ser encontrada. — Ele já não olhava mais para ela. Aquele olhar sombrio e ardente a atravessava, buscando algo distante. — Deixe que as tavernas, os estabelecimentos que vendem bebidas fortes e todos os lugares que tiram a mente das pessoas dessa perfeita contemplação fecharem e queimarem até serem destruídos. Frequentei lugares assim nos meus dias de pecado, mas agora me arrependo de coração, assim como todos deveriam se arrepender de suas transgressões. Só há o Lorde Dragão e a Luz! Todo o resto é uma ilusão, uma cilada armada pela Sombra!

— Esta é Nynaeve al'Meara — afirmou Uno, mais do que depressa, na primeira pausa que o homem fez para respirar. — De Campo de Emond, em Dois Rios, de onde vem o Lorde Dragão. — A cabeça de Masema se virou devagar para o caolho, e ela aproveitou a oportunidade para rearrumar depressa o xale. — Ela estava em Fal Dara com o Lorde Dragão, e em Falme. O Lorde Dragão resgatou-a em Falme. O Lorde Dragão a tem como uma mãe.

Nynaeve quis lhe dizer mais alguns impropérios, e talvez acrescentar uma boa bofetada na orelha. Rand *não* a resgatara — ou não exatamente, enfim — e ela era só alguns poucos anos mais velha

que ele. Como uma mãe!

Masema voltou a se virar para ela. A luz zelosa que antes ardera em seus olhos não era nada comparada com a de agora. Eles quase brilhavam.

— Nynaeve. Sim. — A voz dele se acelerou. — Sim! Eu me lembro do seu nome e do seu rosto. Abençoada seja você entre as mulheres, Nynaeve al'Meara, mais que nenhuma outra, exceto a própria abençoada mãe do Lorde Dragão, já que você viu o Lorde Dragão crescer. Você cuidou do Lorde Dragão criança. — Ele a agarrou pelos braços, os dedos firmes apertando-a dolorosamente, mas o homem parecia não se dar conta. — Você vai falar para as multidões sobre a infância do Lorde Dragão, sobre suas primeiras palavras sábias, sobre os milagres que o acompanharam. A Luz a enviou aqui para servir ao Lorde Dragão.

Ela não sabia ao certo o que dizer. Nunca houvera milagres em torno de Rand que *ela* tivesse visto. *Ouvira* falar de algumas coisas em Tear, mas não se podia chamar o que um *ta'veren* causava de milagres. Não mesmo. Até o que acontecera em Falme tinha uma explicação racional. Mais ou menos. E, quanto a palavras sábias, as primeiras que ouvira dele fora uma promessa fervorosa de nunca mais atirar pedras em ninguém, feita depois que ela dera umas palmadas em seu jovem traseiro por conta da transgressão. Não achava que, desde então, tivesse ouvido alguma outra palavra que chamaria de sábia. De todo modo, se Rand tivesse dado conselhos sábios desde o berço, mesmo que cometas tivessem surgido à noite e espíritos no céu de dia, ela não teria permanecido na companhia daquele maluco.

— Preciso viajar rio abaixo — informou, hesitante. — Para me juntar a ele. Ao Lorde Dragão. — O nome deixou um gosto amargo em sua língua, pronunciado cedo demais depois de ela prometer a si mesma que não o chamaria assim. Mas parecia que Rand nunca era tratado por algo tão simples quanto um mero "ele" pelo Profeta. *Só estou sendo sensata. Só isso.* "Um homem é um carvalho; uma mulher, um salgueiro", dizia o ditado. O carvalho lutava contra o vento e se quebrava, enquanto o salgueiro se curvava quando precisava e sobrevivia. Não significava que ela gostava de se curvar. — Ele… o Lorde Dragão… está em Tear. O Lorde Dragão me convocou a ir até lá.

— Tear. — Masema a soltou, e Nynaeve, discretamente, esfregou os braços. Mas nem precisava ter sido discreta. O homem tinha voltado a olhar para algo fora do alcance da vista. — Sim, ouvi falar. — Também falava para algo fora do alcance da vista, ou para si mesmo. — Quando Amadícia aderir ao Lorde Dragão, como fez Ghealdan, vou conduzir as pessoas a Tear para que se regozijem no esplendor do Lorde Dragão. Enviarei discípulos para espalhar a

palavra do Lorde Dragão por Tarabon e Arad Doman até Saldaea, Kandor e as Terras da Fronteira, até Andor, e vou conduzir as pessoas para se ajoelhar aos pés do Lorde Dragão.

— Um plano sábio… hã… ó Profeta do Lorde Dragão. — Um plano dos mais tolos, isso sim. O que não queria dizer que não fosse funcionar. Por algum motivo, os planos tolos dos homens costumavam dar certo. Rand poderia até gostar de ter toda aquela gente se ajoelhando, caso tivesse metade da arrogância que Egwene afirmava. — Mas nós… eu não posso esperar. Fui convocada, e, quando o Lorde Dragão convoca, meros mortais devem obedecer. — Ainda ia dar uma bofetada na orelha de Rand por ter sido obrigada a dizer aquilo! — Tenho que encontrar um barco que esteja para descer o rio.

Masema encarou-a por tanto tempo que ela começou a ficar nervosa. O suor lhe escorria pelas costas e entre os seios, e só em parte por causa do calor. Aquele olhar teria feito até Moghedien suar.

Por fim, o homem assentiu, o fanatismo ardente desaparecendo para dar lugar apenas à carranca sorumbática.

— Sim. — Ele suspirou. — Se você foi convocada, deve ir. Vá com a Luz, e na Luz. Vista-se de maneira mais apropriada, pois os que já estiveram perto do Lorde Dragão precisam ser mais virtuosos que todos os demais, e medite sobre o Lorde Dragão e a Luz.

— E um barco? — insistiu Nynaeve. — Você deve ficar sabendo sempre que um barco chega em Samara ou em qualquer vilarejo ao longo do rio. Se me disser onde posso encontrar um, tornaria minha jornada muito mais… rápida. — Ela ia dizer “mais fácil”, mas achou que Masema não se importaria muito com facilidades.

— Eu não me preocupo com esse tipo de coisa — retrucou ele, mal-humorado. — Mas você tem razão. Quando o Lorde Dragão ordena, é preciso ser pontual. Vou perguntar. Se uma embarcação for localizada, alguém vai acabar me informando. — Os olhos dele pularam para os dois outros homens. — Vocês devem garantir que ela fique em segurança até lá. Caso insista em se vestir desta maneira, vai atrair homens de pensamentos vis. Ela precisa ser protegida, feito uma criança desobediente, até que possa reencontrar o Lorde Dragão.

Nynaeve se segurou para não dizer nada. Um salgueiro, não um carvalho, quando era preciso ser um salgueiro. Conseguiu mascarar a irritação com um sorriso tão grato quanto aquele idiota esperava. Um idiota perigoso, no entanto. Ela precisava se lembrar disso.

Uno e Ragan se despediram depressa com mais apertos de antebraço e levaram-na embora às pressas, um segurando em cada braço, como se achassem que era necessário afastá-la rápido de Masema, por algum motivo. O homem parecia já ter se esquecido dos três antes mesmo que chegassem à porta; estava franzindo o rosto para o sujeito magricela, que esperava ao lado de um camarada rústico

trajando um casaco de fazendeiro e amassando a boina com as mãos robustas, com uma expressão admirada no rosto largo.

Nynaeve não disse nenhuma palavra enquanto refaziam os passos pela cozinha, onde a mulher de cabelo grisalho mexia a sopa como se não tivesse se movido durante aquele ínterim. Permaneceu de bico calado enquanto os homens recuperavam as armas, mantendo-se em silêncio até já estarem caminhando pela viela e depois em algo cuja largura se aproximava da de uma rua. Então, partiu para cima dos dois, sacudindo o dedo diante do nariz de cada um alternadamente.

— Como ousam me *arrastar* para fora daquele jeito? — As pessoas que passavam abriam sorrisos, os homens com pesar, e as mulheres com aprovação, embora ninguém tivesse a mínima ideia do motivo da briga. — Mais cinco minutos e eu teria obrigado aquele homem a encontrar um barco hoje mesmo! Se vocês tornarem a encostar as mãos em mim…! — Uno bufou tão alto que ela se interrompeu com o susto.

— Mais cinco malditos minutos e Masema é que teria posto as malditas mãos em *você*. Ou teria dito que alguém deveria fazer isso, e então algum chamejado teria feito! Quando ele diz que alguma coisa deve ser feita, sempre tem cinquenta mãos, ou cem, ou mil, se for preciso, para obedecer!

Ele saiu andando a passos largos, Ragan ao lado, e ela precisou acompanhar, ou ficaria para trás. Uno seguiu em frente como se soubesse que ela viria. Nynaeve quase foi na direção oposta só para provar que ele estava enganado. Segui-lo não tinha nada a ver com qualquer medo de se perder naquele ninho de rato em forma de ruas. Ela teria sido capaz de encontrar a saída. Em algum momento.

— Ele ordenou que um Lorde do Alto Conselho da Coroa fosse chicoteado… chicoteado!… e por ter só metade da insolência que você tinha na voz — rosnou o caolho. — Desacato à palavra do Lorde Dragão, segundo ele. Paz! Questionar que direito ele tinha de comentar das suas roupas! Por alguns minutos, você até se saiu bastante bem, mas eu vi a sua cara no final. Estava pronta para partir de novo para o ataque. A única coisa pior que poderia ter feito seria dizer o maldito nome do Lorde Dragão. Ele diz que é blasfêmia. Assim como dizer o nome do desgraçado do Tenebroso.

O coque de Ragan balançava conforme ele assentia.

— Lembra a Lady Baelome, Uno? Logo depois que os primeiros boatos chegaram de Tear citando o nome do Lorde Dragão, Nynaeve, ela disse algo sobre “esse tal de Rand al’Thor” em uma audiência com Masema, e ele mandou trazer um machado e um cepo sem nem hesitar.

— Ele mandou decapitar uma pessoa só por *isso*? — questionou ela, incrédula.

— Não — resmungou Uno com desgosto. — Mas só porque a maldita rastejou quando percebeu que o desgraçado estava falando sério. Ela foi carregada para fora e pendurada pelos pulsos na traseira da própria carruagem, e então arrastada por toda a maldita extensão do vilarejo onde estávamos. Os próprios empregados dela, aquele bando de chamejados, ficaram parados feito um monte de fazendeiros covardes e só assistiram.

— Quando acabou — acrescentou Ragan —, ela agradeceu Masema por sua misericórdia, como Lorde Aleshin fez. — O tom de voz do homem era afiado demais para o gosto dela. Ele estava dando uma lição de moral e pretendia que Nynaeve aprendesse. — Eles tinham motivo, Nynaeve. Suas cabeças não teriam sido as primeiras que Masema colocou em uma estaca. A sua poderia ter sido a mais recente. E as nossas iriam junto, se tentássemos oferecer ajuda. Masema não tem favoritos.

Ela respirou fundo. Como Masema podia ter todo esse poder? E não só entre seus seguidores, pelo visto. Mas, por outro lado, lordes ou ladies podiam ser tão tolos quanto qualquer fazendeiro. Grande parte deles era até mais, na opinião dela. Aquela idiota cheia de anéis certamente era uma lady. Mercador algum jamais usaria gotas de fogo. Contudo, Ghealdan com certeza tinha leis, tribunais e juízes. Onde estava a rainha, ou o rei? Nynaeve não lembrava qual dos dois Ghealdan possuía. Ninguém em Dois Rios tinha muito contato com reis ou rainhas, mas era para isso que eles serviam, eles e seus lordes e ladies: fazer com que a justiça fosse razoavelmente cumprida. Mas o que Masema fazia ali não era da conta dela. Nynaeve tinha problemas mais importantes com que se preocupar do que um bando de imbecis que permitiam que um louco os dominasse.

Ainda assim, a curiosidade a fez falar.

— Ele falou sério ao dizer aquilo de tentar fazer com que homens e mulheres parem de se olhar? O que ele acha que vai acontecer se não houver casamentos, não houver filhos? Depois vai fazer as pessoas pararem de cultivar, tecer, ou fabricar sapatos, para que possam pensar em Rand al'Thor? — Ela mencionou o nome de forma deliberada. Aqueles dois andavam por aí chamando-o de "Lorde Dragão" quase tanto quanto Masema. — Vou dizer uma coisa para vocês: se ele tentar ficar dizendo para as mulheres como devem se vestir, *vai* arrumar um tumulto. Contra ele.

Samara devia ter algo parecido com um Círculo das Mulheres. A maioria dos lugares tinha, mesmo que o chamassem de outro nome, mesmo que não fosse um tipo de arranjo formal. Havia certas coisas das quais os homens simplesmente não podiam cuidar. Claro que elas repreendiam mulheres por usarem roupas inapropriadas, mas não era o mesmo que meter o bedelho no assunto. As mulheres não se metiam

em assuntos dos homens, pelo menos não mais que o necessário, e os homens não deveriam se meter em questões femininas.

— E não acho que os homens vão reagir muito diferente caso ele tente fechar tavernas e coisas do tipo. Nunca conheci um homem que não choraria até dormir se não pudesse enfiar o nariz em uma caneca, de vez em quando.

— Talvez ele faça — ponderou Ragan —, talvez não. Às vezes ele dá ordens e às vezes se esquece, ou só deixa para lá, porque alguma coisa mais importante acaba surgindo. Você ficaria surpresa — acrescentou ele, seco — com o que os seguidores de Masema são capazes de aceitar sem reclamar.

Ele e Uno a flanqueavam, Nynaeve percebeu, e observavam com cautela o povo na rua. Até para ela, os dois pareciam prontos para sacar as espadas em um piscar de olhos. Se de fato estivessem pensando em levar a cabo as instruções de Masema, seria melhor repensarem.

— Ele não é contra o casamento — rosnou Uno, encarando com tanta firmeza um mascate que carregava tortas de carne em uma bandeja que o homem se virou e saiu correndo sem nem pegar as moedas de duas mulheres que tinham comprado tortas. — Você tem sorte de ele não ter lembrado que você não tem marido, ou poderia ter lhe enviado para o Lorde Dragão já com um. Ele às vezes seleciona trezentos ou quatrocentos homens solteiros e a mesma quantidade de mulheres e casa todos os malditos. A maioria não se conhece nem de vista antes do tal dia. Se esses rola-bosta da tripa mole não dão um maldito pio a respeito disso, você acha que eles vão abrir as malditas bocas para reclamar de cerveja?

Ragan resmungou alguma coisa para si mesmo, mas Nynaeve compreendeu o suficiente para estreitar os olhos. “Tem homem que não sabe a maldita sorte que *tem*”, foi o que disse. O homem nem percebeu o olhar fuzilante dela. Estava ocupado demais examinando a rua, vigiando alguém que poderia tentar roubá-la que nem um porco em uma saca. Nynaeve estava meio tentada a tirar o xale e jogá-lo fora. Ele também pareceu não ouvi-la bufar. Os homens tinham a capacidade de ser insuportavelmente cegos e surdos quando queriam.

— Pelo menos ele não tentou roubar minhas joias. Quem era aquela tola que deu para ele todas as joias dela? — Nynaeve não tinha certeza se a mulher havia se tornado uma das seguidoras de Masema.

— Aquela — respondeu Uno — era Alliandre, Abençoada da Luz, Rainha da Ghealdan. E mais uma dúzia de outros títulos, desses que vocês, sulistas, gostam de acumular.

Nynaeve tropeçou em um paralelepípedo e quase caiu.

— Então é assim que ele faz — exclamou, afastando as mãos dos dois, que tentavam ajudá-la. — Se a *rainha* é tola o bastante para dar

ouvidos a ele, não me surpreende Masema conseguir fazer o que bem entende.

— Nada de tola — retrucou Uno, olhando-a com seriedade antes de voltar a observar a rua. — É uma mulher sábia. Quando você se vê se em um maldito cavalo selvagem, cavalga o maldito bicho do que jeito que dá, e nem precisa ser um prodígio de inteligência para fazer isso. Você acha que ela é uma tola só porque Masema pegou os anéis dela? Ela na verdade é esperta, porque sabe que Masema poderia exigir mais, se ela parasse de usar joias quando fosse falar com ele. Na primeira vez, ele a procurou, e desde então tem sido o contrário. Ele foi logo tirando os anéis dos dedos da chamejada. A mulher tinha cordões com pérolas no cabelo, e ele arrebentou os fios quando puxou. Todas as damas dela ficaram de joelhos, recolhendo os malditos objetos do chão. A própria Alliandre até chegou a pegar alguns.

— Isso não me soa tão sábio — disse ela, resoluta. — Soa como covardia. — *De quem eram os joelhos que estavam tremendo só com um olhar dele?*, perguntou uma voz na cabeça de Nynaeve. *Quem estava suando em bicas?* Pelo menos ela conseguira confrontá-lo. *Confrontei. Curvar-se feito um salgueiro não é a mesma coisa que se acuar feito um rato.* — Ela é a rainha, ou não?

Os dois homens se entreolharam daquele jeito irritante, e Ragan respondeu, tranquilo:

— Você não entende, Nynaeve. Alliandre é a quarta a se sentar no Trono Abençoado Pela Luz desde que chegamos a Ghealdan, o que não chega nem a meio ano. Johanin usava a coroa quando Masema começou a atrair algumas multidões, mas ele achou que Masema fosse um maluco inofensivo e não fez nada nem quando as multidões se avolumaram e os próprios nobres dele alertaram que ele devia dar um fim àquilo. Johanin morreu em um acidente em uma caçada…

— Acidente em uma caçada?! — interrompeu Uno, sorrindo com desdém. Um mascate que estava olhando por acaso para ele deixou cair a bandeja com alfinetes e agulhas. — Só se ele não soubesse diferenciar a maldita ponta de uma lança javalis do cabo. Esses malditos desses sulistas e esse maldito Jogo das Casas!

— E Ellizelle o sucedeu — retomou Ragan. — Ela mandou o exército dispersar as multidões, até que finalmente aconteceu uma batalha, e foi o exército que bateu em retirada.

— Uns soldadinhos de merda — resmungou Uno. Nynaeve teria que falar com ele de novo sobre aquele linguajar.

Ragan assentiu, mas continuou:

— Dizem que Ellizelle tomou veneno depois disso, mas, não importa como morreu, foi substituída por Teresia. Teresia durou só dez dias, até mandar dois mil soldados contra as dez mil pessoas que tinham se reunido na parte externa de Jehannah para ouvir Masema.

Depois que os soldados foram derrotados, ela abdicou para se casar com um mercador rico. — Nynaeve o encarou, incrédula, e Uno bufou. — Isso é o que dizem. Claro que, nesta terra, casar-se com um plebeu significa abrir mão para sempre de qualquer reivindicação ao trono, e mesmo que Beron Goraed goste de ter uma esposa jovem e bela com sangue real, ouço por aí que ele foi arrastado da cama por um grupo de vinte empregados de Alliandre e levado ao Palácio Jheda para um casamento nas primeiras horas da manhã. Teresia foi embora para viver na nova propriedade rural do marido enquanto Alliandre estava sendo coroada, tudo antes do nascer do sol, e a nova rainha convocou Masema ao palácio para lhe dizer que ele não seria mais importunado. Em duas semanas, era *ela* que estava indo até *ele*. Não sei se acredita de fato no que ele prega, mas sei que ela assumiu o trono de uma terra à beira de uma guerra civil, com Mantos-brancos prontos para invadir, e interrompeu o processo da única maneira que pôde. É uma rainha sábia, e um homem poderia se orgulhar de servi-la, ainda que ela seja uma sulista.

Nynaeve abriu a boca, mas se esqueceu do que ia dizer quando Uno se adiantou, em tom casual:

— Tem um chamejado de um Manto-branco nos seguindo. Não olhe para os lados, mulher. Você tem mais maldito juízo que isso.

O pescoço dela se enrijeceu pelo esforço de manter os olhos voltados para a frente. Sentiu um formigamento subindo pelas costas.

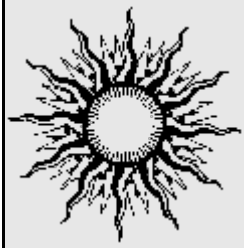
— Vire na próxima rua, Uno.

— Isso vai nos afastar das ruas principais e dos malditos portões. Podemos perder o desgraçado no meio das multidões.

— Vire! — Ela inspirou devagar, o que deixou sua voz menos esganiçada. — Preciso dar uma olhada nele.

Uno encarava a todos com tanta fúria que as pessoas abriram caminho por umas dez passadas à frente, mas eles viraram na ruela seguinte. Nynaeve virou um pouco a cabeça na hora em que dobraram, o suficiente para espreitar com o canto do olho antes que o muro de uma pequena taverna de pedra bloqueasse a visão. O manto cor de neve com o sol flamejante se destacava em meio à parca multidão. Não havia como confundir aquele rosto bonito, o rosto que ela tivera certeza de que veria. Nenhum Manto-branco que não fosse Galad teria motivo para segui-la, e nenhum outro teria motivo para seguir Uno ou Ragan.

40



O que a Roda tecer

Assim que Galad sumiu de vista, os olhos de Nynaeve percorreram a rua à frente. Estava furiosa, tanto consigo mesma quanto com Galadedrid Damodred. *Nynaeve, sua cabeça de vento imbecil!* Era uma via estreita como todas as demais, pavimentada com pedras redondas, ladeada por fileiras de casas, tavernas e lojas cinzentas, e com a movimentação menos intensa do período da tarde. *Se você não tivesse vindo até a cidade, ele nunca a teria encontrado!* Não havia gente suficiente para escondê-la. *Você* tinha *que se encontrar com o Profeta! Só você para acreditar que* o Profeta *lhe ajudaria a sumir daqui antes que Moghedien aparecesse! Quando vai aprender que não pode depender de ninguém, só de si mesma?* Em um instante, fez sua escolha. Quando Galad virasse aquela esquina e não os visse, começaria a procurar em lojas e talvez em tavernas.

— Por aqui. — Segurando as saias, ela disparou em direção à viela mais próxima e pressionou as costas contra a parede.

Ninguém prestou atenção nela, mesmo com aquele comportamento suspeito, e o que isso dizia sobre o povo de Samara era algo que não queria nem considerar. Uno e Ragan estavam ao seu lado antes mesmo que terminasse de se acomodar, empurrando-a ainda mais para dentro da viela empoeirada, para trás de um balde lascado e de um barril coletor de água da chuva tão seco que estava a ponto de ruir sob os próprios aros. Pelo menos os dois estavam fazendo o que ela queria. De certa maneira. Com as mãos tensas nos longos punhos das espadas embainhadas despontando acima dos ombros, eles estavam prontos para protegê-la, desejasse ela ou não. *Deixe os homens, sua tola! Acha que consegue se proteger sozinha?*

Nynaeve decerto estava com raiva suficiente. Galad, dentre todas aquelas pessoas! Nunca deveria ter saído de perto do conjunto! Um capricho bobo, e que poderia pôr tudo a perder. Não podia canalizar ali, tanto quanto não pudera contra Masema. A simples possibilidade de que Moghedien ou as irmãs Negras estivessem em Samara a tornava dependente da proteção dos dois homens. E isso era o

bastante para deixá-la com ainda mais raiva. Nynaeve poderia ter aberto um buraco na parede atrás de si a dentadas. Sabia por que as Aes Sedai tinham Guardiões — menos as Vermelhas. Racionalmente, ela sabia. Mas sua alma só queria rosnar.

Galad apareceu, abrindo caminho devagar pelo meio do povo nas ruas, os olhos varrendo a multidão esparsa. Ele deveria ter seguido em frente — deveria —, mas, quase de imediato, seu olhar parou na viela. Neles. Não teve nem a elegância de parecer contente ou surpreso.

Uno e Ragan se moveram em sincronia quando Galad foi na direção da viela. O caolho desembainhou a espada em um piscar de olhos, e Ragan foi um pouco mais lento por ter de fazer uma pausa para empurrar Nynaeve mais para dentro da passagem estreita. Os dois se posicionaram um atrás do outro. Se Galad passasse por Uno, ainda precisaria enfrentar Ragan.

Nynaeve rangeu os dentes. Poderia tornar todas aquelas espadas desnecessárias, inúteis. Conseguia sentir a Fonte Verdadeira feito uma luz invisível acima de seus ombros, esperando ser agarrada. Poderia. Se ousasse.

Galad parou na boca da viela, o manto jogado para trás, uma das mãos repousando serenamente no punho da espada, gracioso e pronto para o ataque. Não fosse pela armadura escovada, poderia estar num baile.

— Não quero matar nenhum de vocês dois, shienarano — disse calmamente para Uno.

Nynaeve ouvira Elayne e Gawyn falarem a respeito das habilidades de Galad com a espada, mas aquela era a primeira vez que pensava que ele de fato podia ser tão bom quanto diziam. Pelo menos *ele* achava que era. Dois soldados experientes com as lâminas à mostra, e ele os encarava como um cão de caça encararia um par de cães de menor porte; sem procurar briga, mas com absoluta confiança de que era capaz de dar conta dos dois. Sem jamais afastar o olhar dos homens, Galad dirigiu-se a ela:

— Outra pessoa teria ido para uma loja ou uma estalagem, mas você nunca faz o esperado. Vai me deixar falar com você? Não há necessidade de me obrigar a matar estes dois.

Nenhum dos pedestres estava parando, mas, mesmo com três homens lhe bloqueando a visão, Nynaeve enxergava cabeças se virando para dar uma olhadela no que teria atraído o Manto-branco. E para simplesmente admirar as espadas. Boatos estariam brotando em todas aquelas cabeças e alçando voo com uma velocidade que faria um falcão parecer lento.

— Deixem o homem passar — ordenou Nynaeve.

Ao ver que Uno e Ragan nem se mexeram, repetiu a ordem com ainda mais firmeza. Foi então que, hesitantes, ambos se afastaram

para o lado, tanto quanto a viela estreita permitia. E, ainda que nenhum deles tenha dito uma só palavra, havia entre os homens um quê de reclamação. Galad se aproximou tranquilamente, parecendo esquecer os shienaranos. Nynaeve suspeitava que acreditar naquilo seria um erro. Os homens de coque claramente não acreditavam.

Exceto por um dos Abandonados, Nynaeve não imaginava que homem gostaria menos de ter à sua frente no momento, mas, com aquele rosto diante dela, estava conscientíssima da própria respiração, da própria pulsação. Era ridículo. Por que aquele sujeito não podia ser feio? Ou ao menos comum.

— Você sabia que eu sabia que você estava nos seguindo. — O tom de acusação foi intenso, embora ela não tivesse certeza do que o estava acusando. De não fazer o que ela esperara e desejara, imaginou, com pesar.

— Presumi isso assim que a reconheci, Nynaeve. Lembro que você geralmente enxerga mais do que demonstra.

Ela não permitiria que o homem a distraísse com elogios. Bastava ver no que aquilo dera com Valan Luca.

— O que você está fazendo em Ghealdan? Achei que estivesse a caminho de Altara.

Por um momento, ele a encarou com aqueles belos olhos escuros, e então, de repente, gargalhou.

— No mundo inteiro, Nynaeve, só você me faria a pergunta que eu deveria estar lhe fazendo. Muito bem, eu vou responder, ainda que devesse ser o contrário. Eu de fato tinha ordens para ir a Salidar, em Altara, mas tudo mudou quando este tal de Profeta… Qual é o problema? Está passando mal?

Nynaeve se forçou a suavizar a expressão.

— Claro que não — respondeu, irritada. — Minha saúde está ótima, muitíssimo obrigada.

Salidar! Claro! Aquele nome foi como um dos malabares de fogo de Aludra explodindo em sua mente. Quebrara tanto a cabeça, e Galad lhe entrega por acaso o que ela não dera conta de desencavar sozinha. Se ao menos Masema conseguisse encontrar logo um barco… Se ao menos ela pudesse ter certeza de que Galad não lhes trairia… Sem permitir que Uno e Ragan o matassem, claro. Apesar do que Elayne dizia, Nynaeve não achava que a garota gostaria de ver o irmão morto. E havia pouca chance de que ele acreditasse que Elayne não estava com ela.

— Estou apenas surpresa por encontrá-lo aqui.

— Não é uma surpresa tão grande quanto a que eu tive quando soube que vocês tinham dado um jeito de ir embora de Sienda. — A severidade distorcia um pouco aquele rosto bonito, mas o tom de voz compensava. Em certo nível. Galad poderia estar dando um sermão

em uma garotinha que saíra escondida de casa depois do horário de dormir só para subir em uma árvore. — Eu quase morri de preocupação. O que deu em vocês, sob a Luz? Fazem ideia do risco que correram? E vir para cá, ainda por cima. Elayne sempre escolhe encilhar um cavalo quando ele já está galopando, se puder, mas eu achei que você, pelo menos, tinha mais juízo. Este tal de Profeta… — Ele se interrompeu e encarou os dois homens. Uno cravara a ponta da espada no chão, as mãos cheias de cicatrizes entrelaçadas sobre o pomo. Ragan parecia estar única e exclusivamente inspecionando o fio da lâmina.

— Eu ouvi boatos — prosseguiu Galad, devagar — de que ele é shienarano. Não é possível você ter sido tão cabeça oca a ponto de se misturar com ele. — Havia questionamentos demais naquelas palavras, para o gosto de Nynaeve.

— Nenhum deles é o Profeta, Galad — retrucou ela com ironia. — Já conheço os dois há algum tempo, posso lhe garantir. Uno, Ragan, a menos que vocês pretendam cortar as unhas dos pés, guardem estes troços. E então? — Os homens hesitaram, Uno resmungando sozinho e cravando os olhos nela, mas, por fim, acabaram obedecendo. Homens costumavam reagir a uma voz firme. A maioria. Algumas vezes.

— Não pensei que fossem, Nynaeve. — O tom de voz de Galad, ainda mais seco que o dela, a deixou arrepiada, mas, quando prosseguiu, seu ar parecia mais de irritação que de superioridade. E de preocupação. O que a deixou ainda mais arrepiada, claro. *Ele* lhe causava palpitações, e *ele* tinha a coragem de ficar preocupado. — Não sei no que você e Elayne se meteram aqui, e nem quero saber, desde que eu consiga tirar vocês duas deste lugar antes que se machuquem. O comércio no rio está devagar, mas um barco apropriado, de qualquer tipo, deve chegar nos próximos dias. Trate de me dizer onde posso encontrar vocês, e eu garanto a viagem até algum ponto de Altara. De lá, vocês vão poder seguir caminho até Caemlyn.

Ela ficou boquiaberta a contragosto.

— Você pretende encontrar um navio para nós?

— É tudo o que eu posso fazer no momento. — Seu tom era de quem pedia desculpas. Então, sacudiu a cabeça, se autocensurando. — Não tenho como escoltá-las até estarem seguras. Minha obrigação é ficar aqui.

— Não queremos afastá-lo das suas obrigações — respondeu ela, meio ofegante. Se ele quisesse interpretar mal, que fosse. O melhor que ela torcera para acontecer era que ele as deixasse em paz.

Galad achou que precisava se defender.

— Mandar vocês para lá sozinhas não é nada seguro, mas uma embarcação vai levá-las embora antes que um conflito exploda na fronteira. E isso vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. Basta uma

centelha, e com certeza o Profeta vai acendê-la, caso ninguém mais o faça. Vocês precisam dar um jeito de ir até Caemlyn, você e Elayne. Só peço que me prometam que irão para lá. A Torre não é lugar para nenhuma das duas. Nem para… — Galad trincou os dentes, mas poderia muito bem ter citado o nome de Egwene.

Mal não faria se Galad também estivesse em busca de um barco. Se Masema se esquecia de fechar ou não tavernas, também poderia se esquecer de mandar alguém encontrar um barco. Sobretudo se achasse que um conveniente rompante de esquecimento pudesse manter Nynaeve por perto para levar adiante seus próprios planos. Mal não fazia… caso pudesse confiar em Galad. Se não, precisaria torcer para que ele não fosse tão bom com a espada quanto achava que era. Era um pensamento desagradável, mas não tanto quanto o que poderia acontecer, e aconteceria, caso o homem se provasse um traidor.

— Eu sou o que sou, Galad, e o mesmo vale para Elayne. — Ser cuidadosa com Masema deixara um gosto ruim na boca de Nynaeve. Um pouco de esquiva à moda da Torre Branca era o máximo que podia fazer. — E agora você é o que é. — Ela ergueu as sobrancelhas indicando o manto branco dele. — Eles odeiam a Torre e odeiam mulheres que sabem canalizar. Agora que é um deles, por que eu não deveria pensar que vai haver cinquenta iguais a você atrás de mim daqui a menos de uma hora, tentando enfiar uma flecha nas minhas costas caso não consigam me arrastar para uma cela? Arrastar a mim e a Elayne também.

Irritado, Galad sacudiu a cabeça. Ou talvez estivesse ofendido.

— Quantas vezes eu tenho que repetir? Eu jamais deixaria minha irmã em perigo. Nem você.

Nynaeve achou bem irritante notar que ficara chateada com aquela pausa, deixando claro que ela só fora acrescentada depois. Não era nenhuma boba, daquelas que perdiam a sensatez por um par de olhos doces e incrivelmente penetrantes ao mesmo tempo.

— Se você diz — afirmou ela, fazendo-o voltar a balançar a cabeça.

— Me diga onde vocês estão hospedadas e eu darei um jeito de ir avisar ou mandar um recado assim que encontrar um barco adequado.

Se Elayne tivesse razão, Galad era tão capaz de mentir quanto uma Aes Sedai que tivesse feito os Três Juramentos, mas, ainda assim, Nynaeve hesitou. Qualquer erro ali poderia ser seu último. Ela tinha direito de correr riscos sozinha, mas aquele também envolvia Elayne. E Thom e Juilin, aliás. Independentemente do que quisessem pensar, ambos ainda eram responsabilidade dela. Mas Nynaeve estava ali, e a decisão teria de ser dela. Não que fosse ser diferente de qualquer jeito, para dizer a verdade.

— Pela Luz, mulher, o que mais você quer de mim? — rosnou

Galad, erguendo as mãos como se quisesse segurá-la pelos ombros. A lâmina de Uno surgiu entre eles feito um raio de aço reluzente, mas o irmão de Elayne apenas a afastou para o lado como se fosse um galho, sem dar muita importância. — Não quero machucá-la, nem agora nem nunca. Juro pelo nome da minha mãe. Você não diz que é o que é? Eu sei o que você é. E o que não é. Pode ser que metade da razão para eu usar isto — Galad tocou o manto cor de neve — seja a Torre ter mandado vocês embora, você, Elayne e Egwene, por só a Luz sabe o quê, mesmo vocês sendo o que são. Foi como mandar um garoto que acabou de aprender a manejar uma espada para a batalha, e eu nunca vou perdoá-las por isso. Ainda há tempo para vocês desistirem. Não precisam empunhar essa espada. A Torre é perigosa demais para você ou para a minha irmã, ainda mais agora. Metade do mundo se tornou perigoso demais para vocês! Me deixe ajudá-las a chegarem a um lugar seguro. — Sua voz era firme, embora tivesse adquirido um quê de aspereza. — Eu imploro, Nynaeve. Se acontecesse alguma coisa com Elayne… Quase desejo que Egwene estivesse aqui com vocês, para que eu pudesse… — Passando a mão pelo cabelo, Galad olhou para um lado e para o outro, buscando um jeito de convencê-la. Uno e Ragan tinham as lâminas em riste, mas Galad nem parecia notar. — Em nome da Luz, Nynaeve, me deixe fazer o que eu posso, por favor.

Foi um detalhe que, por fim, fez a balança pender na mente dela: estavam em Ghealdan. Amadícia era o único local em que era crime uma mulher canalizar, e eles estavam na margem oposta do rio. Isso fazia com que só restassem os juramentos de Galad como Filho da Luz para lutar contra o dever dele para com Elayne. Nesse conflito, Nynaeve achou que o sangue venceria. Além disso, ele de fato era bonito demais para que deixasse Uno e Ragan o matarem. Não que isso tenha tido alguma relação com a decisão que tomou, claro.

— Estamos no espetáculo de Valan Luca — confessou ela, por fim.

Galad pareceu aturdido e franziu o cenho.

— No espetáculo de…? Em um dos conjuntos itinerantes, você diz? — Havia um misto de incredulidade e desgosto na voz do homem. — O que, sob a Luz, estão fazendo com esse tipo de companhia? O pessoal que mantém esses espetáculos não é nada diferente de… Deixa para lá. Se estão precisando de umas moedas, eu posso arranjar. O bastante para pôr vocês em uma estalagem decente.

Galad soou como se tivesse certeza de que Nynaeve faria como ele desejava. Não foi um “Posso lhe ajudar com algumas coroas?” ou um “Quer que eu encontre um quarto para vocês?”. Ele achava que elas deveriam ficar em uma estalagem, então era para uma estalagem que elas iriam. O homem a conhecia o suficiente para saber que ela se esconderia em uma viela, mas, ao que parecia, não sabia muito mais que isso. Além do quê, havia motivos para que permanecessem com

Luca.

— Você acha que em Samara há algum quarto, ou mesmo um depósito de feno, que não esteja ocupado? — perguntou ela, um tantinho mais azeda do que pretendia.

— Tenho certeza de que consigo encontrar…

Ela o interrompeu.

— O último lugar em que qualquer pessoa nos procuraria é no meio dos espetáculos. — O último lugar em que qualquer pessoa, exceto Moghedien, pelo menos, procuraria. — Você não concorda que temos que evitar o máximo possível que nos vejam? Se *realmente* encontrasse um quarto, seria muitíssimo provável que tivesse que tirar alguém dele. Um Filho da Luz tão empenhado em garantir um quarto para duas mulheres? Isso atiçaria línguas e atrairia olhares que nem um monte de estrume atrai moscas.

Ele não gostou daquilo, pela careta e pelo olhar que lançou a Uno e Ragan, como se fosse culpa dos dois, mas tinha bom senso suficiente para ver que ela estava certa.

— Não é um lugar adequado para nenhuma das duas, mas provavelmente é mais seguro do que qualquer outro dentro da cidade. Como você pelo menos já concordou com Caemlyn, não toco mais nesse assunto.

Nynaeve se manteve inexpressiva e o deixou pensar o que bem entendesse. Se Galad achava que ela tinha prometido o que não tinha, o problema era dele. Porém, Nynaeve precisava mantê-lo o mais longe possível do espetáculo. Bastaria uma olhadela na irmã com aquelas calças brancas de lantejoulas e a briga eclipsaria qualquer motim que Masema pudesse causar.

— Você vai ter que ficar bem longe do conjunto itinerante, lembre disso. Até encontrar um navio, pelo menos. Aí é só vir aos carroções dos artistas no cair da noite e perguntar por Nana. — Ele gostou menos ainda dessa parte, se é que era possível, mas ela o alertou com firmeza. — Não vi um único Filho da Luz por perto de nenhum dos espetáculos. Se você visitar um deles, não acha que as pessoas vão perceber e perguntar por quê?

O sorriso de Galad ainda foi lindo, mas mostrou dentes demais.

— Você tem resposta para tudo, ao que parece. Alguma objeção a pelo menos eu lhe escoltar de volta para lá?

— Claro que sim. Do jeito que a coisa está, já vai haver boatos, já que umas cem pessoas devem ter percebido esta nossa conversa. — Não conseguia mais ver a rua para além dos três homens, mas não tinha dúvida de que os pedestres ainda estavam olhando para a viela, além de Uno e Ragan não terem tornado a embainhar as espadas. — Mas, se você me acompanhar, seremos vistos por dez vezes mais gente.

Galad se contraiu em um misto de pesar e diversão.

— Resposta para tudo — resmungou. — Mas você tem razão. — Estava claro que ele gostaria que ela não tivesse. — Me escutem, shienaranos — disse, virando a cabeça e com a voz, de uma hora para outra, feito aço. — Eu sou Galadedrid Damodred, e esta mulher está sob a minha proteção. Quanto à acompanhante dela, eu consideraria minha vida uma perda pequena em troca de salvá-la do menor dos perigos. Se vocês permitirem que qualquer uma das duas sofra esse menor dos perigos, eu encontro vocês dois e os mato. — Ignorando tão completamente a expressão súbita e perigosa nos rostos dos shienaranos quanto ignorara as espadas, ele tornou a encarar Nynaeve. — Suponho que você continuará não me dizendo onde Egwene está.

— Tudo o que você precisa saber é que ela está bem longe daqui. — Ela cruzou os braços no peito e sentiu o coração batendo contra as costelas. Será que estava cometendo um erro perigoso por conta de um rosto bonito? — E mais segura do que qualquer ação sua poderia deixá-la.

Ele não pareceu acreditar, mas não levou o assunto adiante.

— Com sorte, encontro um navio em um ou dois dias. Até lá, não saia de perto desse… espetáculo de Valan Luca. Seja discreta e evite ser notada. O máximo que seu cabelo desta cor lhe permitir. E diga para Elayne não fugir de mim de novo. A Luz as iluminou por me permitir encontrá-las ainda inteiras, e terá que iluminar com o dobro do brilho para mantê-las longe de perigo, caso tentem ficar zanzando por Ghealdan. Os bandidos blasfemos desse Profeta estão por toda parte, não têm o menor respeito pela lei e pelas pessoas, e isso sem falar nos salteadores, que se aproveitam da desordem. A própria Samara é um ninho de vespas, mas, se você ficar quietinha e convencer a cabeça-dura da minha irmã a fazer o mesmo, vou encontrar um jeito de tirá-las daqui antes que sejam picadas.

Nynaeve precisou se esforçar para segurar a língua. Galad pegara tudo que ela dissera e transformara em ordens! A próxima providência do homem seria embalar tanto ela quanto Elayne em lã e deixar as duas sentadas em uma prateleira! *Não seria melhor se alguém fizesse mesmo isso?*, perguntou uma vozinha diminuta. *Você já não causou problemas suficientes fazendo tudo como queria?* Nynaeve mandou a tal voz ficar quieta. A voz não lhe deu ouvidos e, em vez disso, começou a listar desastres e quase desastres provocados por sua própria teimosia.

Galad pareceu tomar o silêncio de Nynaeve como concordância, afastou-se dela… e parou. Uno e Ragan haviam se movido para bloquear o caminho dele até a rua, olhando para ela com aquela calma estranha e ilusória que os homens adotavam quando estavam a um fiapo de atacar. O ar pareceu crepitar — até ela gesticular,

apressada. Os shienaranos baixaram as lâminas e se puseram ao lado dela, e Galad tirou as mãos da espada, passou pelos três e se misturou à multidão sem olhar para trás.

Nynaeve olhou feio tanto para Uno quanto para Ragan e saiu apressada na direção oposta. Lá estava ela, arranjando as coisas da melhor maneira possível, e os dois quase tinham posto tudo a perder. Homens pareciam achar que violência resolvia tudo. Se ela tivesse um pedaço de pau bem robusto, teria espancado os três até tomarem juízo.

Os shienaranos pareciam ter criado algum juízo. Os dois a alcançaram, as espadas novamente embainhadas às costas, e seguiram-na sem dar um só pio mesmo quando, por duas vezes, ela virou na rua errada e precisou dar meia-volta. Foi bom para eles não terem dito nada. Nynaeve já estava farta de ter que se segurar. Primeiro Masema, depois Galad. Tudo o que ela queria era a menor das desculpas para dizer umas verdades a alguém. Em especial para aquela vozinha em sua cabeça, já reduzida a um zumbido de inseto, mas que se recusava a se calar.

Enquanto saía de Samara por aquele caminho para carroças com tráfego esparso, a voz se recusava a ser ignorada. Nynaeve se preocupava com a arrogância de Rand, mas a dela colocara a si mesma e a outras pessoas em tanto perigo quanto se tivesse sido negligente. Com Birgitte, ultrapassara os limites, ainda que a mulher estivesse viva. O melhor seria Nynaeve não voltar a enfrentá-las, nem a Ajah Negra nem Moghedien, até que alguém com conhecimento decidisse o que deveria ser feito. Sua mente protestou, mas ela a calou com a mesma firmeza que sempre tivera com Thom ou Juilin. Iria a Salidar e repassaria a questão para as Azuis. Era isso que ia fazer. Estava decidida.

— Você comeu alguma coisa que lhe fez mal? — indagou Ragan. — Está com cara de quem comeu pimenta madura.

Ela lhe lançou um olhar que o fez calar a boca e seguiu em frente. Os dois shienaranos acompanhavam o ritmo, um de cada lado.

O que Nynaeve ia fazer com eles? Precisava encontrar uma serventia para aqueles homens, com certeza. A aparição deles fora providencial demais para ser desperdiçada. No mínimo, eram dois pares a mais de olhos — bem, só três olhos, na verdade, e ela se acostumaria a olhar para aquele tapa-olho sem ficar com medo, nem que fosse a última coisa que fizesse —, e mais gente à procura de um navio poderia significar encontrá-lo mais rápido. Não haveria problema nenhum caso Masema ou Galad encontrassem primeiro, mas ela não queria que nenhum dos dois soubesse mais sobre sua vida do que era obrigada a revelar. Não sabia o que eles eram capazes de fazer.

— Vocês estão me acompanhando porque Masema mandou cuidarem de mim, ou porque Galad mandou?

— Maldição! Que diferença isso faz? — resmungou Uno. — Se o Lorde Dragão a convocou, você… — Ele se interrompeu, o cenho franzido, quando ela levantou o dedo. Ragan encarou aquele dedo como se fosse uma arma.

— Vocês pretendem nos ajudar a encontrar Rand?

— Não temos nada melhor para fazer — respondeu Ragan, seco. — Pelo andar da carruagem, não vamos voltar a ver Shienar até estarmos banguelas e de cabelos grisalhos. Talvez possamos cavalgar com você e Elayne até Tear ou onde quer que ele esteja.

Nynaeve não havia considerado aquela possibilidade, mas fazia sentido. Mais dois para ajudar Thom e Juilin com as tarefas e com a guarda. Não era preciso deixá-los a par de quanto tempo aquilo poderia levar ou de quantas paradas e desvios poderiam esperar por eles no caminho. As Azuis em Salidar talvez não as deixassem avançar mais. Assim que alcançassem as Aes Sedai, voltariam a ser apenas Aceitas. *Pare de pensar nisso! Você* vai *encontrá-las!*

A multidão que aguardava diante da espalhafatosa placa de Luca não parecia menor do que antes. Uma torrente de pessoas fluía para o prado para se juntar à aglomeração enquanto outro fluxo serpenteava para fora, comentando sobre o que acabara de ver. Vez ou outra, os cavalos-javali ficavam visíveis, empinados acima do muro de tela, arrancando os “oohs” e “aahs” dos que esperavam para entrar. Cerandin estava botando os animais para trabalhar de novo. A Seanchan sempre cuidava para que os *s’redit* descansassem bastante. Era muito rígida com isso, independentemente da vontade de Luca. Os homens obedeciam quando percebiam que não havia outra escolha. Geralmente.

A pouca distância da grama marrom e pisoteada, Nynaeve parou e se virou para encarar os dois shienaranos. Eles continuavam com o rosto tranquilo, mas pareciam adequadamente cautelosos, embora, no caso de Uno, isso envolvesse brincar com o tapa-olho de um jeito que a deixava nauseada. O povo que entrava ou saía do espetáculo não dava a mínima para eles.

— Então não vai ser por causa de Masema *ou* de Galad — declarou, com firmeza. — Se vão viajar comigo, vão fazer conforme *eu* disser, ou então podem tomar outro rumo, já que não vou aceitar nenhum dos dois.

Claro que eles tiveram de se entreolhar antes de balançar a cabeça em concordância.

— Se é assim que tem que ser, maldição — rosnou Uno —, então tudo bem. Se você não tem ninguém para cuidar da sua segurança, nunca vai conseguir sobreviver para o maldito reencontro com o Lorde

Dragão. Algum fazendeiro tripa mole vai acabar servindo você no café da manhã só por causa dessa sua língua. — Ragan lhe lançou um olhar reservado que indicava concordar com cada palavra, mas que tinha imensas dúvidas sobre Uno ter resolvido vocalizá-las. Ragan, ao que parecia, era um homem sábio.

Desde que aceitassem os termos de Nynaeve, o motivo não importava muito. Por enquanto. Mais tarde haveria bastante tempo para esclarecer tudo.

— Não duvido que os outros também vão concordar — opinou Ragan.

— Outros? — perguntou ela, atônita. — Está me dizendo que não são só vocês dois? Mais quantos?

— Agora somos quinze. Acho que nem Bartu nem Nengar vão querer vir.

— Ficam atrás do *Profeta*. — Uno virou a cabeça e cuspiu. — Só quinze. Sar caiu daquele maldito pico nas montanhas, e Mendao teve que se meter em um maldito duelo contra três Caçadores da Trombeta, e…

Nynaeve estava ocupada demais tentando não ficar boquiaberta para escutar o que diziam. Quinze! Não pôde se impedir de calcular mentalmente quanto custaria alimentar quinze homens. Mesmo quando não estavam com muita fome, Thom e Juilin comiam mais do que ela e Elayne juntas. Luz!

Por outro lado, com quinze soldados shienaranos, não havia necessidade de ficar esperando um navio. Um barco com certeza era a maneira mais rápida de viajar — agora ela se lembrava do que ouvira a respeito de Salidar: uma cidade à beira do rio, ou bem perto, e um barco poderia levá-las direto para lá —, mas uma escolta de shienaranos daria ao carroção a mesma segurança, tanto contra Mantos-brancos e bandidos quanto contra seguidores do Profeta. Só que bem mais lento. E um único carroção partindo de Samara com uma escolta dessas certamente chamaria a atenção. Para Moghedien ou para a Ajah Negra, seria como ter uma placa apontando a partida delas. *Vou deixar as Azuis cuidarem delas e pronto!*

— Qual o problema? — perguntou Ragan.

— Eu não devia ter mencionado como Sakaru morreu — disse Uno, arrependido. Sakaru? Devia ter sido depois que ela parou de prestar atenção. — Eu não passo tanto tempo perto dessas mald… perto de damas. Esqueço que vocês têm fraqueza nas trip… quer dizer… é… o estômago delicado. — Se ele não parasse de puxar aquele tapa-olho, ia ver como o estômago dela era delicado.

A quantidade não mudava nada. Se era bom ter dois shienaranos, ter quinze era maravilhoso. Seu próprio exército particular. Não seria preciso se preocupar com Mantos-brancos, salteadores ou motins, nem

mesmo se havia ou não se equivocado com relação a Galad. Quantos presuntos quinze homens comeriam por dia?

— Então tudo bem. Toda dia, assim que anoitecer, um de vocês, *e só um*, vai vir até aqui e perguntar por Nana. É o nome pelo qual me conhecem. — Não havia motivos para dar aquela ordem, exceto para ir criando neles o hábito de obedecê-la. — Elayne é conhecida como Morelin, mas perguntem por Nana. Se precisarem de dinheiro, me procurem, e não a Masema. — Nynaeve teve que suprimir uma careta ao dizer isso. Ainda havia ouro no fogão do carroção, mas Luca não cobrara suas cem coroas, e cobraria. Porém, sempre havia as joias, caso a necessidade surgisse. Ela precisava se assegurar de que os homens se afastariam de Masema. — Fora isso, nenhum de vocês deve vir me procurar ou ver o espetáculo. — Se não dissesse aquilo, era provável que eles montassem guarda ou fizessem alguma idiotice do tipo. — A menos que apareça um barco. Nesse caso, venham correndo na mesma hora. Estão me entendendo?

— Não — resmungou Uno. — Por que precisamos ficar longe, mald…? — Ele recuou a cabeça quando Nynaeve ergueu um dedo em riste diante de seu nariz.

— Você se lembra do que eu falei sobre seu linguajar? — Ela precisou se obrigar a encará-lo. Aquele tapa-olho vermelho fazia o estômago de Nynaeve dar piruetas. — Caso não lembre, vai aprender por que os homens de Dois Rios têm línguas decentes dentro da boca.

Ela observou Uno ponderar a questão. O homem não sabia qual era a ligação dela com a Torre Branca, só que a ligação existia. Nynaeve poderia ser uma agente da Torre, ou treinada pela Torre. Ou até uma Aes Sedai, ainda que recém-formada. E a ameaça foi vaga o bastante para que ele interpretasse tudo da pior maneira. Nynaeve aprendera aquela técnica muito antes de ouvir Juilin explicá-la a Elayne.

Quando pareceu que a ideia fora assimilada — e antes que o sujeito pudesse fazer quaisquer perguntas —, ela baixou a mão.

— Você vai ficar longe pelo mesmo motivo de Galad: para não chamar atenção. Quanto ao resto, vai fazer porque eu disse que é para fazer. Se eu tiver que lhe explicar todas as minhas decisões, não vou ter tempo para mais nada, então é melhor aceitar tudo de bom grado.

Foi um comentário digno de uma Aes Sedai. Além disso, os homens não tinham escolha, caso pretendessem ajudá-la a chegar até Rand, como pensavam que iam fazer. Ela estava se sentindo bastante satisfeita consigo mesma ao enxotá-los de volta para Samara e passar às pressas pela multidão na fila e por baixo da placa que exibia o nome de Valan Luca.

Para sua surpresa, havia uma novidade no espetáculo. Em uma nova plataforma não muito longe da entrada, uma mulher de calça

amarela estava de ponta-cabeça com os braços abertos bem esticados e um par de pombas brancas em cada mão. Não, não estava apoiada com a cabeça. A mulher se agarrava a uma espécie de moldura de madeira com os *dentes*, e nela se equilibrava. Enquanto Nynaeve observava, perplexa, a peculiar acrobata baixou as mãos até a plataforma por um momento e foi se dobrando ao meio até parecer estar sentada sobre a própria cabeça. Ainda assim, não foi o bastante. As pernas se curvaram para baixo, à frente do corpo, e depois, de modo impossível, de volta para baixo dos braços. Então ela transferiu as pombas para as solas do pé, que, àquela altura, eram os pontos mais altos da bola contorcida em que ela se transformara. Os espectadores ofegaram e aplaudiram, mas a cena deixou Nynaeve arrepiada. Era uma recordação demasiado forte do que Moghedien fizera com ela.

Não é por isso que eu pretendo entregá-la para as Azuis, disse para si mesma. *Só não quero causar outra calamidade.* Era verdade, mas Nynaeve também temia que, na próxima vez, não escapasse tão fácil ou tão ilesa. Jamais admitiria aquilo para outra alma. Não gostava de admitir nem para si mesma.

Lançando um último olhar intrigado na direção da contorcionista — Nynaeve não conseguira nem começar a decifrar a forma em que a mulher se contorcera em seguida —, ela se virou. E tomou um susto quando Elayne e Birgitte surgiram de repente ao seu lado, saindo da multidão. Elayne usava um manto que cobria decentemente as calças e o casaco branco, e Birgitte só faltava ostentar o vestido vermelho decotado. Não, não faltava, não. Estava ainda mais ereta que o normal e com a trança jogada para trás, para remover qualquer mínima cobertura. Nynaeve dedilhava o nó do xale na cintura, desejando que cada olhadela para Birgitte não a fizesse se lembrar de quanto ela própria estaria exibindo assim que a lã cinza fosse retirada. A aljava da outra mulher estava pendurada no cinto, e ela carregava consigo o arco que Luca lhe arrumara. As horas certamente já avançavam demais para que ela realizasse tiros.

Uma olhada para o céu sinalizou para Nynaeve que estava equivocada. Apesar de tudo o que acontecera, o sol ainda estava bem acima do horizonte. As sombras já se alongavam bastante, mas não o suficiente para dissuadir Birgitte, suspeitou.

Tentando disfarçar que estava verificando o sol, ela fez um meneio na direção da mulher com a calça amarela, que àquela altura começara a se contorcer de um jeito que Nynaeve *sabia* que era impossível. E ainda se equilibrava com os dentes.

— De onde ela veio?

— Luca contratou — respondeu Birgitte calmamente. — Também comprou alguns leopardos. O nome dela é Muelin.

Enquanto Birgitte estava calma e controlada, Elayne quase que tremia de emoção.

— De onde ela *veio*? — gaguejou. — De um espetáculo que uma turba quase destruiu!

— Eu soube — disse Nynaeve —, mas o importante não é isso. Eu…

— Não é importante! — Elayne olhou para o céu, como se buscasse alguma orientação. — Você também soube *por quê*? Não sei se foram os Mantos-brancos ou esse Profeta, mas alguém inflamou uma multidão dizendo que… — Ela olhou ao redor, sem parar de falar, e apenas baixou a voz. Ninguém do público havia parado, mas todos que passavam ficavam olhando para as duas óbvias artistas ali. — … que uma das mulheres do espetáculo talvez usasse xale. — Elayne enfatizou a última palavra. — São tolos de pensar que ela estaria em um conjunto itinerante, mas, em todo caso, você e eu estamos. E aí você sai correndo para a cidade sem dizer nada a ninguém. Já escutamos de tudo, desde um homem careca te carregando nos ombros até você beijando um shienarano e saindo com ele de braços dados.

Nynaeve ainda estava boquiaberta quando Birgitte completou:

— Luca estava chateado, com qualquer das versões. Ele disse… — A mulher pigarreou e deixou a voz mais grave. — "Então ela gosta de homens rudes, é? Bem, eu posso ser tão rude quanto um cavalo selvagem!". E lá foi ele, levando dois rapazes com ombros que nem os de pedreiros s'Gandin, para buscar você. Thom Merrilin e Juilin Sandar também foram, e bem irritados. Isso não melhorou nada o humor de Luca, mas todos estavam tão aborrecidos com você que não havia espaço para sentirem raiva uns dos outros.

Por um momento, Nynaeve encarou-as, confusa. Ela gostava de homens rudes? O que ele quis dizer com…? Aos poucos, foi assimilando, e soltou um gemido.

— Ah, era só o que me faltava. — E Thom e Juilin soltos por Samara. Só a Luz sabia em que confusões poderiam se meter.

— Eu ainda quero saber o que você pensava que estava fazendo — disse Elayne —, mas estamos perdendo tempo aqui.

Uma de cada lado, Nynaeve permitiu que as duas a levassem para longe da multidão, mas, mesmo com a notícia sobre Luca e os outros, estava satisfeita com seu trabalho naquele dia.

— Com sorte, devemos estar longe daqui em um ou dois dias. Se Galad não encontrar um barco para nós, Masema vai encontrar. Ele é o tal Profeta. Você se lembra de Masema, Elayne. Aquele shienarano da cara azeda que vimos… — Ao notar que Elayne parara, Nynaeve fez uma pausa para ela poder alcançá-las.

— Galad? — disse ela, descrente, esquecendo-se de manter o

manto fechado. — Você viu… você *falou* com Galad? *E* com o Profeta? Deve ter falado, senão como eles estariam tentando encontrar um barco? Você tomou chá com eles, ou só se encontrou com os dois em um salão qualquer? Foi para lá que o careca levou você, sem dúvida. Talvez o Rei de Ghealdan também estivesse lá, não? Você poderia fazer o favor de me convencer de que estou sonhando, para que eu possa acordar?

— Trate de se acalmar — respondeu Nynaeve, com firmeza. — Agora é uma rainha, não um rei, e sim, ela estava lá. E ele não era careca, usava um coque. Estou falando do shienarano, não do Profeta. *Esse* é tão careca quanto…

Nynaeve encarou Birgitte até ela parar de dar risadinhas. O olhar se atenuou um pouco quando se lembrou de quem era a mulher e do que fizera a ela, mas se Birgitte não tivesse feito uma expressão neutra, poderiam ter descoberto se Nynaeve teria coragem ou não de estapeá-la. As três voltaram a caminhar, e Nynaeve continuou, da maneira mais comedida que pôde:

— Elayne, o que aconteceu foi o seguinte: eu vi Uno, um dos shienaranos que estava em Falme, assistindo você andar na corda. Aliás, a opinião dele sobre a Filha-herdeira de Andor ficar mostrando as pernas não é melhor que a minha. Seja como for, Moiraine o mandou para cá depois de Falme, mas…

Enquanto abriam caminho pelo meio da multidão, Nynaeve relatou tudo bem rápido, não dando a menor importância para as exclamações cada vez mais incrédulas de Elayne e respondendo às perguntas das duas com o mínimo possível de explicação. Apesar de um breve interesse pelas sucessões no trono de Ghealdan, Elayne se concentrou no que *exatamente* Galad dissera e no porquê de Nynaeve ter sido tola o bastante para se aproximar do Profeta, *quem quer* que ele fosse. Aquela palavra — *tola* — pipocou com bastante frequência e obrigou Nynaeve a manter o próprio temperamento em rédea curta. Podia até duvidar de que seria capaz de esbofetear Birgitte, mas Elayne não tinha toda essa proteção, Filha-herdeira ou não. Se repetisse aquilo mais algumas vezes, a garota acabaria descobrindo. Birgitte estava mais interessada nas intenções de Masema, de um lado, e nos shienaranos, do outro. Parecia que ela havia se deparado com pessoas das Terras da Fronteira em vidas anteriores, embora as nações tivessem nomes diferentes, e, em grande medida, as enxergava com bons olhos. Ela falou pouco, na verdade, mas deu a impressão de aprovar que os shienaranos se juntassem ao grupo.

Nynaeve esperava que as notícias sobre Salidar as assustassem, entusiasmassem ou resultassem em qualquer coisa diferente do que ocorreu. Birgitte encarou com muita naturalidade, como se ela tivesse dito que as três iriam jantar com Thom e Juilin naquela noite. Só

pretendia ir aonde Elayne fosse, e tudo o mais pouco importava. Elayne pareceu cheia de dúvidas. Dúvidas!

— Tem certeza? Você se esforçou tanto para lembrar e… Bem, me parece ridiculamente fortuito que Galad tenha simplesmente dito o nome do lugar para você.

Nynaeve a encarou.

— Claro que eu tenho certeza. Coincidências *de fato* acontecem. Há de ser o que a Roda tecer, como você já deve ter ouvido falar. Agora eu lembro que ele também já havia mencionado o nome em Sienda, mas eu estava tão preocupada com *você* estar preocupada com ele que nem… — Ela não concluiu a frase.

Tinham chegado a uma área longa e estreita demarcada por cordas, próxima à cerca norte. Em uma das extremidades repousava algo parecido com uma placa de madeira, com duas passadas de largura e outras duas de altura. As pessoas se amontoavam junto às cordas em quatro fileiras, as crianças agachadas na frente ou agarradas à perna de um pai ou às saias de uma mãe. Um burburinho irrompeu quando as três apareceram. Nynaeve teria empacado ali mesmo, mas Birgitte segurara seu braço, então era andar ou ser arrastada.

— Achei que estávamos indo para o carroção — comentou. Ocupada com os relatos, prestara pouca atenção aonde estavam indo.

— Não, a menos que você queira me ver atirando no escuro — retrucou Birgitte. Ela parecia disposta demais a experimentar.

Nynaeve queria ter feito algum outro comentário diferente de um grunhido. O trecho de cerca preencheu sua visão à medida que avançaram em direção ao espaço aberto, distanciando-se dos espectadores. Até seus murmúrios cada vez mais intensos soavam distantes. A cerca parecia a uma milha de distância de onde Birgitte ficaria.

— Você tem certeza de que ele disse que jurava pela… nossa mãe? — questionou Elayne, amargurada. Reconhecer Galad como irmão ainda lhe era desagradável.

— O quê? Tenho, sim. Foi o que eu disse, não foi? Escute: se Luca está na cidade, não tem como ele ficar sabendo se fizemos o número ou não até que já seja tarde demais para… — Nynaeve sabia que estava gaguejando, mas parecia não conseguir fazer a língua parar. Por algum motivo, nunca se dera conta de como cem passadas eram uma distância *enorme*. Em Dois Rios, homens adultos sempre atiravam em alvos duas vezes mais longe que isso. Só que nenhum desses alvos jamais tinha sido *ela*. — É que… já está muito tarde. As sombras… O brilho… Nós realmente deveríamos fazer isso pela manhã. Quando a luz estiver…

— Se ele jurou por ela — interrompeu Elayne, como se nem

estivesse ouvindo —, então é porque, aconteça o que acontecer, vai manter a palavra. É mais fácil ele quebrar um juramento pela esperança dele na salvação e no renascimento do que esse. Acho que… não, eu *sei* que podemos confiar nele. — Mas não soou particularmente feliz com aquilo.

— A luz está boa — afirmou Birgitte, uma pitada de empolgação na voz calma. — Posso tentar com uma venda nos olhos. Acho que esse pessoal vai querer que pareça bem difícil.

Nynaeve abriu a boca, mas não emitiu som nenhum. Desta vez, teria ficado feliz com um grunhido. Birgitte só estava fazendo uma piadinha de mau gosto. Só podia estar brincando.

As duas a posicionaram com as costas contra a cerca áspera de madeira, e Elayne começou a puxar o nó do xale enquanto Birgitte se virava na direção de onde tinham vindo e retirava uma flecha da aljava.

— O que você fez hoje foi muito tolo — reclamou Elayne. — Nós podemos confiar no juramento de Galad, tenho certeza, mas você não tinha como saber de antemão o que ele era capaz de fazer. E procurar o Profeta! — Ela puxou o xale dos ombros de Nynaeve sem delicadeza. — Não tinha como você ter a *menor* ideia do que *ele* poderia fazer. Você deixou todo mundo preocupado e colocou tudo em risco!

— Eu sei — conseguiu responder Nynaeve. O sol lhe batia nos olhos. Não tinha mais como enxergar Birgitte. Mas Birgitte podia vê-la. Claro que podia. O importante era isso.

Elayne olhou para ela, desconfiada.

— Sabe?

— Sei que arrisquei tudo. Eu deveria ter conversado com você, perguntado. Sei que fui tola. Não deveriam me deixar sair sem alguém tomando conta. — Tudo saiu de um só fôlego. Birgitte *tinha* de estar enxergando.

A desconfiança de Elayne se transformou em preocupação.

— Você está bem? Se não quiser mesmo fazer isto…

Elayne achava que ela estava com medo. Nynaeve não podia, e não iria, permitir isso. Forçou um sorriso e torceu para que seus olhos não estivessem muito arregalados. Sentia o rosto tenso.

— Claro que eu quero. Estou até bem ansiosa, na realidade.

Elayne lhe lançou um olhar de dúvida, mas acabou anuindo.

— Você tem *certeza* a respeito de Salidar?

Sem esperar resposta, a Filha-herdeira afastou-se às pressas para o lado e dobrou o xale. Por algum motivo, Nynaeve não conseguiu sentir a indignação adequada por aquela pergunta, ou por Elayne não esperar pela resposta. Sua respiração estava tão acelerada que só tinha uma vaga consciência do que poderia escapulir pelo decote do vestido, ainda que nem isso tenha sido capaz de acalmá-la. O sol preenchia sua

visão. Se estreitasse os olhos, talvez fosse capaz de divisar Birgitte, mas seus olhos tinham vontade própria e se arregalavam cada vez mais. Àquela altura, não havia nada que pudesse fazer. Era um castigo por correr riscos bobos. Nynaeve só conseguia sentir o menor dos ressentimentos por ser castigada mesmo depois de cuidar de tudo tão bem. E Elayne nem chegara a acreditar sobre Salidar! Teria de aceitar aquilo estoicamente. Teria de…

Vindo aparentemente do nada, uma flecha acertou a madeira ao lado de seu pulso direito, e aquela determinação estoica se desfez em um discreto gemido. Teve que usar toda sua força de vontade para manter os joelhos eretos. Uma segunda flecha raspou o outro pulso e produziu um ganido um pouco mais alto. A possibilidade de Nynaeve parar as flechas de Birgitte era a mesma de ficar em silêncio. Flecha a flecha, as exclamações foram aumentando, e lhe pareceu que o público estava quase que comemorando suas lamúrias. Quanto mais alto gritava, mais alto eles vibravam e aplaudiam. Quando ela acabou toda delineada, dos joelhos à cabeça, os aplausos foram estrondosos. Na verdade, Nynaeve sentiu certa irritação ao final, quando toda a multidão saiu correndo para se aglomerar em torno de Birgitte, deixando-a lá, parada, olhando para as hastes emplumadas que a rodeavam. Algumas ainda tremiam. *Ela* ainda tremia.

Nynaeve se afastou e partiu em direção aos carroções o mais rápido que pôde, antes que alguém percebesse o quanto suas pernas estavam vacilantes. Não que qualquer pessoa ali estivesse prestando atenção *nela*. Tudo o que Nynaeve fizera fora ficar lá, parada, rezando para que Birgitte não espirrasse nem tivesse uma coceira. E, no dia seguinte, teria de passar por tudo aquilo de novo. Ou isso ou deixar que Elayne — ou, pior, Birgitte — descobrisse que ela não tinha condições de encarar a situação.

Quando Uno apareceu naquela noite, procurando por Nana, ela lhe disse com absoluta clareza para incitar Masema o máximo que ousasse e para encontrar Galad e lhe dizer que ele *tinha* de encontrar um barco depressa, fossem quais fossem as exigências. Depois, Nynaeve foi para a cama sem comer e tentou se forçar a acreditar que era capaz de convencer Elayne e Birgitte de que estava doente demais para ficar de pé contra aquela madeira. O problema era que estava bem certa de que as duas saberiam exatamente qual era sua doença. O fato de que até Birgitte provavelmente demonstrasse compaixão só piorava tudo. Um daqueles tolos *tinha* que encontrar um barco!

41

O ofício de Kin Tovere

Com uma das mãos no punho da espada e a outra segurando a lança Seanchan de borlas verdes e brancas, Rand ignorava as outras pessoas no topo da colina esparsamente arborizada enquanto examinava os três acampamentos que se estendiam abaixo, sob o sol da manhã. Três acampamentos distintos, e a questão era essa. Aquelas eram todas as forças cairhienas e tairenas à sua disposição. Qualquer outro homem capaz de manejar uma espada ou uma lança estava preso na cidade ou só a Luz sabia onde.

Os Aiel haviam juntado hordas e mais hordas de refugiados entre Passo de Jangai e aquele ponto, e alguns tinham até vindo depois, por conta própria, atraídos pelos boatos de que *estes* Aiel, pelo menos, não estavam matando qualquer um que aparecesse — ou desalentados demais para se importar com outra coisa que não fazer uma refeição antes de morrer. Muitos achavam que iam morrer, fosse nas mãos dos Aiel, do Dragão Renascido ou na Última Batalha, o que pareciam pensar que estava para acontecer a qualquer momento. Um número considerável, se somado, mas a maioria era de fazendeiros, artesãos e comerciantes. Alguns sabiam usar arco ou funda para caçar coelhos, mas não havia nenhum soldado ali, nem tempo para ensiná-los. A própria cidade de Cairhien ficava a pouco mais de cinco milhas a oeste, e algumas das famigeradas "torres desnudas de Cairhien" eram visíveis acima da floresta que os separava. A cidade se espalhava por colinas não muito longe do rio Alguenya, cercada pelos Shaido de Couladin e por todos os que haviam se juntado a eles.

Um caótico conjunto de tendas e fogueiras no vale raso e comprido abaixo de Rand contava cerca de oitocentos tairenos com armaduras. Quase metade eram Defensores da Pedra, com placas de peito polidas e elmos orlados, as mangas bufantes listradas de preto e dourado. O restante eram recrutas de uns poucos lordes cujos estandartes e flâmulas delineavam um círculo no centro do acampamento, em torno do símbolo prateado da Lua Crescente com Estrelas do Grão-lorde Weiramon. Guardas se mantinham firmes ao lado das cordas que amarravam os cavalos, como se esperassem um

ataque aos animais a qualquer momento.

A trezentas passadas de distância, o segundo acampamento resguardava seus cavalos com a mesma rigidez. Os animais eram um bando heterogêneo; se Rand não estava enganado, alguns poucos eram do belo rebanho com pescoço arqueado de Tear, e os outros estavam mais para o tipo usado para puxar arados e carroças, todos amarrados juntos. Talvez houvesse cem cairhienos a mais que tairenos, mas suas tendas estavam em menor número e, na maioria das vezes, cheias de retalhos, além de seus estandartes e *con* representarem setenta e tantos lordes. Eram poucos os nobres cairhienos que ainda possuíam muitos empregados, e o exército se desmantelara no início da guerra civil.

O último agrupamento se estendia ao longo de outras quinhentas passadas e acomodava principalmente cairhienos, embora esse grupo estivesse separado dos outros por mais do que a distância física. Maior que os dois primeiros somados, este acampamento abrigava poucas tendas ou cavalos. Não ostentava estandartes, e apenas os oficiais usavam *con* — as pequenas flâmulas de cores fortes que levavam às costas para diferenciá-los para seus homens, em vez de representarem uma Casa. A infantaria talvez fosse necessária, mas raro era o lorde de Tear ou Cairhien que admitisse o fato. Por certo, nenhum concordaria em liderar tal grupo. No entanto, era o mais organizado dos acampamentos, as fogueiras em fileiras alinhadas, as compridas lanças espetadas na vertical, onde poderiam ser apanhadas em instante, além de agrupamentos de arqueiros e besteiros pontilhando as linhas. De acordo com Lan, a disciplina mantinha os homens vivos na batalha, mas a infantaria tinha mais probabilidade de saber e acreditar nisso do que a cavalaria.

Supostamente, os três grupos estavam juntos, sob o mesmo comando — o Grão-lorde Weiramon os trouxera do sul no fim do dia anterior —, mas os dois acampamentos de cavaleiros vigiavam um ao outro com quase a mesma cautela com que vigiavam os Aiel nas colinas do entorno, os tairenos com uma dose de desdém que os cairhienos reproduziam ao ignorar o terceiro, que, por sua vez, encarava os outros com amargura. Eram os seguidores de Rand, seus aliados, tão prontos para combater uns aos outros quanto a qualquer inimigo.

Ainda fingindo examinar os acampamentos, Rand analisou Weiramon, sem elmo e rígido feito ferro, ali perto. Dois homens mais jovens, lordes tairenos menores, ficavam nos calcanhares do Grão-lorde, as barbas escuras aparadas e oleadas em uma imitação perfeita da barba de Weiramon, exceto pelas mechas grisalhas. E as placas peitorais de ambos, usadas sobre mantos listrados e brilhantes, tinham detalhes em ouro pouco menos ornamentados que os dele. Alheios, distantes de todos no topo daquela colina, ainda que próximos a Rand,

os homens mais pareciam estar aguardando alguma cerimônia marcial em uma corte real, não fosse pelo suor que lhes escorria pelo rosto — coisa que eles também ignoravam.

Só faltavam algumas estrelas no símbolo do Grão-lorde para que ficasse igual ao de Lanfear, mas o sujeito de nariz comprido e cabelo grisalho oleado como a barba e penteado em uma tentativa vã de mascarar sua escassez não era a bela Abandonada. Ele estava vindo para o norte com reforços de Tear quando soube que os Aiel estavam atacando Cairhien. Em vez de dar meia-volta ou ficar parado, continuou seguindo para o norte tão rápido quanto seus cavalos aguentavam, reunindo quaisquer forças que encontrasse pelo caminho.

Essa era a boa notícia com relação a Weiramon. A má era que ele realmente acreditava que dispersaria os Shaido em Cairhien com aqueles homens. Ainda acreditava. E não ficara nada feliz por Rand não tê-lo deixado pôr o plano em prática, ou por estar cercado de Aiel. Para Weiramon, os Aiel eram todos iguais. Todo mundo pensava assim, na verdade. Um dos lordes mais jovens fazia questão de cheirar o lenço de seda perfumado sempre que olhava para um Aiel. Rand se perguntava por quanto tempo o sujeito sobreviveria. E o que ele precisaria fazer a respeito, quando o homem morresse.

Weiramon percebeu que Rand estava observando e pigarreou.

— Milorde Dragão — começou, rouco —, uma boa investida vai dispersá-los feito codornas. — Weiramon bateu as manoplas contra a palma da mão. — Pés nunca fazem frente a cavalos. Vou enviar os cairhienos para dispersá-los, depois sigo com meus…

Rand o interrompeu. O homem ao menos sabia contar? A quantidade de Aiel que via ali não lhe dava nenhuma pista de quantos mais poderiam estar em torno da cidade? Não importava. Rand já ouvira tudo que podia aguentar ouvir sobre aquele assunto.

— Você tem certeza sobre a notícia de Tear?

Weiramon piscou.

— Notícia, Milorde Dragão? Que not…? Ah, aquilo. Que minha alma queime, aquilo não é nada. Piratas illianenses estão sempre tentando atacar ao longo da costa. — Estavam mais do que tentando, pelo que o homem dissera quando chegou.

— E os ataques nas Planícies de Maredo? Também sempre atacam ali?

— Ora, que minha alma queime, ali são só salteadores. — Foi mais uma afirmação do que um protesto. — Talvez nem sejam illianenses, mas com certeza não são soldados. Com a misturada que aqueles illianenses fazem com as coisas, geralmente ninguém é capaz de dizer se é o rei, a Assembleia ou o Conselho dos Nove que está dando as cartas. Se eles decidirem se mexer, vamos ter exércitos atacando Tear sob o comando das Abelhas Douradas, não invasores

queimando uns carroções de mercadores e umas fazendas fronteiriças. Pode acreditar.

— Se você diz — respondeu Rand, da forma mais educada possível.

Qualquer poder que a Assembleia, o Conselho dos Nove ou Mattin Stepaneos den Balgar tivesse, era o poder que Sammael lhes permitia ter. Mas poucas pessoas sabiam que os Abandonados já estavam à solta. Alguns que *deveriam* saber se recusavam a acreditar, ignorando o fato como se isso fosse fazer os Abandonados sumirem, ou pareciam achar que, se algo tivesse de acontecer, seria em um futuro incerto e, de preferência, remoto. Não havia por que tentar convencer Weiramon, não importava o grupo ao qual o homem pertencesse. A crença ou a descrença dele não alterava nada.

O Grão-lorde olhou sério para o hiato entre as colinas. Para os dois acampamentos cairhienos, mais especificamente.

— Sem nenhum governo adequado por aqui, quem pode dizer que tipo de ralé foi para o sul? — Fazendo uma careta, ele bateu as manoplas ainda mais forte, antes de se voltar outra vez para Rand. — Bem, nós logo os obrigaremos a obedecê-lo, Milorde Dragão. Basta que dê a ordem, e eu posso avançar…

Rand passou pelo homem sem lhe dar ouvidos, apesar de Weiramon tê-lo seguido, ainda pedindo autorização para atacar, os outros dois atrás dele feito cãezinhos. O homem era um tolo cego.

Eles não estavam sozinhos, claro. Na realidade, o topo da colina estava cheio. Para começar, Sulin tinha reunido cem *Far Dareis Mai* em torno do pico, todas parecendo ainda mais prontas para pôr o véu do que os Aiel geralmente estavam. Não era apenas a proximidade com os Shaido que deixava Sulin ansiosa. Opondo-se à falta de suspeita de Rand para com os acampamentos lá embaixo, Enaila e duas Donzelas nunca se afastavam de Weiramon e seus fidalgotes, e, quanto mais perto de Rand eles chegavam, mais as três pareciam prestes a erguer os véus.

Não muito longe, Aviendha conversava com uma dezena ou mais de Sábias, os xales ao redor dos cotovelos, todas enfeitadas com braceletes e colares, menos a própria Aviendha. Surpreendentemente, era uma mulher magrela de cabelo branco, ainda mais idosa que Bair, quem parecia estar no comando. Rand teria esperado que fosse Amys ou Bair, mas até as duas se calavam quando Sorilea falava. Melaine estava com Bael, a meio caminho entre as demais Sábias e os outros chefes de clã. Ela não parava de ajeitar o manto do *cadin'sor* dele, como se o homem não soubesse se vestir sozinho, e Bael exibia o olhar paciente de um homem que estava repassando mentalmente todos os motivos pelos quais se casara. Podia estar enganado, mas Rand suspeitava que as Sábias estavam tentando influenciar os chefes de

novo. Se fosse o caso, ele não tardaria a descobrir os detalhes.

Foi em Aviendha, porém, que os olhos de Rand se detiveram. Ela deu um breve sorriso para ele antes de tornar a prestar atenção em Sorilea. Um sorriso amigável, mas não mais que isso. Já era alguma coisa. A garota não lhe dera uma só patada desde o que acontecera entre eles, e, se de vez em quando fazia um comentário ácido, não era nada pior do que os de Egwene. Exceto na única vez em que ele mencionara de novo o casamento; Aviendha lhe dera uma bronca tão grande que ele não falara mais nisso. Mas aquele sorriso era só amigável, embora agora às vezes Aviendha fosse um pouco mais descuidada quando se despia na frente dele, à noite. Ela ainda insistia em dormir a não mais que três passadas de Rand.

Em todo caso, as Donzelas pareciam ter certeza de que havia bem menos que três passadas entre os lençóis deles, e Rand continuava esperando que aquela certeza se espalhasse, mas, até agora, não fora o caso. Egwene o esmagaria feito uma árvore caindo sobre ele caso sequer *suspeitasse* de algo do tipo. Para ela, era muito fácil falar de Elayne, mas Rand não conseguia nem decifrar Aviendha, que estava bem ali, diante dele. No fim das contas, apenas olhar para Aviendha o deixava ainda mais tenso que antes, mas ela parecia bem relaxada. De algum modo, aquilo parecia ser o contrário do que deveria. Com ela, tudo parecia ser às avessas. A verdade era que Min fora a única mulher que *não* o fizera se sentir de ponta-cabeça o tempo todo.

Suspirando, ele seguiu em frente, ainda sem dar ouvidos a Weiramon. Algum dia, entenderia as mulheres. Quando tivesse tempo para se dedicar a isso. No entanto, suspeitava que uma vida inteira não seria o bastante.

Os chefes de clã tinham o próprio agrupamento, com chefes de ramos e representantes das sociedades. Rand reconheceu alguns. Heirn, de pele escura, chefe dos Taardad Jindo, e Mangin, que o cumprimentou com um meneio amigável e fez uma careta de desdém para os tairenos. Juranai, esguio feito uma lança, líder dos *Aethan Dor*, os Escudos Vermelhos, presente na expedição apesar das poucas mechas brancas no cabelo castanho-claro, e Roidan, grisalho e de ombros largos, que liderava os *Sha'mad Conde*, os Andarilhos do Trovão. Desde que saíram de Passo de Jangai, aqueles quatro tinham se juntado a Rand em alguns de seus treinos sobre o combate Aiel, sem armas.

— Quer caçar hoje? — perguntou Mangin, quando Rand passou, ganhando um olhar surpreso.

— Caçar?

— Não há muito com o que se divertir, mas poderíamos tentar pôr umas ovelhas na saca. — O olhar irônico que Mangin lançou na direção dos tairenos deixou poucas dúvidas sobre quem eram as

“ovelhas” às quais se referia, embora Weiramon e os demais não tenham percebido. Ou fingiram não perceber. O fidalgote com o lenço perfumado tornou a cheirá-lo.

— Outro dia, quem sabe — retrucou Rand, balançando a cabeça.

Achava que poderia fazer amizade com qualquer um dos quatro, mas em especial com Mangin, que tinha um senso de humor muito parecido com o de Mat. Mas, se não tinha tempo para estudar as mulheres, certamente não tinha tempo para fazer novas amizades. Tinha pouco tempo até para os velhos amigos, aliás. Estava preocupado com Mat.

No trecho mais alto da colina, uma torre feita de toras erguia-se acima das copas das árvores, a espaçosa plataforma no topo a vinte braças ou mais do chão. Os Aiel não sabiam trabalhar com madeira naquela escala, mas havia muitos entre os refugiados cairhienos que sabiam.

Moiraine estava esperando com Lan e Egwene aos pés da escada inclinada. Egwene andava pegando bastante sol e poderia muito bem ter passado por uma Aiel, não fossem os olhos escuros. Uma Aiel baixinha. Rand examinou o rosto dela rapidamente, mas não detectou nada além de cansaço. Amys e as outras deviam estar exigindo muito nos treinamentos. Mas a garota não ficaria grata por ele intervir.

— Você decidiu? — indagou Rand, ao parar.

Weiramon finalmente se calou.

Egwene hesitou, mas Rand notou que ela não olhou para Moiraine antes de assentir.

— Vou fazer tudo o que puder.

A relutância da mulher o incomodava. Ele não perguntara a Moiraine — ela não podia usar o Poder Único como arma contra os Shaido, a menos que eles a ameaçassem ou que ele conseguisse convencê-la de que todos eram Amigos das Trevas —, mas Egwene não fizera os Três Juramentos, e Rand tivera certeza de que ela entenderia que aquilo era necessário. Em vez disso, ela ficara pálida quando ele fez tal sugestão e o evitara por três dias. Ao menos havia concordado. Qualquer coisa que encurtasse a luta contra os Shaido era positivo.

O rosto de Moiraine se manteve inabalado, embora Rand não tivesse dúvidas do que ela pensava. Aqueles traços suaves de Aes Sedai, aqueles olhos de Aes Sedai, eram capazes de exibir uma reprovação gélida mesmo sem se alterar minimamente.

Perpassando o pedaço de lança pelo cinto, Rand pisou no primeiro degrau, e Moiraine se pronunciou.

— Por que você voltou a usar espada?

A última pergunta que ele esperava.

— Por que não? — rebateu, subindo desajeitado. Não foi uma boa

resposta, mas ela o pegara desprevenido.

A ferida não completamente curada na lateral do corpo repuxou enquanto ele subia. Não estava doendo, exatamente, mas parecia prestes a se abrir de novo. Ele não ligou. A sensação quase sempre era essa, quando fazia esforço.

Rhuarc e os outros chefes de clã vieram logo atrás, Bael tinha sido o último a deixar Melaine lá embaixo, mas, ainda bem, Weiramon e seus dois puxa-sacos permaneceram no chão. O Grão-lorde *sabia* o que estava para ser feito. Ele não precisava nem queria mais informações. Sentindo os olhos de Moiraine a acompanhá-lo, Rand deu uma olhadela para baixo. Não era Moiraine. Era Egwene quem observava sua subida, o rosto tão parecido com o de uma Aes Sedai que ele não teria conseguido detectar a menor diferença. Moiraine estava inclinada para perto de Lan. Rand esperava que Egwene não fosse mudar de ideia.

Na ampla plataforma do topo, dois homens baixinhos e suados, com camisas de manga curta, estavam montando um tubo de madeira e latão — com três passadas de comprimento e mais grosso que um braço — em um suporte preso ao corrimão. Um tubo idêntico já repousava a algumas passadas; estava ali praticamente desde que a torre fora terminada, no dia anterior. Um terceiro homem sem casaco esfregava a careca com um lenço listrado enquanto grunhia para os outros dois.

— Cuidado aí. Eu disse *cuidado*! Se um de vocês desalinhar uma das lentes, seus fuinhas sem mãe, eu arrebento essas suas cabeças ocas. Aperte bem, Jol. Aperte! Se isto cair enquanto o Lorde Dragão estiver usando, é melhor vocês dois pularem atrás. E não falo só por ele. Se vocês quebrarem minha obra, vão preferir que tivessem quebrado os ossos desses seus crânios inúteis.

Jol e o outro sujeito, Cail, continuaram trabalhando rápido, mas sem demonstrar muito nervosismo. Já haviam tido muitos anos para se acostumar com o jeito de Kin Tovere falar. Fora o fato de ter encontrado entre os refugiados um artesão que fabricava lentes e lunetas — além de seus dois aprendizes — que fizera Rand ter a ideia daquela torre.

De início, nenhum dos três percebeu que não estavam mais sozinhos. Os chefes de clã subiram sem fazer barulho, e a arenga de Tovere foi o bastante para abafar o som das botas de Rand, que também tomou um susto quando a cabeça de Lan surgiu logo depois de Bael. Com ou sem botas, o Guardião fazia tão pouco barulho quanto os Aiel. E até Han era uma cabeça mais alto que os cairhienos.

Quando finalmente perceberam os recém-chegados, os dois aprendizes se sobressaltaram e arregalaram os olhos como se nunca tivessem visto um Aiel, então se curvaram para saudar Rand, e

permaneceram curvados. O fabricante de lentes reagiu quase da mesma forma ao ver os Aiel, mas fez uma reverência mais contida, tornando a esfregar a cabeça no meio do movimento.

— Eu lhe disse que terminaria a segunda hoje, Milorde Dragão. — Tovere conseguiu atribuir respeito ao tom de voz sem torná-lo nem um pouco menos rude. — Uma ideia maravilhosa, esta torre. Eu nunca a teria concebido, mas assim que milorde começou a perguntar quão longe seria capaz de enxergar com uma luneta… Me dê um tempo e eu lhe farei uma que, daqui, enxergue até Caemlyn. Se construírem uma torre alta o bastante — completou o homem, cautelosamente. — Há limites.

— O que você já realizou é mais que suficiente, Mestre Tovere. — Mais do que Rand esperara, com certeza. Ele já experimentara a primeira luneta.

Jol e Cail ainda estavam curvados em ângulo reto, olhando para baixo.

— Talvez seja melhor você levar seus aprendizes lá para baixo — sugeriu Rand. — Para não ficar tão cheio aqui.

Havia espaço para quatro vezes mais pessoas, mas Tovere foi logo cutucando o ombro de Cail com um dedo grosso.

— Venham comigo, seus caipiras desastrados. Estamos atrapalhando o Lorde Dragão.

Os aprendizes mal se ergueram o bastante para acompanhá-lo, os olhos ainda mais arregalados para Rand do que para os Aiel, enquanto sumiam escada abaixo. Cail era um ano mais velho que ele; Jol, dois. Ambos haviam nascido em cidades maiores do que Rand imaginara antes de deixar Dois Rios, além de já terem visitado Cairhien e visto o rei e o Trono de Amyrlin, mesmo que à distância, enquanto ele ainda estava pastoreando ovelhas. Era muito provável que, de certo modo, conhecessem mais do que ele sobre o mundo. Balançando a cabeça, Rand se abaixou para olhar pela nova luneta.

Cairhien entrou em foco. A floresta, que não parecia muito densa para alguém acostumado à mata de Dois Rios, terminava bem antes de alcançar a cidade, claro. Muralhas altas e cinzentas com as torres quadradas formavam um quadrado perfeito contra o rio, zombando das curvas fluidas das colinas. Dentro delas, mais torres se erguiam em um padrão preciso, marcando os vértices de uma malha quadriculada, algumas vinte ou até mais vezes maiores que as muralhas, e todas cercadas por andaimes. As lendárias torres desnudas ainda estavam sendo reconstruídas após terem sido incendiadas na Guerra dos Aiel.

Na última vez em que Rand vira a cidade, ela era cercada por outra, de uma margem à outra do rio: Portão Frontal, um ninho de rato todo de madeira e tão espalhafatosa quanto Cairhien, era solene. Restava apenas um trecho largo de cinzas e pedaços de madeira

tostados envolvendo a cidade. Como se evitou que aquele incêndio se espalhasse pela própria Cairhien estava além da compreensão de Rand.

Estandartes adornavam todas as torres da cidade, distantes demais para serem identificados, mas batedores os haviam descrito para Rand. Metade exibia as Luas Crescentes de Tear. A outra metade copiava o estandarte do Dragão que ele deixara panejando sobre a Pedra de Tear, o que não era muito surpreendente. Em nenhum se via o Sol Nascente de Cairhien.

Mover só um pouco a luneta fazia com que a cidade saísse de vista. No lado mais distante do rio repousavam as ruínas dos celeiros. Só restavam as estruturas enegrecidas de pedra. Alguns dos cairhienos com quem Rand conversara afirmavam que o incêndio dos celeiros levara a insurreições, depois à morte do rei Galldrian, e então à guerra civil. Outros diziam que fora o assassinato de Galldrian que causara as insurreições e o incêndio. Rand duvidava que algum dia fosse descobrir qual das duas versões era verdadeira, ou se alguma delas era.

Vários destroços queimados pontilhavam as duas margens do largo rio, mas nenhum ficava perto da cidade. Os Aiel ficavam desconfortáveis — amedrontados talvez fosse uma palavra muito forte — com cursos d'água que não podiam ser saltados ou atravessados a pé, mas Couladin dera um jeito de colocar barragens de toras flutuantes no Alguenya, tanto antes quanto depois de Cairhien, assim como homens suficientes para garantir que elas não fossem cortadas. Flechas incendiárias haviam dado conta do resto. Tirando ratos e pássaros, nada era capaz de entrar ou sair de Cairhien sem o consentimento de Couladin.

As colinas em torno da cidade exibiam poucos sinais de um exército em cerco. Aqui e ali, abutres batiam as pesadas asas, sem dúvida banqueteando-se com os vestígios de alguma tentativa de invasão, mas não se via nenhum Shaido. A menos que quisessem, era muito raro que os Aiel se deixassem ver.

Mas… Rand girou a luneta de volta para o topo de uma colina descampada a talvez uma milha das muralhas da cidade. De volta para um grupo de homens. Não conseguiu discernir rostos, nem muita coisa mais, fora o fato de todos estarem usando o *cadin'sor*. Outro detalhe: um dos homens tinha os braços desnudos. Couladin. Rand teve certeza de que devia ser coisa de sua imaginação, mas pensou ver a luz do sol refletir nas escamas metálicas que imitavam as dele nos antebraços do homem, sempre que Couladin se mexia. Fora Asmodean quem as colocara ali. Só uma tentativa de desviar a atenção de Rand, de deixá-lo ocupado enquanto executava os próprios planos, mas, sem aquilo, quanta coisa teria sido diferente? Com certeza ele não estaria ali

naquela torre observando uma cidade sitiada e aguardando uma batalha.

De repente, algo rasgou o ar naquele topo de colina distante, uma mancha comprida, e dois dos homens que lá estavam desabaram no chão. Com o olhar fixo nos dois, ambos aparentemente atravessados pela mesma lança, Couladin e os outros pareciam tão atônitos quanto Rand. Girando a luneta, ele procurou o homem que lançara o objeto com tamanha potência. Tinha que ser corajoso — e tolo — para se aproximar o suficiente para isso. A busca de Rand logo se ampliou para além de qualquer alcance possível para um braço humano. Começava a considerar um Ogier — improvável, já que incitar um Ogier à violência exigia muito — quando seu olhar foi atraído por um segundo borrão, que passou feito um raio.

Sobressaltado, Rand se pôs parcialmente ereto antes de tornar a mover a luneta em direção às muralhas de Cairhien. Aquela lança — ou o que quer que fosse — viera de lá. Tinha certeza. Como aquilo era possível era outra questão. Àquela distância, tudo o que podia fazer era tentar distinguir o movimento ocasional de alguém nas muralhas ou no alto de uma torre.

Ao levantar a cabeça, Rand encontrou Rhuarc afastando-se da outra luneta e cedendo o lugar para Han. Aquela era a razão de ser da torre e das lunetas. Os batedores traziam quaisquer informações possíveis sobre a disposição dos Shaido, só que, daquela forma, os chefes podiam ver com os próprios olhos o terreno no qual a batalha seria travada. Já haviam traçado um plano, mas uma última análise do terreno nunca era demais. Rand não entendia tanto de batalhas, mas Lan considerara o plano deles bom. Ao menos no que dizia respeito à sua própria mente, Rand não entendia tanto. Às vezes, aquelas outras lembranças surgiam de mansinho, e ele parecia entender mais do que gostaria.

— Você viu aquilo? Aquelas… lanças?

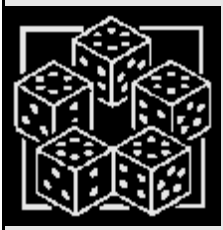
Rhuarc encarou Rand tão atordoado quanto Rand sabia que também estava, mas o Aiel assentiu.

— A última acertou outro Shaido, mas ele saiu rastejando. Não foi Couladin, para nosso azar. — O homem gesticulou para a luneta, e Rand o deixou tomar seu lugar.

Teria sido tanto azar assim? A morte de Couladin não cessaria a ameaça a Cairhien ou a qualquer outro local. Agora que estavam naquele lado da Muralha do Dragão, os Shaido não retornariam pacificamente só porque o homem que pensavam ser o verdadeiro *Car'a'carn* tinha morrido. Isso poderia até abalá-los, mas não seria o bastante. Além do mais, depois de ter visto tudo o que vira, Rand não achava que Couladin merecia uma morte tão banal. *Eu consigo ser tão duro quanto o necessário,* pensou, tocando o punho da espada. *Com ele,*

eu consigo.

42



Antes da flecha

A parte interna do teto de uma tenda só podia ser a visão mais tediosa do mundo, mas, deitado só de camiseta nas almofadas com borlas escarlates que Melindhra arranjara, Mat analisava atentamente o tecido marrom-acinzentado. Ou melhor, olhava para além dele. Com um braço atrás da cabeça, a outra mão girava um cálice de prata cheio de um bom vinho do sul de Cairhien. Um pequeno barril lhe custara tanto quanto dois bons cavalos — ou pelo menos quanto teriam custado em outros tempos, quando o mundo e tudo o que havia nele não estavam de cabeça para baixo —, mas Mat considerou um preço pequeno por algo tão decente. Às vezes, derramava uma ou duas gotas, mas nem se dava conta, e nunca tomava um gole.

Na opinião dele, fazia muito tempo que as questões haviam extrapolado o limite do meramente grave. Grave era ficar preso no Deserto sem ter ideia de como sair. Grave era os Amigos das Trevas surgirem do nada quando menos se esperava, ataques de Trollocs à noite e os estranhos Myrddraal que gelavam o sangue de qualquer um com aquele olhar sem olhos. Aquele tipo de coisa aparecia rápido e costumava terminar antes que houvesse muitas chances para se pensar a respeito. Certamente não era desejável, mas, se fosse preciso, dava para ir levando. Contudo, fazia dias que ele já sabia para onde estavam indo, e por quê. Nada de rápido, nesse caso. Muitos dias para pensar.

Eu não sou nenhum maldito herói, pensou, irritado, *e não sou nenhum maldito soldado.* Afastou com firmeza a lembrança de caminhar por muralhas de fortalezas dando ordens a seus últimos homens sobre o ponto por onde Trollocs subiam as escadas. *Esse* não *era eu, e que a Luz queime quem era! Eu sou…* Ele não sabia o que era — um pensamento amargo —, mas, o que quer que fosse, envolvia apostas e tavernas, mulheres e dança. Disso, Mat tinha certeza. Quem ele era envolvia um bom cavalo e ter todas as estradas do mundo para escolher, não ficar sentado esperando alguém lhe atirar flechas ou tentar lhe atravessar as costelas com uma espada ou uma lança. Qualquer outra coisa faria dele um tolo, e isso ele não seria, nem por

Rand, nem por Moiraine e nem por ninguém.

Quando se sentou, o medalhão de prata com cabeça de raposa pendurado no cordão de couro deslizou da gola de sua camisa, que estava desamarrada. Mat tornou a enfiá-lo para dentro, antes de beber um longo gole de vinho. O medalhão o protegia de Moiraine ou de qualquer outra Aes Sedai, desde que ninguém o tirasse dele — e com certeza alguém tentaria algo do tipo mais cedo ou mais tarde —, mas nada além de sua própria sagacidade o livraria de algum tolo que tentasse matá-lo junto com mais alguns milhares de outros tolos. Ou de Rand. Ou de ser *ta'veren*.

Um homem devia ser capaz de tirar algum proveito de algo assim, dessa capacidade de influenciar o desenrolar das coisas. Rand com certeza tirara, de certa forma. O próprio Mat nunca vira nada se dando a partir dele, exceto o rolar dos dados. Não viraria as costas para algumas das coisas que aconteceram a *ta'veren* em histórias. A fortuna e a fama lhes caíam nos bolsos como que do céu. Homens que desejavam matá-los decidiam, em vez disso, segui-los, e mulheres com gelo nos olhos começavam a derreter.

Não que ele estivesse reclamando do que tinha, na verdade. E não que desejasse algo como o que Rand arrumara. O preço para entrar no jogo era alto demais. Era só que parecia estar preso a todos os fardos de ser *ta'veren*, mas a nenhum dos prazeres.

— Hora de ir — anunciou para a tenda vazia, e então, pensativo, fez uma pausa e sorveu um gole do cálice. — Hora de montar em Pips e cavalgar. Cavalgar até Caemlyn, talvez. — Não era uma cidade ruim, desde que evitasse o Palácio Real. — Ou Lugard. — Ouvira boatos sobre Lugard. Um belo local para tipos como ele. — Hora de deixar Rand comendo poeira. Ele tem um maldito exército Aiel e mais Donzelas cuidando dele do que é capaz de contar. Não precisa de mim.

A última parte não era bem verdade. De certa maneira, estranhamente, Mat estava amarrado ao sucesso ou ao fracasso de Rand em Tarmon Gai'don, tanto ele quanto Perrin, três *ta'veren* tecidos juntos. Era provável que as histórias só fossem mencionar Rand. Poucas chances de que ele ou Perrin tivessem papel nelas. E, além disso, havia a Trombeta de Valere, na qual ele não queria pensar, e não pensaria. Não até ser obrigado. Talvez ainda houvesse algum jeito de escapar daquela confusão em particular. De um jeito ou de outro, a Trombeta era problema para outro dia. Um dia distante. Com sorte, todas aquelas contas venceriam em um dia muito distante. Só que isso poderia demandar mais sorte do que ele tinha.

A questão agora era que dissera tudo aquilo sobre ir embora e quase não sentira nada. Pouco tempo antes, Mat não teria conseguido nem falar sobre o assunto. Sempre que se afastava de Rand, era

atraído de volta feito um peixe fisgado por alguma linha invisível. Depois, passara a conseguir falar a respeito e até a fazer planos, mas qualquer besteirinha o distraía e o fazia abandonar a ideia de partir sorrateiramente. Mesmo em Rhuidean, quando dissera a Rand que partiria, tivera certeza de que algo acabaria atrapalhando. E foi o que aconteceu, mais ou menos. Mat saíra do Deserto, mas não estava mais longe de Rand do que antes. Desta vez, não achava que seria atrapalhado.

— Eu não estou *abandonando* Rand — resmungou. — Se aquele maldito não conseguir tomar conta de si mesmo, nunca vai aprender. E eu não sou a babá dele, maldição.

Esvaziando o cálice, Mat vestiu o casaco verde, guardou as facas nos devidos esconderijos, arrumou um cachecol de seda amarelo-escuro para esconder a cicatriz do enforcamento no pescoço, apanhou o chapéu e saiu da tenda.

Depois da sombra relativamente fresca do interior da tenda, o calor atingiu seu rosto com intensidade. Não tinha certeza de como as estações se sucediam ali, mas o verão estava perdurando demais para o seu gosto. Ansiara a partida do Deserto para ver a chegada do outono. Para ter um pouco de frescor. Nenhuma sorte até então. Pelo menos a aba larga do chapéu protegia o rosto do sol.

Aquela floresta montanhosa de Cairhien era lastimável, mais clareiras do que árvores, e metade delas ficando marrons por conta da seca. Nem se comparava à Floresta do Oeste, de sua terra natal. Havia tendas baixas de Aiel por toda parte, embora, à distância, elas assumissem o aspecto de uma pilha de folhas mortas ou de um montículo de terra, a menos que as abas estivessem levantadas, e ainda assim não eram fáceis de avistar. Os Aiel que estavam ocupados com as próprias tarefas não olharam duas vezes para Mat.

De um cume, enquanto cruzava o acampamento, Mat divisou os carroções de Kadere formando um círculo, os condutores deitados na sombra abaixo deles, o mascate fora de vista. Kadere saía cada vez menos do próprio carroção e era raro que sequer colocasse o nariz para fora, exceto quando Moiraine aparecia para inspecionar os carregamentos. Os Aiel que rodeavam os carroções, pequenos agrupamentos com lanças e broquéis, arcos e aljavas, não tinham muita pretensão de ser algo mais que guardas. Moiraine devia pensar que Kadere ou alguns de seus homens tentariam roubar o que ela trouxera de Rhuidean. Mat se perguntou se Rand percebia que estava dando a Moiraine toda e qualquer coisa que ela pedia. Por um tempo, Mat pensara que era Rand quem dava as cartas, mas já não tinha mais tanta certeza, ainda que Moiraine realmente só faltasse fazer reverências e apanhar o cachimbo do amigo.

A tenda de Rand, naturalmente, ficava isolada no alto de uma

colina, o estandarte vermelho pendurado em uma vara logo à frente. Ele tremulava com a brisa leve, por vezes se abrindo o suficiente para deixar à mostra o disco preto e branco. Aquele treco fazia a pele de Mat se arrepiar tanto quanto o estandarte do Dragão. Se um homem quisesse evitar se envolver com Aes Sedai, e apenas um idiota não quereria, a última coisa a se fazer era ostentar aquele símbolo.

As encostas da colina estavam vazias, mas as tendas das Donzelas circundavam o pé da elevação e se espalhavam em meio às árvores que se erguiam das encostas no entorno e desciam até o outro lado. Aquilo também era comum, assim como o acampamento das Sábias ficar dentro do das *Far Dareis Mai*, dezenas de tendas baixas a pouca distância da colina de Rand, *gai'shain* com seus robes brancos zanzando para lá e para cá.

Havia poucas Sábias à vista, mas compensavam a pequena quantidade com os olhares que acompanhavam Mat. Ele não tinha ideia de quantas daquele grupo eram capazes de canalizar, mas as mulheres não perdiam em nada para as Aes Sedai quando o assunto era aqueles olhares. Mat acelerou o passo e fez um esforço para não encolher os ombros, incomodado. Sentia aqueles olhos em suas costas com tanta firmeza quando sentiria o cutucão de uma vara. E teria de passar pela mesma provação na volta. Bem, bastavam algumas palavras com Rand, e seria a última vez que precisaria passar por aquilo.

Só que, quando tirou o chapéu e entrou na tenda de Rand, a única pessoa que estava lá era Natael, se espreguiçando nas almofadas com a harpa dourada com entalhes de dragão escorada no joelho e um cálice de ouro na mão.

Mat fez uma careta e xingou baixinho. Deveria ter imaginado. Se Rand estivesse ali, precisaria ter passado por um círculo de Donzelas rodeando a tenda. Era provável que estivesse no alto daquela torre recém-construída. Uma boa ideia, aquela. Conhecer o território. Era a segunda regra, logo depois de "Conheça o inimigo", e não havia muita diferença entre as duas.

Pensar naquilo deixou um gosto amargo em sua boca. Aquelas regras vinham das lembranças de outros homens. As únicas regras que Mat queria ter em mente eram "Nunca beije uma garota cujos irmãos tenham cicatrizes de faca" e "Nunca aposte sem saber como sair pelos fundos". Quase desejou que aquelas memórias de outros homens ainda fossem compartimentos separados de seu cérebro, em vez de ficar surgindo em seus pensamentos quando menos esperava.

— Algum problema de queimação no estômago? — perguntou Natael, preguiçosamente. — Uma das Sábias pode ter uma raiz que trate disso. Ou poderia tentar com Moiraine.

Mat não gostava do sujeito, que sempre parecia estar pensando

em uma piada que não pretendia contar. E Natael se vestia como se tivesse três serviçais só para cuidar de suas roupas. Todas aquelas rendas cor de neve na gola e nos punhos parecendo recém-lavadas. O camarada também não parecia suar nunca. Por que Rand o queria por perto era um mistério. Ele quase nunca tocava músicas alegres naquela harpa.

— Ele vai demorar a voltar?

Natael deu de ombros.

— Quando ele decidir. Talvez sim, talvez não. Homem nenhum mede o tempo do Lorde Dragão. E poucas mulheres. — Lá estava ele de novo, com aquele sorriso secreto. Havia um toque sombrio, desta vez.

— Vou esperar. — Pretendia levar aquilo adiante. Já adiara demais.

Natael bebericou o vinho e examinou Mat por cima do cálice.

Já era ruim o bastante que Moiraine e as Sábias o observassem daquele jeito silencioso e inquisitivo — e às vezes também Egwene, que agora era meio Sábia, meio Aes Sedai e estava muito mudada —, mas ganhar aquele olhar de um menestrel de Rand foi o suficiente para tirá-lo do sério. A melhor coisa de ir embora seria não ter ninguém olhando para ele como se soubessem no que estava pensando e até se suas roupas de baixo estavam limpas.

Dois mapas repousavam abertos perto da fogueira. Um, uma cópia minuciosa de um mapa esfarrapado encontrado em uma cidade parcialmente incendiada, mostrava o norte de Cairhien, desde o oeste do Alguenya até a metade do caminho para a Espinha do Mundo. Já o outro, recém-desenhado e esboçado, retratava as terras em torno da cidade. Folhinhas de pergaminho presas com pedregulhos pontilhavam ambos. Se ia esperar ali e ignorar o olhar inquisitivo de Natael, não havia nada a fazer além de estudar os mapas.

Com a ponta da bota, Mat afastou algumas pedras do mapa da cidade para que pudesse ler o que estava escrito nos pergaminhos. Fez uma careta, a contragosto. Se os batedores Aiel sabiam contar, Couladin tinha perto de cento e sessenta mil lanças — dos Shaido e daqueles que, supostamente, tinham se juntado a suas sociedades entre os Shaido. Uma noz difícil de quebrar, e espinhosa. Este lado da Espinha do Mundo não vira um exército como aquele desde os tempos de Artur Asa-de-gavião.

O segundo mapa ilustrava os outros clãs que tinham cruzado a Muralha do Dragão. Àquela altura, todos já estavam dispostos de acordo com a ordem em que haviam saído de Passo de Jangai, e estavam bem espalhados pelo terreno, mas ainda perto demais dali para oferecer tranquilidade. Os Shiande, os Codarra, os Daryne e os Miagoma. Somando-os, parecia haver pelo menos o mesmo número de

lanças de Couladin. Se fosse verdade, significava que nenhum deles havia deixado muita gente para trás. Os sete clãs junto a Rand tinham quase o dobro desse número, com certeza o suficiente para enfrentar Couladin ou os outros quatro clãs. Mas só um dos dois. Não ambos, e não ao mesmo tempo. Mas ambos e ao mesmo tempo talvez fosse o que Rand precisaria enfrentar.

O que os Aiel chamavam de Desolação também devia estar afetando aqueles clãs — todos os dias, homens largavam as armas e desapareciam —, mas só um tolo pensaria que aquilo diminuiria mais os números deles que os de Rand. E sempre havia a possibilidade de que alguns desses homens estivessem passando para o lado de Couladin. Os Aiel não falavam sobre isso — nem muito nem abertamente — e mascaravam o fato com o discurso de aderir a sociedades. Mas, mesmo agora, homens e Donzelas ainda decidiam que não podiam aceitar Rand ou o que ele lhes contara sobre a própria história dos Aiel. Todas as manhãs, alguns desapareciam, e nem todos deixavam as lanças para trás.

— Uma bela situação, você não diria?

Mat virou a cabeça ao ouvir a voz de Lan, mas o Guardião tinha entrado sozinho.

— Só estava me distraindo enquanto espero. Rand está vindo?

— Logo vai chegar. — Com os polegares enganchados no cinto da espada, Lan parou ao lado de Mat e baixou o olhar para o mapa. Seu rosto demonstrava tanto quanto o de uma estátua. — O dia de amanhã deverá chegar com a maior batalha desde Artur Asa-de-gavião.

— Não me diga!

Onde estava Rand? Ainda no alto daquela torre, provavelmente. Talvez Mat devesse ir até lá. Não, podia acabar correndo o acampamento todo, sempre um passo atrás de alcançá-lo. No fim das contas, Rand voltaria para a tenda. Mat queria conversar sobre algo que não fosse Couladin. *Esta luta não me diz respeito. Não estou fugindo de algo que tenha minimamente a ver comigo.*

— E eles? — Mat gesticulou para as folhinhas de pergaminho que representavam os Miagoma e os demais. — Alguma notícia se pretendem se juntar a Rand ou se a intenção deles é ficar lá, sentados, só assistindo?

— Quem sabe? Rhuarc não parece ter mais ideia do que eu, e, se as Sábias souberem, não estão abrindo a boca. A única certeza é que Couladin não vai sair de onde está.

Outra vez Couladin. Mat se agitou desconfortavelmente e deu meio passo para trás, na direção da porta. Não, *iria* esperar. Prendendo o olhar nos mapas, fingiu estudá-los mais um pouco. Talvez Lan o deixasse em paz. Só queria falar com Rand e ir embora.

O Guardião, porém, parecia querer conversar.

— O que você acha, Mestre Menestrel? Deveríamos investir com toda força contra Couladin e esmagá-lo amanhã?

— Me parece um plano tão bom quanto qualquer outro — retrucou Natael, austero. O homem esvaziou o cálice em um gole, largou-o em meio aos tapetes e pegou a harpa para começar a dedilhar suavemente algo sombrio e funesto. — Eu não comando exército nenhum, Guardião. Não comando nada a não ser a mim mesmo, e nem sempre.

Mat grunhiu, e Lan o encarou antes de retomar seu estudo dos mapas.

— Você não acha que é um bom plano? Por que não?

A pergunta foi feita tão casualmente que Mat respondeu sem pensar:

— Por dois motivos. Se cercarem Couladin e conseguirem encurralá-lo entre vocês e a cidade, é possível esmagá-lo contra as muralhas. — Quanto tempo Rand ainda ia demorar? — Mas também podem fazê-lo passar por cima delas. Pelo que eu sei, ele já quase fez isso duas vezes, mesmo sem mineiros ou armas de cerco, e a cidade está se segurando por um fio. — Conversar com Rand e ir embora, só isso. — Se pressionarem demais o homem, vão se ver lutando dentro de Cairhien. É terrível lutar dentro de uma cidade. E a ideia é salvar o lugar, não terminar de arruiná-lo. — Aquelas folhinhas espalhadas pelos mapas, e os próprios mapas, deixavam tudo muito claro.

Franzindo o cenho, Mat se agachou, os cotovelos nos joelhos. Lan se abaixou ao lado, mas Mat mal percebeu. Era um problema arriscado. E fascinante.

— Melhor vocês tentarem expulsá-lo de lá. Atacá-lo principalmente pelo sul. — Ele apontou para o rio Gaelin, que se juntava ao Alguenya algumas milhas ao norte da cidade. — Existem pontes aqui em cima. Deixe um caminho livre até elas para os Shaido. Sempre deixem uma saída, a menos que vocês realmente queiram descobrir como um homem é capaz de lutar quando não tem nada a perder. — O dedo de Mat deslizou para o leste. Pelo visto, o terreno ali era cheio de colinas com bosques. Provavelmente não muito diferentes do entorno de onde estavam. — Algumas tropas bloqueando aqui por este lado do rio vão obrigá-los a ir para as pontes, caso essas tropas sejam grandes o bastante e estejam bem posicionadas. Quando eles estiverem em movimento, Couladin não vai querer enfrentar alguém na frente com vocês vindo por trás. — Sim. Quase exatamente o mesmo plano que em Jenje. — A não ser que ele seja um completo idiota, pelo menos. Pode ser que alcancem o rio ainda em boa formação, mas as pontes vão estrangulá-los. Não imagino nenhum Aiel nadando ou procurando um ponto raso para atravessar. Mantenham a pressão e forcem a passagem. Com sorte, vocês vão conseguir criar

problemas para eles até as montanhas. — Igual também aos Vaus Cuaindaigh, no fim das Guerras dos Trollocs, e em uma escala bem parecida. Não muito diferente, também, do Tora Shan. Ou da Garganta Sulmein, antes de Asa-de-gavião acertar o passo. Os nomes cintilavam pela mente de Mat, imagens de campos sangrentos esquecidos até por historiadores. Absorvido pelo mapa como estava, as lembranças não pareciam ser nada além de suas próprias memórias. — Pena que a cavalaria de vocês não é maior. Uma cavalaria leve é mais indicada para pastorear Couladin pelas montanhas. Invistam pelos flancos, mantenham eles em movimento, e nunca deixe que se assentem para lutar. Mas os Aiel devem funcionar quase tão bem quanto.

— E o outro motivo? — indagou Lan, tranquilo.

Mat estava definitivamente envolvido. Ele mais do que gostava de apostas, e batalhas eram apostas que faziam dos jogos de dados em tavernas um passatempo para crianças e velhos desdentados. Eram vidas que estavam em jogo, sua própria vida e as de outros homens, de gente que nem estava ali. A aposta errada, um lance tolo, e cidades, ou nações inteiras morriam. A música sombria de Natael era um acompanhamento oportuno. Ao mesmo tempo, aquele era um jogo que fazia seu sangue se agitar.

Sem tirar os olhos do mapa, Mat bufou.

— Você sabe tão bem quanto eu. Se qualquer um daqueles quatro clãs decidir aderir a Couladin, vão pegar vocês por trás enquanto suas mãos ainda estiverem ocupadas com os Shaido. Couladin vai ser a bigorna, e eles, o martelo, enquanto vocês vão ser a noz entre os dois. Levem só metade de suas forças para enfrentar Couladin. Isso vai deixar a luta empatada, mas é o jeito. — Em uma guerra, não havia isso de justiça. Era preciso pegar o inimigo pelas costas, quando ele menos esperava, e quando e onde ele estivesse mais fraco. — Vocês ainda têm uma vantagem: ele precisa se preocupar com uma incursão vinda da cidade. A outra metade, vocês dividem em três: uma para afunilar Couladin até o rio, e as outras duas separadas por algumas milhas, entre a cidade e os quatro clãs.

— Muito interessante — opinou Lan, aquiescendo. Aquele rosto de pedra nunca se alterava, mas a voz tinha um ar de aprovação, ainda que leve. — Um clã não ganharia nada atacando qualquer força, e menos ainda com o inimigo capaz defender a retaguarda. E, pelo mesmo motivo, ninguém vai tentar interferir no que acontecer ao redor da cidade. Claro que todos os quatro poderiam aderir. Improvável, já que não fizeram isso até agora, mas, caso façam, muda tudo.

Mat gargalhou.

— Tudo sempre muda. O melhor plano só dura até a primeira

flecha sair do arco. Isto seria brincadeira de criança, se não fosse o fato de Indirian e os outros não saberem o que querem. Se todos decidirem passar para o lado de Couladin, vocês lançam o dado e torcem, porque com certeza o Tenebroso vai estar no jogo. Pelo menos vocês vão ter forças suficientes fora da cidade para quase igualá-los. O suficiente para segurá-los pelo tempo que precisarem. Se for o caso, abandonem a ideia de perseguir Couladin e invistam tudo contra os quatro clãs assim que Couladin estiver atravessando o Gaelin. Mas minha aposta é que eles vão esperar, observar, e vir atrás de vocês só quando Couladin tiver terminado. A vitória dissipa muitas dúvidas da cabeça da maioria dos homens.

A música cessara. Mat olhou para Natael e viu que o homem segurava a harpa com força, encarando-o por cima dela com mais firmeza do que nunca. Encarando-o como se nunca o tivesse visto e não soubesse quem ele era. Os olhos do menestrel eram como um vidro escuro e polido, os nós dos dedos brancos contra o dourado da harpa.

Com aquilo, tudo se encaixou; o que dissera e as lembranças que recordara. *Que me queime por ser um tolo que não segura a própria língua!* Por que Lan conduzira a conversa para aquele assunto? Por que não falara sobre cavalos, sobre o tempo, ou só ficara calado? O Guardião nunca se mostrara tão ávido por conversar. Em geral, Lan fazia uma árvore parecer extrovertida. Claro que Mat também teria permanecido concentrado e de boca fechada. Pelo menos não estivera tagarelando na Língua Antiga. *Sangue e cinzas,* tomara *que não!*

Levantando-se de repente, Mat se virou para sair e deu de cara com Rand parado junto à entrada da tenda, girando distraidamente aquele estranho pedaço de lança com borlas, como se nem se desse conta de que o segurava. Por quanto tempo estivera ali? Não importava. Mat foi desembuchando tudo às pressas.

— Estou indo embora, Rand. Assim que a primeira luz da manhã surgir, pulo na sela e vou. Iria agora mesmo se ainda desse para chegar a algum lugar satisfatório no que resta do dia. Quero ficar o mais longe possível dos Aiel, de *qualquer* Aiel; o mais longe que Pips conseguir me levar antes que eu pare para acampar. — Não havia sentido em se deitar em algum ponto em que poderia ser capturado e enforcado pelos batedores de sabia-se lá quem. Couladin também devia ter os dele, e até os outros clãs talvez não o reconhecessem antes que Mat tivesse uma lança lhe atravessando o fígado.

— Vou lamentar ver você partir — disse Rand, calmo.

— Não tente me convencer a não… — Mat piscou. — É isso? Você vai lamentar me ver partir?

— Eu nunca tentei fazer você ficar, Mat. Perrin foi embora quando precisou, e você também pode ir.

Mat abriu a boca, e então tornou a fechá-la. Rand nunca tentara fazê-lo ficar, verdade. Fizera isso sem tentar. Mas, desta vez, não havia o menor sinal do puxão de um *ta'veren*, nenhum sentimento vago de que estava fazendo a coisa errada. Estava firme e certo de seu propósito.

— Para onde você vai?

— Para o sul.

Não que houvesse muitas opções. As outras direções levavam ao Gaelin, com nada ao norte do rio que despertasse seu interesse, ou aos Aiel. Um grupo certamente o mataria e o outro talvez o matasse, talvez não, dependendo da proximidade de Rand e do que eles tivessem jantado na noite anterior. Chances não muito boas, pelos cálculos de Mat.

— De início, pelo menos. Depois, para algum lugar onde haja uma taverna e mulheres que não carreguem lanças.

Melindhra. Ela podia ser um problema. Mat achava que ela fosse o tipo de mulher que só era suave quando queria. Bem, de um jeito ou de outro, lidaria com ela. Talvez pudesse ir embora escondido.

— Isto não é para mim, Rand. Não entendo nada de batalhas, e nem quero entender. — Evitou olhar para Lan e Natael. Se um dos dois desse com a língua nos dentes, Mat lhes acertaria um soco na boca. Inclusive no Guardião. — Você entende, não é?

O meneio de Rand poderia ter sido de compreensão. Talvez fosse.

— Eu me esqueceria de me despedir de Egwene, se fosse você. Já não sei mais se quando digo algo para ela também não estou dizendo para Moiraine, para as Sábias, ou para ambas.

— Cheguei a essa conclusão há muito tempo. Ela deixou Campo de Emond bem mais para trás do que nós dois. E se arrepende disso bem menos.

— Talvez — ponderou Rand, com tristeza. — Que a Luz brilhe sobre você, Mat — acrescentou, estendendo a mão —, e que lhe envie estradas suaves, clima bom e companhias agradáveis até que nos encontremos de novo.

Isso não aconteceria tão cedo, caso as coisas saíssem como Mat planejara. Ele ficou um pouco triste e se sentiu meio tolo por isso, mas um homem precisava cuidar de si mesmo. No fim das contas, era isso que importava.

O aperto de mão de Rand foi mais forte do que nunca — todos aqueles treinos com espadas só serviram para criar novos calos por cima dos antigos calos de arqueiro —, mas Mat discernia claramente os sulcos da marca da garça na palma da mão dele. Só um pequeno lembrete, caso ele viesse a se esquecer dos desenhos sob as mangas do amigo, ou daquelas coisas ainda mais estranhas dentro da cabeça dele, que permitiam que canalizasse. Se Mat conseguia esquecer que Rand

canalizava — sequer pensava nisso há dias, dias! —, então era porque já passara *muito* da hora de ir.

Trocaram mais algumas palavras desajeitadas. Lan parecia ignorá-los, os braços cruzados, estudando os mapas em silêncio, enquanto Natael dedilhava preguiçosamente a harpa. Mat tinha um bom ouvido para música e a melodia desconhecida lhe soava irônica, o que o fez se perguntar por que o sujeito a escolhera. Passaram mais alguns momentos, já que Rand preferia enrolar a pôr um fim na conversa. Então Mat acabou saindo. Havia uma multidão do lado de fora: umas cem Donzelas espalhadas pelo topo da colina, andando na ponta dos pés, prontíssimas para enfiar uma lança em alguém; todos os sete chefes de clã esperando pacientemente, imóveis feito pedras; e três lordes tairenos tentando fingir que não estavam suando e que os Aiel não existiam.

Soubera da chegada dos lordes e chegara até a dar uma olhada no acampamento — nos acampamentos, na verdade — deles, mas não vira ninguém conhecido por lá, nem ninguém que quisesse tentar uma rodada com os dados ou as cartas. Os três homens o examinaram de cima a baixo, franzindo o rosto com desdém e, aparentemente, decidiram que Mat não era melhor que os Aiel, o que significava dizer que não era digno de atenção.

Mat enfiou o chapéu na cabeça, puxou a aba para baixo por sobre os olhos e, dando o troco, estudou os tairenos com frieza por um momento. Teve o prazer de notar que pelo menos os dois mais jovens voltaram a ficar desconfortavelmente cientes dele antes que começasse a descer a colina. O de barba grisalha ainda parecia muito impaciente para entrar na tenda de Rand, o que mal conseguia disfarçar, mas nada daquilo importava, de qualquer maneira. Mat nunca mais veria nenhum deles.

Não tinha ideia de por que não havia simplesmente ignorado os tais lordes. O fato era que seu andar estava mais leve, e Mat se sentia cheio de disposição. O que não era de surpreender, já que finalmente partiria, no dia seguinte. Parecia que os dados estavam girando em sua cabeça, e não havia como saber que números surgiriam quando parassem. Aquilo era estranho. Devia estar preocupado com Melindhra. Sim. Definitivamente iria embora cedo, e tão quieto quanto um rato se esgueirando sobre penas.

Assobiando, Mat foi até a própria tenda. Que canção era aquela? Ah, sim. “Dançando com Jak das Sombras”. Não tinha a intenção de dançar com a morte, mas a melodia era alegre, então foi assobiando-a mesmo assim enquanto tentava planejar a melhor rota para deixar Cairhien.

Rand observou Mat se afastar até bem depois que as abas da

tenda haviam caído e o escondido.

— Só ouvi a última parte — disse, por fim. — Foi tudo daquele jeito?

— Praticamente — respondeu Lan. — Olhou os mapas por uns poucos minutos e elaborou um plano de batalha bem parecido com o que Rhuarc e os demais fizeram. Viu as dificuldades e os perigos, e como fazer frente a eles. Mat entende de mineiros, armas de cerco, e também de como usar uma cavalaria leve para atrapalhar um oponente já em fuga.

Rand o encarou. O Guardião não demonstrava surpresa, nem mesmo um tique no olho. Claro, fora ele quem apontara que Mat parecia supreendentemente versado em questões militares. E Lan também não ia fazer a pergunta óbvia, o que era bom. Rand não tinha o direito de lhe dar as poucas respostas que sabia.

Ele mesmo tinha algumas dúvidas, como por exemplo: o que mineiros tinham a ver com batalhas? Ou talvez fosse só com cercos. Qualquer que fosse a resposta, não havia nenhuma mina mais próxima que a Adaga do Fratricida, e não se sabia se alguém ainda escavava por lá. Bem, aquela batalha teria que ser lutada sem eles. O importante era que Rand sabia que Mat adquirira mais do outro lado daquele batente de porta *ter'angreal* do que a tendência de falar na Língua Antiga quando estava distraído. E, sabendo disso, Rand aproveitaria a situação.

Você não precisa se tornar ainda mais duro, pensou ele com amargura. Vira Mat entrar em sua tenda e nem hesitara em mandar Lan até lá para ver o que podia brotar de uma conversa casual, a sós. Fora deliberado. O resto poderia ser ou não, mas ia acontecer. Torcia para que Mat ficasse bem, enquanto estivesse livre. Torcia para que Perrin estivesse aproveitando a vida em Dois Rios, apresentando Faile para a mãe e as irmãs, talvez se casando com ela. Torcia para isso porque sabia que iria atraí-los de volta, *ta'veren* puxando *ta'veren*, e ele era o mais forte. Moiraine dissera que não fora coincidência os três terem crescido na mesma aldeia, todos com quase a mesma idade. A Roda tecia eventualidades e coincidências no Padrão, mas não designava tipos como eles três sem motivo. No fim das contas, ele puxaria os amigos de volta para perto, não importava quão longe fossem, e, quando eles voltassem, Rand os usaria como pudesse. Como precisasse. Porque precisava. Porque o que quer que a Profecia do Dragão dissesse, ele tinha certeza de que sua única chance de triunfar em Tarmon Gai'don residia em ter os três juntos, três *ta'veren* amarrados um ao outro desde a infância, unidos mais uma vez. Não, ele não precisava se tornar duro. *Você já está rançoso o bastante para fazer um Seanchan cuspir o próprio jantar!*

— Toque "A marcha da morte" — ordenou ele com uma voz mais

ríspida do que pretendia, e Natael, por um momento, encarou-o com um olhar neutro. O homem estivera ouvindo tudo. Teria perguntas, mas não encontraria respostas. Se Rand não podia contar para Lan os segredos de Mat, não os espalharia para um dos Abandonados, por mais domesticado que ele parecesse. Desta vez, deu um tom áspero à voz de propósito, e apontou a lança para o homem. — Toque, a não ser que você conheça uma ainda mais triste. Toque algo que faça a *sua* alma chorar. Se é que você ainda tem uma.

Natael abriu um sorriso submisso e fez uma reverência sentado, mas a pele em torno dos olhos empalidecera. E foi mesmo "A marcha da morte" que ele começou a tocar, mas com a harpa soando mais cortante do que nunca, um lamento com ares de canto fúnebre que com certeza faria qualquer alma chorar. Olhou fixamente para Rand, como se esperasse notar algum efeito.

Rand se virou e estirou-se nos carpetes com a cabeça voltada para os mapas e uma almofada vermelha e dourada debaixo do cotovelo.

— Lan, você poderia pedir para os outros entrarem?

O Guardião fez uma reverência formal antes de sair da tenda. Foi a primeira vez que Lan fez aquilo, mas Rand mal se deu conta.

A batalha teria início no dia seguinte. Era um fingimento educado dizer que Rand ajudara Rhuarc e os demais a armar um plano. Ele era suficientemente sagaz para saber o que não sabia, e, apesar de todas as conversas que tivera com Lan e Rhuarc, ainda não estava pronto. *Já planejei cem batalhas deste porte ou até maiores, e já dei ordens que levaram a dez vezes mais batalhas.* Não era um pensamento seu. Lews Therin entendia de guerra — entendera de guerra —, mas Rand al'Thor, não, e ele era al'Thor. Rand ouvia, fazia perguntas, e assentia como se entendesse quando os chefes diziam que algo devia ser feito de determinada maneira. Às vezes entendia mesmo, mas desejava que não, porque sabia de onde viera tal compreensão. Sua única contribuição real fora afirmar que Couladin precisava ser derrotado sem que a cidade fosse destruída. De qualquer modo, esta reunião no máximo acrescentaria alguns detalhes ao que já fora decidido. Com todo o seu conhecimento recém-descoberto, Mat teria sido útil.

Não. Não queria pensar nos amigos e no que faria com eles antes que tudo estivesse terminado. Mesmo deixando a batalha de lado, havia muito com que se ocupar, coisas sobre as quais Rand poderia agir. A ausência de bandeiras cairhienas em Cairhien denotava um problema sério, e as contínuas desavenças com os andorianos, outro. Precisava pensar no que Sammael estava armando, e…

Os chefes entraram sem ordem específica. Desta vez, Dhearic veio primeiro, Rhuarc e Erim juntos no fim da fila, com Lan. Bruan e Jheran tomaram os lugares ao lado de Rand. Entre si, os Aiel não se preocupavam com precedência, e pareciam encarar *Aan'allein*

praticamente como um deles.

Weiramon entrou por último, seus fidalgotes nos calcanhares e uma carranca muda no rosto. Precedência com certeza importava para ele. Resmungando para a própria barba oleada, ele deu a volta na fogueira a passos largos e tomou assento atrás de Rand. Pelo menos até os olhares diretos dos chefes finalmente lhe perfurarem a carapaça. Entre os Aiel, um parente próximo ou um irmão de sociedade talvez pudesse ocupar aquela posição, caso houvesse o risco de uma facada pelas costas. Ele ainda franziu o rosto para Jheran e Dhearic, como se esperasse que um dos dois abrisse espaço.

Por fim, Bael gesticulou para o lugar ao lado dele, do outro lado dos mapas à frente de Rand. Após uma pausa, Weiramon dirigiu-se até lá e se sentou com as pernas cruzadas, bem rígido, olhando para a frente e parecendo ter acabado de engolir uma ameixa verde inteira. Quase tão rígidos quanto, os jovens tairenos se puseram de pé atrás dele, um dos dois tendo a delicadeza de parecer envergonhado.

Rand registrou tudo, mas nada disse, apenas enfiou o polegar no cachimbo cheio de tabaco e agarrou *saidin* por tempo suficiente para acendê-lo. Precisava tomar alguma providência com relação a Weiramon. O homem exacerbava velhos problemas e criava novos. Nenhuma fagulha perpassou as feições de Rhuarc, mas as expressões dos outros chefes iam do desgosto amargo de Han à clara e fria presteza de Erim para dançar as lanças imediatamente. Talvez houvesse um jeito de Rand se ver livre de Weiramon e, ao mesmo tempo, começar a resolver outra de suas preocupações.

Seguindo o exemplo de Rand, Lan e os chefes começaram a encher seus cachimbos.

— Acredito que só precisamos fazer pequenos ajustes — opinou Bael, acendendo o cachimbo com uma baforada e, como de costume, inflamando um olhar raivoso de Han.

— Esses seus pequenos ajustes incluem os Goshien ou, quem sabe, algum outro clã?

Rand parou de pensar em Weiramon e se curvou para escutar enquanto os homens decidiam o que precisava ser alterado por causa da nova visão que haviam tido do terreno. De vez em quando, um dos Aiel olhava de relance para Natael, os olhos estreitados ou os lábios apertados sugerindo que a música fúnebre provocava algum efeito dentro deles. Até os tairenos faziam caretas tristes. Os sons, no entanto, surtiam pouco efeito em Rand, não o tocavam. Lágrimas eram um luxo a que ele já não podia mais se dar, nem mesmo por dentro.

43

Este lugar, este dia

Na manhã seguinte, Rand se levantou e se vestiu bem antes da primeira luz. Nem dormira, na realidade, e não fora Aviendha quem o mantivera acordado, mesmo ela tendo começado a se despir antes que ele apagasse as lamparinas e tendo canalizado para tornar a acender uma assim que Rand as apagou, dizendo que não conseguia enxergar no escuro, ainda que ele pudesse. Rand não respondera e, horas depois, mal percebera quando, uma hora antes dele, Aviendha se levantou, se vestiu e saiu. Nem pensou em se perguntar para onde ela estava indo.

Os pensamentos que o mantiveram olhando fixamente para a escuridão ainda lhe passavam pela cabeça. Homens morreriam naquele dia. Muitos homens, mesmo que tudo saísse como o planejado. Nada que fizesse mudaria isso. As coisas iriam acontecer de acordo com o Padrão. Mas Rand ficou repassando as decisões que tomara desde que entrara no Deserto pela primeira vez. Poderia ter feito algo diferente, algo que evitasse este dia, este lugar? Talvez em uma próxima vez. A lança borlada repousava em cima do cinturão, e a lâmina embainhada, ao lado dos lençóis. Haveria uma próxima vez, e depois outra, e depois mais outra.

Enquanto ainda estava escuro, os chefes entraram em bando para trocar algumas palavras finais e para informar que seus homens já estavam posicionados e prontos. Não que Rand esperasse algo diferente. Mesmo com as expressões pétreas, algumas emoções ficaram evidentes. Mas era uma mistura esquisita, certa ebulição sobre uma camada de melancolia.

Erim até exibia um sorriso discreto.

— Um bom dia para presenciarmos o fim dos Shaido — afirmou, por fim. Parecia completamente alerta.

— Queira a Luz — desejou Bael, a cabeça roçando a cobertura da tenda — que lavemos nossas lanças com o sangue de Couladin antes do cair do sol.

— Falar sobre o futuro dá azar — resmungou Han. Nele, aquela impressão era muito tênue. — O destino é que decide.

Rand assentiu.

— Queira a Luz que o destino não decida pela morte de um grande número dos nossos.

Gostaria que sua preocupação fosse de que poucos homens morressem, porque nenhum deles deveria ter a vida abreviada, mas ainda havia muitos dias pela frente. Precisaria de todas as lanças possíveis para trazer a ordem para este lado da Espinha do Mundo. Aquele era um problema entre ele e Couladin, tanto quanto o resto.

— A vida é um sonho — disse-lhe Rhuarc, no que Han e os outros assentiram em concordância. A vida não passava de um sonho, e todos os sonhos tinham que acabar. Os Aiel não corriam para a morte, mas também não corriam dela.

Quando estavam de saída, Bael hesitou.

— Você está certo do que quer que as Donzelas façam? Sulin tem conversado com as Sábias.

Então era disso que Melaine vinha tratando com Bael. Pelo modo como Rhuarc parou para escutar, também vinha ouvindo de Amys a respeito do assunto.

— Todos os outros estão fazendo o que devem sem reclamar, Bael. — Aquilo foi injusto, mas a situação era séria. — Se as Donzelas querem consideração especial, Sulin, em vez de ir correndo atrás das Sábias, pode me procurar.

Fossem eles qualquer outra coisa que não Aiel, Rhuarc e Bael estariam balançando a cabeça ao sair. Rand imaginou que ambos ouviriam bastante das esposas, mas teriam que lidar com isso. Se as *Far Dareis Mai* carregavam a honra de Rand, desta vez teriam que carregá-la para onde ele quisesse.

Para a surpresa de Rand, Lan apareceu bem quando ele próprio estava pronto para sair. O manto de Guardião pendia às costas, misturando-se à paisagem conforme Lan se movia.

— Moiraine está com você? — Rand esperara que Lan fosse ficar grudado a ela.

— Está aflita na tenda dela. Ela não tem como Curar tamanha quantidade nem que fossem só os feridos mais graves de hoje. — Foi a escolha de como ajudar. Não poderia usar o Poder como arma, mas poderia Curar. — O desperdício sempre a irrita.

— Irrita a todos nós — devolveu Rand.

O fato de ter tirado Egwene de cena provavelmente também a irritara. Até onde ele sabia, Egwene não era muito boa na Cura, mas poderia ajudar Moiraine. Bem, ele precisava que Egwene mantivesse sua promessa.

— Diga a Moiraine que, caso ela precise de ajuda, que peça para uma das Sábias capazes de canalizar. — Mas eram poucas as Sábias que tinham algum conhecimento a respeito da Cura. — Ela pode se

unir e usar a força delas. — Rand hesitou. Moiraine já havia lhe falado alguma vez sobre se unir? — Você não veio até aqui para me dizer que Moiraine está incomodada — afirmou, irritado. Às vezes, era difícil separar o que vinha dela, o que vinha de Asmodean e o que brotava de Lews Therin.

— Vim para lhe perguntar por que você voltou a usar espada.

— Moiraine já perguntou isso. Ela mandou…?

O rosto de Lan não se alterou, mas ele foi áspero ao interromper:

— Eu quero saber. Você pode criar uma espada com o Poder ou matar sem uma espada, mas de repente voltou a carregar aço na cintura. Por quê?

Inconscientemente, Rand deixou uma das mãos deslizar pelo punho comprido.

— Não é muito justo usar o Poder desse jeito. Ainda mais contra alguém que não é capaz de canalizar. Seria como enfrentar uma criança.

O Guardião permaneceu em silêncio por um tempo, analisando-o.

— Você pretende matar Couladin pessoalmente — afirmou, por fim, em um tom de voz neutro. — Esta espada contra as lanças dele.

— Não pretendo procurar por ele, mas quem sabe o que vai acontecer? — Rand deu de ombros, incomodado. Não iria caçá-lo. Mas se o acaso tivesse que trabalhar em seu favor, que fosse para fazê-lo ficar frente a frente com Couladin. — Além do mais, eu não desconsideraria a hipótese de ele vir atrás de mim. As ameaças que ouvi dele são pessoais, Lan. — Rand ergueu o punho e afastou a manga carmesim o suficiente para deixar visível a parte dianteira do Dragão de crina dourada. — Couladin não vai descansar enquanto eu viver, não enquanto ele e eu tivermos isto.

Verdade fosse dita, ele mesmo não descansaria até que apenas um homem vivo carregasse os Dragões. Por direito, deveria juntar Asmodean e Couladin no mesmo pacote. Fora Asmodean quem marcara o Shaido, mas a ambição desenfreada de Couladin tornara aquilo possível. Sua ambição e recusa a obedecer às leis e aos costumes Aiel haviam levado, inevitavelmente, a este lugar, a este dia. Além da Desolação e da guerra entre os Aiel, havia Taien para ser colocada na conta de Couladin, fora Selean e dezenas de cidadezinhas e vilarejos arruinados desde então, inúmeras centenas de fazendas incendiadas. Homens, mulheres e crianças que não foram enterradas e que haviam virado alimento para os abutres. Se ele era o Dragão Renascido, se tinha algum direito de exigir que qualquer nação o seguisse, principalmente Cairhien, então lhes devia justiça.

— Então mande decapitá-lo quando ele for apanhado — sugeriu Lan, ríspido. — Destaque cem homens, ou mil, apenas para localizá-lo e capturá-lo. Mas não seja tolo a ponto de enfrentar Couladin! Você é

bom com a espada, muito bom, mas os Aiel praticamente nascem com uma lança e um broquel nas mãos. Se uma lança lhe atravessar o peito, tudo terá sido em vão.

— Então eu deveria evitar um confronto? Você evitaria, se Moiraine não tivesse direitos sobre você? E Rhuarc, Bael ou qualquer um deles?

— Eu não sou o Dragão Renascido. O destino do mundo não está em meus ombros. — Porém, o fervor momentâneo desaparecera da voz do Guardião. Se não fosse por Moiraine, ele estaria sempre nos combates mais intensos. Naquele momento, aliás, parecia arrependido do elo com a Aes Sedai.

— Não vou correr riscos desnecessários, Lan, mas não posso escapar de tudo. — A lança Seanchan permaneceria na tenda naquele dia e só atrapalharia Rand se ele de fato encontrasse Couladin. — Venha. Se ficarmos mais tempo aqui, os Aiel vão terminar o trabalho sem nós.

Quando Rand saiu, poucas estrelas ainda cintilavam, e um brilho tênue delineava o horizonte a leste. Contudo, não foi isso que o fez parar, Lan a seu lado. As Donzelas formavam um anel em torno da tenda, ombro a ombro, de frente para eles. Um anel grosso que se espalhava e ia descendo as escuras encostas amortalhadas, mulheres de *cadin'sor* tão unidas que nem um rato poderia passar entre elas. Jeade'en não estava à vista, embora um *gai'shain* tivesse recebido a ordem de deixá-lo à espera, já encilhado.

As Donzelas não estavam sós. Duas mulheres na fileira da frente usavam saias pesadas e blusas claras, os cabelos amarrados para trás com echarpes. Ainda estava escuro demais para que fosse possível discernir claramente as feições, mas havia algo na silhueta das duas, em sua postura com os braços cruzados, que identificou Egwene e Aviendha.

Sulin deu um passo à frente antes que Rand pudesse abrir a boca para perguntar o que estava acontecendo.

— Viemos escoltar o *Car'a'carn* até a torre junto com Egwene Sedai e Aviendha.

— Quem mandou fazerem isso? — questionou Rand.

Uma olhadela para Lan indicou que não havia sido ele. Mesmo na escuridão, o Guardião pareceu agitado. Só por um momento, pelo menos, a cabeça se erguendo rápido, já que nada deixava Lan surpreso por muito tempo.

— Egwene devia estar a caminho da torre neste exato instante, e as Donzelas deviam estar junto para protegê-la. O que ela vai fazer hoje é muito importante. Ela precisa ser protegida enquanto isso.

— Nós vamos protegê-la. — A voz de Sulin estava completamente inexpressiva. — E ao *Car'a'carn*, que concedeu sua honra para que as

Far Dareis Mai a carregassem. — Um murmúrio de aprovação percorreu as Donzelas.

— Faz todo sentido, Rand — ponderou Egwene, de onde estava. — Se uma pessoa usando o Poder como arma vai encurtar a batalha, três vão encurtá-la ainda mais. E você é mais forte que eu e Aviendha juntas. — Ela não pareceu gostar de dizer a última frase. Aviendha não falou nada, mas sua postura era eloquente.

— Isso é ridículo — Rand franziu a testa. — Me deixem passar e vão para suas posições.

Sulin nem se mexeu.

— As *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn* — afirmou calmamente, no que as demais a acompanharam. Não subiram o tom, mas, com tantas vozes femininas juntas, aquilo se tornou um ruído alto. — As *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn,* as *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn.*

— Eu mandei me deixarem passar — ordenou ele, no exato instante em que o som cessou.

Foi o mesmo que dizer para elas recomeçarem.

— As *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn,* as *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn.* — Sulin apenas o encarava.

Após um momento, Lan se aproximou para murmurar secamente:

— Uma mulher não é menos mulher só porque carrega uma lança. Você já conheceu alguma que abrisse mão de algo que realmente quer? Dê o braço a torcer, ou vamos passar o dia inteiro de pé aqui enquanto você discute e elas ficam entoando a mesma frase. — O Guardião hesitou, e então prosseguiu: — Além do mais, faz mesmo sentido.

Egwene abriu a boca quando o falatório tornou a esmorecer, mas Aviendha pôs a mão no braço dela e sussurrou algumas palavras, e a garota não disse nada. Rand, porém, sabia o que ela pretendera falar: estava morrendo de vontade de reclamar que ele era um cabeça de vento tolo e teimoso, ou algo do tipo.

O problema era que Rand estava começando a se sentir como se fosse. Fazia sentido *mesmo* que ele seguisse para a torre. Não tinha nada a fazer em outro local — àquela altura, a batalha estava nas mãos dos chefes e do destino — e seria muito mais útil canalizando do que cavalgando por aí esperando encontrar Couladin. Se o fato de ser um *ta'veren* pudesse trazer Couladin até ele, o homem seria atraído à torre tanto quanto a qualquer outro local. Não que Rand tivesse muitas chances de ver o sujeito, após ordenar que todas as Donzelas defendessem a torre.

Mas como voltar atrás e ainda manter um resquício de dignidade depois de ter feito reclamações a torto e a direito?

— Decidi que posso contribuir mais ficando na torre — admitiu, o

rosto fervendo.

— Como o *Car'a'carn* ordenar — respondeu Sulin, sem o menor sinal de escárnio, como se a ideia tivesse sido dele desde o princípio. Lan assentiu e se afastou, as Donzelas abrindo um caminho estreito.

A brecha, no entanto, se fechou logo atrás de Lan, e, quando as mulheres começaram a se mover, Rand não teve outra opção a não ser acompanhá-las. Poderia ter canalizado, claro, atirado Fogo ou derrubado todas elas com Ar, mas aquela não era a melhor maneira de se comportar com pessoas que estavam do lado dele, menos ainda com mulheres. Além disso, não tinha certeza se era possível afastá-las sem matá-las, e talvez nem assim. E, de qualquer modo, Rand havia decidido que seria mais útil na torre, afinal.

Egwene e Aviendha estavam tão caladas quanto Sulin, pelo que Rand ficou grato. Claro que pelo menos parte daquele silêncio tinha a ver com o esforço para subir a colina, e no escuro, sem quebrar o pescoço. Aviendha chegou a soltar uns resmungos aqui e ali que Rand mal escutou, alguma reclamação sobre as saias. Mas nenhuma das duas zombou dele por ter sido tão claramente dissuadido. Embora fosse bem possível que fizessem isso depois. Mulheres pareciam gostar de dar suas alfinetadas justo quando se pensava que o perigo já havia passado.

O céu começou a ficar cinzento e, à medida que a torre de madeira surgiu acima das árvores, o próprio Rand quebrou o silêncio.

— Eu não esperava que você fizesse parte disto, Aviendha. Achei que tivesse dito que as Sábias não participam de batalhas.

Tinha certeza de que ela dissera. Uma Sábia podia caminhar pelo meio de uma batalha sem ser tocada, ou entrar em qualquer forte ou parada de um clã que tivesse uma rixa de sangue com o dela, mas não participava de confrontos, muito menos canalizando. Até Rand ir ao Deserto, mesmo a maioria dos Aiel não sabia que algumas Sábias eram capazes de canalizar, embora houvesse boatos de habilidades estranhas e, às vezes, de algo que os Aiel pensavam que parecia canalização.

— Eu ainda não sou uma Sábia — respondeu ela, gentilmente, mexendo no xale. — Se uma Aes Sedai como Egwene pode tomar parte, eu também posso. Organizei isso hoje de manhã enquanto você ainda estava dormindo, mas vinha pensando no assunto desde que você pediu a Egwene.

Àquela altura, já havia luz suficiente para ele perceber Egwene enrubescendo. Quando notou que Rand estava olhando, ela tropeçou nos próprios pés, e ele teve que segurá-la pelo braço para evitar que caísse. Evitando encará-lo, ela se soltou. Talvez Rand não tivesse de se preocupar com nenhuma alfinetada da amiga. Cruzando os bosques esparsos, subiram em direção à torre.

— Não tentaram impedir? Amys, quero dizer, ou Bair, ou Melaine? — Ele sabia que não. Se tivessem, ela não estaria ali.

Aviendha balançou a cabeça e, em seguida, franziu o cenho, pensativa.

— Passaram um tempão conversando com Sorilea e então me disseram para fazer o que eu achasse certo. O normal é me dizerem para fazer o que *elas* acham certo. — Aviendha o encarou de soslaio e acrescentou: — Ouvi Melaine dizer que você traz mudanças.

— É verdade — concordou ele, apoiando o pé no degrau inferior da primeira escada. — Que a Luz me ajude, é verdade.

A vista de cima da plataforma era magnífica mesmo a olho nu, uma longa extensão de colinas arborizadas. As árvores eram espessas o bastante para esconder os Aiel em marcha rumo a Cairhien — a maioria já devia estar em posição —, mas a alvorada banhava a cidade com uma luz dourada. Um rápido rastreio com uma das lunetas mostrou que as colinas estéreis ao longo do rio estavam plácidas e pareciam desprovidas de vida. Aquilo mudaria em breve. Os Shaido estavam ali, mesmo que escondidos no momento. Não permaneceriam escondidos quando Rand começasse a atirar… O quê? Não o fogo devastador. O que quer que fizesse, precisaria alarmar os Shaido o máximo possível antes que seus Aiel atacassem.

Egwene e Aviendha passaram um tempo se alternando na outra luneta, fazendo pausas para discussões tranquilas, mas agora estavam apenas conversando baixinho. Por fim, após trocarem meneios de cabeça, aproximaram-se do corrimão e olharam na direção de Cairhien, as mãos apoiadas na madeira cortada de forma grosseira. A pele de Rand ficou subitamente arrepiada. Uma delas estava canalizando, talvez ambas.

O que ele percebeu primeiro foi o vento soprando em direção à cidade. Não era uma brisa, e sim o primeiro vento de verdade que sentira naquele terreno. E nuvens começavam a se formar acima de Cairhien, mais pesadas ao sul, tornando-se cada vez mais espessas e escuras diante de seus olhos, se agitando. Somente ali, sobre Cairhien e os Shaido. Em todos os outros lugares que sua vista alcançava, o céu estava azul e límpido, só com uma ou outra nuvenzinha branca bem alta. Mesmo assim, os trovões irromperam, longos e pesados. De repente, um relâmpago desceu como uma facada, um raio de prata recortado que rasgou o alto de uma colina mais abaixo da cidade. Antes que o estalo do primeiro raio atingisse a torre, dois outros crepitaram em direção ao solo. Bifurcações furiosas dançavam por todo o céu, mas aquelas lanças únicas de um branco reluzente golpeavam com a regularidade de um coração batendo. De repente, o chão explodiu onde nenhum relâmpago caíra, e, feito uma fonte, jorrou a cinquenta pés, e então de novo e de novo em outros pontos.

Rand não tinha ideia de qual das mulheres estava fazendo o quê, mas as duas com certeza pareciam prontas para botar os Shaido para correr. Era hora de fazer a parte dele, ou ficaria só assistindo. Abriu-se e agarrou *saidin*. Um fogo gelado varreu a parte externa do Vazio que cercou Rand al'Thor. Friamente, ignorou a imundície oleosa que lhe invadia, oriunda da mácula, e controlou as torrentes selvagens do Poder que ameaçavam engolfá-lo.

Daquela distância, havia limites para o que era capaz de fazer. Na verdade, sem *angreal* ou *ter'angreal*, aquela era a distância máxima em que podia, de fato, fazer alguma coisa. Devia ser por isso que as mulheres estavam canalizando um relâmpago de cada vez, uma explosão depois da outra. Se ele estava em seu limite, elas deviam estar forçando os delas.

Uma lembrança deslizou pelo Vazio. Não dele, de Lews Therin. Desta vez, Rand não ligou. Em um instante, canalizou, e uma bola de fogo envelopou o topo de uma colina a umas cinco milhas de distância, uma massa agitada de chamas amarelo-claras. Quando desapareceu, ele viu mesmo sem a luneta que a colina estava mais baixa e com o cume negro, aparentemente derretida. Com os três juntos, talvez nem houvesse necessidade de os clãs lutarem contra Couladin.

Ilyena, meu amor, me perdoe!

O Vazio estremeceu. Por um momento, Rand cambaleou à beira da destruição. Ondas do Poder Único lhe atravessaram furiosamente, quebrando em espuma de medo. A mácula parecia se solidificar em torno do seu coração feito uma rocha fétida.

Rand apertou o corrimão até as juntas doerem e se obrigou a recobrar a calma, retendo o Vazio à força. Dali em diante, recusou-se a dar ouvidos aos pensamentos em sua cabeça. Em vez disso, concentrou tudo na canalização, em cauterizar uma colina atrás da outra de forma metódica.

Posicionado bem atrás de qualquer linha de árvores que houvesse no cume, Mat prendeu o focinho de Pips sob o braço, para que o cavalo não relinchasse enquanto assistia a uns mil Aiel esgueirando-se na direção dele, vindos das colinas ao sul. O sol começara a surgir no horizonte, criando sombras compridas que ondulavam ao lado da massa em trote. O clima ameno da noite já dava lugar ao calor do dia. O ar ficaria abafado assim que o sol ganhasse qualquer altura. Mat já começava a suar.

Os Aiel ainda não o tinham visto, mas ele não duvidava de que isso logo aconteceria, caso esperasse mais tempo ali. Não fazia grande diferença que aqueles só pudessem ser os homens de Rand — se Couladin tivesse homens ao sul, o dia ficaria muito interessante para

quem fosse estúpido o bastante para se colocar no meio do confronto —, e não fazia grande diferença porque Mat não correria o risco de deixar que o vissem. Naquela manhã, já ficara suficientemente perto de uma flecha para continuar tão descuidado. Distraído, correu os dedos pela bela tira rasgada no ombro do casaco. Boa pontaria, para um alvo móvel apenas parcialmente visível em meio às árvores. Acharia ainda mais admirável caso o alvo não tivesse sido ele mesmo.

Sem tirar os olhos dos Aiel que se aproximavam, Mat conduziu Pips com cuidado mais para o fundo do matagal esparso. Caso eles o vissem e apertassem o passo, Mat descobriria na hora. Diziam que os Aiel eram capazes de alcançar correndo um homem que estivesse a cavalo, e Mat pretendia ter uma boa margem para o caso de eles tentarem.

Quando as árvores cobriram sua visão dos Aiel, Mat acelerou o passo, conduzindo Pips para a encosta oposta antes de montar e virar para oeste. Todo cuidado era pouco para alguém que pretendesse sobreviver àquele dia ali. Ele resmungou sozinho enquanto cavalgava, o chapéu puxado para baixo para esconder o rosto, a lança de cabo preto atravessada no cepilho. Oeste. Outra vez.

O dia havia começado tão bem, umas duas horas antes da primeira luz, quando Melindhra saíra para algum encontro com as Donzelas. Pensando que Mat estava dormindo, ela sequer olhara para ele ao sair resmungando baixinho sobre Rand al'Thor, honra, e "as *Far Dareis Mai* acima de tudo". Parecia estar discutindo sozinha, mas, francamente, Mat pouco se importava se a mulher queria picar Rand em pedacinhos ou cozinhá-lo. Menos de um minuto depois de ela sair da tenda, o rapaz já estava atulhando os alforjes. Ninguém olhara duas vezes para Mat enquanto ele encilhava Pips e partia para o sul feito um fantasma. Um bom começo. Só não contara com as colunas de Taardad, Tomanelle e todos os outros malditos clãs zanzando por ali rumo ao sul. Não servia de consolo que aquilo fosse quase perfeitamente o que ele havia sugerido para Lan. Mat queria ir para o sul, e aqueles Aiel forçaram-no a ir em direção ao Alguenya. Em direção aonde aconteceriam os confrontos.

Uma ou duas milhas depois, virou Pips com cuidado encosta acima e parou bem em meio às árvores que se espalhavam pelo cume. Era uma colina mais alta que a maioria, e teve uma boa visão. Desta vez, não havia Aiel à vista, mas a coluna que serpenteava ao longo da base do vale sinuoso era quase tão ruim quanto. Tairenos montados lideravam o pelotão logo atrás de um punhado de estandartes coloridos de lordes, com um intervalo até uma grossa e eriçada serpente composta por piqueiros que caminhavam na poeira erguida pelos tairenos, e depois outro intervalo até os cavalos dos cairhienos, com sua profusão de estandartes, flâmulas e *con*. Os cairhienos não

mantinham nenhuma ordem, amontoando-se conforme os lordes iam para a frente e para trás para conversar, mas ao menos tinham flanqueadores dos dois lados. Em todo caso, Mat teria uma rota livre para o sul assim que os homens passassem. *E eu não vou parar até já estar na metade do caminho até o maldito Erinin!*

Uma pequena movimentação chamou sua atenção para a frente da coluna abaixo. Não estivesse tão alto, não a teria avistado. Nenhum dos cavaleiros tinha como ver, com certeza. Mat desenterrou a pequena luneta dos alforjes — Kin Tovere gostava dos dados —, olhou na direção do que avistara e assobiou baixinho por entre os dentes. Aiel, pelo menos tantos quantos os homens no vale, e, se não fossem os de Couladin, estavam querendo armar uma festa surpresa, já que estavam deitados, escondidos em meio aos arbustos secos e às folhas mortas.

Por um momento, Mat tamborilou os dedos na coxa. Em pouco tempo, haveria alguns cadáveres ali embaixo. E não muitos seriam de Aiel. *Não é da minha conta. Estou fora dessa, longe daqui, e indo para o sul.* Esperaria um tempinho e partiria, enquanto os homens estivessem ocupados demais para perceber.

O tal de Weiramon — Mat ouvira o nome do homem da barba grisalha na véspera — era um completo tolo. *Nada de guardas à frente e nada de batedores, ou o maldito saberia o que está esperando por ele.* Por sinal, pelo modo como as colinas se dispunham e pela forma como o vale era sinuoso, os Aiel também não enxergavam a coluna, apenas a tênue poeira subindo para o céu. Decerto tinham vigias para posicioná-los no lugar correto. Não podiam estar simplesmente esperando ali, contando com o acaso.

Assobiando distraidamente "Dançando com Jak das Sombras", Mat tornou a pôr a luneta no olho e estudou o topo das colinas. Sim. O comandante Aiel deixara alguns homens em um ponto onde poderiam emitir um alerta pouco antes de a coluna alcançar o local de batalha. Mas nem eles já podiam ver a aproximação. Em poucos minutos, os primeiros tairenos entrariam em seu campo de visão, mas, até lá…

Foi um choque para ele esporear Pips e fazê-lo partir encosta abaixo a galope. *Sob a Luz, o que eu estou fazendo?* Bem, não podia só ficar ali, parado, e deixar todos aqueles homens irem em direção à morte feito gansos para o abate. Podia alertá-los. Só isso. Dizer o que lhes esperava à frente, então ir embora.

Os batedores cairhienos o avistaram se aproximando antes que Mat chegasse ao pé da encosta, claro, quando ouviram os passos ritmados de Pips. Dois ou três baixaram as lanças. Mat não ficava exatamente feliz de ter um pé e meio de aço apontado para ele, e menos ainda de ter três vezes essa quantidade, mas era óbvio que um único homem não configurava uma ameaça, nem mesmo cavalgando

feito um louco. Deixaram-no passar, e ele se aproximou dos lordes cairhienos na liderança por tempo suficiente para gritar:

— Parem aqui! Agora! Sob as ordens do Lorde Dragão! Ou ele vai canalizar a cabeça de vocês para dentro da barriga e dar seus próprios pés para vocês comerem no café da manhã!

Seus calcanhares esporearam, e Pips disparou para a frente. Mat só deu uma olhadela para trás, para ter certeza de que os homens estavam fazendo o que ele mandou — e estavam, ainda que demonstrando alguma confusão a respeito; as colinas ainda os escondiam dos Aiel e, assim que a poeira assentasse, eles não teriam como saber que os tairenos estavam ali —, e então Mat partiu, inclinado contra o cavalo, açoitando Pips com o chapéu e galopando ao lado da infantaria.

Se eu esperar e deixar Weiramon repassar as ordens, vai ser tarde demais. Só isso. Ele daria o alerta e iria embora.

Os homens a pé marchavam em blocos de uns duzentos piqueiros, com um oficial montado à frente de cada bloco e talvez cinquenta arqueiros ou besteiros atrás. A maioria olhou com curiosidade para Mat quando ele passou às pressas, as patas de Pips levantando nuvens de poeira, mas ninguém perdeu o passo. Algumas das montarias dos oficiais até se agitaram, como se os cavaleiros quisessem se aproximar e descobrir o motivo de Mat estar correndo, mas nenhum deles chegou a abandonar sua posição. Boa disciplina. Eles iam precisar dela.

Defensores da Pedra fechavam a fila dos tairenos, com suas armaduras e mangas bufantes listradas de preto e dourado e plumas de várias cores nos elmos identificando os oficiais e suboficiais. O restante trajava armaduras iguais, mas com mangas nas cores de diversos lordes. Com casacos de seda, os próprios lordes cavalgavam à frente com armaduras ornamentadas e grandes plumas brancas, os estandartes tremulando atrás deles com a brisa que ia se intensificando em direção à cidade.

Puxando as rédeas diante dos homens com força o bastante para fazer Pips derrapar, Mat gritou:

— Parem, em nome do Lorde Dragão!

Parecia a maneira mais rápida de fazê-los parar, mas, por um instante, Mat pensou que todos passariam cavalgando por cima dele. Quase no último instante, um jovem lorde que Mat se recordava de ter visto do lado de fora da tenda de Rand agitou a mão e, então, todos os homens puxaram as rédeas em uma avalanche de berros de comando que percorreu toda a extensão da coluna. Weiramon não estava lá. Nenhum dos lordes era mais do que dez anos mais velho que Mat.

— O que significa isso? — perguntou o sujeito que fizera a sinalização. Olhos escuros encaravam-no de modo arrogante junto a um nariz arrebitado, o queixo erguido de forma que a barba parecia

pronta para apunhalá-lo. O suor que lhe escorria pelo rosto estragava só um pouco a cena. — Foi o próprio Lorde Dragão quem me deu essa ordem. Quem é você para…?

Ele foi interrompido quando outro homem que Mat conhecia lhe puxou pela manga e sussurrou algo em um tom urgente. Com sua cara de batata sob o elmo, Estean parecia extenuado, e também com calor — os Aiel o haviam interrogado a respeito das condições na cidade, Mat ficara sabendo —, mas o homem já jogara cartas com Mat em Tear e sabia exatamente quem ele era. Apenas a armadura de Estean possuía lascas na ornamentação dourada. Nenhum dos demais tinha feito mais do que cavalgar arrumadinhos. Por enquanto.

O queixo do sujeito de nariz arrebitado foi baixando conforme ele escutava, e, depois que Estean se afastou, seu tom de voz foi mais moderado:

— Eu não quis ofender… ah… Lorde Mat. Sou Melanril, da Casa Asegora. Como posso servir ao Lorde Dragão? — A moderação se transformou em hesitação na pergunta final, e Estean se intrometeu, ansioso.

— Por que tivemos que parar? Sei que o Lorde Dragão disse para nos contermos, Mat, mas, que a minha alma queime, não há honra alguma em ficar sentado e deixar os Aiel lutarem todos os confrontos. Por que temos que ficar encarregados de perseguir os inimigos depois que já estiverem derrotados? Além do mais, meu pai está na cidade, e… — O homem deixou a voz morrer sob o olhar de Mat.

Mat balançou a cabeça e se abanou com o chapéu. Os tolos nem sequer estavam onde deveriam. Também não havia a menor chance de fazê-los dar meia-volta. Mesmo que Melanril obedecesse — e, olhando para ele, Mat não tinha certeza se seria o caso, mesmo sob supostas ordens do Lorde Dragão —, não haveria chance. O homem estava na sela, totalmente à vista dos sentinelas Aiel. Se a coluna começasse a dar meia-volta, eles saberiam que haviam sido descobertos e, muito provavelmente, atacariam enquanto os tairenos e os cairhienos estivessem enroscados. Seria uma carnificina tão certa quanto se tivessem continuado à frente, ignorantes da situação.

— Onde está Weiramon?

— O Lorde Dragão o mandou de volta para Tear — respondeu Melanril, hesitante. — Para cuidar dos piratas illianenses e dos bandidos nas Planícies de Maredo. Ele estava relutante em ir, claro, mesmo para assumir uma responsabilidade tão grande, mas… Me perdoe, Lorde Mat, mas, se foi o Lorde Dragão que o enviou, como pode não saber…

Mat o interrompeu.

— Eu não sou lorde. E se você quiser questionar o que Rand permite que os outros saibam, questione com ele. — Isso aquietou o

sujeito. Ele não estava disposto a questionar o maldito Lorde Dragão. Weiramon era um tolo, mas ao menos tinha idade suficiente para já ter estado em batalhas. Exceto por Estean, parecendo uma saca de nabos amarrada ao cavalo, tudo o que aquele pessoal já tinha visto eram uma ou duas brigas de taverna. E talvez alguns duelos. Bela ajuda isso tudo lhes daria. — Agora todos tratem de me ouvir. Quando vocês passarem por aquela fenda ali na frente entre as próximas duas colinas, os Aiel vão vir que nem uma avalanche para cima de vocês.

Foi como se Mat tivesse dito a eles que haveria um baile, com todas as mulheres suspirando para conhecer um fidalgote taireno. Sorrisos ansiosos irromperam, e os homens começaram a se movimentar nos cavalos, dando tapinhas nas costas uns dos outros e gabando-se de quantos inimigos cada um mataria. Estean era o único a reagir diferente, apenas suspirando e afrouxando a espada dentro da bainha.

— Não fiquem olhando lá para cima! — reclamou Mat. Os tolos. Em um minuto, estariam convocando o ataque! — Mantenham os olhos em mim. Em mim!

Os homens obedeceram porque sabiam de quem Mat era amigo. Melanril e os demais, com suas armaduras belas e intactas, franziam o cenho impacientemente, sem entender por que Mat não queria deixá-los dar início à missão de matar os selvagens Aiel. Não fosse ele amigo de Rand, era provável que tivessem esmagado tanto a ele quanto a Pips.

Mat poderia deixá-los avançar correndo. Fariam isso aos poucos, deixando os piqueiros e a cavalaria cairhiena para atrás, embora os cairhienos talvez se juntassem ao grupo assim que se dessem conta do que estava acontecendo. E todos morreriam. O mais inteligente seria deixar os homens ir à luta enquanto ele seguia na direção oposta. O único problema era que, assim que aqueles idiotas permitissem que os Aiel soubessem que haviam sido descobertos, os próprios Aiel poderiam decidir fazer algo mais sofisticado, como dar a volta para investir pelos flancos contra os tolos restantes. Se isso acontecesse, não havia certeza de que Mat conseguiria escapar.

— O que o Lorde Dragão quer que vocês façam — disse a eles — é avançar devagar, como se não houvesse nenhum Aiel nas próximas cem milhas. Assim que os lanceiros atravessarem a fenda, vão formar um cordão de isolamento, e aí vocês se posicionam dentro dele com o dobro da velocidade.

— Dentro! — protestou Melanril. Resmungos raivosos irromperam entre os outros jovens lordes, tirando Estean, que parecia pensativo. — Não há honra alguma em se esconder atrás de malditos…

— Tratem de obedecer! — urrou Mat, puxando Pips pelas rédeas

até bem perto do cavalo de Melanril. — Ou, se os malditos Aiel não matarem vocês, Rand mata, e depois, o que quer que ele deixe sobrando, eu mesmo transformo em linguiça! — Aquilo já estava demorando demais. Os Aiel deviam estar se perguntando sobre o que estavam conversando. — Com sorte, vocês vão estar posicionados antes que os Aiel possam alcançá-los. Se tiverem besteiros nas selas, usem. Se não, aguentem firme. Vocês vão fazer o maldito ataque de vocês, e vão saber a hora certa, mas caso se movam cedo demais…! — Mat praticamente sentia o tempo se esgotando.

Aninhando a coronha da lança no estribo, Mat esporeou Pips de volta para a coluna. Quando olhou por sobre o ombro, Melanril e os outros conversavam e o espiavam. Pelo menos não estavam indo a toda vale acima.

O comandante dos piqueiros se revelou um cairhieno pálido e esbelto, meia cabeça mais baixo que Mat e montado em um castrado cinza que já parecia mais para lá do que para cá. Daerid, porém, tinha o olhar severo, um nariz bastante quebrado e três cicatrizes que ziguezagueavam o rosto, uma delas não muito antiga. Tirou o elmo em forma de sino enquanto conversava com Mat. A parte frontal da cabeça era raspada. O homem não era um lorde. Talvez tivesse feito parte do exército, antes de a guerra civil começar. Sim, seus homens sabiam formar um ouriço. Ainda não havia enfrentado Aiel, mas já combatera salteadores e a cavalaria andoriana. Ele insinuou que também já tinha lutado contra outros cairhienos, por uma das Casas que disputavam o trono. Daerid não soava nem ansioso nem relutante, e sim como um homem com um trabalho a realizar.

A coluna se afastou quando Mat virou a cabeça de Pips para o outro lado. Os homens marchavam em um ritmo comedido, e uma rápida olhada para trás mostrou que os cavalos tairenos se moviam na mesma cadência.

Mat acelerou Pips, mas não muito. Parecia sentir os Aiel às costas, imaginando o que ele teria dito e aonde estava indo, e por quê. *Apenas um mensageiro que já deu sua mensagem e está indo embora. Nada com que se preocupar.* Decerto torcia para que fosse isso que os Aiel estavam pensando, mas seus ombros só relaxaram quando ele teve certeza de que não podia mais ser visto.

Os cairhienos ainda estavam esperando onde Mat os deixara. Os flanqueadores também permaneciam em posição. Estandartes e *con* formavam um aglomerado onde os lordes haviam se reunido. Eram um entre cada dez homens, ou mais. A maioria usava armaduras comuns e, onde havia douraduras ou prateados, a peça estava batida como se um ferreiro bêbado tivesse posto as mãos nela. Algumas das montarias daqueles homens faziam a de Daerid parecer o cavalo de batalha de Lan. Será que conseguiriam fazer ao menos o que era

necessário? Mas os rostos que se voltaram para Mat eram duros, e os olhares, mais duros ainda.

Ele já estava livre, escondido dos Aiel. Podia seguir cavalgando. Depois de dizer àqueles homens o que era esperado deles, pelo menos. Havia mandado os outros para dentro da armadilha dos Aiel. Não podia simplesmente abandoná-los.

Talmanes, da Casa Delovinde, cujo *con* era três estrelas amarelas em um fundo azul, e o estandarte, uma raposa negra, era ainda mais baixo que Daerid e no máximo três anos mais velho que Mat, mas liderava os cairhienos, embora houvesse homens mais velhos e até grisalhos ali presentes. Seus olhos expressavam tão pouco quanto os de Daerid, e ele parecia um chicote em riste. Sua armadura e sua espada eram absolutamente simples. Assim que disse seu nome a Mat, se pôs a ouvir em silêncio enquanto o rapaz explicava o plano e se inclinava um pouco para fora da sela para riscar linhas no chão com a lança com lâmina de espada.

Os demais lordes cairhienos formaram um círculo com seus cavalos e assistiram a tudo, mas nenhum deles com tanta atenção quanto Talmanes. O homem estudou o mapa que Mat desenhara, depois analisou o rapaz da cabeça aos pés, incluindo a lança. Quando Mat terminou, o sujeito continuou em silêncio, até que o próprio Mat rosnou:

— Então? Pouco me importa se vocês vão pegar ou largar, mas seus amigos vão estar com Aiel até a cintura daqui a pouco.

— Os tairenos não são meus amigos. E Daerid é… útil. Com certeza não é um amigo. — A frase fez risinhos secos se espalharem entre os lordes ao redor. — Mas, se você liderar metade, eu lidero a outra.

Talmanes tirou uma das manoplas com proteção de aço e estendeu a mão, mas por um momento Mat ficou apenas olhando. Liderar? Ele? *Sou um jogador, não um soldado. Um mulherengo.* Lembranças de batalhas de muito tempo atrás giravam em sua mente, mas ele se forçou a refreá-las. Tudo o que tinha de fazer era seguir cavalgando. Mas então talvez Talmanes deixasse Estean, Daerid e os demais para morrer. Na mesma cilada de que Mat os havia tirado. Ainda assim, ficou surpreso de apertar a mão do homem e dizer:

— Apenas esteja lá quando tiver que estar.

Como resposta, Talmanes começou a recitar nomes com rapidez. Lordes e fidalgotes conduziram seus cavalos até Mat, cada qual seguido por um porta-estandarte e talvez uma dúzia de homens, até ele ter reunido uns quatrocentos e poucos cairhienos. Talmanes também não disse muita coisa depois disso. Só fez conduzir o restante para oeste, em trote, deixando para trás uma tênue nuvem de poeira.

— Mantenham-se juntos — disse Mat, para sua metade. —

Ataquem quando eu disser para atacar, corram quando eu disser para correr, e não façam nenhum barulho desnecessário. — Ouvia-se o ranger das selas e o baque das patas, claro, conforme o seguiram, mas pelo menos os homens não falaram nem fizeram perguntas.

Espiou uma última vez a outra massa de estandartes e *con* reluzentes, e então uma curva do vale raso os escondeu. Como Mat tinha se metido naquilo? Tudo parecera tão simples no começo. Bastava dar um aviso e partiria. Cada passo dado depois parecera tão pequeno, tão necessário. E agora estava com lama até a cintura, e sem escolha que não fosse seguir em frente. Torcia para que Talmanes pretendesse dar as caras. O homem nem perguntara quem Mat era.

O vale entre as colinas serpenteava e se bifurcava conforme Mat seguia rumo ao norte, mas seu senso de direção era bom. Sabia exatamente, por exemplo, para que lado ficava o sul e a segurança, e não era para onde estava indo. Nuvens muito escuras se formavam sobre o céu da cidade, as primeiras daquele tamanho que Mat via em tempo. A chuva interromperia a seca — bom para os fazendeiros, se era que restava algum — e assentaria a poeira — bom para os cavaleiros, que não anunciariam sua presença tão cedo. Se chovesse, talvez os Aiel desistissem e fossem embora. O vento também estava começando a aumentar, trazendo, incrivelmente, um pouco de frescor.

O som de combates se erguia por sobre os cumes: homens aos berros, homens aos gritos. Havia começado.

Mat virou Pips, suspendeu a lança e girou-a para a esquerda e para a direita. Ficou um tanto surpreso quando os cairhienos adotaram a formação de uma longa fileira de cada lado dele, de frente para a encosta acima. O gesto fora instintivo, de uma outra época e lugar, mas aqueles homens já haviam participado de combates. Mat fez Pips começar a atravessar as árvores esparsas a passos lentos, e todos acompanharam o ritmo em meio ao calmo farfalhar dos arreios.

Quando chegou lá no alto, a primeira coisa que Mat sentiu foi alívio ao ver Talmanes e seus homens no cume do lado aposto. Em seguida, mentalizou um palavrão.

Daerid fizera a formação do ouriço; aglomerados pontudos de quatro fileiras de lanças intercaladas com arqueiros criavam um grande quadrado oco. Lanças compridas tornavam difícil a aproximação dos Shaido, independentemente de como eles atacassem, e os arqueiros e besteiros trocavam tiros intensos e rápidos com os Aiel. Homens tombavam dos dois lados, mas os piqueiros apenas se fechavam mais quando um dos seus caía, tornando o quadrado ainda mais apertado. Os Shaido, claro, também não aparentavam arrefecer a ofensiva.

No centro, desmontados, encontravam-se os Defensores e talvez metade dos lordes tairenos com seus homens. Metade. Foi isso que o

fez xingar. O restante corria em meio aos Aiel, cortando e apunhalando com espadas e lanças em grupos de cinco ou dez, ou sozinhos. Dezenas de cavalos já sem os cavaleiros indicavam quão bem estavam se saindo. Melanril, abandonado apenas com seu porta-estandarte, estava por ali com sua espada. Dois Aiel partiram para cima para cortar os tendões das pernas do cavalo do fidalgote. O animal caiu, a cabeça se debatendo — Mat teve certeza de que o animal gritara, mas a balbúrdia abafou o som —, e então Melanril sumiu por trás de vultos que trajavam o *cadin'sor*, as lanças a apunhalá-lo. O porta-estandarte durou poucos momentos mais.

Já vai tarde, pensou Mat, sombrio. De pé nos estribos, ergueu bem alto a lança com lâmina de espada e girou-a para a frente, gritando:

— *Los! Los caba'drin!*

Se pudesse, teria engolido de volta aquelas palavras, e não porque eram na Língua Antiga. O caldeirão fervia no vale lá embaixo. Mas, independentemente de qualquer um dos cairhienos ter ou não entendido o comando de "Avante, cavaleiros" na Língua Antiga, todos compreenderam o gesto, em especial quando Mat voltou a sentar na sela e enfiou os calcanhares no cavalo. Não que de fato quisesse fazer isso, mas, àquela altura, não via outra opção. Pusera aqueles homens ali — alguns talvez tivessem ido embora se ele tivesse lhes dito para dar meia-volta e sair correndo —, e simplesmente não tinha escolha.

Acompanhados de estandartes e *con* tremulando, os cairhienos desceram a colina em disparada ao lado dele, berrando gritos de guerra. Sem dúvida imitando-o, embora o que Mat estivesse gritando fosse "Sangue e malditas cinzas!". Do outro lado do vale, Talmanes descia com o mesmo ímpeto.

Certos de que tinham encurralado todos os aguacentos, os Shaido só se deram conta dos outros no momento em que foram atingidos por trás pelos dois lados. Foi aí que os raios começaram a cair. Então a coisa ficou realmente feia.

44

A tristeza menor

A camisa de Rand estava grudada ao corpo devido ao suor, mas ele manteve o casaco para se proteger do vento que soprava na direção de Cairhien. Faltava pelo menos uma hora para o sol atingir o pico do meio-dia, mas Rand sentia como se tivesse corrido a manhã toda e apanhado de porrete depois. Envolvido pelo Vazio, só tinha uma remota consciência do cansaço, percebia vagamente a dor nos braços, nos ombros e na base das costas, uma pulsação em torno da frágil cicatriz na lateral do corpo. Que tivesse qualquer consciência daquilo tudo já significava muita coisa. Preenchido pelo Poder, era capaz de enxergar folha a folha de árvores a cem passadas de distância, mas qualquer sensação física deveria lhe parecer tão distante quanto se estivesse acontecendo com outra pessoa.

Já fazia tempo que Rand passara a manejar *saidin* por meio do *angreal* em seu bolso, a escultura em pedra do homenzinho gordo. Ainda assim, usar o Poder passara a exigir esforço, ter que urdi-lo àquela distância de milhas e milhas… Mas só os fios rançosos que rajavam o Poder que ele agarrava impediam que Rand sorvesse mais, que tentasse puxar tudo para si. O Poder era doce, com ou sem mácula. Após horas canalizando sem parar, estava exausto. Ao mesmo tempo, tinha de lutar com ainda mais força contra o próprio *saidin*, empregar mais vontade para evitar que acabasse virando pó ali mesmo, que sua mente se transformasse em cinzas. Era cada vez mais difícil resistir à destruição de *saidin*, mais difícil resistir ao desejo de atrair mais, mais difícil dar conta do que ele já atraíra. Uma espiral negativa repugnante, e horas pela frente antes que a batalha estivesse decidida.

Limpou o suor dos olhos e segurou o corrimão áspero da plataforma. Estava próximo do limite, mas era mais forte que Egwene e Aviendha. A Aiel estava de pé, espiando na direção de Cairhien e das nuvens de tempestade, curvando-se de tempos em tempos para olhar pela comprida luneta. Egwene estava sentada de pernas cruzadas, as costas apoiadas em uma estaca ainda coberta pela casca cinza, os olhos fechados. Ambas pareciam tão extenuadas quanto ele se sentia.

Antes que Rand pudesse fazer qualquer coisa — não que soubesse o quê, já que não tinha nenhuma habilidade com a Cura —, os olhos de Egwene se abriram, e ela se levantou e trocou algumas palavras sussurradas com Aviendha que o vento tratou de levar para longe até mesmo de sua audição potencializada por *saidin*. Então Aviendha se sentou no lugar de Egwene e deixou a cabeça se recostar na estaca. As nuvens negras em torno da cidade continuavam a disparar relâmpagos, mas agora vinham mais tridentes estrondosos do que raios únicos.

Então elas estavam se revezando, dando tempo para a outra descansar. Seria bom ter alguém para fazer o mesmo com ele, mas Rand não estava arrependido de mandar Asmodean ficar na tenda. Não teria confiado nele para canalizar. Especialmente naquele momento. Quem saberia o que ele poderia fazer, caso visse Rand enfraquecido daquele jeito?

Levemente trôpego, Rand girou a luneta para examinar as colinas em torno da cidade. Agora, sim, via-se vida ali naqueles topos. E morte. Para onde quer que olhasse, havia confrontos, Aiel contra Aiel, mil ali, cinco mil acolá, fervilhando no alto das colinas descampadas e enroscados demais para que ele pudesse fazer alguma coisa. Não conseguiu localizar a coluna da cavalaria e dos lanceiros.

Já os tinha visto três vezes, uma delas enfrentando o dobro de Aiel que eles somavam. Rand tinha certeza de que ainda estavam por lá. Tinha poucas esperanças de que Melanril tivesse decidido obedecer às ordens dele, àquela altura. Escolher o homem só porque ele tivera a delicadeza de ficar constrangido pelo comportamento de Weiramon fora um erro, mas o tempo para fazer a escolha tinha sido curto, e ele precisara se livrar de Weiramon. Não havia o que fazer a respeito, naquele momento. Talvez um dos cairhienos pudesse ser alçado ao comando. Se é que uma ordem direta de Rand pudesse fazer os tairenos obedecerem a um cairhieno.

Uma massa que se amontoava bem ao lado da alta muralha cinzenta da cidade atraiu sua atenção. Os enormes portões de ferro estavam abertos, Aiel lutando contra cavaleiros e piqueiros quase na parte externa, enquanto outro pessoal tentava fechar os portões, fracassando por conta da pressão exercida pelos corpos. Cavalos com selas vazias e homens de armadura caídos a meia milha do portão demarcavam onde a incursão havia sido forçada a recuar. Choviam flechas das muralhas, além de pedaços de cascalho do tamanho de cabeças — e até uma ou outra lança voando e golpeando com força suficiente para atravessar dois ou três homens, embora Rand ainda não conseguisse identificar de onde vinham exatamente —, mas os Aiel passavam pelos mortos e chegavam cada vez mais perto de forçar a entrada. Uma rápida varredura mostrou a Rand mais duas colunas

de Aiel trotando em direção aos portões, talvez três mil no total. Não tinha dúvidas de que também fossem de Couladin.

Rand tinha consciência de que estava rangendo os dentes. Se os Shaido entrassem em Cairhien, ele jamais os empurraria para o norte. Teria que desenterrá-los rua a rua. A quantidade de vidas perdidas tornaria insignificante o número atual de mortos, e a própria cidade acabaria em ruínas feito Eianrod, se não Taien. Cairhienos e Shaido encontravam-se misturados feito formigas em uma tigela, mas ele precisava tomar alguma providência.

Respirou fundo e canalizou. As duas mulheres tinham preparado o terreno com aquelas nuvens de tempestade. Rand não precisava enxergar as tessituras delas para tirar proveito. Poderosos relâmpagos azul-prateados acertaram os Aiel uma vez, duas, e de novo, tão rápido quanto alguém conseguia bater palmas.

Rand ergueu a cabeça e piscou para fazer sumir as linhas cintilantes que ainda pareciam cruzar sua vista, e, quando tornou a olhar pelo tubo comprido, havia Shaido pelo chão feito cevada cortada em todos os pontos onde os relâmpagos tinham caído. Havia homens e cavalos atingidos também na área mais próxima aos portões, alguns imóveis, mas os ilesos arrastavam os feridos e os portões começavam a se fechar.

Quantos não vão conseguir voltar para dentro? Quantos dos meus acabei matando? A verdade nua e crua era que isso não importava. Aquilo precisara ser feito, e fora.

E muito bem. De um jeito distante, Rand sentiu os joelhos vacilarem. Se pretendia aguentar até o final do dia, precisaria diminuir o ritmo. Nada de ataques a esmo para todos os lados. Teria que identificar onde era particularmente necessário, onde podia fazer alguma…

As nuvens carregadas se amontoavam apenas sobre a cidade e as colinas ao sul, mas isso não impediu que relâmpagos irrompessem do céu claro e sem nuvens acima da torre, lampejando na direção das Donzelas reunidas logo abaixo com um estalo ensurdecedor.

Com o cabelo eriçado pela energia no ar, Rand observou. Sentiu aquele raio de maneira diferente; percebeu a tessitura de *saidin* que o criara. *Então Asmodean ficou tentado mesmo lá nas tendas.*

No entanto, não havia tempo para pensar. Como rápidas batidas em um tambor gigante, raios caíram em sequência, indo em meio às Donzelas até um último acertar a base da torre e gerar uma explosão de estilhaços do tamanho de braços e pernas.

Quando a torre começou a se inclinar lentamente, Rand se atirou em Egwene e Aviendha. De alguma maneira, conseguiu agarrar as duas com um só braço e enroscou o outro em uma estaca que, àquela altura, era o lado mais alto da plataforma. As mulheres o encararam

de olhos arregalados, as bocas se abrindo, mas, assim como não havia tempo para pensar, também não havia tempo para falar. A torre de madeira estilhaçada tombou contra os galhos das árvores. Por um instante, Rand acreditou que pudessem amortecer a queda.

Com um estalo, a estaca à qual ele se segurava rompeu. O chão subiu, e Rand perdeu o fôlego um segundo antes de as duas mulheres caírem por cima dele. Tudo ficou escuro.

Rand recobrou a consciência devagar. A audição voltou primeiro.

— … nos desenterrou como se fôssemos um pedregulho e nos empurrou colina abaixo durante a noite. — Era a voz de Aviendha, baixa, como se estivesse falando consigo mesma. Algo tocava o rosto dele. — Você nos despiu do que somos, do que éramos. Precisa nos dar algo em troca, algo para sermos. Nós precisamos de você. — A coisa tocando seu rosto desacelerou, os movimentos se tornaram mais suaves. — Eu preciso de você. Não para mim, entenda. Para Elayne. O que existe agora entre mim e ela é entre mim e ela, mas eu vou lhe entregar para Elayne. Eu vou! Se você morrer, vou carregar seu corpo e dar para ela! Se você morrer…!

Os olhos de Rand se abriram e, por um momento, os dois se encararam quase nariz com nariz. O cabelo dela estava todo desgrenhado, a echarpe da cabeça sumira, e um hematoma roxo lhe marcava a bochecha. Aviendha se endireitou em um pulo, dobrou um pano úmido manchado de sangue e começou a dar batidinhas na testa de Rand com consideravelmente mais força do que antes.

— Não tenho nenhuma intenção de morrer — respondeu ele, embora, na realidade, não tivesse muita certeza daquilo.

O Vazio e *saidin* já não estavam mais ali, claro. Só de pensar em perdê-los daquela forma o fez tremer. Fora muita sorte *saidin* não ter incinerado sua mente por completo naquele último instante. A ideia de agarrar a Fonte de novo o fez gemer. Sem o Vazio para protegê-lo, sentia todas as dores, todos os machucados e arranhões, completamente. Estava tão cansado que poderia ter se deixado cair e dormir ali mesmo, caso não estivesse tão dolorido. Então era até bom que estivesse machucado, já que com certeza não poderia dormir. Não por muito tempo.

Deslizou a mão por debaixo do casaco, tocou na lateral do corpo e furtivamente limpou na camisa o sangue dos dedos antes de pôr a mão para fora de novo. Não era de se surpreender que uma queda como aquela tivesse aberto a ferida mal curada, que nunca cicatrizava de fato. Rand não parecia estar sangrando tanto assim, mas, se as Donzelas vissem, ou Egwene, ou mesmo Aviendha, talvez ele precisasse lutar para não ser arrastado até Moiraine para ser Curado. Ainda tinha muito o que fazer para se permitir aquilo — ser Curado, acima de tudo, seria como levar uma porretada na têmpora — e, além

do mais, devia haver muitas feridas mais graves para ela Curar.

Sorrindo e suprimindo outro gemido, Rand se pôs de pé com apenas uma ajudinha de Aviendha. E prontamente se esqueceu de todas as lesões.

Sulin estava sentada no chão ali perto, com Egwene fazendo uma bandagem em um corte sangrento em seu escalpo e resmungando furiosamente consigo mesma porque não sabia Curar. Mas a Donzela de cabelo branco não era a única baixa, e nem de longe a pior. Por toda parte, mulheres trajando o *cadin'sor* cobriam os mortos com lençóis e cuidavam daqueles que haviam meramente se queimado, isso se "meramente" pudesse ser aplicado para queimaduras de relâmpagos. Exceto pelos resmungos de Egwene, o topo da colina repousava quase em silêncio, até as mulheres machucadas estavam quietas, apenas respirando ruidosamente.

A torre de madeira, agora praticamente irreconhecível, não poupara as Donzelas ao desabar, quebrando braços e pernas e abrindo cortes. Rand viu quando um lençol cobriu o rosto de uma Donzela de cabelo loiro-acobreado, quase do mesmo tom do de Elayne, a cabeça torcida em um ângulo nada natural e os olhos vítreos fixos. Jolien. Uma das primeiras a cruzar a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Ela fora até a Pedra de Tear por ele. E agora estava morta. Por ele. *Ah, você se saiu bem em manter as Donzelas fora de perigo,* pensou Rand, com amargura. *Muito bem mesmo.*

Ainda sentia os relâmpagos, ou melhor, os resíduos de sua formação. Quase como a imagem residual que ficara em seus olhos mais cedo, era capaz de traçar a tessitura, apesar de ela estar desaparecendo. Para sua surpresa, vinham do oeste, e não das tendas. Não era Asmodean, então.

— Sammael. — Rand tinha certeza. Sammael enviara aquele ataque em Passo de Jangai, Sammael estava por trás dos piratas e das invasões em Tear, e fora Sammael quem fizera aquilo. Rand abriu a boca para deixar escapar um rosnado, e sua voz ecoou um sussurro áspero. — Sammael! — Não percebeu que avançara um passo, até Aviendha segurá-lo pelo braço. Logo depois, Egwene pegou o outro, as duas agarrando-se a ele como se pretendessem fincá-lo no chão.

— Não seja um perfeito cabeça de lã — advertiu Egwene, parecendo assustada com o olhar de Rand, mas sem soltá-lo. Ela recolocara a echarpe marrom em torno da cabeça, mas, tendo apenas os dedos para se pentear, seu cabelo não ficara arrumado, e a blusa e a saia ainda estavam cobertas de poeira — Quem quer que tenha feito isso, por que você acha que esperou tanto, até que você já estivesse cansado? Porque caso não conseguisse te matar e você fosse atrás da pessoa, seria presa fácil. Você mal consegue ficar de pé!

Aviendha também não estava disposta a soltá-lo, sustentando o

olhar dele.

— Precisam de você aqui, Rand al'Thor. Aqui, *Car'a'carn*. Sua honra reside em matar esse homem ou está aqui, entre aqueles que você trouxe para estas terras?

Um jovem Aiel chegou correndo pelo meio das Donzelas, a *shoufa* em torno dos ombros, lança e broquel balançando. Se achou estranho encontrar duas mulheres segurando Rand, não deu sinal. Olhou para os vestígios destruídos da torre e para os mortos e feridos com leve curiosidade, como se estivesse se perguntando como aquilo podia ter acontecido e onde os inimigos mortos poderiam estar. Cravando a ponta da lança no chão à frente de Rand, anunciou:

— Sou Seirin, do ramo Shorara dos Tomanelle.

— Vejo você, Seirin — respondeu Rand, com a mesma formalidade. Não foi fácil, com duas mulheres segurando-o como se achassem que ele fosse fugir.

— Han, dos Tomanelle, envia uma mensagem para o *Car'a'carn*. Os clãs a leste estão indo um em direção ao outro. Todos os quatro. Han pretende se reunir com Dhearic, e convidou Erim para se juntar a eles.

Rand respirou com cuidado e esperou que as mulheres pensassem que sua careta fora por conta da notícia. A lateral do corpo ardia, e ele sentia o sangue se espalhando devagar pela camisa. Então não haveria nada para forçar Couladin a ir para o norte quando os Shaido cedessem. Se é que cederiam. Ainda não haviam dado sinal disso, pelo que Rand tinha visto. Por que os Miagoma e os demais tinham decidido se unir? Se a intenção deles era partir contra Rand, estavam apenas dando um alerta. Mas, se a intenção *fosse* partir contra Rand, Han, Dhearic e Erim estariam em menor número, e se os Shaido resistissem por tempo suficiente e os quatro clãs conseguissem avançar… Do outro lado das colinas arborizadas, Rand viu que começara a chover sobre a cidade, agora que Egwene e Aviendha não estavam mais segurando as nuvens. Isso atrapalharia os dois lados. A menos que as mulheres estivessem em melhor condição do que pareciam, talvez não tivessem como recuperar o controle, à tamanha distância.

— Diga a Han fazer o que for preciso para mantê-los longe de nós.

Jovem como era — mais ou menos da idade de Rand, aliás —, Seirin ergueu a sobrancelha, surpreso. Óbvio. Han não faria diferente, e Seirin sabia disso. Esperou apenas o suficiente para se certificar de que Rand não tinha mais nenhuma mensagem. Então saiu correndo colina abaixo, tão rápido quanto viera. Sem dúvida não queria perder mais do que o necessário dos confrontos, que, por sinal, já deviam ter se iniciado, mais ao leste.

— Preciso que alguém vá buscar Jeade'en — afirmou Rand, assim que Seirin saiu correndo.

Se tentasse andar toda aquela distância, realmente precisaria que as mulheres o segurassem de pé. As duas não se pareciam nem um pouco, mas conseguiram fazer praticamente a mesma expressão desconfiada. Aquele cenho franzido devia ser uma das coisas que toda garota aprendia com a mãe.

— Eu não vou atrás de Sammael. — Não ainda. — Mas preciso chegar mais perto da cidade.

Rand fez um meneio na direção da torre desabada. Era o único gesto possível, com as duas segurando-o. Talvez Mestre Tovere conseguisse salvar as lentes das lunetas, mas não havia nem três toras da torre que não estivessem quebradas. Por enquanto, nada de observar tudo do alto.

Egwene estava claramente insegura, mas Aviendha mal hesitou antes de pedir para uma jovem Donzela ir atrás dos *gai'shain*. Para buscar Bruma também, o que ele não previra. Egwene começou a se esfregar, reclamando sozinha da poeira, e Aviendha encontrou um pente de marfim e outra echarpe. Apesar da queda, as duas, de alguma forma, já aparentavam estar consideravelmente menos desgrenhadas do que ele. A fadiga ainda lhes marcava o rosto, mas, contanto que conseguissem canalizar, ambas seriam úteis.

Aquilo o fez parar. Ultimamente, será que pensava em qualquer pessoa para além de sua utilidade? Rand precisaria mantê-las tão seguras quanto estavam no alto da torre. Não que a torre tivesse sido muito segura, como acabou se provando, mas, desta vez, ele teria de administrar melhor a situação.

Sulin se levantou quando ele se aproximou, uma touca clara feita de bandagem de *algode* lhe cobrindo a cabeça, uma franja branca despontando.

— Vou chegar mais perto da cidade — avisou-a —, até poder ver o que está acontecendo e talvez fazer algo a respeito. Todas as Donzelas feridas devem permanecer aqui, assim como gente suficiente para protegê-las, caso haja necessidade. Forme uma guarda forte, Sulin. Só preciso de poucas, e seria uma péssima retribuição pela honra que as Donzelas me demonstraram se eu permitisse que as que foram feridas fossem massacradas. — Aquilo deveria manter a maior parte delas longe dos confrontos. Ele mesmo teria de ficar afastado da luta para garantir o mesmo às outras, mas, do jeito que se sentia, isso não seria um fardo. — Quero que você fique aqui e…

— Eu não sou uma das feridas — retrucou ela, inflexível, fazendo-o hesitar e, em seguida, assentir.

— Muito bem. — Rand sabia que a lesão dela era grave, mas também sabia que a mulher era forte. E, caso Sulin ficasse, poderia

acabar com alguém como Enaila liderando sua guarda. Ser tratado como irmão não chegava nem perto do quanto era irritante ser tratado como filho, e ele não estava com humor para aturar a segunda opção. — Mas confio em você para garantir que ninguém que venha comigo *esteja* machucada, Sulin. Vou precisar me manter em movimento. Não posso permitir alguém que me obrigue a ir mais devagar ou que precise ser deixada para trás.

A mulher aquiesceu tão rápido que ele se convenceu de que ela faria com que qualquer Donzela com um arranhão permanecesse ali. Exceto ela, claro. Foi uma ocasião em que ele não se sentiu culpado por usar alguém. As Donzelas tinham feito a escolha de carregar a lança, mas também escolheram segui-lo. "Seguir" talvez não fosse bem a palavra, considerando algumas coisas que elas tinham feito, mas isso, na cabeça dele, não mudava nada. Ele não iria, não poderia, ordenar que uma mulher fosse para a morte, e ponto final. Na verdade, até esperara algum tipo de protesto. Estava muito grato por não ter acontecido. *Eu devo ser mais sutil do que imagino.*

Dois *gai'shain* com seus robes claros chegaram trazendo Jeade'en e Bruma, e, atrás deles, seguiam-se muitos outros, trazendo bandagens e unguentos e, sobre os ombros, camadas e camadas de bolsas cheias d'água, sob a liderança de Sorilea e uma dúzia de outras Sábias que Rand já conhecera. Na melhor das hipóteses, achava que talvez soubesse o nome de metade delas.

Sorilea com certeza estava no comando, e foi rápida em fazer com que os *gai'shain*, assim como as outras Sábias, circulassem entre as Donzelas que tratavam ferimentos. Ela olhou para Rand, Egwene e Aviendha, franzindo o cenho, pensativa, e apertando os lábios, claramente achando que os três pareciam abatidos o bastante para que suas lesões precisassem de cuidados. Aquele olhar bastou para fazer Egwene subir desajeitada na sela de sua égua, sorrindo e assentindo para a Sábia idosa. No entanto, caso os Aiel fossem mais familiarizados com cavalos, Sorilea teria percebido que aquela rigidez desajeitada de Egwene era incomum. E o fato de Aviendha ter permitido que Egwene a ajudasse a subir na garupa da sela sem o menor protesto também indicava sua condição. A Aiel também sorriu para Sorilea.

Cerrando os dentes, Rand saltou para sua sela com um único movimento suave. Os protestos dos músculos doloridos acabaram enterrados sob uma avalanche de dor na lateral do corpo, como se ele tivesse sido apunhalado mais uma vez, e levou um minuto inteiro para que conseguisse voltar a respirar. Mas não deixou nada disso transparecer.

Egwene conduziu Bruma para junto de Jeade'en, perto o bastante para sussurrar.

— Se você não consegue fazer melhor que isso nem para montar em um cavalo, Rand al'Thor, talvez devesse esquecer por um tempo essa ideia de cavalgar.

Aviendha exibia uma daquelas expressões Aiel neutras, mas os olhos estavam firmes no rosto dele.

— Também vi você montando — respondeu ele, calmo. — Talvez você devesse ficar aqui ajudando Sorilea até se sentir melhor. — Isso a calou, ainda que Egwene tenha fechado a boca com uma expressão amargurada. Aviendha tornou a sorrir para Sorilea. A velha Sábia ainda estava observando.

Rand bateu as botas no sarapintado, que começou a trotar colina abaixo. Cada passo do animal desencadeava um choque na lateral do corpo que o fazia respirar entre dentes, mas ele tinha muito chão para percorrer, e não poderia fazer isso andando. Além do mais, o olhar de Sorilea estava começando a lhe dar nos nervos.

Bruma se juntou a Jeade'en antes que ele tivesse percorrido cinquenta passadas da encosta recoberta de vegetação, e outras cinquenta trouxeram Sulin e uma enxurrada de Donzelas, algumas correndo para se posicionar à frente. Mais do que ele esperara, mas não deveria ser problema. O que Rand tinha que fazer não envolvia tanta aproximação dos confrontos. Elas poderiam ficar mais atrás, seguras, junto dele.

Agarrar *saidin* foi um esforço por si só, mesmo que por meio de um *angreal*, e o simples peso disso parecia pressioná-lo mais do que nunca, a mácula, mais forte. Pelo menos o Vazio o protegia da própria dor. Um pouco, pelo menos. E se Sammael tentasse fazer joguinhos com ele de novo…

Apertou o passo de Jeade'en. O que quer que Sammael fizesse, Rand ainda tinha sua missão a cumprir.

A chuva gotejava da aba do chapéu de Mat, e, de tempos em tempos, ele precisava abaixar a luneta e limpar a extremidade do tubo. O aguaceiro diminuíra na última hora, mas os galhos esparsos sobre sua cabeça não ofereciam proteção alguma. Havia muito que o casaco estava ensopado e as orelhas de Pips, arriadas. O cavalo parecia não querer se mexer, independentemente do quanto Mat lhe enfiasse os calcanhares.

Não tinha certeza de que horas eram. Algum momento do meio da tarde, pensava, mas as nuvens escuras não haviam afinado junto com a chuva e, no ponto em que estava, escondiam o sol. Por outro lado, havia uma forte sensação de que três ou quatro dias já tinham se passado desde que cavalgara vale abaixo para alertar os tairenos. Ainda não sabia ao certo por que fizera aquilo.

Era em direção ao sul que ele espiava, e o que procurava era uma

saída. Uma saída para três mil homens. Era essa, tranquilamente, a quantidade de homens ainda viva, embora nenhum deles tivesse a menor ideia do que Mat planejava. Acreditavam que estava na caça de mais um combate, mas os três de até então eram, pelas contas de Mat, três a mais do que o número ideal. Àquela altura, achava que poderia escapar sozinho, desde que mantivesse os olhos abertos e não perdesse a concentração. Três mil homens, no entanto, atraíam olhares sempre que se moviam, e eles não se moviam rápido, com mais da metade a pé. Era por isso que Mat estava naquele topo de colina abandonado pela Luz, com os tairenos e os cairhienos apertados no valezinho comprido e estreito entre aquela colina e a seguinte. Se ele simplesmente tentasse fugir…

Voltou a olhar pela luneta e mirou as colinas ao sul, de vegetação esparsa. Havia moitas aqui e acolá, algumas até grandes, mas, mesmo ali, a maior parte da terra era só de arbustos e relva. Conseguira voltar para o leste usando cada dobra de chão capaz de esconder um rato e trazendo os homens consigo para longe do terreno descampado até alguma cobertura mais adequada. Para longe daqueles malditos relâmpagos e bolas de fogo. Não tinha certeza se era pior quando trovejava ou quando a terra simplesmente explodia com um estrondo sem nenhuma razão aparente. Todo aquele esforço para descobrir que a batalha estava se deslocando junto com ele. Parecia incapaz de sair do olho do furacão.

Por onde anda minha maldita sorte agora que eu realmente preciso dela? Era um miolo mole por ter ficado ali. Ter mantido os demais vivos por tanto tempo não significava quer continuaria mantendo. Cedo ou tarde, os dados cairiam para o lado do Tenebroso. *Eles é que são os malditos soldados. Eu deveria deixar que cuidem disso e ir embora.*

Mas Mat continuou procurando, rastreando as encostas e picos arborizados que davam cobertura tanto para os Aiel de Couladin quanto para ele, mas, aqui e ali, conseguia avistá-los. Nem todos estavam travando batalhas, mas cada um dos agrupamentos que via era mais numeroso que o dele, todos encontravam-se entre Mat e a segurança ao sul, e não tinha como identificar quem era quem até que talvez já fosse tarde demais. Os Aiel pareciam saber só de olhar, mas isso não o ajudava em nada.

A uma milha ou mais dali, algumas centenas de vultos com *cadin'sor* correndo de oito em oito em direção ao leste encimaram uma elevação onde meia dúzia de folhas-de-couro cumpriam mal o papel de bosque. Antes que os que corriam à frente pudessem começar a descer pelo outro lado, um relâmpago lampejou em meio a eles, arremessando homens e terra feito uma pedra lançada em um lago. Pips nem piscou quando o estrépito alcançou Mat. O castrado já se acostumara a estouros mais próximos que aquele.

Alguns dos homens que haviam caído se reergueram, mancando, e imediatamente se juntaram àqueles que tinham ficado de pé, verificando sem demora o estado dos que não se mexiam. Cerca de uma dezena foi arrastada pelos ombros antes que todos descessem em disparada e voltassem para o ponto de onde tinham vindo. Ninguém parou para olhar a cratera. Mat os vira aprender essa lição. Esperar ali não passava de um convite para uma segunda lança prateada descer das nuvens. Momentos depois, já não estavam mais à vista. Exceto os mortos.

Mat girou a luneta para o leste. Havia um sinal de luz do sol a algumas milhas naquela direção. A torre de madeira deveria estar visível, destacando-se acima das árvores, mas já fazia algum tempo que não conseguia mais divisá-la. Talvez estivesse procurando nos locais errados. Não importava. O relâmpago só podia ser obra de Rand, assim como todo o resto. *Se eu conseguir ir por ali…*

Estaria de volta ao local de onde tinha começado. Ainda que não fosse o puxão do *ta'veren* atraindo-o de volta, teria dificuldades para ir embora de novo tão logo Moiraine descobrisse seu plano. E havia Melindhra a considerar. Mat nunca ouvira falar de uma mulher que não olharia com desconfiança para um homem que tentara ir embora sem aviso.

Enquanto girava a luneta devagar para um lado e para o outro, procurando a torre, uma encosta coberta de folhas-de-couro e cajeputes espaçadas se incinerou de repente, todas as árvores transformando-se em tochas no mesmo instante.

Mat abaixou lentamente o tubo de latão. Não precisava do objeto para avistar o fogo, e a espessa fumaça cinza já desenhava uma grossa pluma no céu. Não precisava de muito para perceber quando alguém canalizava, não daquele jeito. Será que Rand enfim extrapolara os limites da loucura? Ou talvez Aviendha finalmente tivesse se cansado de ter que ficar perto dele. Nunca aborreça uma mulher capaz de canalizar — uma regra que Mat raramente conseguia obedecer, mas que tentava.

Deixe para bancar o engraçadinho com os outros, não com você mesmo, pensou, com amargura. Só estava tentando ignorar a terceira alternativa. Se Rand não tivesse finalmente enlouquecido e se Aviendha, Egwene ou uma das Sábias não tivesse decidido se livrar dele, então o responsável seria outro. Bastava somar dois mais dois. *Sammael.* Lá se fora a chance de tentar ir embora. Não havia mais saída. *Sangue e malditas cinzas! O que aconteceu com a minha…?*

Um galho caído estalou sob o pé de alguém atrás de Mat, que reagiu sem nem pensar, guiando Pips mais com os joelhos do que com as rédeas para dar um giro curto, a lança com lâmina de espada se agitando depressa do cepilho da sela.

Estean quase largou o elmo, os olhos se arregalando quando a lâmina curta parou a um fio de lhe decepar a cabeça. A chuva fizera seu cabelo cair no rosto. Também a pé, Nalesean sorriu, em parte sobressaltado e em parte se divertindo com o desconforto do outro jovem taireno. Compacto e de rosto pétreo, Nalesean era o segundo desde Melanril a liderar a cavalaria tairena. Talmanes e Daerid também estavam lá, uma passada atrás, como de costume, ambos com expressões neutras, também como de costume, por baixo dos elmos em forma de sino. Os quatro haviam deixado os cavalos mais para trás, junto das árvores.

— Há Aiel vindo bem na nossa direção, Mat — afirmou Nalesean, enquanto Mat posicionava a lança com a marca do corvo na vertical. — Que a Luz me queime a alma se forem menos de cinco mil. — Abriu outro sorriso ao dizer isso. — Acho que não sabem que estamos esperando por eles.

Estean balançou a cabeça.

— Estão seguindo pelos vales e ravinas. Se escondendo dos… — Ele olhou de relance para as nuvens e tremeu. Não era o único que estava incomodado com o que poderia vir do céu. Os outros três também olharam para cima. — Seja como for, está claro que eles pretendem passar por onde estão os homens de Daerid. — Houve até um quê de respeito na voz dele ao mencionar os lanceiros. A contragosto, era verdade, e não muito, mas era difícil desdenhar de alguém que já salvara seu pescoço algumas vezes. — Eles só vão nos ver quando derem de cara com os homens.

— Maravilha. — Mat respirou fundo. — Isso é uma maldita de uma maravilha.

A intenção dele foi ser sarcástico, mas Nalesean e Estean não entenderam a piada, claro. Pareciam ansiosos. Mas Daerid tinha tanta expressão no rosto cheio de cicatrizes quanto uma pedra, e Talmanes ergueu só um pouco a sobrancelha e balançou minimamente a cabeça para Mat. Aqueles dois entendiam de luta.

O primeiro encontro com os Shaido havia sido, na melhor das hipóteses, uma aposta de igual para igual, mas uma que Mat jamais faria se não fosse obrigado. O fato de todos aqueles relâmpagos terem sacudido os Aiel o suficiente para torná-la um massacre não mudava nada. Em mais duas ocasiões, eles haviam entrado em ação quando Mat se vira tendo que escolher entre pegar ou ser pego, e em nenhuma das duas o resultado fora nem de perto o que os tairenos esperavam. Uma tinha sido empate, mas só porque Mat conseguira despistar os Shaido quando eles recuaram para se reorganizar. Pelo menos não tinham investido de novo enquanto Mat retirava todos os homens pelos sinuosos vales das colinas. Suspeitava que os Aiel haviam encontrado outra coisa para mantê-lo ocupados. Talvez mais

relâmpagos, ou bolas de fogo, ou só a Luz sabia o quê. E Mat tinha muito boa noção do que permitira que eles escapassem do último confronto com o couro praticamente intacto: outro bando de Aiel atacando com força a retaguarda dos que lutavam contra ele, bem a tempo de evitar que os piqueiros fossem esmagados. Os Shaido tinham decidido evadir para o norte, e os outros — que ele ainda não sabia quem eram — debandaram para o oeste, deixando-o com a posse do terreno. Nalesean e Estean consideraram uma vitória clara. Daerid e Talmanes eram mais espertos.

— Quanto tempo? — indagou Mat.

Foi Talmanes quem respondeu:

— Meia hora. Talvez um pouco mais, se tivermos sorte. — Os tairenos aparentavam dúvida. Pareciam ainda não ter percebido quão rápido os Aiel eram capazes de se deslocar.

Mat não alimentava essas ilusões. Já estudara o terreno do entorno, mas tornou a olhar para o local e suspirou. A vista daquela colina era muito boa, e o ponto onde estava era o único conjunto de árvores relativamente decente em um raio de meia milha. O restante eram arbustos que não passavam da linha da cintura, pontilhados com folhas-de-couro, cajeputes e um carvalho ocasional. Aqueles Aiel com certeza enviariam batedores até lá para dar uma olhada, e não havia chance de nem mesmo os cavaleiros saírem de vista antes disso. Os piqueiros estariam em campo aberto. Mat sabia o que precisava ser feito — novamente, era pegar ou ser pego —, mas nem por isso gostava.

Deu apenas uma olhada, mas, antes que abrisse a boca, Daerid falou:

— Meus olheiros informam que o próprio Couladin está neste grupo. Ou, ao menos, o líder está com os braços nus e exibe marcas iguais a que se diz que o Lorde Dragão tem.

Mat soltou um grunhido. Couladin, e indo para o leste. Se houvesse algum jeito de sair do caminho, o sujeito daria de cara com Rand. Podia ser até o que ele pretendia. Mat reparou que estava fervendo, e não tinha nada a ver com Couladin querer matar Rand. O chefe dos Shaido, ou o que quer que o homem fosse, talvez se lembrasse vagamente de Mat como alguém que vivia perto de Rand, mas Couladin era o motivo para ele estar preso ali no meio de uma batalha, tentando sobreviver e se perguntando se a qualquer minuto a situação se transformaria em um confronto direto entre Rand e Sammael, do tipo capaz de matar qualquer coisa em um raio de duas ou três milhas. *Isso se uma lança não atravessar meu peito primeiro.* Estava tão impotente quanto um ganso pendurado na porta da cozinha. Nada daquilo estaria acontecendo se não fosse por Couladin.

Era uma pena ninguém tê-lo matado anos atrás. Ele por certo dera

desculpas suficientes. Os Aiel raramente demonstravam raiva, e, quando o faziam, era de modo frio e contido. Couladin, por outro lado, parecia se exaltar duas ou três vezes por dia, perdendo a cabeça em rompantes furiosos tão depressa quanto um fiapo de palha se quebra. Era um milagre ainda estar vivo, e sorte do Tenebroso.

— Nalesean — disse Mat, com raiva —, dê uma volta bem grande com seus tairenos para o norte e ataque esses camaradas por trás. Vamos mantê-los ocupados, então trate de cavalgar em passo forte e invista contra eles feito um estábulo desabando. — *Então ele tem a sorte do Tenebroso, não é? Sangue e cinzas, eu só espero que a minha tenha voltado.* — Talmanes, faça o mesmo para o sul. Mexam-se, os dois. Temos pouco tempo, e estamos desperdiçando.

Os dois tairenos curvaram-se às pressas e, enfiando os elmos na cabeça, foram correndo apanhar os cavalos. O cumprimento de Talmanes foi mais formal.

— Que a sorte favoreça sua espada, Mat. Ou sua lança, eu talvez devesse dizer. — E também partiu.

Daerid ergueu os olhos para Mat enquanto os três desapareciam colina abaixo, e afastou as gotas de chuva dos olhos com um dedo.

— Quer dizer que desta vez você vai ficar com os lanceiros. Não pode se deixar dominar pela raiva do tal Couladin. Uma batalha não é lugar para tentar disputar um duelo.

Mat quase não conseguiu evitar ficar boquiaberto. Duelo? Ele? Com Couladin? Era por isso que Daerid achava que ele ia ficar com a infantaria? Mat fizera essa opção porque era mais seguro ficar por detrás das lanças. Era esse seu motivo. Só esse.

— Não se preocupe. Consigo me controlar. — E ele tinha achado que Daerid era o mais esperto de todos.

O cairhieno apenas assentiu.

— Foi o que pensei. Você já viu lanças serem empunhadas, e enfrentou uma ou duas investidas, eu diria. Talmanes nunca elogia a ninguém, mas o ouvi dizer que seguiria para onde quer que você o conduzisse. Eu gostaria de ouvir sua história algum dia, andoriano. Você é jovem, e, pela Luz, não é minha intenção desrespeitá-lo, mas os jovens têm sangue quente.

— Esta chuva vai mantê-lo frio, se nada mais funcionar.

Sangue e cinzas! Estavam todos loucos? Talmanes fazendo elogios a ele? Mat se perguntou o que eles diriam se descobrissem que não passava de um jogador sendo guiado por fragmentos de memórias de homens que haviam morrido mil anos antes ou mais. Fariam um sorteio para ver quem seria o primeiro a espetá-lo como um porco. Especialmente os lordes. Ninguém gostava de ser feito de tolo, mas os nobres pareciam gostar menos ainda, talvez porque, com frequência, não precisassem de ajuda. Bem, de uma maneira ou de outra, Mat

pretendia estar a milhas de distância quando essa descoberta fosse feita. *Maldito Couladin. Eu gostaria de enfiar esta lança pela garganta dele!* Esporeou Pips e partiu em direção à encosta oposta, onde a infantaria esperava logo abaixo.

Daerid subiu na sela e o acompanhou, aquiescendo conforme Mat detalhava o plano. Os arqueiros nas encostas, de onde poderiam cobrir os flancos, mas deitados, escondidos nos arbustos até o último minuto. Um homem no cume para sinalizar os Aiel à vista. E os piqueiros saindo assim que vissem o sinal, marchando diretamente em direção ao inimigo.

— Assim que *nós* conseguirmos ver os Shaido, vamos recuar o mais rápido que pudermos, quase de volta para o espaço entre estas duas colinas, e então nos viramos para ficar de frente para eles.

— Eles vão pensar que queríamos fugir, percebemos que não dava, e nos voltamos para eles feito um urso encarando cães de caça. Ao ver que somos menos da metade do número deles e que só estamos lutando porque somos obrigados, eles devem pensar que vão nos massacrar. Temos que prender a atenção deles só até os cavalos investirem pela retaguarda… — O cairhieno até sorriu. — As táticas dos próprios Aiel usadas contra eles.

— E é bom prendermos mesmo a atenção dos desgraçados. — O tom de Mat foi tão seco quanto suas roupas estavam molhadas. — Para soarmos convincentes, e para garantir que *eles* não comecem a dar a volta pelos *nossos* flancos, quero que comecem a gritar, assim que pararmos de recuar: "Protejam o Lorde Dragão". — Desta vez, Daerid soltou uma gargalhada sonora.

Isso deveria atrair imediatamente os Shaido, em especial se Couladin estivesse no comando. Se Couladin de fato estivesse no comando, se ele achasse que Rand estava com os lanceiros, se os piqueiros pudessem resistir até a cavalaria chegar… Muitas variáveis. Mat escutava os dados rolando de novo em sua cabeça. Essa era a maior aposta que já tinha feito na vida. Ficou se perguntando quanto tempo faltava para que a noite caísse. Um único homem talvez conseguisse escapar à noite. Gostaria que aqueles dados desaparecessem de sua cabeça, ou que parassem logo, para que ele soubesse o resultado. Franzindo o cenho para a chuva, ele bateu com as botas em Pips e o fez descer a colina.

Jeade'en parou no alto de uma colina em que pouco mais de dez árvores formavam um tímido aglomerado, e Rand se curvou um pouco para tentar aliviar a dor na lateral do corpo. Bem lá no alto, a lua crescente proporcionava luz, mas, mesmo para sua visão amplificada por *saidin*, qualquer coisa a mais de cem passadas não passava de uma sombra amorfa. A noite engolira todas as colinas do entorno, e Rand

estava apenas parcialmente consciente de Sulin rondando por ali, assim como das Donzelas lhe cercando por todos os lados. Também não parecia capaz de manter os olhos mais do que parcialmente abertos. Seus olhos pareciam cheios de areia, e a dor inquietante na lateral do corpo podia ser a única coisa que o mantinha desperto. Não pensava nisso com muita frequência. Seus pensamentos não estavam apenas distantes, estavam lentos.

Sammael atentara contra sua vida duas vezes naquele dia, ou haviam sido três? Mais? Achava de que deveria se lembrar da frequência com que alguém tentara matá-lo. Não, matar, não. Atrair. *Você ainda tem todo esse ciúme de mim, Tel Janin? Quando foi que eu desdenhei de você, ou lhe dei um dedo a menos do que merecia?*

Cambaleando, Rand passou a mão pelo cabelo. Havia algo estranho naquele pensamento, mas não conseguiu se lembrar do quê. Sammael… Não. Poderia dar conta dele quando… se… Não importava. Depois. No momento, Sammael não passava de uma distração do que de fato importava. Podia até já ter ido embora.

Vagamente, pensou que não houvera mais nenhum ataque depois… Depois do quê? Rand se recordava de ter contra-atacado o último movimento de Sammael com algo particularmente perverso, mas não conseguia fazer a memória aflorar. Fogo devastador, não. *Não devo usar aquilo. Põe em risco o tecido do Padrão. Nem por Ilyena? Eu seria capaz de incendiar o mundo e usar minha alma como pavio para ouvir outra vez a risada dela.*

Estava de novo à deriva, sem conseguir se concentrar no que era realmente importante.

A despeito de há quanto tempo a noite caíra, o pôr do sol parecera uma batalha, as sombras se alongando para sobrepujar paulatinamente a luz dourado-avermelhada, os homens matando e morrendo. Ventos vadios ainda traziam berros e gritos distantes. Por causa de Couladin, sim, mas, no cerne da questão, por causa dele mesmo.

Por um momento, não conseguiu lembrar seu nome.

— Rand al'Thor — disse alto, e estremeceu, apesar de o casaco estar úmido de suor. Por um instante, aquele nome lhe soou estranho. — Eu sou Rand al'Thor e preciso… Eu preciso ver.

Não comera desde a manhã, mas a mácula de *saidin* dissipava a fome. O Vazio não parava de tremer, e Rand se segurava à Fonte Verdadeira pelas unhas. Era como montar um touro ensandecido de erva-vermelha, ou nadar nu em um rio de fogo com uma correnteza cheia de pedregulhos pontudos de gelo. Porém, quando não estava a ponto de ser escornado, espancado ou afogado, parecia que *saidin* era a única força que lhe restava. *Saidin* estava lá, preenchendo suas extremidades, tentando erodir ou corroer sua mente, mas pronto para

ser usado.

Balançando a cabeça com vigor, Rand canalizou, e algo se inflamou bem alto no céu. Algo. Uma bola de chamas azuis borbulhantes que bania quaisquer sombras com uma luz inclemente.

Colinas se amontoavam por todos os lados, as árvores negras àquela luz forte. Nada se movia. Um som débil chegou aos seus ouvidos com uma rajada de vento. Vivas, talvez, ou uma cantoria. Podia estar imaginando coisas. Era tão diminuta que podia ser fantasia, e o som morreu com o vento.

De repente, tomou consciência das Donzelas lhe cercando, centenas delas. Algumas, incluindo Sulin, fitavam-no, mas muitas tinham coberto os olhos. Ele precisou de um momento para perceber que as mulheres estavam tentando preservar a visão noturna. Franziu o cenho, procurando. Egwene e Aviendha não estavam mais lá. Outro longo momento se passou antes que ele se lembrasse de afrouxar a tessitura da canalização e deixasse a escuridão voltar a se apossar da noite. Agora era uma escuridão profunda para os olhos dele.

— Onde elas estão? — Ficou ligeiramente irritado quando teve de dizer a quem se referia, assim como estava apenas ligeiramente consciente de que não tinha motivo para isso.

— Foram até Moiraine Sedai e as Sábias enquanto o sol estava se pondo, *Car'a'carn* — respondeu Sulin, aproximando-se de Jeade'en. Seu cabelo branco curto brilhava ao luar. Não, ela tinha uma bandagem na cabeça. Como podia ter esquecido? — Já faz umas boas duas horas. Elas sabem que carne não é pedra. Mesmo as pernas mais fortes têm um limite para correr.

Rand franziu a testa. Pernas? Elas estavam montando Bruma. A mulher não estava dizendo coisa com coisa.

— Preciso ir atrás.

— Elas estão com Moiraine Sedai e as Sábias, *Car'a'carn* — retrucou a Aiel calma. Rand achou que ela também estava com o rosto franzido, mas era difícil ter certeza.

— Não elas — resmungou. — Preciso ir atrás da minha gente. Eles ainda estão por aí, Sulin. — Por que o garanhão não estava se mexendo? — Você consegue ouvi-los? Lá fora, na noite. Ainda lutando. Preciso ir ajudá-los. — Claro. Tinha que pressionar os calcanhares nas costelas do sarapintado. Mas, quando o fez, Jeade'en apenas deu a volta, Sulin segurando as rédeas. Ele não se lembrava de a mulher ter pegado os arreios.

— As Sábias precisam falar com você agora, Rand al'Thor. — A voz dela havia mudado, mas ele estava desgastado demais para definir.

— Não dá para esperar? — Ele devia ter perdido o batedor com aquela mensagem. — Eu preciso encontrá-los, Sulin.

Enaila pareceu brotar do outro lado da cabeça do garanhão.

— Você já encontrou sua gente, Rand al'Thor.

— As Sábias estão à sua espera — acrescentou Sulin.

Ela e Enaila viraram Jeade'en sem esperar que ele concordasse. Por algum motivo, as Donzelas se aglomeraram em torno dele quando partiram por um caminho tortuoso que descia a lateral da colina, os rostos refletindo o luar sempre que o encaravam, tão perto que os ombros roçavam os flancos do cavalo.

— Seja lá o que elas queiram — resmungou ele —, é melhor serem rápidas.

Não havia necessidade de elas estarem conduzindo o sarapintado, mas criar caso só por aquilo era um esforço grande demais. Rand se virou para olhar para trás, grunhindo por conta da dor na lateral do corpo. O cume já fora engolido pela noite.

— Ainda tenho muito a fazer. Preciso encontrar… — Couladin. Sammael. Os homens que estavam lutando e morrendo por ele. — Preciso encontrá-los. — Estava exausto, mas ainda não podia dormir.

Postes com lamparinas iluminavam o acampamento das Sábias, além de pequenas fogueiras de onde chaleiras com água eram levadas e substituídas por homens e mulheres de robe branco assim que começavam a ferver. *Gai'shain* zanzavam por toda parte, bem como Sábias, todos cuidando dos feridos, cuja quantidade deixava o acampamento lotado. Moiraine se movia devagar ao longo das compridas filas compostas pelos que não eram capazes de ficar de pé, só parando raras vezes para pousar as mãos em alguns Aiel que, então, se debatiam ao serem Curados. Ela cambaleava sempre que voltava a se erguer, com Lan rondando por trás como se quisesse segurá-la, ou na expectativa de precisar fazê-lo. Sulin trocava palavras com Adelin e Enaila, baixo demais para Rand entender, e as mulheres mais jovens corriam para falar com a Aes Sedai.

Apesar do número de feridos, nem todas as Sábias estavam cuidando deles. Dentro de um pavilhão, a um canto, umas vinte estavam sentadas em círculo escutando outra, de pé no centro. Quando esta se sentava, outra lhe substituía. Havia *gai'shain* ajoelhados na parte externa do pavilhão, mas nenhuma das Sábias parecia interessada em vinho ou em qualquer outra coisa que não fosse o que estavam ouvindo. Rand achou que Amys estava com a palavra no momento.

Para sua surpresa, Asmodean também estava ajudando com os feridos, as bolsas d'água penduradas em cada ombro destoando bastante do casaco escuro de veludo e renda branca. Quando se endireitou, depois de dar de beber a um homem de peito nu, a não ser por bandagens, avistou Rand e hesitou.

Após um instante, ele entregou as bolsas d'água para um dos

gai'shain e foi costurando o caminho em direção a Rand pelo meio das Donzelas. Elas o ignoraram — todas pareciam de olho em Adelin e Enaila conversando com Moiraine, ou em Rand —, e o rosto do homem estava tenso quando precisou parar por conta do círculo compacto de *Far Dareis Mai* em torno de Jeade'en. Elas deram passagem devagar, e só o suficiente para deixá-lo alcançar o estribo de Rand.

— Eu tinha certeza de que você estava bem. Eu tinha certeza. — Pelo tom de voz, não tivera certeza nenhuma. Quando Rand não respondeu, Asmodean deu de ombros, desconfortável. — Moiraine insistiu para que eu carregasse a água. Uma mulher poderosa, para não permitir que o bardo do Lorde Dragão fosse… — Ele se interrompeu e umedeceu os lábios em um movimento rápido. — O que aconteceu?

— Sammael — disse Rand, mas não em tom de resposta. Só estava dando vazão aos pensamentos que deslizavam pelo Vazio. — Lembro da primeira vez em que ele foi chamado de Destruidor da Esperança. Depois que traiu os Portões de Hevan e desceu a Sombra em Rorn M'doi, no coração de Satelle. A esperança realmente pareceu morrer naquele dia, Culan Cuhan chorou. Que cara é essa? — O rosto de Asmodean estava tão branco quanto o cabelo de Sulin. O homem apenas balançou a cabeça, mudo. Rand espiou o pavilhão. Quem quer que estivesse falando àquela altura, ele não conhecia. — É ali que estão me esperando? Então preciso ir me juntar a elas.

— Elas não vão receber você ainda — afirmou Lan, surgindo ao lado de Asmodean, que deu um pulo —, nem a homem algum. — Rand também não ouvira ou vira o Guardião se aproximar, mas apenas virou a cabeça. Até isso parecia um esforço. Parecia ser a cabeça de outra pessoa. — Estão reunidas com Sábias dos Miagoma, dos Codarra, dos Shiande e dos Daryne.

— Os clãs estão vindo até mim — disse Rand com um tom de voz neutro. Só que haviam esperado tempo demais, a ponto de tornar aquele dia mais sangrento. Nunca era daquele jeito nas histórias.

— É o que parece. Mas os quatro chefes só vão falar com você quando as Sábias tiverem terminado de fazer seus arranjos — acrescentou Lan, seco. — Venha. Moiraine pode falar mais que eu sobre o assunto.

Rand balançou a cabeça.

— O que está feito, está feito. Posso ouvir os detalhes mais tarde. Se Han não precisa mais mantê-los longe de nós, então eu preciso dele. Sulin, mande um mensageiro. Han…

— *Já acabou*, Rand — insistiu o Guardião. — Tudo. Só restam uns poucos Shaido ao sul da cidade. Milhares foram feitos prisioneiros, e a maior parte dos outros está cruzando o Gaelin. Se alguém soubesse

onde você estava, a notícia teria sido enviada uma hora atrás. Mas você não parava em lugar algum. Venha e deixe que Moiraine lhe conte.

— Acabou? Nós ganhamos?

— Você ganhou. De vez.

Rand espiou os homens recebendo bandagens, as filas pacientes aguardando para recebê-las, e aqueles já indo embora com elas. As fileiras de gente praticamente imóvel. Moiraine ainda se deslocava ao longo delas, parando aqui e ali, cansada, para Curar. Apenas alguns dos feridos estavam ali, claro. Teriam passado o dia vindo como pudessem, indo embora como e quando fosse possível. Se fosse possível. Nenhum dos mortos estaria por lá. *Só uma batalha perdida é mais triste que uma batalha vencida.* Rand parecia se lembrar de já ter dito aquilo, muito tempo atrás. Talvez tivesse lido em algum lugar.

Não. Havia gente demais vivendo sob sua responsabilidade para que ele se preocupasse com os mortos. *Mas quantos rostos vou reconhecer, como o de Jolien? Eu nunca vou me esquecer de Ilyena, nem se o mundo inteiro pegar fogo!*

Franziu a testa e levou uma das mãos à cabeça. Aqueles pensamentos pareciam brotar um sobre o outro, de diferentes lugares. Estava tão cansado que mal conseguia raciocinar. Mas precisava, precisava de pensamentos que não deslizassem quase fora do alcance. Largou a Fonte e o Vazio, e convulsionou quando *saidin* quase o esmagou naquele momento de recuo. Mal teve tempo de se dar conta do erro. Sem o Poder, a exaustão e a dor se abateram sobre ele.

Ao tombar da sela, estava consciente dos rostos virados em sua direção, das bocas mexendo, das mãos se esticando para segurá-lo, para amortecer sua queda.

— Moiraine! — berrou Lan, a voz oca no ouvido de Rand. — Ele está sangrando muito!

Sulin aninhou a cabeça dele nos braços.

— Aguente firme, Rand al'Thor — pediu, com urgência. — Aguente.

Asmodean não disse nada, mas seu rosto estava sombrio, e Rand sentiu um gotejar de *saidin* fluindo até ele, vindo do homem. Tudo se apagou.

45

Depois da tempestade

Sentado em um pequeno pedregulho no pé da encosta, Mat se encolheu ao puxar o chapéu de aba larga para baixo e, assim, evitar o sol da manhã. Em parte, para proteger os olhos da luz. Havia outra coisa que não queria ver, apesar de os cortes e machucados não o deixarem esquecer — principalmente o talho de flecha ao longo da têmpora, pressionado pelo chapéu. Um unguento dos alforjes de Daerid estancara o sangramento no local e nas outras partes do corpo, mas tudo ainda doía, e a maioria das lesões ardia. Essa parte ainda pioraria. O calor do dia só estava começando a apertar, mas o suor formava gotículas em seu rosto e já umedecia as roupas de baixo e a camisa. Mat se perguntou se o outono algum dia chegaria a Cairhien. Pelo menos o desconforto evitava que ficasse pensando no quanto estava cansado. Mesmo após uma noite insone — não conseguiria dormir nem em uma cama de penas, e menos ainda em cobertores no chão. Não que Mat quisesse voltar para perto de sua tenda, de qualquer modo.

Que bela de uma maldita confusão. Quase morto, suando feito um porco, sem conseguir encontrar um lugar confortável para esticar as pernas, e sem poder nem ousar ficar bêbado. Sangue e malditas cinzas! Parou de passar o dedo por um talho no casaco que percorria toda a extensão do peito — uma polegada de diferença e aquela lança teria lhe atravessado o coração; Luz, o sujeito era bom! — e afastou do pensamento aquela parte da história. Não que fosse fácil, com tudo que estava acontecendo ao redor.

Pela primeira vez, tairenos e cairhienos não pareciam se importar de ver tendas Aiel por todos os lados. Havia Aiel até no próprio acampamento, e, em um milagre quase tão grande quanto, tairenos se misturavam a cairhienos em meio às fogueiras fumacentas. Não que alguém ali estivesse comendo. As chaleiras não haviam sido postas no fogo, embora Mat sentisse o cheiro de carne assando em algum lugar. Em vez disso, a maioria estava tão bêbada de vinho, conhaque ou do *oosquai* Aiel quanto possível, gargalhando e comemorando. Perto de onde Mat estava sentado, uma dezena de Defensores da Pedra

trajando apenas camisas suadas de manga curta dançava ao som das palmas de dez vezes mais espectadores. Em fila, uns com os braços nos ombros dos outros, dançavam em passos tão velozes que era incrível que nenhum tropeçasse ou chutasse o homem ao lado. Em outro círculo de espectadores próximos a um poste de dez pés — Mat tratou de logo desviar os olhos —, o mesmo número de Aiel estava se divertindo à sua maneira. Mat presumiu que fosse uma dança, já que outro Aiel tocava foles para eles. Saltavam o mais alto que podiam, lançavam um dos pés ainda mais para cima e então pousavam com aquele mesmo pé, voltando a saltar imediatamente, cada vez mais rápido, por vezes rodopiando em pleno ar feito peões, ou dando cambalhotas e mortais para trás. Sete ou oito tairenos estavam sentados tratando de ossos que haviam quebrado ao tentar os movimentos, mas sempre celebrando e gargalhando ensandecidos, passando e repassando um jarro de pedra contendo algum líquido. Em outros pontos, mais homens dançavam e talvez cantavam. Com tanto alvoroço, era difícil dizer. Sem o menor esforço, Mat contou dez flautas, isso sem falar no dobro de flautins, além de um cairhieno magricela com um casaco esfarrapado que tocava um instrumento que parecia metade flauta, metade trompa, com alguns outros formatos estranhos aqui e ali. E havia incontáveis tambores, a maior parte meras panelas golpeadas com colheres.

Em resumo, o acampamento era uma mistura de baile e bagunça. Mat reconhecia a situação, principalmente das memórias que, caso se concentrasse o suficiente, ainda era capaz de atribuir a outros homens. Uma celebração por terem sobrevivido. Uma vez mais, haviam andado nas barbas do Tenebroso e vivido para contar. Mais uma dança no fio da navalha que se encerrava. Quase mortos na véspera, talvez mortos amanhã, mas, naquele dia, vivos, gloriosamente vivos. Mat não estava no clima de celebrações. Para que servia estar vivo, se isso significava viver em uma gaiola?

Balançou a cabeça quando Daerid, Estean e um Aiel ruivo e compacto passaram, trôpegos, um se apoiando no outro. Mal audíveis em meio a todo aquele clamor, Daerid e Estean se revezavam tentando ensinar ao homem mais alto a letra de “Dançando com Jak das Sombras”.

> — O dia todo beber, a noite inteira cantar
> e com as garotas moedas gastar.
> E quando tudo acabar, ir dançar
> com Jak das Sombras.

O sujeito bronzeado não demonstrava o menor interesse em aprender, claro — só aprenderia se os dois o convencessem de que se

tratava de um hino de guerra —, mas ouvia, e não era o único. Quando os três saíram de vista, em meio à multidão que se amontoava, já estavam sendo seguidos por outros vinte homens balançando copos amassados e canecas de couro, todos berrando a canção a plenos pulmões.

— Eu também gosto de cerveja e de vinho,
e de garotas com um belo sorriso,
mas meu maior prazer, infinito,
é dançar com Jak das Sombras.

Mat queria nunca ter ensinado a canção a nenhum deles. Mas ensiná-la manteve sua mente ocupada enquanto Daerid impedia que ele sangrasse até a morte. Aquele unguento ardia tanto quanto os próprios cortes, e as habilidades de Daerid com a agulha e a linha jamais deixariam costureira nenhuma com inveja. Só que a canção se espalhara entre aqueles primeiros doze homens como fogo em vegetação seca. A cavalo e a pé, tairenos e cairhienos estavam cantando-a quando retornaram, ao nascer do dia.

Retornaram. De volta para o vale em meio às colinas de onde haviam partido, sob as ruínas da torre de madeira, e sem nenhuma chance de ir embora. Mat tinha se oferecido para ir cavalgando à frente, e Talmanes e Nalesean quase saíram no tapa para decidir quem lhe serviria de escolta. Nem todos haviam se tornado melhores amigos. Só faltava Moiraine aparecer para fazer perguntas sobre onde ele tinha estado e por quê, dando sermão sobre *ta'veren* e seus deveres, sobre o Padrão e Tarmon Gai'don, até deixá-lo tonto. Ela estava com Rand, sem dúvida, mas acabaria vindo atrás de Mat.

Ergueu os olhos para o topo da colina e o emaranhado de troncos destruídos entre as árvores quebradas. Aquele cairhieno que confeccionara as lunetas para Rand estava lá em cima, fuçando tudo com seus aprendizes. Os Aiel já não queriam mais saber daquilo. Com certeza já passava da hora de Mat ir embora. O medalhão com a cabeça de raposa o protegia de mulheres canalizando, mas Mat já ouvira o bastante de Rand para saber que era diferente quando um homem canalizava. Não tinha interesse em descobrir se o objeto o protegeria de Sammael e sua laia.

Fazendo caretas a cada pontada de dor, ele usou a lança de cabo preto como apoio ao ficar de pé. Ao seu redor, a comemoração continuava. Se ele partisse em direção às fileiras de lanças… Não estava ansioso para encilhar Pips.

— O herói não deve se sentar sem beber.

Levando um susto e grunhindo por conta das pontadas de dor, Mat se virou para encarar Melindhra. Ela trazia um grande jarro de

barro em uma das mãos em vez de uma lança, e o rosto estava sem véu, mas os olhos pareciam analisá-lo.

— Escute, Melindhra. Eu posso explicar.

— Explicar o quê? — perguntou ela, passando o braço livre pelos ombros de Mat. Mesmo com o choque repentino, ele tentou manter a postura ereta. Ainda não estava acostumado a ter de olhar para cima para falar com uma mulher. — Eu sabia que você iria procurar sua própria honra. O *Car'a'carn* projeta uma grande sombra, mas homem nenhum deseja passar toda a vida na penumbra.

Fechando a boca depressa, ele ainda conseguiu murmurar:

— Claro. — Então ela não ia tentar matá-lo. — É exatamente isso.

Aliviado, tomou o jarro da mão dela e sorveu sofregamente, mas quase cuspiu. Aquele era o conhaque de destilação dupla mais puro que ele já havia provado.

Melindhra retomou o jarro por tempo suficiente para beber um gole, então suspirou, agradecida, e o empurrou de volta para Mat.

— Ele era um homem de muita honra, Mat Cauthon. Seria melhor tê-lo capturado, mas, mesmo matando-o, você adquiriu muito *ji*. Você fez bem em ter ido atrás dele.

A contragosto, Mat olhou para o que estivera evitando encarar e estremeceu. Uma tira de couro prendia a cabeça de Couladin pelos cabelos ruivos no alto do poste perto de onde os Aiel dançavam. Aquele troço parecia sorrir. Para ele.

Ter ido atrás de Couladin? Mat fizera o possível para manter os piqueiros entre ele e *qualquer* Shaido. Mas aquela flecha lhe tosquiara a lateral da cabeça e, antes mesmo que percebesse, já estava no chão, lutando para se pôr de pé, cercado pelo combate furioso. Usara a lança com a marca do corvo para atacar tudo que o cercava enquanto tentava dar um jeito de voltar para Pips. Couladin surgira do nada, o rosto velado, pronto para matar, mas não havia como confundir aqueles braços nus enlaçados com Dragões em dourado e vermelho. O homem andara fazendo um grande estrago nos piqueiros, usando as próprias lanças, enquanto berrava para que Rand aparecesse e que *ele* era o verdadeiro *Car'a'carn*. Talvez acreditasse mesmo nisso, àquela altura. Mat ainda não sabia se Couladin o reconhecera ou não, mas isso não tinha feito nenhuma diferença, não quando o sujeito decidiu passar por cima dele para chegar até Rand. Ele também não sabia quem havia decapitado Couladin, depois da luta.

Eu estava ocupado demais tentando sobreviver para assistir, pensou, com amargura. E torcendo para que não sangrasse até a morte. Nos tempos de Dois Rios, ele fora tão habilidoso no manejo de um cajado quanto qualquer outro, e um cajado não era tão diferente de uma lança, mas Couladin já devia ter nascido com aquelas coisas nas mãos. Claro que, no fim das contas, aquela habilidade toda não adiantara de

muita coisa. *Talvez eu ainda tenha um pouco de sorte. Por favor, Luz, faça com que ela apareça agora!*

Estava pensando em como se livrar de Melindhra para que pudesse encilhar Pips quando Talmanes se apresentou com uma reverência formal, a mão sobre o coração à moda cairhiena.

— Que a sorte lhe sorria, Mat.

— E a você — respondeu Mat, distraído.

Melindhra não iria embora só com um pedido. Pedir certamente seria como pôr uma raposa no galinheiro. Talvez se dissesse a ela que queria dar uma cavalgada… Diziam que os Aiel conseguiam correr mais rápido que cavalos.

— Uma delegação chegou da cidade durante a noite. Haverá uma procissão triunfal para o Lorde Dragão como agradecimento, da parte de Cairhien.

— Ah, é?

A droga da mulher tinha de ter algum tipo de tarefa a fazer. As Donzelas estavam sempre em torno de Rand. Talvez ela fosse convocada para fazer isso. Olhando para Melindhra, no entanto, ele achou que seria melhor não contar com aquilo. O sorriso largo dela era… possessivo.

— A delegação era do Grão-lorde Melian — informou Nalesean, juntando-se à conversa. Sua reverência foi igualmente formal, com os braços se abrindo, mas apressada. — É ele quem está oferecendo a procissão ao Lorde Dragão.

— Lorde Dobraine, Lorde Maringil e Lady Colavaere, entre outros, também procuraram o Lorde Dragão.

Mat se concentrou de novo no presente. Os dois fidalgotes tentavam, cada um fingir que o outro não existia — ambos encarando apenas Mat, sem nem esboçar um olhar para o lado —, mas a tensão deixava seus rostos tão constritos quanto as vozes, as mãos com as juntas esbranquiçadas nos punhos da espada. Se os dois saíssem no tapa, seria como fechar tudo aquilo com chave de ouro, e com Mat provavelmente ainda tentando dar um jeito de ficar de fora quando um deles o acertasse por acaso.

— Que diferença faz quem mandou uma delegação, desde que Rand tenha a procissão dele?

— Faz diferença porque você deveria solicitar a ele nosso lugar de direito bem à frente — respondeu Talmanes, mais do que depressa. — Você matou Couladin e conquistou essa posição para nós. — Nalesean fechou a boca e fez uma careta. Ficou claro que ele estivera a ponto de dizer o mesmo.

— Tratem vocês dois de pedir — devolveu Mat. — Não tenho nada a ver com isso.

Melindhra apertou sua nuca, mas Mat não se importou. Moiraine

decerto estava com Rand. Ele não queria enfiar o pescoço em um segundo laço enquanto ainda descobria como sair do primeiro.

Talmanes e Nalesean ficaram de queixo caído, como se Mat fosse demente.

— Você é nosso líder nessa batalha — protestou Nalesean. — Nosso general.

— Meu criado vai lustrar suas botas — emendou Talmanes, com um sorrisinho que ele tomou o cuidado de não dirigir ao taireno de rosto quadrado —, e vai esfregar e remendar suas roupas. Assim, sua aparência estará impecável.

Nalesean alisou a barba oleada, os olhos disparando em direção ao outro homem antes que conseguisse freá-los.

— Se me permite oferecer, tenho um bom casaco que acredito que lhe cairá bem. De cetim dourado e carmesim. — Foi a vez do cairhieno encará-lo.

— General! — exclamou Mat, usando o cabo da lança para se manter de pé. — Não sou nenhum maldito… Quer dizer, eu não quero usurpar seu lugar de direito. — Eles que decidissem a qual dos dois Mat se referia.

— Que minha alma queime — indignou-se Nalesean —, foi sua habilidade no combate que garantiu nossa vitória e nos manteve vivos. Sem falar na sua sorte. Já ouvi falar sobre como você sempre vira a carta certa, mas foi mais que isso. Eu o seguiria mesmo que você jamais tivesse conhecido o Lorde Dragão.

— Você é nosso líder — reafirmou Talmanes logo depois, com uma voz mais sóbria, ainda que não menos segura. — Até ontem, segui homens de outras terras porque precisei. No seu caso, eu o sigo porque quero. Talvez você não seja um lorde em Andor, mas, aqui, afirmo que é, e me comprometo a ser um de seus homens.

O cairhieno e o taireno se entreolharam como se estivessem assustados por externar o mesmo sentimento, e então, devagar, com relutância, trocaram breves meneios. Mesmo não se gostando — e só um tolo apostaria no contrário —, podiam concordar com aquele ponto. Em algum nível.

— Vou mandar meu cavalariço preparar seu cavalo para a procissão — informou Talmanes, que mal franziu o rosto quando Nalesean prosseguiu:

— O meu pode dividir o trabalho. Sua montaria deve nos deixar orgulhosos. E que a minha alma queime, mas precisamos de um estandarte. O seu estandarte. — Ao ouvir aquilo, o cairhieno aquiesceu de maneira enfática.

Mat não tinha certeza se gargalhava histericamente ou se simplesmente se sentava e chorava. Aquelas malditas memórias. Não fosse por elas, teria continuado a cavalgar. Não fosse por Rand, não

teria nada daquilo. Era capaz de identificar cada passo que o levara ali; cada um deles parecera necessário e sem perspectivas, mas todos levaram inevitavelmente ao seguinte. No começo de tudo estava Rand. E o maldito *ta'veren*. Mat não entendia por que fazer algo absolutamente necessário e tão inofensivo quanto possível sempre parecia afundá-lo ainda mais no atoleiro. Melindhra começara a alisar sua nuca, em vez de apertá-la. Tudo o que ele precisava, agora…

Mat ergueu os olhos para a colina, e lá estava ela: Moiraine, em sua égua branca de passadas delicadas, com Lan em seu garanhão negro, erguendo-se feito uma torre ao lado dela. O Guardião se inclinou na direção da mulher, como que para ouvi-la, e os dois pareceram ter uma breve discussão, com o homem protestando firmemente, mas, após um momento, a Aes Sedai puxou as rédeas de Aldieb e a fez dar a volta, cavalgando para fora de vista em direção à encosta contrária. Lan permaneceu onde estava, montado em Mandarb, observando o acampamento abaixo. Observando Mat.

Mat estremeceu. A cabeça de Couladin realmente parecia sorrir para ele. Quase ouvia a voz do homem. *Você pode até ter me matado, mas enfiou seu pé em cheio na armadilha. Estou morto, mas você nunca será livre.*

— Mas que maravilha — resmungou, dando um gole longo e sufocante no forte conhaque. Talmanes e Nalesean pareceram pensar que ele falara sinceramente, e Melindhra gargalhou em concordância.

Uns cinquenta ou mais tairenos e cairhienos haviam se reunido para assistir à sua conversa com os dois lordes, e entenderam aquela golada como um sinal para que lhe fizessem uma serenata, à qual deram início com versos que eles mesmos tinham inventado:

> — Lançar os dados e vê-los rodar,
> Altas ou baixas, garotas amar
> Seguir o jovem Mat quando ele chamar
> E dançar com Jak das Sombras.

Mat não conseguiu conter uma gargalhada. Tornou a se acomodar no pedregulho e tratou de esvaziar o jarro. Devia haver um jeito de sair dali. Devia.

Rand abriu os olhos bem devagar, encarando o teto da tenda. Estava nu debaixo de um único cobertor. A ausência de dor foi quase preocupante, ainda que se sentisse mais fraco do que se lembrava. E ele lembrava. Dissera coisas, pensara… Sentiu um calafrio. *Não posso deixar que ele assuma o controle. Eu sou eu! Eu!* Mexendo-se sob o cobertor, encontrou a suave cicatriz redonda na lateral do corpo, sensível, porém fechada.

— Moiraine Sedai Curou você — disse Aviendha, assustando-o.

Não a vira sentada de pernas cruzadas nos tapetes perto da fogueira, bebericando de um copo de prata entalhado com leopardos. Asmodean estava estirado nas almofadas borladas, o queixo apoiado nos braços. Nenhum dos dois aparentava ter dormido. Ambos estavam com olheiras profundas.

— Isso não deveria ter sido necessário — prosseguiu Aviendha, com voz tranquila.

Cansada ou não, o cabelo estava arrumado, e as roupas limpas faziam enorme contraste com o veludo escuro amarrotado de Asmodean. De vez em quando, ela girava distraidamente o bracelete de marfim entalhado com rosas e espinhos que ele lhe dera. Também estava usando o colar com o floco de neve de prata. Ainda não dissera a Rand quem lhe dera aquilo, embora parecesse se divertir ao perceber que ele fazia muita questão de saber. Mas ela certamente não parecia estar se divertindo agora.

— A própria Moiraine Sedai estava a ponto de desmaiar de tanto Curar os feridos. *Aan'allein* precisou carregá-la para a tenda. Por sua causa, Rand al'Thor. Porque Curar você sugou as últimas forças dela.

— A Aes Sedai já está de pé — avisou Asmodean, suprimindo um bocejo. O homem ignorou o olhar penetrante de Aviendha. — Já esteve aqui duas vezes desde o nascer do sol, embora tenha dito que você se recuperaria. Acho que ontem à noite ela não tinha tanta certeza. Nem eu. — Ele puxou a harpa dourada para o colo e distraiu-se com ela, falando em um tom displicente: — Eu fiz o que pude por você, claro. Minha vida e minha fortuna estão atadas às suas, mas meus talentos não estão exatamente na Cura, você sabe. — O homem dedilhou algumas notas para demonstrar. — Sei que um homem pode acabar se matando ou amansando a si mesmo fazendo o que você fez. Ter força com o Poder é inútil se o corpo estiver exaurido. *Saidin* pode matar fácil caso o corpo esteja exausto. Foi o que ouvi dizer.

— Terminou de compartilhar sua sabedoria, Jasin Natael? — O tom de voz de Aviendha foi ainda mais gélido, e ela não esperou por uma resposta antes de desviar o olhar de gelo azul-esverdeado de volta para Rand. Parecia que a interrupção fora culpa dele. — Um homem às vezes pode se comportar como um tolo, e isso não tem tanto problema, mas um chefe deve ser mais que um homem, e o chefe dos chefes, mais ainda. Você não tinha o direito de se forçar até quase a morte. Egwene e eu tentamos fazer você vir conosco quando ficamos cansadas demais para continuar, mas você não deu ouvidos. Até pode ser muito mais forte do que nós duas, como Egwene diz, mas, ainda assim, é feito de carne e osso. Você é o *Car'a'carn*, não um novo *Seia Doon* em busca de honra. Você tem *toh*, uma obrigação para com os Aiel, Rand al'Thor, e não há como cumpri-la se estiver morto.

Você não pode fazer tudo sozinho.

Por um momento, a única coisa que ele pôde fazer foi ficar boquiaberto. Mal fizera qualquer coisa, deixara a batalha para outras pessoas enquanto andava aos tropeções tentando ser útil. Não fora capaz nem de impedir que Sammael atacasse quando e como quisesse. E ela o repreendia por exagerar.

— Vou tentar lembrar — respondeu, por fim. Mesmo assim, Aviendha parecia pronta para mais sermões. — Alguma novidade sobre os Miagoma e os outros três clãs? — indagou, tanto para desviá-la do assunto quanto porque de fato queria saber. Mulheres raramente se mostravam dispostas a parar antes de esmagar o oponente, a menos que fossem distraídas.

Funcionou. Ela estava ansiosa para contar o que sabia, claro, tanto quanto para dar broncas. O dedilhar suave de Asmodean — para variar, algo agradável, até pastoril — criou um estranho pano de fundo para as palavras dela.

Os Miagoma, os Shiande, os Daryne e os Codarra estavam acampados um à vista do outro a algumas milhas a leste. Um fluxo constante de homens e Donzelas andava entre os acampamentos, incluindo o de Rand, mas apenas entre sociedades, e Indirian e os demais chefes não se moviam. Já não havia dúvida de que acabariam aderindo a Rand, mas não antes de as Sábias terminarem suas conversas.

— Ainda estão conversando? — perguntou Rand. — Pela Luz, o que elas têm para discutir que demora tanto? Os chefes estão vindo para aderir a mim, não a elas.

Aviendha lhe lançou um olhar sério digno dos de Moiraine.

— As palavras das Sábias são para as Sábias, Rand al'Thor. — Ela hesitou e completou, como se fizesse uma concessão: — Egwene talvez lhe conte alguma coisa. Quando tiverem acabado. — Seu tom de voz também insinuava que Egwene talvez não dissesse nada.

Ela resistiu às tentativas dele de descobrir mais e, por fim, Rand deixou para lá. Talvez acabasse descobrindo antes que o afetasse, talvez não, mas, de qualquer maneira, não arrancaria de Aviendha nenhuma palavra que ela não quisesse falar. As Sábias Aiel não perdiam em nada para as Aes Sedai quando o assunto era guardar segredos e se cercar de mistérios. Aviendha vinha absorvendo muito bem aquela lição em particular.

A presença de Egwene na reunião das Sábias foi uma surpresa, bem como a ausência de Moiraine — Rand esperaria vê-la no meio de tudo, mexendo os pauzinhos para favorecer seus planos — , mas o fato era que uma coisa era consequência da outra. As Sábias recém-chegadas quiseram se reunir com uma das Aes Sedai que seguiam o *Car'a'carn*, e, embora ela já tivesse se recuperado de tê-lo Curado,

Moiraine afirmara não ter tempo. Egwene fora arrancada dos cobertores para substituí-la.

Aquilo fez Aviendha gargalhar. Estivera por perto quando Sorilea e Bair praticamente arrastaram Egwene da tenda, tentando enfiar as roupas nela enquanto a levavam às pressas.

— Eu vi a cena e gritei que dessa vez ela teria que cavar buracos no chão com a boca se estivesse para ser punida por alguma desobediência, e Egwene estava com tanto sono que acreditou. Começou a reclamar que não faria nada disso, e reclamou tanto que Sorilea quis saber o que ela tinha feito para achar que merecia um castigo. Você tinha que ter visto a cara da Egwene. — Aviendha gargalhou tanto que quase caiu.

Asmodean a encarava com desconfiança — embora o motivo para isso, sendo ele o que e quem era, estivesse além da compreensão de Rand —, mas Rand apenas esperou pacientemente até ela recuperar o fôlego. Para o humor Aiel, aquilo não era nada. O tipo de coisa que ele teria esperado mais de Mat que de qualquer mulher, mas, ainda assim, nada.

Quando ela se endireitou, enxugando os olhos, ele disse:

— Então, e os Shaido? Ou as Sábias deles também estão neste conclave?

Aviendha respondeu ainda dando risinhos contra o copo de vinho. Considerava os Shaido caso encerrado, algo de que já mal valia a pena falar. Milhares de pessoas haviam sido feitas prisioneiras, umas últimas ainda estavam sendo trazidas aos poucos, e os confrontos estavam encerrados, exceto por algumas pequenas escaramuças aqui e ali. Porém, quanto mais ele extraía dela, menos via os Shaido como página virada. Com os quatro clãs mantendo Han ocupado, o grosso do povo de Couladin cruzara o Gaelin em boas condições, até levando consigo a maior parte dos prisioneiros cairhienos que haviam capturado. Pior, tinham destruído as pontes de pedra ao passar.

Aquilo não preocupava Aviendha, mas a ele, sim. Dezenas de milhares de Shaido ao norte do rio, nenhuma maneira de chegar a eles até que as pontes fossem reconstruídas, e até usando madeira isso levaria tempo. Um tempo que Rand não tinha.

Quando parecia que já não havia mais nada a ser dito do assunto, Aviendha lhe contou algo que fez com que Rand se esquecesse da preocupação com os Shaido e dos problemas que poderiam causar. Ela mencionou casualmente, como se já tivesse quase esquecido.

— Mat matou Couladin? — perguntou ele, incrédulo, quando ela terminou. — Mat?

— Não foi isso que eu disse? — As palavras foram ásperas, mas não muito. Espiando-o por cima do copo de vinho, ela parecia mais interessada em como ele assimilaria a novidade do que se estava

duvidando de suas palavras.

Asmodean dedilhou alguns acordes de uma marcha. A harpa parecia ressoar tambores e trompetes.

— De certa maneira, ele é um jovem tão surpreendente quanto você. Eu realmente não vejo a hora de conhecer o terceiro de vocês, o tal de Perrin.

Rand balançou a cabeça. Então Mat não escapara da atração que um *ta'veren* exercia sobre outro, no fim das contas. Ou talvez tivesse sido o Padrão que o apanhara, já que ele próprio era *ta'veren*. De um jeito ou de outro, suspeitava que Mat não estivesse muito feliz naquele exato momento. Não aprendera a lição. Quando a pessoa tentava fugir, o Padrão o puxava de volta, frequentemente com violência. Quando corria na direção em que a Roda tecia, às vezes era possível ter algum controle sobre a própria vida. Às vezes. Com sorte, talvez mais controle do que o esperado, ao menos a longo prazo. Mas Rand tinha preocupações mais urgentes que Mat ou os Shaido.

Uma olhadela para a entrada lhe mostrou que o sol estava bem alto, embora tudo o que visse além disso fosse duas Donzelas agachadas junto à porta, as lanças atravessadas sobre os joelhos. Uma noite toda e a maior parte de uma manhã com ele inconsciente, e Sammael ou não tinha tentado encontrá-lo ou não tinha conseguido.

Rand foi cuidadoso ao usar aquele nome, mesmo só para si, apesar de outro começar a flutuar no fundo de seu pensamento: Tel Janin Aellinsar. História nenhuma o registrava, nenhum fragmento da biblioteca de Tar Valon. Moiraine lhe contara tudo o que as Aes Sedai sabiam sobre os Abandonados, e era pouco mais do que o narrado nas histórias. Até Asmodean sempre se referira a ele como Sammael, ainda que por outro motivo. Muito antes do término da Guerra da Sombra, os Abandonados haviam adotado os nomes pelos quais passaram a ser conhecidos, como se fossem símbolos do renascimento na Sombra. O nome verdadeiro do próprio Asmodean, Joar Addam Nessosin, o fazia vacilar, e ele afirmava ter se esquecido dos demais ao longo dos três mil anos.

Talvez não houvesse razão para esconder o que estava acontecendo dentro de sua cabeça — talvez não passasse de uma tentativa de negar a realidade —, mas continuaria chamando o homem de Sammael. E Sammael pagaria por todas as Donzelas que matara. As Donzelas que Rand não fora capaz de manter em segurança.

Mesmo enquanto se decidia, Rand fez careta. Dera um primeiro passo ao mandar Weiramon de volta para Tear — se a Luz quisesse, só ele e Weiramon sabiam a extensão desse primeiro passo —, mas não podia sair em perseguição a Sammael, independentemente do que desejasse ou jurasse fazer. Ainda não. Havia questões a serem tratadas

ali em Cairhien primeiro. Aviendha até podia pensar que Rand não compreendia o *ji'e'toh*, e talvez não compreendesse, mas sabia o que era uma obrigação, e tinha uma com Cairhien. Além do mais, havia maneiras de acompanhar o andamento das coisas com Weiramon.

Sentando-se — e tentando não demonstrar o esforço para fazê-lo —, Rand se cobriu com o máximo possível de decência e se perguntou onde estariam suas roupas. Não tinha visto nada além das botas, que repousavam logo atrás de Aviendha. Ela provavelmente sabia. Os *gai'shain* deviam tê-lo despido, mas também podia muito bem ter sido ela.

— Preciso entrar na cidade. Natael, mande encilhar Jeade'en e trazê-lo até aqui.

— Amanhã, talvez — respondeu Aviendha com firmeza, segurando Asmodean pela manga do casaco quando o homem começou a se levantar. — Moiraine Sedai disse que você precisa descansar para…

— Hoje, Aviendha. Agora. Não sei por que Meilan não está aqui, caso esteja vivo, mas pretendo descobrir. Natael, e o meu cavalo?

A mulher fez uma expressão teimosa, mas Asmodean libertou o braço, alisou o veludo amarrotado e disse:

— Meilan esteve aqui, outros também.

— Ele não deveria saber… — protestou Aviendha, com raiva, mas fechou a boca antes de terminar. — Ele precisa descansar.

Então as Sábias pensavam que podiam esconder coisas dele. Bem, não estava tão fraco quanto elas acreditavam. Segurando o cobertor junto ao corpo, tentou se levantar e acabou se contentando em mudar de posição quando suas pernas se recusaram a cooperar. Talvez estivesse tão fraco quanto elas pensavam. Mas não pretendia deixar que aquilo o parasse.

— Vou poder descansar quando morrer — afirmou Rand, desejando voltar atrás quando Aviendha se encolheu como se tivesse levado um tapa. Não, Aviendha não teria se encolhido por causa de um mero tapa. Ela considerava Rand importante para o bem dos Aiel, e uma ameaça à sua vida a feriria mais que um soco. — Me fale sobre Meilan, Natael.

Aviendha manteve o silêncio carrancudo, embora Asmodean também tenha ficado atônito, se seu olhar servia de indicativo.

Um cavaleiro viera em nome de Meilan, à noite, trazendo elogios floreados e garantias de lealdade eterna. Na alvorada, o próprio Meilan aparecera, junto com os seis outros Grão-lordes de Tear que estavam na cidade, além de um pequeno exército taireno que tocava os punhos das espadas e segurava as lanças como se esperasse lutar contra os Aiel que observavam silenciosamente a aproximação do grupo.

— Foi por pouco — disse Asmodean. — O tal Meilan não está acostumado a ser contrariado, eu acho, e os outros só estão um pouco mais. Ainda mais aquele do rosto encaroçado… Torean? E Simaan, que tem os olhos tão afiados quanto o nariz. Você sabe que estou acostumado a companhias perigosas, mas esses homens são tão perigosos, à maneira deles, quanto qualquer outro que eu já tenha conhecido.

Aviendha bufou.

— Não importa com o que eles estão acostumados, não tiveram escolha tendo Sorilea, Amys, Bair e Melaine de um lado, e Sulin e mil *Far Dareis Mai* do outro. E havia alguns Cães de Pedra — admitiu —, e uns poucos Buscadores das Águas e alguns Escudos Vermelhos. Se você serve mesmo ao *Car'a'carn* como afirma, Jasin Natael, deveria guardar o descanso dele como elas guardam.

— É o Dragão Renascido que eu sigo, jovem. O *Car'a'carn* eu deixo para você.

— Continue, Natael — ordenou Rand, impaciente, recebendo uma bufada também.

Aviendha estava certa a respeito de os tairenos não terem escolha, embora as Donzelas e outros Aiel tocando os véus tivessem preocupado os homens mais que as Sábias. Em todo caso, mesmo Aracome, um homem esbelto, já ficando grisalho, dono de um temperamento controlado, estivera a ponto de explodir enquanto conduziam os cavalos até ali. E Gueyam, careca feito uma pedra e largo como um ferreiro, estava com o rosto pálido de tanta raiva. Asmodean não sabia se o motivo era estarem em menor número, o que os impedira de sacar as espadas, ou a noção de que, mesmo que conseguissem abrir caminho e chegar a Rand, era improvável que fossem bem recebidos com o sangue de seus aliados nas lâminas dos homens.

— Os olhos de Meilan estavam saltando para fora da cabeça — concluiu Asmodean. — Antes de ir embora, porém, ele bradou sua lealdade e fidelidade a você. Talvez tenha pensado que você escutaria. Os outros logo trataram de repetir, mas Meilan acrescentou algo que deixou os outros surpresos. Ele disse "vou oferecer um presente de Cairhien ao Lorde Dragão". E então anunciou que prepararia um grande desfile triunfal quando você estivesse pronto para entrar na cidade.

— Temos um velho ditado em Dois Rios — disse Rand, seco. — "Quanto mais alto um homem alardeia sua honestidade, mais firme você deve segurar sua bolsa". — E outro dizia "A raposa sempre se oferece para dar sua lagoa ao pato". Cairhien era dele, sem nenhum presente de Meilan.

Rand não tinha dúvidas quanto à lealdade do homem. Ela duraria

enquanto Meilan acreditasse que seria destruído caso o pegassem traindo Rand. Caso o pegassem. A isca era essa. Aqueles sete Grão-lordes em Cairhien haviam sido os mais empenhados em vê-lo morto, em Tear. Por isso Rand os mandara para Cairhien. Se tivesse executado todos os nobres tairenos que tramaram contra ele, talvez já não restasse nenhum. Na época, dar a eles anarquia, fome e uma guerra civil para resolver a mil milhas de Tear parecera uma boa forma de interromper seus planos enquanto fazia algum bem onde era necessário. Claro que, então, Rand nem sabia da existência de Couladin, e menos ainda que o homem o faria ir até Cairhien.

Seria mais fácil se isto fosse uma história, pensou. Nas histórias, havia apenas umas poucas surpresas antes de o herói descobrir tudo o que precisava. Rand nunca parecia saber nem um quarto de tudo.

Asmodean hesitou — aquele velho ditado sobre homens alardeando honestidade também poderia se aplicar a ele, e o homem estava consciente disso, sem dúvida —, mas, quando Rand não disse mais nada, ele acrescentou:

— Acho que ele quer ser Rei de Cairhien. Subordinado a você, claro.

— E de preferência comigo bem longe. — Era provável que Meilan esperasse que Rand voltasse a Tear e a *Callandor*. Meilan decerto nunca teria medo de ter Poder demais.

— Claro. — Asmodean soou ainda mais seco do que Rand. — Houve outra visita entre essas duas.

Uma dúzia de lordes e ladies cairhienos tinham aparecido, sem seus empregados, cobertos por mantos e com os rostos escondidos em capuzes, apesar do calor. Sabiam com certeza que os Aiel desprezavam os cairhienos, e o sentimento era claramente recíproco, ainda que ficassem tão nervosos com a possibilidade de Meilan descobrir que eles tinham ido até lá quanto com a dos Aiel decidirem matá-los.

— Quando me viram — relatou Asmodean, com ironia —, metade pareceu pronta para me matar por medo de que eu fosse tairen. Você deve um agradecimento às *Far Dareis Mai* por ainda ter um bardo.

Mesmo sendo poucos, os cairhienos haviam sido mais difíceis de fazer recuar do que Meilan, ficando mais pálidos e suados a cada minuto, mas insistindo teimosamente em falar com o Lorde Dragão. Quando as exigências não deram certo, tinham chegado a suplicar despudoradamente, o que demonstrava o tamanho desse desejo. Asmodean podia até achar o humor dos Aiel estranho ou grosseiro, mas deu risadas dos nobres com vestidos de montaria e casacos de seda tentando ignorar sua presença enquanto se ajoelhavam para agarrar as saias de lã das Sábias.

— Sorilea ameaçou mandar despi-los e açoitá-los de volta até a cidade. — A risada muda se transformou em descrença. — Chegaram

até a discutir entre si. Se isso permitisse que eles chegassem até você, eu realmente acredito que alguns teriam aceitado.

— Sorilea devia ter cumprido a ameaça — opinou Aviendha, em um tom surpreendentemente agradável. — Os quebradores de promessa não têm honra nenhuma. Pelo menos Melaine mandou as Donzelas jogarem todos em cima dos cavalos como se fossem sacos e enxotou os animais para fora do acampamento, com os quebradores de promessa mal se segurando.

Asmodean aquiesceu.

— Mas, antes disso, dois deles falaram comigo quando se convenceram de que eu não era um espião taireno. Lorde Dobraine e Lady Colavaere. Deixaram tudo tão nebuloso com pistas e insinuações maldosas que eu não tenho muita certeza, mas não me surpreenderia se pretendessem lhe oferecer o Trono do Sol. Seriam capazes de espalhar boatos para… algumas pessoas que eu conhecia.

Rand soltou uma gargalhada rouca.

— Talvez ofereçam. Se conseguirem os mesmos termos que Meilan.

Não precisava que Moiraine lhe dissesse que os cairhienos jogavam o Jogo das Casas até dormindo, nem que Asmodean o alertasse de que eles tentariam a sorte com os Abandonados. Os Grão-lordes à esquerda e os cairhienos à direita. Uma batalha terminada e outra, de um tipo diferente, mas não menos perigosa, começando.

— Seja como for, entendo que o Trono do Sol deva ficar com alguém que tenha direito a ele.

Rand ignorou a dúvida no rosto de Asmodean. Talvez o homem tivesse tentado ajudá-lo na noite anterior, talvez não, mas não confiava o suficiente no sujeito para deixá-lo a par de todos os seus planos. Independentemente de quanto do futuro de Asmodean estivesse amarrado ao dele, sua lealdade era pura necessidade, e ele ainda era o mesmo homem que escolhera entregar sua alma à Sombra.

— Meilan quer me oferecer uma entrada magnífica quando eu estiver pronto, é? Então é melhor eu entender os detalhes do que ele espera. — Rand compreendeu por que Aviendha se tornara tão agradável, até participando da conversa: enquanto ele estivesse ali sentado, estaria fazendo exatamente o que ela queria. — Você vai buscar meu cavalo, Natael, ou vou ter que ir eu mesmo?

A reverência de Asmodean foi profunda, formal e, ao menos na superfície, sincera.

— Eu sirvo ao Lorde Dragão.

46

Outras batalhas, outras armas

Franzindo a testa para as costas de Asmodean e se perguntando até onde confiava no sujeito, Rand levou um susto quando Aviendha arremessou seu copo, espirrando vinho nos tapetes. Os Aiel não desperdiçavam nada que pudesse ser bebido, não apenas água.

Ao encarar o ponto molhado, ela pareceu tão surpresa quanto ele, mas apenas por um momento. No instante seguinte, já plantara as mãos na cintura, ainda sentada, e cravara os olhos nele.

— Então o *Car'a'carn* vai entrar na cidade, sendo que mal consegue se sentar. Eu disse que o *Car'a'carn* deve ser mais que um homem, mas não sabia que agora ele era mais do que um mortal.

— Onde estão minhas roupas, Aviendha?

— Você é de carne e osso!

— Minhas roupas?

— Lembre-se do seu *toh*, Rand al'Thor. Se eu consigo me lembrar do *ji'e'toh*, você também consegue. — Aquilo lhe soou uma comparação estranha, já que seria mais fácil o sol nascer à meia-noite do que Aviendha se esquecer do *ji'e'toh* mesmo que por um segundo.

— Se você continuar com isso — disse ele com um sorriso —, vou começar a achar que se importa comigo.

Foi uma brincadeira — só havia duas maneiras de lidar com a mulher: brincar ou simplesmente ignorá-la, pois discutir era fatal —, e bem leve, considerando que já tinham passado uma noite inteira um nos braços do outro, mas os olhos de Aviendha se arregalaram, ultrajados, e ela agarrou o bracelete de marfim como se fosse puxá-lo e atirá-lo em Rand.

— O *Car'a'carn* está tão acima dos outros homens que não precisa de roupas — rebateu ela. — Se ele quiser ir, deixe que vá nu! Devo chamar Sorilea e Bair? Ou quem sabe Enaila, Somara e Lamelle?

Rand se enrijeceu. De todas as Donzelas que o tratavam como um filho de dez anos de idade, ela citara as três piores. Lamelle até lhe trouxera sopa — a mulher não sabia cozinhar nada, mas insistia em lhe preparar sopas!

— Chame quem você quiser — disse ele com voz firme e neutra

—, mas eu *sou* o *Car'a'carn* e eu *vou* até a cidade.

Com sorte, conseguiria encontrar suas roupas antes que ela voltasse. Somara era quase da altura de Rand e, naquele momento, provavelmente mais forte. O Poder Único não contaria para nada. Não teria conseguido tocar *saidin* nem se Sammael aparecesse na sua frente, muito menos agarrar-se a ele.

Por um longo tempo, Aviendha sustentou seu olhar, e então, abruptamente, pegou o copo entalhado com leopardos e tornou a enchê-lo de um jarro de prata.

— Se você encontrar suas roupas e se vestir sem cair — retrucou, calma —, então pode ir. Mas vou acompanhá-lo e, se eu achar que você está fraco demais para continuar, vai voltar para cá nem que Somara tenha que carregá-lo no colo.

Rand observou Aviendha se deitar, apoiada apenas no cotovelo, arrumar as saias com cuidado e começar a bebericar o vinho. Se ele voltasse a falar em casamento, não havia dúvida de que ela tornaria a lhe dizer poucas e boas, mas, de certa maneira, Aviendha se comportava como se fossem casados. Nas piores partes, pelo menos. Nas partes que eram a mesmíssima coisa que Enaila ou Lamelle faziam.

Resmungando sozinho, ele se enrolou no cobertor, passou se arrastando por ela e pela fogueira e foi apanhar as botas. Meias de lã limpas estavam dobradas dentro delas, mas nada além disso. Ele podia convocar os *gai'shain*. E fazer a fofoca se espalhar por todo o acampamento. Sem falar na possibilidade de que as Donzelas acabassem se envolvendo na questão. Então, a pergunta seria se ele era o *Car'a'carn*, que deveria ser obedecido, ou se era apenas Rand al'Thor, um homem totalmente diferente aos olhos delas. Um tapete enrolado nos fundos da tenda chamou sua atenção. Tapetes estavam sempre abertos. A espada de Rand estava lá dentro, o cinturão com a fivela do Dragão enrolado em torno da bainha.

Cantarolando baixinho, os olhos praticamente cerrados, Aviendha parecia semiadormecida enquanto o observava procurar.

— Você não precisa mais… *daquilo*. — Ela pôs tanto desgosto na palavra que ninguém teria acreditado que fora ela quem lhe dera a espada.

— Como assim?

Só havia uns poucos bauzinhos na tenda, entalhados com madrepérola, trabalhados em latão, ou, no caso de um deles, folheado a ouro. Os Aiel preferiam colocar seus objetos em trouxas. Nenhum guardava as roupas de Rand. O baú revestido de ouro, cheio de pássaros e animais nada familiares, abrigava sacos de couro bem amarrados, e exalou um cheiro de especiarias quando Rand levantou a tampa.

— Couladin está morto, Rand al'Thor.

Sobressaltado, ele parou e a encarou.

— Do que você está falando? — Será que Lan contara para ela? Ninguém mais sabia. Mas por quê?

— Ninguém me contou, se é isso que você está pensando. Eu já conheço você, Rand al'Thor. Todo dia aprendo mais a seu respeito.

— Eu não estava pensando nada disso — rosnou ele. — Não tem nada para ninguém contar.

Irritado, ele apanhou a espada embainhada e a carregou desajeitadamente debaixo do braço enquanto procurava. Aviendha continuou bebericando o vinho. Rand achou que ela poderia estar escondendo um sorriso.

Que ótimo. Os Grão-lordes de Tear suavam quando Rand al'Thor olhava para eles, e os cairhienos talvez lhe oferecessem seu trono. O maior exército Aiel que o mundo já conhecera havia cruzado a Muralha do Dragão sob as ordens do *Car'a'carn*, o chefe dos chefes. Nações tremiam com a mera menção ao Dragão Renascido. Nações! E, se não encontrasse suas roupas, teria que ficar quieto esperando que várias mulheres que pensavam saber mais do que ele sobre tudo lhe dessem permissão para sair.

Finalmente encontrou as peças quando notou o punho bordado em ouro de uma manga vermelha escapando por baixo do corpo de Aviendha. Ela estivera sentada nas roupas o tempo todo. A mulher grunhiu, mal-humorada, quando ele pediu para ela se afastar, mas obedeceu. Finalmente.

Como de costume, ela o observou se barbear e se vestir, canalizando para esquentar a água para Rand, sem comentar nada — e sem ele pedir —, depois de o rapaz ter se cortado e reclamado da água fria pela terceira vez. A verdade era que dessa vez estava irritado com a chance de Aviendha ver como ele estava instável, mais do que qualquer outra coisa. *Dá para se acostumar a qualquer coisa, caso a situação perdure por tempo suficiente,* pensou, irônico.

Aviendha interpretou mal o balançar de cabeça de Rand.

— Elayne não se importa se eu ficar olhando, Rand al'Thor.

Ele fez uma pausa no ato de amarrar a camisa, e a encarou.

— Você acredita mesmo nisso?

— Claro. Você pertence a ela, mas Elayne não é dona da sua imagem.

Rindo em silêncio, ele voltou a amarrar. Foi bom se lembrar de que o mistério recém-descoberto de Aviendha escondia certa ignorância, apesar de tudo. Rand não pôde evitar um sorriso convencido enquanto terminava de se vestir, afivelava a espada e apanhava a ponta borlada da lâmina Seanchan. O último objeto pôs um quê sombrio em seu sorriso. Sua intenção era de que a lâmina

fosse um lembrete de que os Seanchan ainda estavam à solta, mas servia para recordá-lo de tudo que ele ainda precisava encarar: cairhienos e tairenos, Sammael e os outros Abandonados, os Shaido e as nações que ainda nem o conheciam, nações que teriam que seguilo, e antes de Tarmon Gai'don. Lidar com Aviendha era de fato bastante simples, se comparado a tudo aquilo.

Donzelas se puseram de pé aos saltos quando ele saiu da tenda depressa, para disfarçar as pernas vacilantes. Rand não teve certeza se foi bem-sucedido. Aviendha se manteve a seu lado como se não apenas pretendesse segurá-lo, caso ele caísse, mas como se tivesse certeza de que era o que aconteceria. Não ajudou em nada o humor de Rand quando Sulin, com sua touca de bandagens, olhou de modo inquisitivo para ela — não para ele, mas para ela! — e aguardou Aviendha assentir para ordenar que as Donzelas se aprontassem para partir.

Asmodean subiu a colina no dorso de sua mula, trazendo Jeade'en pelas rédeas. De algum modo, o homem encontrara tempo para vestir roupas limpas, peças de seda verde-escura. Com rendas brancas aos borbotões, claro. A harpa dourada pendia às suas costas, mas ele desistira de usar a capa de menestrel e não carregava mais o estandarte carmesim com o antigo símbolo das Aes Sedai. A função recaíra para um refugiado cairhieno chamado Pevin, um sujeito sem expressão que trajava um casaco remendado de lã cinza-escura e montava uma mula marrom que parecia velha demais até para puxar carroças. Uma longa cicatriz, ainda vermelha, lhe percorria toda a lateral do rosto estreito, desde a mandíbula até o cabelo, que já rareava.

Pevin perdera a esposa e a irmã para a fome, e o irmão e um filho para a guerra civil. Não tinha ideia de que homens e de quais Casas os haviam assassinado, ou quem eles apoiavam para o Trono do Sol. A fuga para Andor lhe custara um segundo filho pelas mãos de soldados andorianos e um segundo irmão nas mãos de bandidos, e o retorno custara o último filho, morto por uma lança Shaido, além da filha, raptada enquanto ele era deixado para morrer. O homem raramente falava, mas, pelo que Rand entendera, ele agora só acreditava em três coisas: o Dragão Renascera, a Última Batalha estava próxima, e, se ficasse por perto de Rand al'Thor, vingaria sua família antes que o mundo fosse destruído. O mundo acabaria, com certeza, mas não importava, nada importava, contanto que ele obtivesse vingança. Da sela, ele fez uma reverência silenciosa para Rand assim que chegou ao cume. Seu rosto era absolutamente vazio, mas o homem mantinha o estandarte ereto e firme.

Rand montou em Jeade'en, depois puxou Aviendha para a garupa sem deixá-la usar o estribo, só para mostrar que conseguia, e então

pôs o sarapintado em movimento antes que ela estivesse aprumada. Aviendha abraçou sua cintura e reclamou não muito baixo, permitindo que ele capturasse mais alguns fragmentos de sua opinião sobre Rand al'Thor e também sobre o *Car'a'carn*. Mas ela não fez menção de se soltar, pelo que ele ficou agradecido. Não só era agradável tê-la apertada contra suas costas, como o apoio era bem-vindo. No meio do gesto de erguer Aviendha para a sela, ficara na dúvida se ela estava subindo ou se ele estava descendo. Rand torcia para que ela não tivesse notado. Torcia para que não fosse esse o motivo para ela estar abraçando-o com tanta força.

O estandarte carmesim com o grande disco branco e preto ondulava atrás de Pevin à medida que eles ziguezagueavam colina abaixo e seguiam pelos vales rasos. Como de hábito, os Aiel deram pouca atenção ao grupo conforme eles passaram, embora o estandarte marcasse sua presença com tanta veemência quanto a escolta de centenas de *Far Dareis Mai* que não tinham problemas para acompanhar o ritmo de Jeade'en e das mulas. Os Aiel continuaram cuidando das próprias vidas, espalhados entre as tendas que recobriam as encostas, no máximo dando uma olhadela ao ouvirem as patas dos cavalos.

Tinha sido espantoso ouvir que quase vinte mil pessoas haviam sido feitas prisioneiras na batalha — até sair de Dois Rios, nunca realmente acreditara que podia haver tanta gente em um mesmo lugar —, mas vê-las lhe chocou duas vezes mais. Em grupos de quarenta ou cinquenta, elas pontilhavam as encostas das colinas como repolhos, homens e mulheres igualmente sentados nus sob o sol, cada conjunto sob a vigilância de um *gai'shain*, quando muito. Era certo que ninguém mais lhes dava muita atenção, apesar de uma figura trajando o *cadin'sor* de vez em quando se aproximar de um dos grupos e ordenar que um homem ou uma mulher fosse realizar alguma tarefa. A pessoa chamada sempre partia às pressas, sem vigilância, e Rand viu vários retornarem e se esgueirarem de volta a seus lugares. Quanto aos demais, ficavam sentados, quietos, parecendo quase entediados, como se não tivessem motivos nem desejo de estar em outro local.

Talvez todos fossem vestir robes brancos com a mesma calma. Porém, Rand se lembrava de como aquelas mesmas pessoas já tinham violado as próprias leis e costumes com tanta facilidade. Couladin podia até ter iniciado ou ordenado a violação, mas todos o haviam seguido e obedecido.

Com o cenho franzido para os prisioneiros — vinte mil, e outros mais por vir, mas que ele certamente nunca confiaria em transformar em *gai'shain* —, levou certo tempo para Rand notar algo estranho entre os outros Aiel. Donzelas e homens Aiel que portavam lanças nunca trajavam nada na cabeça além da *shoufa*, e sempre de alguma

cor que sumisse em meio às rochas e sombras, mas agora via homens usando uma faixa vermelha estreita. Talvez um em cada quatro ou cinco tinha uma tira de pano amarrada em torno da têmpora, com um disco bordado ou pintado acima das sobrancelhas, duas lágrimas unidas, uma preta e outra branca. O mais estranho de tudo, porém, talvez fosse que os *gai'shain* também a usavam. A maior parte usava os capuzes erguidos, mas todos os que estavam com a cabeça descoberta usavam uma faixa. E os *algai'd'siswai* com seus *cadin'sor* viam aquilo e não faziam nada, estivessem ou não usando a faixa. *Gai'shain* jamais deveriam usar nada que fosse usado por aqueles que podiam tocar em armas. Jamais.

— Não sei — respondeu Aviendha de maneira rude às costas de Rand quando ele perguntou o que significava aquilo. Ele tentou se sentar mais ereto, já que ela parecia mesmo estar lhe segurando com mais força que o necessário. Após um momento, ela prosseguiu, mas falando tão baixo que ele precisou escutar com toda a atenção para poder compreender. — Bair ameaçou me bater se eu tocasse de novo no assunto, e Sorilea chegou mesmo a me bater nas costas com uma vara, mas acho que são aqueles que afirmam que nós somos *siswai'aman*.

Rand abriu a boca para perguntar o que era aquilo — só conhecia algumas poucas palavras na Língua Antiga —, quando a tradução surgiu sozinha em sua mente. *Siswai'aman*. Literalmente, a lança do Dragão.

— Às vezes — gracejou Asmodean —, é difícil enxergar a diferença entre si mesmo e os inimigos. Eles querem ser donos do mundo, mas você já é dono de um povo.

Rand virou a cabeça e o encarou até seu ar bem-humorado desaparecer e, dando de ombros em constrangimento, Asmodean deixou que sua mula ficasse para trás, ao lado de Pevin e do estandarte. O problema era que aquele nome de fato sugeria — mais que sugeria — propriedade. Essa informação também vinha das memórias de Lews Therin. Não parecia possível ser dono de pessoas, mas, caso fosse possível, Rand não queria. *Tudo o que eu quero é usá-las*, pensou, irônico.

— Vejo que você não acredita nisso — afirmou ele, por cima do ombro. Nenhuma das Donzelas vestira aquela peça.

Aviendha hesitou antes de responder.

— Não sei no que acreditar — falou tão baixo quanto antes, ainda que o tom demonstrasse raiva e incerteza. — Existem muitas crenças, e as Sábias costumam ficar em silêncio, como se não soubessem a verdade. Há quem diga que, ao seguir você, expiamos os pecados de nossos ancestrais ao… terem falhado com as Aes Sedai.

A hesitação na voz dela o alarmou. Rand nunca havia considerado

que Aviendha se preocupasse tanto quanto os outros Aiel a respeito do que ele revelara sobre o passado de seu povo. “Envergonhada” talvez se encaixasse melhor do que “preocupada”, já que a vergonha era uma parte importante do *ji’e’toh*. Eles tinham vergonha do que haviam sido — seguidores do Caminho da Folha — e, ao mesmo tempo, tinham vergonha de ter abandonado a promessa de segui-lo.

— A esta altura, muitos já ouviram alguma versão de parte da Profecia de Rhuidean — prosseguiu Aviendha, com a voz mais controlada, como se ela mesma tivesse ouvido algo sobre a profecia antes de começar a treinar para se tornar uma Sábia —, mas ela foi deturpada. Eles sabem que você vai nos destruir… — O controle fraquejou quando ela respirou profundamente. — Mas muitos acreditam que você vai matar todos nós em infinitas danças da lança, um sacrifício para compensar os pecados. Outros creem que a própria Desolação já é uma provação que vai deixar só os fortes para a Última Batalha. Já ouvi até dizerem que os Aiel agora são um sonho seu e que, quando você acordar desta vida, já não existiremos.

Crenças sinistras, aquelas. Era uma pena Rand ter revelado um passado que eles viam como desonra. Era incrível que todos já não o tivessem abandonado. Ou enlouquecido.

— No que as Sábias acreditam? — perguntou Rand, tão baixo quanto o tom dela.

— Que o que tiver que ser, será. Nós vamos salvar o que puder ser salvo, Rand al’Thor. Não esperamos fazer mais que isso.

Nós. Ela se incluiu entre as Sábias, assim como Egwene e Elayne se incluíam entre as Aes Sedai.

— Bem — disse ele, calmo —, imagino que pelo menos Sorilea também acredite que eu mereço uma bofetada no ouvido. É provável que Bair concorde. E com certeza Melaine.

— Entre outras coisas — murmurou Aviendha. Para sua decepção, ela se afastou, apesar de ainda se agarrar ao seu casaco. — Elas acreditam em muita coisa que eu queria que não acreditassem.

Rand sorriu a contragosto. Então ela não achava que ele merecia uma bofetada. Uma mudança agradável em comparação a quando ele acordara.

Os carroções de Hadnan Kadere repousavam a cerca de uma milha da tenda de Rand, dispostos em círculo em um amplo vale entre duas colinas, de onde eram vigiados pelos Cães de Pedra. Com um casaco cor de creme lhe apertando o corpo massudo, o Amigo das Trevas de nariz adunco ergueu os olhos e enxugou o rosto com o lenço que sempre trazia consigo quando Rand passou cavalgando com o estandarte e a escolta galopante. Moiraine também estava lá, examinando o carroção onde o *ter’angreal* em forma de batente de porta estava amarrado sob uma tela, atrás do assento do condutor.

Sequer olhou para os lados até Kadere falar com ela. Pelos gestos, ele parecia estar sugerindo que Moiraine gostaria de acompanhar Rand. Na verdade, parecia ansioso para que ela partisse, o que não era surpresa. Kadere devia estar orgulhoso de esconder por tanto tempo o fato de ser um Amigo das Trevas, mas, quanto mais ficava na companhia de uma Aes Sedai, mais corria o risco de ser descoberto.

De fato, Rand ficou surpreso de o homem ainda estar ali. Pelo menos metade dos condutores que haviam entrado no Deserto com ele já tinha dado o fora desde que cruzaram a Muralha do Dragão, substituídos por refugiados cairhienos escolhidos pelo próprio Rand, para garantir que não eram da estirpe de Kadere. Todas as manhãs, esperava descobrir que o sujeito tinha ido embora, ainda mais desde a fuga de Isendre. As Donzelas haviam quase destruído os carroções procurando por ela enquanto Kadere deixava três lenços ensopados de suor. Rand não lamentaria caso o homem desse um jeito de escapar durante a noite. Os guardas Aiel tinham ordens para deixá-lo ir, desde que não tentasse levar os preciosos carroções de Moiraine. Ficava mais óbvio a cada dia que suas cargas eram preciosas para a Aes Sedai, e Rand não permitiria que ela as perdesse.

Ele espiou por cima do ombro, mas Asmodean estava com o olhar fixo à frente, ignorando completamente os carroções. Afirmava não ter tido nenhum contato com Kadere desde que Rand o capturara, e o rapaz acreditava nisso. Sabia que o mercador nunca abandonava seus carroções e nunca saía do campo de visão dos guardas Aiel, exceto quando dentro do próprio carroção.

Em frente aos carroções Rand puxou as rédeas, sem pensar, e reduziu a velocidade. Moiraine com certeza iria querer acompanhá-lo até Cairhien. Ela podia já ter entupido sua cabeça, mas sempre parecia querer compartilhar mais alguma informação, e pelo menos desta vez a presença e o conselho dela poderiam ser úteis. Moiraine, porém, só fez olhar para ele por um longo instante, e então tornou a se virar para o carroção.

Com o cenho franzido, Rand enfiou os calcanhares no sarapintado. Era bom lembrar que ela tinha outras missões a cumprir além das que ele sabia. Rand se tornara confiante demais. Era melhor ter com ela a mesma cautela que tinha com Asmodean.

Não confie em ninguém, pensou, sombrio. Por um momento, não soube se o pensamento era dele ou de Lews Therin, mas, no fim das contas, decidiu que não importava. Todos tinham os próprios objetivos, os próprios desejos. Era melhor não confiar cegamente em ninguém além de si mesmo. No entanto, se perguntava até que ponto podia confiar em si com outro homem perambulando pelo fundo de seus pensamentos.

O céu em torno de Cairhien estava tão tomado de abutres que se

tornara uma espiral de asas negras. No solo, as aves vagavam em meio a nuvens de moscas e chiavam para os corvos lustrosos que tentavam usurpar seus direitos sobre os mortos. Por onde os Aiel passavam recuperando os corpos de seus mortos nas colinas descampadas, os pássaros se moviam em voos pesados, guinchando protestos, para então tornar a pousar assim que os humanos vivos se afastavam algumas passadas. Nem abutres, corvos e moscas juntos conseguiriam sombrear a luz do sol, mas era assim que parecia.

Com o estômago revirando, tentando não olhar para a cena, Rand esporeou para acelerar Jeade'en até Aviendha tornar a se agarrar às suas costas e as Donzelas voltarem a correr. Ninguém reclamou, e ele não achou que fosse só porque os Aiel tinham a capacidade física para correr por horas. Até Asmodean estava pálido em torno dos olhos. O rosto de Pevin não se alterou, apesar de o estandarte reluzente açoitando o ar acima dele parecer escarnecer de um lugar como aquele.

O que havia à frente era pouco melhor. Rand se lembrava de Portão Frontal como uma colmeia estridente, um labirinto enroscado de ruas cheias de barulho e cor. Agora era uma faixa espessa e imóvel de brasas circundando as cinzentas muralhas quadradas de Cairhien por três lados. Pedaços calcinados de madeira caíam desordenados por cima de fundações de pedra e, aqui e ali, havia uma chaminé enegrecida de fuligem ainda de pé, às vezes pendendo precariamente. Em pontos distintos, sabia-se lá como, jazia uma cadeira intacta na rua de terra, uma trouxa apressada largada por alguém em fuga, e até uma boneca de pano, que davam ainda mais ênfase à desolação.

Brisas agitavam alguns dos estandartes nas torres da cidade e ao longo das muralhas. Um Dragão vermelho e dourado contra um fundo branco; a Lua Crescente de Tear, branca no vermelho e dourado. A seção intermediária do Portão de Jangai encontrava-se aberta, três arcos altos e quadrados na pedra cinza, guardados por soldados tairenos em elmos com abas. Alguns montavam cavalos, mas a maioria estava a pé, e as listras de cores variadas em suas mangas indicavam que eram empregados de lordes diversos.

Independentemente do que se sabia na cidade sobre a vitória na batalha e os Aiel aliados que vieram em resgate, a aproximação de centenas de *Far Dareis Mai* criou certo alvoroço. Mãos temerosas procuraram punhos de espada, lanças e escudos compridos. Alguns soldados chegaram a dar meio passo, como se quisessem fechar os portões mesmo enquanto fitavam seu oficial, que, com três plumas brancas no elmo e de pé nos estribos, hesitava e protegia os olhos do sol para examinar o estandarte carmesim. E Rand, mais especificamente.

Em um movimento abrupto, o oficial se sentou e disse algo que

fez dois dos tairenos a cavalo voltarem galopando pelos portões adentro. Quase de imediato, ele acenou para os outros homens se afastarem, anunciando:

— Abram caminho para o Lorde Dragão Rand al'Thor! Que a Luz ilumine o Lorde Dragão! Toda a glória para o Dragão Renascido!

Os soldados ainda pareciam incomodados com a presença das Donzelas, mas formaram filas dos dois lados dos portões, fazendo reverências enquanto Rand passava. Aviendha bufou atrás dele, e de novo quando ele gargalhou. Ela não entendeu, e Rand não tinha nenhuma intenção de explicar. O que ele achava engraçado era que, por mais que tairenos, cairhienos ou qualquer outro fizessem de tudo para inflar seu ego, ele sempre podia contar com Aviendha e as Donzelas, pelo menos, para colocá-lo de volta no lugar. E Egwene. E Moiraine. E Elayne e Nynaeve, por sinal, se algum dia voltasse a vê-las. Parando para pensar, aquelas pessoas pareciam ter como missão de vida murchar sua arrogância.

A cidade além dos portões fez sua gargalhada morrer.

Ali, as ruas eram pavimentadas, algumas largas o bastante para uma dúzia de carroções grandes, ou até mais, passarem lado a lado todas retas feito cortes de faca e formando ângulos retos ao se cruzarem. As colinas que, fora das muralhas, ondulavam o terreno, ali eram lavradas, aplanadas e revestidas de pedras. Pareciam tão artificiais quanto os edifícios, com suas linhas retas severas, ou as grandes torres, os topos inacabados cercados por andaimes. As pessoas lotavam as ruas e os becos, os olhos opacos e as bochechas fundas, encolhidas sob alpendres provisórios ou cobertores esfarrapados improvisados como tendas, ou então simplesmente amontoadas a céu aberto, com as roupas escuras segundo a moda de Cairhien ou coloridas, costume de Portão Frontal, além da indumentária grosseira de fazendeiros e aldeões. Até os andaimes estavam ocupados em todos os níveis, até o topo, onde as pessoas pareciam minúsculas por conta da altura. Apenas o meio das ruas permanecia livre enquanto Rand e as Donzelas passavam, e isso só até o povo surgir aos borbotões para cercá-los.

Foram as pessoas que o fizeram parar de rir. Exaustas e esfarrapadas como estavam, amontoadas feito carneiros em um curral demasiado apertado, elas davam vivas. Rand não tinha ideia de como sabiam quem ele era, a menos que os gritos do oficial nos portões tivessem sido ouvidos, mas um bramido irrompia à sua frente conforme circulava pelas ruas, as Donzelas forçando passagem em meio à multidão. O estrondo abafava quaisquer palavras, exceto por um "Lorde Dragão" ocasional quando um número suficiente de pessoas gritava ao mesmo tempo. Mas o sentido daquilo tudo ficava claro nos homens e mulheres levantando crianças para vê-lo passar,

nos cachecóis e trapos de roupa acenados de todas as janelas, nas pessoas que, com mãos estendidas, tentavam abrir passagem entre as Donzelas.

Eles não pareciam ter medo dos Aiel, não quando tinham a oportunidade de encostar um dedo nas botas de Rand. E era tanta gente, a pressão de centenas de pessoas empurrando-os adiante, que algumas conseguiam dar um jeito de passar. Na verdade, boa parte delas acabou tocando em Asmodean — que decerto parecia um lorde, cheio de rendas, e talvez as pessoas achassem que o Lorde Dragão devesse ser um homem mais velho que o jovem de casaco vermelho —, mas não fazia diferença. Todos que conseguiam tocar a bota ou o estribo de qualquer deles, até de Pevin, estampavam a alegria no rosto e pronunciavam "Lorde Dragão" em meio ao alarido, mesmo quando as Donzelas forçavam o povo para trás com seus broqueis.

Entre o clamor da ovação e os cavaleiros enviados pelo oficial no portão, não foi surpresa quando Meilan apareceu, uma dúzia a menos de tairenos em seu séquito e cinquenta Defensores da Pedra para lhe abrir caminho, investindo contra as pessoas com os cabos das lanças. De cabelos grisalhos, vigoroso e esguio em seu belo casaco de seda listrada e punhos de cetim verde, o Grão-lorde estava sentado na sela com a naturalidade de quem havia sido colocado em um cavalo e ensinado a comandá-lo quase tão cedo quanto aprendera a andar. Ignorava o suor no rosto, assim como a possibilidade de que sua escolta pudesse pisar em alguém. As duas coisas eram apenas aborrecimentos menores, e o suor, provavelmente, o maior deles.

Edorion, o fidalgote de bochechas rosadas que fora a Eianrod, estava entre os demais, mais magro agora do que antes, de modo que o casaco de listras vermelhas parecia largo. A única outra pessoa que Rand reconheceu foi um sujeito de ombros largos vestido em tons de verde. Reimon gostava de jogar cartas com Mat na Pedra, Rand se recordava. Os demais, em sua maioria, eram homens mais velhos. Nenhum deles demonstrava mais consideração do que Meilan pela multidão que atravessavam, determinados. Não havia um só cairhieno no grupo.

As Donzelas deixaram Meilan passar cavalgando após o meneio de Rand, mas se fecharam atrás dele para excluir o resto, algo que o Grão-lorde, de início, não notou. Quando percebeu, seus olhos escuros arderam de raiva. Sentia raiva com frequência, o tal Meilan, desde a primeira vez que Rand fora a Pedra de Tear.

A balbúrdia começou a diminuir com a chegada do taireno, reduzindo-se a um débil murmúrio quando Meilan, do alto da sela, curvou-se de modo rígido para Rand. Ele olhou de relance para Aviendha antes de decidir ignorá-la, assim como tentava ignorar as Donzelas.

— Que a Luz o ilumine, Milorde Dragão. Seja bem-vindo a Cairhien. Devo me desculpar pelos passantes, mas eu não estava ciente de que pretendia entrar na cidade agora. Se eu soubesse, todos teriam sido afastados. Minha intenção era lhe oferecer uma entrada triunfal, condizente com o Dragão Renascido.

— Eu a tive — afirmou Rand, deixando o outro homem atônito.

— Como diz, Milorde Dragão. — O homem seguiu em frente após um momento, a voz deixando claro que não havia entendido. — Se me acompanhar até o Palácio Real, organizei uma pequena recepção. Pequena de fato, temo eu, já que não fui alertado de sua vinda, mas, em face disso, posso garantir…

— O que você tiver organizado está bom — interrompeu Rand, recebendo como resposta outra reverência e um sorriso tímido e bajulador.

No momento, o sujeito era pura subserviência, e, uma hora depois, estaria falando como se Rand fosse burro demais para ver o que estava bem debaixo de seu nariz. Mas, abaixo de tudo aquilo, ainda havia um desdém e um ódio que o homem pensava que Rand não via, embora reluzissem em seus olhos. Desdém porque Rand não era um lorde. Não de verdade, na visão de Meilan, que devia ser lorde de nascença. E ódio porque Meilan tivera o poder da vida e da morte antes da chegada de Rand, com poucos no seu nível e ninguém acima. Acreditar que as Profecias do Dragão algum dia se realizariam era uma coisa. Vê-las realizadas, com o próprio poder reduzido por conta delas, era outra bem diferente.

Houve um momento de confusão antes de Rand autorizar Sulin a permitir que os outros lordes tairenos trouxessem seus cavalos para junto de Asmodean e do estandarte de Pevin. Meilan teria mandado os Defensores tornarem a abrir caminho, mas Rand ordenou sucintamente que os homens seguissem atrás das Donzelas. Os soldados obedeceram, rostos inalterados sob as abas dos elmos, apesar de o oficial de plumas brancas balançar a cabeça e de o Grão-lorde abrir um sorriso condescendente. Sorriso que sumiu tão logo ficou claro que a multidão abria passagem com tranquilidade à frente das Donzelas. Meilan acreditava que a fama de selvagem dos Aiel fosse o motivo de não precisarem abrir caminho a pauladas, e franziu o cenho quando Rand não lhe respondeu. Mas Rand reparou em uma coisa: agora que estava acompanhado dos tairenos, o povo não dava mais vivas.

Quadrado, escuro e monumental, o Palácio Real de Cairhien ocupava o centro exato da colina mais alta da cidade. Na verdade, entre o palácio com todos os seus andares e os terraços revestidos de pedra, era difícil afirmar até que havia uma colina ali. Altas galerias colunadas e janelas compridas e estreitas, bem acima do solo, não

conseguiam atenuar a rigidez, assim como as torres escalonadas e cinzentas posicionadas com precisão dentro de quadrados concêntricos, um mais alto que o outro. A rua se transformava em uma rampa larga e extensa que levava a imensos portões de bronze e a um enorme pátio quadrado, com filas de soldados tairenos de pé feito estátuas, as lanças inclinadas. Havia outros mais nas varandas de pedra acima.

Uma onda de murmúrios percorreu as fileiras quando as Donzelas apareceram, mas foi logo abafada sob os gritos em coro de "Toda a glória para o Dragão Renascido! Toda a glória para o Lorde Dragão e para Tear! Toda a glória para o Lorde Dragão e para o Grão-lorde Meilan!". Pela expressão de Meilan, parecia até que tudo aquilo era espontâneo.

Serviçais com roupas escuras, os primeiros cairhienos que Rand vira no palácio, aproximaram-se apressados com tigelas trabalhadas em ouro e panos de linho branco, assim que ele se moveu para descer da sela. Outros vieram para lhe tomar as rédeas. Ele usou a desculpa de lavar o rosto e as mãos com a água fresca para deixar que Aviendha descesse sozinha. Tentar ajudá-la poderia ter acabado com os dois estatelados nos paralelepípedos.

De pronto, Sulin apontou vinte Donzelas, além de si mesma, para acompanhá-lo para dentro do palácio. Por um lado, Rand ficou grato pela mulher não querer manter todas as lanças em torno dele. Por outro, gostaria que Enaila, Lamelle e Somara não estivessem entre as vinte. Os olhares avaliadores que elas lhe lançavam — em especial Lamelle, uma ruiva esguia e de queixo forte, quase vinte anos mais velha que ele — fizeram-no ranger os dentes enquanto tentava abrir um sorriso confiante. De alguma forma, Aviendha devia ter falado com elas, e com Sulin, por suas costas. *Talvez eu não possa fazer nada em relação às Donzelas,* pensou, emburrado, ao arremessar uma toalha de linho de volta para um dos serviçais, *mas que me queime se vai haver um* único *Aiel que não vai entender que eu sou o* Car'a'carn *!*

Os demais Grão-lordes cumprimentaram-no aos pés dos amplos degraus cinzentos que subiam do pátio, todos com casacos de seda coloridos com listras de cetim e botas com detalhes em prata. Estava claro que nenhum deles soubera que Meilan fora se encontrar com Rand até que já tivesse sido feito. Torean, com sua cara de batata e lânguido demais para um homem tão grande, fungava ansiosamente em um lenço perfumado. Gueyam, cuja barba oleada fazia a cabeça parecer ainda mais calva, apertava os punhos do tamanho de presuntos e encarava Meilan mesmo enquanto fazia uma reverência para Rand. O nariz pontudo de Simaan parecia tremer com tamanho ultraje. Maraconn, dono de olhos azuis raros em Tear, apertava os lábios finos até eles praticamente desaparecerem. E, mesmo que

Hearne exibisse um grande sorriso, estava puxando distraidamente o lóbulo da orelha, como fazia quando estava furioso. Apenas Aracome, esbelto feito uma lâmina, não externava emoção alguma — mas ele sempre mantinha a raiva bem guardada até estar pronto para deixá-la explodir.

Era uma oportunidade boa demais para deixar passar. Agradecendo Moiraine em silêncio pelas lições — era mais fácil fazer um tolo tropeçar do que derrubá-lo, dizia ela —, Rand apertou simpaticamente a mão gorducha de Torean e deu um tapinha no ombro largo de Gueyam; retribuiu o sorriso de Hearne com outro, íntimo e afetuoso, e fez um meneio silencioso para Aracome, lançando-lhe um olhar que pareceu significativo. Simaan e Maraconn ele praticamente ignorou após dirigir a cada um deles um olhar tão monótono e frio quanto um lago no auge do inverno.

Era o suficiente por enquanto, e Rand observou os olhos dos homens se agitarem e os rostos se retesarem enquanto eles divagavam. Todos haviam jogado o *Daes Dae'mar*, o Jogo das Casas, a vida inteira, e estar entre cairhienos, que conseguiam interpretar muita coisa de uma tosse ou um arquear de sobrancelha, só havia acentuado suas sensibilidades. Todos aqueles homens sabiam que Rand não tinha motivo para ser amigável com eles, e todos se perguntariam se a saudação recebida era apenas para mascarar a cumplicidade de Rand com algum outro deles. Simaan e Maraconn pareciam os mais preocupados, ainda que os outros encarassem os dois como os mais suspeitos de todos. Talvez a frieza de Rand tivesse sido o verdadeiro disfarce. Ou talvez aquilo fosse exatamente o que Rand queria que pensassem.

Rand achava que Moiraine teria ficado orgulhosa dele, assim como Thom Merrilin. Mesmo que nenhum daqueles sete estivesse tramando ativamente contra ele naquele momento — algo em que nem Mat apostaria —, homens ocupando as posições que eles ocupavam poderiam fazer muito para atrapalhar os planos de Rand de modos discretos, e o fariam, se não por outro motivo, por força do hábito. Ou teriam feito. Agora Rand os desequilibrara. Se tivesse como mantê-los assim, todos ficariam ocupados demais vigiando uns aos outros, e, por sua vez, receosos demais de estarem sendo vigiados, para incomodá-lo. Poderiam até obedecê-lo, para variar, sem encontrar uma centena de motivos para as coisas serem feitas de maneira diferente de como ele queria. Bem, isso talvez já fosse pedir muito.

Sua satisfação desapareceu quando ele viu o sorriso sardônico de Asmodean. Pior foi o olhar inquisidor de Aviendha. Ela estivera em Pedra de Tear, sabia quem eram aqueles homens e por que Rand os mandara até ali. *Eu faço o que preciso fazer*, pensou, com amargura,

desejando que aquilo não soasse como uma desculpa.

— Para dentro — ordenou, mais incisivo do que pretendia, e os sete Grão-lordes saltaram como se, de repente, tivessem lembrado quem e o que ele era.

Os homens quiseram se aglomerar em torno de Rand enquanto ele subia os degraus, mas, exceto por Meilan, para mostrar o caminho, as Donzelas simplesmente formaram um círculo compacto ao redor dele, e os Grão-lordes seguiram na retaguarda, junto com Asmodean e os lordes inferiores. Aviendha estava bem perto… claro, e Sulin ocupou o outro lado, com Somara, Lamelle e Enaila logo atrás. Rand estava ao alcance da mão de todas elas, e lançou um olhar acusador a Aviendha, que arqueou as sobrancelhas de forma tão questionadora que ele quase acreditou que ela não tinha nada a ver com aquilo. Quase.

Os corredores do palácio estavam vazios, exceto pelos serviçais de vestes escuras, que se curvavam até quase encostar o peito nos joelhos ou faziam reverências igualmente acentuadas conforme Rand passava. Mas, quando adentrou o Grande Salão do Sol, descobriu que a nobreza cairhiena não fora completamente excluída do palácio.

— Aí vem o Dragão Renascido — entoou um homem de cabelo branco posicionado um pouco depois das enormes portas douradas e entalhadas com o Sol Nascente. O casaco vermelho bordado com estrelas azuis de seis pontas, um pouco grande nele após os dias em Cairhien, identificavam-no como um serviçal superior da Casa de Meilan. — Todos saúdam o Lorde Dragão Rand al'Thor. Toda a glória para o Lorde Dragão.

Um rugido súbito preencheu a câmara até o teto, com sua abóbada angulada de cinquenta passadas de altura.

— Salve o Lorde Dragão Rand al'Thor! Toda a glória para o Lorde Dragão! Que a Luz ilumine o Lorde Dragão! — O silêncio que se seguiu, em comparação, pareceu duplamente mais intenso.

Entre as monumentais colunas quadradas de mármore com grossas tiras de um azul tão escuro que era quase negro, havia mais tairenos do que Rand esperava, fileiras de Lordes e Ladies da Terra trajando suas melhores roupas; chapéus pontiagudos de veludo e casacos com mangas listradas e bufantes, vestidos coloridos, rufos rendados e boinas apertadas com pérolas ou pequenas gemas bordadas ou costuradas em trabalhos intricados.

Atrás deles estavam os cairhienos, com sua indumentária escura, exceto pelas barras coloridas no peito dos vestidos ou dos casacos compridos. Quanto mais listras nas cores da Casa, maior a graduação de quem as usava, mas mesmo os homens e mulheres com cores do pescoço à cintura ou até mais embaixo ficavam atrás dos tairenos que claramente pertenciam a Casas menores, com seus bordados amarelos, em vez de fios de ouro, e lã, em vez de seda. Muitos dos homens

cairhienos haviam raspado e passado pó na parte frontal da cabeça, ao menos todos os mais jovens.

Os tairenos pareciam cheios de expectativa, ainda que desconfortáveis. Os rostos cairhienos poderiam ter sido cinzelados em gelo. Não havia como dizer quem o aplaudira e quem não, mas Rand suspeitava que a maior parte dos gritos viera das fileiras da frente.

— Boa parte destas pessoas desejava lhe servir — murmurou Meilan, enquanto caminhavam pelo piso de ladrilhos azuis com seu belo mosaico dourado do Sol Nascente. Uma onda de reverências e mesuras silenciosas se seguiu.

Rand apenas grunhiu em resposta. Desejavam lhe servir? Ele não precisava de Moiraine para saber que aqueles nobres menores esperavam se tornar maiores com propriedades obtidas em Cairhien. Não restava dúvida de que Meilan e os outros seis já haviam intimado os locais e até prometido quais terras seriam de quem.

Na outra extremidade do Grande Salão, o próprio Trono do Sol repousava centralizado no alto de um largo estrado de mármore azul-marinho. Ali a restrição cairhiena se mantinha, já que se tratava de um trono, afinal. A grande cadeira de braços maciços reluzia com douraduras e seda dourada, mas, de alguma forma, parecia composta apenas por linhas verticais simples, a não ser pelo Sol Nascente com seus raios ondulados que se destacaria acima da cabeça de quem quer que a ocupasse.

E a intenção era que fosse ele, percebeu Rand, bem antes de alcançar os nove degraus que conduziam ao estrado. Aviendha o acompanhou, e Asmodean, por ser seu bardo, também teve permissão para tal, mas Sulin logo dispôs as outras Donzelas em torno do estrado, as lanças casualmente empunhadas bloqueando Meilan, bem como o restante dos Grão-lordes. A frustração tingia os rostos tairenos. O Salão estava tão quieto que Rand ouvia a própria respiração.

— Isto pertence a outra pessoa — afirmou, por fim. — Além do quê, passei tempo demais na sela para ver com bons olhos um assento tão duro. Tragam uma cadeira confortável.

Houve um momento de silêncio e estupor antes que um murmúrio percorresse o Salão. O olhar de Meilan se tornou especulativo, mas logo foi suprimido, e Rand quase gargalhou. Era muito provável que Asmodean estivesse certo em relação ao homem. O próprio Asmodean estava encarando Rand com um ar de suspeita que mal conseguia esconder.

Passaram-se alguns minutos antes que o sujeito com o casaco com estrelas bordadas chegasse correndo, ofegante, seguido por dois cairhienos com roupas escuras que traziam consigo uma cadeira de espaldar alto repleta de almofadas revestidas de seda, indicando onde ela deveria ser colocada em meio a muitíssimas olhadelas preocupadas

na direção de Rand. Entalhes dourados verticais percorriam o encosto e as grossas pernas da cadeira, mas pareciam insignificantes diante do Trono do Sol.

Enquanto os três serviçais ainda faziam suas reverências e saíam, curvando-se a cada passo, Rand jogou a maior parte das almofadas para o lado e se sentou com gosto, a lança Seanchan sobre os joelhos. Mas teve o cuidado de não suspirar. Aviendha o observava muito de perto para que fizesse isso, e o modo como Somara ficava alternando olhadelas entre os dois confirmava as suspeitas de Rand.

No entanto, fossem quais fossem seus problemas com Aviendha e as *Far Dareis Mai*, a maior parte dos presentes aguardava suas palavras com muita ansiedade e nervosismo. *Pelo menos estes aí vão pular quando eu mandar imitar um sapo*, pensou. Poderiam até não gostar, mas pulariam.

Com o auxílio de Moiraine, ele decidira o que devia fazer naquele local. Algumas coisas soubera mesmo sem as sugestões dela. Teria sido bom tê-la ali para falar em seu ouvido, caso necessário, em vez de ter Aviendha aguardando para dar um sinal a Somara, mas não havia por que esperar. Todos os nobres tairenos e cairhienos na cidade decerto estavam naquela câmara.

— Por que os cairhienos ficam atrás? — questionou em voz alta, no que a multidão de nobres se agitou e trocou olhares confusos. — Os tairenos vieram para ajudar, mas isso não é motivo para os cairhienos se manterem sempre na retaguarda. Deixem que todos se organizem por graduação. Todos.

Foi difícil dizer quais eram os mais estupefatos, se tairenos ou cairhienos, embora Meilan parecesse pronto para engolir a língua, e os outros seis não ficassem muito atrás. Mesmo Aracome, cujo pavio era mais comprido, ficou com o rosto pálido. Com muito arrastar de botas e repuxar de saias, com demasiados olhares gélidos de ambos os lados, todos se organizaram, até que as filas da frente ficassem todas compostas por homens e mulheres com listras no peito e a seguinte contasse apenas com alguns tairenos. No pé do estrado, Meilan e seus companheiros estavam acompanhados pelo dobro de lordes e ladies cairhienos, a maioria já grisalha, e todos com listras do pescoço até quase o joelho, apesar de "acompanhados" talvez não ser a palavra correta. Eram dois grupos separados por boas três passadas, e faziam tanta questão de não olhar uns para os outros que dava no mesmo que gritar ou erguer os punhos. Todos os olhos se detinham em Rand, e, se os tairenos estavam furiosos, os cairhienos ainda eram uma pedra de gelo, dando apenas meros sinais de descongelamento no modo sugestivo como o examinavam.

— Notei os estandartes tremulando sobre Cairhien — prosseguiu, tão logo a movimentação se abrandou. — É bom ver tantas Crescentes

de Tear ao vento. Sem os Grão-lordes tairenos, Cairhien não estaria viva para hastear um estandarte, e sem as espadas tairenas, o povo desta cidade, que hoje sobreviveu, tanto os nobres quanto os plebeus, estaria aprendendo a obedecer aos Shaido. Tear conquistou sua honra. — Aquilo inflou os tairenos, claro, e provocou meneios impetuosos e sorrisos mais impetuosos ainda, embora os Grão-lordes decerto tenham parecido confusos. Até os cairhienos abaixo do estrado se entreolhavam, cheios de dúvidas. — Mas eu não preciso de tantos estandartes para mim. Deixem um estandarte do Dragão no lugar, na torre mais alta da cidade, para que todos que se aproximem possam vê-lo, mas façam com que os outros sejam retirados e substituídos pelos estandartes de Cairhien. Esta é Cairhien, e o Sol Nascente deve e vai tremular orgulhosamente. Cairhien tem a própria honra, que deve ser mantida.

A câmara irrompeu em um rugido tão repentino que a as Donzelas levantaram as lanças; uma balbúrdia que reverberou de parede a parede. Em um instante, Sulin estava gesticulando naquela linguagem das Donzelas, mas os véus, já parcialmente erguidos, foram soltos novamente. Os nobres cairhienos aplaudiam com o mesmo entusiasmo que o povo nas ruas o fizera, saltitando e acenando como os habitantes de Portão Frontal em um festival. Naquele pandemônio, foi a vez de os tairenos trocarem olhares silenciosos. Não pareciam com raiva. Até Meilan dava a impressão de estar mais incerto do que qualquer outra coisa, embora, assim como Torean e os demais, observasse com estupor os lordes e ladies que o cercavam, há pouco cheios de dignidade fria, agora dançando e gritando o nome do Lorde Dragão.

Rand não sabia o que eles haviam interpretado de suas palavras. Decerto esperara que entendessem mais do que ele dissera, sobretudo os cairhienos, e talvez até que alguns de fato compreendessem o que ele quis dizer, mas nada o preparara para aquela demonstração. A discrição cairhiena era esquisita, ele sabia muito bem, e por vezes se misturava com uma ousadia inesperada. Moiraine tratara o assunto com reticência, comparando com sua insistência eterna em tentar lhe ensinar tudo. O máximo que dissera foi que, se aquela discrição fosse quebrada, poderia ser em um nível surpreendente. De fato, surpreendente.

Quando os vivas por fim se dissiparam, começaram os juramentos de fidelidade. Meilan foi o primeiro a se ajoelhar, o rosto constrito quando se comprometeu, sob a Luz e por sua esperança na Salvação e no Renascimento, a servir com lealdade e a obedecer. Era uma forma antiga, e Rand torcia para que ela de fato compelisse alguns deles a manter o juramento. Tão logo Meilan beijou a ponta da lança Seanchan, tentando esconder uma careta amarga ao passar a mão na

barba, Lady Colavaere o substituiu. Uma linda mulher de meia-idade, com renda cor de marfim derramando-se pelas mãos que colocou sobre as de Rand, e tiras coloridas horizontais do alto do colarinho rendado até o joelho, ela prestou seu juramento com uma voz clara e firme e com o sotaque melodioso que ele estava acostumado a ouvir de Moiraine. Seu olhar misterioso também se assemelhava ao da Aes Sedai, ainda mais quando ela encarou Aviendha ao fazer sua reverência e tornar a descer os degraus. Torean a substituiu, suando profusamente ao jurar, e Lorde Dobraine veio em seguida; com os olhos fundos e analíticos, ele era um dos poucos homens mais velhos a ter raspado a parte da frente do cabelo comprido e grisalho. Então veio Aracome e…

Rand foi ficando impaciente à medida que a procissão continuou, um por um subindo para se ajoelhar diante dele, cairhieno sucedendo taireno sucedendo cairhieno, conforme ele decretara. Tudo aquilo era necessário, Moiraine dissera — e a voz em sua mente que ele sabia se tratar de Lews Therin concordou —, mas, para ele, era parte do atraso. Rand precisava ter a lealdade daquelas pessoas, ainda que apenas na aparência, para poder começar a tornar Cairhien segura. E esse começo, pelo menos, tinha que ser posto em prática antes que pudesse cuidar de Sammael. *E eu vou fazer isso! Ainda tenho muito o que fazer para permitir que ele continue saindo de trás da moita e me enfiando uma faca no tornozelo! Ele vai descobrir o que significa provocar o Dragão!*

Rand não entendeu por que os que vinham se ajoelhar diante dele começaram a suar e a lamber os lábios, gaguejando suas palavras de fidelidade. Mas também ele não conseguia enxergar a luz fria que ardia nos próprios olhos.

47

O preço de um navio

Quando terminou de se lavar, de manhã, Nynaeve se enxugou e, com relutância, vestiu uma camisola de seda limpa. A seda não era tão fresca quanto o linho, e mesmo com o sol tendo acabado de nascer, o calor no carroção prenunciava mais um dia escaldante. Além do mais, a peça era cortada de tal forma que Nynaeve temia que fosse cair em um bolo de tecido em torno de seus tornozelos, caso respirasse errado. Ao menos não estava úmida do suor da noite, como a outra que despiu.

Sonhos perturbadores haviam lhe atormentado o sono, sonhos com Moghedien que fizeram-na acordar no susto, sentando-se ereta na cama — e estes foram melhores do que os sonhos que não a acordaram —, sonhos com Birgitte atirando flechas nela *e acertando*, sonhos com os seguidores do Profeta causando tumultos em meio ao conjunto itinerante, sonhos em que ficava presa para sempre em Samara porque nenhuma embarcação aparecia, ou chegava a Salidar e encontrava Elaida no comando. Ou de novo Moghedien, lá, também. Acordara chorando deste último.

Tudo era apenas preocupação, claro, e natural que fosse assim. Três noites acampada ali sem nenhum navio dar as caras, três dias sufocantes em que ficava vendada contra aquela maldita tábua. Era o suficiente para deixar qualquer um no limite, mesmo sem a preocupação de Moghedien encontrá-las. Por outro lado, porém, o simples fato de a mulher saber que elas estavam em um conjunto itinerante não significava que as encontraria em Samara. Havia outros conjuntos no mundo além daqueles reunidos ali. Pensar nos motivos para não se preocupar, no entanto, era mais fácil do que de fato não se preocupar.

Mas por que estou nervosa a respeito de Egwene? Nynaeve enfiou um galho partido em um pratinho com sal e bicarbonato, no lavatório, e começou a esfregar os dentes com vontade. Egwene surgira em quase todos os sonhos, gritando com ela, mas Nynaeve não entendia a presença dela.

Na verdade, a ansiedade e a falta de sono eram só parte do que a deixara com o humor tão ruim naquela manhã. Tudo o mais eram detalhes, ainda que reais. Uma pedrinha no sapato era algo pequeno, se comparado com ter a cabeça decepada, mas se a pedra já estava lá e o cepo talvez nunca estivesse…

Era impossível evitar o próprio reflexo e o cabelo solto, em vez de em uma trança decente. Independentemente de como o escovasse, aquela cor vermelha de latão nunca se tornava menos repulsiva. E Nynaeve sabia muito bem que um vestido azul repousava na cama atrás dela. Um azul que deixaria até uma latoeira atônita, e tão decotado quanto o vestido vermelho pendurado com um pregador. Era por isso que trajava aquela camisola tão solta. Um vestido como aquele não bastava, não de acordo com Valan Luca. Clarine já vinha trabalhando em mais dois de um amarelo virulento, e falava-se em listras. Nynaeve não queria nem saber de listras.

O homem podia ao menos me deixar escolher as cores, pensou, manejando furiosamente o galho partido. Ou Clarine. Mas não, ele tinha as próprias ideias e nunca perguntava nada. Não Valan Luca. As cores que ele escolhia às vezes faziam-na se esquecer dos decotes. *Vou jogar esse vestido na cara dele!* Mas sabia que não faria isso. Birgitte se exibia naqueles vestidos sem o menor sinal de pudor. A mulher com certeza não tinha *nada a ver* com nenhuma das histórias sobre ela! Não que Nynaeve fosse usar aquele vestido imbecil sem reclamar só porque Birgitte o usava. Não era uma competição, de maneira alguma. Era só que…

— Se tem que fazer uma coisa — rosnou, com o galho ainda na boca —, melhor se acostumar.

— O que você disse? — indagou Elayne. — Se vai falar, por favor, tire isto da boca. O barulho é nojento.

Nynaeve enxugou o queixo e fitou-a por cima do ombro. Elayne estava sentada na própria cama estreita com as pernas encolhidas, trançando o cabelo tingido de preto. Já trajava as calças brancas cheias de lantejoulas e uma blusa transparente demais, de seda cor de neve com pregas no pescoço. O casaco branco chapinhado de paetês repousava ao lado. Branco. Ela também tinha dois conjuntos de roupas para suas apresentações, com um terceiro sendo confeccionado, todos brancos, ainda que não exatamente comuns.

— Se você vai se vestir com estes trajes, Elayne, não deveria se sentar assim. É indecente.

A outra mulher lhe lançou um olhar furioso e carrancudo, mas pôs os pés calçados com chinelos no chão. E empinou o queixo com aquele jeito arrogante que tinha.

— Acho que vou dar uma volta pela cidade agora de manhã — anunciou, tranquila, ainda fazendo a trança. — Este carroção está…

sufocante.

Nynaeve bochechou e cuspiu no lavatório. Ruidosamente. De fato, o carroção parecia menor durante o dia. Talvez precisassem ficar fora de vista o máximo possível — fora ideia dela, ideia da qual estava começando a se arrepender —, mas aquilo estava ficando ridículo. Três dias trancada com Elayne, exceto quando saíam para se apresentar, estavam começando a parecer três semanas. Ou três meses. Nynaeve nunca reparara em como Elayne tinha a língua ácida. Um navio precisava aparecer logo. Qualquer tipo de navio. Daria até a última moeda escondida no fogão de tijolinho, até a última joia, o que fosse, para ver um navio já naquele dia.

— Bem, isso não chamaria nenhuma atenção, não é? Mas talvez você esteja precisando do exercício. Ou vai ver é só o caimento dessas calças nos seus quadris.

Os olhos azuis lampejaram, mas o queixo de Elayne permaneceu erguido, e o tom de voz, frio.

— Sonhei com Egwene ontem à noite. Falamos sobre Rand e Cairhien, porque *eu* me preocupo com o que está acontecendo lá, ainda que *você* não. Mas entre um assunto e outro, ela disse que você estava virando uma megera histérica. Não que *eu* ache isso, exatamente. *Eu* diria que está mais para uma vendedora de peixe.

— Agora trate de me ouvir, sua mimadinha! Se você não… — Nynaeve se interrompeu, os olhos ainda furiosos, e então respirou fundo. Esforçou-se para que a voz soasse equilibrada. — Você sonhou com Egwene?

Elayne aquiesceu brevemente.

— E ela falou sobre Rand e Cairhien?

A mulher mais jovem revirou os olhos em uma exasperação exagerada e continuou fazendo a trança. Nynaeve forçou a própria mão a soltar um punhado do cabelo vermelho cor de latão, se obrigou a parar de pensar em ensinar à Filha-herdeira da maldita Andor um pouco de educação básica. Se não encontrassem logo um navio…

— Se você for capaz de pensar em algo além de exibir ainda mais as pernas, pode ser que goste de saber que Egwene também apareceu nos meus sonhos. Ela disse que Rand teve uma grande vitória ontem em Cairhien.

— Eu posso até estar exibindo minhas pernas — rebateu Elayne, as bochechas ficando coradas —, mas pelo menos não estou mostrando meus… Você também sonhou com ela?

Não levaram muito tempo para comparar observações, embora Elayne continuasse a demonstrar sua língua ferina. Nynaeve tivera um motivo perfeitamente justificável para gritar com Egwene, e era provável que Elayne *estivesse* sonhando em desfilar diante de Rand com seu figurino cheio de paetês, se não com coisa pior. Dizer aquilo

não era mais que ser honesta. Ainda assim, logo ficou claro que Egwene dissera as mesmas coisas nos sonhos de ambas, e aquilo deixava pouca margem para dúvidas.

— Ela ficava dizendo que estava ali de verdade — resmungou Nynaeve —, mas eu pensei que aquilo só fizesse parte do sonho. — Egwene afirmara com frequência que era possível conversar com alguém nos sonhos, mas nunca dissera que era capaz disso. — Por que eu acreditaria? Ora, ela disse que finalmente tinha reconhecido uma tal lança que Rand começou a usar como sendo uma peça Seanchan. Isso é absurdo.

— Claro. — Elayne arqueou a sobrancelha de um jeito irritante. — Tão absurdo quanto encontrar Cerandin e os *s'redit* dela. Deve haver outros refugiados Seanchan, Nynaeve, e é provável que lanças sejam o *mínimo* que eles deixaram para trás.

Por que a mulher não conseguia dizer nada sem dar uma cutucada?

— Estou vendo que *você* acreditou.

Elayne jogou a trança recém-terminada por cima do ombro e então, só para garantir, voltou a balançar a cabeça de maneira arrogante.

— Eu espero mesmo que Rand esteja bem. — Nynaeve bufou. Egwene contara que ele precisaria de vários dias de repouso antes de voltar a ficar de pé, mas que *havia* sido Curado. Elayne continuou: — Ninguém nunca ensinou a ele que não se deve ultrapassar os próprios limites. Rand não sabe que o Poder pode matá-lo caso canalize demais ou tente urdir muitos fios quando estiver cansado? Isso vale tanto para ele quanto para nós.

Então ela pretendia mudar de assunto?

— Talvez ele não saiba — ponderou Nynaeve, com doçura —, já que não existe uma Torre Branca para homens. — Isso a fez pensar em outra coisa. — Você acha que foi mesmo Sammael?

Pega com uma resposta já na ponta da língua, Elayne fitou-a de soslaio, furiosa, e deixou escapar um suspiro irritadiço.

— Não faz diferença para nós, faz? O que deveríamos estar pensando é em voltar a usar o anel. Para mais do que nos encontrarmos com Egwene. Há muito o que aprender. Quanto mais eu aprendo, mas me dou conta de quanto ainda não sei.

— Não. — Nynaeve não esperava que Elayne fosse pegar o anel *ter'angreal* ali e agora, mas, no reflexo, deu um passo em direção ao fogão de tijolinho. — Nada de idas a *Tel'aran'rhiod* para nenhuma de nós, exceto para encontrar Egwene.

Elayne prosseguiu como se não tivesse ouvido nada. Como se Nynaeve tivesse falado para as paredes.

— A gente não precisa canalizar. Não vamos nos entregar desse

jeito. — Ela não olhou para Nynaeve, mas havia certa aspereza em sua voz. Insistiu que elas poderiam usar o Poder, se tomassem cuidado. Até onde Nynaeve sabia, era bem possível que Elayne fizesse isso pelas costas dela. — Eu aposto que, se uma de nós visitasse o Coração da Pedra hoje à noite, Egwene estaria lá. Pense só: se *nós* pudéssemos conversar com ela nos sonhos *dela*, não precisaríamos mais nos preocupar em encontrar Moghedien em *Tel'aran'rhiod*.

— Então você acha que é fácil aprender? — perguntou Nynaeve, seca. — Se é assim, por que ela ainda não nos ensinou? Por que não fez isso antes? — Mas não estava sendo sincera. Era ela quem estava preocupada com Moghedien. Elayne sabia que a mulher era perigosa, mas era como saber que uma víbora era perigosa. Elayne sabia, mas Nynaeve já tinha sido picada. E ser capaz de se comunicar sem entrar no Mundo dos Sonhos seria valioso independentemente de evitar ou não Moghedien.

Em todo caso, Elayne ainda não estava prestando atenção no que Nynaeve dizia.

— Fico me perguntando por que ela insistiu tanto para que não falássemos para ninguém. Não faz sentido. — Ela mordeu o lábio inferior. — Há outra razão para falarmos com ela assim que pudermos. Na época, não significou nada para mim, mas, na última vez em que Egwene falou comigo, sumiu no meio de uma frase. O que lembrei agora foi que, antes de sumir, ela de repente pareceu surpresa e assustada.

Nynaeve respirou fundo e apertou a barriga com as duas mãos, em um esforço inútil de aplacar palpitações súbitas. Mas conseguiu manter a voz equilibrada.

— Moghedien?

— Luz, você é mesmo otimista! Não. Se Moghedien pudesse aparecer em nossos sonhos, acho que, a esta altura, já saberíamos. — Elayne sentiu um pequeno calafrio. Tinha certa ideia, sim, de como Moghedien era perigosa. — Seja como for, não foi esse tipo de olhar. Ela estava assustada, mas não tanto.

— Então ela talvez não estivesse em perigo. Talvez… — Obrigando-se a manter as mãos relaxadas, Nynaeve comprimiu os lábios de um jeito irritado. Só não tinha certeza de quem era o alvo dessa irritação.

Guardar o anel, tirando-o de vista, exceto para os encontros com Egwene, tinha sido uma boa ideia. Tinha, sim. Qualquer aventura no Mundo dos Sonhos poderia tê-las feito dar de cara com Moghedien, e ficar longe dela era mais que apenas uma boa ideia. Nynaeve já sabia que fora superada. O pensamento a irritava, e mais ainda a cada vez que ressurgia, mas era a pura verdade.

Agora, porém, havia uma chance de que Egwene estivesse

precisando de ajuda. Uma chance pequena. Estar devidamente temerosa de Moghedien não a fazia subestimar a possibilidade. E podia ser que Rand tivesse um dos Abandonados em seu encalço, assim como Moghedien estava atrás dela e de Elayne. O que Egwene relatara, tanto de Cairhien quanto das montanhas, sugerira que ele desafiara Rand a uma briga. Não que Nynaeve pensasse que podia fazer algo a respeito. Já Egwene…

Às vezes, Nynaeve tinha a impressão de que se esquecera do motivo que a fez sair de Dois Rios, para começo de conversa: proteger os jovens de sua aldeia que haviam sido capturados pelas teias das Aes Sedai. Não muito mais jovens que ela própria, só uns poucos anos, mas a diferença de idade parecia maior quando se era a Sabedoria da aldeia. Claro que o Círculo das Mulheres de Campo de Emond àquela altura com certeza já escolhera outra Sabedoria, mas isso não tornava a aldeia e a população menos sua. No fundo de seu coração, pensava que aquilo não a tornava nem menos Sabedoria. De algum modo, porém, proteger Rand, Egwene, Mat e Perrin das Aes Sedai se transformara em ajudá-los a sobreviver, e, por fim, sem que ela nem percebesse quando ou como, até aquele objetivo fora engolfado por outras necessidades. Entrar para a Torre Branca para aprender a melhor forma de derrubar Moiraine tinha se tornado um desejo ardente de aprender a Curar. Até seu ódio pela intromissão das Aes Sedai na vida das pessoas passara a coexistir com seu desejo de se tornar uma delas. Não que realmente quisesse isso, mas era a única maneira de aprender o que desejava. Tudo se tornara tão emaranhado quanto as teias das Aes Sedai, com ela no meio, e Nynaeve não sabia como escapar.

Eu ainda sou a mesma, e vou *ajudá-los o quanto puder.*

— Hoje à noite — disse ela voz alta —, eu vou usar o anel.

Sentou-se na cama e começou a puxar as meias. Uma lã grossa estava longe de ser confortável naquele calor, mas ao menos parte dela estaria vestida decentemente. Meias robustas e sapatos robustos. Birgitte usava sandálias brocadas e meias de seda fina que pareciam bem fresquinhas. Nynaeve tratou de suprimir com firmeza aquele pensamento.

— Só para ver se Egwene *está* na Pedra. Se não estiver, eu volto e não usamos mais o anel até o próximo encontro marcado.

Elayne a observava com um olhar impassível que a fez puxar as meias com incômodo cada vez maior. A mulher não dizia uma palavra, mas a inexpressividade em seus olhos sugeria que Nynaeve podia estar mentindo. Pelo menos foi como Nynaeve interpretou. Provavelmente porque ela considerou mesmo a ideia — seria bem fácil garantir que o anel não estivesse encostando em sua pele quando fosse dormir. Não havia motivo para acreditar que Egwene estaria

esperando no Coração da Pedra naquela noite. Nynaeve não planejara mentir — o pensamento surgira de maneira espontânea —, mas a ideia surgiu, e tornou difícil olhar Elayne nos olhos. E daí que estava com medo de Moghedien? Fazia todo o sentido, mesmo que admitir isso deixasse um gosto ruim na boca.

Vou fazer o que for preciso. Nynaeve reprimiu a sensação do estômago embrulhado. Quando a camisola lhe cobriu as meias, já estava ansiosa para trajar o vestido azul e sair para o dia quente, só para escapar dos olhos de *Elayne*.

A Filha-herdeira estava terminando de ajudá-la com as fileiras de botõezinhos nas costas do vestido — e resmungando que ninguém *a* ajudara, como se alguém precisasse de ajuda para vestir calças — quando a porta do carroção se escancarou, deixando entrar uma lufada de ar quente. Sobressaltada, Nynaeve deu um salto e cobriu o busto com as duas mãos sem nem parar para pensar. Quando Birgitte surgiu, e não Valan Luca, ela tentou fingir que só estava ajustando o decote.

Alisando um vestido azul idêntico de seda brilhante, a mulher mais alta puxou a espessa trança negra por sobre o ombro desnudo com um sorriso satisfeito.

— Se você quer chamar atenção, não precisa ficar se mexendo assim. É óbvio demais. Basta respirar fundo. — Ela fez uma demonstração, e então gargalhou ao ver a expressão séria de Nynaeve.

Nynaeve se esforçou para controlar seu temperamento. Embora não soubesse bem o motivo para fazer isso. Mal acreditava que se sentira culpada pelo que acontecera. Gaidal Cain devia estar contente de ficar longe daquela mulher. E Birgitte agora arrumava o cabelo do jeito que queria. Não que aquilo tivesse a ver com qualquer coisa.

— Eu conhecia uma pessoa igual a você em Dois Rios, *Maerion*. Calle conhecia os guardas de todos os mercadores pelo primeiro nome, e com certeza não guardava segredos de nenhum deles.

O sorriso de Birgitte diminuiu.

— E eu certa vez conheci uma mulher igual a você. Mathena também olhava para os homens com o nariz empinado e chegou até a mandar executar um pobre sujeito que deu de cara com ela por acaso enquanto estava nadando nua. Nunca tinha beijado ninguém, até que Zheres lhe roubou um beijo. Parecia até que ela tinha acabado de descobrir a existência dos homens. Ficou tão enfeitiçada que Zheres precisou ir morar nas montanhas para fugir. Cuidado com o primeiro homem que a beijar. Mais cedo ou mais tarde, vai acabar acontecendo.

Com os punhos cerrados, Nynaeve deu um passo à frente em direção à mulher. Ou tentou. Elayne se meteu entre as duas, as mãos erguidas.

— Vocês duas tratem de parar com isso — advertiu ela, encarando as duas com o mesmo jeito altivo. — Lini sempre disse: "Esperar transforma os homens em ursos dentro de um celeiro, e as mulheres em gatos dentro de uma saca." Mas agora vocês vão parar de se engalfinhar! Não vou mais tolerar isso!

Para a surpresa de Nynaeve, Birgitte enrubesceu e balbuciou um pedido amargurado de desculpas. Para Elayne, claro, mas foi uma surpresa mesmo assim. Birgitte tinha escolhido ficar por perto de Elayne — não havia por que se esconder —, mas, depois de três dias, o calor parecia estar lhe afetando tanto quanto vinha afetando a jovem. Por sua vez, Nynaeve lançou à Filha-herdeira seu olhar mais gélido. Mantivera seu temperamento sob controle durante aquela espera, confinadas juntas — mantivera mesmo —, mas Elayne não tinha autoridade moral nenhuma para dizer nada.

— Agora — continuou Elayne no mesmo tom de voz ácido —, você tinha algum motivo para entrar feito um touro ou simplesmente se esqueceu de como se bate em uma porta?

Nynaeve abriu a boca para fazer um comentário sobre gatos — apenas um lembrete —, mas Birgitte se antecipou, a voz ainda mais tensa.

— Thom e Juilin voltaram da cidade.

— Voltaram?! — exclamou Nynaeve, e Birgitte a encarou antes de se voltar para Elayne.

— Você não mandou eles irem até lá?

— Não — retrucou Elayne, emburrada.

A garota marchou porta afora, Birgitte em seus calcanhares, antes que Nynaeve pudesse dizer uma única palavra. Não havia o que fazer a não ser acompanhá-las, resmungando sozinha. Era melhor Elayne não ter começado a achar que estava no comando. Nynaeve ainda não a perdoara por ter contado tanto aos homens.

O calor seco parecia ainda pior do lado de fora, pois o sol batia insistentemente na parede de lona que circundava o conjunto itinerante. O suor brotou em sua testa antes que ela chegasse ao pé da escada, mas, desta vez, não fez cara feia.

Os homens estavam sentados em banquinhos de três pernas ao lado da fogueira, os cabelos desgrenhados e os casacos com aspecto de quem rolara na sujeira. Um filete vermelho escorria por baixo de um pano que Thom apertava contra o escalpo, descendo por uma mancha de sangue seco em forma de leque que lhe cobria a bochecha e manchava o bigode branco. Um inchaço roxo do tamanho de um ovo de galinha destacava-se no olho de Juilin, que segurava o cajado de madeira clara da grossura de um polegar com na mão envolta de qualquer jeito em uma bandagem ensanguentada. Aquele ridículo chapéu cônico repousando em sua nuca dava a impressão de ter sido

pisoteado.

A julgar pelo barulho na área interna das paredes de lona, os tratadores de cavalos já estavam limpando as jaulas, e com certeza Cerandin estava com seus *s'redit* — nenhum dos homens se aproximava deles —, mas, comparativamente, ainda havia pouca movimentação em meio aos carroções. Petra fumava seu cachimbo de piteira comprida enquanto ajudava Clarine a preparar o café da manhã. Dois dos Chavanas examinavam algum equipamento, junto com Muelin, a contorcionista, ao passo que os outros dois conversavam com duas das seis acrobatas que Luca contratara do espetáculo de Sillia Cerano. Elas afirmavam ser as irmãs Murasaka, apesar de serem ainda mais diferentes em aparência e cor de pele do que os Chavanas. Uma delas, parecendo tranquila em um robe de seda colorido, perto de Brugh e Taeric, tinha olhos azuis e cabelo quase branco; a outra tinha a pele tão escura quanto os olhos. Todos os demais já trajavam a indumentária para a primeira apresentação do dia, os homens com o peito nu e calças coloridas, Muelin de vermelho fino e transparente e um colete bem justo combinando, Clarine com paetês verdes de gola alta.

Thom e Juilin atraíam alguns olhares, mas, felizmente, ninguém achou necessário vir perguntar como estavam. Talvez fosse pelo modo abatido como estavam sentados, os ombros curvados e os olhos fitando o chão. Sem dúvida, ambos sabiam que estavam prestes a ouvir uma bronca que lhes deixaria com o couro ardido. Nynaeve certamente tinha essa intenção.

Elayne, no entanto, ofegou ao vê-los e saiu correndo para se ajoelhar ao lado de Thom, toda a raiva de momentos antes desaparecendo.

— O que aconteceu? Ah, Thom, sua cabeça! Deve estar doendo tanto. Isto está além das minhas habilidades. Nynaeve vai levar vocês lá para dentro para cuidar disto. Thom, você está velho demais para ficar se metendo em brigas.

Indignado, ele a ignorou da melhor maneira que pôde enquanto mantinha a compressa no lugar.

— Deixe para lá, criança. Já fiquei pior que isto caindo da cama. Esqueça.

Nynaeve não Curaria ninguém, apesar de estar com raiva suficiente. Ela se plantou à frente de Juilin, as mãos na cintura e um olhar de não-banque-o-espertinho-e-responda-logo no rosto.

— O que você pretendia ao sair de fininho sem me dizer nada? — Também serviu para começar a mostrar para Elayne *quem* estava no comando. — Se, em vez de ficar com este olho roxo aí, você acabasse com a goela decepada, como iríamos saber o que tinha acontecido? Não havia motivo para saírem assim. Nenhum! Já tem gente tratando

de encontrar um navio.

Juilin ergueu os olhos para ela e puxou o chapéu para cobrir a testa.

— Tem gente tratando, é? Foi por isso que vocês começaram a andar por aí feito…? — Ele se interrompeu quando Thom gemeu alto e cambaleou.

Assim que o velho menestrel acalmou a preocupação de Elayne dizendo que fora só uma pontada momentânea e que ele estava bem o suficiente para ir a um baile — e depois de lançar um olhar significativo para Juilin, esperando que as mulheres não percebessem —, Nynaeve tornou a mirar ameaçadoramente o taireno de pele escura para descobrir o que ele pensava sobre elas estarem andando por aí.

— Ainda bem que nós fomos — disse ele, em vez disso, com voz tensa. — Samara está parecendo um cardume de lúcios em torno de um pedaço de carne crua. Há quadrilhas em todas as ruas caçando Amigos das Trevas ou qualquer pessoa que não esteja disposta a saudar o Profeta como a única voz verdadeira do Dragão Renascido.

— Começou há mais ou menos três horas, perto do rio — acrescentou Thom, deixando escapar um suspiro quando Elayne limpou seu rosto com um pano úmido. Parecia ignorar os resmungos da garota, o que deve ter exigido certo esforço, já que Nynaeve entendeu com clareza "seu velho tolo" e "você precisa de alguém para cuidar de você antes que acabe morrendo", entre outras coisas, em um tom de voz que era tão exasperado quanto afetuoso. — Como começou, eu já não sei. Ouvi culparem as Aes Sedai, os Mantos-brancos, os Trollocs, tudo menos os Seanchan, que só não levavam a culpa porque ninguém sabe que existem. — Ele se encolheu quando Elayne pressionou o pano. — Na última hora, estávamos ocupados demais tentando dar o fora dali para descobrir muita coisa.

— Há incêndios — completou Birgitte. Petra e sua esposa viram-na apontando e levantaram-se, apreensivos, para olhar. Duas nuvens escuras de fumaça erguiam-se acima da parede de lona, na direção da cidade.

Juilin se pôs de pé e encarou Nynaeve com um olhar severo.

— É hora de ir. Talvez a gente se destaque o suficiente para Moghedien nos encontrar, mas eu duvido. Há gente fugindo para todas as direções possíveis. Daqui a duas horas, não vão ser só dois incêndios, vão ser cinquenta, e evitar Moghedien não vai adiantar muito se uma das quadrilhas acabar fazendo picadinho de nós. Assim que acabarem de destruir tudo o que puder ser destruído na cidade, virão atrás dos espetáculos.

— Não fale esse nome — advertiu Nynaeve com rispidez, dirigindo a Elayne uma cara feia que a garota não viu. Permitir que homens soubessem demais era sempre um erro. O problema era que

ele estava certo, mas permitir que um homem soubesse disso rápido demais também era um erro. — Vou considerar sua sugestão, Juilin. Eu detestaria fugir sem motivo e depois ficar sabendo que um navio apareceu assim que nós fomos embora. — Ele olhou para Nynaeve como se ela tivesse enlouquecido, e Thom balançou a cabeça, apesar de Elayne ainda estar segurando-a para limpar o sangue. Então um vulto abriu caminho em meio aos carroções e animou Nynaeve. — Talvez já tenha chegado.

O tapa-olho pintado e o rosto cheio de cicatrizes de Uno, além do coque e da espada às costas, atraíram meneios casuais de Petra e dos Chavanas, e Muelin estremeceu. Ele fizera todas as visitas noturnas pessoalmente, ainda que não tivesse nada a reportar. Sua presença naquele momento tinha de significar alguma notícia.

Como de costume, Uno sorriu para Birgitte assim que a viu, e seu único olho desceu ostensivamente para o busto exposto dela. E, como de costume, Birgitte devolveu o sorriso e lhe lançou um olhar lento de cima a baixo. Desta vez, no entanto, Nynaeve não se importou com quão repreensivelmente os dois se comportavam.

— Algum navio?

O sorriso de Uno sumiu.

— Tem um mald… um navio — anunciou ele, emburrado —, isso se eu conseguir levar vocês inteiros até lá.

— Estamos bem informados sobre os motins. Tenho certeza de que quinze shienaranos são capazes de nos conduzir em segurança.

— Vocês sabem sobre os motins — resmungou ele, fitando Thom e Juilin. — Mas sabem que os mald… que o pessoal de Masema está lutando contra os Mantos-brancos nas ruas? Sabem que ele ordenou que seu pessoal tome Amadícia com fogo e espadas? Milhares deles já cruzaram o mald… aargh!… já cruzaram o rio.

— Pode até ser — respondeu Nynaeve, com firmeza —, mas eu espero que você faça o que disse que faria. Você prometeu *me* obedecer, lembra? — Ela deu uma leve ênfase à palavra e lançou a Elayne um olhar significativo.

Fingindo não ver, a mulher ficou de pé, o pano ensanguentado na mão, e direcionou sua atenção a Uno.

— Sempre me disseram que os shienaranos estão entre os soldados mais corajosos do mundo. — A navalha afiada que havia em sua voz de repente se transformara em seda e mel. — Ouvi muitas histórias sobre a bravura shienarana quando era criança. — Ela repousava uma das mãos no ombro de Thom, mas tinha os olhos fixos em Uno. — Ainda me lembro delas. Espero lembrar para sempre.

Birgitte se aproximou e começou a massagear a nuca de Uno enquanto o encarava. Aquele olho vermelho fulminante no tapa-olho não parecia incomodá-la nem um pouco.

— Três mil anos vigiando a Praga — disse ela, gentilmente. Gentilmente. Fazia dois dias desde que falara com Nynaeve daquele jeito! — Três mil anos, nunca recuando sem pagar com dez vezes mais sangue. Isso pode até não ser Enkara ou o Passo Soralle, mas eu sei o que vocês vão fazer.

— O que você fez? — rosnou ele. — Leu todas as malditas histórias das Terras da Fronteira, cacete? — De imediato, ele se contraiu e deu uma olhada para Nynaeve, que declarara a Uno que esperava dele uma linguagem absolutamente moderada. Ele não encarara aquilo muito bem, mas não havia outra maneira de evitar deslizes, e Birgitte não deveria fazer cara feia para ela. — Vocês conseguem falar com elas? — indagou ele, olhando para Thom e Juilin. — Elas são umas mald… umas tolas de tentarem isso.

Juilin ergueu as mãos, e Thom soltou uma sonora gargalhada.

— Você já conheceu alguma mulher que ouvia a voz da razão quando não queria? — retrucou o menestrel.

Ele deixou escapar um grunhido quando Elayne tirou a compressa e começou a esfregar seu escalpo rachado com talvez um pouco mais de força do que era estritamente necessário.

Uno balançou a cabeça.

— Bem, se é para ser enganado, vou ser enganado. Mas ouçam bem o que eu digo: o pessoal de Masema descobriu o navio, chamado Cobra do Rio ou algo assim, menos de uma hora depois que ele atracou, mas os Mantos-brancos o capturaram. Foi isso que desencadeou essas briguinhas. A má notícia é que os Mantos-brancos ainda têm o controle das docas. A pior é que Masema pode ter se esquecido do navio. Fui conversar com ele, e Masema não quer nem ouvir falar no assunto. Só sabe falar em enforcar Mantos-brancos e fazer Amadícia se ajoelhar diante do Lorde Dragão nem que seja preciso atear fogo em todo o território. Só que ele não seu deu ao trabalho de contar para todo o pessoal dele. Teve confrontos perto do rio, e pode ainda estar tendo. Passar com vocês por todos os motins já vai ser bem difícil, mas, se houver uma batalha nas docas, não posso prometer nada. E como eu vou enfiar vocês em um navio que está nas mãos dos Mantos-brancos é uma coisa que eu não sei nem por onde começar. — Deixando escapar um longo suspiro, ele esfregou o suor da testa com o dorso da mão cheia de cicatrizes. O esforço por ter falado tanto tempo sem proferir nenhum palavrão estava estampado em seu rosto.

Nynaeve poderia ter se compadecido do linguajar dele, caso não estivesse chocada demais para abrir a boca. Só podia ser coincidência. *Luz, eu disse que toparia qualquer coisa por um navio, mas isso não. Isso não!* Ela não sabia por que Elayne e Birgitte a encaravam com semblantes tão inexpressivos. Ambas sabiam tanto quanto ela, e

nenhuma das duas sugerira aquela possibilidade. Os três homens trocaram olhares sérios, obviamente conscientes de que algo estava acontecendo e, também obviamente, sem saber do que se tratava, graças à Luz. Era muito melhor quando não sabiam de tudo. Mas só podia ser coincidência.

Por um lado, Nynaeve ficou mais do que feliz de concentrar sua atenção em outro homem que abria caminho em meio aos carroções. Era uma justificativa para tirar os olhos de Elayne e Birgitte. Por outro lado, ver Galad fez seu estômago ir parar nos pés.

O homem trajava roupas marrons simples e um chapéu liso de veludo, em vez do manto branco e da armadura polida, mas sua espada ainda repousava à cintura. Ele ainda não estivera nos carroções, e o efeito daquele rosto foi dramático. Muelin deu um passo involuntário na direção dele, e as duas acrobatas esbeltas se inclinaram para a frente, boquiabertas. Os Chavanas foram rotundamente esquecidos e fizeram cara feia. Mesmo Clarine ajeitou o vestido ao vê-lo passar, mas só até Petra tirar o cachimbo da boca e fazer um comentário. Então, gargalhando, ela foi até onde ele estava sentado e aconchegou o rosto do homem em seu busto avantajado. Seus olhos, porém, ainda acompanhavam Galad por cima da cabeça do marido.

Nynaeve não estava com humor para se deixar afetar por um rosto bonito. Sua respiração mal se acelerou.

— Foi você, não foi? — questionou ela antes mesmo que ele a alcançasse. — Você capturou o Cobra do Rio, não foi? Por quê?

— Serpente do Rio — corrigiu ele, encarando-a com um olhar incrédulo. — Você mesma me pediu para eu lhe garantir passagem.

— Eu não pedi para você começar uma briga!

— Briga? — intrometeu-se Elayne. — Uma guerra. Uma invasão. E tudo por causa desse navio.

— Eu dei minha palavra para Nynaeve, irmã — respondeu Galad calmamente. — Minha maior obrigação é ver você a caminho de Caemlyn em segurança. E Nynaeve, claro. Os Filhos teriam que lutar contra esse Profeta, mais cedo ou mais tarde.

— Você não podia simplesmente ter avisado que o navio estava aqui? — indagou Nynaeve com enfado.

Os homens e suas palavras. Tudo muito admirável, às vezes, mas ela devia ter dado ouvidos quando Elayne disse que ele fazia o que entendia como certo, sem se importar com quem se ferisse.

— Não sei por que o Profeta queria o navio, mas duvido que fosse para que vocês pudessem seguir rio abaixo. — Nynaeve vacilou. — Além do mais, paguei a passagem de vocês para o capitão quando ele ainda estava desembarcando a carga. Uma hora depois, um dos dois homens que eu deixei lá para garantir que ele não fosse embora sem

vocês veio me dizer que o outro estava morto e que o Profeta havia tomado o navio. Não entendo por que vocês estão tão aborrecidas. Queriam um navio, precisavam de um navio, e eu consegui um. — Com o cenho franzido, Galad falou com Thom e Juilin: — Qual é o problema delas? Por que ficam se entreolhando?

— Mulheres — respondeu Juilin, simplesmente, levando de Birgitte uma bofetada na nuca pela inconveniência. Ele a encarou com raiva.

— A picada das mutucas é terrível — sorriu ela, transformando a raiva de Juilin em incerteza enquanto ele rearrumava o chapéu.

— Podemos passar o dia inteiro aqui discutindo o que é certo e o que é errado — opinou Thom, seco —, ou podemos embarcar nesse navio. A passagem já foi paga, e não há como recuperar o dinheiro.

Nynaeve tornou a vacilar. Não importava o que ele quisera dizer com aquilo, ela entendera do próprio jeito.

— Podemos ter problemas para chegar ao rio — afirmou Galad. — Vesti estas roupas porque os Filhos não são populares em Samara no momento, mas as quadrilhas podem atacar qualquer um. — Ele olhou desconfiado para Thom, com o cabelo e o bigode brancos, e para Juilin com um pouco menos de suspeita. Mesmo desgrenhado, o taireno era forte o bastante para fincar estacas. E então se voltou para Uno. — Onde está seu amigo? Outra espada pode ser útil até nos juntarmos aos meus homens.

Uno abriu um sorriso vilanesco. Estava claro que eles se gostavam ainda menos agora do que no primeiro encontro.

— Está por aqui. E talvez mais um ou dois. Vou mandá-los para o navio, caso seus Mantos-brancos consigam mantê-lo. Ou caso não consigam.

Elayne abriu a boca, mas Nynaeve foi mais rápida em tomar a palavra.

— Vocês dois, já chega! — Elayne teria voltado a tentar usar palavras melosas. Poderia ter funcionado, mas Nynaeve queria soltar a língua. Por alguma coisa, qualquer coisa. — Precisamos ir rápido. — Ao lançar dois malucos em direção ao mesmo alvo, deveria ter considerado o que poderia acontecer caso os dois chegassem ao mesmo tempo. — Uno, junte o restante de seus homens o mais rápido possível. — O homem tentou dizer que todos já estavam aguardando do outro lado do conjunto itinerante, mas ela prosseguiu. Eles *eram* malucos, *ambos*. *Todos* os homens eram! — Galad, você…

— Acordem e se levantem! — O grito de Luca cortou as palavras dela quando o homem surgiu trotando em meio aos carroções, mancando e com um machucado cobrindo a lateral do rosto. A capa escarlate estava suja e rasgada. Parecia que Thom e Juilin não tinham sido os únicos a entrar na cidade. — Brugh, vá dizer aos tratadores de

cavalos para amarrarem as parelhas! Vamos ter que abandonar a lona. — Ele fez uma careta ao dizer isso. — E eu pretendo estar na estrada em menos de uma hora! Andaya, Kuan, chamem suas irmãs! Acordem todos que ainda estiverem dormindo, e, se estiverem se lavando, digam para vestirem roupas sujas ou virem nus! Rápido, a menos que queiram proclamar o Profeta e marchar até Amadícia! Chin Akima já foi decapitado, assim como metade dos artistas dele, e Sillia Cerano e uma dúzia dos dela foram açoitados por terem sido lentos demais! Mexam-se! — Naquele instante, todos, exceto os que estavam em torno do carroção de Nynaeve, se apressaram.

O coxear de Luca diminuiu conforme ele se aproximou, os olhos em Galad, cautelosos. E em Uno, aliás, embora já tivesse visto o caolho em duas outras ocasiões.

— Nana, eu quero falar com você — anunciou, com a voz tranquila. — A sós.

— Não iremos com você, Mestre Luca — informou ela.

— A sós — insistiu ele, tomando-a pelo braço e puxando-a para longe.

Nynaeve olhou para trás para dizer aos demais para não interferirem, mas logo descobriu que não era necessário. Elayne e Birgitte seguiam apressadas em direção à parede de lona que circundava o conjunto itinerante, e, apesar de olharem de relance para ela e para Luca, os quatro homens estavam absortos em uma conversa. Ela bufou alto. Belos homens aqueles, que viam uma mulher ser maltratada e não moviam um dedo.

Nynaeve sacudiu o braço para soltá-lo e foi andando a passos largos ao lado de Luca, as saias de seda farfalhando.

— Suponho que você queira o dinheiro, agora que estamos indo. Bem, é justo que você o tenha. Cem marcos de ouro. Embora eu ache que devesse dar um desconto pelo carroção e pelos cavalos que estamos deixando. E por nossa contribuição. Nós com certeza incrementamos seu número de clientes. Morelin e Juilin andando lá no alto, eu com as flechas, Thom…

— Você acha que eu quero o ouro, mulher? — questionou ele, investindo contra ela. — Se eu quisesse, já teria pedido desde o dia em que atravessamos o rio! Eu pedi? Você alguma vez se perguntou por que não?

A contragosto, ela deu um passo para trás e cruzou os braços, séria. E imediatamente desejou não tê-lo feito. A postura mais do que enfatizava seu decote. Foi a teimosia que manteve seus braços onde estavam — Nynaeve não iria deixá-lo pensar que estava constrangida, principalmente porque estava —, mas, para sua surpresa, os olhos de Luca permaneceram nos dela. Talvez estivesse doente. O homem nunca deixara de cravar os olhos em seu decote antes, e, se Valan

Luca não estava interessado em seus seios *nem* em seu ouro…

— Se não é por causa do ouro, então por que quer conversar comigo?

— Enquanto eu voltava da cidade — explicou ele, hesitante, seguindo-a —, fiquei pensando que agora você finalmente iria embora. — De novo, Nynaeve se recusou a recuar, mesmo quando Luca ficou diante dela e a encarou fixamente. Pelo menos ele ainda estava olhando para seu rosto. — Não sei do que você está fugindo, Nana. Às vezes, quase acredito na sua história. Morelin com certeza tem um quê de nobreza, pelo menos. Mas você nunca foi a criada de uma lady. Nesses últimos dias, parte de mim ficou esperando encontrar vocês rolando no chão e arrancando os cabelos uma da outra. E talvez com Maerion no meio. — Ele deve ter notado algo no rosto dela, porque tratou de pigarrear e prosseguir mais do que depressa. — A questão é que eu posso arranjar outra pessoa em quem Maerion atire. Você grita mesmo tão bonito que qualquer um pensaria que está mesmo aterrorizada, mas… — Ele tornou a pigarrear, ainda mais nervoso, e recuou. — O que estou tentando dizer é que eu quero que você fique. Existe um mundo enorme aí fora, milhares de cidadezinhas à espera de um espetáculo como o meu, e o que quer que esteja perseguindo você nunca vai encontrá-la se estiver comigo. Um pessoal de Akima e umas outras pessoas de Sillia que não foram expulsas para o outro lado do rio, estão se juntando a mim. O espetáculo de Valan Luca vai ser o maior que o mundo já viu.

— Ficar? Por que eu ficaria? Eu lhe disse desde o início que nós só queríamos chegar em Ghealdan, e nada mudou.

— Por quê? Ora, para ser mãe dos meus filhos, é claro. — Ele segurou uma das mãos dela. — Nana, seus olhos me sugam a alma, seus lábios inflamam meu coração, seus ombros fazem meu pulso acelerar, seu…

Ela o interrompeu, afobada.

— Você quer se casar comigo? — perguntou Nynaeve, incrédula.

— Casar? — Ele pareceu atônito. — Bem… é… quero. Claro que quero. — Sua voz voltou a soar grave, e Luca pressionou os dedos de Nynaeve contra os lábios. — Vamos nos casar na primeira cidade em que pudermos. Nunca pedi nenhuma outra mulher em casamento.

— Eu acredito — respondeu ela, em um sussurro. Nynaeve fez certo esforço para soltar a mão. — Fico sensibilizada com a honra, Mestre Luca, mas…

— Valan, Nana. Valan.

— Mas sou a obrigada a declinar. Estou prometida para outra pessoa. — Bem, de certo modo, ela estava. Lan Mandragoran até podia pensar que seu anel era só um presente, mas ela o via de outra maneira. — E estou indo.

— Eu deveria amarrá-la e levá-la comigo. — A sujeira e os rasgões estragaram um pouco o floreio extravagante da capa quanto ele endireitou a postura. — Com o tempo, você se esqueceria desse sujeito.

— Se quiser tentar, eu mando Uno lhe dar uma surra que vai fazer você ter preferido ser fatiado feito linguiça. — Aquilo não serviu muito para desanimá-lo. Nynaeve investiu contra o peito dele com um dedo em riste. — Você não me conhece, Valan Luca. Não sabe nada a meu respeito. Meus inimigos, esses que você desconsidera com tanta facilidade, fariam você arrancar a pele fora e dançar só com os ossos, e ainda ficaria grato se fosse só isso que eles fizessem. Agora eu preciso ir. Não tenho tempo para ficar ouvindo suas asneiras. Não, não diga mais nada! Minha decisão está tomada, e não vou mudar de ideia, então pode parar de tagarelar.

Luca soltou um suspiro profundo.

— Você é a única mulher para mim, Nana. Deixe os outros homens ficarem com essas dramáticas chatas e seus suspiros tímidos. Um homem saberia que tem que caminhar sobre fogo e domar uma leoa com as próprias mãos para se aproximar de você. Todo dia uma aventura, e toda noite… — O sorriso que ele abriu quase lhe rendeu uma bofetada no pé do ouvido. — Vou encontrá-la de novo, Nana, e você vai me escolher. Eu sinto isso bem aqui. — Batendo no peito de um jeito teatral, ele girou a capa de modo ainda mais pretensioso. — E você também sabe disso, minha caríssima Nana. Aí no seu coração, você sabe.

Nynaeve não sabia se balançava a cabeça ou se ficava boquiaberta. Homens *eram* loucos. *Todos* eles.

Luca insistiu em escoltá-la de volta ao carroção de braços dados, como se estivessem em um baile.

Caminhando a passos largos em meio ao alvoroço de tratadores de cavalos correndo para engatar as parelhas e o estrépito de homens gritando, cavalos relinchando, ursos grunhindo e leopardos rugindo, Elayne se viu resmungando sozinha de um jeito que fazia frente a qualquer dos animais. Nynaeve não tinha moral para falar sobre ela exibir as pernas. Elayne havia reparado em como ela se empertigara com a chegada de Valan Luca. E como respirara fundo. Tinha feito o mesmo com Galad, aliás. Não era que ela *gostasse* de usar aquelas calças. Eram confortáveis, verdade, e mais frescas que as saias. Agora entendia por que Min preferia usar roupas masculinas. Quase. Precisava superar a sensação de que o casaco era na verdade um vestido que mal cobria o quadril. Até então, conseguira. Não que pretendesse contar isso a Nynaeve, com aquela língua ferina dela. A mulher deveria ter se dado conta de que Galad ignoraria o custo de

manter sua promessa. E Elayne a alertara várias vezes a respeito dele. E envolver o Profeta! Nynaeve simplesmente agira sem pensar.

— Você falou alguma coisa? — perguntou Birgitte.

Ela erguera a saia com um braço para acompanhar seu passo, desnudando sem a menor vergonha as pernas com as sandálias azuis brocadas até *bem* acima dos joelhos, e aquelas meias transparentes de seda não escondiam tanto quanto calças.

Elayne ficou imóvel.

— O que você acha das minhas roupas?

— Proporcionam liberdade de movimento — opinou a outra mulher, com sensatez. Elayne aquiesceu. — Claro que é bom que seu traseiro não seja muito grande, apertadas como são…

Voltando a caminhar furiosamente, Elayne puxou o casaco para baixo com movimentos firmes. A língua de Nynaeve não era tão ferina quanto a de Birgitte. Ela realmente deveria ter exigido algum juramento de obediência, ou pelo menos alguma demonstração adequada de respeito. Teria que lembrar disso quando chegasse a hora de criar um elo com Rand. Quando Birgitte a alcançou, exibindo uma expressão amarga, como se *ela* estivesse sendo levada ao limite, nenhuma das duas falou nada.

Trajando paetês verdes, a Seanchan de cabelos claros usava o aguilhão para guiar o imenso macho *s'redit*, que empurrava com a cabeça o pesado carroção que abrigava a jaula do leão de juba negra. Um tratador de cavalos com um colete de couro surrado segurava a lingueta do carroção, guiando o veículo até onde seus cavalos poderiam ser atados com mais facilidade. O leão andava de um lado para o outro, açoitando o ar com a cauda, e, de vez em quando, soltava um grunhido rouco, como o ensaio de um rugido.

— Cerandin — chamou Elayne —, preciso falar com você.

— Só um instante, Morelin. — Concentrada como estava no animal cinzento com grandes presas, seu jeito apressado e embolado de falar a tornou quase ininteligível.

— Agora, Cerandin. Nosso tempo é curto.

Contudo, a mulher só mandou o *s'redit* parar e se virou quando o tratador de cavalos gritou que o carroção estava na posição. Então, sem muita paciência, disse:

— O que você quer, Morelin? Ainda tenho muito o que fazer. E queria me trocar. Este vestido não é bom para viajar. — O animal aguardava pacientemente de pé atrás dela.

Elayne apertou os lábios.

— Nós vamos embora, Cerandin.

— É, eu sei. Os motins. Não deviam permitir esse tipo de coisa. Se esse Profeta pensar em nos fazer mal, vai descobrir do que Mer e Sanit são capazes. — Ela se virou para coçar o ombro de Mer com o

aguilhão, e o bicho tocou o ombro dela com o focinho comprido. Uma tromba, como Cerandin chamava. — Há quem prefira *lopar* ou *grolm* para as batalhas, mas *s'redit*, quando se sabe usá-los…

— Fique quieta e escute — advertiu Elayne com firmeza. Manter a dignidade exigiu esforço, com a Seanchan sendo tão obtusa e com Birgitte de pé ao seu lado de braços cruzados. Elayne tinha certeza de que Birgitte só estava esperando para fazer algum comentário cortante. — Não estou falando do espetáculo. Estou falando de mim, de Nana e de você. Vamos embarcar em um navio agora de manhã. Em poucas horas, estaremos para sempre fora do alcance do Profeta.

Cerandin balançou a cabeça devagar.

— Poucos veículos fluviais são capazes de carregar *s'redit*, Morelin. Mesmo que você tenha encontrado um que consiga, o que eles fariam? O que eu faria? Acho que não sou capaz de ganhar sozinha tanto quanto ganho com Mestre Luca, nem mesmo com você andando nas alturas e Maerion atirando com seu arco. E suponho que Thom iria fazer malabarismo. Não. Não, é melhor continuarmos no espetáculo.

— Os *s'redit* vão ter que ser deixados para trás — admitiu Elayne —, mas tenho certeza de que Mestre Luca vai cuidar deles. Não vamos mais nos apresentar, Cerandin. Não há mais necessidade disso. Aonde estou indo, tem muita gente que gostaria de aprender sobre… — Ela estava ciente do tratador de cavalos, um sujeito magrelo, dono de um destoante nariz bulboso, que estava perto o bastante para ouvir. — Sobre o lugar de onde você veio. Muito mais do que você já nos contou. — Não só ouvir. O tratador as olhava cheio de malícia. Alternando entre o busto de Birgitte e as pernas *dela*. Elayne o encarou até seu sorriso insolente murchar e ele retomar os afazeres sem demora.

Cerandin estava balançando a cabeça novamente.

— Vou deixar Mer, Sanit e Nerin para serem cuidados por homens que têm medo de chegar perto deles? Não, Morelin. Vamos ficar com Mestre Luca. Você também. É bem melhor. Lembra de como estava toda enlameada no dia em que chegou? Não quer acabar daquele jeito de novo.

Elayne respirou fundo e se aproximou da mulher. Ninguém além de Birgitte estava perto o bastante para escutar, mas ela não queria correr riscos tolos.

— Cerandin, meu nome verdadeiro é Elayne da Casa Trakand, Filha-herdeira de Andor. Um dia, serei a Rainha de Andor.

Com base no comportamento da mulher no primeiro dia, e mais ainda no que ela lhes dissera sobre os Seanchan, aquilo deveria ter bastado para amainar qualquer resistência. Em vez disso, Cerandin a encarou nos olhos.

— Você afirmou ser uma lady no dia em que chegou, mas… — A mulher fez um biquinho e olhou para as calças de Elayne. — Você é muito boa andando nas alturas, Morelin. Com treino, pode ficar boa o suficiente para um dia se apresentar para a Imperatriz. Cada um tem seu lugar, e devemos ficar em nossos lugares.

Por um momento, Elayne abriu e fechou a boca sem emitir nenhum som. Cerandin não acreditava nela!

— Eu já perdi tempo demais, Cerandin.

Ela esticou a mão para segurar o braço da mulher e arrastá-la na marra, caso necessário, mas a Seanchan pegou sua mão, girou e, gritando de surpresa, Elayne se viu na ponta dos pés, sem saber se seu pulso quebraria antes que o braço desencaixasse do ombro. Birgitte ficou lá, parada, os braços cruzados, e ainda teve a coragem de erguer uma sobrancelha!

Elayne rangeu os dentes. *Ela se recusava a* pedir ajuda.

— Me solte, Cerandin — ordenou, desejando não ter soado tão ofegante. — Eu mandei me soltar!

Após um momento, Cerandin a libertou e se afastou com cautela.

— Você é minha amiga, Morelin, e sempre será. Talvez algum dia se torne uma lady. Você tem os modos e, se atrair um lorde, talvez ele faça de você uma das *aza* dele. As *aza* às vezes viram esposas. Siga com a Luz, Morelin. Preciso terminar meu trabalho. — A mulher ofereceu o aguilhão para Mer o envolver com sua tromba, e o imenso animal se deixou conduzir pesadamente.

— Cerandin! — exclamou Elayne com rispidez. — Cerandin! — A mulher de cabelo claro não olhou para trás. Elayne cravou os olhos em Birgitte. — Que bela ajuda você deu — grunhiu ela, se afastando a passos largos antes que a mulher pudesse responder.

Birgitte a alcançou e passou a caminhar a seu lado.

— Pelo que ouço e pelo que vi, você passou um tempo considerável mostrando para aquela mulher que ela é forte. Esperava que eu lhe ajudasse a fazer ela se esquecer disso de novo?

— Eu não queria nada disso — resmungou Elayne. — Estava tentando cuidar dela. Ela está muito longe de casa, é uma estranha aonde quer que vá, e tem gente por aí que não a trataria nada bem se descobrisse de onde ela veio.

— Ela parece plenamente capaz de se cuidar — retrucou Birgitte, seca. — Mas vai ver foi você quem ensinou isso para ela, também. Talvez ela fosse indefesa antes de ser encontrada pela Filha-herdeira de Andor. — O olhar que Elayne lhe lançou deslizou por Birgitte feito gelo por aço morno.

— Você só ficou parada olhando. Não deveria ser minha…? — Elayne deu uma espiada ao redor. Foi só uma olhadela, mas vários tratadores de cavalos viraram a cabeça para o outro lado. — Minha

Guardiã? Tem que me ajudar a me defender quando eu não puder canalizar.

Birgitte também olhou em volta, mas, infelizmente, não havia ninguém perto o bastante para fazê-la se conter.

— Eu vou defendê-la quando você estiver em perigo, mas se o perigo for apenas ganhar umas palmadas porque se comportou feito uma garotinha mimada, vou ter que decidir se é melhor deixar você aprender a lição que pode te salvar de coisa parecida ou até pior em outra ocasião. Dizer para ela que você é herdeira de um trono?! Sério?! Se sua intenção é ser uma Aes Sedai, é melhor começar a treinar como se distorce a verdade, não como se faz para estraçalhá-la.

Elayne ficou boquiaberta. Foi só quando tropeçou nos próprios pés que conseguiu dizer:

— Mas eu sou!

— Se você diz — respondeu Birgitte, revirando os olhos para as calças cheias de lantejoulas.

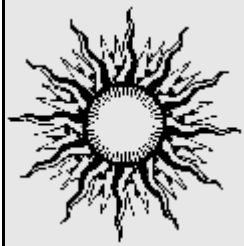
Elayne não pôde fazer nada. Nynaeve manejava a própria língua feito uma agulha, Cerandin era mais teimosa que duas mulas, e agora aquilo. Jogou a cabeça para trás e soltou um grito frustrado.

Quando o som se dissipou, até os animais haviam se calado. Tratadores de cavalo ali por perto a encaravam. Elayne os ignorou. Nada podia irritá-la agora. Estava calma feito gelo, em pleno controle de si mesma.

— Foi um grito de socorro — indagou Birgitte, inclinando a cabeça — ou você está com fome? Acho que consigo encontrar uma ama-de-leite em…

Elayne se afastou depressa, com um rosnado que encheria de orgulho qualquer dos leopardos.

48



Despedidas

Assim que estava de volta ao carroção, Nynaeve se trocou e pôs um vestido decente, com alguns resmungos exasperados por ter que desabotoar uma fileira de botões e abotoar outra sozinha. A lã cinza simples, boa e bem-cortada, ainda que pouco elaborada, passaria despercebida em quase todos os lugares, mas era, decididamente, mais quente. Ainda assim, era boa a sensação de voltar a se vestir com decência. Também era um pouco *estranha*, como se estivesse usando roupas demais. Devia ser culpa do calor.

Nynaeve se ajoelhou rapidamente à frente do pequeno fogão de tijolinhos com chaminé de metal e abriu a porta de ferro que guardava seus pertences de valor.

Enfiou o anel de pedra retorcida dentro da bolsinha em sua cintura, junto com o de Lan e o anel de ouro da Grande Serpente. O cofrinho dourado contendo as gemas que Amathera lhe dera foi parar na algibeira de couro junto das bolsinhas com as ervas que pegara de Ronde Macura, em Mardecin, e do pilãozinho e do almofariz para prepará-las. Nynaeve tocou essas últimas bolsas só para se lembrar do que cada uma continha, de cura-tudo à pavorosa raiz-dupla. As cartas-de-direitos também estavam ali, além de três das seis bolsas, nenhuma tão gorducha quanto antes, depois de a viagem do conjunto itinerante até Ghealdan. Luca podia até não estar interessado em seus cem marcos de ouro, mas não sentira nenhum remorso em coletar o valor das despesas. Uma das cartas, que autorizava seu portador a fazer o que bem entendesse em nome do Trono de Amyrlin, estava junto dos anéis. Nada além de boatos vagos a respeito de algum tipo de problema em Tar Valon chegara a Samara. Nynaeve talvez encontrasse serventia para a carta, mesmo com a assinatura de Siuan Sanche. A caixa de madeira escura ela deixou onde estava, junto de três das bolsas, bem como a bolsa de juta crua contendo o *a'dam* — naquilo, ela certamente não tinha o menor desejo de tocar — e a flecha de prata que Elayne achara na noite do encontro catastrófico com Moghedien.

Por um momento, Nynaeve franziu o cenho ao olhar para a flecha, pensando em Moghedien. Era melhor *mesmo* fazer o que fosse preciso para evitá-la. *Era melhor. Eu a derrotei uma vez!* E, na segunda, terminara pendurada feito uma linguiça na cozinha. Se não fosse Birgitte… *Ela fez a escolha dela.* Era o que a mulher dissera, e era verdade. *Eu poderia derrotá-la de novo. Poderia. Mas, se eu falhar…* Se falhar…

Nynaeve só estava tentando evitar a bolsa de camurça enfiada mais no fundo, e sabia disso, embora tanto a bolsa quanto a ideia de voltar a ser derrotada por Moghedien fossem igualmente horríveis. Ela respirou fundo, enfiou a mão cautelosamente e pegou a bolsa, puxando pelos cordões, e soube que estivera enganada. O mal pareceu inundá-la, mais forte do que nunca, como se o Tenebroso estivesse mesmo tentando escapar pelo selo de *cuendillar* dentro da bolsa. Era melhor passar o dia pensando em ser derrotada por Moghedien. Havia *um mundo* de diferença entre o pensamento e a realidade. Só podia ser coisa da sua imaginação — não sentira nada daquilo em Tanchico —, mas Nynaeve desejou que pudesse deixar Elayne carregar o objeto também. Ou deixá-lo ali.

Pare de agir feito tola, disse a si mesma com firmeza. *Ele mantém a prisão do Tenebroso trancada. Você só está deixando a sua imaginação perder as estribeiras.* Ainda assim, porém, largou a bolsa em cima do vestido vermelho que Luca confeccionara, deixando-a cair como se fosse um rato morto há uma semana, e então, com mais do que um pouco de pressa, enrolou e amarrou o objeto firmemente. O pacote sedoso foi parar no meio de um monte de roupas que Nynaeve levaria consigo, dentro de seu bom manto de viagem cinza. Umas poucas polegadas de distância foram o bastante para acabar com aquela sensação sombria de vazio, mas, de qualquer jeito, desejou lavar as mãos. Se ao menos não soubesse que aquilo estava ali… *Estava* sendo uma tola. Elayne gargalharia dela, Birgitte também. E com razão.

Na realidade, as roupas que queria manter somavam dois embrulhos, e Nynaeve lamentou todo e qualquer ponto de costura que precisaria deixar para trás. Até a seda azul decotada. Não que quisesse voltar a usar algo parecido um dia — com certeza não pretendia nem tocar no vestido vermelho, não até entregar o pacote intacto para alguma Aes Sedai em Salidar —, mas não pôde deixar de fazer os cálculos mentais de quanto somariam as roupas, os cavalos e os carroções que tinham abandonado desde que partiram de Tanchico. Fora a carruagem e os barris de tintura. Até Elayne teria franzido o cenho se um dia chegasse a pensar no assunto. Aquela jovem acreditava que sempre haveria dinheiro quando enfiasse a mão na bolsa.

Nynaeve ainda estava preparando a segunda trouxa quando

Elayne voltou e, em silêncio, se trocou e pôs um vestido de seda azul. Continuou calada, a não ser pelos resmungos quando precisou flexionar os braços atrás do corpo para abotoar a roupa. Caso ela tivesse pedido, Nynaeve teria ajudado, mas, como não aconteceu, ficou observando-a em busca de machucados enquanto ela se trocava. Pensava ter ouvido um grito, minutos antes de Elayne aparecer, e, se ela e Birgitte tivessem chegado às vias de fato… Nynaeve não tinha certeza se ficou contente por não encontrar nenhum machucado. Uma embarcação as confinaria tanto quanto aquele carroção, de certa forma, e isso não seria nada agradável caso as duas ficassem saindo no tapa. Por outro lado, poderia ter sido bom elas extravasarem um pouco de seus temperamentos animalescos.

Elayne não disse uma palavra enquanto recolhia seus pertences, nem mesmo quando Nynaeve perguntou, em tom bastante cordial, aonde ela tinha ido tão afobada. Aquilo só rendeu um queixo empinado e um olhar frio, como se a garota pensasse que já estava ocupando o trono da mãe.

Às vezes, Elayne ficava muito quieta, e de um jeito que dizia bem mais do que palavras seriam capazes. Ao encontrar as três bolsas restantes, ela fez uma pausa antes de pegá-las, e a temperatura dentro do carroção pareceu baixar consideravelmente, embora tais bolsas fossem apenas a parte que lhe cabia. Nynaeve estava cansada de suas reclamações a respeito de como ela distribuía as moedas. Que Elayne observasse o dinheiro se esvaindo aos poucos e percebesse que em algum momento ele poderia acabar. Todavia, quando a garota notou que o anel sumira e que a caixa escura ainda estava ali…

Elayne suspendeu a caixa, destampou-a e estreitou os lábios enquanto analisava o conteúdo: os outros dois *ter'angreal* que elas haviam trazido de Tear. Um disquinho de ferro trabalhado nos dois lados com uma espiral estreita e uma placa fina com cinco polegadas de comprimento, aparentemente de âmbar e mais dura que aço, com uma mulher adormecida entalhada por dentro. Ambos poderiam ser usados para adentrar *Tel'aran'rhiod*, embora sem tanta facilidade ou tão bem quanto com o anel. Para fazer uso de qualquer um dos dois, era necessário canalizar Espírito, o único dos Cinco Poderes que podia ser canalizado durante o sono. Deixá-los com Elayne parecera o correto a Nynaeve, já que estava assumindo o cuidado do anel. Elayne fechou a caixa com um clique súbito, encarou-a com frieza e enfiou o objeto em uma de suas trouxas, junto da flecha de prata. Seu silêncio era estrondoso.

Elayne também fez duas trouxas, mas as dela eram maiores. Não deixou nada para trás, exceto pelas calças e os casacos de lantejoula. Nynaeve preferiu não comentar que ela tinha esquecido as duas peças. Deveria ter comentado, já que estavam naquele clima ruim, mas *ela*

sabia promover a harmonia. Limitou-se a bufar uma vez quando Elayne adicionou ostensivamente o *a'dam* às suas coisas, embora, pelo olhar que recebeu de volta, tenha parecido até que fizera uma longa reclamação a respeito. Quando deixaram o carroção, todo aquele silêncio entre elas podia ser partido em lascas e usado para resfriar vinhos.

Do lado de fora, os homens estavam prontos. Resmungando para si mesmos, lançavam olhares impacientes para Nynaeve e Elayne. Não era justo. Galad e Uno não tinham o que arrumar. A flauta e a harpa de Thom pendiam às suas costas em estojos de couro junto de uma trouxinha, e Juilin, com quebra-espada afivelada no cinto e inclinado no cajado que tinha sua altura, carregava uma trouxa ainda menor, muito bem amarrada. Os homens estavam dispostos a usar as mesmas roupas até o pano apodrecer.

Claro que Birgitte também estava pronta, o arco na mão, a aljava na cintura e uma trouxa, não muito menor que uma das de Elayne, enrolada em uma capa a seus pés. Nynaeve achava provável que Birgitte estivesse levando os vestidos de Luca, mas era o que ela estava usando naquele momento que a fez pausar por um instante: as saias divididas pareciam com as calças volumosas que ela usara em *Tel'aran'rhiod*, exceto por serem mais douradas que amarelas e por não estarem presas nos tornozelos. O casaco curto azul tinha corte idêntico.

O mistério a respeito da origem daquelas vestimentas foi solucionado quando Clarine surgiu apressada tagarelando sobre como demorara e trazendo mais duas saias e outro casaco para serem dobrados e guardados na trouxa de Birgitte. A mulher ainda ficou para dizer como lamentava que elas estivessem indo embora do espetáculo, e não foi a única a tirar alguns momentos daquele corre-corre de atar cavalos e empacotar as coisas. Com seu sotaque taraboniano, Aludra veio desejar uma jornada segura, para onde quer que estivessem indo. E lhes deu mais duas caixas de seus malabares de fogo. Com um suspiro, Nynaeve as enfiou na algibeira. Tinha decidido deixar as outras caixas para trás, e Elayne as empurrara para o fundo da prateleira, atrás de uma saca de feijões, quando achou que Nynaeve não estava vendo. Fingindo não ver os olhos da esposa se estreitarem de preocupação, Petra se ofereceu para escoltá-los até o rio, assim como os Chavanas e Kin e Bari, os malabaristas. Após Nynaeve dizer que não era necessário, fazendo Petra franzir a testa, os homens mal conseguiram esconder o alívio. Ela precisou falar rápido, porque Galad e os outros pareciam a ponto de aceitar a oferta. Surpreendentemente, até Latelle apareceu por um breve instante, murmurando desculpas, abrindo sorrisos e olhando-as de um jeito que dizia que ela até carregaria todas aquelas trouxas pessoalmente, se isso fizesse com que

fossem logo embora. Nynaeve ficou surpresa por Cerandin não aparecer, embora, de certa forma, também ficasse contente. Elayne podia até se dar muitíssimo bem com a mulher, mas, desde o incidente em que fora agredida, Nynaeve ficava um pouco nervosa quando ela estava por perto, talvez ainda mais porque a Seanchan não dava sinais explícitos de sentir o mesmo.

Luca foi o último, oferecendo a Nynaeve um punhado de flores silvestres atrofiadas e meio murchas pela seca — só a Luz sabia onde ele as encontrara — com declarações de amor eterno, elogios extravagantes à sua beleza, e promessas dramáticas de voltar a encontrá-la mesmo que tivesse de viajar pelos quatro cantos do mundo. Não soube dizer o que fez sua bochecha corar mais, mas seu olhar gélido varreu o sorriso do rosto de Juilin e a surpresa do de Uno. Qual fosse a opinião de Thom e Galad, ambos tiveram juízo suficiente para se manter neutros. Nynaeve não conseguiu olhar para Birgitte e Elayne.

O pior foi ter quer ficar escutando, as flores murchas desfalecendo em suas mãos, o rosto enrubescendo mais e mais. Tentar botá-lo para correr com um safanão na orelha provavelmente só faria estimulá-lo, e ofereceria aos outros mais forragem do que já tinham. Nynaeve quase soltou um suspiro de alívio quando aquele idiota fez uma reverência e se afastou com floreios elaborados da capa.

Continuou segurando as flores, andando à frente dos demais para que não fosse obrigada a olhar para a cara de ninguém, empurrando, irritada, as trouxas de volta ao lugar toda vez que elas escorregavam, até já não estar mais à vista dos carroções em torno das paredes de lona. Então, jogou aquelas flores esfarrapadas no chão com tanta violência que Ragan e o restante dos shienaranos maltrapilhos, agachados no prado a meio caminho até a estrada, se entreolharam. Cada um deles trazia às costas uma trouxa enrolada em um cobertor — pequena, claro! — ao lado da espada, mas penduradas junto de garrafas de água em quantidade suficiente para durar vários dias, isso sem falar que um terço tinha um jarro ou uma chaleira balançando em algum lugar. Ótimo. Se houvesse algo para cozinhar, eles que cozinhassem! Sem esperar que os homens decidissem se era seguro se aproximar dela, Nynaeve avançou sozinha, às pressas, até a estrada de terra.

Valan Luca era a causa de sua fúria — humilhá-la daquele jeito! Deveria ter dado uma pancada na cabeça dele, e que o Tenebroso cuidasse da opinião dos outros. Mas o verdadeiro alvo de sua raiva era Lan Mandragoran. Lan jamais lhe dera flores. Não que aquilo tivesse importância. Ele já havia expressado seus sentimentos com palavras mais profundas e mais verdadeiras do que Valan Luca algum dia seria capaz de proferir. Tudo que Nynaeve dissera a Luca era verdade, mas,

se Lan dissesse que a arrastaria, ameaças jamais o impediriam. Canalizar só funcionaria caso conseguisse fazê-lo antes que ele transformasse seu cérebro e seus joelhos em geleia, só com beijos. Ainda assim, flores teriam sido de bom grado. Com certeza melhores do que outra explicação sobre o porquê de o amor deles ser impossível. Homens e sua palavra! Homens e sua *honra*! Casado com a morte, era? Ele e sua luta pessoal contra a Sombra! Ele iria viver, iria se casar com ela, e, se Lan discordasse, Nynaeve pretendia esclarecer rapidinho a questão. Só havia o pequeno problema do elo dele com Moiraine para contornar. Nynaeve poderia gritar de frustração.

Já percorrera cem passadas da estrada quando os outros a alcançaram, olhando-a de soslaio. Elayne apenas fungava alto enquanto penava para rearrumar as duas grandes trouxas nas costas — ela *tinha* que levar tudo —, mas Birgitte caminhava apressada ao lado dela fingindo resmungar sozinha, ainda que em tom bastante audível, a respeito de mulheres que andavam aos pulos feito garotas carpanas saltando da encosta de um rio. Nynaeve ignorou as duas.

Os homens se espalharam, Galad à frente flanqueado por Thom e Juilin, os shienaranos em duas longas filas laterais, os olhos ressabiados inspecionando cada arbusto ressecado e cada vinco no solo. Andar em meio àqueles homens fazia Nynaeve se sentir uma tola — parecia até que eles esperavam que um exército brotasse do chão, deixando ela e as outras duas mulheres indefesas —, especialmente quando os shienaranos obedeceram em silêncio o comando de Uno e desembainharam as espadas. Ora, não havia um único ser humano à vista. Até as aldeias mais pobres pareciam abandonadas. A lâmina de Galad permanecia na bainha, mas Juilin passou a erguer o cajado, em vez de usá-lo como bengala, e facas apareciam e sumiam das mãos de Thom de modo que parecia até distraído. Até Birgitte encaixou uma flecha no arco. Nynaeve balançou a cabeça. Uma quadrilha teria que ser muito corajosa para surgir diante daquele grupo.

Então chegaram a Samara, e Nynaeve começou a desejar que tivesse aceitado a escolta de Petra, dos Chavanas e de qualquer outro que pudessem ter encontrado.

Os portões estavam abertos e desguardados, e seis colunas de fumaça escura erguiam-se acima das muralhas cinzentas. As ruas além dele jaziam desertas. Vidro estilhaçado de janelas quebradas se esmigalhava sob os pés. Aquele era o único som que se ouvia, não fosse por um zumbido distante, como se monstruosos enxames de vespas se espalhassem pela cidade. Mobílias e farrapos de roupas emporcalhavam as ruas de paralelepípedos, além de vasos, cerâmicas e objetos arrastados de lojas e de casas, e não dava para dizer se era obra de saqueadores ou do povo em fuga.

Não só as propriedades haviam sido destruídas. Em certo ponto,

um cadáver trajando um belo casaco de seda verde estava parcialmente caído por uma janela, flácido e imóvel. Em outro, um sujeito vestido com farrapos balançava, enforcado no beiral da loja de um funileiro. Às vezes, ao fundo de uma rua ou beco, ela avistava o que poderiam ter sido trouxas descartadas de roupas velhas. Mas sabia que não se tratava disso.

Na soleira de uma porta lascada que pendia por uma única dobradiça, pequenas chamas ainda lambiam uma escadaria de madeira, a fumaça apenas começando a esmorecer. A rua podia até estar vazia, mas a pessoa que fizera aquilo não estava muito longe. Com a cabeça girando, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, Nynaeve segurou firme a faca à sua cintura.

Vez ou outra, o zumbido raivoso ficava mais alto, um rugido gutural indecifrável cheio de fúria que parecia vir de não mais que uma rua de distância, e que às vezes se dissipava em um murmúrio grave. Porém, quando os problemas surgiram, foi de surpresa e silenciosamente. A massa de homens andava de maneira furtiva a duas esquinas dali, feito uma alcateia em caça, ocupando a rua de lado a lado no mais completo silêncio, salvo pelo tropel das botas. Quando viram Nynaeve e os demais, foi como se alguém arremessasse uma tocha em um palheiro. Não houve hesitação. Como uma só coisa, todos se lançaram à frente, uivantes e raivosos, agitando ancinhos e espadas, machados e porretes, qualquer objeto que pudesse ser empunhado como arma.

Ainda havia raiva suficiente em Nynaeve para que ela abraçasse *saidar*, o que fez sem nem pensar, antes até de avistar o brilho surgir em torno de Elayne. Havia mais de uma dezena de maneiras como poderia deter sozinha aquela quadrilha, e outras tantas como poderia destruí-la, se quisesse. Não fosse por Moghedien. Ela não soube dizer se o mesmo pensamento fez Elayne se conter. Nynaeve só sabia que se agarrava à raiva e à Fonte Verdadeira com igual fervor, e que era Moghedien, mais do que aquela turba investindo contra eles, que dificultava as coisas. Estava se agarrando aos dois, e sabia que não ousaria fazer nada. Não se houvesse alguma alternativa. Quase desejou ser capaz de cortar os fluxos que Elayne estava urdindo. Tinha de haver outra alternativa.

Um homem, um sujeito alto com um casaco vermelho esfarrapado que pertencera a outra pessoa, dado o bordado verde e dourado, vinha correndo à frente dos demais com suas pernas compridas, balançando um machado de madeira acima da cabeça. A flecha de Birgitte atravessou um de seus olhos. O homem caiu esparramado e foi pisoteado pelos outros, todos com o rosto contraído, gritando sem dizer coisa alguma. Nada iria refreá-los. Com um gemido que era metade ultraje, metade puro medo, Nynaeve soltou a faca da cintura

e, ao mesmo tempo, se preparou para canalizar.

Feito uma onda investindo contra pedregulhos, o ataque se estilhaçou no aço shienarano. Os homens de coque, não muito menos esfarrapados que aqueles contra os quais lutavam, manejavam as espadas com as duas mãos de maneira metódica, feito artesãos em seu ofício, e a ofensiva não ultrapassou a fileira estreita que eles formavam. Homens desabavam gritando pelo Profeta, mas outros mais passavam por cima, aos trancos e barrancos. Juilin, o tolo, estava naquela fileira, o chapéu cônico achatado empoleirado em sua cabeça, o cajado fino parecendo um borrão que desviava estocadas, quebrava braços e rachava crânios. Thom trabalhava atrás da fileira, mancando bastante enquanto se deslocava de um ponto ao outro para combater os poucos que conseguiam dar um jeito de passar. Só levava uma adaga em cada mão, mas até espadachins padeciam naquelas lâminas. O rosto envelhecido do menestrel estava carrancudo, mas, quando um sujeito corpulento trajando um colete de couro quase atingiu Elayne com seu ancinho, Thom soltou um rosnado tão feroz quanto o de qualquer um dos homens da quadrilha e praticamente decepou a cabeça do agressor ao lhe rasgar a garganta. Em meio a tudo aquilo, Birgitte movia-se com tranquilidade de um ponto a outro, cada uma de suas flechas acertando um olho.

No entanto, se o grupo deteve a quadrilha, foi Galad quem a dispersou. Ele encarou a investida como se aguardasse a próxima dança em um baile, os braços cruzados despreocupadamente, sem nem se dar ao trabalho de desembainhar a lâmina até a turba já tê-lo praticamente alcançado. Então de fato dançou, toda a sua graça transformada em morte fluida em um piscar de olhos. Não encarava os agressores. Simplesmente abria uma trilha da largura de sua espada através do coração da multidão. Algumas vezes, cinco ou seis homens o cercavam com espadas, machados e pernas de mesa transformadas em porretes, mas só durante o pouquíssimo tempo que levavam para morrer. No fim, toda a sua fúria, toda a sua sede de sangue, não eram páreo para Galad. Foi dele que os primeiros homens fugiram, largando as armas, e, quando todo o resto partiu, as pessoas se dividiam em torno dele. Quando a quadrilha começou a fugir por onde viera, Galad estava a vinte passadas de todos os demais, sozinho entre os mortos e as lamúrias dos que agonizavam.

Nynaeve sentiu um calafrio quando ele se curvou para limpar a lâmina no casaco de um dos cadáveres. Era gracioso até fazendo aquilo. Era bonito até fazendo aquilo. Achou que fosse vomitar.

Não tinha ideia de quanto tempo aquilo tudo levara. Alguns dos shienaranos estavam apoiados em suas espadas, ofegantes. E olhavam para Galad com uma boa dose de respeito. Curvado com uma das mãos no joelho, Thom tentava afastar Elayne com a outra enquanto

dizia à garota que só estava tentando recuperar o fôlego. Minutos, uma hora. Poderia ter sido qualquer um dos dois.

Desta vez, ao olhar para os homens feridos caídos aqui e ali, um deles rastejando para longe, ela não sentiu o menor desejo de Curar, nenhuma pena. Não muito longe havia um ancinho, onde alguém o arremessara. A cabeça decepada de um homem estava empalada em uma estaca, a de uma mulher, em outra. Tudo o que ela sentia era enjoo — e gratidão por não ter sido a sua cabeça. Isso, e frio.

— Obrigada — disse para ninguém em particular e para todos. — Muito obrigada. — As palavras a incomodaram um pouco, já que ela não gostava de confessar algo que não fora capaz de fazer por si própria, mas soaram fervorosas. Birgitte assentiu, e Nynaeve travou uma batalha interna. Mas a mulher fizera tanto quanto qualquer outro. Consideravelmente mais que ela própria. Nynaeve enfiou a faca de volta na bainha. — Você… atirou muito bem.

Com um sorriso irônico, como se soubesse exatamente quanto aquelas palavras haviam sido difíceis, Birgitte começou a recuperar as flechas. Nynaeve estremeceu e tentou não olhar.

A maioria dos shienaranos estava ferida, e tanto Thom quanto Juilin sangravam aqui e ali — miraculosamente, Galad estava intacto. Ou talvez não fosse bem um milagre, dada a maneira como ele manejava a espada, mas, machões até o último fio de cabelo, todos insistiram que as feridas não eram graves. Até Uno disse que precisavam seguir em frente, com um braço inerte e um corte em toda a lateral do rosto, cuja cicatriz praticamente imitaria a primeira, caso não fosse Curada logo.

Na verdade, Nynaeve não estava relutante em seguir, apesar de ficar repetindo para si mesma que deveria estar tratando os ferimentos. Elayne passou um braço pela cintura de Thom, oferecendo apoio, mas ele respondeu se recusando a se escorar nela e começando a recitar uma narrativa em Cântico Alto, tão cheia de floreios que era até difícil reconhecer a história de Kirukan, a bela rainha-guerreira das Guerras dos Trollocs.

— Ela tinha o gênio de um javali preso em uma roseira-brava, no melhor dos dias — comentou Birgitte, baixinho, para ninguém em particular. — Nada parecida com alguém que eu conheço.

Nynaeve rangeu os dentes. Nunca mais elogiaria a mulher, não importava o que ela fizesse. Parando para pensar, qualquer homem de Dois Rios poderia ter atirado tão bem quanto ela, daquela distância. Qualquer menino.

Estrondos os seguiam, rugidos distantes de outras ruas, e Nynaeve tinha a sensação de estar sendo observada de alguma das janelas vazias e quebradas. Mas a notícia devia ter se espalhado, ou os olhos que a seguiam haviam visto o que acontecera, porque ninguém mais

deu sinal de vida. Até que, de repente, mais de vinte Mantos-brancos surgiram na rua à frente, metade com os arcos em punho, o restante com as lâminas desembainhadas. Os shienaranos sacaram suas lâminas em um piscar de olhos.

Uma conversa rápida entre Galad e um sujeito de cabelo grisalho sob o chapéu cônico garantiram a passagem de todos, apesar de o homem ter encarado os shienaranos de um jeito condescendente, além de Thom e Juilin, e também Birgitte, por sinal. Foi o suficiente para deixar Nynaeve incomodada. Elayne podia até marchar ao lado dela com o queixo empinado, ignorando os Mantos-brancos como se fossem serviçais, mas Nynaeve não gostava de ser tratada com tanto descaso.

O rio não estava longe. Mais adiante, depois de alguns pequenos armazéns de pedra com teto de ardósia, estavam as três docas de pedra da cidade, que mal encostavam na água por cima da lama seca. Uma embarcação robusta com dois mastros repousava na extremidade de uma delas. Nynaeve não esperava ter problema para conseguir cabines separadas das outras mulheres. Torcia para que o navio não balançasse muito.

Uma pequena multidão estava agrupada a vinte passadas da doca sob os olhares atentos de quatro guardas com mantos brancos. Eram cerca de doze homens, a maioria velhos e todos esfarrapados e lanhados, e o dobro de mulheres, a maioria com duas ou três crianças agarrando-se a elas, algumas também com um bebê nos braços. Havia outros dois Mantos-brancos de pé no início da doca. As crianças escondiam os rostos nas saias das mães, mas os adultos lançavam olhares ansiosos para o navio. Aquela imagem apertou o coração de Nynaeve, que se lembrava dos mesmos olhares, em quantidade muito maior, em Tanchico. Pessoas desesperadas em busca de segurança. Ela não fora capaz de fazer nada por aquela gente.

Antes que pudesse fazer algo por estes, Galad já agarrara ela e Elayne pelo braço e as empurrara pela doca e depois por uma prancha de desembarque instável. Outros seis homens de rostos severos trajando mantos brancos e armaduras polidas estavam de pé no convés, onde observavam um grupo de homens descalços e, em sua maioria, com o peito nu, acocorados nas proas espaçosas e íngremes. Não soube dizer se o novo capitão aos pés da prancha olhava com mais amargura para os Mantos-brancos ou para o grupo tão contrastante que entrava em seu navio.

Agni Neres era um homem alto e magrelo vestindo um casaco escuro, dono de orelhas de abano e um rosto sério e afilado. Não ligava para o suor que lhe escorria pelas bochechas.

— Você pagou a passagem de duas mulheres. Suponho que queira que eu leve a outra mocinha e os homens de graça? — Birgitte fitou-o com uma expressão ameaçadora, mas o homem pareceu não ver.

— Você terá o dinheiro das passagens, meu bom capitão — disse-lhe Elayne, com a voz tranquila.

— Desde que o valor seja razoável — completou Nynaeve, ignorando o olhar penetrante de Elayne.

Os lábios de Neres se estreitaram, apesar de isso parecer quase impossível, e ele voltou a se dirigir a Galad:

— Então, se vocês retirarem seus homens do meu barco, eu navego. Gosto menos do que nunca de estar aqui à luz do dia.

— Assim que você embarcar seus *outros* passageiros — disse Nynaeve, indicando as pessoas agrupadas em terra.

Neres olhou para Galad, mas o homem se afastara para falar com os demais Mantos-brancos. Encarou o povo do lado de fora e falou para o ar acima da cabeça de Nynaeve, sem se dignar a encará-la:

— Qualquer pessoa que tenha como pagar. Não são muitos ali os que parecem poder. E eu não poderia levar todos, mesmo que tivessem dinheiro.

Nynaeve ficou na ponta dos pés para que o homem não pudesse ignorar seu sorriso. O queixo dele foi parar dentro da gola.

— Cada um deles, *Capitão*. Do contrário, eu mesma arranco as suas orelhas.

A boca do homem se abriu raivosamente. Então, de repente, seus olhos se arregalaram e fitaram um ponto além dela.

— Tudo bem — respondeu ele bem rápido. — Mas eu espero algum tipo de pagamento, não se esqueça. Só faço caridades no Dia Primeiro, e ele já passou faz tempo.

Nynaeve tornou a plantar os calcanhares no convés e olhou desconfiada por cima do ombro. Thom, Juilin e Uno estavam lá, observando ela e Neres de um jeito discreto. Tão discreto quanto possível com as feições de Uno e os rostos ensanguentados. Exageradamente discreto.

Bufando, ela prosseguiu:

— Quero ver todos eles a bordo antes de pegarem em qualquer corda — disse ela, e saiu em busca de Galad.

Achava que ele merecia alguns agradecimentos. O homem pensara que o que estava fazendo era o certo. Esse era o problema com os melhores homens. Eles sempre achavam que estavam fazendo o certo. Ainda assim, independentemente do que os três haviam feito, *tinham* evitado uma discussão.

Nynaeve encontrou-o com Elayne, aquele belo rosto tingido de frustração. Sua expressão se animou ao vê-la.

— Nynaeve, eu só paguei sua viagem até Boannda. Só é metade do caminho até Altara, onde o Boern deságua no Eldar, mas não tive como pagar mais. O Capitão Neres levou todas as moedas de cobre da minha bolsa e eu ainda precisei pegar emprestado. O sujeito cobra os

olhos da cara. Receio que de lá até Caemlyn vá ter que ser por sua conta. Eu realmente lamento.

— Você já fez o suficiente — afirmou Elayne, cujos olhos vagueavam em direção às nuvens de fumaça que se erguiam sobre Samara.

— Eu havia prometido — retrucou ele, com uma resignação já desgastada. Ficou claro que os dois haviam dito palavras parecidas antes de Nynaeve se aproximar.

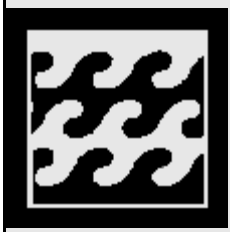
Nynaeve fez seus agradecimentos, que ele dispensou com toda a graça, mas olhando-a como se ela também não entendesse. O que ela estava mais do que pronta para admitir. Ele iniciara uma guerra para manter uma promessa, Elayne tinha razão sobre isso. Seria uma guerra, se já não fosse. Porém, mesmo seus homens tendo capturado o navio de Neres, ele não exigira um preço melhor. O navio era de Neres, e o homem podia cobrar quanto quisesse. Desde que levasse Elayne e Nynaeve. Era verdade: Galad nunca considerava o custo de agir certo, nem para si nem para qualquer outro.

Na prancha, ele parou e ficou olhando a cidade como se previsse o futuro.

— Fiquem longe de Rand al'Thor — recomendou, sombrio. — Ele traz a destruição. Ele vai romper o mundo de novo, antes disso acabar. Fiquem longe dele. — Então se afastou a passos firmes pela doca, já pedindo sua armadura.

Nynaeve se viu trocando um olhar de curiosidade com Elayne, embora logo tenha se transformado em embaraço. Era difícil dividir um momento cúmplice com alguém que podia lhe agredir com a língua. Pelo menos foi por isso que *ela* se sentiu constrangida. Não imaginava por que Elayne se preocuparia, a menos que estivesse começando a recuperar o juízo. Claro que Galad não suspeitava que elas não tinham intenção de ir até Caemlyn. Claro que não. Homens nunca tinham esse nível de percepção. Ela e Elayne passaram um bom tempo sem voltar a se entreolhar.

49



Para Boannda

Não tiveram grandes problemas para embarcar o grupo de homens, mulheres e crianças. Em momento algum Nynaeve precisou esclarecer para o Capitão Neres que ele *iria* arrumar lugar para todos, e, a despeito de quanto *ele* achasse que fosse cobrar, *ela* sabia *exatamente* quanto pagaria pelas passagens daquela gente até Boannda. Claro que talvez tivesse ajudado um pouco quando pediu discretamente a Uno para mandar os shienaranos fazerem alguma coisa com suas espadas. Quinze homens de rostos duros e trajes grosseiros, todos com coques nas cabeças raspadas, sem falar nas manchas de sangue, lubrificavam e afiavam lâminas, e gargalhavam quando um deles se lembrava de como o outro quase havia tido o corpo atravessado por um espeto, feito um carneiro — bem, o efeito que eles surtiam foi bastante promissor. Nynaeve contou o dinheiro na mão do homem, e, se aquilo lhe doía, bastava recorrer à memória daquelas docas de Tanchico para continuar contando. Neres tinha razão em um aspecto: aquela gente não parecia ter muitas moedas. Eles precisariam de todo e qualquer tostão que tivessem. Elayne não tinha o direito de perguntar, naquele tom de voz enjoativamente doce, se Nynaeve estava com dor de dente.

A tripulação correu sob gritos de comando de Neres para zarparem enquanto as últimas pessoas ainda embarcavam aos trancos e barrancos, carregando seus pertences miseráveis — aqueles que ainda tinham algo além dos farrapos que vestiam. Na verdade, eles lotaram até mesmo aquela embarcação robusta, de modo que Nynaeve começou a se perguntar se Neres também estivera certo a esse respeito. Porém, tamanha era a esperança que brotava em seus rostos assim que firmavam os pés no convés, que ela ficou envergonhada por pensar naquilo. E, quando descobriram que ela pagara suas passagens, todos se amontoaram em torno dela e lutaram para lhe beijar as mãos ou a barra da saia, gritando agradecimentos e bênçãos, alguns com lágrimas escorrendo pelas bochechas sujas, tanto homens quanto mulheres. Nynaeve desejou afundar entre as pranchas sob seus pés.

Os conveses fervilhavam quando os remos entraram em ação e as

velas foram içadas, e Samara começou a sumir antes que ela pudesse pôr fim naquele coro de agradecimentos. Se Elayne e Birgitte tivessem dito uma só palavra, teria lhes dado um peteleco que as faria rodar o navio duas vezes.

Cinco dias haviam se passado desde que embarcaram no *Serpente do Rio*, cinco dias descendo as lentas curvas do Eldar sob um sol de assar e noites não muito mais frescas. Nesse ínterim, algumas coisas mudaram para melhor, mas a viagem não começou bem.

O primeiro problema da jornada foi a cabine de Neres na popa, a única acomodação no navio, tirando o convés. Não que o capitão estivesse relutante em se mudar. A pressa do homem — calças, casacos e camisas jogadas nos ombros e balançando de um enorme chumaço que trazia nos braços, a caneca de barbear em uma das mãos, a lâmina na outra — fez Nynaeve olhar feio para Thom, Juilin e Uno. Uma coisa era usá-los quando decidisse, e outra bem diferente era eles *tomarem conta* dela sem ela saber. Seus rostos não poderiam estar mais neutros, ou seus olhos, mais inocentes. Elayne resolveu citar mais um dos ditados de Lini:

— Uma saca aberta não esconde nada, e uma porta aberta esconde muito pouco, mas um homem de expressão aberta com certeza está escondendo alguma coisa.

No entanto, qualquer que fosse o problema que os homens pudessem se tornar, a questão agora era a própria cabine. O local cheirava a mosto e mofo mesmo com as minúsculas janelinhas abertas, que deixavam pouca luz penetrar os cantos úmidos. “Cantos” era a palavra. A cabine era pequena, menor que o carroção, e a maior parte do espaço era ocupada por uma mesa pesada, uma cadeira de encosto alto presa ao chão e pela escada que levava ao convés. Um lavatório construído junto à parede, com um cântaro encardido, uma tigela e um espelho estreito empoeirado atulhavam ainda mais o aposento e complementavam a mobília, exceto por algumas prateleiras vazias e cabides para pendurar roupas. As vigas do teto eram baixas, na altura de suas cabeças. E só havia uma cama, mais larga do que onde vinham dormindo, mas não larga o bastante para as duas. Alto como era, Neres parecia estar morando em uma caixa. O homem com certeza não abrira mão de uma única polegada que pudesse ser entupida de carga.

— Ele chegou a Samara à noite — resmungou Elayne, aliviando-se do peso das trouxas e pondo as mãos na cintura ao olhar em volta com ar insatisfeito —, e queria ir embora à noite. Escutei quando ele falou para um de seus homens que pretendia passar a noite navegando, independentemente da… vontade das… *mocinhas*. Parece que viajar à luz do dia não é muito do gosto dele.

Pensando nos cotovelos e nos pés frios da outra mulher, Nynaeve

se perguntou se não ficaria melhor dormindo lá em cima com os refugiados.

— Do que você está falando?

— O sujeito é contrabandista, Nynaeve.

— Com *este* navio? — Nynaeve largou as trouxas, deixou a algibeira em cima da mesa e se sentou na beirada da cama.

Não, não ia dormir no convés. A cabine podia até feder, mas poderiam arejá-la, e, se a cama era apertada, ao menos tinha um colchão grosso de penas. O navio balançava, *sim*, e de um jeito incômodo. Era melhor usufruir de todo conforto possível. Elayne não tinha como *expulsá-la* dali.

— Está mais para um *barril*. Vamos ter sorte se chegarmos a Boannda em *duas* semanas. Só a Luz sabe quanto tempo mais até Salidar. — Nenhuma delas sabia de fato quão longe era Salidar, e ainda não era hora de tocar no assunto com o Capitão Neres.

— Tudo se encaixa. Até o nome. *Serpente do Rio*. Que comerciante honesto daria esse nome ao seu barco?

— Bem, e se ele for? Não seria a primeira vez que tiraríamos proveito de um contrabandista.

Elayne ergueu as mãos, exasperada. Sempre pensava que obedecer a lei era importante, independentemente de quão tola fosse tal lei. Tinha mais em comum com Galad do que gostaria de admitir. Quer dizer que Neres as chamara de mocinhas?

A segunda dificuldade foi encontrar lugar para os demais. O *Serpente do Rio* não era uma embarcação muito grande, nem larga, e, contando todos, havia bem mais que cem pessoas a bordo. Um espaço precisava ser ocupado pela tripulação trabalhando com os remos e cuidando dos cordames e das velas, e isso não deixava muito chão para os passageiros. Não ajudava nada o fato de os refugiados se manterem o mais longe possível dos shienaranos. Parecia que já tinham estourado sua cota de homens armados. Mal havia espaço para todos se sentarem, e não havia como se deitar.

Nynaeve abordou Neres logo de cara.

— Esta gente precisa de mais espaço. Especialmente as mulheres e as crianças. Como você não tem mais cabines, vamos ter que usar o porão.

O rosto de Neres ficou sombrio. Com o olhar fixo em frente, a cerca de uma passada à esquerda dela, o homem grunhiu:

— Meu porão está cheio de cargas valiosas. Cargas muito valiosas.

— Será que os ficais reais patrulham este trecho do Eldar? — ponderou Elayne, em tom despreocupado, encarando as margens arborizadas dos dois lados. O rio só tinha algumas centenas de passadas de largura naquele trecho, bordejado por uma lama negra e

seca e um barro amarelo. — Ghealdan de um lado, Amadícia do outro. Pode parecer estranho um porão cheio de produtos do sul e você indo para o sul. Claro que é provável que você tenha todos os documentos mostrando onde pagou os impostos. E você poderia explicar que não descarregou por causa dos problemas em Samara. Ouvi falar que os fiscais são mesmo bem compreensivos.

Com os cantos da boca curvados para baixo, o homem continuou sem olhar para nenhuma das duas.

E foi por esse motivo que o sujeito pôde ver direitinho quando Thom abanou as mãos vazias, fez um floreio e, de repente, rodopiou um par de facas entre os dedos antes de fazer uma delas desaparecer.

— Só estou praticando — comentou o menestrel, alisando o bigode comprido com a outra lâmina. — Gosto de manter afiadas algumas de minhas… habilidades.

O corte no couro cabeludo branco e o sangue fresco no rosto, somados a uma ferida manchada de sangue em um dos ombros do casaco e a rasgões por todas as outras partes, faziam-no parecer muito vilanesco, menos quando comparado a Uno. O sorriso cheio de dentes do shienarano não tinha nenhum humor e dava uma imagem infeliz à longa cicatriz e ao novo corte que lhe descia pelo rosto, vermelho e cru. Comparado a isso, o feroz olho carmesim do tapa-olho quase empalidecia.

Neres fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

As portinholas se abriram, e caixotes e barricas foram jogados no rio, alguns pesados, a maioria leve e cheirando a especiarias. Neres se encolhia toda vez que a água do rio encobria algo. O homem se animou — se é que se podia dizer algo do tipo a respeito dele — quando Nynaeve ordenou que rolos de seda, tapetes e fardos de belas peças de lã fossem deixados ali embaixo. Até ele perceber que a intenção era que tudo aquilo fosse feito de cama. Se seu rosto estivera amargo antes, àquela altura poderia ter coalhado um balde de leite no cômodo ao lado. Durante todo o processo, Neres não deu um pio. Quando mulheres começaram a içar baldes de água com cordas para lavar seus filhos ali mesmo, no convés, o homem caminhou apressado até a popa, os punhos cerrados às costas, e se pôs a encarar os últimos caixotes, ainda flutuando, que iam ficando para trás.

De certa forma, foi a atitude peculiar de Neres com relação a mulheres que começou a atenuar o veneno da língua ácida de Elayne e de Birgitte. Pelo menos foi como Nynaeve enxergou. Ela própria mantivera sua serenidade habitual, claro. Neres não gostava de mulheres. A tripulação falava rápido quando precisava conversar com qualquer mulher, e sempre o fazia dando olhadelas na direção do capitão até poderem voltar apressados a seus afazeres. Um sujeito que parecesse à toa por um instante logo ouvia um rugido de Neres

mandando-o cumprir alguma tarefa, caso esse sujeito trocasse duas palavras com qualquer pessoa que usasse saias. Os comentários apressados e as advertências murmuradas tornavam as opiniões de Neres perfeitamente claras.

Mulheres representavam altos gastos para um homem, engalfinhavam-se feito gatos de rua e causavam problemas. Toda e qualquer agrura que um homem enfrentasse era culpa, de um jeito ou de outro, de uma mulher. Neres esperava que metade delas estivesse rolando no convés, aos tapas, antes do primeiro pôr do sol. Todas flertariam com sua tripulação e provocariam discussões, isso quando não causassem brigas. Se pudesse ter expulsado para sempre todas as mulheres de seu navio, talvez ficasse feliz. Se pudesse tê-las tirado da sua vida, teria ficado em êxtase.

Nynaeve jamais encontrara um tipo assim. Claro, já ouvira homens resmungarem sobre mulheres e dinheiro, como se eles não gastassem moedas por aí feito água — homens não tinham cabeça para dinheiro, eram piores até que Elayne —, e já os ouvira até atribuir vários problemas às mulheres, normalmente quando eles próprios eram os culpados. Mas Nynaeve era incapaz de se lembrar de *algum dia* ter conhecido um homem que de fato *não gostasse* de mulheres. Foi uma surpresa descobrir que Neres tinha uma esposa e uma horda de filhos em Ebou Dar, mas não surpreendeu nada saber que ele só ficava em casa por tempo suficiente para realizar um novo carregamento. O homem não queria nem *falar* com mulheres. Era simplesmente estarrecedor. Às vezes, Nynaeve se pegava olhando para ele de soslaio, da forma como o faria para algum animal exótico. Bem mais estranho que um *s'redit* ou qualquer outra coisa do conjunto itinerante de Luca.

Naturalmente, não havia como Elayne ou Birgitte descarregarem sua raiva perto dos ouvidos dele. O revirar de olhos e o modo como Thom e os demais se entreolhavam já era ruim o bastante. Eles ao menos faziam algum esforço para disfarçar. A satisfação explícita de Neres de ter suas ideias ridículas confirmadas — ele certamente tiraria essa conclusão — teria sido insuportável. O homem as deixava sem escolha que não fosse engolir a própria acidez e sorrir.

Já Nynaeve teria adorado dar uma palavrinha com Thom, Uno e Juilin, longe dos olhos de Neres. Eles estavam voltando a esquecer seus lugares, esquecer que deveriam obedecê-la. Os resultados não importavam; eles deveriam esperar. E, por alguma razão, os homens passaram a atormentar Neres com comentários morbidamente animados sobre rachar cabeças e cortar gargantas. Porém, o único lugar em que Neres não botava o pé era na cabine. Nenhum deles era um homem tão grande, embora Thom *fosse* alto e Uno, relativamente largo, mas, amontoados ali, ficariam perto demais por conta do espaço

minúsculo e a olhariam muito de cima. Isso não ajudaria em nada o esporro que pretendia dar neles. Dê a um homem a chance de se agigantar e ele teria metade da batalha ganha. Então Nynaeve tratou de fazer uma cara agradável, ignorou as expressões assustadas de Thom e Juilin, os olhares incrédulos de Uno e Ragan, e tirou proveito do bom humor superficial que as outras mulheres haviam sido forçadas a adotar.

Conseguiu continuar sorrindo mesmo ao se dar conta do porquê de as velas estarem tão infladas e das margens ondulantes do rio passarem tão rápido naquela tarde, tão velozes quanto um cavalo em pleno trote. Neres ordenara que os remos fossem recolhidos e armazenados ao longo dos corrimãos. Parecia quase feliz. Quase. Uma ribanceira baixa de barro corria por toda a margem de Amadícia. No lado de Ghealdan havia uma tira larga de juncos entre rios e árvores, em sua maioria marrons, onde a água recuara. Samara ficava a apenas algumas horas rio acima.

— Você canalizou — disse Nynaeve para Elayne, entre dentes. Ela enxugou o suor do rosto com o dorso da mão e resistiu ao ímpeto de espirrá-lo no convés, que balançava suavemente. Os outros passageiros haviam recuado algumas passadas para longe delas duas e de Birgitte, mas, ainda assim, Nynaeve manteve a voz baixa e o mais afável que pôde. Seu estômago parecia se remexer quase tão rápido quanto o barco avançava, o que não ajudava a melhorar seu humor. — Este vento é obra sua. — Ela esperava que houvesse funcho-vermelho suficiente na algibeira.

A julgar pelo semblante tranquilo e pelos olhos amendoados de Elayne, leite e mel deviam ter jorrado de sua boca quando disse:

— Você está parecendo uma lebre assustada. Controle-se. Samara está *milhas* atrás de nós. Ninguém sentiria nada com toda essa distância. Ela teria que estar aqui no navio para saber. Eu fui bem rápida.

Nynaeve achou que seu rosto poderia rachar caso sustentasse o sorriso por mais tempo, mas, com o canto do olho, via Neres examinando os passageiros e balançando a cabeça. Com a raiva que sentia naquele momento, também via o resíduo já quase dissipado da tessitura da outra mulher. Interferir no clima era como rolar uma pedra ladeira abaixo: a coisa tendia a continuar do modo como começara. Quando acabava saindo do prumo, como aconteceria mais cedo ou mais tarde, era preciso consertar. Moghedien talvez sentisse uma tessitura daquele tamanho se estivesse em Samara, mas com certeza não bem o suficiente para localizá-la. A própria Nynaeve era páreo para Moghedien em força bruta e, se não era forte o bastante para fazer algo, parecia seguro afirmar que a Abandonada também não era. E Nynaeve queria, sim, viajar o mais rápido possível. Naquele

momento, ficar confinada naquele cubículo com as outras duas um dia a mais que o necessário a atraía tanto quanto dividir a cabine com Neres. Nesse sentido, um dia extra na água não era nada para se ansiar. Como um navio conseguia se deslocar daquela maneira em um rio que parecia tão plácido?

Manter o sorriso estava começando a deixar seus lábios doloridos.

— Você deveria ter perguntado, Elayne. Você sempre sai fazendo as coisas sem perguntar, sem pensar. Já passou da hora de se dar conta de que, se você cair em um buraco por ter saído correndo às cegas, sua velha babá não vai aparecer para pegá-la no colo e lavar seu rosto. — À última palavra, os olhos de Elayne estavam tão arregalados quanto uma xícara de chá, e os dentes à mostra pareciam prontos para tentar uma mordida.

Birgitte as conteve com as mãos, inclinando-se para a frente e sorrindo tanto que parecia envolta até o pescoço em alegria.

— Se vocês não pararem com isso, vou enfiar a cabeça das duas no rio para dar uma esfriada. Vocês estão se comportando feito garçonetes de Shago com vasca hibernal!

Rostos suados congelados com expressões simpáticas, as três saíram caminhando em direções diferentes, se afastando uma da outra para o mais longe que o navio permitia. Quase ao pôr do sol, Nynaeve ouviu Ragan dizer que ela e as demais deviam estar bastante aliviadas por deixarem Samara, pela forma como praticamente gargalhavam uma no ombro da outra, e os outros homens pareciam concordar, mas o restante das mulheres a bordo as observava com rostos demasiado inexpressivos. *Elas* identificavam problemas de cara.

Pouco a pouco, no entanto, aquele problema acabou se dissipando. Nynaeve não tinha certeza de como. Talvez os semblantes agradáveis que Elayne e Birgitte passaram a estampar tenham contaminado as duas, mesmo a contragosto. Talvez o ridículo de tudo aquilo, de tentar manter um sorriso amigável no rosto enquanto trocavam palavras amargas, tenha ficado mais e mais evidente. O que quer que fosse, ela não podia reclamar das consequências. Devagarinho, dia a dia, as palavras e os tons de voz começaram a condizer com os sorrisos, e, vez ou outra, uma delas parecia até constrangida ao se lembrar de como andara se comportando. Ninguém pensou em pedir desculpas, claro, o que Nynaeve entendia bem. Se estivesse sendo tão tola e perversa quanto as duas, certamente não iria querer lembrar ninguém disso.

As crianças também tiveram seu papel na restauração do equilíbrio de Elayne e Birgitte, embora esse processo tenha começado quando Nynaeve tratou das feridas dos homens naquela primeira manhã, no rio. Ela buscou sua algibeira cheia de ervas e preparou emplastros e unguentos e fez curativos em cortes. Essas feridas a

deixavam com raiva suficiente para Curar — doenças e machucados sempre despertavam sua raiva —, e ela fez isso em alguns dos piores casos, apesar de ter precisado tomar cuidado. Machucados desaparecendo desencadeariam conversas, e só a Luz sabia o que Neres faria se pensasse que havia uma Aes Sedai a bordo. Era muito provável que mandasse um homem em um bote a Amadícia na calada da noite para tentar fazê-las serem presas. Na verdade, a notícia poderia ter feito alguns refugiados se jogarem no rio.

No caso de Uno, por exemplo, ela esfregou um pouco de óleo de raiz-marda no ombro ferido, pincelou um bocadinho de pomada de cura-tudo no corte fresco que descia pelo rosto — não havia por que gastar muito em nenhum dos dois casos — e enfaixou a cabeça até ele mal conseguia mexer a mandíbula, tudo isso antes de Curá-lo. Quando o homem arquejou e se debateu, ela disse, com rispidez:

— Não se comporte como um bebê. Eu nunca pensei que uma dorzinha de nada fosse incomodar um homem tão grande e forte. Agora trate de não mexer em nada disso. Se encostar um dedo nelas nos próximos três dias, vou lhe dar uma dose de algo que você não vai esquecer tão cedo.

O homem aquiesceu devagar, encarando-a com tanta confusão que ficou claro que não sabia o que ela tinha feito. Se ele percebesse, quando enfim retirasse as bandagens, com sorte ninguém mais se lembraria exatamente de quão feio era o corte, e Uno deveria ter juízo suficiente para manter a boca fechada.

Depois que Nynaeve começou, foi natural continuar e tratar o restante dos passageiros. Poucos refugiados não apresentavam arranhões e machucados, e algumas das crianças demonstravam sinais de febre ou vermes. Essas, ela podia Curar sem preocupações. Crianças sempre faziam um estardalhaço quando tomavam doses de qualquer coisa que não tivesse gosto de mel. Se contassem para as mães que tinham sentido coisas estranhas, era porque crianças tinham imaginação fértil.

Nynaeve nunca se sentira muito confortável com crianças. Verdade, queria ser mãe dos filhos de Lan. Parte dela queria. Crianças conseguiam fazer bagunça a partir de nada. Pareciam ter o hábito de fazer o contrário do ordenado assim que se virava as costas, só para verem como os adultos reagiriam. Contudo, ela se viu acariciando o cabelo escuro de um garoto que não passava de sua cintura e que lhe encarava feito uma coruja com reluzentes olhos azuis. Eram muito parecidos com os olhos de Lan.

De início, Elayne e Birgitte se juntaram a ela só para ajudar a manter a ordem, mas, de um jeito ou de outro, também acabaram sendo atraídas para junto das crianças. Estranhamente, Birgitte não parecia nem um pouco desajeitada com um garoto de três ou quatro

anos agarrado de cada lado da cintura e uma roda de crianças lhe cercando enquanto cantava alguma música boba sobre animais dançantes. E Elayne distribuía o conteúdo de um saco, balas doces vermelhas. Só a Luz sabia onde conseguira aquilo, e por quê. Não demonstrou a menor culpa quando Nynaeve a flagrou colocando uma delas na boca. Apenas sorriu, puxou com delicadeza o dedo de uma garotinha de dentro da boca e o substituiu por outra bala. As crianças riam como se estivessem reaprendendo a fazer aquilo, e se aconchegavam com tanta facilidade nas saias de Nynaeve, Elayne ou Birgitte quanto nas das mães. Era muito difícil manter qualquer mau humor naquelas circunstâncias. Nynaeve foi incapaz de se obrigar a fazer mais que bufar, e discretamente, quando, no segundo dia, Elayne retomou seu estudo do *a'dam* na privacidade da cabine. A mulher parecia mais convencida do que nunca de que o bracelete, o colar e a correia criavam uma forma estranha de união. Nynaeve chegou até a sentar uma ou duas vezes com ela. A mera visão daquele objeto vil era o bastante para deixá-la em condições de abraçar *saidar* e acompanhar o estudo.

As histórias dos refugiados vieram à tona, claro. Famílias separadas, perdidas ou mortas. Fazendas, lojas e ofícios arruinados conforme as ondas de problemas do mundo se espalharam, comprometendo o comércio. As pessoas não tinham como comprar quando não podiam vender. O Profeta fora apenas o último tijolo que fez o eixo da carroça se partir. Nynaeve não falou nada quando viu Elayne entregar um marco de ouro para um sujeito de cabelo grisalho que esfregou a testa enrugada e tentou beijar sua mão. Ela logo aprenderia como o ouro sumia rápido. Além do mais, a própria Nynaeve também ofertara algumas moedas. Bem, talvez mais que só algumas.

Todos os homens, exceto dois, eram grisalhos ou quase calvos, com rostos coriáceos e mãos cheias de calos do trabalho. Os mais jovens que não haviam sido arregimentados pelo Profeta foram incorporados ao exército. Os que recusaram a uma ou outra coisa tinham sido enforcados. A dupla mais jovem — pouco mais que garotos, na verdade, e Nynaeve duvidava que algum deles já se barbeasse com regularidade — tinha expressões assustadas, e ambos se encolhiam se um dos shienaranos olhasse para eles. Às vezes, os homens mais velhos falavam sobre recomeçar, encontrar um pedaço de terra para arar ou retomar seus comércios, mas o tom de suas vozes indicava que se tratava mais de blefes e bravatas do que de esperanças reais. Na maior parte do tempo, conversavam calmamente sobre suas famílias: uma esposa perdida, filhos e filhas perdidos, netos perdidos. Todos pareciam perdidos. Na segunda noite, um sujeito com orelha de abano que parecera o mais entusiasmado em meio a um grupo triste

simplesmente desapareceu. Quando o sol surgiu, o homem havia sumido. Podia ter nadado até a margem. Nynaeve esperava que sim.

Foram as mulheres, porém, que conquistaram seu coração. Não tinham mais perspectivas que os homens, nem mais certezas, mas a maioria carregava fardos maiores. Nenhuma estava acompanhada do marido ou mesmo sabia se ele ainda estava vivo, mas as responsabilidades que lhes pesavam nos ombros também as fazia seguir em frente. Nenhuma mãe determinada era capaz de desistir. No entanto, até as que não tinham filhos pretendiam ir em busca de um futuro. Todas tinham pelo menos uma nesga da esperança que os homens apenas fingiam ter. Três delas mexeram especialmente com Nynaeve.

Nicola tinha mais ou menos sua idade e altura; era uma tecelã esbelta de cabelo escuro, olhos grandes e que pretendia se casar. Até que seu Hyran metera na cabeça que o dever de seguir o Profeta, seguir o Dragão Renascido, o chamava. Casaria-se com ela assim que cumprisse seu dever. O dever era algo muito importante para Hyran. Ele teria sido um marido e um pai bom e correto, dizia Nicola. Só que a ideia na cabeça dele não adiantou muito quando alguém a partiu ao meio com um machado. Nicola não sabia quem nem por quê, só que precisava ficar o mais longe possível do Profeta. Em algum lugar por aí tinha que existir um local onde não havia matanças, onde não estaria sempre com medo do que poderia haver na próxima esquina.

Marigan, alguns anos mais velha, já fora rechonchuda, mas o vestido marrom puído estava folgado, e seu rosto embotado parecia exausto. Os dois filhos, de seis e sete anos, encaravam o mundo em silêncio com olhos enormes. Agarrados um ao outro, davam a impressão de estar apavorados com tudo e com todos, até com a própria mãe. Marigan trabalhara com curas e ervas em Samara, apesar de ter ideias esquisitas sobre ambas as coisas. Não era de se surpreender, na verdade. Uma mulher que oferecia Curas com Amadícia e Mantos-brancos logo do outro lado do rio precisava ser discreta, e, desde o princípio, ela tivera que aprender tudo sozinha. Tudo o que Marigan sempre quis fazer foi Curar doenças, e afirmava tê-lo feito bem, embora não tivesse sido capaz de salvar o marido. Os cinco anos desde a morte dele haviam sido difíceis, e a chegada do Profeta decerto não a ajudara nem um pouco. Quadrilhas que caçavam Aes Sedai obrigaram-na a se esconder depois que ela Curara a febre de um homem e os boatos começaram a dizer que ela o ressuscitara. Isso dava a mostra de quão pouco a maioria das pessoas sabia a respeito das Aes Sedai, já que morte estava além do poder de Cura. Até Marigan parecia pensar o oposto. Assim como Nicola, a mulher não sabia para onde estava indo. Uma aldeia em algum lugar, ela esperava, onde pudesse voltar a administrar suas ervas em paz.

Areina era a mais jovem das três, dona de olhos azuis confiantes em um rosto com machucados roxos e amarelos que claramente não vinha de Ghealdan. Suas roupas, ao menos, deixavam isso bem claro: um casaco curto escuro e calças volumosas não muito diferentes das de Birgitte. Eram tudo o que ela possuía. Ela não contava exatamente de onde era, mas estava aberta a falar sobre os caminhos que a tinham levado ao *Serpente do Rio*. Pelo menos em parte. Nynaeve precisou deduzir alguns pontos. Areina tinha ido a Illian com a intenção de trazer o irmão mais novo para casa antes que ele fizesse o juramento para se tornar um Caçador da Trombeta. Com milhares de pessoas na cidade, entretanto, ela não chegara a encontrá-lo, mas, de alguma forma, acabou ela mesma fazendo o juramento, tomando a decisão de sair para ver o mundo mesmo sem acreditar que a Trombeta de Valere de fato existia, em parte na esperança de que, em algum lugar, encontraria o jovem Gwil e o levaria de volta para casa. As coisas tinham ficado… difíceis… desde então. Areina não relutava muito em conversar, mas fazia um enorme esforço para melhorar as situações… A mulher fora expulsa de diversas aldeias, roubada em uma ocasião e agredida em várias outras. Ainda assim, não tinha a intenção de desistir, de procurar refúgio ou uma aldeia pacífica. O mundo ainda existia, e Areina pretendia encará-lo de frente. Não que ela colocasse as coisas dessa maneira, mas Nynaeve sabia que era isso que ela queria dizer.

Nynaeve também sabia muito bem por que aquelas três foram as que mais a emocionaram: cada uma das histórias poderia ser o reflexo de um fio da própria vida. O que ela não entendia direito era por que gostava mais de Areina. Analisando uma coisa e outra, Nynaeve achava que quase todos os problemas da mulher advinham da língua solta; ela dizia às pessoas exatamente o que pensava. Não podia ser coincidência ela ter sido expulsa de uma aldeia tão rápido que tivera de deixar o cavalo para trás, logo depois de ter chamado o prefeito de maluco com cara de idiota e dito para algumas aldeãs que faxineiras esqueléticas não tinham o direito de questionar por que ela estava viajando sozinha. E isso era só o que ela admitia ter dito. Nynaeve achava que passar alguns dias tendo-a como exemplo seria ótimo para Areina aprender a se controlar. E tinha de haver alguma coisa que pudesse fazer pelas outras duas também. Nynaeve entendia muito bem aqueles que desejavam paz e segurança.

Na manhã do segundo dia, enquanto os temperamentos ainda estavam mansos e as línguas — algumas! — ainda estavam ásperas, houve uma conversa estranha. Nynaeve fez um comentário bastante ameno sobre Elayne não estar no palácio da mãe e não pensar que Nynaeve dormiria todas as noites espremida contra a parede. Elayne empinou o queixo, mas, antes que pudesse abrir a boca, Birgitte se

intrometeu:

— Você é a Filha-herdeira de Andor? — Ela mal olhou para os lados para se certificar de que não havia ninguém perto o bastante para ouvir.

— Sou. — Elayne soou mais respeitável do que Nynaeve se recordava de ter ouvido em um bom tempo, mas havia um quê de… satisfação?

Com o rosto completamente inexpressivo, Birgitte apenas se afastou e subiu até a proa, onde se sentou em um rolo de corda e ficou olhando o rio à frente. Elayne franziu a testa e, por fim, foi se sentar ao lado. As duas ficaram conversando tranquilamente por um bom tempo. Nynaeve não teria se juntado a elas nem que tivessem lhe *pedido*! Fosse qual fosse a discussão, Elayne pareceu um pouco chateada, como se tivesse esperado um resultado diferente, mas, depois daquilo, as duas nunca mais se trataram com grosseria.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Birgitte retomou seu nome verdadeiro, embora tenha sido em um último arroubo de mau humor. Com Moghedien seguramente para trás, ela e Elayne lavaram o cabelo e tiraram a cor preta com folha-saco, e Neres, ao ver uma com cachos acobreados na altura do ombro e a outra com o cabelo dourado em uma intricada trança e portando um arco e uma aljava, soltou um resmungo ácido sobre "Birgitte, diretamente daquelas histórias idiotas". Para azar dele, ela escutou. Aquele *era* o nome dela, disse-lhe Birgitte, em tom áspero, e, se ele não gostasse, ela o flecharia pelas orelhas no mastro que ele escolhesse. Vendada. O homem saiu andando às pressas com o rosto enrubescido e gritando para que seus homens apertassem cordas que, se fossem mais apertadas, acabariam arrebentando.

Àquela altura, Nynaeve não teria se importado se Birgitte de fato cumprisse a ameaça. A folha-saco podia até ter deixado um leve aspecto avermelhado em seu cabelo, mas estava perto o bastante da cor natural para deixá-la quase gritando de alegria. A menos que todos a bordo fossem acometidos de gengivite e dor de dente, ainda tinha folha-saco sobrando. E funcho-vermelho suficiente para manter seu estômago quieto. Nynaeve não conteve um suspiro de satisfação quando seu cabelo secou e foi adequadamente trançado de novo.

Claro que, com Elayne canalizando bons ventos e Neres navegando dia e noite, as fazendas e aldeias com seus telhados de palha passavam rápido pelas margens; pessoas acenavam durante o dia e viam janelas acesas à noite, sem sinal dos tumultos rio acima. Mesmo larga como era aquela embarcação de péssimo nome, seu desempenho navegando pelo rio era bom.

Neres parecia dividido entre o prazer de sua sorte com ventos tão bons e a preocupação por se deslocar à luz do dia. Mais de uma vez,

olhou saudoso para um fim-de-mundo qualquer, um regato coberto de árvores ou um lago que avançava bem para dentro da margem, onde o *Serpente do Rio* poderia ser ancorado e escondido. Vez ou outra, posicionada de modo que ele pudesse ouvir, Nynaeve fazia observações sobre como o homem devia estar feliz porque as pessoas de Samara em pouco tempo não estariam mais em seu navio, acrescentando um ou outro comentário a respeito de como essa ou aquela mulher estava ótima depois de descansar ou sobre quão cheios de vida eram seus filhos. Foi o bastante para lhe tirar imediatamente da cabeça qualquer ideia de fazer uma parada. Teria sido mais fácil ameaçá-lo com os shienaranos ou com Thom e Juilin, mas aqueles sujeitos já estavam ficando convencidos demais. E Nynaeve com certeza não pretendia discutir com um homem que não a olhava nem falava com ela.

O amanhecer cinzento do terceiro dia encontrou a tripulação operando os remos para levá-los até uma doca em Boannda. Tratava-se de uma cidade de tamanho considerável, maior que Samara, em uma ponta de terra onde o ligeiro rio Boern, que descia de Jehannah, desaguava no Eldar, mais lento. Havia inclusive três torres dentro das altas muralhas cinzentas, e um edifício branco reluzindo sob um telhado vermelho que decerto poderia se passar por um palácio, ainda que pequeno. Quando o *Serpente do Rio* foi bem atado às pesadas estacas na extremidade de uma das docas — estacas que estavam enterradas até a metade em lama seca —, Nynaeve se perguntou em alto e bom som por que Neres havia se dado ao trabalho de ir até Samara quando poderia ter descarregado seus produtos ali.

Elayne apontou com a cabeça para um homem robusto que estava na doca, usando uma corrente com algum tipo de sinete pendurado na altura do peito. Havia vários outros como ele, todos com a corrente e um casaco azul, observando com atenção dois outros navios bem grandes descarregarem nas demais docas.

— Fiscais coletores da rainha Alliandre, eu diria. — Tamborilando os dedos na amurada, Neres *não* estava olhando para os homens com a mesma atenção com que eles observavam as outras embarcações. — Talvez tivesse algum acerto com o pessoal de Samara. Acho que ele não quer papo com esses aí.

Ignorados pelos fiscais coletores, os homens e mulheres de Samara marcharam relutantes pela prancha. Pessoas não passavam por procedimentos alfandegários. Para os samaranos, era o início das incertezas. Tinham a vida pela frente, e, para começar de novo, possuíam apenas o local onde estavam e o que Nynaeve e Elayne lhes dera. Antes que todos tivessem chegado na metade da doca, ainda andando em grupo, algumas das mulheres já começavam a parecer tão desanimadas quanto os homens. Alguns até começaram a chorar. O

rosto de Elayne era pura preocupação. Sua vontade sempre era cuidar de todos. Nynaeve torceu para que Elayne não descobrisse que ela doara mais algumas moedas de prata para uma ou outra mulher.

Nem todos abandonaram o navio. Areina ficou, assim como Nicola e Marigan, que segurava firme seus filhos, cujos olhos fitavam em um silêncio ansioso as outras crianças que desapareciam em direção à cidade. Desde Samara, os dois garotos não haviam dito uma só palavra que Nynaeve tivesse ouvido.

— Quero ir com você — disse Nicola a Nynaeve, torcendo as mãos inconscientemente. — Me sinto segura perto de você.

Marigan aquiesceu, enfática. Areina não disse nada, mas se aproximou das outras duas, fazendo questão de se incluir no grupo mesmo enquanto lançava um olhar neutro a Nynaeve, desafiando-a a mandá-la embora.

Thom balançou a cabeça de leve, e Juilin fez uma careta, mas foi para Elayne e Birgitte que Nynaeve olhou. Elayne não hesitou em aquiescer, e a outra foi apenas um segundo mais lenta. Nynaeve recolheu as saias e marchou até Neres, de pé na popa.

— Suponho que agora vou ter meu navio de volta — disse ele, para algum ponto vazio entre a embarcação e a doca. — Já não era sem tempo. Esta viagem tem sido a pior que eu já fiz.

Nynaeve abriu um enorme sorriso. Desta vez, ele olhou, sim, para ela antes que terminasse de falar. Bem, quase olhou.

Não que Neres tivesse muita escolha. Não dava para apelar para as autoridades de Boannda. E, se não gostasse dos preços que ela oferecia, bem, ainda assim teria que navegar rio abaixo. Então, o *Serpente do Rio* voltou a zarpar rumo a Ebou Dar com uma parada pela frente, da qual ele só seria informado quando Boannda começasse a ficar para trás.

— Salidar! — grunhiu ele, olhando fixamente por sobre a cabeça de Nynaeve. — Salidar está abandonada desde a Guerra dos Mantos-brancos. Só uma tola iria querer desembarcar lá.

Mesmo sorrindo, Nynaeve estava com raiva suficiente para abraçar a Fonte. Neres soltou um rugido e deu um tapinha no pescoço e na cintura ao mesmo tempo.

— As mutucas são terríveis nesta época do ano — comentou Nynaeve, simpática. Birgitte caiu na gargalhada antes que estivessem na metade do convés.

De pé na proa, Nynaeve respirou fundo quando Elayne canalizou para aumentar a força do vento e fazer o *Serpente do Rio* se deslocar em meio à forte corrente que fluía do Boern. Estava quase comendo funcho-vermelho no lugar das refeições, mas, mesmo que acabasse com o estoque antes de Salidar, não se importaria. A jornada estava quase chegando ao fim. Nesse sentido, tudo o que enfrentara valera a

pena. Claro que nem sempre pensara assim, e as línguas irritantes de Elayne e Birgitte não haviam sido a única causa.

Naquela primeira noite, deitada só de camisola na cama do capitão enquanto Elayne, aos bocejos, ocupava a cadeira e Birgitte se reclinava contra a porta com a cabeça raspando nas vigas, Nynaeve usara o anel com a pedra retorcida. Uma única lamparina presa a um suporte enferrujado fornecia luz e, surpreendentemente, um cheiro de especiarias advinha do óleo. Talvez Neres também não gostasse do fedor de mosto e mofo. Se Nynaeve aninhava o anel entre os seios de maneira ostensiva — assegurando às demais que ele encostava na pele —, bem, tinha razão para tal. Algumas horas com as duas sendo um pouco mais razoáveis não a tornara menos cautelosa.

O Coração da Pedra estava exatamente como estivera em todas as ocasiões anteriores, uma luz pálida vindo de todos os lados e de lugar nenhum, a reluzente espada de cristal, *Callandor*, fincada nas pedras do calçamento abaixo da grande cúpula, imensas colunas de pedra vermelha polida enfileirando-se até as sombras. E aquela sensação de estar sendo observada, tão comum em *Tel'aran'rhiod*. Nynaeve se controlou para não fugir nem iniciar uma busca frenética por entre as colunas. Se obrigou a parar ao lado de *Callandor* e ficou contando devagar até mil, fazendo uma pausa de cem em cem para chamar por Egwene.

Aquilo era tudo o que podia fazer. O controle que tanto a orgulhava desaparecera. Suas roupas se alternavam conforme pensava em Moghedien, Egwene, Rand e Lan. De minuto em minuto, lãs grossas de Dois Rios se transformavam em um manto abafado com capuz profundo, que virava um conjunto de armaduras de Manto-branco, que se tornava o vestido de seda vermelha — só que transparente! —, que se transformava em um manto ainda mais grosso, que virava… Ela achava que o rosto também estava mudando. Assim que viu as próprias mãos, cuja pele estava mais escura que a de Juilin... Talvez Moghedien não pudesse reconhecê-la.

— Egwene! — O último chamado rouco ecoou entre as colunas, e Nynaeve se obrigou a ficar ali, tremendo, por mais uma contagem até cem. Exceto por sua presença, a grande câmara permanecia vazia. Desejando sentir mais arrependimento que afobação, ela saiu do sonho…

… e se viu deitada tocando o anel de pedra na correia, fitando as espessas vigas acima da cama e escutando os milhares de rangidos do navio seguindo em disparada rio acima em meio à escuridão.

— Ela estava lá? — indagou Elayne. — Você não passou muito tempo dormindo, mas…

— Estou cansada de sentir medo — interrompeu Nynaeve, sem tirar os olhos das vigas. — Estou t-tão cansada de ser uma c-covarde.

— As últimas palavras se dissolveram em lágrimas que ela não conseguiu nem refrear nem esconder, independentemente de quanto tenha esfregado os olhos.

Em um instante, Elayne estava a seu lado, abraçando-a e alisando seu cabelo, e, no momento seguinte, Birgitte pressionava um pano umedecido com água fria em sua nuca. Nynaeve chorou enquanto as ouvia dizer que ela não era covarde.

— Se achasse que Moghedien estava me caçando — afirmou Birgitte, por fim —, eu fugiria. Se não houvesse nenhum outro esconderijo além da toca de um texugo, eu me retorceria toda, viraria uma bola e só pararia de suar quando ela fosse embora. Eu também não ficaria na frente de um dos *s'redit* de Cerandin se ele estivesse vindo na minha direção, e nada disso é covardia. Você precisa escolher o momento e o local, e investir contra aquela mulher quando ela menos esperar. Se algum dia eu tiver oportunidade, vou me vingar dela, mas só se for nessas condições. Em qualquer outra circunstância, seria tolice.

Estava longe de ser o quer Nynaeve queria ouvir, mas suas lágrimas e o conforto das duas abriram outra fenda nas sebes espinhentas que haviam crescido entre elas.

— Vou provar que você não é covarde. — Tirando a caixa de madeira escura da prateleira onde a colocara, Elayne pegou o disco de ferro com gravações espiraladas. — Vamos voltar lá juntas.

Aquilo, Nynaeve queria ouvir menos ainda. Mas não havia como evitar, não depois que as duas tinham lhe dito que ela não era covarde. Assim, lá foi ela de novo com Elayne.

Para a Pedra de Tear, onde ficaram encarando *Callandor* — melhor do que ficar olhando por cima do ombro se perguntando se Moghedien iria aparecer —, então para o Palácio Real de Caemlyn, com Elayne à frente, e, a seguir, sob a liderança de Nynaeve, para Campo de Emond. Nynaeve já vira palácios antes, com suas imensas muralhas, grandes tetos pintados e pisos de mármore, suas douraduras, belos tapetes e tapeçarias elaboradas, mas era ali que Elayne havia crescido. Vê-la sabendo disso a fez entender um pouco sobre Elayne. Claro que a mulher esperava que o mundo se curvasse a ela. Crescera sendo ensinada que seria assim, e em um lugar onde era assim.

Elayne, uma imagem pálida de si mesma por conta do *ter'angreal* que estava usando, ficou estranhamente quieta durante o tempo em que estiveram ali. No entanto, Nynaeve, por sua vez, ficou quieta em Campo de Emond. Para começar, a aldeia estava maior do que ela recordava, com mais casas com telhado de palha e outras estruturas de madeira sendo erguidas. Alguém estava construindo uma casa *bem* grande logo na entrada da aldeia, três andares enormes e um plinto de

pedra de cinco passadas de altura coberto de nomes entalhados fora erigido no Campo. Reconheceu boa parte deles. Em sua maioria, eram nomes de Dois Rios. Havia um mastro de bandeira de cada lado do plinto, um encimado por um estandarte com uma cabeça de lobo vermelha, o outro com uma águia vermelha. Tudo parecia próspero e feliz — até onde ela intuía, sem ninguém por lá —, mas não fazia sentido. Que raios eram aqueles estandartes? E quem estaria construindo uma casa como aquela?

Em um piscar de olhos, estavam na Torre Branca, no gabinete de Elaida. Ali, nada mudara, exceto por só meia dúzia de bancos ainda permanecerem no semicírculo à frente da escrivaninha. E do tríptico de Bonwhin, que sumira. A pintura de Rand continuava lá, com um rasgo grosseiramente remendado na tela ao longo do rosto dele, como se alguém tivesse arremessado algo na obra.

Elas folhearam os papéis da caixa laqueada e entalhada com os falcões dourados, e também os da mesa da Curadora, na antessala. Os documentos e cartas mudavam enquanto elas liam, mas, ainda assim, deu para descobrirem algumas informações. Elaida sabia que Rand cruzara a Muralha do Dragão e chegara a Cairhien, mas, quanto ao que ela pretendia fazer a respeito, não havia nenhuma pista. Uma exigência furiosa para que todas as Aes Sedai voltassem à Torre de imediato, a menos que tivessem ordens específicas da própria Elaida para fazerem o contrário. Elaida parecia estar com raiva de muita coisa: de que tão poucas irmãs tivessem retornado após sua oferta de anistia, de que a maior parte dos espiões de Tarabon permanecessem em silêncio, de que Pedron Niall ainda estivesse convocando os Mantos-brancos a retornar para Amadícia sem que ela soubesse por quê, de que Davram Bashere ainda não tivesse sido encontrado, apesar de ter um exército consigo. Havia fúria em todos os documentos com seu selo. Nenhum aparentava ser realmente útil ou interessante, exceção feita, talvez, ao dos Mantos-brancos. Não que elas devessem ter alguma dificuldade quanto a isso, enquanto estivessem no *Serpente do Rio*.

Quando retornaram a seus corpos no navio, Elayne se manteve em silêncio ao se levantar da cadeira e recolocar o disco na caixa. Sem pensar, Nynaeve se pôs de pé para ajudá-la a tirar o vestido. Birgitte subiu a escada aos trancos e barrancos quando as duas, trajando suas camisolas, foram juntas para a cama. Pretendia dormir bem no alto da escada, afirmou.

Elayne canalizou para apagar a lamparina. Após um tempo deitada no escuro, disse:

— O palácio parecia tão… vazio, Nynaeve. Dava uma sensação de vazio tão grande.

Nynaeve não sabia que outra opção poderia haver para qualquer

lugar em *Tel'aran'rhiod*.

— Foi o *ter'angreal* que você usou. Você me pareceu meio desbotada.

— Bem, eu achei que estava ótima. — Porém, havia só um quê de aspereza na voz de Elayne, e as duas se acomodaram para dormir.

Nynaeve se lembrava muito bem dos cotovelos de Elayne, mas nem eles foram capazes de diminuir seu bom humor, assim como a reclamação da garota de que *ela* tinha pés gelados. Nynaeve conseguira. Talvez se esquecer de que estava com medo não fosse o mesmo que não senti-lo, mas pelo menos voltara ao Mundo dos Sonhos. Talvez, algum dia, fosse capaz de não sentir mais medo.

Tendo começado, era mais fácil seguir do que parar. Em todas as noites a partir daquela, entraram juntas em *Tel'aran'rhiod*, sempre fazendo uma visita à Torre para ver o que conseguiam descobrir. Não havia muita coisa além de uma ordem enviando um emissário a Salidar para convidar as Aes Sedai de lá para retornar à Torre. Exceto pelo fato de que o convite — o tanto que Nynaeve leu antes de ele se transformar em um relatório sobre uma triagem de noviças com potencial de atitude adequada, fosse qual fosse o significado disso — era mais uma exigência de que aquelas Aes Sedai se submetessem imediatamente a Elaida e agradecessem por terem permissão para isso. Todavia, foi a confirmação de que as duas não estavam perseguindo uma lebre selvagem. O problema com o restante dos fragmentos que viam era que elas não sabiam o suficiente para encaixar as peças. Quem era esse tal Davram Bashere e por que Elaida estava tão ansiosa para encontrá-lo? Por que Elaida proibira a todos de mencionar o nome de Mazrim Taim, o Falso Dragão, sob a ameaça de punições severas? Por que tanto a Rainha Tenobia de Saldaea quanto o Rei Easar de Shienar haviam escrito cartas educadas, mas claramente ressentidas pela intromissão da Torre em seus assuntos? Tudo aquilo fez Elayne murmurar um dos ditados de Lini: "Para conhecer dois, é preciso primeiro conhecer um." Nynaeve não pôde discordar.

Além das viagens ao gabinete de Elaida, elas treinavam controle, tanto de si mesmas quanto das coisas ao redor, no Mundo dos Sonhos. Nynaeve não pretendia ser flagrada de novo por Egwene e pelas Sábias. Quanto a Moghedien, tentava nem pensar nela. Era bem melhor se concentrar nas Sábias.

Sobre o truque de Egwene, de aparecer nos sonhos delas, como acontecera em Samara, não conseguiram decifrar nada. Chamá-la só fazia aumentar aquela sensação desconfortável de estarem sendo observadas, e a mulher não fez outra aparição daquele tipo. Tentar manter outra pessoa em *Tel'aran'rhiod* era incrivelmente frustrante, mesmo após Elayne ter pego o macete, que era ver o outro apenas

como mais uma parte do sonho. Ela finalmente conseguiu — e Nynaeve parabenizou-a com o máximo de graça possível, já que ainda demorou alguns dias para repetir o feito. Elayne tinha aquela aparência nebulosa nos sonhos, e até parecia mesmo feita de névoa, desaparecendo com um sorriso sempre que desejava. Quando Nynaeve, por fim, conseguiu prendê-la ali, o esforço era o mesmo de carregar um pedregulho.

Criar formas ou flores fantásticas só de pensar nelas era bem mais divertido. O esforço envolvido parecia estar relacionado tanto ao tamanho do objeto quanto com se ele poderia de fato existir. Árvores cobertas de flores vermelhas, douradas e púrpuras em formatos malucos eram mais difíceis de se fazer do que um espelho para examinar as modificações do vestido. Um reluzente palácio de cristal brotando do chão era ainda mais difícil, e, ainda que parecesse sólido ao toque, transformava-se sempre que a imagem dentro da mente vacilava, e acabava desaparecendo assim que a imagem sumisse. Chegaram a um acordo silencioso sobre deixar animais de lado, depois que um ser bem peculiar — parecido com um cavalo, mas com um chifre no focinho! — perseguiu-as até o alto de uma colina antes que as duas conseguissem fazê-lo desaparecer. Aquilo chegou perto de desencadear uma nova discussão, com uma afirmando que a outra o havia criado, mas então Elayne recuperou o suficiente de sua personalidade e começou a rir sobre a imagem das duas correndo à toda colina acima com as saias levantadas e gritando para aquela coisa ir embora. Nem a teimosa recusa de Elayne de admitir que a culpa fora dela conseguiu evitar que Nynaeve começasse a rir também.

Elayne se alternava entre o disco de ferro e a placa que parecia de âmbar com o entalhe de uma mulher adormecida, mas de fato não gostava de usar nenhum dos dois *ter'angreal*. Mesmo que usasse ambos com afinco, não se sentia tão dentro de *Tel'aran'rhiod* quanto com o anel. E os dois realmente exigiam esforço. Não era possível amarrar o fluxo de Espírito, o que causava saída imediata do Mundo dos Sonhos. Canalizar qualquer outra coisa ao mesmo tempo parecia quase impossível, ainda que Elayne não soubesse por quê. Ela parecia mais interessada em como os objetos haviam sido confeccionados, e não ficava nem um pouco contente por eles não revelarem seus segredos com tanta facilidade quanto os *a'dam*. Não entender o porquê era uma pedra em seu sapato.

Certa vez, Nynaeve experimentou um dos dois, por coincidência na noite em que elas iam se encontrar com Egwene, a noite após deixarem Boannda. Não estaria com raiva suficiente, não fosse por aquilo que a irritava com mais frequência: homens.

Neres começara, caminhando pesadamente pelo convés quando o sol começou a baixar, resmungando sozinho a respeito de ter tido sua

carga *roubada*. Ela o ignorou, claro. Depois foi Thom, que, armando sua cama aos pés do mastro, disse baixinho:

— Ele não deixa de ter razão.

Obviamente, ele não a vira ali perto, na luz fraca do pôr do sol, assim como Juilin, agachado ao lado dele, também não.

— Ele é contrabandista, mas de fato pagou por aqueles produtos. Nynaeve não tinha o direito de tomá-los.

— Os direitos de uma mulher são os que a maldita diz que tem. — Uno gargalhou. — Pelo menos é isso que dizem as mulheres de Shienar.

Foi só então que eles a viram e ficaram em silêncio, um ato prudente, mas atrasado, como de costume. Uno esfregou a bochecha, a que não tinha cicatriz. Removera as bandagens naquele mesmo dia e, àquela altura, já sabia o que havia sido feito. Nynaeve achou que ele parecia envergonhado. Era difícil afirmar isso naquelas sombras que se modificavam tão depressa, mas os outros dois tinham expressões neutras.

Ela não respondeu, claro, apenas se afastou batendo os pés, agarrando a trança com firmeza. Até desceu a escada batendo os pés. Elayne já estava com o disco de ferro na mão. A caixa de madeira escura repousava aberta na mesa. Nynaeve apanhou a placa amarelada com a mulher adormecida entalhada no interior. Era escorregadia e macia, nada que arranharia metal. Com uma ponta de raiva ardendo, *saidar* era um brilho tépido quase imperceptível em seus ombros.

— Talvez eu consiga descobrir alguma coisa sobre por que este troço só deixa canalizar aos pinguinhos.

E foi assim que ela se viu no Coração da Pedra, canalizando um fluxo de Espírito para a placa, que, em *Tel'aran'rhiod*, estava enfiada em sua bolsinha da cintura. Como fazia sempre no Mundo dos Sonhos, Elayne trajava um vestido adequado para a corte da mãe, uma seda verde bordada com ouro em volta da gola, além de um colar e braceletes de ouro e pedras-da-lua, mas Nynaeve se surpreendeu ao descobrir que ela própria vestia algo parecido, embora seu cabelo estivesse com uma trança — e na cor natural —, em vez de solto. O vestido era azul-claro e prateado, e, se não era tão decotado quanto os de Luca, ainda era mais do que achava que escolheria. Contudo, gostou do modo como a gota de fogo solitária em seu cordão de prata reluzia entre seus seios. Egwene não acharia tão fácil intimidar uma mulher vestida daquela forma. Não que aquilo tivesse algo a ver com o motivo de ter se trajado assim, ainda que inconscientemente.

Ela logo percebeu o que Elayne quisera dizer com se achar ótima. Para si mesma, Nynaeve não parecia diferente da outra mulher, que tinha o anel de pedra retorcida enredado no colar. Elayne, no entanto,

disse que ela parecia… enevoada. A sensação de *saidar* também estava enevoada, a não ser pelo fluxo de Espírito que ela começara a tecer ainda acordada. O resto era débil, e até o calor contínuo da Fonte Verdadeira parecia emudecido. Sua raiva continuava intensa o suficiente apenas para que canalizasse. Se sua irritação com os homens desaparecera diante da confusão, a confusão passara a irritá-la. Preparar-se para confrontar Egwene não tinha nada a ver com aquilo. Ela não estava se preparando, e não havia razão para o gosto distante de samambaia-felina fervida e de folha-sábia em pó em sua língua! Porém, produzir uma única chama dançando em pleno ar, uma das primeiras coisas que se ensinava a uma noviça, parecia tão difícil quanto carregar Lan nas costas. A chama parecia tênue mesmo para ela, e, assim que Nynaeve amarrou a tessitura, começou a se dissipar. Segundos depois, não existia mais.

— As duas? — indagou Amys. Ela e Egwene tinham acabado de aparecer do outro lado de *Callandor*, ambas com saias, blusas e xales Aiel. Egwene, ao menos, não se enfeitara com tantos colares e braceletes. — Por que está tão estranha, Nynaeve? Aprendeu a vir caminhando?

Nynaeve levou um susto. Odiava quando as pessoas chegavam de mansinho.

— Egwene, como você… — começou ela, alisando as saias, ao mesmo tempo em que Elayne disse:

— Egwene, não entendemos como você…

Egwene as interrompeu.

— Rand e os Aiel obtiveram uma grande vitória em Cairhien. — As palavras vieram em uma torrente, tudo o que ela lhes contara nos sonhos, de Sammael à ponta de lança Seanchan. Cada palavra praticamente atropelava a seguinte, e Egwene dizia tudo com um olhar determinado.

Nynaeve e Elayne se entreolhara, confusas. Ela *com certeza* já lhes contara aquilo. Não podiam ter imaginado, não com cada palavra agora confirmada. Até Amys, o longo cabelo branco enfatizando ainda mais a idade indefinida de seu rosto, diferente de uma Aes Sedai, olhava impressionada para aquele dilúvio.

— *Mat* matou Couladin? — exclamou Nynaeve, em dado momento. Aquilo não fora mencionado nos sonhos com Egwene. Aquilo não parecia do feitio de Mat. Liderando soldados? *Mat*?

Quando Egwene finalmente se aquietou, mexendo no xale e com a respiração acelerada, já que mal parara para respirar durante o processo, Elayne disse baixinho:

— Ele está bem? — Soou como se estivesse começando a duvidar das próprias lembranças.

— Tão bem quanto se poderia esperar — respondeu Amys. — Ele

exige demais de si mesmo e não dá ouvidos a ninguém. Só a Moiraine. — Amys não parecia contente.

— Aviendha fica com ele a maior parte do tempo — completou Egwene. — Está cuidando bem dele para você.

Nynaeve duvidava. Não sabia muito sobre os Aiel, mas suspeitava que, se Amys dizia "demais", qualquer outra pessoa diria "de maneira fatal".

Elayne pareceu concordar.

— Então por que ela está deixando que ele exija tanto de si? O que ele está fazendo?

Bastante coisa, ao que parecia, e além da conta. Duas horas por dia treinando a espada com Lan ou qualquer outra pessoa que encontrasse. Aquilo fez a boca de Amys se estreitar de amargura. Mais duas estudando o modo Aiel de lutar sem armas. Egwene podia considerar isso estranho, mas Nynaeve sabia bem como era ficar indefeso quando não se conseguia canalizar. Rand, no entanto, com certeza nunca se veria nessa situação. Tornara-se um rei, ou algo maior, cercado por guardas *Far Dareis Mai* e dando ordens a lordes e ladies. Na verdade, passava tanto tempo lhes dando ordens e perseguindo-os para se certificar de que estavam sendo cumpridas que não desperdiçaria tempo com refeições se as Donzelas não lhe levassem comida onde quer que ele estivesse. Por algum motivo, enquanto aquilo parecia irritar Egwene quase tanto quanto irritava Elayne, Amys estava se divertindo, embora seu rosto tenha retomado a dureza Aiel assim que ela se deu conta de que Nynaeve percebera. Outra hora de cada dia era concedida a uma estranha escola que ele fundara e que convidava não só estudiosos, como artesãos, desde um sujeito que fazia lunetas a uma mulher que construíra um tipo de besta imensa com polias capazes de atirar uma lança a uma milha de distância. Rand não contara a ninguém qual era seu propósito com aquilo, exceto talvez a Moiraine, mas a única resposta que a Aes Sedai dera a Egwene foi que o ímpeto de deixar algum legado era forte em todos. Moiraine não parecia se importar com o que Rand fazia.

— Os Shaido que sobraram estão recuando para o norte — informou Amys, seca —, e outros mais atravessam a Muralha do Dragão para se juntar a eles todos os dias, mas Rand al'Thor parece ter se esquecido disso. Está mandando as lanças para o sul, em direção a Tear. Metade já foi. Rhuarc diz que ele nem explicou o motivo para os chefes, e acho que Rhuarc não mentiria para mim. Tirando talvez Aviendha, Moiraine é quem fica mais perto de Rand al'Thor, mas, ainda assim, ela se recusa a fazer perguntas a ele. — Balançando a cabeça, ela resmungou: — Mas, em defesa dela, posso dizer que nem Aviendha descobriu alguma coisa.

— A melhor maneira de guardar um segredo é não contá-lo a

ninguém — respondeu Elayne, o que rendeu a ela um olhar sério. Amys não ficava muito longe de Bair quando o assunto era olhares que deixavam qualquer um inquieto.

— Não vamos chegar a uma conclusão aqui — disse Nynaeve, fixando o olhar em Egwene, que parecia incomodada. Se havia um bom momento para começar a consertar o equilíbrio entre as duas, era melhor que fosse aquele. — O que eu quero saber…

— Você tem razão — cortou Egwene. — Não estamos no gabinete de Sheriam, onde podemos ficar à toa fofocando. O que vocês têm para nos dizer? Ainda estão com o conjunto itinerante de Mestre Luca?

Nynaeve prendeu a respiração, as perguntas lhe escapando da mente. Havia tanto o que contar. E tanto a não contar. Ela contou como tinha seguido Lanfear até a reunião com os Abandonados, e só falou de ter visto Moghedien espionando. Não que estivesse evitando contar como Moghedien a tratara — não muito, não exatamente —, mas Birgitte não liberara as duas da promessa de guardar segredo. Claro que aquilo significava não dizer nada a respeito de Birgitte, que a mulher estava com elas. Era estranho, já que Egwene sabia que Birgitte as estava ajudando, e ainda tinham que fingir que Egwene não sabia *de nada*. Mas Nynaeve conseguiu, apesar de gaguejar toda vez que Egwene arqueava as sobrancelhas. Graças à Luz, Elayne ajudou-a a contar de Samara como sendo culpa de Galad e Masema. O que, de fato, era verdade. Se qualquer um dos dois tivesse simplesmente lhe contado sobre o navio, nada do que se seguiu teria acontecido.

Quando ela terminou — mencionando Salidar —, Amys perguntou, com a voz calma:

— Você tem certeza de que elas vão apoiar o *Car'a'carn*?

— Elas devem conhecer as Profecias do Dragão tão bem quanto Elaida — respondeu Elayne. — A melhor maneira de se oporem a ela é se unirem a Rand e deixarem claro para o mundo inteiro que *elas* pretendem apoiá-lo até o fim, até Tarmon Gai'don. — Não havia o menor sinal em sua voz que indicasse que não estava falando de um completo estranho. — Do contrário, elas não passam de rebeldes, sem nenhuma pretensão de legitimidade. Elas precisam dele, no mínimo, tanto quanto ele precisa delas.

Amys fez que sim, mas não parecia concordar totalmente.

— Acho que me lembro de Masema — afirmou Egwene. — Olhos encovados e rabugento? — Nynaeve aquiesceu. — Não consigo vê-lo como Profeta, mas posso imaginá-lo incitando um motim ou uma guerra, sim. Tenho certeza de que Galad só fez o que achava que era o melhor. — As bochechas de Egwene ficaram levemente coradas. Até a mera lembrança do rosto de Galad era capaz daquilo. — Rand vai querer saber a respeito de Masema. E de Salidar. Se eu conseguir fazê-

lo ficar parado o suficiente para ouvir.

— Quero saber como é possível vocês duas estarem aqui — disse Amys. Ela escutou a explicação e examinou a placa na mão quando Nynaeve a entregou. Outra pessoa tocando o *ter'angreal* enquanto ela o usava lhe causou arrepios. — Acho que você está menos aqui que Elayne — opinou a Sábia, por fim. — Quando uma andarilha entra no Mundo dos Sonhos no sono, só um pedacinho bem pequeno dela permanece no corpo, apenas o bastante para mantê-la viva. Se ela dorme um sono leve, onde pode estar aqui e também conversar com alguém no mundo desperto, fica com a aparência igual a sua para alguém que está aqui por inteiro. Talvez seja a mesma coisa. Não sei se gosto de que qualquer mulher que saiba canalizar entre em *Tel'aran'rhiod*, mesmo neste estado. — Ela devolveu o *ter'angreal* para Nynaeve.

Deixando escapar um suspiro de alívio, Nynaeve se apressou em guardar a placa. Seu estômago ainda estava embrulhado.

— Se já disseram tudo… — Amys fez uma pausa enquanto Nynaeve e Elayne confirmavam às pressas que aquilo era o fim. Os olhos azuis da mulher eram incrivelmente penetrantes. — Então temos que ir. Admito que há mais vantagens nestes encontros do que eu supus inicialmente, mas ainda tenho muito o que fazer hoje à noite. — Ela lançou um olhar para Egwene, e as duas desapareceram juntas.

Nynaeve e Elayne não hesitaram. Em torno delas, em um piscar de olhos, as grandes colunas de pedra vermelha se transformaram em uma salinha de paredes escuras e pouca mobília, toda simples e robusta. A raiva de Nynaeve estivera vacilante, e, com isso, sua retenção de *saidar*, mas o gabinete da Mestra das Noviças firmou as duas coisas. Insolente e teimosa! Esperava que Sheriam estivesse em Salidar. Seria um prazer encará-la de igual para igual. Contudo, queria estar em outro lugar. Elayne se olhava no espelho de moldura dourada e tocava o cabelo, distraída, arrumando-o. Não que ela precisasse usar as mãos para isso, ali. Ela também não gostava de estar naquele aposento. Por que Egwene sugerira reunir-se ali? O gabinete de Elaida podia até não ser o local mais confortável, mas era melhor que aquilo.

No momento seguinte, Egwene apareceu do outro lado da ampla mesa, os olhos gélidos e as mãos na cintura como se aquele cômodo pertencesse a ela.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, Egwene começou:

— Suas tagarelas desmioladas, vocês por acaso viraram duas burras sem juízo? Se eu peço para alguma coisa ficar só entre vocês, vocês saem contando imediatamente para a primeira pessoa que veem pela frente? Nunca pararam para pensar que não precisam dizer tudo para todo mundo? Pensei que fossem boas em guardar segredos. — As bochechas de Nynaeve foram esquentando. Pelo menos não havia

como estar tão vermelha quanto Elayne. Egwene ainda não tinha acabado: — Quanto a como eu fiz aquilo, não posso ensinar. Vocês precisam ser Andarilhas dos Sonhos. Se conseguem tocar os sonhos de alguém usando o anel, não sei como. E duvido que consigam com aquele outro troço. Tentem se concentrar no que estão fazendo. Talvez Salidar não seja nada do que vocês estão esperando. Agora, também tenho outras coisas para fazer hoje à noite. Pelo menos *tentem* ser espertas! — E ela desapareceu tão de repente que a última palavra quase pareceu ecoar do ar vazio.

A vergonha corroeu a raiva de Nynaeve. Ela tinha quase explodido com o pedido de Egwene. E Birgitte: como podia guardar segredo quando a outra mulher *sabia*? A vergonha venceu, e *saidar* lhe escapou pelos dedos feito areia.

Nynaeve acordou com um susto, agarrando o *ter'angreal* amarelo com firmeza em uma das mãos. A lamparina presa ao suporte diminuíra para uma luz bem fraca. Elayne estava deitada perto dela, ainda dormindo. O anel, na correia, deslizara para a cavidade da garganta.

Resmungando sozinha, Nynaeve passou por cima da amiga para guardar a placa e derramou um pouco de água no lavatório para lavar o rosto e o pescoço. A água estava morna, mas pareceu fria. Naquela luz sombria, achou que o espelho mostrava que ainda estava enrubescida. Bela tentativa de consertar o equilíbrio! Se ao menos tivessem se encontrado em outro local… Se ao menos não tivesse dado com a língua nos dentes feito uma garotinha desmiolada… Teria sido melhor se estivesse usando o anel, em vez de parecer uma assombração aos olhos de Egwene. Era tudo culpa de Thom e Juilin. E de Uno. Se eles não a tivessem deixado com raiva… Não, a culpa era de Neres. Ele… Nynaeve pegou o jarro com as duas mãos e lavou a boca. Era só do gosto do sono que estava tentando se livrar. Não de samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó. Não mesmo.

Quando se virou do lavatório, Elayne estava se sentando e desatando o cordão de couro que prendia o anel.

— Vi você perdendo *saidar*, então dei uma passada no gabinete de Elaida, mas achei que não devia demorar porque você podia ficar preocupada. Não descobri nada, só que Shemerin vai ser detida e rebaixada a Aceita. — Ela se levantou e enfiou o anel na caixa.

— Elas podem fazer isso? Rebaixar uma Aes Sedai?

— Não sei. Acho que Elaida está fazendo o que bem entende. Egwene não deveria usar aquelas roupas Aiel. Não são muito elegantes.

Nynaeve deixou escapar o ar que estava prendendo. Era óbvio que Elayne queria ignorar o que Egwene dissera. Nynaeve estava a disposta a permitir.

— Não, com certeza não são. — Ela subiu na cama e se encolheu contra a parede. As duas se revezavam dormindo na metade externa.

— Eu nem tive a chance de mandar um recado para Rand. — Elayne subiu em seguida, e a lamparina se apagou. As janelinhas só deixavam entrar uma nesga de luar. — E um para Aviendha. Se ela está cuidando dele para mim, então precisa cuidar mesmo.

— Rand não é um cavalo, Elayne. Você não é dona dele.

— Eu nunca disse que era. Como você se sentiria se Lan se interessasse por alguma cairhiena?

— Não seja boba. Vá dormir. — Nynaeve enfiou a cara no travesseirinho. Talvez devesse ter mandado uma mensagem para Lan. Todas aquelas nobres, tanto tairenas quanto cairhienas… Dizendo palavras melosas para um homem, em vez da verdade. Era melhor ele não esquecer a quem pertencia.

Abaixo de Boannda, as matas eram densas nos dois lados do rio, emaranhados intactos de árvores e videiras. Não viam mais aldeias ou fazendas. O Eldar podia muito bem estar correndo por áreas ermas a mil milhas de distância de presença humana. No início da tarde, cinco dias após a partida de Samara, o *Serpente do Rio* ancorou no meio de uma curva do rio, enquanto o único bote do navio transportava os passageiros remanescentes para uma praia de lama seca e rachada, bordejada por colinas baixas e arborizadas. Até os salgueiros imensos e os carvalhos com raízes profundas exibiam algumas folhas marrons.

— Não havia necessidade alguma de dar aquele colar para o homem — disse Nynaeve na margem, observando a aproximação do bote a remo carregado com quatro remadores, Juilin e os últimos cinco shienaranos. Esperava não ter sido ingênua. Neres lhe mostrara seu mapa daquele trecho do rio e apontara Salidar marcada a duas milhas da água, mas nada mais indicava que algum dia houvera uma aldeia perto dali. A muralha de árvores estava bem intacta. — O que eu paguei a ele era mais do que suficiente.

— Não para cobrir a carga — retrucou Elayne. — O fato de ele ser um contrabandista não significa que *nós* temos o direito de roubá-lo. — Nynaeve se perguntou se ela andara conversando com Juilin. Era provável que não. Era só a lei mais uma vez. — Além do mais, opalas amarelas são cafonas, ainda mais naquela combinação. De qualquer forma, valeu a pena só para ver a cara dele. — De repente, Elayne deu uma risadinha. — *Desta vez* ele olhou para mim. — Nynaeve tentou evitar, mas também acabou rindo.

Thom estava mais acima, próximo das árvores, tentando distrair os dois garotos de Marigan fazendo malabarismo com as bolas coloridas que tirava das mangas. Jaril e Seve fitavam-no, calados, e mal piscavam, agarrados um ao outro. Nynaeve não ficara surpresa quando Marigan e Nicola pediram para acompanhá-la. Nicola podia

estar assistindo a Thom e gargalhando, mas passaria o tempo todo ao lado de Nynaeve, caso ela permitisse. Areina querer vir, porém, tinha sido um tanto chocante. Ela estava sentada sozinha em um tronco caído, observando Birgitte, que encordoava seu arco. As três talvez ficassem em choque quando descobrissem o que havia em Salidar. Ao menos Nicola encontraria seu santuário, e Marigan poderia até administrar suas ervas, caso não houvesse muitas Amarelas por perto.

— Nynaeve, você chegou a pensar em… como vão nos receber?

Nynaeve encarou Elayne com perplexidade. As duas haviam cruzado meio mundo, ou quase isso, e derrotado a Ajah Negra duas vezes. Tinham recebido ajuda em Tear, tudo bem, mas o mérito em Tanchico fora só delas. Traziam notícias de Elaida e da Torre que Nynaeve podia apostar que ninguém em Salidar sabia a respeito. E, mais importante, podiam ajudar estas irmãs a entrar em contato com Rand.

— Não vou dizer que elas vão nos saudar como heroínas, Elayne, mas eu não me surpreenderia se nos dessem um beijo antes do final do dia. — Só Rand já valeria isso.

Dois dos marujos descalços saltaram do bote para não deixá-lo ir com a correnteza, e Juilin e os shienaranos respingaram água ao desembarcar. Então os marujos retornaram aos trancos e barrancos para o bote. No *Serpente do Rio*, alguns homens já estavam levantando a âncora.

— Abra uma trilha para nós, Uno — ordenou Nynaeve. — Pretendo chegar antes de escurecer. — Pelo aspecto da floresta, repleta de videiras e vegetação rasteira empoeirada, andar duas milhas podia levar o dia todo. Isso se Neres não a tivesse enganado. Isso a preocupava mais do que qualquer outra coisa.

50

Para ensinar e aprender

Cerca de quatro horas depois, o suor que escorria pelo rosto de Nynaeve tinha muito pouco a ver com o calor incômodo, e ela se perguntava se não teria sido melhor se Neres os tivesse enganado. Ou se recusado a transportá-los além de Boannda. A luz do sol de fim de tarde cintilava intensamente através das janelas, cujas vidraças estavam quase todas quebradas. Agarrando as saias com um misto de irritação e nervosismo, Nynaeve tentava evitar olhar para as seis Aes Sedai ao redor de uma das mesas robustas perto da parede. Suas bocas moviam-se em silêncio enquanto confabulavam por detrás de uma cortina de *saidar*. Elayne estava com o queixo erguido e as mãos pousadas calmamente à cintura, mas certa tensão na região dos olhos e nos cantos da boca comprometiam seu ar majestoso. Nynaeve não tinha certeza se queria saber sobre o que as Aes Sedai conversavam. Uma sequência de surpresas chocantes havia solapado suas grandes expectativas e as transformado em confusão. Mais um choque e poderia gritar, e não sabia se de fúria ou de pura histeria.

Praticamente tudo, exceto por suas roupas, estava disposto naquela mesa, da flecha de prata de Birgitte, diante da corpulenta Morvrin, aos três *ter'angreal*, à frente de Sheriam, passando pelas caixas douradas, sob os olhos escuros de Myrelle. Nenhuma das mulheres parecia contente. O rosto de Carlinya podia ter sido entalhado em gelo, até a maternal Anaiya exibia um semblante rígido, e o olhos permanentemente arregalados de Beonin tinham um aspecto inconfundivelmente irritado. Irritado e algo mais. Às vezes, Beonin fazia menção de tocar o pano branco que cobria cuidadosamente o selo de *cuendillar*, mas sua mão sempre parava e recuava.

Nynaeve desviou os olhos do pano. Sabia muito bem quando as coisas haviam começado a dar errado. Os Guardiões que as cercaram na mata tinham agido de modo adequado, ainda que com frieza — assim que ela obrigou Uno e os shienaranos a baixar as espadas, pelo menos. E as boas-vindas calorosas de Min haviam sido cheias de gargalhadas e abraços. Mas as Aes Sedai e as demais pessoas nas ruas, ocupadas com os próprios afazeres, apenas passaram apressadas, sem

mal olhar para o grupo que chegava escoltado na aldeia. Havia bastante gente em Salidar, com homens armados sendo treinados em quase todas as áreas livres. A primeira pessoa além dos Guardiões e de Min a lhes dar qualquer atenção foi a esguia irmã Marrom a quem foram levados, no local que algum dia havia sido o salão daquela estalagem. Ela e Elayne contaram para Phaedrine Sedai a história que haviam combinado, ou tentaram contar. Em cinco minutos as duas foram deixadas sob ordens estritas de não moverem um dedo ou dizerem uma só palavra, nem mesmo uma para outra. Depois de dez minutos se entreolhando em total confusão enquanto todos ao redor — de Aceitas a noviças vestidas de branco, de Guardiões a serviçais e soldados — andavam apressados por entre mesas onde Aes Sedai examinavam papéis e davam ordens bruscas, elas foram enfim levadas à presença de Sheriam e das demais tão rápido que Nynaeve achou que tinham feito o caminho com dois passos. Foi então que começou o interrogatório, mais propício a prisioneiros capturados que a heroínas retornando. Nynaeve secou o suor do rosto, mas, assim que havia enfiado o lenço de volta na manga, suas mãos agarraram as saias de novo, com força.

Ela e Elayne não estavam sozinhas naquele tapete colorido de seda. Siuan, com um vestido comum de boa lã azul, parecia até estar ali por vontade própria, o rosto calmo, absolutamente sereno, mas Nynaeve sabia que não era assim. A mulher parecia absorta em pensamentos tranquilos. Leane ao menos observava as Aes Sedai, ainda que aparentasse igual confiança. Na verdade, estava mais autoconfiante do que Nynaeve lembrava que ela fosse. A mulher de pele acobreada também parecia mais esguia, mais graciosa, de certa forma. Talvez fosse o vestido escandaloso. Aquela seda verde-clara tinha a gola tão alta quanto o vestido de Siuan, mas marcava cada curva do corpo, e o material só era opaco por pouco. No entanto, foram os rostos das duas que realmente chocaram Nynaeve. Ela jamais esperara encontrar nenhuma delas viva, e menos ainda, com certeza, aparentando ser tão jovens — uns poucos anos mais velhas que ela, se tanto. Ambas não faziam mais que trocar olhadelas. Na realidade, Nynaeve pensou ter detectado certa frieza entre as duas.

Havia outra coisa diferente nelas, algo que Nynaeve só estava começando a reconhecer. Mesmo todas, incluindo Min, tendo sido discretas, ninguém fez segredo do fato de que elas haviam sido estancadas. Nynaeve sentia aquela ausência. Talvez por estar em um aposento em que todas as outras mulheres podiam canalizar, ou talvez por saber que elas haviam sido estancadas, mas, pela primeira vez, estava verdadeiramente consciente de que Elayne e as demais possuíam a habilidade. E de sua ausência em Siuan e Leane. Algo lhes fora retirado, arrancado. Era como uma ferida. Talvez a pior ferida

que uma mulher poderia sofrer.

A curiosidade a venceu. Que tipo de ferida seria aquela? O que fora arrancado? Nynaeve bem que poderia fazer uso daquela espera e da irritação que perpassava seu nervosismo. Ela abraçou *saidar*…

— Alguém por acaso lhe deu permissão para canalizar aqui, Aceita? — indagou Sheriam, dando um susto em Nynaeve, que largou a Fonte Verdadeira às pressas.

A Aes Sedai de olhos verdes conduziu as demais de volta às suas cadeiras descombinadas, dispostas em semicírculo no tapete, tendo como foco as quatro mulheres de pé. Algumas carregavam objetos da mesa. Elas se sentaram, encarando Nynaeve, as emoções antes perceptíveis agora engolfadas pela calma de Aes Sedai. Nenhum daqueles rostos de idade indefinida acusava o calor, nem uma única gotícula de suor. Por fim, em um tom de voz levemente repreensor, Anaiya disse:

— Você ficou muito tempo longe de nós, criança. Independentemente do que tenha aprendido neste intervalo, parece ter se esquecido de muita coisa.

Ruborizada, Nynaeve fez uma reverência.

— Perdoe-me, Aes Sedai. Minha intenção não era desobedecer. — Torceu para que as mulheres pensassem que o rubor em seu rosto fosse por causa do calor. Ela *ficara* longe muito tempo. Ainda no dia anterior, era *ela* quem dava as ordens e as pessoas pulavam para obedecer. Agora esperavam que ela pulasse. Era irritante.

— Você conta uma história… interessante. — Era óbvio que Carlinya acreditava em muito pouco. A irmã Branca virou a flecha de prata de Birgitte nas mãos longas e esguias. — E adquiriu alguns pertences estranhos.

— A Panarca Amathera nos deu muitos presentes, Aes Sedai — explicou Elayne. — Parecia pensar que salvamos o trono dela. — Mesmo pronunciadas em uma voz perfeitamente tranquila, as palavras soaram tensas. Nynaeve não era a única irritada com a perda de liberdade. O rosto suave de Carlinya se retesou.

— Vocês chegam trazendo notícias perturbadoras — opinou Sheriam. — E com alguns… objetos perturbadores. — Seus olhos levemente enviesados vagaram até a mesa, ao *a'dam* prateado, e então voltaram a se cravar com firmeza em Elayne e Nynaeve. Desde que descobriram do que se tratava e para que servia, a maioria das Aes Sedai tratara o objeto como uma víbora vermelha viva. A maioria.

— Se esta coisa faz o que estas crianças afirmam — divagou Morvrin, meio distraída —, precisamos estudá-lo. E se Elayne acredita mesmo que é capaz de confeccionar um *ter'angreal*… — A irmã Marrom balançou a cabeça. Sua atenção estava mesmo no anel de pedra achatada, rajado de vermelho, azul e marrom, que segurava em

uma das mãos. Os outros dois *ter'angreal* repousavam em seu colo largo. — Você diz que isto era de Verin Sedai? Como nunca soubemos dele? — As palavras não foram direcionadas a Nynaeve ou a Elayne, mas a Siuan.

Siuan franziu o cenho, mas não do jeito feroz que Nynaeve lembrava. Tinha um quê de submissão, como se a mulher soubesse que estava falando com suas superiores, e sua voz também tinha. Era mais uma mudança em que Nynaeve mal podia acreditar.

— Verin nunca me disse nada a respeito. Eu gostaria muito de perguntar algumas coisinhas a ela.

— E *eu* tenho perguntas sobre *isto*.

O rosto de oliva de Myrelle se nublou quando ela desdobrou um papel familiar — por que haviam guardado aquilo? — e o leu em voz alta: "O que o portador fizer é feito sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha. Siuan Sanche, Vigia dos Selos, Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin". Ela amassou o papel e seu selo.

— Longe de ser algo para se dar a uma Aceita.

— Na época, eu não sabia em quem podia confiar — respondeu Siuan, em um tom suave. As seis Aes Sedai a encararam. — Eu tinha autoridade para tal. — As seis Aes Sedai sequer piscaram. A voz de Siuan adquiriu um quê de súplica exasperada. — Vocês não podem me condenar por ter feito o necessário quando eu tinha total direito de agir desse modo. Quando o barco está afundando, você tapa o buraco com o que consegue encontrar.

— E por que não nos contou? — questionou Sheriam, tranquila, mas com uma pitada de dureza. Como Mestra das Noviças, ela nunca levantava a voz, embora, por vezes, isso fosse preferível. — Três Aceitas… Aceitas!… mandadas para longe da Torre atrás de treze irmãs plenas da Ajah Negra. Você usa bebês para tapar os buracos do seu barco, Siuan?

— Não somos bebês — contestou Nynaeve, irritada. — Várias daquelas treze estão mortas, e nós frustramos os planos delas duas vezes. Em Tear, nós…

Carlinya cortou-a feito uma lâmina de gelo:

— Você já nos contou sobre Tear, criança. E sobre Tanchico. E sobre derrotar Moghedien. — Sua boca se contorceu com ironia. A mulher já tinha dito que Nynaeve fora uma tola por ter ficado a menos de uma milha de um dos Abandonados, e que tivera sorte de escapar com vida. Que Carlinya não soubesse quão certa estava, já que as duas com certeza não haviam lhe contado tudo, só fez o estômago de Nynaeve se retesar ainda mais. — Vocês *são* duas crianças, e sortudas, se decidirmos não lhes dar uma surra. Agora tratem de ficar caladas até que sejam chamadas a falar. — Nynaeve enrubesceu intensamente,

torcendo para que as mulheres interpretassem aquilo como vergonha, e ficou calada.

Sheriam não tirara os olhos de Siuan.

— Então? Por que nunca mencionou ter enviado três crianças para caçar leoas?

Siuan respirou fundo, mas cruzou as mãos e curvou a cabeça de modo arrependido.

— Não parecia haver razão, Aes Sedai, com tantas outras questões importantes. Não escondi nada quando havia a menor razão para contar. Todos os detalhes que sabia sobre a Ajah Negra, eu contei. Passei um bom tempo sem saber onde estas duas estavam ou o que andaram fazendo. O importante é que agora elas estão aqui, e com estes três *ter'angreal*. Devem entender o que significa ter acesso ao gabinete de Elaida, aos papéis dela, ainda que só a trechos. Não fosse isso, vocês só teriam descoberto que ela sabe onde vocês estão quando já fosse tarde demais.

— Sabemos bem disso — concordou Anaiya, com os olhos em Morvrin, que continuava franzindo o cenho para o anel. — É que os meios utilizados apenas nos pegaram um pouco de surpresa.

— *Tel'aran'rhiod* — murmurou Myrelle. — Isso agora não passa de uma questão para discussões eruditas dentro da Torre, quase uma lenda. E Andarilhas dos Sonhos Aiel. Quem poderia imaginar que as Sábias Aiel fossem capazes de canalizar, e mais ainda de fazer isso?

Nynaeve queria que tivessem conseguido guardar aquele segredo — como a verdadeira identidade de Birgitte e algumas outras coisas que conseguiram esconder —, mas era difícil evitar que essas informações escapassem quando se era interrogada por mulheres que podiam abrir buracos em pedras só com o olhar. Bem, tinham que ficar contentes por terem mantido os segredos que conseguiram. Assim que mencionaram *Tel'aran'rhiod* e que haviam entrado nele, teria sido mais fácil um rato fazer gatos correrem para as árvores do que aquelas mulheres pararem de fazer perguntas.

Leane deu meio passo à frente sem olhar para Siuan.

— O importante é que, com estes *ter'angreal*, é possível falar com Egwene e, por meio dela, com Moiraine. Com as duas, vocês podem não só ficar de olho em Rand al'Thor, como devem conseguir influenciá-lo mesmo em Cairhien.

— Para onde ele foi quando deixou o Deserto Aiel — emendou Siuan —, que foi aonde eu previ que ele iria. — Se os olhos e palavras se voltaram para as Aes Sedai, seu tom de voz seco foi totalmente direcionado a Leane, que soltou um grunhido.

— Que bem enorme isso fez. Duas Aes Sedai enviadas ao Deserto para caçar patos.

Sim, com certeza havia certa animosidade ali.

— Chega, crianças — sentenciou Anaiya, soando demasiado como se as duas fossem de fato crianças, e ela, uma mãe acostumada às suas briguinhas bobas. Ela encarou as outras Aes Sedai com um olhar decidido. — Vai ser muito bom poder conversar com Egwene.

— Se é que estes objetos funcionam como elas dizem — ponderou Morvrin, fazendo o anel quicar na palma da mão e tocando os outros *ter'angreal* no colo. Sem provas, a mulher não acreditaria nem que o céu era azul.

Sheriam assentiu.

— É, essa vai ser a primeira obrigação de vocês, Elayne e Nynaeve. Terão a chance de ensinar para as Aes Sedai, de nos mostrar como usá-los.

Nynaeve fez uma reverência, exibindo os dentes. As mulheres podiam entender aquilo como um sorriso, se quisessem. Ensiná-las? Sim, e jamais chegar perto do anel ou das outras peças de novo. A reverência de Elayne foi ainda mais tensa, o rosto uma máscara de frieza. Os olhos da garota se voltaram para aquele *a'dam* idiota, quase desejosos.

— As cartas-de-direitos são úteis — afirmou Carlinya. Mesmo com toda aquela tranquilidade e lógica da Ajah Branca, sua irritação ainda evidente na pronúncia tensa das palavras. — Gareth Bryne sempre quer mais ouro do que nós temos, mas, com elas, quem sabe ele fique satisfeito.

— É — concordou Sheriam. — E também devemos pegar a maior parte das moedas. Todos os dias aumenta o número de bocas para alimentar e de corpos para vestir aqui e em toda parte.

Elayne fez um meneio gracioso, como se elas não fossem tomar o dinheiro de qualquer jeito, mas Nynaeve simplesmente esperou. Ouro, cartas-de-direitos e até os *ter'angreal* eram só uma parte.

— Quanto ao resto — prosseguiu Sheriam —, concordamos que vocês deixaram a Torre sob ordens, independentemente de quão equivocadas tenham sido, e não podemos culpá-las por isso. Agora que voltaram em segurança, vão retomar seus estudos.

Nynaeve apenas soltou o ar lentamente. Não era mais do que esperara desde o início do interrogatório. Não que tenha gostado, mas, desta vez, ninguém a acusaria de ser teimosa. Não quando tudo indicava que não adiantaria.

— Mas…! — reclamou Elayne, com rispidez. Foi tudo que disse antes que Sheriam a interrompesse, tão ríspida quanto:

— Vocês vão retomar seus estudos. As duas são muito fortes, mas ainda não são Aes Sedai. — Aqueles olhos verdes fitaram-nas até terem certeza de que as duas tinham compreendido, e então a mulher tornou a falar, a voz mais amena. Mais amena, mas ainda firme. — Vocês voltaram e, ainda que Salidar não seja a Torre Branca, podem

considerá-la como tal. Pelo que disseram na última hora, ainda têm bastante a nos contar. — A respiração de Nynaeve se acelerou, mas os olhos de Sheriam tornaram a escorregar para o *a'dam*. — Pena não terem trazido a Seanchan com vocês. Era algo que realmente deveriam ter feito. — Por algum motivo, Elayne enrubesceu intensamente e, ao mesmo tempo, pareceu irritada. Já Nynaeve ficou aliviada de as mulheres só terem mencionado a Seanchan. — Mas Aceitas não podem ser responsabilizadas por não pensarem como Aes Sedai — prosseguiu Sheriam. — Siuan e Leane vão lhes fazer muitas perguntas. Vocês vão cooperar com elas e responder tudo da melhor maneira possível. Acredito que não vou precisar lembrá-las de não tirarem vantagem da condição atual das duas. Algumas Aceitas, e até algumas noviças, pensaram que podiam determinar de quem era a culpa, em certas situações, e até atribuir punições. — O tom ameno se transformou em aço frio. — Essas jovens ficaram extremamente arrependidas. Preciso dizer mais?

Nynaeve e Elayne foram rápidas em afirmar que não; ambas quase gaguejando de tanta pressa em responder. Nynaeve não tinha pensado em culpar ninguém — em sua opinião, a culpa era de todas as Aes Sedai —, mas não queria que Sheriam ficasse com raiva dela. Perceber aquilo a fez engolir a verdade com um gosto amargo: os dias de liberdade com certeza eram coisa do passado.

— Ótimo. Agora podem pegar as joias que a Panarca lhes deu, o arco também. Quando tiverem tempo, vou querer saber por que ela deu um presente como este. E saiam. Uma das outras Aceitas vai arrumar lugares para vocês dormirem. Vestidos apropriados devem ser mais difíceis de encontrar, mas vão acabar aparecendo. Espero que encarem suas… aventuras… como coisa do passado e que aceitem com tranquilidade suas antigas posições. — Embora não pronunciada, ficou clara a promessa de que, caso não aceitassem com tranquilidade, seriam tranquilizadas até aceitarem. Sheriam assentiu, satisfeita, quando percebeu que as duas haviam entendido.

Beonin não dissera uma só palavra desde que a proteção de *saidar* fora reduzida, mas, enquanto Nynaeve e Elayne faziam reverências, a irmã Cinza se levantou e caminhou a passos largos até a mesa onde os objetos das duas estavam dispostos.

— E isto aqui? — indagou, com seu forte sotaque taraboniano, puxando o pano branco que cobria o selo da prisão do Tenebroso. Dessa vez, seus grandes olhos azul-acinzentados pareciam mais raivosos que assustados. — Não vai haver mais nenhuma pergunta a respeito disto? Pretendem ignorar, todas vocês? — O disco preto e branco repousava ali, próximo à bolsa de camurça, em doze ou mais pedaços remontados da melhor maneira possível.

— Estava inteiro quando o colocamos na bolsa. — Nynaeve fez

uma pausa para umedecer os lábios. Mesmo que seus olhos tivessem evitado o pano que cobria o objeto, agora não tinha como não olhar o selo. Leane sorrira ao ver o vestido vermelho usado para embrulhar o objeto e dissera… Não, não ia se desviar do assunto, nem mesmo em pensamentos! — Por que deveríamos ter pensado em tomar um cuidado especial? É *cuendillar*!

— Nem olhamos — afirmou Elayne, ofegante — e nem tocamos nele mais do que foi preciso. Ele dava uma sensação de imundície, maldade. — Não mais. Carlinya obrigara cada uma delas a segurar um pedaço e exigira saber de que sensação maligna estavam falando.

Elas já haviam dito tudo aquilo antes, mais de uma vez, e ninguém mais prestava atenção.

Sheriam se levantou e caminhou até a Cinza de cabelos cor de mel.

— Não estamos ignorando nada, Beonin. Fazer mais perguntas para estas garotas não vai adiantar. Elas já nos disseram o que sabem.

— É sempre bom fazer mais perguntas — opinou Morvrin, que parara de mexer distraidamente nos *ter'angreal* para fitar o selo quebrado com tanta firmeza quanto as demais. Era *cuendillar*, tanto ela quanto Beonin o haviam testado e garantido isso, mas, ainda assim, Morvrin quebrara um dos fragmentos só com as mãos.

— Quantos dos sete ainda estão intactos? — perguntou Myrelle, em tom suave, como se falasse consigo mesma. — Quanto tempo até o Tenebroso se libertar e a Última Batalha começar?

As Aes Sedai faziam um pouco de tudo, de acordo com seus talentos e inclinações, mas cada Ajah tinha a própria razão de existir. As Verdes, que se intitulavam a Ajah da Batalha, se preparavam para enfrentar novos Senhores do Medo na Última Batalha. Havia um quê quase ansioso na voz de Myrelle.

— Três — respondeu Anaiya, nervosa. — Três ainda estão inteiros. Caso nossas informações estejam certas. Vamos rezar para que sim. Vamos rezar para que três sejam suficientes.

— Vamos rezar para que esses três sejam mais fortes do que este — resmungou Morvrin. — *Cuendillar* não pode ser quebrado assim e ainda ser *cuendillar*. Não pode.

— Vamos discutir isso no momento adequado — ponderou Sheriam. — Após questões mais imediatas sobre as quais podemos tomar providências. — Tomando o pano da mão de Beonin, tornou a cobrir o selo. — Siuan, Leane, chegamos a uma decisão sobre… — Ela interrompeu a frase ao se virar e ver Elayne e Nynaeve. — Não mandamos vocês saírem? — Apesar de toda a calma aparente, ela ter se esquecido da presença das duas deixava clara a confusão interior de Sheriam.

Nynaeve estava mais do que pronta para oferecer outra

reverência, deixar escapar um apressado “com sua licença, Aes Sedai” e partir em disparada em direção à porta. Sem mover um músculo, as Aes Sedai — e Siuan e Leane — observaram ela e Elayne saírem. Nynaeve sentia os olhos daquelas mulheres empurrando-as. Elayne não caminhou nem um pouquinho mais devagar, apesar de ter tornado a olhar para o *a’dam*.

Só quando a porta se fechou e ela pôde se recostar na madeira sem pintura, agarrando a caixa dourada contra o peito, foi que Nynaeve respirou normalmente desde que entrou na velha estalagem de pedra, ou pelo menos foi o que lhe pareceu. Não queria pensar no selo rompido. Mais um selo rompido. Não pensaria. Aquelas mulheres eram capazes de tosquiar ovelhas só com o olhar. Nynaeve estava quase ansiosa por assistir à primeira reunião delas com as Sábias; não fosse pelo fato de que provavelmente seria encurralada no meio. Sua chegada à Torre fora mais do que difícil, tendo de aprender a obedecer, a se curvar. Após longos meses dando as ordens — bem, vez ou outra consultara Elayne, mas normalmente era ela quem mandava —, Nynaeve não sabia como voltaria a costurar lã e varrer cascalho.

O salão comum, com teto de gesso em más condições e lareiras de pedra prestes a desabar, continuava tão movimentado quanto quando entrara. Ninguém lhe lançou mais que uma olhadela desta vez, e ela retribuiu com menos ainda. Uma pequena multidão aguardava ela e Elayne.

Thom e Juilin, em um banco rústico encostado em uma parede de gesso descascando, conversavam baixinho com Uno, agachado à frente dos dois com o longo punho da espada despontando acima do ombro. Areina e Nicola, ambas olhando maravilhadas para tudo e tentando não demonstrar, ocupavam outro banco com Marigan, que observava Birgitte tentando distrair Jaril e Seve fazendo estranhos malabarismos com três das bolas de madeira colorida de Thom. Ajoelhada atrás dos garotos, Min lhes fazia cócegas, sussurrando em seus ouvidos, mas os dois só se agarravam um ao outro e encaravam tudo em silêncio com aqueles olhos enormes.

Só duas outras pessoas em todo o aposento não demonstravam pressa. Dois dos três Guardiões de Myrelle conversavam encostados à parede a algumas passadas dos bancos, bem junto à porta que levava ao corredor da cozinha: Croi Makin, um sério jovem andoriano loiro, de beleza notável, e Avar Hachami, de nariz adunco, queixo quadrado e um espesso bigode grisalho que parecia um par de chifres curvados para baixo. Nem os olhos escuros de Hachimi, capazes de fazer uma pessoa engolir em seco, estimularia alguém a dizer que ele era bonito. Nenhum deles olhava para Uno, Thom ou qualquer outro, claro. Era mera coincidência que só eles dois estivessem desocupados e que tivessem escolhido ficar exatamente ali. Claro.

Birgitte deixou uma das bolas cair ao ver Nynaeve e Elayne.

— O que vocês contaram a elas? — indagou calma, mal olhando de relance para a flecha de prata na mão de Elayne. A aljava estava pendurada no cinto, mas o arco repousava escorado na parede.

Nynaeve se aproximou, tomando o cuidado de não olhar na direção de Makin e Hachami. Com a mesma cautela, diminuiu a voz e contou de modo neutro:

— Respondemos tudo que elas perguntaram.

Elayne tocou o braço de Birgitte.

— Elas sabem que você é uma boa amiga que tem nos ajudado. Sua permanência aqui é bem-vinda, e o mesmo vale para Areina, Nicola e Marigan.

Foi só quando Birgitte relaxou um pouco que Nynaeve se deu conta de quão tensa ela estivera. A mulher de olhos azuis recolheu a bola amarela que tinha caído e arremessou as três suavemente de volta para Thom, que as apanhou com uma das mãos e as fez desaparecer em um só movimento. Ela exibia o mais discreto dos sorrisos de alívio.

— Não tenho palavras para dizer como estou contente em ver vocês duas — disse Min, pelo menos pela quarta ou quinta vez. Seu cabelo estava mais comprido, embora ainda fosse apenas uma touca escura contornando a cabeça, e havia algo de diferente nela que Nynaeve não conseguia identificar. Surpreendentemente, flores recém-bordadas subiam pelas lapelas de seu casaco. Antes, Min sempre usava roupas bem sem graça. — Um rosto amigo é raro por aqui. — Seus olhos se desviaram minimamente na direção dos Guardiões. — Precisamos ter uma longa conversa a sós. Não vejo a hora de ouvir o que vocês andaram aprontando desde que partiram de Tar Valon. — Ou também para contar o que ela andara aprontando, a menos que Nynaeve estivesse enganada.

— Eu também quero muito conversar com você — afirmou Elayne, bastante séria. Min a encarou, e então suspirou e aquiesceu, não mais tão ansiosa.

Thom, Juilin e Uno apareceram por trás de Birgitte e Min, olhando-as com aquela cara que os homens faziam quando queriam dizer coisas que achavam que uma mulher não ia gostar de ouvir. Antes que tivessem a chance de abrir a boca, porém, uma mulher de cabelo cacheado trajando um vestido de Aceita se meteu entre Juilin e Uno, fitou-os com raiva, e se plantou diante de Nynaeve.

O vestido de Faolain, com suas sete faixas coloridas na bainha representando cada uma das Ajahs, não era tão branco quanto deveria, e seu rosto escuro estava carrancudo.

— Estou surpresa de vê-la aqui, bravia. Achei que você tinha fugido de volta para sua aldeia, e nossa bela Filha-herdeira tivesse

voltado para o colo da mamãe.

— Ainda gosta de ser mais azeda que leite estragado, Faolain? — provocou Elayne.

Nynaeve manteve uma expressão simpática. Por pouco. Em duas oportunidades, na Torre, Faolain fora designada para ensiná-la alguma coisa. Para colocá-la em seu devido lugar, era o que Nynaeve achava. Mesmo quando tanto professora quanto aluna eram Aceitas, a professora era considerada uma Aes Sedai enquanto durasse a aula, e Faolain tirava total proveito disso. A mulher de cabelo cacheado passara oito anos como noviça e outros cinco como Aceita, e não ficara muito contente por Nynaeve não ter precisado ser noviça, ou por Elayne ter ficado menos de um ano usando o branco. Foram duas aulas com Faolain e duas visitas ao gabinete de Sheriam para Nynaeve, por teimosia, gênio forte e uma lista tão longa quanto seu braço. Ela tratou de fazer a voz soar leve:

— Ouvi dizer que Siuan e Leane foram maltratadas por alguém. Acho que Sheriam pretende fazer alguém de exemplo para acabar com isso de uma vez por todas. — Ela encarou Faolain fixamente, e a mulher arregalou os olhos de maneira assustada.

— Não fiz nada desde que Sheriam… — Faolain fechou a boca, e seu rosto enrubesceu intensamente. Min cobriu a boca com a mão, e Faolain olhou ao redor, observando as outras mulheres, de Birgitte a Marigan, e fez um movimento brusco na direção de Nicola e Areina. — Vocês duas servem, eu acho. Venham comigo. Agora. Sem enrolação. — As duas se levantaram devagar, Areina com um olhar cauteloso e Nicola com mãos trêmulas na cintura.

Elayne se pôs entre elas e Faolain antes que Nynaeve pudesse, queixo empinado e olhos de um gelo azul imperioso.

— O que você quer com elas?

— Estou cumprindo ordens de Sheriam Sedai — retrucou Faolain. — Eu, particularmente, acho que elas são velhas demais para um primeiro teste, mas obedeço. Uma irmã acompanha os grupos de recrutamento de Lorde Bryne, testando até mulheres da idade de Nynaeve. — Seu sorriso parecia o de uma víbora. — Devo informar Sheriam Sedai que você desaprova, Elayne? Devo dizer a ela que você não vai deixar suas *empregadas* serem testadas? — Elayne baixou o queixo enquanto a mulher falava, mas claro que não podia simplesmente recuar. Precisava de uma mudança de assunto.

Nynaeve tocou no ombro de Faolain.

— Encontraram muitas?

A contragosto, a mulher virou a cabeça e, quando olhou de volta, Elayne estava acalmando Areina e Nicola, explicando que elas não seriam machucadas ou forçadas a nada. Nynaeve não teria ido tão longe. Quando as Aes Sedai encontravam alguém que nascera com a

centelha, como Elayne ou Egwene, alguém que acabaria canalizando, desejasse ou não, tendiam a colocá-la em treinamento, independentemente do que a mulher preferisse. Eram mais pacientes com as mulheres que podiam ser treinadas, mas que jamais tocariam *saidar* sem esse treinamento, e com bravias, as que tinham sobrevivido à chance de uma em quatro de aprenderem sozinhas, normalmente sem ter ideia disso e com algum tipo de bloqueio, como era o caso de Nynaeve. Em tese, elas podiam escolher se iam ou ficavam. Nynaeve optara por entrar na Torre, mas suspeitava que, se não o tivesse feito, teria entrado mesmo assim, talvez com as mãos e os pés amarrados. As Aes Sedai davam às mulheres que tinham a mais remota chance de se juntar a elas as mesmas opções que davam a um cordeiro em dia de banquete.

— Três — respondeu Faolain, um momento depois. — Todo aquele esforço e só acharam três. Uma delas, bravia. — Ela não gostava mesmo das bravias. — Não sei por que estão tão ávidas para encontrar noviças. As noviças que temos não podem ser elevadas a Aceitas até retomarmos à Torre. A culpa é toda de Siuan Sanche, dela e de Leane. — Um músculo se contraiu em sua mandíbula, como se ela percebesse que aquele comentário podia soar como uma acusação às antigas Amyrlin e Curadora, e tratou de pegar Areina e Nicola pelos braços. — Venham comigo. Eu obedeço ordens e, se é para serem testadas, vocês vão ser testadas, sendo ou não perda de tempo.

— Que mulher odiosa — murmurou Min, estreitando os olhos para Faolain, que cruzava o salão às pressas levando as outras. — Se existisse justiça, seria de se imaginar que ela teria um futuro desagradável pela frente.

Nynaeve queria perguntar o que Min tinha visto sobre a Aceita de cabelo cacheado — havia umas cem perguntas que queria fazer —, mas Thom e os outros dois homens se plantaram firmemente diante dela e de Elayne, Juilin de um lado e Uno do outro para que pudessem observar todas as direções. Birgitte conduzia Jaril e Seve até a mãe, querendo ficar de fora da questão. Pelo olhar ressentido que lhes lançou, Min também sabia qual era a intenção dos homens e parecia prestes a dizer algo, mas acabou apenas dando de ombros e se juntando a Birgitte.

Pela expressão de Thom, ele podia estar prestes a comentar sobre o tempo ou perguntar o que tinha para o jantar. Nada importante.

— Este lugar está cheio de sonhadoras e tolas perigosas. Elas acham que podem depor Elaida. É por isso que Gareth Bryne está aqui. Para formar um exército para elas.

O sorriso de Juilin quase partiu seu rosto no meio.

— Tolas, não. Loucas e loucos. Pouco me importa se Elaida estava lá no dia em que Logain nasceu. Estão todos loucos se pensam que,

daqui, são capazes de derrubar uma Amyrlin que está sentada na Torre Branca. Poderíamos chegar em Cairhien em um mês, talvez.

— Ragan e alguns dos outros já têm marcados os cavalos que vão pegar emprestado. — Uno também estava sorrindo, o que parecia incrivelmente incongruente com aquele fulgurante olho vermelho em seu tapa-olho. — Os guardas estão orientados para ficar de olho nas pessoas que estão chegando, não saindo. Podemos despistá-los na floresta. Logo vai escurecer. Nunca vão nos encontrar. — As mulheres usando anéis da Grande Serpente, lá perto do rio, tinham causado um efeito notável no linguajar de Uno. Embora ele parecesse não fazer o esforço quando estavam longe dos ouvidos delas.

Nynaeve olhou para Elayne, que balançou de leve a cabeça. Elayne toparia qualquer coisa para ser Aes Sedai. E ela? Tinham poucas chances de influenciar aquelas Aes Sedai a apoiar Rand se, em vez disso, todos tivessem decidido tentar controlá-lo. Na verdade, chance nenhuma. Era melhor ser realista. E, ainda assim… Ainda assim, havia a Cura. Ela não aprenderia nada a respeito em Cairhien, mas ali… A menos de dez passadas dela, Therva Maresis, uma Amarela esguia de nariz comprido, usava sua caneta para ticar metodicamente alguns itens em um pergaminho. Um Guardião careca de barba negra estava perto da porta, confabulando com Nisao Dachen, uma cabeça mais alto que ela, embora não fosse mais alto que a média, enquanto Dagdara Finchey, tão larga quanto qualquer homem ali presente e mais alta que a maioria, falava com um grupo de noviças à frente de uma das lareiras apagadas, mandando-as embora com rispidez, uma a uma, para cumprir alguma tarefa. Nisao e Dagdara também eram da Ajah Amarela. Dizia-se que Dagdara, cujos cabelos já agrisalhando denotavam uma idade considerável para uma Aes Sedai, entendia mais de Cura que qualquer outra. Nynaeve não poderia fazer nada de útil se fosse atrás de Rand. Só o assistiria enlouquecer. Se pudesse aprender mais da Cura, talvez encontrasse uma maneira de conter aquela loucura. Em sua opinião, as Aes Sedai se conformavam que coisas demais não tinham solução.

Tudo isso lhe passou pela cabeça durante o tempo que levou para olhar para Elayne e tornar a se voltar para os homens.

— Nós vamos ficar aqui, Uno. Se você e os outros quiserem ir atrás de Rand, estão livres para isso, até onde me cabe. Receio que eu não tenha mais dinheiro para ajudá-los.

O ouro que as Aes Sedai haviam pegado era necessário, como elas tinham dito, mas ainda assim Nynaeve franziu o cenho para as poucas moedas de prata que lhe restavam na bolsa. Aqueles homens tinham-na seguido, e a Elayne também, claro, por motivos bem escusos, mas isso não diminuía sua responsabilidade para com eles. A lealdade de todos era para com Rand. Ninguém ali tinha motivo para entrar em

um embate com a Torre Branca. Nynaeve olhou para a caixa dourada e, relutante, acrescentou:

— Mas eu tenho umas coisinhas que vocês podem vender pelo caminho.

— Você também precisa ir, Thom — afirmou Elayne. — Você também, Juilin. Não há razão para ficarem. Não precisamos de vocês agora, e Rand precisa. — Ela tentou botar sua caixinha de joias nas mãos de Thom, mas ele se recusou a pegá-la.

Os três homens se entreolharam daquele modo irritante, Uno chegando a revirar os olhos. Nynaeve pensou ouvir Thom resmungar sozinho sobre ter avisado que elas teimariam.

— Talvez daqui a alguns dias — respondeu Thom.

— Alguns dias — concordou Juilin.

Uno assentiu.

— Eu aceitaria descansar um pouco, se depois vou precisar fugir de Guardiões até a metade do caminho para Cairhien.

Nynaeve lhes lançou seu olhar mais sério e puxou a trança de maneira deliberada. Elayne estava com o queixo mais empinado do que nunca, os olhos azuis suficientemente arrogantes para cinzelar gelo. Thom e os demais com certeza já conheciam aqueles sinais. Suas bobagens não seriam toleradas.

— Se vocês acham que ainda estão obedecendo as ordens de Rand al'Thor para cuidar de nós… — começou Elayne em um tom de voz gélido, ao mesmo tempo que em Nynaeve disse, irritada:

— Vocês prometeram seguir ordens, e eu quero ver…

— Não é nada disso — interveio Thom, penteando com o dedo uma mecha do cabelo de Elayne. — Nada disso. Será que um velhote manco não pode querer descansar um pouco?

— Para falar a verdade — emendou Juilin —, só vou ficar porque Thom está me devendo dinheiro. Dos dados.

— Vocês esperam que a gente roube vinte cavalos dos Guardiões como quem cai da cama? — grunhiu Uno. Parecia que ele se esquecera de que já havia se oferecido para fazer exatamente aquilo.

Elayne apenas os encarou, sem palavras, e a própria Nynaeve também estava penando para encontrá-las. Não tinham conseguido nada. Nenhum dos três moveu nem um pé. O problema era que ela estava dividida. Havia decidido que os mandaria embora. Decidira, e não era porque não queria que os homens a vissem fazer reverências e seguir ordens aqui e acolá. Não mesmo. Porém, com quase nada em Salidar saindo como ela esperava, Nynaeve tinha de admitir, ainda que com relutância, que seria… reconfortante… saber que ela e Elayne tinham mais que Birgitte de apoio. Não que fosse aceitar a oferta da fuga, claro — se podia ser chamada assim —, sob nenhuma circunstância. A presença deles seria apenas… reconfortante. Não que

fosse permitir que eles soubessem disso, com certeza. Não precisaria, já que eles iriam embora, a despeito do que achassem. Rand *encontraria* serventia para aqueles homens, muito provavelmente, e ali eles só atrapalhariam. A menos que…

A porta sem pintura se abriu, e Siuan passou por ela às pressas, seguida por Leane. As duas se entreolharam com frieza antes de Leane bufar e sair desfilando, surpreendentemente rebolativa, ao passar por Croi e Avar e desaparecer no corredor que levava às cozinhas. Nynaeve franziu um pouco o cenho. Em meio a toda aquela frieza, houvera um instante, um breve lampejo que ela quase deixou passar despercebido bem à sua frente…

Siuan girou em direção a ela e então parou de forma abrupta, o rosto ficando neutro. Outra pessoa se juntara à pequena multidão.

Gareth Bryne, a armadura amassada afivelada sobre o casaco de camurça e luvas com dorso de aço enfiadas no cinturão da espada, irradiava autoridade. Quase totalmente grisalho e com um rosto enigmático, tinha o aspecto de um homem que já vira de tudo e passara por tudo, um homem que aguentaria qualquer coisa.

Elayne sorriu, assentindo graciosamente. Bem diferente do olhar de espanto que ela fez quando chegaram em Salidar e ela o reconheceu do outro lado da rua.

— Não vou dizer que é totalmente bom vê-lo, Lorde Gareth. Ouvi falar de alguns problemas entre você e mamãe, mas tenho certeza de que isso pode ser remediado. Sabe que mamãe às vezes age sem pensar. Ela vai aparecer e pedir para você voltar a seu local de direito em Caemlyn, pode ter certeza.

— O que está feito está feito, Elayne. — Ele ignorou a surpresa da garota; Nynaeve duvidava que alguém que conhecesse a posição social de Elayne já tivesse sido tão áspero com ela. Bryne se voltou para Uno: — Já pensou no que eu disse? Os shienaranos são a melhor cavalaria pesada do mundo, e eu tenho alguns rapazes ideais para receber treinamento adequado.

Uno franziu o cenho, seu único olho se voltando para Elayne e Nynaeve. Então ele aquiesceu, hesitante.

— Não tenho nada melhor para fazer. Vou perguntar aos outros.

Bryne lhe deu um tapinha no ombro.

— Muito bem. Agora você, Thom Merrilin. — Thom havia se virado parcialmente quando o outro homem se aproximou, alisando o bigode e fixando o olhar no chão como se quisesse esconder o rosto. Mas agora retribuía o olhar sério de Bryne. — Eu conheci um sujeito com um nome bem parecido com o seu — comentou Bryne. — Um jogador habilidoso de certo jogo.

— E eu conheci um sujeito bem parecido com você — retrucou Thom. — Fez de tudo para me prender. Acho que ele teria cortado

minha cabeça caso tivesse conseguido me pegar.

— Foi há muito tempo? Os homens às vezes fazem coisas estranhas pelas mulheres. — Bryne olhou de relance para Siuan e balançou a cabeça. — Aceita disputar um jogo de pedras comigo, Mestre Merrilin? Às vezes fico torcendo para encontrar um homem que saiba jogar bem, como é jogado nos círculos mais elevados.

As espessas sobrancelhas brancas de Thom baixaram quase tanto quanto as de Uno, mas em momento algum ele tirou os olhos de Bryne.

— Posso jogar uma ou duas partidas — respondeu, por fim —, assim que souber qual é a aposta. Desde que entenda que eu não pretendo passar o resto da vida jogando pedras com você. Não gosto mais de ficar muito tempo no mesmo lugar. Às vezes, meus pés coçam.

— Desde que não cocem no meio de uma partida decisiva — devolveu Bryne, seco. — Vocês dois, venham comigo. E não esperem dormir muito. Por aqui, tudo é para ontem, exceto o que deveria ter sido feito semana passada. — Ele fez uma pausa e tornou a olhar para Siuan. — Minhas camisas não vieram totalmente limpas, hoje. — E, com isso, saiu com Thom e Uno. Siuan lançou um olhar de raiva às suas costas e então virou o rosto franzido para Min, que fez uma careta e tratou de zarpar para onde Leane tinha ido.

Nynaeve não entendeu bem essa última interação. Nem o atrevimento daqueles homens, achando que podiam falar em código — e bem na cara dela, que não poderia compreender o assunto. Em todo caso, já estava farta deles.

— Que bom que ele não precisa de um caçador de ladrões — ironizou Juilin, olhando de soslaio para Siuan e demonstrando claro desconforto. Não superara o choque de ter descoberto o nome dela. Nynaeve não tinha certeza se ele assimilara que Siuan fora estancada e não era mais o Trono de Amyrlin. Ele certamente parecia achá-la inquietante. — Assim, posso sentar e conversar. Vi vários sujeitos que parecem propensos a desabafar com uma caneca de cerveja.

— Ele praticamente me ignorou — disse Elayne, incrédula. — Pouco me importa qual é o problema entre ele e mamãe. Ele não tem direito de… Bem, mais tarde eu cuido de Lorde Gareth Bryne. Preciso conversar com Min, Nynaeve.

Nynaeve fez menção de seguir Elayne quando a garota partiu apressada em direção àquele corredor que levava às cozinhas — Min lhes daria respostas diretas —, mas Siuan segurou-a pelo braço com punhos de ferro.

A Siuan Sanche que curvara a cabeça de maneira submissa perante as Aes Sedai tinha sumido. Ninguém ali usava o xale. Ela não levantou a voz em nenhum momento. Não era preciso. A mulher encarou Juilin de um jeito que o deixou apavorado.

— Preste atenção às perguntas que faz, caçador de ladrões, ou vai ser obrigado a arrancar as próprias tripas. — Aqueles frios olhos azuis saltaram para Birgitte e Marigan. A boca de Marigan se retorceu como se ela tivesse provado algo ruim, e até Birgitte piscou. — Vocês duas vão achar uma Aceita chamada Theodrin e pedir a ela algum lugar para dormir hoje à noite. Aquelas crianças parecem que já deveriam estar na cama. E então? Mexam esses pés! — Antes que as duas tivessem dado um só passo, e com Birgitte se movendo tão rápido quanto Marigan, talvez até mais, a mulher investiu contra Nynaeve: — Para você eu tenho algumas perguntas. Mandaram você cooperar, e eu sugiro que coopere, caso saiba o que é bom para a saúde.

Nynaeve foi arrastada. Antes que desse conta, Siuan já estava subindo com ela às pressas por degraus instáveis com um corrimão improvisado de madeira rústica e puxando-a por um corredor de piso grosseiro até um cubículo com duas camas apertadas afixadas à parede, uma em cima da outra. Siuan sentou-se no único banco e acenou para que Nynaeve se acomodasse na cama de baixo. Ela preferiu ficar de pé, talvez apenas para mostrar que não seria forçada a nada. Não havia muito mais no quarto. Um lavatório com um tijolo escorando uma das pernas abrigava uma bacia e um jarro lascado. Alguns vestidos pendiam de pregadores de roupa, e o que aparentava ser um catre repousava enrolado a um canto. Nynaeve caíra bastante de status em um só dia, mas Siuan caíra bem mais do que ela seria capaz de imaginar. Não achava que teria tantos problemas com a mulher. Mesmo que Siuan ainda fosse dona dos mesmos olhos.

Siuan fungou.

— Você é quem sabe então, garota. O anel. Ele não exige canalização?

— Não. Você me ouviu dizer a Sheriam…

— Qualquer pessoa pode usar? Uma mulher que não sabe canalizar? Um homem?

— Um homem, talvez. — *Ter'angreal* que não necessitavam do Poder costumavam funcionar com homens e mulheres. — Com qualquer mulher, sim.

— Então você vai me ensinar a usá-lo.

Nynaeve arqueou uma sobrancelha. Aquilo poderia ser uma arma para conseguir o que queria. Se não, ainda tinha outra. Talvez.

— Elas estão sabendo disto? Toda a conversa foi sobre mostrar *a elas* como funcionava. Não mencionaram você em momento algum.

— Elas não sabem. — Siuan não parecia nem um pouco abalada. Até sorriu, e de um jeito nada agradável. — E não vão saber. Ou vão descobrir que você e Elayne têm se passado por irmãs plenas desde que deixaram Tar Valon. Moiraine pode até estar deixando Egwene se safar, porque eu aposto que ela está contando a mesma mentira, mas

Sheriam, Carlinya…? Elas vão fazê-la gemer feito uma porca parindo antes de se darem por satisfeitas. Bem antes.

— Isso é ridículo. — Nynaeve se deu conta de que estava bem na beira da cama. Não se lembrava nem de ter sentado. Thom e Juilin controlariam as línguas. Ninguém mais sabia. Ela precisava falar com Elayne. — Nós não fingimos nem fizemos nada parecido.

— Não minta para mim, garota. Se eu precisasse de confirmação, seus olhos já me deram. Seu estômago está dando cambalhotas, não está?

Com certeza estava.

— Claro que não. Se eu ensinar alguma coisa a você, é porque quero. — Não deixaria aquela mulher intimidá-la. O último vestígio de misericórdia se esvaiu. — *Se* eu ensinar, vou querer algo em troca. Estudar você e Leane. Quero saber se uma estancada pode ser Curada.

— Não pode — respondeu Siuan, sem rodeios. — Agora…

— Qualquer coisa que não seja a morte deve poder.

— "Deve poder" não é "pode", garota. Prometeram para mim e para Leane que nos deixariam em paz. Se você quer saber o que acontece com qualquer pessoa que nos incomoda, fale com Faolain ou Emara. Elas não foram as primeiras nem as piores, mas foram as que passaram mais tempo chorando.

A outra arma. O quase pânico a apagara de sua cabeça. Se é que essa arma existia. Uma olhadela.

— O que Sheriam diria se soubesse que você e Leane não estavam nem um pouco perto de sair no tapa? — Siuan apenas a encarou. — Elas acham que vocês estão domesticadas, não é? Quanto mais você explode com alguém que não pode revidar, mais elas entendem como uma prova quando você faz de tudo para obedecer toda vez que uma Aes Sedai tosse. Um pouco de servilismo foi suficiente para fazê-las esquecer que vocês duas trabalharam juntas por anos? Ou vocês as convenceram de que ser estancadas transformou tudo, não só o rosto? Quando as Aes Sedai descobrirem que têm tramado pelas costas delas, que estão sendo manipuladas, vocês vão uivar mais alto que qualquer porca. — Nem uma piscada. Siuan não perderia a cabeça, deixando quaisquer confissões escaparem. Porém, houvera alguma coisa naquele breve olhar. Nynaeve tinha certeza. — Eu quero estudar você, e Leane, sempre que eu quiser. E Logain. — Talvez pudesse aprender algo com ele também. Homens eram diferentes. Seria como analisar o problema por outro ângulo. Não que fosse Curá-lo, mesmo que descobrisse como. Rand canalizar era necessário, mas ela não estava disposta a deixar outro homem no mundo capaz de manejar o Poder. — Se não, você pode esquecer o anel e *Tel'aran'rhiod*. — O que Siuan queria lá? Provavelmente, só revisitar algo que ao menos se parecesse com ser uma Aes Sedai. Nynaeve esmagou aquele resquício de misericórdia

que se acendeu nela. — E se você fizer qualquer alegação de termos fingido ser Aes Sedai, não terei outra opção que não contar sobre você e Leane. Elayne e eu podemos até ficar desconfortáveis até a verdade aparecer, mas isso vai acontecer, e vai fazer vocês chorarem tanto quanto Faolain e Emara juntas.

O silêncio se estendeu. Como a outra mulher conseguia parecer tão calma? Nynaeve sempre pensara que tinha a ver com o fato de ela ser Aes Sedai. Sua boca estava seca, e era a única parte do corpo assim. Se estivesse errada, se Siuan estivesse disposta a pagar para ver, ela sabia quem estaria chorando.

Por fim, Siuan resmungou:

— Espero que Moiraine tenha conseguido manter Egwene mais sob controle que isso. — Nynaeve não entendeu, mas mal teve tempo para pensar a respeito. No instante seguinte, a outra mulher já estava se inclinando para a frente com a mão estendida. — Você guarda os meus segredos e eu guardo os seus. Me ensine a usar o anel e poderá estudar tudo o que quiser sobre estancamentos e amansamentos.

Foi por pouco que Nynaeve conteve um suspiro de alívio ao apertar a mão que lhe fora estendida. Conseguira. Pela primeira vez no que parecia uma eternidade, alguém tentara intimidá-la sem sucesso. Sentia-se quase pronta para enfrentar Moghedien. Quase.

Elayne alcançou Min assim que a garota saiu pela porta dos fundos da estalagem, e passou a caminhar ao lado dela. Min tinha o que pareciam ser duas ou três camisas brancas emboladas debaixo do braço. O sol batia nas copas das árvores e, sob a luz que se desvanecia, o pátio do estábulo tinha o aspecto suave de terra recém-revirada, com um imenso cepo que poderia ter pertencido a um carvalho bem no centro. O estábulo de pedra com telhado de palha não tinha portas, o que permitia uma boa olhada nos homens se movimentando em meio às estrebarias cheias. Surpreendentemente, Leane estava conversando com um homem corpulento no limiar da sombra do estábulo. Vestido de maneira rústica, ele parecia um ferreiro, ou um lutador. O que surpreendia era quão perto dele Leane estava, a cabeça inclinada enquanto o olhava de baixo. E então tocou a bochecha do homem, antes de se virar e voltar apressada para a estalagem. O homenzarrão ficou olhando por um momento e, em seguida, entrou nas sombras e sumiu.

— Nem me pergunte o que ela está tramando — antecipou-se Min. — Pessoas estranhas vêm aqui para falar com ela ou com Siuan, e alguns dos homens, ela… Bem, você viu.

Elayne não dava a mínima para o que Leane fazia. Porém, agora que estava sozinha com Min, não sabia como puxar o assunto que queria.

— O que você está fazendo?

— Lavando roupa — resmungou Min, mexendo irritada nas camisas. — Não tenho como dizer como é bom ver Siuan sendo o rato, ao menos uma vez. Ela não sabe se a águia vai comê-la ou fazer dela um bichinho de estimação, mas tem as mesmas opções que oferece aos outros: nenhuma!

Elayne apertou o passo para acompanhá-la quando as duas atravessaram o pátio do estábulo. Não sabia de que se tratava, mas aquilo não dava abertura para o assunto que queria.

— Você sabia o que Thom ia sugerir? Nós vamos ficar.

— Eu disse a eles que vocês ficariam. Não foi uma visão. — O passo de Min voltou a ficar lento enquanto passavam entre o estábulo e uma parede de pedra quase desmoronando e desciam uma viela escura com touças de palhada e vegetação pisada. — Eu só não achei que você abriria mão da chance de estudar de novo. Você sempre ansiou por isso. Nynaeve também, mesmo que não admita. Eu queria estar errada. Iria com vocês. Ao menos eu… — Ela resmungou sozinha algo que soou furioso. — Aquelas três que vocês trouxeram é que são um problema, e isso *foi* uma visão.

Ali estava. A abertura de que ela precisava. No entanto, em vez de perguntar o que pretendia, Elayne disse:

— Está falando de Marigan, Nicola e Areina? Como elas podem ser um problema? — Só um tolo ignorava o que Min via.

— Não sei exatamente. Identifiquei apenas uns relances de aura, e só com o canto do olho. Nunca quando eu estava olhando diretamente para elas, quando poderia ter decifrado alguma coisa. Não são muitos os que têm auras o tempo todo, você sabe. Problemas. Talvez elas contem histórias. Vocês estavam tramando algo que não queriam que as Aes Sedai soubessem?

— Claro que não — respondeu Elayne, com rispidez. Min a olhou de soslaio, e ela acrescentou: — Bem, nada que não fosse necessário. Seja como for, elas não têm como saber. — Aquilo não estava levando ao ponto que queria. Elayne respirou fundo e saltou do penhasco: — Min, você teve uma visão sobre Rand e eu, não teve? — Deu mais dois passos antes de perceber que a outra mulher havia parado.

— Tive. — Foi uma palavra cheia de cautela.

— Você viu que iríamos nos apaixonar.

— Não exatamente. Vi que você se apaixonaria por ele. Não sei o que Rand sente por você, só que ele está preso a você de alguma forma.

Elayne comprimiu os lábios. Aquilo era mais ou menos o que esperara, mas não o que queria ouvir. *"Desejar" e "querer" causam tropeços, mas "ser" prepara o caminho.* Era o que Lini dizia. Tinha que lidar com o que era, não com o que desejava que fosse.

— E você viu que haveria outra pessoa. Alguém com quem… eu teria… que dividi-lo.

— Duas — disse Min com voz rouca. — Duas outras. E… E uma sou eu.

Com a boca já aberta para a pergunta seguinte, Elayne, por um momento, só conseguiu encará-la.

— Você? — conseguiu dizer, por fim.

Min se crispou.

— É, eu! Acha que não sou capaz de me apaixonar? Eu não queria, mas me apaixonei, e é isso. — Ela apertou o passo e ultrapassou Elayne na viela, que desta vez demorou mais para alcançá-la.

Aquilo certamente explicava algumas coisas: como Min sempre saía pela tangente ao tocar no assunto, de um jeito nervoso, e o bordado em suas lapelas. E, ao menos que estivesse imaginando, Min também estava usando ruge. *Como eu me sinto em relação a isso?*, ponderou Elayne. Não conseguiu chegar a uma conclusão.

— Quem é a terceira? — perguntou baixinho.

— Não sei — balbuciou Min. — Só sei que é geniosa. Não é Nynaeve, graças à Luz. — Ela soltou um risinho tímido. — Acho que eu não aguentaria isso. — Mais uma vez ela lançou um olhar enviesado e cauteloso na direção de Elayne. — O que isso muda entre nós duas? Eu gosto de você. Nunca tive uma irmã, mas às vezes sinto que você… Eu quero ser sua amiga, Elayne, e não vou deixar de gostar de você não importa o que aconteça, mas não tenho como deixar de amá-lo.

— Não gosto muito da ideia de ter que dividir um homem — confessou Elayne, rígida. Com certeza era um eufemismo.

— Nem eu. Só que… Elayne, tenho vergonha de admitir, mas vou aceitá-lo do jeito que for. Não que alguma de nós duas tenha muita escolha. Luz, ele bagunçou toda a minha vida. Só pensar nele bagunça minha cabeça. — Min parecia não saber se ria ou chorava.

Elayne soltou o ar devagar. Não era culpa de Min. Melhor que fosse Min do que, digamos, Berelain ou uma outra que ela não suportasse.

— *Ta'veren* — disse ela. — Ele molda o mundo em torno dele. Somos farelos pegos em um redemoinho. Mas acho que me lembro de dizermos, eu, você e Egwene, que nunca deixaríamos um homem atrapalhar nossa amizade. Vamos dar um jeito nisso, Min. E quando descobrirmos quem é a terceira… Bem, também vamos dar um jeito nisso. De alguma maneira. — Uma *terceira*! Seria Berelain? *Ah, sangue e cinzas!*

— De alguma maneira — concordou Min em um tom desanimado. — Enquanto isso, nós estamos presas aqui com uma

corrente no tornozelo. Sei que há outra, sei que não posso fazer nada a respeito, mas já tive problemas demais aceitando que seria você e… nem todas as cairhienas são como Moiraine. Uma vez eu vi uma nobre cairhiena em Baerlon. Na superfície, fazia Moiraine parecer Leane, mas às vezes ela dizia coisas, fazia insinuações… E as auras dela! Acho que homem nenhum na cidade inteira estava seguro sozinho com ela, a menos que fosse feio, chato ou, melhor ainda, estivesse morto.

Elayne bufou, mas conseguiu suavizar a voz.

— Não se preocupe com isso. Temos outra irmã, você e eu, uma que você ainda não conhece. Aviendha está vigiando Rand de perto, e ele não dá dez passos sem a presença de uma guarda das Donzelas da Lança. — Uma cairhiena? Pelo menos Berelain ela conhecia, sabia algo a seu respeito. Não. Não ia se preocupar com aquilo como uma desmiolada. Qualquer mulher feita lidava com o mundo como ele era e extraía o melhor disso. Mas quem poderia ser?

As duas tinham ido parar em um jardim pontilhado de freixos. Enormes caldeirões, em sua maioria esburacados onde a ferrugem fora raspada, repousavam junto ao muro de pedra que circundava a área e que fora derrubado em vários pontos pelas árvores que cresciam por entre ele. Apesar das sombras cortando o jardim, dois caldeirões fervendo ainda tinham o fogo aceso, e três noviças, os cabelos ensopados de suor e as saias brancas levantadas e amarradas, trabalhavam pesado em tábuas de bater roupa mergulhadas em espaçosas tinas cheias de água com sabão.

Elayne deu uma olhada nas camisas debaixo do braço de Min e abraçou *saidar*.

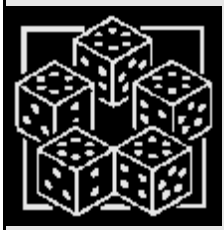
— Me deixe ajudar com isto. — Canalizar para executar tarefas era proibido, já que, segundo se dizia, o trabalho físico desenvolvia o caráter. Mas aquilo não era a mesma coisa. Se rodopiasse as camisas dentro da água com força suficiente, não haveria nenhuma razão para as duas molharem as mãos. — Me conte tudo. Siuan e Leane estão mesmo tão mudadas quanto parecem? Como você veio parar aqui? Logain está *mesmo* aqui? E por que você está lavando as camisas de um homem qualquer? Conte tudo.

Min gargalhou, claramente satisfeita com a mudança de assunto.

— "Tudo" vai levar uma semana. Mas vou tentar. Primeiro, eu ajudei Siuan e Leane a sair do calabouço em que Elaida tinha enfiado as duas, e então…

Fazendo os devidos sons de espanto, Elayne canalizou Ar para tirar um dos caldeirões ferventes do fogo. Mal se deu conta dos olhares incrédulos das noviças. Já estava acostumada com a própria força, e era raro lhe ocorrer que, sem pensar, fazia coisas que algumas Aes Sedai plenas não conseguiam. Quem era a terceira mulher? Era bom Aviendha estar vigiando Rand bem de perto.

51



A notícia chega a Cairhien

Um fiapo de fumaça azul subia do rústico cachimbo de piteira curta preso entre os dentes de Rand, que apoiava uma das mãos na balaustrada de pedra da varanda enquanto observava o jardim abaixo. Sombras afiadas se alongavam. O sol era uma bola vermelha baixando em um céu sem nuvens. Dez dias em Cairhien, e este parecia ser o primeiro momento em que ficava quieto, tirando as horas de sono. Selande estava a seu lado, o rosto pálido inclinado para cima para observar Rand, não o jardim. O cabelo dela não estava penteado como os das ladies de classes mais altas, porém ainda acrescentava meio pé à sua altura. Ele tentava ignorá-la, mas era difícil ignorar uma mulher que insistia em pressionar os seios firmes contra seu braço. A reunião demorara o suficiente para Rand querer um rápido intervalo. Entendeu que cometera um erro assim que Selande o seguiu.

— Conheço uma piscina isolada — informou ela, baixinho — onde poderíamos escapar deste calor. É uma piscina coberta, onde nada nos perturbaria. — A música da harpa de Asmodean flutuava pelos arcos quadrados atrás dos dois. Algo leve e tranquilo.

Rand pitou com um pouco mais de vigor. O calor. Nada comparado ao Deserto, mas… Embora o outono devesse estar chegando, a tarde parecia ter saído do meio do verão. Um verão sem chuvas. No jardim, homens com camisas de manga curta regavam as plantas com baldes, fazendo isso a essa hora para evitar que a água evaporasse, mas grande parte da vegetação estava marrom ou morrendo. Aquele clima não podia ser natural. O sol escorchante zombava dele. Moiraine concordava, Asmodean também, mas nenhum dos dois sabia o que ou como fazer, não mais que Rand. Sammael. Em relação a Sammael, ele podia tomar providências.

— Água fresca — murmurou Selande —, e eu e você a sós. — Ela se aproximou mais, embora Rand não soubesse como foi possível.

Ele se perguntou quando viria a próxima provocação. Não podia se precipitar na irritação, independentemente do que Sammael fizesse. Assim que a reforma metódica em Tear estivesse concluída, e só então, soltaria o raio. Um único golpe arrasador para pôr um fim em

Sammael e, ao mesmo tempo, acrescentar Illian ao pacote. Com Illian, Tear e Cairhien, e mais um exército Aiel grande o bastante para esmagar qualquer nação em semanas, ele…

— Você não quer nadar? Eu não nado bem, mas com certeza você pode me ensinar.

Rand suspirou. Por um momento, desejou que Aviendha estivesse ali. Não. A última coisa que ele queria era que Selande acabasse machucada, correndo e gritando com as roupas parcialmente rasgadas.

Baixou os olhos para ela e falou com tranquilidade, o cachimbo ainda na boca:

— Eu consigo canalizar. — Ela piscou e recuou sem mover um músculo. Nunca entendiam por que Rand sempre tocava naquele assunto. Para elas, era algo a ser mencionado de passagem, ignorado, se possível. — Dizem que eu vou enlouquecer. Mas ainda não estou louco. Ainda não. — Ele soltou uma risada profunda e então interrompeu-a abruptamente e deu ao próprio rosto uma expressão vazia. — Ensinar você a nadar? Posso fazê-la flutuar na água com o Poder. *Saidin* é maculado, você sabe. O toque do Tenebroso. Mas você não vai sentir. Vai envolvê-la por inteiro, mas você não vai sentir nada. — Outra risada, um pouco ofegante. Os olhos escuros da mulher estavam tão arregalados e redondos quanto possível, e havia um quê enojado em seu sorriso. — Mais tarde, então. Quero ficar sozinho, para pensar em… — Ele se curvou como se fosse beijá-la e, com um gritinho abafado, Selande se abaixou em uma reverência tão súbita que, a princípio, Rand pensou que ela havia caído.

Recuando e fazendo reverências afobadas a cada passo, a mulher gaguejou algo sobre como era uma honra servi-lo, que seu maior desejo era fazer isso, tudo com um tom de voz à beira da histeria, até tropeçar em um dos arcos quadrados. Uma última reverência curta, e ela disparou para dentro.

Rand fez uma careta e tornou a se virar para a balaustrada. Assustar uma mulher dessa maneira… Se tivesse apenas pedido para ela deixá-lo, Selande teria dado desculpas, entendido a ordem como apenas um contratempo momentâneo, a menos que fosse um comando direto para ficar bem longe dele, e, mesmo assim… Talvez a notícia sobre o ocorrido se espalhasse, dessa vez. Ele precisava manter seu temperamento em rédea curta. Ultimamente, andava perdendo o controle fácil demais. Era por causa da seca sobre a qual não podia fazer nada, dos problemas que brotavam feito erva por todos os lados. Mais alguns momentos sozinho com seu cachimbo. Quem governaria uma nação quando poderia ter uma tarefa mais fácil, como transportar água morro acima em um crivo?

Do outro lado do jardim, entre duas das torres escalonadas do Palácio Real, tinha uma vista de Cairhien, mal-iluminada e encoberta,

domando as colinas mais do que erguendo-se sobre elas. Sua bandeira carmesim com o antigo símbolo das Aes Sedai pairava murcha acima de uma dessas duas torres, uma cópia minuciosa do Estandarte do Dragão acima da outra. Esta era exibida em uma dúzia de pontos da cidade, inclusive na mais alta das grandes torres inacabadas, bem à frente dele. Gritar surtira o mesmo pouco efeito que dar ordens. Nem tairenos nem cairhienos acreditaram que ele realmente falava sério ao dizer que só queria um estandarte, e que os Aiel não davam a mínima para estandartes, de um jeito ou de outro.

Mesmo agora, nos confins do palácio, ouvia os murmúrios de uma cidade lotada a ponto de estourar: refugiados de todos os cantos da região com mais medo de retornar para suas casas do que de ficar perto do Dragão Renascido. Mercadores afluindo e vendendo o que quer que as pessoas tivessem condições de comprar e comprando o que quer que elas não tivessem condições de manter. Lordes e homens armados aderindo ao estandarte de Rand ou ao de quem fosse. Caçadores da Trombeta acreditando que ela seria encontrada perto do Lorde Dragão; uma dezena de habitantes de Portão Frontal — ou uma centena — estavam prontos para vendê-la a qualquer um. Pedreiros Ogier do Pouso Tsofu querendo descobrir se havia trabalho para suas famosas habilidades. Aventureiros — alguns dos quais talvez fossem bandidos uma semana antes — vindos para ver o que conseguiriam. Houvera até cerca de cem Mantos-brancos, apesar de terem galopado assim que ficou claro que o cerco fora suspenso. O fato de que Pedro Niall estava reunindo Mantos-brancos o preocupava? Egwene lhe dava pistas sobre certos assuntos, mas ela via questões do ponto de vista da Torre Branca, onde quer que estivesse. O ponto de vista das Aes Sedai não era o dele.

Ao menos os trens com vagões cheios de grãos começavam a chegar de Tear com certa regularidade. Um povo com fome poderia se revoltar. Rand queria ficar satisfeito com a alegria por aquela gente não estar mais faminta, mas ali estava ele. Havia menos bandidos. E a guerra civil ainda não recomeçara. Ainda. Mais boas notícias. Precisava se assegurar de que as coisas continuariam assim antes que fosse embora. Uma centena de assuntos a tratar antes que pudesse ir atrás de Sammael. Dos chefes em quem realmente confiava, daqueles que haviam marchado desde Rhuidean ao seu lado, só Rhuarc e Bael permaneciam. Mas se os quatro clãs que aderiram a ele depois não fossem confiáveis para marchar até Tear, seriam confiáveis à solta em Cairhien? Indirian e os demais tinham-no reconhecido como *Car'a'carn*, mas sabiam tão pouco de Rand quanto Rand sabia deles. A mensagem daquela manhã poderia ser um problema. Berelain, Primeira de Mayene, só estava a algumas centenas de milhas ao sul da cidade, vindo se juntar a ele com um pequeno exército. Não fazia ideia

de como ela havia conseguido liderá-los através de Tear. Estranhamente, a carta da mulher perguntara se Perrin estava com ele. Não havia dúvida de que Berelain temia que Rand se esquecesse do pequeno país dela, caso não o lembrasse. Seria quase um prazer vê-la enfrentar os cairhienos, a última em uma longa lista de Primeiras que haviam conseguido evitar que Tear engolisse seu país ao jogar o Jogo das Casas. Se ele a pusesse no comando ali, talvez… Rand levaria Meilan e os outros tairenos consigo quando chegasse a hora. Se a hora algum dia chegasse.

Nada disso era melhor do que o que o aguardava lá dentro. Rand bateu no cachimbo para tirar a borra e apagou as últimas centelhas do tabaco sob as botas. Desnecessário correr o risco de atear fogo ao jardim. As chamas se elevariam feito uma tocha. A seca. O clima não natural. Reparou que estava rosnando baixinho. Primeiro, cuidar do que ele sabia que podia fazer algo a respeito. Rand precisou se esforçar para suavizar sua expressão antes de entrar.

Asmodean, tão bem vestido quanto qualquer lorde, babados de renda no pescoço, dedilhava a um canto uma canção tranquilizadora, recostado nas paredes sóbrias e escuras como se estivesse apenas passando o tempo. Todos os demais que estavam sentados pularam da cadeira com a aparição de Rand e tornaram a sentar após seu gesto incisivo. Meilan, Torean e Aracome ocupavam cadeiras entalhadas em ouro em uma das laterais do comprido tapete vermelho e dourado, cada um com um jovem lorde taireno às costas, espelhando os cairhienos, do outro lado. Dobraine e Maringil também tinham cada qual um lorde às costas, ambos com a parte frontal da cabeça raspada e branca de talco, como a de Dobraine. Com o rosto pálido, Selande estava de pé junto ao ombro de Colavaere e estremeceu quando Rand olhou para ela.

Controlando a própria expressão, Rand cruzou rápido todo o tapete até sua cadeira. A própria cadeira lhe dava motivo para precisar se controlar. Era um novo presente de Colavaere e dos outros dois, no que imaginavam que fosse o estilo taireno. Rand devia gostar do espalhafatoso estilo taireno. Ele governava Tear e mandara os tairenos para Cairhien. Dragões entalhados sustentavam-na, todos em vermelho e dourado cintilante com esmaltes e douraduras, e grandes pedras do sol fazendo as vezes dos olhos dourados. Outros dois compunham os braços, e vários mais se erguiam no alto espaldar. Incontáveis artesãos deviam ter ficado sem dormir desde a chegada de Rand para dar conta de fabricar o objeto. Sentado ali, sentia-se um idiota. A música de Asmodean mudara. Passara a ser um som grandioso, uma marcha triunfal.

Ainda assim, havia uma cautela extra nos escuros olhos cairhienos que o observavam, uma cautela que se refletia nos tairenos. A

sensação também já estivera ali antes de ele fazer o intervalo. Na tentativa de bajulá-lo, talvez tivessem cometido um erro que só agora estavam percebendo. Todos haviam tentado ignorar quem ele era, fingir que não passava de um jovem lorde qualquer que os conquistara e que podiam lidar e manipular. Aquela cadeira — aquele trono — escancarou quem e o que Rand era de fato.

— Os soldados estão se deslocando conforme o previsto, Lorde Dobraine? — O som da harpa se dissipou tão logo ele abriu a boca, Asmodean parecendo concentrado apenas em acariciá-la.

O homem de pele coriácea abriu um sorriso soturno.

— Estão, milorde Dragão. — Nada além disso.

Rand não alimentava ilusões de que Dobraine gostasse mais dele do que os outros ou que não fosse tentar tirar algum proveito da maneira que pudesse, mas Dobraine parecia mesmo disposto a manter o juramento que fizera. As barras coloridas que lhe desciam pela parte frontal do casaco estavam desgastadas pelo roçar da armadura peitoral que fora afivelada tantas vezes por cima delas.

Maringil se moveu para a beira do assento, esguio feito um chicote e alto para os padrões cairhienos, o cabelo branco quase encostando nos ombros. A frente da cabeça não era raspada, e o casaco, com listras que iam quase até o joelho, não exibia desgastes.

— Precisamos daqueles homens aqui, milorde Dragão. — Seus olhos de falcão piscaram para o trono dourado e tornaram a se concentrar em Rand. — Ainda há muitos bandidos à solta por estas terras. — Ele tornou a mudar de posição de modo que não precisasse olhar para os tairenos. Meilan e os outros dois deram um sorriso discreto.

— Já enviei Aiel para caçar bandidos — avisou Rand.

Eles haviam mesmo recebido ordens para executar quaisquer salteadores que lhes cruzassem o caminho. E para não desviar de rota para encontrá-los. Nem os Aiel eram capazes de fazer isso e ainda se deslocar rápido.

— Fiquei sabendo que Cães de Pedra mataram quase duzentos perto de Morelle, três dias atrás. — Isso ficava perto da fronteira mais ao sul que os cairhienos haviam reivindicado poucos anos antes, na metade do caminho até o rio Iralell. Não precisava contar a eles que esses Aiel, àquela altura, já podiam estar até no rio. Era um povo capaz de cobrir longas distâncias mais depressa que cavalos.

Maringil franziu o cenho, desconfortável, e insistiu:

— Há mais uma razão: metade de nossas terras a oeste do Alguenya está nas mãos de Andor. — Ele hesitou. Todos sabiam que Rand crescera em Andor, e dezenas de boatos afirmavam que ele era filho de uma ou outra Casa Andoriana, talvez até filho da própria Morgase, exilado porque sabia canalizar ou fugido antes que

conseguissem amansá-lo. O homem esguio prosseguiu como se caminhasse na ponta dos pés por entre adagas, vendado e descalço. — Morgase ainda não parece estar avançando mais, mas o que ela já tomou precisa ser reconquistado. Seus arautos já proclamaram até o direito dela sobre… — Maringil parou de repente. Ninguém ali sabia para quem Rand queria designar o Trono do Sol. Talvez fosse para Morgase.

O olhar sombrio de Colavaere fez Rand analisar a situação de novo. Ela falara pouco naquele dia. Não falaria mais até descobrir por que o rosto de Selande estava tão branco.

De repente, Rand se cansou de tantos nobres hesitantes e de todas aquelas manobras do *Daes Dae'mar*.

— Vou cuidar das reivindicações andorianas a Cairhien quando estiver pronto. Aqueles soldados vão para Tear. Vocês vão seguir o bom exemplo de obediência do Grão-lorde Meilan, e não quero mais ouvir falar no assunto. — Rand se virou para os tairenos. — O seu é um bom exemplo, não é, Meilan? E o seu, Aracome? Se amanhã eu for embora, não vou me deparar com mil Defensores da Pedra acampados dez milhas ao sul e que já deveriam estar a caminho de Tear há dois dias, vou? Nem com dois mil soldados de Casas Tairenas?

Os sorrisos foram murchando a cada pergunta. Meilan ficou imóvel, os olhos escuros brilhando, e o rosto estreito de Aracome ficou pálido, embora fosse difícil dizer se de raiva ou de medo. Torean secou o rosto encaroçado com um lenço de seda que puxou da manga. Rand estava na liderança de Tear, e pretendia liderar; *Callandor* enterrada no Coração da Pedra comprovava o fato. Por isso eles não tinham reclamado sobre Rand enviar soldados tairenos a Cairhien. Pretendiam conseguir novas terras, talvez reinos, ali, bem longe de sua liderança.

— Não vai, milorde Dragão — garantiu Meilan, por fim. — Amanhã vou cavalgar ao seu lado para que veja com os próprios olhos.

Rand não duvidou. Meilan despacharia um cavaleiro para o sul o mais rápido possível, e, no dia seguinte, aqueles soldados já estariam bem longe, a caminho de Tear. Bastava. Por ora.

— Por mim está encerrado, então. Podem ir embora.

Alguns pularam de surpresa, se aquietando tão depressa que poderia ter sido só imaginação, e então todos já se levantavam, se curvavam e faziam reverências, Selande e os jovens lordes recuando. Suas expectativas tinham sido maiores. Uma audiência com o Dragão Renascido era sempre longa e tortuosa, na opinião deles, durante as quais eram dobrados com firmeza para onde Rand queria que seguissem, fosse declarando que nenhum taireno poderia reivindicar terras em Cairhien sem se casar com uma Casa cairhiena, fosse se

recusando a permitir a expulsão dos habitantes de Portão Frontal, ou fazendo leis que antes só valiam para plebeus passarem a se aplicar a nobres.

Os olhos de Rand acompanharam Selande por um momento. Ela não fora a primeira, nos últimos dez dias. Nem a décima, nem mesmo a vigésima. Ficara tentado, ao menos de início. Quando rejeitava uma mulher esbelta, uma rechonchuda logo a substituía, assim como uma alta ou uma morena, ao menos para os padrões cairhienos, substituía uma baixa ou uma loura. A busca constante pela mulher que o satisfaria. As Donzelas impediam firmemente as que tentavam invadir furtivamente o alojamento dele à noite, mas sendo mais gentis do que Aviendha fora com a única que pegou. Aviendha parecia considerar a posse de Elayne sobre ele de uma seriedade mortal. Ainda assim, seu senso de humor Aiel parecia ficar muito satisfeito em atormentá-lo. Rand vira essa satisfação estampada na cara dela quando gemeu e escondeu o rosto ao vê-la se despir para dormir. Então poderia até ter se ressentido da seriedade mortal dela, caso não tivesse compreendido bem rápido o que estava por trás daquela sucessão de belas jovens.

— Milady Colavaere.

A mulher parou assim que Rand pronunciou seu nome, tranquila e com o olhar sereno sob a torre ornamentada de cachos escuros. Selande não teve outra opção a não ser permanecer com ela, embora estivesse claramente tão relutante em ficar quanto os demais estavam em sair. Meilan e Maringil foram os últimos a se curvar e sair, tão atentos a Colavaere e à tentativa de desvendar por que ela fora convocada que não perceberam que estavam um do lado do outro. Escuros e predatórios, seus olhos combinavam à perfeição.

A porta de madeira escura se fechou.

— Selande é uma jovem muito bonita — afirmou Rand. — Mas há quem prefira a companhia de uma mulher… mais madura… mais versada. Você vai jantar comigo hoje, quando soar a Segunda Noite. Estou ansioso para ter esse prazer. — Ele acenou para que ela saísse antes que a mulher pudesse dizer qualquer coisa, se é que ela diria. Seu rosto não se alterou, mas a reverência que fez foi um tantinho desajeitada. Selande parecia simplesmente pasma. E infinitamente aliviada.

Tão logo a porta voltara a se fechar atrás das duas mulheres, Rand jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Uma gargalhada áspera e sarcástica. Estava cansado do Jogo das Casas, então jogava-o sem pensar. Sentira-se mal por assustar uma mulher, então assustara outra. Eram motivos suficientes para rir. Colavaere estava por trás daquela fila de jovens que andaram se jogando para cima dele. Se encontrasse uma amante para o Lorde Dragão, uma jovem cujos fiozinhos ela manipulasse, Colavaere teria uma corda

atada com firmeza a Rand. Mas era outra mulher que ela pretendia deitar, e talvez até casar, com o Dragão Renascido. Agora ela mesma teria que suar até a Segunda Noite. Ela sabia que era bonita, mesmo que não linda, e, se ele rechaçava todas as jovens que ela enviava, talvez fosse porque quisesse uma com uns quinze anos a mais. E Colavaere sabia que não ousaria negar o homem que detinha Cairhien nas mãos. Naquela noite, ela estaria submissa — e pararia com aquela idiotice. Aviendha muito provavelmente rasgaria a garganta de qualquer mulher que encontrasse na cama dele. Além do mais, Rand não tinha tempo para todas aquelas pombinhas que se assustavam tão fácil e que pensavam em se sacrificar por Cairhien e Colavaere. Havia problemas demais a resolver, e nenhum tempo.

Luz, e se Colavaere decidir que o sacrifício vale a pena? Era possível. Ela com certeza tinha sangue frio suficiente. *Então vou ter que cuidar para que ele fique frio de medo.* Não seria difícil. Sentia *saidin* logo no canto da vista. Sentia a mácula. Às vezes, achava que o que sentia era a mácula nele mesmo, os resíduos deixados por *saidin*.

Rand se pegou encarando Asmodean. O homem parecia analisá-lo, o rosto neutro. A música recomeçou feito água gorgolejando sobre rochas, tranquilizante. Então ele precisava ser tranquilizado?

A porta se abriu sem que ninguém batesse e permitiu a entrada de Moiraine, Egwene e Aviendha juntas, o vestido Aiel das mais jovens emoldurando o azul-claro da Aes Sedai. Para qualquer outra pessoa, mesmo Rhuarc ou outro chefe de clã ainda próximo da cidade, ou mesmo uma delegação de Sábias, uma Donzela teria entrado para anunciá-las. Essas três, as Donzelas deixavam entrar mesmo que ele estivesse tomando banho. Egwene deu uma olhada para "Natael" e fez uma careta, e a melodia ficou mais baixa e, por um momento, intricada, talvez uma dança, antes de se tornar quase uma brisa farfalhante. O homem exibia um sorriso torto direcionado só à harpa.

— Estou surpreso em vê-la, Egwene — disse Rand. Ele passou a perna por cima do braço da cadeira. — Já são quantos, seis dias que você tem me evitado? Trouxe mais boas notícias? Masema saqueou Amador em meu nome? Ou será que essas Aes Sedai que você diz que me apoiam passaram para a Ajah Negra? Preste atenção que eu não estou perguntando *quem* elas são ou onde estão. Nem como você sabe. Não peço para que você entregue os segredos das Aes Sedai, das Sábias ou de quem quer que elas sejam. Basta você me dar as migalhas que veio oferecer como esmola e deixe que eu me preocupo com ser apunhalado pelas coisas que você não me diz.

Egwene o encarou com o olhar calmo.

— Você sabe o que precisa saber. E eu não vou contar o que você não precisa. — Foi o que ela dissera, seis dias antes. Ela era tão Aes Sedai quanto Moiraine, ainda que uma usasse vestes Aiel e a outra,

seda azul-clara.

Não havia nada calmo em relação a Aviendha. Ela se moveu para ficar ombro a ombro com Egwene, os olhos verdes cintilando e as costas tão eretas que poderiam ser de aço. Rand estava um tanto surpreso por Moiraine não ter se juntado a elas, para que as três a encarassem daquele jeito. O juramento de obediência dela deixava brechas espantosas, ao que parecia, e as três aparentavam ter se tornado muito próximas desde que ele discutira com Egwene. Não que tivesse sido exatamente uma discussão. Não era possível discutir muito com uma mulher que observava tudo com olhos serenos, nunca levantava a voz e, após uma única recusa a responder, se recusava até a reconsiderar a pergunta.

— O que você quer? — indagou ele.

— Estas duas chegaram para você há menos de uma hora — respondeu Moiraine, estendendo-lhe duas cartas dobradas. A voz dela parecia combinar com a melodia de Asmodean.

Desconfiado, Rand se levantou para apanhá-las.

— Se são para mim, como foram parar nas suas mãos?

Uma estava endereçada a "Rand al'Thor" com uma letra pequena e angulada; a outra, com uma escrita fluida, ainda que não menos precisa, para o "Lorde Dragão Renascido". Os lacres estavam intactos. Um segundo olhar o deixou atônito. Os dois lacres pareciam ser feitos com a mesma cera vermelha e, se um trazia impressa a Chama de Tar Valon, o outro tinha uma torre enfronhada no que ele reconheceu ser a ilha de Tar Valon.

— Talvez por conta de onde vieram — respondeu Moiraine —, e de quem vieram. — Não era uma explicação, mas era o máximo que ele teria, a não ser que exigisse mais. Ainda assim, teria que insistir. Ela mantinha o juramento, mas a seus próprios modos. — Não há nenhuma agulha envenenada nos lacres. Nem armadilhas urdidas.

Rand parou com o polegar na Chama de Tar Valon — não pensara em nada daquilo — e então a rompeu. Uma segunda Chama em cera vermelha repousava ao lado da assinatura, Elaida do Avriny a'Roihan, rabiscado com afobação acima dos títulos da mulher. O resto estava escrito com a letra angulada:

Não há como negar que você é aquele que foi profetizado, e ainda assim muitos vão tentar destruí-lo pelas outras coisas que você é. Para o bem do mundo, isso não pode ser permitido. Duas nações se ajoelharam para você, assim como os selvagens Aiel, mas o poder dos tronos é como poeira perto do Poder Único. A Torre Branca vai abrigá-lo e protegê-lo contra aqueles que se recusam a enxergar as coisas como devem ser. A Torre Branca vai cuidar para que você viva para ver Tarmon Gai'don. Ninguém mais é capaz disso. Uma escolta de Aes Sedai chegará para conduzi-lo a Tar Valon com a honra e o respeito que você merece. Isto eu

lhe garanto.

— Ela nem pergunta — observou Rand, irônico.

Lembrava-se bem de Elaida, considerando que só se encontrara com ela uma vez. Uma mulher dura o bastante para fazer Moiraine parecer uma gatinha. "A honra e o respeito" que ele merecia. Rand poderia apostar que a escolta de Aes Sedai, por obra do acaso, teria treze mulheres.

Devolveu a carta de Elaida para Moiraine e abriu a outra. A página estava preenchida pela mesma letra que a endereçara:

Com todo o respeito, imploro humildemente para me fazer conhecida pelo Lorde Dragão Renascido, a quem a Luz abençoa como salvador do mundo.

Todo o mundo precisa prestar uma reverência a você, que conquistou Cairhien em um dia, assim como fez em Tear. Porém, eu lhe suplico, seja cauteloso, pois seu esplendor vai inspirar inveja até mesmo entre os que não foram laborados na Sombra. Mesmo aqui na Torre Branca há cegos que não conseguem enxergar sua verdadeira fulgurância, que iluminará a todos nós. Mas saiba que alguns comemoram sua chegada, e ficarão gratos de servir sua glória. Não somos daqueles que roubariam seu brilho, mas daqueles que se ajoelhariam para se aquecer diante de sua cintilância. Você vai salvar o mundo, segundo as Profecias, e o mundo será seu.

Para a minha vergonha, devo implorar para que você não permita que ninguém mais leia estas palavras, e para que as destrua assim que as tiver lido. Despida de sua proteção, estou em meio a pessoas que usurpariam seu poder, e não tenho como saber quem, em seu entorno, é tão fiel quanto eu. Soube que Moiraine Damodred pode estar com você. Ela pode servi-lo com devoção, tomando suas palavras como lei, como eu o farei, mas não tenho como saber, já que minha lembrança dela é de uma mulher reservada, muito afeita a intrigas, como são os cairhienos. Mas mesmo que você acredite que ela é sua vassala, como eu sou, imploro para que mantenha esta missiva em segredo, inclusive dela. Minha vida repousa sob seus dedos, milorde Dragão Renascido, e sou sua serva.

Alviarin Freidhen.

Rand leu a carta uma vez mais, incrédulo, e então entregou-a a Moiraine. Ela mal examinou a página antes de repassá-la a Egwene, que, junto com Aviendha, lia a outra carta. Poderia Moiraine já saber o que ambas continham?

— Que bom que você fez seu juramento — ponderou Rand. — Se tivesse continuado do jeito que era antes, tão sigilosa, eu poderia começar a desconfiar. Que bom que agora está mais aberta. — Ela não reagiu. — O que acha disso?

— Ela deve ter ouvido falar do seu ego inflado — respondeu Egwene, baixinho. Rand não achou que fosse para ele ouvir. Ela balançou a cabeça e disse mais alto: — Isso não parece nem um pouco

com Alviarin.

— É a letra dela — assegurou Moiraine. — O que *você* acha disso, Rand?

— Acho que há uma competição na Torre, esteja Elaida sabendo disso ou não. Presumo que uma Aes Sedai tenha a mesma dificuldade para escrever uma mentira do que para falar. — Ele não esperou que ela aquiescesse. — Se Alviarin tivesse floreado menos, eu teria pensado que elas estavam trabalhando juntas para me trazer para o lado delas. Não consigo enxergar Elaida pensando nem em metade do que Alviarin escreveu, e não consigo vê-la tendo uma Curadora que escreveria isto, não com ela sabendo.

— Você não vai fazer nada disso — disse Aviendha, a carta de Elaida amassada na mão. Não foi uma pergunta.

— Não sou nenhum idiota.

— Não é, às vezes — retrucou ela, a contragosto, piorando ainda mais as coisas ao erguer uma sobrancelha questionadora para Egwene, que refletiu por um momento e então deu de ombros.

— Você vê mais alguma coisa? — indagou Moiraine.

— Vejo espiãs da Torre Branca — respondeu Rand, seco. — Elas sabem que eu controlo a cidade.

Durante pelo menos dois ou três dias após a batalha, os Shaido teriam impedido qualquer coisa indo para o norte que não fosse um pombo. Nem um cavaleiro que soubesse onde trocar de cavalo, o que não era fácil fazer entre Cairhien e Tar Valon, teria chegado na Torre a tempo destas cartas estarem ali hoje.

Moiraine sorriu.

— Você aprende rápido. Vai se sair bem. — Por um momento, pareceu quase afetuosa. — O que vai fazer a respeito?

— Nada, só garantir que a "escolta" de Elaida não chegue nem a uma milha de mim. — Treze das mais fracas Aes Sedai unidas seriam capazes de sobrepujá-lo, e ele não achava que Elaida mandaria as mais fracas. — Isso, e estar ciente de que a Torre fica sabendo de tudo que eu faço logo no dia seguinte. Nada além disso até eu descobrir mais. Será que Alviarin poderia ser uma das suas amigas misteriosas, Egwene?

Ela hesitou, e Rand de repente ficou se perguntando se Egwene dissera a Moiraine algo mais do que havia lhe dito. Eram segredos das Aes Sedai que ela guardava, ou das Sábias? Ao menos ela respondeu:

— Não sei — disse, simplesmente.

Ouviu-se uma batida na porta, e Somara pôs a cabeça loira para dentro.

— Matrim Cauthon está aí, *Car'a'carn*. Diz que você mandou chamá-lo.

Quatro horas antes, assim que ficara sabendo que Mat tinha

voltado à cidade. Qual seria a desculpa desta vez? Estava na hora de acabar com as desculpas.

— Fiquem — ordenou às mulheres. Sábias deixavam Mat quase tão desconfortável quanto Aes Sedai. Aquelas três o tirariam o sério. Rand não pensou nem hesitou em usá-las. Também usaria Mat. — Mande-o entrar, Somara.

Mat entrou sorrindo e a passos lentos, como se estivesse adentrando um salão de estalagem. Seu casaco verde estava desabotoado, e a camisa, parcialmente desamarrada, expondo a prateada cabeça de raposa que balançava em seu peito suado, mas o cachecol de seda escura, apesar do calor, estava envolto no pescoço para esconder a cicatriz do enforcamento.

— Desculpe se demorei muito. Alguns cairhienos achavam que sabiam jogar cartas. Ele não sabe tocar nada mais animado? — perguntou, indicando Asmodean com a cabeça.

— Ouvi falar — começou Rand — que todos os jovens capazes de pegar em uma espada querem se juntar ao Bando da Mão Vermelha. Talmanes e Nalesean estão tendo que despachá-los aos montes. E Daerid dobrou seu número de lacaios.

Mat fez uma pausa ao se sentar na cadeira que Aracome ocupara.

— É verdade. Um belo grupo de jovens… camaradas querendo ser heróis.

— O Bando da Mão Vermelha — murmurou Moiraine. — *Shen an Calhar*. Um grupo lendário de heróis, de fato, embora os homens que o formavam devam ter mudado muitas vezes durante uma guerra que durou bem mais de trezentos anos. Dizem que eles foram os últimos a tombar nas mãos dos Trollocs, fazendo a guarda do próprio Aemon quando Manetheren morreu. Reza a lenda que, para marcar a passagem deles, uma fonte nasceu onde eles caíram, mas eu penso que a fonte já estava lá.

— Eu não saberia dizer. — Mat tocou o medalhão com a cabeça de raposa, e sua voz ficou mais grave. — Algum tolo tirou esse nome de algum lugar, e todos começaram a usar.

Moiraine deu uma olhadela desdenhosa para o medalhão. A pedrinha azul pendendo em sua testa parecia atrair a luz e brilhar, apesar de os ângulos não estarem corretos.

— Ao que parece, você é muito corajoso, Mat. — As palavras foram ditas em um tom neutro, e o silêncio que se seguiu enrijeceu o rosto dele. — Muito corajoso — repetiu, por fim —, para liderar *Shen an Calhar* até o lado sul do Alguenya, contra os andorianos. Mais corajoso até do que isso, já que os boatos dizem que você foi fazer o reconhecimento do trajeto sozinho e que Talmanes e Nalesean tiveram que cavalgar muito para alcançá-lo. — Ao fundo, Egwene bufou. — Não é muito sábio para um jovem lorde liderando seus homens.

O lábio de Mat se retorceu.

— Não sou nenhum lorde. Me dou mais respeito que isso.

— Mas muito corajoso — repetiu Moiraine como se ele nem tivesse falado. — Carroções de abastecimento andorianos incendiados, postos avançados destruídos. E três batalhas. Três batalhas e três vitórias. Com poucas baixas dos seus homens, ainda que em menor número. — Enquanto a mulher passava o dedo por um rasgão no ombro do casaco do rapaz, Mat foi se afundando o máximo possível na cadeira. — Você é atraído para o calor das batalhas ou elas é que são atraídas a você? Estou quase surpresa por você ter voltado. Pelo que ouvi das histórias, você poderia ter empurrado os andorianos de volta para o outro lado do Erinin, caso tivesse ficado.

— Você acha isso engraçado? — rosnou Mat. — Se tem algo a dizer, diga. Você pode bancar o gato como quiser, mas eu não sou nenhum rato.

Por um instante, ele olhou furiosamente para Egwene e Aviendha, que assistiam a tudo de braços cruzados, e tornou a passar o dedo pela cabeça de raposa. Com certeza estava se perguntando. O objeto impedira que a canalização de uma mulher o atingisse. Impediria três?

Rand ficou só observando. Observando o amigo ser preparado para o que pretendia fazer com ele. *Resta algo em mim além da necessidade?* Foi um pensamento breve, que veio e passou. Rand faria o que tinha de fazer.

A voz da Aes Sedai se revestiu de cristais de gelo, quase como um eco:

— Todos nós fazemos o que temos que fazer, como decreta o Padrão. Para alguns, há menos liberdade que para outros. Não importa se escolhemos ou somos escolhidos. O que deve ser, será.

Mat não parecia nem um pouco mais calmo. Cauteloso, sim, e com certeza com raiva, mas não calmo. Ele poderia passar por um gato encurralado por três cães. Um gato que pretendia vender caro a derrota. Parecia ter se esquecido de que havia mais pessoas no ambiente além dele próprio e das três mulheres.

— Você sempre tem que forçar os homens a ir aonde você quer, não é? Chutá-los lá naquele lugar, caso não sejam devidamente conduzidos pelo nariz. Sangue e malditas cinzas! Não me olhe assim, Egwene. Vou falar como bem entender. Que me queime! Só faltava Nynaeve estar aqui arrancando a trança da cabeça e Elayne me olhando de cima. Bem, que bom que ela não está para ouvir a notícia, mas, mesmo que Nynaeve estivesse aqui com você, eu não seria empurrado…

— Que notícia? — interrompeu Rand bruscamente. — Uma notícia que Elayne não deveria ouvir?

Mat levantou o olhar para Moiraine.

— Quer dizer que há algo que você ainda não desencavou?

— Que notícia, Mat? — intimou Rand.

— Morgase morreu.

Egwene ofegou e cobriu a boca, os olhos parecendo imensos círculos. Moiraine sussurrou algo que poderia ter sido uma prece. Os dedos de Asmodean não vacilaram na harpa em nenhum momento.

Rand sentiu como se tivessem lhe arrancado as entranhas. *Elayne, me perdoe.* E um eco distante, alterado. *Ilyena, me perdoe.*

— Você tem certeza?

— Tanta quanto é possível ter sem ver o corpo. Parece que Gaebril foi proclamado rei de Andor. E de Cairhien também, por sinal. Supostamente, por Morgase. Algo sobre esses tempos exigirem a mão forte de um homem ou coisa do tipo, como se alguém tivesse a mão mais forte que a própria Morgase. Só que aqueles andorianos do sul têm ouvido boatos de que ninguém a vê há semanas. Mais que boatos. Agora me diga o que tudo isso significa. Andor nunca teve um rei, mas agora tem, e a rainha sumiu. Era Gaebril quem queria Elayne morta. Tentei dizer isso a ela, mas você sabe como ela sempre sabe mais que um fazendeiro com os pés enlameados. Acho que ele não hesitaria nem um segundo em decepar a garganta de uma rainha.

Rand se pegou sentado em uma das cadeiras bem à frente de Mat, embora não se lembrasse de ter mudado de lugar. Aviendha pousou a mão em seu ombro. A preocupação lhe estreitava os olhos.

— Estou bem — disse ele com aspereza. — Não precisa chamar Somara. — O rosto dela enrubesceu, mas ele mal notou.

Elayne jamais o perdoaria. Ele sabia que Rahvin — Gaebril — tinha aprisionado Morgase, mas ignorara o fato porque os Abandonados poderiam esperar que ele a ajudasse. Agira ao próprio modo só para fazer o que eles não esperavam. E acabara perseguindo Couladin, em vez de fazer o que planejara. Ele sabia, e concentrara a atenção em Sammael. Porque o homem o provocara. Morgase podia esperar enquanto ele destruía a armadilha de Sammael e, com ela, o próprio Sammael. E então Morgase estava morta. A mãe de Elayne, morta. Elayne o amaldiçoaria até a cova.

— Eu vou lhe dizer uma coisa — prosseguiu Mat. — Está cheio de homens da rainha, lá. Eles não têm tanta certeza se vão lutar por um rei. Trate de encontrar Elayne. Metade deles vai se bandear para o seu lado para colocá-la no…

— Cale a boca! — ladrou Rand.

Ele tremia com tanta fúria que Egwene deu um passo para trás, e até Moiraine o encarou com cautela. A mão de Aviendha lhe apertou o ombro, mas ele se desvencilhou ao se levantar. Morgase morta porque ele não tinha feito nada. Sua mão estivera na faca, tanto quanto, com certeza, a de Rahvin. Elayne.

— Ela será vingada. É Rahvin, Mat. Não Gaebril. Rahvin. Vou acorrentar esse homem, nem que seja a última coisa que eu faça!

— Ah, sangue e malditas cinzas! — gemeu Mat.

— Isso é loucura. — Egwene hesitou ao perceber o que dissera, mas manteve a voz firme e calma: — Você ainda tem muito o que fazer em Cairhien, sem falar nos Shaido ao norte e no que quer que esteja planejando para Tear. Quer começar outra guerra, com duas já em curso, além de uma terra arrasada?

— Não é uma guerra. Sou eu. Posso estar em Caemlyn em uma hora. Uma incursão, certo, Mat? Uma incursão, não uma guerra. Eu vou arrancar o coração de Rahvin. — Sua voz parecia um martelo. Sentia-se como se ácido lhe percorresse as veias. — Eu quase desejo ter as treze irmãs de Elaida para levar comigo, para sufocá-lo e trazê-lo perante a justiça. Julgado e enforcado por assassinato. Isso seria justiça. Mas ele vai ter só que morrer da maneira como eu puder matá-lo.

— Amanhã — sugeriu Moiraine, com a voz gentil.

Rand a encarou. Mas ela tinha razão. Amanhã seria melhor. Uma noite para deixar a raiva esfriar. Precisaria da cabeça tranquila para enfrentar Rahvin. No momento, queria agarrar *saidin* e atacá-lo de todas as formas possíveis, destruí-lo. A música de Asmodean mudara de novo para uma canção que músicos de rua da cidade haviam tocado durante a guerra civil. Ainda era possível ouvi-la às vezes, quando um nobre cairhieno passava: “O Bobo da Corte que Pensava Ser Rei”.

— Fora, Natael. Fora!

Asmodean se endireitou suavemente, fazendo uma reverência, mas seu rosto poderia ter passado por neve enquanto ele cruzava o cômodo às pressas, como se soubesse o que podia acontecer se demorasse um segundo a mais. Ele sempre forçava os limites, mas talvez desta vez tivesse forçado demais. No momento em que abria a porta, Rand tornou a falar:

— Vejo você hoje à noite. Ou vejo você morto.

A reverência de Asmodean já não foi tão graciosa.

— Como milorde Dragão ordenar — disse, a voz rouca, e tratou de sair e fechar a porta atrás de si.

Com expressão neutra, as três mulheres observavam Rand sem nem piscar.

— O resto de vocês também pode ir. — Mat praticamente deu um salto em direção à porta. — Você, não. Ainda tenho coisas para lhe dizer.

Mat parou a meio caminho, suspirou alto e brincou com o medalhão. Era o único que havia se movido.

— Você não tem treze Aes Sedai — disse Aviendha —, mas tem

duas. E eu. Posso não saber tanto quanto Moiraine Sedai, mas sou tão forte quanto Egwene e já conheço a dança. — Ela estava falando da dança das lanças, o nome Aiel para a batalha.

— Rahvin é meu — respondeu ele, baixinho.

Talvez Elayne pudesse perdoá-lo um pouco se Rand ao menos vingasse sua mãe. Era provável que não, mas talvez Rand perdoasse a si mesmo. Um pouco. Forçou-se para manter as mãos na lateral do corpo sem cerrar os punhos.

— Você vai desafiá-lo para um duelo? — questionou Egwene. — Vai chegar lá com essa raiva toda? Já passou pela sua cabeça que Rahvin pode não estar sozinho, se agora se intitula rei de Andor? Grande vantagem você aparecer lá e um dos guardas dele lhe enfiar uma flecha no coração.

Rand se lembrava da época em que desejava que Egwene não gritasse com ele, mas, no momento, teria sido bem mais fácil.

— Você achou que eu pretendia ir sozinho? — Ele pretendera, não pensara em nenhum momento em ter alguém lhe protegendo a retaguarda, mas agora escutava um sussurro débil: *ele gosta de vir por trás ou pelos flancos.* Mal conseguia pensar com clareza. Sua raiva parecia ter vida própria, atiçando as chamas que a mantinham fervendo. — Mas não você. É perigoso. Moiraine pode vir, se quiser.

Egwene e Aviendha não se entreolharam antes de dar um passo à frente, mas se moveram como se fossem uma só, e só pararam quando já estavam tão próximas que até Aviendha tinha que inclinar a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Moiraine pode vir, se quiser — disse Egwene.

Se a voz dela era um gelo suave, a de Aviendha era uma rocha derretida:

— Mas é perigoso demais para nós.

— Você agora é meu pai? Seu nome é Bran al'Vere?

— Se você tem três lanças, deixa duas de lado só porque elas foram feitas há pouco tempo?

— Não quero que vocês corram risco — respondeu ele, rígido.

Egwene arqueou as sobrancelhas.

— Ah! — Apenas isso.

— Não sou sua *gai'shain*. — Aviendha mostrou os dentes. — Você nunca vai escolher quais riscos eu assumo, Rand al'Thor. Nunca. Aprenda logo.

Ele poderia… o quê? Envolvê-las em *saidin* e deixá-las ali? Ainda não sabia blindá-las, então as mulheres poderiam dar o troco e capturá-lo. Que bela confusão, tudo porque faziam questão de ser teimosas.

— Você pensou nos guardas — observou Moiraine —, mas e se quem estiver com Rahvin for Semirhage ou Graendal? Ou Lanfear?

Estas duas aqui poderiam dar conta de um deles, mas você conseguiria enfrentar uma delas e Rahvin sozinho?

Houvera algo na voz de Moiraine quando ela mencionou o nome de Lanfear. Será que estava com medo de que, caso Lanfear estivesse lá, ele finalmente se juntasse a ela? O que Rand faria se ela estivesse lá? O que poderia fazer?

— Elas podem vir — concordou ele, entre dentes. — E você, vai?

— Como você ordenar — respondeu Moiraine, mas nenhuma delas estava com pressa. Aviendha e Egwene rearrumaram os xales cuidadosa e ostensivamente antes de partirem em direção à porta. Lordes e ladies podiam até sair em disparada quando ele falava, mas elas, jamais.

— Você não tentou me dissuadir — observou ele de repente.

As palavras foram para Moiraine, mas Egwene respondeu primeiro, ainda que para Aviendha, e com um sorriso:

— Impedir um homem de fazer o que ele quer é como tirar doce de criança. Às vezes é necessário, mas às vezes o aborrecimento simplesmente não vale a pena.

Aviendha assentiu.

— Há de ser o que a Roda tecer — foi a resposta de Moiraine.

Ela parou na porta parecendo mais Aes Sedai do que ele jamais vira, a idade indefinida, os olhos escuros parecendo prontos para engoli-lo, a silhueta esbelta, mas ainda assim tão majestosa que poderia ter dado ordens a uma sala repleta de rainhas mesmo que não fosse capaz de canalizar nem uma centelha. A pedra azul em sua testa estava atraindo a luz outra vez.

— Você vai se sair bem, Rand.

Ele continuou fitando a porta até bem depois de ela ter se fechado atrás das mulheres.

Foi um arrastar de botas que o fez se lembrar da presença de Mat, que tentava se esgueirar para a saída, movendo-se devagar para não ser visto.

— Preciso falar com você, Mat.

Mat fez uma careta. Tocando na cabeça de raposa como se fosse um talismã, girou para encarar Rand.

— Se você acha que vou colocar minha cabeça a prêmio só porque aquelas tolas puseram, pode esquecer. Não sou nenhuma droga de herói e nem quero ser. Morgase era uma mulher bonita e eu até gostava dela, tanto quanto se pode gostar de uma rainha, mas Rahvin é Rahvin, que o queime, e eu…

— Cale a boca e ouça. Você precisa parar de fugir.

— Que me queime se vou fazer isso! Eu não escolhi esse jogo e não vou…

— Eu mandei calar a boca! — Com o dedo em riste, Rand

pressionou a cabeça de raposa contra o peito de Mat. — Eu sei onde você conseguiu isto. Eu estava lá, lembra? Cortei a corda em que você estava enforcado. Não sei exatamente o que foi enfiado na sua cabeça, mas, seja lá o que for, eu preciso. Os chefes de clã entendem de guerra, mas, de alguma forma, você também entende, e talvez melhor. Eu preciso disso! Então vou dizer o que você vai fazer, você e o Bando da Mão Vermelha…

— Tomem cuidado amanhã — alertou Moiraine.

Egwene parou na porta do quarto dela.

— Claro que vamos tomar cuidado. — Seu estômago estava dando cambalhotas, mas manteve a voz firme. — Sabemos como vai ser perigoso enfrentar um dos Abandonados. — Pela expressão de Aviendha, elas poderiam estar conversando sobre o que havia para jantar. Mas, em todo caso, a mulher nunca tinha medo de nada.

— Sabem mesmo? — murmurou Moiraine. — Seja como for, tomem muito cuidado, independentemente de acharem que um dos Abandonados está perto ou não. Rand vai precisar de vocês duas no futuro. Vocês controlam bem o temperamento dele, embora eu deva dizer que seus métodos são incomuns. Ele vai precisar de pessoas que ele não consiga afastar ou reprimir com seus rompantes, que lhe digam o que ele precisa ouvir, em vez de falaram o que pensam que ele quer escutar.

— Você faz isso, Moiraine — respondeu Egwene.

— Claro. Mas, mesmo assim, ele vai precisar de vocês. Descansem bem. Amanhã vai ser… difícil para todas nós. — A Aes Sedai deslizou pelo corredor, passando da penumbra para um foco de lamparina e para a penumbra. A noite já vinha caindo naqueles corredores sombreados, e o estoque de óleo estava reduzido.

— Fica um pouco comigo, Aviendha? — indagou Egwene. — Estou com mais vontade de conversar do que de comer.

— Preciso contar para Amys o que prometi fazer amanhã. E tenho que estar no quarto de Rand al'Thor quando ele for dormir.

— Elayne nunca vai poder reclamar de você não ter vigiado Rand de perto. Você saiu mesmo pelo corredor arrastando Lady Berewin pelos cabelos?

As bochechas de Aviendha ganharam um discreto rubor.

— Você acha que essas Aes Sedai em… Salidar?… vão ajudá-lo?

— Cuidado com esse nome, Aviendha. Rand não pode encontrá-las sem preparação. — Do jeito que ele estava agora, era mais provável que elas o amansassem, ou pelo menos que enviassem as próprias treze irmãs, do que o ajudassem. Egwene teria que se colocar entre elas em *Tel'aran'rhiod*, ela e Nynaeve e Elayne, e torcer para que aquelas Aes Sedai estivessem comprometidas demais para recuar antes

que descobrissem como ele estava quase no limite.

— Vou tomar cuidado. Descanse bem. E coma bem hoje à noite. De manhã, não coma nada. Não é bom dançar as lanças de barriga cheia.

Egwene observou-a se afastar antes de pressionar as mãos na barriga. Achava que não comeria nada nem agora nem de manhã. Rahvin. E talvez Lanfear ou um dos outros. Nynaeve enfrentara Moghedien e vencera. Mas Nynaeve, quando canalizava, era mais forte que ela ou Aviendha. Talvez não houvesse ninguém mais. Rand disse que os Abandonados não confiavam uns nos outros. Ela quase desejava que ele estivesse enganado, ou que pelo menos não tivesse tanta certeza. Foi apavorante quando pensou ter visto outro homem ao olhar nos olhos dele, ter ouvido as palavras de outro homem saindo da boca de Rand. Não deveria ser assim. Todos renasciam conforme a Roda girava. Mas o Dragão Renascido não era qualquer um. Moiraine não tocava no assunto. O que Rand faria se Lanfear estivesse lá? Lanfear amara Lews Therin Telamon, mas o que o Dragão sentia por ela? Quanto de Rand ainda era Rand?

— Desse jeito, vai acabar ficando maluca — disse ela com firmeza. — Você não é mais criança. Comporte-se como uma mulher.

Quando uma serviçal trouxe o jantar, com vagem, batata e um pão assado fresco, ela se obrigou a comer. O gosto era de cinzas.

Mat atravessou apressado os corredores parcamente iluminados do palácio e escancarou a porta dos cômodos que haviam sido reservados para o jovem herói da batalha contra os Shaido. Não que ele tivesse passado muito tempo ali. Quase nenhum. Serviçais haviam acendido duas das lamparinas de pé. Herói! Ele não era herói coisa nenhuma! O que um herói ganhava? Uma Aes Sedai lhe dando tapinhas nas costas antes de tornar a mandá-lo para a batalha, uma nobre se resignando a lhe premiar com um beijo ou a pôr uma flor em seu túmulo. Ele andou para lá e para cá no vestíbulo, dessa vez sem prestar atenção ao valor do tapete florido illianense ou das cadeiras, baús e mesas douradas e incrustadas de marfim.

O tempestuoso encontro com Rand se estendera até o pôr do sol, ele se esquivando, se recusando, e Rand perseguindo-o com tanta obstinação quanto Asa-de-gavião após o massacre na Passagem Cole. O que ele deveria fazer? Se partisse de novo, Talmanes e Nalesean com certeza iriam atrás dele com o máximo de homens que conseguissem pôr nas selas, esperando que Mat encontrasse uma nova batalha. E era provável que encontrasse. Era isso que realmente o desencorajava. Mesmo que ele detestasse admitir, a Aes Sedai tinha razão. Mat era atraído para as batalhas ou elas eram atraídas para ele. Ele fizera o máximo possível para evitar uma, do outro lado do

Alguenya. Até Talmanes comentara a respeito. Até a segunda vez em que sua cuidadosa fuga furtiva de um dos grupos de andorianos conduziu-os até onde não havia outra opção que não lutar contra outro grupo. E, todas as vezes, ele sentia os dados rolando em sua cabeça. Agora era quase como um aviso de que um combate o aguardava após a colina seguinte.

Sempre havia um navio nas docas, ou poderia haver, junto das barcaças de grãos. Seria pouco provável se ver em uma batalha em um navio no meio de um rio. Tirando o fato de que os andorianos controlavam uma das margens do Alguenya em metade ou mais de sua extensão, abaixo da cidade. Do jeito que andava sua sorte, o navio acabaria encalhando na margem ocidental com metade dos andorianos acampada ali.

Assim, só restava fazer o que Rand queria. Mat já estava até vendo.

— Bom dia, Grão-lorde Weiramon e todos os demais Grão-lordes e Grã-ladies. Sou um jogador, um garoto do campo, e estou aqui para assumir o comando do seu maldito exército! O maldito Lorde Dragão Renascido estará aqui conosco assim que o filho da mãe terminar de resolver uma maldita questãozinha!

Mat apanhou a lança de cabo preto em um canto e arremessou-a do outro lado do aposento. O objeto atingiu uma tapeçaria — uma cena de caça — e a parede de pedra logo atrás com um som violento, e então caiu no chão, deixando os caçadores perfeitamente divididos ao meio. Praguejando, ele se apressou em apanhá-la. A lâmina de espada de dois pés de comprimento não estava nem lascada nem arranhada. Claro que não. Trabalho de Aes Sedai.

Mat passou os dedos pelos corvos da lâmina.

— Algum dia vou me ver livre do trabalho das Aes Sedai?

— O que você disse? — perguntou Melindhra, da porta.

Ele a encarou enquanto apoiava a lança na parede e, desta vez, não foi em cabelos loiros brilhantes, olhos azuis límpidos ou um corpo firme que pensou. Parecia que, mais cedo ou mais tarde, todos os Aiel acabavam indo ao rio para ficar contemplando em silêncio toda aquela água em um só lugar, mas Melindhra ia quase todos os dias.

— Kadere já encontrou algum navio? — Não iria a Tar Valon em barcaças de grãos.

— Os carroções do mascate ainda estão aqui. Não sei nada sobre… navios. — Ela pronunciou a palavra nada familiar de maneira esquisita. — Por que você quer saber?

— Vou passar um tempo fora. Por Rand — tratou de acrescentar às pressas. O rosto dela estava muito quieto. — Eu levaria você comigo se pudesse, mas você não iria querer abandonar as Donzelas. — Um navio ou seu cavalo? E para onde? Essa era a questão. Mat

poderia chegar mais depressa a Tear em uma embarcação fluvial veloz do que com Pips. Isso se fosse tolo o bastante para optar por isso. Se era que havia opção.

A boca de Melindhra se estreitou por um breve momento. Para a surpresa de Mat, não foi porque ele a estava deixando.

— Então lá vai você de novo ficar à sombra de Rand al'Thor. Você adquiriu muita honra por conta própria, entre os Aiel e também entre os aguacentos. Honra sua, não uma honra refletida do *Car'a'carn*.

— Ele pode ficar com a honra dele e levá-la a Caemlyn ou ao Poço da Perdição, não me importa. Não se preocupe. Ainda vou receber muitas honras. Vou lhe escrever para contar. De Tear. — Tear? Se fizesse essa opção, nunca escaparia de Rand ou das Aes Sedai.

— Ele está indo para Caemlyn?

Mat tentou não hesitar. Não deveria falar nada sobre aquele assunto. Qual fosse a decisão sobre o resto, podia manter esse segredo.

— Foi só um exemplo. Por causa dos andorianos ao sul, suponho. Eu não saberia dizer para onde ele…

Foi sem aviso. Em um instante, Melindhra estava apenas ali parada, e, no instante seguinte, o pé dela lhe acertava sua barriga, fazendo-o perder o fôlego e se curvar todo. Com olhos arregalados, Mat lutou para se manter de pé, para se endireitar, para pensar. Por quê? Ela rodopiou feito uma dançarina, para trás, e seu outro pé, ao lhe atingir a lateral da cabeça, o deixou cambaleante. Sem qualquer pausa, ela pulou e fez um movimento de chute, a delicada sola de sua bota golpeando-o em cheio no rosto.

Quando os olhos de Mat clarearam o suficiente para lhe permitir enxergar, ele estava caído de costas e havia quase meio cômodo de distância entre os dois. Sentia que havia sangue em seu rosto. A cabeça parecia estofada de lã, e o quarto tremia. Foi quando ele a viu puxar uma faca da bolsa, a lâmina fina, não muito maior que a mão dela, reluzindo à luz da lamparina. Com um movimento ágil, Melindhra enrolou a *shoufa* em torno da cabeça e cobriu metade do rosto com o véu negro.

Grogue, Mat se moveu por instinto, sem pensar. A lâmina foi sacada da manga da camisa e saiu de sua mão como se atravessasse gelatina. Foi só então que ele percebeu o que acabara de fazer, e se esticou desesperadamente para tentar apanhá-la no ar.

O cabo brotava entre os seios de Melindhra. Ela vergou até ficar de joelhos e tombou para trás.

Mat se esforçou para se pôr de pé, as mãos e os joelhos vacilantes. Não teria conseguido se erguer nem se sua vida dependesse disso, mas rastejou até Melindhra, murmurando ensandecido:

— Por quê? Por quê?

Mat afastou o véu para o lado, e aqueles olhos azuis límpidos se concentraram nele. Ela chegou até a sorrir. Mat não olhou para o cabo da faca. O cabo da faca dele. Sabia onde ficava o coração, em um corpo.

— Por quê, Melindhra?

— Eu sempre gostei desses seus olhos bonitos — murmurou ela, ofegante, a voz tão fraca que ele precisou se esforçar para ouvir.

— Por quê?

— Alguns juramentos são mais importantes que outros, Mat Cauthon. — A faca de lâmina fina surgiu depressa, toda a força que ainda restava na mulher posta no gesto, a ponta forçando no peito dele a cabeça de raposa. O medalhão de prata não deveria ter detido uma lâmina, mas a angulação estava errada o suficiente para que alguma falha oculta do aço fizesse a lâmina se soltar do cabo assim que ele segurou a mão dela. — Você tem a sorte do próprio Grande Senhor.

— Por quê? — insistiu ele. — Que a queime, por quê? — Mat sabia que não haveria resposta. A boca de Melindhra permaneceu aberta, como se ela fosse dizer algo mais, mas seus olhos já começavam a vidrar.

Ele puxou o véu de volta para cima, cobrindo o rosto e os olhos vidrados dela, e então deixou a mão cair. Já matara homens e Trollocs, mas nunca uma mulher. Nunca uma mulher, até aquele momento. As mulheres ficavam contentes quando ele aparecia na vida delas. Não era presunção. As mulheres sorriam para ele. Mesmo quando as abandonava, elas sorriam como se ele fosse ser bem-vindo de volta. Aquilo era tudo o que Mat queria de fato das mulheres: um sorriso, uma dança, um beijo e ser lembrado com carinho.

Ele percebeu que seus pensamentos estavam divagando. Puxando o cabo sem lâmina da mão de Melindhra — era de uma jade dourada e opaca, incrustada com abelhas douradas —, Mat arremessou-o na lareira de mármore, torcendo para se despedaçasse. Queria chorar, uivar. *Eu não mato mulheres! Eu beijo, eu não…!*

Precisava pensar com clareza. Por quê? Não porque ele estava indo embora, por certo. Melindhra mal reagira a isso. Além do mais, ela pensara que ele estava indo atrás de honra. Sempre aprovara isso. Então lembrou-se de algo que ela falou, com um calafrio: a própria sorte do Grande Senhor. Ele ouvira aquilo muitas vezes de maneiras diferentes: a sorte do próprio Tenebroso.

— Uma Amiga das Trevas. — Dúvida ou certeza? Ele queria que aquele pensamento tornasse o que acabara de fazer mais fácil de processar. Carregaria o rosto dela até a morte.

Tear. Ele praticamente dissera a ela que estava indo para Tear. A

adaga. Abelhas douradas em jade. Sem olhar, ele seria capaz de apostar que eram nove. Nove abelhas douradas em um campo verde. O símbolo de Illian. Onde quem mandava era Sammael. Será que Sammael tinha medo dele? Como Sammael sequer poderia saber? Fazia poucas horas desde que Rand perguntara — dissera — a Mat sobre o que deveria fazer, e nem ele estava certo ainda. Será que Sammael não queria se arriscar? Certo. Um dos Abandonados com medo de um jogador, não importava o quanto sua cabeça pudesse estar entupida do conhecimento bélico de outros homens. Isso era ridículo.

Tudo se resumia ao seguinte: ele poderia acreditar que Melindhra não fizesse parte dos Amigos das Trevas, que decidira matá-lo por capricho e que não havia relação entre o cabo de jade incrustado de abelhas douradas e ele talvez indo a Tear para liderar um exército contra Illian. Poderia, se fosse um idiota. Melhor pecar por excesso de cautela, era o que sempre dizia. Um dos Abandonados o notara. Ele com certeza já não estava mais à sombra de Rand.

Deslizando pelo chão, sentou-se com o queixo apoiado nos joelhos e recostado na porta, sem tirar os olhos do rosto de Melindhra, tentando decidir o que fazer. Quando uma serviçal bateu à porta com o jantar, gritou para que a mulher fosse embora. Comida era a última coisa de que precisava. O que faria? Queria não sentir os dados girando em sua cabeça.

52

Escolhas

Rand soltou a navalha, limpou as últimas manchas de espuma do rosto e começou a amarrar os laços da camisa. O sol do início da manhã se derramava por entre os arcos quadrados que davam na varanda do quarto. As pesadas cortinas de inverno haviam sido instaladas, mas estavam amarradas para deixar entrar uma brisa. Ele estaria apresentável quando matasse Rahvin. Pensar naquilo fazia uma bolha de raiva subir de suas entranhas. Forçou-se a se acalmar. Estaria apresentável e calmo. Frio. Nada de erros.

Quando virou de costas para o espelho de moldura dourada, Aviendha estava sentada no catre enrolado contra a parede, sob uma tapeçaria que ilustrava torres douradas de uma altura inimaginável. Rand oferecera que outra cama fosse acrescentada ao quarto, mas ela afirmava que colchões eram macios demais para dormir. Aviendha o observava com atenção, a camisola esquecida em uma das mãos. Ele tivera o cuidado de não ficar olhando para os lados enquanto se barbeava para dar a ela tempo para se vestir, mas, além das meias brancas, Aviendha não trajava uma única peça de roupa.

— Eu não envergonharia você diante de outros homens — afirmou ela, de repente.

— Me envergonhar? Como assim?

Ela se levantou com um único movimento suave, surpreendentemente pálida onde o sol não lhe tocava, esbelta e musculosa, mas com curvas e uma maciez que atormentavam os sonhos de Rand. Esta era a primeira vez que ele se permitira olhar diretamente para Aviendha enquanto ela se exibia, mas a mulher não parecia consciente disso. Aqueles grandes olhos verde-azulados estavam fixos nos dele.

— Eu não pedi para Sulin incluir Enaila, Somara ou Lamelle naquele primeiro dia. Nem pedi para elas vigiarem ou fazerem qualquer coisa, se você fraquejasse. Aquilo foi preocupação delas.

— Você só me deixou pensar que elas tentariam me carregar no colo feito um bebê caso meus joelhos fraquejassem. Muito diferente.

O tom irônico dele passou despercebido.

— Fiz você tomar cuidado quando era preciso.

— Entendo — retrucou ele, seco. — Bem, em todo caso, eu agradeço a promessa de não me envergonhar.

Ela sorriu.

— Eu não disse isso, Rand al'Thor. Disse que não faria isso na frente de outros homens. Se for necessário, para o seu próprio bem… — Seu sorriso se alargou.

— Você pretende ir assim? — Ele gesticulou, irritado, esquadrinhando-a da cabeça aos pés.

Aviendha jamais demonstrara o menor sinal de embaraço por ficar nua na frente dele — longe disso —, mas deu uma olhadela para si mesma, depois para ele a observá-la, e seu rosto enrubesceu. De repente, ela estava envolta em lã marrom-escura e *algode* branco, e voou tão depressa para dentro das próprias roupas que ele poderia ter pensado que ela estava canalizando para vesti-las.

— Já preparou tudo? — Foi a pergunta que saiu em meio à confusão. — Já falou com as Sábias? Você sumiu ontem à noite. Quem mais vem conosco? Quantos você pode levar? Nada de aguacentos, eu espero. Você não pode confiar neles. Ainda mais naqueles Assassinos da Árvore. Você consegue mesmo nos levar até Caemlyn em uma hora? Vai ser como eu fiz na noite…? Quer dizer, como você vai fazer? Não gosto de confiar em coisas que não conheço ou que não entendo.

— Está tudo pronto, Aviendha.

Por que ela estava tagarelando? E se recusando a olhá-lo nos olhos? Rand se encontrara com Rhuarc e os outros chefes ainda próximos da cidade. Não haviam gostado muito do plano dele, mas o analisaram em termos do *ji'e'toh*, e ninguém achava que Rand tinha outra escolha. Eles discutiram rápido, concordaram e desviaram a conversa para outros assuntos. Nada que tivesse a ver com Abandonados, Illian ou batalhas. Mulheres, caça, se o conhaque cairhieno se comparava ao *oosquai*, ou o tabaco aguacento era melhor do que o cultivado no Deserto. Por uma hora, ele quase se esquecera do que vinha pela frente. Torcia para que a Profecia de Rhuidean de algum modo estivesse errada, para que ele não destruísse aqueles homens. As Sábias o haviam procurado, uma delegação de mais de cinquenta, alertadas pela própria Aviendha e lideradas por Amys, Melaine e Bair, ou talvez por Sorilea. Com as Sábias, costumava ser difícil dizer quem estava no comando. Não tinham vindo para convencê-lo a desistir de nada, graças novamente ao *ji'e'toh*, mas para ter certeza de que ele entendia que sua obrigação com Elayne não pesava mais que o compromisso com os Aiel, e elas o mantiveram na sala de reunião até ficarem satisfeitas. Era isso ou tirá-las do caminho na marra para chegar à porta. Quando queriam, aquelas mulheres

eram tão boas em ignorar gritos quanto Egwene se tornara.

— Nós vamos descobrir quantos posso levar assim que eu tentar. Só Aiel. — Com sorte, Meilan, Maringil e o resto só ficariam sabendo que Rand tinha ido embora depois que ele partisse. Se a Torre tinha espiões em Cairhien, talvez os Abandonados também tivessem, e como ele poderia confiar em pessoas que não podiam ver o sol nascendo sem tentar usar isso no *Daes Dae'mar*? Como essas pessoas seriam capazes de guardar segredos?

Quando vestiu o casaco vermelho com bordados de ouro de uma bela lã claramente adequada para um Palácio Real, de Caemlyn ou Cairhien — esse pensamento o divertia de um jeito meio sombrio —, Aviendha já estava quase vestida. Para ele, era um assombro ver como ela conseguia se vestir tão depressa e, ainda assim, não ficar com nada fora do lugar.

— Uma mulher apareceu aqui ontem à noite enquanto você não estava.

Luz! Ele se esquecera de Colavaere.

— E o que você fez?

Ela fez uma pausa enquanto amarrava os laços da blusa, os olhos tentando abrir um buraco na cabeça dele, mas o tom de voz foi casual.

— Levei-a de volta para o quarto dela, onde ficamos conversando por um tempo. Não vai mais aparecer nenhuma sirigaita Assassina da Árvore na aba da sua tenda, Rand al'Thor.

— Exatamente o que eu almejava, Aviendha. Luz! Você a machucou muito? Não pode sair por aí espancando ladies. Essa gente já me traz problemas suficientes sem você arranjar ainda mais.

Ela bufou e voltou para os laços.

— Ladies! Mulher é mulher, Rand al'Thor. A menos que seja uma Sábia — acrescentou judiciosamente. — Essa tal vai sentar com cuidado hoje de manhã, mas tem como esconder os machucados, e, com um dia de descanso, já vai poder sair do quarto. E agora ela sabe como as coisas funcionam. Eu avisei que, se ela voltasse a chatear você outra vez, *qualquer* chateação, eu iria conversar de novo com ela. Uma conversa bem mais longa. Ela vai fazer o que você disser, e quando disser. O exemplo dela vai ensinar as demais. Os Assassinos da Árvore não entendem de outro jeito.

Rand suspirou. Não era um método que ele teria ou poderia ter escolhido, mas talvez acabasse funcionando. Ou talvez só tornasse Colavaere e as outras mais dissimuladas, dali em diante. Aviendha podia não estar preocupada com repercussões negativas a ela — na verdade, ele ficaria surpreso se ela tivesse sequer considerado a possibilidade —, mas uma mulher que ocupa o Grão-trono de uma Casa poderosa não era o mesmo que uma jovem nobre de classe inferior. Qualquer que fosse o efeito para ele, Aviendha podia se ver

em algum corredor escuro, recebendo dez vezes mais do que fizera a Colavaere, se não pior.

— Na próxima vez, deixe que eu cuido dessas questões do meu jeito. Eu sou o *Car'a'carn*, lembre.

— Tem espuma de barbear na sua orelha, Rand al'Thor.

Resmungando sozinho, ele apanhou a toalha listrada e gritou, ao ouvir uma batida na porta:

— Entre!

Quem entrou foi Asmodean, rendas brancas no colarinho e nas mangas do casaco preto, o estojo da harpa lançado às costas e uma espada na cintura. Pela frieza do rosto, poderia ser inverno, mas seus olhos escuros estavam cheios de cautela.

— O que você quer, Natael? — indagou Rand. — Já lhe dei suas instruções ontem à noite.

Asmodean umedeceu os lábios e deu uma olhadela para Aviendha, que franzia o cenho para ele.

— Sábias instruções. Ficando aqui e observando, suponho que eu possa descobrir algo de seu interesse, mas hoje de manhã só se fala nos gritos vindos dos aposentos de Lady Colavaere, noite passada. Estão falando que ela o desagradou, apesar de ninguém parecer saber como. Essa incerteza está deixando todo mundo pisando em ovos. Duvido que alguém vai sequer respirar nos próximos dias sem considerar o que você pode pensar a respeito. — O rosto de Aviendha era o retrato de uma insuportável satisfação consigo mesma.

— Então você quer vir comigo? — perguntou Rand em tom gentil. — Você quer estar na minha retaguarda quando eu enfrentar Rahvin?

— Existe lugar melhor para o bardo do Lorde Dragão? Mas, ainda melhor, estar à sua frente. Onde posso mostrar minha lealdade. Eu não sou forte. — A careta de Asmodean pareceu comum para qualquer homem admitindo aquilo, mas, por um instante, Rand sentiu *saidin* preenchendo o outro homem, sentiu a mácula que retorceu a boca de Asmodean. Apenas por um instante, mas tempo suficiente para ele julgar. Se Asmodean tivesse agarrado tanto quanto podia, teria sérios problemas para fazer frente a uma das Sábias capazes de canalizar. — Não sou forte, mas talvez possa dar uma ajudinha.

Rand queria poder ver a barreira que Lanfear tecera. A mulher dissera que ela se dissiparia com o tempo, mas Asmodean não parecia capaz de canalizar mais agora do que no primeiro dia em que caiu nas mãos de Rand. Talvez ela tivesse mentido para dar falsas esperanças a Asmodean, para fazer Rand acreditar que o homem acabaria ficando forte o bastante para lhe ensinar mais do seria possível. Seria do feitio dela . Ele não teve certeza se aquele pensamento era dele ou de Lews Therin, mas estava seguro de que era verdade.

A longa pausa fez Asmodean tornar a lamber os lábios.

— Um ou dois dias aqui não vão fazer diferença. Você já vai ter voltado, ou estará morto. Me deixe provar minha lealdade. Talvez eu possa fazer alguma coisa. Um fiapo a mais de peso no seu lado pode mexer com o equilíbrio. — Uma vez mais, só por um instante, *saidin* se derramou sobre ele. Rand pressentiu certo esforço, mesmo que ainda fosse um fluxo tênue. — Você sabe quais são as minhas escolhas. Estou me agarrando àquele tufo de grama à beira do precipício, rezando para que ele aguente mais uma batida do coração. Se você fracassar, estou mais que morto. Preciso ver você vencer e viver. — Desviando o olhar subitamente para Aviendha, ele pareceu perceber que talvez tivesse dito demais. Sua gargalhada teve um som vazio. — De que outra maneira vou poder compor as canções da glória do Lorde Dragão? Um bardo precisa ter algo com que trabalhar. — O calor nunca incomodava Asmodean, e ele dizia que isso era um truque da mente, não do Poder, mas gotículas de suor escorriam por sua testa.

Seguindo na sua frente, ou deixado para trás? Talvez para fugir em busca de um esconderijo quando começasse a se perguntar o que estaria acontecendo em Caemlyn. Asmodean seria o homem que era até que morresse e renascesse, e mesmo depois, talvez.

— Na minha frente — disse Rand com calma. — E se eu sequer suspeitar que o lugar onde o tal fiapo vai pesar possa me desagradar…

— Deposito toda a minha confiança na misericórdia do Lorde Dragão — murmurou Asmodean, curvando-se. — Com a permissão do Lorde Dragão, vou esperar lá fora.

Os olhos de Rand percorreram o cômodo enquanto o homem partia, recuando ainda curvado. Sua espada repousava no baú com fios dourados ao pé da cama, o cinto com fivela de Dragão enrolado na bainha e na ponta de lança Seanchan. A matança daquele dia não seria com aço, não da parte dele. Rand tocou o bolso e sentiu o formato do homenzinho gordo com a espada. Era a única espada de que precisaria. Por um momento, considerou Deslizar até Tear para recuperar *Callandor*, ou até Rhuidean, pelo que escondera por lá. Poderia destruir Rahvin com qualquer uma das duas opções antes que o homem se desse conta de que ele estava presente. Poderia destruir a própria Caemlyn com qualquer uma das duas. Mas poderia confiar em si mesmo? Tanto poder. Tanto Poder Único. *Saidin* estava por ali, quase à vista. A mácula parecia parte dele. A fúria se esvaía bem abaixo da superfície, de Rahvin, dele mesmo. Caso se libertasse, e ele estivesse com *Callandor*… O que faria? Seria invencível. Com a outra opção, poderia fazer Deslizar até a própria Shayol Ghul, dar um fim em tudo, acabar com aquilo de um jeito ou de outro. De um jeito ou de outro. Não. Não estava sozinho naquilo. Não poderia aceitar nada que não fosse a vitória.

— O mundo se apoia em meus ombros — murmurou. De repente,

soltou um ganido e bateu na nádega esquerda. Sentiu como se uma agulha o tivesse espetado, mas não precisava dos calafrios nos braços, já se dissipando, para lhe dizer o que acontecera. — Para que foi isso? — grunhiu para Aviendha.

— Só para ver se o *Lorde Dragão* ainda era feito de carne e osso como o resto de nós mortais.

— Sou — retrucou, com voz neutra, e agarrou *saidin*, em toda a sua doçura e toda a sua imundície, só o bastante para canalizar brevemente.

Os olhos de Aviendha se arregalaram, mas ela não se encolheu, apenas olhou para ele como se nada tivesse acontecido. Ainda assim, enquanto cruzavam o vestíbulo, ela esfregou furtivamente o traseiro quando achou que ele estava olhando para o outro lado. Parecia que ela também era de carne e osso. *Que me queime, achei que tivesse ensinado alguns modos a ela.*

Rand abriu a porta, saiu e parou, observando. Mat estava escorado em sua lança peculiar com o chapéu de aba larga puxado para baixo, um pouco afastado de Asmodean, mas não foi isso que o deixou confuso. Não havia Donzelas. Deveria ter percebido que alguma coisa estava errada quando Asmodean entrou sem ser anunciado. Surpresa, Aviendha olhava para os lados como se esperasse encontrá-las atrás de uma das tapeçarias.

— Melindhra tentou me matar ontem à noite — informou Mat, fazendo Rand parar de pensar nas Donzelas. — Em um minuto estávamos conversando, no outro ela estava tentando arrancar minha cabeça com pontapés.

Mat contou a história com frases curtas. A adaga com as abelhas douradas. As conclusões que tirou. Fechou os olhos ao relatar como tudo terminara — um simples e inflexível "eu matei ela" — e tornou a abri-los depressa, como se tivesse visto algo por trás das pálpebras que não quisesse ver.

— Lamento por você ter tido que fazer isso — disse Rand com calma, e Mat, frio, apenas deu de ombros.

— Antes ela do que eu. Suponho. Ela era dos Amigos das Trevas. — Não soou como se aquilo fizesse tanta diferença.

— Vou me acertar com Sammael. Assim que eu estiver pronto.

— E quantos ainda vão restar?

— Os Abandonados não estão aqui — interrompeu Aviendha. — Nem as Donzelas da Lança. Onde estão? O que você fez, Rand al'Thor?

— Eu? Tinha vinte bem aqui quando fui para a cama ontem à noite, e desde então não vi mais nenhuma.

— Talvez seja porque Mat… — começou Asmodean, e parou assim que Mat lhe lançou um olhar silencioso de dor, e ao mesmo tempo pronto para atacar.

— Não sejam tolos — advertiu Aviendha com voz firme. — *Far Dareis Mai* não alegariam *toh* contra Mat Cauthon por conta disso. A mulher tentou matá-lo e ele a matou. Nem as quase-irmãs dela alegariam isso, se ela tivesse alguma. E ninguém alegaria *toh* contra Rand al'Thor pelo que outra pessoa fez, a menos que tivesse sido ordem dele. *Você* fez alguma coisa, Rand al'Thor, algo grande e sombrio, ou elas estariam aqui.

— Eu não fiz nada — retrucou ele, incisivo. — E não pretendo ficar aqui parado discutindo isso. Está devidamente vestido para cavalgar para o sul, Mat?

Mat enfiou a mão no bolso do casaco e tocou algo. Costumava manter ali seus dados e o copo.

— Caemlyn. Estou cansado deles me atacando na surdina. Quero fazer isso com um deles, para variar. Só espero que eu receba o maldito tapinha nas costas, e não a maldita flor — acrescentou, com uma careta.

Rand não perguntou o que aquilo significava. Mais um *ta'veren*. Dois juntos para, talvez, distorcer o acaso. Não havia como dizer *como* nem *se*, mas…

— Parece que vamos ficar juntos por um pouco mais de tempo. — Mat aparentava estar mais resignado que qualquer outra coisa.

Antes que tivessem ido muito longe no corredor repleto de tapeçarias, Moiraine e Egwene os encontraram e passaram a caminhar junto do grupo como se o dia prometesse não mais que um passeio nos jardins. Egwene, calma e com o olhar tranquilo, a Grande Serpente dourada no dedo, realmente poderia ser uma Aes Sedai, apesar das vestes e do xale Aiel e do cachecol enrolado na cabeça, enquanto Moiraine… Fios dourados capturavam a luz e criavam listras discretas no tremeluzente vestido de seda azul da mulher. A pedrinha azul em sua testa, pendendo de uma corrente de ouro amarrada às ondas de cabelo escuro, brilhava com tanta intensidade quanto as grandes safiras incrustadas em ouro em torno de seu pescoço. Estava longe de ser a indumentária apropriada para a ocasião, mas Rand, com seu casaco vermelho, não podia falar nada.

Talvez fosse o fato de estar ali, onde a Casa Damodred chegara a ocupar o Trono do Sol, mas a postura graciosa de Moiraine estava mais majestosa do que Rand já vira. Nem a presença de "Jasin Natael" foi capaz de causar uma surpresa que estragaria aquela serenidade régia, mas, incrivelmente, ela abriu um sorriso cálido para Mat.

— Então você também vai, Mat. Aprenda a confiar no Padrão. Não desperdice sua vida tentando mudar o que não pode ser mudado. — Pela cara de Mat, ele poderia estar considerando mudar de ideia até quanto a estar ali, mas a Aes Sedai lhe deu as costas sem o menor sinal de preocupação. — São para você, Rand.

— Mais cartas? — Ele estranhou. Uma tinha seu nome escrito com uma letra elegante que ele logo reconheceu. — Uma carta sua, Moiraine? — A outra trazia o nome de Thom Merrilin. Ambas haviam sido lacradas com cera azul, aparentemente com o anel dela da Grande Serpente, imprimindo a imagem da cobra picando a própria cauda. — Por que me escrever uma carta? E lacrada. Você nunca teve receio de dizer na minha cara o que bem entendesse. Se algum dia eu esqueci, Aviendha tem me lembrado de que eu não passo de carne e osso.

— Você está muito diferente do garoto que vi pela primeira vez na frente da Estalagem Fonte de Vinho. — Sua voz era como um suave badalo de prata. — Você quase não é o mesmo. Rezo para que tenha mudado o suficiente.

Egwene murmurou algo bem baixo. Rand achou que fosse "e eu rezo para que você não tenha mudado demais". Estava franzindo o rosto para as cartas, como se também se perguntasse o que havia nelas. Aviendha também.

Moiraine prosseguiu, mais animada, ainda que mais bruscamente:

— Os lacres garantem privacidade. Esta carta trata de assuntos em que eu gostaria que você pensasse. Não agora. Quando você tiver tempo para isso. Quanto à carta de Thom, não conheço um lugar mais seguro para deixá-la do que em suas mãos. Entregue a ele quando voltarem a se encontrar. Agora, tem uma coisa nas docas que você precisa ver.

— Nas docas? — estranhou Rand. — Moiraine, logo hoje, dentre todas as manhãs, eu não tenho tempo para…

A mulher, porém, já estava descendo o corredor como se tivesse certeza de que ele a acompanharia.

— Mandei preparar cavalos. Inclusive um para você, Mat, só para garantir.

Egwene só hesitou por um momento, e então a acompanhou.

Rand abriu a boca para chamar Moiraine de volta. Ela jurara obedecer. O que quer que ela tivesse para lhe mostrar, ele poderia ver outro dia.

— Que mal faz uma hora a mais? — resmungou Mat. Talvez estivesse reconsiderando.

— Seria bom você ser visto esta manhã — opinou Asmodean. — Rahvin deve ficar sabendo assim que acontecer. Se ele tiver alguma suspeita, se tiver algum espião que tenha escutado os planos pelos buracos das fechaduras, pode até acalmá-lo por hoje.

Rand olhou para Aviendha.

— Você também recomenda um adiamento?

— Recomendo que você escute Moiraine Sedai. Só os tolos ignoram as Aes Sedai.

— O que pode ter nas docas de mais importante que Rahvin? — grunhiu ele, balançando a cabeça. Havia um ditado em Dois Rios, mas nunca era falado perto dos ouvidos das mulheres: "O Criador fez as mulheres para agradar aos olhos e atormentar a mente." Nesse sentido, Aes Sedai com certeza não tinham nada de diferente. — Uma hora.

O sol ainda não estava suficientemente alto para fazer sumir a longa sombra que as muralhas da cidade lançavam sobre o desembarcadouro de pedra onde os carroções de Kadere estavam enfileirados, mas, mesmo assim, o homem enxugava o rosto com um enorme lenço. Era só em parte o calor que o fazia suar. Grandes paredes de pedra cinza estendendo-se até o rio nas duas extremidades da fileira de docas faziam com que o desembarcadouro parecesse uma caixa escura, com ele dentro. As únicas coisas atracadas ali eram imensas barcaças de grãos, com proa arredondada, e outras mais estavam ancoradas no rio, esperando sua vez de descarregar. Kadere considerara se esgueirar para uma delas quando a embarcação partisse, mas isso significaria abandonar a maior parte do que ainda possuía. No entanto, se achasse que a lenta passagem rio abaixo o levaria a qualquer coisa além da morte, ele partiria. Lanfear não retornara a seus sonhos, mas ele tinha as queimaduras no peito para lembrá-lo das ordens da mulher. Tremia só de pensar em desobedecer a um dos Abandonados, mesmo com o suor lhe escorrendo pelo rosto.

Se ele ao menos soubesse em quem confiar, ou mesmo tivesse alguma ideia de até onde era possível confiar em qualquer de seus colegas Amigos das Trevas. O último de seus condutores que fizera os juramentos desaparecera dois dias antes, muito provavelmente em uma das barcaças de grãos. Ele ainda não sabia que mulher Aiel empurrara aquele bilhete por baixo da porta de seu carroção — "Você não está sozinho entre estranhos. Um caminho já foi escolhido" —, embora tivesse várias possibilidades em mente. As docas continham quase tantos Aiel quanto trabalhadores, todos vindos para observar o rio. Kadere vira alguns daqueles rostos com mais frequência do que o recomendável, e alguns tinham lhe lançado um olhar pensativo. Um ou outro cairhieno fizera o mesmo, bem como um lorde taireno. Isso não significava muita coisa, claro, mas se pudesse encontrar alguns homens com quem trabalhar…

Um grupo a cavalo surgiu por um dos portões, Moiraine e Rand al'Thor abrindo caminho junto com o Guardião da Aes Sedai, enquanto contornavam as carroças que descarregavam sacos de grãos. Uma onda de vivas os acompanhava.

"Toda a glória para o Lorde Dragão!", "Salve o Lorde Dragão!" e, de vez em quando, "Glória ao Lorde Matrim! Glória à Mão

Vermelha!”.

Desta vez, a Aes Sedai se virou em direção ao final da fila de carroções sem nem olhar para Kadere. Ele ficou grato por isso. Mesmo que ela não fosse Aes Sedai, mesmo que não encarasse como se conhecesse todos os cantos escuros de sua mente, ele não teria chegado muito de perto de algumas das coisas que a mulher colocara em seus carroções. Na noite anterior, Moiraine o obrigara a tirar a lona de cima daquele batente de porta estranhamente retorcido no carroção logo atrás do dele. Ela parecia sentir um prazer perverso em fazer com que ele próprio a ajudasse com as coisas que queria examinar. Kadere teria tornado a cobrir o objeto caso suportasse chegar perto, ou mandaria um de seus condutores fazê-lo. Ninguém que ainda estava com ele tinha visto Herid mergulhar meio corpo para dentro daquele batente, em Rhuidean — o próprio Herid fora o primeiro a fugir, tão logo passaram por Jangai; o homem não fora mais o mesmo depois que o Guardião o puxara de volta —, mas viam aquela coisa, o modo como os cantos não se encaixavam de maneira adequada, como não era possível percorrer seus contornos sem piscar e ficar tonto.

Kadere ignorou os três primeiros cavaleiros assim como a Aes Sedai o ignorara, e Mat Cauthon quase tanto quanto. O homem estava usando o chapéu *dele*. Nunca conseguira encontrar um para substituir. Aquela meretriz Aiel, Aviendha, cavalgava na garupa da sela da jovem Aes Sedai, ambas com as saias puxadas exibindo as pernas. Se ele precisasse de alguma confirmação de que a Aiel estava dormindo com al’Thor, bastava ver o modo como ela olhava para ele. Sempre havia aquela luz possessiva nos olhos de uma mulher que levara um homem para a cama. Mais importante, Natael estava com eles. Aquela era a primeira vez que Kadere ficava tão perto dele desde que atravessara a Espinha do Mundo. Natael, do alto escalão dos Amigos das Trevas. Se ele conseguisse passar pelas Donzelas e alcançar Natael…

De repente, Kadere piscou. Onde estavam as Donzelas? Al’Thor sempre tinha uma escolta de mulheres empunhando lanças. Com o rosto franzido, percebeu que não via uma única Donzela entre os Aiel, nem no desembarcadouro, nem nas docas.

— Não vai nem olhar para uma velha amiga, Hadnan?

Aquela voz melodiosa fez Kadere se virar em um pulo, boquiaberto ao dar de cara com um rosto de nariz adunco e olhos escuros quase escondidos por dobrinhas de gordura.

— Keille? — Era impossível. Ninguém que não fosse Aiel sobrevivia sozinho no Deserto. Ela *tinha* de estar morta. Mas ali estava, seda branca sobre o corpo massudo, pentes de marfim no topo dos cachos escuros.

Com um sorriso discreto nos lábios, ela se virou com uma

graciosidade que ainda o surpreendia para uma mulher tão grande e subiu com leveza os degraus que a levaram para dentro do carroção dele.

Kadere hesitou por um momento, e então se apressou atrás dela. Preferia que Keille Shaogi tivesse mesmo morrido no Deserto — a mulher era mandona, insolente, e era melhor não pensar que levaria alguma moeda das poucas que ele conseguira salvar —, mas seu escalão era tão alto quanto o de Jasin Natael. Talvez ela respondesse algumas perguntas. Pelo menos ele teria alguém com quem trabalhar. Na pior das hipóteses, alguém em quem pôr a culpa. Tinha mais poder quem estava lá no alto, mas esses também levavam a culpa pelos fracassos de seus subordinados. Mais de uma vez, Kadere entregara seus superiores àqueles que estavam ainda mais alto só para poder se proteger.

Ele fechou a porta com cuidado, se virou… e teria gritado se sua garganta não estivesse apertada demais para emitir qualquer som.

A mulher ali de pé trajava seda branca, mas não era gorda. Era a mulher mais bonita que ele já vira, olhos feito lagos escuros, insondáveis, prata trançada ao redor do quadril estreito, luas crescentes de prata no cabelo negro cintilante. Kadere conhecia aquele rosto de seus sonhos.

O baque de seus joelhos no chão o fez perder o fôlego.

— Grande Senhora — falou com voz rouca —, como posso servi-la?

Lanfear parecia estar olhando para um inseto, um que ela poderia esmagar com a sola da sandália — ou não.

— Demonstrando obediência aos meus comandos. Tenho andado muito ocupada para vigiar Rand al'Thor. Me conte o que ele tem feito, além de conquistar Cairhien, e o que planeja fazer.

— É difícil, Grande Senhora. Um tipo como eu não tem como se aproximar de alguém como ele. — Um inseto, aqueles olhos frios diziam, com permissão para viver só enquanto fosse útil. Kadere vasculhou a memória em busca de qualquer coisa que tivesse visto, ouvido ou imaginado. — Ele está mandando Aiel para o sul em grandes números, Grande Senhora, apesar de eu não saber por quê. Os tairenos e cairhienos parecem não notar, mas acho que eles não sabem diferenciar um Aiel do outro. — Nem ele sabia. Não ousaria mentir para Lanfear, mas se ela achasse que ele tinha mais serventia do que de fato tinha… — Ele fundou algum tipo de escola, em um palácio da cidade que pertencia a uma Casa sem sobreviventes… — De início, não havia como dizer se ela gostava do que estava ouvindo, mas, conforme Kadere prosseguiu, a expressão dela se tornou sombria.

— O que é que você quer me mostrar, Moiraine? — indagou

Rand, impaciente, atando as rédeas de Jeade'en a uma das rodas do último carroção da fila.

A Aes Sedai estava na ponta dos pés, espiando pela lateral do carroção um par de barris familiares. A não ser que estivesse enganado, eles armazenavam os dois selos de *cuendillar* enrolados em lã para melhor proteção, já que não eram mais inquebráveis. Ali, ele sentia com força a mácula do Tenebroso. Quase parecia vir dos barris, um sopro débil, como se algo estivesse apodrecendo em algum lugar escondido. — Aqui é seguro — murmurou Moiraine.

Ela ergueu as saias com graciosidade e andou até o início da fila de carroções. Lan seguiu logo atrás, como um lobo parcialmente domesticado, o manto que lhe pendia às costas em uma profusão de cores que se misturavam à paisagem.

Rand a fuzilou com os olhos.

— Ela lhe explicou do que se trata, Egwene?

— Só que você precisava ver uma coisa. Que você tinha que vir até aqui de qualquer jeito.

— Você precisa confiar nas Aes Sedai — advertiu Aviendha, quase com a mesma neutralidade, mas com um quê de dúvida.

Mat riu.

— Bem, eu pretendo descobrir agora. Natael, vá dizer a Bael que estarei com ele em…

Na outra ponta da fila, a lateral do carroção de Kadere explodiu, os estilhaços atingindo Aiel e o povo da cidade. Rand soube; não precisou dos calafrios crispando a pele para saber. Saiu correndo em direção ao carroção, atrás de Moiraine e Lan. O tempo pareceu desacelerar, tudo acontecendo ao mesmo tempo, como se o ar fosse uma gelatina agarrando-se a cada momento.

Lanfear saiu para aquele silêncio estupefato — exceto pelos gemidos e gritos dos feridos — com algo flácido, pálido e cheio de listras vermelhas pendendo das mãos, arrastando atrás dela conforme ela descia degraus invisíveis. O rosto da mulher era uma máscara esculpida em gelo.

— Ele me contou, Lews Therin. — Ela quase gritou, arremessando aquela coisa pálida no ar. Algo a apanhou e, inflando-a por um momento, transformou-a em uma estátua sangrenta e transparente de Hadnan Kadere: era a pele dele, removida por inteiro. O vulto ruiu e caiu no chão quando a voz de Lanfear se esganiçou até virar um guincho: — Você deixou outra mulher tocá-lo! De novo!

Os momentos se arrastaram, tudo acontecendo de uma só vez.

Antes que Lanfear alcançasse as pedras do desembarcadouro, Moiraine suspendeu ainda mais as saias e começou a correr em direção a ela. Mesmo a Aes Sedai sendo rápida, Lan era ainda mais, e ele ignorou o berro dela de "Não, Lan!". Desembainhando a espada, as

pernas compridas do Guardião logo a ultrapassaram, o manto furta-cor panejando às costas conforme ele investia. De repente, Lan pareceu dar de cara com uma parede de pedra invisível, quicou para trás e tentou seguir cambaleando outra vez. Um só passo e, como se uma mão gigante lhe tivesse espanado com violência, ele voou dez passadas, atingindo as pedras com força.

Enquanto o Guardião ainda estava no ar, Moiraine avançou, os pés derrapando no calçamento, até ficar cara a cara com Lanfear. Só por um instante. A Abandonada encarou-a como se ponderasse o que era aquilo em seu caminho, e então Moiraine foi arremessada com tanta força para o lado que saiu rolando inúmeras vezes até desaparecer atrás de um dos carroções.

A área do cais era um caos completo. Passados meros instantes desde que o carroção de Kadere explodira, só sendo cego para não saber que a mulher de branco estava manejando o Poder Único. Ao longo das docas, machados se agitavam cortando cordas e soltando as barcaças, enquanto as tripulações, desesperadas, conduziam as embarcações para a água aberta e a fuga. Estivadores de peito nu e gente da cidade com roupas escuras saltavam a bordo. Na outra direção, homens e mulheres gritavam e corriam feito loucos enquanto tentavam atravessar os portões e entrar na cidade. E, entre eles, vultos trajando o *cadin'sor* velavam o rosto e investiam contra Lanfear com lanças, facas ou mesmo os punhos. Não havia dúvida de que ela era a fonte do ataque, nenhuma dúvida de que lutava com o Poder. Apesar disso, todos corriam para dançar as lanças.

Ondas de fogo investiam contra eles. Flechas incendiárias atravessavam os que se conseguiam se aproximar com as roupas em chamas. Não que Lanfear estivesse lutando com eles, ou que sequer lhes desse muita atenção. Era como se ela estivesse espantando mosquitos ou picadinhas. Os que fugiam eram incendiados tanto quanto os que tentavam lutar. Ela se movia em direção a Rand como se nada mais existisse.

Tudo aconteceu durante algumas batidas de coração.

Ela dera três passos quando Rand agarrou a metade masculina da Fonte Verdadeira, aço derretido e um gelo de estilhaçar, a doçura do mel e o gosto de sambaqui. Nas profundezas do Vazio, a luta pela sobrevivência era distante, a batalha diante dele, só um pouco menos. Enquanto Moiraine desaparecia sob o carroção, ele canalizou, sugando o calor das chamas de Lanfear e afundando-o no rio. Chamas que pouco antes engolfavam formas humanas desapareceram. No mesmo instante, Rand tornou a tecer os fluxos, fazendo surgir um domo cinza enevoado, uma grande forma oval que encapsulava a ele, Lanfear e a maioria dos carroções, uma parede quase transparente que isolava tudo que já não estava dentro dela. Mesmo enquanto amarrava a

tessitura, não tinha certeza do que era ou de onde viera — alguma memória de Lews Therin, talvez —, mas as chamas de Lanfear batiam nela e paravam. Rand mal enxergava as pessoas do lado de fora, muitos se debatendo — ele sumira com as chamas, não com as peles queimadas, e aquele fedor ainda pairava no ar —, mas ninguém que já não estivesse em chamas seria incendiado. Também havia corpos dentro da redoma, montículos de tecido chamuscado, alguns agitando-se debilmente e gemendo. Ela não ligou. As chamas que canalizara se esvaneceram, os mosquitos foram espantados. Lanfear sequer olhou para os lados.

Batidas do coração. Fazia frio no Vazio, e, se sentia pena dos mortos, agonizantes e feridos, o sentimento estava tão longínquo que talvez nem existisse. Ele era o próprio frio. A própria vaziez do Vazio. Só a fúria de *saidin* o preenchia.

Algo se moveu dos dois lados. Aviendha e Egwene, os olhos concentrados em Lanfear. A intenção dele fora isolá-las daquilo. As mulheres provavelmente tinham corrido atrás dele. Mat e Asmodean estavam do lado de fora. A parede não isolara os últimos carroções da fila. Com uma calma gélida, Rand canalizou Ar para capturar Lanfear. Egwene e Aviendha poderiam blindá-la enquanto ele a distraía.

Alguma coisa cortou os fluxos dele. Foram impelidos para trás com tanta força que Rand soltou um grunhido.

— Uma delas? — rosnou Lanfear. — Qual das duas é Aviendha? — A cabeça de Egwene pendeu para trás e ela uivou, os olhos saltando, toda a agonia do mundo lhe saindo pela boca em um grito agudo. — Qual das duas? — Tremendo, Aviendha se ergueu na ponta dos pés, seus uivos seguindo os de Egwene conforme ambas subiam cada vez mais alto.

De repente, o pensamento estava ali, na vacuidade. *Espírito tecido com Fogo e Terra.* Rand sentiu algo sendo cortado, algo que não enxergava, e Egwene desabou, inerte, enquanto Aviendha se apoiava nas mãos e nos joelhos, cabeça baixa e tremendo.

Lanfear cambaleou, os olhos se alternando entre as mulheres e ele, lagos escuros de fogo negro.

— Você é meu, Lews Therin! Meu!

— Não. — A voz de Rand parecia chegar a seus ouvidos após passar por um túnel de uma milha de extensão. *Distraia ela das garotas.* Ele continuou se aproximando sem olhar para trás. — Eu nunca fui seu, Mierin. Sempre vou pertencer a Ilyena.

Dor e perda fizeram o Vazio estremecer. E desespero, enquanto ele combatia algo além do fogo de *saidin*. Por um momento, conseguiu se equilibrar. *Eu sou Rand al'Thor. E Ilyena, para todo o sempre, vai ser meu coração.* Equilibrado no fio da navalha. *Eu sou Rand al'Thor!* Outros pensamentos tentaram brotar, uma fonte deles, sobre Ilyena,

sobre Mierin, sobre o que ele poderia fazer para derrotá-la. Forçou-se para abafá-los, até o último. Se recobrasse os sentidos do lado errado… *Eu sou Rand al'Thor!*

— Seu nome é Lanfear, e eu prefiro morrer a amar um dos Abandonados.

Algo cintilou no rosto da mulher, talvez angústia, e então voltou a ser uma máscara de mármore.

— Se você não é meu — disse ela com frieza —, então está morto.

Com o peito em agonia, como se seu coração estivesse prestes a explodir, e a sensação de pregos fumegantes lhe perfurando a cabeça, a dor era tão forte que, dentro do Vazio, ele queria gritar. A morte estava chegando, e ele sabia. Freneticamente — e mesmo no Vazio, frenético, a vacuidade bruxuleava, definhava —, ele teceu Espírito, Fogo e Terra, lançando-os com selvageria. Seu coração não estava mais batendo. Dedos de uma dor sombria destruíam o Vazio. Um véu cinzento lhe caía sobre os olhos. Sentiu sua tessitura rasgar irregularmente a dela. A ardência da respiração em pulmões vazios, o espasmo do coração começando a bombear outra vez. Conseguia enxergar novamente, manchas prateadas e negras flutuando entre ele e uma Lanfear com o rosto pétreo, ainda retomando o equilíbrio após o coice de seus próprios fluxos. A dor estava ali, na cabeça e no peito, como feridas, mas o Vazio se firmou, e a dor corpórea era remota.

E ainda bem que estava distante, pois não tinha tempo para se recuperar. Forçando-se a avançar, Rand golpeou-a com Ar, um porrete para fazê-la cair desacordada. Lanfear cortou a tessitura, e ele golpeou de novo, de novo e de novo, com ela rasgando até última tessitura. Uma chuva furiosa de investidas enquanto ele se aproximava, que a mulher, de alguma forma, enxergava e refutava. Se Rand conseguisse mantê-la ocupada por mais alguns instantes, se uma daquelas clavas invisíveis caísse na cabeça dela, se ele tivesse como se aproximar o suficiente para atacá-la com os punhos… Inconsciente, ela estaria tão indefesa quanto qualquer outra pessoa.

De repente, Lanfear pareceu se dar conta do que ele estava fazendo. Ainda bloqueando os golpes de Rand tão facilmente quanto se estivesse enxergando cada um deles, ela recuou até seus ombros baterem no carroção atrás de si. E então sorriu tal qual o coração do inverno.

— Você vai morrer devagar e, antes de morrer, vai implorar para eu deixar você me amar.

Não foi diretamente Rand que Lanfear atacou desta vez. Foi o elo dele com *saidin*.

O pânico ressoou pelo Vazio feito um gongo logo no primeiro toque, afiado feito uma lâmina, o Poder esmaecendo à medida que o golpe deslizava cada vez mais fundo entre ele e a Fonte. Com Espírito,

Fogo e Terra, Rand cortou a lâmina da faca. Sabia onde encontrá-la, sabia onde estava o elo, sentiu aquela primeira incisão. A blindagem que ela tentara criar sumia, reaparecia, retornava tão rápido quanto ele conseguia cortá-la, mas sempre com um declínio momentâneo de *saidin*, momentos em que quase falhava, deixando o contra-ataque de Rand mal sendo suficiente para frustrar as investidas de Lanfear. Manejar duas tessituras ao mesmo tempo deveria ser fácil — ele era capaz de manejar dez ou mais —, mas não quando uma delas era uma defesa desesperada contra algo que ele não tinha como saber que estava ali até que já fosse quase tarde demais. Não quando os pensamentos de outro homem continuavam tentando brotar dentro do Vazio, lhe dizendo como derrotá-la. Se desse ouvidos, talvez fosse Lews Therin Telamon a sobreviver à batalha, com Rand al'Thor se tornando apenas uma voz ocasional na mente dele, se tanto.

— Vou fazer estas *duas* rameiras ficarem assistindo enquanto você implora — acrescentou Lanfear. — Mas é melhor eu fazer as duas verem você morrer ou fazer você ver a morte delas? — Quando ela tinha subido na carroça? Rand precisava vigiá-la, ficar atento a qualquer sinal de que ela estivesse se cansando, perdendo a concentração. Era uma esperança vã. De pé ao lado do retorcido batente de porta *ter'angreal*, Lanfear baixou o olhar na direção dele, uma rainha prestes a dar sua sentença, mas ainda gastou tempo sorrindo friamente para um bracelete escuro de marfim que virava e revirava entre os dedos. — Qual das duas coisas vai doer mais, Lews Therin? Eu quero que você sofra. Quero que sofra como nenhum homem jamais sofreu!

Quanto mais espesso o fluxo da Fonte, mais difícil seria cortá-lo. Rand enfiou a mão no bolso do casaco, a estátua do homenzinho gordo empunhando a espada pressionada com força contra a garça marcada em sua mão. Ele agarrou *saidin* o mais fundo que pôde, até que a mácula flutuasse junto com ele na vacuidade, feito chuva orvalhando.

— Dor, Lews Therin.

E houve dor, o mundo engolido em agonia. Não o coração ou a cabeça desta vez, mas o corpo inteiro, cada parte dele, agulhas quentes apunhalando-o dentro do Vazio. Rand pensou ouvir um chiado ardente a cada estocada, a última sempre mais profunda que a anterior. As tentativas de Lanfear de blindá-lo não arrefeceram. Vieram mais rápido, mais fortes. Ele não acreditava que a mulher era tão forte. Agarrando-se ao Vazio, a *saidin*, causticante e congelante, ele se defendia feito um selvagem. Poderia acabar com aquilo, acabar com ela. Poderia invocar um relâmpago ou envolvê-la no fogo que a própria Lanfear usara para matar.

Imagens passaram depressa em meio à dor. Uma mulher com um

vestido escuro de mercadora saltando do cavalo, a espada vermelho-fogo leve em suas mãos. Tinha vindo matá-lo, na companhia de um punhado de outros Amigos das Trevas. Os olhos sombrios de Mat. *Eu matei ela.* Uma mulher de cabelos dourados jazendo em um corredor em ruínas onde, ao que parecia, as próprias paredes haviam derretido e escorrido. *Ilyena, me perdoe!* Foi um grito desesperador.

Ele podia acabar com aquilo. Só que não conseguia. Iria morrer, talvez o mundo fosse morrer, mas ele não conseguia se forçar a matar outra mulher. De alguma forma, parecia a maior piada que o mundo já vira.

Limpando o sangue da boca, Moiraine saiu rastejando de trás do carroção e se pôs de pé sem muita firmeza, o som de uma gargalhada masculina ecoando em seus ouvidos. A contragosto, seus olhos dispararam em busca de Lan e o encontraram caído bem perto da enevoada parede cinza da redoma acima de suas cabeças. Ele estremeceu, talvez tentando encontrar forças para se levantar, talvez morrendo. Moiraine se esforçou para tirá-lo do pensamento. Lan salvara sua vida tantas vezes que, por direito, sua vida deveria ser dele, mas há muito que a Aes Sedai tinha feito o que podia para garantir que ele sobrevivesse à sua guerra solitária contra a Sombra. Àquela altura, Lan deveria viver ou morrer sem ela.

A gargalhada era de Rand, de joelhos nas pedras do desembarcadouro. Gargalhando, mas com lágrimas escorrendo por um rosto transtornado, como o de um homem no limite da loucura. Moiraine sentiu um arrepio. Se ele tivesse enlouquecido, ela não poderia fazer nada. Só podia fazer o que podia fazer. O que deveria fazer.

A visão de Lanfear a atingiu feito um choque. Não de surpresa, mas de ver a cena que aparecera com tanta frequência em seus sonhos desde Rhuidean: Lanfear de pé na carroça, cintilando como o sol, envolta em *saidar*, emoldurada pelo *ter'angreal* em forma de batente de porta retorcido enquanto sorria impiedosamente com os olhos fixos em Rand. Ela girava um bracelete nas mãos. Um *angreal*. A menos que Rand tivesse o próprio *angreal*, ela deveria ser capaz de esmagá-lo. Ou ele tinha um, ou Lanfear estava brincando com ele. Não importava. Moiraine não gostava daquele círculo de marfim entalhado escurecido pelo tempo. À primeira vista, parecia um acrobata se curvando para trás para agarrar os tornozelos. Só olhando mais de perto se notaria que seus pulsos e tornozelos estavam amarrados. Ela não gostava do objeto, mas o trouxera de Rhuidean. Na véspera, tirara o bracelete de uma saca cheia de quinquilharias e o deixara largado ali, aos pés do batente.

Moiraine era uma mulher pequena e franzina. Seu peso não

moveu nem um milímetro o carroção quando ela subiu. Quando seu vestido ficou preso em uma lasca e rasgou, ela hesitou, mas Lanfear não olhou para os lados. A mulher dera conta de todas as ameaças, exceto Rand. Àquela altura, ele era a única coisa do mundo com a qual ela se importava minimamente.

Moiraine suprimiu uma pequena bolha de esperança — não podia se permitir tamanho luxo —, se equilibrou por um momento na parte posterior do carroção, abraçou a Fonte Verdadeira e saltou em Lanfear. A Abandonada percebeu no último instante, o suficiente para se virar logo antes que Moiraine a golpeasse e lhe tirasse o bracelete. Cara a cara, as duas caíram para dentro do batente de porta *ter'angreal*. Uma luz branca engoliu tudo.

53

Palavras desvanecentes

Nas profundezas de um Vazio que estava encolhendo, Rand viu Moiraine surgir aparentemente do nada para agarrar Lanfear. Os ataques que ele sofria cessaram no instante em que as duas mergulharam pelo *ter'angreal*, batente de porta em um raio de luz branca infinita. A luz preenchia o retângulo de pedra vermelha retorcida como se quisesse atravessá-lo, mas colidisse em alguma barreira invisível. Relâmpagos criavam arcos prateados e azuis cada vez mais violentos em torno do *ter'angreal*. Ruídos estridentes crepitavam pelo ar.

Trôpego, Rand se pôs de pé. A dor ainda não tinha sumido por completo, mas a pressão, sim, trazendo a promessa de que a dor passaria. Não conseguia tirar os olhos do *ter'angreal*. *Moiraine*. O nome da mulher permanecia em sua mente, deslizando pelo Vazio.

Lan passou por ele cambaleando, concentrado no carroção, inclinado para a frente como se a única maneira de não cair fosse continuar avançando.

Rand não conseguia fazer mais que ficar de pé naquele momento. Ele canalizou e segurou o Guardião com fluxos de Ar.

— Você… Você não pode fazer nada, Lan. Não tem como ir atrás dela.

— Eu sei — respondeu Lan, desesperado. Contido no meio de um passo, ele não relutou, só ficou encarando o *ter'angreal* que engolira Moiraine. — Que a Luz me traga paz, mas eu sei.

Àquela altura, o próprio carroção estava em chamas. Rand tentou suprimi-las, mas, tão logo sugou o calor de uma das labaredas, os relâmpagos desencadearam outra. Embora feito de pedra, até o batente de porta começava a fumegar, uma fumaça branca e acre ficando mais espessa sob o domo cinza. Respirá-la, mesmo brevemente, fez Rand tossir e suas narinas queimarem. A pele formigava e ardia por onde quer que a fumaça passasse. Às pressas, ele desatou a tessitura do domo, preferindo desfazer a redoma do que esperar que ela se dissipasse, e urdiu em torno do carroção uma comprida chaminé de Ar que brilhava feito vidro, levando a fumaça

bem para o alto, para longe. Só então soltou Lan. Não se surpreenderia se o homem fosse atrás de Moiraine de qualquer jeito, caso pudesse chegar ao carroção. Tudo já estava em chamas, assim como o batente de pedra vermelha, derretendo como se fosse de cera, mas, para um Guardião, talvez aquilo não importasse.

— Ela se foi. Não consigo sentir a presença dela. — As palavras soaram como se tivessem sido arrancadas do peito de Lan. Ele se virou e começou a percorrer a fila de carroções sem dar sequer uma olhadela para trás.

Acompanhando o Guardião com os olhos, Rand viu Aviendha ajoelhada segurando Egwene. Ele soltou *saidin* e correu pelo desembarcadouro. A dor física que estivera distante voltou com força, mas ele correu, ainda que desajeitado. Asmodean também estava lá, olhando de um lado para outro como se esperasse que Lanfear saltasse de trás de um dos carroções ou de uma carroça tombada. E Mat, agachado com a lança apoiada no ombro, abanava Egwene com seu chapéu.

Rand finalmente parou, derrapando.

— Ela…?

— Não sei — respondeu Mat, infeliz.

— Ainda está respirando. — Aviendha pareceu incerta sobre por quanto tempo continuaria assim, mas os olhos de Egwene tremularam e se abriram quando Amys e Bair passaram empurrando Rand, acompanhadas de Melaine e Sorilea. As Sábias se agruparam de joelhos em torno das mulheres mais jovens e murmuraram sozinhas e entre si enquanto examinavam Egwene.

— Eu me sinto… — balbuciou Egwene, parando para engolir. Seu rosto estava pálido, lívido. — Está… doendo. — Uma lágrima escapou.

— Claro que está — afirmou Sorilea, com rispidez. — É isso que acontece quando você se deixa envolver pelas maquinações de um homem.

— Ela não pode ir com você, Rand al'Thor. — Melaine, com seu lindo cabelo dourado, estava claramente irritada, mas não olhava para ele. A raiva poderia tanto ser de Rand quanto do que tinha acontecido.

— Eu… vou ficar boa que nem água de poço… com um pouco de repouso — sussurrou Egwene.

Usando um cantil, Bair umedeceu um pano e cobriu com ele a testa de Egwene.

— Você vai ficar bem com bastante repouso. Receio que você não vá encontrar Nynaeve e Elayne hoje à noite. Não vai nem chegar perto de *Tel'aran'rhiod* durante alguns dias, até estar forte de novo. Não me olhe com essa cara teimosa, garota. Se for necessário, ficaremos de olho nos seus sonhos para ter certeza e, se sequer pensar em desobedecer, a deixaremos aos cuidados de Sorilea.

— Você não vai me desobedecer mais de uma vez, Aes Sedai ou não — advertiu Sorilea, mas com um toque de compaixão que destoava do rosto coriáceo emburrado. A frustração estava estampada no rosto de Egwene.

— Eu, pelo menos, estou bem o bastante para fazer o que precisa ser feito — disse Aviendha. Na verdade, ela não parecia muito melhor que Egwene, mas conseguiu lançar um olhar desafiador para Rand, de quem claramente esperava uma discussão. Seu ar de rebeldia se dissipou um pouco quando ela se deu conta de que as quatro Sábias estavam lhe encarando. — Eu estou — resmungou.

— Claro — retrucou Rand, sem muita convicção.

— Eu estou — insistiu ela. Para ele. Aviendha tomou o cuidado de evitar que seu olhar cruzasse com o das Sábias. — Lanfear me dominou por um pouco menos de tempo do que Egwene. Foi o suficiente para fazer diferença. Tenho *toh* com você, Rand al'Thor. Acho que não teríamos sobrevivido por muito mais tempo. Ela era muito forte. — Seus olhos viajaram até o carroção em chamas. Labaredas ferozes já haviam reduzido o veículo a um amontoado chamuscado e disforme dentro da chaminé vítrea. O *ter'angreal* de pedra vermelha desaparecera. — Eu não vi tudo que aconteceu.

— Elas… — Rand limpou a garganta. — As duas se foram. Lanfear está morta. Moiraine também.

Egwene começou a chorar, seus soluços fazendo-a tremer dentro do abraço apertado de Aviendha, que repousou a cabeça no ombro da amiga como se também fosse chorar.

— Você é um tolo, Rand al'Thor — afirmou Amys, se levantando. Seu rosto surpreendentemente jovem sob o turbante e o cabelo branco estava rígido como pedra. — Por isto e por muitas outras coisas, você é um tolo.

Rand se desviou do tom acusatório nos olhos dela. Moiraine estava morta. Morta porque ele não conseguira se obrigar a matar uma Abandonada. Não sabia se queria chorar ou gargalhar feito um louco. Se fizesse uma das duas coisas, achava que não conseguiria parar.

As docas, que se esvaziaram quando ele criou o domo, estavam cheias de novo, embora poucos se aproximassem do ponto onde surgira a redoma cinzenta e enevoada. Sábias se deslocavam pela área para atender os que tinham se queimado e para confortar os agonizantes, ajudadas por *gai'shain* de robes brancos e homens com o *cadin'sor*. Os gemidos e os gritos o apunhalavam. Ele não fora rápido o bastante. Moiraine morrera. Nada de Cura nem para os mais feridos. Porque ele… *Eu não consegui. Que a Luz me ajude, eu não consegui!*

Mais homens Aiel o observavam, alguns só agora baixando o véu. Rand ainda não via nenhuma Donzela. Não havia só Aiel. Dobraine, a

cabeça nua, e montando um castrado negro, não tirava os olhos dele, e, não muito longe, Talmanes, Nalesean e Daerid observavam Mat de cima dos cavalos quase tão atentamente quanto o faziam com Rand. Pessoas se enfileiravam no topo da grande muralha da cidade, delineadas e sombreadas pelo sol que se erguia, e havia mais gente ao longo das cortinas de pedra. Dois daqueles vultos na penumbra se viraram quando ele olhou para cima, se viram a menos de vinte passadas de distância um do outro e pareceram se retrair. Rand seria capaz de apostar que se tratava de Meilan e Maringil.

Lan voltara para os cavalos perto do último carroção da fila, e acariciava o focinho branco de Aldieb. A égua de Moiraine.

Rand foi até ele.

— Me desculpe, Lan. Se eu tivesse sido mais rápido, se eu… — Ele expirou profundamente. *Não consegui matar uma, então matei a outra. Que a Luz me queime e me cegue!* Se acontecesse, naquele momento, ele não teria se importado.

— A Roda tece. — Lan foi até Mandarb e se ocupou em verificar as cintas da sela do garanhão negro. — Ela era um soldado, uma guerreira, à maneira dela, tanto quanto eu. Isso poderia ter acontecido umas duzentas vezes nestes últimos vinte anos. Ela sabia, e eu também. Foi um bom dia para morrer. — Sua voz estava tão firme quanto sempre, mas aqueles frios olhos azuis estavam contornados de vermelho.

— Mesmo assim, me desculpe. Eu deveria… — O homem não seria reconfortado por "deveria", e aquilo pesava na alma de Rand. — Espero que ainda possa ser meu amigo, Lan, depois do que… Eu valorizo seus conselhos, seus treinamentos com a espada, e vou precisar de ambos nos próximos dias.

— Sou seu amigo, Rand. Mas não posso ficar. — Lan girou e subiu na sela. — Moiraine fez uma coisa comigo que não se fazia há centenas de anos, não desde a época em que as Aes Sedai criavam elos com Guardiões independentemente da vontade deles. Ela alterou meu elo para que ele passasse para outra pessoa quando ela morresse. Agora eu preciso encontrar essa outra e me tornar um dos Guardiões dela. Eu já sou. Consigo senti-la de maneira tênue, em algum lugar no extremo oeste, e ela é capaz de me sentir. Preciso ir, Rand. Moiraine fez isso. Ela disse que não me daria nenhum tempo para morrer tentando vingá-la. — Ele agarrou as rédeas como se refreasse Mandarb, como se estivesse se segurando para não lhe enfiar as esporas. — Se algum dia você vir Nynaeve de novo, diga a ela que… — Por um instante, aquele rosto pétreo ficou encrespado de angústia. Só um instante, e logo voltou a ser como granito. Ele resmungou sozinho, mas Rand escutou: "Uma ferida limpa sara mais rápido e dói por menos tempo". Em voz alta, o Guardião disse: — Diga a ela que

encontrei outra pessoa. Às vezes, irmãs Verdes são tão próximas de seus Guardiões quanto outras mulheres são dos maridos. De todas as formas. Diga a ela que fui me tornar amante, e também a espada, de uma irmã Verde. Essas coisas acontecem. Já faz muito tempo desde a última vez que a vi.

— Vou dizer a ela o que você pedir, Lan, mas não sei se ela vai acreditar em mim.

Lan curvou-se do alto da sela para segurar com força o ombro de Rand. Ele se lembrava de já ter chamado Lan de lobo quase domesticado, mas aqueles olhos faziam um lobo parecer um cãozinho.

— Somos parecidos em muitos aspectos, você e eu. Há uma escuridão em nós. Escuridão, dor, morte. Tudo isso irradia de nós. Se algum dia você amar uma mulher, Rand, abandone-a e deixe-a encontrar outro homem. Vai ser o maior presente que você pode dar a ela. — Lan se endireitou e ergueu a mão. — Que a paz favoreça a sua espada. *Tai'shar* Manetheren. — A saudação antiga. O verdadeiro sangue de Manetheren.

Rand ergueu a mão.

— *Tai'shar* Malkier.

Lan esporou os flancos de Mandarb, e o garanhão deu um pinote para a frente, dispersando os Aiel e todos os demais do caminho, como se quisesse levar o último Malkier a galope durante todo o percurso até onde quer que ele estivesse indo.

— Que o último abraço da mãe o receba em casa, Lan — murmurou Rand, estremecendo. Aquilo era parte dos rituais funerais em Shienar e em todo o resto das Terras da Fronteira.

Todos ainda o observavam, os Aiel e as pessoas em cima das muralhas. A Torre saberia do que ocorrera ali, ou uma versão do ocorrido, tão logo um pombo pudesse voar até lá. Se Rahvin também tivesse alguma maneira de vigiá-lo — bastaria apenas um corvo na cidade, um rato ali à beira do rio —, certamente não esperaria nada naquele dia. Elaida pensaria que ele estava enfraquecido, talvez mais maleável, e Rahvin…

Rand percebeu o que estava fazendo e se retraiu. *Pare com isso! Por pelo menos um minuto, pare e fique de luto!* Não queria todos aqueles olhos nele. Os Aiel recuavam diante de Rand quase tão prontamente quanto tinham recuado diante de Mandarb.

A cabana com teto de ardósia do administrador das docas não passava de um único aposento de pedra sem janelas repleto de prateleiras entupidas de livros contábeis, rolos de pergaminho e papéis, iluminado por duas lamparinas sobre uma mesa rústica coberta de selos fiscais e carimbos de aduana. Rand fechou a porta atrás de si para se proteger de quaisquer olhos.

Moiraine morta, Egwene ferida e Lan ausente. Um preço alto a se

pagar por Lanfear.

— Que a Luz o queime, fique de luto! — grunhiu ele. — Ela fez por merecer ao menos isso! Você não tem mais nenhum sentimento? — Mas, na maior parte, ele se sentia dormente. O corpo doía, mas, sob a dor, estava amortecido.

Rand deixou os ombros caírem, enfiou as mãos nos bolsos e sentiu as cartas de Moiraine. Pegou-as devagar. Tinha uma coisa na qual ele precisava pensar, ela dissera. Recolocando no bolso a carta de Thom, rompeu o lacre da outra. As páginas estavam densamente recobertas pela letra elegante de Moiraine.

Estas palavras vão desaparecer poucos momentos depois que esta carta sair da sua mão — uma proteção feita para você —, então tenha cuidado. O fato de você estar lendo isto significa que certos acontecimentos se passaram nas docas como eu esperava…

Ele parou, os olhos fixos no papel, e então continuou a leitura depressa.

Desde o primeiro dia em que cheguei a Rhuidean, eu soube — e você não deve se dar o trabalho de se perguntar como, já que alguns segredos pertencem aos outros, e não vou traí-los — que haveria um dia em que notícias a respeito de Morgase chegariam a Cairhien. Eu não sabia o conteúdo — se o que escutamos for verdade, que a Luz tenha misericórdia daquela alma, uma mulher voluntariosa e teimosa, às vezes com o gênio de uma leoa, mas, mesmo assim, uma rainha boa e graciosa —, mas, em todas as vezes, tal notícia conduzia às docas no dia seguinte. A partir das docas, havia três caminhos, mas, se você está lendo isto, eu parti, e Lanfear também…

As mãos de Rand apertaram as páginas ainda mais. Ela sempre soube. Soube, e mesmo assim o levou até lá. Apressado, desamassou o papel amarrotado.

Os outros dois caminhos eram muito piores. Em um deles, Lanfear matava você. No outro, levava-o embora e, quando eu o via de novo, você passara a se intitular Lews Therin Telamon, e era amante devoto dela.

Espero que Egwene e Aviendha tenham sobrevivido ilesas. Veja, eu não sei o que vai acontecer com o mundo no futuro, exceto, talvez, por uma coisinha que não tem a ver com você.

Não pude lhe dizer, pelo mesmo motivo que não pude contar a Lan. Mesmo conhecendo as opções, eu não sabia ao certo qual você escolheria. Os homens de Dois Rios, ao que parece, têm muito do famoso Manetheren, assim como os homens das Terras da Fronteira. Dizem que um nativo das Terras da Fronteira levaria uma facada para evitar que uma mulher se machucasse, e consideraria justo. Não ousei arriscar que você colocasse minha vida acima da sua, certo de que, de alguma forma, se esquivaria do destino. Não se trata de um risco, eu temo, mas de uma certeza tola, como certamente ficou provado hoje…

— Minha escolha, Moiraine — resmungou ele. — Era minha escolha.

Algumas considerações finais.

Se Lan ainda não partiu, diga-lhe que o que eu fiz com ele foi pensando no melhor. Um dia ele vai entender e, eu espero, me abençoar por isso.

Não confie cegamente em nenhuma mulher que hoje seja uma Aes Sedai. Não me refiro apenas à Ajah Negra, embora você sempre deva ficar atento a elas. Desconfie tanto de Verin quanto de Alviarin. Temos feito o mundo dançar conforme a nossa música durante três mil anos. Esse é um hábito difícil de quebrar, como bem aprendi enquanto dancei conforme a sua música. Você deve dançar como quiser, e até a mais bem-intencionada de minhas irmãs pode tentar guiar seus passos, assim como um dia eu tentei.

Por favor, entregue a carta para Thom Merrilin em segurança quando o encontrar de novo. Há uma pequena questão que tratei com ele certa vez e que, em nome da paz de espírito de Thom, quero esclarecer.

Por fim, fique sempre atento também ao Mestre Jasin Natael. Não o aprovo plenamente, mas entendo. Talvez fosse a única alternativa. Mas tenha cuidado com ele. Ele continua sendo o mesmo homem que sempre foi. Tenha isso sempre em mente.

Que a Luz o ilumine e proteja. Você vai se sair bem.

Estava assinada simplesmente com “Moiraine”. Ela quase nunca utilizara o nome de sua Casa.

Rand releu o penúltimo parágrafo com atenção. De alguma forma, ela sempre soube quem era Asmodean. Só podia ser isso. Soubera que um dos Abandonados estava bem ali, diante dela, e não pestanejara uma vez sequer. Também soubera por quê, caso ele tivesse entendido direito. Rand pensaria que, em uma carta que se apagaria assim que ele a soltasse, Moiraine poderia ser explícita e dizer logo o que queria. Não só no que se referia a Asmodean, mas também sobre como descobrira aquilo tudo em Rhuidean — algo a ver com as Sábias, a não ser que estivesse enganado, e elas não lhe revelariam mais que a carta —, sobre as Aes Sedai — havia alguma razão para ela ter mencionado Verin? E por que Alviarin, em vez de Elaida? — e até sobre Thom e Lan. Rand não achava que ela tivesse deixado uma carta para Lan. O Guardião não era o único que acreditava em feridas limpas. Ele quase abriu a carta endereçada a Thom, mas Moiraine poderia tê-la protegido do mesmo jeito que protegera a dele. Aes Sedai e cairhiena, ela se embrulhara até o fim em mistério e manipulação. Até o fim.

Era isso que ele estava tentando evitar com toda aquela baboseira sobre ela guardar segredos. Moiraine sempre soube o que aconteceria e o acompanhara com a mesma bravura de qualquer Aiel. Veio se

encontrar com a morte mesmo sabendo que ela a esperava. Morrera porque ele não conseguira se obrigar a matar Lanfear. Não fora capaz de matar uma mulher, então outra morrera. Os olhos dele retornaram às últimas palavras.

Você vai se sair bem.

Elas cortavam feito navalha.

— Por que está chorando aqui sozinho, Rand al'Thor? Ouvi falar que alguns aguacentos acham vergonhoso ser pego chorando.

Ele cravou os olhos em Sulin, de pé junto à porta. Estava com seu equipamento completo, o arco em um estojo às costas, a aljava na cintura, um broquel redondo de couro e três lanças nas mãos.

— Eu não… — As bochechas dele estavam úmidas. Rand tratou de secá-las. — Está quente aqui. Estou suando feito um… O que você quer? Pensei que tinham decidido me abandonar e voltar para a Terra da Trindade.

— Não fomos nós que abandonamos você, Rand al'Thor. — Sulin fechou a porta atrás de si, sentou-se no chão e largou o broquel e um par de lanças. — Foi você que nos abandonou. — Em um único movimento, a mulher pôs o pé contra a lança que tinha nas mãos, fez pressão, e partiu-a no meio.

— O que você está fazendo? — Ela jogou os dois pedaços para o lado e apanhou mais uma lança. — Eu perguntei o que você está fazendo!

O rosto da Donzela de cabelo branco poderia até ter feito Lan hesitar, mas Rand se curvou e lhe tomou a lança das mãos. O pé dela, revestido em uma bota macia, acabou indo parar nas articulações do dedo dele. E com força.

— Você vai nos mandar vestir saias e nos obrigar a casar e cuidar do lar? Ou vamos ter que ficar do lado da sua fogueira e lamber sua mão sempre que você nos der um pedaço de carne? — Os músculos da mulher se retesaram, e a lança se partiu, as farpas rasgando a palma da mão dele.

Rand praguejou ao afastar a mão ferida e sacudiu as gotículas de sangue.

— Eu não quero nada disso. Achei que vocês tinham entendido. — Sulin apanhou a última lança, posicionou o pé, e Rand canalizou, tecendo Ar para mantê-la na posição em que estava. A mulher apenas o encarou em silêncio. — Que me queime, você não disse nada! Então eu mantive as Donzelas longe da batalha com Couladin. Nem todos lutaram naquele dia. E você nunca disse uma só palavra.

Os olhos de Sulin se arregalaram, incrédulos.

— *Você* impediu *as Donzelas* de dançarem as lanças? *Nós* é que impedimos *você*. Parecia uma garota recém-casada com a lança, pronto para sair correndo e matar Couladin sem nem pensar na lança

que poderia atingi-lo pelas costas. Você é o *Car'a'carn*. Não tem o direito de se arriscar sem necessidade. — A voz dela ganhou um tom neutro. — E agora lá vai você enfrentar o Abandonado. O segredo está bem guardado, mas já ouvi o suficiente daqueles que lideram as outras sociedades.

— E você quer me impedir de lutar dessa vez também? — perguntou ele, bem baixo.

— Não seja tolo, Rand al'Thor. Qualquer um poderia ter dançado as lanças com Couladin. Você ter cogitado correr esse risco foi o pensamento de uma criança. Nenhum de nós é capaz de enfrentar os Devotos da Sombra, só você.

— Então por que…? — Ele fez uma pausa. Já sabia a resposta. Depois daquele dia sangrento contra Couladin, se convencera de que elas não se importariam. Quisera acreditar que não.

— Os que o acompanham foram escolhidos. — As palavras foram ditas como pedras sendo atiradas. — Homens de todas as sociedades. Homens. Não tem nenhuma Donzela, Rand al'Thor. As *Far Dareis Mai* carregam a sua honra, e você nos tira a nossa.

Ele respirou fundo, atrapalhando-se para encontrar as palavras.

— Eu… não gosto de ver mulheres morrendo. Eu detesto, Sulin. Me embrulha o estômago. Eu não seria capaz de matar uma mulher nem se minha vida dependesse disso. — As páginas da carta de Moiraine farfalhavam em suas mãos. Morta porque ele não fora capaz de matar Lanfear. Nem sempre era só a vida dele. — Sulin, eu preferiria ir até Rahvin sozinho do que ver uma de vocês morrer.

— Bobagem. Qualquer pessoa precisa de outra na retaguarda. Então é Rahvin. Até Roidan, dos Andarilhos do Trovão, e Turol, dos Cães de Pedra, esconderam isso. — Ela deu uma olhada para seu pé erguido, preso contra a lança pelos mesmos fluxos que lhe enredavam os braços. — Me solte, e conversaremos.

Após um momento de hesitação, Rand desfez a tessitura. Estava pronto para amarrá-la de novo, caso necessário, mas Sulin apenas cruzou as pernas e se sentou, quicando a lança nas palmas das mãos.

— Às vezes eu me esqueço de que você foi criado longe do nosso sangue, Rand al'Thor. Agora me ouça. Eu sou o que eu sou. *Isto* é o que eu sou. — E levantou a lança.

— Sulin…

— Escute bem, Rand al'Thor. Eu *sou* a lança. Quando um amante se colocou entre mim e a lança, eu escolhi a lança. Há quem escolha diferente. Algumas decidem que já passaram tempo demais com a lança e que querem um marido, um filho. Eu nunca quis outra coisa. Nenhum chefe hesitaria em me mandar para onde quer que a dança estivesse mais intensa. Se eu morresse lá, minhas irmãs-primeiras fariam luto por mim, mas nem uma unha a mais do que quando nosso

irmão-primeiro faleceu. Um Assassino da Árvore que me apunhalasse no coração enquanto eu estivesse dormindo estaria me honrando mais do que você honra. Entende agora?

— Entendo, mas… — Ele de fato entendia. Sulin não queria que ele fizesse dela algo diferente do que era. Tudo o que ele tinha de fazer era estar disposto a vê-la morrer. — O que acontece se você quebrar a última lança?

— Se eu não tenho honra nesta vida, talvez na próxima. — Ela disse aquilo como se fosse apenas outra explicação. Rand levou alguns momentos para compreender. Tudo o que tinha de fazer era estar disposto a vê-la morrer.

— Você não me deixa escolha, não é? — Não mais do que Moiraine deixara.

— Sempre há escolhas, Rand al'Thor. Você tem uma opção, e eu tenho outra. O *ji'e'toh* só permite isso.

Rand queria rosnar para ela, xingar o *ji'e'toh* e todos que o seguiam.

— Escolha suas Donzelas, Sulin. Não sei quantas posso levar, mas vão ser tantas *Far Dareis Mai* quanto de qualquer outra sociedade.

Ele passou rápido por ela, que abriu um sorriso súbito. Não de alívio. De prazer. Prazer porque teria a chance de morrer. Rand devia tê-la deixado amarrada por *saidin*, amarrada ali para que pudesse lidar com ela quando voltasse de Caemlyn. Abriu a porta com força, avançou a passos largos até o desembarcadouro… e parou.

Enaila encabeçava uma fila de Donzelas, cada uma com três lanças nas mãos. A fila começava junto à porta da cabana e desaparecia no portão da cidade mais próximo. Alguns dos homens Aiel na doca lançavam olhares curiosos para a cena, mas estava bem claro que se tratava de uma questão entre as *Far Dareis Mai* e o *Car'a'carn*, e que nenhuma outra sociedade tinha nada a ver com o assunto. Amys e mais três ou quatro Sábias que um dia haviam sido Donzelas observavam com mais atenção. A maior parte dos que não eram Aiel já tinha ido embora, exceto por alguns homens que endireitavam nervosamente as carroças de grãos tombadas e tentavam olhar para o outro lado. Enaila deu um passo na direção de Rand e então parou e sorriu assim que Sulin saiu. Não de alívio. De prazer. Sorrisos de prazer que se estendiam por toda aquela longa fila de Donzelas. Sorrisos das Sábias também, além de um meneio firme de Amys, como se Rand tivesse dado um fim a algum comportamento imbecil.

— Cheguei a pensar que elas entrariam uma a uma para lhe tirar da miséria com beijos — afirmou Mat.

Rand franziu o cenho para ele, que sorria recostado na lança, o chapéu de aba larga na cabeça, inclinado para trás.

— Como você pode estar tão animado? — O cheiro de carne tostada ainda recendia no ar, assim como as lamúrias de homens e mulheres queimados sendo tratados pelas Sábias.

— Porque estou vivo — rosnou Mat. — O que você quer que eu faça? Chore? — Ele deu de ombros, um tanto constrangido. — Amys disse que Egwene vai ficar bem de verdade em alguns dias. — Mat deu uma olhada em volta, mas parecia não querer ver o que via. — Que me queime, se vamos mesmo fazer isso, então vamos. *Dovie'andi se tovya sagain*.

— O quê?

— Eu disse que é hora de lançar os dados. Sulin tampou seus ouvidos?

— É hora de lançar os dados — concordou Rand. As chamas haviam se extinguido dentro da chaminé vítrea de Ar, mas a fumaça branca ainda subia como se o fogo continuasse consumindo o *ter'angreal*. *Moiraine*. Ele deveria ter… O que estava feito estava feito. As Donzelas já se amontoavam ao redor de Sulin, tantas quantas cabiam no desembarcadouro. O que estava feito estava feito, e ele teria que lidar com isso. A morte seria uma libertação de tudo com que ele tinha que conviver. — Então vamos.

Caemlyn
Andor

54

Para Caemlyn

Quinhentas das Donzelas atrás de Sulin acompanharam Rand de volta ao Palácio Real, onde Bael aguardava no grande pátio interno junto dos portões frontais, ao lado de Andarilhos do Trovão, Olhos Negros, Buscadores das Águas e homens de todas as outras sociedades, seus números lotando o pátio e invadindo o palácio através de todas as portas, até as menores passagens dos serviçais. Alguns assistiam a tudo das janelas mais baixas, esperando sua vez de sair. As sacadas de pedra que circundavam a área estavam desertas. Em todo o pátio, só um dos homens que aguardava não era Aiel. Tairenos e cairhienos — cairhienos, em especial — não davam as caras quando os Aiel se juntavam. A exceção estava de pé acima de Bael nos largos degraus cinzentos que conduziam ao local: Pevin, o estandarte carmesim mal pendurado no mastro, e o fato de estar cercado de Aiel não parecia mexer com ele mais do que qualquer outra situação.

Na garupa da sela, Aviendha agarrava-se a Rand com firmeza, os seios lhe pressionando as costas até o momento em que ele desceu do cavalo. Ela conversara com algumas das Sábias, nas docas, e Rand achava que não deveria ter escutado.

— Vá com a Luz — dissera Amys, tocando o rosto de Aviendha. — E vigie-o de perto. Você sabe quanta coisa depende dele.

— Muita coisa depende de vocês dois — disse Bair a Aviendha, quase em uníssono com Melaine, que advertiu, irritada:

— Seria mais fácil se, a esta altura, você já tivesse conseguido.

— Na minha época, até as Donzelas sabiam como lidar com os homens — rosnou Sorilea.

— Ela tem se saído melhor do que você imagina — afirmou Amys. Aviendha balançou a cabeça. O bracelete de marfim com rosas e espinhos deslizando pelo braço quando ela ergueu a mão para interromper a outra mulher, mas Amys prosseguiu sem dar atenção aos protestos. — Eu esperei que ela mesma nos contasse, mas, já que ela não vai…

Foi então que ela viu Rand a apenas dez pés de distância, as rédeas de Jeade'en nas mãos, e se interrompeu bruscamente. Aviendha se virou para seguir o olhar de Amys e, quando seus olhos o encontraram, um vermelho

intenso cobriu seu rosto, e então sumiu tão rápido que até suas bochechas bronzeadas ficaram pálidas. As quatro Sábias cravaram os olhos nele, indecifráveis.

Asmodean e Mat surgiram por trás de Rand, conduzindo seus cavalos.

— Mulheres aprendem esse olhar no berço? — resmungou Mat. — São as mães que ensinam? Eu diria que o poderoso Car'a'carn *vai ficar com as orelhas chamuscadas se ficar por aqui por muito mais tempo.*

Rand balançou a cabeça e estendeu os braços quando Aviendha girou a perna para descer, então a tirou do dorso do sarapintado. Por um momento, ele a segurou pela cintura e encarou seus límpidos olhos verde-azulados. Ela não desviou o olhar nem alterou sua expressão, mas as mãos se apertaram devagar nos antebraços dele. O que será que ela tinha que conseguir? Rand pensara que Aviendha fora designada pelas Sábias para espioná-lo, mas, sempre que ela perguntava sobre coisas que ele escondia das Sábias, era com raiva explícita por ele manter esses segredos. Nunca com ironia, nunca tentando desencavar alguma coisa. Era ameaçadora, às vezes, mas nunca dissimulada. Ele considerara a possibilidade de que ela fosse como uma das jovens de Colavaere, mas só durante o breve momento que levara para se dar conta da ideia. Aviendha jamais permitiria que a usassem dessa forma. Além do mais, mesmo que fosse o caso, ter dado a ele um gostinho dela para então negar até mesmo um mero beijo, sem falar em tê-lo obrigado a persegui-la por meio mundo, não era uma boa maneira de conduzir a questão. Se ficar nua na frente dele era mais do que natural para ela, era porque os costumes Aiel eram diferentes. Se a aflição dele quanto a isso a satisfazia, provavelmente era porque ela achava divertidíssimo brincar com Rand. Então, o que será que ela tinha que conseguir? Armações por todo lado. Será que todos estavam tramando algo? Ele via o próprio rosto nos olhos dela. Quem dera aquele colar de prata a Aviendha?

— Eu também gosto de ficar abraçadinho, como qualquer um — afirmou Mat —, mas você não acha que tem muita gente olhando?

Rand largou a cintura de Aviendha e deu um passo para trás, e ela também se afastou depressa. Com a cabeça curvada, Aviendha ficou se distraindo com a saia e resmungando a respeito de como andar a cavalo desarrumara sua roupa, mas não antes de Rand ver que suas bochechas estavam coradas. Bem, ele não tinha pretendido deixá-la constrangida.

Olhando em torno do pátio com uma expressão carrancuda, Rand disse:

— Eu falei que não sei quantos vou poder levar, Bael.

Com as Donzelas se espalhando pelos portões até a rampa, mal havia espaço para se mexer no pátio. Quinhentos de cada sociedade significavam seis mil Aiel. Os corredores internos deviam estar

entupidos.

O imenso chefe deu de ombros. Como todos os Aiel, estava com a *shoufa* enrolada em torno da cabeça, pronto para erguer o véu. Nenhuma bandana vermelha, embora parecesse que pelo menos metade dos demais usava o disco preto e branco na testa.

— Toda lança que puder acompanhar você, vai. As duas Aes Sedai virão logo?

— Não. — Foi bom Aviendha ter mantido a promessa de não deixá-lo tocar nela de novo. Lanfear tentara matar as duas porque não sabia qual delas era Aviendha. Como Kadere descobrira, para contar a ela? Não importava. Lan estava certo. As mulheres só encontravam dor ou morte quando se aproximavam demais dele. — Elas não vêm.

— Há relatos de… problemas… perto do rio.

— Grande vitória, Bael — disse Rand, cansado. — E muita honra adquirida. — *Mas não por mim.* Pevin se aproximou, passando por Bael, e se pôs bem atrás do ombro de Rand com o estandarte, seu rosto estreito e cheio de cicatrizes absolutamente sem expressão. — Quer dizer que todo o palácio está sabendo disso?

— Eu ouvi rumores — respondeu Pevin. Ele abriu e fechou a boca, como se buscasse mais palavras. Rand encontrara um substituto para o casaco remendado do rapaz, uma boa lã vermelha, e Pevin providenciara que Dragões fossem bordados na roupa, cada um subindo por uma das laterais do tórax. — De que você estava indo. Para algum lugar. — Aquilo pareceu exaurir o estoque dele.

Rand assentiu. Boatos se espalhavam pelo palácio feito cogumelos à sombra. Mas, desde que Rahvin não descobrisse… Fez uma varredura pelos telhados e pelo alto das torres. Nada de corvos. Fazia tempo que não via nenhum, apesar de ter ouvido falar de alguns sendo mortos por outros homens. Talvez agora os pássaros o evitassem.

— Esteja preparado. — Rand agarrou *saidin* e flutuou no Vazio, na apatia.

O portão surgiu no pé dos degraus, primeiro uma linha brilhante que pareceu *girar*, abrindo-se para a escuridão em um buraco quadrado de quatro passadas de largura. Não se ouvia nenhum murmúrio dos Aiel. Quem estivesse do outro lado poderia vê-lo como se através de um vidro esfumaçado, um cintilar obscuro no ar, mas tentar passar por ali seria como atravessar uma das muralhas do palácio. Pela lateral, o portão só não era invisível para os poucos que estavam suficientemente perto para ver o que parecia um fio de cabelo comprido e fino bem tensionado.

Quatro passadas era o tamanho máximo que Rand conseguia abrir. Segundo Asmodean, havia limites para um homem só. Parecia que sempre havia limites. A quantidade de *saidin* agarrada não

importava. O Poder Único não tinha muito a ver com os portões, na realidade. Só com sua feitura. E havia outra coisa, para além dele. Um sonho de um sonho, como dizia Asmodean.

Rand adentrou, pisando no que aparentava ser um paralelepípedo erguido no pátio, mas ali o quadrado estava imerso na mais absoluta escuridão, dando a sensação de que não havia nada em direção alguma. Nada, para sempre. Não era como a noite. Ele conseguia se ver, e ver o paralelepípedo, perfeitamente. Mas todo o resto, em toda parte, era apenas escuridão.

Precisava construir uma plataforma tão larga quanto pudesse. Ao pensar naquilo, mais pedras apareceram de uma vez só, duplicando o pátio. Imaginou-o ainda maior. Instantaneamente, as pedras cinzas se estenderam até onde a vista alcançava. Com um susto, Rand se deu conta de que suas botas estavam começando a afundar na pedra sob seus pés. O aspecto dela era o mesmo, ainda que parecesse ceder devagar como lama, esvaindo-se em torno das botas. Depressa, ele tratou de trazer tudo de volta para um quadrado do tamanho do que havia do lado de fora — e que se manteve sólido — e então começou a aumentá-lo, só que uma fileira por vez. Não levou muito tempo para perceber que não era capaz de fazer uma plataforma muito maior que a da primeira tentativa. A pedra ainda parecia perfeita, sem afundar sob os pés, mas a segunda fileira dava a impressão de estar… insubstancial, como uma concha bem fina que poderia se quebrar com um passo errado. Seria porque aquilo era o maior que se poderia construir? Ou porque ele não tinha pensado nela maior logo de cara? *N*ós criamos *nossos limites.* O pensamento brotou de surpresa. *E os estabelecemos mais longe do que temos direito.*

Rand sentiu calafrios. No Vazio, era como se sentisse outra pessoa estremecer. Era bom ser lembrado de que Lews Therin ainda estava dentro dele. Tinha que ter cuidado para não se ver em uma batalha pela própria mente enquanto estivesse lutando com Rahvin. Não fosse por isso, ele poderia… Não. O que ocorrera no desembarcadouro estava feito. Não transformaria aquilo em um problema ainda maior.

Reduziu a plataforma em uma fileira e se virou. Bael estava esperando lá fora, no que parecia uma imensa porta quadrada que dava para a luz do dia, um pouco antes dos degraus. Ao lado dele, Pevin não parecia mais confuso que o chefe Aiel, o que significava que estava completamente neutro. Pevin carregaria aquele estandarte aonde quer que Rand fosse, inclusive ao Poço da Perdição, sem jamais pestanejar. Mat empurrou o chapéu para trás para coçar a cabeça e então tornou a recolocá-lo, resmungando sobre dados rolando em sua mente.

— Impressionante — comentou Asmodean, calmo. — Bastante impressionante.

— Deixe para elogiá-lo outra hora, harpista — advertiu Aviendha.

Ela foi a primeira a atravessar, olhando para Rand, não para onde colocava os pés. Caminhou até ele sem dar sequer uma olhadela para outra coisa além de seu rosto. Quando o alcançou, porém, ela se virou de repente, arrumando o xale e examinando a escuridão. Por vezes, as mulheres eram mais estranhas que qualquer outra coisa que o Criador pudesse ter criado.

Bael e Pevin vieram logo atrás, depois Asmodean, uma das mãos agarrando a correia do estojo da harpa que lhe perpassava o peito, a outra apertando o cabo da espada, e então Mat, pavoneando-se, mas um tanto relutante e rabugento, como se discutisse consigo mesmo. Na Língua Antiga. Sulin reclamou a honra de ser a primeira dos demais, mas um grande fluxo de pessoas veio logo atrás, e não só Donzelas da Lança, mas também *Tain Shari*, os Sangues Verdadeiros, e *Far Aldazar Din*, os Irmãos da Águia. Escudos Vermelhos e Mensageiros da Aurora, Cães de Pedra e Mãos de Faca, representantes de todas as sociedades, atravessavam aos montes.

À medida que os números aumentavam, Rand se deslocou para o lado oposto da plataforma. Não tinha a menor necessidade de ver para onde estava indo, mas queria. Na verdade, poderia ter permanecido na outra ponta ou ido para um dos lados. As direções ali eram mutáveis. Para onde quer fosse, se feito de maneira adequada, acabaria levando-o a Caemlyn. E, se feito errado, para o infinito negrume do nada.

Exceto por Bael e Sulin — e Aviendha, claro —, os Aiel deixaram um pouco de espaço em torno dele e de Mat, Asmodean e Pevin.

— Afastem-se das beiradas — alertou Rand. — Todos os Aiel mais próximos a ele recuaram um pé. Não enxergava por cima da floresta de cabeças amortalhadas com a *shoufa*. — Já está cheio? — gritou. Aquele troço daria conta de metade dos que queriam ir, mas não muito mais que isso. — Já está cheio?

— Já — gritou, por fim, uma relutante voz feminina que ele pensou ser de Lamelle, mas ainda se via uma montanha de gente junto ao portão, Aiel certos de que devia haver espaço para mais um.

— Chega! — berrou Rand. — Mais ninguém! Afastem-se do portão! Fiquem todos bem afastados! — Ele não queria que acontecesse com carne humana o que acontecera com a lança Seanchan.

Uma pausa e, então, um grito:

— Está livre. — *Era* Lamelle. Rand teria apostado sua última moeda de cobre que Enaila e Somara também estavam em algum lugar ali atrás.

O portão pareceu virar de lado e foi afinando até desaparecer com um último lampejo de luz.

— Sangue e cinzas! — resmungou Mat, apoiando-se na lança,

aborrecido. — Isto aqui é pior que os malditos Caminhos! — Isso lhe rendeu um olhar surpreso de Asmodean, e outro sugestivo de Bael. Mat não notou. Estava ocupando demais observando a escuridão.

Não havia sensação de movimento, nenhuma brisa para fazer tremular o estandarte que Pevin carregava. Todos poderiam estar absolutamente parados. Mas Rand sabia que não. Quase sentia a aproximação do lugar para o qual estavam indo.

— Se você surgir muito perto dele, ele vai sentir. — Asmodean lambeu os lábios e evitou olhar para qualquer outra pessoa. — Pelo menos foi isso que eu ouvi dizer.

— Eu sei para onde estou indo — retrucou Rand. Não muito perto. Mas não muito longe. Ele se lembrava bem do local.

Nenhum movimento. Um negrume infinito, e eles ali no meio. Sem se mexer. Meia hora já se passara, talvez.

Uma leve agitação percorreu os Aiel.

— O que houve? — indagou Rand.

Ouviram-se murmúrios pela plataforma.

— Alguém caiu — disse um homem corpulento próximo a ele. Rand o reconheceu. Meciar. Era *Cor Darei*, um Lança Noturna. Estava usando a bandana vermelha.

— Não foi uma das… — começou Rand, então flagrou Sulin lhe lançando um olhar sério.

Rand se virou para encarar a escuridão, a raiva parecendo uma mancha contra o Vazio apático. Então uma Donzela cair não deveria ser de maior importância para ele? Mas era. Uma queda eterna na escuridão infinita. A sanidade se desmantelaria antes que a morte viesse, de fome, sede ou medo? Em uma queda como aquela, até um Aiel devia sentir medo o bastante para parar um coração. Ele quase torcia para que sim. Seria mais misericordioso que a outra opção.

Que me queime, o que aconteceu com toda aquela dureza de que eu tanto me orgulhava? Donzela ou Cão de Pedra, uma lança é uma lança. Mas pensar a respeito não tornava aquilo verdade. *Eu* serei *duro!* Ele deixaria as Donzelas dançarem as lanças onde bem entendessem. Deixaria. E sabia que procuraria descobrir o nome de todas que morressem, que cada nome seria mais um talho em sua alma. *Eu* serei *duro. Que a Luz me ajude, eu* serei . *Que a Luz me ajude.*

Aparentemente imóveis no meio da escuridão.

A plataforma parou. Era difícil afirmar como ele sabia, em que momento foi capaz de dizer que antes ela estivera se movendo, mas ele sabia.

Canalizou, e um portão se abriu da mesma maneira que se abrira no pátio em Cairhien. O ângulo do sol mal se alterara, mas, ali, a luz do começo da manhã brilhava em uma rua pavimentada e uma encosta ascendente exibia os retalhos marrons da grama e das flores

silvestres mortas pela seca. Era uma encosta encimada por uma muralha de pedra de duas braças ou mais de altura, as pedras trabalhadas de modo grosseiro para causar a impressão de ser uma construção natural. Acima da muralha, Rand divisava as cúpulas douradas do Palácio Real de Andor, alguns dos pálidos pináculos coroados com estandartes tremulando à brisa, exibindo o Leão Branco. No outro lado da muralha, o jardim onde encontrara Elayne pela primeira vez.

Olhos azuis acusadores flutuaram no limite do Vazio, a lembrança súbita de beijos roubados em Tear, memórias de uma carta pondo o coração e a alma dela a seus pés, de declarações de amor repassadas por Egwene. O que ela diria se ficasse sabendo a respeito de Aviendha, sobre aquela noite na cabana de neve? Lembranças de outra carta em que ela o desprezava de maneira gélida, uma rainha condenando um porqueiro ao exílio sombrio. Não importava. Lan tinha razão. Mas ele queria… O quê? Quem? Olhos azuis, olhos verdes e olhos castanho-escuros. Elayne, que talvez o amasse e talvez não conseguisse se decidir? Aviendha, que o provocava com o que ele não podia tocar? Min, que ria dele e o achava um cabeça de lã idiota? Tudo aquilo tremeluzia pelos limiares do Vazio. Tentou ignorar, não ligar para as lembranças angustiadas de outra mulher de olhos azuis que jazia morta no corredor de um palácio, muito tempo atrás.

Precisava ficar ali parado enquanto os Aiel saíam apressados atrás de Bael, cobrindo-se com os véus e espalhando-se à direita e à esquerda. Era sua presença que mantinha a plataforma, que desapareceria tão logo ele passasse pelo portão. Aviendha aguardava quase tão calma quanto Pevin, embora de vez em quando colocasse a cabeça para fora e franzisse de leve a testa para um lado ou para outro, rua abaixo. Asmodean passava os dedos pela espada, e sua respiração estava acelerada. Rand se perguntou se o homem sabia como usar aquele troço. Não que fosse precisar. Mat olhava para o alto da muralha como se revivesse uma lembrança ruim. Também já entrara no Palácio por ali.

O último Aiel com véu passou, então Rand sinalizou para que os outros saírem, e só depois os seguiu. Em um piscar de olhos, o portão deixou de existir, deixando-o bem no meio de um imenso círculo de Donzelas em posição de alerta. Aiel desciam a rua em curva — ela seguia o contorno da colina, já que todas as ruas da Cidade Interna eram traçadas conforme o terreno — e desapareciam ao dobrar em esquinas sinuosas enquanto se apressavam para encontrar e deter qualquer pessoa que pudesse dar um alerta. Outros mais subiam a encosta, e alguns tinham até começado a escalar a muralha usando minúsculas protuberâncias e sulcos como apoios para os dedos dos pés e das mãos.

De repente, os olhos de Rand se fixaram. À sua esquerda, a rua se curvava para baixo e fazia o contorno até sair de vista, o declive permitindo que enxergasse além das torres ladrilhadas que cintilavam ao sol matinal em uma centena de cores cambiantes, e além dos telhados, até um dos muitos parques da Cidade Interna, seus monumentos e passeios brancos formando uma cabeça de leão quando vistos daquele ângulo. À direita, a rua ascendia um pouco antes de fazer uma curva e sumir, mais torres encimadas por pináculos ou cúpulas de vários formatos reluzindo acima dos telhados. Aiel tomavam as ruas, dispersando-se depressa pelas vielas laterais que se espiralavam para além do Palácio. Aiel, e mais nenhuma outra alma. O sol já estava suficientemente alto para as pessoas estarem cuidando de seus afazeres, mesmo tão perto do Palácio.

Como em um pesadelo, a muralha acima explodiu em meia dúzia de pontos, Aiel e pedras esmagando os que ainda a escalavam. Antes que aqueles pedaços de alvenaria alcançassem o chão, Trollocs surgiram pelas aberturas, deixando cair os aríetes da grossura de árvores que haviam utilizado, desembainhando espadas curvadas feito foices. Outros mais, com machados espinhosos e lanças farpadas, imensos vultos de armadura negra com espinhos nos ombros e cotovelos, enormes rostos humanos distorcidos por focinhos com focinheiras, além de bicos, chifres e penas, mergulhando do alto da encosta com Myrddraal sem olhos em meio a eles feito serpentes da meia-noite. Por toda a extensão da rua, Trollocs uivantes e Myrddraal silenciosos jorravam das portas e saltavam das janelas. Do céu límpido, relâmpagos caíam feito punhaladas.

Rand urdiu Fogo e Ar para fazer frente a Fogo e Ar, uma proteção que se ampliava devagar em sua corrida contra a chuva de relâmpagos. Devagar demais. Um raio atingiu a proteção diretamente acima de sua cabeça, estilhaçando-se em um clarão ofuscante, mas outros alcançaram o solo, e o cabelo de Rand se arrepiou quando o próprio ar pareceu derrubá-lo com um golpe. Quase perdeu a tessitura, quase perdeu até o Vazio, mas urdiu o que não conseguia enxergar com os olhos ainda tomados pela luz resplandecente e espalhou a proteção contra os raios enviados pelos céus, e cujos golpes podia ao menos sentir. Golpes para atingi-lo, mas isso poderia mudar. Rand agarrou *saidin* usando o *angreal* em seu bolso, urdiu a proteção até ter certeza de que ela encobriria metade da Cidade Interna, e então a amarrou. Quando começou a se pôr de pé, sua visão retornou, de início dolorida e marejada. Precisava agir rápido. Rahvin sabia de sua presença. Ele tinha que…

Surpreendentemente, pouco tempo se passara, ao que parecia. Rahvin não ligava para quantos dos seus perdia. Na encosta, Trollocs e Myrddraal atordoados sucumbiam para as lanças das Donzelas, muitas

das quais também cambaleavam. Algumas Donzelas, as que estavam mais próximas a Rand, só agora retomavam a subida de onde haviam sido arremessadas, e Pevin mantinha-se ereto com a ajuda do mastro do estandarte vermelho, o rosto cheio de cicatrizes inexpressivo feito uma placa de ardósia. Mais Trollocs transbordavam pelas frestas na muralha logo acima, e o alarido da batalha preenchia as ruas em todas as direções, mas, no que cabia a Rand, aquilo tudo podia estar acontecendo em outro país.

Houvera mais de um raio naquela primeira torrente, mas nem todos tinham sido direcionados a ele. As botas fumegantes de Mat repousavam a doze passadas de onde o próprio Mat estava caído de costas. Gavinhas de fumaça subiam também do cabo da lança, do casaco e até da cabeça de raposa prateada, pendurada para fora da camisa e que não o salvara da canalização de um homem. Asmodean era um vulto retorcido carbonizado, reconhecível apenas pelo estojo da harpa enegrecido ainda afivelado às suas costas. E Aviendha… Sem feridas, poderia estar apenas cochilando — se fosse possível cochilar com os olhos fixos no sol, sem piscar.

Rand se curvou para tocar o rosto dela. Já esfriando. Parecia que… nem era carne.

— Raaaahviiiin!

Ele se assustou um pouco com aquele som saindo de sua garganta. Parecia estar sentado em algum ponto bem profundo da própria mente, o Vazio em seu entorno mais vasto e mais vazio do que nunca. *Saidin* ribombava nele. Rand não se importava se acabasse sendo esvaído. A mácula filtrava tudo, manchava tudo. Ele não se importava.

Três Trollocs passaram pelas Donzelas, enormes machados com espinhos e lanças curvadas nas mãos peludas, olhos demasiado humanos fixos nele, de pé ali, aparentemente desarmado. O que tinha um focinho com presa de javali tombou com a lança de Enaila lhe perpassando a espinha. O de bico de águia e o urso amordaçado correram na direção de Rand, um calçado com botas, o outro só com as patas.

Rand se sentiu sorrir.

Fogo irrompeu dos dois Trollocs, uma chama de cada poro, rebentando através da armadura negra. Quando suas bocas se abriam para gritar, um portão se abriu no ponto exato onde estavam. Metades ensanguentadas de Trollocs em chamas, fatiados à perfeição, tombaram, mas Rand tinha os olhos fixos na abertura. Ela não dava para a escuridão, e sim para um grande salão colunado com paredes de pedra entalhada de leões, onde um homenzarrão com manchas grisalhas no cabelo escuro se levantou de surpresa de um trono dourado. Uma dúzia de homens, alguns trajados como lordes, alguns com armaduras, se viraram para seguir o olhar de seu mestre.

Rand mal reparou neles.

— Rahvin — disse ele. Ou alguém. Não tinha certeza de quem.

Enviando chamas e relâmpagos à sua frente, Rand atravessou o portão e deixou que a abertura se fechasse atrás de si. Ele era a própria morte.

Nynaeve não estava tendo o menor problema para manter o mau humor que lhe permitia canalizar um fluxo de Espírito até a estatueta âmbar da mulher adormecida em sua bolsa. Nem a sensação de olhos invisíveis à espreita poderia perturbá-la com a raiva que sentia naquela manhã. Siuan estava diante dela em uma rua de Salidar, em *Tel'aran'rhiod*, uma rua vazia, a não ser por elas, algumas moscas e uma raposa que parara para olhar as duas com curiosidade antes de seguir seu caminho.

— Você precisa se concentrar — ladrou Nynaeve. — Na primeira vez, você tinha mais controle do que agora. Concentre-se!

— Eu *estou* me concentrando, menina idiota! — O vestido simples de lã azul de Siuan de repente virou seda. A estola de sete listras do Trono de Amyrlin repousava em seus ombros e, em seu dedo, uma serpente dourada mordia a própria cauda. Com o rosto franzido para Nynaeve, ela não parecia ter se dado conta da mudança, embora já tivesse usado o mesmo vestido cinco vezes só naquele dia. — Se estou tendo alguma dificuldade, é por causa daquela mistura horrível que você me deu! Blergh! Ainda estou sentindo o gosto. Parecia bílis de linguado! — A estola e o anel sumiram, e a gola alta do vestido de seda baixou o suficiente para revelar o anel de pedra retorcida balançando entre seus seios em uma bela corrente de ouro.

— Se você não tivesse insistido para eu te ensinar em um momento em que precisa de ajuda para dormir, não teria tido que tomar nada. — Sim, houvera um pouco de raiz de língua-de-ovelha e outras coisinhas mais que não estavam necessariamente na receita. A mulher merecia ter a língua coalhada.

— Você não tem como me ensinar quando está ensinando para Sheriam e as outras. — A seda empalideceu. A gola voltou a ficar alta, cercada por um tufo de renda branca e um chapéu com pérolas bem ajustado ao cabelo de Siuan. — Ou preferiria me ensinar logo depois? Você diz que precisa dormir *um pouco* sem ser incomodada.

Nynaeve tremeu, os punhos cerrados na lateral do corpo. Sheriam e as outras não eram nem o que mais lhe dava raiva. Ela e Elayne vinham se revezando para trazê-las a *Tel'aran'rhiod*, duas de cada vez, por vezes todas as seis na mesma noite, e, mesmo que Nynaeve fosse a professora, elas nunca a deixavam se esquecer de que era uma Aceita, e elas, Aes Sedai. Uma única palavra ríspida quando elas cometiam algum erro bobo e… Elayne só recebera ordens para esfregar panelas

uma vez, mas as mãos de Nynaeve já estavam ressecadas de tanta água quente com sabão. Enfim, lá onde seu corpo repousava dormindo, estavam ressecadas. Mas o pior não era isso. Também não o era o fato de que ela mal tinha tempo para estudar o que poderia ser feito, se é que algo poderia, quanto a uma pessoa estancada ou amansada. Em todo caso, Logain era mais cooperativo do que Siuan e Leane, ou pelo menos demonstrava mais vontade. Graças à Luz, ele entendeu que era preciso guardar segredo. Ou ela achava que tinha entendido. Era provável que pensasse que Nynaeve acabaria Curando-o. Não, pior que tudo isso era Faolain ter sido testada e elevada… não a Aes Sedai — não sem o Bastão dos Juramentos, que estava bem guardado na Torre —, mas para algo acima de Aceita. Agora Faolain usava o vestido que bem entendesse e, se não podia usar o xale ou escolher uma Ajah, fora agraciada com outro tipo de autoridade. Nynaeve achava que tinha ido buscar mais copos d'água, mais livros — largados de propósito, ela tinha certeza! —, mais alfinetes, jarros de tinta e outros objetos inúteis nos últimos quatro dias do que o fizera em toda a sua estada na Torre. Ainda assim, nem Faolain era o pior de tudo. Nynaeve não queria nem se pensar no assunto. Sua raiva teria sido capaz de aquecer uma casa durante o inverno.

— O que foi que te enfiou um anzol pela guelra hoje, garota? — Siuan trajava um vestido parecido com os de Leane, só que mais transparente do que até Leane usaria em público, tão fino que ficava difícil dizer de que cor era. Também não era a primeira vez no dia que ela o usava. O que estaria circulando lá no fundo de seus pensamentos? No Mundo dos Sonhos, coisas como trocar de roupa assim traíam pensamentos que a pessoa talvez nem soubesse que tinha. — Até hoje, você vinha sendo quase uma companhia decente — prosseguiu Siuan, irritada, para então fazer uma pausa. — Até hoje. Agora eu entendo. Ontem à tarde, Sheriam mandou Theodrin começar a te ajudar a derrubar a barreira que você criou. É isso que está te incomodando tanto? Você não gosta de Theodrin te dizendo o que fazer? Ela também é uma bravia, garota. Se alguém puder ajudar a aprender a canalizar sem ter primeiro que engolir urtigas, ela…

— E por que é que *você* está tão agitada que nem consegue sossegar com o mesmo vestido? — Theodrin… Era isso que incomodava de verdade. O fracasso. — Será que foi algo que eu escutei ontem à noite?

Theodrin era calma, bem-humorada, paciente. Disse que não tinha como Nynaeve ter sucesso em uma sessão só. Sua própria barreira demorara meses para ser demolida, e, ao fim ela percebera que já canalizava muito antes de ir para a Torre. Ainda assim, o fracasso doía e, pior que tudo, se um dia alguém descobrisse que ela tinha chorado feito um bebê nos braços reconfortantes de Theodrin

quando percebeu que estava fracassando…

— Soube que você jogou as botas de Gareth Bryne na cabeça dele quando ele mandou você se sentar e engraxá-las direito. Ele ainda não sabe que é Min quem engraxa, sabe? E aí ele virou você de cabeça para baixo e…

O tabefe de mão cheia desferido por Siuan deixou-a com os ouvidos zunindo. Por um instante, só conseguiu encarar a outra mulher, os olhos se arregalando mais e mais. Com um ganido incompreensível, tentou dar um soco no olho de Siuan. Tentou, porque, de alguma forma, a mulher tinha conseguido agarrar seu cabelo. No momento seguinte, ambas estavam no chão, na poeira da rua, rolando, gritando e se engalfinhando feito loucas.

Grunhindo, Nynaeve achava estar levando a melhor, mesmo que, na metade do tempo, não soubesse se estava por cima ou por baixo. Com uma das mãos, Siuan tentava lhe arrancar a trança com raiz e tudo, enquanto, com a outra, socava suas costelas ou qualquer outra coisa que encontrasse. Mas Nynaeve retribuía à altura, e como os puxões e socos de Siuan com certeza estavam ficando cada vez mais fracos, apagaria a mulher em um minuto, e então arrancaria seus cabelos. Nynaeve uivou quando um pé lhe atingiu em cheio o queixo. A mulher a chutara! Nynaeve tentou acertar uma joelhada nela, mas, de saia, isso não era fácil. Em uma luta justa, não se podia chutar!

De repente, Nynaeve se deu conta de que Siuan estava tremendo. De início, achou que ela estivesse chorando, mas então percebeu que eram gargalhadas. Nynaeve se ergueu um pouco, afastou alguns fios de cabelo do rosto — sua trança estava praticamente desfeita — e baixou o olhar para ela.

— Do que você está rindo? De mim? Se você…!

— Não é de você. É de nós. — Ainda tremendo de tanto rir, Siuan empurrou Nynaeve para longe. O cabelo de Siuan estava todo bagunçado, e o vestido de lã simples que trajava agora estava coberto de terra, parecendo desgastado e cuidadosamente remendado em vários pontos. Também estava descalça. — Duas mulheres feitas, rolando pelo chão que nem… Eu não fazia isso desde que tinha… doze anos, eu acho. Comecei a pensar que só nos faltava aparecer a gorda da Cian me puxando pela orelha e dizendo que garotas não brigam. Ouvi falar que uma vez ela derrubou um tipógrafo bêbado. Não sei por quê. — Por um momento, Siuan pareceu ter um acesso de risadinhas, mas então tratou de ficar quieta e, espanando a poeira do vestido, se levantou. — Se tivermos alguma discordância, podemos resolver a questão como duas mulheres adultas. — E, em um tom mais cuidadoso: — Ainda assim, pode ser uma boa ideia não discutirmos Gareth Bryne.

Siuan se assustou quando o vestido surrado se transformou em

um vestido de festa vermelho com bordados pretos e dourados ao redor da barra e do decote redondo.

Nynaeve ficou sentada, encarando-a. O que ela teria feito, como Sabedoria, se flagrasse duas mulheres rolando no chão daquele jeito? A resposta no máximo baixou sua raiva para uma efervescência. Siuan parecia ainda não ter se dado conta de que não precisava espanar a poeira com as mãos em *Tel'aran'rhiod*. Afastando os próprios dedos que estavam ajeitando a trança, Nynaeve se levantou depressa e, antes que ficasse de pé, a trança já caía com perfeição sobre o ombro e a boa lã de Dois Rios que usava, de aparência bem limpa.

— Concordo — declarou.

Teria feito quaisquer duas mulheres que flagrasse daquela maneira lamentarem ter nascido antes mesmo de as conduzir até o Círculo das Mulheres. O que estava pensando para usar os punhos como algum homem idiota? Primeiro Cerandin, em cujo episódio nem queria pensar, mas já tinha pensado, depois Latelle, e agora aquilo. Conseguiria superar a própria barreira ficando zangada o tempo todo? Infelizmente, ou talvez felizmente, pensar daquele jeito não ajudou em nada seu humor.

— Se tivermos discordâncias, podemos… discuti-las.

— O que eu suponho que queira dizer que vamos gritar uma com a outra — retrucou Siuan, seca. — Bem, melhor assim que do outro jeito.

— Não precisaríamos gritar se você…! — Nynaeve respirou fundo e desviou os olhos. Não era uma boa maneira de recomeçar. O ar ficou preso na garganta, e ela encarou Siuan de novo tão rápido que pareceu apenas que tinha balançado a cabeça. Esperava que sim. Por um breve instante, um rosto aparecera em uma janela do outro lado da rua. Então, ela sentiu uma palpitação na barriga, uma bolha de medo, e uma ardência de raiva por se ver amedrontada. — Acho que deveríamos voltar agora — disse baixinho.

— Voltar?! Você falou que aquele preparado repugnante me faria dormir duas boas horas, e só estamos aqui há pouco mais da metade disso.

— O tempo aqui transcorre de maneira diferente. — Teria sido Moghedien? O rosto desaparecera tão rápido que poderia ter sido alguém que sonhara estar ali só por um instante. Se fosse Moghedien, elas não deviam, e não deviam de jeito nenhum, permitir que ela soubesse que tinha sido vista. Precisavam ir embora. Uma bolha de medo, uma ardência de raiva. — Eu já falei. Um dia em *Tel'aran'rhiod* pode ser uma hora no mundo desperto, ou o contrário. Nós…

— Já consegui coisa melhor tirando água da sentina, garota. Melhor você não pensar que vai conseguir me passar a perna. Você vai me ensinar tudo o que ensina para as outras, como combinamos.

Podemos ir quando eu acordar.

Não havia tempo. Se tivesse sido Moghedien… O vestido de Siuan agora era de seda verde, e o anel da Grande Serpente e a estola da Amyrlin estavam de volta, mas, incrivelmente, o decote estava quase tão baixo quanto o das roupas anteriores. O anel *ter'angreal* pendia acima dos seios, fazendo parte, de alguma forma, de um colar de esmeraldas quadradas.

Nynaeve se moveu sem pensar. Esticou a mão e puxou o colar com tanta força que ele se partiu do pescoço de Siuan. Os olhos da mulher se arregalaram, mas, assim que o fecho quebrou, ela desapareceu, o colar e o anel derretendo na mão de Nynaeve. Por um instante, ela ficou olhando para os dedos vazios. O que acontecia com alguém mandado embora de *Tel'aran'rhiod* daquela maneira? Ela mandara Siuan de volta para seu corpo adormecido? Ou para o corpo de outra pessoa? Para lugar nenhum?

Nynaeve entrou em pânico. Percebeu que estava apenas parada lá. Então fugiu na velocidade do pensamento, o Mundo dos Sonhos parecendo se transformar em torno dela.

Nynaeve estava em uma rua empoeirada de um vilarejo com casinhas de madeira, todas de apenas um andar. O Leão Branco de Andor tremulava em um mastro alto, e uma única doca de pedra avançava para um rio largo onde um bando de aves de bico comprido batia asas rumo ao sul, um pouco acima da água. Tudo era vagamente familiar, mas ela precisou de um momento para identificar onde estava: Jurene. Em Cairhien. E aquele rio era o Erinin. Fora ali que ela, Egwene e Elayne entraram a bordo do *Flechador*, de nome tão mal escolhido quanto o *Serpente do Rio*, para continuar a jornada até Tear. Aqueles dias pareciam algo lido em um livro muito tempo antes.

Por que tinha ido parar em Jurene? Pergunta simples, respondida assim que ela pensou a respeito: Jurene era o único lugar que conhecia bem o bastante para aparecer, em *Tel'aran'rhiod*, com a certeza de que Moghedien não estaria. Ficara ali por no máximo uma hora, quando Moghedien ainda nem sabia de sua existência, e Nynaeve estava segura de que nem ela nem Elayne tinham tornado a mencionar o local nem em *Tel'aran'rhiod* ou acordadas.

Mas aquilo suscitava outra pergunta. A mesma, de certo modo: por que Jurene? Por que não saltar do Sonho e acordar na própria cama? Por pior que fosse, lavar louças e esfregar o chão não a cansavam tanto que deixassem seu sono pesado. *Ainda posso ir embora.* Moghedien a vira em Salidar, caso tivesse sido Moghedien. Agora Moghedien conhecia Salidar. *Posso contar para Sheriam.* Como? Admitindo que estava ensinando Siuan? Não fosse com Sheriam e as outras Aes Sedai, ela não deveria pôr as mãos naqueles *ter'angreal*. Como Siuan os pegava quando bem entendia, Nynaeve não fazia ideia.

Não, ela não estava com medo de mais horas com água quente até os cotovelos. Estava com medo de Moghedien. A raiva ardia com força em suas entranhas. Desejava ter um pouco de menta-de-ganso na algibeira de ervas. *Estou tão… tão cansada de sentir esse* maldito *medo.*

Havia um banco na frente de uma das casas, com vista para a doca e o rio. Ela se sentou e analisou a situação por todos os ângulos. Era ridícula. A Fonte Verdadeira era uma coisa pálida. Ela canalizou uma chama dançando no ar acima de sua mão. Nynaeve podia até parecer sólida — para si mesma, pelo menos —, mas enxergava o rio através daquela chama fraca. Desfez o fogo, que desapareceu feito névoa assim que a tessitura foi desamarrada. Como poderia enfrentar Moghedien se até mesmo a noviça mais fraca de Salidar conseguiria lhe fazer páreo ou até sobrepujar sua força? Por isso fugira para aquele local, em vez de ir embora de *Tel'aran'rhiod*. Com medo e com raiva de sentir medo, zangada demais para pensar com clareza, para considerar as próprias fraquezas.

Sairia do Sonho. Independentemente do que Siuan vinha aprontando, estava feito, e a mulher teria de correr o risco junto com ela. O mero pensamento em mais horas esfregando o chão fez sua mão apertar a trança com força. Mais provável que fossem dias, e talvez a vara de Sheriam, ainda por cima. Talvez nunca mais deixassem-na se aproximar de um dos *ter'angreal* dos sonhos, ou de nenhum *ter'angreal*. Designariam Faolain para tomar conta dela, em vez de Theodrin. Seria o fim de qualquer estudo sobre Siuan e Leane, e mais ainda de Logain. Talvez o fim de seus estudos sobre a Cura.

Em um rompante de fúria, canalizou outra chama. Se era uma nesga mais forte, ela não conseguia perceber. Não adiantou nada a tentativa de incitar sua raiva na esperança de que fosse ajudar.

— Não há outra opção que não seja contar para elas que eu vi Moghedien — resmungou, puxando a trança com força suficiente para machucar. — Luz, elas *vão* me entregar para Faolain. Eu quase prefiro morrer!

— Mas você parece gostar de fazer um ou outro servicinho para ela.

Aquela voz debochada fez Nynaeve saltar do banco como se tivesse sido empurrada. Toda de preto, Moghedien estava de pé na rua balançando a cabeça para o que via. Com toda a sua força, Nynaeve urdiu uma proteção de Espírito e arremessou-a entre a outra mulher e *saidar*. Ou tentou. Foi como cortar uma árvore com uma machadinha de papel. Moghedien até sorriu antes de se dar ao trabalho de cortar a tessitura de Nynaeve, e o fez de forma tão casual quanto se estivesse enxotando um simples picadinha. Nynaeve a encarou, atordoada. Depois de tudo, acabaria assim. O Poder Único, inútil. Toda a raiva que borbulhava dentro dela, inútil. Todos os seus planos, suas

esperanças, inúteis. Moghedien nem se preocupou em contra-atacar. Nem se deu ao trabalho de canalizar uma proteção para ela. Tamanho era seu desdém.

— Bem que achei que você tivesse me visto. Fiquei descuidada quando você e Siuan começaram a tentar se matar. E com as mãos. — Moghedien soltou uma gargalhada de menosprezo. Estava urdindo algo, mas de maneira preguiçosa, já que não havia motivo para ter pressa. Nynaeve não sabia o que era, mas mesmo assim queria gritar. Por dentro, a fúria fervia, mas o medo lhe comprometia o bom senso e lhe fincava os pés no chão. — Às vezes, acho que você é ignorante demais até para treinar, você e o antigo *Trono de Amyrlin* e todo o resto. Mas não posso permitir que você me traia. — A tessitura estava avançando para ela. — Parece que está na hora de finalmente pôr as mãos em você.

— Parada, Moghedien! — gritou Birgitte.

Nynaeve ficou boquiaberta. Era *mesmo* Birgitte, e com a aparência de sempre, casaco branco curto e calças largas amarelas, a intricada trança dourada jogada por cima do ombro, uma flecha de prata engatada no arco. Era impossível. Birgitte não fazia mais parte de *Tel'aran'rhiod*, tinha ficado em Salidar para garantir que ninguém descobrisse Nynaeve e Siuan dormindo em pleno sol a pino e começasse a fazer perguntas.

Moghedien ficou tão chocada que os fluxos que tinha urdido desapareceram. O choque, no entanto, durou menos que um instante. A flecha reluzente saiu voando do arco de Birgitte… e evaporou. O arco evaporou. Algo pareceu agarrar a arqueira, movendo seus braços para cima e tirando-a do chão. Quase na mesma hora, ela foi dominada, os pulsos se unindo aos tornozelos a um pé acima do chão.

— Eu devia ter considerado a possibilidade de você aparecer. — Moghedien se virou de costas para Nynaeve para se aproximar de Birgitte. — Está gostando de ser de carne e osso? Sem Gaidal Cain?

Nynaeve pensou em canalizar. Mas o quê? Uma adaga, que talvez nem penetrasse a pele da mulher? Fogo, que nem lhe chamuscaria as saias? Moghedien tanto sabia que ela era inútil que nem olhava para ela. Se Nynaeve interrompesse o fluxo de Espírito para a estatueta de âmbar, acordaria em Salidar e poderia dar um alerta. Seu rosto se retorceu quase às lágrimas quando olhou para Birgitte. A mulher de cabelos dourados estava ali, pendurada, e encarava Moghedien com um ar desafiador. Em contrapartida, a Abandonada a contemplava como um entalhador observaria um pedaço de madeira.

Só tem eu, Nynaeve pensou. *Minha canalização não faz a menor diferença. Só tem eu.*

Levantar aquele primeiro pé foi como tirá-lo da lama até os joelhos, o segundo passo vacilante nem um pouco mais fácil. Em

direção a Moghedien.

— Não me machuque — bradou Nynaeve. — Por favor, não me machuque.

Um calafrio lhe percorreu o corpo. Birgitte sumira. Uma criança de uns três ou quatro anos com um casaco branco curto e calças largas amarelas estava ali de pé, mexendo com um arco de prata de brinquedo. Jogando a trança dourada para trás, a garotinha mirou o arco em Nynaeve e riu, para em seguida enfiar um dedo na boca como se não tivesse certeza se tinha feito alguma coisa errada. Nynaeve caiu de joelhos. Rastejar de saias era difícil, mas achava que não teria conseguido se manter de pé. De alguma forma, ela conseguiu e, choramingando, esticou a mão em súplica.

— Por favor, não me machuque. Por favor, não me machuque. — Repetiu, uma vez atrás da outra enquanto se arrastava até a Abandonada, um besouro machucado se revirando na terra.

Moghedien assistiu em silêncio, até que, por fim, disse:

— Cheguei a pensar que você fosse mais forte que isso. Agora, acho que realmente estou gostando de ver você assim, de joelhos. Esta distância já chega, garota. Não que eu ache que você tem coragem suficiente para sair no tapa *comigo*… — Ela pareceu se divertir com a ideia.

A mão de Nynaeve hesitou a uma braça de Moghedien. Tinha de ser perto o bastante. Só havia ela. E *Tel'aran'rhiod*. A imagem se formou em sua mente, e ali estava, o bracelete de prata em sua mão estendida, uma corrente prateada unindo-o à coleira de prata em torno do pescoço de Moghedien. Não foi só o *a'dam* que ela fixou na mente, mas Moghedien usando-o, Moghedien e o *a'dam*, uma parte de *Tel'aran'rhiod* que ela manipulou como quis. Sabia um pouco o que esperar. Certa vez, em Falme, usara um bracelete *a'dam* por um breve momento. De um jeito estranho, tinha consciência de Moghedien como tinha do próprio corpo, das próprias emoções, dois conjuntos, um distinto do outro, mas ambos em sua mente. E havia algo pelo qual ela apenas torcera, e porque Elayne insistira que funcionava assim. O troço era de fato uma união. Ela sentia a Fonte *por meio* da outra mulher.

A mão de Moghedien saltou para a coleira, o choque arregalando seus olhos. Fúria e horror. Mais fúria que horror, de início. Nynaeve sentiu tudo isso quase como se pertencesse a ela. Moghedien com certeza sabia o que eram a corrente e a coleira, mas ainda assim tentou canalizar. Ao mesmo tempo, Nynaeve sentiu uma ligeira mudança em si mesma e no *a'dam*, conforme a outra mulher tentava dobrar *Tel'aran'rhiod* à própria vontade. Suprimir a tentativa de Moghedien foi simples. O *a'dam* era uma união, e com ela no controle. Saber daquilo facilitava as coisas. Como Nynaeve não queria canalizar

aqueles fluxos, eles não foram canalizados. Daria no mesmo Moghedien tentar agarrar uma montanha só com as mãos. O horror sobrepujou a fúria.

Ficando de pé, Nynaeve fixou na mente a imagem adequada. Não apenas imaginou Moghedien presa ao *a'dam*, mas *soube* que ela estava encolarada, tanto quanto sabia o próprio nome. No entanto, a sensação de mudança, da pele formigando, não se dissipou.

— Pare com isso — ordenou ela, incisiva. O *a'dam* não se moveu, mas parecia tremer invisivelmente. Ela pensou em urtiga-vespanegra roçando a outra mulher bem de leve do ombro até o joelho. Moghedien estremeceu, exalando convulsivamente. — Eu disse para parar com isso, ou vou fazer pior. — A sensação passou. Moghedien a observava com cautela, ainda agarrando a coleira de prata em torno do pescoço e com um ar de quem estava alerta e pronta para fugir.

Birgitte — a criança que era ou tinha sido Birgitte — estava de pé olhando curiosamente para as duas. Nynaeve se concentrou em formar a imagem dela como mulher adulta. A garotinha tornou a pôr o dedo na boca e começou a examinar o arco de brinquedo. Nynaeve bufou com raiva. Era difícil mudar o que outra pessoa já estava mantendo. E, para completar, Moghedien afirmara que podia fazer mudanças permanentes. Mas o que ela podia fazer, também podia desfazer.

— Faça ela voltar ao normal.

— Se você me soltar, eu…

Nynaeve pensou de novo nas urtigas, e desta vez a roçada não foi de leve. Moghedien puxou ar por entre os dentes cerrados e se sacudiu feito roupa de cama no vento forte.

— Essa — disse Birgitte — foi a coisa mais aterrorizante que já aconteceu comigo. — Adulta outra vez, usava o casaco curto e as calças largas, mas não estava nem com o arco nem com a aljava. — Eu *era* uma criança, mas, ao mesmo tempo, o verdadeiro eu estava flutuando lá no fundo da mente da criança. E eu sabia disso. Sabia que só iria assistir ao que acontecesse e brincar… — Jogando a trança dourada por cima do ombro, ela olhou com dureza para Moghedien.

— Como você veio parar aqui? — indagou Nynaeve. — Estou agradecida, você entende, mas… como?

Birgitte lançou um último olhar pétreo para Moghedien e abriu o casaco para pescar por dentro da gola da blusa o anel de pedra retorcida em uma tira de couro.

— Siuan acordou. Só por um momento, e não totalmente. Por tempo suficiente para grunhir algo sobre você ter arrancado isto dela. Quando você não acordou logo depois, eu sabia que alguma coisa estava errada, então peguei o anel e tomei o final da mistura que você preparou para Siuan.

— Não tinha sobrado quase nada. Só a borra.

— O suficiente para me pôr para dormir. O gosto é horrível, por sinal. Depois disso, foi tão fácil quanto encontrar dançarinas em Shiota. De certa maneira, é quase como eu ainda estivesse…

Birgitte se interrompeu para encarar Moghedien outra vez. O arco de prata reapareceu em sua mão, e uma aljava com flechas na cintura, mas, após um breve momento, tornaram a sumir.

— Passado é passado, e o futuro está pela frente — disse ela com firmeza. — Não fiquei tão surpresa assim quando percebi que havia duas de vocês conscientemente em *Tel'aran'rhiod*. Eu sabia que a outra devia ser ela, e quando cheguei e vi vocês duas… Parecia que você já tinha sido capturada, mas a minha esperança era que, se eu conseguisse distraí-la, você conseguiria dar um jeito.

Nynaeve sentiu uma punhalada de vergonha. Considerara abandonar Birgitte. Era esse o jeito que quase dera. O pensamento durara apenas um momento, rejeitado assim que surgira, mas surgira. Que covarde ela era. Com certeza Birgitte nunca tivera esses momentos de ser dominada pelo medo.

— Eu… — Um gosto distante de samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó. — Eu quase fugi — confessou Nynaeve, a voz fraca. — Estava tão apavorada que minha língua ficou presa no céu da boca. Eu quase fugi e abandonei você.

— Ah, é? — disse Birgitte. Nynaeve se contorcia por dentro enquanto a outra mulher a observava. — Mas você não fugiu, não foi? Eu deveria ter soltado a flecha de surpresa, mas nunca me senti confortável atirando em alguém pelas costas. Nem nela. Ainda assim, deu certo. Mas agora o que vamos fazer com ela?

Moghedien com certeza parecia ter superado o medo. Ignorando a coleira de prata em torno da garganta, observava Nynaeve e Birgitte como se *elas* fossem as prisioneiras. E parecia deliberar a respeito do que fazer com as duas. Tirando um tique ocasional nas mãos, como se quisesse coçar os pontos em que sua pele ainda se lembrava das urtigas, a mulher parecia a serenidade em pessoa vestida de preto. Só o *a'dam* permitia a Nynaeve saber que ainda havia medo nela, quase balbuciante, mas reduzido a um zumbido mudo. Queria que o troço também lhe permitisse saber o que Moghedien estava pensando, não apenas sentindo. Por outro lado, também estava contente por não estar dentro da mente por trás daqueles frios olhos escuros.

— Antes que você considere qualquer medida… drástica — afirmou Moghedien —, lembre-se de que eu sei muita coisa que lhe seria útil. Tenho observado os outros Escolhidos, espreitado os planos deles. Isso não vale nada?

— Me conte, e então vou poder avaliar se vale alguma coisa — respondeu Nynaeve. O que faria com a mulher?

— Lanfear, Graendal, Rahvin e Sammael estão conspirando.

Nynaeve deu um tranco curto na corrente, fazendo-a cambalear.

— Disso eu sei. Me conte alguma novidade. — Ali, a mulher era uma cativa, mas o *a'dam* só existia enquanto estivessem em *Tel'aran'rhiod*.

— Você sabia que eles estão atraindo Rand al'Thor para atacar Sammael? Mas, quando ele atacar, vai dar de cara com os outros também, só esperando para subjugá-lo. Pelo menos Graendal e Rahvin ele vai encontrar. Acho que o jogo de Lanfear é outro, e os demais não sabem nada a respeito.

Nynaeve trocou olhares preocupados com Birgitte. Rand tinha que saber daquilo. Saberia, assim que ela e Elayne pudessem falar com Egwene, naquela noite. Se elas conseguissem pôr as mãos no *ter'angreal* por tempo suficiente.

— Isso — murmurou Moghedien —, caso ele sobreviva até lá.

Nynaeve segurou a corrente prateada no ponto onde ela se unia à coleira e puxou o rosto da Abandonada até bem perto do seu. Olhos escuros retribuíram seu olhar, neutros, mas ela sentia a raiva através do *a'dam*, bem como o medo se retorcendo e sendo contido.

— Trate de me ouvir. Você acha que eu não sei por que está fingindo ser tão cooperativa? Você acha que, se falar por tempo suficiente, eu vou cometer algum deslize e acabar deixando você escapar. Acha que, quanto mais conversarmos, mais difícil vai ser, para mim, matar você. — Essa parte era verdade. Matar alguém a sangue frio, mesmo uma Abandonada, seria complicado, talvez mais complicado do que ela pudesse dar conta. O que ia fazer com a mulher? — Mas meta uma coisa na cabeça: eu não vou permitir que você só fique insinuando tudo. Se tentar esconder qualquer coisa de mim, vou fazer com você tudo o que um dia você pensou em fazer comigo. — Terror, avançando furtivamente pela corrente, como ganidos de gelar os ossos nos confins da mente de Moghedien. Talvez ela não soubesse tanto sobre o *a'dam* quanto Nynaeve pensara. Talvez acreditasse que Nynaeve podia ler seus pensamentos, caso tentasse. — Agora, se você sabe de alguma ameaça a Rand, qualquer coisa além de Sammael e os outros, trate de me dizer. Agora!

As palavras saíram aos borbotões, e Moghedien apenas parava para umedecer os lábios.

— Al'Thor pretende ir atrás de Rahvin. Hoje. Hoje de manhã. Porque ele acha que Rahvin matou Morgase. Não sei se matou ou não, mas al'Thor acredita que sim. Só que Rahvin nunca confiou em Lanfear. Nunca confiou em nenhum deles. Por que confiaria? Ele achou que tudo poderia ser alguma armadilha contra ele, então tratou de criar a própria armadilha. Ele espalhou proteções em Caemlyn inteira, de forma que, se algum homem canalizar uma única centelha, ele vai saber. Al'Thor vai cair direitinho. Tenho quase certeza de que

já caiu. Acho que ele pretendia sair de Cairhien logo que o sol nascesse. Não tive nada a ver com isso. Nada disso foi obra minha. Eu…

Nynaeve queria calar a boca daquela mulher. O suor de medo brilhando no rosto dela a deixava enjoada, mas se ainda por cima tivesse que ouvir aquela voz de súplica… Começou a canalizar, considerando se seria forte o bastante para prender a língua de Moghedien, e então sorriu. Estava unida à Abandonada, e detinha o controle. Os olhos de Moghedien se esbugalharam quando ela teceu fluxos para calar a boca da mulher e os amarrou. Nynaeve também acrescentou tampões nas orelhas dela, antes de se voltar para Birgitte.

— O que você acha?

— Elayne vai ficar de coração partido. Ela ama a mãe.

— Eu sei! — Nynaeve respirou fundo. — Vou chorar ao lado dela e serei sincera em cada lágrima, mas, agora, é só com Rand que eu tenho que me preocupar. Acho que ela estava dizendo a verdade. Quase consegui sentir que sim. — Ela segurou a corrente de prata logo abaixo do bracelete e a sacudiu. — Talvez seja isso mesmo ou talvez tenha sido imaginação. Em que você acredita?

— Que é verdade. Ela nunca foi muito corajosa, a não ser quando estava em vantagem ou quando pensava estar. E você com certeza a deixou morrendo de medo.

Nynaeve fez uma careta. Cada palavra dita por Birgitte criava uma nova bolha de raiva em suas entranhas. Nunca tinha sido muito corajosa, a não ser quando estava em vantagem. Aquilo poderia descrevê-la. Ela havia deixado Moghedien morrendo de medo. Havia mesmo, e cada palavra fora sincera. Era uma coisa esbofetear alguém quando necessário; mas ameaçar com torturas e querer torturar, mesmo Moghedien, era outra. E ali estava ela, tentando evitar o que sabia que tinha de fazer. Nunca era muito corajosa, a não ser quando estava em vantagem. Desta vez, ela mesma semeou a bolha de raiva.

— Precisamos ir a Caemlyn. Eu, pelo menos, preciso. Com ela. Do jeito que estou, posso até não conseguir canalizar com força suficiente nem para rasgar papel, mas, com o *a'dam*, posso usar a força dela.

— Daqui de *Tel'aran'rhiod*, você não vai conseguir afetar nada no mundo desperto — afirmou Birgitte, calma.

— Eu sei! Eu sei, mas preciso fazer alguma coisa.

Birgitte jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Ah, Nynaeve, é uma vergonha tão grande andar com alguém tão covarde quanto você. — De repente, seus olhos se arregalaram, surpresos. — Não tinha sobrado muito da sua poção. Acho que estou acord… — No meio da palavra, ela simplesmente não estava mais ali.

Nynaeve respirou fundo e desamarrou os fluxos em torno de Moghedien. Ou obrigou a mulher a desamarrar. Com o *a'dam*, era de

fato difícil afirmar qual das duas opções. Queria que Birgitte ainda estivesse lá. Um par de olhos a mais. Alguém que provavelmente conhecia *Tel'aran'rhiod* melhor do que ela jamais conheceria. Alguém que era corajosa.

— Nós duas vamos fazer uma viagem, Moghedien, e você vai me ajudar com até o último fiapo que tiver. Se eu for pega de surpresa por alguma coisa… Basta dizer que tudo que acontece com quem estiver usando o bracelete também acontece com quem estiver com a coleira. Só que dez vezes mais forte. — O olhar doentio no rosto de Moghedien dizia que ela tinha acreditado. O que era justíssimo, já que era verdade.

Respirando fundo outra vez, Nynaeve começou a formar a imagem do único palácio de Caemlyn que ela conhecia suficientemente bem para lembrar: o Palácio Real, para onde Elayne a levara. Rahvin devia estar lá. Mas no mundo desperto, não no Mundo dos Sonhos. Ainda assim, ela precisava fazer alguma coisa. *Tel'aran'rhiod* se modificou em torno dela.

55

Os fios ardem

Rand parou. Um chamuscado comprido ao longo da parede do corredor marcava o ponto em que meia dúzia de tapeçarias caras tinham virado cinzas. As chamas subiam lambendo outras, e diversas mesas e baús incrustados não passavam de ruínas tostadas. Não era obra dele. Trinta passadas à frente, homens de casaco vermelho com armaduras e elmos jaziam mortos e contorcidos nos ladrilhos do piso branco, as espadas inúteis às mãos. Também não era obra dele. Rahvin desperdiçara os próprios homens na tentativa de alcançar Rand. O Abandonado fora inteligente nos ataques, inteligente nas escapadas, mas, desde que fugira do salão do trono, não encarara Rand por mais que o instante necessário para atacar e bater em retirada. Rahvin era forte, talvez tanto quanto Rand, e mais versado no Poder Único, mas Rand trazia no bolso o *angreal* do homenzinho gordo, e Rahvin não tinha nenhum.

O corredor era duplamente familiar, por já tê-lo visto antes e por já ter visto algo parecido.

Caminhei por aqui com Elayne e Gawyn no dia em que conheci Morgase. O pensamento deslizava dolorosamente pelos limiares do Vazio. Dentro, ele estava frio, sem emoção. *Saidin* era pura fúria e ardor, mas ele estava calmo, gélido.

E mais um pensamento, feito uma punhalada. *Ela jazia em um piso como este, os cabelos dourados esparramados como se estivesse dormindo. Ilyena Cabelos de Sol. Minha Ilyena.*

Elaida também estivera presente naquele dia. *Ela previu a dor que eu causaria. Sabia da escuridão em mim. De parte dela. O suficiente.*

Ilyena, eu não sabia o que estava fazendo. Eu estava louco! Estou louco. Ah, Ilyena!

Elaida sabia — de uma parte —, mas não contou nem essa parte toda. Melhor que tivesse contado.

Ah, Luz, não existe perdão? Fiz o que fiz por loucura. Não existe misericórdia?

Gareth Bryne teria me matado, se soubesse. Morgase teria ordenado a minha morte. Morgase talvez estivesse viva. A mãe de Elayne, viva.

Aviendha, viva. Mat. Moiraine. Quantos vivos, se eu tivesse morrido?

Fiz jus à minha tormenta. Mereço a morte final. Ah, Ilyena, eu mereço morrer.

Eu mereço morrer.

Um tropel de botas atrás de Rand. Ele se virou.

Eles vinham de um amplo corredor transversal a menos de vinte passadas de Rand, cerca de vinte homens com armaduras, elmos e os casacos vermelhos com colarinho branco dos Guardas da Rainha. Exceto pelo fato de que Andor àquela altura não tinha uma rainha e de que aqueles homens não tinham servido e ela, quando a rainha estava viva. Um Myrddraal os liderava, o rosto pálido sem olhos feito um verme que vivia debaixo de uma rocha, as placas sobrepostas de armadura negra acentuando a ilusão dos movimentos de serpente, o manto negro pendendo imóvel, não importava como a criatura se movesse. O olhar do Sem-olhos era puro medo, mas medo era algo distante dentro do Vazio. Os homens hesitaram quando o viram, e então o Meio-homem ergueu a espada de lâmina negra. Homens que ainda não haviam sacado as suas puseram as mãos nos punhos das armas.

Rand — ele achava que aquele era seu nome — canalizou de uma forma que não se lembrava de jamais ter feito.

Homens e Myrddraal congelaram onde estavam. Uma geada branca foi se espessando em cada um deles, uma geada que soltava fumaça como as botas de Mat haviam soltado. O braço erguido do Myrddraal se partiu com um estalo alto. Quando se chocaram contra os ladrilhos do piso, braço e espada se espatifaram.

Rand — sim, era esse seu nome: Rand — sentia o frio, o frio feito uma lâmina, ao passar por eles e se virar para a direção de onde tinham vindo. Frio, e ainda assim mais quente que *saidin*.

Um homem e uma mulher estavam agachados junto da parede, serviçais com fardas vermelhas e brancas, a poucos anos da meia-idade e agarrados um ao outro como que para se proteger. Ao ver Rand — tinha mais um nome, não era só Rand —, o homem começou a se levantar de onde se aninhara para se proteger do grupo liderado pelo Myrddraal, mas a mulher o puxou de volta pela manga.

— Vão em paz — disse Rand, estendendo a mão. Al'Thor. Sim, Rand al'Thor. — Não vou machucar vocês, mas podem se machucar se ficarem aqui.

Os olhos castanhos da mulher se reviraram. Ela teria desmaiado e caído caso o homem não a tivesse apanhado, sua boca fina se mexendo com rapidez, como se ele estivesse rezando, mas sem conseguir pronunciar as palavras.

Rand olhou para onde o homem estava olhando. Sua mão se estendera o suficiente para fora da manga do casaco para desnudar a

cabeça do Dragão com crina dourada que era parte de sua pele.

— Não vou machucar vocês — reiterou e partiu, deixando os dois ali mesmo. Ainda tinha Rahvin para encurralar. Rahvin para matar. E depois?

Nenhum som além do estalar de suas botas nos ladrilhos. E, lá no fundo da mente, uma voz tênue com lamentos sobre Ilyena e sobre perdão. Rand se esforçou para sentir Rahvin canalizando, senti-lo preenchido pela Fonte Verdadeira. Nada. *Saidin* lhe causticava os ossos, congelava a pele, depurava a alma, mas, sem ele, não era fácil ver, a menos que já se estivesse bem perto. Um leão na grama alta, dissera Asmodean certa vez. Um leão enraivecido. Asmodean deveria entrar na conta daqueles que não deviam ter morrido? E Lanfear? Não. Não…

Rand só teve um instante de aviso para se atirar no chão, uma nesga de tempo da espessura de um fio de cabelo antes de sentir os fluxos urdidos de repente e uma barra de luz branca, fogo líquido da grossura de um braço, abrindo uma fenda na parede, rasgando feito uma espada o local onde seu peito estivera. Onde a barra atingiu, nos dois lados do corredor, as paredes e frisos, portas e tapeçarias deixaram de existir. Tapetes destroçados e pedaços de pedra e gesso destruídos choviam em direção ao chão.

E ele pensara que os Abandonados tinham medo de usar fogo devastador! Quem lhe dissera aquilo? Moiraine. Ela com certeza merecera viver.

O fogo devastador brotou das mãos de Rand, um facho branco brilhante zarpando na direção de onde vinha aquela outra barra. A outra barra morreu quando a que Rand canalizava atravessou a parede, deixando uma imagem residual roxa em sua visão. Rand soltou o próprio fluxo. Finalmente conseguira?

Cambaleou para ficar de pé e canalizou Ar, escancarando com tanta força as portas em ruínas que o que sobrara delas foi arrancado das dobradiças. Dentro, o aposento estava vazio. Uma sala de estar, com cadeiras dispostas diante de uma grande lareira de mármore. Seu fogo devastador arrancara um pedaço de um dos arcos que davam para um pequeno pátio com uma fonte, e outro de uma das colunas cilíndricas ao longo do caminho, logo atrás.

Rahvin, porém, não fora por ali e nem morrera naquela explosão de fogo devastador. Restava no ar um resíduo, um tênue vestígio de *saidin* urdido. Rand o reconheceu. Diferente do portão que abrira para Deslizar até Caemlyn ou do que usara para Viajar — agora já sabia que fora isso que fizera — até o salão do trono. Mas vira um igual àquele em Tear, ele próprio o fizera.

Rand teceu outro. Um portão, uma abertura, ao menos. Um buraco na realidade. Não era escuridão o que havia do outro lado. Na

verdade, se ele não soubesse que o caminho estava ali, se não enxergasse a tessitura, talvez não tivesse percebido. Ali, diante dele, estavam os mesmos arcos se abrindo para o mesmo pátio com a fonte, o mesmo caminho colunado. Por um instante, os buracos perfeitamente redondos que seu fogo devastador criara no arco e na coluna falharam, se preencheram, e então voltaram a ser buracos. Para onde quer que o portão levasse, era outro lugar, um reflexo do Palácio Real, assim como fora um dia o reflexo da Pedra de Tear. Rand sentiu um leve arrependimento por não ter falado sobre aquilo com Asmodean quando teve chance, mas nunca conseguira conversar com ninguém sobre aquele dia. Não importava. Naquele dia, ele empunhara *Callandor*, mas o *angreal* em seu bolso já se provara suficiente para caçar Rahvin.

Rand atravessou depressa, afrouxou a tessitura e cruzou rápido o pátio, à medida que o portão foi sumindo. Rahvin teria sentido aquele portão, caso tentasse e estivesse perto o bastante. Ter a estátua do homenzinho gordo não significava que ele podia ficar ali esperando para ser atacado.

Nenhum sinal de vida, exceto por ele próprio e uma mosca. Também havia sido assim em Tear. As lamparinas dos corredores permaneciam apagadas com seus pavios brancos que jamais tinham visto uma chama, mas, mesmo no que deveria ser o mais escuro dos salões, havia luz, que parecia vir de todos os lugares e de lugar nenhum. Às vezes, aquelas lamparinas também se moviam, bem como outros objetos. Entre uma olhada e a seguinte, uma lamparina alta podia ter se deslocado um pé, um vaso em um nicho qualquer, uma polegada. Detalhes, como se alguém os tivesse movido enquanto não se estava olhando. Qualquer que fosse aquele lugar, era bem estranho.

Enquanto Rand caminhava ao longo de outra colunata, tentando sentir Rahvin, ocorreu-lhe que não ouvira a voz que chamava por Ilyena desde que canalizara o fogo devastador. Talvez, de alguma forma, tivesse espantado Lews Therin da mente.

Bom. Parou na extremidade de um dos jardins do Palácio. Os arbustos de rosas e estrelas-brancas pareciam tão enlameados pela seca quanto estariam no palácio de verdade. Em alguns dos pináculos brancos que se erguiam acima dos telhados, o estandarte do Leão Branco ondulava, mas qualquer pináculo poderia mudar em um piscar de olhos. *Bom, se eu não preciso dividir a mente com…*

Sentia-se estranho. Imaterial. Levantou o braço e o encarou. Conseguia ver o jardim através da manga do casaco e do braço, como se enxergasse em meio à névoa. Uma névoa que se dispersava. Quando olhava para baixo, via os paralelepípedos do caminho através de si mesmo.

Não! O pensamento não foi dele. Uma imagem começou a se

solidificar. Um homem alto, de olhos escuros, com o rosto vincado pela preocupação e mais fios brancos que castanhos no cabelo. *Eu sou Lews Ther…*

Eu sou Rand al'Thor, interrompeu Rand. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas o débil Dragão começava a desaparecer do braço enevoado que ele tinha em frente ao rosto. O braço começou a parecer mais escuro, os dedos em sua mão, mais compridos. *Eu sou eu*. Aquilo ecoou no Vazio. *Eu sou Rand al'Thor*.

Lutou para formar a imagem de si mesmo na cabeça, batalhando para imaginar o que via todos os dias no espelho ao se barbear, o que via no espelho comprido ao se vestir. Era uma luta frenética. Jamais olhara de fato para si mesmo. As duas imagens se condensavam e se diluíam, o homem mais velho de olhos escuros e o mais jovem de olhos azul-acinzentados. Devagar, a imagem mais jovem se firmou, e a mais velha, desvaneceu. Devagar, seu braço foi ficando mais sólido. Seu braço, com o Dragão enlaçado e a garça marcada na palma da mão. Houvera ocasiões em que detestara aquelas marcas, mas agora, mesmo encapsulado no Vazio apático, quase abriu um sorriso ao vê-las.

Por que Lews Therin tentara tomar posse dele? Para transformá-lo em Lews Therin. Rand tinha certeza de que aquele homem de olhos escuros e rosto sofrido era ele. Por que agora? Por quê, naquele lugar, onde quer que fosse, ele podia fazer isso? Mas… Havia sido Lews Therin quem gritara aquele enfático "não". Não fora um ataque de Lews Therin. Fora de Rahvin, e sem usar o Poder. Se o homem tivesse sido capaz de fazer isso em Caemlyn, na verdadeira Caemlyn, teria feito. Tinha que ser alguma habilidade que ele adquirira ali. E, se Rahvin a adquirira, talvez Rand também o tivesse. A imagem de si mesmo fora o que o segurara e o trouxera de volta.

Ele se concentrou no arbusto de rosas mais próximo, que tinha uma braça de altura, e o imaginou murchando, sumindo. Obedientemente, a vegetação derreteu até desaparecer, mas, assim que a imagem em sua mente também sumiu, o arbusto voltou, tão de repente quanto sumira.

Rand assentiu, frio. Então havia limites. Sempre havia limites e regras, e ele não sabia quais eram as dali. Mas conhecia o Poder, tudo que Asmodean lhe ensinara e que ele aprendera sozinho, e *saidin* ainda estava nele, toda a doçura da vida, toda a podridão da morte. Rahvin precisava vê-lo para atacá-lo. Com o Poder, era preciso ver algo para conseguir atingi-lo, ou saber *exatamente* onde ele estava em relação a si mesmo com a precisão de um fio de cabelo. Talvez fosse diferente naquele lugar, mas Rand achava que não. Quase desejou que Lews Therin não tivesse se calado de novo. Talvez o homem conhecesse aquele lugar e suas regras.

Varandas e janelas davam para o jardim, em alguns pontos a quatro andares de altura. Rahvin tinha tentado… desfazê-lo. Rand agarrou a torrente enfurecida de *saidin* por meio do *angreal*. Relâmpagos cintilaram no céu, uma centena de raios de prata bifurcados, até mais, apunhalando cada janela, cada varanda. Trovões preencheram o jardim, fazendo pedaços de pedra estourarem. O próprio ar crepitou, e o pelo dos braços e do peito tentou se eriçar debaixo da camisa. Até os cabelos começaram a se eriçar. Rand deixou os relâmpagos morrerem. Aqui e ali, pedaços de janelas de pedra e de varandas destroçadas se soltavam, o estrondo da queda emudecido pelos ecos dos trovões que ainda ressoavam em seus ouvidos.

Fendas enormes passaram a existir no lugar das janelas. Pareciam as órbitas oculares de alguma caveira monstruosa, as varandas em ruínas feito uma dúzia de bocas estilhaçadas. Se Rahvin estivesse em qualquer uma delas, com certeza teria morrido. Rand só acreditaria quando visse o cadáver. Queria ver Rahvin morto.

Abrindo um sorriso predatório, sem perceber, ele voltou depressa para dentro do palácio. Quisera ver Rahvin morrer.

Nynaeve se jogou de peito no chão e se arrastou pelo piso do salão quando *algo* atravessou a parede mais próxima com tudo. Moghedien pulou tão rápido quanto ela, mas, caso não o tivesse feito, Nynaeve a teria arrastado pelo *a'dam*. Teria sido aquilo obra de Rand ou Rahvin? Tinha visto barras de fogo branco, uma luz líquida feito a de Tanchico, e não sentia o menor desejo de voltar a ficar por perto de uma delas. O fogo devastador era uma tessitura que ela não sabia nem queria saber fazer. *Que se queimem esses dois tolos, eu quero Curar, não aprender um jeito bonito de matar!*

Ela ficou agachada e espiou na direção de onde tinham vindo. Nada. Um corredor vazio do Palácio. Com um rasgo de dez pés de comprimento nas duas paredes, tão exato quanto qualquer pedreiro teria feito, e pedaços de tapeçaria caídos no chão. Nenhum sinal de qualquer dos dois. Até aquele momento, Nynaeve não os vira nem de relance. Vira apenas seus feitos. Às vezes, ela quase fora destruída junto com os tapetes. Ainda bem que podia fazer uso da raiva de Moghedien, filtrá-la do terror que lutava para escapar, e deixar que o sentimento a invadisse. Sua própria raiva era um algo desprezível que mal lhe teria permitido sentir a Fonte Verdadeira, e menos ainda canalizar o fluxo de Espírito que a mantinha em *Tel'aran'rhiod*.

Moghedien estava curvada abraçando os joelhos e tendo ânsias de vômito. A boca de Nynaeve se estreitou em reprovação. A mulher tentara remover o *a'dam* mais uma vez. Sua cooperação se dissipara depressa quando elas descobriram que Rand e Rahvin estavam ali em *Tel'aran'rhiod*. Bem, tentar desatar aquela coleira quando ela estava no

próprio pescoço era um castigo em si mesmo. Ao menos Moghedien já não tinha mais nada no estômago, àquela altura.

— Por favor. — Moghedien agarrou a saia de Nynaeve. — Eu estou avisando, nós precisamos ir embora. — O pânico absoluto tornava sua voz sofrida. O terror agoniante de Moghedien se espelhava em sua face. — Eles estão aqui em carne e osso. Em carne e osso!

— Fique quieta — respondeu Nynaeve, distraída. — A menos que você tenha mentido para mim, isso é uma vantagem. Para mim.

A outra mulher afirmou que estar fisicamente no Mundo dos Sonhos limitava o controle sobre o Sonho. Ou melhor, ela admitiu isso, após deixar um pouco de seu conhecimento escapar. Também tinha admitido que Rahvin não conhecia *Tel'aran'rhiod* tão bem quanto ela. Nynaeve esperava que aquilo significasse que o Abandonado não conhecia aquele mundo tão bem quanto *ela*. Que o homem conhecia mais que Rand, ela não tinha dúvidas. Aquele cabeça de vento! Qualquer que fosse o motivo para vir atrás de Rahvin, ele jamais deveria ter permitido que o Abandonado o levasse até ali, onde ele não conhecia as regras, onde pensamentos podiam matar.

— Por que você não entende o que eu digo? Mesmo que eles só tivessem sonhado que estavam aqui, seriam mais fortes que nós. Estando aqui de carne e osso, eles podem nos esmagar sem nem piscar. De carne e osso, eles podem canalizar mais *saidin* do que nós somos capazes de urdir *saidar* sonhando.

— Estamos unidas.

Ainda distraída, Nynaeve deu um puxão forte na trança. Não havia como dizer para que direção eles haviam ido. E não havia sinal de nada até que ela os visse. De alguma forma, ainda parecia injusto que eles pudessem canalizar sem que ela visse ou sentisse os fluxos. Uma lamparina de pé que havia sido fatiada ao meio de repente voltou a ficar inteira, e depois, tão rápido quanto, se partiu de novo. Aquele fogo branco devia ser incrivelmente poderoso. *Tel'aran'rhiod* costumava se recuperar depressa do que quer que sofresse.

— Sua tola desmiolada — soluçou Moghedien, sacudindo a saia de Nynaeve com as duas mãos, como se quisesse sacudir a própria Nynaeve. — Pouco importa quanto você é valente. Estamos unidas, mas você não contribui em nada estando desse jeito. Nem uma migalha. É a minha força e a sua loucura. Eles estão aqui em carne e osso, não sonhando! Estão usando coisas com que você nunca sonhou! Eles vão nos destruir se ficarmos aqui!

— Trate de baixar a voz. — Nynaeve se irritou. — Quer que um deles venha aqui atrás da gente?

Ela olhou depressa para os dois lados, mas o corredor continuava vazio. Aquilo foram passos, botas? Rand ou Rahvin? Um tinha que ser

abordado com tanta cautela quanto o outro. Um homem lutando pela própria vida poderia atacar antes de se dar conta de que elas estavam do lado dele. Bem, que ela estava, pelo menos.

— Precisamos sair daqui — insistiu Moghedien, mas com voz mais baixa. Ela ficou de pé, um ar soturno de rebeldia lhe retorcendo a boca. O medo e a raiva se contraíam dentro dela, um dominando primeiro, depois o outro. — Por que eu deveria continuar ajudando você? Isto é loucura!

— Você prefere sentir as urtigas de novo?

Moghedien hesitou, mas seus olhos escuros se mantiveram teimosos.

— Você acha que eu prefiro deixar aqueles dois me matarem do que ser ferida por você? Você é mesmo louca. Eu não vou me mexer até você estar pronta para nos tirar deste lugar.

Nynaeve voltou a puxar a trança. Se Moghedien se recusasse a andar, teria que arrastá-la. Não seria um método muito rápido de procurar o que ainda pareciam milhas de corredores do Palácio para percorrer. Ela deveria ter sido mais rigorosa quando a mulher tentou empacar pela primeira vez. Na posição de Nynaeve, Moghedien a teria matado sem hesitação ou, se visse alguma serventia nela, teria urdido o truque de retirar seu livre-arbítrio e fazê-la venerá-la. Nynaeve já sentira esse dissabor uma vez, em Tanchico, e, mesmo que soubesse como fazê-lo, achava que não conseguiria impingir isso a ninguém. Ela desprezava aquela mulher, detestava-a com toda a sua força. Mas, mesmo que não precisasse dela, não teria conseguido matá-la a sangue frio. O problema era que temia que, àquela altura, Moghedien também já soubesse disso.

Ainda assim, uma Sabedoria chefiava o Círculo das Mulheres — mesmo que o Círculo nem sempre concordasse —, e o Círculo das Mulheres distribuía punições para mulheres que infringissem as leis ou ofendessem os costumes muito profundamente, e também até para os homens, por algumas transgressões. Nynaeve podia não ter o estômago de Moghedien para matar ou para destruir a mente das pessoas, mas…

Moghedien abriu a boca e Nynaeve preencheu-a com uma mordaça de Ar. Ou talvez tenha feito Moghedien preenchê-la. Com o *a'dam* unindo as duas, era como se ela mesma canalizasse, mas Moghedien sabia que se tratava de suas habilidades sendo usadas feito ferramentas nas mãos de Nynaeve. Seus olhos escuros reluziram indignados quando os fluxos da própria Moghedien prenderam seus braços junto às laterais do corpo e puxaram as saias até apertá-las com força em torno dos tornozelos. Para o restante, Nynaeve usou o *a'dam*, como usara para as urtigas, criando as sensações que queria que a outra mulher experimentasse. Não era realidade, e sim uma *sensação*

de realidade.

Moghedien se retesou nas amarras quando uma tira de couro pareceu golpeá-la no traseiro. Era isso que ela ia sentir. Ultraje e humilhação percorriam toda a corrente. E desdém. Em comparação com seus métodos elaborados para machucar pessoas, aquilo parecia adequado para uma criança.

— Quando você estiver pronta para cooperar de novo — advertiu Nynaeve —, é só balançar a cabeça.

Poderia levar um bom tempo. Ela não podia simplesmente ficar ali enquanto Rand e Rahvin tentavam se matar. Se o homem errado morresse por ela ter sido atrasada por Moghedien…

Nynaeve se lembrou de um dia quando tinha dezesseis anos, logo depois de ter sido considerada adulta o suficiente para prender o cabelo em uma trança. Desafiada por Nela Thane, ela roubara um pudim de ameixa de Corin Ayellin e, ao sair pela porta da cozinha, dera de cara com a Senhora Ayellin. Relembrar a consequência daquilo e enviar a lembrança pela corrente fez os olhos de Moghedien se esbugalharem.

Com uma cara emburrada, Nynaeve repetiu a dose. *Ela não vai me fazer parar por aqui!* De novo. *Independentemente do que ela pense, eu vou ajudar Rand!* De novo. *Mesmo que isso nos mate!* De novo. *Ah, Luz, ela pode estar certa. Rand poderia matar nós duas antes de se dar conta de que sou eu.* De novo. *Luz, eu odeio sentir medo!* De novo. *Eu odeio essa mulher!* De novo. *Eu odeio essa mulher!* De novo.

De repente, Nynaeve percebeu que Moghedien se sacudia de modo frenético nas amarras, balançando a cabeça com tanta violência que ela parecia prestes a se soltar do pescoço. Por um momento, Nynaeve ficou olhando embasbacada para o rosto da mulher, tomado pelas lágrimas, e então parou o que estava fazendo e desembaraçou depressa os fluxos de Ar. Luz, o que ela tinha feito? Ela não era Moghedien.

— Presumo que você não vai mais me criar nenhum problema.

— Eles vão nos matar — murmurou a Abandonada, quase ininteligível em meio aos soluços, mas, ao mesmo tempo, aquiescendo afobada.

Nynaeve se enrijeceu de propósito. Moghedien merecia tudo o que recebera e muito, muito mais. Na Torre, uma Abandonada teria sido estancada e executada assim que o julgamento pudesse ser concluído, e seriam necessárias poucas evidências além de quem ela era.

— Bom. Agora nós…

O Palácio inteiro foi sacudido por trovões, ou algo muito próximo disso; as paredes chacoalharam, e a poeira se ergueu do chão. Nynaeve caiu parcialmente por cima de Moghedien, e as duas

cambalearam enquanto tentavam se manter de pé. Antes que a agitação tivesse cessado por completo, foi substituída por um estrondo, como se algum fogo monstruoso estivesse subindo com tudo por uma chaminé do tamanho de uma montanha. Durou apenas um momento. O silêncio que se seguiu pareceu mais profundo do que antes. Não. Havia botas. Um homem correndo. O som ecoou pelo corredor. Vindo do norte.

Nynaeve puxou a outra mulher.

— Vamos.

Moghedien gemeu, mas não resistiu ao ser puxada corredor abaixo. Seus olhos, porém, estavam enormes, e a respiração, acelerada demais. Nynaeve achou bom ter Moghedien por perto, e não só para acessar o Poder Único. Depois de todos aqueles anos se escondendo nas sombras, a Aranha era tão covarde que, em comparação, Nynaeve parecia quase corajosa. Quase. Era só a raiva que sentia do próprio medo que a tornava capaz de segurar aquele único fluxo de Espírito que a mantinha em *Tel'aran'rhiod*. Moghedien era uma demonstração viva de terror absoluto.

Puxando a mulher logo atrás de si por meio da corrente cintilante, Nynaeve acelerou. Ela perseguia o som já débil daqueles passos.

Rand pisou com cautela no pátio redondo. Metade do círculo de pedras brancas era cortado pela estrutura de três andares atrás dele, e a outra metade era delimitada por um semicírculo de pedra que encimava colunas claras de cinco passadas de altura que davam para outro jardim, os passeios de cascalho sombreados sob árvores baixas. Bancos de mármore cercavam um tanque com vitórias-régias. E peixes dourados, brancos e vermelhos.

Subitamente, os bancos se moveram, escorreram e se transformaram em figuras masculinas sem rosto, ainda tão brancos e de aparência tão pétrea quanto o mármore. Rand já descobrira como era difícil transformar algo que Rahvin alterara. Relâmpagos saíram dançando da ponta de seus dedos e estraçalharam os homens de pedra, deixando-os em cacos.

O ar virou água. Sufocando, Rand lutou para nadar em direção às colunas. Via o jardim adiante. Tinha que haver algum tipo de barragem que impedisse toda aquela água de se derramar. Antes que conseguisse canalizar, formas douradas, vermelhas e brancas zanzaram disparadas ao redor dele, bem maiores do que os peixes do tanque. E com dentes. Investiram contra ele, o sangue se espiralando em uma bruma vermelha. Instintivamente, Rand agitou as mãos para espantar os peixes, mas sua parte fria, nos confins do Vazio, canalizou. O fogo devastador explodiu na barragem, se houvesse alguma, e em qualquer lugar onde Rahvin pudesse estar em que conseguisse

enxergar aquele pátio. A água se agitou e começou a lançá-lo com violência para um lado e para outro à medida que fluía com rapidez para preencher os túneis vazios escavados pelo fogo devastador. Centelhas douradas, brancas e vermelhas investiram contra ele feito dardos, acrescentando novos fios carmesim à água. Sacudido, Rand não enxergava o bastante para mirar seus raios selvagens, que lampejavam em todas as direções. Não lhe restava fôlego. Tentou pensar em ar, ou que a água fosse ar.

De repente, era. Rand caiu com força nos paralelepípedos em meio a peixinhos se debatendo, rolou e se pôs de pé. Tudo voltara a ser ar, e até suas roupas estavam secas. O círculo de pedra se alternava entre permanecer intacto e estar em completa ruína, com metade das colunas desabadas. Algumas das árvores jaziam caídas sobre os próprios cepos, ficavam inteiras, e então tornavam a estar caídas. O Palácio atrás dele exibia buracos nas paredes brancas, um deles chegando a perpassar uma cúpula dourada bem alta logo acima, e talhos rasgavam janelas, algumas com treliças de pedra. Todos esses danos tremeluziam, sumindo e reaparecendo. Não da forma lenta e ocasional de antes, mas constante. Destruição, e então um cenário intacto, depois de novo, em seguida nada, e então tudo destruído novamente.

Rand se retraiu e pressionou a mão na lateral do corpo, na velha ferida que nunca cicatrizava por completo. Ela ardia como se seus esforços quase a tivessem aberto de novo. O corpo inteiro ardia das doze ou mais dentadas que sangravam. Aquilo não mudara. Os rasgões ensanguentados no casaco e nas calças ainda estavam lá. Fora ele quem fizera a água voltar a ser ar? Ou um de seus raios frenéticos de fogo devastador teria repelido Rahvin, ou de repente até o matado? Não importava, a menos que fosse a última opção.

Enquanto limpava sangue dos olhos, Rand examinou as janelas e varandas que circundavam o jardim, a alta colunata na extremidade oposta. Ou começou a examinar, quando outra coisa chamou sua atenção. Sob a colunata, identificou os resquícios desvanecentes de uma tessitura. De onde estava, podia afirmar que se tratava de um portão, mas, para verificar de que tipo e para onde levava, precisava se aproximar. Rand saltou por cima de um amontoado de pedras trabalhadas que desapareceram enquanto ele estava no meio do pulo e atravessou o jardim correndo, desviando das árvores caídas. O resíduo já quase não existia, e ele tinha de se aproximar o suficiente antes que o portão desaparecesse por completo.

De repente, Rand caiu, o cascalho lhe arranhando as palmas quando ele aparou a queda. Não identificava nada que pudesse tê-lo feito tropeçar. Sentia-se tonto, quase como se tivesse sido atingido na cabeça. Tentou ficar de pé, alcançar aquele resíduo. E se deu conta de

que seu corpo estava se contorcendo. Cabelos compridos lhe cobriam as mãos, os dedos pareciam estar encolhendo, retornando às mãos. Eram quase patas. Uma armadilha. Rahvin não tinha fugido. O portão fora uma armadilha, e ele caíra direitinho.

O desespero aderiu ao Vazio enquanto ele lutava para manter o juízo. Suas mãos. Eram mãos. Quase mãos. Forçou-se a se levantar. Suas pernas pareciam curvadas do jeito errado. A Fonte Verdadeira retrocedeu, o Vazio encolheu. Camadas de pânico fulguravam além da vacuidade apática. Fosse lá em que Rahvin estivesse tentando transformá-lo, não seria capaz de canalizar. *Saidin* escapando, desvanecendo, fraco mesmo agarrado por meio do *angreal*. As varandas ao redor davam vista para ele; estavam vazias, e havia a colunata. Rahvin tinha de estar em uma daquelas janelas com treliças, mas em qual? Rand desta vez não tinha força para cem raios. Uma explosão. Disso, daria conta. Se agisse rápido. Qual janela? Lutava para permanecer ele mesmo, para canalizar *saidin*, recebia de bom grado qualquer mancha da mácula como prova de que ainda detinha o Poder. Cambaleando em uma meia-volta, procurando em vão, urrou o nome de Rahvin. Pareceu o urro de uma besta.

Puxando Moghedien atrás de si, Nynaeve dobrou a esquina. À frente dela, um homem desapareceu na esquina seguinte, o som de suas botas ecoando. Ela não sabia há quanto tempo começara a seguir aquelas botas. Às vezes, tinham se silenciado, e ela tivera que esperar que ressoassem novamente para identificar a direção. Às vezes, quando paravam, aconteciam coisas. Nynaeve não vira nada, mas uma vez o Palácio retumbara como um sino a badalar e, em outra, seu cabelo tentara se eriçar conforme o ar parecia crepitar, e em outra… Não importava. Aquela era a primeira ocasião em que via de relance o homem que calçava tais botas. Não achou que fosse Rand, com aquele casaco preto. A altura condizia, mas o homem era grande demais, com o peito excessivamente largo.

Antes mesmo que percebesse, Nynaeve estava correndo. Seus sapatos robustos há tempos haviam se transformado em silenciosas sandálias de veludo. Se era capaz de ouvi-lo, ele também poderia ouvi-la. O arfar frenético de Moghedien era mais barulhento que suas passadas.

Nynaeve alcançou a esquina e parou para espiar com cautela o outro lado da curva. Agarrou *saidar* — através de Moghedien, mas o Poder estava nela —, e ficou pronta para canalizar. Não havia necessidade. O corredor estava vazio. Via-se uma porta em uma parede bem distante, repleta de janelas com arabescas treliças de pedra, mas ela não achou que o homem tivesse ido até lá. Mais perto, outro corredor seguia para a direita. Nynaeve seguiu apressada até lá

e tornou a espiar com cautela. Uma escada em caracol se erguia logo após a intersecção dos dois corredores.

Por um momento, Nynaeve hesitou. O homem partira apressado para algum lugar. Aquele corredor levava de volta ao ponto de onde elas tinham vindo. Teria ele voltado correndo? Precisaria subir, então.

Puxando Moghedien, ela subiu os degraus devagar, empenhando-se para ouvir qualquer coisa que não fosse a respiração quase histérica da Abandonada e o sangue que martelava nos próprios ouvidos. Se acabasse dando de cara com ele… Sabia que ele já estava lá, em algum ponto à frente. A surpresa tinha que funcionar a seu favor.

No primeiro patamar, fez uma pausa. Os corredores dali espelhavam os de baixo. Também estavam igualmente vazios e silenciosos. Teria ele continuado a subir?

A escada estremeceu de leve sob os pés de Nynaeve, como se o palácio tivesse sido golpeado por um imenso aríete, e então tremeu de novo. Outra vez, uma barra de fogo branco atravessou com tudo a parte superior de uma das janelas com treliça, se distorceu para cima em um ângulo bizarro e então se dissipou no instante em que começou a rasgar o teto.

Nynaeve engoliu em seco e piscou em um esforço inútil de se livrar da mancha violeta nos olhos, resíduo visual daquele troço. Aquilo só podia ser Rand tentando atacar Rahvin. Se ficasse muito perto do Abandonado, Rand poderia acertá-la sem querer. Se ele estava atacando às cegas daquele jeito — para ela, aquele fora um ataque um tanto desesperado —, poderia atingi-la sem nem perceber.

Os tremores haviam cessado. Os olhos de Moghedien brilhavam, aterrorizados. Pelo que Nynaeve sentia através do *a'dam*, era incrível que a mulher não estivesse se contorcendo no chão, ganindo e espumando pela boca. Nynaeve também sentia um pouco de vontade de ganir. Obrigou-se a pôr o pé no degrau seguinte. Subir era uma opção tão boa quanto qualquer outra. O segundo passo foi quase tão difícil. Devagar, porém. Não precisava aparecer diante dele tão repentinamente. A surpresa teria que ser dele. Moghedien a seguia feito uma cadela chicoteada, tiritando.

À medida que subia, Nynaeve agarrou o máximo de *saidar* que pôde, tanto quanto Moghedien conseguia, até o ponto em que sua doçura se tornou quase uma dor. Era o aviso. Mais que aquilo, e Nynaeve se aproximaria do ponto em que seria mais do que podia suportar, o ponto em que ela se estancaria, exauriria sua capacidade de canalizar. Ou talvez exaurisse Moghedien, diante das circunstâncias. Ou ambas. De qualquer jeito, seria um desastre. Ela, porém, se segurou naquele ponto, a… *vida*… preenchendo-a com uma pressão a um fiapo de luz de arrebentar a pele. Era o máximo que poderia ter agarrado, caso estivesse canalizando sozinha. Ela e

Moghedien tinham praticamente a mesma força com o Poder. Tanchico fora a prova disso. Era o bastante? Moghedien insistia que os homens eram mais fortes. Rahvin, pelo menos — Moghedien o conhecia —, e não parecia provável que Rand pudesse ter sobrevivido por tanto tempo se não fosse tão forte quanto. Não era justo que os homens tivessem os músculos e, além disso, fossem mais fortes com o Poder. Na Torre, as Aes Sedai sempre tinham afirmado que eram iguais. Apenas não…

Estava divagando. Nynaeve respirou fundo e puxou Moghedien para fora da escada. Tinham chegado ao topo.

O salão estava vazio. Nynaeve foi até o ponto em que ele se encontrava com o corredor transversal e espiou. E lá estava ele, um homem alto e grande trajando negro, com mechas brancas no cabelo escuro, olhando pelas brechas curvas de uma das janelas de pedra para espiar algo lá embaixo. Havia suor e esforço em seu rosto, mas o homem parecia sorrir. Um rosto bonito, tão bonito quanto o de Galad, mas que não lhe tirava o fôlego.

O que ele observava — Rand talvez? — prendia sua total atenção, mas Nynaeve não lhe deu chance de percebê-la. Podia ser Rand lá embaixo. Ela não tinha como dizer se Rahvin estava canalizando ou não. Nynaeve preencheu todo o corredor em torno do homem com fogo, de parede a parede, do chão ao teto, despejando nessa chama todo o *saidar* que tinha, um fogo tão quente que a própria pedra esfumaçou. O calor obrigou-a a recuar a e se encolher.

Rahvin gritou em meio à chama — era só uma — e afastou-se cambaleando, voltando para onde o corredor virava um corredor colunado. Um piscar de olhos, menos, enquanto ela ainda estava encolhida, e ele ficou de pé, dentro da chama, mas cercado de ar puro. Cada nesga de *saidar* que ela era capaz de canalizar estava indo para aquele inferno, mas Rahvin conseguia contê-lo. Nynaeve o via através do fogo. Tudo tinha uma aparência avermelhada, mas ela via. Exalava fumaça do casaco chamuscado do homem. Seu rosto era uma ruína causticada, um dos olhos de um branco leitoso. Mas os dois olhos exalavam malevolência quando ele os virou na direção dela.

Nenhuma emoção lhe chegava por meio da correia *a'dam*, apenas um embotamento pesado como chumbo. O estômago de Nynaeve se contraiu. Moghedien desistira. Desistira porque a morte estava ali para ambas.

O fogo irrompeu pelas treliças entalhadas acima de Rand, e as labaredas preencheram cada fenda, dançando em direção à colunata. Isso fez a luta dentro dele parar de forma abrupta. Rand voltou a ser ele mesmo tão de repente que foi quase um choque. Estivera canalizando *saidin* feito um desesperado, tentando se agarrar ao pouco

que fosse. Então *saidin* veio em uma avalanche de fogo e gelo que fez seus joelhos cederem, fez o Vazio estremecer com uma dor que o picotava.

E Rahvin cambaleou de volta à colunata, seu rosto virado para algo lá dentro. O homem estava cercado de fogo, mas, de alguma forma, permanecia de pé como se não fosse afetado. Entretanto, se agora não estava sendo atingido, não fora o caso antes. Apenas o tamanho do vulto, a impossibilidade de ser outra pessoa, indicavam a Rand que se tratava dele. O Abandonado era uma imagem carbonizada de carne vermelha em frangalhos que teria exaurido qualquer Curandeira. A agonia que ele sentia devia ser incalculável. Exceto pelo fato de que Rahvin estaria envolto pelo Vazio, mesmo queimado daquele jeito, enrolado em uma vacuidade em que a dor corpórea era distante e *saidin* estava à mão.

Saidin ferveu dentro de Rand, e ele soltou tudo. Não para Curar.

— Rahvin! — gritou, e o fogo devastador saiu voando de suas mãos, uma luz derretida mais espessa que um homem, impulsionada por todo o Poder que ele era capaz de canalizar.

Quando atingiu o Abandonado, Rahvin deixou de existir. Os Cães das Trevas de Rhuidean haviam se tornado poeira antes de desaparecer, qualquer tipo de vida que tivessem pelejara para continuar existindo, ou fora o Padrão lutando para se manter, mesmo no caso daquelas criaturas. Mas Rahvin simplesmente… não existia mais.

Rand deixou o fogo devastador morrer e largou um pouco de *saidin*. Piscando para afastar a imagem residual roxa, levantou os olhos para o enorme buraco na balaustrada de mármore, os vestígios de uma coluna feito um dente canino acima dela, e olhou para um buraco idêntico no teto do Palácio. Não tremeluziam, como se o que ele fizera fosse forte demais até para aquele lugar ser capaz de consertar. Depois de tanta coisa, quase parecia muito fácil. Talvez houvesse algo lá em cima para convencê-lo de que Rahvin estava mesmo morto. Rand correu até uma porta.

Nynaeve tentou desesperadamente inflamar a chama em torno de Rahvin mais uma vez. Pensou que deveria ter usado relâmpagos. Ela ia morrer. Aqueles olhos terríveis haviam se fixado em Moghedien, não nela, mas ela também ia morrer.

O fogo líquido cortou o ar até a colunata, tão quente que fez o fogo que Nynaeve criara parecer frio. O choque a fez soltar a tessitura, e ela ergueu uma das mãos para proteger o rosto, mas, antes que pudesse completar o gesto, o fogo líquido desaparecera. Assim como Rahvin. Ela não acreditava que ele tivesse escapado. Houvera um instante, tão breve que podia quase tê-lo imaginado, em que aquela

barra branca encostou nele e o fez virar… névoa. Só um instante. Ela poderia ter imaginado. Mas achava que não. Respirou fundo, trêmula.

Moghedien tinha o rosto enterrado nas mãos, chorando e tremendo. A única emoção que Nynaeve sentia através do *a'dam* era um alívio tão poderoso que suprimia qualquer outra coisa.

Botas apressadas ecoaram nos degraus abaixo.

Nynaeve girou e deu um passo à frente em direção à escada em caracol. Ficou surpresa ao se dar conta de que estava sorvendo *saidar* profundamente, mantendo-se a postos.

Sua surpresa se dissipou quando Rand apareceu no topo da escada. Ele estava diferente. Os traços eram os mesmos, mas seu rosto estava endurecido. Os olhos, de um azul gélido. Os rasgões ensanguentados no casaco e nas calças, além do sangue no rosto, pareciam combinar com aquela expressão.

Com tal aparência, Nynaeve não se surpreenderia se ele matasse Moghedien ali mesmo, assim que descobrisse quem ela era. Nynaeve ainda via serventia na Abandonada. Rand reconheceria um *a'dam*. Sem pensar duas vezes, ela o modificou, deixou a corrente desaparecer e manteve apenas o bracelete de prata no pulso e a coleira em Moghedien. Houve um momento de pânico quando ela compreendeu o que tinha feito, e então um suspiro tão logo percebeu que ainda sentia a outra mulher. Tudo funcionava exatamente como Elayne dissera. Talvez Rand não tivesse visto. Nynaeve estava entre ele e Moghedien, e a corrente estivera atrás dela.

Ele mal olhou para Moghedien.

— Fiquei pensando naquelas chamas enquanto subia. Pensei que podia ter sido você ou… Que lugar é este? É aqui que você se encontra com Egwene?

Erguendo os olhos para ele, Nynaeve tentou não engolir em seco. Aquele rosto era tão frio.

— Rand, as Sábias dizem que o que você fez, o que está fazendo, é perigoso e até mau. Elas afirmam que você perde uma parte de si mesmo quando vem para cá em carne e osso, uma parte do que o torna humano.

— As Sábias entendem de tudo? — Ele passou por ela e encarou a colunata. — Eu pensava que as Aes Sedai entendiam de tudo. Não importa. Não sei a dose de humanidade que o Dragão Renascido pode se permitir ter.

— Rand, eu… — Ela não sabia o que dizer. — Venha, me deixe pelo menos Curá-lo.

Ele ficou parado para permitir que Nynaeve erguesse as mãos e lhe segurasse a cabeça. Ela teve que suprimir um estremecimento. As feridas recentes dele não eram graves, apenas numerosas — não sabia o que poderia tê-lo mordido, mas tinha certeza de que a maioria

daqueles machucados eram mordidas —, mas a ferida antiga, a ferida semicicatrizada que nunca sarava na lateral do corpo dele, aquela era um poço de escuridão, um poço cheio de como ela pensava que a mácula de *saidin* devia ser. Nynaeve canalizou os fluxos complexos que compunham a Cura, Ar e Água, Espírito, e até Fogo e Terra em pequenas quantidades. Rand não gritou e nem se debateu. Nem piscou. Ele estremeceu. Só isso. Então segurou-a pelos pulsos e afastou as mãos de seu rosto. Nynaeve não relutou. As feridas recentes haviam desaparecido, cada mordida, arranhão ou machucado, mas não a ferida antiga. Nada mudara quanto a ela. Qualquer coisa que não fosse a morte deveria poder ser Curada, inclusive aquilo. Qualquer coisa!

— Ele morreu? — perguntou ele com tranquilidade. — Você o viu morrer?

— Morreu, Rand. Eu vi.

Ele assentiu.

— Mas ainda tem outros, não tem? Outros… Escolhidos.

Nynaeve sentiu a punhalada de medo vinda de Moghedien, mas não olhou para trás.

— Rand, você precisa ir. Rahvin está morto, e este lugar é perigoso para você deste jeito. Precisa ir e nunca mais voltar em carne e osso para cá.

— Eu já vou.

Ele não fez nada que ela pudesse ver ou sentir — claro que não, ela não tinha como —, mas, por um momento, achou que o corredor atrás dele tinha… se transformado, de alguma forma. Mas não parecia diferente em nada. Exceto… Ela piscou. Não havia mais nenhuma coluna desabada na colunata atrás dele, nenhum buraco no corrimão de pedra.

Rand prosseguiu como se nada tivesse acontecido.

— Diga a Elayne… Peça para ela não me odiar. Peça para ela… — O sofrimento lhe contorceu o rosto. Por um instante, Nynaeve viu o garoto que conhecera, sua expressão como a de alguém que perdia algo precioso. Ela estendeu a mão para confortá-lo e ele deu um passo para trás, seu rosto novamente pétreo e vazio. — Lan tinha razão. Diga para Elayne me esquecer, Nynaeve. Diga a ela que eu encontrei outra coisa para amar e que não sobra espaço para ela. Ele queria que eu lhe dissesse o mesmo. Lan também encontrou outra pessoa. Ele falou que é para você esquecê-lo. Melhor nunca ter nascido do que amar um de nós.

Ele tornou a recuar, desta vez três passos largos, o salão, ou parte dele, aparentando girar de modo nauseante com Rand ali no meio, e então se foi.

Nynaeve ficou encarando o ponto onde ele estivera, e não o cintilar intermitente da colunata voltando a parecer desabada. Lan

pedira para ele dizer *aquilo*?

— Um homem… notável — afirmou Moghedien, com a voz suave. — Um homem muito, muito perigoso.

Nynaeve encarou-a. Algo novo lhe vinha por meio do bracelete. Ainda havia medo, mas emudecido por… Expectativa talvez fosse a melhor maneira de descrever.

— Tenho sido prestativa, não tenho? — perguntou Moghedien. — Rahvin morto, Rand al'Thor, salvo. Nada disso teria sido possível sem mim.

Nynaeve entendia. Mais que expectativa, esperança. Mais cedo ou mais tarde, ela teria que acordar. O *a'dam* desapareceria. Moghedien estava tentando lembrá-la da ajuda que dera — como se não tivesse precisado arrancar tudo aquilo dela — para o caso de Nynaeve estar criando coragem para matá-la antes de ir.

— Também está na hora de eu ir — afirmou Nynaeve. O rosto de Moghedien não se alterou, mas o medo se intensificou, assim como a esperança. Uma xícara grande de prata apareceu na mão de Nynaeve, aparentemente contendo chá. — Beba isto.

— O que…? — replicou Moghedien.

— Não é veneno. Eu poderia matar você tranquilamente mesmo sem veneno, se fosse meu objetivo. Afinal de contas, o que acontece com você aqui também acontece no mundo real. — Esperança bem mais forte que o medo, agora. — Vai fazer você dormir. Um sono profundo, profundo demais para você tocar *Tel'aran'rhiod*. Chama-se raiz-dupla.

Moghedien pegou a xícara devagar.

— Para eu não poder segui-la? Não vou discutir. — A mulher inclinou a cabeça para trás e bebeu até secar a xícara.

Nynaeve a observou. Aquela quantidade deveria derrubá-la rápido. Porém, uma pontada de crueldade a fez falar. Sabia que era crueldade e não deu a mínima. Moghedien não merecia nenhum descanso.

— Você sabia que Birgitte não estava morta. — O olhar de Moghedien se estreitou de leve. — Você sabia quem é Faolain. — Os olhos da mulher tentaram se arregalar, mas ela já estava sonolenta. Nynaeve sentia os efeitos da raiz-dupla se espalhando. Concentrou-se em Moghedien, presa ali em *Tel'aran'rhiod*. Nada de sono tranquilo para uma dos Abandonados. — E você sabia quem é Siuan, que antes ela era o Trono de Amyrlin. Eu nunca mencionei isso em *Tel'aran'rhiod*. Nunca. Vejo você daqui a pouco. Em Salidar.

Os olhos de Moghedien se reviraram. Nynaeve não teve certeza se foi pela raiz-dupla ou se foi um desmaio, mas não importava. Largou a outra mulher, e Moghedien sumiu. A coleira de prata retiniu ao cair nos ladrilhos do piso. Elayne ficaria feliz pelo menos com aquilo.

Nynaeve saiu do Sonho.

Rand andava rápido pelos corredores do Palácio. Parecia haver menos danos do que ele se lembrava, mas não prestou muita atenção. Saiu a passos largos no grande pátio na frente do Palácio. Rajadas de Ar tinham feito os altos portões se soltarem parcialmente das dobradiças. Logo depois havia uma imensa praça oval, e o que ele andara procurando: Trollocs e Myrddraal. Rahvin estava morto, e os outros Abandonados não estavam ali, mas havia Trollocs e Myrddraal para serem eliminados em Caemlyn.

Estavam lutando, um amontoado de centenas, talvez milhares, cercando algo que ele não era capaz de enxergar através da muralha de armaduras negras, da altura de um Myrddraal a cavalo. Muito mal, conseguiu ver seu estandarte carmesim panejando lá no meio deles. Alguns se viraram para ficar de frente para o Palácio quando os portões foram arremessados um para cada lado.

Rand, no entanto, ficou imóvel. Bolas de fogo atingiam a massa compacta de armaduras negras, e Trollocs em chamas jaziam por toda parte. Não podia ser.

Sem ousar pensar ou ter qualquer esperança, ele canalizou. Fachos de fogo devastador saltavam de suas mãos tão rápido quanto ele era capaz de urdi-los, mais estreitos que seu dedo mindinho, precisos e interrompidos assim que golpeavam. Eram muito menos poderosos do que o que ele havia usado no final contra Rahvin, do que qualquer um que usara contra o Abandonado durante toda a batalha, mas Rand não podia correr o risco de um dos fachos sair fatiando quem estivesse preso no meio de todos aqueles Trollocs. Fez pouca diferença. O primeiro Myrddraal atingido pareceu ter as cores invertidas, tornando-se um vulto negro vestido de branco, e então virou poeira ao vento, sumindo tão logo seu cavalo saiu galopando em uma fuga desenfreada. Trollocs e Myrddraal, todos que se viraram na direção de Rand tiveram o mesmo fim, então ele começou a atingir as costas dos que ainda estavam virados para o outro lado, de modo que uma névoa contínua de poeira cintilante pareceu preencher todo o ar, renovada conforme ia evaporando.

As criaturas não conseguiam fazer frente àquilo. Gritos bestiais de fúria se transformaram em uivos de medo, e eles fugiram em todas as direções, exceto na dele. Rand viu um dos Myrddraal tentar impedir as criaturas e ser pisoteado, cavaleiro e montaria, mas os demais esporearam seus animais e fugiram.

Rand os deixou ir. Estava ocupado observando os Aiel de rosto velado irrompendo do cerco das criaturas com suas lanças e facas de lâmina pesada. Era um deles quem estava carregando o estandarte. Aiel não carregavam estandartes, mas aquele, um pedacinho da

bandana vermelha aparecendo por baixo da *shoufa*, carregava. Também havia batalhas em curso em algumas das ruas que saíam da praça, Aiel contra Trollocs, o povo da cidade contra Trollocs, e até homens de armadura com o uniforme da Guarda da Rainha contra Trollocs. Ao que parecia, nem homens dispostos a matar uma rainha eram capazes de aguentar os Trollocs. Rand, porém, mal se dava conta. Estava procurando em meio aos Aiel.

Lá estava. Uma mulher de blusa branca, uma das mãos segurando as saias volumosas enquanto decepava um Trolloc em fuga com uma faca curta. Instantes depois, chamas enveloparam a figura com focinho de urso.

— Aviendha! — Rand não sabia que estava correndo até gritar o nome dela. — Aviendha!

E lá estava Mat, o casaco rasgado e sangue na ponta de lança com lâmina de espada, apoiando-se na haste negra enquanto assistia à fuga dos Trollocs, contente por deixar a briga para outras pessoas, agora que era possível. E Asmodean, segurando uma espada meio sem jeito e tentando vigiar todas as direções ao mesmo tempo, caso algum Trolloc decidisse voltar. Rand sentia *saidin* nele, ainda que fraco. Achava que, em boa parte da luta, Asmodean não usara aquela lâmina.

Fogo devastador. Fogo devastador, que incendiava e eliminava um fio do Padrão. Quanto mais forte fosse, mais para trás a chama queimava. E o que quer que a pessoa tivesse feito *não tinha mais acontecido*. Rand não se importava se a explosão que lançara em Rahvin tivesse desembaraçado metade do Padrão. Não se o resultado fosse aquele.

Quando se deu conta das lágrimas que escorriam por seu rosto, largou *saidin* e o Vazio. Queria sentir aquilo.

— Aviendha! — Rand ergueu-a do chão e a girou, enquanto a mulher o encarava como se ele tivesse enlouquecido. Não queria colocá-la no chão, mas acabou colocando. Assim, podia abraçar Mat. Ou tentar.

Mat o rechaçou.

— Qual é o seu problema? Parece ter achado que nós havíamos morrido. Não que isso não tenha quase acontecido. Ser um general tem que ser mais seguro do que isso!

— Vocês estão vivos — gargalhou Rand. Ele passou a mão pelo cabelo de Aviendha, que perdera o lenço e estava com os fios soltos caindo pelo pescoço. — Estou feliz por vocês estarem vivos. Só isso.

Rand tornou a se voltar para a praça, e sua alegria se esvaiu. Nada poderia extingui-la, mas os corpos que jaziam empilhados onde os Aiel haviam montado guarda diminuíram-na. Muitos deles não eram grandes o bastante para serem de homens. Lá estava Lamelle, o véu rasgado, assim como metade da garganta. Nunca mais lhe

prepararia uma sopa. Pevin, as mãos agarradas à haste da lança de um Trolloc, grossa feito um punho, que lhe atravessava o peito, seu rosto com a primeira expressão que Rand via nele. Surpresa. O fogo devastador enganara a morte de seus amigos, mas não a de outros. Gente demais. Donzelas demais.

Contente-se com o que pode ter. Alegre-se com o que você pode salvar e não sinta demais pelas perdas. O pensamento não era dele, mas Rand o assimilou. Parecia uma boa maneira de evitar a loucura antes que a mácula de *saidin* o conduzisse a ela.

— Para onde você foi? — indagou Aviendha. Não estava zangada. Se tanto, aparentava alívio. — Em um segundo estava lá, no outro, tinha sumido.

— Eu precisava matar Rahvin — explicou ele, calmo. Ela abriu a boca, mas ele a cobriu com os dedos para silenciá-la e em seguida afastou-a com delicadeza. Contente-se com o que pode ter. — Deixe isso para lá. Ele está morto.

Bael surgiu mancando, a cabeça ainda envolvida pela *shoufa*, mas o véu dependurado na altura do peito. Havia sangue na coxa, e também na ponta da única lança que lhe restava.

— Os Mensageiros da Noite e os Crias da Sombra estão fugindo, *Car'a'carn*. Alguns dos aguacentos participaram da dança contra eles. Inclusive alguns dos homens com armaduras, embora eles tenham dançado primeiro contra nós. — Sulin estava atrás dele, sem véu, um pavoroso talho vermelho lhe rasgando a bochecha.

— Cacem todos eles pelo tempo que for — ordenou Rand. Ele começou a caminhar, incerto da direção, desde que fosse para longe de Aviendha. — Não quero nenhum deles à solta pelos campos. Fiquem de olho nos Guardas. Depois eu vou descobrir quais eram homens de Rahvin e quais… — Continuou caminhando, falando, e sem olhar para trás. Contente-se com o que pode ter.

56

Brasas incandescentes

A janela alta tinha espaço de sobra para acomodar Rand, erguendo-se bem acima de sua cabeça e distando dois pés de cada lado. Com as mangas enroladas, ele olhava para baixo e observava um dos jardins do Palácio Real. Aviendha passava as mãos pela bacia de pedra-vermelha da fonte, ainda intrigada com tanta água cujo único propósito era ser admirada e manter vivos alguns peixes ornamentais. De início, ficara mais que indignada quando Rand a proibira de sair caçando Trollocs pelas ruas. Na verdade, não sabia se ela teria obedecido, não fosse por uma discreta escolta de Donzelas que Sulin achava que ele não tinha percebido. Rand também não deveria ter ouvido a Donzela de cabelo branco lembrar Aviendha de que ela não era mais *Far Dareis Mai* e ainda não era uma Sábia. Sem casaco, mas ainda de chapéu para se proteger do sol, Mat estava sentado na borda da fonte e conversava com ela. Sem dúvida investigando o que ela sabia sobre os Aiel estarem impedindo as pessoas de deixar a cidade. Mesmo que Mat tivesse decidido aceitar seu destino, era improvável que algum dia parasse de reclamar. Asmodean estava tocando harpa sentado em um banco à sombra de uma murta vermelha. Rand se perguntou se o homem sabia ou suspeitava do que tinha acontecido. Ele não deveria ter nenhuma lembrança — para ele, aquilo nunca acontecera —, mas quem poderia afirmar o que um dos Abandonados sabia ou seria capaz de concluir?

Uma tosse educada desviou sua atenção do jardim.

A janela de onde Rand olhava os outros ficava a uma braça e meia do chão na parede oeste da sala do trono, o Grande Salão onde Rainhas de Andor haviam recepcionado embaixadores e proferido julgamentos por quase mil anos. Era o único lugar de onde pensara que podia observar Mat e Aviendha sem ser visto ou incomodado. Fileiras de colunas brancas de vinte passadas de altura ladeavam o aposento. A luz das imensas janelas se misturava com a luz colorida das grandes vidraças no teto arqueado, onde o Leão Branco se alternava com retratos de antigas rainhas e com cenas de grandes

vitórias andorianas. Enaila e Somara não pareciam impressionadas.

Rand desceu.

— Alguma notícia de Bael?

Enaila deu de ombros.

— A caça aos Trollocs continua. — Pelo tom de voz, a mulher diminuta gostaria de estar participando. A altura de Somara fazia Enaila parecer ainda menor. — Alguns habitantes estão ajudando. A maioria se escondeu em suas casas. Os portões da cidade estão guardados. Nenhuma cria da Sombra vai escapar, eu acho, mas receio que alguns Mensageiros da Noite possam conseguir. — Era difícil matar Myrddraal, e igualmente difícil encurralá-los. Às vezes, era fácil acreditar nas antigas histórias de que eles cavalgavam as sombras e eram capazes de desaparecer ao virar de lado.

— Trouxemos um pouco de sopa para você — informou Somara, meneando a cabeça loira na direção de uma bandeja de prata coberta com um pano listrado, repousada no estrado que abrigava o Trono do Leão. Entalhado e dourado, com enormes patas de leão nas extremidades dos pés, o trono era um assento maciço no alto de quatro degraus de mármore branco, com um tapete vermelho levando a ele. O Leão de Andor, destacado em pedras-da-lua em um fundo de rubis, estivera acima da cabeça de Morgase sempre que ela ocupara o assento. — Aviendha disse que você ainda não comeu nada hoje. É a sopa que Lamelle costumava fazer para você.

— Suponho que nenhuma das serviçais tenha voltado. — Rand suspirou. — Uma das cozinheiras, talvez? Uma ajudante?

Enaila balançou a cabeça com desdém. Serviria seu tempo como *gai'shain* de bom grado, caso fosse necessário, mas a ideia de qualquer pessoa passar a vida inteira servindo a outra lhe desagradava.

Subindo os degraus, Rand se agachou para afastar o pano, mas torceu o nariz. Pelo cheiro, qualquer das duas que tivesse preparado a sopa não cozinhava melhor do que Lamelle. O som dos passos de algum homem vindo pelo salão foi a desculpa de que Rand precisava para virar as costas para a bandeja. Com alguma sorte, não precisaria tomar aquilo.

O homem que se aproximava pelo extenso piso de ladrilhos vermelhos e brancos decerto não era andoriano; o casaco era cinza, curto, e as calças folgadas estavam enfiadas nas botas dobradas na altura do joelho. Esbelto e só um palmo mais alto que Enaila, era dono de um nariz adunco e olhos escuros enviesados. Havia mechas grisalhas no cabelo preto e no espesso bigode que parecia chifres curvados para baixo em torno da boca grande. Ele fez uma pausa para se curvar levemente, segurando com graciosidade a espada curva na cintura, apesar do inconveniente fato de carregar dois cálices de prata em uma das mãos e um jarro de cerâmica tampado na outra.

— Perdoe minha intrusão — disse ele —, mas não havia ninguém para me anunciar.

As roupas do homem podiam até ser simples e desgastadas pelo uso, mas ele tinha o que parecia ser um bastão de marfim arrematado por uma cabeça de lobo dourada enfiado por trás do cinto da espada.

— Sou Davram Bashere, Marechal-General de Saldaea. Estou aqui para falar com o Lorde Dragão, quem os rumores na cidade afirmam estar no Palácio Real. Presumo que eu esteja falando com ele, não? — Por um instante, seus olhos pousaram nos Dragões reluzentes enlaçando em vermelho e dourado os braços de Rand.

— Eu sou Rand al'Thor, Lorde Bashere. O Dragão Renascido. — Enaila e Somara haviam se colocado entre Rand e o homem, as mãos no cabo da faca de lâmina comprida, prontas para erguer o véu. — Estou surpreso por encontrar um lorde de Saldaea em Caemlyn, e mais ainda querendo falar comigo.

— Na realidade, cavalguei até Caemlyn para falar com Morgase, mas fui rechaçado pelos bajuladores de Lorde Gaebril, ou eu deveria chamá-lo de Rei Gaebril? Ele ainda está vivo? — O tom de voz de Bashere indicava que ele duvidava daquilo e que, de qualquer jeito, não lhe importava. Ele sequer fez uma pausa. — Muita gente na cidade afirma que Morgase também está morta.

— Ambos morreram — confirmou Rand, sombrio. Sentou-se no trono, a cabeça repousando no Leão de Andor de pedras-da-lua. O trono fora dimensionado para uma mulher. — Eu matei Gaebril, mas não antes de ele ter matado Morgase.

Bashere arqueou uma sobrancelha.

— Então eu devo saudar o Rei Rand de Andor?

Furioso, Rand inclinou-se para a frente.

— Andor sempre teve rainhas, e ainda tem. Elayne era a Filha-herdeira. Com a morte da mãe, a rainha é ela. Talvez precise ser coroada primeiro, não conheço a lei, mas, até onde me cabe, a rainha é ela. Eu sou o Dragão Renascido. Isso é o máximo que eu desejo, mais até. O que quer comigo, Lorde Bashere?

Se a raiva de Rand chegou a causar algum incômodo, o homem não demonstrou. Seus olhos enviesados observavam o Dragão com cuidado, mas sem desconforto.

— A Torre Branca permitiu a fuga de Mazrim Taim. O falso Dragão. — Ele fez uma pausa e, como Rand não disse nada, prosseguiu. — A Rainha Tenobia não queria Saldaea com problemas de novo, então fui designado para caçá-lo mais uma vez e dar um fim à sua vida. Persegui-o em direção ao sul durante várias semanas. Não precisa temer que eu tenha trazido um exército estrangeiro para Andor. Tirando uma escolta de dez homens, deixei o resto acampado na Floresta de Braem, bem ao norte de qualquer fronteira que Andor

tenha reivindicado nos últimos duzentos anos. Mas Taim está em Andor. Tenho certeza.

Hesitando, Rand tornou a se reclinar.

— Você não vai poder pegá-lo, Lorde Bashere.

— Permite que eu lhe pergunte por que não, Milorde Dragão? Se você quiser usar os Aiel para caçá-lo, não faço nenhuma objeção. Meus homens vão permanecer na Floresta de Braem até eu retornar.

Rand não tivera a intenção de revelar tão cedo essa parte do plano. A demora poderia ser custosa, mas primeiro ele pretendera ter um controle firme das nações. Porém, talvez fosse melhor começar ali mesmo.

— Vou anunciar uma anistia. Eu sei canalizar, Lorde Bashere. Por que outro homem deveria ser caçado e assassinado, ou amansado, só porque é capaz de fazer o que eu faço? Vou anunciar que qualquer homem que consiga tocar a Fonte Verdadeira, qualquer homem que queira aprender, pode vir até mim e contar com a minha proteção. A Última Batalha se aproxima, Lorde Bashere. Pode não haver tempo para nenhum de nós ficar louco antes dela, e mesmo assim eu não desperdiçaria um homem só por esse risco. Quando os Trollocs saíram da Praga, nas Guerras dos Trollocs, marcharam com Senhores do Medo, homens e mulheres que usavam o Poder para a Sombra. Vamos enfrentar isso de novo em Tarmon Gai'don. Não sei quantas Aes Sedai estarão ao meu lado, mas não vou abrir mão de nenhum homem capaz de canalizar, se ele quiser marchar comigo. Mazrim Taim é meu, Lorde Bashere, não seu.

— Entendo — respondeu ele, sem a menor emoção. — Você conquistou Caemlyn. Soube que Tear é sua, e Cairhien logo será, se já não é. Sua intenção é conquistar o mundo com seus Aiel e seu exército de homens canalizando o Poder Único?

— Se for preciso — devolveu Rand, tão neutro quanto o lorde. — Vou receber de braços abertos, como um aliado, qualquer governante que me aceite, mas, até agora, só vi manobras visando o poder ou a absoluta hostilidade. Lorde Bashere, há anarquia em Tarabon e Arad Doman, e a situação não é muito diferente em Cairhien. Amadícia está de olho em Altara. Os Seanchan… Você já deve ter ouvido boatos sobre eles em Saldaea, e é provável que os piores boatos sejam verdade. Esses Seanchan, lá do outro lado do mundo, estão de olho em todos nós. Homens lutando as próprias batalhas mesquinhas, com Tarmon Gai'don mais próximo a cada dia. Precisamos de paz. De tempo antes que os Trollocs venham, antes que o Tenebroso se liberte, tempo para nos preparar. Se minha única forma de encontrar tempo e paz para o mundo for pela imposição, que seja. Não é o que eu quero, mas vou impor.

— Eu li *O ciclo de Karaethon* — afirmou Bashere. O homem pôs os

cálices debaixo do braço por um momento, quebrou o lacre de cera da tampa do jarro e os encheu de vinho. — Mais importante, a Rainha Tenobia também leu as Profecias. Não posso falar por Kandor, Arafel ou Shienar. Acredito que vão se juntar a você, já que, nas Terras da Fronteira, até uma criancinha sabe que a Sombra espreita na Praga para descer sobre nós, mas não posso falar por eles.

Enaila encarou com suspeita o cálice que o homem lhe entregou, mas subiu os degraus para entregá-lo a Rand.

— Na verdade — continuou Bashere —, não posso falar nem por Saldaea. Tenobia é a rainha. Sou apenas o general dela. Mas acho que, assim que eu designar um cavaleiro veloz para mandar uma mensagem à Rainha, a resposta será Saldaea marchando ao lado do Dragão Renascido. Enquanto isso, lhe ofereço meus serviços, e também os de nove mil cavalos de Saldaea.

Rand rodopiou o cálice e encarou o vinho tinto escuro. Sammael em Illian, e os outros Abandonados só a Luz sabia onde. Seanchan aguardando no outro lado do Oceano de Aryth e, ali, homens prontos para agir em proveito próprio e obter quaisquer ganhos, a despeito de quanto aquilo custasse para o mundo.

— A paz ainda está bem longe — disse ele em um tom brando. — Ainda teremos sangue e morte por um bom tempo.

— É sempre assim — respondeu Bashere, tranquilo, sem que Rand soubesse a que afirmação ele estava se referindo. Talvez às duas.

Enfiando a harpa debaixo do braço, Asmodean se afastou de Mat e Aviendha. Ele gostava de tocar, mas não para uma dupla que não prestava atenção, e que menos ainda apreciava. Não tinha certeza do que acontecera naquela manhã, e não tinha certeza de que queria saber. Muitos Aiel haviam expressado surpresa ao vê-lo, afirmando que tinham-no visto morto. Asmodean não queria detalhes. Um talho extenso descia pela parede logo à sua frente. Sabia o que causara aquele gume afiado, aquela superfície tão escorregadia quanto o gelo, mais lisa do que qualquer mão seria capaz de polir em cem anos.

Distraído — mas sentindo também um calafrio —, ficou se perguntando se ter renascido daquela maneira o tornava um novo homem. Achava que não. A imortalidade não existia mais. Fora um presente do Grande Senhor; era esse nome que usava em sua cabeça, independentemente do que al'Thor exigisse de sua língua. Isso por si só já era prova de que ainda era ele mesmo. Com a imortalidade não mais existindo — ele sabia que devia ser imaginação, mas às vezes pensava sentir o tempo arrastando-o, puxando-o em direção a um túmulo que nunca achara que fosse conhecer —, canalizar o pouco de *saidin* que conseguia era como beber do esgoto. Não lamentava que Lanfear estivesse morta. O mesmo valia para Rahvin, mas para Lanfear

especialmente, pelo que ela lhe havia feito. Daria risada quando cada um dos demais também morresse, principalmente o último. Não tinha renascido como um novo homem, mas iria se segurar o máximo que pudesse naquele tufo de grama à beira do precipício. As raízes acabariam cedendo, e a longa queda viria, mas, até lá, estava vivo.

Abriu uma portinha com a intenção de encontrar um caminho até a despensa. Deveria haver algum vinho decente por lá. Um passo, e ele parou, o sangue sumindo do rosto.

— Você? Não! — As palavras ainda pairavam no ar quando ele morreu.

Morgase secou o suor do rosto e, em seguida, enfiou o lenço de volta pela manga e rearrumou o chapéu de palha um tanto esfarrapado. Pelo menos dera um jeito de conseguir um vestido de cavalgada decente, embora mesmo uma boa lã cinza ainda fosse desconfortável naquele calor. Na realidade, fora Tallanvor quem o conseguira. Deixando o cavalo trotar, ela observou o jovem alto que cavalgava à sua frente por entre as árvores. A corpulência de Basel Gill enfatizava como Tallanvor era alto e esbelto. Ele lhe entregara o vestido dizendo que a peça lhe fazia mais jus do que aquele troço piniquento com que ela fugira do Palácio, e olhando-a de cima, sem nunca pestanejar, nunca dizer qualquer palavra respeitosa. Claro que a própria Morgase decidira que não era seguro que outros soubessem quem ela era, em particular quando descobriu que Gareth Bryne partira de Fontes de Kore. Por que o homem tivera que ir caçar incendiadores de estábulo justo quando ela precisava tanto dele? Não importava, se sairia igualmente bem sem ele. Mas havia algo inquietante nos olhos de Tallanvor quando ele a chamava simplesmente de Morgase.

Com um suspiro, ela deu uma olhada para trás, por cima do ombro. O gigantesco Lamgwin cavalgava vigiando a floresta, Breane a seu lado, observando-o tanto quanto aos arredores. Seu exército não crescera nada desde Caemlyn. Gente demais tinha ouvido falar a respeito de nobres exilados sem motivo e sobre leis injustas na capital para fazer mais que desdenhar até da menção mais casual de mover uma mão em apoio à sua devida governante. Ela duvidava inclusive de que faria alguma diferença se eles soubessem com quem falavam. Então ali estava ela, cavalgando por Altara, mantendo-se o máximo possível na floresta, porque parecia haver grupos de homens armados por toda parte. Cavalgando pela floresta com um valentão de rua com o rosto cheio de cicatrizes, uma nobre cairhiena que virara uma refugiada apaixonada, um estalajadeiro corpulento que mal conseguia evitar cair de joelhos sempre que ela o encarava, e um jovem soldado que por vezes a olhava como se ela estivesse trajando um daqueles

vestidos que usara para Gaebril. E Lini, claro. Não havia como se esquecer de Lini.

Como se pensar nela tivesse sido um chamado, a velha babá esporeou seu cavalo e se aproximou.

— Melhor você olhar para a frente — alertou ela com tranquilidade. — "Um leão jovem ataca rápido, e quando você menos espera".

— Você acha que Tallanvor é perigoso? — questionou Morgase, incisiva, no que Lini, de soslaio, lhe lançou um olhar sugestivo.

— Só da maneira que qualquer homem conseguem ser perigoso. Um homem de bela figura, você não acha? Altura mais do que suficiente, mãos fortes, eu acredito. "Não há por que deixar o mel envelhecer demais antes de prová-lo".

— Lini — disse Morgase, em tom de advertência.

A idosa vinha insistindo nesse assunto com demasiada frequência nos últimos dias. Tallanvor era um homem bonito, suas mãos de fato pareciam fortes, e ele era dono de panturrilhas bem torneadas, mas era jovem, e Morgase era sua rainha. A última coisa de que ela precisava era começar a olhar para ele como homem, e não como seu súdito e soldado. Estava prestes a dizer isso para Lini, e também que a mulher perdera o juízo se pensasse que ela aceitaria um homem dez anos mais novo, o que com certeza ele era, mas Tallanvor e Gill estavam olhando para trás.

— Controle essa língua, Lini. Se você enfiar ideias tolas na cabeça daquele jovem, vou largá-la em algum lugar por aí.

O riso desdenhoso de Lini teria rendido ao maior nobre de Andor certo tempo de reflexão em uma cela. Se ela ainda estivesse no trono, teria.

— Tem certeza de que quer fazer isso, garota? "Depois que se salta do penhasco, é tarde demais para mudar de ideia".

— Vou encontrar aliados onde pudermos — respondeu Morgase com dureza.

Tallanvor puxou as rédeas e se sentou bem ereto na sela. O suor lhe escorria pelo rosto, mas ele parecia ignorar o calor. Mestre Gill deu um puxão na gola do gibão coberto de discos, como se desejasse poder tirá-lo.

— Há fazendas logo adiante, após a floresta — informou Tallanvor —, mas é improvável que alguém vá reconhecê-la aqui. — Morgase encarou-o com um olhar neutro. A cada dia ficava mais difícil desviar o olhar quando ele a encarava. — Mais dez milhas e devemos estar em Cormaed. Se aquele sujeito em Sehar não tiver mentido, vai haver uma barca lá, e vamos chegar a Amadícia antes de escurecer. Tem certeza de que quer mesmo fazer isso, Morgase?

O modo como ele pronunciou seu nome… Não. Ela estava

deixando as fantasias ridículas de Lini tomarem conta dela. Era culpa do maldito calor.

— Minha decisão já foi tomada, jovem Tallanvor — respondeu ela, com frieza —, e espero não ser questionada depois que tiver resolvido.

Morgase esporeou a montaria com força, fazendo com que o pinote do cavalo quebrasse a troca de olhares e que o animal o ultrapassasse. O jovem conseguiria alcançá-la. Ela encontraria aliados onde pudesse. Recuperaria seu trono, e azar de Gaebril ou de *qualquer um* que achasse que poderia ocupá-lo em seu lugar.

E a Glória da Luz brilhou sobre ele. E a Paz da Luz lhe rendeu homens. Unindo nações a ele. Tornando muitos um só. Mas os fragmentos de corações machucavam. E o que um dia havia sido se fez novamente — em fogo e em tempestade, dividindo tudo ao meio.

Pois a paz dele… — pois a paz dele… … era a paz…
… era a paz… … da espada.
E a Glória da Luz brilhou sobre ele.

— de "Glória do Dragão",

composta por Meane sol Ahelle,

a Quarta Era

Glossário

Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. Entre si, intitulavam-se “os Escolhidos”. De acordo com as lendas e os fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be’lal, Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael e Semirhage.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que alcançaram certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral, leva-se de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. Sob regras um pouco menos rígidas do que as noviças, as Aceitas podem escolher as próprias áreas de

estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita usa o anel da Grande Serpente no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada a Aes Sedai, o que geralmente demora mais um período de cinco a dez anos, ela escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a usar o anel em qualquer dedo, ou não usá-lo, se as circunstâncias assim justificarem.

a'dam: Dispositivo Seanchan usado para controlar qualquer mulher capaz de canalizar. Consiste em uma coleira ligada a um bracelete por correntes, tudo feito de metal prateado. Não tem efeito em mulheres que não são capazes de canalizar. *Ver também damane*; Seanchan; *sul'dam*.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos, cobrem o rosto com um véu antes de matar. Guerreiros mortíferos com armas ou punhos, jamais tocam em espadas ou montam a cavalo, a menos que sob pressão. Seus flautistas tocam quando eles entram em batalha, e os Aiel chamam a luta de "a Dança" e "a Dança das Lanças". São divididos em doze clãs: os Chareen, os Codarra, os Daryne, os Goshien, os Miagoma, os Nakai, os Reyn, os Shaarad, os Shaido, os Shiande, os Taardad e os Tomanelle. Às vezes, falam de um décimo-terceiro clã, o Clã Que Não Era, os Jenn, que foram os construtores de Rhuidean. *Ver também* Deserto Aiel; Rhuidean; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, são sete e se diferenciam por cores: Azul, Vermelho, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem a uma Ajah. Cada Ajah segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom abre mão das superficialidades e se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah da Batalha durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para Tarmon Gai'don, a Amarela se concentra no estudo da Cura, e as irmãs Azuis se envolvem com certas causas e com a justiça. As Cinzas são mediadoras, buscando a harmonia e o consenso. Os rumores de uma Ajah Negra, dedicada a servir ao Tenebroso, são oficialmente negados.

Alviarin Freidhen: Aes Sedai da Ajah Branca agora elevada a Curadora das Crônicas, abaixo apenas do Trono de Amyrlin, entre as Aes Sedai. Uma mulher de lógica fria e ambições mais frias ainda.

Amadícia: Nação localizada ao sul das Montanhas da Névoa, entre Tarabon e Altara. Sua capital, Amador, é o lar dos Filhos da Luz, cujo Senhor Capitão Comandante governa de fato, ainda que não por direito, com mais poder que o rei. Qualquer pessoa capaz de canalizar

é vista em Amadícia como um fora da lei. Pela lei local, essas pessoas devem ser encarceradas ou exiladas, mas, na prática, todas costumam ser assassinadas sob a alegação de "resistir à prisão". O estandarte de Amadícia exibe uma estrela de prata de seis pontas sobreposta por um cardo vermelho em um fundo azul.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que canalizam enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e, em sua loucura, terminam por fazer coisas horríveis com o Poder antes que a mácula os mate. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não Curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito cedo o bastante. No entanto, um homem que é amansado acaba inevitavelmente desistindo de querer viver, e aqueles que não conseguem cometer suicídio morrem de um jeito ou de outro em um ou dois anos. *Ver também* estancamento; Poder Único.

Amigos das Trevas: Seguidores do Tenebroso, acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até a imortalidade quando ele for libertado.

Amys: Sábia do Forte das Pedras Frias e Andarilha dos Sonhos. Aiel do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, esposa de Rhuarc e esposa-irmã de Lian, que é a senhora do teto do Forte das Pedras Frias. Amys é irmã-da-mãe de Aviendha.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*. *Ver também Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem que qualquer um capaz de canalizar manipule uma quantidade maior do Poder do que seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth. Atualmente arruinada pela guerra civil e por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão Renascido e contra Tarabon. A maioria dos mercadores de Arad Doman é de mulheres e, segundo o ditado, "permitir que um homem negocie com uma domanesa" é extremamente insensato. As domanesas são famosas — ou infames — pela beleza, sedução e vestimentas escandalosas.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário, Artur Paendrag Tanreall governou entre AL 943-994 e unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para atravessar o Oceano de Aryth (AL 992), mas todo contato com as tropas foi

perdido na ocasião de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Avendesora: Na Língua Antiga, a "Árvore da Vida". Mencionada em muitas histórias e lendas, que lhe fornecem várias localizações. Poucos conhecem sua localização verdadeira.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien a partir de um ramo de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro escrito revelar qualquer ligação entre os Aiel e *Avendesora*. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Bair: Sábia do ramo Haido dos Aiel Shaarad e Andarilha dos Sonhos.

Berelain sur Paendrag: Primeira de Mayene, Abençoada da Luz, Defensora das Ondas, Grão-trono da Casa Paeron. Jovem, bonita e obstinada, é uma governante habilidosa. *Ver também* Mayene.

Birgitte: Heroína de lendas e histórias, famosa tanto pela beleza quanto pela bravura e destreza no arco e flecha. Diz-se que carregava um arco de prata e flechas também de prata, com os quais jamais errava o alvo. Uma entre os heróis convocados de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. Sempre ligada ao herói-espadachim Gaidal Cain. Exceto por sua beleza e destreza com o arco, tem pouco a ver com o que se fala dela nas histórias. *Ver também* Cain, Gaidal; Trombeta de Valere.

bravia: Mulher que aprendeu a canalizar o Poder Único sozinha, sobrevivendo à crise gerada por esse aprendizado, o que só acontece com uma a cada quatro. Tais mulheres costumam criar barreiras para impedir a si próprias de compreenderem o que estão fazendo, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas capazes de canalizar. O termo costuma ser usado de forma pejorativa.

Breane Taborwin: Antes uma lady de alta graduação de Cairhien, agora uma refugiada paupérrima que encontrou a felicidade com o tipo de homem que, no passado, mandava seus serviçais enxotarem.

cadin'sor: Indumentária dos guerreiros Aiel composta de casaco e calças marrom e cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, além de botas macias até os joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, "roupas de trabalho".

Cain, Gaidal: Herói-espadachim de lendas e histórias. Sempre ligado a Birgitte, diz-se ser tão bonito quanto ela. Um dos heróis que se supõe convocar de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. *Ver também* Birgitte, Trombeta de Valere.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo, e da capital de tal nação. A cidade foi incendiada e saqueada durante

a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono de lavouras próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Callandor: A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma espada de cristal que, no passado, ficou guardada na Pedra de Tear. Poderoso *sa'angreal* masculino, sua retirada da câmara conhecida como Coração da Pedra foi, junto com a queda da Pedra, um sinal importante do Renascimento do Dragão e da aproximação de Tarmon Gai'don. Recolocada no Coração e reinserida na pedra por Rand al'Thor. *Ver também* Pedra de Tear; *sa'angreal*.

canalizar (verbo): Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único. Eles são batizados conforme o elemento a que se prestam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e recebem o nome de Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único será mais forte em um elemento, ou talvez dois, mas raramente mais que isso, e será mais fraco com os demais. Na Era das Lendas, enquanto Espírito era encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos.

Colavaere, da Casa Saighan: Uma lady cairhiena de alta graduação, manipulativa e ardilosa, como toda a nobreza de Cairhien. Ela já deteve tanto poder que, por vezes, não percebe a própria vulnerabilidade diante de um poder maior.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Couladin: Homem ambicioso do ramo Domai dos Aiel Shaido. Sua sociedade guerreira é a *Seia Doon*, os Olhos Negros.

cuendillar: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força utilizada na tentativa de destruí-la é absorvida, deixando-a ainda mais forte. Também chamada de pedra-do-coração.

damane: Na Língua Antiga, significa literalmente "encolaradas". Este é o termo Seanchan para mulheres capazes de canalizar e que, na visão deles, são devidamente controladas com o uso de um *a'dam*. Mulheres capazes de canalizar, mas que ainda não são *damane*, são

chamadas de *marath'damane*, cujo significado literal é "as que devem ser encolaradas". *Ver também a'dam*; Seanchan; *sul'dam*.

Deserto Aiel: Terra inóspita, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos forasteiros se aventuram na região porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas mascates, menestréis e Tuatha'an têm entrada permitida em segurança, ainda que os Aiel evitem qualquer contato com os Tuatha'an, a quem chamam de "Perdidos". Não se sabe da existência de qualquer mapa do Deserto.

Dobraine, da Casa Taborwin: Lorde cairhieno de alta graduação que acredita em levar seus juramentos ao pé da letra.

Dragão Renascido: De acordo com as Profecias do Dragão, este homem é o Renascimento de Lews Therin, o Fratricida. *Ver também* Dragão, falso; Dragão, o; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: Nome dado aos vários homens que afirmaram ser o Dragão Renascido. Alguns desencadearam guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir nenhuma das Profecias do Dragão. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (ativo em 335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (AL 351), Guaire Amalasan (AL 939-43), Logain (997 NE) e Mazrim Taim (998 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra, há uns três mil anos, ou mais. Sofrendo da loucura que se abateu sobre todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou todas as pessoas de seu sangue e todos que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas, exceto entre os bem-instruídos, e raramente discutidas, as Profecias registradas em *O Ciclo de Karaethon* predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez, e que Lews Therin Telamon, o Dragão, Renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo as Profecias, ele vai salvar o mundo e então causar uma nova Ruptura. *Ver também* Dragão, o.

Elaida do Avriny a'Roihan: Aes Sedai que era da Ajah Vermelha e que foi elevada ao Trono de Amyrlin. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes faz Previsões.

Enaila: Uma das Donzelas da Lança, pertence ao ramo Jarra dos Aiel Chareen. Sensível no que diz respeito à própria estatura, é dona de uma atitude notável em relação a Rand al'Thor, considerando-se

que é apenas um ano mais velha que ele.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Guerra da Sombra; Roda do Tempo; Ruptura do Mundo.

Espinha do Mundo: Cadeia de altíssimas montanhas com poucos pontos de travessia que separa o Deserto Aiel das terras a oeste. Também chamada de Muralha do Dragão.

estancamento: Ato realizado pelas Aes Sedai que consiste em isolar definitivamente do Poder Único uma mulher capaz de canalizá-lo. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Realizado tão poucas vezes que as noviças são obrigadas a decorar os nomes e crimes de todas as mulheres que sofreram a punição. Oficialmente, resulta do julgamento e da sentença por um crime. Quando ocorre por acidente, é chamado de exaurimento, mas, na prática, o termo "estancamento" é usado em ambos os casos. Acontecendo de um jeito ou de outro, mulheres que foram estancadas costumam não viver muito; parecem simplesmente desistir e morrer.

Faile: Na Língua Antiga, significa "falcão". Nome adotado por Zarine Bashere, uma jovem de Saldaea.

Faolain Orande: Uma Aceita que não gosta de bravias.

Far Dareis Mai: Na Língua Antiga, literalmente "Donzelas da Lança". Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite mulheres, e apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. ("Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.") *Ver também* Aiel; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha-herdeira: Título da herdeira do Trono do Leão de Andor. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha. Divergências quanto a quem era exatamente a parente consanguínea mais próxima levaram a diversas brigas pelo poder, a última sendo "a Sucessão", chamada assim em Andor, ou "a Terceira Guerra pela Sucessão Andoriana" em outros lugares, acontecimento que entronou Morgase, da Casa Trakand.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas que não deve lealdade a nenhuma nação, dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar

uma organização militar. Extremamente rígidos em suas crenças e convencidos de que são os únicos que conhecem a verdade e sabem o que é certo. Consideram as Aes Sedai e qualquer um que as apoie como Amigos das Trevas. Chamados pejorativamente de Mantos-brancos. Têm como símbolo um sol dourado em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. Divide-se em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham, ao mesmo tempo, com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres a *saidar*. Desde que o Tempo da Loucura se iniciou, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Gaidin: Na Língua Antiga, "Irmão nas Batalhas". Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

gai'shain: Na Língua Antiga, "Comprometido com a Paz nas Batalhas". Por conta do *ji'e'toh*, exige-se de um Aiel feito prisioneiro por outro Aiel durante uma incursão ou uma batalha que sirva ao seu captor com humildade e obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou protagonizar nenhum ato de violência. Sábias, ferreiros, crianças e mulheres com filhos menores de dez anos não podem ser feitos *gai'shain*.

Galad: Lorde Galadedrid Damodred, chamado de Galad. Meio-irmão de Elayne e Gawyn, por parte de pai, Taringail Damodred. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Gareth Bryne: Antigo Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Exilado pela Rainha Morgase. Considerado um dos maiores generais vivos. O selo da Casa Bryne é um touro selvagem com a coroa de rosas de Andor em torno do pescoço. Tem como símbolo pessoal três estrelas douradas, cada uma com cinco pontas.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da Rainha Morgase e irmão de Elayne, será o Primeiro Príncipe Espadachim quando Elayne subir ao trono. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade que já era antigo antes do início da Era das Lendas. Consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às mulheres elevadas a Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os Grão-lordes são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia ao longo dos

anos de tantos quanto vinte a tão poucos quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes tairenos menores.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso, e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião viver, a Aes Sedai com quem tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, do mesmo modo que, quando ele morre, ela sabe o momento e a maneira como seu Guardião morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião por vez, a Ajah Vermelha se recusa a ter quaisquer Guardiões e a Ajah Verde crê que uma Aes Sedai pode estabelecer elos com quantos Guardiões quiser. Por ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso, em um ataque liderado por Lews Therin Telamon, o Dragão, e uma centena de Aes Sedai do sexo masculino chamados de Cem Companheiros. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin* e enlouqueceu Lews Therin e os Cem Companheiros, dando início ao Tempo da Loucura. *Ver também* Poder Único; Tempo da Loucura.

Guerra dos Aiel (976-978 NE): Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien e muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também Avendoraldera*; Cairhien; Espinha do Mundo.

Guerra dos Cem Anos (994-1117 AL): Série de guerras concomitantes entre alianças que mudavam constantemente, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 AL até 1117 AL. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel, do Mar das Tempestades à Grande Praga, quase desabitadas. A destruição foi

tanta que restam apenas alguns registros da época. Com as guerras, o império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram forçados de volta à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Inquiridores da Verdade: Espécie de polícia/organização de espiões do Trono Imperial Seanchan. Embora a maioria seja propriedade da família Imperial, os Inquiridores têm amplos poderes. Até alguém do Sangue (os nobres Seanchan) pode ser preso por não responder alguma pergunta feita por um Inquiridor ou por se recusar a cooperar com um. A definição de cooperação é imposta pelos próprios Inquiridores, que respondem apenas à Imperatriz.

ji'e'toh: Na Língua Antiga, "honra e obrigação" ou "honra e dever". É o complexo código que rege a vida dos Aiel, e que exigiria diversos volumes para ser explicado. Para dar um pequeno exemplo, há muitas formas de se adquirir honra em batalhas. A menor delas é matar, já que qualquer um é capaz disso. A maior é tocar em um inimigo armado sem machucá-lo. Em algum ponto intermediário está transformar um inimigo em *gai'shain*. Em outro exemplo, a vergonha, que também possui muitos níveis no *ji'e'toh*, é considerada em vários desses níveis como algo pior que a dor, ferimentos ou até a morte. Um terceiro exemplo são os vários graus de *toh*, ou obrigação, mas é bom observar que até o grau mais baixo deve ser cumprido em sua totalidade. *Toh* tem mais peso que quaisquer outros aspectos, já que um Aiel, caso necessário, aceita a vergonha para cumprir uma obrigação que, para um forasteiro, pode parecer menor. *Ver também gai'shain*.

Jogo das Casas: Nome dado às armações, tramas e manipulações feitas pelas Casas nobres na busca de poder. Nele, dá-se grande valor à dissimulação, a buscar um objetivo enquanto parece-se estar buscando outro, e ao alcance de suas metas com o menor esforço visível. Também conhecido como Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o

Poder como arma, exceto contra Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Kadere, Hadnan: Suposto mascate que se arrepende de ter entrado no Deserto Aiel.

Lamgwin Dorn: Valentão de rua que é leal à sua rainha.

Lanfear: Na Língua Antiga, "Filha da Noite". Uma Abandonada. Diferente dos demais Abandonados, ela mesma escolheu seu nome. Dizem ter sido apaixonada por Lews Therin Telamon e ter odiado a esposa dele, Ilyena. *Ver também* Abandonados; Dragão, o.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Liandrin: Aes Sedai outrora da Ajah Vermelha, de Tarabon. Atualmente, sabe-se que pertence à Ajah Negra.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os bem-educados saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras. Traduzi-la costuma ser difícil, já que se trata de uma língua com muitos significados cuja diferença é bem sutil.

Lini: Babá de Elayne e, antes, da mãe dela, Morgase, e também da mãe de Morgase. Mulher com muita força de vontade, percepção considerável e dona de um arsenal de ditados.

Logain: Homem que afirmava ser o Dragão Renascido, mas que agora foi amansado. *Ver também* Dragão, falso.

Lugard: Na teoria, a capital de Murandy, apesar de a nação ser uma colcha de retalhos de lealdades a cidades e a lordes e ladies específicos, fazendo com que qualquer um que ocupe o trono raramente tenha algum controle até mesmo sobre a cidade. Lugard é um importante centro comercial e sinônimo de ladroagem, devassidão e desonras em geral.

Maighande: Uma das grandes batalhas das Guerras dos Trollocs. A vitória dos seres humanos no conflito desencadeou o longo processo que, por fim, mandou os Trollocs de volta para a Grande Praga. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das dez nações que formaram o Segundo Pacto. Também é o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10

pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mat Cauthon: Jovem de Campo de Emond, no distrito de Dois Rios, em Andor, que, além de ser *ta'veren*, é extremamente sortudo. Nome completo: Matrim Cauthon.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. A governante de Mayene é denominada "Primeira". As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-da-gavião. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo em um fundo azul.

Mazrim Taim: Dragão falso que, até ser derrotado e capturado, causou um tumulto em Saldaea. Não só é capaz de canalizar, como também tem enorme força.

Meilan, da Casa Mendiana: Grão-lorde de Tear. General competente, mas um homem de ambições e ódios. *Ver também* Grão-lordes de Tear.

Melaine: Sábia do ramo Jhirad dos Aiel Goshien e Andarilha dos Sonhos. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

Melindhra: Donzela da Lança do ramo Jumai dos Aiel Shaido. Mulher de lealdades divididas. *Ver também* Sociedades guerreiras dos Aiel.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos coloridos, apresentam-se principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-Trono da Casa Trakand. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano usado para criar Trollocs ressurge, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na luz quanto no escuro. Têm certos poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a habilidade de causar um medo paralisante com uma encarada e de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Espelhos os refletem de maneira enevoada. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre os quais: Meios-homens, Sem-olhos, Homem das Sombras, Espreitadores, Espectros e Desvanecidos.

Muralha do Dragão: *Ver* Espinha do Mundo.

Natael, Jasin: Nome usado por Asmodean, um dos Abandonados.

Niall, Pedron: Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz. *Ver também* Filhos da Luz.

Nynaeve al'Meara: Mulher que exercia a função de Sabedoria em

Campo de Emond, Dois Rios, um distrito de Andor. Atualmente uma das Aceitas.

Ogier: Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de *pousos*, das quais saem muito pouco, e costumam ter mínimo contato com humanos. O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier são apenas lendas, embora eles sejam exímios construtores e tenham erguido a maior parte das grandes cidades erigidas depois da Ruptura.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também ta'veren*.

Pedra de Tear: Grande fortaleza na cidade de Tear que dizem ter sido construída por meio do Poder Único, logo após a Ruptura do Mundo. Sitiada e atacada sem sucesso incontáveis vezes, caiu em uma única noite pelas mãos do Dragão Renascido e de algumas centenas de Aiel, tornando realidade duas partes das Profecias do Dragão. *Ver também* Dragão, Profecias do.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem ser ensinados, e uma parcela ainda menor nasce com essa habilidade. Para esses poucos, não há necessidade de aprendizado, pois acabarão canalizando o Poder independentemente da vontade, e talvez sem nem perceber. Essa habilidade inata costuma se manifestar no fim da adolescência ou início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e então, mesmo tendo aprendido a ter certo controle, morrer logo depois de uma espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Assim como a loucura, essa doença é causada pela mácula do Tenebroso em *saidin*. *Ver também*, canalizar; Cinco Poderes; Fonte Verdadeira; Tempo da Loucura.

Praga: *Ver* Grande Praga, a.

pronunciar o nome do Tenebroso: Pronunciar o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, causando, na melhor das hipóteses, azar, e na pior, tragédias. Por esse motivo, lança-se mão de muitos eufemismos, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor do Túmulo, Pastor da Noite, Veneno dos Corações, Veneno das Almas, Presa-do-Coração, Velho Ceifador,

Queima-grama, Mata-folhas. Os Amigos das Trevas o chamam de Grande Senhor das Trevas. Costuma-se dizer que alguém que parece estar brincando com o azar está "pronunciando o nome do Tenebroso".

Rhuarc: Um Aiel, chefe do clã dos Aiel Taardad.

Rhuidean: Uma grande cidade, a única no Deserto Aiel, e totalmente desconhecida para o mundo exterior. Abandonada por quase três mil anos. No passado, só se permitia que um homem Aiel entrasse em Rhuidean uma única vez, para que, dentro de um grande *ter'angreal*, fosse testado se ele era adequado para chefe de clã (apenas um de cada três sobrevivia ao teste). Mulheres Aiel entravam na cidade apenas duas vezes, primeiro para serem testadas no mesmo *ter'angreal* e depois para se tornarem Sábias, mas com uma taxa de sobrevivência consideravelmente maior. Atualmente, a cidade voltou a ser habitada pelos Aiel. Um grande lago alimentado por um oceano subterrâneo de água doce ocupa uma das extremidades do vale de Rhuidean, e esse lago, por sua vez, alimenta o único rio do Deserto.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a Roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores.

Ronde Macura: Costureira de Amadícia que tentou servir a demasiados mestres e senhoras sem saber de fato quem eles eram.

Ruptura do Mundo: Durante o Tempo da Loucura, Aes Sedai do sexo masculino tomados pela loucura transformaram a face da terra. Eles arrasaram antigas cadeias de montanhas e construíram novas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadir a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura.

sa'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a canalização de muito mais Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume de Poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Assim como ocorre com os *angreal*, existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida pelo Círculo das

Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como por seu bom senso. Geralmente, é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. O cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro uma deixar o ofício antes de morrer. Dependendo da região, o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, ou Buscadora.

Sábia: Entre os Aiel, as Sábias são mulheres escolhidas por outras Sábias e treinadas para a cura, o uso de ervas e outras habilidades, de modo muito similar às Sabedorias. Em geral, há apenas uma Sábia por clã ou ramo. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de se intrometer em seus assuntos. As Sábias ficam de fora de todas as rixas e batalhas, e, de acordo com o *ji'e'toh*, não podem ser feridas ou sofrer nenhum tipo de impedimento. Algumas delas têm a capacidade de canalizar, mas não alardeiam isso. Três Sábias ainda vivas são andarilhas dos sonhos, podendo adentrar *Tel'aran'rhiod* e, entre outras coisas, conversar com pessoas que estejam sonhando. *Ver também* Andarilha dos Sonhos; *ji'e'toh*; *Tel'aran'rhiod*.

saidar; saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth e que, lá, conquistaram terras. Acreditam que qualquer mulher capaz de canalizar deva ser controlada para a segurança de todos, e que, pelo mesmo motivo, qualquer homem capaz de canalizar deva ser morto. (2) A terra onde vivem esses descendentes.

Senhores do Medo: Homens e mulheres capazes de canalizar, que passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, atuando como generais das forças dos Trollocs, dos Myrddraal e dos Amigos das Trevas. Às vezes, os menos instruídos os confundem com os Abandonados.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, além da Grande Praga. Local da prisão do Tenebroso.

Sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das doze sociedades guerreiras, que são: os Olhos Negros (*Seia Doon*), os Irmãos da Águia (*Far Aldazar Din*), os Mensageiros da Aurora (*Rahien Sorei*), os Mãos de Faca (*Sovin Nai*), as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*), os Dançarinos da Montanha (*Hama N'dore*), os Lanças Noturnas (*Cor Darei*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Andarilhos do Trovão (*Sha'mad Conde*), os Sangues Verdadeiros (*Tain Shari*) e os Buscadores das Águas (*Duadhe Mahdi'in*). Cada sociedade tem os próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia, os Cães de Pedra muitas vezes

são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um grupo de investida, enquanto as Donzelas assumem com frequência a função de batedoras. É frequente os clãs invadirem o território um dos outros e lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa maneira, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; *Far Dareis Mai*.

Sonhador: *Ver* Talentos.

sul'dam: Significa literalmente "portadora da corrente", e é o termo Seanchan para uma mulher com a habilidade de controlar, por meio de um *a'dam*, uma mulher que sabe canalizar. Posição de relativa honra entre os Seanchan. O que poucos sabem é que, na verdade, as *sul'dam* são mulheres que também poderiam aprender canalizar. *Ver também a'dam*; *damane*; Seanchan.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, "Teia do Destino". Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas que são *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vidas próximas, talvez todos os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'maral'ailen*.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. O mais conhecido de todos é a Cura. Alguns, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), estão perdidos para as Aes Sedai de hoje. Outros, como o da Previsão (capacidade de predizer eventos futuros, mas de forma geral), são muito raros. Outro Talento que havia muito se pensava não mais existir era o de Sonhar, que envolve, entre outras coisas, a interpretação dos sonhos do Sonhador para predizer eventos futuros de maneira mais específica do que as Previsões o fazem. Alguns Sonhadores têm a capacidade de adentrar *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. A última Sonhadora de que se tinha notícia era Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE, mas agora existe outra, ainda muito pouco conhecida. *Ver também Tel'aran'rhiod*.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha que ama sua rainha mais do que à honra ou à própria vida.

Tanchico: Capital de Tarabon. *Ver* Tarabon.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth. Outrora local de grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício, entre outros produtos confeccionados pela Guilda de Iluminadores. Poucas notícias chegaram de Tarabon desde que a nação passou a ser assolada pela anarquia e pela guerra civil, além das guerras simultâneas contra Arad Doman e os Devotos do Dragão, pessoas que juraram seguir o Dragão

Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Trombeta de Valere.

Tear: Nação no Mar das Tempestades cuja capital, de mesmo nome, é uma grande cidade portuária. O estandarte de Tear exibe três luas crescentes brancas inclinadas em um fundo metade vermelho, metade dourado. *Ver tamb*ém Pedra de Tear.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, "Mundo Invisível" ou "Mundo dos Sonhos". Um mundo vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Muitos podem tocar *Tel'aran'rhiod* por alguns momentos em seus sonhos, mas foram poucos os que já tiveram a capacidade de adentrá-lo ao seu bel prazer, embora tenha-se descoberto recentemente que alguns *ter'angreal* concedem essa capacidade. Ao contrário de outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem lá morre não acorda jamais. *Ver também ter'angreal*.

Tempo da Loucura: Os anos após o contra-ataque do Tenebroso macular a metade masculina da Fonte Verdadeira, quando os Aes Sedai enlouqueceram e causaram a Ruptura do Mundo. Não se sabe a duração exata desse período, mas acredita-se que tenha sido de aproximadamente cem anos. Terminou com a morte do último Aes Sedai. *Ver também* Poder Único.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da Criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

ter'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que utilizam o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Alguns são utilizados pelas Aes Sedai, mas o propósito original de muitos deles é desconhecido. Alguns requerem canalização, enquanto outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. Assim como os *angreal* e *sa'angreal*, seu modo de produção foi perdido na Ruptura do Mundo. *Ver também angreal*; *sa'angreal*.

Termos de parentesco dos Aiel: As relações de sangue dos Aiel são expressas em um modo complexo, que os forasteiros consideram difícil de compreender, mas que os Aiel consideram preciso. Alguns exemplos são suficientes para demonstrar a questão, já que a explicação completa exigiria um livro inteiro. Irmãs-primeiras e irmãos-primeiros têm a mesma mãe. Irmãs-segundas e irmãos-segundos se referem aos filhos de uma irmã-primeira ou um irmão-

primeiro da mãe de alguém, e irmãs-da-mãe e irmãs-do-pai são as irmãs-primeiras ou irmãos-primeiros da mãe de alguém. Avó e avô se referem à mãe e ao pai da própria mãe, enquanto os pais do pai são a avó-segunda e o avô-segundo, já que um Aiel é sempre mais próximo dos parentes maternos que dos paternos. Depois disso, as complicações crescem e se tornam ainda mais confusas por fatores como a capacidade de amigos próximos se adotarem como irmãs-primeiras ou irmãos-primeiros. Quando se considera que mulheres Aiel que são amigas próximas por vezes se casam com o mesmo homem, tornando-se assim esposas-irmãs e casadas uma com a outra tanto quanto com o homem, a complexidade fica ainda mais evidente.

Terras da Fronteira: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar. Sua história é de ataques e guerras infinitas contra Trollocs e Myrddraal.

Thom Merrilin: Um menestrel e viajante nada comum. *Ver também* menestréis.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso cuja origem remonta à Guerra da Sombra. De imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, entre eles os Dha'vol, os Ko'bal e os Dhai'mon. Malignos por natureza, matam por puro prazer. Traiçoeiros ao extremo, são confiáveis apenas quando coagidos pelo medo.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra. Uma nova Caçada à Trombeta foi convocada, e Caçadores da Trombeta declarados podem ser encontrados em muitas nações.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. Eleita para este cargo vitalício pelo Salão da Torre, que é formado por três representantes (as Votantes) de cada uma das sete Ajahs. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade suprema entre as Aes Sedai, e seu status equivale ao de um rei ou rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas "a Amyrlin". (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Verin Mathwin: Aes Sedai da Ajah Marrom, da qual a última notícia que se soube foi de que estava em Dois Rios, supostamente em busca de garotas às quais se pudesse ensinar a canalizar. *Ver também* Ajah.